Estudos Psíquicos

Director

Isidoro Duarte Santos

6.° VOLUME

1947

RUA DO SALITRE, 149, 1.° — LISBOA

Índice das matérias contidas no presente volume

Pág.

N.º 1

Oito Anos, *da Redacção* 1
O Espiritismo em França, *por Deolindo Amorim* 2
Aparição e Premonição 3
Deus e a Criação, *por Ramos Pereira* 4
Roerich, o Gurú, *por Raul Sepúlveda Fontes* 5
Um Caso Estranho (acerca de Carlos Gardel), *por Fiat Lux* 6
Raciocínio de Mentalidade Primitiva, *pelo Coronel Faure da Rosa* 8
Um Suicídio (Do *Reformador*) 9
Conte o seu caso — Como se tornou espirita? (Depoimento da *Dr.ª Raquilde Pires*) 10
Post-mortem, *por Júlio Mazé* 12
Espíritos-Guias (Do *Psychic News*) 13
A Missão de Jesus — XIII — *por F. Cruz Fererira* 14
Para os Irmãos Pequeninos (página infantil) 16
Acaso, *por F. Noronha* 18
«Resumo da Doutrina Espirita» 20
Crítica Desempoeirada, *por João Paulo Freire* 21
A Filosofia Espirita, *pelo Coronel Delfim Ferreira* 23
Os Animais e a Telepatia, *por Henri Regnault* 24
A Situação de *Estudos Psíquicos* 25
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 26
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 28
Notas & Comentários 32
Noticiário 32

N.º 2

Expansão, *da Redacção* 33
As Cinco Proposições do Espiritismo, *pelo Coronel Faure da Rosa* 34
Bons Preceitos 35
Comprender Deus, *por Ivone de Sousa* 36
Os Factos Entre Nós (Fenómeno premonitório e Um fenómeno invulgar) 37
A Mediunidade de Musset... 39
Realidade Espirita, *por Nelson Kerensky* ... 40
A Missão de Jesus — XIV — *por F. Cruz Ferreira* 42
A Situação de *Estudos Psíquicos* 44
Filosofia Neo-Espiritualista, *por Ramos Pereira* 45

Pág.

Amigos de *Estudos Psíquicos* 46
Para os Irmãos Pequeninos (página infantil)... 47
Conte o seu caso — Como se tornou espirita? (Depoimento de *Frederico Figner*) 51
Estudos Psíquicos e os leitores 52
Visão Retrospectiva, *por Isidoro Duarte Santos* 53
Tiros aos pombos (do *Mensageiro Espirita*) ... 54
Apontamentos de Radiestesia, *por António J. Pinto de Almeida* 55
A Voz do Além — Estranha história de manifestações do outro mundo em Hollywood ... 57
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 60
Notas & Comentários 63
Noticiário 64

N.º 3

Ataques e Críticas, *da Redacção* 65
Contra factos não há argumentos, *por F. Noronha* 66
Ida Lupino e o Espiritismo... 67
Conte o seu caso — Como se tornou espirita? (Depoimento de *Leopoldo Machado*) 69
Carta do Brasil, *por Idalinda Aguiar Bastos* ... 71
Carta Aberta, *por Mariana Aguiar Cabral* ... 73
Ciência, Filosofia e Espiritismo, *por Ernesto Moog* 74
Sílvia e o Fantasma (Cinema francês) 76
A Ciência e o Sobrenatural, *pelo Coronel Faure da Rosa* 77
Para os Irmãos Pequeninos (Página infantil)... 79
Eusápia Paladino, *pelo Coronel Albert de Rochas* 83
O Sonho de Eça de Queirós, *pelo Dr. Pedro Lameira de Andrade* 85
Diferenças, *por Arnaldo S. Tiago* 86
A Maledicência, *por Maurice Maeterlinck* ... 87
Psicologia Infantil (As crianças podem escolher os próprios alimentos) 89
Clarividência, *por Brofério* 89
Portugal no Brasil, *por José Simões de Matos* 90
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 91
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 93
O Espiritismo é Luz Viva (poesia), *por Leopoldo Machado* 94
A Fábula de Anatole France 94
Notas & Comentários 95
Noticiário 96

Pág.

N.º 4

Propaganda, *da Redacção* 97
Retalhos..., *pelo Coronel Faure da Rosa* ... 98
Esquisofrenia e Obsessão, *por Leopoldo Machado* 99
Uma Conferência Notável — Ramos Pereira no Teatro do Ginásio 102
Um Caso Original 104
Os Factos Entre Nós (Uma cura de amnesia) 108
A Missão de Jesus — XV — *por F. Cruz Ferreira* 109
Para os Irmãos Pequeninos (Página infantil) 111
A Fé Espirita, *por António J. Martins* 115
Aos Pés do Mestre, *por Z...* 116
Os Nossos Representantes (João Baptista Cardoso) 116
Do Alto — Saude Espiritual, *por Reper-Siam* 117
Problemas Educativos, *por Ivone de Sousa* ... 118
A Página Infantil e os Leitores 119
«Resumo da Doutrina Espirita», *por Deolindo Amorim* 120
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 122
Estudos Psíquicos e os Leitores 124
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 125
Notas & Comentários 127
Noticiário 128

N.º 5

Um Centenário, *da Redacção* 219
Brasão de Imarcessível Glória, *por F. Noronha* 220
O Espiritismo na Baia, *por Alfredo Miguel* ... 204
Retalhos..., *pelo Coronel Faure da Rosa* ... 226
Um Caso de Identificação, *pelo Coronel Dr. Raul de Carvalho* 228
Estudos Psíquicos e a Imprensa (apreciação da Revista Espirita do Brasil) 231
Conte o seu caso... Como se tornou espirita? (Depoimento de *António J. Martins)* 232
Para os Irmãos Pequeninos (Página infantil) 233
A Missão de Jesus — XVI — *por F. Cruz Ferreira* 237
Parábola, *por L.* 238
Ecos da Conferência do Ginásio 239
Máximas e Pensamentos, *pelo Marquês de Maricá* 240
A Alma de Um Livro, *pelo Dr. Luís Cristóforo Postiglioni* 241
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 245
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 247
Notas & Comentários 249
Noticiário 250

N.º 6

Juventude Espirita, *da Redacção* 254
Será o Espiritismo uma Realidade (Conferência de Ramos Pereira no Teatro do Ginásio) 252
Perde a Essência o Espírito?, *por F. Noronha* 257
A Missão de Jesus — XVII — *por F. Cruz Ferreira* 259
O Espiritismo no Paraná — Uma Cruzada de benfazer 262
Para os Irmãos Pequeninos (Página infantil) 265
Espiritismo, *pelo Coronel Faure da Rosa* ... 269
Salmo da Glorificação 270
A Familia e a Sociedade, *por Ivone de Sousa* 271

Pág.

José Carlos de Chelmicki Afflalo 272
A Crítica às Nossas Edições 274
Um Pequeno Vidente 275
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 276
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 278
Notas & Comentários 281
Noticiário 282

N.º 7

Espiritismo ou Quê?, *da Redacção* 283
Será o Espiritismo uma Realidade? (conclusão) 284
Amigos de *Estudos Psíquicos* 289
Retalhos..., *pelo Coronel Faure da Rosa* ... 290
Sir Artur Conan Doyle, o Genial Criador de Sherlock-Holmes, *por I. D. S.* 292
A Missão de Jesus — XVIII — *por F. Cruz Ferreira* 295
Para os Irmãos Pequeninos (Página infantil)... 297
Conte o seu caso... Como se tornou espirita? (Depoimento de Tito Zuzarte) 301
Contingência Biológica do Homem, *pelo Dr. Luís Cristóforo Postiglioni* 302
O Espiritismo no Brasil, *por José Simões de Matos* 303
Os Nossos Representantes (Filipe Soares e Melo) 304
Investigações Experimentais Acerca da Mediunidade, *por Ernesto Moog* 305
Os dois pombos, *por Glaucias* 308
Uma Carta da Biblioteca Francisco Barranquero 309
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 310
O Espiritismo Entre os Esquimós 312
Notas & Comentários 313
Noticiário... 314

N.º 8

Congressos, *da Redacção* 315
«Nos Umbrais do Além», *por F. Noronha* ... 316
Nossos Representantes (José Simões de Matos) 318
Tendências do Movimento Espirita Brasileiro — I —, *por Deolindo Amorim* 319
Como os espíritos nos vêem 321
O Espiritismo em França, *por António J. Martins* 322
Retalhos..., *pelo Coronel Faure da Rosa* ... 324
O Despertar, *por José Simões de Matos* ... 325
A Missão de Jesus — XIX — *por F. Cruz Ferreira* 326
Profecias Que se Cumprem, *por Osvaldo Polidoro* 328
Para os Irmãos Pequeninos (Página infantil)... 329
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 333
A Obra Social do Espiritismo — Maternidade «Casa da Mãe Pobre», *por I. D. S.* 334
Educação Infantil, *por Ivone de Sousa* 339
Os Factos Entre Nós — Uma Cura Extraordinária, *por Aníbal Jacinto* 341
A crítica às nossas edições... 342
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 343
Notas & Comentários 346

N.º 9

Raro exemplo, *da Redacção* 347
Bárbaro Espectáculo, *por F. Noronha* 348
Fenómenos Assombrosos 349

Pág.

Tendências do Movimento Espirita Brasileiro — II — *por Deolindo Amorim* 350
Nossos Representantes (Jaime Xavier da Silva) 351
Fundamentos da Metafísica Espírita, *pelo Dr. Luis Cristóforo Postiglioni* 353
União Social Espirita, de S. Paulo 354
Conte o seu caso... Como se tornou espirita? (Depoimento de *Adolfo Oliveira Fernandes*) 355
A Missão de Jesus — XX — *por F. Cruz Ferreira* 357
Materializações e Curas a Distância, *por Henrique Magalhães* 359
Para os Irmãos Pequeninos (Página Infantil) 361
Retalhos..., *pelo Coronel Faure da Rosa* ... 365
Auxílio aos Necessitados 367
O Espiritismo em Nova Iguassú, *por Leopoldo Machado* 369
A Crítica às nossas edições 370
«A Voz de Comando», *por Natálio Ceccarini* 372
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 373
Por esse Mundo... 374
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 375
Notas & Comentários 377
Noticiário 378

N.º 10

Uma boa notícia, *da Redacção* 379
O Inverosimil e os Sábios, *pelo Coronel Faure da Rosa* 380
Mais Uma Excursão de Leopoldo Machado ... 383
Tendências do Movimento Espirita Brasileiro — III — *por Deolindo Amorim* 385
Rabindraná Tagore, *por Esperanza Martin* ... 386
Quem Sabe, Não Perdoa, *por Santiago Arguello* 387
Espiritismo de Vivos (Decálogo), *por Leopoldo Machado* 388
A Educação Moderna, *por Ivone de Sousa* ... 389
Núcleo de Acção e Propaganda 391
Nossos Representantes (José Peres Fontenelle) 392
Para os Irmãos Pequeninos (Página infantil) 393
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 397
Salmo da Bem-aventurança 398
Transposição Visceral Numa Criança, *pelo Dr. Asdrúbal de Aguiar*... 399
Do Isolacionismo à Fraternidade, *por Nelson Kerensky* 400
Confissões — I — *por Agostinho* 401
A Crítica às nossas edições 402
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 404
Por esse mundo 405
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 406
Notas & Comentários 409
Noticiário 410

Pág.

N.º 11

Duas Jornadas, *da Redacção* 411
O Espiritismo e a Civilização, *por F. Noronha* 412
Nossos Representantes (Dr. Ayrton Loureiro Machado) 414
Retalhos..., *pelo Coronel Faure da Rosa*... ... 415
O Espiritismo é Religião, *por Paulo Alves Godoy* 417
Para os Irmãos Pequeninos (Página infantil) 425
Os Mortos Podem Transportar Objectos de Uma Casa Para Outra?, *por Henri Regnault* 429
Jornada Memorável — O Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos em Santarém — Inauguração da 1.ª filial do Centro E. Luz e Amor na mesma cidade 431
Última Verba, *por Amado Nervo* 436
A Luz da Consciência, *por José Simões de Matos* 437
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 438
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 439
A Magia Entre os Feiticeiros Negos 440
Notas & Comentários 441
Noticiário... 442

N.º 12

Meditação, *da Redacção* 443
A Condição de Mulher, *pelo Coronel Faure da Rosa* 444
«Luz no Caminho» — Carta Aberta ao Director de «Estudos Psíquicos» 449
Nossos Representantes (Nabor da Graça Leite) 450
Congresso Espirita Português, *por Paulo Freire* 451
Roteiro do Espírito, *pelo Dr. Noraldino de Melo Castro* 453
Festa Espirita de Caridade 455
«Data Vénia...», *por Arnaldo S. Tiago* 456
Para os Irmãos Pequeninos (Página infantil) ... 457
A Verdade Espirita, *por António Martins* ... 461
A Ilusão do Discípulo, *por José Simões de Matos* 462
Metafísica — Do Sentir, *por Ramos Pereira* ... 463
História que parece conto... — O Caso Extraordinário do Capitão Duval, *por Matias E. Calandrelli* 464
Postal Espirita... 466
«Luz no Caminho» 467
Auxílio aos Necessitados 467
José Carlos de Chelmicki Afflalo 468
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 470
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 471
Notas & Comentários 473
Noticiário... 474

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

8.º ANO — LISBOA, JANEIRO DE 1947 — N.º 1

Redactor **Ramos Pereira** | Director e Editor **Isidoro Duarte Santos** | Administrador **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

OITO ANOS

Faz oito anos que lançámos esta revista à publicidade. A guerra estava iminente. De toda a parte surgiam notícias alarmantes. Vivia-se em atmosfera pesadissima saturada de inquietações. O mundo andava desconfiado de tanto se falar em paz. «Si vis pacem... para bellum».

Falava-se em paz, porque não a tinham os homens; e por isso se preparou a guerra, como diz o prolóquio latino.

Pois esta revista apareceu em pleno conflito mundial, quando os canhões aéreos faziam ouvir seus gritos aterradores. Não tinha com que mandar cantar um cego. Era uma tentativa. Vamos ver... — diziamos nós. Talvez a coisa pegue...

O programa de acção estava idealizado. Queríamos uma revista diferente das outras, com maior raio de acção, menos fechada e mais humanista, um traço de união entre duas nações atlânticas. E lançámos-nos na grande aventura. E voltámos-nos para o Brasil, onde amigos diletos nos esperavam.

Começou a jornada e começou o combate, primeiro contra o ambiente hostil e depois contra elementos que nos pretendiam manejar, como se fôssemos mercenários a serviço de causas obscuras.

Ameaçaram-nos. Vieram cartas anónimas. Assaltaram-nos. Roubaram-nos. Por fim, caluniaram-nos. Que vivíamos à custa da revista — diziam os insensatos, os energúmenos, os irresponsáveis. O mesmo que sucedeu a Kardec, quando fundou «La Revue Spirite»...

A obra de sapa não produziu efeito. Deram com homem de rija têmpera, amoldável, é certo, mas inflexível em questões de moral. E a cada campanha difamadora correspondia um avanço na marcha penosa que iniciáramos.

Tivemos um grande amigo que muitas vezes nos incitou e movimentou, prevendo acções malévolas contra nós e ajudando-nos a enfrentá-las. Esse amigo continua a trabalhar incessantemente. Desdobra-se em conselhos e ensinamentos. Tem sido o escudo desta obra, vigia os acontecimentos.

E, assim, nunca faltámos aos compromissos assumidos, quer materiais, quer espirituais.

Ao contrário do que muitos supunham, esta revista nunca teve redactores. Foi sempre organizada pelo seu director, desde o artigo de fundo ao mais simples noticiário; e quando tinha de inserir-se matéria redigida por outrem, em secções especiais aludia-se ao facto, lealmente. Sempre detestámos as penas de pavão...

Felizmente, a saude não faltou e o trabalho alicerçou o edifício e atraiu belos artífices para a continuação da obra.

Todavia, um pensamento martelava em nós a necessidade de expansão. E a revista galgou fronteiras: foi ao Brasil, à Argentina, depois à França e à Índia Portuguesa, buscar outras vozes, outros arautos, que já deram e estão a dar o seu testemunho. E irá a outras regiões a chamar convivas para o banquete mental e espiritual da Doutrina.

Oito anos de trabalho, oito anos de ilusões fagueiras e de lutas contínuas pelo ideal mais atacado deste século ! Eu vos bendigo ! Oito anos de experiência dolorosa polvilhada de amizades sinceras que atearam fogueiras em nosso coração ! Oito anos de vigília, de defesa permanente, para que o Espiritismo mantivesse a bandeira desfraldada e pura de manchas !...

Hoje, a mesma fé nos encoraja, a mesma esperança nos anima. Vinde conosco, irmãos ! A viagem é bela e o fim gradioso ! Prèguemos um Novo Evangelho aos gentios do século, que a seara é grande e poucos os trabalhadores !

O ESPIRITISMO EM FRANÇA

por Deolindo Amorim
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro

Pelo que tenho lido em *Estudos Psíquicos*, o movimento espirita francês saiu da guerra com o mesmo revigoramento, com a mesma energia com que a alma francesa, depois de longo martírio, sobreviveu às humilhações e à destruição. Muita gente supunha que as actividades do Espiritismo em França estivessem inteiramente desarticuladas, uma vez que sobre o solo daquela nação europeia, foco inconfundível da cultura latina, desabou fortemente a tempestade da guerra, ferindo-lhe o coração, profanando impiedosamente os monumentos de seu fecundo espírito. Outras nações foram igualmente invadidas e sacrificadas; mas a situação da França assume carácter excepcional, porque a destruição não atingia apenas a civilização em seus aspectos materiais, mas a própria cultura, o génio francês, que tanta luz espalhou pelo mundo.

O Espiritismo, porém, não desapareceu com o eclipse temporário da culta Nação Francesa. Chegou-se a supor, em vista das notícias alarmantes e dolorosas que circulavam entre nós, que todo o acervo das instituições espiritas de França tivesse caido no abismo da destruição. Mas, felizmente, não foi isso o que se deu. Estamos sabendo, agora, pela palavra de Henri Regnault, esse grande esteio da propaganda espirita na Europa, que, mesmo durante a guerra, em plena desordem, os espiritas parisienses trabalharam, prègaram a doutrina sem desânimo. Nessa mesma ocasião, vencido pelas torturas, em Rethel, tombava um lutador dos mais valorosos das fileiras do Espiritismo: Gabriel Gobron. Ainda assim, golpeado, abalado, o movimento espirita de Paris não encerrou completamente seus trabalhos. Diante de tais informações, que nos enchem de entusiasmo e nos fazem crer, de certo modo, na força da vontade humana, os espiritas franceses devem crescer muito na admiração de seus confrades do mundo inteiro. O exemplo é deveras edificante. A actual geração de espiritas franceses tornou-se, portanto, digna de seus antecessores, daquelas duas figuras pinaculares da Terceira Revelação: Allan Kardec e Camille Flammarion. Eis aí, no exemplo dos confrades de França, a verdadeira coragem espiritual, o poder da convicção, o testemunho da fé na mais lídima e heróica demonstração prática. Quem, longe da Europa como estamos, lendo e ouvindo a cada instante as notícias da guerra, poderia imaginar que um pugilo de espiritas, em Paris, estivessem em forma, todos atentos, compenetrados de seus deveres perante a doutrina, quando tudo parecia levado pelo incêndio ou soterrado nos desmoronamentos !... A guerra prejudicou, e muito, as organizações do Espiritismo em França, como em todos os países onde a doutrina já tinha movimento organizado. Mas o que Henri Regnault está revelando aos espiritas de todo o mundo, depois da guerra, depois da confusão e dos dias de horror, é que nossos Irmãos franceses, pelo menos, ao que se sabe, os de Paris, não deixaram de realizar alguns trabalhos, não fecharam os livros da doutrina enquanto duraram os bombardeios. Eu, aliás, que me habituei, desde cedo, ainda nos bancos da escola primária e por influência, também, da educação do meu espírito, a cultivar profunda admiração à grandeza do pensamento francês, jámais admiti a derrota definitiva da França. Sempre acreditei na restauração de seus valores espirituais. (Quando se deu a invasão de 1870, a provação do povo francês foi dolorosa. A pesar disto, para resgatar sua dignidade ameaçada, aquele povo chegou ao extremo do sacrifício, tendo algumas famílias, as que tinham recursos, oferecido suas joias para pagamento do resgate, a fim de que Paris não continuasse sob dominação inimiga). Durante a última guerra, a Academia Francesa cultivou as coisas do espírito. Vê-se, pois, que a parte espiritual de França, não obstante a violência das batalhas e dos arrasamentos, não foi completamente prejudicada. Alguma coisa ficou em todos os domínios da cultura francesa. O movimento espirita, que faz parte do património cultural da-

quele povo amigo, não foi destruido, não perdeu a directriz que conduziu brilhantemente, através de muitos anos, naquele país, os luminares da doutrina. É o que se verifica, depois de haver Henri Regnault voltado ao cenário internacional da propaganda espirita.

De qualquer forma, o Espiritismo está ressurgindo em França com a projecção de outrora. A guerra não abateu a têmpera de seus orientadores, em cujas fileiras se acha a figura respeitável e vigorosa de Henri Regnault, nome que há muito havia ultrapassado as fronteiras de seu país, como expressão das mais vivas do Espiritismo na Europa. Henri Regnault era conhecido e apreciado no Brasil através de seus trabalhos doutrinários.

Não se podia esperar, agora, coisa diferente dos confrades franceses, porque são êles, não por acaso, mas por desígnio da lei, os depositários da mais rica tradição do Espiritismo. Foi em França, berço de Kardec, que se formou a estrutura da doutrina espirita; surgiu em França, com *Revue Spirite*, em 1858, a imprensa espirita; foi precisamente em Paris que se fundou a primeira sociedade de estudos do Espiritismo sob os aspectos básicos da doutrina — *Sociedade Parisiense de Estudos Espiritas* —, dirigida pelo próprio Allan Kardec. De Paris, em 1857, com a 1.ª edição de «O Livro dos Espiritos», partiu o movimento renovador inaugurado pelo Espiritismo. Muito se fez, antes da publicação de «O Livro dos Espiritos», em virtude dos fenómenos registados nos Estados Unidos. Naquele grande país norte-americano, houve, no século passado, pouco antes da codificação de Kardec, forte interesse pelos fenómenos mediúnicos, tendo-se criado numerosos centros de estudos. Mas a doutrina, isto é, a codificação de Kardec, é de origem francesa. Esse tesouro moral, que a *Union Spirite Française* tem sabido guardar há muitos anos, dignificando a obra do Codificador, deve ser motivo de satisfação e responsabilidade dos espiritas franceses.

Além do intercâmbio intelectual, dada a influência que a literatura francesa exerceu no Brasil, podemos ressaltar que, de um modo todo especial, muitos espiritas brasileiros sempre viram nos confrades franceses os continuadores dos poderes da doutrina. É justo, agora, que vibremos novamente com os companheiros de ideal, os confrades que trabalham para o mesmo fim, lá na França distante, mas sempre presente ao nosso espírito.

Saudo em Henri Regnault o ressurgimento do Espiritismo em França!

Rio de Janeiro, *28 de Novembro de 1946.*

Aparição e premonição

O nosso confrade sr. José de Sousa, residente em Muxique, próximo de Malange, contou-nos o seguinte caso de aparição:

«No dia 12 de Setembro último, minha mulher Felizbela Gomes de Sousa foi obrigada a baixar ao hospital de Malange, a fim de ser operada. No dia seguinte teria de submeter-se à operação; de contrário, seria morte certa. A doente, que preferia a morte, foi levada para a sala de cirurgia e quase perdeu os sentidos, ao ser anestesiada. Eram nove horas da manhã. No mesmo instante, meu cunhado João da Silva Gomes, que é médium e se encontrava a 800 metros do hospital, cai em transe, enquanto algumas pessoas acodem, julgando tratar-se de um ataque epilético. Eu estava junto de meu cunhado, por haver saido do hospital, em virtude de não poder assistir à aflição de minha mulher. Logo que o médium serenou, corri ao hospital a saber o resultado da operação. Momentos após a minha chegada, saia o Dr. Emilio Cabral, sorridente, dizendo-me que tudo tinha corrido muito bem.

«No momento em que minha mulher se encontrava aflita, e que meu cunhado caiu em transe, deu-se a materialização de minha sogra, falecida há mais de vinte anos, a qual desta maneira falou à filha:

«— Não tenhas medo, que não será nada. Nós estamos contigo. É uma provação que tinhas de passar. Sofre com paciência, que nós pedimos a Deus por ti. Só estarás sete dias no hospital.

«A aparição desapareceu pouco a pouco e minha mulher não pôde ver nem ouvir mais nada, porque a estavam a anestesiar com uma injecção.

«O facto é que ela entrou no hospital no dia 12, e saiu no dia 19, conforme o espírito havia predito».

Casos como este são vulgares. Atestam a verdade da sobrevivência e levam consolo a muitas almas alanceadas pela dúvida.

DEUS E A CRIAÇÃO

por Ramos Pereira

NINGUÉM viu Deus «face a face», viu ou... vê, porque Deus não tem forma, porque Deus «em si» não pode ser *ainda* compreendido por ninguém. O espírito elevado pode vislumbrar Deus, mas a sua visão é o sentir intuitivo, em si, da presença do pensamento divino, pensamento planeador da evolução das formas. Outra não é a «visão de Deus», nem maior poderá ser a compreensão da sua natureza. Mesmo que o homem chegue a abarcar no seu todo finito o tudo finito (= infinito humano) que é «Deus manifestado» na Criação presente, mesmo nesse momento não compreenderá o Tudo infinito que é Deus «em si».

Seria assim se depois desta, não mais houvesse Criação, ou melhor, Emanação! E não haveria nisto um paradoxo metafísico? Suponhamos que Deus «em si» continuou a passar a «manifestado», até ao esgotamento total da sua potência em acto. Diremos então que se seguirá uma ronda *infinita* de Cosmos nos quais se fará necessàriamente a evolução do Ser saído da contingência? O mesmo era dizer que não há possibilidade de um Fim, o que é absurdo. Mas se era infinita a essência de Deus, infinita deverá ser a sua manifestação. Realmente, olhando do plano físico assim nos parece, como se nos aparentam infinitos os aspectos de um único Cosmos. No «plano divino», contudo, não há infinito porque este arrastar-nos-ia à impossibilidade, ao absurdo lógico, ao Nada. Assim como se deu um princípio, dar-se-á necessàriamente um Fim. Na frente do Ser saído da contingência duma criação (emanação, exteriorização em acto), expraia-se a espiral cósmica cuja derradeira voluta «infinitamente» dilatada será... um círculo. Percorrido este, o Ser terá abrangido a totalidade das volutas interiores, terá não só absorvido *em si* o Pensamento, como compreendido a essência divina manifestada: — terá feito em si a síntese de Deus. Em cada ronda cósmica, o Ser compreende, pela dilatação do seu Ego, a parcela da essência de Deus exteriorizada naquela Criação. (Defina-se «compreender» por vibração harmónica).

Podemos e devemos inquirir: — Mas este caminho do Ser que representa na existencialidade duma Criação, dum Cosmos? Se o Caminho é passagem de energia a-consciente a matéria inconsciente, deste à vida consciente e daqui ao espírito supraconsciente, se deduz o princípio de que uma voluta se forma à custa do substractum energético-espiritual da anterior. Isto é, assim como já não existirá a ronda anterior à actual Criação (o Cosmos actual), assim não existirá completamente a que se lhe seguirá! A espiral apenas está em todas as suas curvas (passadas, presentes e futuras) no Pensamento Divino. Todas as espiras têm existência potencial, mas só uma tem existência actual. Por isso, é contingente e o Pensamento que conduz a evolução da essência absoluta manifestada é necessário. Definindo melhor: — a evolução começou num ponto da Essência até abarcar num espaço relativo uma parcela desta e acabará quando a totalidade estiver absorvida, quando o «círculo» último da espiral se inscrever (fechando em si) no espaço n-dimensional, o Espaço Absoluto.

O Ser que atingiu o fim da presente «ronda», banha-se nas águas purificadas do seu Ego e recebe o influxo portentoso do Pensamento, harmoniza-se com a Ideia que presidiu à Criação actual e guiou a sua Evolução. Ele compreenderá o manifestado, do princípio ao fim, mas não compreenderá naturalmente, Deus, porque a essência que o ser consciencializou pela síntese, em si, do Pensamento divino é, apenas, uma parcela (infinita humana = finita divina) da Essência (≤ infinito divino).

Não posso provar este sentir «consciencial» dos «valores divinos» tal como não posso demonstrar o sentir emocional dos místicos, dos éticos ou... dos estéticos. Eu pressinto-os assim (note-se que não digo: — «sinto-os»), pressinto-os por «intuição» metafísica mas é-me impossível fazer deles uma demonstração por a + b. Mostro-os (não os demonstro) dentro da capacidade restricta do condicionalismo da ideia e sua expressão actuais. Só me é dado demonstrar o que totalmente compreendi, e mostrar na minha relatividade o que concebi.

Pense-se que aquele «sentir» dos «valores divinos» não é um sentir de emoção, um sentir emocional (e por isso lhe chamei «consciencial»), mas um sentir de Ideia, um sentir em que se entrega a totalidade vibratória do Eu.

Os juízes de valores divinos são da mesma natureza dos dos valores morais ou místicos. Emitem-se por uma combinação cognito-emotiva; não seguem uma via intelectual-reflexiva. Porém, há naqueles maior «quantum» de ideia que de emoção. O «valor divino» não é uma transcendência do «valor místico», como este não o é, necessàriamente, do ético. Estamos até em dizer que do sentir do valor divino se pode descer para o sentir da positividade dos outros valores. (Não quero afirmar que para aperceber os valores eto-esteto-místicos seja necessário sentir os valores divinos, mas sim que é suficiente).

Eis porque «mostro», simplesmente, sem a pretensão

ROERICH, O GURU

por Raul de Sepúlveda Fontes
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na Índia Portuguesa

NICHOLAS Roerich, o célebre artista, poeta e filósofo russo, sócio honorário do Instituto de Coimbra, *cujas telas grandiosas se encontram nos principais museus da Europa, América e Ásia, vive ao presente na Índia, em Naggar, Na solidão dos montes, o grande mestre espiritual da humanidade, medita, cisma e cria, visando ùnicamente o progresso espiritual dos homens.*

Como filósofo, Roerich prèga uma religião universal, tendo por base a crença em Deus e na alma, reflexo da alma cósmica. Ele crê que a humanidade atingirá a perfeição só pelo culto do belo e do amor. Só então será possivel a paz entre os homens.

Quando percorro as páginas das obras de Roerich, quando medito nos seus ensinamentos e nas suas experiências, julgo ver a luz que brilha atrás do véu de Isis... É a ele que devo, em parte, o meu regresso à concepção espiritualista do universo, a ele, o Guru (mestre espiritual) da Índia, do mundo...

Quem ler as obras de Roerich, ficará surpreendido com a vastidão do seu saber e, acima de tudo, com a recolha imensa que ele fez durante as suas viagens na Ásia. Um facto que passo a narrar há-de por força interessar todos os espiritualistas.

Durante a sua permanencia no Tibet, Roerich verificou o seguinte facto surpreendente: Os Lamas tibetanos podem deslocar-se para onde querem, não em corpo material, *mas em* corpo astral. *São capazes de assistir a qualquer reunião religiosa, em* corpo astral, *descrevendo, depois, pormenorizadamente, tudo o que se passou nessa reunião. Os* yogis *indianos (segundo experiências feitas por Mrs. Hilda Wood, esposa de Prof. Ernest Wood, um dos candidatos à presidência da* Sociedade Teosófica Internacional, *após o trespasse de Annie Besant, e de quem fui defensor sincero na imprensa da India Britânica), também podem visitar qualquer pessoa em* corpo astral, *durante o sono, dando depois a prova evidente de terem feito essa visita.*

No caso de Roerich, o mundo inteiro conhece a sua probidade, a agudeza do seu espírito crítico e analítico e o seu profundo saber. Com Mrs. Wood dá-se o mesmo.

Entre os tibetanos, entre os menhirs, *entre os buriates, Roerich colheu elementos valiosos de grande alcance espiritista. A sua visão da vida e das coisas é tão imbuida de espiritualismo, que ele próprio atingiu as raias de pureza budista, sendo considerado pelos Lamas um ser superior, lendário, a reencarnação de Ghessar Khan.*

Roerich prega e pratica o Evangelho do Belo e da Perfeição, tendo como princípio básico a espiritualidade da vida e do universo. Para ele, Deus é a Alma do Cosmos e nós o reflexo dessa alma; portanto, imortais, como Deus.

Em toda a Índia, no Tibet distante, na Mongólia, quando se fala de Roerich, dizem:

— Ele é o nosso Guru.

Índia, 1946

---

estulta de demonstrar o que é indemonstrável pelo caminho experimental. Mas não será este mostrar uma nova forma de demonstrar, visto nunca me afastar dos princípios lógicos? Se alguém aceitar como válido o meu raciocínio, não terá sido feita para ele uma demonstração? Não será este mostrar natureza semelhante ao demonstrar nas ciências abstractas?

Onde estiver o desrespeito à lei lógica aí estará a demonstração do erro.

O que ficou atrás «mostra» alguns postulados do teorema metafísico fundamental: — «Deus criou em Si, tirando de Si e por Si o que sendo Ele, tinha necessàriamente de deixar de o ser, embora continuando Ele tal como era dantes» —, postulados que poderemos enunciar assim:

— A evolução é a progressiva dinamização do estatismo divino (segundo um espiraloide que do ponto caminha para a absorção do espaço n-dimensional) conduzida conforme o plano do Pensamento, emitido pelo Ser no instante da primeira transformação;
— nas rondas da Criação, o Ser caminha para a absorção relativa da Essência divina pela compreensão do Pensmento;
— em virtude da transformação progressiva da essência, é o Pensamento realizado no ser que define a Unidade, visto aquela ser revelada pelo aparecimento de uma multiplicidade de seres que tendem para ganhar unidade em si.

UM CASO ESTRANHO

por Fiat Lux

HÁ coisas realmente curiosas nos domínios da ciência...

Não sou cinéfilo; no entanto, por curiosidade de leitura, para alguma coisa ficar a conhecer, gosto de folhear os *magazines*. Ao notar o meu interesse por uma revista cinematográfica, pessoa amiga ma emprestou, a fim de em minha casa a ler com mais vagar.

Tratava-se do número de Abril do corrente ano da conhecidíssima revista *Cine-Mundial*, edição espanhola para a América latina.

Qual não foi, porém, o meu espanto ao deparar com um artigo em que o assunto estava fora da orientação da revista!... Todavia, não é caso de estranhar se considerarmos a natureza do trabalho, visto focar o caso de um actor cinematográfico, há anos vítima de desastre de aviação, em que perdeu a vida, juntamente com o escritor de argumentos Alfredo Le Pera e mais dezoito pessoas.

É uma narrativa insuspeita escrita por um técnico do cinema e não por um espiritista impressionado por «... coisas que semeiam inquietação no nosso eu...».

Assim se exprimiu Félix Soloni, no preâmbulo dum artigo a respeito de Carlos Gardel e que, por o acharmos digno de nota, vamos traduzi-lo para os nossos confrades, sempre entusiasmados por estes acontecimentos, comprovativos da ciência do oculto.

///

Era uma reunião de artistas, escritores e jornalistas, tudo gente acima de qualquer ideia ou propícios ao que se pudesse classificar de superstição... Discutia-se o mérito de diversos artistas latinos de então, em 1934, bem como a sua popularidade e o futuro de cada um na ordem artística e profissional... Um cavalheiro que poucos minutos antes havia distraído a assistência lendo na palma da mão dos presentes, interveio na discussão...

— Digo-lhes que Gardel será o artista favorito do público de todos os continentes dentro de um par de anos...

— É jovem ainda e seus êxitos dão esperança de que chegará a grande altura...

— Sim, mas a sua carreira está a terminar...

— Que diz o senhor? Que sua carreira está a terminar?...

— Exactamente... Dentro de dois anos seria o que os senhores calculam; mas, desgraçadamente, sua carreira está no fim... Recordem-se do que lhes anuncio... Estamos a 13 de Junho...

— Dia de Santo António.

— Nem mais, nem menos... Maria, porque não nos faz uma saude?

Prosseguiu a festa... Ninguém ligou grande importância àquelas palavras, nem lhes atribuiram sentido profético. No entanto, onze dias depois, quando ia de Bogotá para Cali, o cantor pereceu no desastre. Onze dias depois da frase: «a carreira de Gardel está quase a terminar», morria carbonizado o famoso cantor de «El dia que me quieras...».

Poucos dias depois deste acidente em que Gardel perdeu a vida voltei a encontrar o áugure; o que ele me contou foi muito mais interessante ainda do que sua anterior predição.

Encontrei-o em plena rua.

— Estou assombrado com os seus dotes de profeta... Na outra noite, o senhor anunciou a morte de Gardel!

— Eu não! Eu não anunciei sua morte!... Não poderia anunciá-la. Era seu admirador!... Mas sabia que a carreira dele estava a terminar...

— E em que é que o senhor se baseia?

— O senhor verá, mas isto é um pouco longo para contar-se... Umas noites antes da nossa reunião em casa de Maria, sofria eu de insuportável insónia... Fazia muito calor e dirigi-me ao Central Park... Os senhores não ignoram o que é o Central Park de Nova York, à meia-noite... Ignoramos se nos oferece paz e serenidade ou se acolhe em sua sombra algum perigo... Fazia calor, muito calor... E devido a isso havia noctâmbulos sentados nos bancos, gozando um pouco de frescura. Sentei-me também num banco... As altas silhuetas dos edifícios da Quinta Avenida, do Central Park South e do Central Park West, mostravam os focos de luz que jorravam das janelas abertas... Estava muito calor... Passou um polícia vagarosamente... De repente, uns passos que se aproximam e uma voz que cumprimenta:

— Buenas noches, compañero... Habla usted español... Verdad?

— Boas noites. O senhor acertou.

— Que lhe parece este calor?

— Sim, é sufocante... (O termómetro marcava 98...).

— Ainda bem que o senhor fala espanhol... Em toda a noite não encontrei quem falasse o meu idioma... Não se incomoda que compartilhe este banco consigo?

— Ora essa! Queira sentar-se...

— Agradecido... embora eu esteja muito afastado daqui...

— O quê? Está preocupado?

— O senhor sabe, cada qual quer sempre voltar à sua pátria...

— Deveras? O senhor é argentino?

— Quase argentino... Argentino de todo o coração, ainda que o destino não quisesse que eu lá nascesse... e talvez não torne a ver essa terra bendita...

— É pessimista!

— Muito!... Por isso estou *voltando em pensamento* a todos os lugares onde sofri, onde gozei a vida... Por isso, acredito que o senhor não me quererá mal...

— Eu!? Porquê? Se nem sequer o conheço!

— Perdôe-me a indiscrição... O senhor vive longe daqui?

— Não... Ali em frente; quero dizer no Essex House!

— O Essex House! Ali estive eu também algum tempo... Gostaria de lá voltar... Mas não me querem bem!

— Sem dúvida, o calor o incomoda muito, amigo... Quem lhe disse que não lhe querem bem?

— Não sei! Não sei!... Depois de tudo... Que me importa?... Que me queiram bem, ou mal... meu destino... quem o poderá evitar? *Minha hora já se aproxima...*

— Mas que coisas o senhor está a dizer! Porque não vai dormir? Vive longe?...

— Sim... muito longe... *Se estivesse aqui...* não estaria além... O senhor perdoe-me... Talvez as minhas palavras lhe pareçam incoerentes... mas, sabe o senhor? *me estoy despidiendo... me estoy despidiendo...*

— Pois que tenha boa viagem, amigo!

— Agradecido, muito agradecido... O senhor terá noticias minhas... Talvez o senhor não seja meu amigo... Naturalmente, o senhor seria capaz de destronar-me!... O senhor não me conhece! Boas noites!

E o individuo pôs-se em pé e afastou-se lentamente pelo caminho escuro... Muito tènuemente, como se viesse de longe, pareceu-me ouvir uma voz que entoava o tango «Buenos Aires»...

Quando ouvi aquelas notas do tango, recordei-me do tom de voz do desconhecido, da sua figura... Sim, aquele hmem era Gardel! Não havia dúvida! Levantei-me e corri na direcção tomada por ele... Mas... no caminho não havia pessoa alguma! O polícia de giro aproximava-se...

— Viu um homem de cabelo negro que acaba de passar por aqui?

— *No sir, not a soul!* (Não, senhor, nem vivalma).

Sem dúvida, devia ter sido alucinação minha motivada pelo calor. Regressei ao hotel...

CARLOS GARDEL

Peguei numas revistas argentinas... Nelas se anunciava a próxima reaparição de Carlos Gardel na Argentina... Que se encontrava na Colúmbia... Tudo aquilo e o calor acabaram por me tirar o sono... Porque tinha a certeza de ter falado naquela noite, no Central Park de Nova York, com Gardel em pessoa, que *se despedia!*

Não posso dar uma explicação... Nunca tive relações com Gardel, a não ser o facto casual de ocupar o mesmo compartimento que ele cupou, durante a sua estadia em Nova York...

Por isso, quando foi daquela reunião na outra noite e se discutia o seu futuro, fiz a minha predição... *Sua carreira está a terminar!*

Africa Oriental Portuguesa

Raciocínio de Mentalidade Primitiva

pelo Coronel Faure da Rosa

O falecido Dr. Eugène Osty, que à Metapsíquica prestou relevantes serviços, dizia, por vezes, que os espiritistas *raciocinam como as tribus selvagens de mentalidade primitiva*... e isto pela simples razão de acreditarem na possibilidade de comunicação dos viventes na Terra com os viventes no Além.

É evidente que a intenção do doutor é amesquinhar a intelectualidade dos espiritistas; mas eu não vejo bem em que nos pode deslustrar aquela camaradagem sòmente pela circunstância de igualdade de crença.

Edmond Tylor, um dos críticos que emparceira com Osty — lembra, entretanto, que se um índio da América do Norte assistisse a uma sessão de Espiritismo em Londres, decerto não estranharia que os espíritos se manifestassem por meio de ruídos, vozes e outros acos físicos, porque tudo isso é parte integrante do sistema da natureza que ele compreende. O que realmente constituiria novidade para ele seria a leitura e a escrita correspondentes a um estado de civilização diferente do seu.

Ora, suponhamos que em vez de um índio da América do Norte, o selvagem que assiste a uma sessão espirita em Londres é um papua, que pertence ao ínfimo escalão da humanidade. Tal criatura nada compreenderá das manifestações dos espíritos, quer desencarnados quer encarnados.

O que ele compreenderá, com certeza, é que se trata do seu «mana» (crença num poder misterioso, poder mágico — que é, a final, equivalente ao poder divino), o qual «mana» os sábios metapsíquistas baptizaram com os nomes de *telepatia, criptestesia, metagnomia,* etc., termos arrevezados derivados do grego.

Os fenómenos, no fim de contas, são os mesmos; os nomes é que variam.

Suponhamos, ainda, que um curandeiro-feiticeiro assiste à consulta de um membro da Faculdade de Medicina de Londres. Não lhe causará admiração ver o *confrade* citadino e ultra-civilizado, tomar o pulso ao doente, observar-lhe a língua, etc., para, em seguida, lhe receitar um purgante, uma infusão de quaisquer ervas transformadas em *especialidade,* um clister ou umas massagens. Também o não surpreenderá assistir a uma amputação ou trepanação do crânio, porque tudo isso faz parte do sistema de medicina do curandeiro-feiticeiro. O que realmente para ele constituiria novidade, seria ver o *colega* auscultar o dente com o estetoscópio, dar-lhe injecções de soro, etc., observações e operações que são produto duma civilização diferente da sua.

Mas... pergunta-se: que é que se pretende com a asserção de que os espiritistas raciocinam como as tribus selvagens de mentalidade primitiva ?

Que os espiritistas, ou mesmo todos os espiritualistas não têm razão em acreditar em espíritos, porque os peles-vermelhas também acreditam neles ?

Se assim é, não se pode deixar de considerar ridículo que os médicos modernos usem purgantes, clisteres, massagens, pensos, amputações, porque os curandeiros-feiticeiros usavam e usam tais tratamentos.

O Dr. Sergi, professor de antropologia da Universidade de Roma, acrescenta à referida argumentação de Tylor: «Os filósofos da nossa época, como os de outrora — Platão e Gioberti — vivendo no meio de um povo mais ou menos iletrado, crêem ultrapassá-lo com as suas elucubrações metafísicas, mas, na realidade, o filósofo não se afasta dele nem um passo de formiga, porque acredita no oculto e no misterioso que são simples e primitivas criações do selvagem. Parece-me que tudo isto é comparável a um facto fácil de observar: o vestuário de lã. Os pastores empregavam a lã no estado natural, isto é, o próprio velo, para se vestirem. Os homens civilizados empregam a lã fina, preparada, transformada de maneira a tirar-lhe o aspecto originário, mas uma e outra são idênticas, e a fina, provém da bruta».

O que sobretudo surpreende é ler que um princípio científico deve ser repelido simplesmente porque já foi compreendido por selvagens. Entretanto, não consta que nenhum dos doutores contrários á crença espirita tenha renunciado ao fogo por esta especiosa razão.

Não surpreende menos saber que é proibido acreditar na existência do *oculto* e do *misterioso*. Com certeza, estes senhores imaginam que o éter e a electricidade, por exemplo, nada têm de oculto nem de misterioso para eles !

Todas as ciências, todas as artes, começaram por ser grosseiras, primitivas, e só depois foram aperfeiçoadas.

A similitude que exibem para apoiar a sua opinião é, justamente, a que melhor serve para patentear o erro.

Tylor, como Osty, Bret e outros, tão severos para a doutrina espirita, porque ela não cabe no âmbito das suas ideias, toleram e usam todos os gracejos, quando se trata da sobrevivência da alma, crença que eles próprios assinalam nos mais atrasados povos da África e da Oceânia.

A pesar de tudo, Tylor escreve as seguintes linhas que os antropólogos da sua escola se esquivam a reproduzir, a pesar de terem posto em plena luz a passa-

gem concernente ao pele-vermelha, às *tribus selvagens de mentalidade primitiva*, linhas que, a final, são a aprovação do que de mais essencial se disse: «As escolas filosóficas que desde os tempos clássicos até à nossa época, rejeitaram a crença na existência futura, parece terem seguido um longo caminho para regressarem ao ponto de partida, do qual as raças mais grosseiras da humanidade talvez nunca se tivessem desviado».

No entanto, homens de valor mental assinalado como, por exemplo, Frederic Myers — ao tempo professor da Universidade de Cambridge — asseveram que «vozes e mensagens chegam até nós, vindas de além-túmulo».

O próprio dr. Eugène Osty escrevia, mais tarde, que à excepção de um único médium, todos os médiuns que utilizara nas suas múltiplas experiências confirmavam a sobrevivência da personalidade; porém, esse único médium, certa vez, interrogado acerca de um determinado, defunto que a esse estado passara pouco tempo antes, se dele nada restava, se se teria dado a aniquilamento completo —, o médium respondera, sem hesitação e com energia: «Oh! não! Ele existe, sinto-o, tenha certeza disso; mas o que não posso é ver de que maneira vive».

E, então, o Dr. Osty pergunta: «À vista desta unanimidade, que se deve pensar?

Com esta interrogação, o Dr. Osty deu o primeiro passo no caminho do *raciocínio de mentalidade primitiva*.

"Nos Umbrais do Além"

Já se encontra à venda o interessante livro de Sir William Barrett, intitulado «Nos Umbrais do Além».

Os fenómenos do Espiritismo não podiam ter encontrado crítico mais honesto e sagaz do que este sábio físico, professor da Universidade de Dublin, homem de laboratório como Sir William Crookes ou Sir Oliver Lodge e dotado de extraordinário poder de análise, ao serviço da verdade e da lógica.

Estamos certos de que esta obra se esgotará, como sucedeu ao «Resumo da Doutrina Espirita». É conveniente que os leitores façam as suas requisições, para que se não vejam privados dum livro precioso, cuja leitura reconforta e torna mais firme a convicção espirita.

A todos os assinantes de «Estudos Psíquicos e sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor será feito o desconto de 10 % sobre o preço de capa até Julho do corrente ano.

Enviam-se encomendas contra-reembolso.

Preço do livro — 25$00, não incluindo despesas de cobrança.

UM SUICÍDIO

Não quer a medicina oficial que os espiritas coloquem as mãos sobre um doente, conquanto aos Céus supliquem a cura ou o alívio do sofredor. Assim, os médicos materialistas criaram um artigozinho e o fizeram incluir no Código Penal, de sorte a meter na cadeia a quem quer que ore à cabeceira de um doente, se esse alguém, já se vê, for espirita.

E enquanto os médiuns são tolhidos de fazer o bem, dando de graça o fluido magnético que podem transmitir; enquanto esses abnegados companheiros são metidos nos cárceres, como criminosos da pior espécie, eles, os médicos, têm o campo livre.

Agora, por exemplo, ao mesmo tempo em que um Espírito materializado, que não pode ser metido na enxovia, vem extraindo apêndices, em nove minutos, sem instrumental cirúrgico visível, dá-nos o *Diário da Noite*, de 5 de Março, primeira edição, a notícia do suicídio de um rapaz, logo após ser examinado e de ser tido como tuberculoso, por um médico desta Capital.

Levado ao Necrotério e feito o exame do cadáver, os anátomo-patologistas verificaram que os pulmões estavam perfeitamente sãos, não restando à família senão o direito de enterrar o ente querido, visto que tentar um processo seria inútil. Nem mesmo o direito das preces de sua religião poderá ter o infeliz, porque essas não podem ser feitas para os suicidas; entretanto, se os padres e os médicos não houvessem criado aquele artigozinho, teria sido possível a qualquer médium evitar o suicídio do pobre e infeliz rapaz.

Eis o comentário que o *Diário da Noite* publicou, ao registar a ocorrência:

«Um facto lamentável e que bem demonstra a irresponsabilidade de certos médicos ao diagnosticar clientes, chegando logo à primeira vista a conclusões que não correspondem à realidade, ocorreu na semana finda, resultando em ter um rapaz, em pleno gozo de saude, logo depois de examinado e de ser tido como tuberculoso, a pôr termo à vida, tal a impressão que lhe causara a afirmativa do facultativo, cujo erro foi plenamente verificado diante da autópsia, que acusou estarem os pulmões do suicida em perfeito estado.

Essa ocorrência, de tão flagrante gravidade, não sabemos porque foi relegada aos registos dos acontecimentos comuns, não tendo sido aberto inquérito policial para responsabilizar o médico, até aqui desconhecido, que teria, pelo seu erro, levado o jovem ao gesto extremo».

(Do *Reformador* do Rio de Janeiro)

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

A Dr.ª Raquilde dos Anjos Pires faz a sua profissão de fé espirita, em palavras simples, cheias de sinceridade e reflexão.

É muito simples o meu caso, tão simples que nem chega a ser um «caso». A minha passagem para o lado de cá, a minha evolução — raros são os casos bruscos — foi lenta e sem acontecimentos mirabolantes; sinto, porém, segura a minha crença.

Filha de pais católicos (pelo menos meu pai andou a estudar para padre), eu observei-lhes, logo aos meus primeiros anos, uma certa indiferença já pelo culto exagerado. Suponho mesmo que então meu pai se ia interessando pela doutrina que abraça agora. Deixaram-me, todavia, frequentar a igreja e fazer parte da J. E. C. (Juventude Escolar Católica).

Desse convívio, para falar com franqueza, só me ficou lembrança menos simpática de um padre que pedia aos miudos um tostãozinho que fosse, para ajuda do senhor pároco, mesmo que tivessem de mentir nas contas à mãe. Foi substituído por outro que sempre foi digno do meu respeito e creio ainda hoje lá se conserva. Das directoras do grupo católico não tenho a dizer senão bem, pela forma atenciosa com que sempre me trataram.

Disto eu falo para que melhor admitam a minha sinceridade de hoje, pois, nessa idade de voos arrojados, cheguei mesmo a pensar em ir para freira. Que querem? Vivia no meio delas, sempre amáveis para mim...

E é isso, precisamente, que tanto me faz respeitar as crenças alheias, ainda que saiba que entre o trigo há sempre joio e ainda pessoas que, de uma fé cega, aceitam os mais obscuros dogmas, só porque querem obedecer ao «Pai dos Céus»...

Bem me dizia meu pai, quando eu era estudante do liceu:

— Lê Kardec, filha, lê um pouco desta doutrina que tudo faz compreender. Tens medo? Que crença é a tua, que não admite confronto com outra?

Qual o quê? Arreigados os princípios católicos no meu espírito, eu, tornada cega, respondia:

— Oh, não! Isso deve ser bruxedo! Coisas que os padres condenam, não devem ser boas. (Se até um padre meu conhecido me recomendou que queimasse uma Bíblia protestante que a «Casa da Bíblia» me oferecera?!... Verdade seja que já então me revoltara contra aquela intolerância).

Assim, a todos os conselhos paternos ia respondendo, vendo hoje, nos seus silêncios de outrora, um «Deus e o tempo».

Sim, Deus e o tempo se encarregaram de vir trazendo à superfície as dùvidazinhas que me roiam a alma. E aquelas interrogações que tão gastas e conhecidas se afiguram, mas sempre novas para quem as sente por sua vez, foram-se-me formando.

— Se a Biologia explica os defeitos físicos dos pais nos filhos, por que motivo Deus dá um corpo defeituoso a A, B ou C e um tão limpo e escorreito a D, E ou F.?...

— Se a alma é imortal, como eles explicam, porque a um crime cometido na Terra por um ser finito e contingente, se dá a pena dos fogos eternos?...

— Porquê, ainda, só os que estão a-dentro das leis da Igreja têm direito à entrada no céu?...

Dizer-lhes todas as perguntas que a minha inteligência ansiosa formulava, seria longo e maçador; mas por estas poderão avaliar as restantes, pelo que têm lido ou sentido.

Não os deve surpreender, porém, se lhes disser que, entre os da minha crença anterior, deparei com respostas como estas:

— Ainda que dentro de corpos defeituosos, que a Biologia explica, a alma não sofre absolutamente nada.

— Se as outras religiões fossem boas, não teriam caducado ou ficado ocultas. A nossa, sim: existe há muitos séculos e mantém-se *tal como* no-la transmitiram.

— Se as penas são eternas é porque a intenção do crime foi enorme.

— Se ainda notas a desigualdade e não a compreendes, é porque não sabes ler no livro de Deus, como se foras uma criança que, olhando as letras de uma página, não percebesse porque estavam umas mais juntas, outras mais separadas.

Explicavam-me um mistério com outro mis-

tério, um dogma com outro dogma. E ai de mim se procurasse investigar! Logo ouvia a fatal sentença: «se tentares desvendar os mistérios de Deus, pecarás».

Então, passei a pecar só para mim. Enchi-me de coragem e procurei compreender alguns livros dos que meu pai possuia. Mas ainda não tinha chegado a hora. O que me veio parar às mãos — já não recordo o nome — era demasiado filosófico para a minha idade, povoada de Dickens, Júlio Verne e não sei que mais suaves e desarrumadas leituras, à mistura com Camões ou António Vieira, então quase só por obrigação.

Motivos que não vêm ao caso, transferiram os meus estudos de Coimbra para Lisboa. Acompanhou-me parte da família. Pensei nessa altura: é ocasião de me dedicar a estudos espiritualistas; quero saber, quero responder a estas perguntas que me queimam.

Vim até ao Centro Espiritualista Luz e Amor. Vim até esta acolhedora casa, ouvi as palavras encorajadoras da Ex.ma Esposa do Sr. Tenente Santos, mas uma timidez ou um receio do desconhecido, injustificado mas real, impediu-me de voltar. Ainda não fora desta vez. Estava difícil de convencer...

Minha mãe, muito doente durante largos anos, exigia-nos muitas horas de vigília. Muitas preocupações consumiam a minha adolescência, muito trabalho preenchia os meus dias de então.

Horas difíceis que todos nós atravessamos, — dir-me-ão —. Deus exigia-lhe resignação e coragem.

Talvez.

É no sofrimento que as almas perdem o seu orgulho, que a razão das suas dores se lhes afigura necessário descobrir.

Procurei-a, pois.

É neste momento, confesso, que marco verdadeiramente a minha passagem para o lado de cá. Não foram, contudo, os belos «Ditados» de Allan Kardec que iniciaram a minha conversão. Foi, vejam lá, a conferência de Viriato Correia, a que começa pela fábula do coelho (publicada há tempos nesta mesma revista) e sobretudo «No Limiar do Etéreo», de Findlay, cuja explicação científica dos fenómenos satisfazia o meu cepticismo de estudante.

Foi por essa época que, na casa de uma vizinha e colega, se formou uma tertuliazinha. Nessas reuniões, dirigidas pelo nosso inteligente e estimado companheiro de crença, Álvaro Ramos Pereira, reuniões essas em que uma confiança mútua imperava, me impressionaram certos fenómenos. Creio mesmo termos conseguido um fenómeno de incorporação.

Comecei a acreditar na comunicação dos «vivos» com os «mortos».

Meu pai, que me oferecera os primeiros livros, passou a dar-me outros mais. Lia-os a minha mãe doente e não sei se foram estas leituras ou algum pressentimento da proximidade da morte que lhe fizeram perder aquele verdadeiro pânico que dela se apoderava, quando pensava na desencarnação. Meses antes de morrer, já costumava confiar-nos:

— Está por pouco.

E não havia susto na sua voz. Chegaram-lhe os últimos momentos de vida e a sua agonia, que eu ignorava fosse já, magoava-me, ainda que o médico ma afirmasse inconsciente. Não sei se fiz bem ou mal; mas num impulso irreflectido, isolei-me e orei, pedi a Deus que, fosse de que forma fosse, lhe desse a paz, se sofria e lhe desse o bálsamo. Passado um quarto de hora, minha mãe desencarnava.

Talvez se trate de coincidência. Não sei; estou sempre pronta a duvidar de mim própria.

Ainda que sempre tivesse acreditado em Deus, passei a crer num prolongamento da vida sem quebra de continuidade, dirigido por bondosos e altos desígnios, sem a alternativa apavorante de um Inferno ou Céu imediatos.

Esta perda do medo à morte valeu-me, mais tarde, na Costa da Caparica, em que, após ter perdido o equilíbrio, senti as ondas passarem por cima da minha cabeça. Esperava, é certo, que me acudissem; dir-se-ia ter a certeza do que realmente aconteceu. Fosse, porém, de que forma fosse, eu estava calma e pensava com uma nitidez de que depois me admirei: «Se a morte não trouxer aflições, se o afogamento não custar, não deve ser mau morrer».

Verdade se diga: se tinha medo à morte, porque nada dela sabia e por horror ao sofrimento, nunca foi grande o meu amor à vida. Não é que tenha desgostos de transtornar o espírito, mas já em pequena pegava nos fundos convexos de certas garrafas e me punha a sonhar nas paisagens maravilhosas que as imagens deformadas me davam. Porquê! Sonhos de criança? Não sei...

Como vêem, se os livros me trouxeram o Espiritismo pela craveira da razão rebelde, o meu coração há muito o adivinhava e desejava.

O meu desejo é só um: que todos possam vir para junto de nós e sentir o alívio que eu sinto.

POST-MORTEM

por Júlio Mazé

Depois de acender o cigarro, o Dr. Borne deitou-se em um canapé, feliz por se encontrar naquele aposento iluminado e aquecido, depois de um dia trabalho intenso.

— Arre! exclamou ele. — Por hoje chega... Nem o diabo me fará sair agora à noite!

Sua jovem esposa bordava, à luz de um *abat-jour*. Erguendo os olhos, disse ao marido:

— O tempo está brusco...

— Sim, nem um cão sái à rua com um tempo assim! Entretanto, já fui obrigado a sair, muitas vezes, debaixo de fortes temporais...

— Mas, actualmente, é preciso que descanses um pouco...

O doutor sorriu; essa frase discreta elogiava seu amor próprio, lembrando-lhe que, com quarenta anos, ele era quase célebre. Nas consultas, os colegas mais velhos do que ele chamavam-no de «caro mestre» e o alto preço de seus serviços profissionais não diminuia a numerosa clientela que possuia.

— Tens razão Jeanne — disse ele; — agora necessito de trabalhar mais folgadamente.

E, para provar esse direito, o doutor alongou-se mais à vontade sobre as almofadas do canapé, soltando densas baforadas de fumaça do seu cachimbo. De repente, a campainha deu alarme, quebrando o silêncio doce do lar. O doutor e a esposa ficaram sobressaltados.

— Ora essa! Quem virá procurar-me a estas horas?

Depois, disse à criada:

— Maria, não estou para ninguém!

Dito isto, o doutor ergueu-se um pouco e, um tanto inquieto, aguardou a volta da empregada. A espera durou quase um quarto de hora e o doutor já se impacientava, quando, finalmente, a empregada voltou.

Doutor, — disse ela — é uma menina; ela veio, a pé, de Grenelle, e pede-lhe para ir ver sua mãe que está muito mal; eu disse-lhe que era impossivel, que o senhor não poderia sair, mas ela insiste, roga, suplica e não quer ir-se embora ...Está pobremente vestida e acha-se toda molhada e tremendo de frio...

O doutor esboçou um gesto de cólera e disse:

— Ir a Grenelle, a esta hora e com este temporal? A menina está maluca! Diz-lhe que me recuso absolutamente; ela que procure um médico lá da localidade...

Dizendo isto, o médico deitou-se novamente.

Cinco minutos mais tarde, a criada voltou.

— Doutor, a menina não sai. Sentou-se na escada e está a fitar-me com um olhar brilhante, fosforescente. Tenho medo dela...

O doutor ergue-se, de um salto.

— Onde tem a cabeça essa menina? Maldita pequena! Será que não me deixa em paz?

Assim dizendo, precipitou-se para o vestíbulo, disposto a expulsar a intrusa. Porém, ao defrontá-la, a sua colera desapareceu; ela tinha um aspecto tão miserável, coberta com aqueles andrajos completamente molhados... Seus olhos, de um brilho curiosamente estranho, eram tão tristes, que inspiraram piedade ao doutor. Ao vê-lo, ela pôs-se de joelhos e de mãos postas, aos pés do facultativo.

— Mamã está passando muito mal — disse ela: salve-a!

A menina pronunciou essa frase com voz esquisita, sem verter lágrimas, parecendo que falava em sonho e com os grandes olhos brilhantes fixos no doutor. Este sentiu-se perturbado, pois o olhar daquela criança penetrava em seu íntimo, revolvendo-o, queimando-o...

Então, para consolar a menina, disse-lhe:

— Está bem, vou acompanhar-te. Onde moras?

— Rua da Convenção, em Grenelle.

O doutor lançou mão do chapeu, do guarda-chuva, chamou um carro e, em companhia da menor, pôs-se a caminho. Durante o trajecto, a menina não pronunciou palavra. Finalmente, o carro parou diante de uma casa antiga, cercada de um velho muro.

— É aqui, — disse a menor.

Ao descer, a menina passou à frente do médico e subiu a escadaria suja, estreita e sombria. Chegando ao patamar, parou, empurrou uma porta, disse mais uma vez: «É aqui», e desapareceu.

O médico verificou que se encontrava em quarto frio e mal iluminado por um lampeão fumacento. Em um canto sombrio um leito estragado, ladeado por uma cadeira, à qual faltava um pé e cuja palha já perfurada chegava até ao soalho. Uma mesa gordurosa, colocada diante da unica janela, fazia frente ao leito. As paredes estavam ornadas de algumas figuras coloridas, cujas tintas vivas mais acentuavam o lamentável aspecto de um tapete velho, corroido pela humidade.

Instintivamente, o doutor recusou. Seu renome prematuro, há muito que o havia afastado de semelhantes espectáculos, fazendo-o perder o contacto com a miséria.

O vento uivava lugubremente, a chuva batia na janela e a luz amarelada do lampeão, bruxuleando, de-

senhava nas paredes estranhos contornos que pareciam povoar o ambiente de génios maus.

Uma angústia, acompanhada de certo terror, invadiu a alma do médico; ele não mais se lembrava do que tinha ido ali fazer e preparava-se para partir, quando percebeu um estertor abafado.

Então lembrou-se e, reanimado, aproximou-se do feito. Uma mulher, ou, antes, um esqueleto ali se achava deitado. Seu rosto estava tão pálido que se confundia com o lençol e o doutor apenas distinguia, naquela penumbra, dois olhos negros que brilhavam de febre. Sem dizer palavra, pegou no lampeão e pôs-se a examinar a doente; logo de inicio esboçou um gesto desanimador. Um rápido exame o convencera de que a doente estava atacada de uma angina muito grave e até mesmo de difteria. Como tratá-la naquele lugar ?

Depois, elevando a voz, disse :

— Coragem, minha boa senhora, a saude voltará !

— Como a doente não respondesse, continuou :

— A senhora será curada, mas é preciso ter paciência de ser transportada ao hospital... A moléstia é altamente contagiosa e há perigo de contaminar vossa filha... Creio que, para evitar tamanho perigo que ameaça vossa encantadora filhinha, que é tão corajosa e dedicada, a senhora resignar-se-á ao sacrifício de ser transportada ao hospital.

Os olhos da pobre mulher foram-se abrindo, exprimindo grande admiração, mesclada de dor e espanto.

— Minha filha ?... — balbuciou a doente; — eu já não tenho filha...

— Mas foi vossa filha que se dirigiu à minha casa, implorou-me para vir e me conduziu até à porta deste quarto...

— Minha filha ... não é possivel... eu tinha uma filha... morreu esta manhã... o corpo está lá...

E, com o dedo descarnado, a doente apontou para uma porta.

O médico julgou tratar-se de uma alucinação causeda pela febre; mas, não obstante, dirigiu-se à porta indicada e abriu-a. Então, seus cabelos se arrepiaram, um tremor convulsivo dele se apoderou e sua razão parecia obscurecer.

Em um pequeno leito de ferro, a menina que tinha estado em casa dele, suplicando de joelhos que viesse salvar a mãe e que minutos antés o havia conduzido à porta do quarto, estava rigida, toda de branco e com um crucifixo no peito; ao lado do cadáver, uma vizinha caridosa, ajoelhada, orava...

A pesar da intensa emoção que o estrangulava, o médico aproximou se do leito, contemplou o pequeno cadáver, examinou-o e verificou que a morte tinha desempenhado sua missão, havia doze horas.

— A que horas morreu esta menina ? — perguntou ele à mulher.

— Hoje, às sete horas da manhã.

— Mas a doente não tem outra filha?

— Não ! — respondeu a mulher admirada.

O doutor, fazendo uma receita e deixando ainda um auxílio monetário sobre a mesa, retirou-se do miserável aposento.

Depois dessa aventura — rigorosamente verdadeira — o jovem e renomado médico nunca mais riu ao ouvir falar na sobrevivência da alma.

(Do *Espiritualista*, de S. Paulo)

Espíritos - Guias

— «Existem todas as variedades de guias, porque há uma diversidade de tarefas a cumprir — disse Silver Birch, o guia do grupo familiar de Hannen Swaffer, quando últimamente respondeu a perguntas.

Tendo sido interrogado por que alguns guias não tinham conhecimento dum assunto no qual êle está bem informado, respondeu:

— Nem todos os guias estão no mesmo plano de evolução. Diferem em progresso e desenvolvimento, conforme as tarefas que têm de executar no vosso mundo.

Não se segue que o conhecimento possuido por um guia é também possuido por outro. Alguns têm grandes conhecimentos de vários aspectos do universo, mas nenhum guia é infalivel; êle pode falar apenas como um resultado das suas experiências e não pode dar conhecimento de assuntos sobre os quais nada sabe.

O guia cuja função é ser o director duma sessão de fenómenos físicos, muito pouco sabe de metafisica, e o guia cujo fim é ensinar algumas das mais altas especulações filosóficas, nada sabe sobre os compostos que vão formar uma materialização.

Não julgueis todos os guias como um único plano de sabedoria.

Respondendo à pergunta: — Quem ou o que são os nossos guias? —, Silver Birch disse:

— Algumas vezes são dos que pertencem à linha da família. Outras vezes não há traço de afinidade terrestre, mas em seu lugar há um parentesco espiritual baseado numa atracção mútua, porque há qualquer trabalho que pode ser feito.

Não estão limitados aos membros de qualquer raça ou nação, porque raça e nacionalidade não persistem depois da sepultura, quando os costumes da terra desapareceram. Não há raças ou nações nas almas: há-as só nos corpos.

(Do *Psychic News*, de Londres)

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XIII

A narrativa do Evangelho descreve Maria de Magdala, tão profunda e inteiramente absorvida no seu arrependimento, tão insensível a tudo quanto era estranho ao acto que a consagraria eternamente, que perguntamos:

— O que seriam para ela os anos de desregramento e de escândalo ?!

E adivinhamos esse viver de impulsos, próprios de um espírito arrebatado, de repulsas amargas, de entusiasmos e de tédio, de abatimento e de vergonha, sentindo constantemente nos lábios o travor que sempre deixa o veneno dos pecados.

Muitos, é verdade, não lhe concedem nem vergonha, nem tristezas, nem rebates de consciência.

Vêem-na no ponto culminante da sua vida de desregramento, como quem, triunfante, goza do mal e com insolência o estadeia...

Consideram-na na mocidade radiosa entregue à devassidão, no orgulho de uma beleza célebre, no triunfo dos amores de um dia roubados às rivais, na febre dos prazeres e das festas daquele oriente esplendoroso e sensual.

Os degraus, que ela desceu no mal, não os enumera o Evangelho, e a expressão breve com que a qualifica de «pecadora da cidade», permite todas as suposições...

No entanto, uma tradição venerável di-la irmã de Marta e de Lázaro, e, uma vez liberta do pecado, a sua alma torna-se tão pura, que o Senhor a admite na sua intimidade.

Estudemo-la, como é justo, a esta luz: Que fosse bela, rica, adulada, é de crer. Mas acima de tudo sentia-se desprezada.

Não lho diziam : — Quem falava a tais criaturas ?

Mas a atitude das outras mulheres, e ainda mais a dos cumplices dos seus erros, por farisaismo aparente, e por sincero desprezo, no íntimo, incessantemente lhe faziam sentir o que ela era.

Igualavam-na a tudo o que se repele... aos animais impuros... ao lodo... Para ela fechavam-se as portas das sinagogas e, ainda mais, as do templo glorioso...

Para ela não havia culto, nem orações, nem — à parte mesmo das cerimónias públicas — um recanto escuro na casa de Jeová, onde pudesse desabafar o seu arrependimento e oferecer as suas lágrimas.

E nos dias em que media bem todo o horror daquela vida, nas horas cruéis do desamparo e do abandono — se as pobres mães, cansadas de sentir o vazio de tudo o que a rodeava, se erguessem implorantes para que a ajudassem a erguer-se do abismo dos pecados — mão alguma se estenderia para ela...

Os olhos puros das donzelas, os olhos meigos das mães apertando seus filhinhos ao seio, — olhares que Madalena, com as suas irmãs na desgraça, espiava, por vezes, por entre as pálpebras semi-cerradas — ou se desviavam simplesmente, ou a repeliam nauseados, como quem varre do caminho qualquer coisa imunda.

Como poderíamos admitir que para uma nobre alma — digamos mesmo — para uma alma apenas sensível — esta vida não arrastasse consigo a decepção, a revolta, o doloroso sentimento da mentira, de tudo ?...

Mas o próprio coração entregue às más paixões, bastaria para sua tortura... Mendigo de sonhos encantados, ao despertar envergonhado de seus farrapos, caminhando de experiência em experiência, sempre a sonhar e sempre desiludido, dia a dia ia cavando o abismo que nada pode encher.

Se mesmo para todas as vidas humanas assim é, o que deverá ser na vida do pecado ?... Que pensar das horas em que a existência inteira se encara como uma obra de perdição ?...

Passados os primeiros enlevos, mesmo as exigências mais violentas, mais imperiosas de um ser, — que, de limitado, conhece apenas os próprios desejos, — tão pobre como aqueles de quem se queixa — recebem sempre a mesma resposta da Morte.

Quando a sede, em vez de acalmar, mais se exacerba com a gota de água pura com que tentam apagá-la, que será daqueles que não souberam purificar essa gota de água, deixando-a cair no oceano sem limites ?

A observância da pureza, a oração, o domínio dos instintos, a renúncia, o dever, a família, os filhos, todas as coisas sagradas, le-

vam-nos assim a juntar o finito ao infinito e a equilibrar a vida numa estabilidade desejável.

Mas os outros? Madalena não tinha senão as próprias paixões — sem nada de divino para defendê-la.

A história íntima desta desgraçada mulher, desta «pecadora da cidade», devia desenrolar-se entre o orgulho esplendoroso da vida exterior e os desenganos, as revoltas, e a impressão do encarceramento, entre o tédio e os seus pecados. ...Não podia fugir-lhe. O arrependimento para ela não tinha grandeza, nem promessas.

Sem dúvida o livro da LEI falava, em cada uma das suas páginas, da misericórdia de Deus — mas os encarregados de o guardar desterravam para bem longe, com as suas algemas, os miseráveis cativos do pecado que tentassem desviar-se do caminho errado.

— Que não pequem mais, bom será —; mas isso é com eles; a nós, pouco nos importa».

Aquela que tinha sido uma pecadora, para eles, os pretensos justos, não passaria nunca de pecadora...

E eis que um dia, não sabemos a hora, nem sabemos o lugar, a mulher indigna e desprezada, ao encontrar o Senhor, teve a noção de qualquer coisa de inesperado e de maravilhoso.

Podemos imaginá-la, em toda a fascinação de uma beleza célebre, vestida de sedas e púrpuras — que se pagavam a peso de oiro — deixando no ar, ao passar, essa lufada de perfumes raros, que bastava para a denunciar, misturando o faiscar das joias preciosas aos esplendores do sol oriental...

Não sabemos se Jesus lhe falou; não sabemos se olhou para ela...

Talvez nem isso... nem tal era necessário; bastaria a sua sombra de pureza inconcebível para tudo transformar e purificar...

E, sem dúvida, à passagem do profeta, a vergonha nunca sentida pregou no chão aquela mulher que não sabia corar.

Que luz inundou as trevas daquela alma transviada? Aquele que revelou à terra uma santidade plena de misericórdia, revolveria subitamente as profundezas desta consciência?

Sentiu-se ela apenas perturbada e inquieta, diante da luz súbita que fulgurou a seus olhos, diante da chama purissima e celeste que começou a elevar-se em seu coração?

A vida passada desgosta-a, mas custa-lhe mudar tão depressa; a mocidade em flor reclama ainda alguns anos; lembram-lhe as antigas inclinações, solicitam-na e parecem lamentar-se em segredo de um tão rápido abandono; a sua resolução espanta-a a ela própria.

Toda a natureza conclui pelo adiamento, para dar tempo a uma decisão. No momento em que escrevo vejo mentalmente a imagem de uma Madalena, de pé no limiar de uma porta, olhando Jesus que vai desaparecendo ao longe...

Todas as incertezas e todas as amarguras do coração adivinham-se na atitude da pecadora que vê sumir-se no horizonte divina pureza e — coisa prodigiosa e inesperada! — uma pureza que a não desprezava; que a atraia... Ao encontrar-se face a face com essa pureza divina, todos os antigos pecados acordaram na sua memória, numa dor e numa vergonha indizíveis, e agora fugiam como um bando de aves noturnas ao despontar o dia — como se esta dor e esta vergonha, à sombra daquele que passa, criassem nela uma alma nova!...

Talvez a pecadora tivesse querido falar-lhe; talvez tivesse querido apoelhar-se aos pés do que estava tão longe e tão perto dela...

Mas, com um tal passado... Ignorava ainda quão pouco importa ao Senhor donde vimos — embora seja de bem longe — desde que o procuremos com o coração.

E Jesus, lá ia caminhando sozinho pela estrada... E à medida que Madalena o via desaparecer no horizonte, já só perceptível aos olhos, parecia-lhe ir entrando ela própria na escuridão da noite... E, no entanto, uma luz que só os anjos viam, brilhava-lhe agora na alma, como a lâmpada do santuário, nas trevas das grandes naves...

Com desprezo olhou as suas galas; a todos fechou a porta. Ficou só com as suas lágrimas, com a inefável impressão de que uma pureza divina a chamava, para a tornar pura como nos dias da infância, a ela, «a pecadora».

Parecia-lhe toda a vida passada arder numa chama puríssima «como aquela sarça ardente duma como chama de fogo» que a Bíblia dizia ter aparecido a Moisés...

(continua)

"Resumo da Doutrina Espirita"

Em virtude de se haver esgotado inteiramente, *Estudos Psíquicos Editora* lançará em breve a 2.ª edição do «Resumo da Doutrina Espirita», que tanto êxito alcançou em Portugal e Brasil.

Para os Irmãos Pequeninos

Página organizada por KYLAS

Ao inaugurar esta secção, «Estudos Psíquicos» sauda a infância luso-brasileira, esperança e luz dum mundo que surge dos escombros sangrentos da última derrocada. Que os pequeninos de hoje, trémulos e balbuciantes ainda, ganhem energia, coragem e anseio para conquistar auroras novas, sem despeito, sem ódio, enfim, onde a paz e o trabalho sejam forja de almas e a fraternidade a grande escola da vida!

Dirigida a crianças, a colaboração terá de ser simples e emotiva, em gotas homeopáticas, de boa assimilação geral, que toque o coração e a inteligência. Tentemos alguma coisa em prol dessas alminhas em formação, despertemo-las para o amor do Cristo, à luz de Evangelho Novo, que é o Espiritismo.

Para isso, contamos com amigos portugueses e brasileiros. Esta página será coro de vozes de aquém e além Atlântico, vibrando em sentido humanista, procurando verdades e realidades, combatendo vícios, maus hábitos, tendências negativas, e estimulando tudo o que de bom exista no ser pensante.

Vamos a isto irmãos?... Façamos o que pudermos pela infância radiosa! Que ela não caia no abismo em que nós caímos!

I. D. S.

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

Quase todos vós, meus meninos, tendes pai ou mãe que vos mostram a distinção entre o Bem e Mal, que vos aconselham, sempre que, irreflectidamente, vos entregais a alguma má acção. Sois amparados, sois felizes.

Eu disse «quase todos», reparai, porque sei que entre vós há os que perderam uma ou ambas as pessoas queridas ou os que não gozam da sua companhia por exigências da vida moderna. Estes não podem ser atendidos, não podem ser aconselhados...

Foi pensando nos órfãos de ensinamentos, ainda que todos possam beber na mesma fonte, que se abriu esta pequenina secção—pequenina como o vosso corpo, mas cheia do afecto que nos mereceis.

E se de alguma resposta ou conselho necessitardes, não hesiteis em recorrer, com a certeza de serdes acolhidos com simpatia, à vossa irmã mais velha

KYLAS

O Corpo

Ainda não repararam os meninos que, quando estão doentes, estão mais tristes, com menos disposição para estudar? E se se tratar dum grave ferimento, chegam mesmo a revoltar-se contra a «sorte»?

Sim, já deviam ter notado isso. Já deviam ter chegado à conclusão de que, estando mal o corpo, a «cabeça» também não se sente muito satisfeita: os pensamentos baralham-se ou concentram-se na lembrança do desastre, ensombram-se — uma autêntica revolução.

Isto é mau. Todo o mal, porém, tem remédio, e o remédio, a grande maioria das vezes, está muito simplesmente em evitar o mal, em não ter deixado ir tão longe o nosso descuido. É, pois, cuidando do nosso corpo com assiduidade que afastamos muitas preocupações futuras.

Quantos meninos há que se esquecem de lavar os dentes, vindo, quando crescidos, a sofrer tanto deles!

É este um dos muitos exemplos a apontar; outros se poderão citar e fá-lo-emos, porque o nosso maior desejo é que os leitorzinhos se sintam com saude física para que não seja abalada a saude moral.

A Saude Moral

Nem sempre são os males do corpo a causa dos maus pensamentos. Quantas vezes os meninos, rijos como um pero, não se sentem mal dispostos, só porque deram ouvidos à feia inveja que não suportava o valor mais que o condiscípulo tivera no exercício ou a bola de futebol que o vizinho recebera no Natal, quantas vezes ainda se abespinham todos, só porque o menino do 4.º ano lhes chamou «miúdos»!

Tal como as doenças físicas, estas doenças morais vão prejudicando e desvalorizando o cofre-forte das suas qualidades.

Não gostam de ter dor de dentes, pois também não devem gostar de ter «peso» na consciência, como costumam dizer. Não é tão triste sentir remorso de ter praticado uma má acção?

E assim como o corpo doente traz tristeza, o remorso quebra as forças, traz uma espécie de moleza.

Como já lhes disse, é preciso cuidar da saude do corpo, para que a saude moral seja boa, e agora acrescento o contrário que também é uma grande verdade.

Sobre isto lhes falaremos sempre para que possam chegar a ser uns verdadeiros espíritas.

Os Ponteiros do Relógio

Criança!

Quantas vezes, com febril impaciência, consultas os ponteiros que irão marcar no relógio as horas mais felizes da tua vida infantil! Pois, não é verdade que tens pressa de as ver chegar? E não te parece que, com demasiada lentidão, elas se aproximam, como que a retardar-te os instantes de prazer? Se pudesses, bem haverias de apressá-las, quando, por exemplo, nas vésperas do grandioso dia em que se comemora o natalício de Jesus, ou quando, após um período de laboriosa dedicação ao estudo, aguardas, como doce recompensa de teu esforço, o júbilo intenso que sentirás transbordar do coração de teus pais e de teus mestres. Dize-me, criança: não tiveste já o ímpeto de empurrar os delicados ponteiros do relógio, como se mais rápidos te pudessem trazer as noites coloridas do mês de Junho?

Oh! Criança! Tu buscas alegrias! Queres ser feliz!.... Não te esqueças, porém, de que o teu desejo vibra em todos os corações humanos! É, pois, um desejo universal!

Como tu, todas as criaturas procuram a felicidade. Assim, não deixes que se apodere de ti o egoismo, mas faze à humanidade todo o bem que puderes.

Torna-te útil, criança, e consultarás impacientemente os ponteiros, que irão marcar no relógio as horas felizes que viverás, da felicidade que proporcionares aos teus irmãos em Jesus.

Icléa *(Do livro «Para as Crianças»)*

Mamãe tá demorando...

— Papai, mamãe tá demorando de voltar para casa, não tá, papaizinho?

— Vai dormir, minha filha, vai.

— Não. Só quando mamãi chegar...

— Ela não chega mais, filhinha.

— Porque, papai?

— Ela foi longe... muito longe... por isso não chega mais...

— Chega sim... Você quer, mas é me enganar...

— !?

— Que é que você tem, papai, para tá chorando?

— Nada, minha filha. Não tenho nada.

— Não? Não creio... A gente não chorar de nada... É porque mamãe tá demorando, é? Pra que você deixou que aqueles homens todos de preto levassem mamãe, dormindo dentro daquele caixão preto? Era tanta gente de preto, que eu até tive medo!!... Eu quis ir correndo atrás da mamãe, mas você mandou a tia Zulmira me agarrar, e me levar pra casa dela...

— Cala-te, minha filha!... Pelo amor de Deus, cala-te!

— Tá chorando mais, papai? Assim, eu também fico com vontade de chorar... eu vou chorar até mamãe chegar...

— Tua mãe não chega mais, minha filha... nunca mais!...

— Não chega!? E eu vou ficar, agora, sem mãe?

— Não, minha filha. A mamãe há-de estar sempre contigo, mas não a poderemos ver mais, nunca mais!...

— Oh! papai!... E quem trata de mim? quem me dá banho? me dá comida? me veste? me põe na cama? me conta história pra eu dormir? ralha comigo, quando eu fizer travessuras? Quem?

— Teu paizinho e a tia Zulmira...

— Eu gostava mais que fosse a mamãe... Se ela voltasse... Pra onde ela foi papai?

— Para o céu, minha filha, de onde há-de velar por seu grande e querido coração, que deixou na Terra...

— Ela deixou o coração dela, papai?

— Deixou, minha filha, és tu.

— E foram aqueles homens de preto que levaram a mamãe para o céu, foram? E se vai para o céu pelo caminho da cachoeirinha?...

— Não, minha filha; foi por ali o cadáver de tua mãezinha, para o cemitério. O espírito de tua mãezinha, que é imortal, é que foi para o céu. Mas há-de estar sempre contigo, conosco... Que tens, filhinha?...

— Aqui, papai; aqui, na face... Tão bom! Era assim que eu sentia... quando mamãe me beijava...

— Pois, foi ela que veio, em espírito, beijar-te, para confirmar o que eu te disse, minha filha, minha pobre filhinha!...

E abraçando a criança, aquele pai extremoso e desolado elevou para Deus uma prece de coração, feita de saude e reconhecimento, para a morta querida...

Leopoldo Machado

(Brasileiro)

O Sonho do Bébé

Eu sonhei num lindo céu
uma coisa de espantar:
que um senhor qualquer me deu
uma bola p'ra brincar.

Essa bola ia correndo
e eu atrás seguia a rir...
E ouvi uma Voz dizendo:
— «Cuidado! Não vás cair...

Essa bola, meu amor,
é um bem frágil brinquedo.
Não a sigas com ardor,
nem a procures com medo».

Criança, vai devagar,
não te lances na corrida;
Não te deixes enganar,
que a bola chama-se — Vida!

Ramos Pereira

AS QUALIDADES

A Fraternidade

A fraternidade é o amor ao próximo.

Esse amor é por vezes muito mal compreendido: julgam uns que basta deixar fazer o que os outros quiserem; julgam outros que devem apenas fazer muitas vénias, tirar muitas vezes o chapéu.

Não. Nós, cristãos e espiritas, não a devemos compreender assim.

Fraternidade é fazer tudo que pudermos pelo nosso semelhante: dar esmola com a mão e o coração, auxiliar o colega na resolução dum problema difícil, encorajar os que sofrem, com palavras e actos.

Quantos meninos há que não deixam os «amiguinhos» pegar nos seus brinquedos, com a desculpa de que os podem estragar!...

Porque não havemos de viver em boa harmonia?

Em vós mesmos reside a causa da desarmonia: expulsai-a e sereis felizes.

Morrer...

Não tenhas medo: morrer
Não custa nada: É viver.
Custa menos que se pensa.
O principal é ter crença.
Morre o corpo; a alma abre a asa...
E vai... É mudar de Casa...

António Nobre

O Meu e o Teu

Entre duas irmãs travou-se uma peleja.
— Esta boneca é minha!
— Não é. É minha só; senão repare e veja.
A sua, por sinal, cabeça já não tinha.

Entram a puxar, desfazem-na em farrapos.
Que lhes ficou depois de tal contestação?
O farelo a cair de envolta com uns trapos,
Cabeça, mãos e pés esparsos pelo chão!
Cessando de lutar,
Vendo a boneca assim, desatam a chorar...

Por mim não sei de quem a linda prenda fosse.
Sei só que o «Meu» e o «Teu» causaram seu destroço.
Meus filhos, não digais—é «Meu»; dizei—é «Nosso».
Além de ser bonito, é útil e mais doce.

António de Azevedo Castelo Branco

(«Lira Meridional»)

ACASO

por F. Noronha

Cur, quianam, porque, porque razão, porque causa escolho este vocábulo para o rótulo do presente artigo ?

Informo, imediatamente: ontem, ao chegar a casa, de regresso de Lisboa, carecendo de consultar o meu exemplar do *Petit Dictionnaire de L'Academie Française,* a palavra *hasard* e os seus sinónimos *fortuna, sorte, caso fortuito, perigo, risco,* volveram-me ao percurso da última parte da notável conferência. do dr. Viriato Correia, na Federação Espirita Brasileira, que acabara de ler no sugestivo texto de *Estudos Psiquicos,* do mês de Setembro.

Enlevara-me todo o depoimento de fé espirita do desassombrado conferente que, por vezes desejei poder abraçar, mas ferira-me o introito da aludida última parte, em que Sua Ex.ª emprega com insistência os termos *casualidade e acaso.*

«O Acaso sabia que, apesar de tudo, diz, aí, o dr. Viriato Correia, devia inflamar-me a centelha da curiosidade, sabia que a minha curiosidade, em leitura, se inflama fàcilmente pelo ineditismo e pela novidade. Havemos de concordar, senhores, que o Acaso é uma entidade altamente inteligente...».

Quizera que não se me deparasse no primor de verdade e de franqueza, que é a mencionada conferência, este modo expressivo que se me afigura, pelo menos de abstenção, perante o público, nos lábios de um espirita.

E não ponho em dúvida o valor ético, a dignidade moral, o cunho tipico de bondade que esmaltam o nobre e simpático brasileiro, impondo-o a justificada estima.

Por mim, desde 1903, corrigi-me, em absoluto, de usá-lo ou empregá-lo.

Foi esta passagem, de comunicação dirigida ao então director do Colégio Militar pelo antigo e sábio professor José Maria Couceiro da Costa Coelho e Melo, muito ilustrado oficial do exército, que me abriu os olhos a tal respeito :

«Não creia, como geralmente acontece, na vã superstição do «acaso». O acaso não é lei da natureza; desde os cataclismos que destroem os mundos até os últimos fenómenos imperceptíveis, todo o *efeito* é fatalmente a consequência de uma *causa* determinante. É lei a «fatalidade», ou, como modernamente se chama, o «determinismo», isto é, a necessária e infalivel ligação das causas aos efeitos : o «acaso» é apenas a *colisão* de efeitos, procedentes de causas sem conexão imediata e necessária; o «pressentimento» que tantas vezes e a todos nos comove, mas de cujos fenómenos a ciência ainda não tomou conta, servindo a palavra *telepatia* para significar apenas um estado mórbido pouco durável, na constância do qual o indivíduo sente o que se passa ao longe; o pressentimento, dizia eu, é sempre o fenómeno resultante da vibração cerebral, irradiada de um foco longínquo, que estremece vivamente pensando em outrem. Há pouco, Lombroso, o sábio antropologista, se achou profundamente enleado por um fenómeno telepático. Estava em Saperga, junto a Turim, com um certo Bruza, residente em Asti. O seu interlocutor, repentinamente, manifestou uma aflição inquietíssima, significando que via sua mãe nos transes da morte; e não houve modo de o serenar, foi-se ! Bruza é um homem sensato, e Cesar Lombroso, confiando nele, procurou averiguar o motivo daquela cena alucinada, com que ficara preocupado. A mãe com efeito tinha sido vitimada com um golpe apoplético, exactamente às 11 horas da mânhã, quando o filho teve a visão terrível daquela crise fatal. Referem-se todos os dias, e acontecidos com muitas pessoas, casos impressionantes desta espécie, que se esvaem logo no esquecimento desprezivel, considerados como futeis coincidências. E, contudo, a própria disposição hereditária para essas crises nervosas é conhecida !

Eu tenho colecção de factos deste género, alguns bem autênticos, porque ocorreram comigo ou com pessoas da minha intimidade. No entanto a ciência nada tem investigado na especialidade, parando nos limites da hipnologia e da sugestão. Parafraseando Galileu, pode dizer-se: *e pur non si muove.* A especialidade, assás impressionante para um cismador, não é apanágio do «histerismo» moderno. Pelos séculos fora ecoam na história os extraordinários factos que é costume considerar como banalidades tradicionais dessas épocas obscuras. Pompeu, na véspera do desastroso dia de Farsália, teve a sinistra visão da morte implacável, a que Júlio César

o votara num paroxismo de ódio. Santo Ambrósio, celebrando missa em Milão, viu S. Martinho expirando em Tours. De Éfeso, Apolónio viu o assassino de Domiciano em Roma. Mário, refugiado em Cartago, viu em Roma os funerais de sua mãe; Saul comunicou com Ananias durante o sono; Aristides com Zózimo; o imperador Teodósio com um dos seus soldados. E, talvez, Santo António, prègando em Pádua, num desalentado momento de descrença na justiça humana, e ajoelhando por instantes no púlpito, tivesse a comovedora visão de seu pai, em Lisboa, conduzido ao patíbulo. Talvez; estamos em tempo de todas as dúvidas, ou de sermos enfim obrigados a acreditar em tudo!

Assim como a electricidade é, por assim dizer, a vida da matéria, o magnetismo animal é a «*emanação da vida e da vontade*». Desculpem-me os sábios a ousadia, considerando que também se atrevem muitas vezes, e nem sempre com probidade e razão.

Poderá ser que o facto impressionante de Lombroso, que, demais, verificou a hereditariedade diatésica da família, seja o rastilho por onde entre na esfera antroposófica a atenção que merecem esses singularíssimos mistérios, que a remota filosofia oriental perfeitamente conheceu.

Um saudoso amigo, que me honrou por algum tempo como discípulo de Literatura e depois cursou, com brilho, a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, António Augusto Cerqueira, elaborando memória, lida em sessão inaugural da Associação dos Advogados de Lisboa, sobre o acaso no Direito Pátrio, (1916), diz, assim:

«Na verdade, esse personagem bifronte a que chamam *acaso* tem dominado através dos séculos e domina de tal forma ainda hoje a vida da humanidade, que só em uma obra de fôlego, trabalhada por mão de mestre, seria possível consignar e analisar detidamente as numerosas relações dele com a ciência do Direito.

«Ao acaso chamava Voltaire «o senhor do mundo».

«Ao acaso deveu Napoleão a sua perda, no dizer de Vítor Hugo. «Se na noite de 17 para 18 de Junho de 1815 não houvesse chovido, o futuro da Europa teria sido diferente. Algumas gotas de água a mais deitaram Napoleão a perder; uma nuvem que passou pelo céu, ao contrário do que era de esperar naquela estação, foi o suficiente para o desabamento de um mundo. A batalha de Waterloo só pôde principar às 11 e meia, o que deu tempo a chegar Blücher. E por que motivo? Porque o chão estava molhado. Foi mister esperar que as lamas enxugassem para a artilharia poder manobrar». Assim o refere o genial autor de *Os Miseráveis*. E do acaso afirmava o vencido de Waterloo ser ele «o *único* dominador do Universo».

Logo a seguir, parágrafo imediato, o Dr. Cerqueira acrescenta: «O que é o acaso»? e prossegue: «os antigos distinguiam os fenómenos que parecem obedecer a leis harmónicas, estabelecidas de uma vez para sempre e os que atribuiam ao acaso; estes eram os que não podiam prever-se, pelo facto de serem rebeldes a todas as leis. Nesta concepção, a palavra *acaso* tinha um sentido preciso, objectivo: o que era acaso para um era acaso para outro e até para os deuses. Diverso é o modo de pensar actual, a semelhante respeito. Todo o fenómeno, por mais insignificante que seja, tem uma causa; e um espírito infinitamente bem informado das leis da Natureza teria podido prevê-lo desde o começo dos séculos. Se tal espírito existisse, não poderiamos jogar com ele qualquer jogo de azar, porque sempre perderíamos. Para ele, com efeito, a palavra *acaso* não teria sentido, ou, antes, para ele não existiria o acaso. Nesta ordem de considerações expostas pelo ilustre professor da Sorbonne, Henrique Poincaré, afirma Bachelier, em um trabalho intitulado *Le jeu, la chance et le hasard,* publicado em 1914, ser impossível definir correctamente o acaso, pelo simples motivo de que o acaso, na verdade, não existe».

O que existe, deveras, é a nossa ignorância; e à proporção do alargamento dos horizontes dos nossos conhecimentos irá, consequentemente, diminuindo aquela. Eis lei formal da Lógica, flama inconsumível de verdade, exemplificação convincente da História!

Vítor Hugo, ao escrever «imensos acasos» condicionou o sentido desta expressão, completando-o, na seguinte: «proporcionados a um infinito que não podemos abraçar». E não ficou por aqui, afirmou ainda, com ênfase peremptória: «Na batalha de Waterloo, há mais do que nuvem, há meteoro. É Deus que passa».

Acaso, não se comporta na filosofia de quem assim se revela e asseverou numa das páginas do famoso livro que dedicou «à ilha de Guernesey», sua prisão temporária: «O segredo dos grandes corações resume-se quase inteiramente na palavra: *Perseverando*. A perseverança está para a coragem como a

"Resumo da Doutrina Espirita"

Do *Reformador*, órgão da Federação Espirita Brasileira, sob o titulo «O primeiro livro de «Estudos Psíquicos Editora» e subscrito por Ismar Brando:

Com gentil dedicatória do tradutor, recebemos o excelente livro «Resumo da Doutrina Espirita», de Gustave Geley, com o apêndice de um Vocabulário Metapsiquico compilado pelo pelo Dr. A. Lobo Vilela.

A obra é clássica e das melhores que enriquecem a literatura espirita. O vocabulário é necessidade de todo o instante e transforma o livro em obra de consulta que devemos ter sempre ao alcance da mão.

A tradução foi feita pelo prestimoso e erudito confrade Isidoro Duarte Santos, nome muito querido dos espiritas brasileiros. Está muito boa, quase impecável, e dois ou três pequenos senões que escaparam na primeira, serão corrigidos em futuras edições.

Devemos felicitar os estudiosos que poderão receber pelo serviço de reembolso da Livraria da Federação, em qualquer lugar do país, o precioso livro de Geley, obra tão necessária a todos os estudiosos.

O facto de ser a primeira publicação de uma nova editora espirita na língua da nossa terra merece registado com júbilo, neste momento em que por aqui estamos lutando por aumentar a capacidade de publicar livros de doutrina. Já é a terceira casa que empreende a tarefa tão necessária de divulgar o livro espirita em língua portuguesa. Que outros e outros volumes surjam da mesma procedência e venham ajudar no Brasil a nossa tarefa de levar o livro espirita a todos os lares. Cada nova editora espirita que aparece é uma colaboradora, não uma concorrente das que já existem; porque contribui para tornar maior o público que se interessa pelo livro espirita.

Felicitamos, pois, os nossos confrades lusitanos pela bravura do empreendimento, ao qual desejamos um grande porvir e sabemos terá grande missão a cumprir.

Da *Revista Espirita do Brasil:*

«Resumo da Doutrina Espirita — Geley — Tradução de Isidoro Duarte Santos — Editora: Estudos Psíquicos» — Lisboa — 1945.

Obra antiga, de pouco mais de 40 anos e de Autor já desencarnado, esta que ora, iniciando, aliás, e esplendorosamente, suas actividades, nos oferece a Editora «Estudos Psíquicos» de Portugal, confiando sua tradução, do francês, à competência de Isidoro Duarte Santos, cujo nome transpôs já, como o do ilustre e saudoso Autor, as fronteiras de seu país natal. *Revista Espirita do Brasil* se há mesmo honrado em transcrever trabalhos do confrade luso e aludir à sua operosa actuação no país irmão.

A tradução por ele apresentada da obra de Geley nada deixa a desejar. E o trabalho da editora, tão digno de louvor quanto a sua iniciativa.

Importa isto, pois, em afirmar tratar-se de uma obra fértil em ensinamentos, e ensinamentos úteis, imprescindíveis, a despeito de quase meio centenário.

---

roda para a alavança; é o renovamento perpétuo do apoio. Quer o fim esteja na terra quer no céu, atingi-lo é tudo...».

Um antigo e arguto advogado em Gand, Paulo Voituron, diz, num estudo filosófico e crítico de *Les Miserables:* «Tornar viva em nós a noção de Deus, é um dos fins que se propõe Vitor Hugo. Não se demora a provar a existência de Deus, mas a demonstrar a sua personalidade e a sua acção no mundo».

Não enfileirou, o imortal filho da heroica Pátria Francesa, entre os supersticiosos que admitem acasos; e não enfileiram nem podem enfileirar com eles, quantos, libertos de preconceitos e sólidos de saber, de ponderada experiência laboratorial e de raciocínio puro, lêem e vêem em tudo e em toda a parte, fenómeno e sua origem necessária, efeito e sua causa virente, ou o princípio de causalidade, transparecendo no todo existente, espaço infinito, duração eterna!

Aspirações de nossas faculdades, ideais convertidos em planos e quadros de realidade, fundo e forma atraindo-nos e cativando-nos, alados sonhos e deslumbramentos opimos, mínimos e máximos, fantasias e exequibilidades, a vertigem das auroras fascinantíssimas e a vertigem das avalanches esmagadoras, nada, absolutamente, é esquivo ao soberano princípios, às leis eternas que presidem à vida e se executam na máquina da universalidade!

Onde assoma o acaso, onde surge propelimento grave e sério para invocá-lo?

Na consciência humana?!...

Voto por esta resposta: no folho e refolho da ignorância apavorada.

Creio-me racionalmente assistido de integral direito a concordar com Bachelier no passo de *Le jeu, la chance et el hasard,* em que declara: «*o acaso, na verdade, não existe*».

Crítica Desempoeirada

O *Jornal de Notícias* de 5 do corrente insere a crítica a um fenómeno ocorrido em Póvoa de Midões e que, pelo seu desassombro, merece transcrição nestas colunas.

O articulista de *Várias Notas* não tem receio de que o apodem de fanático ou supersticioso e enfrenta os possíveis motejos de certos *espíritos fortes*, demonstrando que não sofre de *covardia social*, como pitorescamente apelida a doença ou psicose de muitos escrevinhadores que não falam de assuntos psíquicos, com medo de que os taxem de loucos...

Segue o artigo:

De seia, o professor sr. A. Ramos de Oliveira envia-me a seguinte carta:

«— *Incluso remeto uma nota, recortada da «Comarca de Arganil». Aproveito a ocasião para lhe dizer que rara é a pessoa que não tenha verificado diversos* factos *e que são poucas as casas por esse mundo além, que não tenham o seu* mistério. *Não seria tempo de se fazer muito a sério um estudo psíquico?*».

O recorte a que esta carta se refere, é do teor seguinte: («Comarca de Arganil» 17-12-46):

«*PÓVOA DE MIDÕES, 11. — Existe, nesta povoação, um poço misterioso. Esse poço, que tem 17 metros de fundura, é na propriedade do sr. Salvador Correia, pegada ao cemitério, no sítio do Seixal, e possui um engenho, puxado por um cavalo.*

Ora sucedeu que há poucos dias, quando passava por ali, o sr. Manuel Henriques, desta povoação, notou que o varal do engenho andava em volta, sem ver ninguém que o puxasse. Julgando que alguma pessoa tivesse caído para o poço e se agarrasse à chamiça, dirigiu-se sem demora ao local, para, se assim fosse, procurar salvá-la. Mas nada viu, o que o assustou bastante. Marchou, em seguida, para a quinta pertencente a seu pai e contou-lhe o caso, assim como a várias pessoas, poucas ou nenhumas havendo que o acreditassem.

O curioso do caso, porém, é que, depois disso, já outras pessoas têm visto o engenho a trabalhar. E, ontem cerca do meio-dia, quando ali perto andavam várias pessoas a colher azeitona — entre elas o sr. Francisco Marques Sobral, seu filho Luís Marques Sobral e Orlando Borges — ouviram as pancadas que dava o travão do dito engenho, pelo que correram para o poço, constatando que era uma realidade andar a tirar água sem nada o puxar. Um rapaz quis segurar o engenho, mas não o conseguiu, pelo que resolveram amarrar o varal com uma corda, para ver se se solta para continuar a trabalhar.

Tão estranho caso tem sido o assunto de todas as *conversas*».

Vamos por partes, que o assunto merece alguns comentários...

/ / /

Geralmente estes assuntos não se tratam por uma espécie de *covardia social*. Há sempre uns *espíritos fortes* que negam aos outros a liberdade de acreditarem nos espíritos e nas coisas que ao *espiritismo* dizem respeito. Graças a Deus não sofro dessa covardia, porque me não interessa para nada o que a meu respeito possam pensar os *espíritos fortes* ou os *espíritos fracos*. Não sou *espírita profissional*, não vou nem faço sessões de *espiritismo*, conheço muitos dos embustes e parvoiçadas que lhe andam adstritos, mas o assunto interessa-me e estudo-o há muitos anos *para meu uso mental*. Conheço crentes fanáticos, e descrentes fanatíssimos. Uns e outros me não interessam. Interessam-me os factos e o que dizem sobre esses factos os que, na craveira mental estão muito acima da minha apoucada mentalidade de estudante permanente. A *basezinha* indispensável para estes estudos é, evidentemente, a certeza de que existe o espírito. Ou se crê ou se não crê nesta existência. Se se não crê, acabou-se, nada feito, e não se pensa mais nisso. Não se pode discutir *o que não existe*. Se se crê nessa existência, o caso muda de figura, e então

---

resumo suficiente e eficiente da doutrina espírita, soube realmente entregar ao conhecimento humano um resumo suficiente e eficiente da Doutrina espírita, com o qual completa, como esclarecimento, a obra de Kardec. Concilia o Espiritismo, que é expressão mais alta do Espiritualismo, com o próprio Materialismo, o que faz com habilidade e sobretudo senso lógico.

Por isso mesmo apresenta e demonstra em que os postulados da Doutrina confirmam os da Ciência e da Filosofia no que de mais moderno possam estas exibir.

Talvez porque a obra de Geley, a que nos referimos, em sendo um resumo, se apresente de pequeno vulto, ou seja, de pequeno porte, os Editores juntaram-lhe, enriquecendo assim o valioso volume, dois outros trabalhos de Geley, igualmente traduzidos por Isidoro Santos: «Reencarnação», «Estudo Sobre Mediunidade», e um «Vocabulário Metapsíquico», organizado pelo Dr. A. Lobo Vilela, outro nome índice da cultura espírita luso-brasileira.

podemos conversar, visto que existe a *matéria-prima* que é a origem dessa conversa.

/ / /

Existirá na verdade o *espírito* (do latim: *spiritus*, de *spirare:* respirar), substância simples, incorpórea e inteligente ? Será o *espírito,* como querem Descartes e Malebranche, uma substância de natureza particular que, com as fibras do cérebro, forma os órgãos especiais do pensamento? Se o leitor quer profundar o caso sobre este aspecto, consulte dois livros, que ambos tenho acolá em cima no sótão onde agora não ponho os pés porque faz lá muito frio e eu não tenho dinheiro para aquecimento: chama-se um *De l'homme»,* de Descartes; e o outro, *Recherche de la verité»,* de Malebranche.

Ou será o *espírito,* como quer a filosofia e a religião, o princípio vital, o *ser íntimo* que está oculto no seu envólucro carnal durante a transitória passagem por esta vida ?

O que se tem escrito pró e contra, enche uma biblioteca de milhares de volumes. Eu vou pela segunda *hipótese.* Se o leitor me permite, substituo a palalavra *hipótese,* e ponho: *realidade.* Quer dizer: acredito na existência do espírito, e desta *realidade* não tenho dúvidas.

/ / /

Com Allan Kardec revivesceu o espiritismo moderno, tão certo é que sempre existiu, através dos tempos, a crença nos espíritos e nas suas relações *post mortem* com os que andam por cá, como o comprovam todas as religiões antigas, como o afirmam, *ex-exuberântia,* o Velho e o Novo Testamento, como o pôs em prática; e por assim dizer, o codificou a marcada acção de Kardec. Ora na notícia cujo recorte me foi enviado, e isto é que interessa por agora, conta-se, como o leitor viu, que certo engenho, que existe num poço da Póvoa de Midões, anda à volta sem ninguém que o puxe. E acrescenta-se que este poço fica numa propriedade pegada ao cemitério. Esta a base do *processo* de investigação. E salta logo a pergunta: *isto pode ser?* Eu gosto de perguntas claras e de resposas claras: PODE. Note o leitor que eu não afirmo que seja. Digo apenas que pode ser. Eu sei que a ciência positiva e portanto os fisiologistas nos ensinam que o pensamento é uma função do cérebro e que sem este aquele desaparece, e tudo morre em nós. Isto dizem eles, mas eu não os acredito. Para alguma coisa vale a pena ser ignorante chapado. Para poder, por exemplo, fazer tão categórica afirmação. Nós não temos o direito de negar o que certos factos nos afirmam e que a ciência ou não explica, ou tem dúvidas. O bom princípio, manda-nos não acreditar, seja no que fôr, sem provas. Exactamente por isso eu não sigo a velha escola escolástica das afirmações *a priori,* para seguir Bacon que nos ensina a observar primeiro os factos e a construir depois a teoria. Já vai longe o tempo em que os homens de ciência pensavam que este assunto não era científico e que era perder o seu tempo procurar desvendá-lo. Essa época passou, e hoje os melhores homens de ciência em todo o mundo culto, não desdenham de *perder* o seu tempo, estudando-o.

/ / /

Fixemos melhor. O materialismo que fez as delícias da 2.ª parte do século XVIII, era uma hipótese já hoje insustentável à face dos modernos conhecimentos da matéria que se compõe de milhares de átomos invisíveis considerados eles próprios como centros de força vital, cuja matéria desaparece sob o seu dinamismo. O transformismo de Lamarck e Darwin, baseou-se *exclusivamente* numa verificação de factos e não na sua causa. Ora o produto criado jámais foi ou pode ser superior ao seu criador. Foi ao contrário dito que o grande Oersted proclamou a sua verdade indestrutível: «na natureza existe o espírito». Ah! se eu me pudesse expandir nestas congeminações à sombra dos grandes mestres! Mas não posso. Nem tenho espaço, nem estas colunas são para isso. Senão havia de trazer para aqui o grande químico Humphrey Davy, aquela célebre M.me D'Esperance, que nos deixou um livro famoso, *Au pays de l'Ombre* e os Schiaparelli os Zoellner, os Crookes, os Huggins, os Richet, os Lombroso, os Flammarion, os Marchal e tantos outros, homens eminentes na química, na física, na astronomia, e que sobre estes assuntos nos deixaram páginas formidáveis! ,

Mas não vale a pena. Regressemos ao ponto. Pode ou não pode ter-se dado o fenómeno da Póvoa de Midões ?

/ / /

Pode. Porque afirmo eu tão categòricamente este PODE ? Porque se abrir por exemplo o famoso livro de Camille Flammarion: *L'Inconnue et les Problemes Psychiques,* encontro nele registados fenómenos semelhantes a esse responsabilizados por nomes de perfeita responsabilidade, entre eles alguns médicos notáveis. Dá-nos Flammarion, em manifestações de mortos e suas aparições, 180 casos autênticamente verificados. E se percorrermos os dois grossos volumes da notabilíssima obra de Gurney, Myers e Podmore, *Phantams of the Living,* traduzido em francês por Marillier, encontramos nela, mais 600 factos de igual teor. E note-se que os autores desta obra eram três sábios eminentes e falaram em nome da *Society for Psychical Research.*

Para só citar estes. E eu argumento assim: se estes factos se puderam dar em várias terras do mundo, por que se não há-de poder dar o que nos diz o

A Filosofia Espirita

pelo Coronel Delfino Ferreira

A Filosofia Espirita, não tendo dito a última palavra de seus ensinamentos, por isso que seu conjunto constitui uma Doutrina que se caracteriza em ser fundamentalmente, essencialmente evolutiva, resolve e em parte espiritualmente — o grande problema (eterno para outras correntes de investigações) do Conhecimento do homem.

A Filosofia Espiritica não nos dá sòmente o conhecimento teórico da integral que somos, confirmando teorias antigas, que de Descartes passando por Leibniz e Euler culminaram em Cudworth com seu «mediador plástico», mas demonstrou, experimentalmente, esclarecendo e completando essa teoria e os seus trabalhos do Magnetismo e Hipnotismo, a existência desse mediador entre a alma e o corpo na estruturação do homem, mediador que é a chave de todos os fenómenos que, em grande número, continuam problemas para a Psicologia, digamos, académica, dada sua orientação científica materialista, não obstante pontificando numa sociedade, numa civilização espiritualista.

A Filosofia Espiritica vai além, porquanto, embora não haja ainda demonstrado pràticamente, experimentalmente, a origem do homem, oferece, todavia, racionalmente, o conhecimento dessa origem, bem como assinala o destino daquilo que, no homem, é na lição evangélica de Jesus, a realidade, ou seja a alma.

Dentro mesmo, em consequência desse destino lògicamente assinalado, destino que se fundamenta na Lei da Evolução, lei esta que, sob determinado aspecto se destaca ou se distingue da de Causalidade que tanto atinge ao indivíduo como às colectividades, sejam família, raça, nação, e, assim, ao seu conjunto que é a Humanidade planetária e total (universal), a Filosofia Espiritica completa e ilumina a teoria por si só sem expressão, do Determinismo Histórico, do mesmo modo que ilumina — porque lhe completa o sentido da actuação — a própria Lei de Causalidade ou de Causa e efeito.

Por isto é que a Filosofia Espiritica é apolítica, adogmática, não sectarista. Não é, mesmo, crítica nem violenta, como no fundo a Filosofia de Hegel, embora profunda e extensamente revolucionária, ao mesmo passo conservadora tal como a vera Filosofia do Cristo.

É que a Filosofia Espiritica em sua profunda acção revolucionária, demolidora de velhos preconceitos, antigos dogmas científicos, filosóficos e religiosos, e extirpadora dos alicerces de velhas estruturas em todos os campos da actividade humana, é sàbiamente evolucionista e assim conserva o que está destinado à demolição até o justo momento, diremos mesmo científico momento da necessidade, da oportunidade da demolição. Está nisto a sua ausência de violência.

Caberia aqui declinar os princípios que lhe dão, que lhe proporcionam esses efeitos. Não estou, porém, defendendo uma tese, tão só expondo, de certo modo justificadamente, e em síntese necessária, dado o nosso programa de hoje, a minha orientação filosófica.

Devo, todavia, lembrar que a Filosofia Espiritica, justo porque esclarece e completa o sentido da Lei de Causalidade como as razões do Determinismo histórico, este mais unilateralmente ainda do que a imperfeita compreensão universal daquela, não é fatalista. E não o é porque crê na Liberdade, condicionada, entretanto, ao Conhecimento.

Jesus afirmou: «Buscai a Verdade e a Verdade vos libertará». A Verdade é o Conhecimento das coisas, do homem, dos mundos, de suas leis. É a Sabedoria, soma de Ciência, Filosofia e Fé, ou seja Ciência com Deus, Deus concebido de forma a mais alta possível ao homem, consoante, naturalmente, à infinita gradação de sua evolução, sobretudo moral.

(Do discurso proferido pelo Coronel Delfino Ferreira, ao ser recebido como sócio efectivo na Sociedade Brasileira de Filosofia, do Rio de Janeiro).

«Comarca de Arganil», ocorrido na «Póvoa de Midões»?

Eu não sei se aquilo é verdade ou não é verdade, mas o que afirmo é que factos daqueles e mais extraordinários ainda se têm registado no mundo, sob a responsabilidade, na sua efectivação, de pessoas sobre cuja mentalidade superior não pode haver a mínima dúvida.

De maneira que, respondo, sem hesitar, ao sr. prof. Ramos de Oliveira: o caso que me aponta *pode ser possível.*

Mas esta já vai hoje muito longa e estes assuntos não interessam a toda a gente.

Fiquemos, portanto, por aqui, e ponhamos ponto nesta derivação, com este pensamento de Shakespeare: *«Há muitas coisas no céu e na terra que nem sequer sonha toda a nossa filosofia».*

Se há! A esse respeito nem sequer chegámos ainda ao A B C...

Os Animais e a Telepatia

por Henri Regnault
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Paris

(Tradução de I. D. S.)

Eu creio na existência da alma dos animais. Nem poderia ser doutra forma, pois que, graças aos meus estudos reeencarnacionistas, sei que antes de chegar ao estado humano, que não será o último, o homem passou através do mineral e do vegetal.

Sempre gostei muito dos animais; e naqueles que tive a ventura de possuir pude frequentemente observar até que ponto os seus actos devem ser atribuidos ao instinto.

Os que têm aprofundado o assunto não duvidam de que a inteligência dos animais é facto incontroverso. Tive a maior satisfação de conhecer *Zou,* o cãozito de Mme. Carita Borderieux, que fez experiências com ele durante onze anos. Muitos jornais franceses e estrangeiros lhe consagraram artigos, de 1923 a 1933, data da morte do animal.

Zou nasceu em 1921 em casa de Mme. Borderieux e a sua educação começou em 28 de Março de 1922. Fazia operações simples e indicava os resultados por meio de pancadas na mão da sua dona. Aprendera a bater as dezenas com a pata direita e as unidades com a esquerda.

Mme. Borderieux verificou que o seu cão tinha inteligência pessoal que utilizava com absoluta independência. E se a telepatia explica muitas experiências, outras há que não pode explicar suficientemente.

«Com um simples relance de olhos — escreve a sua dona e mestra — *Zou* dizia o número das pessoas presentes, mesmo que fossem muitíssimas e eu não pudesse contá-las. Em sessão do Instituto Metapsíquico Internacional, disse quase imediatamente que éramos 52, o que ninguém seria capaz de fazer. O número era «exacto».

O detractor do Espiritismo, Paul Heuzé, havia atacado estas experiências em trabalho intitulado *O Detestável Gracejo dos Animais Calculadores.* E em 1928, na tribuna do bairro, tive o prazer de demonstrar o erro daquele que tudo negava, preconcebidamente.

No sábado, dia 23 de Novembro de 1946, obtive a prova individual de que um cão pode receber o pensamento humano.

No domingo precedente, por ocasião da *distribuição das recompensas da Associação de Defesa dos Animais,* assistira eu à apresentação de *Cora,* cadelita de três anos, instruída pela sua dona, Mlle. Charlote Weniger. *Cora* faz adições, multiplicações, divisões, subtracções e sabe dizer o nome que lhe dá a mestra. Tudo isto ela explica com a pata, batendo na mesa, diante da qual se encontra prudentemente sentada.

Falei alguns momentos com Mlle. Weniger e numa visita que lhe fiz combinámos que no dia 17 de Janeiro de 1947 *Cora* seria apresentada nas minhas «Sextas-feiras Espiritas e Magnéticas».

— Conheço sempre o resultado das operações — dissera-me Mlle. Weniger —. E creio que a minha cadelita lê o meu pensamento. A telepatia entre mim e ela parece-me certa. O sr. sabe transmitir o pensamento aos homens, como provam as suas experiências das Sextas-feiras, no Salão de Geografia; por isso, seria interessante ver se Cora conseguiria dar um resultado que eu desconhecesse.

Encontrámos-nos depois no Sábado, 23 de Novembro, às 21 horas. *Cora* tem o hábito de se deitar cedo e nunca fazer experiências nocturnas. Havia alguns dias que estava doente e não comia. A experimentação era, pois, desfavorável. Todavia, os resultados foram magnificos.

Eu via *Cora* pela segunda vez. Éramos quatro — eu, minha mulher, Mlle. Weniger e a cadelita. O animal estava sentado num tamborete diante da mesa e acabava de responder às perguntas da mestra. Mlle. Weniger deu-me então uma ardósia e disse-me que escrevesse nela um algarismo *que só eu conhecesse* e o transmitisse a Cora.

Escrevi 5 e, fixando o animal, emiti intensamente a ideia de que ela batesse cinco pancadas. Cora bateu 5 vezes. Depois escrevi 4, e Cora bateu 4 vezes.

A cadelita não estava bem disposta e

A Situação de Estudos Psíquicos

O artigo que escrevemos em Setembro último acerca da situação de *Estudos Psíquicos* teve natural repercussão em Portugal e Brasil. Embora lentamente, está a esboçar-se um belo movimento de solidariedade que muito nos anima. Vozes amigas continuam a manifestar-se e a acalentar-nos. Como prometemos, transcreveremos algumas cartas que recebemos, demonstrativas do apoio e simpatia de que esta revista é objecto, mesmo em terras longínquas.

Antes, porém, inserimos, *data venia*, o artigo de fundo que o grande semanário *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, publicou em 23 de Novembro passado. Ao Dr. Henrique Andrade, seu prestigioso director e nosso amigo de muitos anos, agradecemos profundamente o apelo que ali faz aos seus numerosos leitores, no sentido de que auxiliem *Estudos Psíquicos*.

«ESTUDOS PSÍQUICOS»

Do grande número de revistas que propagam o Espiritismo, quer as nacionais, quer as estrangeiras, «Estudos Psíquicos» é, sem favor nenhum, uma das mais completas, das mais instrutivas, com uma segura orientação doutrinária.

Além disso, representa, ainda, essa revista um dos mais edificantes testemunhos do esforço, da dedicação, da força de vontade dum homem que vem realizando com destemor e invulgar capacidade de trabalho a árdua tarefa de orientar e conduzir almas.

Esse homem cheio de fé e possuidor de rara energia, chama-se Isidoro Duarte Santos.

Quando homens dessa tempera deixam transparecer receios que atormentam, espectativas angustiosas, possiveis desmoronamentos de edificações erguidas com muito amor e muita lágrima, — o dever de solidariedade se impõe a todo aquele que se alimenta desse mesmo ideal em perigo.

Isidoro Duarte Santos em a edição de Setembro de «Estudos Psíquicos», desfere um brado de angústia, revelando-nos a situação delicada em que ficou colocada a sua revista ante a majoração de 800$00 escudos por número que, inopinadamente, vem de sofrer no preço de suas edições.

Bem compreendemos a aflição do querido companheiro de lutas no campo das coisas espiritas. Bem sabemos o quanto amargam, o quanto nos faz sofrer a espectativa de uma derrocada pela incompreensão alheia.

Também sofremos igual tormento, semelhante dor também nos comprime o coração.

Por isso aqui estamos, a seu lado, solidários, para dizer-lhe:

Não, amigo, «Estudos Psíquicos» não morrerá, como não morrerá «Mundo Espirita» e todos os orgãos difusores da doutrina da Verdade, que tem a dirigi-los os obreiros da fé e sabedores de que estão a serviço dos Espíritos Superiores que do Alto, por nosso intermédio, estão preparando o ambiente da Terra para o surto de uma nova era; era de paz, de felicidade, em que a fraternidade reinará entre os homens.

Espiritas de todo o Brasil! Lêde e meditai sobre este final do artigo de Isidoro Duarte Santos, em «Estudos Psíquicos» de Setembro.

«Já um dia dissemos que, se tivesse de morrer, «Estudos Psíquicos» morreria de pé, como soldado que cumpriu o seu dever ao serviço da causa que abraçou. Ao cabo de sete anos de luta heroica, poderá dizer que morre bem, se for esse o seu destino. Lutou como pôde e enquanto pôde. Contra a força não resistência...

«Se os espiritas compreendessem as dificuldades que se erguem na manutenção de um órgão deste género e a soma de esforço indispensável à sua apresentação, desde o aspecto gráfico ao conteudo científico, doutrinário e puramente jornalistico; se eles soubessem as canseiras e aborrecimento que passamos para dar coisa limpa e séria, como temos feito, talvez nos auxiliassem com seus pedidos de assinatura. Mas assim...

«Têm a palavra os leitores e os amigos da revista. Eles decidirão o rumo de um órgão que defendeu esforçadamente um ideal e desfraldou pendões humanistas, levando-os consigo aos quatro ventos do quadrante».

Confiamos em que os leitores e amigos de «Estudos Psíquicos» que são, também, os leitores e amigos de «Mundo Espirita», saberão decidir a grande causa em foco.

---

por isso suspendemos a experiência para a não fatigar.

Não prosseguimos no nosso trabalho, mas isto mostrou que o meu pensamento foi captado por *Cora*.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

LA RAZÓN DE LA VIDA Y LA FUNCION DEL DOLOR, por *Tiziano Giacometti*, Ed. da Biblioteca «Francisco Barranquero». Buenos Aires. 1946. 12 págs.

Nêste opúsculo, traduz-se um artigo publicado pelo Professor italiano Giacometti em «La Ricerca Psíchica».

Com a vénia que nos merece a figura do Autor, permitimo-nos discordar de algumas das suas conclusões, principalmente quando trata do problema da Dor.

«A dor é pois, aqui, sómente expiação de culpas e erros cometidos em precedentes existências. Mas pode derivar — e assim é na realidade — de culpas e erros cometidos na vida presente».

Se assim é, temos de retrogradar a uma culpa primeira que não pôde ser resgatada imediatamente, em virtude de sobre ela se deporem novas culpas. Caimos em cheio na questão do «pecado original». Logo temos de admitir um momento em que o ser saltou da inocência (da não-culpa) para... a culpa. Errou e violou a Lei. Mas se essa violação é «condição necessária e suficiente para conhecê-la e segui-la», concluiremos por um determinismo ético-psicológico a par dum determinismo fisiológico (como faz o autor). Quer dizer então que o homem pecou necessàriamente, porque caso contrário desconheceria a Lei da perfeição. A dor resulta também necessária, visto ser um corolário da culpa.

Ora a culpa foi imposta, visto que a violação era necessária. Logo o determinismo é externo, ainda que de reflexos essencialmente internos.

Se é imposta por algo que necessàriamente transcendia o Homem no momento de pecar, o Homem não poderia deixar de pecar. Então não foi livre. Porquê e como responsabilizá-lo? Porque há-de o Homem resgatar uma culpa que lhe foi imposta, de que não podia libertar-se? Porquê? A dor aparece-nos assim como uma violência e o homem como um Mártir que expia, injustamente, a primeira culpa em que o lançaram. O homem rolou no abismo porque o empurraram e então as violações da Lei que ele produziu pessoalmente nunca se teriam dado, se o não tivessem obrigado a cair.

Como conciliar agora, sem paradoxo, o livre arbítrio? Giacometti nega-o, lògicamente! Então as novas culpas são ainda forçadas, necessárias. Racionalmente, terei de concluir que só me erguerei quando Aquele que me fez cair e que na culpa-dor me mantém, resolver elevar-me. Por mais que eu lute, isso só terá lugar quando essa Vontade, única livre, o determinar. Para quê então lutar? Para quê, se eu não posso demover essa Vontade do que resolveu em princípio? Resta-me... sofrer aquilo de que não tenho culpa e... esperar... o momento da minha redenção. Eis o puro, absoluto e paradoxal fatalismo.

Pena é que Giacometti não argumente as suas conclusões, porque então ver-se-ia a fragilidade desta construção. Mais longe poderíamos levar esta crítica, mas julgamos que os reparos feitos são suficientes para mostrar a razão da nossa discordância. A teoria de Giacometti é um determinismo providencialista absoluto, contrário à generalidade do pensamento contemporâneo.

A LOUCURA SOB NOVO PRISMA, por *Bezerra de Menezes*. Livraria Editora da F. Esp. Brasileira. 1946. 2.ª ed. 186 págs.

Embora ressentindo-se do estado do conhecimento na sua época (que o faz por exemplo oscilar entre o fixismo e o transformismo das espécies animais), a pesar desse «contra»..., Bezerra de Menezes, o justamente celebrado presidente da Federação Espirita Brasileira de 1895 a 1900, escreveu um «ensaio» de valor em que aborda num plano geral os principais problemas do Espiritismo. Fixando a sua ideia na questão da loucura causada pelas «obsessões», o autor sente e bem a necessidade de demonstrar a espiritualidade do homem e o como do paralelismo psicofisiológico. Para avaliarmos o papel de Bezerra de Menezes, temos de remontar à época em que viveu na terra — a segunda metade do século passado — quando, a par do Espiritismo que erguia a custo a sua voz, se ouviam os berros vitoriosos do materialismo, do cientismo e do positivismo.

O autor combate-os num estudo sério, bem documentado, incisivo, audaz, digno de um pensamento que prefere impor-se pela força da razão. Eis mais uma obra espirita «clássica» para meditação dos «modernos».

NEM A MORTE NOS SEPAROU — por *Carmo Bianco*. S. Paulo. 1946. 186 págs.

Reputamos esta novela literàriamente inferior às outras obras que temos lido deste médium brasileiro. O seu fundo romanesco peca por monotonia de acção que se arrasta do princípio ao fim sem conseguir

acordar um interêsse ou uma emoção fortes. O motivo principal é o amor dum jovem advogado, filho de ricos fazendeiros, por uma linda cabocla com quem casa, amor que se continua espiritualmente depois da morte da recem casada. As paixões de Sófia e Lola são dois episódios encaixados na novela, sem qeu se tenha sabido aproveitar como merecia o dramatismo da morte de Sófia e do seu encontro, num mundo «espiritual», com o pai e assassino. Não há «vida» nesta novela. Mais uma a enfileirar na «colecção côr de rosa»... da biblioteca espirita.

MENSAGENS MEDIÚNICAS, por *Carmo Bianco.* S. Paulo 1946. 105 págs.

Nesta obra reunem-se algumas comunicações recebidas pelo médium Carmo Bianco e ditadas por José de Alencar, D. Pedro II, Isabel, etc. O estilo literário pouco difere de texto para texto, o que pode ser atribuido ao facto de Carmo Bianco não ser um psicógrafo mecânico. Sentimos ainda um repisar monótono da mesma tecla, o que torna a obra uma espécie de plataforma em que os «autores» se nivelaram, não revelando, ou pela ideia ou pela forma, uma caracteristica pessoal.

Porque não faz Carmo Bianco uma escolha mais criteriosa, obedecendo ao princípio lógico de coligir apenas as comunicações marcantes pelo estilo ou pela ideia apresentada? Dar-nos-ia uma obra mais convincente e valiosa.

NA SEARA DO MESTRE, por *Vinicius.* Liv. Allan Kardec. S. Paulo. 1946. 180 págs.

Com o excelente aspecto gráfico já notado noutra edição, apresenta-nos a Editora paulista esta obra doutrinária de Vinicius.

O tema central é um puro evangelismo olhado segundo o pensamento espirita, numa identificação em que a ideia ressalta luminosa, depois de desassombrada dos véus da letra.

Não desejaríamos fazer quaisquer reparos, mas o final do artigo — «Aos obreiros do Senhor» — é uma afirmação que lança o adepto espirita na inércia da pura expectativa: — «Será, pois, de cima que virá sempre a ordem de comando». «Resignemo-nos a obedecer se quisermos, de facto, realizar, nesta existência, obra meritória». Perguntamos: — se a ordem de comando partirá sempre de cima, se o homem se deverá limitar a obedecer, sem uma iniciativa própria, a que se reduz a sua liberdade? A obedecer ou a recusar? Seja assim. Se recusar seguir, virá o castigo. Se obedecer, recebe um prémio... indigno porque não advém de um esforço pessoal, interno, mas de um abaixar de cabeça submisso à ordem emanada do exterior. Nós pensávamos que do Alto não vinham ordens ditatoriais e, sim, conselhos, sugestões, a indicação do caminho da Verdade; que do Alto procuravam que cada homem aprendesse por si a realizar no acto os valores da moral de Cristo. Nós pensávamos que do Alto vinha a solicitação duma Fé activa, dume Fé que busca, e não duma Fé que se resigna, duma Fé de fatalismo. E... cremos que Vinicius também pensa assim, a pesar da infelicidade do final do artigo, em referência. Se não, vejamos o que de Deus nos diz em «A parábola dos dois filhos»: — «Não quer servos nem lacaios; quer filhos que reflitam o carácter e as qualidades paternas». (v. mais «Parábola dos dois filhos).

Gostámos de ler Vinicius, nome já de nós conhecido, e consideramos mesmo esta sua obra muito prestimosa para aqueles que se dedicam à pregação do Evangelho.

ROUSTAING E O CORPO DE JESUS, *por J. Carvalho de Assis.* Ed. da Gráfica Mundo Espirita. Rio 1943. 30 págs.

Nêste opúsculo, o autor debruça-se sobre os Evangelhos, analisando-os com um senso crítico perfeito, mostrando o lado tendencioso de certos exegetas. A sua tese é a refutação da hipótese ronstainguista sobre a natureza fluídica do corpo de Jesus.

Embora sofrendo a limitação do espaço, Carlos de Assis acumula alguns argumentos de peso, não se compadecendo de fantasias e de afirmação demasiado frágeis.

Costariamos de ver este folheto distribuido pelos estudiosos portugueses dos textos evangélicos, porque, a nosso ver, é bem digno de tal.

O SOFRIMENTO COMO RESGATE DE CULPAS, por *J. Carlos de Assis. Ed. da Gráfica Mundo Espirita.* Rio 1944. 30 págs.

Afirma-se, geralmente, como lei que — a dor na Terra é resultante da expiação de culpas passadas. Perfeitamente, Carlos de Assis analisa esta tese e mostra o seu lado frágil, dado pela sua extensão muito relativa. Daí a necessidade de procurar uma lei geral envolvendo as coisas da dor. «O sofrimento como resgate de culpas anteriores... é uma lei de excepção...». «Mas se, entretanto, encararmos o sofrimento como consequência da nossa ignorância e necessidade para o nosso progredir, aí teremos uma lei geral, universal, atingindo os outros seres, sem as excepções que tomam o sofrimento como resgate de culpas, uma lei imperfeita, indigna daquele que tudo sabe e tudo pode» (p. 28).

Mais uma vez apoiamos o pensamento de Carlos de Assis, pelo que não hesitamos em aconselhar a leitura deste folheto bem digno de ser distribuido pelos espiritas portugueses.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

UM CASO DE OBSESSÃO POR «MONODEISMO»

A revista italiana «Luce ed Ombra» publicou há anos um caso notável de cura obtida pelo Dr. C. Magnin, de Genebra, na sua clínica magnética, e que o mesmo apresentou ao Congresso de Investigações Psíquicas de Copenhague. O confrade A. Depascale traduziu-o para a revista «Constância», de Buenos Aires. Eis o curioso relato:

«Entre os numerosos enfermos que eminentes neurólogos e alienistas nos últimos anos me confiaram, alguns casos há que indicam novos rumos à terapêutica científica. Aqui está um episódio dessa natureza.

«A senhora M. tinha 52 anos e sofria de esclerose medular, segundo o diagnóstico de quatro médicos consultados. Era constantemente lançada ao chão, sem causa conhecida e com tamanha violência, que fracturou um braço, o pulso e o nariz. Estas estranhas quedas haviam começado sete anos antes, aumentando sempre de frequência e de violência, e nos últimos dois via-se obrigada a andar de gatas pela casa. Quando estava na rua, encolhia-se toda, a fim de minorar as consequências das quedas inevitáveis. Todo o tratamento foi tentado inùtilmente pelos doutores Iglesias, André Thomas, Abadie e Cardonel.

«Eu comecei por experimentar uma cura de redução psíquica, exigindo à paciente que deixasse de andar de gatas e a marchar encolhida, ao que ela acedeu gostosamente. Apesar de cair muitas vezes, vinha todos os dias ao consultório. Uma tarde, enquanto a enferma aguardava a sua vez na sala de espera, entrou uma médium clarividente que eu tinha chamado para lhe utilizar as faculdades em benefício de outro doente. Quando mais tarde esta médium entrou no meu gabinete, informou-me ter visto, na aura da dita senhora, o fantasma de uma entidade autoritária, brutal e malvada. Posso garantir que a médium não conversara com a senhora M. e não a tinha visto caminhar. Eu também lhe não disse uma palavra a respeito da doente.

«A visão apresentava-se espontâneamente e fazia-me lembrar que a senhora M. me dissera que seu pai falecera subitamente de congestão cerebral, motivada por acesso de fúria, devido a uma discussão com ela própria. Tal concordância de pormenores induziu-me a pôr em relação as duas senhoras, de modo que ignorassem reciprocamente a sua vida.

«Adormeci a médium e logo se manifestou o espírito que ela descrevera. Ao mesmo tempo, contraíram-se-lhe as feições e assumiu expressão de dureza inflexível. Dirigiu-se imediatamente à snhora M., dizendo-lhe:

«— Minha filha... minha pobre filha!... Causei-te muito prejuízo!...

«Depois, começou a queixar-se de dores nas pernas, fez largos gestos com os braços, como quem veste um sobretudo, inspirou profundamente e pegou na mão da senhora M., repetindo:

«— Luísa, minha pobre Luísa! Muito mal te tenho feito! Mas, porque me impedias de sair? Porque me seguias nos meus passeios? Lembras-te do capote? Não me censures... Ah! Aquele capote!...

«E aqui repetiu os gestos com os braços, como se estivesse a vestir o capote.

«Note-se que o nome de Luísa era exacto, embora eu e a médium o ignorássemos absolutamente; e o motivo da discussão entre pai e filha, seguida da morte súbita do primeiro, fôra o capote que ele não queria vestir, apesar da idade avançada (80 anos) e da baixa temperatura existente. Eu afirmo que não conhecia qualquer destes pormenores.

«A médium encontrava-se em estado de «incorporação» espírita. O pai era visualizado como presente e tanto a enferma como a sua filha afirmavam reconhecer a identidade do Espírito, na voz, na expressão, no gesto, na ênfase com que falava e na manifestação do seu carácter. Nestas circunstâncias, escutei com a maior atenção tudo o que a personalidade comunicante me pôde dizer em desabafo. E confessou-me então que muitos anos antes da sua morte a filha o vexara com demasiadas considerações, precauções e cuidados, que ele considerava como falta de consideração à sua autoridade; por isso mesmo, não quisera nunca reconhecer os chamados progressos que diziam ter alcançado após a sua desencarnação, tais como, a electricidade, os banhos, as modas e as comodidades modernas... E depois acrescentou:

«— Morri obsidiado pela ideia de que minha filha Luísa me pusera obstáculos na vida, cerceando-me a independência, impedindo-me de dar os meus passeios e, portanto, tenho-me mantido aferrado a ela, para que compreendesse o seu erro... Ela não deve ter-me rancor... Eu não sabia que a prejudicava. O sr. é que me abriu os olhos, libertando-a fisicamente a ela e moralmente a mim.

«Como os acontecimentos tomassem bom aspecto, comecei a falar e a trabalhar como fervoroso espírita,

exortando a entidade a recalcar aquele ódio infundado e levando-a a dizer à filha:

«— Luiza, afastar-me-ei da casa que foi minha; tu recuperarás o uso das pernas e eu seguirei com Renato (outro filho falecido).

«A médium despertou e dispunha-se a retirar-se, quando teve, novamente, a visão do mesmo homem «autoritário e brutal», mas com expressão mais suave no semblante. E descreveu-o assim:

«Aparência de 78 anos, cor avermelhada, nariz aquilino, olhos fundos, fronte convexa, ossos do crâneo proeminentes e marcados, cabeça calva, cabelos brancos e sobrancelhas fartas e encrespadas. É um velho, mas bem conservado e direito. Tem aproximadamente 1m,70. Acima da cabeça vejo-lhe o número 1913».

«Esta descrição era de exactidão assombrosa; e o facto é tanto mais notável, quanto é certo o pai da doente — um testarudo original — nunca se haver deixado fotografar. A data de 1913 correspondia ao ano da sua morte. Perguntei à médium o dia exacto e respondeu-me: *(17 de Dezembro»*, embora ele tivesse falecido em 18. A médium descreveu também o capote fatal: «cinzento-escuro, mas não preto, muito largo e comprido, chegando até ao tornozelo. Na parte dianteira vejo duas pregas escuras e algumas sombras verticais que não consigo distinguir».

«Esta descrição também era exactíssima e as sombras verticais parece corresponderem às pregas da capa que se usava antigamente».

ABRIGO DE JESUS

Em Junho findo, foi inaugurado em Belo Horizonte, mercê dos esforços da Federação Espirita de Minas Gerais e da União Espirita Mineira, um educandário feminino denominado «Abrigo de Jesus», no qual foram já recebidas 25 crianças. Eis mais uma obra de assistência social que dignifica altamente aquelas duas prestimosas associações espiritas que, prática e laboriosamente, realizam o ideal da caridade cristã.

A inauguração do «Abrigo» foi motivo para que os espiritas mineiros revelassem a coesão fraternal das suas almas e dessem expansão superior ao seu anseio de trabalharem na vasta seara do Mestre, infelizmente ainda hoje tão erma de segadores.

Daqui, com as nossas felicitações, endereçamos votos por que a acção cristã do «Abrigo de Jesus» se expanda cada vez mais, ao lado dos seus congéneres, para que o Espiritismo se imponha ao mundo como uma Unidade em que a acção seja o reflexo perfeito do Pensamento.

O CONGRESSO ESPIRITA FRANCÊS

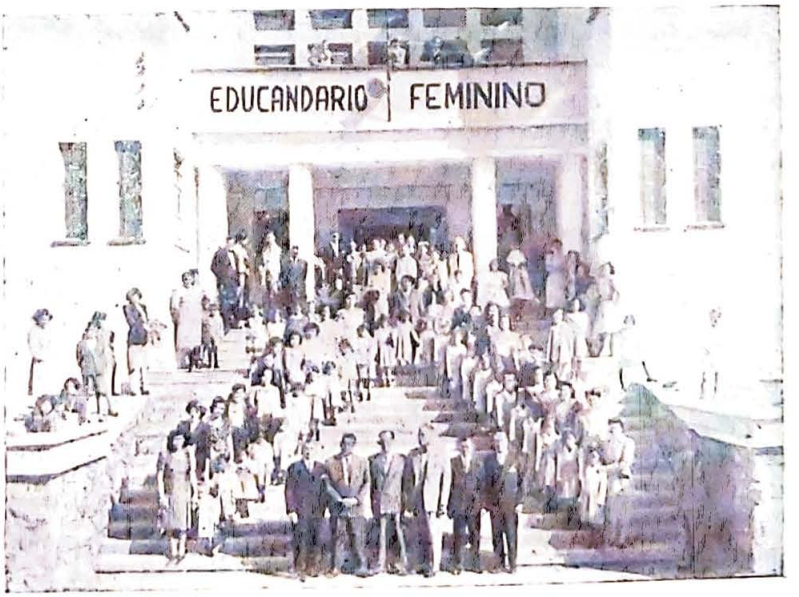
Já nos referimos ao Congresso Espirita Francês realizado em Paris no passado mês de Setembro. Hoje, queremos referir-nos a várias conclusões adoptadas, após os inúmeros e interessantes relatos apresentados pelos espiritas das diferentes regiões francesas.

Georges Gonzalés, secretário Geral da U. S. F. e Secretário Geral do Congresso, desempenhou-se da difícil tarefa com grande dignidade e notável diplomacia. Em virtude de Lemoine, presidente daquela colectividade, se encontrar doente, assumiu a presidência Henri Regnault, vice-presidente da U. S. F. e nosso redactor-correspondente.

Do notável discurso enviado por Lemoine, extraimos os seguintes parágrafos:

Há poucos dias, em 9 de Setembro, a Associação Francesa para o avanço das Ciências convidou os sábios de todo o mundo a expor no Congresso de Nice o resultado de suas investigações. Não é aqui altura própria para lembrar as incisivas palavras de Allan Kardec: «O Espiritismo será científico ou não terá razão de ser». E porque ele é também uma ciência, convidamos todos os investigadores das ciências ocultas, todos os pioneiros do Além, a que nos tragam o fruto de suas pesquisas. Não podemos ignorar a delicadeza e complexidade destas investigações, que exigem de nós moderação, sagacidade, coragem e prudência. Nem sempre temos caminhado para a luz. Mas, sempre assim foi no curso das idades; e se a ciência oficial, durante a sua longa história, conheceu períodos de esplendor inigualável, também suportou intermináveis ciclos de penumbra... O problema que nos atrai é de extraordinária importância e no seu estudo já nos precedeu a coorte ilustre dos Allan Kardec, dos Delanne e dos Crookes.

Os trabalhos do Congresso foram divididos em quatro secções: Ciência, Prática, Filosofia e Propaganda.



Ciência — Esta parte permitiu o estudo dum relatório de Gonzalés acerca da força necessária à levitação de mesas, implicando considerações de mecânica racional.

Mme. Gal, de Nice, apresentou também um trabalho a respeito da exteriorização do duplo etérico do ser humano.

André Dumas, tesoureiro da Federação Espirita Internacional, apresentou uma moção, pedindo que seja estudado o mecanismo das comunicações espiritas.

Henri Regnault disse que o célebre Esnesto Bozzano demonstrou que há fenómenos impossíveis de explicar sem a intervenção dos espíritos. Alguns deles não puderam ser explicados pelos metapsiquistas que, em vez de responder a Bozzano, não ligaram importância a esses factos. Noutro relato, Henri Regnault mostrou a necessidade de se estudar o magnetismo, ciência que prepara a senda do Espiritismo.

Prática — Brossy, de Saint-Etiènne, apresentou um relatório, no qual deu inegáveis provas da intervenção dos espíritos, em grande número de experiências feitas à luz do dia. Eis alguns exemplos: Pegando em números de quatro algarismos tirados ao acaso, o médium indicou exactamente o logaritmo desses números; por outro lado, este médium transmitiu comunicações em russo e chinês, embora nenhum elemento do grupo conhecesse essas línguas. Foi preciso recorrer à intervenção de tradutores especiais.

Pourquié, presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos e Morais, de Toulouse, indicou um caso de identificação espirita e André Dumas relatou fenómenos espontâneos impressionantes que convenceram alguns materialistas.

Delmarre de Monchaux proporcionou aos congressistas longa experiência, na qual expôs as qualidades indispensáveis a um bom clarividente.

Por fim, Gonzalés deu conta de vinte anos de experimentação, fazendo considerações ecerca da prática do Espiritismo.

Filosofia — Henri Regnault foi delegado da U. S. F. ao Congresso Espiritualista Mundial, realizado em Bruxelas, em Agosto de 1946. Leu a Carta Espiritual da Humanidade adoptada naquele Congresso, a qual deve ser apresentada aos governos de todas as nações.

Mme. Misset-Hopès sublinhou a importância do Espiritismo no mundo actual.

Feugas indicou um caso provável de reencarnação e Gaston Luce, de Tours, baseado em comunicações de elevada moralidade, provou a importância do Espiritismo na orientação moral de ser humano.

Propaganda — André Dumas insistiu na necessidade de adaptar a propaganda às exigência da actual mentalidade científica.

Henri Regnault, depois de lembrar porque se deve propagar o Espiritismo, tanto nos meios particulares, como no grande público, indicou a necessidade de propaganda intensa e de acção comum com a *Union Spirite Belge*.

Gallioz, de Grenoble, apresentou um exemplar do jornal *Le Dauphiné Liberé*, onde publicou as suas experiências pessoais.

Viala, de Orão, sublinhou a bela influência do Espiritismo nas populações da África do Norte.

Finalmente, André Richard, de Douai, indicou em termos felizes a maneira de fazer a propaganda pública e demonstrou largamente a sua experiência, relativamente à organização de reuniões.

A Federação Espiritualista do Norte apresentou uma tese, na qual se demonstra a forma de elevar a moral e de desenvolver o Espiritismo, agrupando todos os que buscam a verdade e a calma.

O Congresso, que foi grande e memorável jornada de unificação e propaganda digna de imitar-se noutros países europeus, onde a doutrina espirita tem muitos e operosos adeptos, decidiu a realização de Congressos Espiritas anuais, ora na Província, ora na Capital. O de 1947 realizar-se-á em Lile, no Norte da França.

PODER ESTRANHO

«Durante a visita do Tashi Lama à Índia, perguntaram-lhe se de facto ele possuia poderes psíquicos muito especiais. O chefe espiritual do Tibet sorriu, mas não respondeu. Em poucos minutos o Tashi Lama desapareceu. Os que estavam presentes procuraram o Tashi Lama, mas tudo foi debalde. Porém, alguém que neste momento entrara no jardim onde isto se passava, ficou estupefacto diante desta cena estranha: o Tashi Lama, sentado calmamente debaixo duma árvore, enquanto à sua volta, ansiosamente e em vão, algumas pessoas o procuravam.

«Outro caso do poder da vontade: no comboio dos Caminhos de Ferro de Bengala encontrava-se um Sadú sem bilhete. Na primeira estação puseram-no fora. O Sadú foi sentar-se na plataforma muito próximo da locomotiva, e lá ficou imóvel. Deu-se o sinal de partida, mas o comboio não se mexia. Os passageiros já haviam notado o que se passara com o Sadú e prestavam-lhe atenção especial. Foi dado novo sinal, mas o comboio não partia. A instâncias dos passageiros, o Sadú foi levado à sua carruagem e só depois do homem se instalar solenemente no seu primtivo lugar, o comboio partiu sem novidade.

(De «*Heart of Asia*» de Nicholas Roerich e que em português se intitulará «O Coração da Ásia». A tradução será feita por Raul de Sepúlveda Fontes, a quem Roerich concedeu a necessária autorização).

Notas & Comentários

VICISSITUDES

Após alguns meses de vicissitudes, *Estudos Psíquicos* volta às 32 páginas, na esperança de que os recursos enfrentem as dificuldades. Para isso, tivemos de elevar o preço da assinatura. Não havia outra escapatoria. Se não adoptássemos essa medida de emergência, teríamos de esgotar os últimos cartuchos em luta inglória com o Moloch da indústria gráfica.

Brevemente enviaremos para o correio os recibos de cobrança do primeiro semestre de 1947 e desde já pedimos aos estimáveis assinantes que lhes dêem breve e rápido acolhimento, a fim de continuarmos a nossa marcha ao serviço do Espiritismo.

«AFRICANISMO E ESPIRITISMO»

O trabalho que o nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro publicou em 1946 nesta revista sob o título acima, vai ser editado em folheto pela Editora Gráfica Mundo Espírita, da Capital Carioca, como homenagem a *Estudos Psíquicos*, deferência que muito agradecemos.

Deolindo Amorim, jornalista cintilante e hábil manejador do vernáculo, bem merece que seus artigos assim intitulados tenham circulação maior noutras latitudes.

Ao Dr. Henrique Andrade, as nossas veemenes saudações e sinceros agradecimentos.

NOVOS REDACTORES-CORRESPONDENTES

Prosseguindo na sua tarefa de expansão, *Estudos Psíquicos* vai ser representada em Pernambuco e na Baía por dois operosos trabalhadores muito conhecidos no meio espírita brasileiro. São eles: o Capitão Nelson Kerensky e o jornalista Alfredo Miguel. A sua acção não desmerecerá o conceito em que são tidos naquelas regiões da pátria irmã. Ambos sinceros e devotados e com grandes serviços à Causa, continuarão a dar-lhe o seu esforço do alto destas colunas, concitando a atenção doutros amigos que a seu tempo comandarão um sector nesta barricada.

Esperamos a vinda de outros redactores-correspondentes, não só do Brasil, como de Bruxelas, S. Tiago do Chile, Cuba e Porto Rico. O Espiritismo de *Estudos Psíquicos* terá carácter internacional. Depois, estenderemos a acção aos países anglo-saxónicos.

O nosso lema é servir a Doutrina com consciência, grangeando-lhe o maior número de adeptos. Deus nos ajudará.

O ESPIRITISMO NA FRANÇA E NA BÉLGICA

Os nossos confrades franceses e belgas continuam a trabalhar com afinco na propaganda do Espiritismo. No dia 26 do corrente, Mr. Georges Gonzalés, secretário geral da *Union Spirite Française*, presidente do Grupo *Amour, Lumière et Charité* e secretário geral da *Comissão de Fotografia Transcendental*, fará uma conferência em Liege, intitulada «La Mort n'est pas» (A Morte não existe) e realizará experiências demonstrativas da existência do fluido humano.

Por outro lado, o Serviço Permanente dos Congressos Espiritualistas Mundiais funcionou sob a presidência de Monsenhor Van Ryswyck e o Secretariado Geral sob a direcção do antigo senador Mr. Wittemans. A sede social é em Bruxelas. A secção francesa está em formação e já reuniu em 28 de Novembro último.

FECUNDIDADE ESTRANHA

Segundo o *Sunday Times, de Johannesburg*, em telegrama de Columbus (Ohio), América do Norte, a senhora Mary Jones, avó com 65 anos de idade, deu à luz o 27.º filho. Tem 21 filhos vivos. Teve 6 casais gémeos. Seu marido fez há pouco 60 anos.

MENINA QUE NÃO CRESCE MAIS

O mesmo jornal publica também um telegrama de Londres acerca duma criança de quatro anos que deixou de crescer aos dois anos, o que representou verdadeiro problema para os clínicos do Hospital de Crianças de Great Armand Street. Os médicos não descobrem a causa, nem têm esperança de que ela cresça mais.

Esta menina de olhos azuis e cabelos louros, com pronunciado talento para cantar e dançar, é Jean Langley. Tem 76 centímetros de altura e pesa nove kilogramas. Seu irmão Brian, com dois anos de idade, é meia cabeça mais alto do que ela, mas o que ela não tem em quantidade, tem-no em qualidade. A sua capacidade mental é tão grande, que os inspectores escolares resolveram deixá-la frequentar as aulas no próximo ano, a pesar de fazer os cinco anos em Agosto e as crianças na Inglaterra entrarem na escola aos sete anos, como sucede em Portugal.

Noticiário

AUXILIO AOS NECESSITADOS

Recebemos mais os seguintes donativos com destino à subscrição do Natal e que muito agradecemos:

Transporte do número anterior — 4.233$90; E. Soto-Maior, 3$50; António Pereira, 10$00; Manuel Cesar Casimiro, 10$00; Isaac Marques, 20$00; J. Cortesão, 20$00; J. F. de Sousa Varela, 20$00; S. A. S., 10$00; Carlos Bivar, 10$00; Júlio Estevens, 2$50; Jaime Varela, 20$00; H. S., 20$00 Guilhermina Rodrigues Oliveira, 5$00; António Rodrigues Alves, 10$00; Augusto Silva Correia, 20$00; Anónimo, de Coruche, 50$00; Eduardo Fernandes Matos, 50$00; José da Silva Borges, 50$00 Alberto César Soares, 10$00; Zahyra Almeida Melo, 20$00; Auta do Espirito Santo, 10$00; Francisco E. Carvalho Simão, 50$00; Elvira Marques da Silva, 10$00; Jorge Cláudio da Silva, 5$00; Izilda de Jesus, 5$00; Natália Duarte Cunha, 10$00; António Roque Pinto, 10$00; João Ferreira, 5$00; José Martins Correia, 5$00; João Roxo, 5$00; José Constantino Brites, 20$00; César, Alves 20$00; António Gonçalves de Campos, 20$00; Henrique da Silva Horta, 20$00; Agostinho Oliveira Rocha, 20$00; Mariana Aguiar Cabral, 5$00; Manuel Humberto Cunha, 10$00; Lídia Correia da Graça, 20$00; Aires dos Santos Pinto, 200$00; Francisco Sousa Pereira, 10$00; Sara de Castro, 20$00; Monteiro Lourenço, 20$00; Delfim Nunes de Figueiredo, de Nova Iguassu, Brasil, 116$00; Joaquim Estevão Rodrigues, 10$00; Albano António Ribeiro, 20$00; António Pereira da Silva Teixeira, 200$00; Luzia Martins Alves, 20$00; Maria Alice de Sousa, 30$00; Gertrudes Marramaque Silva, 5$00; Anita Silva, 5$00; Laura do Carmo, 5$00; M. Ernestina da Costa, 10$00; M. C. Ribeiro V. Dias, 7$50; Dagoberto M. Silva, 2$50; D. Celeste, 5$00; Alexandrina A. Gonçalves, 2$50; Maria R. V. Silva, 2$50; Pierre Cartes, 5$00; Ana R. S. Monteiro, 3$50; Adelaide Ferreira, 20$00; Jorge M. L. S. Graça, 5$00; António M. D. Coelho, 3$00; Aurea L. da Silva, 5$00; Uma crente de 90 anos, 2$50; Marguerite Lopes, 2$50; Rui e Manuela, 2$50; Alvara Margarida, 2$50; Abilio Roiz, 2$50; Hermínio Mimoso, 10$00; Maria José, 2$50; Fernando Morais de Carvalho, 20$00; Grupo Espirita Amor do Redentor, 200$00; A. M. e A. P. A., 600$00; António Rodrigues, 10$00; Irmã Dulce, 20$00; Fernando Morais de Carvalho, 20$00; Manuel R. Cunha Branco, 10$00; José Silva Pereira, 10$00; Manuel J. da Cunha, 20$00; João Machado Rocha, 15$00; José Gomes Garcez, 10$00; José Pinto Monteiro, 5$00; João Paulino, 10$00; Manuel Tavares Grelo, 10$00; Amélia Moreira C. Neves, 10$00; António Proença Barata, 2$50. *Total* — 6.574$90.

DISTRIBUIÇÃO DOS DONATIVOS

Apesar da grande crise existente, ainda pudemos contemplar 300 famílias necessitadas, mercê da generosidade dos nossos amigos e confrades, aos quais muito agradecemos.

Como chegassem novos donativos depois do Natal, foram distribuidos por hospitais e prisões, de preferência aos internados sem familia nem visitas.

Um grupo de senhoras encarregou-se de procurar os necessitados nos bairros miseráveis de Lisboa. Entre elas, pomos em relevo a acção de D. Maria Clementina França, obreira incansável que percorreu a capital, arrostando com a chuva e o mau tempo, para que a distribuição correspondesse ao fim determinado.

Oxalá que em Dezembro de 1947 possamos aumentar ainda mais o nosso raio de acção. O que fizermos em benefício dos outros ser-nos-á levado em conta. Nada perderemos, pois, alienando alguns centavos em benefício dos pobrezinhos que a miséria acossou.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, a Dr.ª Raquilde dos Anjos Pires realizou no Centro uma interessante conferência intitulada «Como ensinar religião às crianças». Podemos dizer que foi uma estreia auspiciosa, tal a forma como se desempenhou da sua árdua missão.

Depois de fazer o resumo histórico do assunto, expôs o seu plano de acção, no sentido de racionalizar o ensino religioso no campo neo-espiritualista, demonstrando assim o seu amor à Causa, aliado a grande equilíbrio mental e espiritual.

Esta nossa prestante colaboradora dirige a *Página Infantil* intitulada *Para os irmãos pequeninos*, que *Estudos Psíquicos* começa a publicar neste número. Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos de saudação e esperamos que o seu esforço metodizado produza belos frutos em benefício dos homens de amanhã.

Ramos Pereira realizou também uma óptima conferência, intitulada «O Espiritismo e a Vida», na qual demonstrou as aplicações práticas do Espiritismo, ouvido sempre com o maior interesse até final da sua exposição.

Ao encerrar os trabalhos, o nosso director formulou a seguinte pergunta motivada pelas referências do conferencista às teorias de orientação profissional:

— *Será lógico dar ao homem uma profissão, tendo em vista as tendências inatas? Em caso afirmativo, estará isto de harmonia com as leis da evolução?*

Alguns confrades presentes prometeram estudar a resposta e apreseniá-la na próxima conferência.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE FEVEREIRO

Atenção *— De futuro, os trabalhos que se realizavam nos domingos, às 16 horas, passarão a realizar-se nos sábados às 21,30, a exemplo do que sucede na Federação Espirita Portuguesa.*

Dia 1 de Fevereiro, às 21,30 — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 8 de Fevereiro, às 21,30 — Conferência por D. Ivone de Sousa, intitulada «Educação Neo-espiritualista.

Dia 15 de Fevereiro, às 21,30 — Sessão experimental com a médium D. Maria Cecilia Gorina.

Dia 22 de Fevereiro, às 21,30 — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Da Mediunidade. Categorias e Natureza».

Dia 1 de Março, às 21,30 — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

8.º ANO — LISBOA, FEVEREIRO DE 1947 — N.º 2

Redactor: **Ramos Pereira** | Director e Editor: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

EXPANSÃO

Com o número de Janeiro iniciou «Estudos Psíquicos» novo ciclo de expansão por terras brasileiras e da estranja. Foi a Pernambuco, à Baía, ao Paraná, a Santa Catarina, ao Rio Grande do Sul... Depois deu um salto ao Chile e regressou a Lisboa por Liege. O resultado da viagem começa a ser conhecido neste número, através do Capitão Nelson Kerensky, redactor correspondente no Recife.

Alguns colaboradores vieram por intermédio de Deolindo Amorim, têmpera de lutador, lúcida inteligência apoiada em boa dose de humanismo. Tem sido poderosa alavanca de expansão e por isso lhe devemos inestimáveis serviços.

Por seu turno, a página infantil chamou a atenção de colaboradores especiais. A pequenada terá aqui o seu cantinho. «Para os Irmãos Pequeninos» será uma espécie de sobremesa mensal que os miudos receberão gulosamente.

Enfim, por toda a parte nos saudam com carinho. Por toda a parte vemos sorrisos acolhedores, amigos nos incitam a continuar e em toda a parte afirmamos a nossa fé e desjo de vencer.

No nosso movimento faltava uma revista que reunisse em coro as vozes do Espiritismo Mundial.

«La Revue Spirite» tinha grande projecção, é certo, não só por haver sido fundada por Allan Kardec, como também por inserir colaboração de grandes vultos espiritas franceses e italianos, a par de vasto noticiário. Mas o que ela nunca apresentou foi a rede de colaboradores que fazem de «Estudos Psíquicos» uma revista «sui generis», única no mundo, dentro da sua especialidade.

A lingua portuguesa é falada por mais de cinquenta milhões de almas, em Portugal e Brasil. Além disso, é compreendida por todos os povos sul-americanos. Há nela bases para divulgação de qualquer ideia, por mais estranha que seja. Eis por que esta revista se expande no mundo, sobretudo entre as classes cultas da sociedade.

Em virtude de certos factores, o seu preço é pouco acessível; mas trabalhamos no sentido de o baixar, com penetração maior nas regiões onde deve ser lida proveitosamente.

No próximo número, apresentaremos o redactor-correspondente em S. Tiago do Chile, D. Ernesto Moog, Presidente da Sociedade de Estudos Metapsíquicos naquele belo país, se a tempo nos chegar a sua fotografia; ou Mr. Achille Biquet, redactor em Liege, onde exerce o cargo de vice-presidente da «Union Spirite Belge».

Ernesto Moog já nos mandou a sua colaboração por via aérea. É um grande pioneiro de Espiritismo Científico que os leitores portugueses muito apreciarão.

Estamos convencidos de que este amigo alargará a sua colaboração a «Estudos Psíquicos Editora» com a «Introdução ao Espiritismo Científico» em que trabalha actualmente e se encontra em vias de conclusão. Será mais um laço a prender-nos a quem alegremente vem ocupar um lugar de honra neste humilde mas valente baluarte.

E assim vamos fazendo a ronda do mundo, buscando elementos para a obra que há oito anos princípiamos com entusiasmo, nunca julgando que passaria as fronteiras de Portugal, atravessasse a Europa e se expandisse nas Américas.

Mas o homem põe e Deus dispõe, como já aqui dissemos um dia. E a obra prossegue ininterruptamente, accionada pelos homens e protegida pelos guias espirituais, que do Alto nos enviam palavras de coragem, que são verdadeiros incitamentos.

Pela nossa parte, não descansaremos, enquanto não fizermos desta revista um forte reduto do Espiritismo internacional, ou antes, do Espiritismo latino.

F/47

As Cinco Proposições do Espiritismo

pelo Coronel Faure da Rosa

PAUL Courquim escreveu na «Revue Spirite» que existem meios seguros de demonstrar as proposições fundamentais do Espiritismo e enuncia, como segue a primeira proposição:

Produzem-se factos que não obedecem às leis conhecidos da física.

Estes factos inabituais parece que não são produzidos por uma força automática, imutável e monótona, como acontece com os factos submetidos às leis físicas; mas parecem, pelo contrário, produzidos por uma fôrça variada, que com toda a evidência, são devidos ao pensamento humano.

Esses factos levam-nos a concluir que existe um mundo desconhecido e inteligente, — segunda proposição.

É uma verdade temível para aqueles que não estejam desembaraçados das suas superstições antes de a considerar.

Se quisermos prosseguir nas nossas investigações, precisamos admitir que qualquer coisa existe dessas causas invisíveis, com a condição de nos conservarmos igualmente afastados da credulidade religiosa e da dúvida sistemática.

Duas hipóteses acodem naturalmente:

1.ª — *As manifestações inabituais são devidas a faculdades ignoradas do espirito humano;*

2.ª — *As manifestações inabituais têm por causa espíritos independentes,* ou melhor espíritos libertos da prisão da carne, que o mesmo é dizer espiritos desencarnados.

A primeira é a hipótese metapsíquica, a segunda é a hipótese espirita. Ambas são verdadeiras e podem até dar lugar a outras hipóteses, mais ou menos exactas, conforme os casos.

A imagem simbólica é percebida pelo médium, e isto necessita um estado consciente respectivo, *ao mesmo tempo* que a imagem é construida, o que necessita um estado consciente produtivo. Por conseguinte, está bem definida uma inteligência independente da do médium. Essa inteligência não pode ser a de um espirito encarnado; porque este, para representar o acontecimento, precisaria conhecê-lo, e, por consequência percebê-lo directamente, o que implicaria que o médium o poderia também perceber, e isto tornaria o símbolo inútil. Além de que, em tal conjectura, o símbolo seria transmitido telepáticamente e sabe-se que a telepatia consciente não consegue transmissões desta natureza.

A médium D. Maria de Jesus tem tido vidências simbólicas: algumas claramente compreensiveis e outras indecifráveis por virtude de transcendência dos símbolos apresentados.

Há, porém, vidência de acção simultânea cujo valor não pode ser contestado. Entre as vidências não simbólicas da médium D. Maria de Jesus sobressai a que diz respeito ao médico Dr. Póvoas.

E o que importa saber, também, é que esta médium é também clariaudiente. Foi por isso que ela ouviu e transmitiu duas expressões usadas na intimidade pelo Dr. Póvoas na vida terrena.

Podemos, portanto, enunciar a terceira proposição:

Esse mundo inteligente, o do Além, é independente da humanidade terrestre.

Cada um é livre de tirar a conclusão que o seu entendimento lhe primitir; a responsabilidade só a ele cabe, a conclusão só a ele obriga. Ninguém tem o direito, em nome da sua conclusão, de impor ao movimento espirita tal ou tal forma. Para que outros partilhem do seu ponto de vista, devem-se adoptar argumentos que mereçam aprovação, por os acharem judiciosos e não por se sentirem constrangidos e aceitá-los.

Se queremos servir-nos do raciocínio, por pouco que seja, temos que lhe ser fiel e não aceitarmos bruscamente as opiniões que ele condena. Se acreditamos poder passar sem o raciocínio, nada podemos estabelecer com certeza e depressa nos apercebemos que não temos ideias próprias. É a submissão completa ao raciocínio alheio.

Todos nós temos obrigação de avaliar a extensão da nossa ignorância; todos nós emudecemos diante do desconhecido; quedamo-nos cheios de atenção e de respeito diante daquilo que é insondável, mas não sentimos o menor temor. Soframos com resignação o que não podemos evitar.

Busquemos a causa de todos os fenómenos que os nossos sentidos vêem e observam, visto que os sentidos nos foram dados para perce-

ber esses fenómenos, como também nos foi dada a inteligência para os discernir.

Não é o fenómeno da nossa existência o mais importante de todos e não é esse aquele que a nossa razão deve preferir para lhe procurar a explicação ?

Sabemos que existe um mundo invisivel e inteligente, independente da humanidade terrestre e que com ela comunica.

Quanto mais avançarmos nas nossas relações com os desencarnados, com os nossos queridos ausentes, menos suspeitas nos parecerão as provas fornecidas.

A circunstância de um espírito assinalar o esconderijo de um objecto, cuja existência toda a gente ignora, só pode constituir prova para aqueles que assistirem à descoberta e acreditarem na lealdade da assistência. Os outros julgar-se-ão sempre com o direito de propalar aos quatro ventos que não foi mais que embuste.

As provas que um espírito dê da sua entidade, não têm valor senão para aqueles que o tenham conhecido ou que, sobre a sua vida terrena, possuam testemunhos seguros. Os outros que dele não tenham nenhuma informação, nenhum meio de crítica possuem também.

Esta dificuldade probatória não é grave.

Quando se chega a este ponto de estudos espiritas, já se não é como o céptico que exige que *lhe dêem provas, porque é o próprio espiritista quem as procura.* Parece que é necessário — e esta dedução é muitissimo importante — que os investigadores se reunam em pequenos grupos — *os grupos nucleares* — para se certificarem dos factos que mais se relacionam com a sua mentalidade; e como, em regra, se agrupam pelas afinidades prováveis dos componentes, recebem comunicações que os interessam tanto sob o ponto de vista moral como científico.

Ninguém deve pensar em fazer experiências antes de estar suficientemente instruido no Espiritismo. Devem-se estudar minuciosamente as obras que assinalam os inconvenientes e os perigos: Allan Kardec, Leon Dénis, Gabriel Delanne, estes principalmente.

Quem tenha lido *O Além Para Todas as Inteligências*, de J. Lhomme, há-de recordar-se da enunciação dos inconvenientes e perigos que corre todo aquele que entre na experimentação espirita sem prévia preparação. Lhomme indica os mesmos livros que Paulo Courquin.

A quarta proposição é assim concebida :

A maioria dos espiritos que compõe o mundo invisivel, viveu na terra.

A quinta proposição, a que tem mais consequências morais e filosóficas, pode enunciar-se da seguinte maneira :

O destino de cada um é reencarnar para corrigir os defeitos e evoluir do mal ao bem, até à sua libertação definitiva.

Foi com as cinco proposições transcritas, que Paul Corquin, Secretário dos Amigos da «Casa dos Espiritas», de Paris, demonstrou as verdades do Espiritismo, verdades que devem ser cientificamente estabelecidas, tanto pela experiência como pela razão.

BONS PRECEITOS

1.º **Domine a língua. Diga sempre menos do que pensa. Cultive a voz baixa e suave. O modo de falar impressiona mais do que o que se se fala.**

2.º **Pense antes de fazer uma promessa e depois não a quebre, nem dê importância ao quanto lhe custa cumpri-la.**

3.º **Nunca deixe passar a oportunidade de dizer coisas meigas e animadoras a uma pessoa ou a respeito dela.**

4.º **Tenha interesse pelos outros — em suas ocupações, seu bem-estar, seus lares e famílias. Seja alegre com os que riem e lamente com os que choram. Aja de tal maneira, que as pessoas com quem se encontrar sintam que V. lhes dispensa atenção e lhes dá importância.**

5.º **Seja alegre. Conserve os cantos da boca voltados para cima. Esconda sob um sorriso as suas dores, desapontamentos e inquietações. Ria nas histórias boas e aprenda a contá-las.**

6.º **Conserve a mente aberta a todas as questões de discussão. Investigue, mas não argumente ! É próprio das grandes mentalidades discordar e ainda conservar a amizade do seu oponente.**

7.º **Deixe falar as suas virtudes por si mesmas e recuse-se a falar das faltas e fraquezas de outros. Condene os murmúrios. Adopte uma regra de falar só coisas boas dos outros.**

8.º **Tenha cuidado com os sentimentos dos outros. Frequentes gracejos e críticas, magoam quando menos se espera.**

9.º **Não faça questão das observações más a seu respeito. Viva de modo que ninguém as acredite.**

10.º **Não seja excessivamente zeloso de seus direitos. Trabalhe, tenha paciência, conserve-se calmo, esqueça-se de si mesmo, e receberá a rcompensa.**

F/47

COMPREENDER DEUS

por Yvone de Sousa

O homem, partícula infinitesimal do domínio absoluto de Deus, sujeito a infinitas transformações — como de resto, toda a matéria organizada — não poderá jamais conceber a Verdade pura se dele não se aproximar e fizer por bem o compreender.

Qual será a melhor maneira de nos aproximarmos de Deus e de o compreendermos?

Amando a sua obra no canto mavioso das aves, que, nos ramos, ligeiras e ledas saltitam alegremente; reparando no murmurio do regato cristalino correndo através das regiões rochosas onde a sua água límpida se purifica; na brisa fresca que nos deleita em tardes amenas de estio; nos espaços siderais onde toda a vida universal se revela em completa harmonia; nos mundos que nem por um momento, sequer, se afastam das órbitas que lhe estão destinadas pela lei da atracção universal, e, em todas estas demonstrações de harmonia e beleza, só encontramos expressões do poder e sabedoria de Deus.

Olhando para o mais simples organismo em desenvolvimento notaremos que uma imperiosa necessidade de agregação contínua de elementos o obrigam a manifestar gradualmente o fim que se propõe atingir. Temos o exemplo do organismo monocelular, que em seu princípio em vida vegetativa é como que o embrião de todos os seres de complexa organização. Dos monocelulares transmigram aos organismos mais transcendentes pela mesma natural evolução que em toda a matéria se manifesta.

O princípio animador dos grandes vertebrados é o mesmo que anima o molusco e toda a série infinita de individualidades pertencentes aos outros reinos da natureza, as quais são partículas do mesmo Deus em espírito animador que em sua expressão no plano monádico vivifica todos os seres em evolução.

Continuando a análise à marcha contínua da evolução chegamos à concepção firme de que tudo quanto vive é animado por aquele fluido divino — permitam-me a grosseirissima comparação material — que faz germinar a semente e desenvolver todo o embrião donde a vida exuberantemente se manifesta.

Deus é tudo. É quanto se poderá conceber e tudo quanto esteja também fora da nossa concepção.

Detenhamos um pouco a nossa atenção sobre as nossas próprias forças, e que observamos? Todo o nosso potencial de energias não é mais do que reflexos da fecunda sabedoria de Deus Omnipotente e Omnisciente.

Dentro das leis imutáveis a Vida é uma, em todos os seus estados, desde o mais subtil até ao mais denso — ou Matéria.

Sendo a Vida uma das perfeitas expressões divinas, a Matéria é Deus manifestado. Uma diferença se nota: Deus contém todas as potencialidades, enquanto a Matéria, influenciada pelo influxo divino, dá-nos uma pálida ideia da Divindade.

Em qualquer estado que a matéria se encontre, no plano físico ou astral, ela é sempre para nós — matéria.

Este problema, todos o sabemos, ocasionou correntes de pensamento muito diversas; mas divergindo em suas opiniões materialistas e espiritualistas em essencia afirmam o mesmo princípio, que — Absoluto só Deus.

Sabemos que nas leis que regem a própria matéria nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Esta lei absoluta de transformação, numa contínua sucesão de anos patente à nossa observação demonstra-nos a unidade da vida, e o seu potencial divino.

Se pudéssemos empreender uma viagem extra-terrestre verificaríamos a relatividade que permite e rege a marcha sucessiva, constante e harmónica da Lei Universal, da atracção mútua mantendo em equilibrio os corpos planetários nos seus respectivos lugares.

A Vida é Movimento, é Evolução.

O mundo aparentemente instável, vai progressivamente evoluindo, e tanto mais rápido, quanto mais forte for o esforço das forças inteligentes que o constituem. Essas forças manifestam-se através dos seus corpos de matéria física, pela multiplicidade que nos torna perplexos na sua infinita variedade. Desde os mais rudimentares até aos mais complicados organismos — como o do homem em todas as suas fases de desenvolvimento — todas essas forças não são mais do que reflexos múltiplos da fecunda Sabedoria de Deus Omnipotente e Omnisciente. E, desde o mais rudimentar ao mais aperfeiçoado ser, todos trabalham activamente para o seu engrandecimento, quais agentes cegos que procuram no seu desenvolvimento a perfeição do Todo.

Desta maneira está a vida manifstada encadeada, num individuo, numa sociedade, num mundo, sistema planetário, cadeia de sistemas, e assim até aonde a nossa inteligência possa atingir.

O individuo nasce, vive e morre (esta última palavra numa restrita acepção), toda a sociedade se constitui, perdurando nas suas estruturas durante um período mais ou menos longo; os mundos, termina-

das as suas funções, transformam-se por completo, voltando ao estado primitivo donde saíram; os universos, uns após outros, alteram-se terminados os seus ciclos, deixando a sua própria natureza para voltar ao caos, até que por ordenação divina, retomem com um aspecto absolutamente diferente, a sua natureza anterior; e, claro está, destas sucessões continuas da transformação ininterrupta da matéria, nasceu no homem a ideia do tempo para as suas criteriosas observações.

Quem puder observar as manifestações divinas, compreenderá que a renovação destas existe no espaço onde não há noite nem dia, onde a transformação é continua e onde o Todo, em absoluta harmonia, desenvolve em si necessidades renovadoras. Terão elas razão de existir? Pois se a sua evolução é eterna — por longo tempo, visto a palavra eterno significar para todo o sempre — como eternas são as suas leis, como avaliar o que não tem principio nem fim?

A pesar das afirmações dos sábios materialistas, a pura filosofia, aquela que emana de Deus, ensina-nos que a matéria moldada pelas mãos infinitamente sábias de Deus, atinge o máximo do esplendor, isto é, quanto a nossa inteligência possa entrever.

Sabemos que em torno de qualquer mundo gravitando na sua órbita, que a lei da atracção rege, nada mais existe do que um estado de maior ou menor subtileza, e que, não obstante os graus de densidade que se distanciam até ao infinito, existe sempre aquela misteriosa força que tudo harmoniza, constroi e anima.

Todos os universos se revolteiam com a mesma observância às Leis que determinam o seu constante evolucionar.

Dentro dos limites conhecidos dessas mesmas leis, dentro dos limites que Deus nos concede para que as possamos conhecer, jazem nos seus períodos relativamente incomensuráveis de repouso, todas as forças embrionárias para a formação dos universos. Porém essas mesmas forças despertam, saem da atonia em que estiveram, para continuar a transformação longa e persistente que a harmonia universal exige. Se assim é, posta a matéria em elaboração por uma força a si estranha, como se poderá aceitar que a matéria seja ,o próprio Deus?

Poderão dizer que essas forças são o produto da pura mecanização da matéria. A essa objecção que os sábios crêem incontroversa poderá responder-se: até nos simples maquinismos dos cronómetros a mesma incógnita se manifesta, isto é, a mecanização que provoca o movimento de relógio é a mesma que acciona sobre a natureza inteira; porque essa mecânica é o produto de uma lei desconhecida na sua origem, mas cujos elementos se podem já conhecer e, portanto, utilizar.

Essa lei desconhecida é um dos meios de que Deus dispõe para a sua grandiosíssima obra: *Obra Colossal e Eterna* para a qual os nossos pensamentos se lançam na ânsia de a conhecer e nela participar, sem, todavia directamente a conhecermos.

Pela ordem natural e sucessiva vão-se desencadeando os factos a que assistimos sem que, porém, a mais ligeira quebra das leis da harmonia possa desviar do seu curso a Evolução permanente do Universo. Essa onda de ignorância moral que presentemente atravessa as sociedades reinantes, não é mais nem menos do que um simples acidente que longe de atrasar a marcha evolutiva do nosso globo, mais o faz progredir. Porque, meu bom amigo, o progresso não é o que se nos afigura apenas de bom para nós individualmente. Não. O progresso real e absoluto é aquele que nasce do encadeamento ou ligação de todos os factos acontecidos e por acontecer, acima de todas as nossas vontades e desejos, sem o qual jamais a humanidade poderia seguir avante.

Porque nos parece existir imperfeição onde apenas existe perfeição? A injustiça onde só reina a justiça? O mal onde só existe o bem? É porque no nosso acanhado ambiente se desenrolam os factos por que se rege toda a evolução do espírito e da matéria.

Toda a evolução se rege pela mesma lei, porque a Lei da Evolução de facto é apenas uma, e a ela obedecem todas as manifestações do progresso, da vida em transformação, etc., etc.

A mesma lei é inexorável, tanto para a simples pedra, como para os seres mais perfeitos que obedecem à Sua lenta, mas segura obra de purificação.

Pelo caminho da depuração evolutiva passam, sem excepção, desde o micro ao macro organismo, e, à mesma observância de princípios reinantes em toda a Natureza eles estão sujeitos.

Aquele que compreender estas leis será irresistivelmente levado a amar a maravilhosa e extraordinária obra de Deus.

Obras do Dr. Inácio Ferreira

Acabam de chegar ao nosso depósito de livros as seguintes obras do Dr. Inácio Ferreira, médico psiquiatra, director do Sanatório Espirita de Uberaba e redactor-correspondente de Estudos Psíquicos na mesma cidade brasileira:

CONSELHOS A MEU FILHO, 15$00, cartonado.

ESPIRITISMO E MEDICINA, 18$00, brochado e 23$00 encadernado

NOVOS RUMOS À MEDICINA, (1.º vol.), obra de grande formato, em papel especial, repleta de gravuras, na qual se apresentam muitos casos de cura de doentes obsidiados, realizadas no Sanatório Espirita de Uberaba — 35$00 brochado e 50$00 encadernado

PEDIDOS A ESTA REDACÇÃO

OS FACTOS ENTRE NÓS

SONHO PREMONITÓRIO

Meu prezado Confrade e Amigo:

SÓ agora, devidamente autorizado, tomo a liberdade de comunicar-lhe uns factos há muito ocorridos com pessoas dilectas, minhas próximas em graus de consanguinidade, que me parecem de molde para as colunas da bela publicação que prestigiosamente orienta. Começo pelo segundo dos aludidos factos.

Em 11 de Janeiro de 1933, desencarnou, em Almada, no prédio de sua residencia, meu primo germano, José Maria Carlos de Noronha, chefe de repartição aposentado da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Golpe apoplético, ou ataque cerebral pôs-lhe termo à vida.

Duas noites antes desse dia, a alta hora, estando mergulhados no profundo sono reparador ele e a sua mulher, teve esta um sonho, verdadeiro pesadelo aflitivo que a fez gritar, de modo a acordar o marido que, por seu turno, a despertou, interrogando-a.

Carlota Zagalo da Costa Neves hesitou em responder, tornando-se necessária a insistência do José, tanto mais quanto ela não serenara ainda.

Porém, ante a porfia insistente do cônjuge, decidiu revelar o motivo que a afligira, lancinantemente.

Vira-o, no sonho, desmaiar e pender para um lado. Tentara segurá-lo e evitar-lhe a queda. Não o conseguira, a pesar do esforço que empregara, caindo o corpo desamparado. Foi então, com o baque do tombo, que, aturdida, gritou. Disse-lhe o José, que sossegasse, que nada valiam semelhantes sonhos e, em breve, Morfeu operou a cura do caso.

Correu sem novidade o dia e noite seguintes. No entanto, no imediato, a causa do pesadelo verificava-se com rigorosa realidade.

Passo ao primeiro facto: Precedendo anos, morando o casal em Lisboa, na Estefânia, em certa madrugada, deitados ainda marido e mulher, mas já despertos e tranquilos, sem qualquer preocupação, o rodar de um carro, na rua, impressionou a Carlota que, vestindo-se, á pressa, abriu uma janela no preciso momento em que o carro parava, em baixo, defronte da porta de entrada da habitação, vendo abrir-se a portinhola correspondente do mesmo veículo e sairem deste dois indivíduos decentemente vestidos e completamente estranhos que se dirigiram para a citada porta.

Carlota, maquinalmente, fechou a janela, e foi abrir a porta da escada, em cima, a tempo que vinham subindo os degraus, sem terem chegado ao patamar, onde, quando o atingiram, ela o interpelou, sem os conhecer.

Ficou informada, então, que estes procuravam os pais de Luiz de Noronha, que acabara de sofrer um desastre de aviação.

Com efeito, o Luiz, filho mais novo do meu primo, que se habilitara, em Paris, como aviador, ali conquistando, por genuino mérito, o seu diploma idóneo, fora surpreendido no ar por avaria na máquina de que era o único tripulante, despenhando-se desastradamente com esta, na altura da Cova da Piedade, perto do Alfeite.

Estes dois factos, típicos e impressionantes, de que dou plena fé, por ciência autêntica, afigura-se-me não carecerem por minha parte de comentário algum e só por si serem de natureza a valor de registo perdurável em local de ajustada indole.

Eis, dilecto confrade, a razão do presente comunicado.

Consequência daquele insucesso trágico, malogrou-se a aspiração do Luiz, que desencarnou após agrura de sofrimento rude.

Um abraço do seu menos categorizado colaborador afectuoso

F. Noronha

UM FENÓMENO INVULGAR

É comum observar-se em sessões mediúnicas de incorporação a manifestação de personalidades «mortas»... que espontâneamente revelam factos da sua vida terrena, isto é, que se identificam. Contudo, é comum também a fraca cópia de pormenores, pelo que fica sempre a germinar a fremente dúvida...

Por tal, julgamos digno de registo o seguinte caso passado no Centro E. Luz e Amor, na sessão de 24 de Novembro do ano findo, dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa e em que «mediava» D. Maria Cecília Gorina.

Em transe, a «medium» incorporou uma «entidade» que se mostrava em relativo estado de perturbação. Instada pelo Director da sessão, foi a pouco e pouco cedendo pormenores identificadores, a tal pon-

to elucidativos e possíveis, que deixaram uma quase certeza. Disse chamar-se António Augusto Salvador, ter sido negociante de azeite e casado com uma senhora endinheirada de nome Henriqueta da Rosa. Uma apoplexia quase inutilizara fisicamente esta senhora, contribuindo isto para acentuar a desinteligência reinante no casal. Em 24 de Novembro de 1911, no dia do aniversário da esposa, «António Salvador» dera um banquete em sua casa, na Rua da Selaria, n.º 61, em Évora, banquete esse que prosseguira, ainda que o anfitrião tivesse ido encontrar morta a senhora a quem se unira.

Pelo que a entidade dizia, mostrava-se pessoa de poucos escrúpulos, pois que além do casamento por interesse, mantivera amores com uma prima de sua mulher, de nome Ana, que anteriormente já tivera um filho de um tal Miguel José Guimarães. Daqueles amores, proviera uma criança. Antes destes factos, tivera outro filho ilegítimo que repudiara.

Em 1920 (?), teria o Sr. A. Salvador desencarnado com perto de 68 anos.

O coronel sr. Dr. Raul de Carvalho, que se encontrava presente, desejando controlar tão prolixas afirmações, tomou os necessários apontamentos que remeteu para conferência ao sr. Dr. Emídio Câmara de Velasco Martins, advogado em Évora. Da resposta deste senhor transcrevemos; — «Ouvi vários individuos, bastantes mesmo, que parcialmente me deram esclarecimentos, uns sobre um assunto, outros sobre outro facto e, de todos os depoimentos que ouvi, reunindo-os agora, posso afirmar-lhe que tudo se passou tal qual me relatou». Entre esses depoimentos, cita os do sr. Dr. António Duarte Fernandes Zapico, médico que «*de visu* assistiu ainda a parte do que se conta»; e das Sr.as D. Maria Eduarda e D. Maria Isabel Lopes Dias, actuais inquilinos da casa da Rua da Celaria, 61.

A fim de não poderem subsistir quaisquer dúvidas, o mesmo advogado foi consultar os assentos do Registo Civil, onde encontrou:

— Assento n.º 198, de 24 de Novembro de 1872 — nascimento na freguesia da Sé, de Évora, de Maria Henriqueta da Rosa.

— Assento n.º 14, de 20 de Julho de 1892 — casamento de Maria Henriqueta da Rosa com António Augusto Salvador.

— Assento n.º 311, de 25 de Novembro de 1911 — falecimento de Maria Henriqueta da Rosa.

Há pois a diferença de um dia na data do falecimento: — 25 em vez de 24 de Novembro! E se o António Salvador, para não alterar a sua festa, e para não se tornar, depois, objecto de censura pública, tivesse declarado a morte da esposa em 25, como fez, embora ela houvesse desencarnado em 24? Não estaria a diferença explicada? Pois foi essa mesma a explicação do «espírito» do António Salvador...

E aqui fica um caso para entretenimento de metapsiquistas e incrédulos... afastada naturalmente a hipóese de fraude e de mentira...

A MEDIUNIDADE DE MUSSET

O célebre escritor e poeta francês Alfred Musset, contemporâneo de Chopin e George Sand, foi um médium de dotes bem pronunciados.

«Ora sublime e puro como os anjos, ora pervertido como um demónio, Musset vivia submetido às mais diversas influências, e ele próprio o assinalava. Duas testemunhas de sua vida íntima, George Sand e a sr.ª Colet, descreveram com fidelidade esse aspecto misterioso da existência do «filho do século»:

«Sim — dizia ele a Teresa — eu experimento o fenómeno que os taumaturgos denominam «possessão». Dois Espíritos se têm apoderado de mim» (G. Sand — *«Elle et Lui», XX). Há muitos anos que tenho visões e ouço vozes. Como o poderia eu pôr em dúvida, quando todos os meus sentidos mo afirmam? Quantas vezes, ao cair da noite, tenho visto e ouvido o jovem príncipe que me foi caro e outro amigo meu, ferido num duelo, em minha presença! Parece-me, no momento em que essa comunhão se opera, que meu espírito se desprende do corpo, para repousar à voz dos Espíritos que me falam».*

A sr.ª Colet conhecia, feita pelo poeta, a narrativa de três aparições femininas — criaturas amadas e já mortas — de que ela faz uma comovedora descrição (sr.ª Colet, *«Lui», XXIII, págs. 368 e 369, e cf. «Mèlanges de Littérature et de Critique»). Acrescenta-lhe diversos casos de exteriorização semelhantes aos de nossos médiuns contemporâneos. G. Sand e a sr.ª Colet afirmam que o poeta caia em transe com a maior facilidade (ob. cits.). Ele próprio fala de sopros frios, cuja sensação experimentara e de súbito desprendimento, o que lhe seria difícil imaginar.*

Desses factos resulta que A. de Musset devia a influências ocultas uma parte, pelo menos, do ascendente que exercia sobre os seus contemporâneos. Ele foi ao mesmo tempo um poeta de elevada inspiração e, provàvelmente falando, vidente e auditivo» (Léon Denis — *«No Invisível», págs. 427).*

REALIDADE ESPIRITA

por Nelson Kerensky

Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Pernambuco

É com justificado prazer que apresentamos aos leitores mais um redactor-correspondente que vem cheio de entusiasmo: Nelson Kerensky, capitão do Exército Brasileiro e académico de Engenharia Industrial. Presidente da Liga Espírita de Pernambuco, que filia 33 sociedades, demitiu-se do exército para livremente se entregar à propaganda da Doutrina.

Está ligado à Fraternidade Raios de Luz, *onde dirige os departamentos de Acção Social, Imprensa e Instrução. Esta sociedade promove caravanas espíritas inter-estaduais e congressos anuais, tudo no Nordeste brasileiro.*

Tem no prelo «O Espiritismo e a Questão Social», colabora semanalmente em programas radiofónicos, neles tratando da parte filosófica, e em jornais e revistas de Espiritismo. Actualmente, trabalha no primeiro número da revista Raios de Luz, *de que é director responsável.*

Além disso, é conferencista de vocação. No Estado de Pernambuco terá esta revista operoso colaborador e bom amigo que tudo fará por firmar e aumentar a nossa expansão, como nos disse em carta amistosa.

Nelson Kerensky prometeu ajudar-nos e sente-se feliz por encontrar mais uma oportunidade de servir o Ideal. O seu primeiro artigo nesta revista é afirmação de fé e espelho de boa linguagem, daquela linguagem que defendemos e preconisamos, visto que, sem ela, a nossa formosa língua seria mísero dialecto ao serviço de falação espúria.

Temos entre nós outro incansável obreiro! «Estudos Psíquicos» honra-se com a sua presença e veiculará seus escritos com grande aprazimento. Um abraço ao amigo e saudações ao companheiro de trabalho. Que ele se sinta nesta revista como na sua revista, como em sua casa, porque aqui é Portugal e Brasil!

NELSON KERENSKI

Surgem, amiudadamente, críticas facciosas e ataques gratuitos ao Espiritismo. Expressando muita ignorância ou má fé, essas manifestações de desagrado pretendem, entre outros absurdos, lançar o Consolador ao rol dos fetichismos e das macumbas (1). Concorrendo para semelhante estado de coisas, lembremo-nos, existem de facto muitas sociedades e indivíduos pouco escrupulosos que, fazendo do Espiritismo profissão ou passatempo, a exemplo do observado em outras crenças, mas de direito não praticando Espiritismo, usam do seu nome, exploram-no e o desvirtuam. Entrementes, que ligação há entre os cultos fetichistas e a doutrina dos espíritos? Dirão que o mediunismo os coloca em situações idênticas? Porém, isso foge à realidade!

O fenómeno psíquico é de todos os tempos. O Espiritismo, não data de poucos anos. Os factos, com a mesma natural espontaneidade de hoje, sucederam em todas as idades, no meio de todos os povos. Ao contrário, para se revelar, o Espiritismo aguardou o amadurecimento intelectual humano durante séculos. A fenomenologia, assim como o mediunismo através do qual ela sempre se manifestou, prescindiu muitas vezes de explicações ou as recebeu dos mais diversos matizes, no entanto, todos apriorísticos e apropriados ao local e à época em que se formularam.

É fácil verificar. No tocante aos feitos mediúnicos,

(1) Culto africano com influência católica, em que são partes o mediunismo, danças, cantos e tambores.

a História está repleta de interpretações regionalistas sectárias, distantes de qualquer preocupação moral, demoradas no comodismo da sobrenaturalidade e do milagre ou edificadas na ignorância crédula dos encantos das superstições e dos feitiços.

Com o advento do Espiritismo a situação é assaz diferente: os fenómenos explicam-se por uma filosofia (metafísica moral), cujos preceitos devem experimentar prática constante na vida de relação; a teoria nasce de observações concretas, que se realizam, ora sobre o facto psíquico, ora sobre o desenrolar da vida; revelam-se leis naturais capazes de iluminar as razões dos feitiços impenitentes e dos milagres retardativos, elevado o conhecimento e o sentimento humano aos parâmos superiores da compreensão, da tolerância e do amor. Com o Espiritismo, face ao portentoso quadro da Criação e almejando a perfeição que lhe é destinada, o homem deixa de crer nas aparências sensuais para ser convicto das causas invisíveis; seu pensamento estimula-se, sua vida recebe significado novo e belo de realização permanente e seu sentimento vibra pela necessidade de ser melhor e de servir.

Há, sem dúvida, diferenças fundamentais entre o mediunismo considerado em si mesmo e o Espiritismo, porque este, embora existindo no mundo por intermédio das manifestações mediúnicas, não se limita a elas, é essencialmente moral e visa o aperfeiçoamento do homem, enquanto aquele é campo aberto a toda a sorte de atraso e até de vício. Da utilização do mediunismo sem observância das normas espiritistas é que existem tantas modalidades de bruxaria, as quais, erròneamente, têm sido apontadas como Espiritismo. Mas, repetimos, isso foge à realidade. Tudo não passa de confusão ou má fé por parte daqueles que tomam partido sem exame e sem atentarem no ridículo que desempenharão num futuro bem próximo.

Justifica-se que nas florestas virgens, nossos ancestrais, tal como os selvagens de hoje, feridos pela percepção dos factos psíquicos, ignorantes de qualquer explicação a respeito, atribuissem suas causas a poderes estranhos e misteriosos, a seres vingativos e perversos, dominadores absolutistas, que lhes exigiam práticas de adoração mais ou menos grotescas; justifica-se outrossim que os sacerdotes de todas as religiões, necessàriamente sectárias, visto faltar-lhes a ancianidade espiritual, delegassem a Deus ou ao diabo, através do sobrenatural, os motivos das manifestações percebidas, já como expressão da preferência do Pai por suas crenças exclusivistas, já como obra do tentador, invejoso dessa mesma preferência; justifica-se ainda que nos dias de hoje, em pleno florescimnto da Civilização, grande número de indivíduos permaneçam entregues a lucubrações que tais, porquanto, enfim, isso depende do estado de evolução de cada um; entretanto, que criaturas lidas em psiquismo, conhecedoras da doutrina dos espíritos, assemelhem essas crêndices ao Espiritismo, não se justifica, conquanto se deva compreender e tolerar, esclarecendo-as.

O Espiritismo codificado por Allan Kardec, com aquela doutrina moral evangélica, digamos novamente, é de poucos anos e nunca lançou mão dos fenómenos mediúnicos da antiguidade, senão para ilustrar que sempre houve interferência dos chamados mortos nas acções dos vivos. Pode-se, e em consciência, mesmo porque a doutrina espirita é profundamente evolutiva, deve-se aceitar aquele estado de mediunismo ancestral como um período de obscurantismo, obrigatório, uma fase preliminar ao Espiritismo e nada mais. O mediunismo, por último, prova a parte experimental do Espiritismo, porém, de modo nenhum atesta mais do que uma parte, e uma parte jamais será o todo. E, todos nós sabemos, sem as suas consequências morais, sem a sua filosofia, sem o seu constante apelo à razão, ao bom senso e ao sentimento, a parte experimental não teria inspirado ao seu codificador a sublime realidade do Espiritismo.

Onde, pois, o acerto dos que dizem «baixo espiritismo», «espiritismo de linha», «espiritismo de umbanda»? Não há tal. O Espiritismo não é alto nem baixo, não é de linha nem sem linha, por isso que, a pesar da variedade dos assuntos de que trata, não se divide, nem se especializa e dispensa qualificativos. Estariam certos os adversários do Espiritismo se o definissem como algo de novo sobre a Terra, a que o perpassar dos anos não tem conseguido apagar, antes o há estimulado e feito progredir. E, em verdade, essa é a realidade espirita.

Após aquela fase de obscurantismo, pouco importando a existência actual de inteligências que permanecem retardatárias, os factos mediúnicos, numa época de intensa liberdade de pensar e de grande avanço intelectual, atrairam a atenção de homens ilustres, pecuniária e convencionalmente desinteressados, porém amantes da Verdade.

Pela Europa e pela América multiplicam-se os casos, e é de notar que eles tanto diferem das manifestações primitivas, quanto estão fora do âmbito das religiões dominantes. Há necessidade de esclarecimentos. A ciência é convidada. Fazem-se experiências múliplas e rigorosas, no decorrer das quais é utilizado tudo o que caracteriza os métodos de investigação da ciência positiva. Nada escapa aos grandes homens envolvidos nas experimentações; nem as grades de ferro e as algemas requeridas pelo caso, nem as verificações eléctricas, nem a balança. É a fase empírica do Espiritismo.

A consequência desse período seria, como realmente foi, a filosofia mais espiritualista que, dada ao homem e por ele seguida, viria modificar-lhe totalmente a concepção das coisas e traçar-lhe um caminho luminoso para a emancipação do Espírito; a filosofia que, sendo vital, não se estagnaria dentro do currículo estreito de poucos intelectuais, favorecendo-os com especulações abstractas, tão queridas ao diletantismo im-

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XIV

E se teve de lutar contra a resistência dos sentidos, se houve um queixume das antigas inclinações, dos apetites materiais cruxificados — pela renúncia, — tudo isso foi morrendo perante a invasão dessa luz divina.

Falava o povo de Jesus. Talvez mesmo no meio em que vivia Madalena, falassem dele; e, se diziam que este homem era um profeta — bem mais do que profeta — esperado ansiosamente por todo o povo de Israel, o Salvador, o Messias prometido pelas antigas escrituras sagradas; se contavam os milagres que semeava como o semeador semeia o grão, no entanto, às palavras de admiração e de assombro, misturavam-se murmurações, e... que murmurações!...

E como estas deviam entrar na alma de Madalena semelhantes a um cântico do paraiso, semelhantes ao som das harpas do templo que na infância ouvira em Betânia, semelhantes a um suspiro... a uma longa suplica!...

Este homem disse: «Os publicanos e as meretrizes, preceder-vos-ão no Reino de Deus. Este homem é o amigo dos publicanos e das gentes de má vida».

Lucas põe estas palavras na boca do próprio Mestre, resumindo as acusações que lhe faziam. E é este versículo que imediatamente precede a narrativa da conversão da pecadora.

Assim, a um tempo todos os curados, todos os limpos da lepra, todos os possessos de outrora, não cessavam de clamar à volta dele: «É o profeta, é o Messias!», «Eu não via e já vejo!», «Eu não podia caminhar e já caminho!», «A mim livrou-me do demónio!», «A mim perdoou-me...», «Como ele é bom!». E os fariseus e os escribas respondiam com a acusação, que abria à pecadora as portas da esperança: «As meretrizes preceder-vos-hão... é o amigo das gentes de má vida...

Ele não a repeliria, não a abandonaria!...

Madalena poderia acalentar a esperança de um lugar no seu Reino... e se fosse completa a sua conversão, de um lugar igual ao dos outros, «dos puros?...

À medida que meditava nisto, as palavras sagradas dos profetas, expurgadas dos comentários que as desnaturavam, acudiam-lhe à memória, uma a uma. Ah!... Sobretudo aquelas: «Mesmo quando os teus pecados fossem como o escarlate, ficarias branca como a neve»; e para que assim fosse, ao pensar neste Messias apenas entrevisto, parecia-lhe ser capaz de atravessar o fogo.

Uma necessidade de conversão completa, de renúncia de todo o passado, do horror das culpas, do luxo, das joias, — a formosura mesmo — que tinham sido causa da sua perdição, soava de hora para hora mais alto, mais violenta, mais irresistivel. Uma alma nova nascia nela...

Dominada assim por imenso amor por Ele, era-lhe tão impossível subsistir na antiga igno-

---

produtivo, mas deveria tornar-se acção realizadora no pensar, no sentir e no agir dos seus profitentes.

Atingida a convicção, o Espiritismo evoluiria inalteràvelmente, não no sentido de assinalar novas fases, sim, aumentando cada vez mais o seu campo ilimitado. Daí que, locuções como *Espiritismo evangélico, Espiritismo experimental,* ou *científico,* e outras, à parte serem pleonásticas, usam-se apenas convencionalmente, assinalando o esforço principal do trabalho em execução, porque, no íntimo, repetimos, o Espiritismo é um só, indivisível.

Hoje, nessa época de desajustamentos de toda a espécie, que se reflectem nos chamados movimentos de reivindicações e na indiscutível escassez de tudo, inclusive de moralidade — causa primária — o Espiritismo toma a peito as questões sociais, empreendendo obras de assistência, sem esquecer — facto fundamental — a educação dos assistidos. Poder-se-ia chamar a esse seu aspecto de Espiritismo social? Só convencionalmente.

Agindo de uma ou de outra maneira, trate-se da sua parte experimental, sua filosofia, sua moral, ou da aplicação do Evangelho à sociedade, o único objectivo do Espiritismo é o aperfeiçoamento intelectual e moral do homem, e disso o espiritista não se esquece.

Contudo, os adversários do Espiritismo não vêem ou não querem ver assim. É pena, pois essa é a realidade espirita. Exemplos não faltam pelo mundo inteiro. Como exemplos são factos e como são estes que decidem, continuemos a proporcioná-los, aguardando serenamente a pronunciação do tempo.

mínia, como resistirem as trevas à luz do meio dia.

Pensar n'Ele era pureza; era puro encomendar-se a Ele; amá-lo, enfim, era entrar num mundo de luz desconhecido até então, que a arrebatava para sempre ao pecado, como se um cântico de anjos se elevasse do seu pobre coração...

Soube que Ele estava em casa de um fariseu, que Madalena conhecia talvez, e acorreu lá com os seus perfumes e as suas lágrimas.

Vamos dar uma pálida ideia deste transe memorável...

Procuremos reconstituir através das tradições, o cenário em que ocorreu a redenção deste espírito transviado.

Todos os enfermos trazidos para a margem do lago, ao encontro do Senhor, tinham sido curados das suas enfermidades. Eram eles agora que, no meio da turba, clamavam mais altos louvores, rodeando carinhosamente Jesus, nas ruas plenas de gente que iam da praia até à residência de Simão.

O fariseu opulento, primo de José de Arimateia, que a respeito do Mestre Divino lhe falara com amor, mostrava-se envaidecido, à porta do seu sumptuoso palácio, edificado por seus avós nos tempos de Saul, na grande praça de Magdala.

Após o Senhor, rompendo devagar por entre a multidão ajoelhada que tomava toda a praça, seguiam os discípulos, e, atrás de todos, o Escariote, de olhar inquieto, a contar ansiosamente aqui e além, os turbantes azuis dos salteadores do seu aliado Barrabás, que colocados por detrás dos soldados romanos, estavam prontos a apunhalá-los, logo que ele lhes desse o sinal de revolta.

Judas tinha planeado de há muito em conjunto com o seu amigo Barrabás, o salteador, chefe de uma quadrilha célebre que assolava o país, elegerem Jesus Rei, provocando uma revolta contra o poder de Roma, aproveitando-se do prestígio que o Senhor tinha alcançado no coração do povo pela sua doutrina de Amor, de Justiça e de Paz, confirmada pelos prodígios que a todo o momento semeava.

— Quando eu erguer o turbante... — segredou o Escariote, inclinando-se ràpidamente para Barrabás, que se encontrava ajoelhado, confundido entre a multidão, bem desfarçado, à beira da passagem.

Jesus, porém, voltou-se nesse mesmo momento, fitou-os com severidade, prosseguindo logo o seu caminho por entre as alas dos fieis que beijavam a terra por onde Ele passava.

Simão que, de pé, a meio da escadaria, orgulhosamente o esperava entre a família e os numerosos servos, subiu para o degrau mais alto, a fim de se colocar mais em evidência.

— Pai, murmurou Eleazar, o filho mais velho — todo este povo ajoelhado parece um rebanho e Ele o seu pastor, como David.

— Como David, confirmou Elias — o filho mais novo —. Ele tem a figura de um pastor que será rei.

E os dois filhos iam ajoelhar na imponente escadaria de mármore, quando Simão, a impar de vaidade, os levantou bruscamente, pela parte superior dos mantos, forçando-os a uma posição altiva, que a gente prosternada na grande praça tomaria como previlégio consagrado pela vinda de Jesus.

Só por curiosidade condescendera o fariseu em receber o Nazareno, se um dia ele prègasse em Magdala, mas bendizia agora esta visita, que aos olhos do povo simples e crente lhe conquistaria uma tão exaltada distinção.

De pé, no último patamar, a fechar as duas alas de parentes e escravos, por entre os quais subia Jesus à frente de seus discípulos, o fariseu aprumara-se, sobranceiro, certo de receber as homenagens do hóspede agradecido, mas Jesus passára sem sequer deter nele o olhar, e logo Simão, tomando-lhe o braço, o increpou:

— Como ousas entrar assim na casa alheia?!

— Diz antes na minha casa, porque foi meu Pai que ta deu e é o seu poder que a sustenta, — respondeu mansamente o Senhor.

— Foi porventura o carpinteiro de Nazaré que trabalhou este palácio?!

— Em verdade te digo que foi meu Pai que edificou a tua casa, e que eu a posso transformar numa funda cova onde sepulte o teu orgulho.

E assentando as mãos, sem esforço aparente, nas duas altas e grossas colunas de mármore que sustentavam o alpendre da entrada, logo estas se desfizeram, como se de areia fossem.

— Senhor, tende piedade! — exclamou Eleazar, caindo de joelhos.

A multidão silenciosa, que enchia a praça, escutava com recolhimento e via estupefacta o prodígio realizado.

— Que nesta casa de meu Pai entrem primeiro os escravos — bradou o Senhor —, porque os últimos serão os primeiros.

E logo os escravos subiram correndo, por

entre as duas alas de parentes e amigos de Simão...

— Depois deles — e Jesus estendeu o braço para o povo — todos vós passareis nesta morada, levando do banquete o que vos aprouver, mas regressareis a seguir às vossas terras.

Judas, que ouvira esta ordem, quis ainda levar a mão ao turbante, para dar a Barrabás o sinal combinado, mas Jesus prendeu-lha com suavidade.

— Vinde todos e comei — continuou o Mestre — porque esta casa é de meu Pai que está nos Ceus, e Ele a enche e esvazia conforme apraz à Sua Vontade.

Palido e mudo, Simão viu entrar no seu palácio até ao último dos crentes, e quando a praça se encontrou deserta, ouvindo-se já ao longe os cânticos das turbas fartas que debandavam, Jesus disse ao fariseu:

— O Deus de Abraão, meu Pai e teu Senhor, concedeu-te que tivesses hoje o Cristo à tua mesa.

Vai na minha frente, Simão, para receberes o que traz a boa nova.

E logo o fariseu tomou a dianteira, seguido de Jesus e de seus discípulos, que se descalçaram no vestíbulo.

Simão, porém, sentindo-se esmagado no seu orgulho, dominando a custo a cólera que como tempestade desabrida se levantava em ondas alterosas no seu íntimo, resolveu desconsiderar o Senhor e Seus companheiros, não lhes dispensando as honras que a tradição lhe impunha, antes que fosse servida a refeição, ou seja, osculá-los no rosto, perfumar-lhes os cabelos e servir-lhes água para lavarem os pés.

— Como pode ser — perguntou, já à mesa — que tendo-se aqui servido tão grande multidão, este salão ficasse limpo e não falte sequer uma vitualha?

Recostados em leitos de damasco, o braço esquerdo apoiado na mesa, de rostos voltados para os pratos e os pés nus inclinados para fora, Jesus e seus discípulos comiam silencioamente.

— Dar-se-á o caso — insinuaram outros fariseus presentes — de tu seres como os magos do Egito que faziam milagres à maneira de Moisés?

— Considerar-te-ás tu maior do que este?, ironizou Simão.

Pedro, que bebia vagarosamente, pousou violentamente a sua taça sobre a mesa, derramando-se parte do seu conteudo, e respondeu com arrebatamento:

— Pois tu és doutor em Israel e não sabes que Jesus é o Messias prometido de que falam as Escrituras?

— O verdadeiro Filho de Deus —, confirmou Tiago.

— Que há-de reinar de Jerusalém, em todo o mundo... — concluiu Judas Iscariotes, obcecado pela ideia fixa que a sua ambição sem limites lhe sugerira. Mas, eis que pela porta aberta da sala do banquete chegaram rumores de violenta luta na escadaria do palácio.

(continua)

A situação de "Estudos Psíquicos"

Continuamos a apelar para a boa vontade e compreensão dos leitores, no sentido de auxiliar esta revista. O pequeno aumento da assinatura (quarenta centavos por número) não chega para enfrentar as despesas decorrentes da mão de obra e do papel, que agora alterou novamente o preço. Só angariando assinantes e levando os sócios do Centro E. Luz e Amor a prescindir da recepção gratuita da revista, conseguiremos equilibrar o orçamento.

Se houver dedicação e espírito de sacrifício, mesmo em escala reduzida, talvez não seja defícil atingir este objectivo, pois todos gastam dinheiro sem utilidade prática e quantas vezes, em detrimento da própria saude!

Vivemos num século de futebol em que se adquirem bilhetes a 500 escudos para satisfazer a paixão do desporto. Os teatros e cinemas têm a lotação esgotada. Os *cafés* regorgitam de frequentadores. Enfim, come-se, bebe-se e fuma-se muito mais do que se devia. Só do espírito se não cuida.

Os jornais católicos têm a vida assegurada, porque os seus leitores fornecem matéria prima indispensável à manutenção daqueles órgãos de propaganda. Os jornais espiritas lutam com enormes dificuldades para cumprir a sua missão, porque a maioria dos espiritas não sentem verdadeiramente o Ideal.

Apelamos para todos os adeptos da Doutrina. Esta revista necessita de alargar a sua expansão e só pode contar com o auxílio dos que a lêem, dos que a acompanham e divulgam entre seus amigos e conhecidos.

Colaborai conosco, irmãos e amigos! Trazei-nos a vossa achega, angariai mais um assinante! Além de ser novo adepto que se traz à Doutrina, é também um meio de fortalecer este órgão, que tudo faz para dignificar a Causa que defende.

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

por Ramos Pereira

ORIGEM DA MATÉRIA

ARREDANDO as hipóteses materialista, panteista e o teismo escolástico, vejamos o que a ciência nos fornece para a resolução deste outro problema.

No século XIX, os químicos observaram que se poderiam agrupar os elementos pela semelhança das suas propriedades. Em 1851, Dumas verificou que os pesos atómicos dos elementos de uma família são números vizinhos de uma progressão aritmética. Em 1865, Newlands estabeleceu a chamada lei das oitavas pela qual se notavam propriedades semelhantes nos elementos que, colocados em ordem crescente dos seus pesos atómicos, ficavam separados por seis outros. Isto levou Mendelejeff a organizar a sua tabua periódica dos elementos.

Roentgen em 1895 descobria os raios X e em 1896 Becquerel a radioactividade. Depois de Abbe, verificou-se a transmutação natural dos elementos radioactivos, desintegração essa que levou ao estabelecimento de três famílias tendo por términus o chumbo: — urânio-rádio, atínio e tório — mas que podemos reduzir a duas — urânio-radio-actínio e tório.

Esta desintegração é regulada pelas leis de Soddy:

1.ª — Quando o núcleo atómico perde uma particula, o peso atómico baixa de 4 unidades e o número atómico de 2, isto é, perde um átomo de hélio;

2.ª — Quando perde uma particula B, a massa não varia sensivelmente e o número atómico aumenta de uma unidade, pois que tendo perdido um electrão, o núcleo fica com uma carga positiva a mais, isto é, fica com o poder de captar um electrão planetário.

Rutherford produziu depois a transmutação artificial dos elementos, bombardeando os núcleos atómicos com protões, obtendo sempre entre outros elementos o hélio. Tudo isto levou a confirmar a hipótese de Prout de que todos os elementos se formaram a partir do hidrogénio. A explicação do fenómeno da isotropia desfez por outro lado a objecção que se lhe punha de que os pesos atómicos dos elementos teriam de ser necessáriamente números inteiros. O único que de facto é uma excepção é o hélio (4,002) que deveria ser formado por 4 átomos de hidrogénio (4 × 1,0078); segundo a relactividade de Einstein, porém, esta perda de massa explica-se porque a síntese do hélio foi acompanhada do desenvolvimento de *energia igual à massa perdida.*

A origem será pois o hidrogénio. Mas como se formou o hidrogénio?

A série estequiogenética da Mendelejeff termina no urânio, elemento instável como todos os radioactivos, capaz de se desintegrar em energia e que no fim retrograda para o chumbo. Modernamente, o Dr. Goeppert Meyer, da Universidade de Colúmbia, demonstrou a possibilidade de ultrapassar o urânio. De facto, Enrico Fermi com a descoberta do elemento 93, a que deu o nome de neptúnio, passou aquele limite. Em 1939-40, Mc Millian e Abedson confirmaram tal, sugerindo mesmo a hipótese da existência de um grupo trans-urânico.

Além do neptúnio, com efeito, outros foram reconhecidos mas de estabilidade tão frágil e de duração tão breve, que se duvida quase da sua existência; mal se formam, desintegram-se imediatamente em energia.

Urey e Sugiura discutiram esta teoria, mas só Meyer alcançaria resultados satisfatórios. As suas fórmulas esclareceram a posição do grupo transurânico, verdadeiro ponto intermédio entre a matéria e a energia.

Ora se a matéria é fundamentalmente energia e se desintegra sempre em energia, porque não considerar a energia como sendo a origem da matéria? Nada de mais lógico e científico: nas suas formas superiores — elementos radioactivos — a matéria regressa à origem: energia. Entre ela e o átomo apontam os sábios o éter, meio imponderável que torna possíveis todos os fenómenos.

Para Kelvin, o átomo é o «lugar geométrico das singularidades do éter, o lugar dos pontos em que o éter se anima de movimentos turbilhonares»; para Riemann, é o «lugar dos pontos em que o éter é constantemente destruido»; para Wichert e Lamor, é o «lugar dos pontos em que o éter sofre uma espécie de torsão particular». O éter transformando-se, causa os agentes imponderáveis — calor, luz e electricidade — que já não sendo éter, também ainda não são matéria, mas os elos entre aquela e esta.

ORIGEM DO UNIVERSO

Durante muito tempo se supôs que os astros eram enormes esferas mais ou menos sólidas. William Herschel foi o primeiro a afirmar uma origem comum para todos os astros, como Prout o fizera para todos os elementos. Em 1870, Homer Lane vai mais longe e aponta-lhe uma extrutura gasosa.

Isto concorda com a série estequiogenética de Mendelejeff, cujos elementos mais leves são gasosos. Isto é, quando a energia — éter — se foi condensando, originou os grandes núcleos estelares. Como? A gravitação dentro da imensa poalha electrónica

foi provocando conglomerados que se iam contraindo pela própria energia grafífica. Seguindo Eddington e de acordo com a teoria dos gases perfeitos, a dentro desses imensos globos fluídicos prosseguia o caminho para os elementos pesados.

Em breve tornam-se verdadeiros globos gasosos formados por camadas concêntricas. A ciência constatou que as estrelas mais primitivas são formadas por átomos de hidrogénio, enquanto que os elementos pesados se encontram em astros mais evoluídos.

Ora com a condensação cada vez maior das camadas nucleares, a temperatura ia aumentando, progredindo por irradiação do centro para o exterior, donde se escapava sob a forma de radiação luminosa. Assim, as estrelas mais recentes têm uma luz mais pálida.

Os cálculos de Eddington sobre a temperatura central de um astro relacionam-na com o raio deste, com a sua massa e com o coeficiente *a*, que depende do peso molecular médio dos elementos que entram na contestura desse astro; de modo que uma estrela formada de átomos pesados, mais evoluída portanto, tem uma emperatura cerca de 4 vezes maior que a de uma estrela de átomos de hidrogénio. Stromger, baseando-se em Kramer, confirmou Eddington.

E as temperaturas espantosas assim obtidas vêm explicar a espontaneidade das reacções e transmutações que do hidrogénio causaram todos os elementos. Mas como demonstrar o poder de conservação dessa radiação estelar? A contracção progressiva das camadas gasosas sugerida por Lord Kelvin e Helmholtz é insuficiente para a compreensão dos fenómenos geológicos e transmutação dos elementos até aos radioactivos.

Seguindo o ponto de vista de Bethe, a origem está na transformação da matéria em energia! Ao mesmo tempo que a energia redunda em matéria, da evolução deste sai a energia. A fórmula de Einstein, aplicada a esta transformação conduziu a resultados tão concludentes que H. N. Russel disse: — «o hidrogénio constitui o melhor carburante para manter a energia solar, formando o hélio o resíduo ou as cinzas da transformação».

Bethe, Garnow e Von Weizacher determinaram depois toda a escala estequiogenética dos elementos.

À medida que a contracção prosseguia, aumentava a velocidade de rotação desses imensos elipsoides que eram os sistemas planetários «in principio».

Isto é, passa-se da fase nebulosa — à fase estelar. Ao passo que o centro se tornava um esferoide incandescente, os aneis planetários iam-se delimitando pelo agrupamento da matéria em volta de vários centros de atracção (Faye demonstrou um erro de Laplace que supunha que os planetas mais afastados tinham sido os primeiros a constituirem-se). Estes aneis planetários por sua vez constituiram aneis-satélites.

Na formação destes distinguiu Faye («Origine du Mond») dois períodos: 1.º — a força central é proporcional à distância e os astros que se formam têm todos um movimento de translação directo; 2.º — a força passa-se a exercer no inverso do quadrado da distância e o movimento é retrógrado.

O calor irradiado por estes aneis planetários vai-se perdendo e, não sendo compensado, em breve se formam as crustas e entram nas longas eras geológicas.

Deste modo a hipótese de Laplace, corrigida por Wolf, Herschel e Faye, unida às teorias de Eddington e Bathe explicando a origem do Universo, constituiram com os restantes problemas apenas uma questão — a origem da energia — que resolveremos mais adiante.

Amigos de "Estudos Psíquicos"

Temos continuado a receber cartas animadoras e por isso resolvemos estugar novamente o passo, em direcção aos nossos objectivos. Essas «vozes amigas» vêm de perto e de longe e incitam-nos a batalhar. Numa coisa são concordes:

— A revista não pode morrer e não morrerá!

Quem nos conhece, sabe que tudo daremos à causa do Espiritismo e que não recuaremos ante os maiores obstáculos.

Hoje registamos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

José A. Pais de aCrvalho, de Mangualde	10$00
Fernando da Cruz Ferreira	270$00
D. Maria Carolina Monteiro, de Portimão	20$00
Anónimo de Lisboa	50$00
António Joaquim Gomes, de Cabacos	25$00
Bartolomeu Bana Martins, de Lourenço Marques	135$00
Anónimo	20$00
Amigo de Vila do Conde	70$00
«Irmã Dulce»	20$00
D. Maria Madalena de Jesus Macedo ...	20$00
José Morais Dias, de Braga	50$00
João Jaime Jerónimo, de Lisboa	25$00
Raul de Sepúlveda Fontes, de Nova Goa	30$00
Joaquim Teixeira, de Vila Real	10$00
Augusto Pastor Fernandes, de Viseu ...	5$00
D. Maria de Vasconcelos, de Lisboa ...	20$00
João Filipe Antunes, de Barcarena ...	25$00
Américo Pires, de Braga	25$00
António de Oliveira Pais, do Porto ...	50$00
Anónimo, do Lobito, Angola	15$00
	895$00

Para os Irmãos Pequeninos

Página organizada por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos :

É com muita alegria que venho conversar convosco, deste cantinho da revista. É um pouco de mim própria que mando à atenção com que ledes esta página.

Dirigi-vos, a última vez, um convite e, ainda que em outro sentido, ele não ficou sem resposta: uma das vossas irmãzinhas mandou-me um conto da sua autoria.

Quereis imitá-la ?

Trabalhai, trabalhai sòzinhos; não receeis a nova ortografia, eu olharei por tudo.

Escrevei sempre, que eu irei respondendo e aconselhando e publicando, a pouco e pouco, as vossas melhores composiçõezinhas.

Não vos acanheis e contai sempre com a sincera simpatia da vossa irmã mais velha

KYLAS

O Corpo

Que lindos olhos tem o Rui!

Não sou só eu que lo digo; toda a gente que o conhece afirma o mesmo.

O caso, porém, é que os olhos do Ruizinho não são só bonitos, mas bons. Vêem bem, devorando com prazer os «Contos do Arco da Velha».

E que valerá mais, meus meninos, olhos bonitos ou saudáveis?

Dir-me-ão: as duas coisas.

Bah! não sejamos vaidosos; sejamos pessoas de juizo. Temos de concordar que é preferivel ver perfeitamente com os olhos pardos, que o contrário, não é verdade?

Por isso, tal como com o resto do corpo, é preciso cuidar deles, seguir os preceitos da profilaxia (parte da medicina que ensina como evitar as doenças).

Que manda ela então?

Evitar a luz demasiado forte, sobretudo quando incide sobre o papel em que lemos; a luz demasiado fraca, quer artificial, quer a natural do fim do dia; a leitura muito prolongada, principalmente quando deitados (má posição), o cinema — assistir por isso só a bons filmes —, etc., etc.

Tudo isto, como vêem, podem escusar e estou certa de que, como bons meninos, o farão.

Lembrem-se de que os olhos do Rui não são só bonitos, são bons!

Velhos rifões

Que a maravilha dos grandes
Não te sirva de embaraço.
A jornada, por mais longa,
Começa sempre de um passo.

Sem vida nova em Jesus
Nossa crença é muito estranha
A raposa muda a pele,
Conservando a velha manha.

Benefício acompanhado
De censura ou de papel.
É bebida indesejável
Que sabe a vinagre e fel.

Na verdade, Deus é bom;
Mas se o filho é rude e mau,
Por vezes descem do céu
Pedra e fogo, corda e pau.

A ventura de quem vive
De maldade e vilipêndio
É como a luz passageira
Que nasce de grande incêndio..

Evita imitar no mundo
Os homens apaixonados
Que tratam alguns por filhos
E outros por enteados.

Não te esqueças da prudência
E aprende a dizer «talvez».
Crendo em tudo quanto escutas
Comerás tudo o que vês.

No serviço alegre e são
A tua força concentra.
À porta de quem trabalha
A fome espreita e não entra.

Fala pouco de ti mesmo,
Pois saude e geração,
Se forem muito apuradas,
Só trazem perturbação.

Não te rias de quem chora...
Toda a dor faz ida e vinda;
E a botija de vinagre
Tem muito vinagre ainda.

Casimiro Cunha (Versos recebidos pelo médium Francisco Cândido Xavier)

AS QUALIDADES

A Perseverança

Perseverar é persistir.

A perseverança é a constância na nossa fé e nas nossas virtudes.

Todos os meninos pretendem desempenhar um dia um cargo, cheios de zelo, coragem e abnegação.

— Que queres ser, Joãozinho?

— Advogado, para defender os inocentes, libertar os oprimidos.

— Tu, José?

— Médico, para aliviar dores.

— E tu, Rosinha?

— Professora, para orientar, aconselhar, evitar aos outros pequeninos que vierem as dificuldades que eu eu senti.

São esses os seus sonhos, um dia realidades. Mas — há sempre em tudo um «mas» — não basta dizer *eu gostaria de ser*, mas *eu quero ser*. Para tanto, é necessário perseverar, estudar sempre, aperfeiçoar as nossas qualidades, — numa palavra, tornarmo-nos melhores.

Vão devagarinho, mas com tenacidade, que a felicidade lhes sorrirá pelo caminho.

Sonhos de criança

Também sonha no berço a criança, essa risonha aaurora da vida. Sonha com brinquedo e com passeios, e esse sonho desabrocha em realidade, porque o papá e a mamã lhe adivinham o desejo trazido pelas estrelas.

Sonha também a criança que não tem o seu berço nem a sua roupinha nova para vestir no dia do seu natalício; mas sonha estar folheando alegre um lindo livrinho, trazido por dois anjos suspensos em asas de luz; sonha com o casaquinho de lã e já antegoza a ventura de não mais tiritar de frio; sonha com os sapatinhos novos que o papá lhe colocou na caminha, na noite de Natal, e sonha com os abraços e os beijos da mamãzinha querida. Mas tudo eram sonhos, apenas sonhos, porque o papá e a mamã do Joãozinho partiram deste mundo quando o filhinho contava menos de cinco anos de idade.

Esse sonho, entretanto, foi um bálsamo do Céu, ainda que em sonho. Mas acalmou, aqueceu e alegrou o coração do pequenino sofredor, enquanto dormia e esquecia que não tinha mais o carinho do papá nem os beijinhos da mamã... Mas esses dois anjos, suspensos em asas de luz, lhe disseram que o orfão também sonha com a felicidade, porque é filho do mesmo Pai que está no Céu.

ROMEU A. CAMARGO
(brasileiro)

PORTUGAL E BRASIL

(Alegoria de Leopoldo Machado)

Figuras e Encenação: São duas crianças, uma portuguesa, outra brasileira, que voltam, conversando, da escola).

BRASILEIRA

Você gostou da nossa escola
E de nossa professora?

PORTUGUESA

Muito! E isso me consola,

Porque estou aqui como se fora
No meu rico Portugal.

BRASILEIRA

A nossa mestra é muito boa
E muito jovial.

PORTUGUESA

Explica muio bem,
Principalmente, as lições de História,
Tão bem, como a outra mestra de [Lisboa,
Que era assim também.
Lição dela ficava na memória,
Mormente sobre as coisas portuguesas.

BRASILEIRA

Portugal é pequeno, mas viril!

PORTUGUESA

De suas glórias, triunfos e belezas,
A maior é o Brasil!

BRASILEIRA

O meu Brasil, glória de Portugal?

PORTUGUESA

E a mais bela, a maior, a mais triun- [fal,
Como papai explica.
Papai diz que foi o povo português
Que descobriu esta nação tão rica,
Tão cheia de bondade e altivez!

BRASILEIRA

Isto eu já sabia...
Sei, até, como foi a descoberta,
O navegante, o ano, o dia...

PORTUGUESA

Pois fique certa
Que foi meu povo,
Pequeno em terra e grande em coração,
Porque a bondade em Portugal não [míngua,
Que povoou o Brasil tão belo e novo!

BRASILEIRA

É Portugal, o nosso pai e irmão.
Por isso, aqui se fala a mesma língua.

PORTUGUESA

Seremos, sempre, irmãos,
Que adoram suas terras, fortemente,
Unidas suas almas, suas mãos,
Como se fosse a mesma gente!

BRASILEIRA

Somos povo, gente e raça
Que idolatram sua história, sua terra,
Formosas, quer na paz, como na [guerra;
Quer na felicidade ou na desgraça!

PORTUGUESA

Por amar sua terra, sou feliz.
Ela bem o merece.

BRASILEIRA

Pois, idolatre-a,
Como um cristão em prece!

PORTUGUESA

Brasil e Portugal, quase um país!

BRASILEIRA

Portugal e Brasil, quase uma pátria

(Abraçam-se efusivamente. Pano).

Cantinho dos leitorzinhos

O meu primeiro desgosto

No dia em que fiz oito anos, meu pai muito amigo trouxe-me sem eu saber uma linda boneca e colocou-a no meu quarto. Quando acordei, senti enorme satisfação, ao deparar com tão linda oferta.

Brinquei com ela, mas dizia-me o coração que iria ter um desgosto. E assim foi.

Deixando-a uns momentos em cima de uma cadeira, foi alcançada por um gato que a fez cair no chão, quebrando-lhe parte da carita.

Não posso explicar o que senti nesse momento! Ainda julgei que pudesse ter algum arranjo; mas vendo que não tinha conserto, senti um grandesgosto, como todos podem avaliar.

Não me revoltei, nem bati no bichano, que não soube o que tinha feito. Fui para o quarto sòzinha; e como meu paizinho me tem ensinado que todos temos um Guia, eu então pedi-lhe com muita fé que me acudisse naquela aflição. E senti alguém junto de mim a dizer-me que não chorasse.

Cansada de chorar, adormeci e sonhei...

Que sonho tão lindo!... Sonhei que tinha outra boneca ainda mais linda que me deixou encantada, porque eu via por toda a parte meninas como eu, a brincar e a cantar, e todas elas traziam bonecas. E eu no sonho continuava a pedir que a boneca se não partisse...

Como Nosso Senhor protege sempre os pequeninos, no dia seguinte, sem ninguém esperar, nem saber, bateram à porta e ofereceram-me uma grande boneca muito bonita que abria e fechava os olhos e dizia «Papá» e «Mamã». Fiquei contentíssima, mas na minha alma ficou sempre o desgosto daquela boneca dada por meu paizinho e que eu tanto e tanto estimava.

Não querendo ser ingrata para o meu Guia, vi que ele tinha atendido a minha prece, e a prova foi que alguém veio oferecer-me uma boneca, sem saber que eu estava a sofrer o meu primeiro desgosto.

Maria Helena Gamboa

A Boneca

Deixando a bola e a peteca
Com que inda há pouco brincavam,
Por causa duma boneca
Duas meninas brigavam.

Dizia a primeira: «— É minha!»
«— É minha!» — a outra gritava;
E nenhuma se continha,
Nem a boneca largava.

Quem mais sofria (coitada!)
Era a boneca. Já tinha
Toda a roupa esfrangalhada
E amarrotada a carinha.

Tanto puxaram por ela,
Que a pobre rasgou-se ao meio,
Perdendo a estopa amarela
Que lhe formava o recheio.

E ao fim de tanta fadiga,
Voltando à bola e à peteca,
Ambas, por causa da briga,
Ficaram sem a boneca.

Olavo Bilac
(Brasileiro)

O Natal do Joãozinho

Quando Joãozinho deu por si já era tarde. Entretivera-se a olhar para as montras de brinquedos, esquecido do recado da mãe.

Como não se lembrara ele das amêndoas e da canela para o doce dessa noite de consoada?...

Por que se demorara ele?

A tentação era demasiado forte: os carrinhos puxados por achatados e impassiveis cavalos; as bolas todas inchadas de uma vaidade ridicula; os soldados de cartão para armar...

Joãozinho olhava, olhava, não pensando na canela e nas amêndoas.

Mas porque seria que a papelaria em frente expunha todos aqueles «bonitos», quando havia tanto menino que os não podia comprar?

E João olhava, olhava...

Nisto, uma vòzinha aguda, muito de dentro de si, começou a murmurar-lhe;

— Vai, João, vai; tua mãe está à tua espera.

João sacudia os ombros a afastar pensamentos importunos.

Ora, ao menos «mirar», já que não podia comprar. Se seu pai fosse milionário... já não dizia tanto, ao menos meio milionário... um terço... um quarto...

— Vamos! — insistia a vòzinha aguda. — Vejo que sabes aritmética, mas isso agora não ineressa.

— Só mais um instantinho? É só perguntar o preço; sei que não posso comprar, mas é só este gosto.

João entrou e lá dentro assustou-se com o custo dos soldados — e ele já escolhera o que supunha mais barato.

Bom, sempre era melhor ir buscar a canela...

//

— João, tardaste tanto! Não é costume. Ficaste a brincar com o rapazio, hein?

A mãe, zangada, esqueceu o troco; a João, preocupado, aconteceu outro tanto.

Da sua janela, João admira os soldados. Lá estão eles alinhados no cartão.

Os soldados... Os soldados... Os soldados...

Que pena, mas que pena!...

As suas mãos revolvem os bolsos, na ânsia de agarrar aquelas figuras de cartão.

Quê? Que é aquela rodinha fria em que seus dedos tocam? Os vinte centavos do troco.

Não o devolveu e devia tê-lo feito. Mas... os soldados?...

Os seus pés parecem colados ao chão. A mãe esquecera-se.

Um mau pensamento apodera-se dele. Atravessa a rua a correr.

Era ridiculo, mas, enfim, ia propor à caixeira, filhinha do patrão, o aluguer do cartão. Diria, por certo, que não; troçaria. Paciência.

Então não valeria de nada serem vizinhos?...

A final o negócio sempre se arrumou; João voltou para casa com o cartão alugado por duas horas.

Ah! devia estar contente!

Contente, mas, mesmo, contente?!...

Não, não estava e não sabia por quê.

E de novo a vòzinha;

— João, vê o que fizeste: tu roubaste vinte centavos a tua mãe...

— Roubar? Ui, que feio! Eu não fiz isso; esqueci-me do troco.

— Esqueceste-te — e a voz já era vozeirão — esqueceste-te para dar, mas não para ir alugar os soldados.

— Oh, deixa-me, não tem mal; a mãe perdoa.

— E já lhe pediste perdão?...

— !!!...

— Então?!

Aquele vozeiro aos seus ouvidos fazia-lhe mal; mas o caso é que bem via que ele tinha razão, o vozeirão.

João, arrependido, correu à cozinha.

— Mãe, fiz mal, muito mal. Não te dei o troco, aluguei com ele estes soldados. Pronto, perdoa! Eu não torno, não torno!...

Dissera tudo num fôlego, como receasse não ter coragem, repetindo num eco:

— Eu não torno... não torno...

A mãe olhou para o cartão, enrolado nas mãos do filho. Este, percebeu-lhe a direcção e estendeu-lho:

— Olha, admira tu; o dinheiro era teu. Eu não torno...

A mãe tomou-o nos braços e começou a ralhar suavemente:

— Acredito em ti; já não me recordava do troco, mas aguardava o teu arrependimento. Não voites, não, meu filho, a cometer esta feia acção!

O Órfão

Vir ao mundo e não ter mãe,
Percorrer o mundo inteiro
Sem um lábio maternal
Que nos diga: — Filho, vem!... —
É como ser forasteiro
Na própria terra natal.

E dizer que, havendo Deus,
Fonte de imensa piedade,
Há criancinhas sem berço
E almas sem caridade!

Ver os lirios das campinas
Todos cheios de alegria,
E tantas mãos pequeninas
Sem o pão de cada dia!

Ser órfão! Não ter na vida
Aquilo que todos têm!
É como a ave sem ninho...
É qual semente perdida
Que, ao voltar do seu eirado,
O lavrador descuidado
Deixou tombar no caminho.

Guerra Junqueiro (O Livro das Crianças Portuguesas e Brasileiras)

Pela Pátria

Ouve, meu filho: cheio de carinho,
Ama as árvores, ama. E se puderes,
(E poderás, tu podes quanto queres!)
Vai-as plantando à beira do caminho.

Hoje uma, outra amanhã, devagarinho,
Serão em fruto e em flor, quando cresceres.
Façam os outros como tu fizeres,
Aves de Abril que vão compondo o ninho.

Torne fecunda e bela cada qual
A terra em que nascer, — e Portugal
Será fecundo e belo, e o mundo inteiro.

Fortes e unidos, trabalhai assim...
A Pátria não é mais do que um jardim
Onde nós todos temos um canteiro.

António Correia de Oliveira
(«A Alma das Árvores»)

PROTECÇÃO DO ALTO

A Guidita era um amor. Loira, rosada, olhos muito azuis de meiga expressão. Mas como era triste, também, essa expressão!

No entanto, quem conhecesse bem a vida da pequenita não ficaria admirado com essa tristeza e até a julgaria muito natural.

A Guida ia nos oito anos e perdera a mãe havia dois.

O pai não era mau homem; mas vendo-se sòzinho e com uma criança a seu cargo, resolveu casar outra vez e um belo dia chamou a filha e disse-lhe;

— Ouve cá filhinha. Não gostarias de ter outra mamã?

— Que me desse muitos beijinhos e me tratasse como a mãezinha que foi para o Céu?... Gostava... Agora ando tão triste... ninguém faz caso de mim!...

— Pois alegra-te. Em breve terás quem te beije e trate com carinho. Estás contente?

— Muito!... — declarou a pequena, lançando-lhe os braços ao pescoço.

Pobre pai... e pobre Guidinha! Todos tinham a segunda mulher por boa pessoa, mas no fundo era má e desde o primeiro dia detestou a enteada, invejando a parcela de afecto que o pai lhe reservava.

E decorridas as primeiras semanas, passada a cerimónia, Guida tinha razões para andar mais triste do que nunca, pois já experimentara o peso da mão da madrasta e só encontrava mau modo onde supusera encontrar carinho.

Certo dia a pequena ficou só em casa. A madrasta saira, ordenando:

— Trata de varrer a casa e ter tudo limpo quando eu voltar. Não estou para criar mandrionas e quem quiser comer tem de trabalhar.

Resignada, a Guida pegou na vassoura e, conforme pôde, lá foi desempenhando a tarefa.

O pior foi que, ao passar perto do toucador, escorregou e, para se agarrar, deitou a mão ao pano de renda que cobria a pedra e atrás dele veio linda jarra que a madrasta tinha em grande estimação.

Pode calcular-se como a pobre Guida ficou...!, com o coração tão pequenino, tão apertado, que nem forças tinha para chorar.

E foi assim que a madrasta a encontrou: muito branca, encostada à parede, ainda com a vassoura na mão, a olhar para os cacos da jarra.

— Bonita obra! — exclamou furiosa, ao ver o desastre. — Fazes as coisas de má vontade e portanto não é para admirar que te sucedam destas. Pois minha menina, vais saber como elas te mordem para aprenderes a ser mais cuidadosa.

Enquanto a pequena curvava a cabeça, tremendo com a aproximação do castigo, a irascível criatura arrancou-lhe a vassoura das mãos e ergueu-a, pronta a desancá-la.

Então deu-se um facto estranho. O braço caiu-lhe, tal como se alguém lho prendesse, e os dedos largaram a vassoura. E foi essa exactamente a sensação que a madrasta de Guida experimentou. A duma mão gelada, mas enérgica que, apertando-lhe o pulso como num torno, não a deixasse concluir o gesto começado.

Quis libertar-se dessa impressão e a sua raiva cresceu contra a enteada, mas em vão tentou bater-lhe. Qualquer coisa mais forte do que ela, lhe paralisava os movimentos.

Então, pálida de medo e de cólera, bradou:

— Tira-te da minha vista!

A Guida não deixou repetir a ordem e sumiu-se, indo refugiar-se em casa duma vizinha que sempre a acolhia bem.

Nunca a madrasta confessou a ninguém o que sentira naquela ocasião, mas de si para si ficou convencida de que fôra o espírito da mãe que viera defender a filha da brutal agressão.

De futuro, a Guida, embora não fosse acarinhada, pelo menos não tornou a sofrer maus tratos.

SIBIL

Um Amigo

É mais raro do que a Fénix
Um amigo verdadeiro;
Não há nome tão sagrado,
Que seja mais corriqueiro

Curvo Semedo

O Livro

Na madrugada do Ano Bom, Joãozinho sonhou que uma fada lhe trouxera um livro de presente.

Que lindo livro! Tinha uma capa com iluminuras a fogo.

— Meu menino — disse a fada, sorrindo — é um presente do Papá Tempo. Guarda-o como recordação. Durante o ano, escreve alguma coisa em cada página.

Então o Joãozinho viu que todas as páginas estavam limpas, muito limpas. Guardou o livro com cuidado e acordou quando os raios de sol lhe entravam pela janela do quarto.

Passou 1946 e Joãozinho nunca esqueceu o livro. Parecia-lhe que o coração estava preso àquelas páginas alvas e limpas.

Chegou, porém, o dia 31 de Dezembro. Havia esta em casa. Recebeu presentes da mamã e do papá e dos avós, mas nenhum livro tão lindo como aquele.

Quando se foi deitar, pôs o livro debaixo da almofada.

De repente, a porta abriu-se e luz azul-clara encheu o quarto.

— Meu menino — disse a fada, que apareceu novamente — o Papá Tempo mandou buscar o livro velho e trazer-te este novo.

E tinha nas mãos outro livro maior e mais lindo.

— Mas eu não sei onde está o livro velho — disse o Joãozinho com voz chorosa. — Eu não escrevi nada nele...

— Escreveste, sim. Ele tem 365 páginas e em cada uma delas, escreveste ou desenhaste alguma coisa.

Então a fada tirou o livro debaixo da almofada e mostrou-lho. Na primeira página estava uma linda borboleta desenhada a cores brilhantes. Na outra, um canário a cantar no galho dum arbusto. Noutra, uma cobra suja e feia. Mais adiante um borrão. Depois, uma escrita cheia de sinais e linhas tortas. Mas noutra página vinha uma carta com letra fina e alinhada. Eram 365 páginas desenhadas ou cheias de borrões com escritas perfeitas ou tortas e feias.

— Mas eu não fiz nada disto! — exclamou o menino.

— Este livro — respondeu a fada — é o livro da tua vida em 1946. Os desenhos lindos são os dias em que praticaste o bem. A borboleta representa a tua merenda, que deste ao amiguinho pobre que perdeu a dele quando ia para o colégio. Aquele canário apareceu ali quando confessaste a verdade, para que outro não sofresse castigo em teu lugar. Aquela cobra é a feia mentira que pregaste à mamã. Os borrões são as brigas. Aquela carta linda ficou ali quando reconheceste uma falta e pediste perdão ao teu companheiro...

O Joãozinho ficou triste. Se ele soubesse!...

— Pois bem — meu menino —; vou levar o volume 1946 ao Papá Tempo, mas deixo-te o 1947. Espero que escrevas e desenhes nele belas coisas.

E deixou-o sob a almofada. Quando Joãozinho acordou, ficou pensando muito no livro. Dali em diante, esforçava-se por não mentir, não brigar, não faltar às aulas e fazer só coisas boas, para que o seu livro se enchesse de lindos escritos e de belíssimos desenhos.

(Adaptação)

CONTE O SEU CASO ..

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Frederico Figner, que acaba de desencarnar no Rio de Janeiro, conta ao «Correio da Manhã», como ingressou no Espiritismo

FOI em 1897, quando comecei a vender os primeiros fonógrafos de Edison, que um dos clientes, Pedro Saião, futuro pai de Bidú, comprou um, tornou-se meu íntimo amigo e me escolheu para sua vítima. Meteu-se-lhe na cabeça ou foi influenciado para me fazer espirita.

Diàriamente, surgia na minha loja a pregar Espiritismo e eu a não ligar àquilo. Não me interessava. Nunca cogitara de religião até então, e não sentia necessidade dela. E nisto levou o Pedro até 1900, sem resultado algum. Nasci judeu e aos 12 anos fui ser aprendiz de caixeiro em casa de pessoas estranhas, aos 15 emigrei para a América, e adeus qualquer religião.

Em Maio de 1900, meu irmão Gustavo, meu sócio em São Paulo, foi visitar a nossa família na Boémia, nossa terra natal, e eu prometi ir aos sábados no noturno, lá, a fim de aos domingos ver o que era preciso, e de noite voltava para estar aqui na segunda feira, isto de duas em duas semanas.

No primeiro domingo que lá cheguei esperava-me o pai de um meu empregado que me pediu 200 mil reis por conta do ordenado do filho; era para a sua esposa poder fazer uma raspagem do utero, quantia que ele ia dar por conta e pagaria o resto em prestações. Mandei dar-lhe o dinheiro e fui tratar do negócio.

Quando às onze e meia desci do escritório, encontrei o homem lá sentado. Perguntei o que esperava e ele começou a falar sem dizer coisa alguma certa, perturbado, parecia. Lembrei-me naquele momento que o Pedro falara que os espiritas davam receitas e curavam, e ofereci arranjar uma receita para a sua esposa. Ele aceitou, era uma tábua de salvação que se lhe apresentava. Tomei o nome no meu caderno; Francisca, 36 anos, rua tal, número tantos.

Chegando ao Rio, não tardou o Pedro a entrar na loja. Peguei no papel, escrevi o nome, idade e moradia, arranquei a folha do bloco, virei-me para ele e perguntei:

— Pode-me arranjar uma receita para esta senhora?

— Pois não!

Pegou no papel e saiu. Uns quarenta minutos depois, voltou e entregou-me o papel. De um lado estava um diagnóstico minucioso que falava de um parto difícil, dando a data e outras muitas causas, e no fim dizia: «Creio que com os remédios qua vou receitar evitar-se-á a necessidade da raspagem do útero». Do outro lado do papel estavam indicados 8 pares de homeopatias a serem tomadas cada par de uma em uma hora, durante 2 dias.

Fiquei estupefacto.

— Como é que você sabe que a mulher quer fazer uma raspagem do útero?

— Eu não sei de nada — disse ele.

— Mas é isto mesmo que ela quer fazer.

— Tanto melhor — respondeu.

— Quem é que escreveu isto.

— Foi o médium Filgueiras.

— Que faz ele?

— É guarda da Alfândega e está na Guardamoria.

— Posso ir lá?

— Pois não!

E lá fui eu com o Pedro. Vi um velho muito míope, sentado a uma mesa a escrever receitas, e uma porção de gente à espera de sua vez, para pedir também. Achei esquisito. E o guarda-mór, sr. Berquó, a presenciar isso no seu gabinete.

Fiquei tonto. Como podia este velho adivinhar o que se passava em São Paulo, se eu nada dissera nem escrevera? Pedi ao Pedro que indicasse quantas gotas tinha que tomar cada vez e mandei a receita. Quando quinze dias depois lá voltei, o homenzinho lá estava para me agradeeer a receita, que já muito tinha aliviado sua senhora, e para pedir outra. Perguntando-lhe sobre o diagnóstico, afirmou-me que tudo estava certo.

Voltando ao Rio, entusiasmado com o resultado, disse ao Pedro que queria saber como se fazia isso.

— Compre o «Livro dos Espíritos» e leia.

Comprei o livro, mas não o li, folhei-o. Sabia tudo de cor e salteado. Era a coisa mais natural. Ninguém morre. O médico que desencarnou e que aqui estudou, não esqueceu o que sabia; e de lá, com os olhos espirituais, enxerga melhor o que se passa e indica aos médiuns o diagnóstico e os medicamentos. Quem neste caso precisava do diagnóstico não era a doente, era eu, eu que estava dormindo e precisava acordar. E acordei. Até hoje tenho pedido ao Pai as bençãos para o Pedro.

Daquele dia em diante o Pedro emudeceu e quem começou a pregar fui eu. Entrei no Grupo Ismael, onde se estuda o Evangelho e o *Livro dos Médiuns*. A questão da sobrevivência e a comunicabilidade dos Espíritos estavam resolvidas para mim, mas o que não aceitei com a mesma facilidade foi a Jesus.

Não compreendia a necessidade de crer nele. Para que? O Evangelho ensinava que ele era o Mestre, que tinha poder e governava o Mundo.

Um dia resolvi experimentá-lo.

Dias depois, entrou na loja um senhor que me contou que estava desempregado, com a mulher de cama e quatro filhos, e estava sem recursos para acudir-lhes. Puxei de uma nota, dei-lha e lembrei-me da resolução de experimentar o Cristo.

— Vou fazer uma experiência consigo. Como se chama? Sua morada?

Pedi e tomei nota.

— Esta noite vou rezar pelo senhor. Vamos ver.

À noite, deitado na cama, lembrei-me da promessa e disse:

— Jesus, dizem os meus amigos que tu és um espirito poderoso e cheio de amor por nós, que és o nosso Mestre e Senhor. Se tu tens algum poder, faz com que fulano que está com a esposa enferma sem recursos, encontre um emprego. Dai-me uma demonstração do teu poder.

E adormeci.

Dois dias depois, o homem entrou na loja, sorridente.

— Venho agradecer-lhe a sua prece. Estou empregado. Vieram-me oferecer um emprego.

— Demos graças a Jesus, a quem pedi — lhe disse. Mas no meu íntimo ainda subsistia a dúvida. Podia ser um acaso. Experimentei a segunda, a terceira vez, com o mesmo resultado. Ainda podia ser um acaso; mas quando chegou a centésima, não havia mais cálculo possível para dúvidas. Era ele que me escutava. Apelando depois para o espírito da Virgem, obtive o mesmo resultado. Um caso típico me ocorre: Um dia uma senhora procurou-me na Federação Espirita e pediu-me socorro, dizendo:

— Sr. Frederico, estou desgraçada. Meu marido abandonou-me com três crianças e fugiu com outra mulher.

— Não se aflija — disse-lhe eu. — Vamos pedir à Virgem, que é a Mãe das mães, Ela ouvirá nosso pedido.

Orei muito e pedi piedade para sua filha, para seu esposo e para essa infeliz que desviou o marido da pobre criatura, chorando ambos. No dia seguinte, voltou a senhora a me agradecer, pois que seu marido tinha voltado.

— Então vamos agradecer à Virgem a esmola que nos concedeu. E orámos com o coração transbordando de gratidão e alegria.

Encontrei o Céu na terra.

Comecei a falar e um dia o cónego Tomé, que gostava muito de música, comprou um fonógrafo e eu comecei a querer catequizar o cónego. Um dia convidou-me para ir um domingo de tarde a sua casa, em São Cristovão. Lá fui eu levando o «Evangelho Segundo o Espiritismo» de Kardec, e durante quatro horas o cónego procurou catequizar-me para eu me baptizar e ser um dos baluartes da sua Igreja, e eu a mostrar-lhe os erros que a Igreja ensina e que o Evangelho do Cristo condena.

Por fim, tinha que ir, e ele ao se despedir de mim disse:

— Sr. Frederico, homens como o senhor é que nós precisávamos na Igreja. Temos muitos que batem no peito e dizem: «eu sou católico apostólico romano», mas poucos sabem dizer porque são católicos.

Continuou sempre, enquanto aqui estava, a visitar-me e quando desencarnou veio à minha sessão cumprimentar-me e dizer:

— Você é quem está com a Verdade.

Estudos Psíquicos e os leitores

Posso dizer-lhe que Estudos Psíquicos *está recebendo muitos louvores no meio espirita do Rio. É justo, justissimo, porque a Revista é presentemente uma das melhores do mundo, neste género.*

Deolindo Amorim, Rio de Janeiro

///

A revista Estudos Psíquicos, *pela diversidade de seus temas, pelos grandes ensinamentos que fornece e ainda pela forma gráfica apresentada, é, sem qualquer favor, a melhor do mundo. Embora a minha capacidade não permita fazer-lhe grandes referências, dos abalisados as tenho ouvido; e como recebo outras do estrangeiro, sei fazer distinções.*

Manuel Lucas Goulart, Ponta Delgada

///

Acerca da revista Estudos Psíquicos, *aqui recebida regularmente, não tenho receio de afirmar que a considero a mais completa e melhor apresentada das que actualmente se publicam e por isso me cumpre felicitá-lo pela sua inteligente direcção e verdadeiro entusiasmo ao serviço da causa do Espiritismo, que é a Causa da Verdade e do Bem.*

Natalio Ceccarini, filho, director de «La Idea», de Buenos Aires

VISÃO RETROSPECTIVA

por Isidoro Duarte Santos

Se a inteligência existe no homem, ela deve encontrar-se nesse universo de que ele faz parte integrante. O que existe na parte, deve encontrar-se no todo.

LÉON DENIS «O Grande Enigma»

Ó homens que deixastes extinguir no interior a chama da verdadeira fé e malbaratastes em inúteis guerras a poderosa alavanca do progresso espiritual, vinde, acompanhai-me na digressão que vou empreender pela alma das coisas, através de mil esconsos ignorados, em demanda da verdade sem véu! A vida não se resume em «ser». Há que pensar em «ter sido», em ter hibernado, ora na insensibilidade de um seixo em radiação, ora sonhando nebulosamente e de tão longe que se torna impossivel reter na memória a mínima lembrança. O presente vive do passado, como o futuro viverá do presente, na cadeia de elos imortais. É a própria História que no-lo afirma, à luz dos factos incontestáveis; é a consciência que o vislumbra em sua intuição de efeitos e de causas; é a lógica que o proclama e contra a qual esbarram incongruentes teorias apoiadas em especulações de ocasião.

Procuremos no ciclo evolucionista a origem das tendências, das predilecções específicas que os sábios não podem explicar com todo o arsenal de cadinhos e ampolas e reagentes e bisturis, impotentes para fabricar um átomo. Vamos ao mineral perscrutar os latejos dum princípio organizador que trabalha na relatividade dos meios intrínsecos de assimilação. Subamos ao vegetal, onde a vida se vai modificando lentamente, segundo a fala aristótélica; depois, acompanhando o progresso numa rajada fecundante, entremos na câmara protoplásmica, onde a manifestação vital conquistou já relativo desenvolvimento.

Da monera até ao homem, quantos degraus na escala zoológica!... Quantas peregrinações, quantas dores incubadas no seio da individualidade que se arrasta lentamente numa via dolorosa que é, ao mesmo tempo, grito libertador e quebrar de algemas, bater de azas para o Ignoto em obediência ao extraordinário impulso que recebemos no Inicio!... Quantos estados espirituais, quantos anseios, quantas angústias no remoinho vertiginoso de um ciclo em que se dorme e, por vezes, um lampejo de sonho abre clareiras fantásticas no limitado horizonte da matéria vivente, da matéria feita luz mortiça, antes de resplandecer no arrebol da madrugada!... Quantas marchas interrompidas na imensidade da molécula, quantas lutas devastadoras no infinito do grão de areia!...

E no meu espírito há raios de misteriosa claridade que, prestes, mergulham no insondável de remotas eras. Vejo as ásperas cavernas do período quaternário atraindo a espécie... Sinto a garra impetuosa do mais forte e os calafrios originados pela minha condição de vítima inerme... De novo me levanto e de novo caio. Entrementes, deslisam as idades, como nuvens extravagantes, e eu abandono momentaneamente a crosta para volejar na profundeza. Tudo é nevoeiro à minha volta. A energia me arrasta, o instinto me guia. Porventura, é isto viver? Assim o creio, porque a vida é movimento.

A erraticidade me atrai, a erraticidade me repele. E em vai-vem inenarrável que se perde na noite dos tempos, desço às grutas milenárias, onde o troglodita serpeia colado à terra, espreitando e devorando em alegria sangrenta, submetido a paixões brutais que toldam por completo o raciocínio...

Depois vem a tribu. A vista alonga-se, como por encanto, e a selva adusta alimenta o concerto prodigioso dos seres.

Ilimitada ambição espicaça-me a vontade, o desejo cria força e a membrana do morcêgo aspira ao voo do falcão. É a guerra sem quartel dirigida pelo músculo, deixando atrás o sangue e tingindo os farrapos de carne palpitante furiosamente dilacerados pela dentuça homicida. Vencer ou ser vencido, eis tudo. O triunfo é a volúpia máxima para a qual se voltam os dedos recurvos da humanidade primitiva.

Eis-me na Idade Média, gladiador abatido e devorado pelas feras. O escravo emparelhou com os brutos no amanho dos campos. Injustiça? Jamais! Cumprimento da lei e resgate de soberbas antigas. Para que fiz espadanar o sangue? Para que insultei e esfaqueei à sombra de efémeros poderios?

Mas o jugo lançou-me na alma résteas de

luz que reconfortam. Quis subir mais e para isso me humildei até os últimos limites. Mendiguei na Europa, para saldar asiáticas opulências. Rojei a face e sofri resignadamente o desprezo daqueles a quem odiara. De juiz, transformei-me em réu confesso. Estava ali, oferecia o pescoço ao carrasco, mas o carrasco não me via, nem ouvia. Era forçoso caminhar, levar o fardo até o fim.

Volvo à morte, que me conduz à vida. Conselhos, admoestações de potências que me amparam, que me protegem, que me animam na dolorosa subida e eis-me outra vez no plano antigo, sofreando os impetos, reagindo às tentações, calejando a sensibilidade na dor que me afoga a rebeldia, lutando sem cessar frente ao sorvedouro... E eu a fugir do pego e o pego a aproximar-se...

Obedecendo a estranho impulso, fui-me erguendo sempre das várias quedas. Uma força me empurrava na vereda que seguia. Outra, porém, anulava o avanço; e, deste modo, era permanente o combate entre causas conducentes ao fim preposto.

Assim se foi modelando a personalidade. Assim foram surgindo no homem as predilecções, as tendências para o bem e para o mal.

O caracter é síntese evolucionista. Resume, concentra os sentimentos e os conhecimentos alcançados nas vidas anteriores, porque no universo nada se perde, quer espiritualmente, no domínio do imponderável, quer fisicamente, no domínio do tangível.

Todos chegam, pois, ao ponto objectivado, saltando barrancos ou abrindo sulcos, chorando ou cantando, arrastando grilhões ou distribuindo esmolas munificentes.

A vida não se resume em «ser». O presente é abstracção inexplicável. É feito de futuro e de passado, é misto de recordação e espectativa. O presente é traço imperceptível, na acepção integral da palavra...

Hoje sou presa de velho temor. Após viagens multiplices, que avancei eu? Que progredi eu? Porque nutro vícios e paixões, porque não sei esquecer a injúria, calar o despeito, reprimir o mau impulso? Impregnado de fraqueza, porque não cumpro o que outrora prometi? Porque não me esqueço a mim próprio, para cuidar dos outros?...

Ah! É porque a matéria impera onde devera imperar o espírito, é porque a sombra permanece onde devera estar a luz.

De que valem bens terrenos, passageiros quais meteoros, se a riqueza espiritual é a única perdurável, que nos acompanha sempre na viagem eterna da evolução?

TIROS AOS POMBOS

Um dos desportos a que com mais entusiasmo se dedicam certos indivíduos das classes abastadas e até dos que pretendem que lhes corre nas veias «sangue azul» — sinal de nobreza — é o do tiro aos pombos.

Uma gaiola fechada, escura. Dentro dois pombos, dois inofensivos animais.

Repentinamente, a gaiola abre-se, inunda-se de sol. Em frente, o ceu azul, límpido, acolhedor! A liberdade, a luz, depois do cativeiro e da noite profunda!

Por detrás, a uns metros de distância, um homem — um homem, ou uma fera?— tem uma espingarda preparada. Aponta, ràpidamente, e logo dois tiros partem! Os pobres animais caiem varados pelo chumbo. A multidão espectadora aplaude o feito, e o homem — o homem, ou a fera? — agradece, orgulhoso.

É isto o tiro aos pombos...

Nem nobreza, nem valor, nem mérito, nem utilidade, nem coragem, nem coração, nem alma, nem sentimentos cristãos! Nada! Nada existe nesse desporto que o justifique!

Depois vêm os banquetes aos «vencedores» — de quê? Santo Deus!

E a imprensa noticia diàriamente esse bárbaro divertimento!

Quando será que se legisle no sentido de proibir, terminantemente, certos espectáculos que, como este do tiro aos pombos, são a mais evidente negação dos sentimentos nobres que os cultores desse desporto certamente se orgulham de possuir?

(Do *Mensageiro Espirita*)

De que valem ódios que afogam os rasgos de bondade das almas simples, mergulhando-as em abismos hiantes ou sombras álgidas e viscosas?

De que valem guerras fratricidas, depredações, saques, morticínios, opróbios, vilipêndios?

É preciso galgar a distância que vai da lama aos cumes nevados das alturas, que vai das trevas ao sol ofuscante, que vai das almas torvas aos surtos grandiosos do pensamento sublimado pelo espírito.

Ó homens que hesitais entre o cepticismo e a crença, entre o sol e a nuvem, acendei na consciência imarcessíveis lampadários! Mortificai a besta que dorme inquieta no subconsciente, com receio de ser colhida na vossa ascensão espiritual.

Procurai em vós alguma coisa mais, além da vida vegetativa que reside no estômago. Procurai com ardor e encontrareis o Homem na plenitude das suas belas faculdades.

Apontamentos de Radiestesia

por António J. Pinto de Almeida

DECORRIA o ano de 1940. Já se atingira o mês de Maio e apesar dos meus afazeres, o tempo tornava-se-me monótono, até que determinado indivíduo me falou doutro que aplicava a Radiestesia, mas que estava distante de mim cerca de 400 quilómetros.

Nunca tinha ouvido falar em radiestesia e de harmonia com a resumida descrição que me foi feita, fabriquei um pêndulo com os materiais seguintes: *Uma pequena esfera de chumbo e um bocado de linha branca*, presa à esfera. Deste modo principiei meus estudos e minhas experiências radiestésicas, sem nunca ter visto, ao mesnos, um livro que tratasse desta ciência.

Um dia, e quando menos o esperava, um camarada pede-me para o acompanhar a casa do indivíduo que se encontrava a 400 quilómetros e se dedicava a estudos radiestésicos.

Ali chegado, observei o modo como ele fazia suas investigações sobre os corpos. O seu saber maravilhou-me! Possui vários pêndulos, o biómetro, que permite a medição do comprimento de onda e a qualidade de vibração de todos os corpos desde «*um angstrom* (1) *até cem microns*», e outros aparelhos radiestésicos.

Depois de observar tudo isso, ousei mostrar-lhe o meu pêndulo rudimentar. Notei logo o seu contentamento. Pegou no aparelho e experimentou satisfatòriamente com ele. Fez várias experiências comigo, e por fim disse que eu tinha maior poder radiestésico do que ele.

Mais maravilhado fiquei ainda, e agradeci a Deus o poder que me confiou.

Desde então tenho-me aplicado, mais e mais, às minhas experiências, sem que até hoje me tivesse enganado uma só vez. Pode acontecer que alguma vez erre, porque *errare humanum est*.

É por meio do pêndulo que os fenómenos se produzem, os quais, a meu ver, dependem da radiação dos corpos e das suas vibrações.

É sabido que tudo vibra no universo, desde o átomo até ao astro e cada célula gera, ao vibrar, uma percepção no éter, produzindo as radiações que ondulam em comprimento e direcção específica que equivale à impulsão.

Estas ondulações determinam o movimento do pêndulo.

Cada corpo pode produzir mais de uma radiação característica no oceano etérico, emocional e mental, ou nos três simultâneamente, além das emanações celulares, como as que afectam o olfato.

Sabido é também que as radiações se manifestam no éter de vários modos, desde as simples ondulações de calor, que podem observar-se ao longo duma parede exposta ao sol forte, até às magnéticas e eléctricas, observáveis em seus efeitos, quer na bússola, no imã, umas, outras nos aparelhos eléctricos, no rádio, etc.

Todos os corpos são mais ou menos atravessados pelas radiações e, neles, umas células pulsam harmònicamente, por ressonância simpática com a vibração e outras como que se fecham, para não responderem a vibrações que, segundo parece, lhes são adversas ou antipáticas.

Deve compreender-se que, em tal caso, a ressonância é o aumento vibratório de uma célula ou de um corpo em resposta simpática às vibrações produzidas por outro corpo similar.

Todas as pessoas são continuamente atravessadas por radiações que as afectam, maléfica ou benèficamente; e embora os nervos reajam contra tais radiações, of acto, geralmente, passa-lhes completamente despercebido.

Algumas radiações mais potentes ou mais grosseiras podem ser percebidas pelas pessoas sensitivas e ultra-sensitivas que ao se aproximarem dessas radiações, ou de uma corrente de água subterrânea, ou de jazigos de certos minerais, sentem peso nas pernas, arrepios, perturbações e mal-estar. Todavia, as radiações que passam junto das pessoas podem ser perfeitamente captadas, reveladas e estudadas por meio do pêndulo.

A perfeita interpretação dos movimentos do pêndulo depende de um estudo bem orientado e é preciso que o operador esteja bem familiarizado com ele.

Qualquer pesquisador, quando almeje perfeita segurança nos seus trabalhos, necessita do respectivo preparo, atendendo a que as causas de erro são inúmeras e podem causar, desde o início, o desânimo do sensitivo afoito.

A radiestesia poderia prestar valiosos serviços nos diagnósticos médicos, na escolha dos remédios, dos alimentos mais apropriados, etc., etc., porque o campo é vastíssimo.

A propósito do emprego da radiestesia nos diagnósticos médicos, cabe aqui citar um facto passado entre mim e um funcionário da Polícia de Investi-

(1) Angstrom, termo empregado pelo tal senhor, mas que deve ser uma medida inferior ao micron.

gação de Luanda. Tendo-me encontrado com ele em Luanda, disse-me que sofria muito do coração; que todos os médicos da cidade lhe diziam ser essa a sua doença; que o aparelho radiográfico acusava grande dilatação desse orgão e apresentou-me uma radiografia, sem dizer mais nada. Com um novo pêndulo paradiamagnético, que construi, observei o meu interlocutor e concluí que os ofrimento que o acabrunhava residia no seu sistema nervoso! Então, permiti-lhe que expusesse o que acerca da doença pretendia dizer-me. Dclarou que, «tendo gozado licença na terra da sua naturalidade — subúrbios do Porto, — por intermédio de um médico seu amigo fora radiografado e que lhe haviam também dito (e a radiografia confirmou) o que eu acabava de dizer-lhe».

O uso da conhecida forquilha ou varinha dos nossos vedores é a prática da ciência chamada *rabdomancia* e tanto a varinha do vedor como o pêndulo têm prestado à humanidade inegáveis serviços.

A *rabdomancia* deu lugar à radiestesia.

Por sua vez, a radiestesia cederá o lugar à tele-radiestesia, podendo esta definir-se «a Ciência da prospecção ao longe ou a distância».

Para a prática da tele-radiestesia, o operador colocará na sua frente uma planta do terreno, ou um mapa do país que pretende examinar. Pega no respectivo pêndulo e passeia-o por cima da planta ou do mapa do local a prospectar, tal como se estivesse pisando o próprio terreno, formando antena com os dedos da mão esquerda. Fixará a mente num determinado local e objecto, auxiliado por uma fotografia do objecto ou pessoa a procurar e coloca-se em contacto com a radiação específica do local, objecto ou pessoa procurados, caso ali existam.

Para testemunhar esta afirmação, cito o facto de que, por ocasião da invasão da Europa, ou melhor, da França, dirigiu-se-me o Rev.º P.e Luiz, missionário da Congregação do Espírito Santo, bastante aflito em consequência de não saber do paradeiro de seus dois irmãos, uma cunhada e um sobrinho e de quem havia muito tempo não tinha notícias. Como ele é de nacionalidade belga, pedi-lhe uma fotografia da família e o mapa da Bélgica, que me forneceu.

Munido destas duas coisas, peguei no meu pêndulo e tratei de averiguar se as personagens procuradas eram vivas ou mortas. A resposta não se fez esperar, verificando que eram vivas; porém, em uma das pessoas (de que não tinha fotografia mas apenas o nome escrito pelo P.e Luiz na ocasião da pesquisa), as radiações eram quase nulas, o que me levou a duvidar de que vivesse. Mas não; estava muito doente por efeito de tuberculose, segundo me disse logo o P.e Luiz.

Para comprovar o que acabava de dizer ao meu interlocutor, investiguei a terra onde nascera o sobrinho e concluí ser natural de Bruxelas; a cunhada ser de Bruxelas ou muito próximo (assim me exprimi, porque o mapa que estudava pertencia a um Atlas Universal e portanto de escala muito reduzida); o irmão, que prestara serviço em Bruxelas, em Bruges e ainda noutra localidade que não recordo; por fim, averiguei de onde eram oriundos, e fui parar às Ardenas. Tudo relatei ao sacerdote meu interlocutor e tudo confirmou (com excepção do irmão casado ter estado em Bruges, por ignorar tal pormenor) e que a cunhada tinha nascido a 21 quilómetros de Bruxelas, e que seus pais eram naturais das Ardenas.

Aconselhei o Sr. P.e Luiz a escrever por intermédio do seu Consul, visto não obter resposta a cartas que escreveu aos irmãos, anteriormente.

Este sacerdote foi transferido de Malange, para o Andulo, depois do que transitou por outras missões da Colónia e, em 25 de Maio do corrente ano, sabendo que eu passaria no comboio em Cacuso, (onde ele presentemente está colocado), nesse mesmo dia foi à estação do Caminho de Ferro para me dizer que as pesquisas radiestésicas feitas a propósito de sua família, eram verdadeiras, pois tinha recebido cartas informando-o de que todos os membros da família procurada viviam, embora o irmão solteiro continuasse muito doente em consequência da tuberculose que o minava.

Já anteriormente a estas pesquisas radiestésicas e numa ocasião em que o mesmo P.e Luiz se encontrava muito doente por efeito de febres, eu observei-o e disse-lhe que o seu maior mal era o mau funcionamento do fígado, ao que me respondeu que nunca lhe doera tal órgão, tendo-lhe retorquido que cuidasse dele. Não fez caso da minha advertência e continuou a piorar. Um mês depois da minha observação, diz-me o próprio P.e Luiz que eu tinha razão a respeito do que lhe dissera a propósito do fígado, tanto mais que os médicos que consultou — (um mês depois do meu exame) — diagnosticaram mau funcionamento do fígado e paludismo.

Confesso que este sr. Padre é um dos maiores céptico que tenho conhecido e grande adversário do Espiritismo.

O fim destas narrativas de experiências próprias foi para comprovar e testemunhar o que disse há pouco a respeito da tele-radiestesia.

Quando se trate de diagnóstico a distância, a mente do operador recebe as radiações mentais específicas do organismo afectado, no todo ou em parte, auxiliado pela fotografia ou por algum objecto pertencente ao doente. (Já fiz estas experiências com êxito).

Nestes casos, a captação não é de matéria etérica, mas de ondas mentais, cujo grau vibratório está, pode dizer-se, duas oitavas acima da escala das vi-

A VOZ DO ALÉM

Estranha história de manifestações do outro mundo em Hollywood

por Charlote Kate

No fundo dos calmos olhos claros de Ellen Drew há uma das mais estranhas histórias que já se passou em Hollywood. Raramente fala nela e isso mesmo com meias palavras e frases, porque sabe que, mesmo entre seus íntimos, há quem não acredite.

É muito simples dizer-se : o *Espírito de um homem que a amou e cria nela guia-lhe ainda os destinos, do Além.*

Como muitos, o leitor sentir-se-á inclinado a mofar e dizer que não se conhece vida além da terrestre e portanto essas coisas não podem ser reais. Ellen não concorda com isto, coisa alguma lhe abala a fé e a convicção.

Talvez seja melhor começar pelo princípio da história, há quatro anos, como Ellen fez quando ma contou. Era singular que não estivéssemos sentados numa sala em meia obscuridade ou diante de um fogo de chamas bifurcadas, o que se supõe inspirar histórias do sobrenatural e do desconhecido. Conversávamos ao meio-dia, ouvindo o bater dos pratos no restaurante do *studio* da Paramount, onde um pouco mais adiante estavam sentados Basil Rathbone, John Howard, o director Tim Whelan e outros. As garçonetes passavam ligeiras, amigas paravam para conversar e por duas vezes chamaram Ellen ao telefone. Se ele tivesse estado fantasiando, o bulício a teria distraido. Não falava num sussurro misterioso ou num tom dramático e sim, naturalmente, calma e sincera.

— Faz tanto tempo que me sucede isto, que já me parece a coisa mais natural do mundo —, declarou-me.

A história começa quando ela era Terry Ray, uma modesta atriz não experimentada que estava sendo preparada na escola dramática da Paramount para o cinema. O salário que o *studio* lhe pagava por papeis insignificantes e para aparecer nalguns filmes não era muito, mas, comparado com a sua pobreza e com o pesado trabalho que deixara atrás dela, vivendo com sua mãe num só quarto e matando-se por trás do balcão de uma loja de «cinco e dez»» pelo mínimo legal de $10,00 por semana, era o paraiso.

Jovens actores e atrizes não se fazem estrelas por si: precisam ser treinados, ensinados a falar como devem, a reflectir no semblante as diversas emoções, a desenvolver os diálogos e as situações. A modesta Terry não era diferente; ela também tinha que ir à escola e aprender.

Um dia Phyllis Longhston, a instrutora dramática da Paramount nesse tempo, chamou-me ao seu gabinete.

— Terry, este é Belford Forrest — disse ela — Mr. Forrest é meu ajudante e você fica-lhe entregue.

Terry olhou para o homem diante dela. Era um homem baixo de menos de cinco pés e três polegadas, grisalho e de olhos pretos perscrutadores. Como acontece com muitos homens de pequena estatura, tinha uma vivacidade, um ar de perspicácia no seu todo que parece não ter idade.

Os olhares da moça de vinte e um anos e do homem de sessenta, encontraram-se e no mesmo instante se puseram de acordo; ela vendo nos dele a ciência que tinha para dar-lhe e ele vendo nos dela a ambição e esperança que se refletia no seu rosto. Era como se tivessem feito um pacto tácito de

---

brações físicas e que, para sua recepção e percepção cerebral, devem baixar essas duas oitavas.

O papel do cérebro é de mero receptor ou transmissor das mensagens de que toma conhecimento, porque a transformação do grau vibratório das ondas constitui a tarefa de certos centros etéricos, a meu ver, ainda desconhecidos da Ciência Oficial.

Todo o mecanismo de captação de ondas mentais e sua transformação para a percepção cerebral, é instantâneo.

Deste modo, as vibrações dos seres animados e inanimados podem ser captadas e estudadas pelos radiestesistas competentes, estejam eles onde estiverem.

Muito embora a maioria das pssoas possam aprender e praticar com certo resultado a radiestesia, segundo o meu modo de ver, calculo em 75 a 80 % o número das pessoas que podem obter a movimentação do pêndulo com real proveito, uma vez que se submetam ao necessário treino, e que os melhores elementos se encontram entre os espiritualistas, esoteristas e teosofistas, por serem pessoas que mais fàcilmente aprendem as leis radiestésicas e as executam com bom resultado para si e para o próximo. Isto devido à sensibilidade que possuem, à sua desenvolvida intuição e aos conhecimentos dos mundos hiperfísicos que lhes são familiares.

Melange, 10 de Junho de 1946.

lealdade e fé. Juntos realizariam as promessas de sua carreira.

Dia após dia ele trabalhou pacientemente com ela, ensinando-lhe a arte que tão bem conhecia. Dia após dia animava-a, criticava-a, inspirava-lhe confiança em si própria. De algum modo ele entrou no seu espírito e mente, de maneira que os dois se tornaram em um só. Acostumou-se a amá-la como filha e Terry deu-lhe a parte do coração que seu pai lhe deixara quando saiu da vida de sua família.

ELLEN DREW

De subito, os deuses do *studio* agitaram-se no seu Olimpo. Veio um novo regime e o velho saiu. Com este, foi Belford Forrest. Mas foi preciso mais do que uma reviravolta do *studio* para separar Ellen do seu mentor. Quando soube que ele tentava reparar suas finanças arruinadas, estabelecendo-se com uma pensão em Hollywood, reservando-lhe um quarto, reuniu a família, que constava do marido, Fred Wallace, o filho pequeno Skipper e mudou-se para a pensão.

No novo lar vibravam os risos, mas tinha muitos momentos calmos em que o professor e a discípula continuavam durante horas e horas trabalhando no modesto quarto reservado para seu gabinete.

— Há dois anos que não entro nesse quarto — disse-me Ellen — mas vejo-o tão claramente como no dia em que lhe fechei a porta. Era um quarto pequeno onde mal cabiam as poucas peças de mobília. As paredes eram beige-claro como o divã do *studio*. No centro tinha um tapete oval que se enroscava sempre, fazendo-me tropeçar. Sua secretária era dessas peças de madeira ordinária pintada cor de nogueira, sempre coberta com os seus papeis.

Vejo-o ainda sentado diante dessa secretária, meio enterrado nas páginas de sua nova peça, com aquele sorriso lento e doce, e nunca ocupado demais para deixar de aplainar minhas pequenas dificuldades e aborrecimentos.

Morreu na véspera do primeiro triunfo de sua discípula.

Foi uma morte cruel para um homem tão bom. Um súbito ataque paralisou-lhe tudo, menos a mente. No fim, quando ela tanto tinha que dizer-lhe e ele queria tanto exprimir sua alegria pelo seu triunfo, não podia falar-lhe nem ouvi-la.

— Mas eu sentia que ele *sabia* — disse ela, tranquilamente. — Não havia necessidade de palavras.

O que Ellen queria dizer-lhe era que a cena na última produção da escola, a cena difícil de amor no *Golden Bay* em que ele a guiara com tanta perfeição, que o novo instrutor, Oliver Hinsdell, não lhe encontrara falha, lhe conquistara dois primeiros papeis. Depois de uma série infinda de pequenos papeis em filmes «B», ia ter o primeiro papel com Bing Crosby no *Sing, You Sinners* e o cobiçado papel de Hugette com Ronald Colman, no *If I Were a King*.

Forrest foi enterrado em Forest Lawn, uma colina verde a poucas milhas de Hollywood. Mrs. Forrest e o filho foram para o Leste começar uma vida nova. Ellen e sua família deixaram a pensão e ela mergulhou no seu novo trabalho. Mas, pela primeira vez, teve medo. Pela primeira vez faltou-lhe a confiança diante das câmaras.

— Antes, sempre tive essa confiança em mim que me sustentava — disse ela. — A pesar de muitas vezes ele não estar presente no *studio*, eu sentia sempre, sua presença animando-me e sabia que todas as noites podia recorrer a ele com as coisas que me procupavam. Mas agora sentia-me só e desamparada. Havia momentos em que se sentia tanto a sua falta, que tinha vontade de chorar. E talvez tivesse chorado em silêncio.

Poderá algum de nós saber se uma voz pode ou não ser ouvida de outro mundo, quando temos urgente necessidade dela ?

E a necessidade de Ellen era urgente, quando chegou o momento de representar a grande cena dramática com Colman. Exigia que exprimisse com a máxima realidade toda a mágoa, todo o furor que invadiu o coração de Hugette quando encontrou o seu apaixonado declarando amor a outra mulher. Essa cena exigia mais do seu talento do que todas as outras que representara antes e sem o senso exacto de interpretação poderia ser banal ou exagerada ao ridículo. Estava possuida de grande medo, encolhida numa cadeira, tentando inspirar-se no escrito que tinha na mão.

— *De repente* — disse-me ela — *ouvi a voz de Belford falando-me no tom calmo e pausado em que* costumava explicar-me as coisas. *Era tão real, que me voltei na cadeira para responder-lhe.*

Naturalmente, nada pude ver, e, naturalmente também, não ouvira a sua voz. Seria tolice pretender tê-la ouvido. Mas *senti*, de repente, que alguma coisa dêle —chamem-lhe espírito, alma ou fantasma, como quiserem — estava ao meu lado, tentando ajudar-me. Coisas que me ensinara e que eu esquecera, me voltaram então à mente em ordem. Como se ele estivesse falando alto, ouvia-o perfeitamente dizer: *Represente esse papel como representávamos o «sketch» do grande livro castanho. Lembra-se?*

De repente, disse-me ela, passou-lhe o medo da cena e momentos depois representava-a como lhe aconselhara o mestre invisível. O vivo, Frank Lloyd, nada achou que lhe alterar. Era, disse ele, «uma execução dramática *inspirada*».

— Será ir muito longe dizer que foi *inspirada*, no verdadeiro sentido da palavra? — perguntou Ellen. — Não é verdade que todos nós, sem poder explicar, sentimos às vezes a presença de alguém que sabemos estar a muitas milhas de distância? Não parece isso tão real que, levantando a vista, nos surpreendemos por nada vermos? Não sonhamos às vezes com pessoas mortas de maneira tão real e tão viva, que nos perturba e nos impressiona por muitos dias?

Se o estranho fenómeno se tivesse dado só uma vez, Ellen podia tê-lo atribuido à superexcitação da mente fatigada, ou à tensão nervosa do momento. Mas tem-se repetido frequentemente desde aquele dia, disse ela, e continua a repetir-se. Não há charlatanice ou misticismo doentio; *quando precisa dele, «ele vem»* guiá-la. É assim que diz com toda a convicção.

Foi Belford, disse ela, quem a impulsionou para alcançar seu objectivo nos meses difíceis que se seguiram ao seu primeiro triunfo. Depois do brilhante começo, como se devem lembrar, fizeram-na voltar ao trabalho na série «B», onde tinha papeis insignificantes a que não ligava. *Jerónimo*, por exemplo, deu-lhe muito pouco que fazer, excepto parecer grave e bela. *Women Behind Bars* e *The Lady's From Kentucky* não foram melhores. Em resumo, caminhava para o incerto a grande velocidade.

— *Tenha paciência* — aconselhava-a a «voz» de Belford — *Sabe que pode interpretar todos os papeis. Chegará a vez. Faça o melhor que puder agora e seja paciente. Há muito tempo ainda.*

— Convenceu-me — disse ela — e criei ânimo para continuar.

Nas pre-exibições, particularmente *sentia a sua presença*, observando a tela através de seus olhos e fazendo-lhe ver o trabalho e as oportunidades de aperfeiçoar-se.

— *É tão difícil levar alguém a compreender!* — disse, depois de prolongado silêncio. *É assim como tentar descrever a dor. Pode-se senti-la, mas quando se tenta descrevê-la, só o que se pode dizer é que doi. E o que é doer? Como se pode levar outro a sentir o que se sente? As palavras são impotentes. É isto o que acontece quando tento dizer como sinto e ouço a presença de Belford. De alguma forma, é como um palpite; mas infinitamente mais claro e forte! Um palpite é uma vaga sensação de se saber alguma coisa; mas o que sinto com ele é positivo.*

Perguntei-lhe se alguma vez se julgara médium; se Belford, quando vivo, possuia esse estranho sexto sentido que algumas criaturas humanas possuem e com o qual parecem operar milagres. Tinha ela feito algum estudo de Ocultismo num esforço para explicar aquelas visitas?

— Não — respondeu ela —. Parece-me agora tudo natural.

— E podia ela «chamá-lo»?

— Não exactamente — respondeu-me. Não conscientemente. Parece que ele vem sem esforço, quando preciso dele.

A úlima vez que o sentiu nitidamente foi quando a designaram para o *French Without Tears*, o filme que fez com Ray Milland na Inglaterra. Era um género novo para ela e seria a sua primeira viagem ao estrangeiro. Temia ambas as coisas.

— *Pode representar comédias* — assegurou-lhe a voz do invisível. — *Não há nada que não possa fazer. Lembre-se sempre disto. Eu estarei consigo, onde quer que vá.*

Esse filme marcou a segunda fase da sua carreira, revelando talento que ninguém, principalmente ela própria, sonhava que possuisse. Daí por diante seria a marcha directa para o estrelato.

Não obstante morar só a algumas milhas de Forest Lawn, Ellen nunca visitou o tumulo de Belford. Para ela nada há ali. Nem conserva qualquer lembrança dele.

— Não é preciso guardar lembranças de quem não está morto para nós — disse ela.

(Da revista carioca *A Cigarra*, de Julho de 1940)

ATENÇÃO!

Chamamos a atenção dos leitores para a última página da revista, onde vem inserta a notícia referente à conferência pública que Ramos Pereira vai realizar em Março num dos mais concorridos cinemas de Lisboa e que constituirá verdadeiro acontecimento de propaganda espirita.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *Sir William Barrett*. Tradução de *Isidoro Duarte Santos*. Estudos Psíquicos Editora. Lisboa, 1947. 302 págs.

Eis uma obra clássica da bibliografia espirita que o tempo valorizou, ao contrário do costumado... Francamente declaro que comecei a lê-la prevenido contra o nome demasiado retumbante do seu Autor, porque... muitas vezes se acobertam sob o manto doirado da «autoridade» obras sem valor real. Acabei a leitura, impressionado pela segurança de um pensamento que corajosamente enfrenta os fenómenos, ressalvando *sempre* a percentagem de fraudes e de ilusionismo... Os exemplos que foi respigar para a demonstração da realidade dos fenómenos revelam um senso crítico seguro, frio, desapaixonado. Sentimo-lo chegar à explicação espirita como que empurrado pela própria natureza dos factos, quando vulgarmente notamos uma ideia já pre-existente agrupando deliberadamente as categorias para servirem a mesma ideia.

Não sei como se poderá manter, depois da leitura desta obra (leitura sem apriorismos, naturalmente...), como se poderá sustentar que é o cientista o homem menos indicado para o estudo dos fenómenos chamados espiritas! William Barrett foi um cientista e no campo novo que se lhe abria continuou sendo o mesmo experimentador que procura manter rìgidamente um critério de análise que às vezes poderá parecer demasiado drástico.

A sua construção é escalonar, sem que nela sejam desprezadas as hipóteses surgidas para a explicação das causas. Barrett faz «ciência», para em seguida erguer conclusões de recorte filosófico que vão mesmo pôr em foco o debatido problema reencarnacionista. E não podemos dizer que as suas palavras sejam de ontem, que a sua obra esteja empanada pela poeira do tempo. Não, a obra é de hoje, tem uma actualidade, não só temporal, como espacial.

Se seria hoje possivel desenvolver mais um ou outro capítulo, pouco ou nada poderíamos adiantar sobre as suas deduções essenciais.

Isidoro Santos soube na obra de Barrett encontrar a digna continuadora do magistral «resumo» de Geley.

Só os que lendo estas notas não conhecerem a obra de William Barrett, nos poderão acoimar de louvaminhas imerecidas ou de serventualismo. Mas, se a conhecerem, julgarão — e de facto assim é — que estas notas não conseguiram dar uma ideia geral perfeita do pensamento do grande físico inglês.

O plano de «Estudos Psíquicos Editora» visa constituir uma biblioteca desde logo catalogada em secções, suficientemente gerais, por forma a nelas caberem obras heterogéneas mas bastantes para darem uma primeira indicação ao leitor. Este princípio tão simples e tão proveitoso para quem deseja... comprar, sabendo desde logo o quê, não tem sido adoptado pelas editoras espiritas, o que é pena (V. o que faz a *Editorial Labor* com os seus «manuales», e a *Biblioteca Cosmos*). «Estudos Psíquicos Editora» propõe-se constituir 3 colecções, sob as epígrafes: *Ciências Psíquicas, Acção Doutrinária* e *Acção Romântica*. «Data venia» a Isidoro Duarte Santos, nós parcelaríamos mais e da seguinte forma:

I — Biblioteca de Ciências Psíquicas:
- 1 — Metapsicologia espirita.
- 2 — Filosofia Espirita.

II — Biblioteca de Acção Doutrinária:
- 1 — Moral reencarnacionista.
- 2 — Exegese espirita.

III — Biblioteca de Acção Romântica:

Gràficamente, julgamos «Nos Umbrais do Além» superior ao «Resumo» de Geley. Naquela e de novo, Isidoro Duarte Santos marcou a sua proficiência como tradutor.

Apraz-me notar mais e ainda que a escolha de Isidoro Duarte Santos incide exactamente em obras e autores caracterizados pela isenção de princípios dogmáticos, pela fuga aos caminhos fáceis e correntios do proselitismo exagerado.

LIVROS QUE SE DEVEM LER

Para conhecer a vida do Além, nas curiosíssimas descrições do Espírito de André Luiz:

Nosso Lar
Os Mensageiros
Missionários da Luz
Obreiros da Vida Eterna

Estes livros encontram-se à venda nesta Redacção ao preço do catálogo inserto na capa desta revista.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

PIERRE CURIE E OS FENÓMENOS PSÍQUICOS

O *Spiritualisme Experimental et Philosophique*, órgão da Union Spirite Belge, publica em seu número de Janeiro um artigo de André Dumas referente ao sábio Pierre Curie, que acompanhou as experiências de Jules Courtier no Instituto Geral de Psicologia de Paris. Vamos transcrevê-lo, para que os leitores vejam a importância que um dos maiores cientistas do mundo ligou aos fenómenos do Espiritismo.

«O grande sábio Pierre Curie foi um desses homens de ciência exemplares que, a pesar da sua reputação, não hesitaram em estudar objectivamente os fenómenos supranormais, pois tomou parte nas experiências organizadas, de 1905 a 1907, por Jules Courtier, no Instituto Geral de Psicologia, com a médium Eusápia Paladino, e às quais assistiram, entre outros, Madame Curie, d'Arsonval, Branly, Bergson, Richet e Langevin.

«As experiências eram dirigidas com o necessário espírito científico e os resultados foram altamente probatórios. Assim, o teledinamismo de Eusápia conseguiu provocar a levitação de uma mesa, cujos pés, encasquilhados em prismas de madeira, assentavam em contactos eléctricos. E a médium encontrava-se ligada de pés e mãos. Ao colocarem Eusápia numa balança de Marey, verificou-se (como Crookes já o observara com o médium Home) que, durante a levitação, o peso da médium juntava-se ao peso da mesa, como se a *força psíquica* exteriorizada se apoiasse no corpo da médium para levantar o objecto. Mais tarde, Crawford, professor de mecânica aplicada na Universidade de Belfast, verificou centenas de vezes este resultado, nas suas experiências com Miss Goligher, de 1915 a 1920, o que levou o sábio irlandês a formular a sua famosa teoria das «alavancas psíquicas».

«Mas voltemos a Pierre Curie, que se apaixonou por estes fenómenos. No princípio das sessões, observou muitas vezes o enfunamento da cortina do gabinete escuro e do vestido da médium, que se enfunava e parecia dirigir-se para os objectos próximos; e o ilustre sábio chegou a pensar que talvez se pudesse canalizar a força que emanava de Eusápia. Na sessão de 10 de Abril de 1906, apresentou um mecanismo destinado a verificar a sua hipótese, composto por dois quadros de madeira colocados no extremo de uma tábua em forma de peanha e entre os quais se estendia um tecido negro, à laia de tubo, no extremo do qual estava uma pequena mesa-de-pé-de-galo. No decorrer da experiência, Eusápia declarou que a tela estava muito esticada e abrandaram-na. Depois, o pequeno arco mais próximo da médium, cujos pés e mãos eram severamente controlados por Curie, Richet e Yourévitch, foi agitado fortemente sem contacto visível, e a seguir desfeito, como se tivesse havido intenção de demonstrar que a «força» não só era física, mas também psíquica, e que no fenómeno havia vontade própria.

«Como todos os que têm participado em experiências deste género, Pierre Curie observou os «sopros frios» que geralmente se produziam e testemunhavam transformações de energia que se operavam. Jules Courtier confiou a Jean Labadier (ver o seu livro «Nas Fronteiras do Além», edição Grasset) que uma das preocupações do grande físico era construir um anemómetro bastante sensível para medir estes sopros frios. Infelizmente, a sua morte acidental interrompeu brutalmente as suas investigações neste sentido.

«Possam outros físicos interessar-se por estes fenómenos e estudá-los à luz de tudo o que depois se tem descoberto no domínio da energia. Na hora em que os técnicos da investigação atómica deploram a utilização guerreira, e sómente guerreira, de seus trabalhos, é bom lembrar que o desenvolvimento da Ciência Psíquica só pode conduzir ao conhecimento íntimo do ser humano, elevando o nível da consciência, única garantia verdadeira contra os flagelos que uma ciência exclusivamente técnica, nas mãos de dirigentes mentalmente inferiores, poderia fazer cair sobre a humanidade».

UMA PROVA DE SOBREVIVÊNCIA

O *Psychic News* de 9 de Outubro de 1943 publicou interessante relato acerca de provas da sobrevivência fornecidas pelo médium F. W. Martin, pai de um piloto da R. A. F. que falecera no desastre de um avião «Sunderland», quando este aparelho em 1941 tentava atravessar o oceano.

Martin vive em Morton, próximo de Swansea, e obteve no Instituto de Investigações Psíquicas de Londres o que ele apelida de prova assombrosa. No dia anterior tinha estado junto do médium desenhador Frank Leah, a quem nos temos referido mui-

tas vezes, e observou que este último desenhara um retrato do aviador «morto», cujo perfil era perfeitamente exacto, tanto na forma, como na dimensão.

Desde então, Martin tem recebido numerosas provas de sobrevivência do filho, que se comunica regularmente.

Segue-se o relato da prova dada pelo jovem aviador Jack, que utiliza o *calão* empregado na R. A. F. e demonstra o orgulho próprio de um jovem, quando se manifesta:

— Após a queda do avião, achei-me na água muito sujo e cheio de dores, porque fora queimado pela gasolina, que se incendiara, na altura em que os tanques foram atingidos. Só senti as dores, ao verificar que não podia nadar. O pai sabe que eu era bom nadador. Se lhe tivesse sucedido o mesmo, não faria mais do que eu.

«Quando mergulhei, senti os pulmões a arder e perdi os sentidos. Ao despertar, vi meu avô ao pé de mim.

«Eu não compreendo isto — pensei comigo mesmo —. A final, estou morto ou não?». O avô, porém, estendeu-me as mãos e disse:

«— Jackie, estou aqui para te conduzir à tua nova vida, porque tu não morreste. Bem ao contrário, estás mais vivo do que nunca. Não te lamentes. Agora estás deste lado da vida. Por-te-ei ao facto de tudo isto. Lembras-te do avô, que te levava a passear, quando eras pequenino?

«— Certamente, — respondi —; mas como se explica o facto de o estar a ver de novo? A final, não estou morto. Onde estou então? Afoguei-me há minutos na desastrosa queda do «Sunderland». Não posso estar vivo. Que diz a isto, avô?

«— Estás vivo, de facto. Depois te explicarei isso. Agora temos de sair deste ambiente, demasiado terrestre para ti.

«Em seguida, olhei para o meu corpo físico que se encontrava debaixo de água, e pude vê-lo como se estivesse à superfície.

«Partimos daquele local e começámos a flutuar no espaço. Por fim, chegámos a um lugar semelhante a um salão de concertos, que depois notei ser o Salão de Repouso, que nos acolhe, quando desencarnamos. Ao chegar ali, o avô mandou-me estender num divã; e passado algum tempo acercou-se de mim um homem parecido com um monge, chamado Irmão Goodwin, dizendo que era um «guia».

«Não compreendi o significado do termo «guia». Entretanto, foi-me dizendo que eu também seria guia, isto é, que deveria ajudar a esclarecer outros espíritos nas condições em que o avô me encontrou, no intuito de os familiarizar com o mundo espiritual. Assim, devia pôr-me em comunicação com o pai, escrevendo e informando-o acerca desta vida.

«Não compreendi de que diabo estava ele a falar. Contudo, comecei a mergulhar em sono profundo, até que acordei num grande salão ou templo, cheio de luz estranha, de cores maravilhosas, em nada semelhantes às cores terrestres e que mudavam de cambiante a todo o momento.

«Observei até enorme multidão de homens, mulheres e crianças, de todas as raças. E quando me estendi numa espécie de canapé, ouvi música de centenas de instrumentos, diferente da que tinha ouvido na terra. As vozes da multidão elevavam-se em coro, enquanto as cores variavam constantemente o seu brilho.

«Era, de facto, uma cena inesquecível. O ar era vivo, isto é, impregnado de fluido vital que penetrava suavemente o meu corpo espiritual; e comecei a sentir consciência do meu novo estado. Parecia reviver. Daqui em diante tornou-se-me desnecessário perguntar o motivo daquela cerimónia.

«Fiquei sem saber o que havia de fazer, quando toda aquela gente se levantou, sendo então levado pelos médicos para outro edifício.

«Ao abandonar o salão de Repouso, entrei numa bela casa cercada de flores e arbustos, diferentes de tudo quanto vira.

«O edifício a que me refiro era construido de alabastro e pedra, de cores variegadas. Ali se reuniam muitos estudantes da R. A. F., trabalhando em várias coisas.

«Fui colocado na secção de engenharia, pois quando estive na terra dediquei-me a esse mister. Aqui, continuei a lidar com máquinas de toda a espécie.

«Talvez esta história lhe pareça idiota, mas não é. À excepção dos individuos, esta vida é semelhante à vida terrena. Claro que não dormimos, visto ser desnecessário; mas podemos descansar, se tal nos aprouver. Estendemo-nos em fofos leitos de erva, para recuperar energias. Nesta mansão, a vida resume-se em armar todos os nosso semelhantes».

Três livros utilíssimos

Acabam de chegar ao nosso depósito os seguintes livros utilíssimos.

Loucura sob novo prisma

O Espírito Consolador

Lázaro Redivivo

Ver catálogo inserto na capa desta revista.

Notas & Comentários

FREDERICO FIGNER

Notícias que acabam de chegar por via aérea dão-nos conta do passamento de Fred. Figner, muito conhecido no meio espírita do Rio de Janeiro e que desempenhava utilíssima tarefa na secção de Espiritismo do grande matutino *Correio da Manhã*, daquela cidade.

Tinha 80 anos de idade e sucumbiu a um ataque de *angina pectoris*. Era proprietário da antiga Casa Edison do Brasil. Natural da Checoeslováquia, emigrou para os Estados Unidos, demorando-se no Texas e depois em Nova York, onde descobriu o fonógrafo, cujo aparelho resolveu explorar no Brasil, exibindo-o em 1889 numa grande viagem pelos Estados. Quando chegou ao Rio, fundou a Casa Edison, a primeira gravadora de discos daquele país, e ali se estabeleceu definitivamente.

Homm de negócios em toda a acepção da palavra, perdeu uma filha de 21 anos, que era o seu enlevo e se manifestou numa sessão espírita em Belém, do Pará, pela mediunidade da célebre Ana do Prado. Frederico Figner, acompanhado da esposa, foi àquela capital e afirmou ter conversado com a filha materializada.

Desta data em diante, dedicou-se inteiramente à Doutrina Espírita.

Desempenhou altos cargos na Federação Espírita Brasileira e mantinha uma sessão semanal na Casa Edison, onde dava consultas e receitas, tudo isto, é claro, gratuitamente.

Foi, enfim, um grande trabalhador da seara, cujo nome passou à posteridade.

NOVOS REDACTORES-CORRESPONDENTES

No último número referimo-nos a dois novos redactores-correspondentes de *Estudos Psíquicos*, em Pernambuco e na Baía. Hoje, temos a satisfação de anunciar outros dois, em Liège e Santiago do Chile.

O redactor-correspondente em Liège é Mr. Achille Biquet, vice-presidente da Union Spirite Belge; o redactor em Santiago do Chile é Ernesto Moog, director da revista *Cuadernos de Estudios Metapsíquicos* e iniciador naquela capital de estudos psíquicos em forma científica, racional e alheios a superstições, negócios ou fanatismos.

Em breve apresentaremos estes e outros colaboradores, que farão de *Estudos Psíquicos* um sector mental de grande valor doutrinário e científico.

Petit à petit, l'oiseau fait sont nid... Pouco a pouco, se estabelecerá a nossa rede de colaboradores internacionais e estas páginas serão reflexos do Espiritismo mundial, no que ele tem de mais elevado e dinâmico.

Estudos Psíquicos será também traço de união fraternal entre as Américas e a Europa. Para isso trabalha, na convicção de que poderá estreitar os laços que devem unir toda a família espírita, independentemente de povos, raças ou nações.

UMA CONFERÊNCIA NO CINEMA REX

O *Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos* vai realizar, no próximo dia 16 de Março, uma conferência num Cinema lisbonense, destinado a crentes e profanos, intitulada «Será o Espiritismo uma realidade? É conferente o nosso redactor Álvaro Ramos Pereira, já experimentado em trabalhos semelhantes. Ele dará resposta condigna àquela pergunta, de modo que os mais exigentes fiquem satisfeitos.

A esta conferência, seguir-se-ão outras, também em lugares públicos, com o fim de dar expansão maior à doutrina que professamos.

Oportunamente se fará a necessária publicidade na grande imprensa.

Será mais um acontecimento a chamar a atenção para o Espiritismo, que tem sido malsinado e combatido por gregos e troianos e principalmente por quem o desconhece, mesmo nas suas linhas gerais.

A doutrina mais atacada do século vai, pois, ser exposta em público, num dos mais concorridos cinemas de Lisboa, e isso nos satisfaz plenamente.

Esperamos que o nosso esforço seja compreendido por aqueles que seguem os passos desta obra. Um passo em frente é sempre coisa proveitosa; neste caso, a marcha é em sentido construtivo e dela podem resultar os mais altos benefícios.

Há muita gente que se interessa pelas ciências psíquicas e há muitos cépticos que esperam oportunidade de saltar a trincheira, pois suas convicções já se encontram sèriamente abaladas. Que aguardem, pois, o anúncio, e no dia 16 de Março, das 19 às 20, e apreciarão o que Ramos Pereira disser. Não nos interessa que se convertam ou não. O que desejamos é que meditem e se disponham a ler as obras fundamentais da Doutrina, para então poderem analisar criteriosa-

Noticiário

PARTICIPAÇÕES

O *Lar de Jesus*, de Nova Iguassu, Estado do Rio de Janeiro, acaba de eleger nova Directoria constituída pelos seguintes irmãos espirituais:

Presidente — D. Marília de Almeida Barbosa, reeleita.

Secretária — D. Maria de Lourdes Pereira.

Tesoureira — D. Marcolina Alves.

Suplentes — Atlas de Castro, D. Etelvina Bastos e José António Marques.

É sempre com grande prazer que falamos desta simpática e modelar instituição espirita, à frente da qual se encontra o grande apóstolo e animador Leopoldo Machado e de que faz parte a nossa boa amiga D. Marcolina Alves, que tão gratas recordações nos deixou a todos. Que estes obreiros vejam a sua obra em constante progresso, são os nossos votos.

Também a Directoria da *Escola Espirita Paulo de Tarso*, situada no recinto da Penitenciária Central do Rio de Janeiro, agremiação destinada a evangelizar os encarcerados à luz do Espiritismo e patrocinada pela Federação Espirita Brasileira e pela Liga Espirita do Brasil, nos envia atencioso e amável comunicado, desejando boas festas e feliz ano aos encarcerados e aos espiritas de Portugal.

Pela nossa parte, agradecemos e retribuímos, desejando à prestimosa agremiação os maiores triunfos.

Estávamos a fechar o presente número, quando recebemos comunicação da Associação Espirita Seara de Jesus, de Ninópolis, Estado do Rio de Janeiro, de que foi eleita e empossada a seguinte directoria: Presidente — Aldair da Silva; vice-presidente — Elva Cristalino; 1.ª secretária — Ceny V. Fernandes; 2.ª secretária — Marcolina Alves; 1.ª Tesoureira — Maria Gerim; 2.ª Tesoureira — Ana de Carvalho; Bibliotecária — Mercedes de Moura; Procuradora — Maria da Glória; Directora de Assistência — Sílvia de Albuquerque.

Aos novos dirigentes desta prestimosa Associação, os nossos agradecimentos, com votos de bom êxito no exercício de seus cargos.

---

mente, em vez de esboçar rizinhos característicos de mentalidade emparedada.

É para isso que o *Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos* trabalha. É para isto que se realiza a conferência no Cinema Rex, que nesse dia abrirá as portas a estudiosos e a curiosos.

AUXÍLIO AO CENTRO

Da Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, recebemos a quantia de 200$00, destinados a auxiliar as despesas do Centro E. Luz e Amor.

Àquela entidade, os nossos melhores agradecimentos.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, realizaram conferências no Centro E. Luz e Amor os nossos colaboradores coronel Faure da Rosa e Ramos Pereira, respectivamente intituladas «Sono e Sonho» e «Nascer e Morrer». Ambos se desempenharam admiràvelmente de suas tarefas, merecendo bem os fartos aplausos dos assistentes.

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

A pesar do maior escrúpulo em publicar o nome de todos os amigos que contribuiram para a subscrição do Natal, é possível ter havido lapsos ou omissões, pelo que pedimos aos leitores o favor de nos comunicarem qualquer falta, a fim de a remediar no próximo número. O seu a seu dono, como diz o rifão.

Nesta conformidade, acusamos a recepção de 40$00, de Cristiano de Almeida Henriques, de Bissau, que por engano não veio mencionada na subscrição.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MARÇO DE 1947

Dia 1 de Março, às 21.30 — Sessão experimental com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 7 de Março, às 21.30 — Sessão experimental do Grupo «Amor do Redentor», dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa.

Dia 15 de Março, às 21,30 — Conferência por António J. Martins, intitulada «As Leis Naturais e a Reincarnação, factores do progresso».

Dia 22, às 21.30 — Sessão experimental com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 28, às 21.30 — Sessão experimental do Grupo «Amor do Redentor», dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa.

Falta de espaço — Devido à falta de espaço, tivemos de retirar alguns artigos já compostos, de que pedimos desculpa aos nossos amáveis colaboradores.

A CONFERÊNCIA DE RAMOS PEREIRA

Tendo-nos sido impossível dar neste número o dia e a hora da conferência que Ramos Pereira realizará em Março num cinema da Capital, em virtude de obstáculos que surgiram à última hora, reservamo-nos para anunciá-la nos grandes diários de Lisboa. Nessa altura diremos o nome do cinema e a hora exacta da conferência.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

8.º ANO — LISBOA, MARÇO DE 1947 — N.º 3

Redactor: **Ramos Pereira** | Director e Editor: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

ATAQUES E CRÍTICAS

As sociedades, como as nações, têm sempre anomalias e erros de condução que é preciso evitar ou emendar. Por isso os orgãos de publicidade atacam esses males, põem a nú as mazelas e indicam o tratamento a seguir. Por vezes, são rudes na sua crítica; chegam a reclamar medidas extremas, a enfrentar com violência muitos problemas nacionais e esquecem-se do meio termo apreciativo, para usar linguagem apaixonada e facciosa, segundo o bem ou o mal que desejam aos dirigentes.

Isto é impróprio de pessoas sensatas. Que dirá o estrangeiro ? Que conceito fará dos povos, cujos naturais terçam armas desse género ? Não poderá fazer deles bom conceito.

Assim é também no Espiritismo. Temos visto críticas a-torto-e-a-direito, muitas vezes sem fundamento sério. E os críticos não olham ao efeito pernicioso das suas palavras em sectores diferentes do nosso. Da crítica passam ao ataque e do ataque à bravata. E que dirá o público desses ataques e desses críticos sem base? Alimentará deplorável impressão acerca do nosso credo e seus adeptos.

Com isto não significamos que se deva pactuar com os desmandos ou mesmo os simples erros doutrinários. Nem uma coisa nem outra. Queremos a Doutrina pura e o campo sem escalrachos. Mas quando houver pústulas a cauterizar, que a operação se faça a ocultas, sem escândalo, no seio das agremiações, de modo que nada se saiba lá fora. Que tem o mundo profano com os nossos arrufos ou as nossas dissidências ? Que tem ele com o procedimento de certos directores de sessões e de certos médiuns ? É ele que restituirá o equilíbrio e a força ao que está desagregado e desequilibrado ?

Não, este caminho é errado. O Espiritismo deve ser compreendido doutra forma. Os responsáveis pela orientação das massas têm de exemplificar o que pregam; de contrário, as palavras perder-se-ão no vácuo.

É corrente escreverem-se artigos e artigos a profligar uns e outros, a dar bordoada, como se costuma dizer. O público lê essas objurgatórias; e em vez de encolher os ombros, indiferente, ou pôr de lado o pastel, goza com o palanfrório e alimenta a intriga. E a crítica do escriba produz a crítica do leitor.

Este procedimento não constrói. Construiria, sim, aplicado no lugar próprio e por quem tivesse autoridade moral para o fazer.

Em vez de catilinárias, melhor fora divulgação de fenómenos e exposição de doutrina. Mostrar as excelências do Espiritismo, do ponto de vista moral e filosófico, é tarefa grande e difícil, e poucos a desempenham como convém.

Defendamos a Causa dos seus inimigos internos e externos. Isso, sim ! Esses é que temos de vigiar constantemente. Os orgãos de propaganda servem para vulgarizar ideiais e defendê-los quando é necessário; mas não devem ser utilizados para questiúnculas caseiras que se resolvem em família. O espaço que se gasta e o esforço que se dispende nesse trabalho inglório é em pura perda.

Construamos e calafetemos as frinchas, para evitar a corrosão das intempéries. Estimulemos vontades, orientemos labores. Levemos os prevaricadores a reconhecer a culpa, para que se disponham a emendar-se. Mas não venhamos a público mostrar as fraquezas de quem exerce qualquer acção na comunidade. Há meios de o fazer sem retumbância e o efeito será melhor.

Além disso, semelhante procedimento é anti-cristão.

Contra Factos não há Argumentos

por F. de Noronha

«A Verdade é o que é» (Verum est id quod est). — *Santo Agostinho*

Houve tempo em que não tomava a sério o Espiritismo, afigurando-se-me de um ridículo a toda a prova e desafiando a minha hilaridade e motejo. Apregoavam-se em plena rua as típicas mesas de-pé-de-galo, que constituiam motivo de recreio e passatempo nas residências de numerosas famílias.

A gente moça, principalmente, ávida de novidade e de pretextos para rir e folgar, formava cadeia em volta delas, entretendo-se com surpresas combinadas.

Conheci dois irmãos açorianos, ambos estudando e muito atraidos por assuntos de electricidade, os quais, em sua casa, simulavam sessões espiritas, com resultados obtidos à custa da maravilhosa joia da natureza, a que deviam efeitos, no compartimento em que as realizavam, mercê de aparelhos dispostos para esse fim, debaixo do respectivo soalho.

Em suma, fui caminhando nos anos, estive em contacto com pessoas de todos os graus científicos, engolfei-me nos livros com ardor de paixão, que ainda me anima, e na multidão destes fiz percurso de leitura na obra de espiritas proeminentes.

Desde então, reconheci motivo de atenção e de estudo nessa esfera doutrinária, apelando no que afirma para depoimentos e testemunhos experimentais.

Alguns fenómenos ocorreram também de impressão directa para mim, sem intervenção alheia, com todas as características de anormalidade.

E, assim, com rigorosa lógica, deixei de ver no Espiritismo e nos espiritas um cenário de disparatados ou um cenáculo de aspirantes a manicómio, sempre de molde a proporcionar, ao ardil interesseiro e ás consciências de manga larga, rendosos defraudamentos. É sério e honesto o espirito de verdade; e contra o embuste e a mentira, defende-nos a cautela prudente e a ponderação da idade «evoluindo».

Um dos pontos de insistência da doutrina espirita é a reencarnação, ou seja a vida da mesma alma em mais de uma existência.

«E aqui, diz Artur Arnold *(As Crenças Fundamentais do Budismo)*, surge uma objecção: — Mas nós não nos lembramos das nossas existências passadas, não sabemos por que faltas somos castigados; logo a experiência adquirida perdeu-se, tornou-se inútil para nós».

A isto responderemos: Se houvesse essa recordação, nenhum progresso moral, nenhum desenvolvimento espiritual se produziria pelo nosso *próprio* esforço; e é do nosso esforço que tudo devemos receber.

Uma criança maltrata o seu irmãozinho. Sua mãe castiga-a.

A criança não reincidirá. Porque ? Porque se recorda do castigo e tem medo. Onde está o progresso moral ?

Para que haja progresso moral, é mister que ela se abstenha de maltratar o seu irmãozinho, reconhecendo que esse acto é iníquo e mau por si mesmo.

Se nós soubessemos exactamente por que faltas passadas sofremos no presente, evitaríamos repeti-las, pelo receio das consequências, — e só por isso.

Onde estaria o progresso moral ?

É pelo nosso desenvolvimento espiritual, é por amor do bem pelo próprio bem que devemos cortar o mal. Conhecendo a lei de Causa e Efeito, sabemos que recolhemos o que semeámos; mas sabemo-lo de uma maneira geral, não pormenorizada; sabemo-lo pela compreensão da Verdade, e isto é já um progresso, que nos encaminha para a Estrada da Luz.

De resto, quando tivermos atingido um certo grau de desenvolvimento espiritual, recordar-nos-emos de algumas dessas reencarnações — há disto muitos exemplos históricos; — e no momento em que chegarmos ao Nirvana, reveremos todas as nossas experiências, desde as mais baixas formas de matéria mais espessa, até ás mais etéreas.

Além disso, se nós não nos recordamos ordinàriamente, no nosso estado actual de

desenvolvimento, das nossas vidas anteriores, não há nada perdido, visto trazermos conosco, a cada reencarnação, a bagagem completa das vidas anteriores, nos nossos instintos, nos nossos defeitos, nas nossas vocações, nas nossas qualidade atrofiadas ou desevolvidas, a imensa quantidade de *idcias inatas* que povoam já inconscientemente a nossa consciência.

Os dons desses génios que assombram a humanidade, e essas precocidades infantis, como — por exemplo — Mozart, músico aos quatro anos, e tantos outros fenómenos inexplicáveis, — são apenas *recordações*.

Há muito tempo que se diz:

— Aprender é recordar. Contra factos, asseverei no título que cobre as presentes linhas, não procedem argumentos. Corroborando a transcrição precedente, eis factos:

«Um dia, em Santa Barbara, Califórnia, *(Conceito Rosacruz do Cosmos)*, um homem chamado Roberto foi ver um clarividente que é também conferencista teosófico e pediu-lhe a sua ajuda para um caso muito complicado. O sr. Roberto encontrava-se passeando pela rua no dia anterior, quando uma menina de uns três anos se lhe abraçou chamando-lhe papá. O sr. Roberto indignou-se, crendo que alguém tratava de lhe atribuir a paternidade da menina. Porém, a mãe desta, que veio ràpidamente, estranhou isto tanto como o sr. Roberto e tratou de a levar. A menina, todavia, insistia em ir com o sr. Roberto, dizendo que era seu pai. Devido às circunstâncias que se mencionarão mais tarde, o sr. Roberto não pôde tirar esta cena da cabeça e procurou o clarividente, em cuja companhia foi a casa dos pais da menina. Esta, ao vê-lo, correu novamente para ele, tornando a chamar-lhe papá. O clarividente, a quem chamaremos X., tomou primeiramente a menina e levou-a junto a uma janela para notar se a íris da sua pupila se distendia ou contraia, conforme a retirava ou acercava da luz, com o fim de comprovar se alguma outra entidade que não fosse o seu próprio suidor estava de posse do corpo da menina, visto que o olho é a janela da alma e nenhuma entidade obsessora pode dominar essa parte do corpo. O sr. X. verificou, contudo, que a menina era normal e em seguida fez cuidadosas perguntas à pequena. Depois de paciente trabalho efectuado com intermitência durante a tarde, para não fatigar a menina, respondeu esta o seguinte:

«Tinha vivido com o seu papá, o sr. Roberto, e outra mamã, numa casita solitária, da qual não se via mais casa alguma; próxima a ela havia um arroio em cujas orlas cresciam algumas flores (a menina correu fora então e voltou com alguns amenos (alface americana); havia uma tábua sobre o arroio, e tinham-lhe ordenado que não a cruzasse com medo de que pudessa cair. Um dia o seu papá abandonou-as, ela e a mãe, e não voltou mais. Quando se lhes acabaram os alimentos, a sua mamã deitou-se doente. Depois acrescentou: «eu também morri, mas não morri, pois que vim aqui».

«Então o sr. Roberto contou a sua história. Dezoito anos antes vivia em Londres, onde seu pai era cervejeiro. Enamorou-se da serviçal. Seu pai opôs-se, mas ele fugiu com ela para a Australia, depois de se ter casado. Ali, foram para o bosque e construiram uma pequena granja, edificando uma casinha junto a um arroiozinho, exactamente como dizia a menina. Tiveram uma filha ali e quando esta tinha dois anos, ele deixou a casa e foi a alguma distância dela; entretanto um homem armado de uma espingarda correu para ele, dizendo-lhe que ficava preso em nome da lei, por um roubo cometido na noite em que o sr. Roberto deixou a Inglaterra. O oficial tinha seguido as suas pisadas até ali, crendo-o criminoso. O sr. Roberto pediu que se lhe permitisse ir antes ver a sua mulher e sua filha, mas julgando o oficial que esse pedido podia ser uma astúcia para o fazer cair em mãos dos confederados, recusou e obrigou-o a dirigir-se para a costa. Dali enviaram-no a Inglaterra e, submetido à prova, comprovou a sua inocência.

«Antes que as autoridades fizessem caso dos seus constantes pedidos para que se fosse buscar sua esposa e sua filha, teve que passar algum tempo ali. Posteriormente enviou-se uma expedição em sua busca; esta não encontrou mais que os esqueletos de ambas. O pai do sr. Roberto tinha morrido nesse intervalo e, ainda que tinha deserdado aquele, os seus irmãos dividiram a herança com ele, pelo que voltou à América completamente aniquilado. O sr. Roberto proporcionou então algumas fotografias de sua esposa e filha, as quais, por conselho do sr. X., foram misturadas com certo número de outros retratos e

mostrando-os todos à pequena, esta, sem vacilar, assinalou as fotografias dos seus antigos pais, se bem que estas diferiam muito do aspecto actual do sr. Roberto».

Caso idêntico, ou antes de natureza idêntica, ocorrido com uma menor, na India, estampou não há muito o semanário *Gazeta de Cantanhede,* em artigo editorial, «Eu já vio o senhor», firmado por Franchini Neto.

E pudera avolumar o exposto com a mera citação de outros casos averiguados, se não devesse poupar aos leitores o enfado e monotonia de repetições frequentes.

Sobressaem os factos e o nu de realidades categóricas, resistindo a todas as batarias de sofisma.

São o que são, sem fuga viável para quem quer que seja.

E não há o direito de negá-los, pela circunstância de não terem sido ou não serem, efectivamente, do nosso conhecimento directo ou imediato.

Alguém, contemporâneo, presenceou no Coliseu romano, governando Nero, o lancinante esfrangalhar dos cristãos pelo dente e a garra das ferinas alimárias?

E pomos nós sequer em dúvida que isso fosse e que a assistência, ocupando os lugares de espectadores do vasto anfiteatro, chegasse ao delírio ou rubro do entusiasmo e das ovações perante o sangrento género de exibição?

Ou, por não termos visitado Nova-Iorque e tantas outras cidades opulentas que orgulham os povos, com «arranha-céus» e sem essa modalidade, afirmamos que não existem? Repito: contra factos não procedem argumentos.

Podemos, sim, aguardar do amanhã muito mais luz científica e experimental, por isso que a «evolução» é um facto insustável e irrepremível e o Progresso é lei de vida e irradiação mental.

Logo, não zombemos do que não queremos confessar autêntico. Os casos certos, só explicáveis pela reencarnação, têm a mesma validade de quaisquer outros de que ninguém duvida; e seria insensatez e e loucura rejeitá-los ou recusar-lhes fé.

Se, há dois séculos, houvesse quem falasse de automobilismo e de emissoras, deleitando-nos os orgãos auditivos a distâncias de milhares de léguas, com cordilheiras e mares de permeio, pela unção de harmonias no mesmíssimo instante em que elas são produzidas, o que lhe chamaríamos nós, em que conta o teriamos?!

No entanto, acertaria em seu falar. E tanto, em verdade, quanto o facto, inteiramente consumado na presente data, já não é um sonho ou um fruto de imaginação destrambelhada, mas uma brilhantíssima realidade, ainda em marcha para fase mais decisiva e grandiosa.

Os véus dissipam-se em todos os sectores de actividade humana e os mistérios deixam de barrar-nos o caminho, para se resolverem em luminosidades de evidência perdurável.

Ida Lupino e o Espiritismo

Na revista «Reformador» (n.º 7, ano LXIII, de Julho findo) lemos a transcrição de um artigo de Marius Swederson, publicado no «Cruzeiro» (n.º de 26 de Maio), e em que se afirma a adesão de Ida Lupino à crença espirita.

Diz a famosa artista do cinema americano: «Acredito fielmente numa vida futura. Ela deve existir, pois agora também existe uma infinidade de seres humanos, onde eu própria me incluo, que têm tido visitas dos que já não habitam este mundo».

A experiência pessoal de Ida Lupino é interessante, pelo que desejámos arquivá-la nas colunas desta Revista. Na sua infância e apesar dos esforços de seu pai, não conseguia aprender música, nem desejava aprendê-la. Durante a convalescença duma paralisia infantil, teve, numa noite, uma sensação e presença estranha, enquanto ouvia uma voz incitá-la: — «Ida, vá até ao piano e toque».

«Sentei-me junto do piano, e toquei. Sim, eu que nunca fizera uma escala sequer, dediIhei um concerto de Brahms, do princípio ao fim, e perfeitamente» — diz a artista. Desde então, não mais deixou de executar, começando até a compor músicas que foram interpretadas pela Orquestra Filarmónica de Los Angeles e a Orquestra de Concertos de André Kostalanetz.

Como explica ela o fenómeno? «Creio que o Espírito de algum músico, há muito falecido, veio até à minha cama e relembrou que eu fora também musicista noutra encarnação».

Com base na sua experiência, fez Ida Lupino ao jornalista a confissão da sua crença no Espiritismo, na imortalidade e na reencarnação.

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Leopoldo Machado, grande apóstolo do Espiritismo no Brasil, conta a "Estudos Psíquicos" interessantes pormenores da sua conversão e da sua acção

Um Espírito amigo disse-nos, incorporado, espontanamente, já lá vão anos, que fôramos bispo na última encarnação, declinando o nome que tivemos, a cidade e diocese em que militámos.

Que os espiritas mais extremados pela causa foram padres, em encarnações pretéritas, é coisa de que nunca duvidámos. Por isso que, prègando e vivendo hoje o Espiritismo, andam desfazendo, de algum modo, seus erros e práticas dos tempos eclesiásticos. E que já viemos à carne conhecendo a Doutrina Espirita, é um facto. Nada vimos de desconhecido nos livros insubstituíveis de Allan Kardec. Lemo-los recordando, ainda que recordar não fosse viver, no asserto reencarnacionista de Platão. É que, como o bispo que fôramos, havíamos estudando e aceite o Espiritismo — disse o Espírito revelador — colocando-o, porém, debaixo do alqueire de nossos interesses...

Mas vamos aos caminhos por que andámos até que pudessemos dizer «sou espirita», a despeito de ser esta a terceira vez que contámos como isto foi.

Fôramos, da família, a única pessoa de inclinações religiosas.

Quiséramos ser frade franciscano. Tivemos, até, autorização escrita de nosso pai, que mostrámos a frei Casimiro, que nos queria muito. Não era possivel por sermos brasileiro e não possuirmos recursos para grossa doação à Ordem, além de não sermos branco, de cabelos loiros e olhos azuis...

Foi o primeiro golpe em nossa fé católica.

Passámos para o Protestantismo, por influência de um mestre de arte de sapateiro, tinhamos uns 14 anos. Aos 18, havíamos já lido a Bíblia, do *Génesis* ao *Apocalipsis, sem* faltar um só versículo... Mas, ao emanciparmo-nos, éramos materialistas. Mas de um ateismo insolente e atrevido, porque de moço ignorante e vaidoso. Pior do que nosso ateismo, só o de um primeiro anista de medicina...

A primira vez que tomámos conhecimento com factos espiritas, foi ao expirar do século passado, em Plataforma, lugarejo ao Norte da Baía. Víramos aí, numa sessão mediúnica improvisada por espiritas advenas na terra, aquela que nos dera o ser, criatura inculta, quase analfabeta, escrever, mediunizada, vertiginosamente, em caligrafia e com termos que não lhe eram próprios. Mediunizada pelo Espírito de um tio nosso, chamado Emílio. Sessão que acabou tètricamente. Um vento forte soprou, invadindo a casinha tosca e apagando o candieiro. Com o vento, um gato entrou a miar desesperadamente, alarmando toda a gente. Parece que fomos dos que mais gritaram, apavorado, muito criança que éramos. No meio de tudo, a nota cómica, vivida pela preta velha Dadá, que ajudou a criar-nos, a dizer, cheia de saudade, ao Espírito comunicante:

— Adeus, Milú!...

///

Foi aí por 1904, que ouvimos falar de Espiritismo pela 2.ª vez, no bairro fabril de Plataforma, vizinhança de Salvador, e ainda por obra e graça de uns «espiritas» ambulantes, que andavam fazendo sessões domésticas onde os chamassem, parece que contra qualquer remuneração. Em nossa modesta casinha de operário, em torno da única mesa ali existente, sentaram-se aqueles porta-vozes do Além, numa sessão a que baixara o espírito de nome Carigé, a dizer que nosso pai, então no Amazonas, depois de fazer fortuna, voltava rico e feliz. Mas fora surpreendido por bandidos, que o roubaram e deixaram crivado de facadas.

Quatro anos depois, voltava o velho sem riqueza alguma e sem nunca ter sido assaltado e roubado!

Quase na mesma época, nesse mesmo lugar, testemunhámos o facto seguinte:

Era uma rapariga chamada Donana, operária como nós, que passou a ver o Espírito da mãe de uma contraparenta, que morara algum tempo com sua família. O Espírito apresentava-se-lhe por toda parte: em casa, na rua, na fábrica. Donana apavorava-se, tapava o rosto e chorava inutilmente. Muito beata que era, apelou para seu rosário, a confissão; aos *farrenegos,* aos *tesconjuros;* para a intervenção do reverendo. Mas, nada! O Espírito, firme: apresentando-se-lhe até na igreja. Foi então que alguém lembrou um espirita que residia no bairro de S. João: sr. Marques Porto. O espirita atraiu o Espírito, que queria apenas sua filha, a Genesia, moça solteira que tinha um defeito horrivel: o lábio superior, parte esquerda, estava comido, deixando ver uns dentes feios e maltratados; queria que a família da Donana recolhesse a filha. Só ficaria satisfeito com isso. Feita a sua vontade, a Donana deixou de ver o Espírito...

Ali por 1910, éramos, então, gerente de um hotel de 3.ª classe, na cidade do Salvador, e ouviramos falar, novamente, de Espiritismo.

Hospedara-se no hotel um rapaz amazonense, de passagem para o Rio, onde ia tentar fortuna. Não teve com que pagar a hospedagem. O patrão prendeu-lhe a mala. Fiámos por ele, cuja conversa sobre Espiritismo nos agradava muito. Grato, com os olhos úmidos de emoção, ao despedir-se de nós deu-nos dois livros, dizendo:

— É a prova de meu reconhecimento. São dois códigos da felicidade. Leia-os, que será mais feliz e melhor.

LEOPOLDO MACHADO

Eram o *Livro dos Espíritos* e o *Evangelho Segundo o Espiritismo*».

Esse facto não impediu que o hóspede triunfasse no Rio, a ponto de vir a ser um grande jornalista, chegando, até, a tomar atitudes desairosas contra o Espiritismo, a favor da Igreja de Roma.

Funcionário subalterno nas Docas do Porto, publicáramos, então, um volume de maus versos. Nem por isso um grande espirita e maior espirito, José Petitinga, deixou de procurar-nos, convidando-nos para irmos a sua casa, talvez apiedado de nossa dupla infelicidade decorrente do empreguinho e da publicação do livreco.

Passámos a frequentar-lhe a residência, cultivando o tesouro de uma amizade.

Quase inutilmente, procurava José Petitinga interessar-nos no Espiritismo, pois valorizávamos nele mais a amizade do intelectual, poeta e jornalista que era, do que do espirita, que teria de implantar o Espiritismo organizado em Salvador.

Mas, sua jeitosa influenciação espirita ia, de algum modo, logrando interessar-nos. Tivemos disso uma prova, certa manhã, quando passávamos num *câbo*. Encontráraramos aí alguns livros de Allan Kardec, edição do centenário, que comprámos baratinho.

O dia, porém, de sua leitura é que nunca chegava. Faltava-nos sempre disposição para tanto!

Uma noite, fomos dar com Manuel Quintão na casa do Petitinga.

Uma noite que ficou indelével em nossa memória.

José Petitinga sugeriu se fizesse ali um programa artístico-literário.

Cada um de nós, elaborador de estrofes, recitou sua última produção poética.

Por último, Manuel Quintão fez de memória a narrativa do romance mediúnico de Zilda Gama, NA SOMBRA E NA LUZ.

Aquilo empolgou-nos de tal modo, que saímos dali resolvido a estudar a sério a Doutrina Espirita.

Foi aquela noite a nossa verdadeira Estrada de Damasco. Os empurrõezinhos que esperávamos para nossa integração no Espiritismo.

Viéramos, portanto, para o Espiritismo, pela porta do sentimento e da arte.

///

Cristão novo, passámos a querer contagiar toda gente de nosso entusiasmo.

Foi isso ali por 1915 a 16...

Datam daí nossos estudos da Doutrina Espirita.

E sempre foi o Espiritismo evangélico, filosófico e cultural que nos interessou. Nunca tivemos interesse de maior pelo Espiritismo mediúnico, metapsiquico, fenomenológico. Desde que houvéssemos estudado e compreendido, era o que nos bastava. A propaganda da Doutrina através da literatura de ficção, da poesia e do teatro, interessava-nos particularmente. Por isso recebemos o livro POESIAS, de Amaral Ornelas, com louvores merecidos ao autor, a despeito de não se tratar de um livro e de poesias genuinamente espiritas. Enchemos duas colunas e meia do DIÁRIO DA BAÍA com gabos ao volume, que foi, incontestàvelmente, dos melhores publicados naquela época.

Carlos Imbassahy havia publicado um romance, LEVIANA.

Encorajado pela apreciação que fizéramos de POESIAS, envia-nos o romance.

O livro de Imbassahy, além de romance mundano, tinha, a páginas tantas, umas fisgadazinhas no Espiritismo.

Tomámos, na apreciação que fizemos do livro, a defesa da Doutrina Espirita.

Carlos Imbassahy não gostou de nossa crónica. Revidou em cartas. Numa delas, escreveu que «não era

espirita, não entendia de espiritismo e que Deus o livrasse de entendê-lo».

Conhcemo-nos, portanto, polemizando, discordando um do outro, brigando, o que não impediu de sermos os amigos que temos sido, sempre leais, até o presente. Nem, tampouco, de vir Carlos Imbassahy a ser o que é: o maior escritor espirita do Brasil.

Até 1932, sentimos o Espiritismo, apenas, como fonte de cultura doutrinária, como força reformadora do homem. Nada mais. Estudávamos a Doutrina, pensando, sòmente, em nós, em nossa reforma interior. Cimentáramos, então, convicções à prova de fogo, como provàramos no acto de nosso casamento: não houve argumento que pudesse convencer-nos de que deveriamos ouvir o *conjugo vobis*... do sr. vigário.

Como secretário da *União Espirita Baiana*, que ajudámos a fundar, não passámos da lavratura irregular de actas de sessões. No Rio, ali por 1925, o Almirante Paim Pamplona e Alcino Terra quiseram dar cònosco na tribuna da União Espirita Suburbana. Trabalho inglório de ambos!

— Eu, não, que não dou para prègador e conferencista. Arranjarei, contudo, quem me substitua... — respondemos.

E arranjámos uma palavra que depois emudeceu na tribuna espirita, desertando, atraído pelas coisas do mundo, do campo sagrado...

A esse período chamamos primeira fase de nossa actuação na Doutrina.

///

Nosso Espiritismo teórico nunca nos levou, felizmente, a recuos e pusilanimidades.

Quando, em 1930, nos transferimos para Nova-Iguassú, passámos a frequentar, irregularmente, o centro espirita. No fim do ano, o prezadissimo irmão espiritual Vitorino, então presidente do centro, convidou-nos para um lugar na Directoria:

— Se não for para ser presidente, secretário ou tesoureiro, poderei aceitar, — respondemos —, pois nosso ginásio em formação não daria folgas para muita coisa.

As eleições vieram, sem que fôssemos eleito para lugar algum.

— É que, a sugestão de F., sua eleição para a directoria do Centro iria talvez prejudicar o desenvolvimento de seu ginásio em formação — desculpou-se o Vitorino.

— Por isso, não, que não porei interesse material algum acima de minhas convicções espirituais — respondemos —. Tanto assim é, que, menos para os cargos de que lhe falei, aceitarei outro qualquer na futura diretoria.

E, na diretoria futura, fomos eleito vice-presitente do «Fé, Esperança e Caridade». Nosso primeiro cuidado foi promover um festival de teatro a benefício de reformas do centro, actuando no festival, que fora realizado no *Esporte Clube* e no cinema da cidade, crianças de família tradicionalmente católicas.

Começou aqui a segunda fase de nossa actuação doutrinária, porque, com a acção no Centro, agitou-se nossa atividade polemística.

Fomos então arrastado a polémicas rumurosas, com toda sorte de adversários. Polémicas que nunca provocámos. Dezoito delas, e das mais sérias, tivemos de sustentar. Só de uma vez, com três reverendos, e dos que melhor escrevem...

Essa fase de nosso labor espirita terminou com o advento do LAR DE JESUS. E foi a mais agitada de nossa vida de espirita. E difícil, a julgar por nossa profissão: na direcção de um ginásio, numa cidade pequena e clericalizada, frequentado quase totalmente por crianças de famílias católicas. Foram anos em que vivemos sempre entre dois fogos cruzados, porque entre o clero da Terra e do Espaço. O último, mais respeitável e terrível. Serviu-nos, porém, essa fase, para, entre outros ensinamentos, sentirmos a grandeza destas duas verdades: quem vigia e ora, combatendo o bom combate, nada tem que recear; quem pauta sua vida profissional com muita honestidade e competência, não deve recear guerras do clero, nem de ninguém...

///

A leitura do PAULO E ESTEVÃO, que coincidiu com o advento do *Lar de Jesus*, assinalou o início da terceira fase de nossa vida espirita.

Passámos a compreender que o Espiritismo não deve consistir apenas em estudos teoricos, conferências litero-doutrinárias, manifestações de espíritos, fenómenos, etc.

Compreendemos que, depois de iluminada a inteligência e a consciência pelas claridades da Doutrina, pelos estudos feitos e os factos observados, devemos exemplificar com acções essa iluminação interior. Portanto, urgiam obras de assistência. E pusemo-nos a elas, aconselhando-as, pela palavra falada e escrita. Principalmente, obras de amparo às crianças, beneficiando a humanidade do presente e do futuro e, sobretudo, preparando as verdadeiras gerações espiritas, as do futuro, de que somos apenas precursores.

Somos um temperamento insofrido e vibrátil. O que traçamos deve ser executado imediatamente, se depender, apenas, de nós. Não nos conformamos com a rotina. Mormente, se rotina improdutiva, se se pode fazer mais e melhor. «Agir conforme resolveu», tem sido, sempre a nossa directriz. E gostamos de agir assim, fiquem ou deixem de ficar a meio de caminho os que deviam agir conosco, ombro a ombro e lado a lado.

Veio o LAR DE JESUS, que podia ser obra de um só homem, do casal que a ele se entregou com

toda a alma. Era, todavia preciso dar oportuniadade a irmãos de boa vontade, que isso seria do agrado do Alto, que quisessem colaborar na obra. Reuniram-se então em torno dela companheiros de boa vontade, saindo desse núcleo de irmãos diligentes e de associaçõs espiritas a *Confraternização* que tem o seu nome, pois trabalhando unidos e coesos, dando cada um o que pôde e quis, formaram a família espiritual do *Lar de Jesus. Família* a que não faltam como a todas as famílias, espirituais ou consanguínias, queixas, mágoas, ressentimentos, disenções. Tudo, porém, coisas de somenos para o volume da obra que se impõe cada vez mais, mercê de Deus, servindo de modelo a outras instituições e outros movimentos confraternativos, como o *Lar de Maria*, de Macaé, o *Sanatório Jesus*, de Cruzeiro, o *Instituto Jesus* e o *Instituto Maria*, de Juiz-de-Fora...

É certo que tivemos de amargar decepções e peripécias, obra dos homens e não da Doutrina, por discordarmos de irmãos ilustres, ou ilustres confrades discordarem de nós, o que podia acontecer perfeitamene, sem inimizades. Felizmente, nada disso teve força, e terá, para alterarmos uma só linha de nosso plano de acção, da directriz que nos traçámos, dos programas que pretendemos viver.

///

Está a dizer-nos a consciência que estamos vivendo, agora, a quarta fase de nossas actividades espiritas, fase que estamos consagrando a dois programas: fundação de *Juventudes Espiritas Organizadas* e difusão do *Espiritismo de Vivos*. Aquela, aliás, um dos fundamentos deste.

Temos feito, até agora, Espiritismo para a hora que passa. Mais para o presente do que para o futuro. Espiritismo de nossa melhoria e iluminação interior, para a salvação, pela caridade, de nossas almas e daqueles que, de nossa idade, ordinàriamente militam conosco. Temos feito, assim, *agorismo* dentro do Espiritismo. Entendemos que já é tempo de pensar no Espiritismo do futuro, de preparar as gerações futuras. Parece-nos que é voltando a atenção para as crianças e jovens que podemos colimar tão alto objectivo. As lições da Igreja de Roma, neste passo, devem aproveitar-nos. É, pois, isto que pretendemos fazer, nesta quarta fase, fazendo, para tanto, o que estiver na fraqueza de nossas forças.

A isto, pois, consagramos a 4.ª fase de nossa acção espirita.

Pediu-se-nos para aqui — e há quanto tempo, amigos e irmãos! — o relato de como nos fizéramos espirita. E para aqui trazemos, além disto, o que tem sido a nossa modesta actuação no Espiritismo.

Se abusámos e excedemos a medida e se merecemos perdão, que nos perdõem.

CARTA DO BRASIL

Rio de Janeiro, 27 de Novembro de 1946

Caríssimo irmão
Paz em Jesus.

Sou uma das muitas estudiosas que sentem no coração o fogo do amor do próximo, pelos sublimes ensinamentos colhidos no Evangelho do Senhor.

Além de ser um órgão de propaganda espirita bem organizado, instrutivo e simpático, Estudos Psíquicos *é publicado na terra de meus queridos genitores, onde já estive duas vezes e à qual gostaria de voltar agora para conhecer o dinâmico companheiro que é Isidoro Duarte Santos.*

Por intermédio do nosso prezado irmão António Ferraiuolo, eu, minha mãe e demais pessoas amigas, fizemos assinaturas da sua apreciada revista, que aguardamos ansiosamente. Hoje, através de «Mundo Espirita», lemos o apelo sugestivo do Dr. Henrique Andrade, não podendo silenciar ante o referido artigo, pois que o lema da doutrina é Trabalho e Solidariedade.

Nesta pálida mensagem, nesta demonstração de afecto, desejo transmitir a vibração sincera de meu espírito e o sentimento de certeza e convicção de que «Estudos Psíquicos» há-de vencer, porque «Deus não dá uma pedra ao filho que pede um pão». Vencerá, para bem dos espiritas portugueses e brasileiros e, acima de tudo, para que a luz continui a ser espalhada através das suas colunas, para as almas infelizes que vivem em trevas.

Caríssimo irmão: a hora que atravessamos é de testemunho, é de experimentação. Temos confiança de que o prezado irmão sairá triunfante da luta, condecorado com o galardão da perseverança. Quanto maiores forem as dificuldades, maior será o mérito. A seu lado, Espiritos iluminados o estão amparando, desejosos de vê-lo prosseguir, satisfeitos pela obra que já realizou.

— Avante! Para a frente e para o Alto! — dizem eles.

Que as minhas pobres palavras possam, de alguma forma, levar-lhe um pouco de incentivo e a consolação de que os seus companheiros de Além-mar não ficaram indiferentes ao seu apelo, nem alheios à sua dor.

Somos irmãos, demos as mãos, caminhemos unidos!

Fraternalmente,

Idalina de Aguiar Bastos

CARTA ABERTA

por Mariana de Aguiar Cabral

Caríssimo Irmão:

Recebi a vossa carta, na qual me dais a notícia da morte daquela que na Terra foi vossa esposa.

Essa carta, transbordante de desespero e de dor, é bem o grito de uma alma dilacerada pelo aguilhão do sofrimento humano, numa das suas mais altas escalas. E digo, mais altas escalas, porque, para suportar esse golpe, não tendes a índole nem o conhecimento que suaviza a dor e faz encarar com serenidade, resignação e fé, as mais espantosas tragédias.

Na vossa carta ruge uma tempestade de alma, em cujo negrume não transparece a ténue luz de uma esperança.

À mistura com lamentações e imprecações, deixais adivinhar uma ponta de despeito por aqueles que no mundo gozam felicidade, enquanto vós tanto sofreis.

E porque sofreis vós desse modo?

Só porque estais demasiado apegado às coisas materiais e não volveis a inteligência para as consoladoras verdades espirituais.

Julgais morrer de desespero, porque vossa boa esposa desapareceu da face da Terra. E não sabeis vós, irmão, que todos teremos um dia de desaparecer, mais cedo uns, mais tarde outros?...

Sim, é humano o vosso sofrimento pela separação. Separação! Acaso se lhe poderá dar esse nome?

Certamente que o não é no lato sentido da palavra, porque se vossos olhos físicos estão inibidos de ver a companheira querida, nem por isso ela deixa realmente de existir. Sim, irmão, por mais que repugne à vossa mentalidade de homem forte, por mais que se esboce no vosso rosto o sorriso da incredulidade, não podeis mudar a face das coisas, que são o que são e não aquilo a que a exiguidade da nossa inteligência de humanos estabelece bitola.

Se vos resolvesseis a profundar as leis que regem o mundo espiritual, há muito tereis chegado a esta consoladora certeza: A morte não existe; a vida continua sob outro aspecto muito mais belo, mais puro e livre das paixões materiais.

Esses entes queridos que chorais podem estar ao vosso lado e afligir-se com o vosso sofrimento, nascido das coisas terrenas e que, mantendo-os nessa esfera de inquietação, os inibe de ascender a regiões mais altas, onde resplandece a luz do espírito e da felicidade suprema.

Não lastimeis os que partem, pois eles são bem felizes por se afastarem deste mundo de expiação. Mas também vos não lamenteis por terdes ainda de permanecer neste mundo, sabe Deus por quanto tempo. É que, por enquanto, não está terminada a nossa missão, finda a qual partiremos a juntar-nos aos nossos e à grande família espiritual.

Enxugai, pois, o vosso pranto. Libertai-vos do limitado círculo da matéria. Dilatai vossa inteligência pelas sublimes leis do Criador e, conhecendo as Suas leis, compreendereis que morrer, afinal, é renascer.

Buscai, irmão, e achareis esta verdade suprema: A morte é apenas uma figura simbólica, criada pela imaginação dos materialistas.

Mas dir-me-eis: Não, a morte é uma realidade palpável; o coração pára, as células morrem e tudo se transforma em pasto dos vermes!

Respondo-vos: Vede que nem a matéria — o mais baixo elemento — se perde e apenas se transforma. Como poderia o Espírito, que é imortal, princípio inteligente, centelha divina, fenecer, ao descair de umas pálpebras que se fecham?

Que importa que a matéria caia em inacção, a voz se cale, o ouvido ensurdeça, o olhar se cerre, todo o corpo adormeça em morte aparente, se o sonho é belo?!

MISTICISMO

O misticismo é esplendidamente generoso. Permite ao homem a realização dos seus mais elevados desejos: força interior, luz espiritual, amor divino, paz inefável. A intuição religiosa é tão real, como a inspiração estética. Através da contemplação da beleza sobre-humana, tanto místicos, como poetas, podem atingir a verdade derradeira.

DR. ALEXIS CARREL

CIÊNCIA, FILOSOFIA E ESPIRITISMO

por Ernesto Moog

Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em S. Tiago do Chile

Temos a satisfação de apresentar aos leitores um novo redactor-correspondente de «Estudos Psiquícos», cujo primeiro artigo constitui o melhor pergaminho para quem se propõe trabalhar conosco na grande tarefa de exaltar e divulgar o Espiritismo, do ponto de vista dialético.

Ernesto Moog é Presidente da Sociedade de Estudos Metapsíquicos do Chile e director da revista «Cuadernos de Estudios Metapsíquicos», de grande expansão naquela república sul-americana. A Sociedade que representa está a formar grupos de estudo e experiências e a estabelecer estreitas relações com os confrades da Argentina, Estados Unidos e Portugal.

Desde muito novo (tem 38 anos) que sentiu interesse pelos estudos espíritas e metapsíquicos; mas só após longa viagem de dez anos pelo mundo, como jornalista, durante a qual tocou em Lisboa, em 1935, se fixou no Chile, sua pátria de origem, a fim de realizar profundos trabalhos no campo das investigações psíquicas.

Colabora em «La Idea» e «Constancia», de Buenos Aires, e prepara um livro intitulado «Introdução ao Espiritismo Científico», no qual estuda os problemas da metapsíquica e o espiritualismo experimental, em relação com os recentes descobrimentos e teorias da investigação científica, fazendo a revisão total das observações e teorias da Física, da Psicologia e da Biologia, realizadas nos últimos anos.

Ernesto Moog foi, por assim dizer, o organizador do movimento espírita e metapsíquico no Chile, que culminou na fundação da Sociedade acima referida. É, portanto, valioso elemento que muito contribuirá para o prestígio da nossa revista e para o estreitamento de relações com os valentes confrades chilenos, a quem daqui saudamos num abraço fraternal, em que vai todo o nosso entusiasmo e a nossa fé de espíritas.

ERNESTO MOOG

Quem seguir atentamente as prodigiosas evoluções do pensamento científico e filosófico do actual momento histórico não deixará de observar que todos os aspectos do conhecimento experimentaram mudanças e renovações enormes nos últimos decénios.

Pode dizer-se, sem receio de errar, que se estão a construir as mais extensas e sólidas bases que ainda se conheceram, para sobre elas erguer uma verdadeira teoria moderna do conhecimento, de incalculável valor para o espírito e que ao homem fornecerá a chave dos mais enigmáticos problemas do Universo, do Ser e da Vida. Nova visão filosófica, científico-espiritualista, está prestes a plasmar-se na mente humana, visão de consequências imprevistas e para cuja direcção, em futuro próximo, o homem orientará a cultura, o procedimento e a acção.

De modo fundamental e ao mesmo tempo que os outros mais modernos ramos da investigação e do saber, dois avançados aspectos da ciência e da filosofia, completam essa nova visão do cosmos.

Um é a ciência metapsíquica, com seus profundos e rigorosos dados acerca da psicologia e fisiologia supranormal e das faculdades parapsíquicas do indivíduo, que demonstram testemunhalmente a existência e acção de um dínamo-psíquico essencial, real e permanente (espírito), que organiza e repara o

corpo físico, e sobrevive à sua desintegração material, susceptível de produzir, depois da morte, manifestações metapsíquicas escrupulosamente verificadas e classificadas por muitos investigadores, entre eles o Dr. Geley, o Prof. Ernesto Bozzano, Sir Oliver Lodge, o Prof. Crawford, o Dr. Hodgson, o Prof. Hyslop, F. W. M. Myers, etc.

O outro ramo é a filosofia espirita, a qual, como resultado da observação e da lógica e baseando-se no estudo experimental dos factos metapsíquicos e espiritas, fornece valiosas noções acerca das leis naturais que condicionam o progresso espiritual dos seres e a evolução moral e intelectual que o indivíduo e a colectividade devem desenvolver, mediante seus próprios esforços de superação para se libertarem da ignorância e dos instintos inferiores originais.

Mas além destes aspectos da ciência e da filosofia, — os mais avançados que se conhecem, repetimos — outros aspectos notabilíssimos existem provenientes do esforço investigador e do pensamento de sábios e filósofos que, sem o mínimo contacto com a Metapsíquica e o Espiritismo, se aproximam deles, irresistível e naturalmente impulsionados pelos próprios estudos e trabalhos que encurtam cada vez mais o espaço que os separa entre si.

Quando esta distância for coberta — e terá de ser coberta mais tarde ou mais cedo — Ciência e Filosofia, Metapsíquica e Espiritismo serão um só, constituindo um espiritualismo científico e uma ciência espiritualista, de superior influência moral na humanidade, que realize a fusão de termos e princípios aparentemente contraditórios, mas que se identificarão numa fase superior do seu desenvolvimento.

Para demonstrar sintética e superficialmente a exactidão destas afirmações, basta considerar alguns dos surpreendentes descobrimentos e ideias que se sucedem em constante progressão e valorizá-los de acordo com a nossa tese.

Em Física, por exemplo, uma das ciências fundamentais desta época, notamos que se têm produzido verificações e descobertas que contribuem decisivamente para variar não só a imagem natural da realidade em função da qual vivemos, mas também para alterar o *esquema conceitual da realidade*, que até há pouco era de atender no campo das ciências positivas.

As dimensões incomensuráveis do universo estudadas pela física cósmica (galáxias) e as dimensões infinitesimais investigadas pela microfísica ou física atómica (electrões, protões, etc.), resolvem-se à luz dos novos conhecimentos da Física, em conceitos para a compreensão dos quais os nossos meios de percepção mais rigorosos, completos e seguros começam a debilitar-se, em virtude da sua insuficiência. O átomo é essencialmente imaterial. Após os descobrimentos dos grandes físicos contemporâneos, Böhr, Heisenberg, de Broglie, Schrödinger, etc., o átomo foi despojado de toda a substância. *Não existe matéria, não existe espaço, não existe tempo, não existe causa,* no sentido que a Ciência Natural tem dado a estes conceitos até há poucos lustros. Só existem ondas de probabilidade no contínuo espaço-tempo determinado pela relatividade einteniana.

Mas agora os processos a investigar cientificamente tornam-se tão subtis, delicados, imateriais, e penetram tão decididamente em tal plano de abstracção, que os instrumentos usados não conseguem ir mais adiante. Chega-se assim a um campo em que ciência e filosofia convergem mais estreitamente do que nunca e as concepções espirituais se erguem já com nitidez e potência, como corolário de próximas investigações.

Se dos descobrimentos da Física passarmos aos da Psicologia, isto é, se do Universo passarmos ao Ser, veremos que os progressos realizados por este ramo científico contribuem igualmente para cimentar essa nova visão filosófica espiritualista-científica de que falámos. No vasto sector desbravado pela Psicologia se encontram as concepções do Inconsciente individual ou colectivo (Jung) que enquadram problemas, cuja interpretação conduz insensivelmente à convergência e interacção de ciência, filosofia e espírito. As grandes imagens primordiais ou «arquétipos» que a psicologia do inconsciente encontra nos processos mentais normais e anormais do indivíduo revivem não só a história psíquica da humanidade, como também a sua história espiritual, suas expressões, aspirações e mais profundas e sentidas experiências expressas em símbolos e imagens, através de sonhos, miragens, visões, fantasias e outros aspectos da actividade anímica do homem.

E estas imagens primordiais, corroborando os dados da Física moderna, denunciam a existência — atrás do nosso mundo de representações físicas — dum indelimitável universo mental, dum Pensamento inespacial e atemporal, o que obriga a desconcertantes reflexões científico-filosóficas acerca desses desconhecidos aspectos da *psique* individual unida a uma Consciência Cósmica e desse desdobramento em faculdades e processos subconscientes, afastados por completo das categorias vulgares de nossas representações relativas de tempo, espaço e matéria.

Deste modo, num e noutro sector dos nossos conhecimentos actuais observamos transformações profundas que a própria razão humana, ligada à antiga lógica aristotélica, não pode captar, impotente, como é, para seguir a ciência e a filosofia de hoje. A investigação progride vertiginosamente e o pensamento não lhe vai na peugada. Ambos destroem obstáculos que pareciam insuperáveis, criam novas formas de pensar e, ultrapassando o materialismo e o positivismo, já tão limitados e simplórios, colocam-se, como dissemos, em níveis de abstracção tão inesperados, que o cientista e o filósofo são forçados a pensar para lá do tangível e do ponderável, dilatando-se nos

vastos planos do espiritual que, paradoxalmente, se transforma no mais real e no mais exacto.

Assim, temos de exprimir simbòlicamente os novos descobrimentos, por meio de fórmulas que mais participam do intuitivo, que do lógico. Temos de considerar abstractamente os electrões, como cargas incorpóreas de energia; o contínuo espaço-tempo einsteniano temos de persegui-lo mentalmente, sem poder fixá-lo em qualquer representação concreta; as imagens primordiais ou «arquétipos» da psicologia do inconsciente temos de considerá-las figurações inadequadas do universo mental e não como descrições directas da verdadeira realidade inacessível. *Não podemos encontrar realidade objectiva*, declara filosòficamente a ciência, na sua linguagem mais espiritual. E todo o conhecimento moderno, em suas mais recentes noções e mais amplos e avançados pontos de vista — fora da Metapsíquica e do Espiritismo — se vai situando melhor na profundidade intrínseca das coisas (onde se encontrará, inevitàvelmente, com a ciência e filosofia do espírito), do que na sua extensão extrínseca, onde se radicava até há poucos anos.

Chegámos, assim, ao ponto em que ciência e filosofia incidem, sob os auspícios do espírito, e em que suas linguagens, imagens e conceitos se fundem, à medida que se aproximam da realidade espiritual e íntima, que se encontram em cada *processus* da vida e da natureza, do Ser e do Universo.

O desequilíbrio, que todos apontam, entre as potências morais e espirituais da humanidade e suas forças exteriores, materiais, é devido a não ter chegado ainda o momento em que Ciência e Filosofia, Metapsíquica e Espiritismo, se fundam no seu encontro e dele resulte aquela nova visão filosófica e moral, científico-espiritualista, de que falámos no princípio deste artigo e que, ao plasmar-se indelèvelmente na consciência humana, dê origem a uma cultura inteiramente espiritual.

Só o Espiritismo pode trazer o equilíbrio, a harmonia, o refinamento e a purificação de que os actuais conhecimentos científicos e filosóficos necessitam, para completar nova ideia do Universo onde caiba sem esforço a mais completa, transcendente e exacta realidade do Ser, que já se vislumbra nas ciências físicas, psicológicas e metapsíquicas.

Só a filosofia espírita pode englobar todos os conceitos filosóficos parciais que surgem das ciências modernas (que já entrevimos superficialmente), completando-os e tornando-os mais coerentes e grandiosos, ao estruturá-los mediante seus próprios ensinamentos, que compreendem a afirmação da natureza espiritual do homem, a sua evolução palingenésica, a sua realidade dinamo-psíquica essencial e permanente que condiciona a matéria em representações orgânicas de que recolhe experiência e sabedoria que lhe permitirão ascender aos mais excelsos e inimagináveis graus de consciência.

Ciência, filosofia e espírito, no mundo actual, não são termos que juntámos por capricho ou num desejo impossível de realizar. Através do Espiritismo e da Metapsíquica, ciência, filosofia e espírito serão as bases dum mundo melhor, cujo único objectivo está na conquista da Suprema Consciência, da Suprema Justiça, do Supremo Bem e do Amor Supremo.

Santiago do Chile
- Janeiro de 1947

SÍLVIA E O FANTASMA

por Vandenhout

«Silvia e o Fantasma» é um belo filme francês. Todos os amadores de cinema devem ir vê-lo quando tiverem ocasião. Garantimos-lhe que não perderão o seu tempo.

É uma comédia encantadora cheia do vivo e subtil espírito francês e interpretada por artistas de grande talento. Não desejamos alongar-nos muito acerca do valor artístico deste filme. Isso pertence à imprensa especializada.

Mas como a história se baseia na aparição de um fantasma, julgamo-nos autorizados a estudá-lo neste particular.

A maior parte dos leitores sabem que têm sido numerosos os temas espiritas projectados no «ecran»; e se não ventilamos já este assunto deve-se ao facto de muitas vezes se tratar de «vaudevilles» grotescos.

Anunciam-se outros filmes ligados à nossa ciência e não deixaremos de assistir à sua projecção; e se um ou outro merecer referência especial, teremos grande prazer em o assinalar.

No tocnte a «Silvia e o Fantasma», consideramo-lo nitidamente superior ao que tem aparecido até agora a respeito de fantasmas.

O que é realmente notável e dá aparência flagrante de realidade é o facto «de um cão vivo ver e perseguir um cão-fantasma».

O cenógrafo dá-nos a impressão de não ignorar que os animais têm faculdades supranormais que a maioria dos homens não possuem.

Parece que o autor do argumento quis pôr em relevo a realidade dos fantasmas em oposição à ideia fantasista que dos espíritos fazem aqueles que nunca estudaram metòdicamente as manifestações do mundo invisível.

«Sílvia e o Fantasma» é um passo em frente sobre as outras realizações cinematográficas da mesma espécie. Tanto melhor.

(Do *Espiritualisme Experimental et Philosophique*, de Liege)

Me./47

A CIÊNCIA E O SOBRENATURAL

pelo Coronel Faure da Rosa

Com este título genérico, publicou o hebdomadário francês *Sciente et Monde* uma série de artigos acerca de metapsíquica, assinados pelos dois conhecidos jornalistas e escritores João Labadié e Renato Johannet.

O décimo artigo, inserto no n.º 112 de 6 de Julho de 1933, trata da visão através de corpos opacos demonstrada pelos médiuns Stanilas Ossowiecki e Ludwig K....

As principais experiências deste género com o médium Ossiwiecki foram realizadas pelo professor Charles Richet, Geo Lange e Dr. Geley, experiências em que também tomou parte o professor italiano Dr. Santoliquido, como «controleur».

Esta narração é feita pelo Dr. Geley.

«Ossowiecki, engenheiro industrial que leva uma vida das mais activas, desde tenra infância que possui o dom da clarividência.

«No fim de um jantar íntimo onde tivemos o prazer de encontrar pela primeira vez Ossowiecki, ofereceu-nos ele tentar uma experiência. *Propunha-se ler uma uma carta fechada.*

«Eu estava sentado a cerca de três metros do médium, no outro extremo da mesa. Tirei da algibeira uma carta *que dobrei de maneira a deixar a assinatura no centro.* Meti-a num sobrescrito, fechei-a e dei-a a Ossowiecki que a conservou na mão.

«Com bastante diiculdade disse-me o conteúdo da carta. Mas cometeu erros. Em compensação *leu exactamente as cinco primeiras letras da assinatura e disse que restavam quatro letras que não conseguia ler. O total das letras estava certo.*

«A experiência era animadora. Geo Lange, em frente de mim, muito longe do médium, escreveu num bocado de papel a seguinte frase em inglês: *I consider you are wonderful.*»

O papel foi imediatamente dobrado, metido num sobrescrito e este fechado. Ossowiecki, tacteando o sobrescrito, deu alguns passos na sala e disse: «É inglês. Não posso ler, não sei inglês...Vejo uma letra isolada (um *I*), depois uma palavra com oito letras que começa por *CONS*, a seguir duas palavras curtas e por fim umap alavra comprida...».

A sessão fê-la o professor Richet, sózinho com Ossowiecki, no seu quarto do hotel em Varsóvia, dois dias depois de ter chegado àquela cidade.

O professor, tomando as precauções necessárias para não ser visto, escreveu a seguinte frase num papel: *Nunca o mar parece tão grande como quando está calmo. As cóleras diminuem-no.* Em seguida, meteu o papel num sobrescrito, que fechou. Ossowiecki interpretou assim: «Vejo muita água. É qualquer coisa dificil: *O mar nunca é tão grande como... O mar é de tal maneira grande, que ao lado dos seus movimentos...*

Em 1923, Ossowicki esteve em Paris e realizou algumas sessões no Instituto Metapsíquico. A uma dessas sessões — a de 12 de Junho — assistiram Marcel Prevost, da Academia Francesa; professor Vallée, da Academia de Medicina; Dr. Chauvet, Dr. Geley e Dr. Osty.

«O Dr. Chauvet isolou-se num quarto: apareceu depois no salão em que estava Ossowiecki, com outros assistentes, a quem entregou um sobrescrito fechado, totalmente opaco, como foi verificado. Ossowiecki apalpou o sobrescrito com as mãos atrás das costas... Passeou de um lado para o outro. O rosto congestionava-se, via-se claramente. Pouco depois, disse com rapidez: «*Achei, vejo. O sr. quis fazer uma cruz, mas não é uma cruz vulgar. De-me um lápis, que eu desenho-a*».

E Ossowiecki desenhou uma cruz com traços dobrados e confusos, tal qual a tinha desenhado o Dr. Chauvet, como depois se verificou, quando se abriu o sobrescrito, e o contendo foi mostrado aos assistentes.

Mais tarde em 1937, no decurso de uma conversação com o professor Santoliquido e o Dr. Osty, Ossowiecki disse ao professor: «Tire um cartão de visita da carteira, faça um desenho, meta-o num sobrescrito, feche-o e chame-me quando tudo estiver pronto».

O professor ficou só no salão e as portas foram todas fechadas. Alguns momentos depois o professor Santoliquido chamou Ossowiecki e entregou-lhes um sobrescrito fechado, opaco, do Instituto Metapsíquico. Ossowiecki pôs logo as mãos atrás das costas e apertando nervosamente o sobrescrito que nem um momento tinha olhado, disse, decorridos uns segundos: «O sr. não fez o desenho, como eu lhe pedi... Escreveu uma palavra... em italiano... Escreveu *Fran... Francesco...* Vou escrevê-la num bocado de papel...

Em Setembro de 1912, Ludwig K... esteve na Alemanha onde o professor Max Schottelius teve ocasião de o examinar cientificamente. O professor escreveu em três folhas de papel diferentes: 1.º — *Não turves a água da fonte que te deu de beber* (em alemão); 2.º — *15 de Sovembro de 1849* (data do nascimento do professor); 3.º — *Afar ata weel afar teschule* (que é do hebraico escrito em caracteres latinos).

Conta o professor Schottelius: «Dobrei os bilhetes oito vezes; peguei em dois, um na mão esquerda, entro na mão direita, ambas as mãos fechadas e chamei Ludwig K... que saira da sala, enquanto durou toda esta preparação».

«— Que bilhete devo ler primeiro? — perguntou Ludwig.

«Eu ignorava o conteudo de cada um dos bilhetes — explica o professor — porque os dobrara todos três de maneira inteiramente semelhante e lhes pegara depois de dobrados: «Leia o bilhete que tenho na mão direita».

Ludwing não olhou para a minha mão. Fez-se pálido. Com um lápis rabiscava num bloco de apontamentos. Depois dum minuto, falou *Trüb ein* (alemão, coresspondente ao n.º 1).

— Não, retorqui eu; a primeira letra da segunda palavra é um *n*...

— Ah, sim! — respondeu Ludwing. E leu correntemente o resto da frase.

«Ao fazer esta verificação, — confessa o professor alemão — eu senti uma emoção que me lembrou o arrepio que me percorreu a espinha, quando pela primeira vez vi um *Zeppelin*».

Todo o homem de ciência compreenderá esta sensação diante do fenómeno desconhecido.

O médium continuou a leitura pelo bilhete que continha a data do nascimento, e terminou transcrevendo palavra por palavra, letra por letra, a frase em hebraico...

Em 1914, Ludwing tinha 40 anos de idade e um passado muito agitado. Aos três anos, ele já pressentia em si um dom maravilhoso, porque em tão curta idade podia fazer, de cabeça, operações de cinco algarismos.

Na América, onde foi parar depois de muitas e variadas peregrinações, descobriu o seu *dom;* era ledor do pensamento; e graças a esse *dom* ganhou muito dinheiro que ràpidamente gastava no jogo, em más companhias.

Na Alemanha, em Calsruhe, teve a infeliz ideia de predizer o resultado das corridas de cavalos, o que o fez comparecer perante o tribunal daquela cidade. Foram nomeados médicos-peritos para o examinar.

Longe do médium tornado «criminoso», um dos peritos, o Dr. Hayman, escreveu em três papeis diferentes: *1.º — Como se chama a cidade principal da França? 2.º — Quantos dias tem o ano bissexto? 3.º — Tenho dois irmãos e uma irmã.*

Dobrados os bilhetes muitas vezes e fechados nas mãos, o perito judiciário mandou sair o criminoso. Reza assim uma parte do seu relatório: «Coloquei sobre a mesa um dos bilhetes e conservei cada um dos outros dois em cada mão cerrada. Eu próprio não podia dizer, então, o que continha cada um dos bilhetes. Ludwing chega, olha fixamente o espaço e declara em seguida, rindo: «Não é dificil, é Paris!». E à minha pergunta: «Qual é textualmente o conteudo do bilhete?», respondeu: «Como se chama a cidade principal da França?». Imediatamente a seguir, lê o contudo dos outros dois bilhetes.

No dia seguinte renova-se a experiência na presença do *médico granducal* dos distrito, o Dr. Conselheiro Nauman: o mesmo êxito do médium, acusado de dolo nas corridas de cavalos.

Ludwing foi condenado pela sua intrujice no campo de corridas, mas o processo-crime conservará, por muito tempo, a mais bela experiência metapsiquica dos tempos modernos — acrescenta João Labadié.

Após a grande guerra, Ludwig voltou a Paris. Dentre as vinte sessões controladas, destacamos a que se realizou em 21 de Fevereiro de 1925, pelas 21 horas, em casa do professor Richet. O grupo dos observadores era composto por Daniel Berthelot, General Ferrié, Charles Richet, membros da Academia das Ciências, e pelo Dr. Osty.

Ludwig diz-se mal disposto em consequência de comoções recentes. Pede ao general que escreva o que mais lhe agradar em três bocados de papel e que depois os dobre o maior número de vezes que lhe for possivel. *Sai da sala acompanhado por Daniel Berthelot que se conserva sempre junto dele.*

O General Ferrié sózinho, prepara a prova. Logo que acabou, Ludwig é introduzido na sala. Fica a metro e meio na frente do general, que está assentado. Ludwig pede ao general que misture os papeis dobrados, de forma tal, que lhe seja impossivel, ao gneral, saber onde se encontram as frases que escreveu. Efectuada esta operação, disse: «Ponha um dos papeis em cima da mesa, *debaixo desta taça,* e guarde os outros, um em cada mão».

Ludwing aponta para o papel coberto pela taça e diz: «Neste escreveu... *eléctrodos... lâmpada... lâmpada de três eléctrodos*». E designando a mão direita do general: «Aí está escrito: *a saude é o mais precioso dos bens.*

O General Ferrié estava «muito pálido» — contou depois o professor Richet.

Em outra sessão, — 22 de Março de 1925, pelas 21 horas com as mesmas personagens, além doutras não nomeadas, submeteu um desenho à clarividência do médium. Luwing diz a Charles Richet, filho: «Não foi o sr. quem fez isso, foi seu pai... É um desenho... um grande S... Richet, filho, abre o papel e toda a gente vê que o que tinha desenhado o professor Richet era, efectivamente, um S.

J. Labadié encerra o seu artigo com os seguintes comentários:

«Pessoalmente, quando tive conhecimento destas experiências, eu compreendi que a visão «paróptica» nada tinha de fisiológica e confessei o meu erro. A visão sem o sentido da vista (Bergson fez-me a honra de confirmar esta opinião), é uma faculdade puramente psíquica.

«Quanto a Ludwig K..., duas palavras sòmente acerca da sua vida ulterior. Não pôde ressistir a continuar, no campo das corridas de Longchamp, as intrujices que praticara em Calsruhe, com a predição dos cavalos que ganhavam os prémios. Por esta razão foi preso e é este o motivo porque o designamos com a inicial do seu apelido».

Para os Irmãos Pequeninos

Página organizada por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

Cá está a cartinha do costume. Hoje venho falar-vos do tamanho desta vossa secção. Isto é vosso, e aumenta e varia na proporção do vosso interesse e simpatia.

Agora já vos será fácil tirar da revista estas duas folhas e coleccioná-las.

Um dia, quando tiverdes muitas, ensinar-vos-ei a cosê-las e encapá-las. O que é preciso é que tenhais cuidado não as amarfanhando.

Conto com todo o juizinho da vossa parte.

Até à próxima vez. Sempre a mesma sincera simpatia da irmã mais velha

KYLAS

O Cão e a presa

Um cão apanha um coelho,
À margem duma ribeira;
Mas, vendo-o naquele espelho,
Larga-o, salta a ribanceira...
E assim perde o que levava...
E mais o que ambicionava.
Abençoada prudência!
(E é esta a moralidade)
Quantos pela aparência
Perdem a realidade!

JOÃO DE DEUS

(«Campo de Flores»)

O Corpo

— Que música engraçada! É o «Voo do Moscardo». Gosto sempre de ouvir aquele zzz...zzz...zzz...».

— O quê? Que estás a dizer? Não ouvi muito bem.

É verdade, tinhamo-nos esquecido de que o Zéquinha já não ouve muito bem.

Não teve cuidado com os ouvidos. Sabem o que ele fez?

Meteu um palito, em vez de, quando muito, um objecto arredondado. Devia ter recorrido ao médico para lhe tirar a «cera» que, como sabem, se forma à custa de poeiras, de resíduos de sabão, etc.

Pois, rompeu o tímpano (membrana vibratória que transforma o som em impressões que são transmitidas ao ouvido), nada menos.

É preciso igualmente fugir de lugares muito ruidosos (ou em que silvos penetrantes se façam ouvir), das correntes de ar, evitar o enfraquecimento geral, a tuberculose, as doenças do nariz e da boca.

Tenham sempre muito cuidado; lembrem-se que o surdo é quase sempre mal acreditado. Receiem que lhes digam:

— Ora, não há melhor surdo do que aquele que se quer fazer.

Ignorante

— Ó rapaz vai ao quintal e vê que horas são no relógio de sol.

— Não se vê nada, pai. É de noite.

— Forte alarve! Leva a candeia!

AS QUALIDADES

A Temperança

Já ouviram falar o Neca alguma vez?

Ainda bem que não. É um ambicioso: quando à mesa, «come com os olhos»; quando brinca, tudo quer para si.

Não conhece a temperança, que é a virtude que nos ensina a moderar desejos loucos que sempre nos levam à ruina.

Há quem vá longe demais nas suas aspirações, sem medir as suas forças ou sem avaliar o mal a que os seus actos o conduzem. «Gostaria tanto de ser muito rico...».

Com o dinheiro vem a vida desregrada, as doenças, a má disposição.

«Gostaria tanto de mandar em todos!...».

A vaidade sobe à cabeça e tornam-se alvo de troça.

« Gostaria tanto de...».

E os desejos amontoam-se: castelos que se armam e desarmam num ai.

Sejam ordenados, conscientes das próprias possibilidades e avançarão mais seguros.

Não tenham sonhos loucos. Substituam-nos por visões de bondade, amor e cultura.

PERIGO DUMA MÁ DEFINIÇÃO

Entardecia.

O relógio marcava 7 horas e a caminheta, numa carreira excepcional dos dias de verão, devia chegar dali a pouco.

No campo, qualquer pequenina coisa nos prende a atenção: um carro de bois que chia demasiado, um garoto mais informado que assobia «modinhas» da cidade, um rancho de raparigas que passa para a feira, cantando alegremente...

Assim, eu subia a ladeira até à estrada, para ver passar o carro.

As pequenitas que me conheciam rodeavam-me, fazendo-me toda a espécie de perguntas sobre o que encontravam de estranho à sua volta: porque eram assim estas folhas, como se chamava aquele género de flor, etc., etc.

Eu lá ia respondendo, conforme sabiam os meus poucos anos de então.

O carro demorava.

A estrada estava calma e o dia suave. Avançávamos.

A direita uma escola. Já fechada àquela hora, parecia escutar as lições tão repetidas durante o tempo das aulas.

— Anda ver; vê, um crucifixo como o nosso!...

— Olha umas «Lições de Salazar» como as da nossa escola!

— Olha, olha igual, os quadros dos nossos chefes!

E debandavam de junto de mim, na ânsia de verificar se aquela escola era igual à sua.

— Muito feio, muito feio, meninas. Estão a ser curiosas.

— O que é ser «c'riosas»?

Olhei para elas, vi-as pequeninas, como muitos de vós e para mais da aldeia, e senti dificuldade na definição. Então, para abreviar:

— Curioso... curioso é aquele que espreita aos buracos das fechaduras.

— Ah! então eu não fui «c'riosa» — afirmou segura, uma delas —; eu espreitei pela janela; o buraco da fechadura estava lá tão na «c'roa»...

A falsa instrução tem esta perfídia: não dá o ensino e inibe de o tomar.

Ramalho Ortigão

O Homem da Roça e o Homem da Cidade

(As figuras e encenação: dois meninos, um com uma enxada ao ombro e o outro carregado de livros e jornais).

H. C.

Eu sou homem da cidade;
Sou muito culto e educado.

H. R.

Pois, eu sou homem da roça
Sou trabaiador e *honrado.*

H. C.

De que serve homem da roça,
Gente que nem sabe ler?

H. R.

Semeio arroz, feijão, batatas,
P'ra vancê, *moço* cumer.
Enquanto ocê *lê jornais*
E discute futibol,
Eu planto e côio *na roça,*
Trabaiando *sol a sol.*
Sem meu trabaio, seu *moço,*
O que cumia vancê?

H. C.

Nem só de pão vive o homem,
Fique sabendo você!
Comer só? Que estupidez!
Não se vive só p'ra isto...

H. R.

Este dizê *não é seu...*
Quem disse foi Jesus Cristo.
Mas o Cristo era tão bom!
Não tinha orguio, *vaidade...*
O veve tão cheio de pose
Muita gente que se insquece
Que *a gente tudo é irmão.*
E vancê, eu agaranto,
Inté *diz que é cristão.*

H. C.

Sou cristão e hei-de ser.

H. R.

Seja, entonces *mais decente,*
Simples, modesto, sem pose
E bom para toda a gente.
Com estudo só, sem bondade,
Ninguém alcança Jesus.
Que *a bondade é a Estrela* Daiva
Que para o céu nos conduz...

H. C.

Agora, Jeca, gostei.
Fui levado de vencida.

H. R.

Todos nois *precisa, moço,*
Uns dos outros pela vida.

(Abraçam-se. Cai o pano)

Leopoldo Machado

UMA LIÇÃO

A Lena e a Luizinha eram duas grandes amigas, embora vivessem em situação completamente oposta.

O pai de Lena ganhava muito bem e a pequena tinha tudo quanto se podia desejar, desde os mais ricos vestidos aos mais custosos brinquedos. Tinham automóvel e moravam em prédio de luxo.

Quanto ao pai da Luizinha, era simplesmente guarda-portão desse prédio.

De forma que a Lena, conquanto gostasse da outra pequenita, tratava-a sempre com certo ar superior, quase a considerava como um dos muitos brinquedos que possuia e nas suas brincadeiras distribuia-lhe sempre os papéis inferiores.

A mãe de Lena, a quem o caso não passara despercebido, jurara a si própria curar a filha desse orgulho de má raça. Certo dia, quando a filha lhe pediu, como era costume:

— Mãezinha, posso dizer à Luiza para vir brincar comigo?

— Podes — respondeu — Talvez resolva dar um passeio no carro, esta tarde, e ela vai conosco.

A perspectiva não pareceu agradar à Lena, mas a mãe não fez caso e, pelo porta-voz, mandou subir a Luizita.

As pequenas começaram a brincar e daí a pouco Lena tomava o papel de professora e desforrava o mau humor na aluna, que era a pobre Luizita

— Agora vamos brincar às senhoras — disse a certa altura —. Tu és a criada e...

— Não seria mais engraçado ser a Luiza a senhora? — atalhou a mãe, que costurava perto da janela. É para variar. Tu fazes sempre de patroa...

A filha não se atreveu a protestar, mas a brincadeira depressa acabou, porque à Luizinha faltava-lhe o hábito de mandar e de ter criadas e nem a brincar se atrevia a fazê-lo.

Chegou a hora da merenda. Entre outras coisas, vinha na bandeja um prato com bolachas e no meio delas uma, uma só, coberta com chocolate.

A mãe de Lena notou que as duas crianças faziam olhos bonitos à bolacha e, tirando-a do prato, deu-a à Luizinha.

A outra, desta vez, não se pôde conter:

— Ó mãezinha, eu gosto muito de bolachas com chocolate... — disse com ar de censura.

— Tem graça, não sabia! Quando comprar bolachas, hei-de escolher dessas para ti.

A Lena amuou e durante o passeio que deram em seguida, quase não proferiu palavra.

De regresso a casa, depois da Luizinha se despedir, a mãe chamou-a e falou-lhe assim:

— Ouve, Lena. Quero dizer-te uma coisa. Neste mundo todos somos iguais e as diferenças de fortuna nada valem. Pelo facto da Luzinha ser mais pobre, não deves julgar-te superior a ela nem humilhá-la. Da tua parte, seria até muito bonito, quando brincam, dar-lhe os melhores lugares, deixá-la ser patroa, professora, senhora rica, já que a vida a privou dessas regalias.

— Mas eu sou mais do que ela, mãezinha.

— Enganas-te. Nasceste em melhor situação, nada mais. E se a Luizinha for mais caridosa, tiver melhor coração, não for orgulhosa e egoista como tu foste, podes ter a certeza de que ela é muito mais do que tu. Nosso Senhor não olha à situação nem à riqueza de cada um; o que vale são as acções praticadas.

— Eu não fui egoista, mãe.

— Foste, sim, foste, querendo a melhor bolacha e mostrando-te amuada por não ta dar, quando tens muitas ocasiões para comer outras iguais ou melhores, enquanto a Luizinha, por ser pobre, raramente pode saboreá-las. Além de egoista foste indelicada, porque ela é tua hóspeda e os hóspedes têm sempre direito às nossa atenções.

Comprometida, a pequenita baixou a cabeça.

— Pensa bem no que te digo. Quando um dia deixarmos este mundo, todas as nossas acções serão avaliadas. Quanto ao dinheiro, joias e vestidos, tudo isso cá fica e não vale nada. E de todos os defeitos, os que mais desagradam são o orgulho e o egoismo, entendes? Agora vai brincar, anda — concluiu afagando-lhe os caracois loiros.

Estas palavras da mãe calaram tanto no ânimo da pequena, que, dali para o futuro, nunca mais se mostrou orgulhosa e egoista e, pelo contrário, nas brincadeiras dava sempre o melhor papel à Luizita, repartindo com ela brinquedos e gulodices.

Sibil

Anc:ins de sempre

A cabeça ambiciosa
Que vive votada ao mal
Escreve o favor na areia
E grava a ofensa em metal.

///

Aprende a ver e lembrar!
No curso de toda a história,
O soberbo perde a vista,
O ingrato perde a memória.

///

Da ternura doce e branda,
Sê devoto, não escravo...
Eu bonzinho, tu bonzinho,
Quem educa o burro bravo?

///

Cultiva a lei do equilíbrio.
Que nos ajuda e contenta.
Se o necessário deleita.
O excesso fere e atormenta.

///

Do verbo usado no mundo,
Nasce a guerra, nasce a paz!
Com palavras edificas,
Com palavras matarás.

Casimiro Cunha (versos psicografados pelo médium Francisco Cândido Xavier.

A Leitura

Criança!

Lê sem te cansares, mas buscando, pela compreensão, aproveitar a leitura, sem o que apenas fatigarás a tua vista.

Os bons livros instrutivos são precioso arquivo da sabedoria alheia que deverás, gradativamente, assimilar, pois servirão de poderoso alicerce a tuas realizações de futuro.

Icléa (Do Livro «Para as Crianças»)

A vida...

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o sonho se esvai:
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cai!

João de Deus

ASAS

A mãe fiava lá, sentada à sua porta.
Defronte da choupana havia, numa horta,
cerejas que na cor pareciam tais quais
os bagos dum colar composto de corais.
— Quem dera, ó minha mãe — dizia um pequenito
que eu tivesse, sequer, as asas dum mosquito!
— As asas, para quê? — Para poder voar.
Saltava já daqui lá cima, a debicar
as cerejas também. Que almoço regalado!
— Mas isso era furtar: fazias um pecado,
podias ser, até, metido na prisão!
— Com asas?... Tendo-as eu, ninguém me punha a mão!
— Lá anda o melro — vê! a debicar sem medo.
Mas nisto um caçador, oculto no arvoredo,
um tiro disparou e o melro cai no chão.
— Vês tu, meu filho, vês? Repara na lição:
Asas para voar! Serviram-lhe de pouco!
Não tenhas nunca mais desejos, desses, louco!

***António de Azevedo Castelo Branco** (Lira Meridional)*

Minha Mãe

Tu faltaste ao respeito a tua mãe Que isto te não aconteça mais, Alberto! Nunca mais! Os teus modos bruscos e as tuas palavras impensadas penetraram-me no coração como lâmina de aço.

Lembrei-me logo de tua mãe, quando há poucos meses, debruçada no teu leito, sondava a tua respiração, chorando lágrimas angustiosas, tremendo de terror com receio de te perder — aflita, quase louca.

Lembrei-me de que ela velava todas as noites o teu somo agitado, cansada, transida de frio e de dor, e quando começavas a melhorar caía ela na cama, exausta pelos sacrifícios heroicos e únicos que fizera por ti. E ao lembrar-me de tudo isto, experimentei um sentimento de horror por ti. Tu, ofenderes tua mãe! Tua mãe, que daria um ano de felicidade para te poupar um momento de dor! que mendigaria por ti, que se deixaria matar para te salvar a vida! Ouve, Alberto, e fixa bem na memória o que vou dizer-te:

— Imagina que te estão reservados na vida dias terríveis; o mais terrível, porém, de todos será aquele em que perderes tua mãe. Mil vezes, Alberto, quando fores homem forte, experimentado nas lutas, invocá-la-ás, oprimido por um desejo imenso de tornar a ouvir uma vez mais a sua voz; de te sentires ainda uma vez apertado nos seus braços convulsos, como um pobre rapaz sem protecção nem conforto. Como te recordarás então de todas as amarguras que lhe causaste, e com que remorsos as expiarás todas! Não esperes tranquilidade na vida, se tiveres contristado tua mãe; podes arrepender-te, podes pedir-lhe perdão, podes venerar a sua memória, mas tudo será inútil. A tua consciência não te dará paz; aquela imagem doce e boa será sempre para ti uma expressão de tristeza, de retraimento, que te há-de torturar a alma.

Alberto, toma bem sentido: este é o mais sagrado de todos os afectos humanos, e ai daquele que o não respeita! O assassino que venera sua mãe tem ainda alguma coisa de honesto e nobre no coração; o mais glorioso dos homens, que a magôe e que a ofenda, não é mais que uma criatura vil. Que não te saia mais da boca uma frase dura para aquela que te deu a vida; e se ainda alguma te escapar, que não seja o terror de teu pai, mas o impulso da tua alma que te lance aos pés dela a suplicar-lhe que, com o beijo do perdão, te apague da fronte a marca de ingrato! Eu amo-te, meu filho: tu és a esperança mais cara da minha vida; mas desejo antes ver-te morto, do que ingrato para com tua mãe. Vai! Por algum tempo dispenso as tuas carícias; não podia retribuir-tas com o coração.

Teu Pai

(Do livro «Leitura Para Meus Filhos», de A. Sarsfield)

Trabalhai, meus irmãos que o tra-
[balho
É riqueza, é virtude, é vigor.

Castilho

Adivinha

— Qual a coisa? qual é ela?

Pequena como uma flor;
Do tamanho de uma abelha...
No mais, parece uma estrela!

— Qual a coisa? qual é ela?

Pequenina, pequenina!
Enche a casa em derredor
Do sobrado até à telha:

E nisto mais se assemelha,
Mal comparando, ao Amor:
Ao Amor que é luz divina,
Sendo tal mistério o seu
Que, — se um coração o encerra —,
Não cabe às vezes na terra,
E chega da terra ao céu.

Não é branca, nm vermelha,
Nem verde, nem amarela:
Coisas sem cor, ao pé dela,
Tornam logo à vida e à cor!

Parece um raio de sol!

Mas é como o rouxinol
Que prefere a noite ao dia.
Como a voz da cotovia,
Esmorece ao romper de alva.

— Qual a coisa? qual é ela?
É tão boa, que nos salva
A todos da escuridão.
E pode a mais pobre gente
Ter com ela, santamente,
Alegria em sua casa,
— Quando há no lar uma brasa
E não há mingua de pão...

— Tão humilde e amiga e bela,
Qual a coisa? qual é ela?

— É a nossa alma.
— Que ideia!

Está-se a ver: — a candeia.

António Correia de Oliveira

A Casa do Coração

O coração tem dois quartos:
Neles moram sem se ver
Num, a Dor; noutro, o Prazer.

Quando o Prazer no seu quarto
Acorda cheio de dor?
No seu adormece a Dor.

Cuidado, Prazer! Cautela...
Fala e ri mais devagar,
Não vás a Dor acordar...

Antero do Quental *(Traduzido do alemãol).*

A VAIDOSA

Você conhece aquela menina que, por vestir-se bem, por ter conforto e luxo, julga-se superior às demais, chegando a ser presunçosa?

Coitada! É pena que ela não conheça a doutrina de Jesus. Se a conhecesse, por certo não teria vaidade, porque saberia que pobre ou rico, preto ou branco, todos são filhos do mesmo Pai, que é Deus.

É muito desagradável uma criança vaidosa, visto não se limitar a bem trajar, o que não é censurável, mas adopta pintura e fantasias impróprias da sua idade.

Não queira você, minha amiguinha, ser assim. Seja moderada nos seus adornos, simples e caprichosa.

Si por acaso tiver uma colega vaidosa, não a evite nem a trate com desprezo. Jesus, que é o amigo das crianças, quando esteve na terra, deu um exemplo a respeito, que lhe vou contar:

Havia na cidade de Magdala certa mulher muito vaidosa. Só se preocupava com passeios, joias, bailes e nada mais. O seu nome era Maria de Magdala. O povo daquela cidade tratava-a com desdém, porque não sabiam que ela tinha um grande coração. Certo dia, apareceu-lhe Jesus. Como era muito bom, não a condenou: Falou-lhe com carinho do reino de Deus e ela ficou tão comovida com as palavras do Mestre, que tornou-se, desde esse dia, muito diferente. Amiga dos pobres, simples e seguidora de Sua doutrina.

É por isso que Jesus recomenda: «Não julgueis para não serdes julgados. O único Juiz que julga sem errar é Deus».

Minha amiga, seja boazinha e ame os pecadores.

Idalinda de Aguiar Matos
(Brasileira)

Caixinha de Segredo

Criança! teu coração
É caixinha de segredo,
Flor mimosa, inda em botão
À sombra do arvoredo.

O futuro irá dizer
O que a caixinha contém.
Flor mimosa, em teu viver,
Floresça sòmente o bem.

Icléa
Do livro «Para as Crianças»)

Scrump

Um dia a mamã recebeu uma carta da prima Helena. Dizia:

«Podeis tomar conta do nosso cachorro, enquanto vamos à cidade.

Chama-se *Scrump*.

— Oh! — exclamaram Bob e Bess. — Maravilhoso! Pode ficar como nosso, mãe.

— Penso que será o melhor — respondeu — Podeis olhar por ele, alimentá-lo e levá-lo a passear.

O Bob e a Bess estavam contentíssimos, nem sabiam que fazer. Desde há muito que suspiravam por um cachorrinho.

Quando o moço chegou com *Scrump* dentro dum cesto, eles já estavam à espera na escada.

Tiraram-no para fora, deram lhe de jantar e levaram-no a dar um grande passeio, no baldio.

Scrump tinha vindo pouco satisfeito dentro do cesto, mas agora sentia-se feliz outra vez.

Gostava de Bob e de Bess. Eles davam lindos passeios e brincavam com ele. Parecia-lhes que o bicho precisava também de qualquer coisa para marcar: pediram uma chinela velha de Daddy e deram-na a *Scrump*. Valhe-me Deus! Como *Scrump* gostava da chinela!

Um dia, Bess disse:

— Seria óptima ideia fazermos o retrato de *Scrump* para ficarmos com uma recordação.

Scrump não era capaz de estar sentado, mas lá o conseguiu durante uns minutos para ser agradável a Bess: Bob achou que era um bom desenho.

Mostrou-o a *Scrump*, mas tudo que ele fez foi tentar lambê-lo.

— Ai, meu Deus! — lamentava-se Bob; — que faremos quando te fores embora, *Scrump*?

Então a mãe recebeu outra carta que dizia:

— Parece-lhes possivel continuar com *Scrump*? Nós vamos viajar durante algum tempo.

— Oh! — exclamaram Bob e Bess — Quer isso dizer que será nosso mais algum tempo?

Correram a contar tudo a *Scrump*. Ele não percebeu muito bem, mas fez um reboliço, lambeu-lhes as mãos. saltou e tornou a saltar à sua volta e correu a buscar a chinela para trincar...

(Traduzido do inglês: «Taking Care of Scrump).

A Geografia

O Professor: *Quais são os principais montes de Portugal?*

O Aluno *— O Monte-Junto...*

— E maior do que esse?

— Maior do que o Monte Junto? Só se for o Monte-Pio-...

EUSÁPIA PALADINO

pelo Coronel Albert de Rochas

A *Ilustração Portuguesa* de 25 de Julho de 1910, então sob a direcção do grande escritor Carlos Malheiro Dias, publicou um interessante artigo acerca da médium napolitana Eusápia Paladino, o qual vamos transcrever, por lançar grande luz sobre a médium em causa.

Ao apresentar o artigo, profusamente ilustrado com fotogravuras de sessões espiritas de espiritos materializados e da modelação em gesso dum espírito materializado, dizia aquela importante e conceituada revista:

«A *Ilustração Portuguesa* honra-se publicando o artigo que se segue, devido à pena de um dos mais ilustres psocólogos franceses, o coronel Albert de Rochas, cujos trabalhos valiosissimos na especialidade lhe deram autoridade reconhecida no mundo do psiquismo e lhe firmaram sólida reputação. A análise feita pelo grande sábio no seu trabalho sobre o mais notável médium do mundo e as coisas que tão brilhantemente narra tiveram uma expectadora portuguesa — madame Frondoni Lacombe — a cuja amabilidade devemos a colaboração do ilustre escritor e que quis também gentilmente encarregar-se da tradução do artigo).

Eusápia Paladino, cuja principal característica consiste em provocar, sem contacto aparente, a deslocação de objectos inertes, é certamente o médium observado e estudado pelo maior número de homens de ciência, com os mais diversos e rigorosos aparelhos de fiscalização.

O fenómeno dos objectos em movimento sem contacto, é realmente extraordinário, quando produzido por um organismo vivo. Conhece-se bem a atracção ou repulsão de objectos influenciados por substâncias electrizadas, assim como a atracção ou repulsão de certos metais pelo imã; mas, até os últimos tempos, não se admitia que um ser humano pudesse (quando em estado especial de nervosismo chamado transe) exteriorizar uma força capaz de transportar objectos pesados dum sítio para outro, conforme se desejasse. Os sábios oficiais ainda menos admitiam que esse mesmo ser pudesse levitar pelos seus próprios meios e fosse, por exemplo, colocar-se sobre uma mesa, sem saltar para ela, dir-se-ia levado por outra pessoa. Este fenómeno, impossivel de imitar por fraude, é, todavia, relativamente frequente nos místicos de todos os tempos e de todos os países. Na idade média, eram considerados com influência de Deus ou do Diabo, segundo a boa ou má reputação do «levitado» e muitas vezes também segundo o estado de alma dos espectadores.

Nos nossos dias (este artigo foi escrito em 1910), Eusápia e Home mostram-nos que a levitação é uma propriedade mal definida de certos organismos e que não é necessário ser sábio ou feiticeiro para a possuir.

///

Os sábios que estudaram Eusápia estão completamente convencidos da realidade dos fenómenos que ela produz, mas ainda se não fixaram na explicação que lhes convém dar.

ALBERT DE ROCHAS

Eis a maneira pouco mais ou menos constante como as coisas se passam:

Reunem-se cinco ou seis pessoas em volta de uma mesa, sobre a qual poisam as mãos, tocando umas nas outras, de maneira a formar corrente. Nesta corrente, está Eusápia sentada em frente de uma cortina escura que se coloca num ângulo do quarto ou em frente duma janela. Por trás da cortina ou na frente, colocam-se os objectos mais ou menos pesa-

dos que os assistentes desejam ver deslocar-se pela acção fluidica da médium. O lugar está fracamente alumiado por luz que, geralmente, se prefere tanto quanto possivel vermelha e que pode ser diminuida à vontade, de forma a apagar-se completamente em certos casos, para ajudar à concentração da força, que parece obedecer à acção dissolvente das radiações luminosas.

Ao fim de 20 ou 30 minutos, a força exteriorizada manifesta-se por detrás da cortina que vem empurrada para a Paladino, como se lá estivesse uma bola de futebol.

Os assistentes podem sentir esta sensação

EUSÁPIA PALADINO

apoiando as mãos por detrás dela; mas, se passarmos as mãos por de trás dela, tentando agarrar a bola, não sentiremos absolutamente nada. Deduz-se deste facto que a pressão é devida a uma força fluídica. Esta formação toma ràpidamente a forma de uma pedra grossa que segue a nossa mão através da cortina, quando nos apoiamos nela.

A pedra não se demora a transformar-se numa verdadeira mão fluidica que aparece algumas vezes por um dos lados da cortina e vem mostrar-se aos espectadores e tocá-los, ainda que ràpidamente. Deve ser esta mão que, aplicada à mesa nas partes subtraídas à acção da luz, produz as levitações da própria mesa, tantas vezes observadas.

///

Eusápia, num momento dado, pretende que por detrás da cortina e à custa do seu fluido e do dos espectadores, se forme uma pessoa meio material que, — diz ela — é o espírito de John King, personagem legendária que se manifesta igualmente com outros médiuns e que executa os diversos actos mecânicos sobre os objectos colocados por detrás da cortina, como, por exemplo, sons nas cordas de uma guitarra, o arremessar de um pandeiro para o meio da casa e o peso da cortina sobre a cabeça dos espectadores, etc.

A maioria dos sábios supõem que John King só existe na imaginação de Eusápia e que é apenas uma sugestão proveniente do meio onde a sua mediunidade se desenvolveu. A verdadeira causa dos fenómenos observados residiria na formação momentânea de membros fluídicos saidos do corpo psíquico de Eusápia, sobretudo da parte que se encontra ao abrigo da acção dissolvente das radiações luminosas.

Esses membros foram vistos algumas vezes por grandes observadores e têm impressionado mais ou menos nitidamente muitas chapas fotográficas.

Nesta conformidade, compreende-se que Eusápia tenha sofrido muito nas recentes experiências feitas na América, quando um indivíduo, escondido atrás dela, julgou agarrar-lhe uma perna que ela teria estendido, o que era «completamente impossivel», com o fim de mover um objecto colocado a um metro de distância das suas costas, ao mesmo tempo que um dos fiscalizadores sentia ou julgava sentir no seu lugar a perna imóvel de Eusápia segurá por ele.

///

Outros médiuns puderam deixar, em cera derretida e depois arrefecida, as formas de pernas e de braços que não teriam podido sair da cera, se não fossem fluídicas.

Eusápia tem a faculdade de se transfigurar, o que parece demonstrar que é o seu corpo astral que ela exterioriza.

///

Para terminar este artigo, devo acrescentar uma observação importante com respeito às acusações de fraude, feitas a Eusápia Pa-

ladino, por criaturas que não estavam suficientemente informadas sobre a psicologia dos médiuns, ou que, tendo ideias preconcebidas, falseavam a maneira de ajuizar.

Quando se trata de produzir um movimento sem contacto aparente, o médium exterioriza-se em parte e evidencia membros fluídicos em formação — o que se não faz sem dor; e é por este facto que emprega todos os meios de diminuir o esforço, procurando aproximar-se dos objectos que deseja deslocar. Como o médium se encontra então em estado de «transe», quer dizer, quase inconsciente, não mede a distância e, se o deixam, avança a mão ou o pé até estar em contacto com o objecto, o que leva o observador «superficial» a acusar o médium de fraude; mas, se, por exemplo, se lhe agarrar a mão a dez ou doze centímetros do objecto e o puserem em condições de não fazer esforço algum, a mão fluídica invisível exterioriza-se cada vez mais e vai produzir o movimento indicado.

Verifiquei este facto muitíssimas vezes. Verifiquei também que Eusápia, como todos os outros médiuns, é muito sugestionável quando está em «transe». Obedece, não sòmente a ordens verbais, mas também aos pensamentos energicamente acentuados; e concebe-se que, se um dos experimentadores desejar fortemente que ela cometa a fraude, para confirmar suas ideias preconcebidas, Eusápia empregue esforços para lhe obedecer. Foi o que aconteceu numa sessão em Paris, em casa do Conde de Ganag, onde era fiscalizador o Dr. Berillon, céptico endurecido, e onde os fenómenos se produziram com muita dificuldade.

Adormecida por mim no dia seguinte, confessou-me que tinha empregado quase toda a força para resistir às sugestões mentais do doutor, que lhe segurava a mão direita.

Granoble, 10 de Maio de 1910

Estes seres desequilibrados...

O génio é comparável a um tumor que se desenvolve num organismo normal. Estes seres desequilibrados são, em geral, infelizes. Mas produzem grandes obras, das quais toda a sociedade beneficia. A sua desarmonia gera o progresso da civilização. A humanidade nunca ganhou nada pelo esforço da multidão. É a paixão dalguns indivíduos, a chama da sua inteligência, o seu ideal de ciência, de caridade e de beleza que a fazem progredir.

DR. ALEXIS CARREL

O SONHO DE EÇA DE QUEIROZ

pelo Dr. Pedro Lameira de Andrade

Eça de Queirós, o elegante e erudito escritor português, autor de muitos trabalhos de grande valor literário e histórico, como *Os Maias, A Cidade e as Serras, A Relíquia, A Ilustre Casa de Ramires, Últimas Páginas,* e do sentimental e inspiradíssimo conto *O Suave Milagre* — sonhou, certa noite, que havia morrido. Percebendo que sua alma estava desligada do corpo, foi conduzido para um sumptuoso palácio, que soube ser o da Justiça. Ali havia um grande salão de espera, onde muitos indivíduos aguardavam a chamada, que era nominalmente feita por um servente carrancudo e austero. Depois de grande espera, já meio impaciente, o admirável escritor ouviu a chamada, em voz alta, do seu nome. Levantou-se de pronto e, a um aceno do referido servente, acompanhou-o por extenso corredor atapetado, até ser introduzido numa sala, onde um juiz de semblante fechado, o olhou de alto abaixo e exclamou:

— A lista das suas obras!

O escritor, num gesto rápido e afectando modéstia, desabotoa o seu elegante casaco, ainda com a dobra ao vivo do alfaiate, e retira do compartimento de sua carteira de perfumado couro da Rússia uma lista de todas as suas obras literárias, que exibe.

— Não, não é isto o que eu quero, interrompe o severo magistrado.

— Como? — interroga o escritor.

— Quero saber das suas boas obras, do bem que fez na Terra! Vamos, diga o que fez, enumere as suas boas acções, a caridade que praticou para com seus semelhantes.

Eça de Queirós, embaraçado, gaguejando, com suores frios, pálido, não se lembrava de uma única obra realmente boa que houvesse praticado.

Enquanto demorava, no seu esforço de relembrar, o juíz ordenou ao sizudo servente que o pusesse no *quarto escuro* até que se recordasse de suas boas obras.

Fechada a porta, o escritor sentiu-se como dentro de um *burra* de ferro, e faltava-lhe o ar. Quase asfixiado, em grande aflição, acordou no seu leito, ainda com o coração a palpitar de canseira e ofegante de susto.

— Que? — diz ele consigo mesmo —; vou fazer alguma caridade, pois embora se escrevam contos, como o «Suave Milagre», não se escapa da *burra* sem ar e sem luz. Escrever é bom, mas agir para o bem é melhor.

Fique, pois, a lição de Eça de Queirós, o saudoso e querido escritor, para aqueles que, descuidados, possam ser chamados de um momento para o outro, ao Palácio da Justiça.

DIFERENÇAS

por Arnaldo S. Tiago

Há médiuns, instrumentos mecânicos de que se servem os desencarnados para continuarem a comunicar com os homens, e médiuns que podem, em certas circunstâncias, entrar em comunhão mental com entidades do plano espiritual, para sentir-lhes o influxo inspirador, no sentido das afinidades que possam manter, esporádica ou permanentemente, com as mesmas.

No primeiro caso o médium é um simples autómato: o seu grande mérito é o da despersonalização, índice de humildade e honestidade, que revela sempre um espírito superior, já desprendido tão completamente dos círculos de egoismo humano, que aceita missões, como essa, de nobre relevo espiritual. Contudo, não empregando, conscientemente, o seu próprio cabedal de inteligência, não têm os médiuns desta categoria a responsabilidade moral do que produzem.

No segundo caso estão os médiuns conscientes e, mais responsáveis ainda, os de simples inspiração. Todos os poetas, todos os escritores, artistas, homens de ciência, enfim, todos os que elaboram ideias e executam planos nutridos por essas ideias, são médiuns inspirados. O espírito dissemina-se sobre toda a carne... É a grande solidariedade universal que une uns aos outros todos os seres, desconhecida por vezes, regeitada como atentatória às miseráveis *grandezas* do orgulho humano, mas existentes e subsistentes sempre! Contra factos, não há argumentos.

Todos os médiuns desta categoria (caso em que a mediunidade abrange todos os seres) são, portanto, responsáveis pelo que produzem, porque, se recebem inspiração e auxílio de outrem, é em virtude da afinidade que soem manter com outros semelhantes seus. Justo é que escritores, poetas, artistas (médiuns, portanto, deste último género), assinem as suas obras.

Comprazia-me ontem em ler Augusto dos Anjos. «EU E OUTRAS POESIAS» constitui um repositório de belos versos do notável poeta.

Eu, que há muito não faço versos, fui impelido a tomar da pena e escrevi o seguinte soneto:

Do destino na trama entretecida
dos séculos nos ciclos já vencidos,
é que as dores se plasmam e os gemidos:
os tórpidos forais de nossa vida.

Vive a alma nas formas constrangida
dos seus actos e feitos já vividos:
ou no tédio dos maus desiludidos,
ou na luz da existência embelecida.

Ninguém foge ao destino pressuposto
por Aquele que os orbes tem composto
para a eterna ascenção das criaturas.

São de essência divina as nossas dores:
Dão espinhos na Terra, mas dão flores
nas esferas de luz lá das alturas.

O soneto é pobre quanto ao vocabulário, reconheço-o. E Augusto dos Anjos é o poeta dos «termos empolados», demonstrando uma erudição que raros poetas conseguem. O conteudo, porém, não é destituido do compenetração filosófica. Pode acontecer, entretanto, que o poeta já esteja despojado do interesse pelos artifícios da linguagem e busque a essência divina das ideias que se forjam, num plano nìmiamente espiritual, sem o concurso de expressão verbal de qualquer espécie. Neste sentido, pode-se repetir aquele célebre conceito de que a «linguagem é o túmulo do pensamento».

Nos planos superiores, a ideia é acção — e isso é o que constitui a essencial diferença entre os terrícolas, adstritos à morosidade da prolação de ideias em forma verbal, e os habitantes de outros orbes muito mais evoluidos do que o nosso.

A fatuidade humana leva-nos, por exemplo, a duvidar de que possam viver e operar, seres dotados de vida, no Sol. Entretanto, o raciocínio filosófico, de cunho eminentemente científico, mas despido do delírio do orgulho que obnubila a razão do homem terreno, induz-nos a refletir que a existência de Espíritos de elevada categoria, no astro-rei, é, não só possível, como até indubitável. Não necessitando de invólucros pesados, mas etéreos, esses nobres Espíritos, que não poderiam viver na terra, como o fruto não pode

A MALEDICÊNCIA

por Maurice Maeterlinck

NÃO vejas, não ouças o mal, nem fales nunca dele» — assim dizem os três monos sagrados esculpidos sobre o portal do Templo de Jysyase, em Nikko.

Todos falamos dos demais. «Ninguem — diz Pascal — fala de nós, em nossa presença, de maneira parecida à que emprega quando estamos ausentes».

A união que existe entre os homens não tem outra base senão esse engano mútuo; e muito poucas amizades subsistiriam se soubéssemos o que dizem de nós os nossos amigos longe de nossa presença, ainda que eles falem com sinceridade e desapaixonadamente.

«Estou certo de que se todos os homens soubessem o que deles falam os demais, não existiriam quatro amigos no mundo».

Suprimindo a maledicência teriamos suprimido três quartos das conversações e um silêncio insuportável reinaria em todas as reuniões sociais.

Tarefa difícil é separar estas duas irmãs — maledicência e calúnia — e porque toda maledicência é já meia calúnia e nós conhecemos os demais menos que a nós mesmo. É a maledicência que alimenta tudo o que separa os indivíduos e envenena suas relações; não obstante, é o principal motivo que reune e proporciona certo prazer e atrativos na sociedade.

Porém, os prejuizos que ela faz ao nosso redor são-nos tão conhecidos, que é desnecessário descrevê-los.

Contudo, estudemos quais os maiores danos causados naquele que se habituou a tão feio costume:

A maledicência acostuma os indivíduos a ver apenas os lados fracos dos seres e das coisas; ela, pouco a pouco, lhes esconde as grande linhas, os grandes conjuntos, as alturas e profundidades em que se encontram as grandes Verdades que têm valor e são imperecíveis.

Entretanto, se meditarmos um pouco, veremos que o mal que dizemos e que encontramos nos demais, é em nós mesmos que está arraigado; é de nós mesmos que o tiramos e há-de voltar a cair no mesmo lugar de onde saiu.

Tão sòmente vemos melhor nos outros os nossos próprios defeitos, ou aqueles que estamos em vespera de adquirir. É em nós mesmos que arde a chama, cujo reflexo descobrimos nos outros. Cada um crê encontrar nos demais o vício ou o defeito que o escraviza.

Não existe confissão mais íntima, nem mais engenhosa; não há melhor exame de consciência que perguntar: qual é o vício, o defeito, que atribuo de preferência ao meu vizinho? Podemos estar certos de que aquilo que atribuimos aos outros é exactamente para o que sentimos maiores tendências.

O que fala mal do semelhante, em última análise, não faz mais do que falar de si mes-

---

voltar à semente que o gerou, por isso que suficientemente evolvidos para desfrutarem da liberdade de acção que os faz *unos com o Pai*, na expressão de Jesus, exercem missões grandiosas relativamente aos habitantes dos planetas do nosso sistema, como podem exercê-las, operando em outros sóis, sobre os habitantes de outros sistemas.

Nesta ordem de considerações, poderíamos atribuir à acção desses puros Espíritos o que a ciência atribui, materialmente, às propriedades químicas da luz solar: a saude que desfrutamos, o alimento substancial de que somos nutridos, etc. etc. (1).

(1) V. Livro dos Espíritos, págs. 259 e 260.

Não tem limite a contemplação das maravilhas celestes: Tudo é sublime na grandiosa obra de Deus, porque tudo obedece à Lei divina do AMOR.

Augusto dos Anjos me viu triste, recorrendo às suas ideias para encontrar um refúgio à minha dor. E como dificilmente me poderia ministrar um lenitivo através das suas ideias poéticas de ontem, procurou ministrar-mo através das suas ideias mais luminosas de hoje.

Glorificado seja o Cristo, Pastor das almas, que não nos deixa orfãos do seu acendrado e fraterno amor!

Rio, 11 de Outubro de 1946.

mo; e a maledicência, finalmente, é a história antiga ou antecipada de nossas próprias quedas e fracassos.

Rodeamo-nos de todo o mal que atribuimos as vitimas de nossa própria cisma. Esse mal porém, forma-se à nossa custa, vive e nutre-se com o melhor de nossa substância, acumula-se ao nosso redor, povoa nossa atmosfera de fantasmas; no começo, é ténue, inconsistente, dócil, tímido e efêmero; mas pouco a pouco se vai fortalecendo, cresce e levanta a voz, transforma-se em entidades completamente reais, imperiosas, que não tardam em dar ordens e apoderar-se da direcção da maior parte de nossos pensamentos e de nossas acções. E, assim, cada dia que passa nos tornamos menos dos de nós mesmos; sentimos que nosso carácter se desfaz pouco a pouco, até que um belo dia nos achamos encerrados num círculo encantado que nos é quase impossível romper e no qual não mais reconhecemos se estamos difamando nossos irmãos. Nessa altura, ou já nos tornamos maus para com eles, ou corremos o risco de sermos maus devido às nossas difamações.

Deveríamos habituar-nos a julgar os homens como temos julgado os heróis da grande guerra. Não há dúvida de que se alguém tivesse a triste coragem de denegrir esses seres, encontraria em si ou em qualquer de seus grupos quase tantos vícios, mesquinhez ou defeitos como os que podem existir em qualquer grupo humano escolhido ao acaso, em qualquer cidade ou aldeia.

Dir-nos-ia esse maledicente que existiam entre eles alcoólatras inveterados, viciados sem escrúpulos, aldeões grosseiros, teimosos e avaros; pequenos vendeiros, mesquinhos e rapaces, operários malandros e amigos de se divertirem à custa dos companheiros, empregados invejosos, filhos-de-família preguiçosos, injustos, egoistas e vaidosos.

Acentuaria o nosso informante que muitos cumpriram o seu dever unicamente porque não havia meio para livrar-se dele; que foram desafiar contra sua vontade uma morte de que esperavam escapar, sabendo que não haveria para eles escapatória, porque a morte que os ameaçava na frente de combate era igual à que se encontrava na retaguarda, se se recusassem a afrontar aquela.

Poderia dizer todas essas coisas e muitas outras que parecessem mais ou menos verdadeiras; porém, o que há de positivo, o que há de grande e magnífico que ultrapassa tudo o mais, é o que esses herois fizeram, pois ofereceram-se à morte para cumprir o que eles consideravam um dever.

Isso não se pode negar; se todos aqueles que tinham vícios, defeitos e vontade de afastar-se do perigo, houvessem recusado aceitar o sacrifício, nenhuma força no mundo teria sido capaz de obrigá-los, porque então representariam uma força igual àquela que iam combater.

Há, pois, necessidade de admitirmos que esses vícios e essas vontades covardes eram muito superficiais e, sem dúvida, menos profundamente arraigados e menos poderosos que o grande sentimento que arrasou toda essa podridão.

É por isto, e com razão, que quando pensamos nesses mortos, essas pequenas ideias mencionadas não nos assomam à mente. Elas são contadas, no conjunto heróico, como gotas de água no imenso Oceano.

Tudo foi atraido pelo sacrifício à dor e à morte para a mesma beleza sem mácula.

E não nos esqueçamos de que esses herois sairam dentre aqueles que caluniávamos sem cessar; e eram homens como aqueles entre os quais hoje vivemos.

A morte os purificou, consagrando-os; e nós todos os dias estamos na presença do sacrifício da dor e sobretudo da morte que nos há-de purificar também, consagrando-nos, quando chegar a nossa vez.

Somos todos mais ou menos submetidos às mesmas provas que nem por serem menos grandiosas e menos brilhantes, deixam de apelar para as mesmas profundas virtudes; e se tantos homens, tomados ao acaso entre nós, se mostraram agora dignos de nossa admiração , é porque, finalmente, somos melhores do que parecemos, embora, quando eles se encontravam ainda mesclados em nossa vida, não parecessem melhores do que nós.

O PERDÃO

Criança !

Não sejas rancorosa. Perdoa sinceramente aos que te ofenderem e, principalmente, aos que se confessarem arrependidos dos seus actos, estende caridosamente a tua mão.

A infalibilidade, querida, é privilégio de Deus. Portanto, tu erras, como erram os teus irmãos em humanidade. E se queres que perdoem tuas faltas, não hesites em perdoar as faltas dos teus semelhantes.

O perdão é veículo de paz: encoraja o arrependido e ajuda a reabilitá-lo.

ICLÉA

PSICOLOGIA INFANTIL

Os bébés são capazes de escolher os seus próprios alimentos

Um jovem médico sul-africano, Dr. W. Harding le Riche, funcionário do «Centro de Sande Knysna», tem vindo a atrair a atenção do mundo médico americano. Estudaodo os problemas da nutrição das crianças recentemente desmamadas e permitindo aos bébés escolherem o seu próprio alimento, o trabalho do Dr. Reiche está a causar grande interesse na América e noutros países ultramarinos.

Paralelamente, a Dr.ª D. Clara M. Davis, dos Estados Unidos, tem trabalhado precisamente nos mesmos assuntos que o Dr. Le Reiche.

De suas investigações, ambos chegaram à mesma conclusão de que os bébés recentemente desmamados, da idade de cinco meses em diante, estão perfeitamente aptos para seleccionarem os seus próprios alimentos, tanto em quantidade como em qualidade, para se conservarem em saúde perfeita.

As experiências permitem que os bébés escolham exactamente o que desejam, sem qualquer interferência ou persuasão da parte dos adultos. Os alimentos, que apenas foram cortados em porções maneáveis, são absolutamente intocados, não purificados, não amadurecidos e, sòmente nalguns casos, cozidos, compondo-se de carne vulgar, fígado, rins, peixe, uma vasta selecção de vegetais, frutas, ovos, leite, cereais e outros alimentos.

Tem sido demonstrado que as crianças têm uma compreensão instintiva para não só tomarem o que gostam mas o que os seus corpos necessitam.

Uma das crianças que tiveram parte nas provas efectuadas pela Dr.ª Davis curou-se a si própria de raquitismo. Durante cento e um dias esta criança, de menos de um ano de idade, escolheu, voluntàriamente, óleo de fígado de bacalhau, dos alimentos colocados diante dela, e consumiu-o em quantidades suficientes para compensar a sua deficiência. Quando ficou totalmente curado o bébé logo parou de tomar o óleo de fígado de bacalhau!

Não sòmente os bébés são capazes de compensar as suas deficiências por tomarem os materiais que melhor servem para fazer estas reparações, mas, insintivamente até sabem consumir dietas perfeitamente equilibradas.

O padrão de saúde entre os rachadores de lenha de Knòsna é pobre, e o Dr. Le Reiche está a tentar encorajar todas as mães para permitirem aos seus bébés de comerem o que eles desejam.

O forçar as crianças, que têm acabado de ser desmamadas, a tomar outros alimentos é inconveniente e bastante imprudente, pois esse facto imediatamente corrompe e rouba a capacidade natural dessas crianças para se alimentarem a si próprias.

O Dr. Le Reiche é formado pela Universidade de Witwatersrand de Johannesburg. Ele efectuou uma vigilância à nutrição das crianças indígenas em Alexandra Township (bairro negro de Johannesburg). Também recebeu, do «*Conselho Sul-Africano para Educação e Pesquisas Sociais*», uma concessão Carnegie, de dois anos, para fazer uma inspecção idêntica em Pretória.

(Extraído do «*Sunday Times*», de Johannesburg, de 16-6-946, e traduzido por B. B. Martins).

CLARIVIDÊNCIA

Se o cérebro e o éter fossem suficientes para a manifestação do fenómeno da clarividência, nós o teriamos sempre; ao contrário, parece que ela precisa de uma condição diferente: — enfraquecimento do sistema nervoso... A clarividência é mais fácil no sonambulismo artificial que muitos fisiologistas consideram, justamente, como paralisia, ao menos paralisia parcial do sistema nervoso; ela é mais fácil na hora da morte, quando está quase esgotada a energia cerebral. Não é provavel que a clarividência advenha da maior energia dos centros ópticos no momento em que o nervo pneumogástrico justamente já não recebe do cérebro a energia capaz de fazer bater o coração. Logo, segundo o princípio das variações concomitantes, devemos dizer, com du Prel, que os sentidos do sonâmbulo são um fraco esbôço daqueles que teremos depois da morte.

BROFÉRIO

PORTUGAL NO BRASIL

(Do nosso confrade e amigo sr. José Simões de Matos, residente em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, recebemos há tempos a seguinte carta, à qual só agora podemos fazer a merecida referência. Mais uma voz amiga que vem até nós, mais um cooperador que deseja trabalhar em prol do intercâmbio luso-brasileiro que temos preconisado sempre).

Porto Alegre, 24 de Outubro de 1946

Prezado confrade, patrício e amigo

ISIDORO DUARTE SANTOS

Quiseram as circunstâncias que depois de longos anos me fosse apresentada mais uma revista espiritualista portuguesa, que muito me alegrou e agradou, não só pelo belo formato, como pelo seu fundo espiritual. Eu fui constante leitor da *Revista de Espiritismo*, órgão da Federação Espirita Portuguesa, que desde há muito não vi mais. As coisas de Portugal têm, para quem as lê no estrangeiro, um quê de originalidade e beleza que nos faz recordar toda a vida de nossa memória.

Cada vez me convenço mais da missão de Portugal como povo colonizador e propagador da fé e do progresso nas várias modalidades em que ele se nos apresenta, tanto na vida dos homens, como dos povos e das nações. Porque, em qualquer parte da terra em que se viaje, se encontram portugueses. No Brasil, pelo motivo de falarmos a mesma língua, a nossa vida se confunde com a vida brasileira, tornando-se difícil ao forasteiro, filho de outras nações, saber verdadeiramente quem são os portugueses e os brasileiros. Mesmo nos domínios da espiritualidade, para não falar no comércio e na indústria, em que muito nos fizemos sentir, a colaboração dos portugueses no Brasil é evidente. Haja em vista a fundação e desenvolvimento no *Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento*, que é um dos últimos trabalhos do começo deste século, que muito tem contribuido para a divulgação dos ensinos espiritualistas no Brasil, Eu aprecio muito este estabelecimento, porque me foi muito útil. Depois, vem o Espiritismo, no qual se contam aos milhares os colaboradores protugueses. Neste número me integrei também eu, de todo o meu coração e de todo o meu entendimento, desde 1922. E posso dizer que ao Espiritismo devo toda a causa de meu progresso no Brasil. Ele me ensinou a arte de bem viver e de ser feliz por conta própria. Ele me ensinou a ver na dor uma mensagem de amor, verdade e justiça, e não um castigo, como muitos julgam. Ele me libertou do medo da morte e dos inimigos externos, porque me fez sentir e compreender que a morte é uma modalidade da vida (que é eterna no espírito) e a não temer outros inimigos além dos meus próprios defeitos, que são verdadeiramente os meus inimigos. Ele despertou em mim outro ser que nada tinha de comum com a minha vida, até então.

Eu era tímido e receoso. Tornei-me resoluto e confiante. Era incapaz de dizer duas palavras em público, tal o meu acanhamento. Isto devido ao meu nascimento de humilde lavrador, que fui até os meus 14 anos, na companhia de meus pais, que eram lavradores na província da Beira Alta, conselho de Tondela, pois foi no Coelhoso, freguesia de Castelões, que o meu espírito viu pela primeira vez nesta encarnação o sol amigo de Portugal. Entretanto, meu caro patrício e amigo, a consoladora doutrina espirita cristã tonificou de tal maneira o meu espírito e encheu de tal confiança e fé o meu coração, que me tornei capaz de falar em público sem dificuldade. Provam as minhas palavras as palestras que tenho feito e a tese «Espiritismo Prático», sob os auspícios da Federação Espirita deste Estado e da Federação Espirita Brasileira no *Teatro S. Pedro*, desta Capital, com a presença de mais de mil pessoas.

Tudo isto eu confesso, como prova de minha gratidão à causa espirita; e de meu contentamento, quando, na senda em que me encontro, posso confraternizar com outros irmãos, principalmente patrícios, cultores do mesmo ideal.

Com os meus mais sinceros votos de Paz e Fraternidade, subscrevo-me: vosso confrade, patrício e amigo às vossas ordens.

JOSÉ SIMÕES DE MATOS

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

CORPO E ESPÍRITO — *pelo Dr. Carlos Imbassahy.* Edição da Livraria Allan Kardec. S. Paulo, 1945, 155 págs.

Prosseguindo na sua filantrópica obra de amparo material ao «Abrigo Batuira», a Livraria Allan Kardec editou mais uma obra com aquela apresentação gráfica que já a caracteriza.

Mais uma vez, Carlos Imbassahy nos dá uma obra digna do seu talento que pode ser sintetizado por raciocínio seguro, por uma argumentação sólida e por um sentido de humor crítico dentro duma noção exacta das realidades.

Mostrando a posição do Espiritismo perante os cuidados devidos ao corpo físico, a sua fina ironia ridiculariza os pretensos moralizadores de costumes, os puritanos de todas as épocas e de todas as latitudes cuja única preocupação é a forma externa do indivíduo — o seu vestuário, os seus gestos, etc.

Mas a tese central da obra é a refutação do carácter absoluto dado ao paralelismo psico-fisiológico por aqueles que pretendem desfazer as bases do espiritualismo e, por arrastamento, a redução da teoria das localizações cerebrais às suas dimensões reais. Imbassahy carreia uma considerável soma de materiais para erguer proficientemente o edifício da sua demonstração, muito embora aqueles problemas estejam hoje no mundo da psicologia moderna sem aquela importância atribuída pelo materialismo ou pelo cientismo-positivismo do século passado. Só quem parou em Dantec, Broussais, Cabbanis ou Comte, poderá afirmá-los em absoluto. Não já os que passaram por Lipps, Bergson, Scheler ou William James. Recordamos aqui o pensamento de Hessen: — «Quem hoje se lembrasse de sustentar a velha tese materialista de que só há matéria e de que o homem é apenas natureza, não poderia esperar ser levado a sério por ninguém».

UM SÓ SENHOR — *pelo Dr. Romeu do Amaral Camargo.* Edição da Livraria Allan Kardec. S. Paulo, 1946, 286 págs.

A tese central desta obra — pareceu-nos — é a demonstração da acção benéfica da educação «protestante», revelada pela superioridade cultural dos países em que predomina aquele credo sobre as regiões de orientação católica. Para tal, o autor acumula um volume tamanho de transcrições que muitas vezes perdemos o seu pensamento pessoal. Para tal o autor estabelece paralelos...

Mas Romeu Camargo detém-se nos aspectos externos, isto é, não mergulha na busca das causas dos opostos. A não ser que... consideremos como causas apenas aqueles factores secundários apontados: — que o credo protestante quase obriga o seu adepto a saber ler e que para ouvir missa e seguir a liturgia católica o analfabetismo é suficiente e... quiçá necessário.

Antes de seguirmos nesta singela apreciação, desejamos marcar as seguintes premissas: — nunca fomos católicos ou protestantes, pelo que nos não move qualquer simpatia por influência ainda latente. Vamos falar, pois, com isenção absoluta no critério. O nosso intuito é ressalvar os termos de absoluto com que Romeu Camargo analisa o problema e não demonstrar uma tese contrária à sua, porque o problema histórico é mais complexo do que pode parecer na obra em referência.

Foquemos os Estados Unidos, visto ser um dos países-modelos apresentados. O seu vasto território começou desde muito cedo a ser pomo de discórdia entre ingleses, franceses e espanhois. Para lá emigraram católicos fugidos de Inglaterra e... protestantes vindos de França.

É um facto histórico a luta travada para a independência dos E. U. que a Inglaterra protestante tentava segurar e... que a França católica auxiliava! Porquê? Por fins religiosos? Não. Os motivos eram puramente políticos. Independentes, os E. U. arrastaram durante tempos uma vida secundária no panorama internacional. A sua colonização prometia arrastar-se indefinidamente... tal como em todas as repúblicas americanas, saídas do esfacelamento do império luso-espanhol. As riquezas auríferas, apressaram-nas. Milhares de indivíduos das mais diversas raças e credos correram para a Ciência. (Ainda não há aqui... influência de credos...). E tal como as raças, se caldearam as religiões... Predomina hoje o protestantismo dividido em inúmeras seitas, seguido do catolicismo, do espiritismo e do judaísmo. Mas serão os Estados Unidos o modelo que nos apresenta Camargo? Um alto padrão económico e... cultural? Sem dúvida. E... a miséria dos bairros de Chicago, de Nova-York, de S. Francisco? e... o alto padrão atingido pelo crime? e a lei de Linch? e a perseguição à minoria negra e amarela? e a redução sistemática da minoria vermelha? e o capitalismo na sua forma pura e individualista?

Voltemos para a Inglaterra, outro país de protestantes. À custa de quê se fundou e mantém o seu

Império? Qual a sua política na... Índia, com os «boers, na Pérsia e... há séculos na própria América? Quem mantém velhas leis medievas que mandam um indivíduo para a cadeia pelo simples facto de..., ser «médium»? Será que a influência da educação protestante desapareça logo que se trate de... política e de problemas económicos?

E a Alemanha? Não será protestante? Onde melhor que nela se desenvolveu o imperialismo sustentado pelo próprio credo luterano? Quem manteve Guilherme II e Hitler?

Buscamos apenas o nível cultural, industrial ou agrícola? Terá a Rússia, país sem religião oficial, um nível baixo? Não fez o Japão, povo xintoista, um dos maiores saltos da História?

Com isto, pretendemos apenas mostrar o lado fraco de certos paralelos gerais ou generalizadores. Romeu Camargo escolheu o Brasil como termo de comparação e para melhor marcar o contraste engrandeceu os países de credo protestante, não porque o não mereçam, mas nesse engrandecimento... esqueceu os contrastes que são... apanágio inalienável da actual condição humana. E o erro, a meu ver, está em reduzir um complexo problema histórico à análise do factor religioso que nele não é, de modo algum, o primacial.

Lendo Romeu Camargo somos levados a considerar o protestantismo como a força por excelência para movimentar os povos no caminho do progresso. É disso que duvidamos, relembrando mais do que o passado histórico o momento internacional, pensando nos múltiplos factores determinantes de qualquer movimento humano.

E veja-se, a pesar do que diz Romeu Camargo, que a percentagem de analfabetismo em nada influi no movimento cultural de um povo, sem como diz querer defender a excelência do analfabetismo, para que... aparecem grandes literatos, cientistas ou — artistas? A Suiça quase desconhece os analfabetos, tal como a Suécia, a Noruega, Finlândia e a Dinamarca. E não lhe são superiores neste aspecto — cultural — a França, a Itália e (porque não?) o próprio Brasil? Para confrontar povos, buscam-se todos os lados(industrial, agrícola, literário, científico, artístico, etc.) e não se fazem generalizações impossíveis.

OBREIROS DA VIDA ETERNA — *Pelo Espírito de André Luiz.* Psicografia pelo médium Francisco Cândido Xavier. 1.ª edição. Federação Espírita Brasileira. 1946. 306 págs.

Pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, o Espírito que ditou «Nosso Lar», dá-nos agora uma obra onde perpassa o esforço glorioso daqueles que à Terra descem na missão sublime de auxílio àqueles que se aprestam para regressar à sua pátria espiritual. Só os que, ao lerem esta obra, atentarem ùnicamente no fundo romanesco ou doutrinário, não verão a dilatação de horizontes entrevistos no Além-Morte.

Se há passagens que nos obrigam a meditar longamente, que rasgam véus, que desfazem trevas, noutras o espírito voa nas asas leves da emoção mais pura, atirando-se para as alturas insondáveis onde se alcandora a Essência Suprema. Compreende-se melhor a existência nos mundos onde a energia é trabalhada como na terra mal se sonha ainda. Define-se o processo da desencarnação através de casos típicos que vão desde o acto consciente à inconsciência completa. Absorvente a descrição de uma descida de espíritos missionários às regiões onde há «prantos e ranger de dentes»! Edificante a visão do cemitério terreno onde almas aferradas à vida, persistem na ilusão, sofrendo a angústia de sentirem a desintegração orgânica!

A característica fundamental da obra de André Luiz é o seu lado variegado por onde se pressentem uma cultura vasta, um raciocínio seguro, uma sensibilidade aguda donde os problemas terrenos ainda se não afastaram por completo, uma curiosidade constante e uma vontade orientada para um esclarecimento absoluto.

No género, André Luiz já nos deu 4 obras que reputamos de «magistrais». Fazemos votos por que Ele prossiga no seu trabalho e por que Francisco Xavier contini merecendo o auxílio de tão devotados e esclarecidos Espíritos.

Nota — *Só faremos a análise crítica às obras de que nos sejam remetidos dois exemplares. As outras serão apenas registadas nestas colunas sem qualquer apreciação literária.*

ATENÇÃO

Chamamos a atenção dos prezados leitores para a última página desta revista, onde vem inserta a notícia da conferência que o nosso redactor Ramos Pereira vai realizar no próximo dia 28 no Teatro do Ginásio.

Estamos esperançados no êxito deste empreendimento, que vai trazer novos adeptos para a Doutrina e aguçar a curiosidade de indiferentes que têm ouvido falar do Espiritismo, mas que o desconhecem inteiramente.

Seria conveniente que o Ginásio se enchesse literalmente, dando a mais eloquente nota do interesse que desperta a nossa ideologia.

Os bilhetes encontram-se à venda na bilheteira do Ginásio e na nossa redacção.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A ÚLTIMA SESSÃO DUM MÉDIO DE EFEITOS FISICOS

Daisy Barken publicou há tempos na revista inglesa *The Two Worlds*, de Manchester, interessante narração de um fenómeno psíquico que mereceu transcrição em revistas brasileiras e argentinas. Vamos passá-lo a estas colunas. Será mais um veículo a expandir um caso bem curioso que obriga a estudo e meditação. Eis o artigo, em versão livre e por vezes resumido em certos pormenores:

O médico contemplou o rosto abatido da jovem senhora:

— A Senhora Blake deve saber que seu marido tem fracas probabilidades de cura.

— Bem vejo — disse ela empalidecendo —; e é bem triste verificar que meu marido pouco tempo tem de vida.

— Assim é. Temos de encarar as coisas com coragem, minha senhora, — respondeu o médico, dirigindo-se para a parede do quarto, a fim de observar uma fotografia ali suspensa.

— Seu marido! E com um espirito materializado junto dele! — exclamou —. Presumo que esta fotografia não seja recente. Eu ignorava que seu marido fosse médium de materialização.

— Era um médium admirável, mas de saude precária. Cheguei a persuadi-lo de que devia abandonar as sessões.

— E ele melhorou?

— Realmente, compreendo agora que talvez fosse melhor termos continuado com as nossas sessões particulares, evitando a entrada de incrédulos e pseudo-cientistas que só vinham para satisfazer a curiosidade. Os Guias espirituais do meu marido proporcionavam-lhe alguma força, que se extinguiu quando interrompemos as sessões.

— E posso saber se seu marido ainda tem essa mediunidade? — perguntou o médico.

— Não sei, — respondeu a senhora.

O médico pegou no chapéu, contemplou a sala mobilada, recusou cortezmente os honorários da visita e retirou-se mergulhado em prefundos pensamentos. Depois fez outras visitas e estudou bem o enfermo, ficando muito tempo junto dele.

— Annie — disse o doente à esposa —, o médico tem interesse na minha mediunidade e deseja trazer amigos espiritas para realizar uma sessão.

— E se o teu esforço for demasiado?

— O médico tratará de mim — respondeu confiadamente o marido. Seja o que Deus quiser.

A esposa abraçou o enfermo com os olhos rasos de lágrimas e terminou a conversa. O seu estado de pobreza metia dó.

No dia seguinte, chegou o médico com os amigos e deram início às sessões, que se repetiram nos dias seguintes com intervalos regulares.

A senhora Annie alegrou-se ao ver que o marido recuperava as forças. O médico, porém, não se mostrava optimista:

— A senhora não se esqueça — disse ele — de que seu espírito está subjugado à fraqueza do corpo, mas o fim pode ser imprevisto.

Entretanto as sessões de materialização continuavam, com fenómenos brilhantes.

Numa delas manifestou-se o espírito do pai da senhora Blake. Um homem esplêndido, mas desgostoso pela pobreza do lar da filha. Contou que um morador das imediações o tinha roubado e que agora, em espírito, quer obrigá-lo a restituir o tesouro em benefício da filha.

— Foi Simon Barrat! — exclamou a filha — Era sócio de meu pai, quando ambos exploravam um filão de ouro. Meu pai foi encontrado morto na mina e o sócio nunca mais apareceu.

Passados alguns dias e durante uma tempestade de neve que caiu sobre a cidade, chegaram ali os amigos do costume. Entraram no quarto do doente, enquanto a esposa permanecia ao lado da chaminé, embalando o berço de um recem-nascido.

A tempestade de neve obscurecia tudo. Blake atiçava o lume e ouvia passos de homem que tropeçava na rua.

A sessão já tinha começado e ela pôde observar da janela que uma pessoa de grande estatura se introduzia na porta de casa em busca de abrigo.

— Queira desculpar o incómodo — disse o desconhecido. Encontro-me completamente perdido nesta maldita tormenta. O meu nome é Barrat e há pouco tempo que moro neste bairro.

Ao ouvir o nome do presumido assassino do pai, sufocou no peito a surpresa e convidou o desconhecido a entrar. Ele cerrou a porta e olhou com interesse em seu redor.

A senhora ficou por momentos indecisa, pois sentia que se aproximava um momento dramático, terrível, ignorando a parte que lhe correspondia. De repente, o desconhecido, ouvindo vozes provenientes do quarto contíguo, onde se realizava a sessão espi-

rita, olhou com espanto. O seu rosto empalideceu, gritando:

— Quem é a senhora e de quem é essa voz que vem daquele compartimento?

— Sou a filha de Henry Flatt, — disse ela, tremendo.

— Meu Deus É a voz de seu pai!

Súbito, a porta abriu-se e apareceu uma figura de homem.

— Henry Flatt! — gritou o desconhecido. Meu Deus! Como pode isto ser?

— Você levou a minha parte de ouro e nunca mais voltou à mina! — respondeu Henry Flatt.

— Reconheço que fui um malvado! Mas agora, que o encontro vivo, estou pronto a reparar a minha falta.

— Quanto me deseja devolver?

— O que você quiser.

— Então, dê-me o que me pertence.

— Devolver-lhe-ei também o juro de 5 % durante o tempo que retive o seu ouro. Está de acordo? — concluiu Simon Barrat, enquanto tirava do bolso um livro de cheques.

— Preencha o cheque em nome da minha filha Annie Blake, — respondeu Henry Flatt.

— Muito bem, — disse Simon Barrat —. Estou satisfeito com isto. Se a senhora não receia a nevada, pode ir ao Banco antes de fechar.

Ràpidamente, Annie Blake foi ao Banco e recebeu o cheque, pouco antes de encerrar o estabelecimento.

— Perdão, Henry! Aperte mais uma vez a minha mão!

O fogão iluminava o quarto, enquanto Annie retinha a respiração, ao ver de novo o sorriso de seu querido pai, que estendia a mão a Simon Barrat, em sinal de perdão sincero.

Nisto, sucedeu o que Annie esperava. Ela observou o olhar de horror de Simon Barrat, no momento em que a mão do velho amigo se derretia, sob apertão forte, por efeito da desmaterialização. O espanto dele aumentou, quando o fantasma de Henry Flatt se fundiu numa massa vaporosa e a sua figura se extinguiu inteiramente.

— Estarei louco? — gritou. — Meu Deus! Que é isto?...

— Vá com Deus! — respondeu Annie Blake. O sr. agora leva a benção de meu pai.

Fechou a porta e dirigiu-se ao quarto da sessão. Uma faixa de ectoplasma dissipava-se no interior do aposento e o Dr. Balls tratava o médium.

Alguns dias mais tarde, Simon Barrat, já restabelecido do colapso nervoso, pegou num diário e foi atraido para os anúncios fúnebres.

Tinha falecido em 5 do corrente o médium John Blake, esposo de Annie Blake.

O Espiritismo é Luz Viva

Ao Isidoro Duarte Santos

O Espiritismo é luz viva que há-de
A todos envolver com os raios seus.
Não é obra dos homens. É Verdade,
Que nos vem, por acréscimo, de Deus!

E Deus no-lo enviou por mensageiros
De luz, os bons Espíritos. E nisto
Revive, a cada passo, os verdadeiros
Actos de fé e amor de Jesus Cristo!

Por isso vai brilhando como o sol,
Abrasando de luz moços e velhos.
É para todos rútilo farol
De todas as lições dos Evangelhos!

Com ele, vozes do Céu cantam em coro
A evolução espiritual. Dest'arte,
Descem do Céu, como pepitas de ouro,
E espalham-se a granel, por toda a parte!

Não tem outra expressão, outro sentido,
Fora do amor, da paz, do bem, da luz,
Ele é o Espírito Santo prometido
Há quase dois mil anos, por Jesus!

LEOPOLDO MACHADO

A Fábula de Anatole France

Certo dia, um espelhinho de face perfeitamente plana encontrou num jardim um espelho convexo.

— Acho-te muito impertinente — disse o espelho plano — por representares a natureza como o fazes. E' preciso estares louco para dar a todas as figuras um grosso ventre com pés e cabeças delgados e mudar em curvas as linhas rectas.

— És tu quem deforma a natureza — replicou, contrariado, o convexo. — A tua pessoa julga que tudo é plano fora de ti, como em ti. Os troncos das árvores são curvos, esta é a verdade. És um espelhinho enganador.

— És tu, intrigante convexo, que fazes a caricatura dos homens e das coisas.

A querela começava a acalorar-se, quando por ali passou um geómetra. Era, como contava a história, o grande d'Alembert.

— Meus amigos — disse ele — ambos tendes razão e ambos vós estais em erro. Reflectis os objectos de acordo com as leis da óptica. As figuras que recebeis, tanto um, como outro, são de completa exactidão geométrica. Ambas perfeitas. Um espelhinho côncavo produziria uma terceira figura muito diferente e também perfeita. Quanto à natureza, ninguém lhe conhece a verdadeira figura e até é provável que só tenha figura nos espelhos que a reflectem...

Notas & Comentários

CINEMA ESPIRITA

O cinema francês está a produzir interessantes filmes de fundo espirita. Um deles é «Tentation de Barbizon», que ainda não vimos em Portugal, mas que *Spiritualisme Experimental et Philosophique*, de Liege, nos informa ser um filme em que se debatem questões ligadas à nossa Doutrina. O tema é aparentemente banal: um anjo e um diabo descem à terra e ligam-se a jovem casal que um quer proteger e outro desunir. Ao cabo de algumas peripécias, o anjo cai e o diabo torna-se bom. Depois, encontram-se no espaço e prometem voltar à terra daí a quatro ou cinco séculos, pois talvez então sejam mais fortes do que os seus habitantes.

Mas no decorrer do filme há pessoas que passam através de portas sem as abrir, porque crêem em Deus e têm fé. Além disso, por esforço da vontade, espontaneamente criam flores, automóveis, casas, etc.

O anjo e o diabo põem-se de acordo para meditar nas sanções que os esperam, visto terem falido nas suas missões.

Parece que o autor da produção admite a hipótese da reencarnação, das materializações, das boas ou más influências terrestres, e que nos dois mundos existem as mesmas qualidades e os mesmos defeitos.

De facto, neste filme existem pontos de contacto com a Doutrina Espirita.

Registem o nome: «Tentação de Barbizon». Quando vier a Portugal, não deixem de ver esta produção, tão curiosa, como interessante.

18 DE ABRIL

No próximo dia 18 de Abril comemoraremos mais um aniversário de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Faz precisamente 90 anos que o codificador do Espiritismo lançou à publicidade uma obra que nem o tempo, nem o ódio, nem a intriga, nem os ataques furibundos de materialistas e agnósticos conseguiram denegrir e apoucar. *O Livro dos Espíritos* continua a aliciar adeptos, com a mesma facilidade de há noventa anos. É livro sempre actual, onde encontramos sucessivas novidades que surgem da linguagem do Mestre, que escreveu para todos os tempos. O Centro E. Luz e Amor organizará nesse dia um serão cultural, em que a figura de Allan Kardec será novamente evocada em múltiplas facetas do seu génio proteiforme. Queremos daqui associar-nos à Liga Espirita do Brasil, na comemoração anual que instituiu e já se está praticando em terras de Santa Cruz, pois não é demais que se evoque o autor das obras fundamentais do Espiritismo, que outros ampliaram baseados nos conhecimentos modernos, mas que nenhum destruiu no mínimo pormenor. Se assim não fosse, não se teria esgotado a trigésima edição em língua portuguesa e não estaria a sair a trigésima primeira, de dez mil exemplares.

«OS MORTOS VIVEM !»

Temos recebido inúmeros pedidos do folheto «Os Mortos Vivem !», pedidos que temos satisfeito com grande prazer. A pesar da larga distribuição, ainda temos em nosso poder alguns milhares, que remeteremos gratuitamente, a quem o requisitar. Os últimos que seguiram para o correio destinavam-se à India e ao Brasil, onde o folheto foi particularmente apreciado.

Aos leitores que se queiram encarregar da sua distribuição por famílias enlutadas, enviaremos alguns exemplares, pois é necessário que a luz se faça nos espíritos entenebrecidos pela ignorância do que nos espera ao desencarnar.

ACHILLE BIQUET

Achille Biquet, vice-presidente da *Union Spirite Belge* e nosso redactor-correspondente em Liege, escreveu-nos amável carta na qual diz que ainda lhe não foi possivel enviar-nos o seu primeiro artigo, em virtude do grande e premente trabalho que tem entre mãos, principalmente três conferências a realizar em Bruxelas, Liege e Paris. Contudo — escreve ele — espera que desta última cidade possa remeter-nos qualquer trabalho destinado a *Estudos Psíquicos*.

Achille Biquet é um dos maiores valores do Espiritismo belga e veio até nós através da amizade de Henri Regnault, redactor-correspondente em Paris.

As suas experiências de efeitos físicos e *voz directa*, tão minuciosamente narradas no *Espiritualisme Experimental et Philosophique*, revelam o pesquisador conscencioso de quem muito há que esperar para bem da Doutrina.

ATRASO DA REVISTA

A pesar dos nossos melhores esforços, *Estudos Psíquicos* tem saido atrasada nos dois últimos meses. Esperamos remediar esta anomalia, contando com a boa vontade da Editora Gráfica Portuguesa, cuja oficina tem sofrido recentes e grandes modificações que a habilitarão, sem dúvida, a maior rendimento nos trabalhos que lhe estão confiados.

Que os leitores nos desculpem. Dentro de dois meses, contamos voltar a fazer sair a revista de 1 a 5 de cada mês.

Noticiário

CONFERÊNCIA NO TEATRO DO GINÁSIO

Como já foi anunciado nos diários de Lisboa, a revista *Estudos Psíquicos*, através do seu *Núcleo de Acção e Propaganda*, vai realizar uma conferência, no dia 28 do corrente, às 19 horas, no Teatro do Ginásio.

Será conferente o nosso redactor Alvaro Ramos Pereira e o tema escolhido é êste: «Será o Espiritismo uma realidade ?».

Depois da conferência de Faure da Rosa no Cinema Condes, que causou sensação, ainda se não realizou nenhum acontecimento público que tivesse a repercussão que vai ter o trabalho de Ramos Pereira.

Estamos firmemente convencidos de que atingirá os nossos objectivos. O grande público ficará sabendo o que é Espiritismo, para responder a muitos indivíduos que falam do que não conhecem, aventando os maiores dislates.

Forçados a enormes despesas, esperamos que os leitores compreendam o alcance deste serviço à Causa e à Doutrina e se disponham a contribuir para a *Caixa de Propaganda* desta revista, que ficou exausta e aguarda novos donativos, a fim de encarar a possibilidade doutras realizações.

É preciso levar a propaganda ao mundo profano ! É o que temos feito e estamos a fazer, com recursos próprios e alheios, na certeza de que algum benefício resulte desta cruzada de acção moral e doutrinária que empreendemos.

Não deixem de adquirir bilhetes no Teatro do Ginásio ! A conferência de Ramos Pereira será o grande acontecimento espirita no ano de 1947 !

CONFERÊNCIA NO CENTRO

Como foi oportunamente anunciado, o nosso confrade e amigo António Martins realizou em 15 de Março, no Centro E. Luz e Amor, uma conferência intitulada «As Leis Naturais e a Reencarnação, Factores do Progresso».

O seu trabalho constituiu magnifica estreia, que deixou excelente impressão em todos os ouvintes. De facto, o conferente soube tirar partido do tema, que escolheu, focando vários problemas com elevação e critério, demonstrando perfeito conhecimento da doutrina espirita. Servido por voz forte e bela dicção, o confrade António Martins manteve a assistência em permanente expectativa, a qual premiou a conferência com uma quente salva de palmas.

O presidente da Direcção, que presidia ao acto, manifestou o seu agrado pelo acontecimento e congratulou-se com o facto do confrade António Martins ter exposto com precisão alguns assuntos transcendentes, procurando tirar deles ilacções práticas adaptáveis à vida cotidiana. É assim — disse ele — que se serve a doutrina espirita !

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE ABRIL DE 1947

Dia 4, às 21.30 — Sessão do Grupo Amor do Redentor.

Dia 5, às 21.30 — Conferência por D. Ivone de Sousa, intitulada «Educação Neo-espiritualista.

Dia 12, às 21.30 — Sessão experimental com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 18, às 21.30 — Serão cultural comemorativa do aniversário do «O Livro dos Espíritos», em que falarão vários oradores.

Dia 25, às 21.30 — Sessão do Grupo Amor do Redentor.

Dia 26, às 21.30 — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Magnetismo».

Dia 19, às 21.30 — Sessão experimental com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Nota — As conferências são públicas e as sessões são reservadas a sócios com as cotizações em dia.

OBRAS DO DR. INÁCIO FERREIRA

Temos em depósito as seguintes obras do Dr. Inácio Ferreira, médico psiquiatra, director do Sanatório Espirita de Uberaba e redactor-correspondente na mesma cidade brasileira:

CONSELHOS A MEU FILHO, 15$00, cartonado.

ESPIRITISMO E MEDICINA, 18$00, brochado, e 23$00, encadernado.

NOVOS RUMOS À MEDICINA, (1.º vol.) — Obra de grande formato, em papel especial, repleta de gravuras, em que se apresentam muitas curas de doentes obsidiados, obtidas naquele Sanatório. Ali se vê como se pode curar pelo Espiritismo. Brochado, 35$00; encadernado, 50$00.

AUXILIAI ESTA REVISTA, ANGARIANDO ASSINANTES ! QUE CADA ASSINANTE SEJA UM PREGOEIRO DAS VERDADES QUE ELA DIFUNDE E PROPAGA E TRAGA CONSIGO OUTRO ASSINANTE !

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

8.º ANO — LISBOA, ABRIL DE 1947 — N.º 4

Redactor: **Ramos Pereira** | Director e Editor: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

PROPAGANDA

O dia 28 de Março último, marcou notável efeméride nos fastos do Espiritismo português. O mundo profano foi agitado pela conferência de Ramos Pereira no Teatro do Ginásio, onde acorreu público selecto ansioso de ouvir um orador moderno que se dispunha a falar de doutrina criticada e achincalhada por indivíduos de má fé e por ignorantes que atacam sem compreender.

O Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos continua assim o seu programa de trabalho, no desejo de levar a palavra espirita aos redutos profanos e demonstrar ali as excelências da filosofia codificada por Kardec e transmitida pelos espíritos aos homens de boa vontade.

Efectivamente, os que ouviram o nosso redactor puderam verificar o equilíbrio e a harmonia perfeita dos postulados que derivam das experiências feitas pelos sábios e dos factos que se exercem espontâneamente em todas as latitudes. O Espiritismo evolucionista e dialético que defendemos e propugnamos não teme críticas de qualquer espécie, antes as deseja, para que não fique dúvida na inteligência dos estudiosos e pesquisadores.

Lamentamos que a grande imprensa viva mais para fins utilitários do que para orientar e educar o grande público. Não regateando espaço aos «casos do dia» e descendo a minúcias imperdoáveis, em coisas que melhor fora calar, comete delitos de lesa-sociedade. Elevar-se-ia mais no conceito publico, se pautasse as acções por outros códigos de moral e não olhasse tanto à mercancia.

A conspiração do silêncio que os diários lisbonenses fizeram à conferência de Ramos Pereira, não nos trouxe a mínima novidade. Já contávamos com ela. Mas a cabeça do prego há-de ser batida. A coisa há-de ser apregoada e ouvida. Prosseguiremos na tarefa, por enquanto inglória e difícil, de apregoar no meio profano e materialista a existência de verdades que é necessário conhecer, para bem de todos.

«Estudos Psíquicos» continuará a lembrar aos leitores que sem união não haverá triunfos duradouros. Quem tiver na alma aquela chama de fé que tudo vence, sejam quais forem os obstáculos, venha conosco. Junte a sua à nossa fé e não desanime, que o alto vela.

Quanto mais árduo é o trabalho, maior é o galardão. Além disso, lembremo-nos de que tudo o que fizermos para nós será, quando, no futuro, voltarmos à terra e usufruirmos o resultado da nossa sementeira de hoje.

Mãos à obra, pois, insensíveis a conspirações de silêncio e a motejos e vitupérios. Acima de tudo está a propaganda viva das nossas ideias.

O Espiritismo marcha imperturbàvelmente, escudado em factos que dia a dia surgem para edificação de incrédulos e efectivação de realidades intangíveis. Não percamos tempo em frioleiras, que a hora é de acção eficaz e decisiva.

Unam-se os adeptos do mesmo credo e enfrentem a onda materialista que ameaça inundar os campos e destruir as sementeiras.

Às ideias dissolventes oponhamos a propaganda que exalte o reinado do espírito e o significado humanista da Doutrina. Ao desvirtuamento e ao ataque oponhamos serenidade, calma, labor intenso e firmeza indomável. Só assim firmaremos a nossa posição no reduto mental que escolhemos.

Estamos certos de que as conferências de Ramos Pereira terão sequência lógica. Ele impôs-se em 28 de Março como orador espirita. Não pode voltar atrás. O caminho é em frente, para dignificação do homem e maior glória do Espiritismo.

Qf/47

RETALHOS

pelo Coronel Faure da Rosa

UMA PROVA DA SOBREVIVÊNCIA

(Extracto da narração feita pelo pai do protogonista)

No princípio do ano de 1933, o filho mais novo do farmacêutico M. J., de 18 anos de idade, dava entrada numa Clínica para ser operado. A operação a que ia ser submetido é, geralmente, considerada de pouca importância.

Por fatalidade, surgiu uma complicação inesperada e quarenta dias após a operação o rapaz falecia.

Na manhã do próprio dia da sua morte, teve uma síncope cuja gravidade foi julgada fatal. O médico deu-lhe uma injecção inter-venosa de soro hipertínico. Imediatamente à picada, o rapaz endireitou-se e exclamou :

«Sinto que a vida me entra nas veias ! Como me sinto bem !». Depois, fixando os olhos na sua frente, como em êxtase: «Estou a ver o meu amigo João, rapaz que é um verdadeiro *boy-scout*. Deu a vida para salvar um companheiro de morrer queimado». Então, com grande surpreza dos assistentes, cantou, com voz retumbante, o conhecido canto dos *Scouts*: «O adeus à Vida... o regresso a casa...».

Explica-se, para a boa compreensão deste caso, que, em 1932, um amigo do moribundo chamado João, fora vítima da sua dedicação por ter querido salvar um companheiro de morrer queimado no incêndio de um automóvel em que pereceram todos os ocupantes.

Terminado o canto, o rapaz adormeceu. Decorrido um quarto de hora, aproximadamente, acordou. O pai aproximou-se do filho e notou que ele o encarava com um ar estranho, como nunca o fizera: o olhar do rapaz tornara-se duro, quase ameaçador, ao mesmo tempo que pronunciava as seguintes palavras num tom sarcástico: «Ah ! m... ! (inicial da célebre resposta de Cambrone aos ingleses) Chamaram-me aqui para que eu faça reviver um morto !».

E descobrindo as pernas emagrecidas onde os vestígios das injecções eram bem visíveis, exclamou, dirigindo-se ao pai: «Não tens vergonha, tu, farmacêutico, de dares tão pouco algodão para cobrir as picadas ?... És um sovina !».

O pai e a mãe olharam-se aterrados: não podia ser o seu filho quem assim falava.

— Mas... quem és tu ? — perguntou o pai.

— Eu !... Um diabo e dos piores.

— Teu nome ?

— Vocês zombaram de X... e desprezaram o reconhecimento que ele vos manifestara !... Sou o sargento Y... Ponham essas pessoas lá fora !».

(O farmacêutico declara não estar autorizado a mencionar os nomes de X... e Y... Este último fora sargento miliciano).

Efectivamente, o farmacêutico conhecera X... em 1908, mas nesse mesmo ano cortara as relações com ele. Quanto a Y... fora seu visinho e X... também o conhecera.

Ambos tinham morrido há alguns anos.

Ora, o filho do farmacêutico nascera em 1915, sete anos depois da época em que o farmacêutico tivera relações com X... e Y... Não podia, portanto, o filho tê-los conhecido e jamais ouvira falar deles.

O farmacêutico considera este fenómeno uma prova formidável da sobrevivência, embora o Dr. Osty o pretenda incluir na lista dos «delirios de moribundo».

A SUGESTÃO DURANTE O SONO NATURAL E A IDEIA

O sono natural é especialmente apropriado para receber sugestões. Só excepcionalmente o sono ordinário não se transformará em hipnótico.

Segundo o magnetizador Octave Pelletier, deve o experimentador aproximar-se do dorminte com precaução e, depois de se certificar da profundeza do sono, aplicar-lhe alguns passes desde a cabeça até ao

peito. Em seguida, com calma e a meia voz, de modo que as ondas sonoras não acordem o dorminte, dizer-lhe — de preferência perto do peito — que ele dorme profundamente, que o sono dele é cada vez mais profundo, que não pode acordar, mas que ouve distintamente.

Se o dorminte não responder afirmativamente em acto contínuo, é preciso repetir a sugestão, evitando sempre pronunciar o o nome do dorminte, o que, a dar-se, poderia acordá-lo bruscamente.

Logo que o dorminte responda com um «sim» ou um simples movimento de lábios, a «relação psíquica» está estabelecida.

Para acordar o dominte, assim hipnotizado, fazem-se-lhe passes transversais, chama-se pelo seu nome — com energia, quando necessário — ordena-se-lhe que acorde e, em último caso, faz-se-lhe passar pelos olhos sopros frios.

Nada pode destruir ou deter uma ideia senão outra ideia de intensidade igual ou maior e, ainda assim, é preciso que essoutra ideia penetre nas mesmas profundezas.

Esta luta de ideias é a própria vida. Talvez em todos os seres — mas com certeza no homem — toda a acção seja precedida de uma ideia mais ou menos iluminada pela luz da consciência normal. A ideia governa o mundo; ou melhor, a ideia é talvez o próprio mundo.

A ideia é a manifestação de uma alma. Em toda a parte onde haja consciência existe um Ego já elevado na escala da evolução.

A característica do Ego é a unidade, unidade que o homem sente dentro de si a despeito das infantis concepções que lha representam como ilusão. A alma, una, utilizando as diferentes forças da natureza para criar ou reparar o organismo, deve, pois, ser distinta dessas forças numerosas e variadas.

Estas considerações permitem compreender a sugestão e defini-la. A sugestão é uma ideia que, no momento de entrar na consciência normal, aí não encontrou — seja por que razão for — nenhuma outra ideia que a pudesse destruir antes dela mergulhar na subconsciência onde vai agir e, quando necessário, destruir outras ideias contrárias que lá encontrar. Da mesma maneira, a auto-sugestão é uma ideia nossa que nós soubemos manter contra a destruição até o momento em que ela penetrou na subconsciência.

A COSTUMADA MALEVOLÊNCIA

O Dr. Surbled deu-se ao trabalho, há cerca de quarenta anos, de publicar um livro em que atribuia a origem do Espiritismo a manhas do Diabo, precisamente como já tinham feito vários prelados do catolicismo e ainda hoje continuam fazendo seus sucessores e outros servidores.

O Dr. Surbled, não obstante estar convencido de que o materialismo entrara em agonia, denunciava aqueles que se tinham salvado de tal agonia.

Os materialistas, à semelhança do seu patrono (o diabo), ter-se-iam feito *eremitas* para mais fàcilmente fisgarem os incautos. Era, portanto, sob essa forma hipócrita e mentirosa que o materialismo renovava os seus ataques a Deus.

Nada teríamos com as objurgatórias do doutor aos materialistas se os seus doestos não se estendessem aos metapsiquistas e espiritistas. Terminava assim o primeiro capítulo da sua obra: «Denunciámos o perigo: os chefes que procedam». Em 1903 um respondeu à chamada: Guilherme II, imperador da Alemanha.

Este monarca mandou prender Ana Bothe, médium nessa época muito falada na Alemanha, embora para efectuarem a prisão tivessem violado o seu domicílio, o que, em todos os tempos, sempre foi moeda corrente de todos os despotas.

E como já não havia a *Santa Inquisição* que tudo purificava com as não menos *santas* fogueiras, a médium foi encerrada num hospital de doidos.

Pelos fins de 1932, o Reverendo P.e Barbado deu para baixo, a fartar, na metapsíquica que o Reverendo qualificava de «pseudo-ciência» e de «usurpadora, a qual, à semelhança daqueles que têm conta com a justiça, tomam diferentes nomes, se introduzem em terreno proibido e violam os direitos imprescritiveis da ciência psicológica». Guilherme II mandou violar o domicílio da médium Ana Both e fê-la encarcerar num hospital de doidos, mas os metapsiquistas e espiritistas é que são violadores. A lógica destes puritanos !

O Reverendo Barbado navegava nas águas do Dr. Surbled, se bem que não nos tenha acamaradado com o diabo.

Os escritores católicos sucedem-se, mas, felizmente, nem todos se assemelham.

Nos principios de 1933, o católico praticante Louis Elbé, no seu livro «Os Pos-

ESQUISOFRENIA E OBSESSÃO

por Leopoldo Machado

Esquisofrenia é criação modernissima da ciência materialista que abrange uma série sem fim de distúrbios psíquicos. Substitui largamente a *histeria* que, parece, vai saindo de moda. Pudera! Histeria é um termo que anda nos lábios de toda a gente! — embora a medicina materialista não saiba o que ela é. E bem não fica ao cientismo materialista, pretencioso e impreciso, que sua tecnologia caia no conhecimento do povo! *Esquisofrenia*, não! É termo novinho em folha a cuja acção se empresta, ademais, bem maior amplitude!

Que é ela? Quem o sabe? «Um distúrbio nervoso de caracteres ainda imprecisos», dizem alguns sábios matèrialistas. «A soma de distúrbios de várias espécies», afirmam outros.

Sabe-se ao certo que se trata de um nome bonito e empolado, que o Dr. Wolf criou para a *demência precoce*, que é, por sua vez, um mal ainda por precisar definitivamente, dentro da psiquiatria. É «o grande problema da psiquiatria moderna», para o dr. Kraepelin, o criador da *demência precoce*. E também para o dr. Wolf, que foi buscar *esquisofrenia* ao grego antigo! E também para o dr. Breuler, que deu curso ao termo empolado feito sinónimo de *demência precoce*, não faz ainda trinta anos!

A natureza de seus sintomas? Quem a sabe? Para uns, de origem puramente material! É molestia fisiógena, o que vale dizer: de fundo orgânico, que pode resultar de agentes tóxicos, para o sr. Breuler. Mas dispõe de sintomas secundários, de origem psíquica, como *alucinação, ideias confusas e delirantes, psicoses maniaco-depressivas, manias*. Os tratados de medicina e os tratadistas enfeitam seus sintomas de coisas ainda mais complicadas e difíceis. Hermann Bouman descobre-lhe certa «degeneração parenquimatosa primitiva de *cortex*, degeneração gordurosa e esclerose das células cerebrais», etc. Chastin classifica-a de loucura discordante, compreendendo a demência precoce de Kraepelin e outros grupos provisórios de moléstias. Kretschemer vai buscar à hereditariedade e ao temperamento psíquico suas origens... Para Eugénio Breuler, o grande psiquiatra de Zurich, não ha *esquisofrenia, mas esquisofrénicos e esquisofrenias*. E, psicopatològicamente entra a corrigir Kraepelin, Kahlbam. Haecker, Morel, no sentido de firmar sua *doutrina esquisofrénica*. O Dr. Klaude diverge da ciência de seus ilustres colegas, emprestando dois aspecto à questão: o aspecto nitidamente orgânico, segundo o conceito de Kraepelin e Morel, e o aspecto essencialmente psíquico. Dualiza, assim, a moléstia, ajustando ao aspecto psíquico uma série de nomes bonitos e modernissimos; *esquisoses, esquisoidia, esquisomania*, até chegar-se à *esquisofrenia*. Não há-de ser por falta de baptismo a nomes gregos e empolados que a doença deixará de ser conhecida! Pode faltar-lhe, como lhe está faltando, o conhecimento científico, mas onomatias é que não! O Dr. Henrique Roxo, embora ache que não «há certeza em relação à sua interpretação patológica», entende, psicanaliticamente, que há relação bem estreita entre a sexualidade e a esquisofrenia! Não se pode conhecer, é claro, psicanálise sem sexualidade! O Dr. Austregésilo entra no assunto, e nem podia deixar de fazê-lo, criando as *catafrenias*, que são por assim dizer, fases da *esquisofrenia*. Um grande psiquiatra norte-americano, o sr. Harry Sullivan, classifica-a como «distúrbio do espírito», a que dá o nome de *rachadura da alma*...

Mais definições que aqui ajustássemos, daria no mesmo: a esquisofrenia ficaria ainda por definir cientificamente. E se ainda não é conhecida por sumidades médicas, não pode ser, consequentemente, curada. É tão verdade, que sua cura é outro problema, que o Dr. Sullivan não encontra recursos para debelá-la na cultura médica ocidental, ainda em sua fase juvenil, Que o Dr. Henrique Roxo diz não haver nenhuma certeza em relação à segurança de uma boa terapêutica» a aplicar-lhe. Que o Dr. Heitor

---

tulados Espiritualistas Ante a Ciência Moderna» cobre de flores a metapsíquica, essa «infame pária», essa «abominável desolação», como a qualificavam os detractores, religiosos fanáticos.

Coisa curiosa: tanto um como o outro — o que a acusa e o que a defende — o que os preocupa não é a verdade dos factos, aquela «nudez forte da verdade», mas simplemente a verdade *católica*.

Um — o primeiro — vendo na metapsíquica um perigo iminente para os ensinamentos dogmáticos da Igreja Romana, procurou desacreditar, de modo definitivo, a investigação metapsíquica — empreendimento um tanto quimérico, porque os factos têm uma força que desafia todas as argúcias.

O outro, julgando descobrir na metapsíquiça a possível confirmação de certos ensinamentos da Igreja, testemunha à disciplina dos investigadores metapsíquicos um respeito lisongeiro.

Peres afirma ser «ela verdadeira calamidade social, o grande Moloch a desafiar e a desapontar os estudiosos da psiquiatria». Que existe desde Junho de 1927 um prémio de um milhão de francos instituido em França pelo sr. Maurice de Pleury, para quem lhe descobrir a cura radical. Prémio que pode ser dividido, para maiores facilidades, em cinco partes iguais, a ser entregue anualmente...

Assim, *a esquisofrenia* é uma doença desconhecida tanto nas suas origens, como na sua terapêutica. Contudo, médicos de fama procuram combatê-la a xaropadas materiais. O dr. Roxo, que afirma ser desconhecida, ainda, uma terapêutica eficiente para ela, aplica, entretanto, diz que favorecidamente, em *esquisofrénicos*, lúpulo, alface, mulungú, iodo e cálcio, em diferentes receituários e dosagens. Na Alemanha, procura-se curá-la, obrigando os doentes a trabalhar.

A medicina moderna, materialista e imprecisa, não sabe, numa palavra, o que é a *esquisofrenia*. Entretanto, há sábios dela que levam à conta de *fenómenos esquisofrénicos* os fenómenos mediúnicos que lhes são ainda mais desconhecidos! Nem dispõem, tampouco, de recursos para combatê-la e curá-la! É o que diz, claramente, o dr. Henry Sullivan, através de recente mensagem de desespero que lançou ao mundo. Diz, na mensagem, que a *esquisofrenia* é a loucura da época, a retratar a grave desordem mental de uma era. Suas vítimas são para figurar «entre os loucos mais perigosos», diz o psiquiatra da *Psichiatric Foundation*. E não encontra ele, na Terra, manicómios que os comportem a todos!

Pois se a Terra é, toda ela, a julgar pelos factos, um vasto manicómio estando segregado da sociedade, apenas, como já se tem dito, o estado maior da loucura! Ninguém poderá, a rigor e com lógica, negar razão ao psiquiatra norte-americano, èm face dos sintomas generalizados de loucura colectiva, observados por toda a parte e em toda a gente, caracterizando, como diria Mantegazza, a nossa era, como o *século esquisofrénico!* E a guerra, que, embora no princípio, já dominou 3/5 da população e, podemos dizê-lo, da litosfera, aí está, abonando tais sintomas! São as *lutas de box*, como a última, nos Estados Unidos, que com o nome de *arte nobre*, atraiu perto de cem mil almas a vibrar de interesse por dois homens que se esmurram, até um cair vencido e exangue, que atestam a loucura da Terra! São essas *turras futebolescas*, a sacudir clero, governo e povo, imprensa e rádio, alterando o ritmo da Vida, de tudo e de todos, que confirmam o *estado esquisofrénico* do mundo! É o nosso povo, no mais quente mês do ano, entregue a pinotes, na rua, brincando ao Carnaval, que dá razão ao Dr. Sullivan! É o interesse quase vital, que se põe, através do Cinema, da imprensa e da Rádio — as três maiores forças de propaganda da época — é o interesse que se põe sómente no que é fútil, trivial e frívolo, que caracteriza *os distúrbios esquisofrénicos*, aí dominando tudo e todos!

Um cientista inglês precisou há coisa de cinco anos a data exactíssima para que toda a humanidade esteja louca, louquíssima! Será no ano de 2.139, por seus cálculos científicos!

Diante da mensagem do sr. Sullivan e pela maneira como vão as coisas, não cremos que o mundo chegue tão longe, com o juizinho no lugar!

Há no livro da Sabedoria e da Vida — o Evangelho — uma passagem que pode explicar o *estado esquisofrénico* do século. É a que se encontra em Mat. XII, 43 a 46, a esclarecer que, quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos, sem encontrar repouso. Volta, novamente, ao ponto de onde saiu, e achando-o desocupado, varrido e adornado, leva consigo outros sete espíritos piores do que ele...

A Terra, planeta atrasado, tem sido quase sómente morada de espíritos imundos. Espíritos que, na carne, promoveram as guerras religiosas, as Cruzadas, a Inquisição, o despotismo real e religioso, a escravidão humana e quejandos... Saindo da Terra, a ela ficaram ligados por sua inferioridade, continuando a Terra sob sua influência espiritual. Voltam, pois, à Terra, ou reencarnados ou em espírito, por não encontrarem repouso em outros planetas, encontrando-a ainda desocupada de bons sentimentos e da perfeita doutrina do Cristo, e mais varrida e mais adornada, por obra e graça da civilização que aí está. Trazendo cada um desses espíritos mais sete consigo, bem podem formar falanges de forças invisíveis, que estejam, neste período de transição, esquisofrenizando a Terra...

Enquanto a medicina materialista e a ciência oficial não se curarem de seu preconceito e da catarata do exclusivismo e da ignorância que as cega, para perscrutar o mundo invisível, estudando-o, a fim de entrar, cientificamente, em contacto com ele, elas, a medicina e a ciência, ao invés de saberem crismar doenças novas, com denominações campanudas e, consequentemente, curá-las, serão factores — isto sim! — da sua própria disseminação, infelicitando, cada vez mais, o mundo e a humanidade!

Pensamos que já é tempo da ciência meditar, cientificamnte, nestes conceitos experimentais do Dr. Webster: «Muitos insanos há tido por loucos incuráveis que, no enanto, apenas se acham subjugados pela acção opressora de espíritos ou falanges de espíritos». E mais, nestes, do Dr. William James, ambos da *Assistência Médica Norte Americana:* «Torna-se cada vez mais evidente que a obsessão é a causa determinante de muitos casos de loucura e que estes se podem curar. A atenção médica terá de se voltar para tais problemas, ou a matéria médica perderá o domínio do assunto».

Esquisofrenias e esquisofrénicos?

Em 99 % dos casos, talvez, pura obsessão e obsidiados!

Uma Conferência Notável

RAMOS PEREIRA no Teatro do Ginásio

Como fora anunciado nos jornais de grande circulação e nas páginas desta revista, o nosso companheiro Ramos Pereira subiu no dia 28 de Março último ao «Teatro do Ginásio», onde realizou a sua conferência, intitulada «Será o Espiritismo Uma Realidade?» e que, já agora, ficará ligada aos fastos espiritas portugueses, como verdadeira afirmação de fé e acontecimento que teria enorme repercussão, se não fosse a conspiração do silêncio da grande imprensa, subordinada a interesses de seita.

Para fazerem ideia do preconceito a que alguns jornais obedecem, basta saber que o «Diário de Lisboa» e a «República» devolveram os bilhetes de convite que lhes oferecêramos, naturalmente por a conferência de Ramos Pereira bulir com os sentimentos católicos do primeiro e o «sólido» materialismo do segundo.

Uma conferência espirita no «Teatro do Ginásio» era qualquer coisa de arrojado, de petulante, iamos a dizer temerário; e os jornais profanos, que fingem advogar os interesses do grande público, mas que advogam os seus próprios interesses, tinham três caminhos a seguir: ir à conferência por mera curiosidade e criticar violentamente, se o orador não correspondesse ao que dele se esperava; ir e escrever três linhas anódinas, como quem alija fardo pesado e incómodo; e, finalmente, recusar o bilhete, como fez o «Diário de Lisboa», que, não obstante, arrecadou os escudos do anúncio que inseriu na segunda página, sem temer o contágio da «peste roxa» do Espiritismo.

A pesar disso, a conferência realizou-se perante numerosa e selecta assistência, na qual havia lentes catedráticos, médicos, advogados, engenheiros e escritores de nomeada, os quais ouviram religiosamente o nosso redactor, que falou durante perto de hora e meia, sem hesitações nem tibiezas, enquanto dois taquígrafos captavam a sua palavra equilibrada e fluente cheia de nobreza e propriedade e onde, por vezes, havia lampejos de profecia.

RAMOS PEREIRA

Redactor de *Estudos Psíquicos* que acaba de revelar-se como conferencista

Ramos Pereira esteve à altura dos seus méritos. Apresentou o Espiritismo como ciência, filosofia e moral, sem facciosismos nem paixões, obedecendo apenas ao fim preposto: expor imparcialmente uma doutrina, para que o público visse onde estavam «os seus tão apregoados malefícios».

Não precisou de ler o arrazoado, como faz a maior parte dos conferentes. Entrou no assunto consciente da missão que desempenhava e enfrentou a assistência com dignidade muito notável e verdadeira elegância mental.

Poucas vezes temos assistido a conferências onde a atenção dos ouvintes tanto se concentrasse nas palavras de um orador, como na conferência de Ramos Pereira. O público estava galvanizado e disposto a ouvir o que fosse dito, sem olhar ao tempo.

Tudo foi admirável, quer no rigor da forma, quer na precisão do conceito; e quando Ramos Pereira declarou que a religião do espiritista não contende com qualquer outra, que não critica nenhuma e que as abraça a todas, visto que defendemos o princípio do amor cristão, correu pela assistência uma onda de simpatia, logo reflectida na doutrina que ali se expunha, com amor e proficiência.

Quando terminou, uma estrondosa ovação coroou as suas palavras.

Ramos Pereira foi muito felicitado.

///

Uma nota que demonstra a seriedade e elevação do seu trabalho reside no facto de um conhecido catedratico da Faculdade de Medicina o ter cumprimentado pela bela conferência realizada, acrescentando que tinha o maior prazer em lhe manifestar o seu agrado.

De outras pessoas ouvimos também referências semelhantes. Um grande escritor que se encontrava na primeira fila, exclamou:

— Foi simplesmente admirável!

O comandante A. de S. disse entusiasmado:

— Não deixou nada a desejar. A elevação, a correcção e o método impuseram-se decisivamente, aliados à facilidade de expressão clara e fluente. É um verdadeiro orador moderno.

Houve espectadores que lhe bebiam as palavras, tal o interesse com que o ouviam.

///

Foi, enfim, uma jornada triunfal, prólogo de jornadas maiores a realizar por Ramos Pereira, cavaleiro andante do Espiritismo, de alma simples e inteligência penetrante.

Os «conspiradores do silêncio» devem ter pasmado ante o quadro que se lhes apresentou. Em vez de objurgatórias, ouviram palavras serenas; em vez de ataques incongruentes, ouviram incitamentos à bondade e à caridade; em vez de afirmações sem base, ouviram argumentos indestrutíveis.

O Espiritismo refulgiu na palavra fácil do nosso querido companheiro de trabalho, que soube instruir e deleitar sem abusar do auditório e afirmar a sua convicção espírita à base de factos e raciocínios que modificaram a trajectória de muitos pensadores e homens de laboratório.

É pena que muitos espiritas se tenham desinteressado deste acontecimento. Acorrendo em massa ao «Ginásio», dariam boa nota de solidariedade e encorajariam os promotores da conferência.

Alguns que o podiam e deviam fazer, desinteressaram-se, mau grado a necessidade de unir fileiras no pandemónio da sociedade actual. Assumiram grande responsabilidade para com a Doutrina.

///

A conferência de Ramos Pereira será publicada na íntegra, para que a possam ler e meditar muitos que não foram ao «Ginásio». Ou nesta revista ou em folheto, será publicada.

E desde já anunciamos que, embora as despesas tenham sido grandes e incomportáveis para uma revista como a nossa, outras conferências se realizarão naquele ou noutros teatros de Lisboa e província, se a Caixa de Propaganda recolher donativos de subscritores. Tudo depende do entusiasmo e boa vontade de quem deseje que a Doutrina se propague no mundo profano.

Sabemos que os plutócratas da finança não cuidam de coisas mínimas, como o pretor da lenda; mas a bola de neve rolará hoje, amanhã e sempre, até se transformar em alude que empolgue os obstinados e desperte os indiferentes.

A minúscula semente será roble gigantesco; e talvez que o magnate olímpico venha a necessitar da verdade espírita, quando sentir o fim próximo ou algum ente muito querido lhe desapareça para sempre do cenário terreno.

Temos visto árvores gigantescas abaterem, sujeitas à cólera do raio... E os maiores adversários do Espiritismo serão amanhã seus adeptos fervorosos...

///

Á Empresa do Ginásio agradecemos as facilidades que nos concedeu na realização deste programa e as palavras que nos dirigiu, declarando ficar à nossa disposição para futuras conferências.

Uns riem e se opõem jesuiticamente; outros nos combatem por todos os meios ao seu alcance... Outros há, porém, que desprezam o preconceito e seguem as regras do bom senso. Esses estão conosco e não deixarão morrer uma obra que muitos apedrejam da sombra, enquanto «a caravana passa» indiferente ao motejo e ao sarcasmo dos ignorantes.

UM CASO ORIGINAL

(O que vai ler-se foi publicado em 1 de Junho de 1934 na Alvorada de Uma Nova Era, *de S. Paulo. Referimo-nos a este espantoso fnómeno de obsessão no* Mensageiro Esprita *(n.os 55 e 56 de Janeiro a Abril de 1938) e transcrevemo-lo agora, a pedido de um leitor .Esclarecemos que o autor da narrativa é António J. Trindade, fundador daquela revista e grande benemérito do Espiritismo).*

Tínhamos, então, a nossa tenda de trabalho na Rua Teresa Guimarães, Botafogo, Rio de Janeiro.

Uma noite, o nosso amigo Cincinato do Nascimento, irmão de grande operador no Rio de Janeiro, levou-nos um moço que apresentava mais ou menos trinta anos, de boa apresentação, falando admiràvelmente, filho, como ele, do longínquo Estado de Sergipe e que, segundo o seu modo de ver, sofria de um mal que só nós poderíamos curar.

Escutando o que nos disse o amigo apresentado, e, bem assim, pelo que víamos à sua volta, verificámos logo tratar-se de uma obsessão, que prometemos curar. E nessa mesma noite fizemos o que pudemos por ele.

Pedimos-lhe que voltasse num dia determinado e aconselhámo-lo a que viesse assistir às sessões, o que ele passou a fazer com intervalos, pois que os seus obsessores arranjavam qualquer pretexto para tal evitar, dentre os quais, a própria falta de dinheiro até para tomar o bonde que o levasse à nossa casa.

Mas uma noite, quando ele estava a assistir aos trabalhos, um espírito que tinha animado na terra um corpo de mulher, manifesta-se, acusando-o de traidor, covarde, perjuro e outros epítetos de igual jaez.

A assistência seguia, atentamente, a comunicação, enquanto ele permanecia abatido com os ataques de que era alvo.

Inquirindo, do espírito, a causa por que assim o perseguia e acusava, desenrolou um rosário de acusações, assim como tudo quanto, até então, tinha feito para se vingar dele e, principalmente, para que, não tendo mais sossego, o remorso o levasse para o seu lado, onde, então, se ligariam por toda a eternidade, dês que na terra não o pudera fazer.

Pedindo pormenores ao espírito, este começou:

Que, uns três anos antes, tinham sido noivos.

Que ele era, então, empregado no Ministério da Agricultura, onde ganhava bom ordenado e onde um belo futuro o aguardava.

Que o dia do seu casamento já estava marcado, a casa ricamente montada, tudo pronto, enfim, para o enlace, que era todo o seu anelo.

Mas que, certo dia, ela apanhara uma carga de água e que, não ligando importância ao caso, dias depois lhe aparecera uma tossezinha que, a pouco e pouco, se tornou mais pertinaz, terminando por jungir-lhe a garganta, como tenaz de aço.

Que, recorrendo aos médicos, estes lhe disseram não ser nada, que era um simples resfriamento, que tomasse uma panaceia qualquer que indicaram e que, a final de contas, lhe não fizera bem algum.

Que o mal assentara arraiais em sua casa, todos abraçando em profunda tristeza, da qual, ele, o perjuro ali presente, mostrava ser um dos que mais sofria.

Mas que, por mais que os médicos fizessem, a parca a tudo resistiu e, em poucos meses, ela perdia a vida terrena, para ir viver a vida espiritual.

Que, durante a sua doença, ele se mostrava de tal forma compungido, que jurou, à hora da morte dela, que nunca mais se casaria.

Mas que, pouco depois, quebrava, vergonhosamente, o juramento feito, casando-se na terra do seu nascimento.

Mas, que se casara, era uma conversa ! Senão, que o dissesse ele, se, de facto, tinha casado com a mulher que tinha o seu nome.

Que, é certo, ele ficara tão abatido com a sua morte, que abandonara o próprio emprego, mas tudo isso ele, espírito, agora compreendia feito pela acção que, inconscientemente, exercia sobre ele.

Que, caindo, de degrau em degrau, fora vendendo tudo o que possuia, até ficar reduzido à miséria.

Que, até então, ela, ali presente, ignorava o mal que fazia.

Mas que um dia viu que ele recebia uma carta de sua família, na qual se lhe pedia, pelo amor que a todos tinha em casa, que tomasse o primeiro vapor e seguisse para Sergipe, pois a môça a quem ele tinha prometido

casamento na mocidade, continuava à sua espera.

Que, se precisasse de dinheiro, que telefonasse, pois lhe seria enviado na volta do correio.

Que tal carta — ela podia, agora, ver tudo isso, nitidamente, no mapa que se lhe desenrolava na frente — o deixara por vários dias em profunda meditação, pois que, de um lado estava o juramento feito a ela na hora da morte, e do outro a situação aflitiva em que se encontrava, sem conseguir, por vezes, um tostão com que comprar um pão para matar a fome que, por certo, o levaria a extremos, se não fosse a amizade de Cincinato, ali presente, e outros.

Que passara muitos dias com algumas chícaras de café, que amigos lhe pagavam na cidade, pois que, muito orgulhoso, não só nada pedia a quem quer que fosse, como também a ninguém contava a sua verdadeira situação.

Que a própria família o taxava, por vezes, de ingrato, por não mandar uma lembrança, de longe em longe, para a família, pois ignoravam, completamente, o estado de penúria em que ele vivia.

Mas que, por fim, terminou por ceder ao instinto de conservação, depois que recebeu uma carta dum irmão que tinha na Baía.

E que foi nessa ocasião que ele, espírito ali comunicado, pôde conhecer o seu verdadeiro estado, o que o lançou num desespero atroz e o levou ao propósito de pregar uma peça, tirando-lhe a própria vida, se tanto fôsse necessário.

Que não era, pois, com pequeno ódio, que ela assistia a todos os preparativos de partida — uma infinidade de compras que a noiva e a própria família lhe haviam encomendado — fazendo-lhe tudo isto crescer a a raiva e o desejo de vingança.

Que, se, na terra, é difícil, por vezes, conseguir pessoas que nos queiram coadjuvar em empresas de tal coturno, no Espaço é a coisa mais fácil que se pode imaginar.

Que o desespero em que vivia envolta atraiu logo milhares doutras moças que, como ela, tinham sido esquecidas por aqueles a quem pertenceram na terra, ou lhes tinha sido feito juramento igual.

Que, dentro em breve, ela seria secundada por um verdadeiro exército de espíritos, mais ou menos nas suas condições, que, não só, como ela, diziam «Mata!», mas que logo acrescentavam: «Esfola!».

Que o dia da partida para o Norte foi, finalmente, marcado e que, com grande surpresa sua, ela via que ele não tinha a irradiar para ela um único pensamento, visto que agora só para a outra vivia e pensava.

Que, de comum acordo com o quartel general que se fundaram no Espaço, foi estabelecido um verdadeiro plano de ataque, que deu os melhores resultados.

Que a primeira coisa que fizeram foi atirar-se o primeiro batalhão sobre os mecânicos do vapor em que ele devia embarcar, turvando-lhes a vista e a razão, de forma que vissem negro onde fosse branco e branco onde fosse negro.

Que os resultados foram os melhores que se podiam esperar, pois que, mal passaram o Cabo Frio, o vapor ficou à matroca, durante quarenta e oito horas, já porque a hélice não funcionava, já porque havia qualquer coisa nas caldeiras que os oficiais de bordo não sabiam explicar e já porque fizeram com que se desencadeasse um grande temporal, que deu em resultado toda aquela demora.

E que, como o estimava, a pesar de tudo, e muito, procurava, por todos os meios ao seu alcance, fazer-lhe compreender que tudo aquilo era motivado pela acção má que ia praticar, quebrando o juramento que lhe fizera na hora da morte...

Que ele sentia, é certo, qualquer coisa de extraordinário, mas, infelizmente, não recebia, por completo, as mensagens que ela queria que ele compreendesse.

Que, por esse motivo, ele radiotelegrafou para o irmão na Baía, mas que eles, do Espaço, se encarregaram, também, de atrapalhar o juizo do radiotelegrafista, o que deu em resultado o radiotelegrama chegar ao destino no dia em que chegou o vapor.

Que, tendo telegrafado para a família, em Sergipe, pedindo que mandassem animais esperá-los à estação em que deviam desembarcar, voltou a telegrafar de novo, pedindo que fosse adiado o casamento por mais uns dias, mas que eles, do Espaço, se encarregaram de fazer com que tal telegrama também não chegasse ao seu destino, o que para eles é coisa facílima, lá nos cafundões em que morava a família dele, e com a morosidade com que tais serviços são feitos no Brasil.

Que, além disso, fizeram com que o comboio em que eles viajavam descarrilasse várias vezes, com o que atrasaram a viagem em mais um dia.

E que, tendo os emissários enviados a esperá-los com a condução esperado dois dias embalde e vendo que era chegado o dia marcado para o casamento, partiram novamente para casa, onde deram conta do sucedido, pois, pensaram eles, talvez o noivo, com o

padre, tivessem desembarcado noutra estação, que não naquela!

Como é natural, isto estoirou como uma bomba entre os convidados, e as duas famílias que iam unir-se faziam os mais acerbos comentários, em que o próprio padre era profundamente atacado.

E como soe acontecer no interior de um Estado como aquele em que os convidados vêm, por vezes, de dezenas de léguas de distância, a cavalo, só para tomar parte em tais uniões, em vista do sucedido, cada um se foi tomando o caminho de sua casa, na incerteza do que, na realidade, estava sucedendo.

E que, quando eles chegaram à estação e não encontraram a montaria, arranjaram outros animais que os conduzissem, chegando, finalmente, a casa, alguns dias depois do dia aprazado para o casamento.

Que foram recebidos com grande hostilidade e só não houve alguma coisa de maior, porque era acompanhado pela irmã do padre, e um padre é, ainda hoje, tudo para aquela pobre gente.

Que não foi sem dificuldade que a noiva se resolveu a aceitar o casamento, pois os pais a isso se opunham terminantemente, em virtude de nem ao menos o noivo ter mandado o telegrama, explicando o que se tinha passado.

Que foi em vão que ambos juraram que assim tinham procedido. Os outros não acreditavam.

E que foi só no dia imediato ao da chegada que vieram os telegramas, o que constituiu uma chuva providencial que apagou o fogo que devorava aqueles pobres corações.

Que foi marcado o casamento para o segundo dia após a chegada, para o que se mandaram prevenir os convidados de perto, pois que os de longe era inútil esperar que voltassem a fazer tal viagem e, sobretudo, chegarem a tempo.

Que o que fora o casamento e do que se passou depois, até à data presente, ela não se sentia com coragem de o dizer, visto estar sumamente envergonhada e arrependida do que fizera.

Que ele dissesse se tudo quanto ela tinha dito era verdade ou mentira e, bem assim, se quisesse, dissesse à assistência, ou a nós em particular, o que se passara na própria noite do casamento, nos dias imediatos e, bem assim, até então.

///

Como era de calcular, toda a assistência estava presa dos lábios do médium, duvidando uns que o espírito dissesse a verdade, enquanto outros estavam indignados com tal procedimento.

Entretanto, o espírito chorava e a todos pedia que não julgassem mal de si, que estava bem arrependido e fazia votos para que nenhum dos presentes jamais passasse por transes semelhantes.

A pessoa em questão, que se chamava J., confirmou *in totum*, tudo quanto o espírito disse e acrescentou que o que se passara na noite do casamento não tinha coragem de o dizer em público, mas o faria em nossa presença e na do amigo que ali o tinha conduzido.

Terminada a sessão e tendo-se ido embora o povo, recolhemos ao nosso gabinete e, ali, disse-nos, mais ou menos, o seguinte:

Em primeiro lugar, que tudo quanto o espírito afirmara tinha sido a expressão da verdade. Que várias vezes tomara a barca da Cantareira, com o firme propósito de se jogar ao mar, pois passara muitos dias sem ter um pedaço de pão para comer, embora seus pais fossem remediados, mas aos quais jamais quis mandar dizer a vida que estava passando. Que, finalmente resolvera partir para a terra e casar-se, mas que, na noite do casamento, depois da terminação das festas, ele se dirigiu para o quarto que lhe foi destinado, com sua esposa, pensando em torná-la a mais feliz das mulheres e ele, mesmo, iniciar vida nova, longe do bulício das grandes cidades, fazendo, em suma, vida patriarcal. Porém, que quando a sós com a esposa no quarto, se preparou para beijá-la, viu, com grande surpresa, que não era ela a criatura que tinha em sua presença, mas sim o espectro da *morta* que entre os dois se colocou, o que fez com que ele desferisse um grito de horror o recuasse aterrado...

A noiva, que aguardava esse momento com a ansiedade de toda a mulher, ao ver a atitude do marido, teve uma vertigem e só não caiu ao chão, porque ele, refeito do susto que o acompanhara, a amparou imediatamente, evitando, com esse gesto, consequência de maior.

Pegou nela, conduziu-a para a cama, e, quando recuperou plena lucidez de espírito, exigiu dele cabal explicação, que ele lhe não pôde dar, limitando-se a dizer que se se sentira muito mal, etc., etc.

Depois de prolongado amuo, a noiva deu-se por convencida, acreditando que tudo aquilo fora efeito do momento tão ansiosamente desejado pelos dois e de cuja realidade ambos duvidavam.

Prepararam-se, pois, para se deitar. Quando, porém, já estavam na cama e ele quis acariciá-la, foi a *morta* que entre os dois se meteu, de novo, o que fez com que ele desse um grito de horror e, pulando da cama, se vestisse de qualquer forma e saisse para o terraço, com destino incerto, vagueando toda a noite pelos campos, ao acaso, sem saber o que havia de fazer, visto que, já agora, compreendia que tinha errado: errado, quando prometeu à outra que não mais se casaria, e a esta, casando com ela, sem à outra, primeiro, ter pedido perdão.

Que, pela madrugada, voltara a casa, encontrando a noiva banhada em copioso pranto, pois ficara toda a noite em claro, sem saber que pensar do que se estava passando.

Que, chegando a casa, lhe pedira perdão pelo que tinha feito, que não sabia como explicar o que com ele estava sucedendo, mas não tendo coragem de contar a verdadeira causa.

Que dormira, depois, durante quase todo o dia, e que, à noite, a mesma cena da véspera se repetira. De cada vez que ele queria acariciar a noiva era a noiva *morta* que acariciava, dando em resultado não mais se deitar à noite, alegando insónias e saindo para o campo a passear — pelo que todos começaram a murmurar contra eles, fazendo os mais variados comentários, que, a final, nunca refletiam a verdade.

Depois, começou a circular que, se ele assim procedia, é porque alguma coisa tinha achado na noiva e que não queria confessar, e ele, como não podia contar a verdadeira causa, ia sofrendo, em silêncio, as torturas de um verdadeiro inferno, quando via que a criatura, a quem se ligara dias antes, era capaz de fazer alguma loucura.

///

A pesar de tudo, ninguém podia imaginar os momentos amargurados que ele passava em Sergipe. Só durante o dia podia estar à vontade com a esposa. Sentia qua alguma coisa extraordinária existia entre os dois, mas nada via de positivo.

E, para que pudéssemos fazer uma pálida ideia, dar-nos-ia alguns exemplos.

Que, na hora em que procurava acariciar a esposa, era a *outra* que lhe tomava o lugar e que ele procurava não ver, fechando, quanto possivel, os olhos.

Mas, de que valia tudo isso, se ele sabia, perfeitamente, que estreitava nos braços *uma morta*, que se materializava a tal ponto, que eram as formas, o olhar fascinador, aquela palavra quente cheia de amor, que a ingénua mulher com quem casara não tinha?

Se a esposa lhe pedia um beijo, ele ia dar-lho, mas, em vez daqueles lábios morenos, de carmim natural, eram aqueloutros lábios grossos, avivados a carmim que se queriam colar aos seus, para deles ficarem, eternamente, presos.

Não! Aquilo era demais!...

Como, de dia, tinha relativa trégua, porque nem sempre a sua credora podia materializar-se ao ponto de se tornar tangível, palpável, visível, enfim, ele ainda ia reparando o mal que fazia, não dormindo com a esposa, de noite.

E o zum-zum continuava a crescer de vulto, sem que a ninguém ele pudesse contar a verdadeira causa.

Até que um dia, vendo que a sua situação era, verdadeiramente, insustentável, abandonou a esposa e todos os seus; e, tomando a primeira condução que se lhe deparou, rumou para o Rio de Janeiro, onde, como *ela* muito bem tinha dito, nunca tivera um momento de sossego, pois agora, em vez de um remorso a fazê-lo sofrer, eram dois: um, pela *morta* e outro pela viva que, além do mais, tinha, agora, uma filhinha de dois anos, que era um verdadeiro encanto, como podíamos ver pela fotografia que nos mostrou.

Portanto, que fizéssemos por ele tudo quanto pudéssemos. Caso contrário, não sabia que mais fazer.

Fizemos-lhe ver que a sua vida ia agora mudar, completamente, visto que a causa de tal sofrimento, que era a *outra*, não mais se atravessaria em seu caminho, pois, como ele ouvira, ela acabara de se arrepender e, com ela, todos os que constituiam o batalhão de inimigos que tanto mal lhe tinham feito.

Portanto, que o que tinha a fazer era escrever à família, pedindo dinheiro para a passagem e preparar-se para se reunir aos seus.

Cincinato opinou, ainda, que era muito possível que, se ele procurasse certo político em evidência, talvez lhe fosse fácil conseguir um emprego federal no Estado de Sergipe, onde poderia encontrar a sua felicidade e a da família.

Durante vinte dias, J. nunca mais faltou a uma sessão e punha-nos sempre em dia com as diligências da pretensão indicada por Cincinato, a qual foi deferida.

E o nosso amigo lá conseguiu um emprego federal em sua terra, para onde partiu logo a seguir e onde, como é de crer, goza, hoje, as delícias que, então, lhe não era possível conhecer.

OS FACTOS ENTRE NÓS

UMA CURA DE AMNESIA

No Grupo Espirita «Amor do Redentor», deu-se há pouco uma cura admirável, realizada com auxílio da médium D. Maria Cecília Gorina, que ali trabalha e tem prestado os seus serviços ao Centro Espiritualista Luz e Amor.

O protagonista do caso esteve nesta redacção a narrar o fenómeno.

João Evangelista Aldeia é um belo rapaz de 20 anos, cheio de saude e boa disposição. É carpinteiro naval e natural de Cezimbra.

No dia 13 de Janeiro, às 19,30, saiu de casa na intenção de ir falar à namorada e subiu um caminho, a meio do qual se ergue um cruzeiro de pedra. Ao chegar ali, parou e sentou-se no pedestal do monumento. Teve uma síncope e não se lembra de mais nada.

Só sabe que na manhã seguinte acordou com arranhões na cara e nas mãos e todos em forma de cruz. Os das mãos pareciam ter sido feitos com alfinetes.

Contaram-lhe então que às 21,30 do dia antecedente o tinham visto cair e o levaram para casa. Isto passou-se em Cezimbra. Contaram-lhe também que haviam chamado o médico, o qual, depois de lhe dar uma injecção, declarou que no dia seguinte já estaria pronto a trabalhar.

Tal não sucedeu, porém. O João Evangelista perdera inteiramente a memória de si próprio e de tudo o que o cercava. Nem do seu nome se recordava. Apresentaram-lhe várias peças de ferramenta do seu ofício e certos rapazes conhecidos da terra; o pobre homem tudo esquecera, após o incidente do cruzeiro.

Para conhecer os rapazes era preciso que lhe repetissem os nomes; e, mesmo assim, tinha de fazer enorme esforço cerebral. O msmo sucedia, quanto às ferramentas.

No dia 15 de Janeiro levantou-se e dirigiu-se à lota, regressando a casa pelo mesmo caminho, com receio de se perder. Mas quando passava a cem metros do cruzeiro sentiu-se fortemente atraido para lá. Olhou e sentiu-se impelido para o monumento. E não pôde resistir, por mais esforços que fizesse. Teve que obedecer submissamente.

Quando ali chegou, sentiu grande dor de cabeça e tentou libertar-se daquela impressão. Inutil. Não conseguiu reagir satisfatòriamente.

Entrou em casa. Pouco depois, apareceu-lhe a noiva de quem recebeu uma lição de leitura. Ao fim de uma hora recuperou a lembrança e, — diz ele — «já sabia mais do que ela»...

A seguir, veio o médico, que o mandou ao sr. dr. Fernando Ilharco, da Policlínica Lisbonense, situada na Rua da Prata, em Lisboa. Este psiquiatra *achou o caso interessante* e receitou-lhe uns pós... que o doente não chegou a tomar.

Depois, visitou uma familia conhecida da namorada, que o levaram ao Grupo do Dr. Adelino Gamboa.

///

Apresentou-se de olhar extático. Ao ser-lhe perguntado o nome da sua terra, respondeu: *Setubal.* Tinha também esquecido o caminho de Cezimbra.

Tratado com passes magnéticos, sentiu afloramentos de memória. Ao segundo tratamento, lembrou-se de algumas coisas e conversou com o sr. Joaquim Nunes, presente à sessão e também carpinteiro naval de Cezimbra, que lhe fez certas perguntas a respeito de alguns rapazes do mesmo ofício, ao que ele respondeu:

— Ah! Não me lembrava disso!

Ao chegar a Cezimbra, de regresso do tratamento, começava a sentir perturbações, mas as melhoras acentuavam-se.

Ao quarto tratamento, foi-lhe dito que havia de recordar tudo, quando chegasse a casa. De facto, assim sucedeu.

Ao sexto tratamento, estava completamente normalizado da forte obsessão que o dominara.

///

Três dias antes do acontecimento, o Evangelista trabalhava, mas não podia concluir as obras. Sucedeu-lhe isto várias vezes. Tudo ficava em meio. Quinze ou vinte dias antes de cair prostrado aos pés do cruzeiro, pegou numa bicicleta, foi a Setubal sem saber porquê e voltou por Cezimbra. Ainda hoje ignora o objectivo da viagem. Além disso, fez o trajecto vertiginosamente, como um louco, a ponto de ter sido chamado à ordem.

O Evangelista não é nervoso, embora seja filho de pai cardíaco. Não é medroso. Todavia, quando passava próximo do Cruzeiro sentia-se arrastado para lá, como se alguém estivesse a atraí-lo...

Quando lhe perguntámos o que pensava de tudo aquilo, respondeu muito naturalmente:

— Estou convencido de que esta cura só pode ser atribuida aos tratamentos recebidos no Grupo do Dr. Gamboa. Eu nada sabia de Espiritismo e fui levado a tratar-me ali por indicações dum amigo que já lá tinha sido curado.

— E agora? — inquirimos.

— Agora, sou um adepto sincero desta bela dou-

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XV

— Vai-te, suja!... Vai-te, cadela leprosa!..., gritava-se.

— Não entrarás, maldita! Não entrarás!... Sai daqui, miserável, que comes e bebes com os pagãos e pecas com eles!...

E o tropel da luta e as imprecações ouviam-se já à porta do salão onde se banqueteavam.

— Não entrarás, maldita, não entrarás!...

Todos os convivas se olhavam, surpreendidos, e só o Senhor parecia alheado, absorvido, certamente orando.

— Eleazar! — disse Simão — vai saber quem nos perturba.

Mas, nesse mesmo instante, a porta abriu-se com estrondo e eis que aparece Maria Madalena, arquejante, com os vestidos em farrapos, os cabelos loiros em desordem, o rosto afogueado e coberto de lágrimas, apertando ao coração um vaso de alabastro.

Num impeto de assombro, todos os fariseus se levantaram, escandalisados, apontando à pecadora os braços duros como lanças, a expulsá-la; mas logo a mão de Jesus lhes paralisou os braços e as vozes, e de novo se sentaram, atónitos, a olhar o Nazareno.

Madalena avançou, então, curva, humilde e confiada, ajoelhando de chofre aos pés do Senhor, derramando sobre eles o bálsamo de nardo, e, após este esgotado, o seu rosto caiu sobre eles a soluçar.

— Pois este homem é profeta — exclamou Simão dirigindo-se aos discípulos — e não sabe que ela é a grande pecadora da cidade?

Judas não se conteve que não resmungasse para os companheiros — o dinheiro que se perdeu neste aroma precioso!...

Sùbitamente, a pecadora lembrou-se de que as suas lágrimas eram indignas de tocar o Mestre, e reunindo nas mãos as madeixas abundantes dos seus cabelos da cor do oiro, como se fossem esponja luminosa arrancada ao mar imenso da sua dor, começou com eles a enxugar-lhes os pés, soluçando sempre, sem ousar erguer o rosto para Jesus, que pousara suavemente a mão sobre a cabeça afogueada da arrependida.

— Pois tu és profeta — repetiu Simão — e desconheces esta mulher?

Sem retirar a mão carinhosa dos cabelos de Madalena, Jesus respondeu mansamente:

— Ouve, Simão. Um credor tinha dois devedores. Ao primeiro emprestou quinhentos dinheiros; ao segundo cincoenta, e como nenhum deles lhe pudesse pagar, perdoou a ambos. Dize-me: qual deles lhe deve querer mais?

— Julgaste bem, Simão.

E, pousando docemente os olhos sobre a pecadora:

— Vês esta mulher? Eu vim a tua casa e nem água me deste para lavar os pés; no entanto, ela não cessa de mos lavar com as suas lágrimas e de mos enxugar com os seus cabelos. Os teus lábios até da minha face se enojaram; ela porém não deixa de me oscular os pés. Também não tiveste uma gota de bálsamo perfumado para ungir os meus cabelos, mas ela inunda-me com nardo precioso, pelo que te digo que perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque muito amou: mas ao que menos se perdoa menos ama.

E numa voz repassada de suavidade, como os seus discípulos jamais lhe tinham ouvido, rematou:

— Mulher! Os teus pecados te são perdoados. Levanta-te e vai em paz, porque o teu amor te salvou.

E logo João, o discípulo da pureza, a quem Jesus segredou uma ordem, saiu com ela da sala.

— Mas quem é este que perdoa pecados?! — perguntavam os fariseus, olhando-se assombrados.

— Porventura é mais fácil ressuscitar os mortos, que perdoar pecados? — observou Jesus.

Mas porque é que tu só amas os escravos e os pecadores?

— É que Eu sou a liberdade e o remédio, e a liberdade é para os escravos, e o remédio para os doentes. Não vim ao mundo para

---

trina. Não tenho dúvidas. Foi ela que me valeu nesta terrivel emergência.

E João Evangelista Aldeia, sereno e calmo, apresentou-nos a noiva. Ambos sorriram cheios de confiança no futuro que os aguarda. Abril florido marcará o enlace dos namorados e a abertura de um novo lar abençoado pela alegria do trabalho honesto...

perdição dos pecadores, mas sim para os salvar. . Eu sou o bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas. E qual é o pastor que tendo cem ovelhas, se se perder uma, não deixará as noventa e nove para procurar aquela que se perdeu, até a encontrar e fazê-la novamente entrar para o seu redil?

E o Senhor saiu com seus discípulos, a caminho de Teberiades, para voltarem a Betania.

No silêncio das águas dormentes, como prata liquida, refulgindo com o reflexo da lua cheia, balouçava brandamente a barca de Jesus, tendo à proa o vulto lacrimoso de Madalena, envolvida num manto roxo.

João, com a água pelos joelhos, segurava na mão a amarra, pronto a soltá-la, porque o Mestre aparecera já à entrada da praia, no meio dos discípulos.

— Em verdade vos digo, meus amigos, — vinha Jesus dizendo — que pescámos hoje a melhor pérola.

E parou um instante no meio do areal, a olhar o vulto de Madalena que João guardava e o pequeno barco embalava como num berço.

— E bem fundo mergulhaste, Mestre, para a encontrar... — comentou Pedro. Uma pérola preciosa não se encontra à flor da água. Outras virão ainda, mas depois do pescador dar a vida por elas...

Madalena, muito excitada pela violência da sua luta interior, a tremer, mergulhava na água as mãos ardentes de febre.

O Senhor, tendo entrado na barca foi sentar-se a seu lado e a pecadora cobrindo o rosto com o seu manto, soluçava baixinho.

Uma aragem perfumada vinha agora do Libano, impelindo a barca, lago fora, a caminho do Jordão, e tão brando era o onular das águas que os discípulos fatigados pelas emoções daquele dia memorável, adormeceram docemente.

Suave como um bálsamo, o luar ungia as águas remançosas de um perfume místico que trazia das alturas.

— Maria!... murmurou Jesus.

Madalena soluçou mais alto.

— Maria! — repetiu Jesus — Também minha mãe tem o teu nome... Depois dela, és tu que me queres mais... Ela me agasalhou do frio, quando pobre nasci em Betlém. Tu me beijarás na morte, quando todos fugirem de mim...

Atraida e consolada, a pecadora prosternou-se, descansando as mãos e a fronte nos joelhos do Mestre.

— Senhor!... Meu Deus e meu Senhor!...

E seus lábios felizes não ousavam dizer mais.

— Vez estes que dormem, enquanto o vento nos conduz? — continuou o Senhor — São dentre os homens, os melhores que encntrei no mundo. E também eles me deixarão, e só tu ficarás comigo...

E a voz de Jesus fizera-se de uma doçura infinita...

Madalena fitava-o agora tranquilamente, e os seus olhos ainda rociados pelo pranto, eram como duas estrelas onde rutilassem as pupilas de um arcanjo! Longo tempo, enquanto a barca fendia as águas do lago de Teberiades, foi ela pensando numa palavra de amor, enquanto, de olhos perdidos no firmamento:

— Pai nosso que estais nos Ceus... Santificado seja o Teu nome... seja feita a tua vontade, assim na terra como nos Ceus...

E foi quando o Mestre terminou a sua oração de amor e saudade, que Madalena lhe disse:

Senhor! Para que me engradeceis?! Eu quero ser apenas a areia sumida nas tuas sandalias, na quilha da tua barca...

AUTO DOMÍNIO

O domínio próprio não só denota mentalidade vigorosa e equilibrada, mas também significa firmeza e energia de carácter.

O ânimo equilibrado e sereno não é vítima do mau humor, nem do tédio, nem da ansiedade; não se deixa dominar pelas paixões, caprichos, emoções e desejos; não se deixa deprimir nem perturbar pelas pequenas inquietações que exasperam os que são como ventoinhas viradas pela rajada das circunstâncias.

O homem que é dono de si mesmo é também dono do seu destino. Semelhante ao navegante experiente, que segue a sua derrota pela linha que traçou na carta, assim ele vai em busca do seu porvir, seguindo o rumo que traçou no mapa da sua vida.

Leva sempre a mão no leme. Assim, está sempre preparado para arrostar com a tempestade, os nevoeiros, os ventos contrários, ou qualquer acidente imprevisto.

Segue a viagem, sereno e tranquilo, porque está convencido de que necessita manter o critério claro e a ente desanuviada, nas crises e vicissitudes que se lhe apresentarem.

MARDEN

N.º 4
ABRIL
DE 1947

Página organizada
por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

Quando eu era pequenina como vós, gostava imenso de ler histórias.

Punha-me então a pensar: que espécie de contos lerão os meninos dos outros países ?

Não sei se vós sentis a mesma curiosidade, mas quase acredito que sim.

Por isso traduzi para vós alguns contos estrangeiros. Outros se traduzirão, pois só deseja a vossa alegria a irmã mais velha

KYLAS

Em teus hábitos no mundo
Não permaneças dormindo.
A loucura inventa as modas
E a tolice vai seguindo.

CASIMIRO CUNHA

O Corpo

A boca.

Não basta ter uns lábios bem desenhados. É sobretudo preciso ter os dentes bem cuidados.

Lavem-nos amiude: basta escová-los muito e usar de um pouco da mistura de bicarbonato de sódio e carbonato de sódio. Não quebrem com eles cascas duras, nem se lembrem de trincar paus, quando brincam no campo às construções.

Além disso, a boca é a porta de entrada da comida para o estômago: deve ela, por isso, ser escolhida em qualidade e quantidade — e muito bem mastigada.

Convém evitar as bebidas, chamadas perigosas: os vinhos «generosos», a aguardente, os licores; e não abusar das bebidas excitantes: o café, o chá. Originam doenças, mal-estar e perturbam o bom funcionamento do cérebro.

Não se devem, além disso, fazer misturas de alimentos sem a certeza do resultado, pois se podem formar substâncias prejudiciais à saude — nunca bebam, por exemplo, leite, quando estiverem a comer pêssegos.

Dizeres do Povo

— Os filhos são a riqueza
Do pobre que mais não tem.
Não há tesouro que valha
O filho ao colo da mãe.

— O que arde cura — talvez
Mas a doçura também:
Se tens bálsamo, não toques
Com ferro em brasa em ninguém!

— Antes morte que má sorte.
Eu não quero a morte, não!
Quero viver e compor
A sorte por minha mão!

— Devagar que tenho pressa.
Espalha o bem no caminho:
Tanto mais a água rega,
Quanto vai devagarinho.

— Pobreza não é vergonha,
Nem devia ser tristeza:
Vergonha é ter, como tantos,
Pão alheio em sua mesa...

— Quem ara e pia, riso cria.
Alta sentença do povo:
Se fez o Portugal velho,
Pode fazer outro novo.

António Correia de Oliveira
(«Dizeres do Povo»)

UMA GRANDE MENTIRA

por J. M. Huertas

Era uma vez uma menina chamada Juanita. Tratava-se duma menina muito simpática, muito diligente e delicada. Ouvi o que aconteceu:

No princípio da semana Juanita era feliz e tinha muitos amigos; ao terminá-la, porém, tudo era diferente. A pobre Juanita já não tinha amigos; sentia-se muito infeliz e chorou tanto uma noite que a sua almofada ficou ensopada em lágrimas, tornando-se impossível descansar nela a cabeça. O que ocorrera era o seguinte: segunda-feira, Juanita perdeu a borracha e foi dize-lo à professora.

— É pena! — exclamou a mestra. Tu, que és sempre tão cuidadosa! Vai ao armário onde se guardam os materiais da escola e tira outra. Faz isto no fim da aula.

Ao meio-dia, Juanita foi ao armário node se guardavam borrachas, lápis e cadernos. Obedecendo às instruções da professora, pegou numa borracha e guardou-a no bolsito.

Naquele mesmo instante, passou em frente do quarto uma menina, chamada Rita. A parvita, ao ver que Juanita pegava na borracha, julgou que o estava fazendo sem autorização da professora.

Ficou um momento a observá-la e logo correu a denunciar as suas suspeitas a Glória.

— Sabes o que acabo de ver? — disse-lhe — Nada menos que Juanita a roubar uma borracha do armário da senhora professora. Julgava que ninguém a via. Que dirá a Senhora quando o souber?

— Oh! Que má é a Juanita! — exclamou Gloria — Não tornarei a falar com ela. Com toda a certeza também pegou num lápis, sem tu dares por isso.

Quando Glória foi para casa, fê-lo acompanhada de Jorge, um aluno amigo de Juanita. Glória, ao ouvi-lo pôr a boca na menina, confiou-lhe:

— Já sabes que Juanita roubou uma borracha e um lápis do armário da professora?

Jorge mostrou-se muito surpreendido e Glória alegrou-se por lhe ter dado a notícia.

— Nunca suporia tal coisa! — ex-

clamou Jorge, por fim. Estava convidado para ir amanhã merendar a sua casa. Não irei, pois não quero merendar com uma ladra. Minha mãe não o consentiria.

Assim, na terça-feira, Jorge anunciou a Juanita que não poderia ir a sua casa.

Afirmou-o com um acento tão estranho, que Juanita se sentiu ferida. Jorge desatou a correr antes que ela pudesse perguntar-lhe alguma coisa.

— Por que falaste tão grosseiramente a Juanita? — perguntou Enrique a Jorge.

— Porque é uma ladra pequena — replicou. — Rouba coisas. Disse-me a Glória.

— Que horror! — exclamou horrorizado Enrique. Nunca tinha ouvido dizer tal coisa. Foi talvez ela que me roubou a régua que perdi.

— Não me admiraria muito.

Enrique ficou convencido de que, com efeito, Juanita lhe havia roubado a régua desaparecida e, em consequência disso, ao cruzar-se com ela na rua, voltou-lhe a cara.

Juanita admirou-se e ficou melindrada.

— Por que voltaste a cara quando Juanita passou? — perguntou Paquita a Enrique.

— Porque roubou a minha régua. É uma ladra. Não o sabias? Não me surpreenderia se tivesse sido ela quem outro dia partiu o vidro da janela e não se levantou quando a professora perguntou quem o quebrara.

Em menos tempo que leva a cortá-lo, circulou por toda a escola a notícia de que Juanita era uma menina má, antipática, que roubava coisas e que quebrava vidros das janelas, fazia um sem fim de maldades. Ao chegar quarta-feira, a pobre Juanita não tinha um único amigo e sentia-se terrivelmente infeliz porque os companheiros a tratavam muito mal. A professora encontrou-a chorando.

— Que tens, Juanita? — perguntou.

— Paquita disse-me que sou uma má menina e que roubo coisas — respondeu Juanita.—Já ninguém me quer. Mas eu não roubei coisa alguma.

— Claro que não. És uma das melhores alunas da minha escola. Vou já averiguar o que se passou.

A professora interrogou Paquita acerca do que dissera de Juanita. A menina informou-a de que Enrique lhe havia dito que ela lhe roubara a régua.

Então a professora chamou Enrique e fez-lhe algumas perguntas acerca das suas afirmações a respeito de Juanita.

— Jorge disse-me que ela era uma ladra, que roubava lápis e borrachas. Pensei que talvez tivesse também roubado a minha régua.

A professora mandou chamar Jorge e repreendeu-o pelo que afirmara de Juanita. Jorge então contou quanto Glória lhe tinha dito acerca da borracha e do lápis que tinham sido roubados pela colega.

A proessora, cada vez mais zangada, chamou a sua discípula Glória.

— Foi a Rita quem mo disse — afirmou por fim a pequena. Disse-me que vira Juanita roubar uma borracha do armário da senhora.

— Diz a Rita que venha — ordenou a professora, com voz aborrecida.

Apareceu finalmente Rita e explicou como vira Juanita apoderar-se de uma borracha do armário.

— Asseguro-lhe minha senhora, que a vi. Não sonhei.

— Fica sabendo, Rita, que fui eu quem deu ordem a Juanita de tirar uma borracha. Tinha a minha autorização. É uma menina muito honrada e nunca se lembraria de roubar qualquer coisa. Em contrapartida, tu és muito má porque com a tua mentira fizeste muito mal a Juanita, deixando-a sem amigos e entristecendo-a muito. Envergonho-me de ti. Também Rita se envergonhou muito de si própria. Naquela tarde ao terminar a aula contou aos colegas tudo o que lhe dissera a professora. Todos sentiram grande vergonha e baixaram a cabeça.

— Todos temos culpas — afirmou Enrique. Todos propalámos a mentira. Fizemos mal em acreditá-la. Sinto-me muito envergonhado. Não voltarei a fazer coisa parecida. Direi a Juanita que o lamento muito.

Então, todos voltaram a mostrar-se amigos de Juanita, que se alegrou muito.

Enrique ofereceu-lhe um livro de que a menina gostava muito. Jorge, a sua raspadeira nova. Rita deu-lhe um dos chapéus da sua boneca... Todos, enfim, fizeram o possível por reparar a sua falta.

Quem imaginaria que aquela mentira tão grande sairia de um acontecimento tão pequeno?

Convém muito meditar o que se diz e não se precipitar em tirar conclusões.

(Traduzido do espanhol: «Una Gran Mentira»).

Coitado de quem nasceu
nesta nossa terra ingrata,
que tão mal conhece e trata
bens da sorte e dons do céu!

Francisco Rodrigues Lobo
«Contra o Desprezo das Boas Artes»

As qualidades

A Humildade

Ser humilde não é ser adulador.
Ser humilde não é ser pobre.
Ser humilde não é ser servil.
Ser humilde não é permitir que os soberbos lhe façam toda a espécie de maldades.

Ser humilde é ser consciente das suas possibilidades, pois há sempre quem saiba mais do que nós, quem tenha mais experiência, quem, sobretudo, seja muito melhor do que nós. Somos tão pequenos no seio deste cosmos!

— Quando alcançaremos a perfeição?
— Quando vencermos os nossos defeitos.

E já tentámos tudo para isso, com bons resultados?

De quê, então, nos sentirmos orgulhosos?

E fiquem certos, meus meninos, de que quando conseguirem livrar-se dos defeitos, também não sentirão *orgulho* de serem perfeitos, porque o orgulho também é um defeito.

Os Defeitos

Os discípulos do sábio Murad perguntaram-lhe, em certa ocasião, de que maneira era possivel combater os próprios defeitos.

O bom mestre levou-os até um lugar plantado de árvores e, uma vez ali, ordenou a um dos jovens que arrancasse uma àrvorezinha que não teria metro e meio de altura. O discípulo arrancou-a sem dificuldade, com uma só mão. Murad indicou-lhe em seguida outra árvore maior, que o jovem desenraizou com maior esforço, valendo-se das duas mãos. Tocou a vez a uma árvore mais robusta, mas sòmente entre dois puderam arrancá-la. E por último, Murad indicou uma árvore corpulenta, que todos os esforços reunidos dos discípulos não conseguiram mover dos seu lugar.

— É impossivel — disseram, desalentados. — O trabalho é superior às nossas forças. Não podemos arrancá-la.

— Pois, aí tendes — disse o sábio — o que acontece com os nossos defeitos. A princípio, quando não estão bem enraizados, é fácil arrancá-los; mas quando lhes deixamos criar profundas raizes é impossivel arrancá-los do nosso coração.

Amiguinhos de «Estudos Psíquicos», esforçai-vos por corrigir um a um vossos defeitos, que, se não forem arrancados de vós agora, mais tarde muito mais vos farão sofrer.

ASTREIA
(Rio de Janeiro)

A Folha Que Não Queria Morrer

(de Ernestina Baldini)

Num bosque, as folhas das árvores eram todas caducas: apenas uma, muito agarrada a um ramo, não queria morrer. À noite, quando a lua brilhava no céu, vinha passear no bosque um velho com uma longa barba branca, todo envolto num grande manto negro. Uma noite, ao voltar-se para admirar o céu brilhante de estrelas, viu a folhinha ainda ligada à árvore.

— Que fazes aí em cima? — perguntou com voz profunda —. Vi que não caiste com as tuas irmãs.

— Porque não quero morrer!

— Não queres morrer? — refutou o velho — Oh! mas que grande injustiça, esta. Tens que te haver comigo!

— Mas, quem sois vós? — inquiriu a folhinha.

— Quem sou eu? — Sou o Rei Inverno — respondeu solenemente, e desapareceu.

No dia imediato, desencadeou-se um vento terrível, batendo com todas as suas sopradelas na pobre folhinha que tremia, tremia, já sem forças para continuar presa à árvore.

— Por quê, Senhor Vento, me empurras tanto? — interrogou humildemente.

— Porque Patrão Inverno mandou-me arrancar-te do ramo.

A folhinha compreendeu que era chegada a sua última hora, e suplicou:

— Senhor Vento, arranca-me inteira da árvore e leva-me contigo para longe, muito longe.

Então o vento soprou mais impetuosamente e a folhinha, envolvida pelo turbilhão, voou, voou dia e noite sobre países maravilhosos, planícies infinitas, rios azuis...

Finalmente o vento acalmou e a folhinha começou a descer devagarinho. Mas, onde estava? Era uma planície árida, toda coberta de soldados feridos. Um soldado jovem, com uma ferida no coração, olhava para o céu e chamava pela mãe. Tinha combatido valorosamente para defender a bandeira e caira no seu próprio sangue. A folhinha voltejou sobre ele; depois, num último voo, pousou muito levemente nos lábios do moribundo. Ele sentiu-a muito fresca e leve e ficou convencido de que sua mãe tinha vindo da sua longura para lhe dar o último beijo.

Com dolorosa fadiga, beijou a folhinha que estremecia de emoção. Depois, sorridente e feliz, fechou os olhos para sempre.

(Traduzido do italiano: «La foglia che no voleva morire»).

O ENCONTRO

Tu que choras sòzinha, triste e pobre,
Que nome tens? — Eu sou a orfandade.
E tu, que vais sorrindo, meiga e nobre,
Diz: quem és tu? — Eu sou a Caridade.
Sê bendita! Tens pais? — A terra os cobre.
E os teus? — Nasci do Amor e da Piedade!
— A tua pátria? — Quanto o olhar descobre!
— Quem é tua família? — A humanidade!
Vivo a semear o bem e me avizinho
Da tua estância agreste, por que vejas
Enflorar-se o mais árido caminho.
Terás em mim, se nada mais desejas,
Paterno amparo, maternal carinho
E um grande coração... — Bendita sejas!...

Cândido de Figueiredo

O FILHO DO CERRALHEIRO

Eu estimo muito o João Alves e é até pouco dizer que o estimo. João Alves é o filho do cerralheiro, aquele pequenito triste e tímido, de ar espantadiço, sempre adoentado e que estuda muito, que sempre diz a todos: *desculpa-me*.

O pai entra em casa embrieagado com aguardente, bate-lhe sem razão alguma, atira-lhe pelos ares, com repelões, os livros e os cadernos e ele vem para a escola com pisaduras no rosto e algumas vezes com as faces inchadas e os olhos inflamados de muito chorar. Ninguém lhe pode dizer que levou pancada do pai.

— Foi teu pai que te bateu... — dizem-lhe os companheiros.

E ele, logo:

— Não, isso não é verdade, não é verdade! — para que não façam mau juízo do pai.

— Esta folha não a queimaste tu — disse-lhe uma vez o professor, mostrando-lhe um trabalho meio queimado.

— Sim, senhor — respondeu ele, com voz trémula —, fui eu que o deixei cair no lume.

E contudo, nós sabíamos bem que fora o pai embriagado, que, com um pontapé, tinha voltado a mesa com o candeeiro e tudo o mais que sobre ela estava, quando ele estudava a lição.

Ainda não há muitos dias que o pai o fez sair pela rua fora aos trambulhões, porque lhe pedira dez escudos para comprar um livro.

O pai bebe, não trabalha e a família tem fome.

Quantas vezes o pobre João Alves vem para a escola em jejum!

Mas nunca que ele diga:

— Tenho fome; meu pai não me dá de comer.

O pai vem algumas vezes buscá-lo, quando passa por acaso diante da escola, pálido, cambaleando, com uma cara carrancuda, os cabelos sobre os olhos e a carapuça do avesso; o pobre rapaz treme todo quando o vê na rua, mas corre-lhe ao encontro, sorrindo; e o pai parece que nem o vê, pensando noutra coisa. Pobre João Alves!

Cose e recose os cadernos rotos, pede livros emprestados para estudar a lição, prende os punhos da camisa com alfinetes e causa pena vê-lo fazer ginástica com aqueles sapatos em que se pode nadar dentro, com aquelas calças a arrastar pelo chão e aquela jaqueta muito comprida e arregaçada até aos cotovelos!

E estuda, empenha-se, e seria um dos primeiros, se pudesse trabalhar em casa tranquilo.

Esta manhã veio para a escola com sinais de unhadas na face e todos lhe disseram:

— Foi teu pai que te fez isso. Dize ao Director, para que o faça chamar à polícia!

Mas ele levantou-se todo corado, com a voz trémula de indignação, exclamando:

— Não é verdade! Não é verdade! Meu pai nunca me bateu!

Mas depois, durante a lição, caiam-lhe as lágrimas sobre a mesa e, quando algum olhava para ele, esforçava-se por sorrir para não parecer que chorava. Pobre João Alves!

Amanhã devem vir a minha casa o Augusto Albino e o Gouveia. Hei-de-lhe dizer que venha também; obrigá-lo-ei a merendar comigo, hei-de fazer-lhe presente de livros e pôr em alvoroço a casa para diverti-lo e encher-lhe os bolsos de fruta, para o ver uma vez contente. Pobre João Alves, que é tão bom e tem tanta coragem!...

(Leitura para Meus Filhos, de *Alexandre Sarsfield*).

A gravura que, desde hoje, ilustra esta secção, deve-se à pena da Ex.ma Sr.a Dr.a Maria Almira Medina, de Sintra, jovem e talentosa artista cujo nome nos apraz registar, agradecendo-lhe profundamente reconhecidos a amabilidade e gentileza da colaboração. Estamos certos de que os miudos também lhe hão-de agradecer.

Os Quatro Cri-Cris da Padeira

O bom coração dos filhos faz a alegria das mães

de Pierre-J. Stahl

O meu amigo Tiago entrou, um dia, numa padaria, para comprar um pãozito que lhe aptecera ao passar...

Enquanto esperava pelo troco, um rapazinho de seis a sete anos, pobre mas decentemente vestido, entrou na loja.

— Minha senhora — disse ele à padeira — a minha mãe mandou-me buscar pão...

A padeira tirou da prateleira dos pãezinhos de quatro arráteis o melhor que lá encontrou e pô-lo nos braços do pequeno. O meu amigo Tiago reparou então no aspecto emagrecido e pensativo do pequenito comprador; contrastava com a bela aparência do «cacete» que era toda a sua carga.

— Tens dinheiro? — perguntou a padeira à criança.

Os olhos do rapazinho entristeceram-se:

— Não, minha senhora, — respondeu, apertando ainda mais o pãozinho contra a blusa; mas a mãe disse-me que viria falar-lhe amanhã.

— Bem — disse a boa padeira — leva o pão, meu filho.

— Obrigado, minha senhora — exclamou o rapazito.

O meu amigo Tiago acabava de receber o troco. Metera a sua compra no bolso e preparava-se para sair, quando encontrou, imóvel atrás de si, com o «cacete», a criança que julgava bem longe.

— Que fazes aqui? perguntou a padeira ao rapazinho. Não estás contente com o pão?

—Oh! muito, minha senhora. É tão bonito!

— Pois bem, vai levá-lo então a tua mãe, meu amigo. Se tardas, pensará que estás a brincar no caminho e ralhar-te-á.

A criança parecia não ouvir. Qualquer coisa absorvia a sua atenção. A padeira aproximou-se e deu-lhe amigavelmente uma palmadinha na face.

— Em que estás a pensar, em vez de te despachares?

— Minha senhora, quem é que canta?

— Não está ninguém a cantar.

— Sim — insistiu a criança. Ouve? cri, cri,, cri...

A padeira e o meu amigo Tiago prestaram atenção, mas não ouviam nada a não ser o cantar dos grilos, hóspedes habituais das padarias.

— É um passarinho ou o pão que canta a cozer, como as maçãs? — perguntou o menino.

— Não, tolinho; são grilos. Cantam na sala das masseiras porque se vai acender o forno e a vista da chama alegra-os.

— Os grilos! — exclamou o garoto — é a isso que se chama cri-cris?

— Sim — afirmou a padeira, carinhosamente.

As faces do miudo alegraram-se.

— Minha senhora — disse o pequeno, corando pela ousadia do seu pedido —; ficaria tão contente se me desse um cri-cri...

— Um cri-cri — volveu, rindo, a padeira. — Que vais fazer com um cir-cri, querido filho? Bem; se pudesse dar-te todos os que correm pela casa, fá-lo-ia já.

— Ó minha senhora, dê-me um, um só, se pode? — pediu a criança, apertando ainda mais as mãos contra o «cacete». Disseram-me que os cri-cris trazem a felicidade às casas; talvez tragam à nossa. Talvez que a mamã, que tem tantos desgostos, não chorasse mais.

O meu amigo Tiago olhou para a padeira. Era uma bela mulher, de faces frescas. Enxugava os olhos ao avesso do avental. Se o meu amigo Tiago tivesse um avental, teria feito outrotanto.

— E porque chora a tua mamã? — perguntou o meu amigo Tiago, que não se conteve por mais tempo.

— Por causa das dividas, senhor — explicou a criança. O meu pai morreu, a mãezinha trabalha muito, mas não podemos pagá-las todas.

O meu amigo Tiago ergueu o cataio e com ele o «cacete»; penso que os abraçou, a ambos.

Entretanto a padeira, que tinha certo receio de pegar em grilos, desceu à sala das masseiras. Obrigou seu marido a amarrar quatro numa caixa com três buracos na tampa para que pudessem respirar. Deu-a depois ao garotinho, que se foi embora muito contente.

Logo que ele saiu, a padeira e o meu amigo Tiago deram um aperto de mão.

— Pobre criança! Bom filho! — disseram a um tempo.

A padeira pegou no livro dos assentos, abriu-o na página da mãe do pequeno, passou-lhe um traço muito grande, porque a conta era taluda, e escreveu por baixo: «Pago».

Durante este tempo, o meu amigo Tiago não ficara inactivo: tinha posto em cima de um papel todo o dinheiro que trazia que, felizmente, era bastante naquele dia e pediu à padeira que o mandasse muito depressa à mãe da criança dos cri-cris, com a conta perdoada e um bilhete onde dizia que tinha um filho que faria, um dia, a sua alegria e a sua consolação. Deram tudo ao rapaz da padaria, que tinha as pernas grandes e recomendaram-lhe que fosse depressa.

A criança, com o pão, os quatro grilos e as pernas pequenas, não ia tão depressa como o rapaz do padeiro; deste modo, quando chegou, encontrou os olhos da mãe, pela primeira vez, depois de tantos anos, erguidos do trabalho, e um sorriso de alegria e repouso nos lábios.

Ele pensou que ao chegar com os quatro animaizinhos negros tinha feito o milagre, e o meu parecer é que tinha razão. Sim, porque sem os cri-cris e o seu bom coração, ter-se-ia esta feliz mudança realizado no infeliz destino de sua mãe?.

(Traduzido do francês: «Les Quatre Cri-cris de la Boulangère»).

A Oliveira

Ó linda oliveira
Do velho tronco cinzento,
quando por ti perpassa e esvoaça o vento,
As tuas folhas cantam-nos baixinho,
desta maneira,
devagarinho:
Eu dou o azeite brando,
que tempera e que alumia;
eu acendo a luz do dia,
quando a noite vem tombando.
Em casa do pobre eu sou
o gosto do seu jantar...
Coitado de quem andou
o dia inteiro a cavar!...

Afonso Lopes Vieira
(Conto infantil)

A FÉ ESPIRITA

por António Joaquim Martins

Para que o homem possa vencer todos os obstáculos e triunfar da lei da vida é-lhe necessário o poderoso auxílio da Fé, mas daquela Fé que brota da consciência como seiva divina.

A doutrina Espírita, rasgando o véu do mistério e do nada, dá nascença a essa sublime Fé, alimentando-a com seus princípios lógicos e irrefutáveis baseados na continuação da vida para além da morte. Ensinando a grande verdade da imortalidade da alma, verdade trazida à luz do dia por esse grande espírito que na Terra se chamou Sócrates, ensina-nos a conhecer a Fé que devemos ter em Deus e na sorte que nos espera na vida futura.

É preciso que cada homem raciocine livremente e profunde o grande problema da vida. Já não nos encontramos nos tempos em que nos era imposta a Fé cega, nos tempos em que o saber era privilégio de alguns para avassalarem as almas, cegando as consciências. Hoje queremos a Fé, mas a Fé raciocinada, uma Fé que permita ao nosso espírito aceitá-la através da lógica e da razão e que não repugne à nossa consciência de homens do século vinte.

Queremos a Fé, não a Fé mística, insensata, imposta, mas a que deriva directamente do conhecimento do nosso «EU», da responsabilidade para com a consciência e do conhecimento das leis divinas.

Queremos a Fé que nos dá a certeza de que a existência terrestre não é mais do que uma página do grande livro da vida, uma breve passagem que liga duas imensidades: a do passado e a do futuro.

Queremos aquela Fé natural que o nosso livre-arbítrio não tem repugnância em aceitar, consciente de que aceita aquela certeza que é a suprema consolação de crer, depois de objectivamente profundadas suas razões fundamentais, no que é a grande verdade, que é Deus e suas leis.

Queremos a Fé que desperta os instintos nobres do homem e o encaminha conscientemente para o bem.

Queremos a Fé como base da regeneração humana: a Fé forte e sincera que empolga e contagia e se comunica às almas, por ser de inspiração divina.

Queremos a Fé, mas queremos saber porque a queremos. Não queremos a Fé sem comprovação, nem a que é oriunda da ignorância e da cegueira. Queremos amar a Deus, mas saber porque o amamos. Queremos crer nas suas promessas, mas precisamos de saber porque acreditamos nelas. Só assim nos é posivel aceitar Deus em toda a sua plenitude, sem o angustioso problema da dúvida.

O homem, considerando-se o ser mais inteligente da Terra, não pode admitir outra Fé que não seja a que assenta nestes princípios salutares. Seria a negação do raciocínio e da livre acção do pensamento. «A Fé transporta montanhas», disse Jesus. Não é a Fé fanática, quase sempre produto da ignorância, mas a que nasce do fundo da alma como uma chama a iluminar o caminho e a incutir coragem, não só aos grandes descobridores das leis da natureza, nos seus grandes labores para bem da humanidade, como ao pobre e mísero viandante que não sabe se encontrará onde dormir, quando terminar a jornada.

A Fé implica certeza, e esta só se obtém de profundos e vastos conhecimentos passados através da nossa consciência. A Fé pode com mais certeza considerar-se uma lei natural, porque é o sentimento inato dos destinos do homem. É a consciência que ele tem das imensas faculdades depositadas em germe no seu íntimo, em estado latente, e que vão despertando sob a acção da sua vontade.

Todo o espirita sincero e consciencioso deve procurar despertar em si a Fé raciocinada, aurindo nos elevados e grandiosos ensinamentos de Jesus, que são a base e a razão de ser do puro Espiritismo, a força necessária para compreender esse sentimento sem as peias da ignorância, da cegueira e do fanatismo. O Espiritismo não quer cegos, nem ignorantes, nem fanáticos, porque estes, ou não o compreendem e inconscientemente o prejudicam, ou o comprendem mal e sua acção se revela sempre contraproducente.

O Espiritismo, fornecendo a todos o meio de conscientemente o estudarem, põe ao alcance das massas ensinamentos que enchem a alma de alegria pela Fé que traduzem e pela certeza da continuação racional de uma vida que não termina no túmulo. A Fé que resulta destas grandes verdades é a que nos

traz a paz da consciência e a certeza de um Deus bom e misericordioso sempre pronto a levantar o filho que cai e a auxiliá-lo na continuação da prova que ele próprio escolheu com fim no conhecimento perfeito das leis da natureza, base do seu próprio adiantamento na luta pela perfeição.

A Fé caminhou sempre ao lado do sacrifício. Foi na Fé em Deus, aliada à esperança de bem servir a humanidade e a Pátria, que Vasco da Gama e Colombo encontraram a energia necessária para reprimir a revolta e conduzir suas frotas ao *terminus* dessas longas viagens que os levaram às maiores descobertas de todos os tempos.

Foi no escudo da Fé que Joana d'Arc, a doce Pucella de Donremy, encontrou a força necessária com que levou a cabo a libertação da França.

Foi a Fé que conduziu os Apóstolos de terra em terra, de povo em povo, de sacrifício em sacrifício, até morrerem por ela.

Grandioso sentimento deve ser a Fé, que tão nobres acções tem sublimado!

Aos pés do Mestre

Eis-me, Senhor, depois de áspera caminhada pelas veredas da carne, longe da tua Luz e do teu Amor:

Eis-me, Senhor, nu de vaidades e de orgulhos que despi alfim para envergar as vestes da humildade;

Eis-me, ó Mestre, ajoelhado no pó da minha ignorância e da minha fraqueza;

Eis-me, aqui, aos pés do teu trono de perfeição, cantando as hosanas da Tua Glória no amor do Pai:

Nada trago além da minha carne enrugada pelas dores, de minha alma jubilosa e sedenta de horizontes largos;

Da minha ânsia de liberdade das algemas férreas das existências terrenas;

Do meu desejo de realizar em mim aquele que Tu queres que eu seja.

Basta-me o estender misericordioso das Tuas mãos, o perdão do Teu amor;

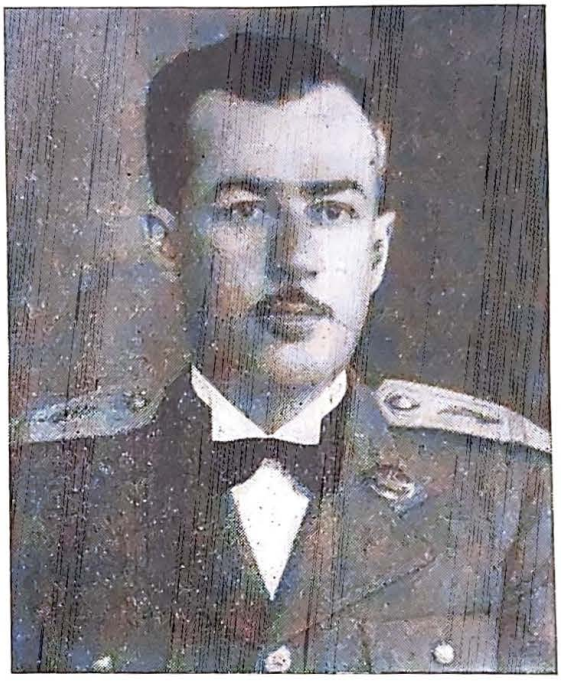
Basta-me o Teu olhar para que as feridas sarem e as lágrimas sejam enxutas;

Basta-me um beijo Teu, Senhor, e eu saltarei da morte para a verdadeira vida.

Z.

Os nossos Representantes

«Estudos Psíquicos» procura elementos de intercâmbio espírita luso-brasileiro, a fim de estreitar ainda mais os laços que nos ligam aos irmãos da grande república de Além-Atlântico. João Baptista Cardoso veio ao nosso encontro da cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná. Em Dezembro último, dois portugueses e três brasileiros se reuniram em sessão



JOÃO BAPTISTA CARDOSO
Representante de «Estudos Psíquicos» no Paraná

espírita, após a qual falaram da nossa revista, com o propósito de a fazer circular em todos os Estados do Brasil...

Sensibilizou-nos extraordinàriamente o oferecimento deste precioso colaborador de ascendência portuguesa, natural de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, onde viveu até aos 26 anos, passando depois a Curitiba, onde tem permanecido. Nasceu em Junho de 1905, contando, pois, 42 anos. 24 anos da sua vida foi católico romano e desde 1941 que é médium activo. Além disso, dirige à Caixa do Natal dos Pobres *da Sociedade Espírita «Os Mensageiros da Paz», de que é vice-presidente. É também oficial do exército brasileiro e representante da Liga Espírita do Estado de S. Paulo.*

Através deste veículo providencial, muito se está fazendo já em benefício das organizações de «Estudos Psíquicos». Activo e culto e grande amigo desta revista, será magnífico elemento de progresso e expansão da nossa propaganda em terras de Santa Cruz.

Que Deus o cubra de bençãos, permitindo-lhe se desdobre em serviços à Causa.

DO ALTO

SAUDE ESPIRITUAL

por Reper-Siam

QUE Jesus vos mantenha sempre unidos no mesmo pensamento de amor ao semelhante e na mesma paz de consciência.

Amigos: a saude e a paz são duas coisas indispensáveis ao esforço e ao triunfo e só as não tem quem não quer. Para a saude física, devem dar-se ao corpo os cuidados que merece e tudo isto se consegue com boa saude espiritual, que está ao alcance dos homens de boa vontade.

A saude espiritual depende da observância do grande mandamento: «amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos». Amai, pois, meus amigos, amai todos os que encontrardes no caminho, amai todos os que vos procurarem, estimarem, aborrecerem ou odiarem.

O poder de amar neutraliza os pensamentos malsãos que alguns infelizes dirigem a quem odeiam. Por isso, amai sempre, para terdes saude espiritual, indispensável à saude física e ao bom desempenho da vossa missão.

Ensinai o amor e a tolerância aos que privam convosco e dai vós mesmos exemplos dessa tolerância e desse amor.

Amigos, transformai o lar num templo de amor ao semelhante e vereis como o trabalho se executa sem canseiras, vereis como as vossas iniciativas têm êxito!

Sem paz não há progresso. Sem saude espiritual não há paz. A vida só merece ser vivida pela grandeza das obras morais que se realizarem. Viver a vida animal do berço ao túmulo, sem erguer os olhos da terra, sem vislumbrar outros mundos de sensações elevadas e espirituais, é viver a vida dos primários, a quem não foi dada ainda a faculdade de raciocinar.

Amigos, embebei-vos na obra do criador. Colaborai com os profetas de todos os tempos, que aconselharam a formação de mundos de amor e de paz. O Cristo foi o vosso profeta máximo. Imitai-o, porque dessa imitação depende o vosso progresso espiritual.

Amai a todos sem excepção, para que a vossa vida espiritual decorra sem incidentes que atrasem a marcha dos trabalhos que tendes entre mãos. A vossa tarefa requer muito sossego, muita tranquilidade, muita visão dos acontecimentos. Estais na brecha, no meio da luta que tendes de vencer com amor e com actos de justiça. Para tanto, necessitais de saude espiritual que resista a toda a prova, que resista às maiores intempéries, que vos mantenha sempre o fogo sagrado, mesmo nas horas de desânimo ou de pouca fé.

Amigos, couraçai-vos com as virtudes cristãs, para resistir ao embates da luta.

Se tiverdes fé, o sofrimento será menor e a obra seguirá normalmente.

Os tempos são de acção e de trabalho e de sofrimento. Ninguém hoje poderá estar despreocupado num mundo em desordem. Ninguém hoje poderá viver tranquilo à sombra do trabalho realizado, se não cumprir o dever para com o semelhante.

É preciso que todos agitem a ideia da redenção humana, por entre o descalabro que se exerce em toda a parte. Só a vida espiritual poderá salvar os restos que ficaram da derrocada. Só ensinando o homem a olhar para a vida espiritual se evitará a queda no barranco. É o estravazar da enxurrada.

Amigos, só a vida espiritual poderá moderar os instintos animalescos.

O Espiritismo, bem propagado e exemplificado, seria a única alavanca susceptivel de opor um dique à desordem. Não esmoreçais, pois, na sua propaganda. Activai-a. Não vos preocupeis com a parte material. Ela aparecerá a seu tempo.

Ide para a vida profana martelar na ideia redentora. Ide mostrar aos homens do século que o Espiritismo não é conto de velhas ou brinquedo de crianças, não se limita à mesa de pé-de-galo ou aos colóquios com parentes que desaparecem. Mostrai que o Espiritismo é a filosofia que salvará a humanidade, a filosofia escudada em experiências de laboratório e a religião sem dogmas, mas com provas da imortalidade da alma, da continuação da vida em mundos espirituais.

Amigos, para a frente! Ide ao encontro dos desesperados que nada têm que os console e nada mais sentem do que ânsia de gozar a vida, porque no fim — dizem eles — os

Rb/47

PROBLEMAS EDUCATIVOS

por Ivone de Sousa (Haydi de Thebelen)

«O objecto da educação é fazer desabrochar no indivíduo toda a perfeição de que for susceptível».

KANT

Desejando realizar este pensamento, os espíritas portugueses iniciaram em 1945 o movimento educativo das gerações novas, movimento que espero dentro em breve se estenderá a todas as agremiações espiritualistas do país.

A educação é o grande problema da actualidade que interessa e preocupa todas as pessoas conscientes, pais, educadores, professores e governos.

Nesta hora de reconstrução, a que eu melhor chamarei de transformação mundial, a educação é uma das principais, senão mesmo a pedra basilar que contribuirá para a boa formação moral da próxima e das futuras gerações.

Acaso os espiritistas portugueses já pensaram a sério que têm de preparar esse legado e deixá-lo em boas condições aos vindouros?

Pela minha parte procuro na maior medida do possível cumprir esse dever, não só pela palavra, como também pelo exemplo na minha qualidade de mãe e de professora.

Este problema é tão complexamente transcendental, que melhor seria dirigir-me a todos os espiritualistas sem distinção de escola, de tal maneira está ainda por fazer a educação neste país.

Não se escandalizem os que se julguem modelos de patriotismo, porque eu me permitirei de os acusar de maus patriotas, se não quiserem ver as deficiências da educação do povo português, que neste como em muitos outros problemas caminha na rectaguarda do progresso.

Em verdade se poderá afirmar que em Portugal nunca se cuidou a sério dos problemas educativos, razão porque as consequências que disso resultaram não nos devem surpreender.

O mal vem de muito longe, se olharmos a história. Primeiro o titanico esforço para a criação da nacionalidade em formidáveis batalhas, logo após as quais o país se lançou nas longínquas descobertas, que o arremessaram para novas lutas, então internas na cobiça das grandezas obtidas nessas grandiosas expedições cientificas, mas também de rapina — conforme ao espirito da época. segue-se imediatamente a perda da nacionalidade que em sessenta anos de domínio estrangeiro enfraqueceram as vitalidades do caracter da raça, e o infiltram de estrangeirismo bem prejudicial. Ao pouco que restava de bom lusitanismo se deve o ressurgimento de 1640, mas em breve recomeçaram as lutas e as terriveis intrigas pela posse do poder, durante um periodo demasiadamente longo e alheio ao que noutros países já se fazia pela educação.

Certamente que neste decorrer de séculos, surgiram grandes vultos de educadores, e nobres governantes quiseram com mão firme segurar o leme da barca educativa, mas a tormenta das ambições e das intrigas arremessou-os para as ondas traiçoeiras aonde pereceram.

Este grande turbilhão de ambições, umas meramente materiais, outras nascidas da vaidade pela posse do mando, desse poder que tanto embriaga os homens e as mulheres, sem esquecer as lutas de religião que também deram a sua parte neste longo rumorejar de ódio, todo este conjunto de forças desperdiçadas, contribuiu para o atraso em que este povo se encontra.

Que não se ofendam os ouvidos castos, com a palavra — *atraso*. Por toda a parte aonde há gente sensata, se levanta um clamor contra a falta de educação — que bem prova a carência de espiritualidade, nesta hora de egoismo.

Este estado moral de um povo dificulta não só o nosso convivio dentro do país — e de aí o *português ser pouco sociável* — como também para além fronteiras, nesta época de internacionalismo, a que o avião e a T. S. F. nos levaram.

Cada povo, ou antes cada nação faz parte de um

---

espera a vala comum, donde nunca mais se volta.

Oh! Se visseis quantas tragédias faz o materialismo que circunscreve o homem a esse grão de areia suspenso no espaço!

Amigos, mostrai que depois dessa vida ainda há mais vida! Mostrai que ela é meio e não finalidade, que é oficina e escola onde fareis a necessária aprendizagem, para aqui prestardes provas.

O homem é avesso à própria salvação. Só a matéria o prende e subjuga, porque lhe fala aos sentidos grosseiros.

Homem! Desenvolve as energias psíquicas para contrabalançar a força dos instintos! Desenvolve os sentimentos para dominar os sentidos! Eleva-te para Deus, a fim de experimentar a matéria.

(Psicografado por M. G.)

todo que é a humanidade. Dentro desta grande família cada membro deve contribuir, pelo cumprimento dos seus deveres para o seu próprio bem-estar e dos seus semelhantes.

Preocupados e distraidos por todas essas lutas, os portugueses não apreciaram o vento vivificador e salutar que soprava não só dos Pirineus como do Atlântico trazendo novas vitaminas em ideias intelectuais, artisticas e espirituais. E assim continuaram fechadas as janelas da nação portuguesa, impedindo a penetração das inovações que o progresso trouxera ao mundo.

Estou convencida que a causa primária da grande maioria dos conflictos internos tem tido a sua origem na falta de educação. Alguem afirmou que «é possivel instruir um povo em trinta anos, mas não lhe chegam três séculos para o educar».

De facto, em Portugal há muito mais pessoas cultas do que educadas, e relativamente apenas um reduzido número reune estas duas qualidades.

Que pensam destas tristes verdades todos os que são portugueses, desejosos de cumprirem como tal os seus deveres? E aqueles que sendo espiritualistas já conhecem que são elementos sujeitos à grande lei da evolução, que os obriga a acompanhar o progresso da nossa época?

Na grande viagem através da Eternidade ninguém deve estacionar, embora esbarre com enormes obstáculos. O dever impõe-nos transpô-los e passar. É nesse ponto que presentemente nos encontramos. Diante de nós ergue-se a grande barreira dos desleixos e das rotinas que o passado nos legou. Mas à vontade do homem e da mulher nada resiste quando animados do desejo de se aperfeiçoarem.

O cumprimento de um dever é a plena acção do *livre-arbitrio*, agindo como elemento da consciência superior, que é o próprio indivíduo-centelha de Deus. Toda a acção que emana da consciência superior não pode conter ambições mesquinhas. Sendo o verdadeiro Eu a partícula divina que existe em cada um de nós, essa consciência compõe-se de tudo que a alma possui de mais puro, de mais belo e de mais nobre.

Neste ponto a educação exerce a sua acção preponderante; o indivíduo perfeitamente educado sabe dominar as suas paixões vulgares e canalizar todas as suas energias ao serviço do Bem. Feliz daquele que souber conhecer essas forças inatas, desenvolvê-las e aperfeiçoá-las, para o que necessàriamente carece de ser esclarecido e bem orientado — porque ninguém nasce ensinado — salvo dentro da fenomenologia das reminiscências superiores.

Logo que a criança nasce os pais iniciam a sua missão de educadores.

Ainda no berço o bébé começa logo a contrair hábitos que se vão acentuando na medida do seu desenvolvimento físico, e, consequentemente, da sua inteligência. Simultâneamente a sua percepção espiritual desperta pouco a pouco para a nova vida que vai percorrer.

Olhemos para traz, para os nossos tenros anos, e prossigamos até aos infantes de hoje. Que quadro nos apresenta a educação? Uma manifesta decadência.

Salvo rarissimas excepções, verificamos que os velhos e os novos, uns e outros receberam o bafejo dos antiquados princípios de há dois séculos. Acaso a geração que hoje governa, procede com plena competência educadora correspondendo ao pensamento da nossa época, preparando aqueles que o Destino lhes confiou, para mais tarde, por sua vez desempenharem conscientemente a vida que neste plano também lhes foi dada?

Observando criteriosamente os lares portugueses, que matizes nos oferece a educação? Infelizmente muitas cores sombrias se divizam neste quadro. E creio poder afirmar que esta minha opinião não peca por excesso de pessimismo, nem por influências de estrangeirismo, devido à minha longa permanencia além-fronteiras, mas sim à triste realidade dos factos cotidianamente constatados, com imensa mágoa o digo, até no próprio meio espiritualista das várias escolas aqui existentes.

Por essa razão, vou dizer o que penso sobre tão delicado assunto.

A "Página Infantil" e os Leitores

«Exprimo-lhe a minha admiração pela «Página Infantil». É instrutiva e tècnicamente organizada. Até a disposição gráfica permite fácil encadernação, de modo que as crianças possam ter a sua revista de «Estudos Psiquicos Infantis». Com as crianças devemos começar; portanto, não há páginas que cheguem para elas».

DR. FRED WACHSMANN

«Achei óptima a sua ideia a respeito da «Página Infantil», pois não devemos descurar a infância que, infelizmente, tem tantos contras na época que atravessamos. A educação deste século é muito falha, com raras excepções. São os cinemas pouco moralizados, as leituras geralmente venenosas e os programas radiofnóicos verdadeiramente tóxicos. Enfim, que possamos nós auxiliar a formação moral da nova geração, a fim de melhorarmos o mundo terráqueo».

IDALINDA AGUIAR MATOS
(Rio de Janeiro)

"Resumo da Doutrina Espirita"

por Deolindo Amorim

Da «Revista Espirita do Brasil»

A Metafísica, embora não tenha saido do campo rigorosamente experimental, auxiliou muito o Espiritismo. Os chamados «fenómenos de consciência» não deixam de abrir caminho para especulações filosóficas, uma vez que se prestam a estudos bem cabíveis no campo da Filosofia e da Moral, porque provam sobretudo a existência de forças nos actos humanos. Ainda que continuem a ser metapsiquistas e não espiritas, alguns investigadores prestam grande serviço à doutrina espirita, porque descem a estudos aprofundados e depois trazem factos e conclusões que muito reforçam o Espiritismo, com a vantagem de serem eles insuspeitos, porque não se filiam à escola espirita.

É o caso de Gustave Geley, de quem *Estudos Psiquicos Editora,* de Lisboa, nos deu, em língua portuguesa, importante «Resumo da Doutrina Espirita», graças a excelente tradução de Isidoro Duarte Santos, cultura de escol, inteiramente posta ao serviço do Espiritismo em Portugal.

Logo no prefácio, o criterioso e ilustrado tradutor destaca, naturalmente para orientação dos leitores, a circunstância de Geley não ter sido espirita. «Foi um grande animador do movimento científico da Metapsíquica» — diz Isidoro Duarte Santos. Embora metapsiquista, não tendo, portanto, formado entre os adeptos do Espiritismo, — o que é incontestável é que Geley foi um pesquisador notável, porque tudo quanto realizou, tudo quanto conseguiu na seara que explorou, colimou um objectivo único: a Verdade.

Sem ser espirita, por ter mais propensão para a Metapsíquica, transmitiu ao Espiritismo copiosa contribuição científica. A melhor prova desta assertiva está no «Resumo da Doutrina Espirita», já em divulgação no Brasil. Ressalvada, pois, a sua qualidade de metapsiquista, a obra de Geley pode medir-se perfeitamente, no terreno experimntal, com a de Bozzano ou de Richet, por exemplo.

O metapsiquismo de Geley não o levou ao materialismo. Sua obra, no fundo, além de não negar o facto espirita, tem conclusões evidentemente harmonizáveis com a tese espirita. «Resumo da Doutrina Espirita» é trabalho de investigação honesta, do homem de ciência, não só em função dos títulos, mas de facto. Nessa obra, todo aquele que quiser estudar o Espiritismo cientificamente encontrará material abundante. Digo mais: é obra para convencer muitos cépticos e para responder a muitas críticas feitas por sistema, sem fundamento nos factos.

Alguns investigadores de mérito preocuparam-se com o Espiritismo exclusivamente sob o ponto de vista científico ou experimental. Não foram, é verdade, à esfera transcendental da Filosofia e da Moral, deixando assim de acompanhar Kardec, Denis, Flammarion e outros, que escalaram regiões mais altas. Mas aqueles investigadores nem por isso deixaram de ser muito úteis ao Espiritismo, que esta doutrina, embora tenha consequências de ordem moral na reforma do homem e apresente sequência filosófica destinada a alicerçar a crença em Deus, não pode prescindir da parte experimental, da demonstração prática dos fenómenos que lhe fundamentam a estrutura. Richet, por exemplo, que é um nome de citação forçada nos estudos do Espiritismo científico no mundo, prendeu-se muito aos fenómenos. Tendo-se apoiado, com mais rigor, na metapsíquica, Richet também não quis embrenhar-se na questão da fé. Apelando para a hipótese do «sexto sentido», pretendeu o sábio francês explicar, deste modo, os fenómenos que fazem a classificação normal, sendo muitos deles atribuidos à psicologia, telepatia, etc. Entretanto Richet, sem dúvida alguma, prestou ao Espiritismo serviços mundialmente reconhecidos. Nos anais da ciência espirita, um dos nomes de primeira grandeza deve ser, com inteira justiça, o de Richet.

À semelhança do que ocorrera com Aristóteles na antiguidade, quando surgiu a Metafísica, verificou-se, no começo deste século, muita agitação nos meios culturais quando Richet propôs em 1905, na Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, a criação do termo Metapsíquica para designar fenómenos estranhos à catalogação comum da ciência. A Metafísica, que fez época na Idade Média, quando florescia, com todo o esplendor a Escola Peripatética de Aristóteles, pro-

punha-se estudar justamente o que está além ou acima do plano físico, conforme a própria etimologia da palavra. A grande consequência da escola de Aristóteles foi a fundação da Psicologia, ciência essencialmente da alma, mais tarde desfigurada por aqueles que pretenderam e ainda pretendem propagar uma psicologia sem alma. A escola de Richet, que não teve os mesmos objectivos da Metafísica, produziu na Filosofia moderna, todavia, revolução idêntica, em muitos pontos, à que fora observada na Filosofia Escolástica no tempo de Descartes. Embora não se confundam, visto que a Metafísica, a pesar da oposição que lhe movem os partidários da escola sensualista, procura a essência das coisas, a realidade do espírito, enquanto a Metapsíquica trata simplesmente dos fenómenos psíquicos, o que é verdade é que ambas influiram muito na pesquisa do desconhecido.

Se houve metapsiquistas que cairam no materialismo, não se pode dizer, porém, que a Metapsíquica, pela simples razão de não subir a cogitações de ordem religiosa, tenha consequências puramente materialistas. A Metapsíquica procura, indiscutivelmente, aquilo que transcende a observação comum, isto é, a explicação de fenómenos psíquicos que se operam em condições diferentes do mecanismo normal. Daqui para o Espiritualismo a distância ainda é muito grande mas não é tão espantosa como parece. A Metapsíquica está mais próxima do Espiritismo do que do materialismo, não obstante as suas conclusões se ajustarem às ideias de alguns materialistas.

Richet dividiu a Metapsiquica em duas partes importantes, senão principais: *Criptestesia* — «faculdade de percepção distinta das faculdades do conhecimento normal», também chamada lucidez, e *Ectoplasmia* ou materialização. Daí veio a subdivisão para distinguir os fenómenos objectivos e subjectivos. A Metapsíquica desbravou também o caminho da pesquisa e chegou a determinado ponto; mas daí para a frente, só o Espiritismo.

A mediunidade veio esclarecer questões que a Metapsíquica não pôde elucidar, porque não perfilhou absolutamente o princípio espirita. Mas faz muito no campo do Psiquismo, não há dúvida. De qualquer forma, existe distinção entre os fenómenos que são apenas psíquicos que obedecem à organização normal da criatura, e os fenómenos extra-humanos, isto é, os que são, de facto, espiritas e por isso pertencem, com propriedade, à categoria dos fenómenos mediunicos. Há necessidade de se colocar em seu lugar, para compreensão mais clara, cada tipo de fenómenos, separando-se o que é exclusivamente da actividade psíquica, o que é animismo (fenómeno produzido pelo próprio espírito do médium) e o que é, finalmente, fenómeno espirita, produzido por espírito desencarnado.

A colaboração da Metapsíquica tem sido muito necessária ao Espiritismo. Uma das provas é a publicação do trabalho de Geley. Aí está um livro de muita utilidade, oportunissimo, substancioso, e no entanto escrito por um metapsiquista.

O trabalho de Geley, tão integro é o seu pensamento, tão convincente é a sua argumentação, que pode ser apresentado ao meio culto ou a qualquer centro de especulação como uma das mais respeitáveis opiniões científicas a favor do Espiritismo. Tem ainda a tradução do «Resumo da Doutrina Espirita» um objectivo louvável, para mim muito importante. A circulação dessa grande obra em língua portuguesa é mais um passo para o indispensável intercâmbio espirita luso-brasileiro, por cujo incremento Isidoro Duarte Santos, de lá, do Além-Atlântico, muito tem feito, sem que, provàvelmente, alguns espiritas de lá e de cá saibam disto. É pela cultura, inegàvelmente, que os povos se comunicam, se entendem melhor e se tornam mais íntimos espiritualmente. É verdade que as relações comerciais, os interesses económicos e a política sempre habilidosa dos diplomatas conduzem e às vezes forçam essas relações, por força das necessidades reciprocas. Mas as relações que são feitas pelo fio subtil da cultura são mais profundas, mais duradouras, porque se enraizam no espírito de cada povo, quando existe, como no caso dos espiritas brasileiros e portugueses, absoluta concordância cultural, graças à poderosa influência de três factores precípuos: a doutrina, a língua e a origem comum. Grande, portanto, é o papel, ou melhor, a acção fraternista que «Resumo da Doutrina Espirita», de Geley, está destinado a exercer na aproximação dos espiritas brasileiros e portugueses.

Não importa que Geley não tenha sido espirita. Seu nome, porém, já pertence à galeria dos grandes vultos a que o Espiritismo deve homenagem.

Ler no próximo número:

O ESPIRITISMO NA BAHIA

por *Alfredo Miguel*, redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» naquele Estado Brasileiro.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO, pelo Dr. *Fred Wachsmann*. Edição de Couto Martins. Lisboa. 1945. 516 págs.

Da leitura deste «estudo filosófico comparativo das doutrinas materialistas, neopositivistas, espiritualistas e esotéricas», ficou-nos a impressão de um pensamento seguro... dentro dos seus pressupostos, mas prejudicado por uma prolixidade desnecessária. Cai sobre a ideia essencial um tal volume de mantos apendiculares que aquela só consegue impor-se verdadeiramente a partir do IV parte. Até aí, há afloramentos que quase nos passam despercebidos. Mais síntese, a nosso ver, valorizaria o trabalho.

Mas se o Autor pretendeu dar-lhe carácter enciclopédico, conseguiu-o plenamente pois é grande e variado o volume das citações. Perdemo-nos, muitas vezes, em linhas derivantes e excessivamente escavadas sem que este exaustivo esforço de pesquisa contribua grandemente para a compreensão da linha ideológica.

A primeira parte desta obra notável revela o «esboço» duma filosofia cientifica. Dizemos esboço porque, enquanto ciência, é mergulho fundo nas águas da análise; e quando filosofia, é voo metafísico apenas interpretável na segunda parte. A causa desta insuficiência está na tendência para o prolixo, mencionado atrás.

(Note-se, contudo, que já não julgamos superabundante a acúmulo das teorias que se verifica no estudo da problemática filosófica). A divisão apresentada a págs. 200-202 pode ser interpretada em dois sentidos: *a priori,* quando da metafísica atinge a psícologia; e *a posteriori* quando desta se dirige para a moral, etc. Não há, pois, uma linha de construção ascensional rectilínea (que, para nós, tem a preferência). Mas aquele método seria aceitável, se a «Realidade Absoluta», ideia metafísica fundamental, estivesse já perfeitamente analisada e não apenas afirmada, numa síntese brusca e estonteante.

Olhando a teoria filosófica do Autor, julgamo-la mais «teosófica» que «espirita», mais tendente a abraçar as afirmações daquela escola esotérica, ainda que admitindo, por sincretismo, as conclusões do espiritualismo espirita. Deseja ele erguer um edifício capaz de abarcar a totalidade das correntes chamadas «neo-espiritualistas» mas ressente-se, nitidamente, do neo-antroposofismo (Blavatsky e Steiner, ou melhor, talvez, Jinarajadasa e Steiner). É, porém, um esforço digno, notável e... louvável, se bem que não o possamos considerar difinitivo, depois de Ubaldi e Rodrigo Sanz. Achamos o Autor pouco absorvente, pouco comunicativo e, assim, a sua construção não tem aquele poder que, pela intuição, nos atira com Ubaldi ou Sanz da multiplicidade fenoménica para a Síntese, para a Unidade. Vai êle, porém, mais longe que estes na especulação dos problemas psicológicos.

Passemos, agora, à crítica da teoria e de alguns passos que nos suscitaram a atenção.

No capítulo dedicado ao aparecimento do homem e no que se refere à sucessão dos tipos paleolíticos, notámos uma ligeira confusão. Assim, o autor considera uma espécie humana formada pelos tipos de Grimaldi, Cromagnon, Chancelad e Aurignaceuse, colocando o de Neanderthal como precedendo estes. Moritz Hoernes (in «Pre-historia», vol. I, p. 62), porém, filia a raça de Cro-Magnon no ramo aurignacense e aponta no de Grimaldi um prolongamento neandertaloide, «reminiscências seguras e inegáveis do paleolítico inferior». Perfilhamos a hipótese do Autor que considera um tipo pre-simio do qual terão derivado as formas simianas e humanas, embora aquele não levante uma crítica capaz de desfazer as teses de Darwin e Haeckel.

A págs. 67-68, F. Wachsmann marca a unidade da Natureza, não fazendo distinção entre animado e inanimado, dizendo que «não conhecemos seres não vivos», definindo a vida como «a tendência geral ao equilíbrio instável de forças aparentemente antagónicas». Realmente, a biologia moderna quebra as aparentes barreiras entre as formas chamadas «vivas» e as formas inorgânicas, pois que as propriedades sintetizadas naquelas se encontram nestas (mas nunca em conjunto). Boll e Delmas (citados pelo autor) interpretam melhor (na nossa opinião) o conceito de Vida, caracterizando-a «pela presença simultânea das quatro propriedades» primordiais. («Personalidade humana» p. 73); «...estas quatro propriedades transmissíveis são, ao mesmo tempo, suficientes e constantes; suficientes, porque, quando se encontram reunidas, a vida existe; constantes, porque ainda não se encontrou um ser vivo, sem que nele estejam presentes todos esses caracteres» (p. 74). As formas não-vivas contêm, em potência, aquelas propriedades, revelam uma tendência para a síntese. A sobreposição da energia vital (aspecto da Realidade Absoluta, segundo Wachsmann) causa a passagem do virtual ao real, do «não-vivo» ao «vivo». É, então, o mergulho desta energia no seio da matéria a origem da Vida (cf. conceito in «Grande Síntese» de

Ubaldi). O autor é, pois, um neo-vitalista, um seguidor das ideias de Driesch e Uexkull, ainda que a sua «energia vital» se aproxime mais da «onda vital» de Ubaldi. Mas o seu conceito é demasiado subjectivo e algo impreciso, pois que se as formas não-vivas contêm vida potencial (dissociadas), são elas que denotam a tendência para o equilíbrio instável! Como se deu a síntese primeira? Eis o que o Autor nos não diz claramente, como a maioria dos neo-vitalistas e que o «evolucionismo monista» da «Grande Síntese» procura resolver, utilizando, subsidiàriamente, a hipótese de Pfluger.

Se bem interpretamos (págs. 80-81), o autor afirma, por conclusão, que é a função quem cria o orgão!

A passagem da função potencial a actual, causa o orgão. Eis-nos em face duma adaptção da tese dos arquêtipos teosóficos, tese que o autor aceita noutras passagens. Que é o acto funcional? É a reacção interna à excitação externa. O meio solicita a função e... logo o orgão. Não será assim? Caimos, então de novo, na teia do transformismo, do qual só nos libertaremos por uma explanação da ideia neo-vitalista de um «superior planeamento da vida». Os fulcros da «onda da vida», animadores das formas, ganham experiência no seu esforço de adaptação ao meio, ao mesmo tempo que os organismos se modificam, lenta ou bruscamente (hipóteses de Lamarck, Darwin, De Vries, Moritz, Wagner, etc.). E, assim, a «onda da vida» vai sendo fragmentada em «almas-grupo» (cf. Jinarajadasa in «Fundamentos da Teosofia»). Há, digamos, uma ascensão em correntes paralelas e interdependentes, uma evolução psicofisiológica dentro das linhas *gerais* do Pensamento, aspecto da Realidade Absoluta, para falarmos segundo termos do autor. A tese dos «arquêtipos», interpretados como modelos..., parecer-nos-ia mais perfeita se apenas constatássemos as «mutações bruscas» e a paleontologia nos não indicasse terem existido formas que pareciam experiências frustradas... da Mãe-Natureza. Lemos algures que em certa região astral existiam modelos não só das formas passadas como doutras vindoiras. Quem as plasmou em subtil matéria? Iniciados nos segredos dos mistérios. Seja. Então o seu olhar penetrou no futuro; absorveram o Pensamento Absoluto? Ou são eles os guias da Evolução? Teremos, nesse caso, de supor dois ramos no Caminho das formas, um do princípio até àqueles e outro deles até ao fim? «Superior planeamento da vida» não é uma ideia sinónima da dos «arquêtipos». Esta é exageradamente «platónica»! (v. Idealismo de Platão).

Diz-se na p. 86: — «E mesmo que se tratasse de reflexos, estes, como os instintos, não se tornaram automáticos a partir da deliberação, mil vezes repetida?»; «mas o instinto nasceu de meditações bem ponderadas e, querendo, podemos vencê-lo». Então houve deliberação, antes do instinto?!

Não estaremos a confundir hábito e instinto? ou a julgar o hábio como origem do instinto? (v. Abel Rey in «Psychologie», p. 416). Aquelas ideias fazem-nos lembrar Condillac... o que concorda com evolucionismo, em parte seguido pelo Autor. Mas acto inteligente supõe consciência... Então, o caminho foi da actividade consciente para a inconsciente, para... subir, de novo, à consciência... Remetemos o leitor para Boll e Delmas in «Personalidade Humana», cap. VI, p. 69-80.

Na pág. 94, o Autor precisa o seu conceito de Realidade Absoluta, pelo qual pretende substituir a ideia do «Deus bíblico e antropomórfico». «A Realidade Absoluta é toda a realidade constituida por essência espiritual, existindo por si mesma». Analisemos esta definição... Realidade é a qualidade do real, de algo que existe em acto. E essência espiritual é o substractum desta realidade que existe por si mesma, desta realidade incausada. Eis-nos definindo um conceito através de uma abstracção incompreensível (a essência espiritual) que constitui a substância daquele, de uma qualidade «a se» de algo que nos escapa e que não sabemos que seja. A pesar deste fraco domínio do campo metafísico, vejamos se nos é possível destrinçar a ideia do autor. Mais longe, ele chama-se «panrealista», nome criado para não usar o de «panteísta». Logo, a sua «Realidade Absoluta» é a imputação da «necessidade» (pela ideia de asseidade) ao Tudo real (que existe), à natureza. Wachsmann chegou a esta forma de panteísmo pela crítica de Kant ao princípio de causalidade. Mas o filósofo de Koenigsberg caiu numa petição de princípio, porque formulou mal aquele postulado metafísico. O «panrealismo» de Wachsmann é um panteísmo naturalista à Schelling com tantos pontos fracos como este. Como ele, caiu na contradição de atribuir à «Realidade Absoluta» a par da necessidade metafísica... a evolução constante da mesma Realidade. Ora o necessário é necessàriamente imutável ou... deixaria de o ser. Como redundou pois em formas de energia e, depois, no Tudo que é o ser contingente, criado? Então, a «essência espiritual» passou da necessidade à contingência... Se Wachsmann tivesse procurado o Ser para lá da sua «Realidade Absoluta», vislumbraria Deus na medida que a nós, homens, é possível.

A distinção de 7 planos cósmicos — físico, etéreo, astral, mental, causal, consciencial e monádico — bem como a dos 7 corpos humanos são afirmações extremamente teosóficas. Parece terem sido estas categorias estabelecidas por clarividentes poderosos, mas como as experiências se mantêm no segredo das escolas é-nos impossível uma análise crítica destas afirmações; como nos é impossível também aceitá-las... *a priori*. Sem dúvida que a ciência hipotetiza uma gradação de formas desde a matéria à energia. Que elementos constituirão os planos de matéria para lá do físico? Dispor-se-ão em séries estequiogenéticas entroncáveis umas nas outras? Como poderemos di-

ferençar a mais quintessenciada forma do plano astral da menos subtil do plano mental, por exemplo? Sete tipos esgotarão a complexidade da evolução cósmica? E... não serão os sete corpos afirmados simples graus na evolução do «corpo anímico»?

/ / /

«A alavanca psíquica — como alguns lhe chamam — não existe, porque as levitações são fenómenos eléctricos» (p. 175). Esta frase surpreendeu-nos. Pretenderá o autor, assim, destruir os trabalhos experimentais de Ochorowicz, Scherenck-Notzing, W. Crawford e Grunewald? Em certas sessões, Imoda, Curie, Langevin, Yurievitch, du Bourg, de Bozas e o próprio Ochorowicz, entre outros, puderam observar fenómenos eléctricos. Mas daqui àquela afirmação improvada de Wachsmann vai um salto demasiado brusco!... Pode ser que existam indivíduos que aceitem ideias assim expressas. Nós não o podemos, a pesar da admiração e estima pessoal que nutrimos pelo autor.

/ / /

«A alma é a verdadeira energia espiritual e inteligente; não é, portanto, uma entidade pessoal, mas individual» (p. 179). Então a alma possui individualidade sem personalidade? Os nossos incipientes estudos filosóficos levam-nos a supor esta como o fundamento daquela. O problema da localização da alma é tratado neste capitulo («a constituição e a sede da alma-espírito», p. 179-181) por forma que nos parece pouco profunda. Remetemos o leitor para a «Psicologia Contemporânea» de J. Vicente Viquera (teorias de T. Lipps in pag. 72-74; e cap. VIII, p. 171-189) a fim de estabelecer um confronto). (Esperamos, — se o Director desta Revista nos der guarida — publicar o ensaio «Do Espirito» remetido ao Congresso Internacional Espiritualista de Bruxelas; por ele poderá o leitor abarcar o que pensamos sobre o problema da estrutura e localização do Espirito).

A «análise especificada da alma» e dos seus corpos (p. 186 a 193) é uma repetição do que se lê em Blavatsky, Beasant, Lealbeater, Steiner e Jinarajadasa, um resumo do que chamamos «Psicologia Oculta e Improvada». Preferíamos meditar a obra em que se fizesse uma síntese da Psicologia Geral e da Metapsicologia, para compreendermos até que ponto esta alarga o conhcimento do homem *actual*. A metapsicologia saida dos trabalhos de espiritas e metapsiquistas oferece a base segura da prova experimental. A Psicologia teosófica é um edifício colorido e ensombrado pelos véus misteriosos, não oferecendo ao leigo mais que afirmações... Dizem que resultam de trabalhos experimentais... Pode ser; não duvidamos disso. Mas, porque, se não publicam os «relatórios»? Mostra-se Isis sem os véus que ocultavam a nudez do seu corpo, mas... não se revela como lhos arrancaram... Eis porque assumimos perante aqueles ensinos uma atitude de dúvida que não significa negação apriorística.

(A concluir)

Estudos Psíquicos e os Leitores

Sua revista continua sempre na vanguarda, como das melhores com que conta, por toda a parte, o Espiritismo.

... ...

Estudos Psíquicos é, para mim, sem favor nenhum, a melhor publicação no género que temos em Portugal e fora dele, creia...

Leopoldo Machado, Nova Iguassu

Como assíduo e entusiástico leitor de Estudos Psíquicos, *julgo esta revista indispensável aos que, de facto, desejam estudar a Doutrina.*

Coronel Delfino Ferreira, do Rio de Janeiro

«Acompanho «Estudos Psíquicos» com carinhoso interesse e peço a Deus conceda a essa grande revista dos nossos queridos irmãos de Portugal e sob a sua digna direcção, as melhores realizações em favor da consoladora doutrina que nos irmana».

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
(Pedro Leopoldo — Brasil)

«A nossa prezadissima irmã D. Marcolina Alves ofereceu-me o número de Julho de 1946 da revista «Estudos Psíquicos», que se publica sob a vossa esclarecida orientação. Li-a com todo o carinho que tais obras merecem. Gostei imensamente de tudo o que nela se trata e, sem medo de errar, direi que em Espiritismo não há nada melhor, não só na parte material, como na parte científica e doutrinária».

A. FERRAIUOLO
(Rio de Janeiro)

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

SONHO PREMONITÓRIO

O nosso colaborador Faure da Rosa publicou há tempos na *Região de Leiria* um artigo subordinado ao título «O Inverosímil... Acreditável», no qual historia um curioso sonho premonitório a que já também nos referimos uma vez, embora com menos cópia de pormenores. Por isso o trasladamos para estas colunas:

O caso que segue foi contado por Giovanni de Figuero, um dos mestres de armas mais rijos e dos mais reputados de Palermo.

Em 1910, numa noite de Agosto, Giovanni acordou com a impressão de ter tido um sonho tão vivo, tão real, que a mulher imediatamente lhe contou as minúcias estranhas, curiosas e precisas.

Giovanni sonhara que se encontrava numa estrada campestre e branca de poeira que levava a um vasto campo cultivado, onde penetrou. No centro desse campo erguia-se uma casa rústica, com rés-do-chão onde havia armazéns e estábulos. À direita da casa existia uma espécie de cabana de madeira, construida com ramos secos, onde estava um carro com os lados descaidos, e, em cima dele, arreios para animais de tiro.

Encontrara ali um camponês cujos traços fisionómicos conservava com a maior nitidez: vestia umas calças escuras e tinha na cabeça um chapéu preto, mole. O camponês aproximara-se dele e convidara-o a segui-lo, o que Giovanni fez.

O aldeão conduzia-o para trás da casa e, por uma porta estreita e baixa, entraram num pequeno estábulo de quatro ou cinco metros quadrados, o máximo, cheio de lama e estrume. Nesse estábulo havia uma escada curta, de pedra, que ia dar, interiormente, à residência. Um macho estava preso a uma manjedoura móvel, macho que, com a garupa, obstruia a passagem para alcançar os primeiros degraus da escada. Como o aldeão lhe asegurasse que o animal era sossegado, Giovanni obrigou-o a deslocar-se e subiu a escada. Entrou depois num quarto pequeno ou celeiro assobradado, e notou pendurados no teto, melões de inverno, caehos de tomates, cebolas e maçarocas de milho. Nesse mesmo quarto, que servia de ante câmara, estavam duas mulheres e uma rapariga. Das mulheres, uma era velha e a outra nova; supôs até que esta última fosse mãe da pequena. Os traços destas tres pessoas, igualmente lhe ficaram gravados na memória. Pela porta que abria para o quarto contiguo, viu uma cama larga, para duas pessoas, extremamente alta, como Giovanni nunca tinha visto. Foi este o sonho.

Nem Giovanni nem sua mulher lhe encontraram qualquer significado; tornaram a adormecer e não pensaram mais no caso.

Em Outubro do mesmo ano de 1910, Giovanni teve que ir a Nápoles assistir ao duelo de Amadeu Brucato. Dum incidente que ali sobreveio, resultou um duelo pessoal com Giovanni.

Esse duelo realizou-se em 12 de Outubro, dia em que Giovanni, com as suas testemunhas, se dirigiu de automóvel para Marano, localidade que jamais tinha visto e cuja existência até então desconhecia. Mal tinha percorrido umas centenas de metros em campo raso, a primeira coisa que o impressionou foi a estrada branca de poeira que ele reconhecia, mas não se recordava quando, nem em que ocasião a vira.

Pararam no limite de um campo que também conhecia por já o ter visto. Apearam-se do automóvel e meteram por um atalho orlado de sebes e plantas. Giovanni reconheceu aquele campo e disse para a testemunha que caminhava a seu lado, que não era a primeira vez que ali ia; que no extremo do atalho devia existir uma casa e que à direita se encontraria uma cabana feita de ramadas. Efectivamente tudo isto se encontrou, bem como um carro, com os lados descaidos e com arreios para cavalgadura de tiro. Um momento depois, apareceu um aldeão, de calças pretas e chapéu mole e preto, exactamente como aquele que dois meses antes Giovanni vira em sonho, e convidou-o a segui-lo. Em vez de o seguir, Giovanni precedeu-o até junto da porta do estábulo que ele *já conhecia* e, entrando, tornou a ver o macho preso à manjedoura; então Giovanni olhou para o aldeão como que a interrogá-lo acerca da agressividade do animal porque a garupa o impedia de subir a pequena escada de pedra; o aldeão assegurou-lhe como no sonho, que não havia perigo.

Subidos os degraus, Giovanni entrou no celeiro onde reconheceu, pendurados do teto, os melões de inverno, os cachos de tomates, as cebolas e as maçarocas de milho, e, ao canto do lado direito, muito caladas, as tres mulheres: a velha, a nova e a rapariga, exactamente como as vira no sonho.

Giovanni entrou no quarto contiguo, para se des-

pir, onde reconheceu a cama que tanto o admirara no sonho pela sua descomunal altura.

«Este episódio — comenta Bozzano — é digno de toda a atenção, porque a sua autenticidade não pode ser posta em dúvida. A circunstância do percipiente ter contado o sonho a várias pessoas antes da sua realização exclui a hipótese de «paramnesia», isto é, da impressão do «já visto».

«Se se tratasse de percepções directas no futuro, por obra das faculdades de *inferência subconsciente*, não se compreenderia que o sensitivo tivesse a visão de minúcias insignificantes acerca de situação em que ele viria a encontrar-se dois meses mais tarde, e, pelo contrário, que não tivesse percebido a circunstância essencial dessa situação, que era, indubitàvelmente, o duedo. Pretenderão admitir que as faculdades de *inferência subconsciente* possuem a prerrogativa de penetrar os acontecimentos futuros, valorizando pormenores insignificantes que apenas constituem o cenário da acção, mas que não conseguem penetrá-los *directamente*, seguindo o encadeamento das causas e dos efeitos que os determinam?

«Não há necessidade de refutar teses despidas de senso comum.

«Deve-se eliminar definitivamente a hipótese da «coexistência do futuro no presente», visto que, em tal caso, o quadro representativo do acontecimento futuro não poderia senão apresentar-se todo inteiro à visão subjectiva dos sensitivos; não se compreenderia porque distinguiriam nitidamente os pormenores inconcludentes da circunvizinhança e ficassem cegos diante da representação central do acontecimento.

«À primeira vista, parecerá que o carácter desta premonição contradiz as hipóteses «reencarnacionista», «pre-natal» e «fatalista», porque se se tratasse de percepção e interpretação de «traços» existentes num «plano astral» ou num «meio meta-etérico» ou na «subconsciência humana», o percipiente deveria receber e interpretar, de preferência, os «traços» correspondentes aos acontecimentos de maior importância, e não aqueles que derivam de quaisquer incidentes. Mas esta contradição é apenas aparente e desaparece, desde que se considere que as hipóteses em questão subenendem necessàriamente a existência de um mundo espiritual e que elas se adaptariam perfeitamente à suposição de que as visualizações subjectivas dos acontecimentos futuros estão submetidas a poder espiritual extrinseco à subconsciência humana, poder que lhes disciplinaria os actos em vista de fins ultramundanos.

«Estas considerações levam naturalmente a lembrar que, pela hipótese espiritualista pròpriamente dita, esse misterioso carácter dos fenómenos premonitórios é fàcilmente explicável, porque basta admitir que uma entidade desencarnada, ligada efectivamente ao sensitivo, suprime, às vezes, os dados essenciais de um acontecimento futuro doloroso e inevitável, só com o fim de o deixar entrever ou pressentir, criando nele um estado de ansiedade providencial que o predispõe para a provação que o espera. Noutras circuntâncias, bastaria admitir que, por vezes, é interdito a uma entidade desencarnada revelar tudo, a fim de não interpor obstáculos ao curso mais ou menos inevitável dos destinos humanos».

UNIÃO ESPIRITA DISCÍPULOS DE JESUS

Amàvelmente enviado por Álvaro Regis, 1.º secretário da União Espirita Discípulos de Jesus, de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, Brasil, recebemos o Relatório do exercício da sua Directoria relativo ao ano de 1946 e no qual se verificam os progressos da jovem agremiação, superiormente dirigida pelo dinâmico e ardoroso confrade Jobel Sampaio Cardoso, que é também director do bem redigido orgão *Boletim Espirita*, aqui recebido com toda a regularidade.

Esta colectividade foi fundada em Fevereiro de 1945 por Jobel e Olga Cardoso, Alvaro e Laura Regis e Waldemiro Monguilhott. Após algumas alterações sofridas, tomou em Março de 1946 o nome de União Espirita Discípulos de Jesus e o seu quadro social apresentava em Dezembro último o número de 218 associados. Hoje, é possivel que já tenha ultrapassado as três centenas.

A *Juventude Espirita de Florianópolis*, a cuja frente se encontra Jobel Sampaio Cardoso, que possivelmente virá a ser representante de *Estudos Psiquicos* naquele Estado brasileiro, está difinitivamente organizada, de harmonia com as directrizes do nosso colaborador e amigo Leopoldo Machado. A *Semana Espirita* será realizada em Junho. *A Hora Espirita Radiofónica* aguarda oportunidade, o mesmo sucedendo com a fundação de uma tipografia.

A construção de sede própria é, agora a maior preocupação destes esforçados pioneiros, que trabalham em missões de prègação evangélica, de auxilio aos enfermos, de protecção à velhice, de amparo aos presidiários, de socorro aos necessitados, de assistência farmacêutica e alimentar, não falando de imprensa periódica e distribuição de livros espiritas.

Em 23 de Junho de 1946 fundaram eles na Penitenciária do Estado o *Redil Espirita «A Caminho da Luz»*, dirigido por reclusos e já em 17 de Março tinham organizado a *Biblioteca Espirita «Amigos de Jesus»*.

Lamentamos que o espaço escasseie e não permita maior referência a uma colectividade tão prometedora como esta, à qual enviamos os nossos melhores cumprimntos de saudação fraterna, com votos de felicidade material e espiritual.

Notas & Comentários

EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA

Entre as muitas e variadas obras de educação e amparo social criadas pelos espiritas brasileiros, uma existe de grande valor intrínseco e cuja projecção reputamos certa e positiva. Referimo-nos à União Espirita Brasileira de Educação e Assistência, fundada em 25 de Agosto de 1946 e sediada na Avenida de Venezuela, 27, grupo 408, Rio de Janeiro.

Pela primeira vez, entre espiritas, se estabelece o princípio de cooperação, de incalculáveis efeitos na resolução de problemas económicos que requerem o maior cuidado.

Entre outras coisas, eis como o Estatuto desta interessante agremiação define alguns direitos dos associados:

No caso de falecimento, beneficiar a família com o «amparo social»; preferência dos filhos dos sócios nos institutos de ensino ou escolas profissionais mantidas pela Sociedade; assistência médico-hospitalar por parte das instituições auxiliadas ou mantidas pela Sociedade; assistência judiciária por parte do seu Departamento Jurídico.

O «Amparo Social» consiste na formação de uma caixa destinada a levar auxílio material à família dos sócios desencarnados que estiverem no uso de seus direitos na altura do falecimento.

Como se vê, o Espiritismo progride em todos os campos da actividade humana. É uma verdadeira cruzada de bem-fazer que percorre o mundo de lés-a-lés, a todos levando palavras de conforto e actos nobilitantes.

CUADERNOS DE ESTUDIOS METAPSÍQUICOS

Recebemos o 1.º e 2.º número da revista *Cuadernos de Estudos Metapsíquicos*, órgão da Sociedade de Estudos Metapsíquicos do Chile e dirigida por Ernesto Moog, redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* na capital daquela florescente república sul-americana.

De pequeno formato mas de belo aspecto gráfico, insere magníficos trabalhos de análise crítica dos fenómenos psíquicos, além de biografias de grandes investigadores, entre eles, Fredrico Myers e Geley. Não é de admirar, pois, que tenha alcançado merecido êxito, a ponto de se haver esgotado o primeiro número.

Ernesto Moog aproveita o aspecto científico do Espiritismo para fazer utilíssima propaganda. «Dando a conhecer as bases do espiritualismo científico — diz ele — quer proporcionar a todos os inquietos e estudiosos os pontos de partida e a orientação necesária para se encaminharem, livres de miragens e ilusões enternecedoras, para as verdades relativas acerca do seu destino, que a humanidade actual está em condições de possuir».

A fim de estimular o intercâmbio espirita luso-chileno, transcreveremos alguns artigos de *Cuadernos de Estudos Metapsíquicos*, para que os leitores avaliem o grau de elevação da citada revista.

Ao nosso redactor-correspondente apresentamos vivas saudações, com ardentes desejos de progresso material e espiritual para a sua bela revista, extensivos aos seus companheiros da Sociedade de Estudos Metapsíquicos do Chile.

AS REVISTAS BRASILEIRAS AUMENTAM DE PREÇO

A crise da imprensa vai-se estendendo a toda a parte. *A Centelha*, grande revista que se publica em S. Paulo há cerca de oito anos, viu-se obrigada a aumentar o preço, tal como sucedeu a *Estudos Psíquicos*. A assinatura anual passou de 20 para 40 cruzeiros, não obstante a numerosa e lucrativa publicidade que insere em suas páginas e que lhe diminui o valor intrínseco. Mas outro remédio não teve para continuar a viver e a propagar a Doutrina.

Como a imprensa vive do público para o público, é natural que se mantenha o equilíbrio, quando interesses e sentimentos vibrem em uníssono; quando, porém, o interesse monetário não entre em jogo, é mais difícil a tarefa. Por vezes, é impossível e surge o colapso, dizimando numa hora o que levou anos e anos a erguer, à custa de trabalho insano.

Felizmente que no Brasil a imprensa espirita vive desafogadamente, mercê da comprensão dos adeptos, que se contam aos milhões. Mesmo aumentando de preço. *A Centelha* continuará a circular, porque além do aumento da assinatura arrecadará boa receita dos anúncios.

INTERCÂMBIO LUSO-ARGENTINO

O nosso director foi convidado a exercer o cargo de redactor-correspondente da revista *La Idea*, orgão da Confederação Espirita Argentina, com sede em Buenos Aires. O convite veio através de Natalio Ceccarini, director daquela publicação e colaborador de *Estudos Psíquicos*.

Aceitando o convite, Isidoro Duarte Santos pro-

Noticiário

AMIGOS DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Compreendendo as dificuldades que atravessamos para manter esta revista, alguns amigos enviam-nos os seus generosos donativos, que reconhecidamente agradecemos e que constituem para nós verdadeiro incitamento.

Os quatro primeiros provêm de confrades do Rio de Janeiro que acompanham a nossa obra e a alimentam com sua presença amiga; os três restantes são de Portugal e já noutras emergências têm dado o seu precioso concurso.

Dr. Artur Lins de Vasconcelos	200	cruzeiros
António Luiz Fernandes	200	»
Dr. António Gama de Paula	50	»
Anónimo	50	»
Manuel Gomes da Costa Cardoso ...	50$00	
João Jaime Jerónimo	23$00	
Manuel Lucas Goulart	20$00	

D. MARCOLINA ALVES

É sempre com prazer que falamos desta esforçada pioneira da Causa Espirita. As palavras consoladoras que nos acaba de dirigir e a acção que tem desenvolvido em prol da nossa revista, conseguindo-lhe novos assinantes e promovendo a sua venda entre amigos e conhecidos, dão-nos a certeza de que D. Marcolina continuará a nosso lado, cheia de esperança e fé no triunfo da nossa modesta empresa.

Lamentamos que se encontre um pouco abalada de saude e esperamos que em breve possa retomar as suas ocupações habituais, que muitas são e de grande utilidade para as agremiações a que pertence. A vida dos grandes obreiros é preciosíssima. Quanto maiores forem os cuidados para a equilibrar, mais lucrará o Ideal que servem. Que ela se restabeleça, pois, inteiramente, e que os mensageiros do Alto a protejam! Para ela vai o abraço de saudade dos que nesta casa sentiram a alegria do seu convívio, esperando que continui a ser um traço de união entre o Brasil e Portugal.

cura servir a Causa, estabelecendo intercâmbio espirita luso-argentino, de que advirão grandes benefícios. Além do conhecimento recíproco, fortes laços estreitarão a nossa simpatia pelos valentes pioneiros argentinos que daqui saudamos e abraçamos.

18 DE ABRIL

Como foi anunciado no último número, o Centro E. Luz e Amor comemorou o 90.º aniversário do *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. É, porém, impossivel dar agora o relato da sessão, em virtude da falta de espaço e não ser conveniente atrasar mais a revista.

SUBSCRIÇÃO DO NATAL

Escrevem-nos do Funchal, informando que o confrade sr. José da Silva Pereira, daquela cidade, contribuiu com 30$00 para a subscrição do Natal e não com 20$00, como, por lapso, foi publicado. Agradecendo o esclarecimento, aqui fica a rectificação.

TRANSCRIÇÕES

Várias revistas brasileiras e argentinas nos honraram com transcrições, entre elas *La Idea*, de Buenos Aires, *A Voz dos Espíritos*, *Boletim Espirita* e *O Semeador*. A primeira inseriu uma poesia de Ramos Pereira, a segunda, trechos de Reper-Siam e do nosso director e a terceira «As Experiências de Fassman no Coliseu dos Recreios», do coronel Faure da Rosa.

A todos estes órgãos de propaganda, os nossos vivos agradecimentos.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE FILOSOFIA

Recebemos os *Anais da Sociedade Brasileira de Filosofia*, relativo a 1944-45, o qual insere vários discursos e artigos de académicos que ingressaram naquela colectividade. Na respectiva secção lhe faremos oportunamente a necessária referência.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MAIO DE 1947

Dia 3 de Maio, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 9 de Maio, às 21,30 — Sessão doutrinária dada pelo Grupo Amor do Redentor.

Dia 10 de Maio, às 21,30 — Conferência por por Luciano Silva, intitulada «Razões para o espiritualista ser naturista».

Dia 17 de Maio, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 24 de Maio, às 21,30 — Conferência por Haydi de Thebelen, intitulada «Como se deve educar o neo-espiritualista».

Dia 31 de Maio, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

NOTA — As Conferências realizadas no Centro são públicas e as sessões doutrinárias são reservadas aos sócios com as cotizações em dia.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

8.º ANO — LISBOA, MAIO DE 1947 — N.º 5

Redactor: **Ramos Pereira** | Director e Editor: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

UM CENTENÁRIO

A Federação das Sociedades e Centros Espiritas de Nova York resolveu comemorar o primeiro centenário do Espiritismo Moderno e publicar um grande Memorial («Grand Souvenir Book») com colaboração de todas as nações do mundo, através de suas figuras mais representativas. Este livro histórico será de extraordinário interesse moral e mental. Cem personalidades de relevo na propaganda serão os autores desse livro único, que não voltará a imprimir-se e que, relembrando um facto, marcará novo ciclo de Doutrina.

Também enviámos a nossa pequena contribuição, a pedido do Rev. J. Bertran Gerling, presidente da Comissão Organizadora do Centenário, que nos tem escrito algumas cartas informativas e de que daremos conta no próximo número. Como veremos, o programa é interessantíssimo e abrange muitos sectores da propaganda.

A comemoração será feita em 1948. Até lá, poderão surgir muitas ideias e alvitres que dêem brilhantismo a esse grande acontecimento.

No Brasil, ergueu-se uma voz preconisando um monumento a Allan Kardec. E em Portugal ? Que faremos nós ?... Será bom que se vá pensando no assunto. Que alguma coisa surja de útil a marcar o centésimo aniversário do Espiritismo Moderno. Em nossa opinião, a melhor ideia seria um congresso Nacional a realizar em Lisboa, a fim de agregar elementos dispersos. E ao mesmo tempo organizar uma semana espirita, com saraus, conferências e sessões de propaganda, em localidades onde houvesse núcleos espiritas.

É preciso sair do marasmo que nos caracteriza há tantos anos. O Espiritismo tem elementos de vida própria. A questão é reuni-los num grande congresso, que seria o verdadeiro núcleo do Centenário.

Gostariamos que o entusiasmo norte-americano contagiasse os confrades portugueses e os levasse a maior interesse pela Doutrina.

Ter um ideal é vivê-lo. O exclusivismo prejudica sempre os que o cultivam. Não há nada melhor do que a fraternidade bem compreendida. As dificuldades servem para estimular energias. Sem elas, não haveria progresso sensível.

O esforço humano depende das necessidades do meio. Quanto maiores forem os recursos naturais, menor será a energia gasta na manutenção da célula. Eis, porque as nórdicos são mais activos e progressivos do que os meridionais.

O clima exerce grande influência no carácter do indivíduo. Nós somos palavrosos, redundantes, explosivos. Somos meridionais. Falamos muito e agimos pouco. O contrário seria mais útil e proveitoso. Devíamos equilibrar os actos com as palavras.

Esta ideia do Centenário não pode cair no vácuo das coisas inúteis. É preciso agitá-la. Há cem anos que se fala de Espiritismo em todas as linguas e dialectos. Há cem anos que a ciência e a religião estudam os fenómenos psíquicos e procuram desvirtuá-los ou negá-los. Há cem anos que se mantém a controvérsia entre os partidários da sobrevivência e comunicação dos espíritos e os que afirmam que na morte acaba tudo. Há cem anos que milhares e milhares de experimentadores têm passado para o nosso lado, com armas e bagagens, convertidos à nossa filosofia.

Se não fosse uma grande realidade, o Espiritismo teria morrido à nascença. Mas não ! Que o diga o entusiasmo que vai pela grande América, pelo vasto Brasil e por todo o mundo onde há espiritas de verdade ! Que o diga a capiosa bibliografia disseminada em todas as línguas, inclusive Esperanto, e até em Braille, para cegos ! Se o Espiritismo morresse, ter-se-ia extinguido o espírito humano !

Brasão de Imarcessível Glória

por F. Noronha

A leitura, em o n.º 1065, correspondente a domingo, 22 de Dezembro de 1946, no semanário regionalista «O Cezimbrense», de uma notícia relativa a sinistro no mar, pela uma hora da madrugada do dia 15, morrendo afogados dois pescadores, fez-me revoltar contra o egoismo brutal, a fereza de quem foi a causa da trágica ocorrência.

Naquela hora, encontravam-se na sua faina das redes, em pequena embarcação de vela e remos, três nativos da «piscosa», como denominou Camões a vila da histórica e formosa Cezimbra no genial poema.

Um barco, provido de motor, abalroou com o que ali estacionava «partindo-o pela popa do lado esquerdo, atravessando-a, e saindo pela direita, cujos vestigios estão vinculados pelos prejuizos causados na embarcação, na chumaceira do lado direito, arremessando ao mar os seus 3 tripulantes; e, contra todos os princípios de solidariedade humana, o barco seguiu seu rumo sem se incomodar com os seres humanos que ficaram a lutar com a vida, com poucas probabilidades de se salvarem».

Em meio da indignação de que me senti invadido, diante de um tal quadro de ferocidade egoista, acudiu-me ao pensamento a ideia de diametral contraste em tudo com semelhante procedimento, patente de alma e coração, onde quer que exista um verdadeiro espirita.

E logo deliberei verberar pùblicamente, nesta idónea tribuna, o acto repelentíssimo de fuga cruel e bestiaga, levada a efeito pela guarnição desumana e bárbara do barco-motor.

Haveria atenuante, se impossibilitada por avaria fulminante, no fragor de temtade.

Não consta, porém, que sofresse dano e que o mar estivesse revolto, anulando qualquer esforço de humanidade !

A doutrina espirita não alimenta egoismo, tem o culto da fraternidade no mandato de amor, que lhe retine do verbo de Jesus, no foro intimo dos seus adeptos e identifica-se, com espontâneo acordo, no preceito augusto do Sinai: *Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmo.*

É interessante, que andando eu, desde alguns dias, cogitando numa elaboração em que me fosse acessível fazer sobressair a mais bela característica do Espiritismo, valedor e humaníssimo, é interessante, repito, que um caso, aliás de compungimento, haja provocado em mim, sem mais delonga, este desabafo, simultaneamente motivo de horror e de execração, e homenagem de verdade e de inteira justiça à instituição doutrinária e cientifica, que eleva o homem às concepções do Infinito e rasga, às nossas visões espirituais, os véus que ocultam o Além, numa certeza de imortalidade !

Cultivar este sentimento, ampliar-lhe a todos os horizontes uma forma que o imprima e entranhe, vibrátil, na consciência, eis, concatenação de bem comum, expansão ética de social equilíbrio, negativa inconcussa, quer de cartilha, quer de catequese egoista.

Nesta voluntária tarefa de interesse humano e de finalidade emancipadora de insofridas ambições, assume o espirita o papel exemplificador do mais abnegado evento apostólico e da mais desassombrada sinceridade.

Este norte, este documentário sugestivo de convicção e de docência inigualável, esmaltam-lhe a actividade proselítica, definem-lhe a pureza de intenções, valem como preces, de vivos dedicados, sufragando as almas dos que desencarnaram.

Por isso, abri as presentes linhas com título ou rótulo ignificativo: *Brasão de Imarcessível Glória !*

///

O egoismo é a pretidão consumada, o doesto intolerável, a lingua de fogo escaldantíssima e ao mesmo tempo mácula toxicante e gangrenosa que arrasta a pélagos infamantes e a tremedais de ignomínia.

Misèrrimamente, não é de essência fraternal a condição actual que informa o

mundo e afina a ideologia das classes que se consideram dirigentes.

Se predominasse o espírito de ponderação, a razão de validade equânime e, em primeira linha, o espelho cristalino de Jesus, o que sabia distinguir abertamente entre Deus e César, sem destronar categorias assentes nem sofismar direitos reconhecidos: se predominasse o senso *de seu ao seu dono* e não a insociabilidade ambiciosa inconfessável, nunca surgiria o século vinte com o archote funesto de guerras totalitárias, desmanteladoras, descabeladas, servindo-se da Ciência e dos sábios para tocar a meta fúnebre, irreparável, da maior prova de monstruosidade aniquilante que tem escancarado bocarras sinistras na fauna de animalidade, dita racional.

O homem, de positivo, lobo do homem, ensoberbecido com série enorme de explosivos de grande potência, sobrepujados por indómita varredoura sem antecedência em todas as idades pretéritas !

Estou aludindo, como compreendeis, dilectos leitores, à bomba atómica.

Se a criatura, de privilegiada estirpe, que é o homem, não reunisse em sua mente ideias e soluções contraditórias e não a seduzissem sonhos de poderio, miras de conquista, métodos de empalmação e embelecamento, tantas vezes, com máscaras habilidosamente afiveladas; se, sã de corpo e de alma, se guiasse pela filosofia do dever e a palavra e vida do Evangelizador Palestino, não haveria, agora, de lés-a-lés do planeta, um sudário de morticínios e uma onda flagiciosa de dimensões indetermináveis.

Cedem, porém, quais fascinações de mais e mais, idolatria de posse, insatisfeita sempre, os avessos cáusticos da bondade, os ultras de estorsões dementadas, não para diminuirem de malignidade, de corrosivismo, com extensos tentáculos de polvo insidioso, de acção mefítica roedora dos sãos alicerces de sociabilidade normal de ordenamento afectivo e de congruência prática, mas encanecendo-se na vileza exploradora, na sede febril de apanágio e de amontoamento aurífero, no acrescer sem regra, sem medida, sem escrúpulo algum, de consecuções locuplativas de interesse pessoal, embora criminosamente iniquas e flagrantemente esmagadoras dos mais sagrados e autênticos direitos !

«Sejamos, pois, calmos, correctos, imparciais. Respondamos à violência com a mansidão, ao doesto com caridade, à insinuação com indulgência. E sempre que assim procedermos, a nossa consciência não terá de que alarmar-se».

Tal o articulado compendioso do espirita, a legenda aurorificante dos seus centros, o lema que é sinaleiro dos seus pórticos !

///

Desde que me abeirei do Espiritismo tenho notado sensível alteração de carácter.

Não era totalmente refractário à lepra do egoismo, de que resquícios pelo menos coexistiam em meu ser, e era fàcilmente brutalizado por súbita irascibilidade, conduzindo-me asperezas e gestos de desabrimento injustificado, chegando mesmo a espumar enfurecido.

Pois, aqueles resquícios dissiparam-se, desoprimindo-se, e a ira tende em progressão crescente, para abandonar-me de vez.

E este fenómeno, de bom agouro, tem-se verificado automàticamente, dia-a-dia, hora-a-hora, momento-a-homento.

Assisti, de fria indiferença, ao desenrolar de quadros aflitivos, só pensando em minha pessoa e retraindo-me ao espectáculo doloroso.

Sei, no entanto, por voz secreta, que não caberia em meu ânimo o procedimento empedernido dos tripulantes do barco-motor, que desalmadamente deixaram perecer no mar de Cezimbra os seus semelhantes, que lhes competia, por imperioso dever moral, arrancar à morte, no golfão das vagas.

Sei, decerto. Mortal remorso me envenenaria o espírito se, numa conjuntura tal, fosse tão cobarde, que me eximisse à humanidade para não honrá-la por legítimo esforço oportuno. Ocorre-me de retentiva, um caso de salvamento, contado por mãe adoptiva, em anos já distantes.

Varão honesto, de relações cortadas com outro, surpreendido, na rua, por acidente que o tombou e lhe apagaria a existência, se não fora de pronto socorrido, foi-o, de facto, pela mão do inimigo. Ao ver-se, fora de acção imediata do perigo, bradou ao salvador:

— E agora ?

— Agora, — retorquiu este, — como dantes.

Cumprira um dever de genuina humanidade, como tal, sem olhar a quem. Dou fé peremptória de casos desta categoria, alheios a relações cortadas entre os prota-

gonistas, ocorridos em meio espirita, de empolgante significado e de insinuação generosa, cativantíssima. Obras meritorias, na edificante moldura de Jesus, contam-se com frequência e não constituem ufanias de vaidade.

Tive ensejo de presencear, durante anos, o tentame cristianíssimo de uma individualidade espirita, modesta, querendo regenerar um assassino, em que os tribunais tinham reconhecido dirimentes.

O carinho paternal, o conselho suave, a paciência admirável, tudo o que se alberga no coração de um apóstolo do bem e da bondade, em favor do próximo transviado, tudo isso foi posto em execução com fervor de fé, como meio de esperança no resultado que, todavia, falhou, mais por incompreensão do infeliz do que por aborto de maldade.

Contudo, não era antagónico ao agradecimento nem impenetrável à gratidão.

Brasões, *sui generis,* são estes, de eloquência ingénita e de fulgurância ininterrupta na ascese espirita, e na valorização intrínseca da atmosfera de alto que banha e define o Espiritismo.

O egoismo não tem consentaneidade com a doutrina e ciência, em que a vaidade não colhe e em que o perdão e a fé assentam arraiais solidários e fortalecem dinamismos purificados.

É assombrosa a modalidade de propulsão cultural de comugantes e simpatizantes espiritas, quando no enlevo ideológico de sessões experimentais, disciplinadas, tanto pela orientação e lógica reguladora, quanto pelo argumento comprovativo, fornecido pelos próprios factos que as recomendam e enriquecem.

Estes compensam de sobra, com proficuidade inconcussa, o calor de concentração efluviosa e a anelada presença de evocados, ressaltando do precioso testemunho virente de correspondentes manifestações.

Nestes preciosos termos, não vingam fraudes, não se formam nuvens, não se perturba o meio ambiente, não se confunde «o bem e o mal».

E já agora, a propósito do bem e do mal, seja-me permitido inserir aqui algumas linhas de Maria Veleda, na primeira página de publicação paralisada — *O Futuro.*

«Neste mundo em que vivemos e em que se debatem e chocam as nossas paixões, tudo é relativo, tudo se move e tudo se encadeia ao sabor de leis imperscrutáveis e misteriosas. O Absoluto está tão alto, que impossível se nos torna atingi-lo, mas a nossa ânsia de levantar os véus que o encobrem, obriga-nos muitas vezes a tomar pelo Absoluto aquilo que é apenas relativo.

«O Bem e o Mal não podem, pois, considerar-se absolutos. Nem sempre o Bem produz o bem, assim como nem sempre o mal é resultante do Mal. Quando do Bem se gera o mal, nós não podemos dizer que o que julgávamos ser bem o fosse realmente».

A relatividade, coroa de gemas que enflora a fronte do insigne Einsten, criador da mais pasmosa teoria áugica, brotante de um crânio, a relatividade é o depoimento translúcido e invulnerável de nossa idade, tesouro de afirmativa matemática, radicando a prova, superior a todos os sofismas, da Energia suprema, na consciência geral da humanidade.

E é Einsten, prodígio de génio e fascinação do saber, coluna espirita de esmalte e de cintilar brilhantíssimos, inofuscáveis, com reflexões e incidências mais do que humanas, mais do que contingentes.

Acenam de além de nossos horizontes e alçaprenam-nos até para lá da abóbada, astronòmicamente matizada que nos cobre e das nitentes vias lácteas, opulentadas de sóis, diante dos quais o central, do nosso sistema planetário, nem sequer avulta como chispa ou faulha miudinha, tenuíssima !

Como seria possível não brigar o egoismo com os adeptos da doutrina espirita, votados à imitação do Modelo do Amor, nas asas da prece, a que Allan Kardec recorria como refúgio e proclamava como lenitivo seguro ?

A prece, a oração, o mesmíssimo Árbitro das realidades perfeitas, semeador de lâmpadas inextinguíveis na alcatifa primorosa dos céus, Deus, o que falava a Moisés na sarça inconsumível e ordenava aos sexos que crescessem, se multiplicassem e enchessem a terra, «Deus, lágrima de amor, vertida na sombra sobre a miséria humana», como disse pensador germânico de há mais de um século, «Deus, um sopro inefável, — no dizer do mesmo pensador, — — que fica perpètuamente encerrado nas profundezas da alma» !

Místico abrir de lábios dependentes, dialogando com o Pai por excelência, o homem, em oração, esquece «*les limites*», e

este obliteramento «*rend heureux*». Que maior prova de humanidade emotiva é patente por parte do animal humano, que se reconhece dependente, espiritualmente, de ser superior, fora de nível com as suas faculdades, quando ora, recolhido?!... Ajusta-se a oração ao egoismo, antagónico, diametralmente oposto?

Todas as sessões, todos os actos de carácter espirita se inauguram pela prece, o ascenso da crença para o Alto, a aspiração do finito ao ilimitado, a confissão íntima de agradecimento da criatura débil e enfermiça ao Incriado e eternal, Aquele que não regista erratas nem intermitências na duração!

É claro que o espirita não procede nem se lembra de proceder com orgulho de presunção irrisória nem tão pouco supondo-se infalível.

Não ignora que se desmentiria a si mesmo e lançaria o Espiritismo pelas ruas da amargura, se se traisse por qualquer maneira e se aventurasse, de verdade, à crítica mordaz e ao desprezo lancinante.

///

Nesta altura, consinta-se-me um desafogo de alma. Quizera ver, aparte as características de essencialidade mediúnica, divergindo de centro para centro e de grupo para maior aproximação e afinidade de grupo, conjunto e identificação de pontos de vista de natureza categórica, não permitindo excepções, rigorosamente descabidas e deslocadas.

Que haja incongruências que dividam ou separem com argumento fundamentado, sem desdouro e enfraquecimento, convenho e é de rigor lógico, perante predomínios que variam e feições ou aspectos que não se confudem.

Mas, desde que não infirmam nulidades insanáveis, no quanto de plano de modalidade unitiva genérica, impõe-se pela suma doutrinária e pelo nexo de organização científica incontestável, o fecundo laço de união, decididamente vitalizador e reforçante, de que só proviria, importância moral cada dia mais sólida e consolidada para o Espiritismo e os espiritas. Enquanto viverem arredados, por ilógicas diferenciações, darão ideia de ciosidades e de núcleos conventiculares, caprichosos e inestéticos.

Estarão quase identificados com a atmosfera de clubes políticos, incertos do dia de amanhã e sujeitos a taras viciosas.

O Espiritismo é um elemento de concórdia, sem programa partidário e avesso, por natureza e essência, a credos da Política.

Deus e a imortalidade da alma, o contacto de aperfeiçoamento e de alívio aos racionais na provação terrena e o do Além, com os desencarnados, é sua missão exclusiva, seu aprumo belo de individualidade operante, sua dignificação de senso próprio em proveito da humanidade a caminho do verdadeiro progresso.

Não é o material que o inspira, possibilitando-o de diadema de luz, é a mesma luz que espanca a soturna trêva, susceptível de envolvê-lo, se distraido na forma e desafeito na objectiva inequívoca. As suas directrizes, que se desequilibram, quando falhas de finalidade anímica e de conceito assente, asseguram validade concreta e proporção de grau atilado na penetração do Além, quando conformando-se estrictamente com os princípios vivificantes de sua estrutura impecável e consubstanciando-se na prioridade formal do pensamento espirita, exteriorizado sem rodeios e truques em factos de indubitabilidade férrea.

A verdade vale e impõe-se por si, sem necessidade de socorro gracioso e de espontâneas confirmações de quem quer que seja.

Ela é o que é. Há-de um dia erguer-se no pedestal resistente do positivo apurado, qual baluarte inteiriço, de ebúrneo colorido.

Será, como jóia fluídica, encrustrada no edifício espiritual da razão triunfante e imperativa eficiencia de evidenciação supérrima!

Parti de um caso trágico, em que o egoismo se amostrou, repelentissimamente precito, fiz realçar o contraste empolgante no seio puro do espirita de verdade, congratulei-me, por último, com esta, radiando como Sol, de Vida e Amor, como pulcro zénite de Razão eficiente.

Avé, Espiritismo!

Colecções de Estudos Psíquicos

Na nossa redacção encontram-se à venda lindas colecções desta revista, elegantemente encadernadas em percalina azul, que vendemos ao preço de 70$00.

O ESPIRITISMO NA BAHIA

por Alfredo Miguel

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na Bahia)

Na sua volta ao mundo em busca de elementos decisivos de propaganda, «Estudos Psíquicos» encontrou um que muito estima e admira pelas qualidades que o exornam e fazem dele um verdadeiro companheiro de lides espirituais. Alfredo Miguel, amigo, quase irmão de Deolindo Amorim, é dos maiores valores morais e intelectuais do Espiritismo na Bahia, onde tem exercido acção meritória em benefício da Doutrina.

Nascido de pais humilimos, em Jaboatão, Pernambuco, só aos dez anos frequentou irregularmente a escola. Depois, entrou na vida: foi trabalhador braçal, pintor, barbeiro, vendedor ambulante... Mas naquele arcaboiço existia uma centelha em laboração que se exteriorizava dia a dia, a exemplo de Máximo Gorki... E começando por rabiscar jornais à pena, de degrau em degrau galgou a escaleira da existência. Ascendeu à Secretaria da Prefeitura Municipal, a jornalista, a escritor!

E assim dirigiu em tempos «Bahia-Espirita, jornal de grande aprumo e dignidade, e hoje é redactor de «Luz da Verdade», interessante orgão da União Espirita Baiana. Alfredo Miguel é também conferencista brilhante e autor de um «Esboço Histórico do Espiritismo», além de Presidente das sessões doutrinárias do Intituto Kardecista da Bahia e Delegado da Liga Espirita do Brasil.

«O Livro dos Espiritos» o converteu, porque esta doutrina lhe satisfez as necessidades da alma e do coração. Tem 45 anos, é pai de oito filhos e sente-se feliz com a missão que o trouxe ao planeta.

Eis e irmão e amigo que enfileira na Cruzada que esta revista alimenta e impulsiona. Seja benvindo, como outros que já vieram! O nosso abraço não tem limites. Envolve os que aqui se encontram e abre-se para novos amigos que aguardamos confiadamente...

ALFREDO MIGUEL

Estou residindo nesta vetusta capital baiana, seguramente há dez anos, e posso dar testemunho das lutas árduas que os espiritas aqui sustentam para manter índene e sem mácula a sua doutrina. Certo, precisa ser intrépido e em extremo perseverante, quem se disponha a zelar pela pureza do Espiritismo nesta aprazível região do território brasileiro.

Não é, entretanto, que os obreiros locais se vejam metidos em refregas, defendendo-se, continuamente, de ataques das hostes adversárias. Isto não.

Nossos opositores, aliás, quer sejam católicos, protestantes ou materialistas — registe-se isto por amor à verdade — pouco nos incomodam. Quase nada. Vivemos, a bem dizer, sem ser molestados por eles, assim como de nós não se poderão queixar do menor agravo. Uma vez por outra, o que acontece é sair no jornalzinho do arcebispado alguma historieta chistosa, onde se lê, por exemplo, que o espírito da sogra de um sujeito «reencarnou» num porco ou num asno, etcétera. Isto, porém, é até divertido. Por tão pouco, claro que ninguém iria às turras com outrem. Habitualmente, pois vivemos sem barulho e no melhor dos mundos possíveis. De resto, esse negócio de bate-bocas nunca foi do gosto

das pessoas educadas, e muito menos dos que, no Espiritismo, aprenderam a viver em harmonia e solidariedade com seus semelhantes.

///

Mas acontece que os primeiros povoadores do solo pátrio trouxeram para aqui, como era natural, o seu acervo de crendices e superstições que, em vez de se modificarem ao influxo da doutrinação católica, encontraram aí clima favorável ao seu desenvolvimento. Africanismo e catolicismo fundiram-se de tal maneira, que não é fácil, hoje, nesta gleba mulata, distinguir entre o fiel que guarda os conselhos do padre e o «habituée» inveterado dos terreiros de quimbanda, que encomenda «trabalho» ao «pai de santo» e deita «despacho» de malefício à meia noite. Este é um autêntico devoto do Senhor do Bonfim, transporta água para lavar-lhe o templo, ouve missa e acompanha as mirabolantes procissões; aquele é um participante alegre dos carurús de São Cosme e São Damião, conviva ruidoso dos festejos a Santa Bárbara, vontade obsequente e ouvidos sempre encantados com o som dos atabaques...

São duas entidades que se confundem.

Dois símbolos de retardamento espiritual.

Na capital baiana existem centenas de baiucas onde se faz sentir a acção perniciosa destes elementos hostis no campo das actividades espirituais.

A seara em que pontificam é terreno fértil onde medra e cresce o odioso mercenarismo, e com endróminas, com artifícios mil, se engodam os tolos de todas as classes e categorias.

À parte os declarados praticantes do *candomblé* propriamente dito, numerosos charlatães, para coonestar a ignóbil trapaçaria, pespegam, ousadamente, à parede externa de seus valhacoutos, taboletas vistosas com o nome *de centro espirita*, ao passo que lá dentro demora o altar pejado de ídolos e objectos rituais de várias espécies.

///

Então infinito é o número das pessoas desavisadas, que baralham Espiritismo com as cerimónias afro-católicas e com as práticas espúrias que caracterizam certas reuniões onde a caridade e a instrução foram substituidas pelo vil interesse lucrativo.

Onde quer que haja uma «sessão», com um «medium» a se ocupar de questões domésticas e a prometer maravilhas, — ainda que se exiba, aí, toda a espécie de exotismos e se cobre *passe* a 5 cruzeiros, — julgam esses desfrutáveis simplórios ser aquilo, sem mais nem menos, um centro espirita.

O Espiritismo baiano é, assim, enxovalhado por uma incontável legião de patranheiros a viverem da exploração da credulidade alheia, e, concomitantemente, confundido por aqueles que não o conhecem, com as encenações de um desavergonhado mercantilismo.

Nossa campanha — pertinaz e constante — subentende-se, é por conservar incólume a Doutrina e preservá-la do descrédito. Aos companheiros de ideal, intelectualmente aptos, que aqui mourejam, impõe-se um trabalho, persistente e dificil, de esclarecimento, levado a feito pela palavra falada e pela imprensa.

Empenham-se neste labor meritório os que dirigem a União Espirita Baiana e os que militam no Instituto Kardecista da Bahia, secundados por vanguardeiros do Centro Espirita Deus, Cristo e Caridade e da Confraternização Espirita Baiana. O periódico «Luz da Verdade», orgão da U. E. B., é o veículo que transporta para lugares distantes a mensagem espiritual desses denodados seareiros.

Mas são poucos, mui poucos mesmo, os que conduzem o movimento espirita nesta velha Cidade do Salvador. Num displicente e injustificável comodismo vivem confrades de valor, cuja participação na propaganda seria sobremodo eficiente, mas nada produzem. Fazem lembrar a parábola evangélica do indivíduo que escondeu sob a terra os talentos...

Não ignoram esses escassos e resolutos trabalhadores os riscos a que estão expostos. Dos tenebrosos redutos da maldade, onde fazem promiscuidade os impostores da terra e do espaço, sopram as emanações de ódio na impureza dos pensamentos que aquelas mentes projectam contra eles.

A essas radiações fluídicas, de natureza malévola e incontestavelmente nocivas, deve-se atribuir o fracasso de alguns companheiros na luta e a inconstância de outros que entraram a pelejar. São elas a causa provável de tantos insucessos e de certas discórdias subterrâneas que lavram no nosso meio ambiente.

Diante disto é que o militante espirita baiano precisa ser dotado de intrepidez e da máxima perseverança, como foi dito no começo; mas, ainda assim, é de crer que este ânimo varonil só será possível à custa de muita «oração e vigilância».

Maio/47

RETALHOS

pelo Coronel Faure da Rosa

TRANSMISSÃO DE PENSAMENTO E TELEPATIA

Embora se dê o nome de «telepatia» a todos os fenómenos de transmissão de pensamento, estejam os «agentes» — activo e pssivo — próximos ou distantes, o Professor Ernest Bozzano estabelece distinção radical entre «transmissão de pensamento» e «telepatia».

A transmissão do pensamento dá-se quando o «agente» (activo) está a curta distancia do «percipiente» (passivo). É este o caso das recentes experiências de Fassman no Coliseu de Lisboa, nas quais o agente activo o seguia de perto — pensando fortemente e com firmeza nos objectivos locais respectivos e pelo pensamento o levava à descoberta das coisas escondidas ou ocultas.

A telepatia dá-se quando agente e percipiente estão muito afastados, mesmo a grandes distâncias.

DOIS CASOS DE TELEPATIA

Em Agosto de 1920 estava o Dr. Osty de passagem numa aldeiazita de Losère (França), onde um moço camponês lhe pediu que fosse ver um filho doente.

Feita a visita e a competente observação médica, conversaram acerca do pai do aldeão que Osty sabia ter morrido de repente, em 1916, com 50 anos, durante a guerra de 1914-18.

Depois de ter dado alguns pormenores sobre a morte do pai, o camponês — que desconhecia inteiramente a ciência psíquica — contou que, quando o pai morreram, estava ele num regimento em Roder, em preparação militar, sem que sentisse a menor preocupação pela saúde do pai ou da mãe, que era excelente.

Uma noite acorda bruscamente e com tal agitação que se veste e sai para a parada do quartel onde se pôs a passear tão depressa quanto podia, a ver se assim conseguiria acalmar a agitação.

Só ao romper do dia regressou à caserna e, assim mesmo, com receio de que os camaradas o julgassem doido.

No dia seguinte de manhã, um telegrama comunicava-lhe a morte do pai, a qual se tinha dado precisamente na noite que ele levara a passear na parada do quartel.

A sr.ª Bisson narra o seguinte caso na revista *Psíquica*:

A sr.ª D... tinha o hábito de tomar banho todas as tarde, por volta das 18 horas. Um dia, alguns minutos depois de ter entrado na banheira, sentiu-se incomodada. Uma fuga de gás da canalização ou da torneira, ocasionava aquela perturbação. Mal teve tempo de premir o botão da campainha eléctrica; entretanto fora o bastante para que o marido acudisse e a transportasse desmaiada para a cama, onde, após tratamento adequado, recuperou os sentidos.

A sr.ª D... contou que, no desmaio, vira diante de si, sem que a pudesse expulsar, a imagem da sr.ª P... com quem mantinha, apenas, relações de cortesia. Via-a junto de si, olhando-a com tristeza. Durante uns minutos fora-lhe impossível afastar aquela imagem dos seus olhos e do seu pensamento. No dia seguinte de manhã, a sr.ª D... teve notícia da morte da sr.ª P..., a qual estando na véspera, às 6 horas da tarde, a tomar banho fora intoxicada e se afogara na banheira sem ter tido tempo de pedir socorro.

A compreensão do estabelecimento da «relação psíquica» entre os viventes na Terra é facilitada pela seguinte passagem da obra dum eminente magistrado inglês, na qual nos transmite os esclarecimentos solicitados a uma personagem mediúnica:

«Não é fácil explicar... Saiba, todavia, que todo o vivente que tenha tido relações com outra pessoa, fica, de certa maneira, ligada a ela para sempre. Isto também pode ser extensivo aos animais que tiveram laços afectivos com os homens... Seja como for, não é menos verdadeiro que esta lei pertence à própria base do grande esquema universal da existência espiritual...

«Ajuntai a isto que não podeis entrar em relação com uma pessoa qualquer sem exercer nela uma influência boa ou má, influência que virá, em seguida, a desenvolver-se por acção da pessoa influenciada ou pela vossa... *(Talks with Spirit Friends: Bench and Bars)*.

O JEJUM

O jejúm é uma prática religiosa adoptada por todas as religiões conhecidas com o fim de compelir o homem a ser menos glutão.

Usado desde a mais remota antiguidade, foi instituido como preceito higiénico.

As festas de Eleusis, na Grécia, eram acompanhadas de jejuns. Os turcos jejuavam — se é que ainda

não deixaram de o fazer — durante a festa do Ramadã (novo mês do ano lunar muçulmano).

A religião bramânica adopta o jejum. O de Moisés e o de Elias durou quarenta dias. Entre os judeus, a festa das Expiações era precedida dum jejum solene. Numa Pompílio observava jejuns periódicos.

Egípcios, fenícios e assírios tinham os seus jejuns sagrados.

O jejum vulgar dos católicos consiste na abstenção de carne e não fazer mais do que uma refeição por dia.

Na Igreja antiga praticava-se o jejum não comendo senão depois do sol posto, como ainda praticam os protestantes e os calvinistas.

Parece, pois, que o jejum é um acto de devoção destinado a contrariar a natural inclinação ou, antes, destinado a reprimir uma das necessidades da vida mais premente e deve ser mortificação de peso para aqueles que, acima de tudo, presam a glutonaria.

Entretanto, há agnósticos e até materialistas que praticam o *jejum natural* uma vez por semana, isto é, conservam-se um dia inteiro sem comer, bebendo apenas água.

O «dia de jejum» para os budistas não tem o significado que nós lhe damos. A cerimónia do «dia de jejum» era a principal e quase única cerimónia do velho culto búdico, uma espécie de contrato em que se averiguava se os deveres da vida religiosa tinham ou não sido cumpridos por todos os monjes com fidelidade escrupulosa.

Consistia a cerimónia na «confissão solene» das faltas cometidas em voz alta e diante da comunidade reunida, segundo um formulário de perguntas em que estavam catalogados os preceitos concernentes à vida diária dos monjes: ao seu alojamento e vestuário, à sua alimentação e ás suas relações entre si, bem como com as monjas e com os laicos.

Também se prescrevia a celebração dum «óctuplo jejum solene» para os laicos, durante o qual os fiéis deveriam abster-se: de matarem quaisquer seres vivos, de se apoderarem de propriedade alheia; da mentira; da luxúria; de bebidas espirituosas; de qualquer alimento depois do meio dia e de usarem perfumes e grinaldas. Por último, estabelecia-se que os fiéis laicos dormissem em cama baixa e dura ou no chão.

Os espiritistas ou os que o querem ser, sabem que devem ser sóbrios em todos os actos da vida. O Espiritismo não condena o *uso;* o que sempre condenou e condena é o *abuso.*

BOMBA ATÓMICA

A bomba atómica obtida pela desintegração do átomo, dum poder de destruição inigualável, foi prenunciada há muito tempo.

Annie Besant, em 1919, numa reunião a que assistiu o teósofo Winter Preston — que narra a predição — fez as seguintes profecias:

«Novos conhecimentos de grande transcendência estão já no horizonte do mundo científico, mas estes conhecimentos foram detidos pelos Guias que dirigem o mundo, porque a consciência do homem não está suficientemente desenvolvida para que este poder seja posto em suas mãos.

«Há um poder dentro do átomo que, libertado por sua desintegração e usado para esse propósito, poderia destruir um continente».

Winter Preston, comentando, diz que os Guias detiveram esse conhecimento durante um quarto de século, mas não puderam retê-lo por mais tempo, porque o homem deve sustentar-se ou cair por si mesmo.

Léon Denis, acerca da desintegração do átomo, publicou na *Revue Spirite* de 1923 (pág. 55), um artigo do qual destaco os seguinte parágrafos:

«Toda a matéria concreta não é mais que energia cativa. O químico Fabre calculou que um quilo de carvão contém vinte e três biliões de calorias, que, libertadas, bastariam para pôr em movimento uma rede de caminhos de ferro durante dois anos... No dia em que se souber desintegrar, libertar todas as partículas da matéria, ficar-se-á de posse dum poder incalculável...

«No dia em que a ciência conhecer a causa da desintegração da matéria — a das partículas do rádium, por exemplo — ela estará de posse de forças profundas da matéria universal...

«A desintegração de átomos põe em movimento quantidades formidáveis de energia, mais consideráveis que todas as reacções químicas...

Fazendo o vácuo em tubos de vidro — como William Crookes demonstrou — dá-se a essas partículas o seu estado de liberdade e de actividade...

A matéria — dizem os colaboradores invisíveis de Léon Denis — não é mais que o agente de que o espírito se serve para realizar os seus fins...

O Livro dos Espíritos

O Secretariado da Confederação Espirita Pan-americana comemorou, também, em Buenos Aires, o 90.º aniversário do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec. O Dr. Luís Postiglioni, redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na Argentina e que representava a Sociedade Constância, a Liga Espirita do Brasil e a Federação Nacional dos Espiritas de Porto Rico, proferiu o notável discurso que noutro lugar inserimos sob o título de «A Alma de Um Livro». Tão importante trabalho foi-nos enviado de avião, destinado exclusivamente a esta revista.

Um Caso de Identificação

pelo Coronel Dr. Raul de Carvalho

Estamos em França e no mês de Fevereiro de 1919.

Convidado pelo major Cesário Viana, então Director dos Serviços de Estatística e Estado Civil do Corpo Expedicionário Português (C. E. P.), deixei o Batalhão de Infantaria 28, unidade onde, provisòriamente, servia como capitão, para me apresentar naqueles serviços, que estavam em completa remodelação na praia de Ambleteuse perto de Boulogne.

O inverno era áspero, e apesar de haver terminado a Grande Guerra, distracções não havia, a não ser à noite, umas vezes por outras, cavaqueira amena em casa do major Viana, que ali costumava reunir alguns oficiais seus subordinados.

Foi lá que, pela primeira vez, assisti a sessões de Espiritismo, doutrina esta que só de nome conhecia e que mais tarde me foi revelada pela leitura das notáveis comunicações obtidas pelo maior médium português até hoje conhecido, que quando encarnado, se chamou Fernando Lacerda, e pelas magistrais obras do grande apóstolo Allan Kardec.

Conti Turpia, um dos civis militarizados que, na Direcção de Estatística, prestava serviço na Secção do Estado Civil, era médium escrevente e, como tal, prestava-se a sessões experimentais orientadas pelo capitão José da Trindade Leitão Junior e às quais normalmente assistiam os alferes Américo Augusto Guilherme, Alberto Emílio Meireles, José Maria da Conceição Macedo e outros oficiais da citada Direcção.

Numa noite, entre várias experiências, um espírito se manifesta e tendo-lhe sido perguntado pela sua identidade, respondeu, escrevendo, ser «oficial português», o que, em extremo, despertou a curiosidade de todos os presentes, por se tratar de um camarada nosso, talvez até de um amigo.

— O seu nome? — indagou-se...

E a resposta não se fez esperar! Um traço rápido do lápis sobre o papel e... surge a palavra «Bento»!

Ao tentar indagar como desencarnara e em que local, não respondeu concretamente, limitando-se o médium, que, sempre que encorporava, caía numa espécie de sono profundo, a desenhar no papel, sem levantar o bico do lápis, uma espécie de bolas irregulares, sobrepostas umas às outras, que nos davam impressão de um monte de pedras, ruinas ou coisa parecida.

Nada mais, nessa ocasião, se conseguiu obter acerca da entidade que se apresentara com o nome de «Bento».

Como na Direcção de Estatística eu tinha a meu cargo, não só o registo, mas tudo o que se relacionava com os oficiais mortos ou desaparecidos, no dia imediato, a primeira coisa que fiz, ao entrar na minha Repartição, foi procurar ver se nas respectivas relações existiria algum oficial com o nome de «Bento».

A minha curiosidade, porém, não se limitava só a identificar o nome completo do oficial.

Como as unidades do C. E. P., antes do regresso a Portugal, enviavam todos os seus arquivos para a Direcção de Estatística, a fim de nesta serem aproveitados os elementos de que dispusessem, para serem escriturados nos boletins individuais, sabendo-se o nome completo do oficial, com a indicação dada pelo boletim respectivo da unidade onde prestara serviço, indagava-se se naqueles arquivos existiria algum documento escrito ou assinado por ele que permitisse comparar com a letra do documento que o médium Conti Turpia, adormecido, escrevera.

Na relação dos oficiais mortos nada encontrei, o mesmo não acontecendo com a dos considerados desaparecidos onde descobri, com o nome de «Bento», dois oficiais, ambos capitães de Infantaria, com a particularidade bastante curiosa, que desde logo notei com interesse especial, de não figurar em qualquer deles o nome de «Bento», nem como nome próprio, nem como apelido.

Eis os nomes:

Afonso Fino *Bento* de Sousa e António Pais *Bento* Andorinha Falcato.

As buscas imediatas a que procedi no arquivo da unidade a que haviam pertencido foram inúteis, pois nehum papel foi encontrado, escrito ou assinado por qualquer deles.

A entidade «Bento» nunca mais se manifestou em sessões experimentais, pelo que não nos foi possivel, por intermédio de Conti Turpia, obter mais esclarecimentos a respeito da sua identidade.

No entanto, caso curioso e digno de reparo: embora *todos* os oficiais que se reuniram em casa do major Viana, nessas sessões, declarassem desconhecer qualquer das entidades que em vida terrena foram designadas pelos nomes acima indicados, o que é certo é que, não sei porquê, todos acreditaram que devia tratar-se do capitão Andorinha Falcato!

Teria algum deles manifestado casualmente essa opinião e, por sugestão, os outros a admitissem?!...

Nunca o soube, e julgo que se deu a mesma coisa com os outros oficiais.

A pesar de a entidade «Bento» nunca mais se ter

manifestado pelo médium Turpia ou qualquer outro, o que é certo é que dois episódios se seguiram, intimamente ligados à comunicação anteriormente relatada, passados em locais diferentes e com personagens também diferentes, só havendo de comum a minha pessoa que, por qualquer motivo que desconheço (talvez influência do Além, quem sabe?...), serviu de traço de união, explicando e completando o que tão resumidamente se passara na sessão experimental realizada em Ambleteuse, em casa do major Viana.

E tão interessante e completa, no seu conjunto, se tornou a comunicação recebida, com o que posteriormente se passou, com ela relacionado, que o major de Infantaria José Bernardo Pinto da Silva, já desencarnado, que muito trabalhou com Madame Frondoni Lacombe, autora do livro «Les Merveilleux Phénomènes de l'Au-delà», e que assistiu à maior parte das extraordinárias experiências por ela realizadas e relatadas com pormenores no citado livro, me declarou, ao ter conhecimento da referida comunicação, ser, na verdade, um caso interessantíssimo.

///

O primeiro episódio passa-se em Paris, em Março ou Abril do mesmo ano de 1919.

Quase trinta anos depois, difícil se torna precisar datas e recordar nomes que, na ocasião, não foram devidamente anotados.

No gozo de uma licença, encontrava-me na capital francesa, tendo, por qualquer motivo de serviço, ido visitar o adido militar português, Coronel Balduino de Seabra, que oficialmente estava instalado num edifício da Avenida Kleber, tendo como adjunto o meu falecido camarada e bem conhecido humorista e escritor tetral, André Brun.

No gabinete deste, um capitão de Infantaria, cujo nome minha memória ao fim de tantos anos não consegue reproduzir, tanto mais que o não conhecia, recentemente chegado da Alemanha, onde estivera prisioneiro desde o combate conhecido pelo «9 de Abril», inicia conversa comigo, contando episódios vários e as cenas de privações e sofrimentos durante a sua permanência no cativeiro.

Num dado momento, sem que tal viesse a propósito, sem que nada o justificasse, pergunta-me de repente:

— Sabe você o que é feito do Andorinha Falcato?...

Admirado, interroguei por minha vez:

— Porque me faz essa pergunta? Não a acho natural... Não conheço esse oficial, estou convencido de que nunca lhe falei, nem o vi, a não ser que, como se costuma dizer, «não ligue o nome à pessoa»... Porque falou nele, agora?

Resposta curiosa do capitão:

— Não sei explicar o motivo... Lembrei-me de repente desse nosso camarada e pensei que talvez o conhcesse e dele me pudesse dar notícias.

— Devido a estar colocado, como adjunto, na Direcção de Estatística, e ter a meu cargo, entre outros serviços, a secção de mortos e desaparecidos, recordo que esse oficial que, como nós, é capitão de Infantaria, consta ainda da relação dos desaparecidos, embora eu esteja convencido de que deve ter morrido em combate.

— E que o leva a tal convicção? — indagou...

Não querendo aludir à sessão experimental a que assistira e na qual um espírito que nós jugámos *ser talvez o de Andorinha Falcato,* se manifestára com o nome de «Bento», respondi:

— Estou convencido da sua morte... Pelos elementos que constam na minha Repartição, sei que desapareceu no combate de 9 de Abril, nunca mais tendo havido notícias dele... O seu nome não consta das relações de prisioneiros que, cuidadosamente elaboradas, nós recebemos por intermédio da Cruz Vermelha Suiça.

— Pela minha parte, — riposta o capitão — também estou convencido da sua morte em combate. Não me constou que tivesse ficado prisioneiro e, desde que não há notícias dele, é natural que qualquer granada o fizesse desaparecer, como a tantos outros. Tenho muita pena dele, pois foi meu companheiro de quarto na Escola de Guerra, durante os dois anos do curso. Pobre moço!...

Com dificuldade contive o meu alvoroço, não resistindo, no entanto, a indagar, num tom a que em vão procurei dar a nota de indiferença:

— Como companheiro íntimo que foi dele, lembra-se da sua letra? Em caso afirmativo, seria capaz de escrever a palavra «Bento», procurando imitar a letra do capitão Andorinha Falcato?...

— Mas com certeza, — retorquiu o meu interlocutor.

E sentando-se à secretária de André Brun, escreveu, num bocado de papel que ainda possuo, a palavra «Bento», de tal maneira que me recordou a outra que, semanas antes, vira surgir no papel, em Ambleteuse, por intermédio de Conti Turpia adormecido e sob influência de qualquer força estranha, que eu até então desconhecera.

No entanto, a estranheza do meu pedido chamou a atenção do referido capitão, que ma fez sentir, obrigando-me, por cortesia e lealdade, a contar-lhe tudo o que se passara, justificando o pedido que lhe fizera e a razão por que, logo de entrada, não tinha sido mais franco (em geral, quem nada conhece da doutrina espírita e ouve qualquer comunicação sobre o assunto, o menos que nos chama — ou o que pensam, se são mais delicados... é maluco!).

Mais criteriosamente, o meu camarada, depois de ouvir o meu relato, declarou:

— Nada conheço da doutrina e por isso não posso pronunciar-me. Se ainda não vi nada que me levasse a acreditar nela, também nada conheço que me force

a duvidar. Por curiosidade, gostaria de ver a comunicação escrita por Turpia, pois, conhecendo muito bem a letra de Andorinha Falcato, ser-me-ia fácil compará-la, de forma a tirar-se qualquer conclusão.

Prometi fazê-lo, quando voltasse a Paris. Porém, quando isso me foi possível, já o meu camarada regressara a Portugal, não mais o tornando a ver, o que impossibilitou a experiência.

No entanto, logo que cheguei a Ambleteuse e se reuniu o antigo grupo, todos concordaram em que o tipo de letra da palavra «Bento», escrita em Paris, tinha grande semelhança com o que, na referida sessão, fora feito pelo médium.

E não admira que não fossem precisamente iguais, uma vez que a sua origem era diferente.

Em todo caso, a semelhança era de ponderar, trazendo ao estudo do problema um factor interessante que nos levava a ver confirmada a nossa primeira opinião: a de que o espírito que se manifestara devia corresponder ao que em vida se chamara «António Pais Bento Andorinha Falcato».

///

Estamos em 1920, onde se passa o segundo episódio a que fiz alusão.

Ainda nas funções de adjunto da Direcção de Estatística do C. E. P., regressei a Lisboa, tendo estes serviços ficado instalados no último andar do Palácio das Necessidades, onde actualmente funciona o Quartel General do Governo Militar de Lisboa (nessa época, 1.ª Divisão Militar).

Do Quartel General Territorial do C. E. P., instalado num prédio fronteiro ao Teatro da Trindade, numa pequena travessa a que, pomposamente, é dado o nome de Largo da Trindade era frequente receberem-se ofícios («notas», em terminologia militar), indagando da situação, oficialmente registada, de vários oficiais, sargentos e praças, cujo paradeiro ou colocção se desconhecia, ou de que se necessitava indicação oficial, certidão de óbito ou declaração de que era considerado como desaparecido em combate, isto, em geral, para legalizar a entrada dos filhos nos vários estabelecimentos militares de ensino, como o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, o Colégio Militar, o Instituto Feminino de Educação e Trabalho, etc., e, ainda, para outros assuntos relativos a partilhas, dissolução de sociedades, abertura de testamentos e tantos outros que, naturalmente, se seguem após uma desencarnação.

Em dia que não posso precisar, tendo necessidade de sair mais cedo da minha Repartição, desci as muitas dezenas de degraus que a separavam do pavimento onde funcionam as repartições do Quartel General e aqui me demorei algum tempo em virtude de uma urgente chamada telefónica.

Por motivos que não sei explicar, talvez baseados na demora da chamada telefónica, resolvi não me deslocar à «Baixa», onde tencionava ir; e em lugar de me dirigir a casa, que então era perto do local onde estava, resolvi, *não sei porquê*, tornar a subir aquelas dezenas de fatigantes degraus e... voltar à Repartição, onde já nada tinha de urgente a fazer.

Deviam ser perto de 16 horas e o trabalho na Direcção de Estatística interrompia-se às 17, hora regulamentar. Eu saira para não voltar. Nada, absolumente nada, justificava a minha volta à Repartição, com a agravante de ter de novo que me fardar, visto que, como é do conhecimento de todos que comigo convivem, fora das horas oficiais de serviço fiz sempre uso do traje civil, a ponto de haver amigos meus e até pessoas de família que nunca me viram fardado.

Porque voltei, então?... Não sei!...

O que é certo é que, ao chegar de novo à Repartição, encontrei alguém que me procurava e que, por ter sido informado de que eu já tinha saido, resolvera voltar no dia imediato.

Era portador de uma nota do Quartel General Territorial, na qual se inquiria da situação do capitão de Infantaria António Pais Bento Andorinha Falcato.

Normalmente, a correspondência oficial é enviada pelo correio e só em casos excepcionais de interesse pessoal e urgente é que vem por intermédio de um interessado no assunto.

Sem necessidade, portanto, do emprego de deduções sherlockolmescas, tirei, imediatamente, a conclusão de que se tratava de um amigo íntimo ou pessoa de família do falecido capitão Andorinha Falcato.

E o diálogo travou-se então:

— V. Ex.ª é parente do Capitão Andorinha Falcato?...

— Sim, sou cunhado, por ter casado com uma irmã dele.

— V. Ex.ª não me é estranho; estou convencido de que já nos encontrámos em qualquer outro local...

— Talvez, — respondeu. Sou o professor de instrução primária José Romão e fiz parte, como secretário, do gabinete do Dr. João Camoezas, quando foi Ministro da Instrução.

— Deve ser daí que o conheço, pois vou frequentes vezes a este Ministério por ter lá meu sogro — disse eu.

Desde aquela noite, em Ambleteuse, em que, por intermédio de Conti Turpia, se manifestara um espírito que nós *julgámos* ser o do capitão Andorinha Falcato, houve um ponto, sempre estranho para nós e que, desde o princípio, nos mereceu determinados reparos:

Qual o motivo por que uma entidade que em vida foi conhecida pelo nome de António Pais Bento Andorinha Falcato, interrogado ácerca da sua identidade se limitou a indicar o nome de «Bento» ?!...

...Seria mais natural a indicação de «António» ou «António Falcato», ou «António Andorinha Falcato», ou ainda só «Andorinha Falcato», e não o simples

«Bento» que, sem ser nome próprio ou apelido, situado no meio de um nome completo e isoladamente indicado, nos parecia inexpressivo, estranho, duvidoso, numa palavra: inaceitável!

Na presença de uma pessoa de família, julguei ser ótima oportunidade para tentar esclarecer este ponto interessante, e, por isso, depois de informar verbalmente o professor Romão de que, oficialmente, no boletim estatístico, o cunhado estava considerado ainda, como desaparecido no combate «9 de Abril» ou «Batalha de La Lys», embora eu, desde há muito, estivesse convencido da sua morte, disparei-lhe, sem preparação alguma, a seguinte pergunta:

— Diga-me, por favor; como é que o seu cunhado era conhecido entre a família e os amigos, isto é, por que nome o tratavam?

Resposta rápida do professor Romão:

— Por Bento!... Era com este nome que todos, na intimidade, o conheciam e tratavam... Eu mesmo, sendo cunhado dele, só dois anos depois de casar com a irmã, soube, ao ler no jornal a transcrição de uma Ordem do Exército que promovia o alferes «António Andorinha Falcato», que o seu nome próprio não era Bento. E ao falar com minha mulher, comuniquei-lhe ter sabido pelo jornal que o irmão já fora promovido a alferes, mas que o nome vinha trocado, pois lhe chamavam «António»..., ao que ela me respondeu ser este o seu nome de baptismo, embora todos desde pequeno o tratassem por «Bento»...

Quer dizer: Andorinha Falcato de tal maneira era tratado e conhecido por «Bento», que — caso estranho! — o próprio cunhado, só depois de dois anos de casado teve conhecimento, e por mero acaso, que o seu nome de baptismo era «António».

Estava fechada a cadeia com o último elo que lhe faltava, vindo justificar assim a razão por que na sessão de Ambleteuse, o espírito daquele que, na última encarnação conhecida se chamara António Pais Bento Andorinha Falcato, encorporado no medium Conti Turpia, ao ser interrogado acerca da sua identidade, respondeu chamar-se «Bento».

E, para epílogo, mais um curioso pormenor:

Há anos, estando no Ministério da Guerra à espera de ser recebido pelo tenente-coronel Monteiro do Amaral, Chefe do Gabinete do Ministro, conversndo com alguns camaradas sobre vários assuntos, falou-se no falecido capitão Andorinha Falcato.

Então um desses oficiais declarou que o corpo do Falcato fora encontrado nas ruinas de um abrigo que, destruido pela artilharia inimiga, sepultara nos seus escombros todos os ocupantes.

Como não voltei mais à Direcção de Estatística, ignoro se tal informação tem carácter oficial e se, na realidade, ela consta do respectivo boletim individual.

A ser verdadeiro tal facto, como julgo, vem ele explicar e justificar aquela espécie de desenho que Conti Turpia esboçou, em resposta à pergunta feita ao *espírito Bento* — «como morreu?...» — e no qual nos pareceu ver um monte de pedras grandes ou ruinas.

Para satisfazer os pedidos do Tenente Isidoro Duarte Santos, ilustre Director da Revista *Estudos Psíquicos*, relatei estes factos, socorrendo-me apenas da memória que, em certos pontos, não me foi muito fiel, impedindo-me de precisar determinados nomes e datas que os muitos e muitos anos já decorridos me fizeram olvidar.

Estudos Psíquicos e a Imprensa

Eis como a «Revista Espirita do Brasil», do Rio de Janeiro, se referiu a «Estudos Psíquicos» no seu número de Março, que há pouco chegou a esta redacção:

«Estudos Psíquicos», a brilhante revista doutrinária que Isidoro Duarte Santos dirige em Lisboa, inaugurou em Janeiro deste ano uma página infantil. Já tivemos também uma página infantil, que não foi para a frente por falta de colaboradores especializados no assunto. Os que podiam escrever sobre coisas da infância, nem sempre tinham tempo. E assim a secção não póde ter a continuidade que esperávamos...

«Estudos Psíquicos» fez boa estreia, porque apresentou colaboração variada, interessante e proveitosa. Ramos Pereira, Leopoldo Machado, entre outros, escrevem na página inicial. Eis uma iniciativa que só deve merecer louvores e aplausos. É difícil, muito difícil escrever para crianças, porque não basta saber escrever bem: é preciso ter vocação, saber dirigir-se à inteligência infantil.

Cremos, pois, que uma das secções mais difíceis de uma revista doutrinária é justamente a infantil. Achamos que o conto, quando bem «armado», é o melhor meio de se evangelizar a infância, assim como histórias interessantes, diálogos, por exemplo, desde que não tenham palavras empoladas, nem estilo retumbante.

Já vimos que «Estudos Psíquicos» tem elementos para manter uma página infantil. A estreia que o diga. Mais um serviço, portanto, que aquela grande revista vai prestar ao Espiritismo. Felizmente, «Estudos Psíquicos» está penetrando em alguns pontos da nossa terra, visto que sua circulação no Brasil já vai além da capital do país, onde tem «correspondente» há algum tempo. Entraram últimamente para o quadro de «correspondentes» dois elementos de valor: Alfredo Miguel, na Baia, e o Capitão Nelson Kerensky, em Pernambuco. Brevemente terá aquela revista seu «redactor-correspondente» no Paraná.

Oxalá que dentro em breve tenha representação em todo o Brasil.

Àquela revista amiga agradecemos as palavras de incitamento e justiça que escreveu a nosso respeito. A página infantil, intitulada «Para os Irmãos Pequeninos», está entregue em boas mãos. A sua organizadora tem inteligência e coração para falar às crianças e corresponderá, tanto quanto possível, ao que dela esperam os leitores.

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

O nosso colaborador António Joaquim Martins narra como ingressou no Espiritismo

Foi em 1935, em Ponte-Noire — África Equatorial Francesa — onde ao tempo residia, que o acaso me pôs na pista da doutrina espirita.

Acabava de ler um artigo relatando um facto de «casas mal assombradas» publicado no jornal francês *Le Petit Parisien*, quando recebi a visita de um amigo a quem mostrei o que acabava de ler. Tive a surpresa de o ouvir afirmar que era um caso muito natural, que as comunicações das almas dos mortos eram uma realidade e que ele próprio tinha comunicado com pessoas de família já falecidas.

Partindo do princípio que tudo é possível na vida, não julguei conveniente contradizer ou desmentir tal afirmação. Instado para dizer o que pensava acerca do Espiritismo, declarei-lhe que achava muito curioso o que se dizia a seu respeito e que eu sempre pensara que o princípio inteligente que em nós existe não devia morrer com a morte do corpo. Talvez houvesse um pouco de verdade no que se dizia; e, sendo assim, teria muito prazer em pôr a limpo um problema de tanta importância para mim, como o da continuação da vida depois da morte.

Prometeu fazer o que lhe fosse possível para satisfazer a minha boa vontade e, na falta de médium, faria uma sessão com a mesa. Marcado o dia e feitos os preparativos, abriu a sessão, a que assistiram quatro pessoas. Depois de várias perguntas e respostas, a mesa começa a inclinar-se fortemente para mim. Interrogado o espírito comunicante, respondeu ser pessoa de minha família, falecida há pouco, e que a insistência da mesa inclinando-se cada vez mais para o meu lado era sinal de carinho e simpatia com que me queria distinguir.

A mistificação estava posta de parte, visto que a mesa, abandonada pelos assistentes e ao simples contacto de minhas mãos, continuava o seus movimentos. Finda a sessão, conclui que estava ali o princípio de alguma coisa mais do que as simples — e muitas vezes desnaturadas — explicações do vulgo. Para se conhecer uma ciência é preciso estudá-la. Ao corrente desta grande verdade, enveredei pelo único caminho que podia conduzir-me ao fim que objectivava.

Conseguidos alguns livros de Kardec, neles concentrei toda a minha atenção, e, com o espírito livre de quaisquer preconceitos, conclui que podia razoàvelmente tornar minha uma doutrina que tendo por base os ensinamentos do Cristo, prègava com tanta elevação o amor do próximo e a renúncia de si mesmo, a crença num Deus justo e misericordioso e na imortalidade da alma, a par da certeza de que, pela reencarnação, os seres evolucionam sempre para Deus, caminhando na estrada que a todos conduzirá à suprema perfeição.

Já estou, felizmente, muito longe dos tempos em que, para mim, também tudo era misterioso e vago; e reconheço agora que é realmente de lamentar que uma doutrina de elevadas concepções filosóficas, como é o Espiritismo, que, quer queiram quer não, há-de impôr-se à consciência humana, seja objecto de críticas acerbas e de maledicência por parte de pessoas que não raciocinam e admitem apenas aquilo em que foram obrigadas a crer, abdicando da sua personalidade, do seu livre-arbítrio e da sua razão, com manifesto prejuizo para a sua vida presente e futura.

Uma doutrina que explica o porquê da vida na Terra e no Espaço e aconselha a prática das mais sublimes virtudes prègadas por por Jesus, como único caminho para se chegar a Deus, só pode ser elevada, vinda do Céu para abrir os olhos aos cegos, rasgando novos horizontes para a Humanidade sequiosa de luz, de amor e de progresso.

Uma doutrina que ensina que FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO, pode ser aceite pelos mais exigentes.

Eis, porque me tornei espirita.

N.º 5
MAIO
1947

Página organizada por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos Irmãos Pequeninos

Sempre tem sido este o meu desejo: dar bons exemplos ao vosso coraçãozinho, coragem e confiança nas vossas próprias acções.

Quanto melhores fordes, mais depressa atingireis a tranquilidade e a ciência.

Mas porquê ?

É meu desejo ir-vos informando a pouco e pouco: quem somos, donde vimos, para onde vamos. Eis porque se abre a nova secçãozita «Escola Espirita», onde aprendereis tudo o que deve saber um menino neo-espiritualista.

Espero que a frequenteis com entusiasmo, carinho e leal curiosidade.

Até já, meus meninos, a campainha está a tocar.

Aguarda-vos, feliz por vos receber, a irmã mais velha sempre amiga

KYLAS

Guarda sempre em teu trabalho
Silêncio, ponderação...
Quando a praça parlamenta,
É hora de rendição.

Casimiro Cunha

O Corpo

Vou hoje falar-lhes de alguns cuidados que devemos ter com o nariz.

Recordam-se do que lhes disse a propósito dos ouvidos — evitar constipações e poeiras, não introduzir objectos estranhos e fugir dos ruidos fortes?

Pois com o nariz dá-se o mesmo; apenas têm de substituir ruidos fortes por cheiros ácidos, desagradáveis.

Se a humidade lhes trouxer perturbações, apliquem compressas quentes ou façam lavagens com água salgada. Quando houver ferida, então um pouco de vaselina esterilizada.

Isto, é claro, para as mais elementares exigências, pois não devem deixar sem médico qualquer grave afecção.

AS QUALIDADES

A diligência e o amor ao trabalho

— Como consegues estar sempre alegre, Joãozinho ?

— Trabalhando.

— A trabalhar ? Pois, assim, eu só me canso e aborreço.

Muita gente há que não acredita no Joãozinho, mas eu creio nele.

Ele sente-se feliz porque o trabalho traz a alegria do dever cumprido, porque o trabalho é a escadaria que nos leva à perfeição. Com ele vencemos arrebatamentos momentâneos, com ele metemos na ordem as más tendências.

A preguiça, ao contrário, desenvolve a inveja e o egoismo.

Sejam diligentes, meus meninos. Trabalhem com ordem, que a vida lhes parecerá mais alegre, mais cheia.

Lê, estuda e medita; não te deixes nunca avassalar pela despreocupação e pela ociosidade — o trabalho é sempre o nosso melhor companheiro.

Lessing

A FAZENDA

O dia vem longe ainda,
Fulgua o brilho estelar...
Mas nos campos da fazenda
É hora de trabalhar.

O dever chama aos serviços
Da luta risonha e sã,
Na divina voz das aves
Que cantam pela manhã.

A tarefa atinge a todos
Nos roçados, no paiol,
Tudo expressa movimento
Precedendo a luz do Sol.

Ali corta-se, acolá
Dispõe-se de novo a eira
Aqui, combatem-se os vermes
Que atacam a sementeira.

Ninguém pára. Todos lutam.
Há cantares da moenda,
Contando a história do açúcar
Nos caminho da fazenda.

Entretanto, se o programa
É repouso, calma e sono,
Em breve, a propriedade
Vive em trevas de abandono.

Serpentes invadem campos,
Há cipó destruidor,
O mato chega às janelas,
Procurando o lavrador.

Enquanto a enxada descansa,
Esquecida e enferrujada,
A casa desprotegida
Prossegue na derrocada.

Quem não vê na experiência
Tão simples, tão conhecida,
A zona particular
Nos quadros da própria vida?

Rico ou pobre, fraco ou forte,
Não te entregues à inacção,
Que a vida é a fazenda augusta
Guardada na tua mão.

CASIMIRO CUNHA

(Versos psicografados pelo médium *F. Cândido Xavier* — in «Cartilha da Natureza).

Entre amo e criado

— Ó José, que é da carta que eu deixei em cima da secretária ?

— Fui deitá-la ao correio.

— Ó grande parvo, pois não viste que ainda não estava sobscritada ?

— Vi, sim, senhor, mas cuidei que o patrão não queria que eu soubesse para quem era...

O CÃO DE BRISQUET

de Charles Nodier

Na floresta de Lyons, no lugarejo de Gaupillière, muito próximo de uma grande cisterna que pertence à capela de Saint-Mathurin, vivia um homem, rachador, que se chamava Brisquet, ou então o «Rachador do Bom Machado» e que passava pobremente com o produto dos seus feixes de lenha, na companhia de sua mulher Brisquette e seus dois filhos, um rapaz de sete anos, moreno, cujo nome era Briscotin, e uma loirinha de seis anos, Briscotine.

Além disso, tinham um cão, de pêlo eriçado, todo negro, excepto no focinho que era avermelhado; era um dos afamados cães da região pela sua afeição aos donos. Tinha o nome de Bichonne, pois era uma cadela.

Lembram-se do tempo em que apareciam muitos lobos na floresta? Foi no ano das grandes neves. O povo vivia em sobressalto. Que grande foi a desolação.

Brisquet, que ia todos os dias para o trabalho, e não temia os lobos, por causa do seu bom machado, disse uma manhã a Brisquette:

— Mulher, não deixes correr para muito longe, nem Briscotin nem Briscortine, porque o monteiro não virá. Ser-lhes-ia perigoso. Têm muito por onde saltar desde o montículo até à lagoa que já vedei com estacas para os livrar de qualquer incidente. (Peço-te também, Brisquette, que não deixes sair a Bichonne que só corre aos saltinhos.

À tarde, ele não chegou à hora do costume. Brisquette vinha à porta, entrava, saia e exclamava, cruzando as mãos:

— Meu Deus, como ele tarda!

Voltava a sair e gritava:

— Eh! Brisquet!

Bichonne saltava-lhe aos ombros, como a dizer-lhe: «Queres que vá?» — «Calma!»—abrandava-a Brisquette.

— Escuta, Briscotine, vai até junto do cabeço para ver se teu pai vem. E tu, Briscotin, segues pelo caminho do lago que cruza com o da colina. Toma cuidado, não te afastes das estacas e grita muito alto: «Brisquet! Brisquet!...».

— Calma, Bichonne!

As crianças andaram, andaram juntas até ao caminho do lago que se cruza com o da colina:

— Por Deus! — exclamou Briscotin — Ou encontro o pai ou os lobos me comerão.

— Juro — confirmou Briscotine — que assim também me comerão.

No entretanto, Brisquet regressava por outro caminho, pelo caminho longo de Puchay; tinha de passar por Croix-aux-Anes, na Abadia de Mortemer, pois devia entregar um cesto de cavacas a Jean Paquier.

— Viste nossos filhos? — perguntou-lhe Brisquette.

— Os nossos filhos? — admirou-se Brisquet — Os nossos filhos? Meu Deus! Pois sairam?

— Mandei-os à tua procura até à lagoa, mas tu vieste por outro lado.

Brisquet nem poisou o machado. Desatou a correr na direcção da colina.

— Porque não levas Bichone — gritou-lhe Brisquette.

Bichonne já estava bem longe; tão longe, que Brisquet perdeu-a logo de vista.

Gritava muito alto: «Briscotin», Briscotine!», mas ninguém lhe respondia. Pôs-se então a chorar, pois temia os filhos perdidos.

Farto de correr, pareceu-lhe distinguir os latidos de Bichonne. Caminhou direito à parte mais densa do bosque, para o lugar onde a ouvia e entrou de machado levantado.

Bichonne havia chegado no momento em que Briscotin e Briscotine iam ser devorados por um lobo. Deitara-se na sua frente, ladrando para que os seus latidos atraissem a atenção de Brisquet.

Brisquet apenas com um golpe de machado deitou o lobo por terra, mas já era tarde para Bichonne que, farta de lutar, deixara de existir.

Brisquet, Briscotin e Briscotine encontraram-se com Brisquette. Foi uma grande alegria e, não obstante, todos choraram. Não havia olhar que não procurasse Bichonne.

Brisquet enterrou Bichonne, ao fundo do jardinzito debaixo de uma pedra sobre a qual escreveram em latim:

Aqui jaz Bichonne,
O pobre cão de Brisquet

Desde então, dizia-se como em provérbio: «Infeliz como o cão de Brisquet que só foi uma vez ao bosque e logo o lobo o comeu».

(traduzido do francês: «Le *Chien de Brisquett*»)

AQUELE MENINO..

por Ruderico

Já viste, criança,
A graça que tem
Aquele Menino
Ao colo da Mãe?

Tão branco e gorducho
Não sei se haverá.
Face coradinha
Como uma romã...

Sempre sorridente
Olhando p'ra ti...
É tão teu amigo
Como outro não vi!

É tão teu amigo
Que até te dá «lindos»,
Do Natal antigo
Aos tempos infindos.

Pois esse Menino,
Criança, olha bem:
É Paz, é Bonança,
Socorro p'ra alguém.

Que numa aflição
Da vida que corre,
Sangra o coração,
Definha-se e morre.

Então o Menino,
Banhado de Luz,
Levanta-se e vai,
Toma a sua cruz...

E leva-a p'ra os Céus
Onde o Sol reluz;
Pois Seu Pai é Deus,
Seu nome é: Jesus!

E olha, criança,
Olha ainda mais:
É teu Irmãozinho;
Sois ambos iguais.

Só Êle é o maior
Dos Filhos do Pai.
Tu és pequenina...
— Olha o que aqui vai!

Que grande mistério
Estou-te a mostrar!
Que até me parece
Ser isto a sonhar!

Mistério que encerra
Um saber profundo:
Pois sendo tão pobre
É o Rei do Mundo!

Sendo bébézinho,
Já é teu Sênhor!
Tu és seu anjinho...
Êle é — Teu Amor!...
... ...

Vede esse Menino
A graça que tem,
Tão loiro e gordinho,
Ao colo da Mãe!...

Ora comigo...

por Ramos Pereira

Ajoelha, meu filho. Tu estás aos pés de Jesus, que tanto te amou e ama. Junta as tuas mãos pequeninas e ora comigo...

— Senhor Jesus, vem dar-me o conforto de um beijo teu. Estou na terra e um dia irei sofrer a vida. Dá-me forças para que eu saiba escolher o lado bom e afastar de mim os impulsos para o mal. Quero amar tudo quanto vive, como eu, neste mundo. Tu também, Senhor Jesus, foste criança. Eu quero ser como tu foste: bondoso, meigo, leal, trabalhador — para que meus pais me abençoem, como os teus te abençoaram.

Eu quero caminhar na estrada luminosa que tu abriste. Sê meu guia e não deixes que eu me afaste, que eu esqueça em dia algum o que tu, Senhor, me deste: — a lição de fé, de caridade e amor.

Teme apenas a ti mesmo
Na esfera do teu dever.
Quem se amedronta consigo
Nada mais tem a temer.

CASIMIRO CUNHA

O Preguiçoso e o Bicho da Seda

— Feliz a borboleta ! Livremente
voa para onde quer, onde lhe apraz ! —
dizia, lamentando-se, um rapaz,
na escola negligente.

— Estudar... estudar um dia inteiro !...
Não pode haver mais duro cativeiro !
Bicho da seda, poderás dizer-me
se, alegre, essa prisão vais fabricando ?
— Faço-a até com prazer — responde o verme —
pois, cá de dentro, sairei voando.

António de Azevedo Castelo Branco
«Lira Meridional»

Calma e Sensatez

Criança !

Sê pacífica, habituando-te, desde já, a resolver, com calma, as situações embaraçosas que te apareçam. A precipitação e a violência, ao contrário da calma, espantam a razão, induzindo muitas criaturas a gestos descorteses, quando não a actos de injustiça de que mais tarde se arrependem.

Pela violência, criança, tornar-te-ás temida, mas provàvelmente malquista; a calma e a sensatez far-te-ão respeitada e querida.

Icléa
(in. «Para as Crianças»)

Areja quarto e cama
Que o ar puro a peste chama

Generosidade de um Irmão

Tínhamos chegado ao fim do ano sem nunca ter sido repreendido nem castigado o Augusto Camacho. Hoje, fez mal a escrita e errou as contas. O director chamou-o diante de nós todos para o castigar.

— É a primeira vez que isto acontece, menino Augusto Camacho — disse o director —. Venha cá.

O Augusto levantou-se com os olhos lacrimosos e uma grande expressão de tristeza. Todos nós tivemos muita pena dele.

— Vá para o fundo da sala, como castigo — continuou o director — — para que todos os colegas saibam que não tem verdadeiro cuidado com as suas obrigações escolares.

Nisto, levanta-se o irmão mais novo, o João Camacho, com os olhos cintilantes de viva expressão, a sua bela cara redonda levantada e altiva na grandeza da sua generosidade, aproxima-se da mesa onde estava o director e diz-lhe :

— Peço-lhe, Senhor Director, que me castigue, em vez de castigar meu irmão.

O Dirctor ficou espantado com este rasgo inesperado de generosidade e, olhando com simpatia para o João Camacho, perguntou-lhe :

— Por que pedes tu isto ?

— Eu lhe conto, Senhor Director — respondeu o João. Quando entrámos pra o colégio, nosso pai chamou-nos e disse: — Se vocês durante este ano estudarem bem as lições e tiverem no colégio um comportamento tão bom que nunca sejam castigados, eu prometo dar um relógio a cada um

ESTRAGAR COMIDA

Acontece em muitas casas — principalmente nas mais abastadas — verem-se espalhados pela mesa, ao terminar a refeição, bocados de pão de todos os tamanhos. E não só isso. Nos pratos postos de lado vê-se comida estragada, isto é, fatias de carne quase inteiras, pasteis esmigalhados, bocados de peixe, enfim, comida que, se não tivesse sido deitada para o prato, daria para uma refeição de uma ou duas pessoas.

Estragar é sempre mau e então estragar comida, numa época cheia de dificuldades, em que a miséria é cada vez mais e há tanta gente faminta, representa desperdício imperdoável e, o que ainda é pior, dá indício de absoluto egoismo.

Partir uma fatia de pão e comer só a côdea deixando o miolo esboroado na toalha, tirar para o prato uma posta de peixe, comer duas garfadas e deixar o resto esfanicado a pretexto das espinhas e não sei que mais, deixar fatias de carne quase inteiras, só porque se encontrou um bocadinho de gordura ou um nervo, representa, repito, egoismo, e é quase um crime fazê-lo numa época em que, para tanta gente, crianças principalmente, um pouco de pão, um pastel ou um bocadinho de carne seriam um dom do Céu.

Não estraguem comida, irmãos pequeninos. Se não têm apetite ou não gostam, guardem o seu quinhão para os pobres, por pequeno que seja.

Sibil

Na Escola

A Professora já lhes explicara os antónimos.

— Vamos exemplificar: Qual é o contrário de frio ?

— ?!...

— Bom, suponha o José que está cheio de frio e que o Júlio não tem frio nenhum. Que tem ele ?

— Muita roupa, senhora professora.

como prémio à sua dedicação e como sinal de gratidão de um pai a filhos que souberam e puderam cumprir o seu dever. Eu, infelzimente, fui castigado logo no princípio e meu irmão ainda o não foi. Estamos quase no fim do ano e já que não pude apanhar o prémio que nosso pai nos prometeu, peço-lhe, Senhor Director, que seja eu o castigado para que meu irmão possa receber o relógio, com que nós sonhamos tantas noites.

— Bravo, meu rapaz! — disse o director, com sinal de satisfação. — Nem tu, nem teu irmão sereis castigados. Se teu irmão merece o relógio que vosso pai vos prometeu, porque tem sido um discípulo geralmente cuidadoso, tu também o mereces por este acto de generosidade que praticaste e que bem mostra a nobreza do teu carácter. Vocês hão-de ser premiados ambos.

Quando João Camacho voltou para o seu lugar, vinha pálido e todos nós o abraçâmos e lhe fizemos grande festa.

O director fingiu que não viu.

(Do livro «Leitura para Meus Filhos», de *A. Sarsfield*)

Problemas do nosso povo

Duas mães e duas filhas vão à feira com três mantilhas.
Quantas mulheres são?

(Solução no próximo número)

Se um dia fores bigorna,
Seja a calma o teu segredo,
Mas quando fores martelo,
Rebate forte e sem medo.

Casimiro Cunha

Ingenuidade

O jardineiro *— Esta planta, minha senhora, é a planta do tabaco.*

A senhora *— Que bonita é! E quando começará a dar cigarros?...*

Os bons livros são os nossos melhores amigos

OS SALTIMBANCOS

Os saltimbancos
Lá vão, lá vão!
Estrada em fora
De olhar no chão!

Uns corcovados
Outros velhinhos,
Sempre arrastados
Pelos caminhos.

Almas errantes
Do mundo avaro,
O livre-arbítrio
Pagam bem caro!

Ai, quantas vezes,
Cegos e mancos
Vão na coorte
Dos saltimbancos!

E o povo grita;
E ao vê-los brada:
— Gente perversa!
— Gente malvada!

E a mesma turba
Que os injuria,
Os ovaciona
No outro dia,
Quando eles surgem
No circo, a rir,
Cheios de fome,
Quase a cair.

Vendo-os no circo,
Podem julgar
Que passam todos
Vida sem par.

Ai, quantos deles
Nunca sentiram
Materno afago,
Nem mesmo viram
Reflexo vago
De amor algum!

Ai, quantos, quantos,
De montureiras,
Pálidos lírios,
Vão por ladeiras
Ficar nas eiras,
Entre martírios,
Entre canseiras
Do mal comum!

Os saltimbancos
Lá vão, lá vão!
Estrada em fora!
De olhar no chão!

Não escarneças
Do saltimbanco
Que num arranco
De dor infinda
Viver alegre
Parece ainda!

Talvez outrora,
Noutra existência,
Esta penúria
Fosse opulência.
... ...
Ninguém se ufane
De ser feliz.
— Da vida à morte
Vai só um triz.

Isidoro Duarte Santos

Escola Espírita

Professora — É com alegria, grande prazer mesmo, que início estas pequeninas lições.

Sei que estais desejosos de saber muitas coisas, que tendes muitas perguntas a fazer.

É natural, é mesmo necessário.

Aqui estou eu, sempre pronta a ser-vos útil e a favorecer a boa formação da vossa alma e, agora, a instruir a vossa inteligência ansiosa.

António — E podemos fazer perguntas de vez em quando?...

Profes.ra — Pois claro!

Maria José — E a senhora falará devagarinho?

Profes.ra — Naturalmente.

Américo *(sombrio)* — Estou morto por saber.

Profes.ra — Ainda bem; pois eu também estou «morta» por lhes ensinar muitas coisas que ainda não sabem. Digam-me cá: estão sempre contentes com a sua vida?

Américo — Eu cá, não. Ainda o outro dia, eu reparei nisso. A mãe do meu vizinho mal lhe ralhou quando ele partiu a bicicleta. Até se riu. Ele é rico; tem tudo. Eu, nada.

Profes.ra — Vejo que estás descontente com a tua «sorte».

Américo — Pudera! Ele tem tudo e eu...

Maria José — Oh! Merco! Não sejas invejoso!

António — Minha senhora, não haverá uma razão?

Profes.ra — Há, sim. Não é sem motivo que uns são ricos e outros pobres, uns sãos, outros aleijados, uns maus, outros bons.

Américo — Hum! Sim, sim...

Profes.ra — Vejamos: nunca repararam que, quando praticam uma má acção, sentem remorsos? Ou então, caso diferente, que, quando fazem qualquer serviço mal, se sentem desgostosos?

Maria José — Ainda ontem fiquei tão triste com o meu bordado! Ficou tão desajeitado!

Profes.ra — Portanto, já estou a ver que a dor não é mais do que uma consequência.

António — Se assim é, qual é a causa?...

Profes.ra — Pois é isso mesmo que lhes irei ensinar, de hoje em diante.

Até breve, meus amiguinhos. Pensem no que lhes disse...

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XVI

— É quando o grão de areia se torna humilde — respondeu o Mestre, que meu Pai o faz estrela... Os que se humilham serão elevados, os que se exaltam serão abatidos...

E tão devagar seguia a barca, brandamente impelida pelas doces brisas da madrugada, que só ao romper do sol Madalena se viu nos braços de Lázaro e de Marta.

— Vesti-a de gala! — disse Jesus contente como jamais o viram — porque ela saiu escrava e regressou rainha.

E vieram os músicos e os cantores, parentes e servos, que se alegraram na sala grande dos dias festivos, enquanto Marta agitada num ofegante vai-vem, ornamentava a vasta mesa do banquete.

Jesus, recostado numa cadeira, a sorrir daquele júbilo, tinha sentada aos pés Maria Madalena, que, de rosto enxuto e mãos felizes caídas no regaço, o olhava constantemente, procurando adivinhar-lhe os pensamentos. Entre risonha e agastada, Marta, dirigindo-se ao Senhor, disse-lhe:

— Senhor, não vês esta preguiçosa que não me ajuda? Não se te dá que minha irmã Maria me deixe só a servir? Manda-lhe que me ajude!...

Respondeu Jesus naquela voz tão doce, tão branda mas ao mesmo tempo tão vibrante, que actuava directamente nos corações:

— Marta, Marta, estás ansiosa!... Ocupas-te com muitas coisas; entretanto, bem poucas são necessárias, ou por outra, uma só é necessária!... MARIA ESCOLHEU A BOA PARTE QUE NÃO LHE SERÁ TIRADA!...

As palavras do Mestre não encerravam pròpriamente censura ao procedimento de Marta. Ele manifestou-se a respeito do modo de ser das duas irmãs, e por isso mesmo provocado pela própria Marta.

Ambas eram boas e tementes a Deus: entretanto, havia entre uma e outra um cunho particular que as distinguia. O Senhor, que lia nas almas como num livro aberto, sabia que Marta era laboriosa, sensata, ponderada; que agia sempre com método, com calma, com cálculo, de forma que em todos os seus actos se revelava sempre o domínio duma razão esclarecida. Maria, porém, possuia um espírito apaixonado; era talvez descuidada das coisas chamadas práticas... Era, no entanto, uma idealista que se deixava arrebatar pelo coração. Marta era o exemplo vivo da mulher impecável aos olhos do mundo, enquanto Maria, sua irmã, em virtude do acentuado cunho de idealismo que a dominava, não mereceria a mesma apreciação. Como sempre, ainda neste particular, como em muitos outros, o juizo do Senhor contrastava com o dos homens e é assim que o vemos dizer abertamente: Maria escolheu a boa parte que não lhe será tirada! Para o mundo, a boa parte é o materialismo; para Jesus é o Idealismo.

Marta atendia às coisas da terra, embora não descurasse as do Céu; Maria, porém, identificava-se com estas últimas até ao ponto de esquecer aquelas.

Marta era o perfeito tipo da mulher da sua época. Maria ia além. Transpunha, ainda que inconscientemente, os limites que separavam o humano do Divino, espraiando os seus anseios, o seu espírito, pelo horizonte das coisas celestiais.

Na balança da justiça da terra, Marta pesava mais do que Maria, mas na balança da justiça do céu Maria pesava mais do que Marta.

O mundo vê no idealista um desequilibrado, um lunático, um semi-doido! Não obstante, o Divino Mestre manifestou-se por Maria, afirmando que ela tinha escolhido a melhor parte!...

O homem da presente época (a Humanidade terrestre) vive afadigado para obter a realização das suas ambições, aflito com mil e uma preocupações que o excitam, que o enervam, quando, em verdade, como afirmou o Senhor, bem poucas coisas são necessárias.

As inúmeras necessidades que fazem o flagelo da maioria dos homens, são ilusões, puros caprichos criados por paixões desenfreadas, por vícios e taras mórbidas, que foram adquiridas por imitação.

A necessidade verdadeira, real, é uma só: EVOLUIR — caminhar na senda da perfeição — reeducarmo-nos nos moldes dos Evangelhos, procurando seguir as pegadas

do Mestre excelso, e que é, a final, o verdadeiro e único objectivo da existência terrestre. Para este fim é que Deus nos enviou à terra.

... ...

O Senhor realizou duas categorias de ressurreição: ressurreição do corpo e ressurreição do espírito.

Ressuscitou Lázaro e ressuscitou Maria Madalena.

Aos olhos do mundo, a primeira destas duas maravilhas assume maiores proporções; mas, aos olhos de Deus, o segundo prodígio é mais belo, mais valioso.

O corpo de Lazaro veio a morrer após aquela ressurreição. Madalena, porém, nunca mais morreu, porque o que nela ressurgiu não foi a carne, foi o espírito.

A carne ressurge para a morte; a alma ressurge para a vida eterna, Jesus, ressuscitando Lázaro, ressuscitou um vivo, porque Lázaro, amigo dilecto do Senhor, já vivia a vida do espírito.

Ressuscitando Madalena, ressuscitou um cadáver, porque sua alma estava morta para a espiritualidade.

Jesus, ressuscitando Lázaro, a filha de Jairo e o filho da viuva de Naim, teve em mira promover ressurreições de almas. Operou aqueles prodígios como meio para atingir um fim: impressionar profundamente, para ressuscitar espíritos mortos para as coisas espirituais e sepultados em túmulos de carne.

Tal é, de facto, o que o interessava. Em produzir prodígios desta natureza está a missão de que o Pai o revestira.

Quando Jesus disse aos seus discípulos: Ide, pregai o Evangelho, ressuscitai os mortos *— é da ressureição dos espíritos a que ele se referia. Em igual sentido devem tomar-se estas suas palavras:* «Eu sou a ressurreição e a vida; aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e o que vive e crê em mim, nunca jamais morrerá».

O mundo vibra maravilhado pela ressurreição de Lazaro !...

O céu extasia-se na ressurreição de Madalena.

O mundo vê o auge do poder no cadáver redivivo !...

O céu vê o fastigio da glória, na alma redimida.

O mundo contempla, estupefacto, um morto saindo de um túmulo de pedra !

O céu rejubila no apogeu do gozo, contemplando uma alma resgatada que do negror da devassidão para as serenas e puras regiões da Luz.

PARÁBOLA

Houve um homem que, um dia, encontrou à porta de sua casa dois sacos.

Ao abri-los, verificou que um se encontrava cheio de valiosas moedas de oiro, ao passo que outro só continha pequenas e sujas moedas de cobre.

Contemplando a fortuna que inspiradamente lhe caía nas mãos, resolveu dar expansão a todos os seus desejos, a todos os seus sonhos. Arremesando para um canto o saco das moedas de cobre, fechou a porta de sua casa e sobraçando o ouro lançou-se na conquista dos prazeres.

Um enxame de amigos o rodeou e sentou-se à sua mesa e gozou também grande parte do seu ouro.

E o monte das moedas foi diminuindo até que o vento do luxo arrebatou a derradeira. E o homem chorou a sua cegueira, rasgou os seus vestidos e lançou terra sobre a sua cabeça.

Mas ninguém ouviu suas queixas. Os amigos e as mulheres de sua casa fugiram, mal souberam que estava pobre.

Lembrou-se então da velha casa fechada, onde na pobreza fôra feliz. Descalço e mendigando, arrastou a carne cansada até à casa que desprezara.

Entrou e viu o saco das moedas de cobre. Ajoelhou e orou, clamando pela misericórdia do Deus de Israel.

Agarrou algumas moedas e foi comprar alimento.

Com o tempo, o homem foi vendo que embora gastasse, o saco das moedas de cobre continuava cheio como na primeira hora. Mas, ai dele se pensava em despender como outrora. O saco minguava mais ainda que o seu monte de ouro.

Enquanto viveu, o homem nunca sentiu fome nem sede. O Senhor Deus de Israel ouvira a sua angústia e um Anjo do Senhor lhe abriu o entendimento.

Esta é a parábola dos dois sacos de moedas que não veio no Evangelho.

L.

Ecos da Conferência do Ginásio

De todos os jornais que se fizeram representar na conferência de Ramos Pereira, no Teatro do Ginásio, o «Jornal de Notícias», do Porto, foi o mais leal e desassombrado. Não aceitou o bilhete por simples delicadeza. Assistiu e falou pela boca do seu esforçado colaborador Paulo Freire (Mário), que na secção «Várias Notas» mantém um grande serviço diário de profilaxia moral e mental.

Eis o que disse aquele escritor:

Uma tarde destas, no Teatro do Ginásio, o sr. Ramos Pereira realizou uma conferência sobre este tema sugestivo: «Será o Espiritismo Uma Realidade?». Porque estes estudos me interessam, fui ouvi-lo. Já lá vai o tempo em que era *perigoso* falar-se em Espiritismo sem provocar o riso sardónico dos «espíritos fortes». Hoje o Espiritismo interessa a milhões de pesoas e já se discute a sua realidade. Eu não sou o que se pode chmar um *espiritista*, mas porque sou um espiritualista, interessa-me tudo o que ao espírito diga respeito. Eis a razão porque fui ao Ginásio ouvir a conferência do sr. Ramos Pereira, que não conhecia pessoalmente e a quem vi e ouvi pela primeira vez. Dizem-me que é um distinto estudante de Ciências Económicas, cujo curso teve que suspender por ter sido mobilizado como alferes para uma das nossas colónias, retomando-o agora, depois que voltou à Metropole. Palavra fácil, exposição acentuadamente didáctica, a sua conferência foi, sob esse ponto de vista, notável. Focou e analisou vários fenómenos psíquicos, disse-nos o que era a psicografia, dissertou sobre materializações e incorporações, referiu-se à voz directa, à passagem da matéria através da matéria e ao deslocamento de objectos fora de qualquer contacto. Foi erudito. Viu-se que estava senhor da matéria e que a conhecia a fundo. Mas pareceu-me que lhe faltava o poder de convencer os outros das verdades que expunha. Fez uma lição de mestre, brilhante, clara, incisiva, mas sem o místico poder dos grandes iniciados. Expôs, mas não tentou convencer. E quanto ao problema das causas pareceu-me também que a sua argumentação falhava no ponto em que o conferente, sempre brilhante, se referia à Causa Primária, aquela de que o sr. Ramos Pereira se afasta completamente dos meus pontos de vista, de simples estudante, à margem de todas as seitas mas dentro do mais intransigente doutrinarismo deista.

///

O teatro não estava cheio, mas havia muita gente, e notei até que a assistência, bastante recolhida, seguira com manifesto interesse o conferente. Não sei, nem me interessa saber o que o meu leitor pensa a este respeito. O que sei é que um assunto que interessa hoje milhões de seres, e em Portugal alguns milhares de pessoas, não é assunto que se deva de passar em claro, por medo aos «espíritos fortes». Não pratico o Espiritismo, não sou um espiritista *profissional*, mas admito o Espiritismo e estudo, sempre que o posso fazer, tudo o que lhe diz respeito. Sei que há inúmeras mistificações em volta desse problema, que nele pulula uma série de aldrabões e de vigaristas de alto coturno, que em Portugal a maioria das *sessões* são meras expressões mirabolantes, mas isso não destroi a existência real de fenómenos que a Ciência não explica, que estão para além dos conhecimentos humanos.

Também sei que na América, no Brasil, na Inguaterra, na França, na Alemanha, na Polónia, na Russia, na China e no Japão, estes estudos se tomam a sério, e a eles pertencem os melhores nomes da Ciência dos nossos dias. Nos meus porfiados estudos que têm já muitos anos de esforço compreensivo, tenho verificado, afinal, que o postulado que informa o Espiritismo dos nossos dias, pertence a todos os povos do Mundo em todas as épocas da sua existência, e que os conhecimentos de hoje, embora aquem dos conhecimentos do velho Egito, da velhíssima Caldeia, da antiga Grécia, e que quer no Velho Testamento, quer no Novo, há claras e precisas referências a esses fenómenos, muitos deles ainda hoje postos em dúvida.

///

Não há fumo sem fogo. E se o Mundo inteiro, desde as suas mais remotas sociedades devidamente organizadas nos apresentam o problema e o dão como existente, não me parece fácil negá-lo, em nome de uma Ciência que analisando-o, nem o destroi, nem o explica. Bem andou, portanto o sr. Ramos Pereira, em nos pôr em contacto com teorias que sendo de hoje, são de ontem e hão-de ser de amanhã.

Não temos ainda em Portugal, nem em Lisboa, nem no Porto, um grupo devidamente apetrechado para estes estudos, cuja aparelhagem custa umas centenas de contos que não é fácil conseguir em meio tão manifestamente pelintra como o nosso. O que há por aí são boas-vontades dispersas, alguns elementos valiosos, e uns grupos que fazem espiritismo como quem vai ao Cinema ou ao Teatro, ou como quem institui sociedades recreativas, nas quais as *sessões* se limitam, com raras excepções, a *contactos* mais ou menos suspeitos, sem possibilidade de observação e fiscalização *científica*. Isto, que é lastimável, não se dá por exemplo, na Inglaterra, onde estes estudos e estas

sessões se fazem com absoluta profundidade, e são depois expostas ao grande público em revistas que são lidas e discutidas em todo o Mundo, porque a firmar os seus artigos estão nomes que pertencem ao mais alto escol do Mundo científico.

Eu, aqui o confesso, tenho nas minhas estantes de mero estudioso, uns centos de volumes que leio e releio sempre que posso, e a verdade é que cada vez encontro na minha frente mais dúvidas e mais pontos de interrogação, mas essas dúvidas e esses pontos de interrogação não me obrigam a negar ou pôr em dúvida factos que pessoas da mais elevada categoria me garantem e alguns que eu pessoalmente conheço.

///

Ia eu neste rumo de ideias quando os meus olhos poisaram sobre este pequeno comentário que veio publicado no *Diário de Notícias* de Domingo:

«Uma rapariga acaba de deixar perplexos os psiquiatras hindus, ao declarar que se recordava perfeitamente de sua «vida passada»... Com 15 anos, filha de um médico de Allahabad, ela pretende ter sido, na sua «vida anterior» homem de leis em Benares. E indica mesmo o seu «anterior nome»: Rai Behadur. Um dia, ao visitar, sózinha, aquela localidade, parou diante de um velho edifício e declarou ser aquela a sua antiga casa. Reconhecendo o filho de Rai Behadur, um velho de 80 anos, debulhou-se em lágrimas e caiu-lhe nos braços, gritando:

— Até que enfim que te encontro, meu querido filho!

E deu tantos pormenores sobre a sua vida passada que o pobre velho (como de resto todos os circunstantes) se convenceu de que ela era verdadeiramente o «envólucro» da alma do seu pai morto há mais de 50 anos!

O caso passou da Imprensa para o Congresso indiano — e está a ser estudado por cientistas especialmente vindos da Grã-Bretanha para examinar a rapariga».

O manifesto tom de mínima importância dado a este facto curiosíssimo e importantíssimo, tão curioso e tão importante que prende a atenção do Congresso indiano e obriga cientistas ingleses a deslocarem-se até lá, dá-me mais uma vez a nota da *nossa* sapientíssima indiferença diante destes fenómenos. Não é muito vulgar que as reencarnações se dêm fora do mesmo sexo. Seja como seja, aí tem o leitor um Congresso a que eu gostava de assistir se percebesse alguma coisa de inglês e tivesse dinheiro para essa deslocação.

///

— Mas, de facto, o sr. acredita naquela *patuscada* da menina de 15 anos que era *pai* de um velho de 80 anos? — perguntar-me-á o leitor curioso e incrédulo.

Pois é verdade, eu acredito. No facto em si? Não. Nas suas possibilidades. Hoje, com o avanço que esta ciência (e não sublinho a palavra) ganhou em todo o Mundo culto, já nenhum homem marcadamente inteligente e culto, pode negar o fenómeno reencarcionista, de que aliás encontramos fortes exemplos no Velho e Novo Testamento, e que, pelo número de provas devidamente verificadas e estudadas, já não oferece dúvidas. Evidentemente, só não acreditam nestes fenómenos, os que não admitem a existência do espírito. Mas para estes não há explicação nenhuma de certos fenómenos que a Ciência não explica, por muito que estique a corda da sua sapiência positiva. Foi por esta e por outras razões afins, que eu fui ouvir a conferência do sr. Ramos Pereira, e que estudo, quando o tempo me sobra para isso, tudo quanto respeite a este assunto que há-de ser, quer os espíritos fortes queiram quer não, a maior preocupação espiritual e científica do Mundo de amanhã.

Máximas e Pensamentos

A igualdade repugna de tal modo aos homens, que o maior empenho de cada um é distinguir-se ou desigualar-se.

As sociedades secretas têm o mau cheiro da sua qualificação.

Os meninos sobram onde estão e faltam onde não se acham.

O louvor agrada, porque distingue desigualando.

Anda muito o que nunca pára. Assim sucede ao tempo.

Os ingratos são maus amigos e piores inimigos.

Os velhos que condenam a mocidade, lavram o processo de si próprios.

Os melhores prosperam algum tempo, para que sua derrota seja mais sensível e tormentosa.

Os homens são como os relógios. Uns se atrasam, outros se adiantam; poucos regulam bem.

O que se ganha pela força por ela se perde.

Os vícios igualam as condições; as virtudes as distinguem.

Há pobres que exageram o cabedal dos ricos para se crerem com direito a esmola mais avultada.

Os preguiçosos são tão activos em mandar, como remissos em obedecer.

Procura-se o rico, porque dá e não pede; foge-se do pobre, que pede e não pode dar.

A morte é certa; a medicina, incerta.

A intolerância de muitos desculpa a hipocrisia de poucos.

Benefício moroso torna-se rançoso.

MARQUÊS DE MARICÁ

A ALMA DE UM LIVRO

pelo Dr. Luiz Postiglioni
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Buenos Aires)

Há uma coisa que se costuma chamar *ciência do homem* e outra que se reconhece como a *vida*. A experiência que delas temos é que esta segue o seu curso imutável aos vaivens e solicitações daquela, frequentemente acicatada por interrogações materiais, técnicas, físicas ou morais, ou de qualquer outra índole, forças que acentuam a pressão em horas aziagas e nas circunstâncias dolorosas em que se compromete o destino duma civilização.

É necessário ter a coragem moral de reconhecer que vivemos actualmente uma circunstância definitiva para o futuro do homem na terra, razão mais que suficiente para que se intensifique a sementeira de ideais generosos e se mantenha o nível equivalente aos ideais que se propagam. Neste momento, viver um ideal é senti-lo e exemplificá-lo. O resto nada vale. O simbolismo desta acção é que é preciso ligar às nossas pupilas e radicar em nossos corações.

«O Livro dos Espíritos» é um poema vivo de profundas especulações filosóficas e bem merece que nos detenhamos um momento a considerar a vida e a obra do seu autor, as circunstâncias em que se exerceu a sua obra de coordenação, na qual se nota principalmente um esforço plausível de boa vontade.

É que há vidas cujas trajectórias são verdadeiros cânticos e a vida de Allan Kardec foi uma delas. Foi bem um cântico de entranhada vontade, dominada sempre pelo mesmo objectivo. Esforçado e sincero, o seu fim era idealista. Se a capacidade da sua obra estivesse ao nível da sua vontade, Kardec teria chegado quase a Deus. Teve muito motor e só lhe faltaram asas. Contudo, rugiu. Identificou-se, transfundiu-se e multiplicou-se inalteràvelmente com as ideias que sustentava. Nesse ponto, dava exemplos de recta autoridade. Kardec enche um ciclo, não só do Espiritismo francês, mas do Espiritismo mundial. Concitou a atenção duma época para o Espiritismo, época que passou para não mais voltar e que talvez vibre e palpite com mais pujança para a obra kardeciana, do que Allan Kardec para a própria época em si.

Como temperamento, e através da sua obra, Kardec transcende o seu tempo. O Espiritismo chegou a ele, como as coisas chegam aos visionários, quer dizer, imperfeitamente. Realizou uma obra, tal como os visionários costumam fazer as coisas: incompletamente. Mas tem por si o factor aliciante que soube orientar com facilidade. É um mestre à sua maneira, com todo o empirismo a que pode aspirar uma doutrina que ensaia os primeiros passos. Cria modalidade inconfundivelmente kardeciana acerca da equação e solução dos problemas doutrinários: certeza nos juizos, pródigo nas imagens, religioso no estilo — o estilo da sua época — e místico no fundo. Eis Kardec: É um romântico do Espiritismo; por vezes, a sua pena flui em cintilações felizes; a síntese da posição moderna de Kardec no Espiritismo leva-nos a dizer que já se impõe a revisão dos seus escritos fundamentais, para que se ajustem à época. Ou então arquivar toda a sua obra, de modo que ninguém possa discuti-la.

Se o estudarmos sèriamente, encontraremos no seu estilo melancolia característica, esperançosa, fundos lampejos luminosos e grande nostalgia do Além. Essas forças adensam-no em ternura infinita de impulso meditativo, ou seja em dor. Na exposição dos seus princípios sempre se agiganta — mais no que sente do que no que pensa — para depois não acertar na explicação cabal. E decai devido ao erro crasso que esteriliza os melhores esforços: fala um idioma adequado ao seu ideal e não uma linguagem nova que nasce no novo rumo da verdade, junto a ele próprio. Doutrina nova, requer novo idioma, quanto mais novos vocábulos.

Se formos minuciosos do ponto de vista estritamente filosófico, quanto à classificação geralmente aceite, veremos que alguns problemas se lhe escapam das mãos. É que a pesar de ânsias novas que o dominam, só consegue percorrer caminhos velhos. Foi o erro inicial. Kardec teve a sua hora, disse a sua palavra, cumpriu o seu ciclo. E contudo criou. Tanto assim que aqueles que lhe sucederam sentem a força e a alegria de saudá-lo na aurora dum novo dia para a doutrina. E fazemo-lo cumprindo lealmente os planos que idealizou para o futuro do Espiritismo. É a nossa maior responsabilidade actual: ser leais ao pensamento vivo de Kardec, sóbrios com a sua sobriedade, sinceros com a sua sinceridade, esforçados com o seu esforço cem vezes nobre de toda a nobreza, sentindo dentro de nós o meridiano da doutrina, como ele o sentiu e legou à posteridade. Essa responsabilidade devemos tê-la gravada no coração.

Mas Kardec deixou-nos uma lição um pouco esquecida; — Não combater homens nem nomes, mas os ideais e os princípios, e combatê-los com ideias, princípios e exemplos melhores. Compreendamos Kardec e não caiamos no erro de nos considerarmos kardecistas e de negar, nos factos que de nós dependem, o

mestre de todas as horas. Quando a grandeza passada, se é que existiu, satisfaz mas não estimula o presente com mira no futuro, esse passado é uma desgraçada hipoteca.

Allan Kardec — além de apaixonado, de vidente que esquece o contacto da terra que pisa — teve o defeito de fazer realçar os mortos dentro do Espiritismo. Se a doutrina, com as suas práticas, só nos fizesse ver os que se foram e nos reduzisse aos seus mortos comunicantes, — o que equivale a olhar, de certo modo, para trás — só lograria matar os germes construtivos que cada um dos seus elementos pode conter, apagaria todo o valioso sentimento criador; e ao amortecer a sensação revisionista da crítica sã, só nos restaria o estancamento de um dos fins espiritas essenciais a fazer compreender a mentalidade humana — Evolucionar.

///

O clássico é tremendamente nefasto, quando nos faz perder a sensação vivificante de criar, responsável e solidàriamente, de criar sabendo o que se faz, de pensar, saber e sentir cada momento do nosso ritmo próprio. E a história de todos os movimentos filosóficos, humanistas e religiosos, encontra-se, na verdade, cheia de saudáveis lições deste género. Realmente, a obra consiste em libertar o Espiritismo da velha técnica tradicional; mas se em Espiritismo necessitamos de tradição, deve ser uma força viva e nunca um peso, por mais glorioso que seja. Nem mesmo Kardec permitiria outra coisa. Só assim compreendemos a nossa doutrina amada: — doutrina de novos rumos para libertar a humanidade desta hecatombe de cimento armado que ameaça sepultá-la sob o estrondo atómico fratricida — como força que se universaliza buscando uma rota, a sua própria rota, rota diferente, rota que represente para o espirita uma atitude de entidade activa, rota que se transforme em mensagem de libertação.

ALLAN KARDEC

Quanto aos principais fundamentos do Espiritismo como ciência da alma, pertence a Kardec (e é justo reconhecê-lo) a concepção doutrinária da primeira hora, mediante a racional aplicação dos fenómenos rudimentares até então obtidos. A ideia espirita, precursora duma nova humanidade, que até então vibrava imprecisamente e constituia os pródromos de uma inquietação e de um sentimento ante princípios e factos novos — que era o ponto feliz dum período evolutivo em que Kardec pontificava — sùbitamente adquire com o codificador um novo sentido — o sentido do princípio integralista, o sentido da ciência integral, o sentido do conhecimento libertador. Esse sentido transcendente do conhecimento encontrou-o e corporizou-o Allan Kardec primeiro que ninguém; e logo o ampliaram, o impuseram com novos factos, nova linguagem e experiências exemplares, os Crookes, os Delanne e os Geley.

E à medida que o ritmo da nova disciplina se desenvolvia, sonhadores e trabalhadores infatigáveis, ao impulso generoso da doutrina espirita, enunciavam a sua posição, fundamentavam as suas vistas acerca do ideal comum, somavam o seu generoso concurso na ordam fenomenológica, acentuavam as características essenciais da escola espirita no concerto das ideias novas, orientavam-se as projecções filosóficas, ganhavam brilho as atitudes morais, punha-se em relevo a necessidade de caminhar para melhor organização.

As inquitações levaram a pensar na realização, sem acertar nem compreender bem a explicação primária.

E foi assim que paradoxalmente, o conhecimento provocou cisões e os inconformistas foram considerados traidores pelo delito de possuirem uma fase menos elementar da verdade. A qualificação improcedente foi o preço pago ao benefício, foi o desconhecimento de Kardec e da sua preciosa obra.

Como qualquer geração nova, relevemos o facto de que somos na realidade portadores do nosso património cultural, isto é, profundamente humano da nossa própria sensibilidade, do nosso próprio sentido do histórico e do transcendente. Mantenhamos a nossa atitude e não esqueçamos que ela será o espelho do que sentimos e do que ansiamos.

Cremos que não basta, que não deve bastar a sede de agir sem a condição de compreender; esperamos, pois, e desejamos um novo dia para o Espiritismo. Há 90 anos que a intuição genial de Kardec e os méritos da sua evolução deram foros de doutrina a uma men-

sagem de salvação e compreensão humana. Por essa mensagem, pelo seu codificador insigne, pelo coordenador sagaz dos ensinos enviados do mundo invisível, por esse homem iluminado e voluntarioso, sejamos dignos da doutrina, sejamos dignos do Mestre.

Diante da revisão total de princípios a que assistimos na época actual dos conhecimentos humanos, o ideário que nos irmana não ilude o confronto de princípios; antes pelo contrário, solicita-o, sabedor como é de que a verdade lhe assiste em todos os seus pontos.

///

A concepção mecanicista tem na «Medicina Experimental», de C. Bernard, a sua obra básica; a concepção vitalista da escola homeopática tem no «Organon» de Hahnemann sua primeira e última razão de ser; ambas são obras inatacáveis, não obstante o progresso verificado nesses campos. Nós também temos conhecimentos fundados em doutrina.

E também temos a nossa Bíblia. Com efeito, «O Livro dos Espíritos», base granítica da nossa doutrina evolucionista, é um permanente convite para toda a inquietude sã que necessite de abreviar a sua aspiração de sabedoria e de conhecimento. Nele se encontram adequadas respostas às perguntas: — Que somos? Para onde vamos? De onde viemos?

Saibamos, pois, honrar tamanha obra; e saibamos fazê-lo com a tese kardecista por excelência; — trabalhar e tolerar. Tal era a divisa de Kardec, o *senso comum encarnado,* segundo a qualificação feliz de Flammarion, tal a aspiração do coordenador por excelência, *trabalhador obstinado,* segundo lhe chamara esse expoente insuspeito que foi Henri Sausse.

Em homenagem ao aniversário que recordamos, saibamos estar à altura dessa responsabilidade, elevando os nossos propósitos, entendendo o *clima* que acalenta a alma de um livro exemplar.

Só os descrentes na humanidade têm receio da vida. Esta premissa dir-se-ia essencial na vida de Allan Kardec, que cria na religião do progresso um sinal superior. O que distingue Kardec é um rasgo típico da sua maneira de ser: — não é sòmente um homem de doutrina, mas também um homem de opinião, Senhor de extraordinária vontade, o seu exemplo é duma dedicação e constância impressionante. Criador de uma ciência, expoente e filha de uma época apaixonada pela investigação, interpreta esse sentimento cósmico da interrogação acerca da realidade humana.

Vida intensamente laboriosa, como já dissemos, seus passos são às vezes logrados por esforços pessoais incruentos, mas não perde a confiança nos objectivos que deseja atingir.

Jornadas dramáticas, que expelem o suor de lutas mil contra a incompreensão humana, contra os enormes interesses criados! Kardec atravessou a primeira parte do desconhecimento que sempre está ligado aos criadores. E não obstante, Kardec batalha pelo homem contra os próprios homens. Como Pasteur, como Servet, sente a divina loucura da inspiração e arremete contra os inconvenientes que se cruzam no seu caminho.

Ele não vinha só para restaurar o corpo, como aqueles. Para ele, a alma era coisa diferente. Seus inimigos — sempre os eternos inimigos do progresso! — tentaram desprestigiá-lo, mas isso não invalidou a sua obra. Ela aí está como testemunho de novo sentido para a libertação humana: — o sentido da responsabilidade transcendente, do fogo imortal, da libertação por conhecimento. É aqui que o Espiritismo se fez conhecimento eterno, como eterno fica, nos anais da filosofia científica, o nome do seu fundador indiscutido, do seu fundador e coordenador primeiro: — Allan Kardec.

Pouco importa que a linguagem kardecista tenha passado de moda, que tal ou qual ponto da sua doutrina progressista tenha sido rectificado, mais na forma que no fundo; não importa que se aponte um erro em tal ou qual passagem da sua obra policrómica, nem que a realidade da experiência tire ou ponha audácia a determinadas leis: aí está o «Livro dos Espíritos» para provar que as leis naturais são eternas.

A verdade é que Kardec deu foros de doutrina a um novo conhecimento científico, deu sabor de filosofia evolutiva à concepção da alma imortal, exprimiu cabalmente — como nenhum o fizera antes — o novo cálculo do sentido vital para uma reestruturação — agora clássica — do religioso em função da verdadeira valência humana, fora de todo o rito, por cima de expressões exotéricas. «O Livro dos Espíritos' iluminou um novo conhecimento libertador e esta é a realidade substancial da obra kardeciana; o resto, com ser valioso, é de segundo plano. Através da prática do tempo, o aspecto causal da doutrina da imortalidade toma caracteres de conhecimento revelado ao génio que lhe dá forma.

A concepção da realidade humana, isto é, a trilogia corpo, perispírito e alma, é a base científica que resiste a todas as cópias modernas do conhecimento e forma a alma de um livro, que é, sem discussão, o livro do século.

Seu esforço definitivo coloca-o num plano de cultura universal que, não obstante o silêncio que se possa fazer à sua volta, o coloca na galeria das obras dos génios predestinados.

A alma deste livro é eloquente; na obra de Kardec o problema de Deus é o tema predilecto. Ele pode estar seguro da sua obra, mas a doutrina por ele corporizada espera a compreensão dos homens.

Claro que nem Kardec nem «O Livro dos Espíritos» são todo o Espiritismo, mas é indiscutível que o Espiritismo nasce com Kardec, que este tem uma men-

sagem para todos os homens de boa vontade, para quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir; é que, por cima das realidades biológicas transitórias, homem branco e homem negro, existe uma realidade transcendente, substancial e perene, que é a realidade das leis naturais e divinas que irmanam os homens no reconhecimento de um Deus único, universal, fundamento de toda a paz e de toda a fraternidade.

///

Kardec traz na coluna vertebral da sua grande obra — sua obra por autonomasia — pois a coluna vertebral da nova psicologia e do novo deismo é o seu «Livro dos Espíritos» — a segurança científica, o conteúdo filosófico, o cálculo social de uma realidade definitiva que ultrapassa a pessoa humana, para descobrir-lhe os matizes da sua individualidade. Esta realidade definitiva chama-se imortalidade, o que equivale a dizer irmandade humana; é neste sentido que a dor e a ânsia do homem são caminhos de salvação, veredas de perfectibilidade, tal como a mística o pospostula sentenciosamente.

O delinquente é imperfeito, cego, ignorante. A ignorância é a fonte do mal, é a razão por que o mal não tem realidade positiva.

O conhecimento libertará o homem de seus males e o conhecimento parte do reconhecimento de Deus, marcha inevitável do inconsciente ao consciente. E o conhecimento, que é luz, levará ao reconhecimento de Deus e da moral, como forças primogénitas do sentir humano. A pesar dos momentos terríveis que a humanidade suporta actualmente, a doutrina que palpita no «Livro dos Espíritos» aponta-nos uma obrigação moral e um dever impostergável: é a difusão dos elevados princípios ali expostos com claridade meridiana, respondendo ao clamor dos séculos. O maior exemplo da realidade da alma do «Livro dos Espíritos» consiste em que vivamos nós próprios aqueles princípios. Esse é o mandato iniludível, pois o amor pode mais que a violência e a rectidão é a primeira lei de Deus servindo aos homens que sabem o que os aguarda para além das árvores e das lágrimas, dos beijos e das flores, para além dos risos infantis — que criam mundos — e do sangue — que entenebrece a Humanidade.

Por cima de tempestades e desesperanças, Kardec lega-nos «O Livro dos Espíritos» como fanal luminoso de redenção e conhecimento. Não nos deixemos cegar pelos terríveis tempos que decorrem, já que a razão da força não é suficiente força de razão para nos fazer acreditar que o ódio vale mais que o amor. Alimentemos o critério superior que é o *élan* vital do «Livro dos Espíritos». Servir aos homens é serviço divino, pois a tempestade do desespero amaina o seu furor ao vento da tolerância, deixa de encrespar-se ao hálito do amor e à súplica da fraternidade.

Fora da caridade não há salvação e a verdade nos fará livres: Eis o que ensina o «Livro dos Espíritos»; e a alma deste livro é um acto de fé no destino do homem, destino explicado em linguagem popular, de gente que não sabe de subtilezas filosóficas; é a verdade exposta para quem compreende que os destinos se plasmam pouco a pouco com o suor de cada jornada, nas asperezas que nos enfrentam em nome da incompreensão, da intolerância e do desconhecimento.

A alma do «Livro dos Espíritos» é uma mensagem de superação que afasta a desesperança, que eleva a fé à convicção, que afugenta a angustia ao contacto da alma humana com o sopro do bem. «A alma da sociedade moderna é a inteligência», ensinou Bacon em frase feliz; pois o «Livro dos Espíritos» é a alma dessa inteligência elevada em libertação por conhecimento, dando ao idealismo e ao formalismo a categoria de nova democracia, a verdadeira democracia do espírito.

«O Livro dos Espíritos» é, de certo modo, o expoente da revolução que se operava naquela época cheia de luminárias, que põe em relevo o nome de Kardec e Darwin, 1857 e 1858, «O Livro dos Espíritos» e «A Origem das Espécies», verdadeiro movimento revolucionário que dignifica a liberdade como prémio do esforço humano.

«O Livro dos Espíritos traz esse significado integral de clarão; hoje, a noventa anos da sua primeira edição, continua a ser a chama votiva para a inquietação dos que não esquecem que são almas em viagem intérmina, testemunhos de Deus, do Verbo feito Carne em renúncia infinitamente piedosa e como lei natural que se cumpre no homem e para o homem.

(Em comemoração do 90.º aniversário de «O Livro dos Espíritos»).

Estudos Psíquicos e os Leitores

«Não tenhamos dúvidas de que a revista «Estudos Psíquicos» tem o poder electrizante de activar os espíritos como eu».

MARCOLINA ALVES
(Rio de Janeiro)

«Tenho recebido regularmente «Estudos Psíquicos», que vem sempre avivar as saudades que temos dos nossos confrades de Lisboa e do nosso agradável vivio espiritual».

BARTOLOMEU BANA MARTINS
(Lourenço Marques)

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

(CONCLUSÃO)

Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*. Edição de Couto Martins. Lisboa, 1945. 516 páginas.

Na página 235 encontramos o motivo por que Wachsmann não viu o Ser Necessário para lá da sua Realidade Absoluta. «Como se pode conceber, sem antropomorfismo, um ser pessoal, subsistente, inteligente, livre, bom, justo e providencial?». O autor acha impossível essa concepção e a sua atitude é semelhante à dos materialistas que não são capazes de conceber uma substância espiritual e, por isso, considerar a Psicologia um ramo da Fisiologia. Mas, assim como não podemos aplicar à alma o conceito de espacialidade física, não se aplica a Deus um conceito de espacialidade espiritual. Acho possível *conceber* a existência do Meta-Ser (Deus), embora seja incapaz de *compreender* a totalidade da sua *essência*.

Wachsmann considera a criação como a passagem da energia espiritual estática à energia espiritual dinâmica, a qual, evoluindo, causou a pluralidade das formas: «a constituição do Universo é de origem espiritual» (pág. 240). Eu entendo por energia espiritual a exteriorização do dinamismo interior de um Espírito. Mas parece não ser assim como o autor a percebe, visto não poder conceber um Ser para lá da Sua Realidade Absoluta. Atinjo, assim, seguindo o pensamento de Wachsmann, uma «energia espiritual» e um superior planeamento das formas (que é a sua lei do Karma?), mas ele não me dá (antes me tira) a personalidade de com eles fazer a síntese metafísica do Ser, como seria lógico. E eu fico sem abarcar a ideia da sua «energia espiritual»... (A teoria realista sobre a «origem da ideia de causa» — p. 234 — enferma desta tomada de vistas sobre a Realidade Absoluta).

Na pág. 252, Wachsmann define o «espaço absoluto ou puro, como espaço em si, isto é, a essência da Realidade Absoluta». Mas na pág. 94 encontrámos que é espiritual (energia espiritual) a essência daquela Realidade. Não serão duas proposições contraditórias? (cf. Análise do Espaço-tempo, in pág. 261-266).

O cap. dedicado à Circulação da Evolução» (pág. 270-278) é, para nós, um dos mais perfeitos desta obra. Wachsmann sintetiza nele ideias colhidas na «Grande Síntese» de Ubadi e nos trabalhos antropo-teosóficos, partindo do seu conceito de Realidade Absoluta. Apenas não admite um fim último para a evolução da Realidade, o que é uma conclusão lógica da linha do seu pensamento: — «portanto, não mais haverá paragem de movimento, não mais estabilização de vida, ficando as almas num estado aspirante, sempre em vida» (pág. 279). Mas esse fim pode ser suposto sem que haja «paragem de movimento», «estabilização da vida». O ser, saído da corrente da contingência, ganha unidade na sua ascese para compreender, em si, a Ideia presente na Realidade Absoluta. Quando ele for uno em si, encontrou o seu fundamento último; isto é, ganhou essencialidade dentro da sua existencialidade sem limite. Não será o fim do presente ciclo evolutivo da Realidade? E com esta hipótese não queremos afirmar que não se dê um novo princípio depois deste fim... O nosso pensamento apenas consegue vislumbrar as linhas gerais do ciclo actual, sem penetrar nos anteriores e posteriores que foram ou hão-de ser. Há uma frase na pág. 278 que não conseguimos perceber; — «A Realidade Absoluta é finita se bem que ilimitada». Pedimos a Wachsmann (se puder) que nos explique este paradoxo!

A «teoria espirita» (pág. 283) apresentada como solução de origem das espécies é fundamentalmente moldada na hipótese teosófica dos «arquétipos», ainda que busque o auxílio da teoria de Thompson. Considera todas as criações, explicadas «pelas leis do Karma e da reencarnação», ao lado de uma «certa liberdade dentro das formas fixas arquetipais» e de uma «certa folga de evolução compatível com as leis kármicas». Compar[illegible] esta hipótese com o «evolucionismo mo[illegible] (in «Grande Síntese») em que se mostram [illegible] os paralelos-organogenéticos e psicogenéticos — dentro de um lineamento ascensional, progressivo. Se as espécies fossem fixas, a evolução espiritual far-se-ia por saltos bruscos; e teríamos de admitir um mutacionismo psicogenético. Mas o evolucionismo das formas é gradual. E se é animando a corrente ininterrupta das formas que os fulcros anímicos ganham experiência, ganham consciência, progridem, como compreender os «arquétipos em sentido fixista», como aceitar a preformação da «estrutura de todos os seres e objectos»? Como admitir o fixismo arquetipal se a evolução das formas está em ligação íntima com a evolução do meio (físico)? Não vemos mesmo como Wachsmann pode conciliar esta preformação rígida (não é fixista?) com o seu conceito de Realidade Absoluta. Isto faz lembrar a intervenção constante de um Deus «ex-machina»... Identificar o arquétipo com o «superior planeamento da Vida» do neo-vitalismo? Mas este é caracterizado

pela sua plasticidade e aquele... pela rigidez fixista... embora Wachsmann ressalve que, existindo arquétipos das espécies, a evolução destas «não está rigorosamente predeterminada», donde a «certa folga da evolução compatível com as leis Kármicas!»

Bem interessante é a teoria energética da natureza da alma («monismo panrealista espiritual» pág. 287-97) que aceitamos, sem comentários, nos seus traços gerais. Ressalvamos, porém, a ideia: — «o facto consciente pode ser uma soma, uma composição quantitativa de elementos conscientes pequeníssimos», de estados elementares conscientes. Eis uma influência da teoria associacionista tão bem criticada por William James. (M. J. Vicente Viquera in «Psicologia Contemporânea», in cap. V, p. 97-98).

Admirável é a exposição do «dualismo espiritualista» (p. 289-295) no estudo do paralelismo psicofisiológico em que os materialistas procuraram o argumento capital da sua tese de identificação da alma com a matéria. Bergson e Driesch são os principais esteios de Wachsmann. (Para complementos, remetemos o leitor para Th. Nipps e para o cap. VIII da «Psicologia Contemporânea» de Viquera). Negando aquela identificação, Wachsmann pronuncia-se por uma «união acidental» (p. 296-299) para explicar o paralelismo. O autor precisa bem a sua posição, dizendo: — «Percebe-se, pois, que somos dualistas na aparência, monistas na essência e acidentalistas na questão da união» (p. 299).

O «realismo transcendental» de Wachsmann (p. 319-320), como teoria sobre o valor do conhecimento racional é a dedução da sua crítica ao idealismo, moldada em termos de Russel e Durant. É pena que o autor não tivesse desenvolvido o seu critério espirita de verdade (p. 325), para formarmos ideia mais nítida do alcance do seguinte passo: — «confirmamos, pois, como verdadeiro *unicamente* aquilo *(o itálico* é nosso) que nos é confirmado pela clarividência unânime dos médiuns; mas este saber é apenas relativo, porque, embora os espíritos comunicantes estejam mais perto da verdade do que nós, também não são infalíveis»! Porque não aplica, então, este critério às afirmações teosóficas?

(Demasiado resumida é ainda a exposição da «moral espirita» a pág. 238 e do problema sociológico a pág. 329).

Reputamos digno de menção o cap. dedicado à «teoria do sujeito-objecto» (p. 343-367) sobre a função aquisitiva do conhecimento, pela forma clara e perfeita como se encontra exposto e pela sua intima ligação com a metapsicologia. Notável é também a revivescência do ineismo platónico comprovado com o auxílio da psicologia infantil feita no cap. «Ineismo Espirita» (p. 375-386). (V. Caupp in Psicologia del Niño).

Notamos na explanação da «teoria espiritual» sobre a origem do instinto (p. 393) uma discordância com o que é dito na pág. 86. Wachsmann aparece-nos aqui mais conforme com a realidade dos factos, menos absorvido pelas ideias teosóficas.

A 5.ª parte desta obra — «Para Uma Nova Psicologia» — é, para nós, uma das mais perfeitas e dignas de estudo. Encontramos nela um Wachsmann mais seguro e claro, conduzindo a ideia com pulso firme, superior mesmo. Pena é que as parcelas anteriores não sejam bolsadas numa forma análoga. Aquela merece uma análise incomportável no âmbito restrito destas colunas.

Resumindo estas despretenciosas anotações, afirmamos a nossa admiração pelo Wachsmann psicólogo, embora discordemos do Wachsmann metafísico...

Achille Biquet em Paris

O nosso redactor-correspondente na Bélgica, Mr. Achille Biquet, vice-presidente da *Union Spirite Belge* e secretário geral da Federação Espirita de Liege, foi convidado a participar na confraternização dos Centro Espiritas da região parisiense, realizada no Salão das Sociedades Científicas, onde A. Biquet expôs em termos claros o que é o Espiritismo e quais os seus objectivos.

Na mesma reunião, o nosso redactor em Paris, Mr. Henri Regnault, vice-presidente da *Union Spirite Française*, fez interessantes exprièncias psíquicas, provando a existência do fluido humano. Mr. George Gonzalés, secretário geral da U. S. F., fez seguidamente demonstrações das radiações humanas pela magnetização de água, provando ao público que ela mudara de gosto.

Na sala de Conferências da *Union Spirite Française*, Mr. Achille Biquet realizou notável palestra acerca de «Descartes, Seus Sonhos e Sua Filosofia Perante o Espiritismo».

Os Centros Espiritas da região parisiense que se encontram agrupados são os seguintes: «Union Spirite Française», «Societé Française d'Etudes des Phenomènes Psychiques», «Amour, Lumière et Charité», «Amour et Vie», «Evolution», «Cercle Reine Marguerite» e «Amour et Consolation».

No próximo número daremos novas informações a respeito do movimento espirita francês, que seguimos com o maior interesse. Os impulsionadores desse movimento estão em plena actividade e é de crer que brevemente surjam realizações de grande vulto, em Paris e outras cidades francesas.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

1.º CONGRESSO ESPIRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO

A notícia que segue foi-nos amavelmente transmitida pelo confrade Carlos Jordão da Silva, Secretário Geral da *União Social Espirita*, de S. Paulo, organismo de grande projecção no Brasil.

A União Social Espirita, legenda sob a qual se uniram as maiores entidades espiritas da capital paulista, ou seja, a Federação Espirita do Estado de S. Paulo, a Liga Espirita, a União Federativa e a Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, está promovendo o 1.º Congresso Espirita do Estado, que deverá reunir-se na metrópole, de 1 a 5 de Junho vindouro.

Trata-se de uma ampla iniciativa, como se vê, abrangendo a quase totalidade do movimento estadual organizado. O seu objectivo é a unificação do movimento espirita do Estado. Além das grandes entidades da capital, a comissão da U. S. E. recebeu, até o momento, 528 declarações de adesão de associações espiritas de todo o estado, podendo assim colimar o seu elevado objectivo de unificação.

Os trabalhos preparatórios vêm sendo realizados há mais de um ano, quando se lançou o movimento da U. S. E., que em breve se tornou uma grande realidade, abrindo novas perspectivas para o Espiritismo em São Paulo. Até aquele momento o movimento espirita processava-se de maneira arbitrária, e a própria existência de diversas entidades federativas na capital era demonstração do divisionismo, não raro personalista, que impedia a sua coesão e orientação unitária. Dali por diante, entretanto, uma nova era nasceu. As entidades máximas da capital deram-se fraternalmente as mãos, dirigiram o seu apelo de fraternidade e união às organizações existentes nas numerosas cidades do interior, e estas passaram também a encarar a necessidade de imediata conjugação de esforços, nos trabalhos crescentes que a doutrina defronta.

Como que por uma inspiração do Alto, surgiam no interior, ao mesmo tempo, movimentos regionais em perfeita concordância com o da capital. Em Marília, na Alta Paulista, realizou-se o 1.º Congresso Espirita daquela região, com grande repercussão no Estado, congregando numerosas associações regionais e de outras diferentes zonas. Uma delgação da U. S. E. compareceu a esse congresso e o movimento metropolitano foi aprovado nas resoluções do conclave, que o recomendou a todas as organizações participantes. Em São Carlos, Campinas, Ribeirão Preto e outras cidades, realizaram-se brilhantes «Semanas Espiritas», num esfôrço de conjugação de numerosas entidades. Entretanto, a U. S. E. distribuia os seus manifestos, recolhia adesões, impulsionava as actividades espiritas num sentido de profunda e ampla unificação. Do Congresso de Marília resultou a formação de Conselhos Espiritas nas cidades de Marília, Baurú, Botucatú, Avaré e outras. Esses conselhos, formados por todas as associações espiritas de cada cidade, aderiram à U. S. E. que, por seu lado, já cuidava também da formação de Comissões Municipais em numerosas cidades, nos mesmos moldes. Uma feliz e oportuna coincidência de propósitos.

Assim, como se vê, o 1.º Congresso Espirita do Estado de São Paulo será o resultado de um amplo trabalho, pacientemente desenvolvido em todo o Estado. Diante dos resultados já obtidos e das numerosas adesões recebidas, espera-se que atinja o mais completo êxito. Da sua realização deverá resultar para o Espiritismo paulista um organismo dirigente unficado, formado num ambiente de fraternidade, longo trabalho em comum, e compreensão verdadeiramente cristã dos objectivos da doutrina.

Os espiritas paulistas, reunidos sob a bandeira unificadora da U. S. E., esperam contar também com a simpatia e apoio dos confrades dos demais Estados, do Distrito Federal, dos Territórios e do Exterior, convidando-os a se fazerem representar nos trabalhos do próximo congresso. Qualquer comparecimento deve ser comunicado com antecedência à secretaria da U. S. E., Avenida Irradiação, 158, São Paulo, Brasil.

O HIPNOTISMO E A TELEVISÃO

Segundo um telegrama transcrito pela revista *Constância*», de Buenos Aires, a B. B. C. de Londres revelou há pouco que abandonara a ideia de transmitir por televisão um novo programa de hipnotismo, porque as pessoas que assistiram às provas experimentais cairam em profunda hipnose e calcula-se que o espectáculo «podia ser perigoso».

O experimentador foi Peter Casson. É tal a confiança que põe nos seus trabalhos, que chegou a afirmar: «todas as pessoas caem sob o meu influxo, sem lhes falar ou fixá-las».

As provas realizaram-se nas salas de televisão do Alexandra Palace da B. B. C. Uma rapariga que

assistiu aos trabalhos de Casson através duma pantalha de televisão em sala escura, caiu profundamente adormecida. Quatro ou seis empregados da B. B. C. que se prestaram voluntàriamente a servir de passivo nas experiências, ficaram adormecidos e tiveram de ser sacudidos sem contemplação para despertá-los.

Num segundo ensaio, Casson conseguiu submeter à sua influência quatro espectadores, entre os quais se encontrava *Miss* Gillan Webbuna, locutora de televisão.

Embora a companhia dissesse que não objectivava um programa orgânico de hipnotismo, verificou-se que se pretendia introduzir sessões de hipnotismo no programa normal das emissoras. Um locutor declarou que as provas aludidas estavam de acordo com a política da B. B. C., que tende à experiência de todos os programas antes de serem irradiados, para calcular a reacção provável do auditório.

Casson, que conseguiria transmitir o seu programa se não fosse tão completo na sua arte — ou como se lhe queira chamar — há dez anos que trabalha em hipnotismo e descobriu que pode hipnotizar fàcilmente quem lhe apeteça.

— Quando apareci em frente das objectivas — diz ele — fixei a atenção do auditório. Falei-lhe e em seguida as objectivas captaram unicamente o meu rosto a todo o tamanho da pantalha (ecran). A pesar disso, a maior parte do meu êxito foi devido ao som.

Acrescentou que pode hipnotizar pelo telefone, mas considera o processo arriscado.

SOCIEDADE ESPIRITA PAZ E AMOR

Temos a maior satisfação de registar nestas colunas o progresso de todas as agremiações que trabalham para engrandecer e prestigiar a Doutrina Espirita. Podemos acrescentar que é um grato prazer.

A Sociedade Espirita Paz e Amor, de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Brasil, onde vivem e trabalham muitos portugueses, foi fundada em 1922 por um grupo de confrades chefiados por Angelo Aguarod, escritor e pregador muito conhecido, de quem temos à venda um dos livros mais interessantes da bibliografia espirita: «Grandes e Pequenos Problemas». Em virtude do esclarecido espírito deste irmão, que também foi o primeiro presidente eleito da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, a Sociedade Espirita Paz e Amor desempenhou sempre papel de relevo no movimento espirita do Sul do Brasil.

O seu actual presidente é o nosso compatrício José Simões de Matos, representante de *Estudos Psíquicos* naquela cidade. Discípulo de Aguarod, mantém a orientação dos mestres e a sua colectividade pode considerar-se um dos núcleos melhor orientados de todos os Estados brasileiros.

Pelo último relatório da Directoria que nos chegou às mãos, avaliamos o panorama moral e social em que se desenvolvem as suas actividades, uteis e variadas, desde a assistência espiritual aos necessitados à escola dominical que de quinze em quinze dias ministra o Evangelho às crianças, explicando-lhes o porquê das coisas e dos factos históricos, à luz do Espiritismo.

Todos os dias mantém uma hora de passes mediúnicos em que são atendidas em média 45 pessoas, num total de 11.700 por ano, o que representa trabalho vultoso e apreciável. Muitos dos enfermos foram inteiramente curados e prestam hoje o seu concurso aos trabalhos da referida Sociedade.

Uma das coisas que mais nos impressionou foi saber que na última 2.ª feira de cada mês se realiza ali uma sessão cultural dedicada à Dignificação da Mulher e que tem sido frequentadíssima, em virtude da bela colaboração que lhe tem dado a acção feminina, pois todas as teses apresentadas preconisam a maior cultura e aperfeiçoamento da mulher, no triplice aspecto de filha, esposa e mãe.

Duas vezes por semana funciona o Roupeiro Angelo Aguarod, com o fim de ensinar costura e corte às associadas ou filhas de sócios que desejem aprender. Os trabalhos feitos durante a aprendizagem destinam-se a socorrer algumas pessoas necessitadas.

Além disto, o Presidente reserva um dia do mês para reunir os médiuns, directores e colaboradores e rever o programa dos trabalhos gerais, a fim de cada um se ajustar inteiramente aos compromissos assumidos, de modo que se observe firme disciplina, chave do êxito de todas as empresas.

Finalmente, todas as 3.as feiras há práticas aos médiuns, demonstrando ao principiante espirita os escolhos e perigos da mediunidade.

Os Corpos Gerentes desta Sociedade compõem-se de sete directores, três membros do Conselho Fiscal, cinco do Conselho Deliberativo, nove Directores de Departamento, oito Directores de Salão, doze colaboradores das sessões públicas e doutrinárias, dois directores de conferências, dezassete médiuns curadores e dois representantes junto à Federação Espirita do Rio Grande do Sul.

Muito mais poderíamos dizer desta agremiação modelar, à qual preside, como dissemos, um representante de *Estudos Psíquicos*. E para que estas palavras não sejam levadas a título de lisonja, aguardamos nova oportunidade para falar dela, com a largueza e relevo que merece.

Notas & Comentários

JOSÉ CARLOS DE CHELMICKI AFFLALO

Encontra-se entre nós o prezadissimo confrade José Carlos de Chelmicki Afflalo, que há muitos anos reside no Rio de Janeiro, onde tem prestado bons serviços à Doutrina.

Após oito anos de ausência, volta à pátria, a fim de retemperar a saude abalada e visitar a família e os amigos, que muito o estimam.

Embora o seu temperamento seja infenso a louvores de qualquer espécie, não podiamos deixar de escrever algumas palavras de boas vindas e tocar ao de leve no muito que tem feito pelo Centro Espiritualista Luz e Amor e pela nossa revista.

Os que nos acompanham nesta cruzada de propaganda sabem que Chelmicki Afflalo foi o impulsionador do nosso Centro. Por seu intermédio vieram preciosos donativos que nos habilitaram a trabalhar com real proveito; e sempre que as dificuldades surgiam, a sua mão fraternal nos acenava em gesto tranquilizador, prenúncio de novo auxílio que se não fazia esperar. Deste modo, a sua acção, mais que meritória, chegou a ser providencial.

Ele não vai ficar satisfeito com estas palavras, porque leva tudo à conta de cumprimento do dever; mas nós tinhamos de escrevê-las para a história do Espiritismo em Portugal.

Estudos Psíquicos deve-lhe atenções que não esquecerá jámais. Enquanto viver, estará ligada a Chelmicki Afflalo, amigo das horas alegres e amargas e conselheiro dos momentos críticos da nossa luta persistente.

Estas palavras não são de subservivência. Nem nós nem ele as admitiriam. São palavras de gratidão. Os nossos triunfos, se os houver, serão de algum modo reflexos da obra de Chelmicki Afflalo, pois não esquecemos que, deste lado do Atlântico, há uma voz que em grande parte lhe deve o som. Essa voz continuará a ouvir-se nos dois hemisférios. Temos fundadas esperanças, mercê de bons amigos que se manifestam em variadas latitudes e juntam seus esforços aos nossos.

Não vamos mais além. Ele está entre nós e isso nos basta, para que nos sintamos mais tranquilos e mais fortes.

A presença de um amigo sincero anima e encoraja de tal modo os trabalhadores da seara, que as energias parecem multiplicar-se. Isto se dá conosco neste momento de alegria pela chegada de Chelmicki Afflalo, a quem damos um grande e fraternal abraço.

UM CRÍTICO

A pesar da conspiração do silêncio feita pela grande imprensa à conferência de Ramos Pereira no Teatro do Ginásio, registamos hoje uma voz potente que teve artes de romper o cordão... sanitário estabelecido pelos «espíritos fortes» em torno da doutrina dos «espíritos fracos», da *peste roxa* do Espiritismo.

Essa voz é de Paulo Freire (Mário), admirável polígrafo, cuja obra corre mundo a atestar grande cultura e lúcida inteligência.

Sempre gostámos da sinceridade e da lealdade e dos homens que falam do que sabem e assumem a responsabilidade do que dizem. Paulo Freire está neste caso, do ponto de vista moral e mental. Tem opinião e emite-a desassombradamente. A verdade é esta.

O crítico sensato não tem preconceitos. É lógico e objectivo. Mantém sempre equilíbrio e mesmo a demolir constrói.

Assim fez o colaborador do *Jornal de Notícias*, o autor animado e por vezes pitoresco de «Várias Notas», a quem já nos referimos algumas vezes.

Chamamos a atenção dos leitores para essa crítica construtiva, que vai noutro lugar desta revista. Leiem-na e mostrem-na aos «conspiradores do silêncio». Ficarão sabendo que o homem é estruturalmente livre e que mais vale um milímetro andado por esforço próprio, do que léguas em albarda de rossinante.

O ABRIGO «BATUIRA»

Em Poá, subúrbios de S. Paulo, Brasil, está instalada uma das melhores obras de caridade espirita que a fé e a dedicação de um punhado de obreiros mantém para maior glória do Espiritismo. Ali se encontram 166 crianças, apoiadas na solicitude da senhora D. Maria Gianoni Novazzi. O nosso amigo António Baptista Lino é o grande benemérito e impulsionador deste grande monumento de assistência social. A Livraria Allan Kardec, de S. Paulo, que ele dirige e administra, é um dos escudos deste exemplo vivo de solidariedade que ali se exerce sob a protecção de um elevado espírito, que é o patrono da formosa instituição, que tem anexa a Casa de Oração «Lameira de Andrade», belo edifício com amplo salão de conferências, onde se realizam as sessões doutrinárias.

Quem dá aos pobres, empresta a Deus. Isto diz a sabedoria popular, num judicioso prolóquio que se adapta admiràvelmente ao *Abrigo Batuira* e ao seu intrépido orientador e animador, que será recompensado de todos os esforços que realiza em prol dos irmãos infelizes.

Noticiário

18 DE ABRIL

Em comemoração de mais um aniversário da 1.ª edição do «Livro dos Espíritos», realizou-se, como fora anunciado, uma sessão solene no Centro Espiritualista Luz e Amor.

O Presidente da Direcção, Isidoro Duarte Santos, abriu a sessão, exprimindo a adesão do Centro às comemorações que além-Atlântico se realizam no mesmo dia, sob a égide da Liga Espírita do Brasil. Embora se afirmasse o menos indicado para tal, fez uma perfeita análise da personalidade inconfundível de Allan Kardec e do valor eterno da sua obra, salientando dela o «Livro dos Espíritos».

Em seguida, usou da palavra o Major Eurico de Castro Zuzarte, que incitou veementemente os espíritas à leitura da bibliografia kardecista, em virtude da sua actualidade e da inesgotável fonte de conhecimentos que nela se contêm.

D. Ivone de Sousa, na sua inconfundível maneira de expor, soube ser simples, femininamente delicada e sensível, quando definiu a gratidão que todo o espírita deve albergar e acarinhar em si para com Kardec, «o genial escultor, cujo cinzel firme rasgou na pedra humana a estátua do Espiritismo».

Ramos Pereira traçou um paralelo entre o Espiritismo kardecista, como Ciência, Religião e Filosofia, e os falsos conceitos e atitudes que por vezes se acobertam sob tão rico manto, terminando por uma prece dirigida ao Espírito de Kardec, prece de glorificação e graças.

A Dr.ª Raquilde Pires, considerando o Espiritismo como um decisivo e decidido esforço para a Verdade, afirmou a necessidade imperiosa de cada um seguir a «verdade» na vida cotidiana. Essa seria a melhor homenagem ao Autor iluminado do «Livro dos Espíritos», a par de uma contribuição para novo mundo, mais cristão.

Os aplausos da numerosa assistência, sublinhando as palavras dos oradores, deram a nota desejada de uma comunhão de vistas sob a égide daquele que está entre o homem e o mestre dos mestres, mostrando este sob uma Nova Luz.

«MUNDO ESPIRITA»

No dia 4 de Abril passado fez 15 anos de existência o semanário carioca *Mundo Espírita*. Para muita gente, um aniversário é coisa banal que não merece duas linhas de referência — minuto a mais ou a menos na eternidade do tempo não importa. Para aqueles, porém, que mourejam em searas ingratas, sofrendo inclemências de toda a espécie, a começar pela ingratidão dos próprios companheiros um minuto a mais representa anos de labor e sofrimento que só pode avaliar quem alguma vez *experimentou*.

Mundo Espírita tem sido um belo arauto da Doutrina a percorrer todo o Brasil em frémitos de entusiasmo, na divulgação e defesa do Espiritismo. Mas, precisamente quando atinge o décimo quinto aniversário, nos anuncia ele estar ameaçado de suspender a sua publicação! É que a *Editora Gráfica Mundo Espírita*, fundada há cerca de três anos para escudar a vida deste jornal, não desempenhará eficientemente a sua tarefa, se lhe não acudirem os capitais necessários.

Cremos, todavia, que a obra não morrerá. Na assembleia geral da Editora, há pouco reunida, tratou-se a possibilidade de laboração em termos normais. A plataforma surgirá e o belo semanário continuará a circular e a aumentar a tiragem, Seus amigos ouvirão o apelo feito no próprio dia do aniversário. Se o não ouvissem, se ficassem empedernidos, é porque se tinha obliterado na alma dos adeptos o sentimento de justiça, pois, sem desdouro para outros campiões igualmente combativos, deve dizer-se que nenhum deles martelou com mais energia na bigorna da propaganda.

AMIGOS DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos, destinados à manutenção da revista:

António Joaquim Martins	33$00
António Gonçalves de Campos	20$00

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JUNHO DE 1947

Dia 7 de Junho, sábado, às 21.30 — Sessão doutrinária com a medium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 15 de Junho, domingo, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Jesus, o Cristo».

Dia 21 de Junho, sábado, às 21.30 — Sessão doutrinária pelo Grupo Amor de Redentor, dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa.

Dia 28 de Junho, sábado, às 21.30 — Sessão experimental de captação de pensamento, organizada por Ramos Pereira, o qual, através da sua mediunidade consciente, responderá a todas as perguntas que lhe forem feitas.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

8.º ANO — LISBOA, JUNHO DE 1947 — N.º 6

Redactor: **Ramos Pereira** | Director e Editor: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

JUVENTUDE ESPIRITA

Que formoso movimento está agitando a mocidade brasileira de um extremo ao outro daquele grande e belo país feito à imagem do nosso! Que lufada de ar puro e sadio satura a alma da juventude, ligando-a entusiàsticamente a ideias nobres de rejuvenescimento e boa formação moral!

É uma cruzada de Espiritismo de Vivos que há-de modificar o sector em que mourejamos. Ao contrário do que muitos pensam, o Espiritismo não cuida de mortos, mas de vivos. Aos mortos vai buscar, às vezes, a directriz e a experiência, para aplicá-las aos vivos, dando-lhes meios fáceis de progresso.

Esta ideia está sendo impulsionada pelo professor Leopoldo Machado, redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Nova Iguassú, Estado do Rio de Janeiro, donde têm partido as normas e sugestões para a fundação das Juventudes Espiritas em todo Brasil e que já chegaram à casa das centenas ! É seu patrono João Evangelista, o apóstolo mais jovem do Cristo e a finalidade do movimento é assegurar a continuidade da acção evangelizadora nas gerações porvindouras.

As Juventudes são núcleos apoiados em centros espiritas legalmente constituidos e é seu mentor um dirigente da agremiação, escolhido livremente pelos moços. Como se vê, há perfeita união entre novos cheio de fé e velhos cheios de experiência. E como disse o luminoso espírito de Emanuel, «orientar a infância e a juventude em Cristo é iluminar o presente e preparar o futuro do mundo». Por isso rejubilamos ao contacto desse movimento promissor e consolador que está lançando as bases de um reino espiritualista. Os novos que se congregam sob a égide de elementos abalizados serão propagadores de fé que espancarão as trevas com armas agora retemperadas na grande forja onde se caldeiam as virtudes e a experiência.

Interessar a mocidade na filosofia espirita, dar-lhe a certeza da sobrevivência e da imortalidade, radicar-lhe na alma a convicção de que todos os os nossos actos estão subordinados à lei de causa e efeito e que o homem é artífice do seu próprio destino, será a mais bela tarefa dos responsáveis pela marcha do nosso movimento.

Leopoldo Machado sabe que assim é e nesse sentido tem agido, como precursor de uma ideia que pairava no cérebro de muitos, mas que só ele soube pôr em prática.

Em carta que nos escreveu demonstra mais uma vez a sua convicção no resultado desse empreendimento que levará os jovens a adquirir hábitos nobres e correctos e, principalmente, a ser alegres, a extrair da vida o que ela tem de bom, de belo e sadio, sob o influxo da Verdade Espirita que fortalece o homem, reformando-o e dilatando seus horizontes espirituais.

Estudos Psíquicos tem sido enviada a muitas dessas Juventudes Espiritas que, a golpes de montante, em terras brasileiras desbravam a charneca do materialismo, e ainda há pouco um dos seus dirigentes nos perguntou onde fomos descobrir-lhe o nome e o endereço, a fim de lhe enviarmos alguns exemplares desta revista.

O idealismo desses rapazes e raparigas que de mãos dadas enfileiram no Espiritismo Redivivo, que alastra do Pará ao Rio Grande do Sul em cruzada triunfante, é a maior certeza de vitória que aguarda os caravaneiros estuantes de entusiasmo juvenil, de olhos postos na transformação da sociedade.

Temos fundada esperança no êxito da «experiência» de Leopoldo Machado, o animador incansável dessa falange de combatentes voltados para o sol do porvir e em cujas mãos os velhos deporão o mandato que reberam de seus antecessores. Que eles saibam trabalhar na propagação da Doutrina Espirita, à luz da nova alvorada !

Será o Espiritismo uma Realidade?

por Ramos Pereira

(Conferência proferida em 28 de Março de 1947 no Teatro do Ginásio)

Há uma afirmação largamente repetida nos arraiais espiritas; — a «origem do Espiritismo perde-se na noite dos séculos». E argumenta-se como? Com uma nova afirmação; — a universalidade espacial e temporal dos chamados postulados espiritas — monoteismo, imortalidade, pluralidade dos mundos habitados, possibilidade de comunicação entre «mortos» e «vivos».

No entanto, esta afirmação e sua argumentação, podem conduzir à confusão de ideias, ao paradoxo, porque, ao afirmar-se a universalidade espacial e temporal do Espiritismo, vão-se buscar ao passado, como argumento, aquelas *crenças* que, *a priori*, defenderam as mesmas teses.

Mas se o Espiritismo não pretende ser uma crença, há nisso uma contradição e eu prefiro substituir aquela afirmação por esta outra: — «o fenómeno espirita é universal», o que já não envolve noção de crença, de apriorismos insustentáveis.

Entre os hindus, no velho código de Manu e nos Vedas, já se falava em «espíritos» e Arthur Macdonnell num livro intitulado «A History of Sanskrit Literature» diz sobre a doutrina de transmigração: — não há, talvez, facto mais notável na história do pensamento humano do que o desta estranha doutrina, nunca filosòficamente demonstrada, ter sido olhada como evidente por si própria... por qualquer escola filosófica ou seita religiosa da Índia, exceptuando sòmente as materialistas» (1). E é maravilhoso ver um povo inteiro crer e os filósofos aceitarem, sem comentários, a tese da reencarnação.

No Japão, é costume fazer-se a invocação dos «mortos» por intermédio de indivíduos em condições especiais e com qualidades também especiais e a quem nós poderemos chamar «médiuns» (2).

Entre os hebreus, igualmente se fazia a invocação dos «espíritos» (3). É bem conhecido o sucedido entre Saul e a pitoniza de Endor a quem ele pediu que chamasse o espírito de Samuel. E o espírito de Samuel fala com Saul!... (4).

Se formos aos Evangelhos, lá encontraremos as mesmas ideias. Na conversa com Nicodemos, disse Jesus: — não renascerá em espírito aquele que não renascer na carne. («Na verdade te digo que não pode ver o reino de Deus senão aquele que renascer de novo» — v. João, cap. III, v. 3). E a tal ponto considerava este postulado (reencarnação) como assente na mente judaica, que perguntava a Nicodemos: — «Tu és mestre em Israel e desconheces estas coisas?» (v. João, cap. III, v. 10).

Se volvermos os olhos para a Grécia, veremos que também lá é defendido o mesmo princípio de imortalidade e reencarnação. Pitágoras lembrava-se de vidas anteriores (5). Alcmeon defende a espiritualidade imortal do homem e a necessidade de reencarnar (6).

Entre os romanos, existiu mesmo o costume de invocar espíritos e travar conver-

---

(1) V. op. cit., pág. 387.

(2) V. «História das Religiões», dirigida por Chantepie de la Saussaye, pág. 87.

(3) Os «anjos do Senhor» dos textos V. I Reis, cap. XXVIII, vers. 6.

(4) V. I Reis, cap. XXVIII, vers. 8.

(5) O pitagorismo constituiu uma escola esotérica.

(6) V. A. Rivaud in «As grandes correntes do pensamento antigo», págs. 44, 48.

sas com eles... através da prancheta ou do pêndulo (1).

Na antiguidade, havia, pois, uma certa universalidade na aceitação dos princípios enunciados.

Já se tem chamado à Idade Média, com pouca justeza, a «noite do pensamento», mas realmente não encontramos, durante ela, sob o ponto de vista deste aspecto do espiritualismo, aquela continuidade das correntes antigas, embora então e mais acentuadamente que nunca se tenha pugnado pelo monoteismo e pela imortalidade do espírito (2).

Mas, passada essa Idade Média, passada a Idade Moderna, no alvorecer da Idade Contemporânea, dá-se uma revivescência. No momento em que a Ciência, entronizada, exclamava: — não pode haver espírito, não há Deus, não há nada além da matéria e das leis que a regem — nesse momento o Espiritualismo fazia-se ouvir com uma voz diferente...

O homem assistia à «débacle» de tudo em que acreditava, de tudo em que baseara a sua vida. O «industrialismo» lançara o mundo numa perturbação económica de profundas consequências. O cientismo-positivismo dominava a mentalidade da época. A Filosofia era atacada nos seus fundamentos. A Religião defendia-se a custo dos embates vindos dos mais diversos pontos (3).

E nesse momento trágico da cultura, reviveram-se ideias julgadas definitivamente mortas...

Em 1847, em Hydesville, uma pequena aldeia dos Estados Unidos da América, dão-se fenómenos estranhos, ouvem-se pancadas que são atribuidas à acção dos «espíritos». Surge, depois, o que alguém chamou a «psicose das mesas girantes». Todos querem conversar com «espíritos», por intermédio da bem conhecida mesa de pé-de-galo...

Nos Estados Unidos, o juiz Edmonds, Dale Owen, os professores catedráticos Mape e Hare e outros, como Edison, dedicaram-se a um estudo mais criterioso do fenómeno, a um estudo científico. Quiseram ver se o fenómeno era real...

Para Inglaterra se transportou essa onda de interesse e lá avultam William Crookes, Myers, Gurney, Varley, Huxley. Em França, citam-se Flammarion, Victoriano Sardou, Hugo, Richet e Kardec, o codificador desse espiritualismo nascente.

E na Alemanha, Zoellner, Fechner e Notzing; na Itália, Lombroso e Chiaia; na Rússia, Aksakoff; no Brasil, Bezerra de Menezes; mostram bem que a onda interessara a massa dos cientistas.

Vem, agora, naturalmente a pergunta: — mas... será o fenómeno «espirita» uma realidade? É isso o que pretendo mostrar, através das experiências feitas, não por mim que não possuo o cunho da idoneidade científica, mas por aqueles que a possuem.

Antes, porém, necessário se torna responder à interrogação: — que é «fenómeno espirita»? Entendemos por tal o fenómeno passado na presença dum indivíduo possuidor de certas faculdades (a quem chamamos «médium»), mas sem a interferência directa da personalidade psicológica desse mesmo «médium» e inatribuível também a qualquer indivíduo assistente.

Aparece imediatamente um outro problema: — o de classificar os «fenómenos espiritas», o de lhes fixar as categorias; e esse problema não é tão simples como, à primeira vista, pode parecer. Torna-se difícil definir categorias, precisar barreiras entre esses fenómenos, de tal modo eles se intercalam uns nos outros.

---

(1) V. Ammianus Marcellinus, XXIX, 29.

(2) V. P. Vignaux in «Pensar na Idade Média».

(3) V. Heinz Heimsoeth in «Filosofia no século XX».

Muitas classificações têm surgido desde a de Boirac à de René Sudre (1). Por uma questão talvez de simpatia, eu opto pela classificação dualista proposta no Congresso Metapsíquico Internacional de Varsóvia. E como não nos interessa analisar os fenómenos «não espiritas» e apenas os chamados «espiritas», irei naturalmente tratar desta segunda classe e, dentro dela, ocupar-me das respectivas categorias.

A primeira que surge é a «psicografia» (termo muito debatido, considerado mesmo incorrecto, mas... que se usa... e o costume faz lei...). A psicografia é a escrita traçada pelo braço do «médium» em estado cataléptico ou letárgico, independentemente da vontade própria do passivo e revelando uma personalidade bem definida e, por vezes, muito superior à daquele (2).

São notáveis os trabalhos de Fernando de Lacerda, compilados nesses volumes que correm mundo: — «Do País da Luz» — e em que se inserem nomes das figuras mais célebres das literaturas portuguesa, brasileira e francesa. E é tão nítida a semelhança destes escritos com os que esses homens deixaram na terra, que alguém perguntou: — «se é Fernando de Lacerda quem escreve, porque não dar-lhe um lugar na Academia das Letras?». Mas ninguém se atreveu a propor a candidatura do famoso médium, talvez por não se saber... se seria Fernando de Lacerda ou não quem escrevera as páginas luminosas de «Do País da Luz».

Francisco Cândido Xavier, médium brasileiro, homem de fraca cultura, é outro nome a citar nos domínios da categoria de fenómenos em exame. O seu braço escreveu páginas verdadeiramente imortais no «Parnaso de Além-túmulo», essa colectânea de admiráveis poesias que só um Casimiro de Abreu, um Antero de Quental, um Augusto dos Anjos, um Junqueiro poderiam ter ditado.

Bligh Bond, um arquitecto inglês, apresentou há pouco tempo, num livro seu — «The Company of Avalon» — um caso extraordinário, passado quando fazia investigações arqueológicas na Abadia de Glastonbury. Ele encontrara-se perante um problema complicado, sem saber como localizar determinadas ruinas. Utilizando um médium psicógrafo, foram-lhe fornecidos pormenores em... inglês arcaico. Escavações posteriores confirmaram muitos detalhes e provaram a possibilidade de outros fornecidos (3).

Como explicar este caso? Como teve o médium conhecimento dos factos?

Não quero ainda discutir esse ponto. Por enquanto desejo apenas citar os factos...

Mirabelli, outro grande médium brasileiro, de origem italiana, que no seu estado normal apenas conhecia o italiano e um pouco de português, escrevia vertiginosamente em árabe, em latim, em hebraico, em quase todas as línguas europeias, em dialectos africanos, etc. Revelava-se, pois, um poliglota extraordinário, quando em estado supranormal (4).

Mas a «psicografia» apresenta ainda uma outra modalidade a que poderemos chamar artística e em que se celebrizaram alguns nomes. Eu cito os mais modernos.

Käthe Fischen, médium alemão, fazia quadros de nítida característica primitiva e admiràvelmente minuciosos, controlado

---

(1) V. R. Sudre in «Introduction à la Métapsychique Humaine».

(2) Nem sempre o fenómeno é mecânico ou inconsciente; há graus denominados semi-mecânicos ou semi-inconscientes. V. por ex.º Martins Velho in «Espiritismo Contemporâneo».

(3) Os «comunicantes» assinavam-se como Simon, sub-prior da Abadia de Winchester, e Ambrósio, prior de Glastonbury, identificados como dois eclesiásticos medievos.

(4) Foi observado em 1913 pela Academia de Estudos Psíquicos Cesare Lombroso sob a presidência do Dr. Pereira de Castro.

por uma «entidade» que se dizia Mamgubi, indígena de Uganda (1).

Augustin Lesage, médium francês, um mineiro sem quaisquer conhecimentos de pintura, compunha os seus quadros com um colorido tal, uma tal combinação de cores, que críticos de arte franceses, ao verem a sua exposição no «Salon» da Sociedade Nacional de Belas Artes, o consideram o mais fantástico decorador conhecido.

Marjan Gruzewski foi outro médium, polaco, também artista, que Ochorowicz supôs inspirado por Goya e por outros pintores célebres dos séculos XVI e XVII. Apresentando os seus quadros em exposições públicas, os críticos de arte pronunciaram-se sobre eles, classificando-os como extraordinários.

★

Numa outra categoria de fenómenos — a incorporação — o médium mostra receber em si um espírito diferente, que fala por intermédio dos seus órgãos vocais, que o domina e que impede que a personalidade do passivo se manifeste (2).

Laura Edmonds, filha do juiz americano Edmonds, que, normalmente, apenas falava inglês e um pouco de francês, conseguia, no estado de transe, sustentar, fluentemente, conversas em grego, em alemão, em latim e ainda em vários dialectos indianos.

É bem conhecido também o caso de Rosemary, discutido pelo Dr. Wood no seu livro «The Miracle of Egipt». Esta senhora vivia na costa sul de Inglaterra e, sem conhecimentos especiais de arqueologia ou da história do antigo Egipto, falava, em transe, um dialecto egípcio. As suas palavras foram gravadas em disco e reconhecidas pelo Dr. Hulme, que constatou a espantosa particularidade de serem pronunciadas as vogais, sons até então desconhecidos. Rosemary, dizendo-se incorporada por uma dama egípcia do reinado do faraó Amenhoteps III, citava factos desse reinado que posteriormente foram confirmados através de alguns papiros raros possuidos pelo British Museum (3).

A «criptografia» ou escrita directa é outra categoria dos fenómenos espiritas, tendo sido verificada em ardósias, superfícies de vidro, em diversos objectos e até no próprio corpo do médium sem que possa ser atribuida a uma acção física do mesmo.

São clássicos os trabalhos de Zoellner, relatados na sua «Física Transcendental». O médium era amarrado e controlado por forma a não poder afastar-se dos cientistas. As ardósias eram seladas na presença desses cientistas, tendo um pequeno lápis colocado entre elas. Então, sentia-se o lápis raspar nas ardósias e, quando estas eram descoladas, verificava-se que estavam escritas dum lado e doutro! Zoellner supunha, e com fundamento, que o autor de tal escrita deveria ter o conhecimento duma 4.ª dimensão, pois só assim seria explicável tão estranho facto.

Modernamente, em 1932, professores catedráticos, membros da Sociedade de Investigações Psíquicas de Oslo (4), fazendo experiências com a médium húngara St.ª Linczegh-Ignath puderam constatar o mesmo fenómeno.

Mas, de todos os trabalhos, os mais concludentes foram conduzidos pelo professor japonês Fukurai que a tal ficara convencido da realidade do fenómeno que tendo de optar entre a permanência na cátedra duma Universidade e a continuação das suas ex-

(1) V. Joseph Peter in «Psychische Studien» de Outubro de 1924.

(2) Tal como a psicografia, a incorporação é susceptível de gradações.

(3) Esta suposta entidade... intitulava-se Nona, segunda esposa do referido faraó. Segundo ela, Rosemary é a reencarnação da princesa siríaca Vola, capturada e trazida como escrava para a corte egípcia, pelo general Rama.

(4) Jarger, Wereide e Jorgen Bull.

periências, pronunciou-se por esta... (1). Trabalhando com os médiuns Watanabe e Sr.ª Chizuko e Nagas, o prof. Fukurai conduziu da forma seguinte a sua análise: — Várias chapas fotográficas eram colocadas numa sala, ficando o médium numa sala anexa. Pedia-se então a uma entidade para gravar letras (caracteres japoneses) na 5.ª ou 4.ª chapa, por ex. Descoladas as chapas, retirada a que tinha sido indicada e revelada esta, observava-se que só ela fora impressionada com os caracteres sugeridos por Fukurai.

As primeiras sensacionais experiências de materialização foram conduzidas pelo sábio inglês William Crookes que, trabalhando com a médium americana Florence Cook, controlou, durante anos, no seu laboratório, uma materialização que ficou célebre nos anais do Espiritismo: — «Katie King» (2). No entanto, a sua observação não foi tão longe como aquela que levaram a efeito Schrenck-Notzing e Ochorowicz, o primeiro alemão e o segundo polaco.

Schrenck-Notzing (3) pôde efectuar a análise de uma matéria desconhecida, a substância da materialização: — o «ectoplasma». Vista ao microscópio e analisada quìmicamente, revelou células de tecido epitelial, glóbulos brancos, gorduras, a final elementos e compostos próprios dum organismo vivo (4). Isto leva a crer que o ectoplasma é extraido do corpo do médium, caido em profundo transe, e moldado por uma vontade estranha a qualquer dos assistentes.

(E tanto assim é que o peso do médium diminui sensìvelmente durante as materializações, tendo Crawford concluido a seguinte lei: — é constante a soma de peso do médium com o das materializações que se formem. V. Aksakoff in «Um caso de desmaterialização parcial do corpo dum médium»).

A «voz directa» constitui uma outra categoria (5), Margery Crandon, a famosa médium americana recentemente falecida, produzia (?) em transe vozes que ressoavam nas salas sem que houvesse uma causa físisa conhecida.

Recordo ter lido num jornal inglês que transmitia notícias da Austrália que aí se estavam realizando interessantes experiências de voz directa. Há bem pouco tempo, no Kingsway Hall, em Londres, 3.000 pessoas assistiram a uma sessão de voz directa com o médium Leslie Flint e patrocinada pelo Marechal do ar Lord Dowding, o herói da Batalha da Grã-Bretanha. As vozes reboavam no salão vasto de Kingsway Hall, interpelando os assistentes, chamando, identificando-se. («Eu conheci-te em X... Sou F... Diz a Y... que eu...).

Felizmente que Leslie Flint não foi preso como Helen Hughes, depois da sua sensacional sessão em Birmingham, chamada aos tribunais ingleses à sombra... duma lei do tempo de Isabel...

---

(1) V. «Expériences de pensée qui s'inscrit avec des médiuns japonais», 1928.

(2) V. «Factos Espiritas», de W. Crookes.

(3) V. «Materialisations Phänomene» e «Les Phénomènes Physiques de la Médiumnité».

(4) É à custa da materialização que se obtêm as «moldagens».

(5) Ainda que as suas causas a filiem no grupo das materializações.

O Espiritismo Perante a Ciência

pelo Engenheiro Gabriel Delanne

O autor traça neste livro um quadro completo dos dados que o psiquismo pode fornecer para concitar o respeito dos cientistas, ao lado das pretensas falhas que os eruditos de toda espécie julgam existir nos chamados factos espiritas.

Ler este livro é precatar-se contra os exageros que levam muitas vezes a inteligência a mergulhar no erro e na intolerância, por falta de exacto e imparcial conhecimento de um dos mais importantes problemas da vida.

Brochado ..... 20$00
Encadernado ..... 28$00

Perde a Essência o Espírito?

por F. Noronha

« ..quelle plus grande absurdité qu'une fatalité aveugle qui aurait produit des êtres intelligents?

Montesquieu — De L'Espirit des Loix.

Substância incorpórea? — fluido subtil? — vapor volátil? Inclino-me, por convicção profunda, visto a ciência materialista não me demonstrar o contrário, a que nenhuma restrição se contém ou coaduna a maior e mais autêntica realidade de conceito moral comprovado, definindo-se num exteriorizamento de expressão trina, no qual cada um dos elementos, imparticipantes de urdidura física, é revelação palpitante de aspirações que se identificam numa só unidade potencial: o infinito!

E, assim, depara-se-nos, ilimitada na esfera, a ciência guiadora e luminar de todas as outras, de raiz na alma, dos primeiros princípios, das verdades sublimes: a Filosofia, o *amor de saber!*

Ocorrem-me, neste momento, não fora de propósito, alguns períodos da pena do desencarnado general Passaláqua, dignos de meditação:

«Amor! és belo, és encantador, porque dulcificas a existência humana, dando lugar a que haja coragem para repelir e aniquilar os pensamentos sombrios, tétricos, a que nos conduzem as contrariedades da vida. Tu és uma gota de rócio celeste que a natureza verteu no cálice da vida para lhe corrigir o travor.

«Mas é o maior tirano do coração humano, quando não se escutam as inspirações da moral e nos afastamos do caminho do dever, por nos não conformarmos com as disposições da Providência.»

Prefaciando, em 1874, um livro da autoria de Ad. Franck, que acabava de traduzir, dizia o meu saudoso amigo António Cândido de Figueiredo: «Realizaram-se conquistas assombrosas na esfera das ciências, das artes e da indústria. O espírito humano tem cinzelado monumentos imperecíveis, e enquadrado nas molduras do génio os testemunhos irrefragáveis da lei fatal do progresso. Mas a educação moral, se não tem retrocedido, nem estacionado, é certo que não vai acompanhando com passo igual as maravilhas da ciência e o progresso material.»

E não, evidentemente. Essas maravilhas e esse progresso atingiram os bastidores dum teatro que é o mundo, antes de tocar o termo da primeira metade do presente século, herdeiro do das *luzes*, com dois tremedais de expressão totalitária e cenários de categoria exemplificada nos hórridos campos de concentração e na espectaculosa fúria destruidora, que se chama bomba atómica!...

Deus escreveu talvez direito por linhas tortas. Está renovado o ambiente do «olho por olho e dente por dente» registado na *Biblia*. A corda de enforcados fez e continua fazendo larga aparição.

Será espírito de morte o que predomina?

Tentar em vão seria pretendermos penetrar o porquê secreto da inteligência máxima.

E loucura, além de atrevida, irrisória, sonhar sequer em excedermos o resumido alcance de nossas faculdades inquiridoras.

Não se mede a capacidade humana pela Omnisciência, como não se mede o nosso arcaboiço pelo volume das montanhas.

Nivelar a parte com o todo, o minúsculo com a amplidão, não só é impossível exaustivo, mas prestidigitação manequínica.

Nas letras dos quatro Evangelistas, onde assoma e rescende um cântico de Paz, perlustra também uma grafia inconfundível, de hora extrema: «Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem!»

Este não é espírito de morte, é espírito de vida, de vida eterna.

«Nada há de mais doloroso, do que a passagem dum ser, da vida para a eternidade.

«A morte, é o acabamento, é o fim! — É escura, misteriosa, cheia de sombras, de mágoas, de sacrifícios. A vida, pelo contrário, é ridente, trasbordante de luz, de satisfação, de apego a este Eu... Triste contraste!... Verdade real e palpável.

«A morte é a afronta da vida, a sua sombra negra, como a síncope o é do coração.» Assim abre um artigo, firmado por iniciais e subordinado ao vocábulo — *MORTE* —, no hebdomadário *O Castanheirense*.

Noutro, *Gazeta do Sul*, assinado por Manuel Inácio dos S. Torres, nos mesmos termos, com o título — *O Mundo e o seu Progresso* —, lê-se: «Todas as actividades do espírito e as suas místicas sociais, que vêm sendo arquitectadas e sempre renovadas, e que uns reputam péssimas e outros belas, vêm contribuindo apreciàvelmente para o progresso do Mundo. O bem

só pode ser estimado e apreciado no seu justo valor depois de se ter experimentado o mal. É por isso que, não havendo místicas perfeitas, e contendo todas, associadas aos defeitos, uma parte considerável de virtudes, todas estão sujeitas a modificações para o seu aperfeiçoamento. Assim, todas as renovações oferecem o seu contributo apreciável para a gradação da Humanidade.»

Encontram-se, por caminhos e veredas diferentes, ou de orientação diversa, ideologias aparentemente distintas, valorizando, porém, a supremacia de espiritualidade.

De raiz e de essência, o espírito é imortal. Cabe-lhe, por direito, a legenda de vitória, nos séculos e através destes.

Não há muito, entre nós, um estrangeiro que nos honra, de presença e de ciência benemérita, rotulou elaboração original de seu punho, com este designativo tonal: *Pela Vitória do Espírito.*

Irrompeu contra trevas, que se arriscariam a empaná-lo, com a lógica de argumentos e a preclaridade estabelecida de factos correspondentes, varrendo heterogeneidades e apresentando conclusões, tanto de rigor metódico quanto de precisão peremptória no fundamento racional.

Tudo se corrobora no espírito.

Durante o período catastrófico, de que foi teatro o minúsculo globo que nos transporta, fui leitor de publicações oriundas de variadas procedências, nacionais e alheias, a mim remetidas por oferta e anònimamente.

Atingem centenares e conservo-as em colocação idónea.

Uma delas, *Entente,* num dos seus números prendeu-me de maior a atenção com o artigo *Comment L'Esprit Revint Aux Intellectuels.*

Entre diferentes conceitos que o esmaltam, de pleno acordo com o meu pensamento, citarei este, que traduzo: «Não se avassala um povo sem tornar a sua juventude escrava, sem torcer o próprio espírito das crianças.»

Na monstruosa guerra hecatômbica não teve ausência absoluta o assomo de espiritualidade; e mantém-se, em evidência de factos, que só esta poderá constituir-se garantia segura e autêntica de paz perdurável.

Provações existem. São, a seu modo, sorrisos do Alto em proveito das criaturas, a quem foi concedido e outorgado o livre arbítrio.

Constituem o Arco-Iris de bonança garantida a quantos vão conquistando, por consciência e constância de modalidade própria, o grau de merecimento individual que lhes será corôa sem espinhos e carta de alforria no Além, perante o julgador iniludível de equidade suma na balança da Justiça, imune de erratas e matemàticamente equilibrada.

É a região da Luz inefável, pródromo de unções meritórias, peregrina e imperturbável estância de pulquérrimas acepções concordes, legitimação soberana de consumados depuramentos voluntários e ascenso derradeiro do ser, emancipado, ao ácume áugico e cerúleo de sempiterna adoração.

Não, não morre o homem, desembaraçado do seu hospedeiro, — o corpo, de que nada absolutamente se perde.

E se este, embora decomponível, permanece vivo nas acções e reacções que se operam no laboratório da natureza, como pode perecer, aniquilar-se o espírito, sem partícula física, nem química, indecomponível em suma?!...

A pêlo, vejo diante de mim, uma brochura recentíssima, cujo texto, de Isidoro Duarte Santos, figura notável de abnegado apóstolo espirita, reproduz, como lema e epígrafe, o criterioso brado afirmativo duma alma de pensador: Léon Denis:

«A morte não existe! Os mortos são os vivos do céu!»

Vivos a prazo, efêmeros, contingentes?!...

De onde brotámos, de que *quid,* de que vontade, de que Apeles, de que génio misterioso nos adveio o que denominamos vida e o tesouro veemente de nossas aspirações?

Somos verdadeiramente pigmeus entre muitos animais que alcunhamos de ferozes e de brutos, mas vencemo-los, domesticamo-los, tornamo-los até sociais, e, sem embargo de semelhante estado de pigmeus, conseguimos abarcar, não as grandezas totalitárias, as cumiadas gigantescas, as vultuosas perpendiculares, mas roçá-las com os dedos.

Não provimos de nós, verificamo-nos em dependência, reconhecemos um princípio do «ser, do conhecimento e do dever», uma causa de causas, a fonte reguladora de todos os movimentos e insufladora, em nós, da ideia de justiça, do sentimento de dignidade, a crença na imortaliade da alma.

Como tudo isto, se não fosse positivo o Intelecto de suprema energia, o Artista de tal obra inesgotável, o Sol dos mundos, o Legislador universal?

Logo, é força confessar, que sendo nós produto de querer sapiente, não é lícito supor que Ele nos haja iludido ou enganado com simples miragens e encantos de fascinação, de inteira impropriedade em sua origem.

Não perde a essência o espírito, não demuda. Participa do resplendor ininterrupto do Incriado etéreo, alfa inconsumível de todas as soluções, aurora sem poentes para todos os inqué-

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XVII

O lago, de um profundo azul de safira, ondulava levemente à luz das primeiras estrelas.

Um ligeiro arrepio corria pela superfície das águas e apenas alguma ondulação mais viva batia contra a barca dos Apóstolos.

Mas estes pescadores, que conheciam os sinais precursores das tempestades, apressavam-se a alcançar a margem fronteira, remando com toda a força contra o vento de Oeste que se levantara e de instante a instante soprava mais rijo.

Se conseguissem ao menos escapar à borrasca! ...

Tinham embarcado contra vontade: O Senhor constrangera-os a entrar na barca.

O seu desejo era ficar ainda no meio da multidão emocionada e exaltada dos galileus, que queriam apoderar-se de Jesus, mau grado seu, e aclamá-lo REI.

O milagre da multiplicação dos pães tinha-os entusiasmado.

A multidão, saciada por esses peixes e por esses pães, tocada de reconhecimento, deslumbrada pelo prodígio, aclamava o ser misterioso que dominava toda a criação como Senhor absoluto.

Fazê-lo seu REI!... Que sonho admirável! ...

Todas as esperanças do povo judaico, as mais materiais, as mais carnais, toda a sua aspiração, não das coisas eternas, espirituais, mas sim do que era mundano e mortal, tudo se precisava agora, tomava consistência com esta ideia: A REALEZA DE JESUS.

E os discípulos, muito mundanos ainda, na sua simplicidade, seduzidos pelas ovações e pela popularidade de um dia, queriam demorar-se mais ali, para gozar o triunfo e ver o seu Mestre prestar-se a ele.

Jesus tinha-os obrigado a embarcar.

Ele, superior a todos os movimentos populares, fossem de que natureza fossem, atento ùnicamente ao cumprimento da vontade do Pai, dominando os entusiasmos, afastava o povo, esquivava-se a um sonho tão louco.

Fugia-lhes ... Que valia, de resto, esta efervescência passageira aos olhos daquele para quem tudo era presente?

Enquanto Jesus se afastava entre os companheiros de caminho, cada vez mais raros, c... por fim, já sòzinho, se ainda de longe lhe chegavam os gritos destes homens que o chamavam à realeza, não ouvia ele também outros gritos? ...

Ouvia, sim, ouvia os gritos de ódio que deviam segui-lo ao Tribunal de Pôncio Pilatos:

— Não queremos este Rei; só temos um Rei e esse é César.

Naquela tarde gloriosa em que os galileus o aclamavam ainda ... os raios do Sol poente tingiam de púrpura a sua túnica, como a tingiriam mais tarde as largas manchas do seu sangue.

Pensativo e triste perante a incompreensão do povo, que em vão tentava esclarecer e elevar, incutindo-lhe anseios de espiritua-

---

ritos, chave preciosa para todos os enigmas, Visão espiritual de estética emocionante e Voz sem émulo nos ecos do Espaço, vincando, pelo amor, no remorso e no arrependimento, os destinos do espírito, redimido e abençoado, em merecido repouso no Além virente, sem penumbra possível e sem quebra viável de continuidade.

«A morte não existe. Os mortos são os vivos do céu.»

O Espiritismo revela-o, e os Espiritas o ratificam.

lidade, retirou-se para a montanha, para ali orar.

A primeira e a segunda vigília da noite passaram sem interromper esta oração — a mais elevada e pura que desde o princípio do Mundo tinha subido a DEUS ...

A terceira vigília da noite encontrou-o ainda ajoelhado.

Agora o vento suprava em rajadas; as vagas erguiam-se, cavando-se depois em profundas ravinas, onde a barca dos Apóstolos caía pesadamente como a um abismo, com o som lúgubre de um caixão batendo no fundo de um coval ...

Pintava-se a ansiedade e o temor em todos os rostos, redobrando o esforço dos músculos contraidos e distendidos, num ritmo violento.

A noite continuava maravilhosamente clara, varrido o céu pelas lufadas de vento que levantavam nas águas cabeleiras de espuma.

Era uma noite de Nizan nas proximidades da Páscoa.

Sobre o mar agitado, a lua estendia grandes tapetes de luz prateada; e a barca, lutando contra o vento e contra as ondas, passava sobre eles, toda banhada de luz, de forma que quem atentamente a olhasse poderia distinguir-lhe todos os pormenores.

Os Apóstolos, esses, tinham diante dos olhos toda a extensão das águas, cintilando à claridade branca da lua e, lá ao longe, as colinas nìtidamente recortadas que pareciam querer alar-se para o céu profundo ...

Eis, porém, que a sua atenção é sùbitamente atraída para alguém que vem caminhando para eles sobre o mar encapelado...

Sentem-se tomados por intenso pavor! ...

Quem poderia avançar por tal forma neste mar movediço? Caminhar sobre ele, como em terra firme? Quem ... a não ser um fantasma ou um espírito, um ser, enfim, desprendido do peso do corpo? ...

E gritavam, espavoridos ...

Jesus, porém, muito perto já, sossegou-os docemente:

— Sou eu, não tenhais medo.

Bastou o som da sua voz — mesmo no meio do uivar do vento e do bramir das vagas — para logo os acalmar, transmitindo-lhes a confiança e a paz.

Mas, sendo Ele ... por ser Ele, a realidade tornava-se bem mais emocionante, bem mais assombrosa do que o seu engano de há um instante.

Indubitàvelmente o Mestre, tão bom e cheio de doçura, familiarizara-os com os milagres da sua bondade, como nós nos habituamos aos milagres cotidianos da Providência Paternal ...

Agora, o seu assombro não tinha limites, porque até àquela memorável madrugada nunca tinham visto em Jesus mais do que um homem; nunca o tinham visto viver fora da sua condição de homem.

Caminhava, comia, dormia como eles.

Nunca o tinham visto fazer um milagre para si mesmo: Recusava-se a qualquer denominação honrosa, mesmo a qualquer sinal de superioridade ou de grandeza.

Momentos antes, murmuravam ainda, porque os obrigara a fugir contra sua vontade, diante da miragem de realeza que lhe ofereciam.

E, eis que de repente os põe frente a frente com uma terrível grandeza, acima de todas as leis humanas; de um poder perante o qual os tronos da terra se desfaziam como pó! ...

Seria verdade? Seria possível? ...

Pedro, sempre o primeiro, pela sua índole impulsiva, pediu um sinal:

— Senhor, mandai, se sois Vós, que eu vá até Vós.

Jesus respondeu:

— Vem.

E vemos Pedro — símbolo do homem — lutando com aquilo que faz parte do grande conflito humano: a falta de fé na Vida Espiritual, nos Poderes do Espírito e a crença ilusória nas aparentes realidades palpáveis e visíveis, mas que se esvaem como sombras ...

Estava tão compenetrado do Poder do seu Mestre, que não hesitou, certo de mais um milagre, e assim começou a caminhar resolutamente sobre as águas, como Ele.

O SENHOR estava ali, bem o sabia. Ouvia-lhe a voz. Conhecia-lhe as feições; via-O erguer-se no arfar das vagas, trazido por elas, e saltou fora da barca para ir ter com Ele ... não pensando senão n'ELE.

Mas, por um instante, fugidiamente, pensou em si próprio ...e o terror de uma situação tão crítica dominou-o.

As vagas levantavam-se de todos os lados e debaixo de seus pés, como há pouco contra a barca, mas num risco bem mais iminente.

O vento, em fúria, gritava-lhe aos ouvidos uma ameaça de morte.

Cavava-se o abismo: tudo isto ele via; tudo isto ouvia; a espuma salpicava-lhe a cara e ele, Pedro, tinha tido a imprudência de abandonar a barca familiar, o seu abrigo, a sua segurança, para caminhar sobre este mar inquieto! ...

Renunciara a tudo o que a sua consciência de homem lhe dizia ser verdade ... a certeza, a barca, aquilo que se apalpa com as mãos e que se vê com os olhos ...

E porquê?! ...

Pela Fé momentânea nas coisas invisíveis e impalpáveis! ...

Teve medo e começou a afundar-se.

Encontro nesta passagem do Evangelho uma admirável lição para todos os que vivem pelo Espírito.

Há na vida de cada um de nós uma hora, e por vezes mais largo espaço de tempo, no qual, para provarmos o nosso amor pelo Mestre Divino, o nosso poder de renunciar para melhor O servir, a nossa fé nas Suas palavras de vida, precisamos de arrostar com equanimidade de espírito de todos os terrores do mar encapelado da vida, o fragor das suas vagas enfurecidas.

Precisamos de abandonar o abrigo seguro da barca familiar, para caminhar sobre o oceano revolto das paixões humanas e dos interesses criados para irmos até ELE, esmagando todas as exigências da nossa natureza inferior — para escândalo e loucura da carne e do sangue ...

«Amai a Deus, caminhai sobre o mar; debaixo de vossos pés está o mundo que vós não temeis» — disse Santo Agostinho.

O vento, as vagas, a tempestade e a escuridão não impedem o navio de avançar.

E, no entanto, por vezes, as tribulações são tais, que mesmo os que n'Ele crêem e O amam se amedrontam e desfalecem.

Quando, porém, açoitados pelos ventos contrários, prestes a naufragar, quando os instintos carnais e as paixões humanas, o orgulho, a vaidade os interesses ilegítimos se levantarem alterosos pretendendo sobrepor-se e ofuscar a LUZ interior, Deus em nós, que se esforça por romper as trevas que nos separam duma vida gloriosa, a vida do espírito, se clamarmos como Pedro SENHOR, SALVAI-ME! — Jesus estender-nos-á a sua mão divina, como então, e perante o imenso poder da Sua Vontade, os ventos e as tempestades amainarão, rojando-se silenciosos e humildes a Seus pés.

Surgirá então uma aurora de pureza e santidade. A PAZ entrará novamente nas nossas almas, a margem que parecia tão afastada estará bem próxima e a grande prova da vida já vencida e passada...

Cruzada Redentora

por António Lima

Romance histórico em três épocas: 1.ª «A Caminho do Abismo» — Capítulo histórico e emocional, contendo a descrição do morticínio dos protestantes na noite de S. Bartolomeu. 2.ª «Senda de Espinhos» — A tomada da Bastilha, a queda de Luiz XIV e de Maria Antonieta e a sua capitulação. Cenas amorosas e empolgantes. 3.ª «Estrada de Damasco» — Urdidura copiada nos quadros da vida humana. Acção passada no Brasil, nos tempos da escravatura, dando ensejo a uma página do que foi essa quadra canibalesca da vida social.

Brochado ..... 30$00

Encadernado ..... 40$00

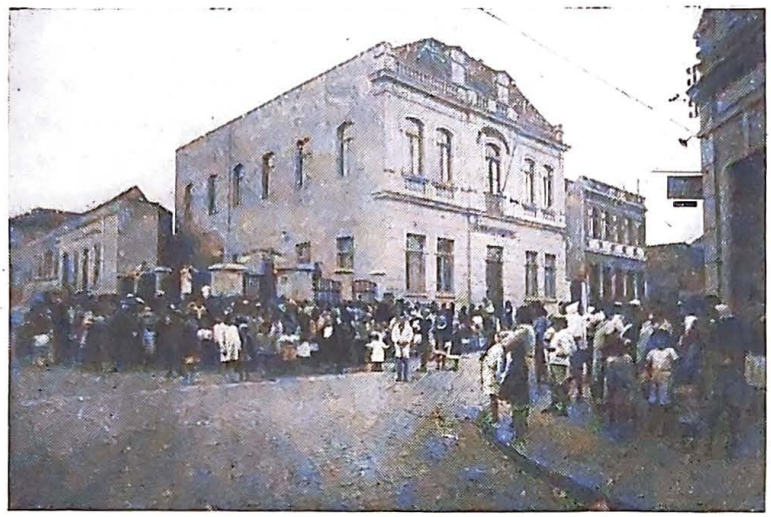
Uma Cruzada de Bem-Fazer

Nunca perdemos ensejo algum de assinalar as realizações espiritas que no Brasil se vão erguendo em holocausto à Terceira Revelação. Hoje um asilo, amanhã um hospital, depois uma escola, uma creche, um orfanato, os empreendimentos sucedem-se como rosário sem fim. São verdadeiros monumentos de caridade que se levantam em todos os Estados brasileiros, perante a admiração de crentes e descrentes. É o tal caso do homem pôr e Deus dispor. Um dia, dois amigos têm uma conversa:

— E se nós fundássemos um asilo?

— É verdade! Sempre diminuiríamos essa miséria que por aí campeia para escarmento de uma sociedade com foros de civilizada.

E esses dois atrem outros dois e depois quatro e oito e dezasseis, em progressão constante... É um milagre de fé inabalável que invade as almas benfazejas. Não há explicação racionalista para verdadeiras afirmações de solidariedade dos confrades brasileiros, a quem o próprio governo federal facilita a obra de bem-fazer. São factos que se observam e fica a gente a pensar como aquilo teria sido arranjado. O que ontem era mato verdejante (Vide o *Lar de Jesus*), é hoje abrigo ou educandário. Como milagre deste género, só conhecemos as construções luxuosas que de um dia para o outro surgem nos opulentos bairros de Lisboa, com rendas de dois e três contos mensais, destinadas aos priviligiados da sociedade.



Federação Espírita do Paraná — Curitiba — (Brasil)

O nosso representante em Curitiba, João Baptista Cardoso, enviou-nos interessantes fotografias de alguns centros espiritas da capital paranaense, tiradas por ocasião do último Natal e que, por terem chegado há pouco a esta redacção, não lhes fizemos referência nos números transactos.

Mais vale tarde, que nunca, como diz o rifão. É sempre tempo de assinalar eventos que dêem prestígio a uma ideia. Assim, ficarão sabendo que em Curitiba há uma fonte perene de caridade, tratada e cuidada por espiritas sinceros que procuram extrair da Doutrina a felicidade que ela pode dar.

Se o Espiritismo se apoia no Evangelho para exercício de sua missão regeneradora, aqueles confrades merecem o título de cristãos novos que estão impulsionando a maior empresa do século, porque se dirigem à conquista das almas com armas brancas de bondade.

Lamentamos não poder inserir todas essas fotografias para edificação daqueles que apodam o Espiritismo de obra do demónio.

O documentário ilustrado é a melhor propaganda que se pode fazer de qualquer doutrina. Ali não há ficção, há realidade.

As quatro gravuras que acompanham esta breve notícia são suficientemente elucidativas.

A primeira representa a *Federação Espírita do Paraná*, com seu Albergue, em plena distribuição de donativos. É um belo edifício moderno, sito à Rua Saldanha Marinho, 610, em Curitiba, donde todos os anos saem milhares de óbulos que vão mitigar necessidades. É seu presidente o confrade João Chignone, elemento realizador e muito conceituado. A distribuição obedece apenas a um objectivo: dar a quem precisa, independentemente de raça, côr ou religião. «Faze bem, não olhes a quem».

Noutra fotografia da mesma Federação e que temos presente, vêem-se os donativos aos montes, em profusão aliciante.

A segunda gravura é o *Centro Espírita Fé, Amor e Caridade*, Rua República Argentina, 1091, Água Verde, Curitiba. O aspecto é demasiadamente expressivo, para que necssite de encómios. Lê-se tranquilidade naqueles rostos infantis, em cujo olhar transparece gratidão e felicidade. Também o Pai Natal aqui foi pródigo em donativos.

A terceira gravura representa o *Grupo Espírita An-*

tónio de Pádua, Rua do México, 41, Bacachery, Curitiba, onde acorreram centenas de contemplados.

Na quarta gravura vê-se claramente a *Sociedade Espirita «Os Mensageiros da Paz»* (de que João Baptista Cardoso é vice-presidente) na mesma faina de distribuição de óbulos aos necessitados.

///

Estas demonstrações de caridade são fàcilmente compreensíveis e dão extraordinário relevo à acção espiritual e social daqules que no Paraná empunham o estandarte kardeciano, desentranhando-se em obras solidárias.

Estas fotografias foram tiradas no dia de Natal de 1946, vendo-se perfeitamente crianças e adultos que receberam donativos.

Centro Espirita Fé, Amor e Caridade (Curitiba)

Outras agremiações, como o *Centro Espirita Capa dos Pobres* e o *Centro Espirita Ildefonso Correia*, também de Curitiba, participaram nesta grande e bendita cruzada, recolhendo milhares de cruzeiros em dinheiro e géneros, que distribuiram naquele dia festivo.

Em Curitiba, segundo informa o nosso operoso e culto representante, há várias obras de caridade que serão objecto de futuras referências, a saber: o *Sanatório Bom Retiro*, com dez pavilhões e todo o material necessário para manutenção dos doentes; um Albergue com dois salões-dormitórios, cozinha e secção de maternidade destinada a ofertas de enxovais a bébés e a custear outras despesas.

Todas as organizações espiritas de Curitiba têm escolas dominicais para ensino evangélico à luz do Espiritismo.

Nos municípios paranaenses há mais de 100 organizações espiritas, 98 % das quais ministram ensinamentos kardecianos e 2 % pertencem à *Linha de Umbanda*, que não tem encontrado apoio nas classes populares por tratar de práticas ligadas a assuntos materiais, a que acorrem, em geral, as classes abastadas.

Brevemente será inaugurada a *Caixa de Protecção ao Tuberculoso Pobre*.

João Baptista Cardoso preside também à *Caixa do Natal dos Pobres* da Sociedade acima referida, destinada a comemorar o aniversário do nascimento do Cristo, distribuindo donativos a adultos e crianças pobres.

Para se avaliar o trabalho realizado pelos incansáveis pioneiros de Curitiba, basta dizer que no Natal de 1946 receberam cento e trinta e cinco mil cruzeiros em géneros e quinze mil em dinheiro, e mourejaram na colheita vinte e cinco homens e duas mulheres, com a cooperação de mais sessenta pessoas! Ao todo, 150.000 cruzeiros, que constituiram 7.600 donativos: 2.400 a adultos e 5.200 a cianças!...

Estudos Psíquicos sente o maior prazer na divulgação destas auspiciosas notícias, que fortalecem a crença dos neófitos e chamam a atenção dos simpatizantes e dos próprios descrentes. Um exemplo vale por cem palavras eloquentes — temo-lo dito muitas vezes. E exempos como aquele que nos deram os nossos irmãos de Curitiba são altamente honrosos para quem os materializou e para a doutrina que defendemos.

A caridade é a maior virtude existente. Já dizia o Apóstolo dos Gentios: «Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos e não tiver caridade, sou como o metal que soa, ou como o sino que tine; e se tiver toda a fé o ponto de transportar montes e não tiver caridade, não sou nada».

Isto está de acordo com a legenda espirita: *Fora da caridade não há salvação.*

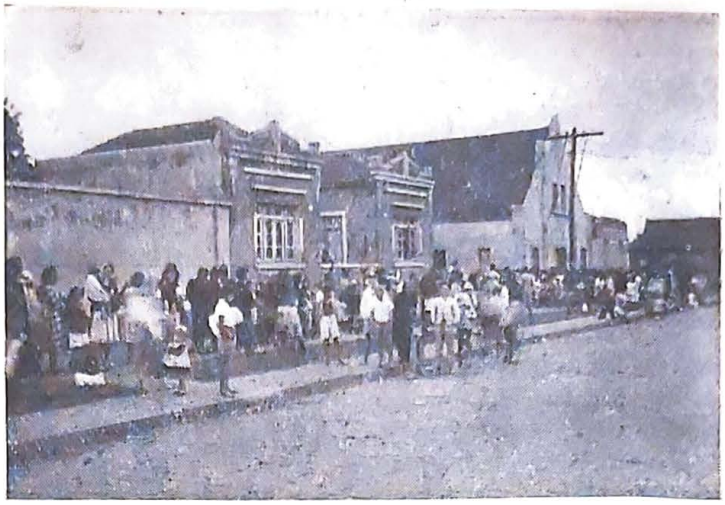
Assim o compreendem os irãos paranaen-

Grupo Espirita António de Pádua (Curitiba)

ses, operosos e solícitos em minorar as dores do semelhante. Por isso tudo quanto se diga da caridade espirita brasileira não é mais do que preito de homenagem à justiça, porque o trabalho constante desses caravaneiros que se desdobram em esforços no sentido de implantar na terra o reino de Deus, é tudo quanto há de mais admirável e digno de louvor.

João Baptista Cardoso veio ao encontro de nossos desígnios. Trouxe-nos elementos vivos, palpitantes, irrefragáveis, de quanto pode a união ao serviço de uma causa nobre e humanista; e em toda a parte onde chegar esta revista ficarão sabendo que o Espiritismo não é obra de demónios interessados em perder o mundo, mas obra de espíritos elevados que se conjugam para o salvar.

É preciso dizer esta verdade, apregoá-la aos quatro ventos com provas inequívocas, como as que aí ficam a atestar o critério, a generosidade, a índole de bem-fazer que orienta e impulsiona os nossos irmãos do Paraná.



Sociedade Espírita «Os Mensageiros da Paz» (Curitiba)

Os que atacam a Doutrina Espírita ignoram estas coisas, desconhecem que os nossos postulados assentam em bases inamovíveis e que a Caridade é o seu maior alicerce. Com efeito, de que serviria o Espiritismo sem fulcros morais? O movimento das mesas, os fenómenos telepáticos, os transportes de objectos a distância sem causa aparente são dignos de estudo e concitam a atenção dos experimentadores. Ninguém o pode negar e por elas têm vindo muitos curiosos ao Espiritismo. Mas se a doutrina não fosse mais do que isto, se ela não reformasse o homem, se não o espiritualizasse, se não o tornasse melhor, talvez não valesse a pena tanto esforço para tão pouca coisa.

Daqui se pode extrair a moral que encerra esta singela reportagem.

I. D. S.

Amigos de "Estudos Psíquicos"

O movimento de solidariedade que se esboçou em Outubro do ano passado, tendente a dar a esta revista os elementos de vida que lhe permitam desempenhar eficientemente a sua tarefa, continua a exercer-se, quer em Portugal, quer no Brasil, onde haja amigos que possam e queiram ajudar-nos.

Semelhante facto demonstra que tem sido compreendido o nosso esforço e isso nos basta como incentivo ao trabalho constante requerido por uma publicação deste género.

Os donativos em dinheiro, aliados a novas assinaturas angariadas nos países acima referidos, arreigam em nós a esperança de melhores dias.

A todos que nos têm auxiliado, apresentamos os nossos agradecimentos.

Hoje, acusamos a recepção dos seguintes donativos:

Manuel Jorge Gaio, do Rio de Janeiro	**2.000$00**
Aníbal Jacinto, de Matozinhos	**50$00**
José Augusto Gonçalves, de Lisboa ...	**20$00**
D. Zaira Fontes Pereira de Melo, de Lisboa	**50$00**
	2.120$00

A Mediunidade e a Medicina

Do «Psychic News» de 16 de Junho findo, traduzimos um excerto da notícia dada por Maurice Barbanell na secção «All Worlds Are One»:

«Geraldine Cummins contou-me há pouco como a sua mediunidade psicográfica fora utilizada no Eire (onde estivera por algum tempo) para diagnosticar casos difíceis. Um médico sentava-se junto dela e, através da sua mediunidade, recebia diagnósticos dos casos de natureza duvidosa. Este facultativo publicará brevemente um livro relatando tão notável acontecimento. Tudo teve de ser mais ou menos às escondidas por causa do poder de Roma, no Eire. Por isso, no livro apenas são indicados pseudónimos.

«Geraldine Cummins não é médium-curadora, não servia de meio a uma acção terapêutica, mas sòmente recebia indicações da «diagnose» em casos complicados.

«Estaria a médium trabalhando em seara alheia, ou revelava caminhos que a medicina não deve menosprezar?».

N.º 6
JUNHO
1947

Página organizada por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos Irmãos pequeninos :

Aproxima-se o tempo dos exames e devem andar numa azáfama...

Tantas ralações !

É costume só se lembrarem da água quando têm sede.

Mas um menino espirita deve pôr os seus deveres acima de todas as diversões e os seus estudos em dia.

Têm feito assim, pois têm ?

Quase que o poderia afirmar, tal a confiança que deposito nos meus queridos pequeninos.

Estudai com gosto e aplicação e que Deus vos ampare nas horas difíceis.

Sempre a mesma leal simpatia da irmã mais velha

KYLAS

★

O Corpo

Higiene geral da pele

Não há cara suja que, por muito linda que seja, não desagrade.

Há, porém, quem assim não pense, e pena é.

Não é só questão de «ser bonito», deve-se pensar também na saude da pele.

A pouca limpeza origina infecções. Os furúnculos — tão dolorosos e fatigantes de tratar — os abcessos, etc., etc., são doenças que a pouca limpeza produz e que podem, por sua vez, originar outras ainda mais graves.

Têm-se evitado muitos males com cuidados externos.

Nem sempre, porém, se pensou desta forma.

No tempo de Luís XIV, o banho consistia apenas numas gotas de álcool perfumado, cuidadosamente lançado entre os dedos dos pés, nas unhas...

Entretanto, os tempos mudaram e a necessidade de vitaminas pede-nos um contacto mais directo com a água e o sol. Não deixem, portanto, de tomar banho o mais a-miude possível, de lavar as mãos constantemente, etc., etc.

Ficam mais bonitos e... lavadinhos.

AS QUALIDADES

A Curiosidade

A curiosidade, uma qualidade ?
Impossivel !...
Quem se não revoltaria ?...
A curiosidade, porém, pode ser uma qualidade...

Seja ela bem orientada, que nos leva longe e aos países de maravilha.

Se o homem não fosse um «bom curioso», não existiriam tantas comodidades na vida; não se conheceria a electricidade, ou melhor, não se poderiam estudar as aplicações dos seus efeitos, os micróbios e, consequentemente, a forma de os evitar, as injecções que fortalecem e as que atacam certas doenças, etc., etc.

Há também a curiosidade que nos leva a saber porque se emprega esta ou aquela palavra, e aquela que nos obriga a saber quem somos e porque aspiramos à perfeição.

Sejam, por isso, curiosos, «bons curiosos», não deixem de estudar, de querer saber o que está para além de nós, a fim de melhor se orientarem na vida terrena.

A curiosidade, uma qualidade ?...
Possivel, muito possivel.

★

O temor de não compreender impede-nos de estar atentos.

J. J. Rousseau (Emile)

O BANHO

Dos preceitos da higiene,
Fonte clara do vigor,
Destaca-se, em qualquer tempo,
O banho confortador.

Depois de viagem longa,
Do esforço de cada dia,
Renovam-se, ao banho calmo,
A paz, a força, a alegria.

A própria vida aconselha
Por vibrar, forte e louçã,
O contacto da água pura,
Ao começar a manhã.

No trato vulgar do mundo,
À fente da humanidade,
O corpo mais nobre e belo
Não se esquiva à sujidade.

Mais além há fumo e lama;
Mais aquém, há lixo e poeira:
Todo o corpo participa
Do amor e da canseira.

Padeceu processos vários
Viveu peregrinações
Desde a ceifa rude e longa,
Ao prato das refeições.

Conforme reconhecemos,
Esse pão quase sem nome,
É dádiva do Criador,
Que vem mitigar a fome.

Mensageiro humilde e santo
De carinho e de bondade,
É laço entre a Providência
E a nossa necessidade.

O amor e a abnegação
Resumem-lhe a bela história;
O espírito de serviço
É a vida de sua glória.

Coração que sofre amando
Na fé sublime e sem jaça,
Vai ser pão na Mesa Augusta
Dos bens da Divina Graça.

(«Cartilha da Natureza», versos de Casimiro Cunha, psicografados por F. Cândido Xavier).

O PAÍS DA PREGUIÇA

O sol do estio entrava cintilante pela janela do quarto de Carlos. Toda a gente estava acordada. As flores tinham sacudido as gotas do orvalho, as aves abandonado seus ninhos em busca de alimento e as abelhas procuravam o mel, zumbindo sob a janela; Carlos, porém, continuava a dormir.

— Carlos, prequiçozinho! — gritou-lhe, debaixo, a mãe.

Ele levantou um pouco a cabeça doirada; depois deixou-a cair no travesseiro fresco e macio.

Quando acordou de todo, notou que era tarde; vestiu-se, desceu e, não vendo sua mãe, pegou num bocado de bolo que estava num prato e foi flanar pelo bosque, porque a sineta da escola tinha tocado uma hora antes.

Chegado ao seu canto favorito, uma cova verde e fresca na margem musgosa do regato, deitou-se de costas e ergueu os olhos para o céu, rindo-se para consigo dos colegas que estavam na escola.

Nesse momento, ouviu atrás de si um suave frémito nos ramos e viu apróximar-se o mais cómico homenzinho que já vira. Vestia uma jaqueta verde, raiada de amarelo, toda repuxada: os botões estavam cosidos em zigue-zague, desencontrando-se com as casas. Tinha a cara suja, os cabelos em desordem e dir-se-ia que não podia levantar os pés.

— Quem sois? — perguntou Carlos, recuando.

— O príncipe Faz-Nada, do país da preguiça, — respondeu.

— Oh! — exclamou Carlos.

— Gostaria de lá viver? Nunca iria à escola, nunca teria de engraxar os sapatos, nem fazer recados.

Carlos achou que seria óptimo.

— Então, venha, disse o príncipe.

E eles partiram.

— Não se poderá ir um pouco mais depressa? — perguntou o rapazito, porque o homem caminhava tão devagarinho que mal pareciam mexer-se.

— Mais depressa?! — chacoteou o outro, rindo. Mas diriam que voamos, se nos vissem do meu país. Se me despachasse, poderia cair, arrancar os botões; teria aborrecimentos, porque o médico me ouviria gritar, não me levantaria tão cedo e gastaria um ano a coser os botões. Aí está porque é preciso ser cuidadoso.

— De certo — disse Carlos, procurando tomar um ar paciente.

Chegaram a uma gruta feita de rochas e de musgo. Por cima da porta, baixa, viam-se estas palavras:

«Entrada do País da Preguiça», mais longe um letreiro informou Carlos de que toda e qualquer pessoa encontrada a trabalhar seria condenada à morte.

— Por minha vida! — disse para consigo o rapazinho. — Não tenho receio de ser executado.

— Olá! — chamou o príncipe.

— Olá! Olá! — respondeu o éco.

— Levam tempo a aparecer — disse Carlos, ao fim de uma hora, quando já tinha a garganta seca de tanto gritar.

— Oh! Oh! Não te aborreças — respondeu-lhe o homem. Eles são muito pontuais.

E a porta abriu-se lentamente.

— Entrai! — disse uma voz débil, arrastada e sacudida, enquanto o ser a quem ela pertencia os conduzia através de um corredor, de cada lado do qual se encontravam portas carcomidas, com a tinta desbotada e quase fora dos gonzos.

A primeira era a da cozinha; a cozinheira dormia a um canto.

O lajedo estava coberto de pratos e caçarolas sujas e o cheiro dos legumes apodrecidos impressionou o coração de Carlos.

Continuaram a andar e ao fundo do corredor o guia disse, mostrando uma sala vazia, com o soalho coberto de poeira branca:

— Eis o seu domínio.

— Mas em que hei-de ocupar o tempo nesta casinhola, — perguntou Carlos, que não via nem pião, nem livros, nem ardósias.

— Como os outros — gargalhou o príncipe.

Depois, a porta fechou-se e Carlos ficou sozinho diante da inscrição na parede; «É proibido falar, pensar ou cantar».

Deitou-se no chão e adormeceu. Quando acordou, um relógio dava meio dia e ele recordou que só estava ali há três horas, e que os colegas, sainda da escola, deveriam ir, alegres, almoçar. Abaixou-se para apanhar o boné que lhe caira da cabeça.

— Detém-te!

Ficou espantado. Junto dele estava um duende, vestido com um casaco apertadíssimo, tão justo que rebentava por todos os lados e com umas calças de que certamente não podia tirar as pernas.

— Apanhava o meu boné — explicou Carlos.

O duende mostrou-lhe a inscrição e desapareceu. Carlos saiu atrás dele e nada viu. A porta estava entreaberta: lançou um olhar à sala e viu um alfaiate andrajoso. Tinha o rosto coberto com um lenço sujo e roncava o mais que podia. À sua volta, metros de tecido esperavam ser transformados em fatos; mas as agulhas tinham enferrujado antes dele começar.

Carlos compreendeu porque o duende usava fatos tão estreitos. O alfaiate era demasiado preguiçoso para fazer outro e ele continuava a usar os antigos.

O rapazinho chegou em seguida a uma porta, a da casa da barrela. A lavadeira estava sentada no chão, no meio da sala. Cercavam-na montes de roupa suja e ele compreendeu a sujidade do lenço do alfaiate.

Sentindo fome, dirigiu-se à cozinha para ver se estavam a preparar o almoço. A cozinheira, porém, era tão preguiçosa como os outros e nenhum odor agradável lhe mimoseou o olfato. Ficou tão desgostoso deste estado de coisas que acendeu o lume, e ia preparar a comida quando lhe pareceu que um tremor de terra sacudia todo o recinto. Sairam gritos dos quartos, a cozinheira despertou e começou a mover-se. Carlos saiu para o corredor. A lavadeira punha a roupa no tanque e o alfaiate cantava alegremente manejando a agulha.

Então quatro duendes surgiram, transportando um corpo feio e repugnante.

— Bravo! — exclamaram —. O Rei Preguiça morreu!

Gritos de alegria retiniram pela casa. E, rodeando Carlos, disseram-lhe que este monstro lhes lançara há muito tempo uma maldição, arruinando-lhes assim a existência.

Os gritos aumentaram e Carlos acordou, na sua caminha, na margem do regato, atrás da escola. Era a hora da saida, e ele ocultou-se dos colegas, envergonhado e jurando nunca mais cair em poder do *Rei Preguiça*.

Porque (pensava), se todos fossem como ele, não havia que comer, que vestir e toda a gente só teria poeira e ruinas.

(tradução da adaptação do inglês, de M.me J. Roger-Lévy).

★

Pelo céu vai uma nuvem,
Todos dizem: bem a vi!
Todos falam e murmuram,
Ninguém olha para si.

Popular

★

No Restaurante

Freguês — Rapaz, este bife é duro como uma pedra.

Criado — Ora, sempre ouvi dizer que V. Ex.ª era uma pessoa muito original, mas a final de contas diz o mesmo que os outros fegueses.

Dedicação

de Icléa

Criança!

Vou conta-te o que ouvi a duas colegiais que, sobraçando suas pastas escolares, regressavam a casa.

Disse uma delas:

— Sabes, Helena, vou botar fora o *Veludo*, pela terceira vez. Não imaginas como aquele cão me importuna. Quando era novinho, que mimo! Divertia-me com as suas diabruras, tinha o pêlo sedoso e tinha o olhar vivo. De tanto o acariciar, tornou-se como que minha sombra, seguindo-me por toda a parte. O pior, porém, é que está velho e feio e, depois que foi atropelado por um automóvel, ficou manco e cego de uma vista. Não o suporto; e resumindo, dir-te-ei que acho ridículo tê-lo a meus pés. Hei-de pô-lo bem distante, para que não mais acerte com o caminho de casa.

— Ó Maria Lúcia, não exponhas ao relento o teu cãozinho, condenando-o à morte horrível pela sede e pela fome!

— E o que hei-de fazer dele, Helena, pois que já não presta para nada?

— Dá-mo, Maria Lúcia, e à custa de carinhos e desvelos, hei-de conseguir também sua afeição.

— Leva-o, tolinha, se te apraz conquistar tal afecto.

— Apraz-me, sim, querida, e se o desprezas, é porque ainda não sabes amar como o cãozinho.

... ...
... ...

Criança! Ouve agora o que te digo. Nunca maltrates os animais, para não te tornares inferior a eles.

(Do livro «Para as Crianças»)

★

Por Bem Fazer...

Em Lisboa. Um garoto tenta chegar à campainha de uma porta.

Um polícia, aproxima-se, solícito:

— O menino queria tocar a campainha?

— Pois queria, sim.

O polícia levanta o menino nos braços e ele toca. O polícia pousa o menino no chão. A criança, dispondo-se a fugir, diz ao polícia:

— Agora fuja também. Costumam atirar com um balde de água!

★

Solução do Problema Anterior

São três mulheres: avó, mãe e neta.

JUVENTUDE

À JUVENTUDE ESPIRITA de Ricardo Albuquerque

Ó Juventude forte e esperançosa,
Que agora vives a risonha idade,
Que a vida levas, calma e bonançosa,
Colhendo a flor da rósea mocidade;

Aproveita esta quadra luminosa
Que não conhece o frio e a tempestade,
E procura colher a olente rosa
Do perdão, da renúncia e da verdade!

Marchai, moços, garbosos, resolutos,
Firmes na fé, nos actos impolutos
E sempre em prol do bem em franca lida;

Que ao terminar a vossa juventude,
Não achareis que a vida vos foi rude
E bendireis, então, a própria vida...

Atlas de Castro
(Brasileiro)

UMA VOZ DO ALÉM

por SIBIL

Quando começou a discussão entre a mãe e o padrasto, o Jorgito encolheu-se e refugiou-se no canto da casa, pois não ignorava o que ia seguir-se: ralhos, gritos, pancadas, das quais, era inevitável, recebia sempre grande quinhão.

E o pequenito recordava os dias felizes que passara junto da mãe e do pai no conchego da casinha pobre mas sempre limpa, nas refeições modestas mas alegres, na boa harmonia que — coisa rara naquele meio — reinava no casal. «Vivem como Deus com os anjos», diziam os vizinhos; e, de facto, a vida dos três era um céu aberto.

Um dia, porém — tinha o Jorgito sete anos — o pai regressou do trabalho adoentado e doença foi ela que o levou ao hospital e depois à cova.

A viuva lutou quanto pôde para se sustentar e ao filho, mas, quando lhe apareceu um homem que lhe ofereceu com o seu nome, a segurança no futuro — supunha ela—, não resistiu e casou.

Infelizmente o segundo marido não tinha as qualidades do primeiro. Bebia e, passadas as cerimónias dos primeiros tempos, rara era a noite que não voltava para casa embriagado. A mulher protestava e chorava; ele, primeiro, respondia-lhe com um encolher de ombros; depois passou a bater-lhe e, mais tarde, começou a embirrar com o enteado, desforrando nele todos os maus humores.

Com o decorrer do tempo, a mãe desleixou-se, começou também a beber e, em vez de defender o filho, assistia com indiferença aos maus tratos que o padrasto lhe infligia.

Em tudo isto pensava o Jorgito e tão alheado estava no seu canto, que foi para ele como doloroso despertar quando o padrasto o arrancou do banco e o atirou para o meio da casa, bradando:

— Que fazes aí, mostrengo? Estou farto de ti, sabes? Se queres comer vai ganhá-lo, porque eu, com a tua idade já andava à noite pelas ruas a vender jornais. Portanto, rua! Govena a tua vida e não tornes a aparecer-me!...

E, pegando-lhe pelo braço, arrastou-o para a porta. O pequenito ergueu para a mãe o olhar aflito e suplicante, na esperança que dali lhe viesse socorro, mas esta adormecera encostada à mesa e não dera por nada.

Segundos depois, Jorgito encontrava-se no meio da rua e ouvia a porta de casa bater com estrondo, impelida pela mão brutal do padrasto.

Eram dez horas da noite, uma noite

de Fevereiro sem chuva, mas de um frio cortante que chegava aos ossos. Tiritando, meteu ao acaso pelas ruas do Bairro Alto, onde morava. Sem saber como, desceu a calçada da Glória e encontrou-se na Avenida; atravessou para S.ta Marta e, extenuado, tonto de sono, acabou por se sentar à borda do passeio. Depois adormeceu de todo e rolou para a valeta, onde ficou estendido. Seria meia noite.

À mesma hora, pouco mais ou menos, um automóvel de luxo aproximava-se da porta do Teatro Nacional. O espectáculo acabara. Um casal novo, simpático, entrou no carro e este deslisou em direcção à Avenida.

— Por onde vamos, Manuel? — indagou a mulher, senhora dos seus trinta anos, muito bonita, ostentando lindas joias e rico casaco de peles.

— Pelo sítio do costume... Subimos a Avenida e depois metemos à Duque de Loulé — respondeu o marido, admirado com a pergunta.

— Dize ao José para subir S.ta Marta. Preferia ir por ali.

— Que ideia é essa, hoje? — observou o marido, espantado.

— Não sei explicar-te. Foi um pensamento que me veio de repente... como se alguém me pedisse ao ouvido para seguir por essa rua.

O marido olhou-a com estranheza, mas deu ordem ao motorista que seguisse pelo caminho indicado.

Pouco tempo foi preciso para chegar à rua de S.ta Marta e, quando o carro ia a voltar para o Conde Redondo, o motorista parou.

— O que foi?

— Está um vulto além, caido na valeta. Parece uma criança.

— Vá ver o que é — ordenou a senhora.

Mas, sem esperar pela informação do rapaz, tanto o marido como a mulher saltaram do carro e aproximaram-se também do vulto.

Decerto já adivinharam que era o Jorgito que, enregelado, roxo de frio, nem dava sinal de vida.

— Leve-o para o carro e vamos depressa para casa — ordenou a senhora.

E quando o motorista cumpriu estas ordens, ela, sem receio de sujar o seu lindo vestido de seda, conchegou a criança a si; e voltando-se para o marido observou, sorrindo:

— Então, não fiz bem quando pedi que viéssemos por aqui?

Decorrido um quarto de hora, já o pequeno estava agasalhado em confortável leito e foi logo examinado pelo dono da casa, que, por feliz acaso, era um médico de fama.

— O pequeno apanhou muito frio e não posso afirmar que não tenha uma pneumonia. O principal, agora, é fazê-lo voltar a si.

Em resumo, Jorgito recebeu todo o tratamento preciso e, horas depois, dormia sossegadamente, como só dormira nos dias felizes da sua infância.

Então, quem pudesse ver com os olhos do espírito — e, infelizmente a poucas pessoas é dado ver tanta coisa bela que nos rodeia e os olhos do corpo não conseguem distinguir — quem pudesse ver com eles, repito, notaria que uma figura se destacava do leito do pequenito, a figura de um homem novo, tipo de operário, rosto iluminado por um sorrisso feliz. Afastou-se lentamente e, pouco a pouco, desvaneceu-se como uma nuvem.

Era o pai do Jorgito que, do Além, vira o sofrimento do filhinho querido e, desolado por não lhe poder valer, inspirou à mulher do médico a ideia de passar pelo ponto onde o filho caira.

Como se vê, ela não se enganara ao afirmar ao marido ter a impressão de que alguém lhe fizera esse pedido ao ouvido.

Jorgito nunca mais deixou os seus protectores, que souberam fazer dele um homem de bem.

Mesmo do outro mundo, o pai soubera velar pelo filho adorado.

Para ser Feliz

(diálogo infantil)

por Leopoldo Machado

— A mamã sempre me diz.
Que a gente p'ra ser feliz.
E viver bem, muito bem,
Deve ter dinheiro, meios,
Para festas e passeios,
Porque só vale quem tem...

— Minha mãe, que é boa, diz
Que não pode ser feliz
Quem quer viver sem Jesus.
Não dá ventura o dinheiro;
Depois, o mundo é traiçoeiro,
Engana, mente, seduz...

— Bravo! Que assombro! Que lábia!
Até parece uma sábia!
Onde aprendeu tudo isto?

— Com os grandes, os mais velhos;
No estudo dos Evangelhos,
Nas aulas a que eu assisto...

— Pois quero ir com você
A tais aulas. Já se vê,
Que é só pra vê como é...

—Vamos, pois. Estou bem certa
Que lá sua alma desperta
Para o Cristo, o Amor e a Fé...

— A mamã tem tudo isto?

— Não. Não tem. Pois, só Cristo
É que estas coisas nos dá.
Sem Jesus, a Fé, o Bem,
Ninguém na Vida, ninguém,
A ventura encontrará...

Escola Espirita

Professora — Muito bons dias, queridos amiguinhos. Recordam-se ainda por certo, do que lhe disse no último dia. Prometi-lhes então informá-los, a pouco e pouco, da razão da desigualdade entre os homens.

António — Sim, porque é de crer que todos deveriam nascer bons e, no entanto, há meninos pequeninos mesmo maus.

Professora (pensativa) — Sim... À primeira vista, assim parece. Há, porém, razões. Tudo está tão bem feito que a desigualdade existe apenas na aparência.

António — Desculpe, minha senhora, mas não estou a perceber muito bem.

Professora — Tens razão, António. Fui pouco clara. Eu me explico.

«Tal como tu, tal como todos olham, a desigualdade existe, isto é, uns são e vivem duma forma e outros de outra. O que quero dizer, porém, é que aqueles que são mais perfeitos já foram imperfeitos, e os imperfeitos poderão vir a ser perfeitos.

Américo — E os pobres virem a ser ricos?...

Maria José — Américo, Américo! Só pensas no dinheiro! Não vês que essa constante preocupação só se traz desassossego?!

Professora — Compreendamos. O dinheiro é apenas uma circunstância e quando mal orientado conduz à infelicidade.

António — Mas, minha senhora, eu compreendo que se meus pais fossem pobres, talvez desesperados, chegassem a roubar.

Professora — Meus amiguinhos, eu não sou contra o dinheiro. Todos gostam que o seu trabalho seja lealmente remunerado. O que não podem pensar é que é o dinheiro que nos torna melhores, pois há ricos invejosos, avarentos ou perdulários, e pobres que, ao contrário, são prestáveis, desinteressados, verdadeiros amigos.

António — Lá sso é verdade! A Luisinha diz que as amizades sinceras não se compram.

Américo — Sim! A verdade deve sempre dizer-se. Sou pobre mas tenho amigos verdadeiros.

Maria José — Vêem como concordamos todos com a Senhora?

Professora — É verdade, meus amigos. Chegámos a acordo neste ponto. Oxalá assim aconteça com os demais.

Afinal desviei-me do assunto que desejava expor. Já é tarde e não posso voltar atrás. Na próxima lição, estudaremos mais um pouco a nossa Doutrina.

Adeus, queridos amiguinhos!

ESPIRITISMO

Jun/47

pelo Coronel Faure da Rosa

O Espiritismo é uma doutrina fundada na existência, nas manifestações e no ensinamento dos Espíritos.

A própria doutrina que os Espíritos hoje nos ensinam nada tem de novo. Encontramo-la por fragmentos na maior parte dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia e toda inteira no ensinamento de Jesus Cristo. O Espiritismo moderno, ou neo-espiritualismo, veio, apenas, confirmar com novos testemunhos, demonstrar por factos, verdades desconhecidas ou mal compreendidas, restabelecer o verdadeiro sentido daquelas que têm sido mal interpretadas.

O Espiritismo prova de maneira patente, irrefragável, a existência da alma, a sobrevivência da personalidade, da individualidade depois da morte, as penas e as recompensas futuras.

O Espiritismo dulcifica a agrura da vida; acalma o desespero e a agitação da alma; dissipa as incertezas ou os terrores do futuro; detém o pensamento de abreviar a vida pelo suicídio. Asim, torna felizes aqueles que o estudam e o penetram; está aí o grande segredo da sua rápida difusão.

Sob o ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras; mas é independente de qualquer culto particular. O seu fim é provar àqueles que negam ou duvidam da existência da alma que ela sobrevive ao corpo; que ela sofre depois da morte as consequências do bem e do mal que praticou durante a vida corporal.

Como moral, o Espiritismo é essencialmente cristão porque aquela que o Espiritismo ensina não é mais que o desenvolvimento e a aplicação da de Cristo, a mais pura de todas e cuja superioridade ninguém contesta.

O Espiritismo sendo independente de qualquer forma de culto, não preconizando nenhum e não se ocupando de dogmas particulares, não é uma religião especial, porque não tem nem padres, nem templos.

O Espiritismo prova que as almas dos chamados «mortos» podem comunicar com os vivos (1).

Milhares de experiências demonstram que no nosso planeta não há alma sem corpo e que os corpos condicionam a actividade da alma — escreve Edmond Wietrich (2). Os desencarnados não pensam nem sentem da mesma maneira que nós. O mais elementar estudo de biologia e de psicologia esclarece-nos a este respeito. Quando estamos em presença de manifestações do mundo invisível, tais manifestações não nos parecem no estado natural, na sua pureza original. Para se tornarem perceptíveis necessitam de um vestuário de empréstimo confeccionado com energias ponderáveis que mascaram a sua verdadeira fisionomia. Esse vestuário de empréstimo é o médium que, como todos os vestuários, pode ser, e é, mais ou menos bem feito.

A filosofia espirita admite que o nosso corpo ponderável não é o supremo trabalho da Natureza; um outro corpo, mais subtil e mais delicado, pode existir já no estado potencial, na intimidade dos nossos tecidos.

A filosofia espirita afirma que há em cada indivíduo, detrás duma personalidade

(1) *Allan Kardec:* «Le Spiritisme à sa Plus Simple Expression, p. 11, 13, 14, 15, 16.

(2) «Le Mystére du Sixième Sens» (1931).

mais fictícia que real, uma individualidade profunda, imortal, que, portanto, resiste ao choque da morte. Esta individualidade não é idêntica como têm pretendido, à do «morto psicológico» ou a uma «memória inconsciente». Estes termos são verdadeiras contradições, porque não há mais «morto psicológico» que morto biológico, e uma «memória inconsciente» não faz mais sentido que uma «imobilidade errática» ou uma «humidade seca».

A filosofia espírita rejeita igualmente a extinção do nosso eu subliminal, ou antes a sua integração numa «Memória Cósmica» ou numa «Consciência Universal»; pretende que há em cada ser qualquer coisa de irredutível, uma espécie de pigmentação psicológica que o distingue, que faz com que seja ele próprio e não qualquer outro.

O Espiritismo acredita no valor dos indivíduos, no determinismo e também na liberdade da sua acção. Tudo que é do passado pertence ao determinismo. Uma inexorável lei de causalidade preside aos actos que praticamos. Esses actos acabam por formar como que engrenagens que nos prendem e nos moem. É a Justiça Imanente em toda a sua grandiosa severidade. Nenhum caso, nenhum poder arbitrário preside à nossa sorte; somos nós que, preparando futuros determinismos, nos tornamos árbitros do nosso destino.

Se o passado pertence ao determinismo, o futuro é obra da liberdade. O determinismo não é mais que a liberdade consolidada.

O Espiritismo ensina que fora da Caridade não há salvação.

Mas a Caridade não consiste em dar esmola, que a esmola humilha. A Caridade pratica se essencialmente, por pensamentos, palavras e obras. Caridoso por pensamentos é aquele que tem indulgência para as faltas do próximo; caridoso por palavras é o que nada diz que possa prejudicar o próximo; caridoso por obras é aquele que, na medida das suas forças, assiste ao próximo.

Aquele que nutre contra o próximo sentimentos de animosidade, de ódio, de ciume ou de rancor, falta à Caridade. Mente se se disser cristão e ofende a Deus.

Salmo da Glorificação

Pai, que para lá dos céus ouves a minha alma a suspirar por Ti, Pai que me criaste; Pai sem o qual eu não existiria; bendito é o Teu nome, bendito é o Teu Ser em que o meu quer mergulhar, perder-se para melhor se encontrar.

Venha sobre nós o Reino da Paz e do Amor, esse Reino que é o do Cristo, teu Filho, esse Reino em que desejo ser o mais humilde dos vassalos.

Que nós possamos compreender a Tua Vontade criadora, para que, pela liberdade que nos deste, a cumpramos sem demoras.

Dá-nos, Senhor, do pão espiritual que é a Luz da Verdade pregada pelo Cristo; que eu possa saciar-me com esse pão sagrado e não mais comer de qualquer outro; que eu tenha forças para, saindo da minha condição de pecador mil vezes caído, saborear esse pão alvo e desprezar o pão escuro das paixões terrenas.

Perdoa as culpas dos que tropeçam e se atolam nos lameiros da carne, cegos para intensamente ver o rasto luminoso que o Guia nos deixou; perdoa-nos, Senhor, perdoa-nos, porque, fracos e imperfeitos, caímos, caímos sempre.

Senhor, eu quero perdoar a todos o mal que me fizeram, fazem ou farão um dia. São fracos como eu e não sabem que devem amar. Oh! permite que em nossa alma se não albergue o ódio, para que até a meus inimigos eu saiba amar. Senhor, permite que em minha alma impura se albergue o exemplo vívido de Teu Filho.

Ergue-me nas Tuas mãos, para que não caia mais vezes no solo da Terra, por mim, pelos meus erros constantes tornado um mundo de expiação.

Permite, Senhor, que a luta que se trava entre o que sou hoje e aquilo que quero ser, seja por mim vencida. Dá-me força para carregar a Cruz dos erros que cometi, essa Cruz pesada com a qual subo o calvário de múltiplas encarnações para chegar até ao Cristo. Piedade para as minhas fraquezas!

Eu não ergo os olhos para Ti, Senhor, porque não poderei ver o mais leve raio da Tua Luz Eterna. — Z.

A FAMÍLIA E A SOCIEDADE

Jun/47

por Adelaide Ivone de Sousa

Como disse noutro número desta revista, vou referir-me não só aos pais e às mães da minha geração, mas também aos jovens casais de há poucos anos, e em especial àqueles que agora se iniciaram como chefes de família.

Estariam a grande maioria destes cônjuges devidamente preparados para a delicada e bela missão de educadores? Não o creio — sem *parti-pris* contra uns nem contra outros.

Como é ao homem que compete dirigir os domínios da sociedade, pertence-lhe também de certo modo a directriz do lar. Como a educação fornecida aos rapazes lhes permite maiores facilidades para conhecerem todos os aspectos da vida — embora o façam quase sempre superficialmente — eles estão em condições de guiarem a mulher. Pertence portanto aos pais, irmãos e maridos educarem-na, fornecendo-lhe os indispensáveis pontos de apoio com horizontes vastos, aonde ela possa exercer as suas actividades familiares, profissionais e sociais.

Constituem ainda verdadeiras excepções os que assim educam. Por isso não é de estranhar o marasmo em que se encontra a sociedade portuguesa, devido em grande parte às mães deste país que, por este motivo, tão arredadas estão dos conceitos da educação moderna.

Nestas condições, que esperança nos oferecem esses morenos querubins e essas louras bonecas, encanto dos nossos olhos e enlevo de suas famílias?

Arrastados pela onda da rotina e das incoerências de qualquer das classes sociais a que pertençam, qual será a preparação dessas crianças e mulheres de amanhã?

Saberão esses jovens pais e mães que o *amanhã* exigirá a esses lindos, inocentes e encantadores infantes, que hoje dulcificam com a sua graça a nossa atormentada e inquieta existência, que eles serão chamados, em seu devido tempo, para resolverem os mais graves e complexos problemas que a História talvez jamais tivesse enfrentado?

Alguma vez esses pais pensaram, como muito bem o afirmou o conhecido teósofo sr. Jinarajadasa, que «as crianças são os agentes de Deus»?

Ninguém duvida de que as futuras gerações suportarão pesadas responsabilidades de todos os géneros, porque fatalmente terão de acompanhar a formidável corrente evolutiva do pensamento moderno. Serão indubitàvelmente as crianças e os adolescentes de hoje que realizarão as formidáveis e belas expansões desse pensamento, que em muitos países já são factos conhecidos. Entre nós portugueses a marcha progressiva de qualquer ideia faz-se sempre lentamente. Mas o Progresso não pára nunca; pode afrouxar ou parecer-nos que afrouxa a sua marcha; ele caminha sempre, porque sendo uma expressão da Evolução dos povos, não pode parar. Ninguém pense em impedir o seu avanço, porque fatalmente será esmagado por ele!

Na vida nada é estacionário, e o exemplo mais simples e mais flagrante dá-no-lo o nosso planeta, no seu giro incessante; assim é tudo no Universo; tudo nele é movimento — síntese da própria Vida.

Querer estacionar as ideias, impedir a expansão do Pensamento, equivaleria a obrigar o Sol a parar, como o desejou fazer o grande Alexandre quando quis continuar a batalha.

Encontrámos há pouco na História de Portugal as causas da carência de educação de que ainda hoje sofremos os nefastos efeitos. Olhando o futuro, que divisamos no Horizonte?

Ainda envolta em brilhante nebulosidade desponta uma linda e quente aurora, concretizando a Ideia Moderna. Mas em volta dela erguem-se grandes pontos de interrogação. Eles significam se estaremos preparados para resolver as grandes incógnitas sociais do futuro. Serão essas pessoas, em especial os jovens de hoje os primeiros, sem dúvida, a suportarem as maiores dificuldades, porque a eles pertencerá a solução dos graves problemas que pesam sobre a Humanidade.

Os novos, rapazes e raparigas, precisam preparar-se para poderem enfrentar corajosamente esse momento difícil que se aproxima a passos gigantescos.

Para essa preparação é necessário realizar-se um esforço; é aos mais velhos que pertence de momento, pensar, observar e reagir contra a rotina, a fim de se colocarem na corrente evolutiva dos tempos presentes. Só desta maneira poderão educar a actual mocidade, que quase não tem oportunidade para reunir as suas forças e realizar esse movimento de energia intelectual e espiritual.

O povo português possui qualidades de trabalho e de inteligência por vezes muito superiores a outros povos, facto este que eu constatei no estrangeiro, onde as colónias de portugueses se distinguem por essas grandes qualidades, além da extraordinária facilidade de assimilação.

Nestas condições, num país onde é hábito admirar o que de belo e de bom existe lá fora, fácil será adaptar princípios modernos de sociabilidade e de educação racional e espiritual.

Este movimento devia iniciar-se nas famílias e estender-se a todas as colectividades de carácter intelectual, moral ou artístico, incluindo as próprias escolas.

É principalmente no meio escolar que as deficiên-

cias de educação mais se notam. É no coração da mocidade que se observam as modalidades de uma raça, por vezes rica em vitaminas espirituais, mas atrofiadas ou desperdiçadas por falta de conhecimentos, aliás duma boa orientação.

Permitido me seja citar dois de entre muitos exemplos que conheço.

Passaram-se eles num estabelecimento de ensino desta cidade que, pela sua especialidade devia ser constituído pelo mais espiritual dos ambientes. Desejo referir-me ao Conservatório Nacional de Lisboa.

Afirmam os franceses que «La musique adoucit les moeurs». Parece que nem sempre é assim, pelo menos no templo da Arte Divina desta lusa capital, que ainda conserva bem arreigado o desdém rotineiro pelas pessoas do teatro. São «gentes comediantes» com quem não trata a juventude que se considera «filha de algo», ou possuidora de excelsa moral, principalmente no pundunoroso meio feminino...

O primeiro caso passou-se há uns trinta anos quando uma senhora das minhas relações frequentava a classe de violino do professor Ivo da Cunha e Silva.

Distraidamente, esta então jovem alma tomou pelo corredor do rés-do-chão que conduzia à classe de declamação. Próximo desta aula um aluno diz-lhe:

— «A «sanfona» é lá em cima, menina»!

Ao que esta respondeu:

— «E os malcriados são cá em baixo» — e afastou-se muito digna.

De então até hoje mantém-se a mesma mentalidade e a comprová-lo os «clans» fechados, hostis um ao outro. O grupo dos alunos e alunas das classes de música, que do alto da sua torre de marfim olham os comediantes, como se formigas fossem, ou menos ainda; estes, por sua vez, feridos na sua sensibilidade e obrigados a viver à parte, também não lhes perdoam os excessos que aqueles por vezes cometem.

Constatei eu própria, na última época de exames, em Julho de 1946, que a sala das audições apresentava um triste aspecto: dum lado todos os alunos de Declamação, e do outro todos os frequentadores dos cursos de Música!

Confrangedor espectáculo me deu, naquela tarde de arte, a mocidade portuguesa! Provou que está ainda mais atrasada do que seus pais, pois muito caminhou o Progresso durante estes trinta anos que decorreram entre estas duas gerações, sem que a última dele nada tivesse aproveitado!

O progresso, o modernismo do Conservatório, reside no edifício recentemente actualizado, e no escolhido e competente professorado, entre os quais alguns estrangeiros que dificilmente tentam modificar métodos e costumes... sem falar das exibições da Moda que para a grande maioria das raparigas portuguesas sintetiza o Pensamento Moderno!...

Este desprezo pelo Teatro reflecte-se na sociedade lisboeta de maneira bem penosa, pois ninguém ousará negar a decadência do Teatro português, a pesar dos grandes valores que o têm ilustrado (em nada inferiores aos do estrangeiro), alguns dos quais ainda vivem, obrigados a uma existência retirada ou quase, quando não miserável. Longe iria eu se remontasse ao teatro grego para admirar o seu alto valor na civilização, percorresse a sua História até aos nossos dias, e demonstrasse que, noutros países, damas de alta etirpe pisam o palco, ùnicamente pelo prazer espiritual de cultivar essa bela arte.

Fui assistir às audições a que acabo de me referir, no anseio de retemperar o meu espírito fatigado pelas cruezas e desilusões da vida. E outras me feriram, ao verificar as dissonâncias daquele ambiente escolar do templo da Arte Divina.

Pensara eu que iria deliciar-me numa suave atmosfera em que as deusas da Música e da Poesia nos premiassem com seus dons que nos fizeram conhecer através dos génios de Belmi, Mozart, Beethoven, Lizt, Schubert, Wagner, Mendelssohn, Tchaikovsky, etc., etc., e do imortal Camões, Bocage, Antero, António Nobre, Guerra Junqueiro, Florbela, Afonso Lopes Vieira e tantos outros, nos apresentassem os novos alunos como cultores não só das belas harmonias musicais, como também da harmonia humana!

Magoado veio meu coração pelo confrangedor ambiente de carência de sociabilidade daquele meio artístico, desse afável convívio que, em linguagem corrente, se chama *a boa camaradagem*. Este costume, que noutros países constitui a característica dominante, entre nós é considerado um defeito. E aqueles que na alma sintam esse impulso tão nobre, vêem-se constrangidos a dominá-lo e a ocultá-lo como se a sua sensibilidade estivesse ainda num período quaternário.

Não só no meio musical soam estas notas discordantes; elas também vibram àsperamente nas outras classes da sociedade portuguesa, que é, por este facto, duma grande desarmonia.

Reconheço que em parte nenhuma a Humanidade conseguiu atingir a Perfeição, mas também é incontestável que na actualidade existem povos que lutam fervorosamente pelas mais belas expressões do domínio natural da vida, na senda do Progresso.

BIBLIOGRAFIA

Recebemos os seguintes livros:

«By the Candle Light», por Raul de Sepúlveda Fontes; «Cosmos», pelo Almirante Tompson; «Le Corps et l'Esprit», de Georges Gonzalès; «Espiritismo e Medicina», pelo Dr. Inácio Ferreira; «Le Phénomène des Tables Parlantes», por J. Lhomme; «Pour se Guerir et Vivre Sain», edição do Centro «Amour et Vie», de Paris e «Mariuccia», novela mediúnica psicografada por Carmo Bianco.

José Carlos de Chelmicki Afflalo

No passado dia 29 de Maio último, às 22 horas, realizou-se no Centro Espiritualista Luz e Amor uma sessão de homenagem a José Carlos de Chelmicki Afflalo, intrépido batalhador do Espiritismo luso-brasileiro e um dos maiores valores morais ligados à nossa obra.

Presidiu a esta memorável afirmação de solidariedade moral o Tenente Isidoro Duarte Santos, que em breves mas expressivas palavras apresentou o homenageado, dizendo que se tratava duma individualidade marcante que muito apreciamos e estimamos como parte integrante da empresa a que metemos ombros, razão por que se congratulava com a sua presença no Luz e Amor, centro que lhe tem merecido um carinho especial. Não se alongava em considerações para não roubar tempo aos oradores que se seguiam e não ferir a modéstia do seu amigo e companheiro de lutas.

Em seguida, D. Ivone de Sousa (Haydi de Thebelen) saudou o homenageado e a plêiade de obreiros incansáveis que tem feito do Espiritismo brasileiro poderosa alavanca de progresso social.

O coronel Faure da Rosa, Presidente da Federação Espirita Portuguesa, estava presente e associou-se com muito gosto à homenagem, afirmando que Chelmicki Afflalo tem sabido materializar em actos o verdadeiro ideal cristão que abraçou e por isso o apontava como espirita de carácter integérrimo e exemplo digno de imitação.

Os Drs. Sebastião Elviro Martins e Acúrcio de Campos também falaram, referindo-se com justos e merecidos louvores à obra evangelizadora de Chelmicki Afflalo.

O homenageado levantou-se visìvelmente comovido. Agradeceu tantos encómios, mas confessava que se sentia muito pecador para os merecer. Assim, parecia-lhe que os oradores antecedentes não tinham razão em seus louvores. Revelando verbo fácil e emocionante, Chelmicki Afflalo fez uma síntese do Espiritismo brasileiro, que acompanha há 36 anos e chegou a indicar algumas directrizes úteis para o triunfo da verdade espirita em Portugal.

Referiu casos pessoais e, dirigindo-se aos numerosos assistentes que enchiam literalmente a sala, rogou-lhes que não vissem nas suas palavras intuitos de crítica fácil, mas tão sòmente o desejo veemente de contribuir para o bom nome do ideal que desejava servir com dedicação e desinteresse pessoal.

Ramos Pereira glosou seguidamente alguns temas estudados por Chelmicki e estabeleceu um paralelo entre o Espiritismo português e brasileiro, terminando por solicitar os esforços de todos os confrades para que a obra doutrinária seja finalmente erguida. Seria essa a melhor homenagem que poderíamos prestar ao irmão Chelmicki e a todos quantos, do Brasil longínquo, têm os olhos postos em nós e nos trazem o apoio da sua palavra e o esteio material.

Todos os oradores foram entusiàsticamente aplaudidos, sobretudo o irmão Chelmicki, que conseguiu dominar o auditório com o seu improviso sentido e vibrante.

Por fim, levantou-se o Presidente da Direcção, Isidoro Duarte Santos, congratulando-se com a ideia de proporcionar a um amigo dilecto uma sessão familiar de homenagem, à qual acorreram outros amigos prontos a acarinhar quem tanto tem feito pelo Centro Luz e Amor e por *Estudos Psíquicos*.

— Chelmicki Afflalo — acentuou o orador — não é estranho nesta casa. Consideramo-lo como se à Direcção pertencesse, tantos têm sido os serviços que a sua dedicação e amizade nos prestaram do Brasil distante. Para ele vai o nosso abraço fraternal, a nossa gratidão sincera. Que os mensageiros do Alto o fortifiquem e amparem, para que a sua acção continui a desentranhar-se em frutos meritórios!

Encerrada a sessão em ambiente de verdadeira comunhão espiritual, Chelmicki Afflalo foi muito cumprimentado pela forma expressiva como falou aos seus amigos e admiradores portugueses.

Após duas semanas de íntimo convívio em casa de Isidoro Santos, Chelmicki dirigiu-se ao Porto, donde seguirá para Lourosa, a fim de se restabelecer da enfermidade que no Brasil o acometeu.

Que ele tenha boa viagem e regresse a Lisboa absolutamente reconstituido, são os nossos votos, os votos dos que aqui trabalham e muito o estimam e admiram.

O TRABALHO DOS MORTOS

pelo Dr. Nogueira de Faria

Valiosa e farta documentação de extraordinários fenómenos de materialização, através da prova inconcussa da fotografia, a par do testemunho irrevogável de homens ilustres e clínicos abalisados, pondo à prova o esforço, a abnegação e a tenacidade de um pugilo de fieis seguidores da doutrina kardecista.

Encadernado ..... 45$00

A Crítica de Nossas Edições

NOS UMBRAIS DO ALÉM. *Sir William Barrett* Tradução *de Isidoro Duarte Santos* — Estudos Psíquicos Editora — Lisboa, 1947.

Isidoro Duarte Santos, vanguardeiro eficiente e ilustre do movimento espiritico português, heroico Director da Revista «*Estudos Psíquicos*», figura destacada pela cultura e pela inteligência, que faz pouco nos deu em óptima tradução pela Editora Estudos Psíquicos, que dirige com dedicação e afã, a obra de Geley; «Resumo da Doutrina Espirita», nos vem, agora, de dar «Nos Umbrais do Além», obra de análise cientifica dos fenómenos do Espiritismo, de autoria de Sir William Barrett, renomada figura de cientista e professor inglês, notável investigador e experimentador da fenomenologia espiritica.

Como a de Geley, acima referida, NOS UMBRAIS DO ALÉM, cuja edição francesa foi, a pedido do tradutor, prefaciada pelo próprio Autor, Sir W. Barrett, em 1923, é obra antiga, mas nem por isto destituida de valor. Em português, porém, sòmente agora é facultada sua leitura em tradução de Isidoro Duarte Santos, cuidadosa como a que nos deu de «Resumo da Doutrina Espirita», de Geley.

Ilustrando a obra e esclarecendo anteriores pontos de vista do Autor, a presente edição portuguesa transcreve o prefácio da edição francesa, prefácio, como vimos, do próprio Barrett, que, assim, teve oportunidade de afastar certas dúvidas que apresentara na edição original, quanto a determinados fenómenos.

Obra honesta, tanto no trabalho do Autor, como na de seu ilustre tradutor, NOS UMBRAIS DO ALÉM objectiva, sobretudo, demonstrar com factos devidamente analisados, a verdade da sobrevivência da alma, através de vários fenómenos espiriticos: as aparições, a escrita automática, etc., e mesmo dos de efeitos físicos.

Outros problemas estuda o Autor, analisando, friamente, escrupulosamente.

Com a tradução e edição de NOS UMBRAIS DO ALÉM, a Editora Estudos Psíquicos aumenta vitoriosamente seu acervo de serviços às letras espiriticas luso-brasileiras, oferecendo-nos ao estudo e à meditação mais uma obra valiosa. E promete, para breve várias outras, entre elas, a seguir, «Hipnotismo e Espiritismo», de César Lombroso, «Luz no Caminho», de Isidoro Duarte Santos; e, de Ramos Pereira, destacado elemento da nova geração de espiritistas lusos, um ensaio de filosofia neo-espiritualista, «O HOMEM», trabalho que promete notável pelo que do Autor tem publicado, sobre o assunto, em todos os seus números, a revista *Estudos Psíquicos*.

(Do *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro).

OS MORTOS VIVEM, por *Isidoro Duarte Santos*. Edição do Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos.

O sr. Isidoro Duarte Santos, distinto oficial de Marinha e director do conhecido mensario *Estudos Psíquicos*, publicação a lume em Lisboa, teve a delicadeza de oferecer à Redacção deste conhecido hébdomadário exemplar de uma brochura, estampada na capital em Setembro transacto, subordinada a este rótulo singular: *Os Mortos Vivem!*

Lê-se, na capa, ser de distribuição gratuita e haver tido uma tiragem de 8.000 exemplares, sendo a respectiva edição pertença do «Nucleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos».

Data de remota idade o culto, quer supersticioso, quer vaidoso da morte, e dele encontram-se testemunhos e vestígios, atravessando os séculos, com manifestações de Bela Arte, desde épocas menos distantes da nossa.

«Lede este folheto, — diz o autor logo na primeira página do texto, — e sereis consolados! Meditai no seu conteudo e sereis fortalecidos! Nele encontrareis bálsamo para o vosso drama intimo, refrigério para o vosso enorme sofrimento».

Feita a demonstração de que não há nem pode haver aniquilamento absoluto, conforme Duarte Santos se propôs e alcançou dentro de limites experimentais e de raciocínio, a sua elaboração produzirá efeito suavizador em muitos indivíduos mergulhados na saudade. Não é de ignorar que o homem verifica-se envolto no mistério e bastante longe de penetrar todos os segredos do Universo, avultando-lhe no Além um ponto de interrogação que o amarfanha; mas, em verdade, o progresso avança e a aspiração de cada uma de nossas faculdades não paralisa, nem se susta. Movem-se em ascese para o infinito. Só se confessariam fartas, saciadas na posse autêntica dos derradeiros porquês, das razões finais e axiomáticas do todo existente e da essência das suas leis, isto é, quando nem sequer a sombra de sombras preexistisse nas atmosferas e na amplidão e quando luz, luz pura se identificasse com elas, num Sol plenário, em conjunto dessas aspirações.

Então, porém, deixariam de ser hóspedes de arcaboiços precários, para serem, em unissono, a própria energia intelectual suprema, acto eterno, assomando nos movimentos isócromos gerais, nas harmónias e belezas peregrinas de mundos e de constelações, numa palavra, nas incongruências que nos empolgam e maravilham e nas sinfonias de cores e de projecções que nos deslumbram e fascinam.

Assim, temos a honra de registar aqui o livrinho

Os Mortos Vivem! e de apresentar o agradecimento desta Redacção ao seu apreciado e diligente autor, que orienta, com atilado rumo, a revista de especialidade *Estudos Psíquicos*.

(Da *Gazeta de Cantanhede*)

Ainda se não extinguiram inteiramente os ecos da Crítica ao «Resumo da Doutrina Espírita», de Gustave Geley, com que inaugurámos a acção de «Estudos Psíquicos Editora». Esgotada há perto de um ano, ainda se lêem palavras de apreciação àquela obra. Vejamos o que diz o escritor Leopoldo Machado na secção bibliográfica da revista «A Voz dos Espíritos», do Rio de Janeiro:

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA, *de Gustave Geley*. Tradução de *Isidoro Duarte Santos*.

O Livro data de 1945, quando o recebemos, por extrema gentileza do tradutor, um prezado irmão e grande amigo de Portugal.

A impressão que então a leitura do livro nos causou demo-la, por carta, ao tradutor, mais ou menos nestes termos:

O *Resumo da Doutrina Espirita* é, sem favor, um grande livro. Grande pela matéria que o substancializa, por seu ilustre autor e não menos ilustre tradutor. Um livro didático, podemos dizê-lo. Cada capítulo é uma aula, uma grande aula da maior das ciências, porque da ciência da imortalidade; da mais profunda das filosofias, porque da filosofia do Espírito.

Método de exposição, clareza pedagogica, estilo claro, análise e síntese didática, tudo se conjuga, admirávelmente, no seu grande livro.

A obra põe-nos ao corrente do que há de mais substâncioso na filosofia e na experimentação do Espiritismo. E de maneira sintética e apreciável. O autor não cogita do espiritismo-religião, pois o espiritismo feito religião não o interessa. Nega-lhe até esse aspecto, que é, aliás, o aspecto que agrada de prefereência à massa espirita do Brasil.

Estuda principalmente a mediunidade e a reencarnação. Aliás, a obra apresenta-se também, com uma introdução ao estudo da mediunidade e da reencarnação.

O tradutor ajusta ao livro notas explicativa, e um *lexicon* dos termos clássicos e aplicações que servem para realçar ainda mais o mérito da obra.

Conheciamos as actividades do autor e outros livros seus. Este, não.

Não cremos que o livro no original seja melhor do que na sua tradução.

É que Isidoro Duarte Santos, sobre ser um valor valor indiscutível dentro das actividades espiríticas em Portugal, é escritor de pulso, dono de um estilo claro e formoso, um grande cérebro e maior coração, consagrados à causa divina que nos irmana.

Um pequeno Vidente

Nos primeiros anos da infância é vulgar toparmos com médiuns videntes e auditivos.

O nosso confrade Manuel Lucas Goulart, de Ponta Delgada, acaba de escrever-nos, contando um caso extraordinário de que foi protagonista seu filhinho Norberto.

— Foi em 14 de Maio — diz ele — que desencarnou o meu querido filho Norberto, de 4 anos, alma cheia de caridade, pois muitas vezes tentou despir o fatinho para o dar às pequenitas semi-nuas que batiam à porta. Falava sempre em Deus, em Jesus, no seu Guia e nas harmonias do Espaço. Era vidente e auditivo. A sua vivacidade extraordinária e as suas palavras chamavam a atenção de toda a gente. Não podia ver um pobre, que não pedisse dinheiro para lhe dar.

«Há mais de um ano, disse que ia partir um pé. Daí a oito dias, o facto realizava-se com os pormenores anunciados.

«O que não posso esquecer é a premonição da sua morte. Estando no quintal a brincar com a irmãzinha de dois anos, voltou-se para a mãe e disse:

«— Mamã: o querido Norberto vai morrer.

«A mãe ficou atrapalhada e angustiada com aquela afirmação categórica. E respondeu:

«— Cala-te, Norberto. Não digas tolices!

«Quando cheguei a casa, minha mulher, assustada, contou-me o sucedido.

«— Não faças caso, — disse eu — ; são coisas de criança.

«Mas comecei a pensar na premonição do pé partido, enquanto minha mulher asseverava que se iria dar o acontecimento.

«Oito dias depois, meu filho adoeceu com meningite tuberculosa e dez dias mais tarde desencarnava.

«Querido filho e meu irmão, pede a Deus por mim, por tua mãe e pelos teus três irmãozinhos!

«Era o meu filho dilecto. Já o vi três vezes após a desencarnação».

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

NOVOS RUMOS À MEDICINA, pelo *Dr. Inácio Ferreira* — Uberaba, Minas Gerais — 1946 — 270 págs.

O director do famoso Sanatório Espirita de Uberaba lança neste volume um grito de exprobação e de alerta à medicina oficial, chamando a sua atenção para a «terapêutica espirita» (psicoterapia e tratamento de obsidiados) única capaz de resultados seguros em certas psicopatias classificadas como funcionais ou constitucionais. Para nós que, sem conhecimentos especiais de medicina, há muito nos interessamos pelas psicopatias não-infecciosas ou orgânicas, encontrámos no presente volume a confirmação de muitas ideias e o completo esclarecimento de outras. O Dr. Inácio Ferreira fez-nos lembrar o saudoso psiquiatra Carl Wickland; e, pelo que li, suponho que os seus métodos de tratamento pouco divergem: — para a «obsessão», *doutrina*, esclarecimento, conversão do agente produtor; para as psicopatias relacionadas com tendências, com paixões inatas (adquiridas em vida anterior), tratamento magnético do doente, talvez acompanhado do método freudiano. O primeiro processo é realizado pelo Dr. I. Ferreira com a ajuda de bons médiuns de incorporação (cf. método de Carl Wickland); o segundo, com a de médiuns videntes que definem a causa da psicopatia (R. Connel utiliza um médium psicómetra. V. «Perceptive Healings»).

Vários casos observados na clínica de Uberaba ilustram, argumentam perfeitamente as afirmações do psiquiatra brasileiro, se para tal não fossem suficientes os quadros estatísticos insertos no final do volume e que abrangem 12 anos de trabalho: — 1332 doentes entrados com um total de 554 curas! E pondere-se ainda que no Sanatório são admitidos todos os casos psicopatológicos, desde a obsessão às esquisofrenias e paranóias. Nisto se fundará o juizo de valor sobre a terapêutica espirita e até a justeza da seguinte afirmação:

— O Espiritismo não faz loucos; cura-os...

Sem nos instituirmos em «crítico»... do Dr. Inácio Ferreira, desejamos exprimir aqui completamente o que pensámos ou sentimos sobre o 1.º volume da sua obra. Partindo do princípio de que se dirigia ao mundo médico e não-espirita, deveria (opinião pessoal...) ter feito uma descrição mais completa do método psicoterápico e de cura das obsessões, bem como da evolução psicofisiológica da doença, dos reflexos orgânicos e psíquicos sucessores imediatos da cura e ainda dos processos de diagnose; isto é, deveria ter completado as fichas clínicas, sacrificando o lado especulativo-doutrinário ao rigorismo científico. Aquele deveria ser tirado por conclusão e não mesclado (por vezes até com flagrantes repetições) na descrição dos «casos».

Estes comentários foram simplesmente bolsados na leitura do 1.º volume da obra do Dr. Inácio Ferreira; pela dos restantes, faremos o nosso juizo pessoal *definitivo*. Mas desde já podemos afirmar que estamos em presença dum grande livro que fará pensar a classe médica pelos ensinamentos que contém.

CONSELHOS A MEUS FILHOS, pelo *Dr. Inácio Ferreira*, 2.ª ed., 141 págs.

Prefaciado por Leopoldo Machado, o Dr. Inácio Ferreira, médico psiquiatra brasileiro, apresenta-nos um obra leve, própria pelos temas e linguagem do público que visou: — a criança. O grande médico espirita, «conversando» com seus filhos, lança sobre a vida um olhar cristão. Evangeliza, aconselha, educa, porque procura despertar a consciência na alma infantil. A verdade espirita é comentada em imagens felizes que a tornam acessível às mentes juvenis.

NOS DOMÍNIOS DO BEM — S. Paulo — 1947 — 190 págs.

Na primeira parte desta obra, Henval bosqueja a vida do médium curador brasileiro Anésio Siqueira, transcrevendo os seus artigos publicados na revista «A Centelha». E assim o bosquejo não consegue isentar-se do tom jornalístico dos artigos e o que nos é dado não poderá ser considerado um ensaio biográfico.

A segunda parte é preenchida por uma colectânea de comunicações recebidas pelo médium Carmo Bianco, quando Anésio Siqueira ainda trabalhava no seu grupo de S. Amaro. Assinam-nas alguns nomes aureolados da literatura, entre os quais Alencar, Hugo, Tagore, Quental, D'Anunzio e Eça. O tom geral é o da chamada «doutrina», a que acrescentarei, para

melhor compreensão, o adjectivo «emotiva». Infelizmente, não notei aquelas diferenças individuais características de personalidades diferentes que surgem tão nítidas, por exemplo, em «Parnaso de Além-Túmulo» ou em «Do País da Luz».

A ERA DO AQUÁRIO, pelo *Dr. Aníbal Vaz de Melo*, Edição Zélio Valverde — Rio de Janeiro — 185 págs.

Esta obra enfileira com algumas de Wells e de Verne, embora haja nela um fundo de análise mais objectiva. Traça o Autor a imagem externa do mundo actual, tentando vislumbrar por ela as conquistas do futuro, a passagem a «actual» no amanhã das potencialidades contidas no momento de hoje. E digamos imagem externa, porque respeitamos a sua observação do «interno», bem longe da revelada por Jaspus em «El ambiente Espiritual de Nuestro Tiempo».

Vaz de Melo processa a época que vivemos e visiona a que se viverá, sempre em termos astrológicos ou «cosmobiológicos» (termo, sem dúvida, que ele julgará mais próprio). Interpreta os símbolos zodiacais mostrando a correspondência entre símbolo e a vivência terrena. Aparece-nos, assim, por exemplo, o advento do Cristo regido pelo signo de «Piscis» (Peixe), tal como o futuro será orientado pela influência de «Aquário». Transcrevemos as suas palavras escritas na pág. 32: — «Eis o papel de Hitler — o Destruidor — que agiu impulsionado, como um instrumento das forças zodiacais, pelas irradiações de *Piscis* e de *Aquário* e de seus regentes planetários...»

A Astrologia ou Cosmobiologia (uma ciência segundo os seus cultores) explica os aspectos da vida na terra pela influência dos astros, da posição do sistema solar em relação às constelações zodiacais. A mim proponho questões que gostaria de ver resolvidas por outros, visto eu ser incapaz de as solucionar.

— A imaginação dos povos primitivos viu em certos agrupamentos estelares imagens de animais, de objectos, etc. e designou-os por elas. Assim, as «Ursas», «Escorpião», «Orion», «Hércules», etc. São as constelações, com um símbolo meramente «sugestivo» que nada tem de real, porquanto as estrelas que as constituem se encontram *realmente* a distâncias diferentes da Terra, resultando o seu agrupamento duma natural deficiência óptica (a mesma que vê o infinito espacial como uma abóbada onde se «pregam» os astros).

Como se poderá então extrair um símbolo subjectivo duma fantasia? O símbolo subjectivo tira-se afinal do... símbolo objectivo. Observadas as constelações ao telescópio constata-se a sua real natureza e todo o aspecto simbólico desaparece.

Porque atribuir maior influência às constelações zodiacais, quando elas são da mesma natureza das não-zodiacais? Pelo facto de elas ficarem sob a linha imaginária da eclítica celeste, linha *hipotetizada* pelo corte produzido na *esfera* celeste pelo plano da eclítica? A justificação é insuficiente e a própria astrologia compensa-a pela influência das plantas solares em conjugação com os signos...

— Porque se deu uma interpretação e não outra qualquer ao simbolismo zodiacal? Porque ele foi extraido por associação de ideias, comparando sucessos terrenos com posições relativas dos astros e... induzindo daí uma lei de causalidade... Ora se aqueles sucessos estão dentro dum campo em que se interpenetram causalidade físico-química e causalidade espiritual *sui-generis*, como se pode fazer aquela indução imediata? Não haverá nisso precipitação de conclusões? Se bem compreendo a tese astrológica, o homem é psico-fisiològicamente determinado pelas influências dos astros. Não será isto o que Vaz de Melo diz com — Hitler agiu como *instrumento* das forças zodiacais? Admitamos esta hipótese. Se o homem age como *um instrumento*, não é livre; é, portanto, irresponsável. A responsabilidade é imputável, então, às forças zodiacais, aos «regentes planetários»...

— Astrològicamente considerados, não estarão sob as *mesmas* influências dois gémeos? Porque então constituem duas personalidades distintas com vivências dissimilares? Resultado duma diferença de minutos no seu nascimento? Conheço um rapaz que nasceu no mesmo dia e hora em que nasci. Não temos um único ponto de contacto físico ou psíquico e as nossas vidas têm sido *absolutamente* diferentes.

— Se eu sou determinado *totalmente* por influências astrais e se na minha existência há espaços chamados «vivências», eu sou então um joguete de forças totalmente diversas, porquanto vivi em épocas diferentes e não nasci, certamente, sempre no mesmo dia e hora. Como conciliar isto com a astrologia? Ou o indivíduo não conta para as forças cósmicas e só as sociedades, conjunto de indivíduos, são determinadas?...

Por tudo o que expusemos atrás, não conseguimos ver na obra de Vaz de Melo mais que uma sugestiva obra de fantasia profética, ainda que ousada, sobre a observação valiosa da hora que passa.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

ESPIRITISMO NA FINLÂNDIA

Embora não tenhamos conhecimento de qualquer revista finlandeza de Espiritismo, sabemos que os habitantes desta região nórdica se interessam pela nossa doutrina. Assim, Rolf Carllson, director de *The Spiritualisten*, de Estocolmo, Suécia, enviou ao *Spiritualisme Experimental et Philosophique*, de Liège, interessante relato de manifestações ruidosas numa casa assombrada de Helsingfors. É esse relato que passamos a transcrever:

«O jornal espirita «*Spiritualisten* encarregou um dos seus correspondentes de Helsingfors de realizar investigações acerca dos fenómenos de Sockenbacka, bairro da capital finlandeza, relatados pelo cotidiano sueco *Dagens Nyheter* e alguns jornais da Finlândia.

«Em pequena casa composta de quarto e cozinha, vive o velho guarda de polícia August Heinanem, de 75 anos, sua mulher, de 67, sua filha Elsa, de meia idade, com o filho Marthi Rantanem, de 14.

«As manifestações começaram em 21 de Outubro pelo lançamento de pedras de um kilograma contra as paredes da casa e têm continuado com fenómenos de telecinesia no interior da habitação. Nem os noticiaristas nem os guardas de segurança pública conseguem descobrir os culpados.

«Muitos objectos caseiros são atirados ao chão e a instalação eléctrica desempenhou grande papel na eclosão de fenómenos curiosos: os fusíveis são frequentemente tirados do contador, a pesar das precauções do electricista (fusíveis aparafusados ou fixados sòlidamente com fios de cobre). Estes fenómenos dão-se todos os dias, em geral das 15 às 19; e no caso de afluência de espectadores — o operador invisivel parece que não gosta de ser apreciado — são suspensos para recomeçar às 19 horas, prolongando-se até às 22.

«Alguns cavacos que estavam no fogão foram arrebatados; um peixe saltou para a frigideira; uma pesada mesa foi levitada e depois colocada no chão; outra foi virada, colocada novamente no seu lugar e virada de novo...

«A casa foi invadida por curiosos que ali entraram à força, acusando de feitiçaria os seus proprietários. O médium deve ser a filha ou o rapaz; contudo, os fenómenos continuaram, quando este estava no Comissariado da Pollcia a sofrer interrogatórios.

«As manifestações cessaram algum tempo depois da sua publicação nos jornais e da visita de religiosos. Falou-se de investigação científica, mas parece que não chegou a realizar-se.

Durante o último quartel do século passado alguns fenómenos de «polltergeist» se observaram na Finlandia, mas só os de Ylojärvi, em 1885, que duraram duas semanas, foram estudados sèriamente.

«Os finlandeses interessam-se pelo Espiritismo, é certo, mas nenhum centro fundaram nos últimos dez anos. Actualmente, há uma sociedade que trabalha regularmente, sob a direcção da senhora Helmi Krohn.

Um dos médiuns toca piano admiràvelmente, quando está em transe, embora, no estado de vigília, ignore a mais simples nota musical.

UM MÉDIUM-PINTOR

Segundo lemos em *Survie*, orgão da Union Spirite Française, o médium-pintor Augustin Lesage ainda continua a trabalhar, a pesar dos setenta anos de idade que lhe pesam na fronte.

Ainda não há muito, realizou ele uma bela exposição durante o Congresso Espirita Francês. Secretário do Salão dos Artistas Franceses, emprega os maiores esforços na difusão da Doutrina, cumprindo assim as instruções que em 1911 lhe haviam dado seus guias espirituais, quando lhe ordenaram que comprasse tintas e pintasse, sem que ele tivesse o menor conhecimento de pintura. Nessa altura recebeu também a faculdade de curar por simples imposições de mãos, motivo por que em Janeiro de 1914 respondeu num processo por exercício ilegal da medicina, sendo absolvido pelo tribunal de Béthume.

Lesage, que era mineiro quase analfabeto, fez várias exposições em França, na Inglaterra e na Argélia.

Há pouco realizou uma viagem de quatro meses e meio em Marrocos e em França, organizada por Mr. Pascal, presidente da *Sociedade Espiritualista e Filantrópica* de Casablanca, o qual, em cada cidade que visitava, fazia conferências relativas à vida e obra de Augustin Lesage, bem como à faculdade de cura supranormal e clarividência do pintor.

Em Casablanca, Marrakech, Agadir, Nice e Marselha, o êxito foi enorme. Os jornais referiram-se com justos elogios, quer às conferências de Mr. Pascal, quer à exposição das obras de Augustin Lesage.

No *Casa-cité*, jornal católico de Casablanca, Saint-Aignan escrevia em 16 de Fevereiro último: *Durante a sua recente exposição na Bolsa de Comércio, numerosas pessoas pediram ao pintor, ou, antes, desafiaram-no a pintar diante do público algumas telas*

em que entrassem personagens... O público foi à Rua Duhaume, n.º 11, onde eu fui também algumas vezes, Vi-o trabalhar sem modelo e tenho grande prazer em lhe dar o meu testemunho.

De facto, Lesage pintou em Casablanca duas grandes telas diante do público, uma de 1m,35 × 1m e outra de 0m,80 × 0m,50. O articulista de *Sulvie* acrescenta que teve na mão o relatório devidamente legalizado subscrito por 112 pessoas, entre elas figurando seis médicos, dois psiquiatras, três professores, um editor, dois jornalistas, dois comissários de polícia, quatro pintores, um arquitecto e um magistrado.

E a notícia termina assim:

«Eis a prova de que Augustin Lesage é um verdadeiro médium-pintor, que pinta sem modelos nem documentos, «com grande facilidade e calma, rosto sereno e não crispado pelo esforço; eis a prova de que dos seus pincéis saem rosáceas, rendas e personagens...».

As duas telas citadas serão expostas pelo autor na Union Spirite Française.

CURAS ESPANTOSAS

O *Psychic News* de 6-7-946 insere importante notícia acerca de curas obtidas pelo médium Harry Ewards e que não resistimos a transcrever. Notemos, desde já, um pormenor: quase todos os casos submetidos ao médium eram «incuráveis» do ponto de vista médico e todos os doentes sentiam o poder espiritual que se manifestava por intermédio do curador.

Ver uma velha paralítica de 84 anos ser conduzida de automóvel até à sala de sessões e vê-la pouco depois andar ao lado do médium, era sem dúvida uma prova notável do poder dos médicos espirituais.

Depois veio um rapaz que apresentava espantosa paralisia num dos olhos. Os médicos afirmavam que lhe faltava um músculo e por isso não mais poderia mover o olhar. Harry Ewards ajoelhou-se diante do rapaz e colocou-lhe a ponta dos dedos no olho doente. *Em seguida, pediu-lhe que olhasse para o lado e o olho moveu-se normalmente.* O curador disse à mãe do rapaz que subisse ao estrado onde realizava os tratamentos e que visse mover-se o olhar de seu filho; a expressão de gratidão que transpareceu no semblante daquela senhora foi a mais bela recompensa que se podia desejar na vida.

Agora, era um homem que andava numa cadeira rolante, em virtude de paralisia numa perna. O médium passou-lhe as mãos pela perna e notou-se logo a acção da força que se exercia nele: a respiração acelerava-se durante breves momentos.

Pediu ao rapaz que se mantivesse de pé, e a perna doente distendeu-se.

— Já a sinto mover! — disse ele, ao mesmo tempo que os espectadores aplaudiam calorosamente.

O rapaz carregou numa e noutra perna e depois sentou-se para repousar. Duas vezes se levantou novamente e sentou-se com facilidade. Faz lembrar a cura do paralítico, a quem Jesus fez erguer do leito, exclamando:

— Levanta-te e anda!

Além destes, há outros casos de cura. Houve surdos que passaram a ouvir e pessoas de vista fraca que melhoraram consideralvelmente. Uma senhora sofria de catarata num olho, a ponto de os objectos lhe parecerem nebulosos. O curador passou-lhe os dedos pelo olho doente e as entidades espirituais exerceram a sua acção, porque ela afirmou que podia ver as mãos do médium, claramente, à distância, assim como as linhas da palma da mão.

Também há casos de reumatismo, mal de Parkinson, artritismo, doenças ósseas, perturbações internas, etc. Tudo isto é sensível ao toque do médium curador.

Em face do exposto, quem acreditará que o Espiritismo é fábrica de loucos?... O Espiritismo procura exteriorizar as potências ocultas do homem, num redescobrimento salutar cheio de consequências morais e sociais que se réflectirão no futuro do mundo.

UNIÃO ESPIRITA FRANCESA

Segundo o nosso redactor-correspondente em Paris, Henri Regnault, realizouse em 23 de Março último a assembleia geral da *Union Spirite Française*, na sua sede social da Rua Léon Delhomme, 10, Paris XV°.

Após notável discurso do presidente Lemoine, que sublinhou o papel importante do Espiritismo, o secretário geral Gonzalès mostrou a desorganização que a guerra mundial levou às sociedades e grupos espiritas. Entretanto, os esforços da propaganda produzem seus frutos e como frisou o tesoureiro sr. Xhignesse, os resultados obtidos são animadores. Em relação a 1939, a situação da tesouraria é muito próspera e pode-se encarar o futuro sem receio.

Todos os anos é eleito um terço dos membros da Comissão de Vigilância. Os membros restantes foram reeleitos por unanimidade.

Seguidamente, a assembleia geral nomeou os novos membros da Comissão, que são os seguintes:

Madame Camille Chaumont (Paris), Mr. Garnier (Danci), Perret (Lyon) e Stoffel (Paris).

Depois da Assembleia Geral, o vice-presidente da U. S. F., Henri Regnault, realizou uma conferência acerca do notável fenómeno dos *apports*, em que apresentou testemunhos pessoais. Apoiado num facto claramente estabelecido, provou que o Espírito pôde realizar o transporte dum objecto colocado por ele na

casa de um médico, que foi indicado pelos experimentadores, durante a sessão, e o espírito trouxe de lá um frasco com líquido e alguns pássaros. Transportou o frasco através do espaço e levou-o para a sala de sessões. Trata-se, na verdade, de um fenômeno surpreendente, tanto mais que o contrôlo foi absolutamente rigoroso.

Após a conferência, a médium da U. S. F., Madame Bruneau, fez experiências, durante as quais deu interessantes provas da sobrevivência.

CONGRESSO ESPIRITUAL MUNDIAL

A Comissão Francesa da Secretaria Permanente dos Congressos Espirituais do Mundo, apelou para todos os que desejem participar no Congresso de 1947, a realizar em Paris no dia 18, 19 e 20 do próximo mês de Setembro. A pesar das dificuldades mundiais e precisamente por causa delas, é necessário que todos os homens de boa vontade se unam para a edificação de uma sociedade melhor. Será ocasião de analisar os numerosos problemas que se apresentam no anteprojecto do mundo actual e que terão de ser resolvidos segundo os princípios que o próximo Congresso terá de elaborar.

A mesma Comissão realizou importante reunião no Grande Salão de Geografia de Paris, em que falaram Lachambre, *Presidente da Comissão e Presidente da Associação Rosacruz* de Paris; Henri Regnault, *vice-presidente da Union Spirite Française;* Édouard Saby, *Presidente do Estúdio Adeista;* Doutor Jan de Niziand, *Presidente do Centro Nacional de Astrologia Científica;* Pierre Picamal, *Membro da Sociedade Teosófica de França;* Emile Greif, *Presidente do Centro Soufi de Paris.*

Os relatórios espiritualistas relacionados com a *Carta Espiritual da Humanidade* devem ser enviados até o dia 1 de Julho, para bom andamento dos serviços do Congresso.

O Congresso de Paris continuará os trabalhos já realizados em Bruxelas, de aproximação dos homens bem intencionados, seja qual for a religião ou organização a que pertençam, a fim de auxiliar por todos os meios a acção dos estadistas que têm a missão de restaurar o mundo em bases novas. O referido Congresso será dividido em sete secções: Religião, Ciência, Filosofia, Sociologia, Cultura moral, Artes e Propaganda Internacional.

Os que aderirem, devem dirigir-se a Henri Regnault, Secretário Permanente dos Congressos Espirituais Mundiais, 5, Villa Virginie, Paris XIV^{e}.

CONGRESSO ESPIRITA DE 1947

O Congresso Espirita Francês realizar-se-á em Lille, no dia 25, 26 e 27 de Julho próximo futuro.

CONFEDERAÇÃO ESPIRITA PAN-AMERICANA

No dia 14 de Abril passado (o Dia da América), ficou em Buenos Aires constituida a Confederação Espirita Pan-americana e em 28 do mesmo se procedeu à cerimónia da entrega dos cargos, sob a presidencia do engenheiro José S. Fernandes, secretariado pelo Dr. Luis Postiglioni, nosso redactor-correspondente na capital argentina. O primeiro é um propagandista de grande relevo e o segundo, além de representar na jovem agremiação a Federação Espirita de Porto Rico, é bem conhecido dos nossos leitores. O Conselho Executivo ficou composto da seguinte forma:

Presidente — Engenheiro José S. Fernandes; *1.º Vice-presidente* — Natálio Ceccarini, filho; *2.º Vice-presidente* — Bienvenido Roque; *Secretário Geral* — Dr. Luis di Cristóforo Postoglioni; *Secretário Administrativo* — Albireo Barcon Olesa; *Secretário de Relações* — Eugénio Fioravanti; *Secretário de Imprensa e Propaganda* — Humberto Mariotti; *Tesoureiro* — Francisco Garcia Romanó; *1.º tesoureiro* — Hugo L. Nale; *Vogais* — Nicolás Galasse e Santiago Bossero.

Como se vê, encontram-se aqui reunidas algumas das principais figuras do movimento espirita argentino, com grandes serviços prestados à Causa. Resta agora apoiar estes elementos com palavras e actos, evitando dissidências que certamente contribuiriam para enfraquecer o que tanto custou a arquitetar. Todas as Federações e Ligas sul-americanas devem prestar o seu concurso à Confederação, tanto mais que a Federação Espirita Internacional delegou naquela os poderes necessários para unificar e orientar a causa espirita na América latina.

Gostaríamos de ver esta agremiação alicerçada em sólidas bases. Seria novo motivo de confiança no futuro que nos aguarda, além de comprovar verdadeiro espírito de união susceptivel de maiores empreendimentos.

Todos os responsáveis pela orientação espirita naquele hemisfério devem aproveitar o ensejo que se lhes oferece de provarem o seu amor ao Ideal, colaborando numa obra grandiosa que belos frutos pode vir a dar em futuro próximo. Após tão grandes esforços realizados, é de esperar que todos se compenetrem dos seus deveres e se decidam a cumpri-los, para maior glória do Espiritismo.

GRANDES E PEQUENOS PROBLEMAS

por Angel Agnarod

Interessante desenvolvimento e aplicação do Espiritismo, ensinando a resolver os problemas da vida e como sair das dificuldades que tão escabrosa e difícil tornam a jornada terrena.

Brochado ..... 16$00
Encadernado ..... 24$00

Notas & Comentários

«AFRICANISMO E ESPIRITISMO»

Num gesto de extrema deferência que muito agradecemos, o Dr. Henrique Andrade publicou nas *Edições Mundo Espirita* o trabalho do nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro, Deolindo Amorim, inserto em *Estudos Psíquicos* e que muito apreciado foi pelos leitores.

Cremos que é a primeira obra de fôlego acerca de assunto mil vezes debatido pela rama. Quando se quiser estudar a influência que as práticas afro-católicas têm, no Brasil, exercido em certos ramos de pseudo espiritismo, será indispensável a consulta deste livro profundamente elucidativo.

O nosso crítico exporá em breve a sua opinião na secção *À margem dos Livros*, com o necessário desenvolvimento que a matéria requer. Entretanto, apresentamos ao Dr. Andrade e a Deolindo Amorim as felicitações sinceras desta revista.

TOMAZ ALCAIDE

O *Spiritualisme Experimental et Philosophique*, de Liege, traz-nos a notícia de que o grande tenor português Tomaz Alcaide é fervoroso adepto do Espiritismo: «il est un adepte fervent de notre philosophie, où il a trouvé une source de consolation et d'espoir, qui depasse de loin celle qu' on a coutume de trouver sur notre planète» (é um adepto fervoroso da nossa filosofia, na qual encontrou uma fonte de consolação e esperança, que ultrapassa muito a que soe encontrar-se no nosso planeta). E publica uma grande fotografia daquele patrício ilustre, dedicada a José L'homme, director do citado periódico e Presidente da *Union Spirite Belge*.

É bom saber que a luz do Espiritismo vai chegando à alma dos que à força de trabalho conseguiram emergir da vulgaridade. Tomaz Alcaide, além de espirita convicto, é um filantropo que a ocultas alivia a dor alheia.

Que seja benvindo e no seu esforço continuado encontre os meios práticos de vencer.

CAUDAISMO

La Nación, de Buenos Aires, publica uma notícia segundo a qual uma nova religião chamada *Caudaismo* se propaga ràpidamente em toda a Indochina. O nome vem do Monte Caudai, onde existem *lugares santos* habitados por «génios, fadas e espíritos que aparecem. Os camponeses têm por aqueles lugares o maior respeito e veneração».

Dizem que a alma de Joana d'Arc e de Vitor Hugo ali aparecem com frequência. A primeira exprime-se em anamita e o segundo em francês e sempre em verso.

O Caudaismo apareceu em 1927 e já lhe fizemos referência nesta revista em trabalhos de Gabriel Gobron, saudoso redactor-correspondente em Paris. Segundo crença lá reinante, Dixu já se revelou duas vezes aos homens sob a aparência carnal do Cristo e de Buda e deve voltar novamente à terra sob o nome de Caudai para salvar a humanidade. A esposa do fundador da nova religião foi anteriormente a mulher de um joalheiro suiço, à custa de quem realizou numerosas viagens, como corretora dos artigos de seu marido, no delta de Mekong.

Pham Cong Tac, o papa do Caudaismo, exilado pelo marechal Pétain em Madagascar, devido às suas ideias anti-vichistas, acaba de regressar à Indochina e dirigiu a dez milhões de fieis uma mensagem em que declara que o Caudaismo está disposto a colaborar com os franceses numa obra de pacificação.

O Caudaismo ou Budismo Renovado é um movimento religioso-espirita que tende a confundir os deuses da Ásia com os da Europa, isto é, a reunir na mesma ideia redentora todas as religiões conhecidas, aproximando fraternalmente as raças, unificando as religiões e criando a verdadeira paz anunciada pelo Messias.

AS CONFERÊNCIAS DE HENRI REGNAULT

Henri Regnault, vice-presidente da *Union Spirite Française* e nosso redactor-correspondente em Paris, continua a fazer conferências semanais no Salão de Geografia de Paris, 184, Bd Saint-Germain. Eis o título de algumas, que realizou desde Fevereiro:

28 de Fevereiro — *Os mortos ainda são visíveis?*; 7 de Março — *Os mortos podem falar pela boca dos vivos;* 14 de Março — *Os mortos ainda podem escrever;* 21 de Março — *Quem pode ser médium?;* 11 de Abril — *Provas do Espiritismo? Há muitas;* 18 de Abril — *A morte não existe;* 25 de Abril — *A pesar de mortos, podem dar impressões digitais.*

Como temos dito, Henri Regnault é o grande animador do movimento espirita francês. Estamos convencidos de que brevemente assistiremos à renovação completa dos Grupos e Centros que outrora mantinham serviços regulares de propaganda em quase todas as cidades da grande república latina.

Noticiário

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos as seguintes publicações, com as quais permutamos:

De Portugal — *Além, Luz e Caridade, O Mensageiro Espirita, Região de Leiria, Notícias de Vizela, O Lusitano, Jornal de Albergaria, Comércio de Leixões, Vida Mundial e O Zoófilo.*

De França — *Survie e L'Heure de l'Être.*

De Itália — *Lo Spiritualismo nel Mondo.*

Da Bélgica — *Le Spiritualisme Experimental et, Philosophique.*

De Inglaterra — *Spiritualism Free Press e Psychic News.*

Do Brasil — *Reformador, Mundo Espirita, Revista Espirita do Brasil, O Semeador, Revista Internacional do Espiritismo, O Clarim, Nova Era, A Verdade, Tribuna Espirita, Luz da Verdade, A Infância Espirita, A Flama, Alvorada, A Reincarnação, A Voz dos Espiritos, Boletim Espirita, Mensageiro do Orfão, Amor à Verdade, Raios de Luz e Revelador.*

Da Argentina — *Constância, La Idea, Siembra, Cristianismo e Claridade del Alma.*

Do Chile — *Cuadernos de Estudios Metapsíquicos.*

TRANSCRIÇÕES

Mundo Espirita, do Rio de Janeiro, transcreveu o nosso artigo de fundo intitulado «Unificação», relativo à pretensa fusão da Federação Espirita Brasileira e da Liga Espirita do Brasil, *Constância* de Buenos Aires, também transcreveu «Materialização de Espíritos», relato que fizemos das materializações de Lins, Estado de S. Paulo. A ambos, os nossos agradecimentos.

Também a *Região de Leiria* transcreveu o artigo de F. Noronha intitulado «O Espiritismo Conduz à Loucura?». Agradecemos-lhe a deferência, mas lamentamos que não tivesse citado a fonte donde extraiu o artigo.

CHELMICKI AFFLALO

Após treze dias de fraternal convívio em casa do nosso director, seguiu para o norte com destino a Lourosa, concelho de Vila da Feira, o prezado confrade e amigo José Carlos de Chelmicki Afflalo, que ali conta permanecer até o próximo mes de Outubro, a fim de restaurar as forças e regressar ao Rio de Janeiro, a bordo do «Serpa Pinto», onde já tem viagem marcada.

É com saudade que vemos afastar este bom amigo. Que os Mensageiros do Alto o protejam e devolvam às suas habituais ocupações na Fundação Marieta Gaio.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 26 de Abril passado, Ramos Pereira realizou uma conferência no Centro E. Luz e Amor, intitulada «Magnetismo». Apresentou interessantes problemas que procurou resolver à luz do Espiritismo, baseado nas experiências dos sábios e nas suas próprias experiências. Foi uma bela conferência que muito agradou aos numerosos assistentes.

No dia 10 de Maio, estreiou-se no Centro como conferencista o nosso confrade Luciano Silva, que num à-vontade muito simpático apresentou uma série de questões interessantissimas tendentes ao rejuvenescimento físico e moral do homem, dentro de princípios sãos que dariam grande soma de felicidade se fossem observados nas suas linhas gerais. Ensinou a comer, a trabalhar e a bem viver, sob a legenda SÊ SÁBIO, SÊ SANTO, SÊ SÁDIO.

Em 24 de Maio coube a vez à nossa colaboradora D. Adelaide Ivone de Sousa, que expôs «Como se deve educar o neo-espiritualista». Como sempre, demonstrou espírito prático na apesentação da sua tese e provou com exemplos frisantes quão errada é a educação actual da sociedade e quanto lucraríamos se às crianças fossem ministrados conhecimentos de harmonia com a nossa doutrina.

Finalmente, em 15 de Junho voltou Ramos Pereira a ocupar a tribuna para nos dar um trabalho exaustivo acerca de «Jesus, o Cristo», que devia ser ouvido por kardecistas, rutanguistas, católicos, protestantes e adventistas. Apresentou a figura do Cristo como, na verdade, deve ser apresentada: um espírito superior que atingiu a pureza e a sabedoria, não mercê de privilégios especiais, mas com armas que estão ao alcance de todos.

Os conferencistas foram muito aplaudidos.

LEGADO FIRMINO DA ASSUNÇÃO TEIXEIRA

Da Federação Espirita Portuguesa, recebemos a quantia de 2.000$00, correspondentes à parte do rateio do Legado Firmino da Assunção Teixeira que coube ao Centro Espiritualista Luz e Amor, relativo ao ano de 1947.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JULHO DE 1947

Dia 5 de Julho, sabado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 12 de Julho sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria de Jesus Figueiredo.

Dia 19 de Julho, sábado, às 21,30 — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Formas-Pensamento».

Dia 26 de Julho, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária pelo Grupo Amor do Redentor.

Dia 2 de Agosto, às 16 horas — Sessão de encerramento dos trabalhos do Centro, em que falarão vários oradores.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

8.º ANO — LISBOA, JULHO DE 1947 — N.º 7

Redactor: **Ramos Pereira** | Director e Editor: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

ESPIRITISMO, OU QUÊ?

Muitas cartas nos têm chegado às mãos, apresentando alvitres, fazendo perguntas, dando interpretações, umas sem base, ao sabor da imaginação, outras com base falsa, oriunda no desconhecimento da Doutrina.

Não temos respondido a todas, já por falta de tempo, já por consabida ignorância acerca de filosofias particularistas que vão muito além da nossa inteligência.

Contudo, desejamos fixar aqui algumas regras de ética espirita, que poderão servir de modelo a determinados consulentes.

Antes de mais nada, saibam todos que o Espitismo não é consultório, nem fábrica de panaceias ou talismãs, como temos dito e redito na capa desta revista. Isso é ou tem sido com outras entidades. Em segundo lugar, nunca devemos importunar os espíritos com problemas utilitários que estão ao alcance do bípede implume.

Sair destas normas é contraproducente, para não dizer prejudicial. Além disso, pretender que espíritos evolucionados digam o como e o porquê de nossas aflições e se disponham a amenizar-nos a vida de relação é verdadeira estultícia que pode originar desgraças irreparáveis.

Alguns correspondentes mais privilegiados são tu-cá, tu-lá com Santo António e à mínima escoriação de pele têm à cabeceira o Sousa Martins ou o Bezerra de Meneses, a concorrer com a Delegação de Saude, nas barbas do fisco, que é, sem tirar nem pôr, a digna Ordem dos Médicos.

Outros — raros, muito raros, ou talvez não... — falam à Virgem Maria, ao Cristo e ao próprio Deus ! Ainda há pouco uma senhora nos dizia com a maior naturalidade, em face de nosso ar de descrença:

— Já vi Deus, sim senhor ! Era um velho de barbas brancas e estava sentado num trono, no meio do céu !

Claro, que não tivemos coragem de responder a semelhante desconchavo, mesmo por sabermos o risco que se corre em contrariar certas pessoas.

O mais que fizemos foi indicar-lhe alguns livros de bons autores, a pesar de nos dizer que lhe bastavam os ensinamentos do Guia, embora acrescentasse que a vida lhe desandava quando fazia sessões.

Está-se a ver a espécie de guia que a... guiava ! Cego que guia outro cego... vão ambos dar no barranco.

Não, meus senhores ! Nem isso é Espiritismo, nem isto é consultório ! Todos andamos errados: vós, em perguntar e nós em responder. Há momentos em que o simples encolher de ombros decide da vida de um homem, obrigando os néscios a reflectir e a tactear o solo onde assentam os pés das pessoas sensatas.

O Espiritismo dá muito, porque muito exige aos que o procuram, a começar pelo estudo e meditação de suas obras fundamentais. Depois disto, já se fica sabendo uma coisa importantíssima: a morte não é o fim de tudo. Os mortos vivem e podem comunicar conosco em determinadas condições. Sem medo da morte e certos da sobrevivência do espírito, quão grande não será a metamorfose moral do adepto desta bela doutrina !

O Espiritismo não dá dinheiro, nem adivinha, nem arranja emprego, nem cura os incuráveis. O que ele dá é possibilidades infinitas de salvação, porque nos ensina a modificar os hábitos e a sofrer as provações ou expiações a que fomos submetidos.

O resto não é Espiritismo. É bobagem perigosa que pode conduzir ao Manicómio ou ao Juizo de Instrução Criminal.

Será o Espiritismo uma Realidade?

por Ramos Pereira

(Conferência proferida em 28 de Março de 1947 no Teatro do Ginásio)

(CONCLUSÃO)

A hiloclastia — passagem da matéria através da matéria — é uma das categorias mais surpreendentes. Zollner, no livro citado, descreve alguns fenómenos (nós em cordas sem pontas, «apports», ligação de aneis, etc.) (1). Um «espírito forte»... atribuirá tais factos a passes de ilusionismo, a trabalho de charlatão... talvez... mas eu lembro me de ter lido nas obras do prestidigitador Robert Houdin (2) que nenhum dos truques pode resultar sem uma preparação prévia dos objectos e do ambiente. Há, no entanto, quem afirme serem os prestidigitadores, os charlatães, as pessoas mais idóneas para observarem os fenómenos espiritas! (3).

Eu digo, novamente (4), que gostava de ver um desses prestidigitadores ser despido, obrigado a vestir depois um fato de malha apertado e a ingerir um vomitório, ser amarrado e controlado por dispositivos eléctricos, produzir em seguida uma materialização ou... um fenómeno de hiloclastia. Tenho, porém, a impressão de que ninguém pode satisfazer este meu desejo...

Metacinesia é o fenómeno de deslocamento de objectos pesados sem contacto. Bastariam os trabalhos de Ochorowicz com a médium Stanislawa Tomszick para que esta categoria ficasse definida como uma realidade insofismável. O grande sábio polaco delineou uma teoria — a dos «raios rígidos» ou «alavancas rígidas» — hoje geralmente aceite. Schrenck-Notzing refez a maioria dos trabalhos de Ochorowicz chegando a conclusões análogas: — os raios rígidos são filamentos de ectoplasma que, apoiados no corpo do médium, actuam como alavancas perfeitas. É de notar que o fenómeno se produzia estando a médium incorporada, sendo os cientistas forçados a tomar a nova personalidade como real, se desejavam obter resultados satisfatórios. Schrenck-Notzing conta até que tinha de brincar... com a pequena «Stasia» — a «entidade» que incorporava na médium... embora a julgasse como a criação do sub-consciente desta (5).

★

Em face dos cientistas que se têm ocupado do problema e afirmado a realidade do fenómeno, não é lícita uma atitude de negativa simples, nem talvez a de duvidar daquela realidade. Poderemos divergir na teoria das causas, mas não podemos negar «a priori» o fenómeno atestado por tantos que se notabilizaram nos domínios da física, da química e da medicina. O fenómeno é uma realidade que se impõe pela sua evidência controlada, justificada, indestrutível.

Entrando no problema das causas, assiste-se à bipartição do campo de estudos do fenómeno entre «metapsiquistas» e «espi-

---

(1) Ochorowicz, Lebiedzinski, Roszolowski, bem como Schwab [v. «Teleplasma und Telekinese», 1923] narram casos análogos aos apontados por Zoellner.

(2) Por ex.º, «La Magie Dévoilée».

(3) Opinião do Dr. Duarte Leite in «Contra o Espiritismo».

(4) V. in Revista «Além», n.º 134, a minha carta aberta ao Dr. Duarte Leite.

(5) Charles Richet considera esta adesão como uma condição fundamental de trabalho.

ritas». Múltiplas são as teorias metapsiquistas até agora formuladas (1).

Chevreul, cientista do século XIX, atribuia a reflexos musculares inconscientes o movimento das mesas (tiptologia). Era uma teoria sustentável desde que houvesse contacto e que o conteudo da comunicação não transcendesse as faculdades normais do médium. Mas se qualquer destes casos se der? O primeiro fica ressalvado pela teoria de Ochorowicz — a dos raios rígidos. E o segundo? Recorre-se então a uma faculdade supra-normal... Acho inconcebível tal hipótese: — possuir-se uma faculdade normalmente ignorada e que, estando desperta, permite ao indivíduo transcender-se a si próprio! Como, onde, quando e porquê conseguiu tal soma de conhecimentos?

Além disto, esta hipótese tem ainda a fraqueza da sua limitada aplicação. René Sudre agrega-lhe a tese da ideoplastia, adaptação das ideias-forças de Fouillé: — o médium arremessa de si, inconscientemente, parte da sua matéria, a qual é moldada por uma ideia existente nele! Isto é, temos o paradoxo dum acto superiormente activo produzido inconscientemente, transmitindo nem sempre ideias próprias do médium!...

As teorias de mais latas aplicações são as de «latência» e dos «resíduos», propostas por Gurney e Myers, e que William James levou mais longe ainda. O próprio Sudre reconhece o grande valor da tese do psicólogo americano. E ela até concorda com a conclusão recente de que o pensamento se propaga sob a forma de energia electromagnética (2).

Suponhamos, pois, que essas correntes energéticas se propagam no éter indefinidamente e que o médium tem o poder de as vitalizar, de as consciencializar, transformando em actual o que é passado. Admitamos mais que não são apenas certos estados de consciência que se exteriorizam; admitamos que se exterioriza em energia electro-magnética tudo o que se passa interiormente no indivíduo — as suas ideias, pensamentos, as suas paixões, os seus instintos, aquilo que é pessoal, que é psicológico. Pois bem, se o fenómeno estiver em pleno acordo com esta teoria... ela corresponde à realidade... Mas, pergunto: — se essa concordância for insuficiente?

Ora, no fenómeno, a personalidade que se manifesta mostra-se senhora duma unidade perfeita. É uma unidade que se manifesta com sua vontade própria, diferente e até em oposição à do próprio médium, e capaz de produzir actos superiormente conscientes. Consideremos, então, que se grava também essa unidade oculta sob a instabilidade dos estados de consciência, que se continua a «personalidade». O médium captará, emprestará «vida» a essa personalidade, cedendo-lhe voluntàriamente o organismo de que necessita.

E, sendo assim, em que difere isto da imortalidade?

Então, se no éter se grava tudo quanto eu vou sendo, momento a momento, e se a minha individualidade continua também (ou, caso contrário, a minha persistência era fragmentária), isto é, sem dúvida, imortalidade da alma.

Somos conduzidos assim à teoria espirita.

Atente-se ainda que a primeira classe de fenómenos da classificação dualista — a dos «não espiritas» — é atribuida à acção magnética dum agente bem determinado. Esses fenómenos têm, porém, grandes pontos de contacto, grande semelhança com os «espiritas», donde ser lógico concluir pela semelhança de natureza e de acção do

---

(1) A atitude metapsiquista mais corrente é a de explicar o fenómeno por parcelas. Gustave Geley, o presidente do Instituto Internacional de Metapsíquica de Paris, pugnava por uma teoria geral e... acabou por aproximar-se do Espiritismo.

(2) Trabalhos do professor italiano Cazzamalli.

agente... Esse agente é um ser invisível, é... um «espírito».

Eis o ponto nevrálgico da questão. Os espíritos que a si mesmos se classificam de fortes... não só sorriem e duvidam, como dizem ser impossível a actuação referida, ser uma teoria ridícula...

Qual a natureza desse espírito?

São fundamentais as experiências conduzidas por Cazzamalli, tendentes a encontrar e determinar as formas duma energia biopsíquica. A telepatia e a telestesia constituem argumentos probatórios da existência dessa energia (1). Se somos conduzidos a supor que o comportamento psicológico se exterioriza em correntes de energia, é lógico atribuir ao «espírito» uma natureza energética, específica.

Por outro lado, a ciência tende para a conclusão da unidade energética da natureza: — a matéria é tão sòmente energia transformada. Logo, aquela natureza do espírito inclui-o nesta unidade.

Mas se tudo quanto existe é energia, não cairemos no panteismo? Deus será a Energia? Se a energia não se perde, se apenas se transforma, ela é... eterna; e é também infinita... como infinita nos parece ser a Criação. Infinito e eterno são atributos dados (!) clàssicamente a Deus. Mas note-se que, só por si, a Energia é insuficiente; o neo-vitalismo encontra mais uma ideia, um princípio director, um «superior planeamento das formas», revelando-se no caminho da evolução. A Criação desdobra-se em Ideia e Energia, Consciência e Força, Espírito e Forma. A Criação será quando muito... Deus em existência, Deus sendo em limites de espaço e tempo e não Deus-Todo (2).

Posto isto, já posso inquirir da minha posição perante (ou em) essa unidade natural. Diz o Espiritismo: — tu segues também a via sinuosa da evolução; o teu caminho tem altos e baixos; tu mergulhas nas terras físicas, para depois viveres melhor no espaço livre. Reencarnação — ponto de celeuma. Dirão: — «Não há provas, não nos lembramos do que vivemos em vidas passadas...».

Esse esquecimento não é, porém, nem geral nem absoluto. O professor da Escola Politécnica de Paris, coronel De Rochas, descreve no seu livro «Les Vies Successives» várias experiências feitas com passivos: — adormecidos em profundo transe magnético, puderam eles dar detalhes precisos de vidas anteriores! (esquecimento não absoluto).

Recordo-me de ter lido a transcrição duma revista hindu onde se relatavam resultados dum inquérito determinado por um maharajah e conduzido por um cientista (3). Pôde ele verificar vários casos de vidas anteriores em crianças de pouca idade (esquecimento não geral).

E no século XIX, a ciência começou a pugnar pela evolução das espécies, pelo transformismo, pela evolução das formas. Pois bem. O reencarnacionismo é transformismo espiritual. O que naquele, no transformismo físico, é impossível de explicar (ou só explicável por especulações arrojadas e insubsistentes) — transmissão de tendências e instintos, diferenças psíquicas entre filhos dos mesmos pais e até nos gerados gemelarmente, etc. — recebe na reencarnação um esclarecimento completo.

Carne e espírito vivem a par, seguindo

---

(1) Yuricoitch e Du Bourg du Bozas determinaram a «radiação Y»; Hans Berger, os «raios D» e «B»; Ochorowicz, os «raios X», semelhantes aos raios de Roentgen; Ludwig Laszky falou duma radiação magnética de qualidades terapêuticas; Blandlot hipotetizou os «raios N»; etc.

(2) Porque aquilo que é em limites de espaço e tempo não tem em si a razão da sua própria existência (contingente) e será, portanto, um erro identificar o necessário a uma simples dilatação concepcional do contingente.

(3) Referia-me à revista «Kalpaka» e ao inquérito determinado pelo maharajah de Bhartpur e conduzido pelo Dr. Rao Bahadur Syam Sunderbal.

linhas paralelas e interdependentes, sujeitas ás mesmas forças de meio, constituindo uma unidade em aperfeiçoamento constante. O espírito vem desde os longes da consciência informe até à consciência clara da humanidade actual.

Se as chamadas qualidades primordiais da vida já se encontram difundidas na matéria inerte, não-viva, já também ali existirá um psiquismo potencial. No instante em que aquelas qualidades surgiram em síntese, unidas, nesse instante surgiu a primeira forma viva suportando a primeira forma psíquica. E de vivência em vivência, o fulcro anímico vai ganhando consciência de si próprio, vai-se tornando mais livre, menos condicionado (1), carreando em si o somatório das experiências ganhas. Se no caminho pela animalidade se foi formando a massa dos «arquétipos», das «categorias herdadas» (inconsciente colectivo) que na actualidade o podem perder numa «consciência de massa», posteriormente se constitui um inconsciente pessoal, definidor da individualidade.

Ao nascer, a criança já apresenta características psíquicas próprias, tendências adquiridas nas vidas pretéritas. São elas a melhor prova duma continuidade, de que o esquecimento não é completo, absoluto.

E quando o homem ganhou consciência, tornou-se livre para se realizar superiormente ou não (2). Ela tem nas mãos o seu próprio destino e no caminho para a sua realização luta por adaptar-se a uma construção ideal de si mesmo. Rauh, o filósofo alemão, dizia que «o homem há-de crer sempre no super-humano, quer lhe chame Deus, quer simplesmente ideal». O homem busca adaptar-se a uma forma que o seu espírito formou e nessa adaptação trava uma luta desesperada. E haverá tanto maior desespero quanto mais ignorante estiver da sua natureza espiritual (Kirkegaard).

O homem quer ser aquilo que não é ainda, tornar-se mais perfeito e melhor, mas sente-se atraido por correntes opostas que nele vivem ou se reflectem e de que dificilmente se desprende. O homem é existência e do que o cerca só pode compreender o que puder exprimir em termos de existência. Cercados pelos limites apertados do espaço e do tempo, incapaz de os transcender *de facto*, o homem «existe» buscando-se desesperadamente pela compreensão dessa e da existência que o supera: — Deus *na* Criação.

Afirmar Deus como aquele que é, sem causa e sem transformação, como Essência além do espaço e do tempo, é afirmar o incomprensível. Não o compreendemos, nem sequer o sentimos (como tal, como essência), porque só podemos compreender e sentir aquilo que decorre como nós, que é um fragmento do Todo de que somos também parte, e isso... porque ignoramos a nossa própria essência.

Se não sei o que realmente sou (3), se não sei definir a minha essência, como compreender ou sentir uma Essência que me transcende? Compreendo-a e sinto-a em Existência e é por ela que eu hipotetizo a Essência que não compreendo, que desconheço, numa operação intelectual semelhante à que bordo sobre mim mesmo.

Como existência que decorre, que caminha para uma essência só pressentida, fico inteiramente livre e responsável perante a minha própria finalidade. Há bem pouco ainda a «entidade» Silver Birch, guia do grupo espirita de Hannen Swaffer, dizia numa sessão: — «Não imputes a Deus as responsabilidades que só a ti cabem, ó homem. Se falhares, és tu o único responsável».

Mas se o homem é livre e responsável

---

(1) Para esclarecimento e complemento, V. «Grande Síntese» de Pietro Ubaldi.

(2) V. por ex.º Coignet in «La Morale Indépendante».

(3) Dizer-me espírito é afirmar-me existência, visto o espírito evolucionar.

perante si próprio, qual será o castigo da sua falência? A necessidade de voltar ao ponto de partida, a necessidade de voltar à Terra, em eterno retorno, enquanto não se conseguir libertar dos reflexos internos das forças que aqui o chamam, o prendem.

O caminho constitui um esforço constante de realizar essência pela compreensão progressiva da existência e de sua finalidade. Moral livre, existencialismo, responsabilização do homem.

Qual será então a minha posição de homem perante Aquele que me cerca, perante Deus?

Não mais regras rígidas a pretenderem unir-se a esse princípio criador, nada de obrigatório, de forçado. — Se és Homem e queres ganhar a tua melhor posição perante Deus, procura cada vez mais a Sua existência em ti e no que te rodeia, para poderes subir e galgar a barreira da tua própria existência.

Em vez duma religião no sentido dum conjunto de regras definidas, de regras estáticas, rígidas, uma «religião viva» em que o homem busca a apreensão completa do sentimento da religiosidade — sentimento da dependência estrutural do humano para o super-humano; uma religião que busca e não uma religião que espera, uma religião que não contende com qualquer outra, que não critica qualquer, que julga os credos pela sinceridade e aperfeiçoamento espiritual dos seus adeptos.

Parece, à primeira vista, um paradoxo o haver uma religião que admite como «boas» todas as outras; mas se as religiões surgiram na e pela evolução da vida terrena, por necessidade criada pelas forças desenvolvidas em diversos meios, porque os homens sentiram necesidade delas, elas estão em relação funcional estreita com o meio em que surgiram (1).

O Espiritismo não contende com qualquer religião, porque as abraça, porque defende e até consubstancia o princípio de tolerância impresso no ideal de amor cristão.

Moral e religiosamente, o Espiritismo sintetiza-se na máxima do Cristo: — ama o próximo como a ti mesmo e a Deus sobre todas as coisas. «Ama» é o princípio do dever, cuja adesão arrasta uma inversão total de atitude. Até agora só em teoria se expõe uma ética do dever; pràticamente, pugna-se pela moral do... direito: — exige dos outros, antes de dar! O Espiritismo cristão propõe: — dá para receberes; isto é, considera o direito como o resultado natural da limitação e cumprimento do dever, afirma a necessidade de «amar».

Amar é transcender as barreiras, as fronteiras do egoismo, é sentir o outro como se fôssemos nós mesmos, é uma forma da «infusão» referida pelos romanticistas alemães (2). Amar é a finalidade humana, o grande escopo da nossa existência para a compreensão de Deus.

Mas nem sempre o desideratum é conseguido. Nós somos homens vivendo a parcela actual duma existência indefinida, solicitado por forças desencontradas, e, naturalmente, falhamos muitas vezes. E porque falhamos, voltamos ao ponto de partida e lá continuaremos, enquanto não tivermos traçado definida e definitivamente a linha que da nossa existência se orienta para a essência que somos, pressentimos, e não comprendemos e que *sabemos* que um dia iremos alcançar.

O Espiritismo ergue-se a nossos olhos

---

(1) A existência actual é simplesmente suportada. É improfícuo criticar as causas duma actualidade desde que dessa crítica não resulte uma modificação posterior da existência, daquilo que é hoje meramente potencial. Afirmar ou até argumentar a falsidade ou insuficiência dum determinado «credo» é pura falácia enquanto existirem homens que pautem a sua vida por esse credo, que aceitem a «revelação» duma verdade que não pode nem deverá ser discutida.

(2) V. conceito de infusão ou auto-projecção emotiva in «Estética Contemporânea», de E. Meumann.

como uma realidade de tríplice aspecto — científico, filosófico e religioso.

Sobre a análise exaustiva do fenómeno, sobre a experiência, ergue um mundo de deduções. Delineia uma metapsicologia experimental, uma ciência auxiliar da Psicologia geral. Enquanto observa, segue o caminho da ciência, mas logo que procura as causas últimas do fenómeno,penetra no campo da Filosofia (metafísica psicológica, moral e cosmologia racional). Induz um Princípio necessário, um Pensamento criador e director do tudo que evolui e procura a perfeita posição do homem perante esse ser, livre de apriorismos, vogando sempre numa corrente de ficção aposteriorística.

O Espiritismo é uma realidade objectiva e subjectiva, porque partindo do inegável do fenómeno segue audaciosamente para responder aos problemas essenciais da natureza humana. Uma teoria completa? Indubitàvelmente não; há muitos pontos por burilar, questões particulares por resolver.

Uma verdade? Sim, uma verdade humana. Mas a verdade absoluta?...

Quem, na Terra, ousará falar em termos de absoluto? O absoluto é característica de essência e nós... não passamos duma existência bem relativa, bem apertada em limites estreitos. A Verdade, a Verdade absoluta (e não apenas *uma* verdade actual-geral) queremos nós ver, mas essa só a encontraremos quando não mais tivermos necessidade de voltar ao campo das vivências terrenas, quando tivermos transcendido toda a existência.

Milhões de homens espalhados pelos quatro cantos do mundo atestam a suprema realidade do Espiritismo. É por eles e neles que se manifesta essa realidade, impossível de ignorar ou esquecer. Milhões que no Brasil levantam uma obra social de vastíssimas proporções; milhões que nos Estados Unidos levam o Espiritismo a ser apelidado de «fenómeno do século XX»; milhões que na Grã-Bretanha epigem a abolição de leis injustas (1); milhões representados no Congresso Espirita Pan-Americano; milhões que sorriem às injúrias e perseguições da intolerância humana. Milhões discutindo e aceitando livremente conclusões do Espiritismo. Essa é a suprema força e a grande realidade do Espiritismo!

(1) Refiro-me a leis que vêm do séc. XVI pelas quais os «mediuns» podem ser condenados como «bruxos» e «feiticeiros»...

Amigos de "Estudos Psíquicos"

Graças a Deus!

Mercê do auxílio providencial de bons amigos de «Estudos Psíquicos», temos singrado regularmente, enfrentando enormes despesas e mais animados nesta íngreme escalada.

Como terão visto, grande é o nosso esforço no tocante à expansão desta revista, sobretudo em terras brasileiras, na ânsia de lhe conseguir base sólida que lhe permita vencer todos os obstáculos.

Temos visto nascer e morrer dezenas de publicações que se apresentaram com grandes optimismos. Graças a Deus, ainda respiramos e todos os nossos compromissos foram satisfeitos no praso marcado. Esperamos continuar a vencer os obstáculos da jornada. *Estudos Psíquicos* pertence à Causa Espirita luso-brasileira e por ela lutará sempre com entusiasmo, na certeza de cumprir um dever, satisfazendo ao mesmo tempo imperativos do coração.

Acusamos a recepção dos seguintes donativos, que agradecemos:

F. M. G., do Rio de Janeiro, por livros oferecidos	**1.000$00**
Um Amigo de Sempre	**500$00**
Fernando da Cruz Ferreira	**270$00**
Centro Espirita Amor, Caridade, Esperança, do Rio de Janeiro	**100$00**
Celestino Pinto de Figueiredo, de Silva Porto, Angola	**25$00**
	1.895$00

RETALHOS...

pelo Coronel Faure da Rosa

OSCILAÇÃO CELULAR

Segundo Lakhovsky, todo o ser vivo recebe e emite ondas electromagnéticas, o que, assim explicaria as misteriosas faculdades de orientação de numerosos animais, entre outros os animais de actividade noturna.

O professor Sordillo Atili, de Roma, apreciando a teoria de Lakhovsky da oscilação celular, explica que uma célula é constituida esquemàticamente pelo protoplasma cercada pela membrana celular. No protoplasma está metido o núcleo constituido por um filamento tubular que contém o liquido condutor envolvido numa substância cromática isoladora. Esta célula pode, pois, ser considerada como um círculo oscilante microscópico, dotado de um comprimento de onda curtissimo.

Efectivamente, o núcleo aproxima-se muitissimo do círculo oscilante de Hertz, porque é um verdadeiro círculo eléctrico dotado de auto-indução com capacidade, e, por consequência, susceptivel de oscilar e de repercurtir-se a uma frequência muito elevada. A bobina de indução é constituida pela espira que apresenta o filamento do núcleo; o condensador é formado pela capacidade existente entre os dois extremos do próprio filamento.

Destas premissas conclui Lakhovsky que a vida é constituida por oscilações de células e, por conseguinte, que ela nasce da radiação à qual continua a estar ligada.

A harmonia das vibrações celulares assegura as funções vitais normais; o desequilíbrio dessas vibrações por virtude de causas externas ou internas, cria os estados mórbidos. Desta maneira Lakhovsky explica as doenças tais como a gota, a diabetes e a obesidade, e ainda a acção dos micróbios patogénicos.

Lakhovsky afirma que todos os seres vivos são assimiláveis a circuitos oscilantes de frequência muito alta.

As suas experiências interessaram os metapsiquistas, porque os fenómenos psíquicos, muito verosimilmente, põem em actividade essas misteriosas radiações. E isto pode contribuir para fazer luz sobre a mecânica do determinismo das manifestações supranormais.

O MILAGRE DE S. NICOLAU

Na novela com esta denominação, conta Anatole France que Sulpício — um dos três meninos espostejados por um estalajadeiro e conservados num banho de salmoira e sete anos depois ressuscitados por S. Nicolau — Sulpício sustentava perante e contra os seus superiores que não existia verdadeiro papa desde que os milagres deixaram de acompanhar a eleição dos soberanos pontífices. Afirmava também que não existe a verdadeira Igreja desde que os cristãos cessaram de fazer a vida dos apóstolos e dos primeiros fieis; que não existe o purgatório; que é desnecessária a confissão feita a um padre quando o crente se confessa a Deus; que os homens procedem mal quando utilizam moeda de ouro e de prata, pois deviam pôr em comum todos os bens da terra. As leis criadas pelos homens quando contrariem as leis naturais, cedo ou tarde vêm a cair.

«As leis naturais são as condições essenciais segundo as quais tudo se executa na ordem instituida pelo Autor da Natureza», — escreve Dupont de Nemours.

ELECTRO-ENCEFALÓGRAFO

Este aparelho, baseado na descoberta das ondas «alfa» emitidas pelo cérebro humano. é uma espécie de capacete de cobre com diversos contactos eléctricos, semelhante ao que é usado para fazer a «permanente» das damas.

A enfermeira limita-se a vigiar, numa mesa próxima, as bobinas e aparelhos registadores, iguais aos barómetros de rolo que se vêem nos escaparates das casas de artigos ópticos.

Sabe-se agora que o comprimento das ondas «Alfa» varia entre sessenta centímetros e um metro. Obtiveram-se duas certezas capitais, afirmam os experimentadores: a primeira é que existe, fisicamente, uma relação directa entre o cérebro humano e o éter cósmico, relação que eles entendem poder explicar os fenómenos misteriosos da radiestesia e da criptestesia; a segunda é que as ondas demasiado longas ou demasiado curtas denotam anomalias mentais.

A «relação directa» com o éter cósmico deve existir não só com o cérebro humano, mas também com o corpo étereo ou perispírito, o que permite compreender melhor a «relação psíquica» entre os viventes da Terra e os do Além.

DOIS CASOS DE PREMONIÇÃO

Sampaio Bruno, no seu livro «A Ideia de Deus», confessa-se sujeito a alucinações auditivas. Conta que, em moço, depois de acalorada discussão entre

rapazes da sua idade acerca do jogo e seus precalços, resolvera ir sozinho «ao respeitável estabelecimento» que lhe inspirava confiança por lhe ouvir chamar *A do padre*.

Depois de se ter sentado à banca da roleta sentiu uma mão subtil pousar-lhe no ombro. «Como que uma sombra morna e doce a sente» — descreve ele — «morna e doce, a qual se me acercava do rosto; o perfumoso afago de uns cabelos inefáveis inebriava-me». Então ouviu distintamente uma voz que lhe dizia, com inflexão recôndita e meiga:

— *Vamos agora. Garanto-te que ganhas. Joga no número «tantos»*.

Sampaio Bruno ficou indeciso, como que atordoado. Quando recuperou a serenidade e procurava uma moeda maior para jogar, era tarde: a bola já repousava na casota e o banqueiro pronunciava o número que ganhara; era precisamente aquele que ouvira.

Segundo caso. Sampaio Bruno e João Chagas estavam exilados em Paris, por motivos políticos. Os seus recursos pecuniários eram tão escassos, que, a certa altura se encontraram na penúria, sem um franco na algibeira. Resolveram partir: João Chagas para Portugal e Sampaio Bruno para uma pequena aldeia em Espanha. Trataram, pois, de conseguir os meios para pôr em prática aquela resolução. Tiveram uma discussão em que trocaram palavras arrebatadas, em que foram recìprocamente injustos. Separaram-se com uma polidez glacial; e assim se conservaram durante dias.

Sem nada dizer a João Chagas, Bruno partiu para Bordeus e dali para Salamanca onde se hospedou.

Ao entrar na casa de hospedes preveniu que o acordassem às 4 da manhã, pois resolvera seguir no comboio ordinário das 5 para Barca d'Alva.

Deitou-se, apagou a luz e conciliou o sono. Não estava nem bem acordado nem bem a dormir. Sobre a vigília predominava o sono. O sonho prolongava-se na vigília; não havia solução de continuidade entre o que a consciência recorda como pesadelo *passado* e o que ela regista como efectividade *presente*.

A certa altura, sentiu que uma *mesma* mão pousava sobre o seu ombro, e uma *mesma* voz meiga lhe dizia, recôndita: *Ora ouve. Tu que estás, mais ou menos, a mal com o Chagas, há-de-te ser desagradável, agora, encontrar-te, inesperadamente com ele. Por isso, toma o meu conselho. Não sigas neste comboio. Que, se seguires, eu to garanto, vais encontrar-te com o Chagas. Atende-me; não vás neste comboio.*

Sampaio Bruno declara que se lhe eriçaram os cabelos e que um inextricável nó lhe estrangulou a garganta. Ergueu-se.

Lavando-se e vestindo-se para tomar o comboio em que resolvera seguir, Sampaio Bruno ia pensando, materialmente, na impossibilidade *material* de se encontrar com João Chagas que ele sabia retido em Paris por apremiantes circunstâncias económicas, que dificilmente, impossivelmente poderia, na regra costumeira, vencer de pronto. Além de que, Bruno também sabia que era deliberado propósito de Chagas torcer caminho e entrar em Portugal por Badajoz.

Deste raciocínio resultava, portanto, *positivamente* impossivel encontrar-se com João Chagas.

Deu-se ares de audácia para o desconhecido, reptou o mistério. Ricanou para o sonho: «*Vou desobedecer-te. E ouso esperar que não me desmintas. Ou, senão, vamos lá a ver se me encontro, com efeito, com o João Chagas*».

Em Fuente de Santo Esteban, quando voltava para o seu compartimento — depois de tomar um chocolate no restaurante — um zumbido lhe fulgiu aos ouvidos; e a *mesma* voz, agora descida um quarto de tom, lhe disse, com branda inflexão, ao de leve maliciosa, levemente risonha:

— *Ora, vais agora ver o* Chagas.

Sampaio Bruno sorriu-se e pensou: «*Também tinha sua graça, na verdade*».

Porém, de seguro, devera haver-se tornado lívido, porque teve a súbita impressão de que o sangue se lhe coalhara, todo, nas veias, ao ouvir, nesse instante a bem conhecida voz de João Chagas dizer em francês:

— *Minha senhora, queira ter a bondade de mandar acomodar as minhas malas naquela carruagem de primeira.*

Mais tarde, no Porto, João Chagas contou-lhe como tinham sido resolvidas as instantes dificuldades que se lhe afiguraram de grande demora.

João Chagas tinha, efectivamente, resolvido entrar em Portugal por Badajoz; mas mercê de um engano, tiraram-lhe bilhete para Boadilha. Em Boadilha ficara um dia inteiro. Depois, por um outro equívoco, o moço do restaurante comprara-lhe o bilhete para Barca d'Alva e não para Vilar Formoso, consoante ele lhe ordenara.

Um Ser Supra Sensível

Uma das mais belas lições que se podem tirar da estrutura sucessiva (escalonada por estractos) da natureza humana, a partir das suas mais ínfimas camadas, consiste em se mostrar assim com que irresistível necessidade o homem (no mesmo momento em que se torna homem pelo acordar da consciência de si mesmo e do mundo e pela objecção da sua própria natureza psicofísica, como características supremas do Espírito) apreende imediatamente a ideia formal dum ser supra-sensível, infinito e absoluto.

MAX SCHELER («Die Stellung des Menschen im Kosmos»)

SIR ARTUR CONAN DOYLE

O GENIAL CRIADOR DE "SHERLOCK - HOLMES"

No dia 7 de Julho fez 17 anos que desencarnou em Windlesham, Crowborough, Inglaterra, um dos mais populares escritores de todos os tempos e figura proeminente do Espiritismo que afrontou o ridículo de seus pares com serenidade e nobreza de quem sente a verdade de uma convicção e tem língua para manifestá-la. Esse homem foi Sir Artur Conan Doyle, nascido em 1859 e formado em medicina pela Universidade de Edimburgo.

Antes de abraçar a nossa Doutrina, dedicou-se ao romance e à novela policial e seus trabalhos neste sentido correram mundo traduzidos em todas as línguas. Foi o criador da figura conhecidíssima de Sherlock-Holmes, o célebre polícia-amador que tamanho interesse e emoção despertou nos adolescentes das duas últimas gerações.

Neste momento, algumas obras suas são editadas em Lisboa e se exibem nos escaparates dos livreiros.

Não é, porém, do literato, do historiador e do médico, que vamos falar aos leitores de «Estudos Psíquicos». É do papel que desempenhou na propaganda do nosso sector, após ter abandonado o agnosticismo, em plena guerra de 1914. Notemos que o seu interesse por estes assuntos vem de 1886, dois anos depois de haver terminado a formatura. Era materialista-deista, quando assistiu às primeiras sessões com a mesa de pé-de-galo e leu as *Memórias do Juiz Edmonds*. O seu interesse, ou antes curiosidade, mesclava-se de cepticismo; mas lia todos os livros congéneres que apareciam: «Enquanto considerei o Espiritismo como ilusão vulgar de ignorantes, tratei-o com desprezo. Mas quando o vi apoiado por sábios como Crookes, o maior químico ingles, por Wallace, o rival de Darwin, e por Flammarion, o mais conhecido dos astrónomos, já não pude desprezá-lo».

O relatório da Sociedade Dialética de Londres impressionou-o muito e em 1891 ingressou, como sócio, nesssa douta agremiação.

A Personalidade Humana, de F. Myers, foi talvez o livro que mais contribuiu para que ele aceitasse o Espiritismo. Agora, já pouco lhe interessavam os fenómenos em si. O que o preocupava era o conteudo das mensagens.

— Então a inteligência humana podia continuar a existir, mesmo depois da morte do corpo?

O terreno fugia-lhe debaixo dos pés. Onde estava o seu agnosticismo?...

SIR ARTUR CONAN DOYLE

///

Mas o nosso objectivo não é biografar o grande escritor inglês, que pertence ao público e à literatura. Queremos dar apenas alguns traços do seu carácter e do seu labor na defesa da Causa e lembrar que sua esposa, Lady Conan Doyle, foi a Egéria providencial que o amparou e confortou nas suas digressões de propaganda, embora a princípio o contrariasse nos estudos psíquicos, por julgá-los perigosos.

Contudo, as suas próprias experiências convenceram-na do contrário, através da comunicação de um irmão carnal que fora morto em Mons e lhe dera identificiações que lhe minaram a descrença.

Mulher devotada, viu-se algumas vezes obrigada a afastar-se dos filhos; amante do lar, teve que abandoná-lo para acompanhar o marido; receosa do mar, fez inúmeras viagens. Percorreu mais de 60.000 milhas. A sua gracilidade, o seu bom humor, o seu fino trato e a simpatia que irradiava, tudo isto aliado ao papel de conselheira junto de Sir Conan Doyle, transformaram o trabalho do escritor em fonte perene de alegria.

O médico célebre e o novelista vibrante desapareceram, por fim, sob o entusiasmo do espiritista que

não temia o sarcasmo e o riso zombeteiro dos *espíritos fortes*. Corroborava a frase de Roosevelt: *A maior satisfação de um homem é lutar por causas impopulares que reputo de verdadeiras.*

E, assim, fez uma viagem à África do Sul. Esteve no Cabo da Boa Esperança, na Rodésia e em Nairobi, onde falou a auditórios de 10.000 pessoas, sempre escutado com admiração e interesse.

Conan Doyle falava bem. «Em três anos de seguidas conferências — escreve ele — durante os quais visitei quase todas as nossas cidades importantes, nunca fui interrompido e tenho a convicção de jamais haver maçado os ouvintes».

Convencera-se de que o Espiritismo era mensagem revolucionária de alta importância humanista, não só para a ciência, para a medicina e para a criminologia, mas também destinada à filosofia e à religião. Era uma revelação de verdade, antiga como as velhas legendas e transformada em água fresca a jorrar com força da nascente...

///

Foi um grande defensor dos médiuns. Demonstrou-o durante a gerência do ministro do interior William Johnson Hicks. A sua palavra combateu denodadamente o decantado *Wagrancy Act*, essa estranha lei de há dois séculos que os juizes ingleses tiram do pó, a fim de a aplicarem aos médiuns modernos, como se fossem «ladrões e vagabundos!».

— Sente-se que o Espiritismo é a única doutrina sem liberdade religiosa! — exclamava ele —. Os negros da África e dos nossos Domínios têm liberdade religiosa, ao contrário dos espiritistas da Metrópole. Eis, porque resolvo lutar até o fim contra esta anomalia!

Isto dizia Sir Artur Conan Doyle uma semama antes de abandonar a terra. Os espiritistas ignoram o extraordinário esforço que ele despendeu durante mais de 20 anos em prol da Doutrina, escrevendo, falando e gastando rios de dinheiro.

Publicou alguns livros acerca do Espiritismo, entre eles, «The New Revelation» (A Nova Revelação), «The Vital Message» (A Mensagem Vital), e «Memoires and Adventures» (Memórias e Aventuras); todavia, a sua obra de maior fôlego é a *História do Espiritualismo Experimental*, em dois grandes volumes.

///

Sir Artur Conan Doyle era, ao mesmo tempo, homem generoso e bonacheirão. Sua esposa contou a um jornal inglês o seguinte facto que revela a extrema bondade deste pioneiro que chegou a dirigir o movimento espirita na Grã-Bretanha:

«Um dia regressava ele de um passeio, quando encontrou à porta um mendigo quase descalço a pedir que lhe desse alguma coisa. Meu marido descalçou as botas e deu-as ao pobre homem. Acções destas eram coisas vulgares na sua vida de relação».

Iluminou e animou milhões de almas:

«There is no Death,
What seems so is Transiton».

Não há morte; o que há é transição. E assim é, de facto.

Na última edição do seu livro «Memórias e Aventuras», escrevia: «*O leitor julgará que tenho tido muitas aventuras. A maior e mais gloriosa de todas é a que me espera agora*». Referia-se à viagem da morte.

///

Pouco tempo depois iniciava essa viagem misteriosa. Os seus restos mortais foram sepultados no jardim onde trabalhava. Junto ao túmulo, grandes árvores erectas, como sentinelas gigantescas; ao lado, lindos tufos de verdura e canteiros de flores variegadas e odoríferas.

O caixão ia coberto de flores. Poucas pessoas de luto. Sua esposa vestia verde-escuro. Miss Jean Doyle ia de cinzento. Sua irmã Mary Doyle ia de castanho-escuro. Ele não queria ambientes de câmara mortuária; queria luzes acesas e janelas abertas.

As últimas palavras do homem foram para sua espôsa: «You are wonderfull!» (Tu és admirável!). Para ela foi também a sua primeira mensagem do Além...

Já lá vão 17 anos e parece que foi ontem. Como o tempo corre! Há pouco eramos adolescentes, estuantes de vida. Agora, os cabelos brancos são nossos companheiros de viagem...

Não importa. Este mundo tem janelas para a eternidade. Pois não disse Adrian Doyle ao *Daily Herald:* «Meu pai estava convencido de que, após a morte, continuaria junto de nós»?...

///

A título de curiosidade, damos a seguir o conteudo de um disco, intitulado «O depoimento de Conan Doyle», editado pela *Gramophone Company, Ltd.* algumas semanas antes do passamento do escritor. Trasladamo-lo da *International Psychic Gazette*, de Outubro de 1930. É uma espécie de autobiografia, inteiramente desconhecida do público português. Ei-lo:

O DEPOIMENTO DE CONAN DOYLE

Há duas perguntas que os meus amigos me fazem continuamente. Uma é «Como escreveu o Sherlock-Homes?» e a outra é «Como se tornou espirita e o que pensa do Espiritismo em geral?».

Com respeito a «Sherlock-Holmes», quando o escrevi era médico novato educado numa escola de crítica severa, sob a influência do Dr. Bell, de Edinburg, que tinha notáveis faculdades de observação, pois orgulhava-se de lhe bastarem algumas palavras

de conversa com um doente, para diagnosticar a enfermidade e também, não raro, a sua ocupação e sítio onde morava.

Lendo alguns romances policiais, notei que o resultado da acção era quase sempre obra do acaso, à excepção das três modelares novelas de Edgar Allen Poë, que nunca passaram de moda.

E assim me lembrei de escrever uma novela em que o protagonista tratasse o crime como o Dr. Bell tratava as doenças e onde a ciência substituisse o acaso.

Surgiu então o «Sherlock-Holmes» e confesso que o resultado me surpreendeu muitíssimo, por saber que algumas escolas policiais de França, do Egito, da China, etc., haviam baseado os seus trabalhos no sistema de Holmes.

Muita gente havia que julgava «Cherlock-Holmes» autêntica personalidade. Cheguei a receber numerosas cartas de todas as partes do mundo, algumas delas a ele endereçadas, com pedidos muito gentis e até uma promessa de casamento. Quanto ao seu autógrafo... os pedidos eram constantes.

Agora, um assunto mais sério. A minha educação médica nos tempos de Huxley e Haeckel conduziu-me ao agnosticismo em matéria de religião e por isso não acreditava que sobrevivêssemos à morte. Sempre encarei com simpatia todas as ideias novas, por estar convencido de que o homem morre mentalmente, quando fecha o entendimento. Nestas circunstâncias, assisti em 1878 a curiosas experiências psíquicas, sobretudo no domínio da telepatia, que verifiquei por mim próprio em treinos com um amigo.

A questão punha-se da seguinte forma: se dois espíritos encarnados podiam comunicar entre si, seria possivel aos desencarnados comunicar com os que estavam na carne? E durante mais de vinte anos estudei o assunto e cheguei à conclusão de que, sem a menor dúvida, as comunicações eram possíveis.

Eu podia apresentar centenas de exemplos para prova da minha tese, mas basta referir-me à literatura existente. As minhas provas baseiam-se em experiências pessoais, à semelhança dos trabalhos de grandes homens, como Sir William Crookes, Myers, Dr. Russel Wallace e outros. Quando toda a gente perguntava, antes da guerra de 1914, «Onde estão os nossos filhos mortos?», sem que houvesse resposta satisfatória dada pelas igrejas, e pela ciência, ainda eu não estava apto a falar desta matéria transcendente. Mas foi então que eu e minha mulher vimos que o nosso conhecimento do assunto era de enorme importância e que podiamos responder a essa pergunta universal.

Doze anos de vida levámos nós a comunicar aos outros o resultado de nossas experiências, no decurso dos quais percorremos 75.000 milhas e falámos a 20.000 pessoas. Semelhante esforço arrazou-me. Enfraqueceu-me o coração e inutilizou-me por algum tempo. Mas talvez que através deste disco eu possa dizer uma palavra a novos ouvintes de todo o mundo.

Neste novo conhecimento, coisa alguma existe que destrua a base da nossa crença actual; pelo contrário, dá-nos conhecimento e sentimento de segurança, como nenhum outro sistema filosófico nos deu ainda.

Todas as religiões afirmam que vivemos após a morte do corpo e a prova desta verdade é para mim o maior trabalho realizado neste século de peplexidade e materialismo, quando homens bons e sérios duvidam honestamente de que a morte seja o fim de tudo.

Perguntam-me: «Que nos dá o Espiritismo?». A primeira coisa que nos dá é extinguir em nós todo o receio da morte, e a segunda é estabelecer o contacto entre nós e os entes que perdemos.

Não temos necessidade de chamá-los; apenas nos compete preparar o ambiente que lhes proporcione a vinda, se eles quiserem vir. A iniciativa pertence-lhes. Eles têm-nos dito muitas vezes que só poderão vir quando Deus lhes permita e que se sentem imensamente felizes se nos podem confortar, falando-nos acerca da sua vida, no mundo em que vivem e ao qual nos destinamos.

O vulgo diz que do Além só nos vêm trivialidades. Efectivamente, alguma verdade existe nesta afirmação. Se, por exemplo, um ente querido vier até mim, não conseguirá provar a identidade discutindo elevados temas, mas fazendo-me lembrar coisas particulares só conhecidas de nós ambos. Em contacto com espíritos mais puros, obtemos sublimes ensinamentos religiosos altamente inspirados.

Infelizmente, a imprensa fala do Espiritismo, quando a fraude e a loucura estão em causa. A fraude e a loucura existem, como todas as coisas; mas, em regra, a imprensa não se refere aos milhares de casos em que a consolação e a verdade inundam as almas sofredoras.

Nós trazemos importantes e novos factos que revolucionarão o pensamento humano, do ponto de vista religioso e científico. Eis o grande problema do futuro, que transformará a religião numa coisa viva e real, desfazendo todas as dúvidas a respeito da bondade de Deus e do destino da humanidade, desde que estejamos em ligação com os que são mais elevados do que nós. A chamada «Comunhão dos Santos» será então uma realidade estabelecida.

I. D. S.

Ler no próximo número:

Tendências do Movimento Espirita Brasileiro, interessante trabalho de Deolindo Amorim, nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro.

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XVIII

Estando eles porém ceando, tomou Jesus o pão, e o benzeu, e partiu-o, e deu-o a seus discípulos, e disse: Tomai e comei; este é o meu corpo.

E tomando o cálice, deu graças, e deu-lho dizendo: Bebei dele todos; Porque este é o meu sangue do Novo Testamento, que será derramado por muitos para remissão de pecados.

MATEUS, XXVI, 26 a 28

Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. Aqui está o pão que desceu do Céu.

JOÃO, VI, 54 e 59

Na Sinagoga de Cafarnaum, os judeus cercavam o Mestre para o ouvir atentamente e poderem depois discutir com Ele sobre as coisas extraordinárias que lhes dizia.

Murmuravam, como seus avós tinham murmurado a respeito dos ensinamentos de Deus, através dos seus profetas.

Era a Sinagoga um belo edifício de pedra, de uma brancura de marfim, abrindo à luz pura do Sol as suas portas e janelas finamente esculpidas, tendo sido oferecida à cidade pelo Centurião Romano a quem Jesus tinha curado um filho de grave enfermidade.

Ainda nos dias de hoje se lhe reconhecem, nas ruinas que dormem à beira do lago, as tradições da sua grande beleza.

E não é sem profunda emoção que contemplamos seu frontespício, onde se vê esculpido, entre dois cachos de uvas, o vaso contendo Maná.

Talvez os judeus o fixassem, quando acompanhavam, da praia até à Sinagoga, Jesus que na vespera, milagrosamente os alimentara, quando, a despeito do recente prodígio, ousavam ainda perguntar.

— Que sinais nos dais para que acreditemos em ti? Os nossos maiores comeram o Maná no deserto e no entanto morreram.

E o Senhor poisava talvez seus olhos divinos naquela figura simbólica, enquanto respondia:

— Os vossos antepassados comeram o maná no deserto e morreram... Aquele porém que comer do pão que eu lhe der, viverá eternamente.

Passava-se isto imediatamente a seguir à multiplicação dos pães, logo após a noite do milagre no lago.

A multidão, excitada, como na véspera, procurava o Senhor, queria-o, reclamava-o, sempre com o pensamento material do bem-estar e do lucro.

Os apóstolos, mais na intimidade do Mestre e mais esclarecidos, dominados ainda pelas maravilhosas emoções da noite, repetiam-lhe no coração o que tinham exclamado ao sair da barca, caindo de joelhos:

— Vós sois verdadeiramente o Filho de Deus.

A uns e outros ia Jesus propor o seu mistério, todo espiritual, profundamente íntimo entre a alma e Deus.

E à medida que Ele falava, nesta cidade, — a própria terra do milagre —, na Sinagoga que lhes recordava a cura do filho do Centurião romano, perante estes judeus, enfim, testemunhas e partes no grande prodígio da vespera, à medida que o Senhor falava, iam-se eles escapando, um a um, e deixavam-no só...

Os Judeus, enquanto julgaram tratar-se de um alimento material, não se perturbaram, mas ficaram desde logo abalados quando o Senhor, tirando-lhes essa esperança, lhes disse:

— Eu sou o pão.

E, na verdade, nunca palavras mais desconcertantes haviam soado aos ouvidos de povo mais carnal...

Jesus chamava a Si todos os que tinham fome, como outrora, no poço de Jacob, chamara os que tinham sede.

E assim como a samaritana respondera: «Dai-me dessa água», também eles responderam: «Dai-nos sempre desse pão», no mesmo sentido material e literal...

«A alma humana é susceptivel de uma fome sempre insaciável...

«O pensamento divino precizou-se na Sinagoga de Cafarnaum, no meio das objecções mesquinhas da incompreensão, ao mesmo tempo instintiva e voluntária.

«O pão que vos der é a minha carne para

a vida do mundo... Se vós não comerdes deste pão, não tereis vida em vós. O que come a minha carne e bebe o meu sangue, vive em mim e eu nele».

Perante esta misteriosa afirmação, respondeu um grito de horror:

— Como pode este homem dar a comer a sua própria carne?

E abandonaram-no escandalizados.

— E vós? — perguntou Jesus aos discípulos — Quereis ir-vos embora também?

O Senhor bem sabia que um deles o queria deixar... —, que dia a dia, mais se afastava dele.

E olhava o pequeno grupo, esses companheiros que ainda só imperfeitamente o compreendiam, mas que fiéis, confiantes nele, dele esperavam ainda a explicação e a luz.

— Para quem iremos nós, Senhor?, — respondeu Pedro que, nesta própria noite, fora para ele, caminhando sobre as ondas agitadas. Só vós tendes as palavras da Vida Eterna.

As três primeiras estrelas brilhavam já no Céu da Páscoa.

O triplo som das trombetas de prata dos sacerdotes anunciava que tinha começado a festa.

Um pouco depois achava-se Jesus com os apóstolos em Jerusalém, na ampla sala preparada a primor, ornamentada como um templo, de tapetes e festões de folhagens. Estavam acesas as lâmpadas e cerradas as portas.

Um espírito de inefável intimidade unia os discípulos ao seu Mestre bem amado.

Ele, o Senhor, acabava de lavar-lhes os pés, para os tornar inteiramente puros, e também humilde com o seu exemplo...

Disse-lhes então:

— Eu desejei, com o mais ardente desejo, comer convosco esta Páscoa.

Aquele de quem Jesus tinha dito, certo dia em Cafarnaum: «Um de vós é um demónio», o qual trazia escondido no cinto o preço do sangue do Mestre, tinha saido já, desaparecido na escuridão da noite...

Só se encontravam ali os amigos do Senhor, amigos muito mediocres, ainda bastante imperfeitos, pois, naquele mesmo momento, disputavam entre si, mordidos pela inveja, «qual era o maior entre eles».

Mas... no entanto, amigos afectuosos e verdadeiros, companheiros de todos os seus trabalhos.

João, o amigo das primeiras horas, repousava a cabeça no peito de Jesus.

O festim Pascal tinha terminado.

Como aquele que vai morrer e medita no supremo legado àqueles que mais amou, o Senhor, que no dia seguinte à mesma hora — bem o sabia — devia dormir ensanguentado no túmulo cavado na rocha, concentrou-se numa meditação inefável. Os Apóstolos conheciam-no bem. Havia três anos que o seguiam nesse florir de milagres, na beleza sobre-humana das suas doutrinas, nos movimentos de compaixão, nos carinhos, nas suas lágrimas...

Nunca, creio eu, teriam visto uma expressão tão sublime no divino rosto; nunca se tinham agrupado à volta d'Ele, mais cheios de amor e mais atentos.

Jesus tomou o pão, benzeu-o e deu-lho:

Isto é o meu corpo que será entregue por vós.

Tomou o cálicé e abençoou-o... «Bebei dele todos; este é o meu sangue que será derramado por vós. Quem não comer a minha carne e não beber o meu sangue, não tem parte comigo, não pode ser meu discípulo... Fazei isto em memória de mim».

A comunhão de crente com o Cristo não é uma comunhão platónica, que paira no terreno metafísico, vago, impreciso. É uma comunhão íntima, perfeita, integral. A carne e o sangue de Jesus são a carne e o sangue do crente, isto é, a vida do Cristo é a vida do crente. Há entre o crente e o Cristo uma transfusão de vida, de ideal, de sentimento e de acção.

O Vale de Shambala

«Não há muito tempo, apareceu no «Shanghai Times» e posteriormente em vários outros jornais, a sua viagem ao Vale de Shambala. Na sua importante narrativa, o dr. Lao-Tsin conta-nos a sua jornada, a Mongólia e o terreno acidentado do Vale, onde foi descobrir a morada de inúmeros Yogis que se dedicam ao estudo da Suprema Sabedoria. A sua narrativa referente aos laboratórios, aos templos e à famosa torre, é idêntica em todos os pormenores a descrições do célebre local colhidas noutras fontes. Contamos também as maravilhas científicas e as complexas experiências de telepatia e força de vontade levadas a feito pelos Yogis a grandes distâncias. E é significativo ver como a sua informação interessou diversos países».

(Do livro «Heart of Asia» « O Coração da Ásia), de Nicolas Roerich, traduzido por Raúl de Sepúlveda Fontes).

N.º 7
JULHO
1947

Página organizada
por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

Há seis meses que a «Página» nasceu. Tem tomado o seu leitinho e anda a pensar em mudar de alimento, mas decididamente não sabe que escolher, pois sempre deseja agradar aos caros meninos-leitores.

Quereis, meus queridos pequeninos, dizer-me o que mais gostarieis de ver publicado aqui — qual a especie de contos, de poesias, etc., mais adequados à nossa Página espirita?

Basta um postal, dirigido a Kylas, Estudos Psíquicos — Rua do Salitre, 149-1.º — Lisboa.

Conto com a vossa opinião.

Os agradecimentos e um abraço da irmã mais velha

Kylas

★

A Urna das Lágrimas

Era uma vez uma viuva que tinha uma filhinha muito linda, a quem adorava extremamente.

Não se separava dela um só instante, mas um dia a pequerrucha começou a sofrer, adoeceu e morreu.

A desditosa mãe, que tinha passado os dias e as noites sem repousar, julgou endoidecer de mágoa e de saudade.

Não comia; chorava e lamentava-se.

Uma noite em que estava acabrunhada, chorando, no mesmo lugar onde a filha tinha morrido, abriu-se de repente a porta do quarto e viu apareceu-lhe a sua querida filha, sorrindo com expressão angélica e trazendo nas mãos uma urna que vinha cheia até aos bordos.

— Oh! minha mãe! — disse ela—. Não chores mais! Olha, o Anjo das Lágrimas recolheu as tuas nesta urna! Se chorares mais, trasbordará e as tuas lágrimas correrão sobre mim, inquietando-me no além e perturbando a minha felicidade.

A pequenina desapareceu e a mãe não tornou a chorar para a não afligir...

Guerra Junqueiro

★

Porque toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

Apóstolo Paulo

Quando achares no silêncio
Os segredos da energia,
Terás penetrado a esfera
De paz e sabedoria.

Casimiro Cunha

★

As Três Peneiras

por António Boto

O pequeno Raul saiu da escola a comer, chegou a casa excitado e ao beijar a mãe, exclamou:

— Ja sabes o que dizem do António?...

— Espera lá, já me contas; mas antes de principiares, lembra-te das três peneiras...

— Quais peneiras, minha mãe?

— A primeira chamava-se Verdade. Tens a certeza de que é certo o que me queres dizer?

— Não; se é certo, não sei...

— Vês?... E a segunda, chama-se Benevolência. Será benevolente, será boa, essa notícia que me trazes?

— Não, minha mãe, não é boa...

— Vês? E a terceira, chama-se Necessidade. Será necessário repetires-me tudo isto que te contaram desse teu camarada e amigo?...

— Não, minha mãe...

— Pois se não é necessário nem benevolente, e talvez nem seja verdade, é preferivel, meu filho, calares a tua boca.

(De «*O Livro das Crianças*»)

O DESPERTADOR

por Casimiro Cunha

O relógio é o grande amigo
Na vida da criatura;
Acompanha-lhe a viagem
Desde o berço à sepultura.

Metódico, dedicado,
Movimentando os ponteiros,
Marca os risos infantis
E os gemidos derradeiros.

Revela oportunidades,
Mostra a benção do minuto,
Indica tempo à semente
Como indica tempo ao fruto.

Mas de todos os relógios
Que atendem cheios de amor,
É justo salientar
O amigo despertador.

Quando alguém dorme ao cansaço,
Ele vibra, ajuda e vela.
Ritmando o tic-tac,
Tem coisas de sentinela.

Na hora esperada e justa,
Pontual, invariável,
Chama à luta o companheiro
Em bulha desagradável.

O seu barulho interrompe
O repouso desejado,
Acorda-se sempre à força,
Levanta-se estremunhado.

Mas sòmente ao seu apelo
Há lembrança dos serviços,
Buscando in continenti
A zona dos compromissos.

Assim na vida comum,
Nas lutas de redenção,
Todo o tempo é precioso
Em qualquer situação.

Mas o tempo que nos fere
Em provas, serviço e dor,
É o melhor de todos eles,
É o nosso despertador.

(Da «Cartilha da Natureza»)

A VISÃO DE LUISINHA

Luisita subia a rua devagar. Trabalhara muito no escritório. A máquina maçava-a; doíam-lhe as costas e os braços estavam lassos.

Caminhava lentamente e recordava: Há seis meses que estava em Lisboa. Partira de sua casa — sua! como se sua pudesse chamar à casa em que já não vivia sua mãe —, partira de sua casa, porque compreendera que devia ganhar a vida sòzinha.

Lisboa.

Era lá que ela procurava empregar-se o mais ràpidamente possivel. Conservar-se-ia sempre no caminho do dever.

Pessoas amigas haviam-lhe arranjado aquele emprego. Não era pouco o trabalho; deixava-a extenuada, por vezes, mas não perdia a coragem.

Havia de vencer!

Haveria de conseguir trazer para junto de si o irmãozito. Não fora em vão que a mãe lho recomendara ao morrer. Haveria de vencer!

Naquele dia, contudo, sentia-se desanimada:

A fadiga? A falta de notícias do irmão? A casa vasia onde nunca mais ouvira uma voz amiga que lhe dissesse: «Boas tardes, Luisinha, como vens fatigada»?!

Não sabia. Do que tinha a certeza era de que estava triste, profundamente triste, desanimada. Nas colegas do emprego não podia confiar — tão fúteis, tão abonecadas!

Sentiu então um receio, um medo enorme: E se perdesse aquele entusismo que a levara a estudar à noite para completar o curso interrompido?

Se ainda tivesse a mãe, que tanta vez lhe dizia:

— Não percas a coragem, filha! Tu és capaz de fazer isso! O que tu fazes está bem feito, crê.

A confiança dos outros em nós dá-nos, por sua vez, confiança em nós próprios.

A sua mãe?

Mas..., naquele dia, se fosse viva, faria anos...

Sim, quarenta e sete bem contados.

Cumpria recordá-los. Como entre os aviadores, poria um talher em frente do seu — seria o dela.

Com mais gosto ainda faria o seu jantar.

... ...

Faz hoje quatro anos que tu morreste, mãezinha!

Que é morrer? Desaparecer para sempre?...

Não posso acreditar, não posso! É muito duro ficar sòzinha, pensando que partiste para sempre. Não vês que preciso dos teus conselhos, do teu encorajamento?

De rosto entre as mãos, Luisa chorava, abatida, deprimida como nunca, sem bem saber porquê.

Pensava em sua mãe, lembrava-se dela com saudade, num grande desejo de a tornar a ver.

Quê? Porquê aquele bem-estar que a invadia? Porque lhe voltava a confiança, lenta, muito lentamente?

Dir-se-ia que um sopro suave lhe bafejava o rosto molhado, procurando secar-lhe as lágrimas.

Foi tão nítida a impressão, que abriu as mãos e ergeu o rosto conservando ainda os olhos fechados.

Agora a carícia era mais suave: sentia-se bem, muito bem, mesmo.

Descerrou finalmente as pálpebras para logo as fechar e voltar a abrir.

Não, não podia crer: a sua mãezinha sorria-lhe do outro lado da mesa, precisamente no lugar que lhe reservara.

Esfregou os olhos, duvidando de si própria.

Não, a imagem mantinha-se nítida, quase real.

Caso estranho, não sentia medo. O sorriso da mãe inspirava-lhe tanta confiança, havia tanta ternura no seu olhar!...

— Mãe, és tu? És tu que vens dizer-me que não há morte, que não perca a coragem?

A visão sorria, sorria sempre...

— ... a coragem, sim. Não perder a coragem...

Depois deixou cair a cabeça no braço, já dobrado sobre a mesa. Estava lassa, mas confiante — confiava de novo em si própria.

A imagem desaparecia como um sonho e Luisinha adormecia encorajada por uma certeza, mais sentida que compreendida: a morte não existe — sua mãe continuava a viver e quebrara o desânimo que se apoderara dela, tal como anteriormente.

O Trolhita

O trolhita veio hoje passar o dia comigo, todo vestido com fato que já fora usado por seu pai e ainda salpicado de cal e gesso. Meu pai desejava ainda mais do que eu que ele viesse. Que prazer me deu! Apenas entrou, tirou o barrete esfarrapado e meteu-o no bolso. Depois, adiantando-se com o seu andar de operário fatigado e voltando para um e outro lado a sua carinha, redonda como uma maçã, e o seu nariz de rabanete, quando chegou à sala de jantar, deu uma olhadela em torno dos móveis, e, fixando a vista num quadro que representava o *Rigoleto*, um bobo corcunda, fez o *focinho de coelho*. É impossivel ficar sério ao vê-lo fazer o *focinho de coelho*.

Ele tem uma habilidade extraordinária para fazer túneis e pontes, que parece sustentarem-se por milagre, e trabalha com seriedade e a paciência de um homem. Enquanto ia erguendo torres, falou-me da sua família. Viveu em uma ilha, na Fontinha; o pai vai à escola nocturna aprender a ler e a mãe é brunideira. Compreende-se que o estimam muito, porque anda vestido como pobre, mas bem resguardado do frio, com a roupa bem remendada e a gravata muito bem posta pela mão de sua mãe. Diz que seu pai é um pedaço de homem, um gigante, que mal cabe pela porta, mas bom. Chama sempre ao filho *Focinho de Coelho*.

Às quatro horas, merendámos sentados no sofá, e, quando nos levantámos, meu pai, não sei porquê, não quis que eu limpasse o espaldar que o trolhita tinha manchado de branco com a sua jaqueta. Segurou-me na mão e, depois, limpou-o ele, às escondidas.

Enquanto bincávamos, o trolhita perdeu um botão da sua jaqueta e minha mãe pregou-lho. Ele fez-se encarnado e esteve a vê-la coser, todo maravilhado e confuso, contendo a respiração. Depois mostrei-lhe álbuns de caricaturas, e ele, insensivelmente, imitava as expressões delas tão bem, que até meu pai se ria.

Ao sair, ia tão contente, que se esqueceu de pôr na cabeça o barrete esfarrapado; e, chegando ao patamar, para significar a sua gratidão, fez ainda o *focinho de coelho*. Chama-se António dos Santos e tem perto de 9 anos. Quando ele saiu, meu pai chamou-me e disseme:

— Sabes tu, meu filho, porque não quis que limpasses o sofá? Porque limpá-lo à vista do teu companheiro era quase censurá-lo pelo ter manchado e isso não era bonito. Primeiro, porque ele o não tinha feito de propósito; segundo, porque o tinha manchado com a roupa que fora de seu pai, o qual a salpicara de cal e gesso no seu trabalho, e o que se mancha no trabalho não se pode dizer sujo; são nódoas de cal, de verniz, de tudo aquilo que quiserem... mas não são porcarias. O trabalho não emporcalha. Nunca digas de um operário que vem do trabalho: «Está porco». Dize antes: «Tem no seu fato os sinais do seu ofício». Recorda-te bem disto. Eu quero bem ao trolhita, não só porque é teu companheiro, mas porque é filho de um operário honrado.

(«Leitura Para Meus Filhos», de **Alexandre Sarsfield**)

O Corpo

O óleo de fígado de bacalhau

Não, não, mãezinha! Não posso, não gosto nada do óleo de fígado de bacalhau!

— Não gostas, filho; talvez. Mas olha que te faz bem.

— Bem?! Tão amargo! Mas, a quê?

Quantos dos meninos assim falam! Pouco sabem sobre o óleo de fígado de bacalhau. Talvez que, conhecendo-o melhor, o estimem mais um pouco.

O óleo de fígado de bacalhau é muito empregado pelos esquimós, habitantes da Groenlândia e certas terras da América ártica. Usam-no eles contra a fadiga muscular.

Só veio para a Europa no século dezoito e os médicos franceses e ingleses é que primeiro o usaram, no tratamento do reumatismo crónico e mais tarde no do raquitismo.

É o único remédio de três males a um tempo: a debilidade, o raquitismo e as lesões ósseas.

Tanta coisa, não?

Toca a beber óleo à fartura, hein? Quem queira ser pequerrucho...

Mas cuidado, queridos meninos — o que é demais é erro. Nada de escorripichar a garrafa do «sumo» do fígado desse simpático peixinho, pescado nas costas da Noruega, nos mares que cercam as ilhas Lofoten, na Islândia, e nos bancos da Terra Nova...

As crianças, até à idade de 1 ano, apenas 5, 15 ou 20 gotas, segundo os meses; com mais de 1 ano, 1 colher das de chá por dia; o adulto, 2.

Nada, nada de xaropadas de óleo de fígado de bacalhau...

Entendido?

★

Buscas a paz do infinito
E a claridade sem véu?
Trabalha e auxilia ao mundo
Guardando a visão do céu.

Casimiro Cunha

★

Excesso de Tática

Em pleno combate, um oficial ao ver um pobre soldado a correr, para fugir ao perigo, volta-se para ele e diz-lhe:

— Aonde é que vais a correr tanto?

— Saberá o meu tenente que eu ouvi dizer que o mundo era redondo e por isso vou a correr para atacar o inimigo pelas costas...

ÂNSIA

A todo o instante eu digo dentro em mim:
— Não pode subir mais alto o meu amor!
Da sua altura, eu vejo, em derredor,
A Morte, a Vida, o Mundo, o Céu sem fim.

Com a minha alma, agora, eu falo assim.
Mas vou andando: e logo outro esplendor
Me deixa ver, em baixo, a sombra e a dor
Dos humanos caminhos de onde vim...

Pois amar é subir de monte em monte:
E a gente, — sempre a ver novo horizonte,
Chega à montanha, alarga o peito e o olhar.

E depois que chegou, tem pena, ainda,
De não subir mais alto, à luz infinda:
De não ser águia e não poder voar!

António Correia de Oliveira
(«Os Teus Sonetos»)

O FINAL DE UM ANO

por Sibil

Para as crianças, o final de um ano e o começo de outro despertam sempre alegria. É bom, para quem já não é novo, pensar no tempo que passou e encarar o futuro, porque já recebeu as lições da vida.

Os pequeninos esquecem com facilidade os dissabores, para só recordarem alegrias e prazeres. Quanto ao futuro, a esperança ilumina-lhes sempre o caminho. No entanto, não quero deixar de lhes dizer algumas palavras sobre o assunto, agora que mais um ano acabou.

De que servirá termos vivido esse ano, se não tirarmos dele os ensinamentos precisos para nos tornarmos melhores e evitarmos tudo aquilo que nos prejudicou ou prejudicou aqueles com quem vivemos?

Façamos um espécie de exame e tomemos a resolução de limar certas arestas do nosso génio, atenuar defeitos e, acima de tudo... dominar um pouco o nosso egoismo.

Se pensarmos bem no tempo que passou e quisermos ser francos perante nós próprios, devemos confessar que muitos dos minutos felizes do ano que findou o foram, não pela nossa própria alegria, mas pela alegria que demos aos outros. E quantas vezes não passaram um dia triste, mal dispostos, como se tivessem um espinho cravado no coração, só porque uma palavra má, um arrebatamento ocasionou um desgosto à vossa mãezinha ou a qualquer outra pessoa querida? Não o confessam, mas o remorso lá está a dizer-lhes que fizeram mal.

Um ano que finda é sempre uma lição. Aproveitem-na, amiguinhos, e tratem de evitar os males que resultaram dos vossos defeitos.

Se outros pesares vierem, aqueles que a vida, infalivelmente, traz a todos, encontrarão força para os suportar na boa vontade, na consciência do dever e no desejo de aperfeiçoamento.

E nessa espécie de programa para o ano que começou, não esqueçam os pobrezinhos. Muitos dos meus amiguinhos são pobres, lutam com dificuldades. Embora... Por pequenino que seja, dêem sempre um lugarzinho à caridade, reservem-lhe um cantinho da vossa vida e verão como se sentem felizes.

O valor da esmola não está na quantidade, mas na intenção.

★

Delicado

O pai — Detesto tomar o carro eléctrico às sete horas da tarde. Andam sempre cheios.

O filho pequeno — Mas o paizinho, hoje, teve lugar sentado...

O pai — Pois sim, mas tua mãe, coitada, bem teve de vir a pé contigo ao colo!

JESUS E O MENDIGO

por Ramos Pereira

Era uma vez um menino,
muito fraco e pequenino,
pedindo esmola na rua.
Os trapos mal o cobriam,
e os seus lábios não sorriam.
Que tristeza a vida sua!

No mundo estava sózinho,
sem ninguém, sem um carinho,
dias e dias sem pão.
E uma noite já cansado,
olhos no céu estrelado,
fez a Cristo uma oração.

«— Dizem que tu sentes pena,
em tua alma serena,
pelos pobres como eu.
Já não sei que sofrer mais.
Dá-me, Jesus, os meus pais,
dá-mos Jesus, Senhor meu!».

Olhos no alto, esperou...
E uma nova luz raiou
aclarando a noite escura.
Jesus ouvira a criança
e viera dar-lhe a esperança
num beijo cheio de Ternura.

As suas mãos luminosas
o afagaram, carinhosas,
e o mendigo adormeceu.
E a alma desse menino,
muito pobre e tão franzino,
no longe azul se perdeu.

Na fria manhã seguinte,
um andrajoso pedinte
viu aquele que morrera:
Seus olhos negros se abriam,
seus lábios inda sorriam
para a Luz que merecera.

O Judeu, o Escudeiro e as Perdizes

Queria um judeu atravessar certo reino com os seus haveres e, para isso, pediu ao respectivo rei um guarda que o acompanhasse.

Incumbiu disso o rei um escudeiro de confiança.

Ao chegarem a uma floresta, o escudeiro tirou da espada e, como pretendesse matar o judeu, este exclamou:

— Não me mates, porque, se o fizeres, aquelas perdizes, além, naquelas árvores, te irão denunciar.

Escarneceu dele o escudeiro, matou-o e roubou-lhe todo o dinheiro que levava.

Passados poucos dias, no paço, o rei comia perdizes à mesa. O escudeiro, quando as viu, pôs-se a rir com grande pasmo do soberano. Depois de jantar, chamou-o el-rei de parte, e dele inquiriu o motivo do riso. Não lho queria o escudeiro dizer, com medo. Porém o monarca com ameaças e blandícias, veio a final a saber a verdade toda.

Quando a soube, disse-lhe:

— Por certo, as perdizes te acusaram.

Ouviu sobre o caso o seu conselho e todos concordaram em que o escudeiro devia ser enforcado.

O que bem prova que tudo se vem a saber e por isso nada devemos fazer, supondo que fica oculto e ignorado.

Fabulário Português Medieval
Dr. Leite Vasconcelos
(adaptação)

O êxito obtém-se pela continuidade dos nossos esforços, dirigidos na mema direcção.

★

Aves e Anjos

Passarinhos... passarinhos...
Aconchegados nos ninhos,
Lares de amor doce e brando,
Pequeninos trovadores
Entre as árvores e as flores

Cantando...
Cantando...

Crianças, anjos suaves,
Mimosas quais bandos de aves
Cortando em céu claro e lindo,
Açucenas perfumadas,
Com pétalas orvalhadas

Sorrindo...
Sorrindo...

Hino terno de esperanças,
Vai-se com a Luz misturando
Tecendo as horas serenas
Das alegrias terrenas

Sorrindo...
Sorrindo...

Júlio Dinis

(Parnaso de Além Túmulo)

★

A instrução sem educação faz pedantes, cinicos e criminosos.

Chesterfield

AS QUALIDADES

A Verdade

Ser verdadeiro é uma bela qualidade

— Então, não se poderão contar histórias de fadas? Não se pode já dizer ao doente incurável que o mal há-de passar?

— Sim.

— Mas, então?...

— Mentir é pensar uma coisa e dizer outra.

Ainda que haja casos em que não devemos dizer a verdade, transmitir o que sabemos, para não roubar a tranquilidade ou a iniciativa a outrem, o certo é que a mentira maldosa tem de ser posta de lado.

A mentira condenável é só uma: a que prejudica o bem dos outros. O que diz mal de qualquer pessoa, por simples suspeita muitas vezes injustificada — calunia.

O que choraminga ou fala, gesticulando muito, querendo fazer-se passar por infeliz ou bom orador, engana.

O que julga elevar-se, troçando das qualidades e dos esforços dos companheiros — deprecia.

Todos mentem, porque todos dizem o contrário dos seus pensamentos.

Contudo, a mentira que mais magoa, é a que nos rouba a paz do espírito e as nossas convicções.

Suponham que um professor qualquer lhes ensinava moral cristã. Um dia, descobriam que ele mentia de vez em quando, para tornar as lições mais atraentes.

Digam-me agora:

Não deixariam de gostar dele e até da própria doutrina?

Isso não os levaria depois a duvidar de todos e até de si próprios?

Meditem nas minhas palavras — não queiram roubar a tranquilidade a ninguém.

★

Fábula

Um rebanho seguia estrada fora entre grande poeirada. Um carneiro pensativo ia na rectaguarda, mais afastado e solitário. Ao cheger a uma ponte, o carneiro da frente estacou, saltando da ponte a baixo, para dentro do regato.

Como é costume, todo o rebanho foi atrás dele. Só o carneiro filósofo ficou parado, fazendo as suas considerações:

— Não devemos imitar as tolices que os outros fazem. Eu cá, sigo o meu caminho.

E saltou pelo outro lado da ponte para dentro da água.

Extr.

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Tem a palavra Tito Zuzarte, um jovem que enfileira nesta cruzada de propaganda

Eis um «caso» dos mais simples e faceis de explicar. Não vim pela porta do fenómeno, como sucede a muitos outros, mas pela do estudo e da reflexão.

Por índole, sempre tive repugnância em aceitar como verdadeiro aquilo que não compreendia, que não podia estudar ou me parecia ilógico.

Por estas razões, não era católico porque o catolicismo assenta em dogmas e os dogmas não se podem estudar; não era materialista porque de maneira alguma admitia que este somatório de actividades orgânicas, psicológicas, sociais, políticas e económicas, que é o homem, tivesse ilógica e incompreensivelmente o seu fim na chamada morte.

Centenas de vezes fiz a mim mesmo estas perguntas:

— Para que serve a moral? Para que serve a justiça? Porque a uns o gozo e a outros o sofrimento? Porque há quem nasça aleijado, física e intelectualmente?

Se tudo tende para a morte e a morte é o fim, a justiça é uma força, a moral uma palavra vã e a honra um empecilho. Mas, como estes princípios são realidades incontestáveis, a morte não pode ser o fim.

Então, se a morte não é o fim, alguma coisa sobrevive... Por consequência, há alma.

Mas dizia-me o catolicismo: há infernos onde as penas são eternas. Sabendo isto, eu concluia que ou havia alguém com força superior a Deus ou Deus não era bom. Tinha medo da morte, porque era uma dúvida que me fazia sofrer e me trazia sobressaltado.

Comecei a procurar qualquer coisa, fosse religião, filosofia ou ciência, que me explicasse o *como*, o *porquê* e o *para quê* da minha existência. Eu *sabia* que o havia de encontrar. Julgo que, naquela altura, eu era espirita em *potência*, pois que, não o desejando ainda estudar nem conhecer, tinha conhecimento da explicação da existência do homem na terra.

Em minha casa, o ambiente, felizmente, era espirita. Meu pai é-o há muitos anos, mas nunca me tentou influenciar. Conhecendo o meu modo de pensar, inúmeras vezes me aconselhou o estudo do Espiritismo, chegando mesmo a indicar-me as melhores obras. Ria-me e admirava-me de como meu pai acreditava nestas patranhas de almas do outro mundo e coisas quejandas.

Mas um dia comecei a notar que, além de meu pai, outros havia com idoneidade científica e moral suficiente para se imporem a todo o mundo e muito mais a mim, ignorante adolescente. Seguindo conselhos e a voz da consciência comecei a ler Espiritismo e resolvi lê-lo, estudando-o. Kardec, Geley, Richet, Aksakoff, Martins Velho e por último Fred Wachsmann, elucidaram-me, lógica e cientificamente, sobre tudo o que eu desejava. Todos os *porquês* e *para quês* que tanto me atormentavam foram desaparecendo. E em lugar deles ia assentando arraiais na minha consciência, agora tranquila, a crença na realidade do Espiritismo.

Foi com prazer imenso que soube que em mim, além do invólucro corpóreo, existia um princípio energético que a final era eu mesmo. Foi com alegria que reconheci que esse princípio energético era a alma que sobrevivia à morte e que tornava a nascer em busca da tão desejada perfeição. Foi com orgulho e felicidade que adoptei e me deixei guiar por aquela moral que me diz: «sê complacente, sê caritativo, sê calmo, sê trabalhador, sê honesto». Foi com o bem-estar, que nos é dado pela compreensão, que compreendi a existência de aleijados, de idiotas e loucos. Foi com segurança que me confessei aos familiares e amigos como espirita convicto. E agora continuo estudando, pois ainda sou muito novo e o saber nunca é em excesso. E quanto mais estudo, mais espirita sou e mais o pretendo apregoar como néctar divino que consola e moraliza.

E quando me perguntam o que é o Espiritismo, eu respondo sintetizando-o da seguinte forma: É uma taça bela, imensa e sublime que tem, como sólida base a realidade científica dos factos que o informam.

Contingência Biológica do Homem

pelo Dr. Luiz di Cristóforo Postiglioni
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Buenos Aires)

(Tradução de I. D. S.)

Filosofia e Vida são duas concepções iluminadas pelas novas conquistas irrefutáveis de carácter científico que reveste a prova da realidade substancial do Ser. Essa concepção magnífica do grande Geley acerca do dinamo-psiquismo central coordenador e restaurador, artífice de seu destino, impulso central da individualidade, a própria individualidade e factor decisivo para considerar a evolução em particular e em geral, é, decididamente, a base do novo conceito filosófico como especulação máter no meridiano da cultura humanista e da Vida, tomada esta no sentido de representação superior a realizar-se em âmbitos humanos no tocante ao conhecimento actual do homem.

Em face de realidade tão grande e probatória da imortalidade do Ser, qual é a atitude acerca da concepção de Nietzche? Que fica do sentido humano de Ortega y Gasset? Que coisa resta do mundo, como o representou Unamuno? E, finalmente, que fica do conteudo de Crocce e da perspectiva de Maritain? E não fizemos estas referências ao acaso, por não haver dúvida alguma de que semelhantes nomes, respeitáveis e respeitados, sintetizam o preclaro no mundo das ideias e, por isso mesmo, na significação integral da Filosofia e da Vida, a primeira no sentido de interpretação e a outra no de significação.

A atitude ante o problema da vida é a própria vida, pois a cultura humana não é mero conteudo pessoal. A questão está em saber até onde ela continua e realiza o indivíduo.

Que papel desempenha a fé no panorama actual e que levou Henderson a dizer esta frase autorizada: «*Seria uma calamidade nesta época de temor, intranquilidade e incerteza...*» («La Nacion» de 22-7-947), e que significa o destino humano «*na liberdade de palavra, na liberdade de consciência e na liberdade pessoal*», sob cuja tripla afirmação se embandeira um programa de recuperação na dignidade humana fartamente espezinhada neste século de soberbia ímpia e descrente da transcendência humana, neste século grande no cimento armado e de alma anémica? A crise do mundo moderno levanta o grave problema da subsistência individual, frente a edonismos crueis e individualistas.

Que valor adquire agora a essência tomista perante o espírito turbulento e negador do transcendente no meridiano do homem? E que conserva ele do seu passado anímico, depois da tremenda experiência das bombas voadoras e das explosões atómicas?

Em face de tantas interrogações formuladas pela angústia humana, que se poderá oferecer acerca da génese, da essência e dos fundamentos humanos? Busca-se o renascimento daquilo a que se começou a chamar democracia e esquece-se a condição prévia de encarar o renascimento espiritual, moral e cultural do homem. E o que se apresenta não é só questão de capacidade; o próprio homem que, por exemplo, se esforça e consegue o amplo triunfo de propor, estruturar e compreender a teoria da relatividade, não pôde compreender a postulação, estruturação e viviscência da tese moral que procura recuperar a dignidade humana, jerarquizando-a em seu reencontro com Deus, fonte do Bem e da Sabedoria.

O homem tudo perderá se, compreendendo a teoria da relatividade, não for capaz de sentir Deus como origem, de sentir o conhecimento como meio e de sentir a fraternidade de todos os seres como fim. Fora destas permissas racionais, nenhuma filosofia, nenhum conhecimento científico, nenhuma informação cultural é digna de sobreviver neste momento difícil da humanidade.

A alegria de viver — que tanto se procura em vão — é consequência da noção de servir, pois se não se vive em acto de servir, vive-se uma ficção e não a realidade que o homem reclama anìmicamente. Esse desequilibrio provoca dor e angústia devido à ignorância humana que admite a realidade da sua própria expansão. Assim, drama é este, em que o homem reconhece cientificamente a expansão do universo e nega a sua verdadeira substancialidade divina!

O homem esquece-se de que suas memórias hão-de escrever-se, não em tiradas filosóficas e alambicadas, nem em fórmulas científicas abstractas, mas em factos, esculpidos em princípios de amor, em realizações menos estrondosas e, talvez por isso mesmo, mais difíceis de conseguir. Custa a viver o humano; deve-se servir fervorosamente o semelhante, criando ambientes fraternais. E devemos medir esta afirmação com estes factos: Até aqui, o homem tem provado que é mais fácil ser filósofo ou cientista, do que ser irmão do homem.

Não obstante, o homem deve realizar o destino do homem, porque o humano não é mera referência zoológica, pela mesma razão que o homem é outra coisa, além de elemento biológico em acção, sobre o qual se impõe como realização eterna. O Ser imortal adopta a contingência biológica para cumprimento de sua fase evolutiva, de sua marcha do inconsciente ao consciente. Essa eternidade hierarquiza a noção humana; e o Espiritismo, precisamente por ser uma

O ESPIRITISMO NO BRASIL

por José Simões de Matos

No desejo de levar aos meus patrícios e leitores de *ESTUDOS PSÍQUICOS* uma notícia sobre o Espiritismo no Brasil, valho-me de algumas notas da lavra do meu confrade e amigo Francisco Spinelli, Director da Hora Espirita Radiofónica da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, publicadas na *Reencarnação*, órgão da Federação Espirita deste Estado, que vos darão uma ideia do progresso de nossa doutrina nas terras de Santa Cruz, denominadas também *Pátria do Evangelho*, no dizer de um espírito amigo, Humberto de Campos, em suas mensagens, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, que integram a obra mediúnica: «Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho».

«É oportuno notar que, no Brasil, o desenvolvimento da Doutrina Espirita sediou-se de preferência nos corações, para servir de cultivo no burilamento moral e espiritual de seus adeptos. Contudo, tomou largas também em ambas as esferas, por isso que, ao lado de centros investigadores, onde o intercâmbio com os dois mundos se opera constantemente e sob múltiplas formas, se constroem creches, hospitais, asilos, escolas, abrigos, roupeiros, farmácias para distribuição gratuita de medicamentos, consultórios médicos e dentários, orfanatos e outras muitas obras de assistência, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul.

«No território nacional há, aproximadamente, 5.000 centros organizados, afora os grupos particulares, onde se estuda a Doutrina Espirita.

«Trinta e duas Organizações federativas se encontram nas principais cidades do Brasil e todas elas representam núcleos numerosos, situados em determinadas regiões. Ressalta entre elas a mais antiga que é a Federação Espirita Brasileira, com cerca de 70 anos de existência. A Imprensa Espirita conta com apreciável cociente. Mais de 300 periódicos se publicam no Brasil, jornais e revistas òptimamente cuidados, além de secções assíduas, diárias, em jornais profanos de São Paulo e Rio de Janeiro, em que a matéria espirita é desdobrada em duas ou mais colunas.

«Diversas livrarias editam obras espiritas, no Rio e em São Paulo. Para ilustrar diremos que uma delas, a da Federação Espirita Brasileira, publicou no último período de dez anos, mais de um milhão e quinhentos mil exemplares de livros espiritas. Essa mesma livraria de uma obra única — O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO — espalhou por todo o Brasil mais de 300 mil exemplares.

«Há nas fileiras do Espiritismo médicos, engenheiros, militares, estadistas, advogados, professores, jornalistas e outros portadores de títulos no plano intelectual do país. Esta ilustre síntese sirva de reflexo aos que, indiferentes ou não, só tenham julgado a doutrina virtual mente cristã que pregamos, pelo diapasão característico de seita prejudicial, diabólica, fábrica de loucos e de visionários, de ingénuos e de ignorantes!...

«Senhores! O Espiritismo nada vos exige, senão estudo e meditação, para que, por vós mesmos e pelas forças de vosso raciocínio, possais concluir pelo que ele é. Ele, como dizia Cairbar Schutel, «planta um lugar nos vossos corações, não para vos dominar, nem para vos cegar os olhos da razão, mas para erguer neles a flâmula sagrada da Fé, que ilumina os vossos destinos imortais». Ele, como Jesus, não precisa de vós, nem da vossa influência, nem do vosso dinheiro.

«Deseja sòmente dar-vos felicidade, tornar-vos cônscios de vossas situações, dos vossos deveres, do futuro promissor que vos espera.

«Ciência sem professores, Religião sem sacerdotes, grande laboratório de factos que se manifestam em toda a parte, o Espiritismo é o mais forte baluarte do progresso, o nosso mais poderoso ascensor para a Espiritualidade.

«Abordando todos os assuntos indispensáveis ao nosso desenvolvimento intelectual e moral, o Espiritismo é um Templo aberto a todas as

séria contribuição para nova metafísica, por ser a base doutrinária de nova psicologia experimental, apresenta-se como factor cultural de profunda significação humanista.

É preciso não esquecer isto, no momento em que assistimos à derrocada de uma civilização de cimento armado que ameaçou sepultar-nos em molhes de descrença, que ela inundou até aos próprios fundamentos humanos.

E o Espiritismo se ergue, precisamente para salvar-nos na integral acepção humana que lhe corresponde de facto e de direito.

almas, sem distinção de cores, de nacionalidade, de posição social, de fortuna! Ele, como Jesus, tanto se dirige ao sábio como ao ignorante, ao bom como ao mau, ao crente como ao descrente, ao justo como ao injusto. Imitando Jesus Cristo que, na Ceia Pascal, não deixou de dar um pedaço de pão e o cálice de vinho, bem como a palavra de regeneração, conforto e fé, ao próprio JUDAS, que ele sabia que o havia de trair, o Espiritismo também oferece o «pão do espírito» e o «vinho da Vida Imortal», a todos, sem excluir judeus e gentios, fiéis e infiéis. A sua palavra é o bálsamo que conforta, a luz que vivifica, o amor que salva.

«Religião progressista que une a Ciência à Fé; a Fé à Caridade; a Caridade à Humildade; a Humildade à ânsia de saber, de conhecer, de sondar o porquê das coisas, os Enigmas do Universo. O Espiritismo é incontestàvelmente o representante do Espírito Consolador, o Espírito da VERDADE, que JESUS prometeu na última Ceia aos seus discípulos e a todos os que lhe quiseram seguir os passos, para o alcance e posse das nossas mais nobres e belas aspirações espirituais».

Tal é a doutrina espirita cristã.

VITOR HUGO

Pegue você numa tonelada de bronze de canhões já acostumado a rugir, funda-o num clarim monstruoso; diga à tempestade — Sopra-lhe! — e terá o primeiro verso da ode a Vítor Hugo.

Arranje em seguida uma tonelada de oiro, derreta-o noutro clarim; diga a uma alvorada deslumbrante — Sopra-lhe! — e terá você o segundo verso do poema.

Finalmente, diga ao mesmo tempo a cem crianças; — Ride!, a cem cotovias — Cantai! — a cem estrelas — brilhai! —, e terá você o terceiro e último verso da epopeia.

Organize no alto do Sinai um terceto em que o tenor seja Isaias, o barítono Homero e a contralto Vénus, com os cabelos de oiro ainda orvalhados pela musselina alvissima das ondas do mar de Jónia — terá você um coro olímpico digno do autor dos «Chatiments», do «Sátiro» e das «Canções das Ruas e dos Bosques».

(Palavras de Junqueiro a um pedido de Fernando Leal, para que fizesse uma ode a Vítor Hugo).

Os nossos representantes

O confrade que aqui apresentamos veio até nós através do Professor Leopoldo Machado. Natural da cidade mineira de Ouro Preto, encontra-se em Natal, Estado do Rio Grande do Norte, Brasil, por ser oficial do exército e servir no 16.º Regimento de Infantaria, aquartelado naquela cidade.

Filipe Soares de Melo — este é o seu nome —,

FILIPE SOARES DE MELO

desde 1930 que milita nas nossas fileiras e tem desenvolvido grande actividade, a pesar do pouco tempo disponivel que lhe deixam as ocupações oficiais. Grande admirador de Allan Kardec, prefere a parte doutrinária como instrumento de educação, por lhe parecer que só esta poderá formar as novas gerações.

É Vice-presidente da Federação Espirita Norte-riograndense, Presidente do Centro Espirita Vitor Hugo, Vice-Presidente do Centro Espirita Amor e Caridade, orientador de vários núcleos espiritas da Capital do Estado e fundador e director de «O Consolador», boletim destinado à propaganda da Doutrina.

Além disso, representa a revista «LEESP», orgão da Liga Espirita do Estado de S. Paulo e a «Voz dos Espiritos», do Estado do Rio.

Soares de Melo será no Rio Grande do Norte um belo arauto de «Estudos Psiquicos» e de «Estudos Psíquicos Editora». A sua dedicação e a sua cultura muito farão pelo intercâmbio espirita luso-brasileiro.

Novo, cheio de vida e entusiasmo, homem de fé e homem de acção, como demonstra exuberantemente, este operoso confrade há-de honrar, tanto a nossa revista, como o amigo que o indicou.

Assim vamos firmando a propaganda em Terras de Santa Cruz, estendendo braços e apertando mãos amigas que se aprestam para a grande luta.

Benvindo seja este esforçado pioneiro! Que ele bendiga sempre a hora em que se ligou a «Estudos Psíquicos!».

INVESTIGAÇÕES EXPERIMENTAIS ACERCA DA MEDIUNIDADE

Tradução de I. D S.J

por Ernesto Moog
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Santiago do Chile)

Os trabalhos experimentais de desenvolvimento da enigmática faculdade ou qualidade psico-fisiológica denominada *mediunismo*, que se estão a realizar na Sociedade de Estudos Metapsíquicos do Chile, têm permitido recolher interessantes observações.

Neste artigo desejamos antecipar alguns dados a respeito, que poderão ser uteis aos estudiosos destes assuntos. Poder-se-á verificar aqui que, no processo de desenvolvimento investigado, certos aspectos coincidem com os aspectos clássicos deste tipo de experiência, enquanto outros, pelo menos que nós saibamos, aparecem como originais. Em todo o caso, estas experiências confirmam e renovam os trabalhos de anteriores investigadores e poderão servir para anular o motejo fácil dos nossos contraditores de que especulamos acerca de factos antigos irreproduzíveis.

O SUJEITO

No desenvolvimento da faculdade mediúnica que vamos analisar partiu-se de um sujeito do sexo feminino, Esperanza M. de Moog, física e psíquicamente neutro (quer dizer que antes de submeter-se ao processo metapsíquico não apresentava vestígio algum de qualidades ou manifestações especificamente mediúnicas) e de constituição somático-anímica normal, sem taras fisiológicas nem transtornos psíquicos de qualquer espécie. A sua vida de relação é tranquila e vulgar e nunca tinha feito até agora experiências espiritas ou metapsíquicas. Entregou-se desinteressadamente a este dificil trabalho, animada apenas pelo desejo de ser útil às investigações da Sociedade e na intenção de cooperar no estudo dos fenómenos parapsicológicos (1).

O seu idealismo, sem tropos místicos ou messiânicos, apoia-se em fina sensibilidade emocional e artística que neste desenvolvimento serviu singularmente para o treino da faculdade mediúnica no aspecto intelectual. Eis um leve registo de observações que dará um quadro psicológico esclarecedor do sujeito:

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Vida Instintiva e Impulsiva: Impulsiva. Passivo-receptiva.

Vida Afectiva: Excitabilidade rápida. Sentimento do dever. Amor próprio. Altruismo. Emoções profundas. Actividades intelectuais e estéticas.

Vida volitiva: Propósitos decididos. Desejos persistentes. Dona de si mesma.

Vida Representativa: Predomínio de representações visuais. Sonhos simbólicos. Nenhuma espécie de ilusões sensoriais, nem alucinações, obsessões, etc.

Vida Intelectiva: Utiliza mal a linguagem para representar as ideias. Cálculos subjectivos. Raciocínios mais analógicos.

DISPOSIÇÃO

Temperamento: Fleumático.

Carácter: Ciclotímico. Optimista.

Inteligência: Espantânea. Subjectiva. Sintética. Teórica.

Memória: Concreta. Formas, cores, pessoas, lugares. Rápida, fiel.

Sugestionabilidade: Fàcilmente sugestionável.

Sexualidade: Desenvolvimento normal. Não sublimável.

Forças Espirituais: Vontade forte. Permanente. Realiza os seus propósitos. Atenção discontínua apta para assuntos concretos. Imaginação criadora. Sentido estético pronunciado. Entendimento e compreensão regularmente rápidos. Emocionabilidade.

AMBIENTE

No começo das experiências, o ambiente era constituido por número de pessoas que variava em ordem crescente; mas no decorrer do tempo viu-se que a quantidade e a variabilidade eram factores negativos, pelo que se formou um grupo reduzido e permanente, de assistência pontual e rigorosa, o que imprimiu grande impulso aos trabalhos, que se evidenciou sobretudo na rápida sucessão de novas caracteristicas no desenvolvimento do sujeito, com progressos notáveis, de uma a outra fase. Tudo o que fora impossível obter durante a afluência maior ou menor de pessoas que assistiam irregularmente, foi-se obtendo no núcleo reduzido, mas homogéneo e disciplinado. Mais uma vez se comprovou que o ambiente é decisivo em experiências desta natureza. Não é possivel conseguir

(1) Para mais pormenores, vide o N.º 3 de *Cuadernos de Estudios Metapsiquicos*. Santiago do Chile.

bons resultados experimentais, quando nas sessões intervêm indivíduos heterogéneos de mente dispersa, cujos interesses e desejos não coincidem com o objectivo imediato da reunião, ou seja a consecução de finalidades impessoais de estudo e elevação moral.

Mesmo quando nas indagações científicas os factores não contem para obter resultados, já é um facto de experiência impossível de desconhecer que nos estudos metapsíquicos e espiritas as intenções do médium e dos assistentes, seus íntimos pensamentos e desejos, sua disposição espiritual, a qualidade de suas preocupações materiais, as características da sua vida pessoal cotidiana, ou sejam todos os factores morais e emocionais, influem poderosamente nos trabalhos e pesam de forma decisiva na balança dos resultados, inclinando os pratos para o êxito ou para o fracasso.

Muito permitiram estes estudos dizer e provar a respeito do que acabamos de expor; mas não sendo possível fazê-lo agora, por razões de espaço, devemos frisar que nestas experiência, a pesar dos esforços realizados desde o princípio no sentido de pôr de lado aqueles elementos de índole subjectiva e encarar as coisas objectivamente, não se pôde manter esta atitude e fomos obrigados a seleccionar valores espirituais e a reajustar as *condições internas* da experimentação, baseados na revisão das circunstâncias íntimas de todos os assistentes. Houve eliminações e trocas até que o ambiente intrínseco adquirisse a uniformidade qualitativa indispensável que permitisse ao sujeito entregar-se ao seu desenvolvimento sem interrupções e violentas sensações de angústia física e psíquica e a comoção que percebia durante as sessões efectuadas nos anteriores ambientes não controlados e depurados.

Nesta conformidade, algumas pessoas e visitantes de passagem que desejavam assistir às experiências não puderam ser admitidos, para evitar transformações negativas eventuais do ambiente. Se estas condições actualmente severas e inquebrantáveis deverão ser mantidas em absoluto após o desenvolvimento e os seus resultados submetidos a investigação mais ampla e com maior número de estudiosos, eis o que não podemos vaticinar, embora calculemos que nessa ocasião a inflexibilidade diminua.

OPERADORES INVISÍVEIS

Em suas famosas experiências no Grupo Goligher, que tantos dados e comprovações valiosas forneceram à metapsíquica objectiva, um distinto Professor de Física da Universidade de Dublin costumava referir-se aos «Operadores» que tão bem secundaram seus esforços científicos para descobrir as leis das estruturas psíquicas, ou seja aquele tipo especial de materialização ectoplásmica utilizado em certos casos de levitação de mesas e outros objectos. Estes operadores ou inteligências invisíveis que do espaço agiam consciente e ordenadamente na produção dos fenómenos metapsíquicos estudados pelo Professor Crawford, foram reconhecidos por ele como espíritos de seres falecidos, convicção que o dito sábio exprimiu sem reticências (1).

No desenvolvimento mediúnico de Esperanza de Moog, a intervenção de operadores invisíveis da mesma índole, mas de outro nível espiritual e intelectual, foi bem clara e definida; e a pesar de em semelhantes trabalhos tal afirmação parecer uma arriscada petição de princípio, com vista aos rigorosos da lógica científica ortodoxa, visto começar-se por aceitar o que, à puridade, se deveria demonstrar pela experiência, o estrito desenrolar dos factos presenciados e a sua melhor compreensão obrigam a esta afirmação antecipada, deixando para o fim as comprovações definitivas. Por outro lado, a lógica clássica encontra-se um pouco desprezada em nossos dias, visto que pensadores científicos eminentes foram obrigados a abandoná-la em grandes sectores experimentais, como, por exemplo, na Física e nas Matemáticas de hoje, em que os vertiginosos dscobrimentos dos últimos decénios obrigaram a estabelecer Lógicas diferentes da Lógica tradicional de Aristóteles, nas quais, além do verdadeiro e do falso, se tem em conta o possível (Lógica Trivalente) e se consideram proposições insolúveis, que não são falsas, mas cuja verdade é indemonstrável (Lukasiewig, Brouwer e Heyting).

Voltando aos citados operadores invisíveis, é de notar que lhes coube nesta experiência uma intervenção de grande relevo, do ponto de vista director e orientador, pois todos os trabalhos de sensibilização psíquica, adaptação de centros nervosos e motores, afastamento da consciência normal (a parte da personalidade em que existe fluxo incessante de sensações, imagens, pensamentos, sentimentos, desejos e impulsos que se podem observar, analisar e julgar) e diversas intervenções internas que produzem sensações e dores físicas e resultados psíquicos, foram levados a efeito por estes operadores invisíveis, sem a mais leve intervenção, directa ou indirecta, dos experimentadores do grupo, salvo a situação de outro medium em transe, no início dos trabalhos.

Desta maneira, por muito tempo se pôde assistir — e se assiste ainda, visto que a experimentação continua — ao maravilhoso processo evolutivo de uma faculdade mediúnica de carácter intelectual, cujas diferentes gradações de acção fisiológica e subtis cambiantes psicológicas se vão tornando perceptíveis através de numerosos pormenores, corroborações e provas, rigorosamente anotados, analisados e cotejа-

(1) «Não tenho a menor dúvida em afirmar que os «operadores» são seres humanos desencarnados». *A Realidade dos Fenómenos Psíquicos*, de W. Crawford. Página 257. Edição de M. Aguilar. Madrid.

dos. Tudo isto, que se desenvolve com precisão e ritmo surpreendente, demonstra ser conduzido por vontades e inteligências *estranhas* ao núcleo investigador e que trabalham de acordo com planos estabelecidos, demonstrando serem assim e que só esperam completar a sua tarefa para terem um instrumento ou intermediário especialmente condicionado às suas características energético-psíquicas e por eles próprios adaptado às necessidades específicas de amplas e completas identificações pessoais e investigações científicas e filosóficas que desejam realizar, com a cooperação da Sociedade de Estudos Metapsíquicos do Chile.

DESENVOLVIMENTO DAS SESSÕES

As sessões experimentais estão sujeitas a rigorosas condições impostas pelos referidos operadores, sendo norma inquebrantável o silêncio absoluto, tanto no interior, como no exterior. A música constitui necessário e valioso complemento para a abertura dos trabalhos e é factor inestimável para ajudar o sujeito a cair em transe e a estabelecer uniformidade de pensamentos e emoções com os assistentes. A intranquilidade, a falta de saude, as preocupações acentuadas ou qualquer estado de ânimo anormal ou negativo, repercutem desfavorávelmente na sequência da experimentação. O sujeito capta vividamente essas anomalias e ressente-se logo delas. Os operadores invisíveis não podem então organizar as energias ou radiações subtis que empregam, cujos potenciais e frequências (1) diminuem ou se desviam, mercê de interferências variáveis e irregulares das ondas de energia electro-psíquica emitidas através do cérebro e sistema nervoso dos concorrentes.

Quando as condições de absoluto silêncio, harmonia mental e afinidade espiritual dos experimentadores atingem o auge, nota-se claramente a formação de um campo energético poderoso e subtil, em que a acção dos operadores invisívis se desenvolveu admiràvelmente.

FASES DO DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Foram estabelecidas diversas fases no processo de desenvolvimento mediúnico. Cada aspecto apresenta características especiais e definidas. Eis aqui, ràpidamente delineadas, algumas dessas fases que na prática abarcaram muitos meses e cujo conteudo, rico em múltiplos e variados pormenores, não é possivel esmiuçar agora:

Primeira Fase: Adormecimento. Agudeza extrema da sensibilidade. Nervosismo muito acentuado. Percepção exagerada de ruidos com sensações violentas e prejudiciais. Irritabilidade.

Segunda Fase: Manifestações de energia desconhecida agindo sobre o sujeito. Forte sonolência. Semi-perda da consciência. Impossibilidade de movimentos voluntários. Esta energia exterior acentua-se à medida que decorrem as sessões e então obriga a executar diversos movimentos simples, dando a impressão de uma espécie de exercício para dominar e flexibilizar os músculos, de acordo com certas finalidades que parecem perseguir a vontade independente do sujeito e que se manifesta cada vez com maior potência. Ao terminar a acção desta energia, o sujeito fica em perfeito estado normal.

Terceira Fase: Movimentos mais seguidos e coordenados com mãos e braços. Flexões do torso. Transformação paulatina destes movimentos isolados em sucessão de atitudes muito bem regularizadas, que fazem lembrar um esboço de dança. Dirigido pela energia que agora nele influi poderosamente, o sujeito realiza verdadeiras manifestações de dança que se desdobram em harmonia, ritmo e valor estético inesperado e magnífico.

Quarta Fase: No estado de semi-transe e conservando vestígios de consciência, mas sem possibilidade de pensar, sentir ou controlar as acções e com movimentos sempre dirigidos pela vontade de um terceiro invisível que o sujeito identifica fora de si, os passos e movimentos de dança acentuam-se harmoniosos e rítmicos e adquirem proporções majestosas que fazem lembrar certos estilos orientais ou egípcios. São movimentos graciosos, ondulantes, de nitida contextura artística, que utilizam mãos, braços, cabeça e torso, com elegância, expressividade e harmonia. Intervém então um novo elemento de alto valor experimental. Os movimentos são acompanhados agora de emoções profundas e cambiantes, de grandes sentimentos intimos muito pronunciados que o sujeito começa a sentir repentinamente, sem qualquer influxo exterior aparente que lhe possa impressionar os sentidos ou o cérebro, nem jogo de reacções íntimas ou psicológicas, visto que a actividade psíquica pessoal se encontra suspensa. Estes sentimentos e emoções adquirem grande intensidade e comovem profundamente o sujeito que, no estado normal, não consegue discernir a razão deles, embora conserve a impressão indefinida e cada vez mais acentuada de que esses estados emocionais lhe foram impostos de qualquer modo, se assim nos podemos exprimir, atendendo a que parecem vir da vontade inteligente exterior que dirige os movimentos do corpo.

Assim, o movimento da dança, com suas variadas e expressivas atitudes e posições de mãos, braços e corpo, ajusta-se a essas emoções e sentimentos e procura exprimir-las em espectáculo estético inolvidável.

Quinta Fase: O desenvolvimento mediúnico entra em fase impressionante para aqueles que acompanha-

---

(1) Refere-se ao cumprimento de onda em que vibram as entidades invisíveis *(Nota do Tradutor)*.

ram os trabalhos, desde as primeiras manifestações rudimentares de adormecimento. Duas personalidades distintas surgem no organismo do sujeito e exprimem intenções, vontade, sentimentos e unidade psíquica autónoma diferente. Apresentam estruturas psicológicas fàcilmente diferenciáveis e nenhuma semelhante à idiossincrasia do sujeito, isto é, ao seu modo de ser individual. Dão a conhecer suas entidades separadas, que reservaremos até que obtenhamos as demonstrações concludentes que perseguimos, e manifestam desejo de proporcionar testemunhos positivos de identificação, o que farão, logo que as condições do seu intermediário lho permitam. Expõem planos de acção relativos ao desenvolvimento do sujeito e de diversas actividades e estudos de interesse metapsíquico e de grande utilidade para o conhecimento e o progresso da humanidade actual, planos que propõem desenvolver com o auxílio de outras inteligências afins com quem trabalham. Manifestam o mais vivo intresse em fornecer provas terminantes da sua existência como seres conscientes e inteligentes que mantêm a sua individualidade e todos os atributos psíquicos, depois de haverem passado pelo fenómeno natural da morte. Todas as suas expressões revelam alto nível intelectual e superioridade moral evidente. Por sua parte, o sujeito experimenta sensações completamente distintas, de potencial energético que actua nele e de características de influência geral, logo que comece a sentir o predomínio de uma ou outra individualidade. Portanto, não tem a menor ideia, nem lembrança alguma do que exprime, quando, por seu intermédio, falam as entidades em questão.

Sexta Fase: Esta fase encontra-se em pleno desenvolvimento e por isso não proporcionamos neste momento aos leitores de *Estudos Psíquicos* maior cópia de pormenores. Mas, pelos dados da observação e dos estudos feitos até hoje, podemos dizer que o principal objectivo destes trabalhos é a separação ou anulação total da consciência vigilante e completa adaptação do sistema nervoso central, isto é, o domínio da estrutura psíquica consciente e subconsciente do sujeito por meio de acção energético-anímica exercida pelos colaboradores invisíveis. Uma vez obtidos estes resultados, o instrumento de intercomunicação com as inteligências invisiveis que dirigem estas sessões poderá realizar trabalho intenso e dar provas, demonstrações e conhecimentos do mais alto valor para a Metapsíquica, para o Espiritismo e para o progresso geral do espiritualismo da nossa época.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Como já foi expresso noutra obra, as experiências metapsíquicas que até agora relatámos sumàriamente, longe de constituirem para o sujeito aldo de simples e agradável, fonte de satisfações e comodidades que decorram sem esforço nem dificuldade, é, pelo contrário, processo lento e incómodo, muitas vezes doloroso, provocando transtornos que, a princípio, lhe aumentaram extremamente a sensibilidade nervosa, comovendo-lhe penosamente as fibras mais intimas da psique, produzindo-lhe estado de ânimo angustioso e dando origem a várias doenças físicas e psíquicas. Mas, terminada a sessão, tudo isto desaparece inteiramente e poucos minutos depois o sujeito adquire absoluta normalidade, em equilibrio anímico perfeito.

No tocante à intervenção subconsciente do sujeito nas experiências, atendeu-se a este escolho tradicional inerente aos fenómenos e processos mediúnicos; e por isso e mediante severa observação e rigorosa análise de cada pormenor, de cada sessão e de cada fase, se deixou em suspenso o que parecia duvidoso, improvável ou contraditório. Como nota digna de fixar-se, diremos que em certas ocasiões a rectificação de conceitos ou fenómenos provocados pelo subconsciente do sujeito proveio dos operadores invisíveis, que espontaneamente corrigiram estas falhas.

Tanto as características deste desenvolvimento mediúnico, como muitos aspectos determinados do mesmo e os resultados que se alcançariam em cada fase e outros pormenores análogos, foram anunciados e explicados antecipadamente, em muitos casos, pelos operadores invisíveis, através de outro médium ou pelo próprio sujeito e todas essas promessas ou indicações prévias se cumpriram sempre rigorosamente. Algumas predições foram feitas com meses e um ano de antecipação, circunstância notável que não se deve esquecer.

Na investigação e análise deste interessante caso de desenvolvimento da mediunidade intelectual quisemos ser parcos e cautelosos em apreciações e afirmações. Por isso, só publicamos aquilo que corresponde a factos comprovados, circunstâncias fidedignas e fases devidamente estudadas em todos os pormenores e consideradas autênticas e bem consolidadas. De resto, muito se poderia dar a conhecer, visto que as observações verificadas são múltiplas e extremamente variadas e revestem excepcional interesse teórico e prático; mas, antes de apresentá-las à consideração de estudiosos investigadores e do público em geral, devem submeter-se a revisão definitiva, através das comprovações categóricas que perseguimos actualmente.

Em trabalho futuro estudaremos as impressões, sensações, percepções, emoções, etc., captadas subjectivamente pela médium em desenvolvimento, durante a recepção das intervenções energético-psíquicas dos operadores invisíveis, que por ela foram analisadas e descritas após cada sessão e que se conservam escritas.

Desde que se alcancem as fases superiores e definitivas que já se vislumbram, estamos certos de que esta experiência contribuirá de maneira eficaz e evi-

Os Dois Pombos

Dois pombos inexperientes encontraram-se no mesmo beiral e vendo ao longe, muito ao longe, a mancha branca duma alta torre decidiram cortar o espaço e ir até ela.

— Eu irei à frente e tu atrás de mim ! — propôs um que tinha asas azul-cinzento, com cintilações metálicas. Abalaram os dois, e, depois de longa caminhada, erraram o seu alvo. A torre que demandavam sumira-se no horizonte.

— Onde está ela? Que pena! Perdemo-la de vista...

Quiseram voltar para trás, mas ignoravam o roteiro do pombal.

— Que havemos de fazer agora?

Mortos de fadiga, resolveram descer e pousar num palácio abandonado. Como era noite, aconchegaram-se num velho portal. De manhã, despertaram com fome e frio.

— Andámos mal em não consultar os nossos pais... — arriscou o mais tímido, com lágrimas na voz.

— Agora é tarde para reparar a nossa imprudência. Temos de fazer das tripas coração! — fez o mais animoso.

— Ai de nós! Ai de nós...

— Vê se te calas com as tuas inúteis lamúrias que não nos livram de apuros. Temos de habituar-nos a viver a nossa vida, custe o que custar.

E assim foi. Aprenderam a conhecer na adversidade o valor da felicidade perdida. Construiram um ninho. robusteceram as asas, alargaram os seus voos, descobriram os melhores grãos para o seu apetite e o melhor ramo para os seus arrulhos. Sofreram mas prosperaram. Um dia convocaram o tenro bando dos seus filhos e explicaram-se assim:

— Esta não é a nossa pátria de origem. Viemos ter aqui, por censurável leviandade. Do nosso erro, aceitámos todas as consequências. Desaproveitando as lições dos mestres, foi forçoso que reagíssemos contra o infortúnio. Felizmente que vencemos a perigosa aventura! Agora voltemos à terra de nossos avós, a fim de mostrarmos a quantos choraram a nossa ausência que soubemos honrar as tradições da nossa raça.

Cantavam as saudades nas fontes e nas baladas dos rouxinois, quando a tribo columbina atravessou os ares, com a certeza de não se afastar do seu ritmo...

CLAUCIAS

---

dente para facilitar novas demonstrações da realidade espiritual, as quais, uma vez em mãos de estudiosos responsáveis e sinceros, sirvam efectivamente para cooperar no imenso e importantíssimo trabalho de maior progresso moral e de melhor conhecimento do Ser e do Universo, em que se empenham todos os que hoje têm visão clara das necessidades do homem nesta época dramática de transição e luta em que exercemos a acção.

UMA CARTA

Da *Biblioteca Francisco Barranquero*, de Buenos Aires, recebemos a seguinte carta, por via aérea:

Buenos Aires, 19 de Abril de 1947.

Sr. Director de Estudos Psíquicos:
Estimado irmão em ideal:

Ao saber do vosso 8.º aniversário, esta Biblioteca e o Círculo de Estúdios «Progreso Espírita», envia-vos saudações e felicitações por esse acontecimento.

Hoje podemos afirmar que a revista de sua digna direcção representa, dentro do movimento espirita mundial, a nota de maior relevo, por ser de conteudo interessante e orientador e uma síntese da actividade doutrinária no mundo. Os seus colaboradores, quer do vosso país, quer disseminados por outras nações, representam o expoente do pensamento espirita actual, e todos eles parecem ter designado a vossa revista como ponto de enlace e de manifestação de suas ideias e aspirações de iluminar o mundo no conhecimento da verdade espiritual.

Esta realidade que temos apreciado através da elevada acção de Estudos Psíquicos, *prédica abonada pela autoridade e experiência dos seus colaboradores e da sua direcção, faz nascer o fraternal e sincero impulso de nos pormos em contacto com todos vós e aproveitar o vosso 8.º ano de labor para exprimir alegria, que se liga à vossa. Tudo o que sucede no universo a favor do despertar espiritual do homem, seja qual for a sua origem e acontecimento, mas que se objective neste desejo sublime, leva-nos a unir-nos e a identificar-nos com ele; e quando o impulso venha do campo espirita, confessamos que é dupla a nossa consolação.*

Receba o irmão Duarte Santos, como director de Estudos Psíquicos, *os nossos parabéns e votos de larga vida periodística e fecunda propaganda.*

Fraternalmente,

O Presidente, Mário Incerti; O secretário, Natalio Ceccarini.

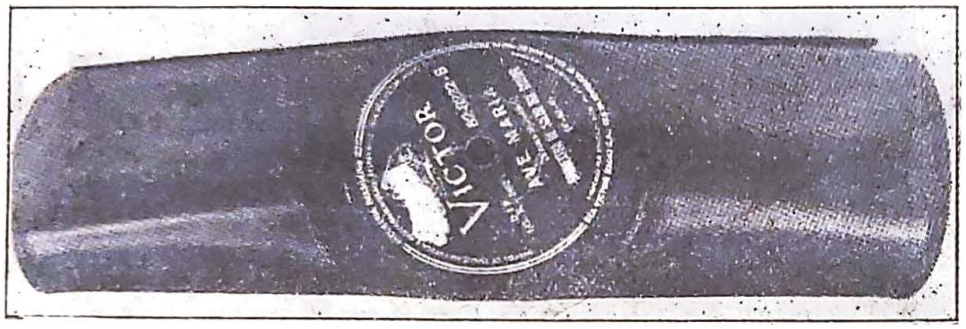
Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

O DISCO ENROLADO

Na cidade paulista de Pindamonhangaba, onde há tempos se realizaram importantíssimas operações cirúrgicas sem auxílio de médicos terrenos, como tivemos ocasião de relatar nestas colunas, continuam as sessões de efeitos físicos, dirigidas pelo sr. Arnaldo Amadei, do Centro Espírita Irmã Terezinha.

Um interessante livro nos chegou às mãos, remetido com gentil dedicatória pelo nosso amigo Henrique Magalhães, representante de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro, livro intitulado «Trabalhos Post-Mortem do Padre Zabeu» e da autoria de Urbano Pereira, engenheiro civil e ex-catedrático de Física do Colégio Estadual de Taubaté. Obra honesta e bem articulada, dela vamos extrair a narração de um curioso fenómeno que no livro traz o título de «Resposta a Um Repto» e só o não fazemos na íntegra por carência de espaço.



O DISCO ENROLADO

Segundo o sr. António Olavo Pereira, residente em Tremembé, o Dr. Edson do Amaral reptou o Padre Zabeu (espírito-guia daqueles trabalhos, que se materializara muitas vezes e produzira fenómenos de *apport* e moldagens em parafina) a dar uma prova convincente e em 20 de Julho de 1946 se reuniram dez assistentes já familiarizados com estas sessões.

Eram 20 horas. As janelas estavam fechadas e protegidas com estores. O Dr. Edson trazia uma pasta cujo conteudo se ignorava.

O Presidente fechou a porta à chave. Junto a duas alas de cadeiras estava a máquina fotográfica. Quatro metros à frente, o médium Francisco Antunes Belo, com um móvel ao lado que sustinha uma grafonola. A seguir, pequena mesa com duas cornetas fosforescentes. Nada mais.

O médium fora algemado e as chaves estavam na mão de um assistente estranho ao grupo. Apagadas as luzes, faz-se a prece inicial e ouve-se imediatamente o ruido peculiar de dar corda à grafonola e depois as primeiras notas da *Ave-Maria*. Sobre o aparelho, localizou-se a voz do Padre Zabeu com uma débil «Boa Noite». Falou a uns e outros, tratou de alguns casos de saude e dirigiu-se ao Dr. Edson em tom de galhofa, traindo ingénua curiosidade acerca do conteudo da pasta. Inquirido a respeito, o Dr. Edson respondeu que se tratava de uma chapa de raios X, para submeter à apreciação do Padre Zabeu.

Mas a resposta do padre foi um riso irónico. E dirigindo-se ao assistente que controlava a máquina fotográfica, disse:

— Chapa de raios X, hein?! Você já viu um tiro sair pela culatra? Já viu alguém matar um coelho com duas cacetadas?

E riu-se alegremente. Voltando-se outra vez para o Dr. Edson, exclamou:

— Edson, traga-me a sua chapa de raios X. Verá o que vou fazer com ela.

E logo uma corneta fosforescente levitou à altura de três metros, aproximando-se do Dr. Edson, que se levantou e depôs no ar um disco tomado por força invisível. Depois sentou-se novamente. A corneta afastava-se e todos ouviam o ruido característico do disco esfregado nos ladrilhos. A final, a chapa de raios X era uma gravação vulgar.

Descoberto o truque do Dr. Edson, o Padre Zabeu admoestou-o em tom amigo e sério e disse-lhe que era a última oportunidade que lhe oferecia de firmar o seu juizo a respeito dos fenómenos metapsíquicos. O Dr. desculpou-se com grande emoção, dizendo que o seu fim era obter provas novas, no seu afã de investigador.

Pouco depois, o Padre Zabeu prometeu uma surpresa ao Dr. Edson, com o auxílio de colaboradores invisíveis. Nova pausa. Novo ruido da manivela e nova música. O Padre Zabeu adverte os fotógrafos de que se aproximava o momento de disparar a objectiva. Ao clarão do magnésio todos viram o médium sentado na mesma posição. Em seguida, a corneta levita outra vez, acompanhada destas palavras:

— Aqui está a sua chapa, Edson.

Este apanhou o disco que a corneta lhe entregara,

sentou-se e examinou-o pelo tacto. Tinha sido enrolado num só plano, em duplo sentido longitudinal.

O Padre Zabeu disse algumas palavras e a sessão terminou.

O Dr. Edson começou então a procurar no disco a marca que o identificava e que, segundo revelou, havia sido feita a fogo por baixo do título. O disco passou de mão em mão por todos os observadores, até que, não contente com os elementos identificadores verificados (nome da música, n.º, etc.), o Dr. Edson partiu-o ao meio e lá encontrou parte do sinal.

O director da sessão lamentou que tal prova ficasse inutilizada, quando um dos observadores alvitrou que se fizesse nova concentração, para saber da possibilidade de reparar o disco. O médium retomou o lugar na poltrona e um espírito declarou que era possivel consertá-lo, desde que se não perdesse mais tempo em discussões.

Algemaram o médium, voltaram aos seus lugares e extinguiram a luz. A força invisível que sustinha a corneta arrebatou novamente o disco das mãos do Dr. Edson e minutos depois a voz do Padre Zabeu encerrava a sessão definitivamente e anunciava que o espírito do Dr. Luiz Gomes do Amaral (este espírito é que fez a celebre operação de apendicite em Pindamonhangaba) ia dirigir-se a todos por incorporação. E assim foi, lançando ao Dr. Edson, seu filho carnal, severa reprimenda pela sua incuravel persistência negativista. Depois despediu-se.

Acesas as luzes e mal refeitos da inesperada cena, os experimentadores descobriram o disco do Dr. Edson sobre o tapete, próximo do local onde estiveram sentados, restaurado, desenrolado, perfeito, como se acabasse de sair da fábrica. O seu proprietário examinou-o com atenção, encontrando-lhe todos os sinais identificadores. Posto na grafonola, foi tocado perfeitamente.

O Dr. Edson do Amaral lavrou acta do acontecimento, declarando que o disco enrolado, depois partido e restaurado, era o mesmo que ele levara à sessão, dentro da sua pasta.

E o Dr. Urbano Pereira, autor do livro, acescenta:

«Os factos acima não comportam qualquer explicação normal. Seria impossivel, por meios fraudulentos, torcer o disco a frio e com a presteza assinalada. E muito mais difícil seria restaurá-lo com a perfeição que se observou».

CHURCHILL SALVO POR UM ESPIRITO ?

«Psychic News» de 3 de Março último refere um caso passado com o estadista inglês Winston Churchill, na guerra do Transvaal, quando ali foi como correspondente de guerra do «Morning Post» e caiu nas mãos do inimigo.

«Consegui libertar-me — diz ele — embora pessoalmente não tivesse meios de me salvar dos inimigos, sem a intervenção desta Alta Potência que, mais frequentemente do que julgamos, rege as causas e os efeitos.

«Anos antes, consegui muitas vezes escrever numa ardósia que eu segurava, enquanto alguns assistentes me tocavam no punho ou na mão. Hoje, faço exactamente o mesmo, inconsciente ou subconscientemente...

«Após ter caminhado toda a noite, aproximei-me finalmente de um grupo de casas situadas à entrada de uma mina de carvão. Lembro-me de ouvir dizer então que no distrito mineiro de Witbank havia alguns ingleses que trabalhavam nas minas, com permissão dos *boers*.

«Fora eu conduzido àquele lugar? Que casa era esta e quem a habitava? Um inglês ou um *boer?*

«Bati duas vezes e uma janela se abriu.

«— Wer ist da? — gritou a voz de um homem.

«Ao ouvir estas palavras, senti grande desapontamento e consternação.

— Sou um pequeno proprietário — respondi. Tive um acidente. Caí do comboio quando me dirigia a Kamati-Port e devo ter o ombro molestado.

«É de admirar que esta história me ocorresse subitamente. O estrangeiro olhou-me com hesitação e mandou-me entrar.

«Depois de me encontrar num quarto (perguntei a mim mesmo se era a minha prisão), o meu interlocutor exclamou:

«— Pode dar-me alguns pormenores a respento do acidente?

«Respondi que talvez fosse melhor dizer-lhe a verdade. E acrescentei: «Sou Winston Churchill, correspondente de guerra do *Morning Post*. Ontem à noite fugi de Pretória e dirigi-me para a fronteira. Tenho dinheiro suficiente. Quer auxiliar-me?».

«Após longa pausa, o meu companheiro levantou-se da mesa e fechou a porta à chave. Depois disto, que me pareceu duvidoso, avançou para mim e estendeu-me a sua mão, dizendo:

«— Felizmente, que veio bater à minha porta. É a *única casa*, numa distância de 30 quilómetros, em que você não se arrisca a ser entregue aos seus carcereiros.

«Como descrever o meu estado de alma? Alguns momentos antes, tive a impressão de cair no laço; e agora, tudo estava ao meu dispor: amigo, alimento, auxílio, etc. Dir-se-ia um homem prestes a afogar-se que alcança a margem do rio e fica salvo».

Os leitores, que façam os comentários. Seria o acaso, seria a Providência que salvara Churchill, intuindo-lhe a direcção e o local onde encontraria o seu porto de

salvamento, permitindo-lhe juntar-se às forças britânicas?...

CAMPONÊS ITALIANO FALA GREGO ANTIGO

A *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, Estado de S. Paulo, transcreve de *La Domenica Del Corriere*, de Milão, um edificante relato, publicado neste jornal em 29-12-1946 e subscrito por N. Gandini. Vamos resumi-lo para aqui.

Na Vila de Pergusa (província de Enna, na Sicília) reside um homem que durante uma semana falou grego de Homero. Talvez, dita assim, a coisa não pareça excepcional; mas o caso prestes mudará se dissermos que o protagonista é um camponês que só há seis anos ouviu falar da Grécia, quando seu filho lá esteve, durante a guerra. Mal souberam do facto, os jornalistas dirigiram-se imediatamente àquele lugar, mas o homenzinho já falava italiano.

Concetto Bonsignore bebera alguns copos de vinho no dia da benção do Lago Pergusa e adormeceu num tapete de crina. Na manhã seguinte, a mulher acordou-o, dizendo-lhe que se deixasse de brincadeiras, pois aquilo não ficava bem a um velho chefe de família. Mas o pobre homem não estava a brincar. Falava grego; e por mais que se esforçasse, só vocábulos jónicos lhe afloravam à lingua, misteriosamente treinada durante a noite. Os que o ouviram (o sacerdote de um povoado e um professor de literatura, chegado, havia pouco, de Palermo) afirmam que ele pronunciava as palavras com clareza e que a sua linguagem, muito viva, se referia a nebuloso passado, esquecido há vinte séculos.

O sacerdote que presenciou o fenómeno, Dom B., mostra-se confuso, embaraçado nos imperativos dogmáticos:

— Só no campo da «mecânica psíquica» podemos encontrar a explicação disto.

Durante o fenómeno, o camponês foi interrogado pelo sacerdote, que era exímio helenista, na presença de um notário, do professor já citado e de um jornalista, tendo sido anotadas as perguntas e as respostas, a fim de serem enviadas à Academia das Ciências de Paris, autenticadas pelo tabelião.

Segundo aquelas respostas, algo estrambólicas, a personagem que falava pela boca de Concetto Bonsignore viveu há cerca de dois mil e trezentos anos em Atenas, em frente do templo de Demétrios, e a sua casa abrigava-se à sombra de uma figueira; além disso foi marítimo nas costas de Éfeso e combateu num misterioso lugar chamado Estópalo, onde o seu exército foi vencido, sendo ele obrigado a fugir. Tudo isto em sonoro grego.

Concetto Bonsignore voltou-se para a esposa e disse-lhe em tom irónico: «Tenho fome!», frase esta que também foi autenticada pelo tabalião.

À primeira vista, as últimas palavras são as únicas bastante claras e humanas do interrogatório; mas o sacerdote afirma que, de um exame pouco menos que superficial, surge, bem vivo e desconcertante, o afloramento de lembranças atávicas (a casa em frente, do templo de Demétrios, a batalha e a fuga), juntamente a simples recordações da vida actual do protagonista (a figueira junto ao muro da casa paterna de Concetto Bonsignore, em Enna).

Quanto ao misterioso Estópalo, Dom B. é de parecer que o «helenista forçado» queria referir-se à batalha de Egospótamos, no ano 404 A. C., em que os atenienses foram derrotados pelos espartanos. Em nossa opinião, é desculpável a inexactidão da lembrança; depois de tanto tempo, não se podia exigir mais.

Concetto Bonsignore tem 52 anos. Está convencido de que esteve doente, mas assegura que a sua única doença — o «desprendimento da alma» — como lhe chamam, nunca mais voltou e que seu pai morreu com noventa anos. Sua mulher, pelo contrário, está convencida de que foi vítima de alguma feiticeira do lugar.

E agora uma pergunta:

— Chegará a ciência a esclarecer este acontecimento?

O ESPIRITISMO ENTRE OS ESQUIMÓS

Como muitos outros povos, os esquimós crêem na imortalidade do «espírito» e na possibilidade de comunicação entre os chamados «vivos» e «mortos». O explorador Kud Rasmussen, escrevendo na Revue Universelle *de Setembro de 1928, apresenta pormenores dessa crença.*

Os feiticeiros são muito numerosos e respeitados. A mediunidade é um fenómeno vulgar. Crianças que possuem a faculdade de clarividência brincam na neve com os seus irmãos falecidos. Aquele explorador relata perfeitos casos de «apports».

Há três gerações, os esquimós acreditavam na metempsicose; ainda que esta crença tenha desaparecido, continuam a afirmar a sobrevivência humana. Rasmussen interrogou uma mulher da tribo sobre os mundos dos mortos.

A resposta foi: — «*Quando os homens morrem, as suas almas deixam a terra. Há dois lugares para onde vão:* — *alguns para o céu. Uvdlormiut, para a luz; outras descem abaixo do mar, para Liminjarmiut. Os grandes feiticeiros, chamados Parringnartu, afirmam que podem viajar pelo «país da luz» e pelo «país das sombras», caindo em profundo transe.*

Entre os principais médiuns esquimós, Knud Rasmussen cita uma mulher, Uvavnuk, dotada de clarividência, que ela diz ter recebido do céu, quando «uma bola de fogo» a tocou na testa.

Notas & Comentários

«RAIOS DE LUZ»

A *Fraternidade Raios de Luz*, de Recife, Pernambuco, acaba de publicar o 1.º número da interessante revista bi-mestral *Raios de Luz*, dirigida pelo nosso redactor-correspondente Nelson Kerensky e pelo Dr. Pinheiro Ramos, também cooperador da obra de *Estudos Psíquicos* naquela capital. Com sugestiva capa a cores, belo sumário e óptimo aspecto gráfico, *Raios de Luz* surge no panorama espirita brasileiro como arauto do Espiritismo Evangélico, a fim de «despertar em nós e nos outros o conhecimento, a conquista interior, aproximando-nos daquela moral eterna do não façais aos outros o que não quereis que se vos faça».

Folheando suas páginas, ficámos com a impressão de que há ali directriz concreta e método seguro. Os assuntos encontram-se modelarmente arrumados e a probidade jornalística evidencia-se claramente. Além disso, está redigida em português de lei, circunstância esta que nos cumpre assinalar com aprazimento.

É de revistas assim que a Causa necessita, para ser enaltecida e prestigiada. O formato de um orgão não influi no seu valor moral e doutrinário. O que influi é a essência que o informa. Por isso não temos dúvida em afirmar que *Raios de Luz* é uma boa revista.

Aos seus directores, e principalmente ao Nelson Kerensky, saudações e votos de longa vida.

«EM DEFESA DO ESPIRITISMO»

O nosso colaborador e velho amigo coronel Faure da Rosa respondeu ao opúsculo «Contra o Espiritismo», do Dr. Duarte Leite, reduzindo a torresmos as afirmações gratuitas do antigo embaixador português no Rio de Janeiro. Essa resposta magistral intitulada «Em Defesa do Espiritismo» constitui importante separata de *O Mensageiro Espirita*, orgão da Federação Espirita Portuguesa que circula sob a direcção daquele apreciado confrade.

Agradecemos os exemplares que nos foram enviados, os quais serão remetidos gratuitamente a quem no-los pedir.

O ESPIRITISMO NA ARGENTINA

A fim de comemorar o centenário do nascimento de D. Cosme Mariño, organizador da *Sociedade Constância*, de Buenos Aires, e um dos maiores e mais equilibrados propagandistas do Espiritismo na Argentina, a revista *Constância* vai publicar um número especial dedicado ao seu antigo director, com a colaboração de muitos confrades que assim terão ensejo de prestar homenagem a quem tão alto soube elevar o Espiritismo dialético e a agremiação que prestigiou, durante quase meio século de existência útil à Causa.

«BOLETIM ESPIRITA»

Há tempos que recebemos o jornal *Boletim Espirita*, orgão da União Espirita «Discípulos de Jesus», de Florianópolis. Estado de Sta. Catarina, Brasil, que se publica nessa capital sob a direcção do nosso representante Jobél Sampaio Cardoso, presidente da referida União e um dos organizadores da actual Federação Espirita Catarinense.

Pela variedade dos assuntos e pela forma como está redigido, *Boletim Espirita* é órgão de real merecimento. Artigos curtos e objectivos, em que a doutrina se funde com a impressão de que Jobél Sampaio Cardoso é um grande elemento de organização e propaganda. Que surjam muitos jornais assim, para fortalecimento e prestígio da Causa, pois só com *vozes novas*, com pregoeiros deste genero impulsionaremos o movimento espirita, tão fértil em obras de bem-fazer e do qual é lícito esperar umas das maiores e melhores obras deste século.

METERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE»

No próximo número publicaremos extensa reportagem acerca de um dos maiores acontecimentos espiritas brasileiros, do ponto de vista social. Referimo-nos à *Maternidade «Casa da Mãe Pobre»*, a inaugurar em 9 de Novembro futuro, no Rio de Janeiro. Obra grandiosa orçada em cerca de 3.000.000,00 (três milhões de cruzeiros), preencherá lacuna existente e servirá de exemplo a quantos se interessem pelo rejuvenescimento e bem-estar da humanidade.

REPRESENTANTES DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Aumenta o número de representantes de *Estudos Psíquicos* no Brasil, em cruzada de propaganda extensiva às nossas edições que, deste modo, poderão ser lidas por muitos que desejam conhecer belas obras que ainda não lograram tradução em português. A nossa revista vai assim caminhando, em viagem permanente, transmitindo o seu entusiasmo juvenil a muitos adeptos e simpatizantes, ao serviço do intercâmbio espirita luso-brasileiro.

Noticiário

PARTICIPAÇÕES

Tiveram a amabilidade de nos participar a constituição de seus corpos administrativos para o triénio de 1947-1950, o *Instituto Dias da Cruz*, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e a *União Espírita Mineira*, de Belo Horizonte, Minas Gerais. As duas simpáticas e prestimosas colectividades, os nossos afectuosos cumprimentos.

A EXPANSÃO DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Da Directoria do Centro Espirita Amor, Caridade, Esperança, do Rio de Janeiro, recebemos a seguinte carta, que muito nos desvanece, não só pelos termos em que está escrita, como também pelo que simboliza, do ponto de vista fraternal. Muito nos alegra saber que a nossa propaganda ecoa em terras distantes e encontra inteligências e corações que os compreendem.

Sr. Isidoro Duarte Santos

Prezado confrade: Paz em Jesus.

Tem esta por fim desempenhar-me da missão que me foi confiada. Trata-se do seguinte: O Centro Espirita Amor, Caridade, Esperança, Rua Voluntários da Pátria, 20, s/l., resolveu em sessão, congratular-se com o distinto confrade e amigo pela forma brilhante como a revista «Estudos Psíquicos», de sua digna direcção, vem fazendo a propaganda que nos congrega e, ao mesmo tempo, remeter-lhe a quantia de 50$00 para pagamento de nossa assinatura anual e mais 100$00 para ajuda dessa publicação. Sabemos que tão modesta importância em pouco auxiliará a obra magnifica que essa revista está realizando; mas fazemo-lo da melhor vontade e pode o confrade estar certo de que os componentes desta casa, directores e todos aqueles que aqui procuram estudar os ensinos do Mestre Jesus, não pouparão esforços para que, de alguma forma, a revista «Estudos Psíquicos» continui a propaganda dá doutrina dos espíritos.

O Bibliotecário: **António Cândido Rogério**

A Directoria deste Centro é composta pelos confrades: *Presidente* — Carlos Manuel da Silva; *Tesoureiro* — Agostinho José Fernandes; *2.º Tesoureiro* — Cesar Augusto Pereira; *Secretário* — Milton Rodrigues Serra; *Bibliotecário* — António Cândido Rogério; *Procurador* — Herculano Gomes Veiga; *Doutrinador* — António dos Santos; *Zelador* — Geraldo Ramos.

A todos estes amigos, afastados pela distância, mas juntos de nós pela afinidade, enviamos nossos agradecimentos, com votos de saude e longa vida dedicada ao Espiritismo Redivivo, ou seja à causa da Humanidade. Esta revista fica à disposição destes amáveis confrades, em tudo que esteja ao nosso alcance.

TRANSCRIÇÕES

O Semeador, orgão da Federação Espirita do Estado de S. Paulo, Brasil, teve a amabilidade de transcrever o artigo «O Espiritismo em França», da autoria de Deolindo Amorim, nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro.

Os nossos agradecimentos.

FÉRIAS DO CENTRO

Como nos anos anteriores, o Centro Espiritualista Luz e Amor interrompe seus trabalhos regulares no dia 31 de Julho corrente, voltando a funcionar em Outubro. Como dissemos no último número, no dia 2 de Agosto, sábado, às 21,30 horas, realizar-se-á no Centro a sessão de encerramento.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 19 de Julho corrente, Ramos Pereira voltou a ocupar a tribuna do Centro Espiritualista Luz e Amor, para falar acerca de «Formas-pensamento».

Foi uma das mais interessantes exposições que tem feito, na já grande série de conferências por ele realizadas no nosso Centro.

Depois de estudar a teoria das formas-pensamento, através do testemunho dos videntes e em relação com a mecânica transcendental, narrou algumas experiências pessoais que interessaram profundamnte a numerosa assistência.

No final, alguns irmãos presentes contaram também casos pessoais, concorrendo assim para radicar em todos a convicção espirita.

TOMÁS ALCAIDE

Encontrando-se no nosso Centro, durante a conferência de Ramos Pereira, a que acima aludimos, e sabendo o Presidente da Direcção que este grande artista estivera há pouco na Bélgica, onde assistira a sessões de efeitos físicos e psicometria, pediu-lhe que expusesse à assistência as suas impressões, ao que Tomaz Alcaide acedeu com o maior aprazimento. E durante vinte minutos contou o que vira, fazendo pela primeira vez em público a sua profissão de fé espirita.

Muito nos admirou o desassombro das suas declarações. Homem culto e viajado, tendo interrompido o curso de medicina para se dedicar ao bel-canto, Tomás Alcaide há muito que estuda Espiritismo e prometeu-nos escrever um artigo para «Estudos Psíquicos», no qual descreverá com mais pormenores o que viu e ouviu na Bélgica e em França.

A Tomás Alcaide apresentamos os nossos cumprimentos fraternais.

AOS SÓCIOS DO CENTRO

Informamos os sócios do Centro E. Luz e Amor de que os seus números de inscrição acabam de ser alterados por conveniência de serviço.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

8.º ANO — LISBOA, AGOSTO DE 1947 — N.º 8

Redactor	Director e Editor	Administrador
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

CONGRESSOS

Passado o vendaval da guerra que milhões de vidas ceifou, impedindo consideràvelmente a troca de impressões entre amigos espalhados por vários continentes, o Espiritismo surge na afirmação da sua pujança e no esplendor da sua grandeza moral.

Por toda a parte se ouvem palavras de confiança, declarações honrosas que são formosas esperanças no porvir que nos aguarda e que hão-de traduzir-se em magníficas realidades.

Há pouco foi a Argentina que ergueu a palavra e do seu esforço surgiu a Confederação Espirita Pan-Americana. Depois foi o Brasil imenso e ubérrimo que desfraldou a bandeira, concitando novos e velhos à união de colectividades que se tornarão mais fortes, uma vez caldeadas no pensamento de bem servir a Causa. Agora é a França e a Bélgica que se movimentam, que experimentam forças dispersas, no anseio nobilíssimo de reagrupar elementos dispersos pela grande hecatombe.

Reunem-se os homens e firmam-se os ideais ao calor do entusiasmo das massas que se aprestam para empreendimentos mais vastos, à base do Espiritismo de Vivos, cheio de promessas que se transformarão em factos, na forja do trabalho e do amor ligados em amplexo fraternal e voltados para o futuro que se aproxima em grande velocidade. Reunem-se homens, temperam-se vontades, conjugam-se energias; e dessa união providencial resulta o milagre da força multiplicada. Os agrupamentos alargam a esfera de acção, imprimem vitalidade à população associativa que procura converter em actos os seus projectos de renovação social e moral e o Espiritismo acompanha a hora presente, como sábio que actualiza conhecimentos, adaptando-os à nova aspiração decorrente do progresso incessante das gerações que passam.

Os congressos são verdadeiros centros de comunhão mental em que os problemas se equacionam, que é como quem diz, se resolvem, a contento dos superiores interesses da Doutrina. Ali acorrem trabalhadores e mentores, na ânsia de estudar, de analisar, de ouvir a mútua explicação e dar às questões a resolução adequada, segundo a natureza da época e do meio em que se exercer a actividade colectiva.

O Congresso de S. Paulo foi extraordinàriamente grandioso, não só pelo número dos assistentes e das associações representadas, como pelo alto significado de união que deu a todos os espiritas brasileiros. Quatro grandes agremiações que resolveram criar um organismo federativo, para mais fàcilmente encararem as dificuldades que sobrevierem; quatro entidades com directrizes definidas e vida asseguradíssima que resolveram aproximar-se umas das outras e fundar a *União Social Espirita*, que orientará superiormente o Espiritismo em S. Paulo.

Gostaríamos de ver em toda a parte congressos semelhantes, certos de que o Espiritismo se tornaria mais forte e mais conhecido das camadas populares.

Em Portugal vai-se tornando necessário um congresso espirita que organize e oriente o que anda desorganizado e desorientado.

As boas vontades que existem são insuficientes para a obra, que espera o esforço e a dedicação de todos.

Se cada um trabalhar segundo as suas possibilidades e no sector que mais quadrar à sua idiossincrasia, certo conseguiremos alguma coisa no sentido de elevar e prestigiar um sector que tão grandes ataques tem sofrido.

«NOS UMBRAIS DO ALÉM»

por F. Noronha

Após atenta leitura desta obra do professor William Barrett, da Universidade de Dublin e membro da Sociedade Real Inglesa, que acaba de ser publicada por «Estudos Psíquicos Editora», em tradução de Isidoro Duarte Santos, não resisto a escrever algumas palavras, no desejo sincero de traduzir as minhas impressões.

Está lançada esta Editora, positivamente. Inaugurou, com orientação magnífica de critério na respectiva escolha, dando a lume a obra preciosa do Dr. Gustave Geley, vertida em nosso idioma, sob o título «Resumo da Doutrina Espirita».

Neste momento, já pertence à publicidade, levada a efeito em livro de 304 páginas e capas de boa aparência, outra obra de não menor merecimento: a do ilustre sábio inglês Barrett, já minha conhecida de original e que acabo de percorrer, atentamente, na esmerada tradução do Director deste mensário.

Antes de exteriorizar o meu pensamento acerca de *Nos Umbrais do Além* e do seu traslado português pela pena idónea de Isidoro Duarte Santos, não quero deixar passar o presente ensejo, sem uma referência rápida especial à nação britânica, da qual não sou totalitário simpatizante, mas profundo admirador na esfera de cultura mental e de produção literária. Cabe-lhe, por direito legítimo, a classificação sinonímica, excluido sentido pejorativo, deste adjectivo, muito acessível: *formidável!*

Neste mesmo instante estão diante de mim, numa só gravura, dois retratos, pai e filho, este de pé e aquele sentado, desencarnado em 1492, salvo erro, Sir William Bragg e Sir Lawrence Bragg, que, analisadores práticos da estrutura da matéria mediante raios X, dotaram a Ciência com uma proeminente realização fecunda.

Poderia declinar mais nomes, formando brilhantíssima constelação nos céus de intectualidade de Albion, mas tornar-me-ia extenso em demasia. E, assim, vou pôr ponto com dois trechos expressivos, de autoria inglesa anónima, que perfilho: «Isaac Newton nasceu há três séculos, em 1642. Com Shakespeare, é ele o expoente supremo da realização intelectual britânica. A Real Sociedade de Londres, cuja fama foi principalmente estabelecida por ele, está celebrando (1942) o tricentenário do seu nascimento com a realização de três conferências. O professor Andrade falará sobre Newton e a ciência de sua época. Lord Rayleigh descreverá as suas contribuições à ciência experimental, e Sir James Jeans discutirá a relação da sua obra com a ciência moderna.

«Newton, mais do que qualquer outra figura, acha-se na fronteira entre o mundo moderno e o mundo do passado. Com ele, a ciência emergiu do estágio de intuições brilhantes e de método meio-compreendido, e tornou-se em um processo inteiramente consciente. Os elementos da mágica e do mistério foram afastados. A sua descoberta da lei de gravitaçã habilitou-o a descrever a natureza no seu conjunto. Proporcionando a primeira relação efectiva da terra e das estrelas, ele auxiliou os homens a compreenderem o lugar daquela no universo, e assim adquirir uma concepção adulta da natureza. Por intermédio de Newton, os homens tornaram-se intelectualmente adultos». Sir William Barrett participou do estofo desta espécie de homens e nunca se alimentou de coisas no ar.

Bacon mereceu-lhe conceito e citou-o por mais de uma vez.

Não julgo fora de propósito inserir aqui, no estilo de Charles Adam, filósofo e professor universitário de Letras, algumas linhas biográficas elucidantes: Francisco Bacon nasceu aos 22 de Janeiro de 1561, em Londres. Seu pai exerceu, através de mais de 20 anos, o cargo de guarda-selos da rainha Isabel. Sua mãe escrevia em grego, não ignorava a teologia e, a pesar de zelosa protestante, admitia a liberdade de pensamento em matéria religiosa. Bacon cedo se revelou inteligente e ávido de conhecer; os fenómenos da natureza despertavam principalmente nele a sua atenção Dizia-se que tinha o espírito de sua mãe. A rainha Isabel notou-o ainda criança e denominou-o seu pequeno chanceler. Entretanto não seria a ela que Bacon viesse a dever a sua fortuna.

Este homem deveras notável, que entrou na política e houve investiduras de alto de-

sempenho, foi destituido, processado, julgado e condenado a prisão na famosa Torre de Londres e a multa de 40.000 libras esterlinas, como concussionário!

Havia, porém, outro *ego* em sua pessoa: aquele que d'Alembert, ordenador matemático da grande *Encyclopédie*, chama «o maior, o mais universal e o mais eloquente dos filósofos».

«A influência de Bacon, diz Jules Simon, foi dupla. Como reformador, manifestou-se em seu século e na posteridade por forma que jamais se apagará. Como filósofo, embora não tenha legado sistema, originou em certo modo uma escola sensualista».

Há 31 anos, no desaparecido semanário *O Trabalho*, de Setúbal, num estudo subordinado ao título «Portugal no Século XVII», referindo-me a Bacon e Descartes, disse eu: «Cada um destes dois vultos primaciais na história da renovação cientifica orientava-se por diverso modo: Bacon por processos experimentais e a observação dos fenómenos sensiveis; Descartes pela força da razão e fundando a escola racional».

Observação, experiência, razão, iluminam as elaborações de Barrett, a que presidem fundamentalmente. Foi, o insigne professor de Fisica da Universidade de Dublin, em contacto, na qualidade de seu assistente, com o célebre Tyndall, não menos insigne e abalizado professor, que à «ciência que estuda os fenómenos que se produzem sem alteração permanente na matéria ou natureza dos corpos» prestou serviços de valor perdurável, na cátedra, e não é extranho à publicidade, que honrou pela estampa de livros, um dos quais, sobre o calor, me edificou proveitosamente.

Barrett, certamente, inquiriu de si próprio, algum dia, se tudo acaba com o passamento físico, ou se alguma coisa resiste à suposta garra da morte, abandonando o arcaboiço falaz, numa sobrevivência infinda, ou alternada por motivo de reencarnações corrigendas, até um termo áugico de depuramento perfeito.

Em *Nos Umbrais do Além* rebrilha este inquirir secreto, a que respondem os textos de 24 capítulos claros de exposição, demonstrando por parte do autor não só erudição assombrosa, mas imparcialidade completa e lógica de dedutibilidade profunda.

Após algumas páginas, contendo ponderada *Notícia Biográfica* pelo escrupuloso tradutor e os prefácios das edições francesa e inglesa da obra, seguem os capítulos nesta ordem:

Introdução — As Investigações Psíquicas e a Opinião Pública — Objecções Contraditórias da Ciência e da Religião — Os Fenómenos Físicos do Espiritismo — (O capítulo imediato, V.º, obedece à mesma rubrica) — Levitação e Invulnerabilidade ao Fogo — Os Ectoplasmas. Escrita e Voz Directa. As materializações. A Chamada Fotografia dos Espíritos. A aura — A Prova nas Investigações Psíquicas — Teorias — O Problema da Mediunidade — A Personalidade Humana. O Eu Subliminar — As aparições — A Escrita Automática. As Provas de Identidade — Provas das Comunicações Supranormais. O «ouija» — A Sobrevivência. Provas Suplementares — Provas de Identidade dos Desencarnados — As Provas da Sobrevivência no Estrangeiro — Clarividência. Psicologia dos Fenómenos de Transe — Dificuldades e Objecções — Precauções e Sugestões — A Lição da Filosofia na Interpretação da Natureza — O Mistério da Personalidade Humana — O Princípio Divino da Alma. A Reencarnação — A Telepatia e as Suas Consequências.

A concluir, os apêndices:

A — *A Superstição e o Sobrenatural;* B — *Nota do Professor Balfour Stwart;* C — *Eusápia Paladino.* (Médium de que muito se falou em tempo, uns acusando-a de fraude e trapaças, outros ilibando-a); D — *Conselhos aos Experimentadores.*

Tal a viagem longa de um sábio, no rigor largo do termo, amante autêntico de luz a jorros e de verdade inteiríssima.

É empolgante esta viagem. E se ao viajor nada escapou que devesse referir, nada escapou também ao tradutor da culta narrativa que houvesse de anotar pela joeira de sua preclaridade.

Geley e Barrett, figuras de mérito inconcusso nos meios científicos propriamente ditos, que incluem o Espiritismo por argumento de eficiência irrefutável, produziram trabalhos, de factos, de análise e de experiência, em que ciência e consciência transparecem com energia provante, erecta na base inabalavel de factos.

Barrett, agora em causa para mim, através da grafia do português, nossa fala, que lhe imprimiu o escrupuloso intérprete em *Nos Umbrais do Além*, guia-se em tudo por lucidez criteriosa, não se desviando de lógica, de seriedade e de honestidade.

O livro não é susceptível de enfadar quem

quer que seja. Metódico, esquematizado, acessível, sem rodeio algum, de precisão matemática e sem imperialismo de imposição, aborda todos os assuntos e todas as matérias que definem e importam à verdade espírita, com desassombro, com segurança convicta, com franqueza patente. Aduz e induz dentro da formal realidade, sem truque, nem recurso a processo ou expediente inventivo.

Encantam-me e sorriem-me composições desta natureza e relevo puro.

Assentam em fieira de fenómens registados e verificados, ou dominam o leitor por irradiação espontânea de sua mesma essência soberana.

Factos não mentem, não improcedem com falibilidade; constituem evidência; contra eles não colhem argumentos, por maior que seja a subtileza com que se formulem. Convenço-me de que ninguém, de tino equilibrado, de senso esclarecido e sem partido tomado, ao percorrer as páginas de *Nos Umbrais do Além*, deixará de apreciá-lo, percebendo-se edificado. Eu, que fui conduzido à beira do Espiritismo, por aparição directa, no silêncio de minha casa, em circunstâncias singulares de impossível sugestionamento e de impraticável maquinação, regosijo-me e sinto-me à vontade, quando em presença de cientistas do coturno de Sir William Barrett, do Dr. Gustave Geley, de muitos outros, de ontem e de hoje, que hão contribuido ou contribuem, poderosamente, para o rasgar de véus que ainda ocultam, em parte, o destino dos mortos aparentes ao abandonarem o corpóreo invólucro à acção físico-química, privativa das sepulturas. O florir e reflorir, na amplidão universal, é de si, eloquentemente, espelho de limpidez esplendorosa, proclamando a Sobrevivência.

A Evolução Anímica

pelo Engenheiro Gabriel Delanne

É um dos mais completos e invulgares trabalhos escritos à luz das noções espiritualistas sobre as origens da Alma consciente. Dotado de grande cultura intelectual, o autor sintetizou admiràvelmente a evolução do princípio inteligente, esclarecendo o problema ante a compreensão dos que não disponham de conhecimentos para se embrenhar em profundas cogitações filosóficas e científicas.

Brochado ..... **20$00**
Encadernado ..... **28$00**

Nossos Representantes

JOSÉ SIMÕES DE MATOS

José Simões de Matos, representante de «Estudos Psíquicos» em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Brasil, é presidente da Sociedade Espírita Paz e Amor, a que nos referimos no penúltimo número e desenvolve extraordinária actividade na disseminação da Doutrina naquele formoso rincão brasileiro.

Vindo até nós espontâneamente, em carta expressiva que tivemos o prazer de publicar, aceitou depois o lugar de representante desta revista, angariando várias assinaturas e novos representantes, que oportunamente desfilarão nestas colunas.

Natural de Coelhoso, freguesia de Castelões, concelho de Tondela, seguiu para o Brasil em 1912 e lá constituiu família e lá estudou a Doutrina Espírita de que é fervoroso adepto. Na Sociedade Espírita Paz e Amor conheceu o saudoso propagandista Ângelo Aguarod, que mais tarde veio a substituir, e desde então a sua vida espiritual tem sido intensa.

Primeiramente católico e depois esoterista, tornou-se espírita cristão, fazendo obras dignas de tal credo. Grande é o seu espírito de tolerância.

No Brasil, em vez de encontrar a «árvore das patacas», que enriquece alguns que voltam à terra recheados de moedas, José Simões de Matos encontrou a «árvore do Evangelho», que enriquece o espírito e o dispõe para a vida eterna.

Em virtude de sua índole comunicativa e feitio estudioso, depressa adquiriu conhecimentos teóricos e práticos sobre a vida dos seres, através de suas viagens no Brasil.

Esta revista já lhe deve bons serviços, que se hão-de desdobrar, mercê de Deus, em benefício do Espiritismo, que ambos servimos dedicadamente.

Ao saudar o novo representante, enviamos aos confrades portalegrenses um grande abraço fraternal, em que vai a certeza de que estaremos sempre ao seu dispor para a difusão de suas obras sociais e doutrinárias, pois Estudos Psíquicos — voltamos a dizê-lo — pertence ao Espiritismo luso-brasileiro.

TENDÊNCIAS DO MOVIMENTO ESPIRITA BRASILEIRO

por Deolindo Amorim

(redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro)

I

Diz-se que o Espiritismo no Brasil é mais religioso do que científico. Sob o ponto de vista prático, prefiro dizer mais social, isto é, mais inclinado para obras de assistência (asilos, orfanatos, creches, hospitais, escolas, abrigos, albergues, etc.), do que realmente para trabalhos experimentais. Não há, no Brasil, a rigor, o que se possa chamar Espiritismo de gabinete. Faz-se investigação em determinados grupos, via de regra familiares, mas o que é incontestável é que o movimento espirita brasileiro demonstra mais tendência social. É certo que se prefere o Evangelho a qualquer outro livro básico do Espiritismo, nas sessões doutrinárias, tanto assim que as conferências públicas, a não ser em casos excepcionais, são de natureza evangélica. Os temas evangélicos agradam muito, especialmente porque vão, mais de perto, ao encontro da mentalidade popular.

A tendência religiosa do Espiritismo no Brasil, tendência que ninguém poderia negar, porque é facto comprovado, não se resume na oração, no lado místico: tem seu lado humanitário, dinâmico. Neste particular, o Espiritismo vem realizando no Brasil muito mais do que as comunidades religiosas, não obstante a notória escassez de recursos do meio espirita. As obras de assistência constituem, por assim dizer, a preocupação absorvente do meio espírita brasileiro, de norte a sul, de leste a oeste do país. Sobre este ponto, conquanto não haja unanimidade, visto que nem todos os espiritas aplaudem o programa de acção social em função das actividades espiritas, o que é verdade é que nenhuma organização religiosa ou filantrópica vai além do Espiritismo, em matéria de obras de caridade. A pesar de ser o grosso da população espirita do Brasil favorável ao movimento de acção social nas fileiras da doutrina, existem, não há dúvida, três grupos de opinião, bem definidos, a tal respeito:

a) — Os que acham que o Espiritismo deve abranger o campo de assistência social, realizando obras e dando exemplo à sociedade;

b) — Os que desaprovam a interferência do Espiritismo no terreno social, por considerarem que ao Estado, exclusivamente, é que cabe cuidar do corpo, enquanto a missão do Espiritismo é cuidar do espírito, evangelizando a humanidade pela iluminação interior e pela reforma moral do homem;

c) — Os que, colocando-se à margem desses dois grupos, encaram o Espiritismo exclusivamente sob o aspecto cultural ou científico, e por isso fazem estudos particulares, de âmbito pessoal.

Das três correntes acima, a maior, sem dúvida alguma, é a primeira, a que defende ardorosamente o programa social do movimento espírita. Já disse Gabriel Gobron que o *Espiritismo brasileiro é a caridade em acção*. Não há exagero neste belo conceito do brilhante escritor francês, cuja desencarnação se deu em condições muito dolorosas, em plena guerra. Tinha ele absoluta razão. Basta dizer que um tema dos mais repetidos entre nós, tanto na imprensa como na tribuna espirita, é *Espiritismo-acção*. Abre-se um centro ou grupo espirita, e logo se cogita de organizar uma escola gratuita ou um serviço de auxílio à pobreza. A acção social é, pois, a bandeira que agita o movimento espirita brasileiro em todo o país. É verdade que todo esse trabalho é independente, porque não obedece a uma direcção única, a um *comando* geral, a uma directriz central, visto que as sociedades espiritas, grandes ou pequenas, são autónomas, sob o ponto de vista administrativo. Cada grupo ou centro faz o que pode, a seu modo, de acordo com disposições de ordem puramente interna, servindo-se de elementos e recursos próprios, e as obras, no fim de tudo, vão aparecendo, aumentando, sem que haja plano geral. Pode-se dizer que o trabalho espirita neste campo de actividade é muito dividido, porque não realiza obra de conjunto. Mas o que é verdade é que o trabalho aparece, as sociedades espiritas fazem o bem indistintamente, sem se perguntar ao necessitado qual a sua crença, qual a sua nacionalidade.

Pouca gente observa que a falta de unidade na acção material constitui um aspecto curioso do Espiritismo no Brasil. Faz-se muito, porém, dentro de limites particulares, isto é, cada sociedade, cada agru-

pamento faz a sua obra, cujo fim é o mesmo: a Caridade. Parece que tudo isso é dispersão, é falta de ordem.

Não é tanto como parece, desde que levemos em consideração um factor decisivo: o meio, a realidade brasileira. Talvez o aparente sentido dispersivo do movimento espírita brasileiro seja uma imposição do meio. As condições geográficas do país, apresentando antagonismos profundos na psicologia do povo, assim como franca diversidade nos costumes regionais, nos hábitos domésticos, nos recursos naturais, por exemplo, concorrem, até certo ponto, para a heterogeneidade dos programas de ordem prática. Os processos de cultura, nas diferentes regiões do país, nem sempre são os mesmos, o que influi, certamente, na forma de acção, que é, de facto, muito variada. Não se atribua inteiramente ao movimento espírita a culpa (se é que há culpa) de não haver uniformidade no trabalho realizado com propósitos humanitários.

///

A orientação das actividades espíritas, quanto ao trabalho pròpriamente humano, há-de ser um reflexo do meio. E o povo brasileiro já é, por índole, infenso a qualquer forma de centralização. A formação política e geográfica do país tem que exercer influência nas inclinações do povo. Mesmo no tempo do Império, o Brasil nunca se acomodou à unificação administrativa. Veio a República, há mais de meio século, e se implantou a federação, justamente por força da própria vocação do país. O Brasil repeliu, desde cedo, o regime de centralização, por não estar de acordo com a sua realidade política e geográfica. Até mesmo a forma republicana, por experiência histórica, pendeu logo para o sistema federativo e não para o tipo unitário. A República unitária só encontra ambiente em países pequenos e sem muita mesclagem cultural. O regime federativo tem por característica justamente a autonomia dos Estados e Municípios. Desde o período colonial, quando o Brasil ainda não era independente, já o espírito de autonomia se manifestava nas antigas Câmaras locais. Vem de longe, portanto, do «embrião da nacionalidade», nossa tendência para o sistema federativo, embora tivéssemos um governo monárquico, inteiramente centralizador, até 1889. Mas as tentativas de federação, sob o regime imperial, não foram poucas... Muito se lutou no Brasil para estabelecer a descentralização. O país tem uma Constituição, sua lei básica, a *Carta Magna*, mas, ao mesmo tempo, cada Estado tem a sua Constituição; cada Município tem a sua Câmara ou corpo legislativo, seu governo absolutamente autónomo, com prerrogativas limitadas, é claro, à jurisdição local. Esta, a fisionomia geral do país.

Critica-se muito a *dispersão* do movimento espírita brasileiro, exactamente por não haver, de facto, centralização nem orgão coordenador. Mas é indispensável que se leve em consideração uma circunstância importante: a organização do Espiritismo no Brasil segue a tendência federativa do país. Cada sociedade espírita, ainda que seja filiada ou adesa a uma entidade maior, tem estatuto próprio, é autónoma nas deliberações de sua vida interna. Temos aí, pois, em miniatura, a própria República Brasileira: o governo central não invade a seara dos Estados, assim como o governo estadual não se imiscui na administração dos municípios. Que é federação? Uma família, pode-se dizer assim, constituida de vários membros, grandes e pequenos, uns mais ricos, outros mais pobres, tendo cada um deles vida própria, autonomia, constituição especial. Assim é o Brasil. E assim, por tendência natural, é o movimento espírita brasileiro, com certas deficiências. Nem por isso deixa de haver unidade.

O regime federativo separa mas não desagrega, divide mas não desune. É o que se dá no Brasil, é o que se verifica, em paralelo, no movimento espírita brasileiro. Foi por isso, certamente, que Stefan Zweig achou o fenómeno brasileiro bem interessante: país muito grande, todo variado, todo dividido em células autónomas (Estados e Municípios) mas inteiramente coeso, porque nenhuma revolução conseguiu, até hoje, partir o elo comum ou abalar o que se chama a «unidade nacional», isto é, o todo, a estrutura geral. O Brasil foi buscar exemplo, como se sabe, nos Estados Unidos. Rejeitou a chamada *ditadura republicana*, tipo comteano, e procurou inspiração no presidencialismo norte-americano. A fonte é valiosa. Nos Estados Unidos a autonomia estadual, tendo por consequência imediata a descentralização administrativa, é princípio intangível. Os Estados são autónomos, as Constituições estaduais apresentam entre si diferenças frisantes, e nem por isso a grande República norte-americana mostra qualquer sintoma de enfranquecimento no cerne de sua unidade. A federação descentraliza, mas não enfraquece. Os Estados Unidos, durante a última conflagração mundial, revelaram-se um todo forte e homogéneo, sem prejuizo do espírito de autonomia de suas células federativas. Os *cantões* da Suiça apresentam desigualdades étnicas, linguísticas, etc., mas a Suiça continua a ser, através dos tempos e de todas as transformações mundiais, um país admirável, próspero e unido.

///

O movimento espírita brasileiro deve ser estudado, quanto a suas tendências, à luz das influências locais. Tendo, como se vem observando, mais preferência pelas obras sociais, naturalmente por inspiração evangélica, o trabalho que realiza, neste terreno, é todo independente e espontâneo. Não é, pois, um trabalho *dirigido*, mas guiado pelo coração, pela inclinação

religiosa. Talvez esta particularidade seja mais importante do que se pensa. O trabalho espontâneo é sempre mais produtivo. É justamente o espírito de autonomia, peculiar ao meio brasileiro, o móvel principal dessa grandiosa obra de solidariedade humana que o Espiritismo vem executando no Brasil. Naturalmnte, se o movimento espirita fosse «controlado», supervisionado por um órgão de coordenação, é bem provável que não produzisse tanto, que não tivesse tanto entusiasmo, porque a liberdade por si só estimula a iniciativa particular. Chame-se a isso vaidade, personalismo ou desordem, mas o que é facto é que a acção *dirigida* nunca é tão realizadora como o trabalho voluntário, consciente (Veja-se, para ilustração, o exemplo da *economia dirigida*, da *literatura dirigida*, das *corporações dirigidas*, cujos efeitos ruinosos tumultuaram a vida de alguns povos, nestes últimos anos). A palavra liberdade se associa naturalmente à palavra progresso. O indivíduo que faz um serviço, desempenha uma tarefa porque é mandado, porque esse serviço obedece a um plano geral, prèviamente traçado por outrem, não sente o prazer que sentiria na execução de tarefa inteiramente sua, na qual estivesse a sua inteligência, o seu sentimento. Quando o indivíduo faz aquilo que não sente, trabalha mecânicamente apenas. Nas obras do bem, principalmente, a espontaneidade é um factor precioso. Temos aí uma razão de ordem psicológica. Mas precisamos ter em vista, ao mesmo tempo, as razões de ordem mesológica. O meio brasileiro não é favorável aos movimentos dirigidos, porque as organizações particulares são muito ciosas de sua autonomia. E o trabalho do Espiritismo no Brasil tem sido tão grande, tão edificante, justamente por não ser dirigido. Mas existe unidade na interpretação doutrinária: os princípios fundamentais da doutrina são aceitos de norte a sul do país. O trabalho material é independente, mas a unidade doutrinária não sofre alteração, porquanto os espiritas do País inteiro estão de pleno acordo nos pontos básicos do Espiritismo: *imortalidade da alma, reencarnação, prevalência da moral cristã.* A obra de assistência, muito dividida na forma, é uníssona e coerente no fundo, porque converge toda ela para a unidade. Todas as instituições espiritas, tenham tais ou quais programas, proclamam e praticam este princípio: *a caridade não conhece distinção de crença, cor ou nacionalidade.* Há ou não há unidade? Os programas são diferentes, desarticulados, mas o objectivo é o mesmo, a orientação evangélica é invariável em todas as instituições. A unidade não está nos processos de trabalho, mas no fim a que se destinam as obras. Até mesmo a filiação dos centros e grupos às etidades orientadoras é acto espontâneo. Há centros que se não filiam a entidade local ou nacional, e nem por isso deixam de trabalhar e acompanhar o movimento espirita na realização de obras. Nenhuma entidade federativa aceitaria agregação por constrangimento. Àssim como a autonomia local, que é a característica essencial do regime federativo, não destroi a «unidade nacional», a autonomia dos centros e grupos espiritas não altera a unidade doutrinária. Aí está, finalmente, uma das tendências do movimento espirita brasileiro: acção social, com independência.

(Continua)

Como os Espíritos nos vêem

Através de um médium britânico, certo guia espiritual revelou de que maneira as entidades podem distinguir os vivos e conhecer o seu estado de alma, a sua saude, as suas aspirações, desejos e sofrimentos.

Segundo este guia, todo o ser humano irradia um fluido, uma espécie de vapor contínuo chamado aura, *no qual estão impressos muitos pensamentos do ser vivente. Esse fluido conserva todas as características do indivíduo e envolve-o inteiramente como túnica talvez mais viva. É de cores diferentes. Cada cor tem o seu fim, o seu destino e a sua razão de ser. O facto de se gostar ou de não se gostar de tal ou tal coisa tem origem na côr da aura pessoal que está ou não em desarmonia com essa coisa. Quando se dá este fenómeno, experimentam-se repulsões ou atracções.*

Assim, uma pessoa está doente, devido à deficiência transitória ou permanente da sua aura. O papel do curador é restabelecer o equilíbrio, reforçando a aura *do enfermo; e não perderá nada do próprio equilíbrio, desde que seja fortemente auxiliado pelos seus guias, que se apresentam e o envolvem desde o início da prece que antecede o tratamento espiritual.*

Isto é um resumo pouco vulgar do mundo invisível; levanta uma ponta do véu e permite compreender em imagens a maneira por que as entidades nos vêem e nos auxiliam.

Do Psychic News, *grande semanário espirita londrino*

O ESPIRITISMO EM FRANÇA

por António Joaquim Martins

O materialismo e as falsas doutrinas que têm imperado no nosso pobre planeta, levaram o mundo à beira do abismo. A miséria, a pobreza moral e a incerteza do dia seguinte são o resultado das falsas innterpretações de doutrinas donde foi banido todo o sentido de humanidade para dar lugar à cobiça, ao orgulho e ao pior dos egoismos.

As guerras e as revoluções sociais com os seus cortejos de indisciplina, de desordem e de abusos sem conto, apagaram da consciência humana os vestígios da moral evangélica adquirida através dos séculos.

O homem caminha sem bússola, indeciso no meio de uma enorme confusão de ideias. O «conhece-te a ti próprio» do filósofo grego, é letra morta para a sua grande maioria. Ansioso, caminha ao acaso com os olhos fitos numa esperança que se desvanece, e só depois de sofrimentos sem fim, o homem eleva os olhos ao Alto porque o instinto lhe grita que só de lá, só do cumprimento das leis morais que o Cristo veio trazer à Terra lhe pode vir o bem-estar e a salvação.

Ferida na sua carne e atingida na sua moral, a França foi um dos países que mais sofreu com a guerra. Tive ocasião de o verificar na recente visita que fiz àquele país.

A tristeza e a miséria são o «lot» que a guerra deixou ao país em que melhor se vivia na Europa.

Essa tristeza e essa miséria refletem-se no rosto sem alegria, fartos de esperar um dia que não chega. A dor purifica, eleva e encaminha as almas para Deus, e é através da dor que a humanidade progride. Esta grande máxima é hoje, mais que nunca, uma grande verdade.

A luta contra tanto sofrimento material e moral tinha fatalmente que modificar o pensamento das massas, obrigando-as a procurar refúgio nos domínios do espírito onde pudesse aurir o bálsamo e a consolação para os seus sofrimentos.

A grande corrente que se está manifestando em França a favor da doutrina espirita, é o princípio da consagração definitiva dum ideal ainda imperfeitamente conhecido do público. É o despontar da vitória do espírito sobre a matéria.

Os centros espiritas, nas suas sessões públicas, estão registando a maior enchente de todos os tempos. Desiludidas, fartas de sofrer, muitas pessoas ali vão à procura de coragem para enfrentar as dificuldades da vida, pela certeza de que, por serem passageiros os sofrimentos na Terra, serão recompensados pela esperança justificada de uma recompensa no Além a que Deus não faltará.

São os que sofreram a perda de um filho, de um pai, de parentes e amigos, que ali acodem em maior número, na esperança de obterem provas da sobrevivência desses entes queridos que a guerra roubou às suas afeições e carinhos.

É enternecedor observar a fé com que aguardam essas provas muitas vezes capitais.

A uma senhora que perdera o marido na guerra e a quem queria mais que à própria vida, vi eu chorar de alegria pelas provas que, ante a fotografia do desaparecido, a médium lhe estava dando. Não havia dúvidas. Não podia deixar de ser o marido quem, através da médium, lhe estava contando como perdera a vida num campo de concentração, lhe lembrava momentos de alegria comum e lhe testemunhava o prazer que sentia em poder comunicar-se e contribuir assim a elevar-lhe o moral fortemente abalado, pela certeza que lhe estava dando da continuação da vida para além da morte. Tudo isto em termos e linguagem bem conhecidas da pobre senhora. Comovida, quase sem poder articular palavra pela emoção recebida, mas calma e com o rosto inebriado duma luz e alegria até então desconhecidas para ela, confiou-me:

— Voyez-vous Monsieur, je suis plus tranquile maintenant que je sais qu' il continue de vivre et qu' il n' est pas malheureux. Le jour ou Dieu permettra que je le rejoigne sera un grand jour pour moi. Je l' attenderais tranquilement certaine d' avoir toujours près de moi mon cher disparu. Que Dieu soit loué pour ce bonheur à lequel je ne croyais pas. *(Veja: estou mais tranquila agora, depois de saber que ele continua a viver e que não é infeliz. O dia em que Deus permitir que me junte a ele será um grande dia para mim. Aguardá-lo-ei tranquilamente, certa de ter sempre junto de mim o meu querido ausente. Deus seja*

louvado por esta felicidade em que eu não acreditava).

Em sessão pública na sala da União Espirita Francesa, em Paris, assisti também a um caso de um senhor de idade que perdera a esposa com quem vivera toda a vida em perfeita união e harmonia. Foi ali a conselho de amigos, munido da fotografia da morta. Lia-se-lhe no rosto a angústia e a ansiedade. Seria verdade que podia comunicar com ela, ou seria apenas uma ilusão, em que, a pesar de tudo, não queria acreditar? Mas as provas não se fizeram esperar, e pela boca da médium ouviu o pobre velho as seguintes palavras que lhe eram dirigidas pela esposa:

— Não duvides, porque fui bem eu quem sugeriu aos nossos amigos X a ideia de fazerem com que aqui viesses. O teu pensamento anda ligado a mim e tenho sofrido por te ver sofrer; mas agora que obtens a certeza de que não estamos separados para sempre, deves modificar a tua vida, porque a nossa separação é momentânea mas necessária. Tens hesitado e adiado o dia da tua partida para junto da nossa filha, perguntando a ti próprio se eu a aprovaria, se fosse viva. Fixaste esse dia para sábado próximo, se recebesses de mim a tão desejada aprovação. Vai. Eu estarei sempre a teu lado. Tem fé em Deus e na tua Germaine.

Tomado de emoção, quase sem poder exprimir-se, voltou-se para a sala declarando:

— Tout cela est vrai, car je n'ai confié a personne ce que je gardais au fond de mon coeur. Je ne suis plus malheureux *(Tudo isso é verdade, porque não disse a ninguém o que guardava no fundo do coração. Já não sou infeliz).*

Casos como os que acabo de citar dão-se todos os dias e em todos os países. São as consoladoras provas da sobrevivência que tantos negam, mais por sistema do que por convicção.

A Sala de Geografia do «boulevard» Saint-Germain, em Paris, onde o prestigioso e incansável vice-presidente da União Espirita Francesa, Senhor Henri Régnault organiza todas as sextas-feiras uma conferência, enche-se por completo, a pesar das entradas serem pagas, sendo a receita destinada a cobrir as despesas e à propaganda da doutrina. Ali tive ocasião de ver em acção aquele nosso prezado confrade na sua palavra fluente e autorizada, e sempre ouvido debaixo de um profundo silêncio, dissertando com elevado espírito e profundos conhecimentos sobre a doutrina espirita, e sobre o que representam para o futuro do mundo as suas concepções filosóficas.

Na parte experimental assisti às suas demonstrações sobre a existência do fluido humano, realizadas com profunda mestria. O seu numerosíssimo auditório seguia atentamente a prova da existência dos fenómenos magnéticos, que revelam não só a existência da alma, mas também a sua imortalidade.

Mas não fica por aqui a acção do experimentador que conclui pela afirmação de que o fluido humano, obedecendo a uma poderosa vontade e principalmente a um forte desejo de praticar o bem, penetra os organismos debilitados com sua acção benéfica, restituindo-lhes a saude. Era assim que os santos operavam as suas maravilhosas curas.

O Espiritismo em França está registando dia a dia maior número de adeptos. A ele estão aderindo pessoas de todas as camadas sociais. A sua sublime doutrina, com as suas elevadas concepções filosóficas, a todos protege e consola, porque nelas encontram a certeza que lhes permite compreender melhor o porquê da vida com tudo o que ela comporta de sofrimentos, de injustiças e de miséria social. Portador de um ideal que tem por fim a paz e a união entre os homens, armado com o escudo sagrado da Fé, do Amor e da Caridade, fazendo suas as sublimes máximas do Mártir do Gólgota, o Espiritismo tem à sua frente a tarefa máxima da regeneração humana. A ela não faltará, porque a força irresistível que lhe vem de cima é o fogo sagrado que o alenta no caminho do amor, da verdade e do progresso.

Lêde com atenção

Nunca se atira fora uma publicação espirita.

Nunca se faz embrulho de um jornal espirita.

Uma revista ou jornal espirita, depois de lido, se não se faz colecção, passa-se adiante. Manda-se a um amigo. Dá-se a um vizinho, a um conhecido, assinalando-se o que mais nos interessou.

Eis um processo simples e fácil de propaganda.

Propaganda do Espiritismo e da publicação.

E o bom espirita nunca perde tempo: está sempre a propagar a sua Doutrina.

Rf/47

RETALHOS...

pelo Coronel Faure da Rosa

LIBERDADE E FATALIDADE

A lei da liberdade sendo, como é, uma lei natural, é uma lei de Deus.

Como, porém, todos nós temos necessidade uns dos outros, quer pequenos quer grandes, a liberdade absoluta não pode existir. Desde que haja dois homens juntos, eles têm que respeitar mutuamente os seus direitos.

Em teoria nenhum acto se deve praticar que possa restringir a liberdade de outrem. Entretanto, o que a cada passo se vê — até entre aqueles que blasonam de autênticos liberais — é que há homens que são verdadeiros déspotas para com os subordinados, para com todos aqueles que deles dependam por qualquer circunstância. Os apregoados principios liberais destes homens, são apenas uma comédia para enganar quem neles acredita.

Desprezam a grande lei da Causalidade que os rsponsabiliza, mas desse desprezo hão-de dar contas um dia.

Dos dois casos de premonição que narrei no último artigo, deduz Sampaio Bruno quatro conclusões.

A primeira é que todas as coisas no mundo estão predeterminadas e até o número que a tantas horas da noite de tantos de tal sairia naquela casa de batota do Porto. Daqui deduz que a Fatalidade é a Lei do Mundo.

A segunda conclusão é que tendo ele conhecimento dessa Lei, podia, obedecer ou desobedecer. Podia ir ou deixar de ir. O conceito anterior define na fenomenologia o conceito da Vontade.

Da coordenação das duas primeiras conclusões resulta a seguinte consequência derivada: — João Chagas havia de passar em Boadilha por força. (Lei da Fatalidade). Mas Sampaio Bruno é que podia encontrar-se com ele ou não, consoante usasse do seu alvedrio, conforme fosse ou humilde ou soberbo (Lei da Liberdade).

A coexistência da Fatalidade com a Liberdade é que é, racionalmente, o Livre-Arbítrio. que não pode ser absoluto, mas condicionado, desde que a alma humana condicionada esteja com a matéria que lhe é circunstâncial concomitância.

Portanto, na Natureza há Liberdade, há Moral. E, como há Faculdade, há Ciência; os factos da Liberdade são contingentes; os da Fatalidade são necessários. Os primeiros podem dar-se ou deixar de dar-se: têm variedade de tipos; permitem escolha, por conseguinte: o crime, a virtude, o egoismo, etc. Os segundos hão-de dar-se por força. Só têm um tipo único, a certeza que constitui a verdade, física e metafísica.

Destas considerações decorre a terceira conclusão... É que se no Mundo a Liberdade é Lei, há Responsabilidade. A Moral é, pois, uma comprovação objectiva, porque é um facto da realidade natural. A este corolário nos pode guiar, igualmente, a observação que se faça da existência, real quer do remorso, quer da satisfação da consciência...

«A quarta conclusão é muitíssimo grave, atentos os prejuizos materialistas que se tornaram o nosso temperamento crítico. Sem embargo, a lógica impõe-a; e há que ter coragem de arrostar com a irreflexão mofante. É um dever, áspero de cumprir só para aquele que se aterra perante o mexerico da alheia opinião. Esta não passa da reprodução sem personalidade das doutrinas assentes para o grande número.

«A quarta conclusão é que a predeterminação do Universo é conhecida por seres espirituais superiores a nós e existindo fora de nós, mas que, quando o queiram ou lhes seja consentido (que sabemos a propósito?), no-la podem comunicar, fazendo-nos conhecer com antecedência o — necessitado e libertado — futuro, pelo que toca restritamente a certos dos episódios constitutivos desse porvir. Logo, a angeologia é intuição positiva e a profecia é realidade anómala.

Quanto mais esclarecida for a inteligência do homem, menos desculpável é a obliteração dum princípio. O homem simples, mas sincero, está mais adiantado no caminho de Deus do que aquele que quer parecer o que não é.

A desigualdade natural de aptidões tem colocado certas raças humanas sob a dependência de outras raças mais inteligentes. Mas essa sujeição deveria servir para as levantar e não para as embrutecer ainda mais. O que se tem visto e ainda se vê hoje, é que os dominantes consideram os dominados como animais de trabalho munidos de mãos e braços que aqueles exploram como bestas de carga, sem correrem o risco de avultadas despesas com a substituição por motivo de morte, como acontece com os animais de trabalho. Para tais egoistas, o homem dessas raças é o animal de carga mais barato. Para eles *Liberdade* é apanágio da sua casta; para os outros só existe *Fatalidade*.

A VERDADE E A REALIDADE

O grande escritor e pensador que se chamou Henri Barbusse, no seu livro «Jesus» dá-nos uma imagem precisa da «Verdade e da Realidade». «A verdade — escreve Barbuss — tem um sentido diferente daquele

que se imagina. A verdade não vem de Deus para nós; de nós é que vai para Deus».

Por muito arrojada que pareça esta afirmação, se pensarmos uns curtos momentos, reconhecemos que é assim mesmo. A verdade do nosso disfarce, do encobrimento das nossas intenções, da nossa hipocrisia, na maior parte dos actos da vida terrena, de nada servem perante Deus. O que vai para Ele é essa *verdade:* o disfarce, o encobrimento, a hipocrisia; mas por baixo dessa máscara está a realidade.

Barbusse imagina um transeunte que, encontrando Jesus com Ele estabelece o diálogo que dou em seguida:

— Interrogou-me um homem moço que veio ter comigo quando eu caminhava na rua — diz Jesus.

— Mestre, ouvi falar de modo diverso de ambas, da verdade e da realidade.

— Eu respondi-lhe: Nós estamos sempre entre as duas, uma dentro e outra fora. Olha para esta rua em que caminhamos: parece que ela estreita ao longe, na nossa frente, e as casas que a orlam têm o aspecto de minguar a nossos olhos; e, no entanto, à medida que a percorremos, vemos que a rua tem sempre a mesma largura e as casas a mesma altura.

— Então, há na rua duas imagens da rua: a que a vê tornar-se mais estreita e a que a vê sempre da mesma largura.

— A que tu nomeaste em último lugar é a única verdadeira.

— Sim, mas a outra é a única real.

— É que tu vês só um extremo da verdade, — explica Jesus. A verdade prática e a verdade teórica, a visível e a invisível. Não são duas coisas diferentes, mas as duas faces da que existe, como a forma dum círculo difere à vista, conforme se estiver do lado de dentro ou do lado de fora, e, entretanto, é um único. Todas as vezes que vires os dois extremos da verdade em desacordo, é que tu estás enganado. Porque ambos são inseparáveis... Não te divirtas a separar o verdadeiro do real, a separar o espírito da vida... Visto que não há, em todos os lugares, senão uma única realidade e uma única verdade: a mesma, que nos parece não ser a mesma... Acreditar sem compreender é como uma maxila sem corpo... O messias é o Espírito e o Espírito está em nós. Tudo está em nós.

Um Grande Metagnomo

Em 1927, o médico polaco Xavier de Watraszewski relatava as experiências feitas no Hospital de S. Lázaro, em Varsóvia, com a vidente Mlle. Sabira. Esta fixava os olhos num globo de cristal para, segundo dizia, adquirir o máximo do seu poder clarividente. Em face de doentes internados no hospital e escolhidos ao acaso nas enfermarias, fazia uma descrição minuciosa dos sintomas e localizava, sem erro, o orgão ou orgãos afectados.

O DESPERTAR

por José Simões de Matos

O despertar do espírito à Luz da Consciência é quase sempre precedido de extraordinário entusiasmo, seguido de sincero desejo de comunicar a outros a sua alegria, a sua felicidade relativa. É quase sempre neste período que o novo adepto se lança na propaganda de seu novo credo com todo o ardor, tornando-se frequentemente intolerante com as ideias de irmãos de outras crenças ou religiões. No lar, sua acção por vezes cria sérias perturbações devido a querer impor a todos sua mensagem de boa nova, no afã de nela interessar os irmãos e amigos. Naturalmente, surgem provações e sofrimentos decorrentes de tais circunstâncias, que pouco nos recomendam, apesar de nossos bons propósitos, em virtude do modo pouco cristão como nos conduzimos.

Só mais tarde verificamos essas faltas de nossa parte e as reparamos. Verificamos então como os ensinos do Mestre são sábios e perfeitos. Só então notamos que toda a fruta colhida verde não tem o sabor das que foram apanhadas no seu devido tempo. Para tudo é necessário tempo. O agricultor experiente cuida da árvore e vigia a oportunidade de colher o fruto. Da mesma forma deverá proceder o interessado na colheita de adeptos para qualquer fim: amparar o homem, esclarecer-lhe o espírito e aguardar o momento oportuno de sua iniciação.

Deste modo o nosso auxílio será eficiente, porque a parte se colocou em condições de receber. A Verdade se fará sentir e a Doutrina se tornará vitoriosa em seus divinos efeitos, tanto na ordem física como na espiritual. Entretanto, devemos corrigir nossos defeitos, para estarmos em condições de despertar o próximo para o mesmo fim.

Porto Alegre, Brasil, Maio de 1947.

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XIX

A vida do Cristo tem de ser a vida do crente; o sentimento do Cristo há-de ser o sentimento do crente; o ideal do Cristo há-de ser o ideal do crente, a acção do Cristo há-de ser a acção do crente.

Se não houver entre o Mestre e o discípulo esta identificação, os discípulos não terão parte com Ele, pois não comeram ainda a Sua carne e não beberam o Seu sangue.

Serão aspirantes ao Cristianismo, mas não serão Cristãos de facto. Decorre desta comunhão integral — idêntica àquela que se verifica entre a videira e as folhas — uma consequência lógica e natural: os crentes que tiverem a vida do Cristo transfundida em si próprios, viverão uma vida comum. Todos viverão a vida de cada um e cada um viverá a vida de todos, realizando-se assim o supremo ideal do Cristianismo.

Esta doutrina tem um cunho de realidade positiva e eminentemente prática.

Aparentemente, parece algo de bom e de prático aconselhar a comunhão de pensamento, a solidariedade espiritual, como pretendem os credos saturados de misticismo.

Mas, reportando-me ao apóstolo Tiago, perguntarei: semelhante comunhão mitiga a fome e a sede dos famintos e dos sedentos?

Semelhante género de simpatia veste os nus, assiste aos enfermos em suas angústias, conforta os desesperados, enxuga o pranto dos aflitos?

Tal espécie de solidariedade, só por si, defende os oprimidos, esclarece os ignorantes, combate a iniquidade, o vício, o crime, melhora, enfim, as condições da humanidade?

É muito fácil pregar e mesmo praticar a comunhão de pensamento e outras tantas comunhões líricas, mas não é essa certamente a comunhão ensinada, sentida e exemplificada por Jesus-Cristo.

A comunhão cristã é uma realidade viva e palpitante; é uma identificação perfeita da vida colectiva com a vida de cada irmão e da vida de cada um destes com a vida colectiva.

Não paira nas alturas alcandoradas do idealismo estéril: desce ao plano da vida humana, penetra a sociedade terrena, os lares, o seio da família, o âmago dos corações.

A comunhão cristã é do espírito, da carne, do sangue. Jesus é o verbo encarnado que habitou entre os homens: sentiu as suas dores, experimentou as suas angústias, sondou as suas chagas, pensou as suas feridas.

Foi com factos e não com pensamentos e palavras que Jesus estabeleceu a sua comunhão com a humanidade sofredora.

Os mensageiros de João Baptista, quando da parte deste lhe foram perguntar, se ele era o Messias esperado e anunciado pelo profeta Isaias e outros, nas Sagradas Escrituras, tiveram ocasião de testemunhar a maneira como Jesus se revelava o Cristo de Deus.

Ele respondeu-lhes: vinde e vede. Em seguida operou na sua presença a cura de cegos de nascença, de paralíticos, de coxos, de obsidiados.

Sua doutrina é bem diferente da doutrina engalanada de certos credos, cuja eficiência não vai além da sonoridade de frases estudadas, proferidas mais com o fito de fascinar a mente popular, do que esclarecer a Verdade e propugnar o advento da justiça na terra.

Jesus não deu joio aos homens, deu-lhes trigo. Alimentou-os, não os enfeitiçou.

A comunhão do lirismo espiritualista, que permite que a carne e o sangue apodreçam na dor e na angústia, não é aquela que Jesus determinou que se fizesse em sua memória e em substituição da Páscoa dos Judeus.

O crente em Cristo tem de sentir as dores morais e físicas de seus irmãos, tal como se fora em si mesmo.

A fraternidade cristã importa numa questão de facto: nunca será demais repeti-lo.

«Vinde a Mim, benditas de meu Pai, porque tive fome e me deste de comer; tive sede e me saciastes; estive nú e vestistes-me; estive enfermo e prisioneiro e visitastes-me».

«Apartai-vos de mim, vós que obraste a iniquidade, porque permanecestes impassíveis, perante as minhas necessidades, as minhas angústias, as minhas aflições».

Tanto estes como aqueles dirão: Senhor, quando te vimos em necessidade e te acudimos, ou te deixámos de valer? Jesus responderá: todas as vezes que valestes ou não, aos mais pequenos e humildes da terra, foi a mim que o fizestes».

Eis aqui a Lei e os Profetas segundo o conceito cristão.

O Cristianismo não responde pelas adulterações que os homens, no seu egoismo, pretendem introduzir na sua estrutura doutrinária.

Tal é a verdade que o Espírito Consolador veio restabelecer, a propósito do pão e do vinho que o Senhor deu a comer e a beber aos seus Apóstolos, como símbolos do seu corpo e do seu sangue, imolados à causa da redenção da humanidade.

Antes desta noite — a última do Mestre sobre a terra — reportemos-nos a um lugar que o Evangelho não designa, em data que ele não precisa também, e descancemos os olhos e os corações numa cena de inefável doçura.

Contemplemos correndo para Jesus, sorridentes, de bracitos estendidos, as criancinhas que passavam no caminho e para Ele se sentiam atraídas por aquele admirável instinto das crianças, quando defrontam com a bondade.

Contemplemos as mães forçando as portas, desprezando as proibições, que os próprios discípulos impunham e respeitavam, com o fim de levarem a Jesus seus filhinhos de colo para que os abençoasse.

Rodeados de pequeninos, vemos Jesus, na Divina Bondade, tendo alguns sentados nos joelhos, pousando suas mãos sobre as cabecitas loiras ou de cachos negros, enquanto os mais velhinhos, com ares de gravidade, se encostam a Ele, fitando os olhos inocentes e límpidos nesses olhos onde se reflete o Céu.

Certamente foi essa uma das horas mais doces para o Senhor — parecia que novamente os Anjos o rodeavam.

Afagava-os, abençoava-os, dizendo para Seus discípulos que tentavam dificultar a sua aproximação: «Deixai vir a mim os pequeninos; não os afasteis. É, aos que a eles se assemelham, que pertence o REINO DOS CEUS.

Os Apóstolos não podiam compreender estas palavras.

Por que razão o Mestre admirável, portador de doutrinas tão sublimes, se deixava prender por este bando semi-nú, esfarrapado, como ainda hoje vemos as crianças nas estradas do Oriente, lembrando um bando de pardais importunos?

Para que havia Ele de aturar aquele papaguear, aquele balbuciar de ternura?

Que vantagem havia em tolerar a obstinação daquelas mães que não se afastariam contentes, sem que as mãos do Senhor pousassem, abençoando, as cabeças de seus filhos?

Este impulso instintivo para o Sol de Amor, que irradeava do coração de Jesus, era um sinal divino, a homenagem espontânea da inocência ao Ser inteiramente puro, a intuição delicada das mães, que reconhecia e honrava o Mestre.

Que melhor forma de o distinguirem dos outros homens, do que esta de trazer-lhe seus próprios filhinhos para serem abençoados?

Que melhor maneira de demonstrar o reconhecimento da Sua ternura, da Sua inefável graça, «de que uma virtude saia d'Ele»?

Os Apóstolos a princípio não compreendiam, mas as mães, essas, pressentiram desde sempre o manancial de amor que refulgia em Jesus.

Através das idades elas elevaram sempre seus filhinhos, nas asas de aspirações ardentes, aos pés do Mestre dos Mestres.

Confiaram-nos sempre às Suas mãos caridosas e sempre imploraram o olhar da divina ternura, para que por eles velasse no transcurso das suas existências terrestres.

Felizes daqueles, cujas mães sabem elevar para Deus os seus corações amantes!

"LUZ NO CAMINHO"

Quando esta revista chegar à mão dos leitores, deve estar a sair o livro do nosso Director, intitulado «*Luz no Caminho*», obra de análise evangélica à luz do Espiritismo, escrita na intenção de provar que o Espiritismo não é de origem diabólica.

Compõe-se o livro de 84 pequenos capítulos que servem de glosa a outras tantas legendas bíblicas. A figura do Cristo ergue-se a inacessíveis alturas e a sua palavra encontrou um exegeta que procurou esclarecer o que parecia confuso e imperfeito.

Escrito com entusiasmo e vibração invulgar, temos a certeza de que esta obra em breve se esgotará. Livro simples, como simples é o seu autor, será lido com devoção e interesse, não só pelo assunto que ventida, como também pela pureza e vigor do estilo em que estão vazadas as suas 347 páginas.

Brochado, 27$50; Encadernado, 37$50.

Aceitam-se encomendas contra-reembolso.

PROFECIAS QUE SE CUMPREM

por Osvaldo Polidoro

Sabemos perfeitamente como puderam criaturas, em nome de Deus, lançar mão de estratagemas e falsear a doutrina do Cristo. Nunca deixaram as religiões organizadas de deturpar o sentido espiritual, a fim de explorar o sentido material da revelação. Entre espiritualizar a matéria e materializar o espírito, têm elas preferido a última alternativa.

Coisa ainda pior é o renitentismo, pois, ao se lhes fazer compreender a necessidade de considerar os erros, de todos os recursos lançam mão os adúlteros da verdade. Isto, por garantia do direito de continuarem no usofruto de orgulhos sectários e mundanismos imediatistas. Não fora isso e já os dogmatistas teriam compreendido ser o Espiritismo a restauração do Cristianismo: mas daquele Cristianismo que Jesus viveu em intensidade mediúnica, que todos sabemos, os que lemos a Bíblia com olhos de ver e inteligência de comprender; isto é, sem interesses inconfessáveis.

Estas considerações que fazemos giram em torno da questão espírita, do ponto de vista ciclópico ou histórico. Sabemos perfeitamente, que temos a Doutrina restabelecida em bases tóricas e práticas, há quase cem anos. Sabemos, também, como já dissemos do renitentismo da corrupção; por isso mesmo, quisemos saber, por via mediúnica, alguma coisa sobre os trabalhos restauradores e a situação dos adeptos dogmáticos. Nesta circunstância, num rapto de espírito, fomos dirigidos para o centro de vastíssima campina, onde ao longe se divisava pequenina casa de oração, tão tosca, tão humilde, que sua pobreza nos causava espécie. Ao atingir a pequena casa, procurámos entrar; entrando, vimos a um canto velhíssima senhora toda esfarrapada, chorando copiosamente. No entretanto, divisava-se dela, aquilo que poderíamos chamar a Verdade simbolizada e espezinhada pelos homens, que se dizem cultores da própria Verdade. E interrogámo-la:

— Porque choras?

E ela, volvendo, disse-nos:

— Porque os trabalhadores do meu amo deixaram a Terra fértil para lavrar em campo estéril e pedregoso.

— Onde estão eles? — indaguei então.

— Vem e vê, disse-me ela, ao tempo que me apanhava pela mão, convidando-me a sair e ver.

Saimos para além da porta; para a direita, via-se vastissima planície que, pela quantidade e colorido da vegetação, revelava a fertilidade da terra. Para a esquerda, no entretanto, pedregosa, íngreme e estéril montanha se levantava. Com muita dificuldade tivemos que ir subindo pela encosta desagradável. Ao dobrarmos em torno de umas pedras, vimos duas criaturas que lavravam. Seu aspecto era triste; revelavam cansaço, pois estavam suarentas e desesperadas. Porém, bem se compreendia que eram teimosas e perseverantes. Ao vê-las, bem se compreendia quem eram os lavradores, porque passaram a revelar alguma coisa de simbólico, algo de confraria religiosa. Uma era mais velhinha; a outra mais nova. Ao nos avistarem, olharam-nos interessadas. Aproximámo-nos mais e a velha disse, estendendo a mão para a planície:

— Naquela terra fértil é que deveriam trabalhar.

E olhando todos nós para aquela planície fértil, num lance de entendimento, pareceu termos todos entendido a seara revelacionista. As duas criaturas que lavravam procuraram desculpar-se, dizendo:

— Mas, foi o Senhor da seara quem mandou lavrar aqui...

No entretanto, compreendia-se muito bem que mentiam e sabiam que estavam mentindo, pois, acabrunhadas, não tinham coragem para nos encarar de frente. Cabisbaixas, atreveram-se a discutir com a velha. Nesse ponto, procurei intervir para dizer:

— O Senhor da seara não é morto; é o Divino Pastor de todos. Poderemos apelar para Ele e obter resposta certa.

Convidei a todos para orarmos com o pensamento fito no Senhor; e antes que algo aparecesse, disse uma voz que ele viria como um espírito muito grande, valendo por setenta grandes espíritos. De facto, apareceu, vindo não sei de onde, um homem, que causava profundo respeito, pela autoridade que emanava. Tendo de lhe falar, disse:

— Mestre, mandaste lavrar nesta terra estéril?

O Mestre respondeu:

— Deixei a seara e a liberdade; cada qual ficou livre para trabalhar ao seu gosto.

Ante tal situação, que me causou aborrecimento, até mesmo certa revolta, respondi:

— Mestre, de hoje em diante não respeitarei coisa nenhuma do homem. Respeitarei a melhor verdade que chegue a conhecer, aquilo que seja, no meu julgar, a expressão da Tua Vontade.

E o Mestre respondeu-me:

— Faça-o destemerosamente, porque nada há superior à Verdade.

De facto, nunca aceitei outra coisa que não fosse a melhor verdade conhecida. A Lei determina a evolução contínua e, se os dogmatismos estão errados, verdades de sobra já lhes foram apresentadas. Culpa não cabe a ninguém, por não quererem aceitar o Espiritismo como consecução da profecia de Jesus, de que em tempo todas as coisas seriam restabelecidas.

(Do Boletim n.º 22 do Centro Espírita «Verdade», de S. Paulo).

N.º 8
AGOSTO
1947

Página Organizada
por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos Irmãos Pequeninos:

Está calor.

Todos se retiram (salvo os que estão presos aos empregos ou não dispõem de meios) para a praia ou para o campo. São férias: brinca-se, nada-se, corre-se, colhem-se frutos e flores.

Estais contentes e em nada mais pensais.

Tendes razão e eu não quero ser maçadora. Mas deixai que vos lembre: são férias para as ciências, mas não para as boas acções.

Contai sempre com a grande simpatia da irmã mais velha

Kylas

★

O CORPO

A GRIPE

Atchiiiiiim !...

— Deus o salve !

E é verdade. A gripe é mais séria do que parece.

Uma corrente de ar, um resfriamento, um copo de água fria quando encalmados, a visita a um doente desse mal, e eis-nos engripados.

Cuidado com ela, vejamos lá, pois traz complicações e uma das mais graves é a tuberculose.

A gripe já é conhecida há muitos séculos. Já 426 anos antes de Cristo, Hipócrates, velho mestre de medicina, falava dela. Entre grandes epidemias registadas, a de 1918-1919, depois da grande guerra foi a maior. O mal, segundo parece, surgiu na China e nos Estados Unidos; alastrando, vitimou milhões de vidas.

Cuidado, hein ?! Ponham-se a fazer habilidades na corda bamba e verão...

Quando ouvires descrição
Dinheiro e santidade,
Escreve as anotações
Na metade da metade.

Casimiro Cunha

★

Quando obedeço, sinto que minha alma é inteiramente livre.

Goethe

Os Três Braceletes de Salomão

por António Botto

Salomão, filho de David, o mais justo e o mais sábio de todos os reis, uma tarde ao regressar vitorioso de uma durissima guerra fez constar que daria os seus três braceletes valiosos, um de bronze, outro de prata e outro de oiro, aos três homens melhores do seu povo, exigindo que todos dessem notícia das suas belas acções.

Numerosíssimos, foram, então, os pretendentes que surgiram, mas, ao cabo de tanto relato, Salomão, não apartou mais do que três.

E o dia para a cerimónia foi finalmente marcado.

Sobre uma larga mesa de cedro toda coberta de púrpura resplandeciam os três braceletes admiravelmente cinzelados. Diamantes, safiras, esmeraldas e rubis — cintilavam à luz clarissima do Sol.

A um sinal de Salomão os guardas mandaram entrar o primeiro pretendente.

— Conta-me lá o que fizeste de admirável na tua vida, diz-lhe o rei numa voz branda.

— Senhor, o homem verdadeiramente nobre não fala do bem que faz. E eu não devo falar do pouco que tenho feito. Procuro ser justo, apenas. Jamais desviei um grão de trigo que

O SILÊNCIO

por Casimiro Cunha

Quem procura no silêncio
A inspiração e a beleza,
Penetra o templo invisível.
Das forças da natureza.

Jamais sentiste o cansaço
No excesso de borborinho ?
O silêncio é o companheiro
Que conhece o bom caminho.

Em seu campo generoso.
Há tréguas ao pensamento,
Recebe-se luz sublime
De verdade e entendimento.

O homem que se mergulha
Nas vozes do turbilhão,
Condena-se muita vez,
Aos cárceres da aflição.

É preciso, quase sempre,
Procurar na soledade
A solução dos problemas
À luz da serenidade.

Se possível, vai ao plano
Das árvores carinhosas,
Onde as coisas falam sempre
Em notas harmoniosas.

Mar se não podes fugir
Às zonas de inquietação,
Procura o silêncio amigo
Na paz da meditação.

Todos temos em nós mesmos
Os vales da experiência
E as montanhas solitárias
Nos cimos da consciência.

Não te dês todo aos rumores
Das lutas de cada hora;
Que a palavra seja em tudo
Tua serva e não senhora.

Quando achares no silêncio
Os segredos da energia,
Terás penetrado a esfera
De paz e sabedoria.

(«Cartilha da Natureza») versos psicografados por F. C. Xavier

não fosse meu e jamais deixei de pagar aos meus credores e aos meus criados. Acreditai-me, senhor! Prefiro suportar um prejuizo do que fazer uma injustiça.

Salomão ouviu-o atentamente e, levantando-se, disse:

— Grande virtude é a justiça, contudo, há outras maiores. Mas está bem; vou dar-te o bracelete de bonze.

E com um gesto ordenou que fizessem entrar o segundo pretendente.

Era um pobre velho de pele rosada, os olhos pequeninos e risonhos, e a boca, sem dentes, sumida debaixo do nariz curvado. Encostado a um grosso cajado, arrastou-se como pôde, e como pôde assim falou:

— Fui sempre pobre, e creio que pobre morrerei. Trabalhei toda a minha vida, mas a sorte nunca me foi favorável. Perdi a minha mulher, os meus filhos; — morreram-me todos, não tenho ninguém! E nunca me lamentei. Apenas me ficou uma vaca que me ajudava a cultivar um bocadito de terra, mas, também fiquei sem ela: Uma noite bateram à minha porta; estremunhado, preguntei quem era: *Um pobre que pede guarida*, me responderam; e eu abri de par em par a porta da minha casa. De madrugada, senti que o pobre se levantava, e receando uma cilada, cauteloso, levantei-me e pus-me a ver o que ele fazia. Apunhalou a pobre vaca e roubou-me um saco de trigo. Podia persegui-lo, denunciá-lo, matá-lo até!, e entanto só eu sei como ele se chama, quem ele é, e onde vive. Que Deus lhe perdôe! foi tudo quanto lhe disse.

E desatou a chorar.

— Grande virtude é a indulgência. Entreguem a este homem o bracelete de prata e façam entrar o terceiro pretendente, exclamou o rei Salomão.

Entrou, então, um belo moço, trigueiro, de belos olhos.

— Quem és tu e o que tens feito?

— Não compreendo por que teimaram em trazer-me à tua presença. Eu nada fiz para merecer algum louvor ou algum prémio. Agrada-me ser prestável e amar o meu semelhante. Devemos amar-nos uns aos outros, não é verdade, rei poderoso?

— Escuta-me, filho de David! — gritou um velho da tribo de Moisés.

«Eu fui inimigo desse moço. Dizimei os seus rebanhos, insinuei coisas terriveis acerca da sua vida, e, quando caí doente, ele foi o primeiro e o único que veio à minha cabeceira trazer-me frutos e palavras de consolação. E lavrou as minhas terras e cuidou dos meus animais! Depois, quando melhorei, desapareceu, deixei de o ver. Só agora é que o encontro!

E caiu de joelhos aos pés do formoso adolescente, beijando-lhe as mãos viris.

Houve um silêncio. Em seguida, Salomao ergueu-se para dizer:

— Acima da Justiça, está a Indulgência: mas, acima da Indulgência, só a bondade e o amor. O meu bracelete de oiro é para ti.

(do «Livro das Crianças»)

★

CONTOS DA VIDA

I

DEMÓSTENES

por Ramos Pereira

Já esqueci há muito os «contos» de fadas e príncipes com que me adormeciam em criança. Esqueci esses e não sei inventar outros. Prefiro contar-te, criança que me lês, coisas reais, coisas passadas com homens e mulheres, para tu veres que as «lendas» das das bruxas e das moiras encantadas são menos belas que as vidas de muitos homens, irmãos nossos.

Há muitos anos, ainda Jesus não tinha vindo à Terra, nasceu em Atenas, na Grécia antiga, um menino que muito cedo ficou orfão de pai e sem riqueza. Era muito magro e doente e não podia dedicar-se, portanto, a pesados trabalhos. O que o pai lhe deixara era pouco e mal administrado pelos seus tutores.

Mas na alma deste menino havia uma força desconhecida. Um dia foi a um tribunal e ouviu falar um dos maiores oradores do tempo chamado Calistrato. Foi tal o seu entusiasmo, que começou afincadamente a estudar para se tornar um orador semelhante.

A primeira vez, porém, que falou em público foi um desastre. A voz era fraca e foi abafada pelas zombarias da multidão.

Sabes o que lhe faltava para agradar? A expressão, sem a qual a palavra que se diz é como o corpo sem alma, uma coisa morta.

Quando compreendeu isso, voltou ao estudo, passando meses encerrado em casa. Para corrigir os seus defeitos fez esforços sobre-humanos até os eliminar.

E a sua palavra ergueu-se de novo, a favor da justiça, da vitória das causas dignas.

Quando o rei Filipe da Macedónia pretendeu dominar a Grécia, encontrou no tal menino fraco, agora já um homem, a barreira mais forte. A sua voz era a mais terrivel das armas de combate, pregando o belo e o honesto, ao mesmo tempo que combatia as paixões do povo e encorajava os seus patrícios.

Levadas por ele, muitas cidades se reuniram a Atenas para combater o rei da Macedónia; quando este morreu, todavia, vários acontecimentos levaram o governo de Atenas a expulsar o seu maior orador. E os gregos, depois de muitas batalhas, sofreram o jogo dos macedónios. A voz do exilado emudecera. O grande orador deixou a vida com a derrota da sua querida cidade. Os seus inimigos dominavam e tinham contribuido para à perda da contenda.

Ao saberem da sua morte, ergueram-lhe uma estátua com os seguintes dizeres:

«Demóstenes, por que motivo a tua
[força e o teu poder
não conseguiram igualar a tua elo-
[quência?
Nunca se teria visto, mercê dum ver-
[gonhoso revés,
suportarem os gregos os grilhões dos
[macedónios».

Demóstenes era o nome do tal menino fraco e doente que pelo estudo e pela vontade se tornou o maior da sua terra e um dos maiores de todos os tempos.

★

O Final do Dia

por Sibil

«Por muito trabalhoso que seja o dia, a final sempre chega a hora do deitar».

Frase simples que li não sei bem aonde, mas na qual, se pensarmos bem, se encontra sentido profundo.

Se não, vejamos, meus irmãos pequeninos. Sabeis as conclusões que o meu espírito tirou ao lê-las?

A nossa vida não passa de um dia trabalhoso e dificil. Desde que a razão desperta — o alvorecer do dia, chamemos-lhe assim — encontramos sempre pesares, aborrecimentos, dificuldades — dos quais, muitos deles, mais tarde, quando crescemos, rimos, mas que não deixaram de nos afligir, tarefas mais ou menos pesadas de realizar.

Mas todas essas contrariedades ou desgostos, se devem suportar com coragem, todas as tarefas, por muito dificeis que nos pareçam, se devem levar a cabo, pensando que «até à noite» devem estar concluidas.

Quanto mais trabalhoso foi o dia, melhor nos sabe a cama quando nos deitamos. Quanto mais difícil for a vida, se soubermos aceitá-la com coragem e de cara alegre e levá-la até ao fim sem fraquezas, mais bela será a recompensa quando cerrarmos os olhos e o nosso espirito entrar no reino de Deus.

★

A falsa instrução tem esta perfídia: não dá o ensino e inibe de o tomar.

Ramalho Ortigão

Bom Estômago

A criada de fora para a patrôa:

— Minha senhora, é preciso mandar chamar imediatamente o médico porque a cozinheira acaba de engolir uma colher de chá!

A patroa, com grande fleuma:

— Pois vá chamá-lo, e ele que veja bem, porque faltam também dois garfos e uma faca...

★

AS QUALIDADES

A Paciência

Não confundam. Não quero falar dessas rodinhas de farinha, açucar e canela chamadas «paciências» ou então «línguas de gato».

Não, senhor. É claro! Claríssimo! Paciência é a calma, a resignação com que se recebem ou aguardam acontecimentos desagradáveis ou inesperados e profundos.

A paciência é a coragem de todos os dias. Com ela tudo se obtém.

A precipitação não nos deixa ver pormenores que nos eram necessários, não nos deixa aguardar as palavras dos outros, indo às vezes prejudicar muita gente.

Sentem mau génio à sua volta? Tenham paciência, que a má educação dos outros há-de transformar-se ao contacto da vossa tranquilidade de consciência.

Vá, vamos lá. Quando estiverem zangados, antes de responder, contem os botões do fato duas vezes.

★

Pintainho Desobediente

por Astreia

Mamãe galinha passeava no terreiro muito contente e feliz com seus filhinhos.

Uns lindos pintainhos amarelinhos, que eram uma gracinha. Tinham apenas sete dias de nascidos.

Mamãe galinha, muito cuidadosa, chamou-os e disse-lhes:

— Meus filhinhos, o mundo está cheio de perigos; quero adverti-los mais uma vez de que não se afastem muito de mim; tomem cuidado, não esqueçam os meus conselhos. É preciso muito cuidado com o gato, que é o vosso maior inimigo. Agora podem brincar, mas não se afastem para muito longe.

O pintainho mais velho não concordava com os desvelos de mamãe galinha. Chamou um dos irmãos e disse-lhe.

— Não achas que mamãe é muito enjoada? Todos os dias nos repete o mesmo sermão. Hoje estive observando que o gato e o cão andavam no meio das galinhas e dos marrecos e não lhes faziam mal algum. Mamãe pensa que somos bobos... O que ela não quer é dar-nos liberdade... Pensa que vamos ficar toda a vida debaixo de suas asas.

— É mesmo! — respondeu o outro. Tenho uma vontade de passear por ai afora... mas mamãe não nos perde um momento de vista.

— Ontem espiei por aquele buraco que tem perto no muro e vi que do lado de lá tem um lindo campo, onde nos poderiamos divertir, se tu quisesses.

— Mas mamãe não deixará, com certeza!... Bobo, nós iremos sem ela saber. Mas como conseguiremos isso?...

— Na hora da sesta. Enquanto ela dorme, nós sairemos devagarinho e ela não saberá. Voltaremos antes que ela acorde.

— Óptimo! Está combinado.

Os dois pintainhos esperavam ansiosos pela hora, que custava a chegar.

Mamãe galinha notou que aqueles dois filhinhos não estavam calmos como os outros e, aflita, perguntou:

— Meus filhinhos, estão sentindo alguma dor?

— Não, mamãezinha, não temos nada.

Os dois pintainhos olharam um para o outro e o seu coraçãozinho batia fortemente, como que a censurá-los do que iam fazer.

Mamãe galinha deitou-se, abrigando debaixo de suas asas todos os filhos.

Passaram alguns minutos. Todos dormiam. O pintainho mais velho chamou o irmão.

— Vamos?

— Tenho medo, — respondeu o outro. Mamãe vai ficar zangada!...

— Voltaremos depressa.

E numa corrida alcançaram o buraco feito no muro e entraram na grande fazenda. Corriam em todas as direcções numa alegria doida. E tão distraidos estavam, que não se apercebiam do perigo que os rondava.

Bem pertinho deles, o gato da fazenda aguardava na tocaia o momento de se deliciar. O piteu tentava-o e, de um salto, alcançou os pintainhos, devorando-os.

Quando mamãe galinha acordou, deu pela falta dos dois filhinhos. Muito aflita ia procurá-los, quando ouviu o criado da fazenda dizer que o gato havia comido dois pintos.

E a pobre mãe, triste e pesarosa, compreendeu que os seus filhos haviam sido castigados por serem desobedientes.

Quando mamãe galinha acordou, deu pela falta dos dois filhinhos. Muito aflita ia procurá-los, quando ouviu o criado da fazenda dizer que o gato havia comido dois pintos.

E a pobre mãe, triste e pesarosa, compreendeu que os seus filhos haviam sido castigados por serem desobedientes.

Os meninos desobedientes encontram sempre no seu caminho o castigo que merecem.

★

Provérbio Chinês

Perdoarás toda a ofensa, como a árvore do sândalo perfuma o machado que lhe vibra todos os golpes.

OS MEUS FILHOS

Acorda cedo como os passarinhos,
e vem logo direita à minha cama;
sacode-me com jeito, por mim chama
e abre-me os olhos com os seus dedinhos.

Estremunhado, zango-me. — «Beijinhos.
Não quer beijinhos?», com voz de oiro exclama.
Da minha ira empalidece a chama,
e acarinhando-a pago os seus carinhos.

Senhor! Que amor de filha tu me deste!
Dá-lhe um caminho brando e sem abrolhos,
dá-lhe a virtude por amparo e guia;

e destina também, ó Pai Celeste,
que a mão com que ela agora me abre os olhos
seja a que há-de fechar-mos algum dia.

Eugénio de Castro
(Sonetos Escolhidos)

Escola Espirita

Professora — Muito bons dias, queridos amiguinhos.

Vamos continuar as lições. Falámos anteriormente na consequência dos nossos próprios actos.

Maria José — Foi sim, sr.ª professora.

Professora — A causa liga-se à consequência e forma um elo.

António — E como a consequência, em certas ocasiões, é uma causa, temos uma série de elos...

Professora — Exactamente. Teremos uma cadeia.

Américo — Uma cadeia... tudo ligado...

Professora (reticente) — Sim... Deixai-me explicar melhor.

«Antigamente, ainda que alguns sábios gregos tivessem tido sobre o assunto certas luzes, pensava-se que as espécies, tal qual existem, sempre assim tinham sido.

Maria José — Quer dizer que, quando nasceu o mundo, teria aparecido tudo como está hoje.

Professora — Pouco mais ou menos. Anos se passaram até que apareceu um homem, um naturalista, chamado Carlos Roberto Darwin (séc. XIX) que, começando a estudar animais e plantas, verificou que os havia com pequenas diferenças, ou que só existiam em certas regiões, etc., que com o tempo se iam modificando, só permanecendo os que resistissem ao clima, à alimentação, etc., etc.

António — Disseram-me há tempos que antes do Dilúvio havia animais enormes que comiam árvores. Se agora vivessem, coitadinhos, pouco teriam para o jantar!...

Professora — Esta teoria é chamada «transformismo». Outros sábios depois a completaram, encontrando mais outras razões para os seres irem evoluindo.

Maria José — A Senhora desculpe a interrupção, mas estou-me a lembrar da rã. Também sofre transformações, pois sofre?

Professora — Sim, chamadas metamorfoses. Além disso, os homens estudaram os fósseis — nome dado aos restos ou vestígios de animais e plantas encontrados em camadas terrestres muito antigas e verificaram que ao princípio não existiam angiospérmicas, que surgiram depois.

Américo — Que são angiospérmicas?

Professora — São plantas superiores com sementes encerradas em frutos fechados. Nunca ouviram falar de plantas que comem insectos e animais que parecem plantas?

António — Então os reinos da Natureza não são tão distintos uns dos outros como eu supunha.

Américo (carrancudo) — E o homem vem do macaco?

Professora — De outra espécie de macacos que já não existem.

António — Estou a ver: vem do mais simples para o mais complicado, do mais reduzido e imperfeito para o mais completo e perfeito. Mas por quê?

Professora — Isso será assunto de futuras lições. Até lá...

«Américo, que tens? Estás pensativo.

Américo — Estou a pensar no chimpanzé do Jardim Zoológico. A final, tem o olhar inteligente.

Professora — Tem, realmente. Bem, meus caros meninos, até à próxima vez.

★

A Raposa e a Cegonha

A raposa convidou a cegonha para jantar e fez-lhe a seguinte partida:

Quando se sentaram à mesa, veio a comida numa vasilha muito larga e, por troça, a raposa instava com ela que comesse. Como a comida eram papas, a cegonha com o bico nada apanhava e nada conseguia, portanto, comer.

Percebeu a cegonha a troça, mas dissimulou e, passados dias, convidou a raposa para jantar.

Veio a comida para a mesa numa vasilha de gargalo estreito onde só a cegonha conseguia meter o bico e debalde a raposa tentava meter o focinho. Às instâncias da cegonha respondia a raposa, lambendo as bordas do vaso, e, envergonhada, se retirou, sem nada ter provado.

É o que acontece a quantos não observam o rifão popular: não faças aos outros o que não querias que te fizessem a ti.

(Adaptada de um «Fabulário Português Medieval» publicado pelo Dr. Leite de Vasconcelos)

★

Caridade

Criança!

Antes de propalares os defeitos do teu semelhante, lembra-te do desgosto que teriam quantos te estimam, e principalmente teus pais, se outros fizessem o mesmo em relação a ti.

Se, pois, com a caridade ensinada por Jesus, não conseguires chamar ao caminho do dever os que se encontram em erro, ora por eles, entregando-os inteiramente à misericórdiosa Justiça Divina.

(De Icléa — «Para as Crianças»)

Conselhos às Crianças

(Vitor Hugo sentou um dia à sua mesa umas sessenta crianças pobres, rapazitos e raparigunhas. Tomando lugar no meio eles, dirigiu-lhes as palavras que ides ler. Guardai-as no coração, porque ao pronunciá-las o grande poeta pensava em todas as crianças da França).

Sois pequenos, sois alegres, brincais: é a idade feliz. Pois bem, quereis — não digo ser sempre felizes, vereis mais tarde que não é fácil — quereis nunca ser inteiramente infelizes? Para isso só necessitais de duas coisas, duas coisas muito simples: *amar* e *trabalhar.*

Amai muito quem vos ama; amai agora vossos pais, vossa mãe, o que vos ensinará suavemente a amar a pátria, a amar a França, mãe de todos nós.

Trabalhai, também. No presente, trabalhai por vos instruirdes, por vos tornardes homens.

Quando trabalhais muito e satisfazeis vossos professores, não vos sentis mais leves, mais bem-dispostos? Não brincais com mais entusiasmo? É sempre assim; trabalhai e tereis a consciência tranquila. E quando a consciência está tranquila e o coração contente, não se pode ser inteiramente infeliz.

Por agora, meus queridos convidadozinhos, pensemos em nos alegrarmos mùtuamente, e fazei, peço-vos, as honras de todo o vosso apetite ao meu almoço. Desejo sòmente que estejais tão contentes de estar comigo, como me sinto feliz de estar convosco.

Vitor Hugo

(Trad. do francês)

O que Vitor Hugo disse às crianças francesas, dizemos nós às crianças de todo o mundo.

★

O homem verdadeiramente livre só quer o que pode e faz o que lhe agrada.

J-J. Rousseau («Émile»)

★

Mais Depressa se Apanha um Mentiroso...

A mãe:

— Qual dos meninos é que esteve a comer cerejas sem minha licença? Vi caroços no chão...

— Eu não fui, mamã! Engoli os meus!

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

ANAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE FILOSOFIA, 5.º vol. 1945/46.

Pela categoria intelectual dos colaboradores destes Anais e pela isenção sectária que o caracteriza, lemos o novo volume com redrobrado interesse. Embora possamos discordar de algumas das teorias desenvolvidas, julgamos, porém, não dever nestas colunas erguer uma crítica e sim prestar a homenagem a uma Sociedade que alberga no seu seio homens que perfilham as mais heterogéneas correntes filosóficas. Seja-nos permitido, todavia, destacar da 1.ª parte dos Anais os seguintes trabalhos: — «Reflexões Sobre a Psicologia Geral à Luz da Filosofia Universal», de M. Carlos; «Realidade e Representação», de Clóvis da Nóbrega; «Filosofia da Religião», de Arnaldo de S. Tiago; e «Psicologia da felicidade», de Ilda Tavares de Oliveira.

AFRICANISMO E ESPIRITISMO, por *Deolindo Amorim.* Gráfica Mundo Espirita. Rio. 1947. 58 págs.

Por iniciativa do Dr. Henrique Andrade foram no presente volume compilados os artigos que, sob o mesmo título, Deolindo Amorim escreveu para *Estudos Psíquicos.* Oxalá não seja este o último empreendimento de tal género, porque com isso só ganhará o Espiritismo.

O pano de fundo destes artigos é um problema nitidamente brasileiro — a lamentável confusão entre o «culto de Umbanda», afro-catolicismo, e o Espiritismo — mas nem por isso menos interessante para o leitor de Portugal, porque também no nosso meio há lamentáveis confusões. (Conhecemos a existência de alguns centros que se apodam de espiritas pelo simples facto de se servirem da mediunidade... Contudo, a par de imagens e «bentinhos», encontram-se amuletos, signos-saimão, etc., e não se inicia uma sessão sem... flagelações do ar e cânticos rituais. Logo, também para o meio português tiveram uma flagrante actualidade os magistrais artigos de Deolindo Amorim).

Estudo consciencioso, revela o critério seguro de um pensador que luta ardorosamente contra aqueles que acintosa ou inconscientemente procuram levar a confusão ao caminho claro de uma Verdade.

Mediunismo pratica-se na grande maioria das religiões e dos cultos selvagens, exactamente porque... a mediunidade é um fenómeno universal (digamos como o Sr. de La Palisse...). Mas disso inferir uma identidade de essência é um ilogismo. A existência de dois pontos homólogos não torna duas figuras iguais. E, assim, a homologia dada pela mediunidade não pode conduzir-nos a assemelhar (quanto mais a identificar) Espiritismo com Umbandismo ou quejandos.

Decididamente, Deolindo Amorim consegue em poucas páginas traçar os limites definidos que extremam os dois campos. A publicação feita agora por Edições «Mundo Espirita» é o reconhecimento do valor ambiental da obra de Deolindo Amorim, porque o do valor «em si» já todos nós, leitores de «Estudos Psíquicos», o tínhamos feito. Vincados, sem prolixidades desnecessárias, metodizados, os artigos do redactor-correspondente desta Revista constituem um opúsculo valioso, é-nos lícito dizer sem sombra de servilismo.

MARIUCCIA — Obra mediúnica recebida por *Carmo Bianco,* S. Paulo. 1947. 151 págs.

Novela atribuida ao espírito de Edmundo de Amicis, embora lhe faltem as suas características literárias, é perfeitamente enquadrável nas chamadas «novelas côr de rosa»... A história conta-se em poucas palavras: — Mariuccia é uma jovem camponesa que se apaixona sucessivamente... por Fernando e Filipe. Quando o primeiro volta de uma guerra, encontra a sua amada... amada doutro. Filipe assassina Fernando, dementado pelo ciume. Num assalto à terra por um bando de salteadores, os pais de Mariuccia são assassinados e Filipe evade-se da prisão e segue o bando de que se torna chefe! Filipe resgata o seu ciume entregando os salteadores às autoridades que lhes perdoam os desmandos! Mariuccia casa com Filipe e o filho é uma reencarnação de Fernando. Mais tarde, Filipe amantiza-se com uma viuva que aceita os seus galanteios para conseguir que ele, como intendente da justiça, perdõe a um tal Lorenzo que ela amava. E um filho deste assassina Filipe... para vingar a honra do pai! (Que honra, se Lorenzo e Laura não eram casados?). E o «novo» Fernando, já homem, casa com uma linda fidalga romana.

Não conseguimos encontrar nesta novela uma forma literária apreciável que ressalvasse a irrealidade e pobreza do tema. Não se faz «arte». Conta-se... como se o autor tivesse pressa de chegar ao fim e sem aqueles princípios próprios de seguir numa obra literária. Forma descolorida e fraquíssima; conteudo emocional nulo. De todas as obras de Carmo Bianco que temos lido é esta a mais desvaliosa, dentro do nosso critério.

Maternidade "Casa da Mãe Pobre"

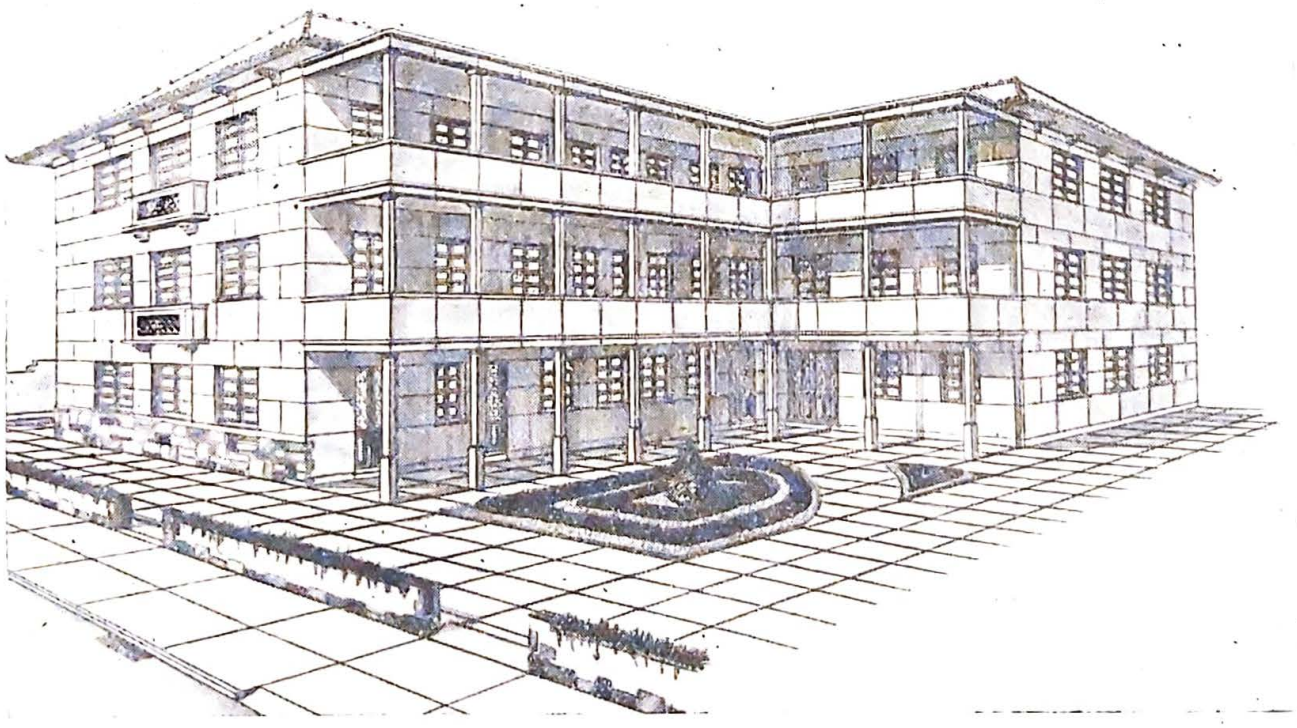
Espiritas brasileiros! No dia 9 de Novembro inaugura-se uma grande obra de assistência na Rua Frei Pinto, 16, Estação do Rocha, Rio de Janeiro, talvez a maior no género idealizada e construida por espiritas! Acorrei em massa ao local com o vosso entusiasmo e a vossa fé, ou fazei-vos representar no extraordinário acontecimento, que ficará gravado a letras de oiro nos Anais do Espiritismo Carioca!

Das coisas mais simples nascem às vezes os maiores acontecimentos, tão grandes, tão ferteis em consequências, que chegam a modificar o *clima* social de uma aldeia, de uma cidade e de um país inteiro. Para tanto, bastam ideias e exemplos.

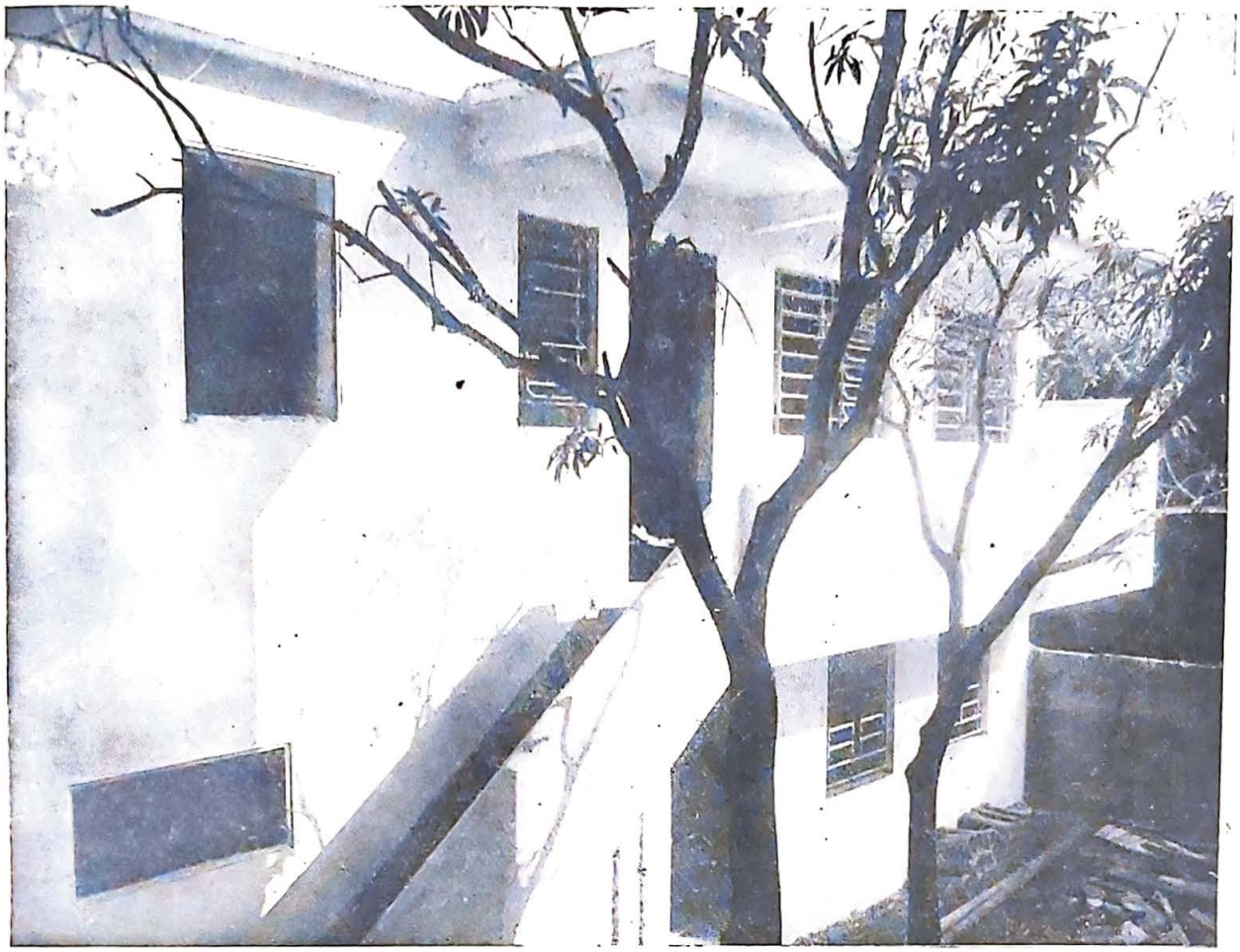
Se todos conhecessem o misterioso contágio do bom exemplo, saberiam que os homens activos e serenos que se abalançam à materialização de um sonho que muito julgariam utópico, podem conseguir verdadeiros milagres, erguidos à custa de esforços e de lágrimas, em desafio constante ao desenrolar dos anos.

Antes de rasgar os céus, os altíssimos edifícios de Nova-York gemeram latentes. no cérebro de arquitectos e engenheiros, ora em complicada grafia de números, ora no estonteante emaranhado de labirintos que a ciência esclareceu e metodizou, subordinada ao mistério da técnica.

O escavar mecânico dos engenhos atrai o cavouqueiro, o pedreiro, o carpinteiro e o artífice. Os monstros de pedra erguem a carcassa, sob o arfar ininterrupto dessas formigas de nova espécie. que são os obreiros da construção civil... E as pedras caiem no cimento, corporizam alicerces, formam paredes, amoldam-se ao minarete e à curva ogival de linhas



Maternidade "Casa da Mãe Pobre"



"Creche" da Maternidade "Casa da Mãe Pobre"

opulentas, e a construção toma forma e emerge do baldio, a atestar a capacidade realizadora do homem...

Quem diria — poucos meses antes — que o parto da charneca faria nascer uma grande e bela cidade, com ruas amplas, lagos, jardins, esplanadas, campos de jogos e todos os requintes da civilização moderna?... E quem impulsionou a metamorfose? Quem, senão o prodígio da vontade aliado a pensamentos renovadores e altruistas, dirigidos ao futuro mais ou menos distante e obedientes à lei do progresso infindo?...

///

Era uma vez um homem que se deixara contaminar por certa doutrina que apelidavam de Espiritismo. Vivia em Teresópolis, a três horas do Rio de Janeiro, quando lhe bateu à porta uma pobre mulher prestes a ser mãe. E ali, na presença da esposa, aquele confrade ouviu à transeunte uma história confrangedora.

No ano anterior, inesperadamente e sem auxílio médico, dera à luz um filho, num barracão de sapé, sobrevindo hemorragia perigosa que a levou ao estado inconsciente. O marido andava na roça e só aos sábados vinha a casa, de modo que foi estranho ao acontecimento. Quando a mulher voltou a si, encontrava-se nos braços de uma vizinha que o filhito da doente fora chamar à pressa...

Triste era o quadro e tristes as personagens, ermas de recursos e sem meios de os obter. O recém-nascido não conseguiu resistir ao choque brutal da *morte* e a enferma quase o ia acompanhando no regresso à pátria de onde viera.

Este incidente deixara profundos vestígios na sua vida. Eis porque chegara a alimentar a ideia sinistra de matar o filho nas próprias entranhas, logo que se esboçou a gestação. Mas a esposa daquele homem contagiado pelo Espiritismo dirigiu-se à mísera criatura, chamou-a à razão e dissuadiu-a daquele propósito que iria agravar a sua existência futura, obrigando-a a sofrer inenarráveis dores. Prometeu auxiliá-la quando fosse necessário. E no dia determinado a parturiente dava à luz um robusto menino, com grande felicidade para ambos...

///

Deste caso, tão simples mas doloroso, surgiu uma ideia, que durante muito tempo agitou o cérebro do

homem de Teresópolis: fundar ali um estabelecimento adequado, onde essas desgraçadas fossem assistidas com a solicitude e o conforto devidos à mulher que vai ser mãe. Projecto grandioso e humano que dignificaria quem o realizasse! Lembrança peregrina dificultada pelas circunstâncias, mas que alguém agitaria novamente, com argumentos mais fortes e decisivos...

O *homem de Teresópolis* passou a S. Paulo, onde se encontra desde 1938. Nessa altura alguns íntimos se reuniram em sessão particular, no Rio de Janeiro, e a médium, que era a esposa do dito confrade, cai em transe e a ele se dirige com acentuada energia:

— Tu irás para S. Paulo, temporàriamente, e voltarás para trabalhar na administração dessa obra; mas a este (e apontou para outro confrade sentado na sua frente) compete realizar a construção.

Esta frase foi repetida duas vezes no mesmo tom imperativo. A entidade comunicante identificou-se como antigo professor de medicina no litoral do Brasil...

///

Assim nasceu a Maternidade «Casa da Mãe Pobre», delineada pelos amigos do Além, alimentada por eles e por eles impulsionada. Os terrícolas dão-lhe o seu concurso acalentam-na com seu porfiado esforço, mas a obra é do Alto, tem os seus orientadores e mentores. E nesta conformidade, tais confrades não querem ver seus nomes em letra de imprensa, porque esse trabalho — dizem eles — é determinado por alguém que os escolheu para a faina rude, mas nobilitante, e por muito felizes se dão em ser escolhidos.

Estarão na verdade? Se a empresa é mais de cima, que de baixo —exclamam — com que direito mencionar o nome destes, omitindo o daqueles?... E assim, os autores desta obra chamam-se LEGIÃO, isto é, irmãos anónimos que se votaram a dignificação da mulher-mãe.

Por mais esforços que fizéssemos, no uso de aspiração jornalística muito natural, não conseguimos desvendar o segredo da Esfinge. O nome desses pioneiros ficará na sombra. Só o nome, porque a obra, essa avolumaria como rio caudaloso a correr para o oceano, fazendo lembrar os contos das «Mil e Uma Noites»...

///

O *homem de Teresópolis* sentia nos ombros o peso de grande responsabilidade. Tinha de fazer a obra, custasse o que custasse. Seguisse o caminho que entendesse, contanto que se alcançasse o objectivo. E não hesitou mais. Como um titã de lenda, apoiado noutro irmão igualmente operoso e corajoso, lançou-se na arregimentação dos trabalhadores. Foi isto em 1940 e em Novembro desse ano surgiam os primeiros corpos gerentes da instituição, havia pouco idealizada: 9 directores, 3 membros do Conselho Fiscal e 30 membros do Conselho Deliberativo. Na mesma data é aprovado o Estatuto na Liga Espirita do Brasil, que para o efeito cede gentilmente o salão de conferências.

Alea jacta est! O rumo fora soltado e já não podiam voltar ao ponto de partida. Eram como soldados da primeira linha a quem tivessem cortado a retirada.

Começou então a luta gigantesca. As dificuldades faziam lembrar a Hidra de mil cabeças. Os quarenta e cinco sócios que tinham formado a agremiação, com obrigações e sem direitos, desdobraram-se em acção, multiplicaram-se em trabalho, movimentaram céu e terra, batendo os matos na conquista de novos elementos de expansão...

///

E no fim de um ano, os 45 associados chegaram à centena. Tudo corria morosamente, com pouca esperança de triunfo, quando um dos directores se lembrou de percorrer a praça do Rio de Janeiro, onde tinha amigos sinceros, e conseguiu elevar o número de sócios para 300. Mas os direitos e os deveres continuavam os mesmos...

Este resultado levou outros associados a campanhas similares no bairro onde já haviam comprado terreno. Novos triunfos se observam: sete mil cruzeiros e o número de sócios sob a 900... Nessa memorável campanha enfileiraram alguns directores com suas dedicadas companheiras e outras senhoras que já tinham formado a *Legião Protectora da Mãe Pobre*, que trabalha sob orientação da directoria, mas com liberdade de movimentos.

No ano seguinte, a campanha dirigiu-se ao alto comércio e aos capitalistas e rendeu 45.000 cruzeiros. O trabalho era dificil. mas o resultado animava os segadores, persistentes e tenazes. Procurariam outros elementos, aliciariam novos arautos e o numerário apareceria e a LEGIÃO aumentaria em número e em força...

///

E os herois anónimos saem a campo, batem às portas, vão de rua em rua e bairro em bairro, angariando donativos para a obra que já estava edificada em seu coração... Estes homens e estas mulheres não conheciam desânimo nem cansaço, porque uma estrela os guiava e potências invisíveis lhes davam intuições e imprimiam estranhos impulsos, onde residia o segredo que multiplicava os obreiros e fortalecia as boas vontades. E caminham serenamente, recebendo incitamento e desprezo, aqui um insulto e além um sorriso, depois um encolher de ombros indiferente, de quem fica insensível à dor alheia...

Em 1944 compram uma casa velha, onde preten-

diam inaugurar o hospital, mas a Saude Pública apresenta exigências tais, que são obrigados a destruir a casa para construir de novo.

Os herois anónimos não desfalecem, antes ganham coragem perante as dificuldades que sobrevêm. Lançam-se outra vez na faina e dos escombros do velho edifício começa a emergir a *Casa da Mãe Pobre*, baseada em majestosa planta do nosso compatrício Dr. António Gama de Paula, assinante de *Estudos Psíquicos* e um dos mais abalizados engenheiros cariocas.

Com 1.700 metros quadados, sala de operações, duas salas de partos, três salas de curativos, Raios X e ultravioletas, lavandaria a vapor, máquina de lavar louça, autoclave, laboratório de análises, camas, armários e mobiliário geral, a *Maternidade «Casa da Mãe Pobre»* custará cerca de três milhões de cruzeiros! E muito mais custaria, se não fosse construida sob a direcção dos próprios realizadores do empreendimento!

///

E donde vieram os donativos para erguer a maior Maternidade de todo o Brasil, embora, no Rio de Janeiro, esteja em terceiro lugar, quanto ao número de leitos? Vieram das campanhas financeiras a que já nos referimos, de festas, de rifas e de tudo o que pudesse traduzir-se em metal sonante. Dois donativos iguais atingiram logo 100.000 cruzeiros. Um deles foi do nosso confrade e amigo Manuel Jorge Gaio. Que nos perdoe a indiscrição, pois sabemos que desejava manter-se na penumbra. Alma aberta a todas as empresas deste género, tem sido verdadeiro benemérito do Espiritismo brasileiro e português. A nossa revista muito e muito lhe deve e o seu nome é venerado nesta casa, como espírito superior que esquece a sua individualidade para cuidar de quem necessita.

O restante veio de menores partículas, a começar em cinco cruzeiros. Além disso, algumas campanhas de material subiram a mais de cem mil...

Verdadeira torrente de caridade e verdadeiro exemplo de altruismo, como não há memória em todo o Brasil!

Isto é que é autêntico Espiritismo de Vivos, em que o nosso querido Leopoldo Machado anda empenhado tão galhardamente!

///

E como se puderam reunir 14.000 associados em sete anos de propaganda, catorze mil pessoas que pagam sem nada receber em troca? Como foi possivel semelhante milagre, com a agravante de os impulsionadores terrenos nada mostrarem de positivo?... Só grande e permanente auxílio do Alto teria permitido realização de tão vastas proporções.

Todos sabiam que o problema da assistência infantil (natal e pre-natal) é de resolução dificil; que, de cada 1.000 crianças brasileiras, 88 (oitenta e oito) morrem no ventre materno, em parturientes alheias à profilaxia, e que o número de vítimas baixa a 25 (trinta e cinco), quando as mães recebem tratamento adequado. E se lhes dissermos que nas crianças até 1 ano de idade a mortalidade atinge 18 %, segundo as estatísticas oficiais, poderão imaginar como se impunha responder urgentemente ao pensamento do *homem de Teresópolis*, já que a infância e a maternidade não têm encontrado a devida protecção nas instâncias oficiais. E assim foi, graças a Deus! A *Maternidade «Casa da Mãe Pobre»* surge, qual realidade palpitante, construida por espiritas e por eles mantida, para honra e glória da Doutrina.

No dizer do nosso informador, as classes abastadas, entregues a práticas maltusianas, fecham as portas às almas que desejam reencarnar, para estágio na escola do mundo, obrigando-as a bater à porta dos barracões, das casas de sapê, das «ilhas» ou habitações colectivas, onde tudo falta, desde a higiene ao pão nosso de cada dia.

Efectivamente, assim é, e por isso os espiritas brasileiros se constituem em cruzada de benfazer e vão pais em fora pregar o Evangelho pelo exemplo vivo que brota do coração. Semelhante exemplo não poderia traduzir-se melhor do que numa *Casa da Mãe Pobre*, facilitando aos irmãos invisíveis a sua vinda à terra, a fim de saldarem dívidas em aberto contraidas noutras vidas planetárias.

Há escolas, orfanatos, asilos, hospitais, abrigos, educandários, mas faltam maternidades, precisamente as instituições que mais se impõem em qualquer parte...

Eis porque esta notícia é diferente de todas as outras, notícia consoladora e animadora que as mães deviam ler com satisfação e divino orgulho, certas de que o grande problema é objecto da atenção e do carinho de uma LEGIÃO anónima que deseja contribuir para que seja resolvido definitivamente.

///

E como funcionará esta casa de caridade, com 68 leitos — 50 para as pobrezinhas — e 18 quartos particulares destinados a auxiliar a sua manutenção, além de «creche» anexa, onde um bando infantil de 50 crianças receberá leite e agasalho?

É-nos impossivel, neste breve resumo, descer a pormenores incompativeis com a indole de *Estudos Psíquicos*. Mas sempre diremos que as parturientes ali devem receber tratamento, antes e depois do parto. Ao quinto ou sexto mês de gestação, a mulher começa a receber os cuidados médicos: tratamento anti-sifilítico ou de outra moléstia qualquer, dietética, curativos, passes magnéticos e tratamento mediúnico (se

quiserem) e, finalmente, socorros e cuidados gerais de que necessitar, até ser internada para dar à luz o filho. Depois, fica na Maternidade seis a dez dias, saindo então, completamente restabelecida.

Seguidamente, vai para casa, com direito a levar a criança, durante um ano, à Maternidade, a fim de receber cuidados médicos. Se, porém, a parturiente não tiver casa onde se albergar, lá ficará até arranjar emprego. Logo que encontre meios de subsistência, poderá alugar um quarto, deixando a criança na «creche», antes de ir para o trabalho, indo buscá-la à tarde ou à noite, na volta para casa.

A «creche» fica nos fundos do edifício e junto à Maternidade, de maneira que as crianças terão sempre à mão os socorros do médico e das enfermeiras.

Tudo isto totalmente gratuito e correspondente a 80.000 cruzeiros mensais de despesa!... É que os 18 quartos particulares, as festas, as campanhas financeiras, os donativos e a cotização dos sócios cobrem inteiramente as despesas...

A *Maternidade «Casa da Mãe Pobre»* está preparada para todas as eventualidades!

///

Há cinco meses, os dirigentes desta agremiação começaram a fazer sessões mensais de trabalhos práticos, e o guia espiritual, que foi médico na terra, afirmou que a Maternidade iniciaria aqui nova medicina espiritual, servindo de padrão a outras casas hospitalares. Os médiuns videntes dizem que o recinto das sessões se encontrava repleto de espíritos com aventais e boinas de médicos.

É o Além a colaborar, a movimntar e a incitar os esforçados seareiros, que já pensam em construir outra Maternidade em Teresópolis.

O dia 9 de Novembro de 1947 revelará ao mundo materialista — e sobretudo à medicina oficial — a grandeza e sublimidade de uma ideia tenazmente combatida e alicerçada em fundamentos morais inamovíveis.

— Espiritualizemos a medicina terrena, aliando-a à medicina espiritual! — disse um dia esse abnegado e abalizado facultativo Levindo Melo, que preside à Sociedade de Medicina e Espiritismo recentemente instalada no décimo quinto andar do Edifício Internacional da Avenida Rio Branco.

Sim, espiritualizemo-la, ou antes, humanizemo-la, dando à sociedade a porção de bem-estar a que tem direito!

///

Espiritas do Brasil, dessa maravilhosa pátria que eu admiro e amo, como se minha fosse! Fixai bem o dia 9 de Novembro e não deixeis de assistir a esse extraordinário acontecimento, que será a inauguração da *Maternidade «Casa da Mãe Pobre»*, na Rua Frei Pinto, 16, Estação do Rocha, no Rio de Janeiro! Em nome dos Corpos Gerentes desta casa de Deus, *Estudos Psíquicos*, revista luso-brasileira que tudo faz pelo bem da Causa, pede a todos os confrades que abrilhantem com a sua presença o acto solene que atestará o esforço colossal dessa legião anónima ao serviço das mães e do Espiritismo!

Quem não puder comparecer, envie representação, contanto que o Brasil Espirita acompanhe, naquela hora H, os realizadores de tão grande empreendimento!

I. D. S.

Dois Livros Magníficos

A mediunidade de Francisco Cândido Xavier acaba de nos dar duas belas histórias para crianças que a Livraria da Federação Espirita Brasileira editou com gosto invulgar. São elas «O Caminho Oculto» e «Os Filhos do Grande Rei». Esta última é profusamente ilustrada com desenhos mediúnicos e ambas são adequadas a prémios escolares.

Estas obras, lindamente cartonadas, encontram-se à venda nesta Redacção, ao preço de 30$00.

Enriquecei a vossa biblioteca com estes dois livros utilíssimos.

*

Árvore da Vida

No amor de Deus está a dor dos homens e a perfeição do mundo. De que vale dizer:

— Não servirei?

A soberba pretende eximir-se à lei e ao dever, mas fabrica, sem dar por isso, novas cadeias para novas revoltas. O gigante Goliath aterrava um exército inteiro, com o seu vozeirão:

— Quem ousará vir contra mim?

Um jovem e testemido pastor avança para ele, joga-lhe com a sua funda uma pedrada certeira e logo a massa estupenda do seu corpo desaba inerme. Tudo que se eleva acima da medida que Deus talhou para cada um de nós rola no pó e no esquecimento. Cresus reuniu tanto ouro que os seus tesouros eram incontáveis. A pesar disso, morreu de miséria, com pústulas e gangrenas. Os humildes habitantes do Pérgamo inclinavam-se, perante o seus mortais despojos, dizendo:

— Porque, sendo tão rico, cheira tão mal?

Pobres cavadores e artífices, ignoravam que as riquezas que acumulara o seu rei eram os crimes da sua maldade, as manchas da sua ambição...

GLAUCIAS

Qf/47

EDUCAÇÃO INFANTIL

por Adelaide Ivone de Sousa

Geralmente confundem-se os dois termos Educação e Instrução.

A Educação forma o carácter; — a Instrução é o ensino, ou aquisição da Ciência. Nestes últimos temos tem-se feito em vários paises maior desenvolvimento da instrução do que da educação. Ambas são indispensáveis à evolução do ser, tanto no que respeita à vida familiar como à vida social. Por isso nas escolas devia existir, ao lado do professor — o mestre educador.

Deste modo, os individuos aprenderiam a evitar atritos e a conquistar pela sua afabilidade a simpatia de todos.

Paises há em que muito se cuida da criança, não sòmente dentro dos moldes da ciência oficial, como nos princípios neo-espiritualistas.

Como é sabido, em Portugal muito está ainda por fazer.

Em congressos vários, o problema da infância atraiu a atenção de intelectuais do Novo e do Velho Mundo. Mas os pequeninos continuam desde o berço a ser educados pouco mais ou menos como o foram seus pais, criados e educados nos antigos preceitos. Demonstrações cientificas provaram que o Espiritismo não é prejudicial às crianças. Tudo é útil ou nocivo, dependendo da maneira como é ministrado.

Todas as religiões e sistemas filosóficos mal compreendidos originam fanáticos e muitas vezes até causam desequilibrados mentais.

O Espiritismo, por sua natureza, está absolutamente indicado para fazer a educação espiritual da criança. O próprio cinema o provou em filmes deste género como o *Pássaro Azul, o Super-Homem, o Defunto Protesta, A Casa Assombrada,* etc., e muitos outros que decerto ainda virão a animar a tela.

O Dr. Andrew Jackson Davis, na América, foi a primeira pessoa que se interessou pelo problema espiritualista infantil. Afirmou o Dr. Davis um facto que é do meu próprio conhecimento, pelo estudo que tenho feito nos trabalhos experimentais espiritas, de que as crianças desencarnadas recebem no Invisível um especial acolhimento e protecção. Todas as crianças que partam deste mundo são levadas a uma esfera denominada «Pais do Repouso». Seja qual for a sua nacionalidade e categoria social, todos ali encontram parentes e amigos que os acarinham e educam.

Esta educação consiste na preparação e desenvolvimento espiritual, a dar à mentalidade do espírito que partiu da terra com o aspecto físico de criança até que o seu desenvolvimento no espaço lhe permita readquirir a espiritualidade de adulto.

Afirma-se que este crescimento no «Pais do Repouso» é tão natural, como se o espírito habitasse o plano em que nos encontramos.

O Dr. Davis ficou tão encantado com o que viu e soube dessa escola do Além, que resolveu inaugurar sob o mesmo sistema a «Escola Dominical» destinada a preparar na terra as crianças — ou espíritos que nos chegam do outro Mundo.

O sistema do Dr. Davis foi adoptado pelas Sociedades Espiritas Britânicas, que dele têm feito largo uso, não só na Grã-Bretanha como nas colónias inglesas.

O fim que se propõe neste metodo de ensino é o seguinte:

1.º — Promover o progresso físico e social, assim como o desenvolvimento intelectual dos seus membros, e o conhecimento dos factos pertencentes à nossa natureza pessoal.

2.º — A comunhão dos espíritos encarnados e desencarnados, pela fenomenologia mediúnica.

3.º — Desenvolver o Espiritismo como religião livre de credos.

4.º — Ajudar a determinar *uma norma mais elevada da vida diária,* na qual as ideias da vida espiritual possam viver melhor, na actualidade.

Os resultados obtidos com estas escolas têm sido os mais lisongeiros e prometedores. Nelas se tem demonstrado o alto valor das doutrinas espiritualistas, acentuando formalmente que no *verdadeiro Espiritismo não há fraudes nem comunicações de espíritos embusteiros, nem «obras do diabo».*

A verdadeira educação espirita é baseada na Verdade, ministrada por pessoas compenetradas de que a Verdade é uma face de Deus, e como tal a respeitam, cumprindo-a na terra num fervoroso culto à Divindade.

A educação espirita não consiste apenas em ensinar a teoria da reencarnação. Seria o caso dos semi-analfabetos: sabem ler as palavras, mas em geral ignoram o seu exacto significado. Desta maneira mal podem aproveitar dos ensinamentos de um bom livro, ou não saberão reagir à influência de perniciosas leituras.

A educação neo-espiritualista fornece ao indivíduo e em especial às crianças, os seguintes conhecimentos:

1.º — Saber que nasce, vive, morre e renasce.

2.º — Que carece de aprender e que, sendo a vida terrena efémera, só existe como real e verdadeira a Vida Eterna.

Nestas condições, o ser aprenderá a condicionar to-

dos os pensamentos e actos da sua existência, dentro da Verdade.

E o que é a verdade para nós neste plano físico, no que se refere à educação?

1.º — Conhecer e praticar o clássico princípio: — *Não faças a outrem o que não queres que te façam.*

2.º — Desenvolver ao máximo a aplicação deste princípio, de molde a que o indivíduo adquira *plena consciência dos seus direitos, conjugados com o maior respeito pelos direitos alheios.*

Assim educada, a criança poderá realizar a harmonia familiar e social, porque estará integrada no sentimento universal de que *tudo é uno* — portanto obra de Deus.

Como princípio educativo, não encontro melhor lema nem mais belo conceito filosófico e religioso. Nele se encontra tudo que o homem tem de cumprir na sua passagem pela terra.

A educação neo-espiritualista tem como principal objectivo, *despertar a consciência adormecida* de todos os indivíduos, quer sejam crianças, adolescentes ou adultos. Contudo, a maior atenção deve convergir para a infância, na qual a consciência ainda está isenta das rotineiras influências do meio, e por isso mais apta para receber os princípios da educação racional espiritualista. Nestes princípios, os indivíduos (homens e mulheres) encontram a Verdade da maneira mais simples e lógica: — aprendendo a ter consciência de que Deus existe neles.

É indiscutivel que, para adquirir esta preparação, o Neo-espiritualismo lhes fornece principios baseados na ciência e na filosofia clássica e moderna.

É também incontestável que o Neo-Espiritualismo possui elementos educativos que permitem fazer uma transformação na humanidade, ensinando tanto ao rico como ao pobre que para encontrar Deus não é preciso recorrer aos templos, mas sim encontrá-lo dentro de si próprios, porque sendo Deus a Suprema Manifestação da Vida, Ele está manifestado em nós.

Na moderna filosofia o pensamento deista concretiza-se na expressão do Bem e do Amor, tornando a vida da humanidade cada vez melhor, em harmonia com as leis do universo. As velhas fórmulas religiosas já não satisfazem as modernas gerações, e eu digo como o propagandista hindu sr. Jinarajadasa:

— A religião já passou pela humanidade, ou se quiserdes, a humanidade já passou pela religião.

A religião de hoje é a Ciência, a Lógica, a Filosofia do Amor e Beleza da Criação, é a Análise constante da União do Universo com o Ser — homem ou mulher — e deste com o Todo ou Deus.

A religião de nossos dias reside, não em mistérios ou dogmas, mas na Verdade, e ela, como afirmou o grande pensador Krishnamurti, «não pertence a um tipo particular. *Reside no processo da vida diária* e não se chega a ela repentinamente. Não se realiza no fim da vida de cada um; tem de ser assimilada durante a existência inteira. Trata-se de se elevar da perfeição inconsciente à perfeição consciente, através da imperfeição consciente».

Este esforço titânico, este trabalho incessante de toda uma existência, para que ela se torne verdadeiramente proveitosa, deve começar logo ao entrar-se neste mundo de provações; e só poderá ser uma realização completa, se para isso o ser recebeu a indispensavel preparação. Para este efeito a criança necessita de esteios fortes para se apoiar no percurso da sua viagem terrena. Em resumo, carece de uma sábia, sólida e espiritual educação que a conduza a saber tirar proveito de todos os incidentes da vida e a vivê-la tanto quanto possivel dentro da harmonia da própria Vida.

Só por este processo o indivíduo poderá tirar pleno proveito dos conhecimentos da Lei da Reencarnação e do Karma, podendo realizar o que os hindus chamam o Dharma, ou aperfeiçoamento pelo Amor que o ser derramar sobre os seus próprios sofrimentos, na certeza de que eles são o efeito das suas acções passadas.

Este Amor não será mero fanatismo, mas *compreensão* e *sentimento*, em relação cada vez maior do Ego com as forças universais.

CORRIGENDA — No último artigo intitulado «A Família e a Sociedade» saíram alguns erros tipográficos que alteram o sentido. Assim, na pág. 271, 32.ª linha, 1.ª coluna, deve ler-se: *crianças, homens e mulheres;* na 272, 24.ª linha, 1.ª coluna, deve ler-se *jovem aluna;* e na 2.ª coluna da mesma pág. 20.ª linha, deve ler-se *Bellini, Mozart.*

A Morte de Jorge V

Nos primeiros dias de Março de 1935, a senhora Gordon-Moore, da Ordem de S. João de Jerusalém, visitou a esposa dum membro da Câmara dos Comuns (parlamento britânico). Depois da visita, soube que a esposa do deputado caira em transe alguns dias antes e que uma entidade, por seu intermédio, ditara a seguinte mensagem:

«O Rei vai morrer. Um filho novo suceder-lhe-á e deve estar preparado para a sua missão. Não é o Príncipe de Gales. Este ir-se-á embora. O mais novo é que reinará!

A senhora Moore voltou a casa muito céptica, perguntando a si própria se não fora vítima de alguma mistificação. Para ter a certeza, fez repetir a comunicação pelas mesmas personagens e verificou não ter havido modificação na apresentação dos factos.

Os acontecimentos encarregaram-se de lhe provar a veracidade desta revelação. Com efeito, Sua Majestade Jorge V morreu nesse ano e o Príncipe de Gales renunciou à Coroa e cedeu o trono ao irmão.

(Do livro da Senhora Gordon-Moore, intitulado «Coisas que eu não posso explicar»)

OS FACTOS ENTRE NÓS

UMA CURA EXTRAORDINÁRIA

por Aníbal Jacinto

A esposa do sr. António Maria, D. Carminda da Costa Peixoto, residente na Travessa Dr. Forbes Bessa, n.º 31, da vila de Matosinhos, achava-se em adiantado estado de gravidez, quando uma noite pediu o socorro urgente de uma parteira. Verificou esta que o parto era difícil e perigoso, exigindo a presença de um médico especialista, que compareceu.

Após o parto surgiu forte hemorragia com graves complicações internas, tendo a doente recolhido imediatamente ao hospital da vila, onde ficou internada na mesma noite. A hemorragia cessou passados três dias, depois de intenso tratamento médico.

Dias depois foi comunicado ao marido da internada que o seu estado era grave e que, possivelmente, teria de ser operada de um tumor canceroso interno, mas que, dada a perda de grande quantidade de sangue durante o parto e da própria hemorragia, a operação oferecia grave risco, pelo que teria de ser adiada.

O esposo inquieto, pai de seis filhos menores e receoso de perder a esposa, procurou o médico assistente e rogou-lhe o esclarecesse quanto à sorte da sua querida companheira, pois temia, a toda a hora, a sua perda.

Sentenciou o médico que o caso era gravíssimo e que tomasse as precauções que achasse indispensáveis, não obstante confortá-lo e dar-lhe alguma esperança.

O sr. António Maria ficou convicto de que nada mais havia a esperar, senão a perda da sua querida esposa, demais que o médico o informara de que tinha de ausentar-se durante quinze dias na Beira Alta e só depois se veria, se sim ou não a doente podia ser operada, o que o levou à convicção, quase absoluta, de que tudo estava perdido e de que só Deus lhe poderia valer.

Foi então que se recordou de que na sua juventude assistira a algumas sessões espiritas no Rio de Janeiro, onde permanecera durante alguns anos, e verificara curas invulgares em alguns doentes. Com a sua volta a Portugal esqueceu-se do Espiritismo, por desconhecer que havia centros ou reuniões espiritas no nosso País, mas continuou adepto da Doutrina.

Cheio de fé e receando pela sua companheira de tantos anos e mãe de seis filhos que ficariam órfãos, recorreu ao Centro Espirita de Matozinhos, cuja existência lhe foi revelada, nessa ocasião, por um amigo a quem acabava de contar a sua desdita.

Ouvido o médium em sessão, foi-lhe confirmado, pelo guia espiritual, que a doença da esposa era gravíssima e que a operação era urgente, mas que dificilmente deixaria de desencarnar; que confiasse, todavia, em Deus e voltasse oito dias depois, pois tantos lhe seriam concedidos para que ele, esposo, regularizasse a vida material e se não inquietasse durante esse período.

Na sessão seguinte voltava o mesmo guia, declarando que nada mais havia a fazer e de que se teria de conformar com a vontade de Deus. O doutrinador que assistia à sessão, interveio nesse momento, frisando a irreparável perda de uma mãe que deixava na orfandade seis filhinhos menores. Durante segundos, verificou-se uma súbita transfiguração do médium, como se ouvisse ou consultasse alguém, para nós invisível. Foi um momento de angústia para o esposo da doente e bem assim de grande interesse e espectativa para toda a assistência.

Passado esse curto período de tempo, voltou o Guia a falar e comunicou o seguinte, dirigindo-se ao esposo da doente:

— Vai em paz. Sei que tens muita fé e crês firmemente na bondade de Deus. Roga ao Todo Poderoso, que nossos irmãos em espírito, que foram médicos e operadores na terra, irão esta noite ao hospital onde tua esposa está internada e farão o que puderem. Nada mais te posso dizer.

Nessa mesma noite, por volta das duas horas da madrugada, a doente sentiu-se aflita e carregou no botão da campainha junto ao leito e assim esteve até às cinco, a esvair-se em sangue, supunha ela, e que tinha chegado o seu último dia de vida, não tirando o dedo da campainha.

Só passadas essas três angustiosas horas é que surgiu a primeira enfermeira dizendo que só ouvira a campainha naquela ocasião. Verificou, então, que a doente estava cheia de sangue e pús, sendo isto uma surpresa para ela e demais enfermeiras. Procederam imediatamente à mudança de roupas e lavagens uterinas à doente, aguardando o desenrolar dos acontecimentos.

Os dias foram passando e as melhoras da doente acentuavam-se dia a dia.

Regressado o médico de férias, foi-lhe comunicado o estado da doente, que ele desejou imediatamente observar. Conduzido ao hospital, verificou, com grande surpresa, que o tumor tinha desaparecido e que a doente se achava restabelecida, podendo receber alta quando o desejasse, declarando todavia à doente e a seu marido, que se achava presente, que em vinte e

A Crítica às Nossas Edições

Continuando a respigar apreciações acerca das obras publicadas por *Estudos Psíquicos Editora*, transcrevemos a seguir a crítica da *Revista Internacional do Espiritismo*, que se publica na cidade de Matão, Estado de S. Paulo, Brasil, e cujo crítico literário é o Professor Leopoldo Machado:

NOS UMBRAIS DO ALEM, por *William Barrett*, tradução de *Isidoro Duarte Santos*.

Quem escrever para o público, expondo opinião crítica sobre obras publicadas, além de grande responsabilidade perante a própria consciência, seus leitores e quem lhe enviou os livros, — diz o crítico literário desta revista — deve conservar uma linha de justiça e franqueza que possa inspirar confiança a todos.

Só aceitamos o crítico doutrinário, quando ele se torna legítimo porta-voz do valor das obras que recebe, valendo, por isso mesmo, suas apreciações generosos aperitivos servidos aos que o lêem, de forma a despertar apetites para a aquisição da obra apreciada.

Nossas apreciações crítico-literárias, nesta revista, terão sempre esta feição.

A obra, seja de quem for, de amigo ou desconhecido, de afeiçoado ou não, dela diremos sempre o que sentirmos, com muita sinceridade e que de outro modo não sabemos expender, certo ou errado, opinião e conceitos.

Gostaremos de dizer sempre coisas belas que, desvanecendo-nos, saibam suavemente aos autores e aos leitores. Nem por isso deixaremos de exteriorizar o que não gostaríamos de fazer, desde que nos impelisse a natureza da obra.

Sentimos neste momento que não diríamos o suficiente, pelo muito que disséssemos, de um livro.

Nos Umbrais do Além foi o volume que acabámos de ler. Veio-nos de Lisboa, oferta graciosíssima de seu ilustre tradutor, Isidoro Duarte Santos. Edição da *Gráfica Estudos Psíquicos*, obra que nos lembra, sempre que recebemos a revista de igual nome — uma das mais bem feitas — um gigante, um Briareu com os seus cem braços ocupados a difundir o Espiritismo, que é Isidoro Duarte Santos.

Nos Umbrais do Além é um Livro no sentido exactíssimo do termo, Livro de cientista, de pensador, de analista frio, sério e seco. Só, agora, em língua portuguesa. Foi escrito para atestar, cientificamente, a veracidade dos factos espiritas. E de tal modo o faz, com tal isenção de ânimo, que ninguém haverá, por mais céptico e agnóstico, que possa duvidar da realidade a que chegou o grande cientista da Universidade de Dublin. Leia-se isto, à pág. 293, que se terá julgado da independência de atitudes do autor:

«Eu não defendo Eusápia (a célebre médium italiana Eusápia Paladino), pela qual sinto repulsão; mas é preciso ser justo mesmo com o diabo», para concluir pela veracidade dos fenómenos, a despeito de reconhecer que, às vezes, a médium «trapaceia sem pudor».

Não sabemos senão rudimentos de inglês. Não acreditamos, contudo, que a obra no original leve alguma vantagem à tradução. Isidoro Duarte Santos tem amor à causa, disvela-se pela Doutrina. Escreve bem. Seu estilo é atraente e claro. É um purista, no sentido real do termo. E tudo isto há-de por força emprestar maior brilho e importância à obra. Além do mais, o livro é admiràvelmente bem coordenado, concatenado. Um compêndio pedagógico, de que se sai convencido, mais do que o suficiente, da matéria que trata. Dividido em cinco partes e um apêndice, que não deixa de ser também uma parte, e substanciosíssima, o autor trata de todos os fenómenos mais importantes do Espiritismo, analisando-os todos, a frio e a seco, naturalmente.

Um grande livro, no sentido literal do termo. E muito bem apresentado gràficamente, que a *Estudos Psíquicos Editora*, de Lisboa, e de Isidoro Duarte Santos, se prima pela escolha das obras editadas, não deixa, também, de primar pela apresentação gráfica com que no-las dá.

Gratíssimo pelo exemplar que recebemos, enfeitado com uma dedicatória que muito nos sensibiliza e desvanece.

---

cinco anos de clínica nunca lhe acontecera caso semelhante, classificando-o de verdadeiro milagre.

O sr. António Maria calou-se e não quis discutir o «milagre» com Sua Excelência, pois sabia muito bem donde viera a cura de sua esposa e a quem a devia.

Eis, em resumo, o que nos contou o sr. António Maria, o que foi confirmado por um membro da Direcção do Centro Espirita «Luz e Verdade», de Matozinhos.

O sr. António Maria, não obstante sua esposa ser católica inveterada, a quem concede inteira liberdade religiosa, é actualmente um espirita convicto e frequentador assíduo de reuniões espiritas.

Homem de fé inabalável, pauta toda a sua vida pelo Espiritismo cristão. Bom pai, bom esposo e bom cidadão. Deve ao Espiritismo — afirma ele — a paz e tranquilidade de consciência e o progresso moral do seu espírito.

Matozinhos, Julho de 1947.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

O 1.º CONGRESSO ESPIRITA DO ESTADO DE S. PAULO

O Espiritismo brasileiro atravessa grande fase de reorganização. Ainda há pouco tivemos conhecimento de vários congressos estaduais: Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Alagoas, Sergipe e Pernambuco. E em todos eles vibrou entusiasmo e desejo vivo de progresso. Em todos eles notámos acentuada tendência para a unificação. Quer dizer: os actuais responsáveis pelo movimento espirita entendem que o segredo do êxito está na parábola do molho de varas: só unidos e coesos poderão realizar o sonho de oiro, que é fortalecer a Causa e libertá-la de receios.

Andam avisados os nossos irmãos de Além-Mar. É assim mesmo. Acima de quisílias e divergências está o interesse colectivo; e quando esse interesse se reflecte num ideal de evangelização e rejuvenescimento do qual depende a felicidade humana, mais necessidade haverá de conjugar esforços nesse sentido.

O Estado de S. Paulo é um verdadeiro empório espirita. Eis porque nos interessam os seus passos, as suas resoluções. Assim, o seu 1.º Congresso não poderia deixar de figurar nestas colunas, em síntese rápida, embora, devido à falta de espaço, mas nem por isso menos vincada para a história do Espiritismo.

Em S. Paulo há quatro grandes agremiações que centralizam todo o movimento espirita estadual: *Federação Espirita do Estado de S. Paulo, União Federativa Espirita Paulista, Sinagoga Espirita Nova Jerusalém e Liga Espirita de S. Paulo.* Pois estas entidades constituiram-se em congresso no sentido da unificação e desse certame surgiu a *União Social Espirita,* a que nos referimos há pouco.

Este Congresso foi grandioso em todo o seu conjunto. Sob a presidência do Dr. Jónatas Fernandes, juíz de Direito da 5.ª Vara Cível, manteve-se à altura da ideia que o animava e que teve origem na *Federação Espirita do Estado de S. Paulo,* em cujo seio existem milhares de indivíduos, muitos deles de grande projecção social e cultural, como advogados, professores, magistrados, engenheiros, médicos, comerciantes, militares, industriais, etc., etc. Esta agrmiação pujante exerce extraordinária actividade na capital e no interior do Estado e só no ano findo atendeu 120.000 pessoas nos seus vários departamentos de assistência, segundo o relato de *Mundo Espirita,* que estamos apreciando. Além disso, mantém colunas de propaganda na *Folha da Manhã, Diários Associados, Jornal de S. Paulo* e *Jornal de Notícias.* Representa 150 centros, com população de dezenas de milhares de associados.

A reunião de abertura realizou-se na *Sociedade «Comunhão do Pensamento»,* em cujo Salão Nobre se acotovelaram mais de 2.000 pessoas. Foi no dia 1 de Junho, às 21,30, ficando a Mesa constituída pelo Dr. Armond, 1.º vice-presidente; Comandante Edgar Armond, 1.º vice-presidente; Dr. Jaime Monteiro de Barros; 2.º vice-presidente, e Carlos Jordão da Silva, 1.º secretário.

O presidente prestou homenagem ao Mestre Allan Kardec, insigne codificador do Espiritismo e toda a assistência se ergueu, num minuto de silêncio, como testemunho de respeito por essa figura máxima que todos veneramos.

A segunda sessão foi realizada na *Sinagoga Espirita Nova Jerusalém,* da presidência de António José Trindade, homem de invulgar actividade que acaba de construir o *Sanatório Espirita Jesus de Nazaré,* em Susano, e pelo qual há pouco lhe ofereceram 15 milhões de cruzeiros. Esta obra, construida a expensas deste operoso confrade, tem capacidade para mais de 500 leitos e dispõe de todos os apetrechos modernos exigidos no tratamento da tuberculose.

O Dr. Monteiro de Barros proferiu a conferência da noite, intitulada «Façamos da vida do Evangelho o evangelho da nossa vida». No final, o confrade Trindade ofereceu um chá a mais de 500 pessoas.

A terceira sessão coube à União Federativa Espirita. Salão a trasbordar. Aquela mole de gente comprimia-se resignadamente para ouvir o orador da noite, o Dr. Monteiro de Barros, figura simples e atraente, cujo verbo conseguiu empolgar a assistência. Falaram J. J. Cordeiro, delegado de centros do interior do Estado e representantes de outras agremiações e Caetano Mero, que traçou a história da Rádio Piratininga.

A quarta sessão realizou-se no dia 4, dedicada à Federação Espirita do Estado de S. Paulo e Liga Espirita de S. Paulo, na qual Antenor Ramos apresentou os objectivos sociais do Espiritismo naquela região.

Para a sessão de encerramento foi escolhido o Ginásio de Pacaembu, em virtude da expressiva multidão que acorrera às sessões anteriores. Presidiu o comandante Edgar Armond, idealizador e impulsionador do Congresso.

O secretário Carlos Jordão da Silva procedeu à lei-

tura do Relatório Geral do Congresso, que termina anunciando a fundação da *União Social Esirita*.

A esta sessão assistiram mais de 5.000 pessoas e teve a honra de ser filmada pelo Departamento Estadual de Propaganda.

A União Social Espirita orientará futuramente o Espiritismo em S. Paulo, embora as associações federadas mantenham inteira independência. O seu Conselho deliberativo eleito no Congresso é constituido por Pedro de Camargo (Vinícius), Edgar Armond, Carlos Jordão da Silva, J. Herculano Pires, Luís Monteiro de Barros, Aristóteles Rocha, Benedito Godoy Paiva, Júlio de Abreu, Emilio Manso Vieira, Ary Lex, Stol Nogueira e Sebastião G. Sousa. Para suplentes foram eleitos Jónatas Fernandes, Milano Neto, Piza Sobrinho, Almeida Prado Filho, Jonny Doin, Sebastião Costa, Bruno Severino, António Baptista Lino, Plínio Branco e Caetano Previdelli.

Mais um triunfo para o Espiritismo esta jornada memorável, em que milhares de pessoas se juntaram para aclamar e incitar os organizadores de tão auspicioso movimento.

Estudos Psíquicos envia aos corajosos e destemidos seareiros a expressão sincera da sua admiração, fazendo votos pelos novos triunfos que aguardam a *União Social Espirita*.

VISÃO PROFÉTICA
EM COPO DE ÁGUA

O sr. R. Garnier, Tesoureiro da Federação Espirita da Região do Norte da França, publica em *Survie* curioso artigo subordinado ao título desta nótula e que vamos traduzir para os nossos leitores. O artigo resume a história da visão que a senhora Nuel teve num dos seus treinos de vidência em copo de água, no dia 18 de Agosto de 1941, em Lozère, onde seu marido exercia a profissão de recebedor dos correios.

Marido e mulher pertenciam ao Grupo de Estudos Psicológicos de Douai e tinham sido evacuados para Lozère, após os acontecimentos de 1940. Embora afastados do seu Grupo e isolados no novo meio em que viviam, continuaram os seus trabalhos mediúnicos, confiantes no auxílio de seus guias invisíveis. Na noite de 18 de Agosto de 1941, depois do sr. Nuel fazer a prece habitual e sua esposa ter magnetizado um copo cheio de água, a fim de continuar os exercícios de vidência, viu no copo uma série de imagens a moverem-se num *écran* minúsculo, cuja superfície era por vezes reduzida a 1 centímetro quadrado. Primeiro, havia no interior do líquido uma espécie de condensação em forma de nevoeiro, no qual se desenhavam os traços gerais da imagem a observar. Depois, surgiam os pormenores. Seguidamente, a imagem desaparecia de maneira inversa: primeiro desfaziam-se os pormenores e depois a parte principal, ficando apenas o nevoeiro em que se formava nova imagem. Às vezes esta aparecia antes da outra ter desaparecido completamente. E o filme das visões sucessivas correu durante meia hora...

A senhora Nuel pôde assim observar uma casinha que lhe foi apresentada sob diferentes aspectos, com uma inscrição que não conseguiu ler, e viu uma mulher meter uma carta num marco postal. Tratava-se, portanto, de uma estação postal. Era uma casa de tejolo coberta com telha, e em Lozère usam ardósia para o efeito. Depois viu uma igreja de aldeia (reparou muito no sino) e uma estrada plana, um tapume de verdura junto à estação e, finalmente, um pequeno comboio a circular nas proximidades.

Tomou nota de todos estes pormenores, que lhe pareciam muito curiosos. Mais tarde, numa sessão de estudo, recebeu a lápis a seguinte comunicação: «A casa que viste é a que ireis habitar mais depressa do que julgas».

O casal Nuel nem por sombras pensava em sair de St.-Germain-en-Teil (Lozère), embora tivessem vontade de solicitar uma estação em Clermon-Ferrand ou Toulon, depois da guerra terminar.

Ora, em 13 de Maio de 1944 o sr. Nuel recebe uma circular da Administração dos Correios avisando-o de que certas estações de classe superior não tinham chefes e que devia aceitá-las para subir de posto. Entre elas, figurava a de Auby, perto de Douai. que ele e sua esposa desconheciam e para a qual foi nomeado em Setembro de 1944. Os alemães ainda se encontravam em França e por esse motivo era impossível obter esclarecimentos a respeito da estação. Seguiram-se pedidos de adiamento e em 22 de Dezembro o sr. Nuel toma posse da sua estação de Auby, onde actualmente reside, sem que lhe houvessem dado o menor esclarecimento.

Qual não foi a surpresa da sr.ª Nuel ao chegar à frente da estação! A casa que vira no copo três anos antes, coberta a telha vermelha, o tapume de verdura, a igreja com um sino igual ao da visão, a grande estrada das planícies do Norte e a proximidade do caminho de ferro, tudo isto aparecia aos seus olhos maravilhados...

O sr. Garnier termina «deixando aos cépticos o cuidado de ridicularizar estes factos e aos crentes o cuidado de os apreciar», garantindo, ao mesmo tempo, a honorabilidade e a sinceridade dos dois cônjuges, que ficam à disposição de quem quiser confirmar o que se acaba de relatar.

Colecções de "Estudos Psíquicos"

Nesta redacção encontram-se à venda lindas colecções da nossa revista, elegantemente encadernadas em percalina azul, cujos volumes vendemos ao preço de 70$00, franco de porte.

Notas & Comentários

UMA OPINIÃO SINCERA

Do número de Fevereiro de «Spiritualisme», colhemos a seguinte opinião do jornal «Nord-Soir», de Lille, sobre uma exposição dos médiuns-pintores Lesage e Simon:

«Desconcertante é sem dúvida o termo mais exacto para tentar definir a impressão que podem deixar estas vastas composições simbólicas que estranhamente ultrapassam a medida comum dos pintores actuais. E isto quanto à inspiração... digamos cósmica, e quanto aos meios técnicos usados, duma habilidade e meticulosidade extraordinárias. Alguns classificam estas maravilhas de diabólicas... A explicação é mais simles e clara para quem queira aceitá-la: — Lesage e Simon, um, mineiro e o outro empregado de notário, na nossa região, nada conhecem de pintura e de mitologia, mas pintam sem esforço os seus frescos numerosos, porque a mão, os pinceis e a inspiração são guiados por um superior poder. É impossivel não aceitar esta hipótese, porque não podemos, lógica e racionalmente, repeli-la»...

Eis uma opinião sincera digna de quem sabe ver com os olhos limpos de apriorismos deturpadores.

Também nós temos um grande médium-pintor que há anos se servia dos lápis e das aguarelas com mestria incompatível com o seu grau de cultura artística, que era nulo: Miguel Albardeiro, de Moura. Onde estão as telas desse também grande médium? Continua a utilizar o seu poder supranormal?...

PEDRO MACHADO, NOVO MÉDIUM PSICÓGRAFO

No jornal brasileiro *Cultura-Magazine* fomos colher alguns informes sobre este médium que começa a tornar-se famoso em Belo Horizonte. Novo ainda — 21 anos — nasceu em Uberaba e revela, além da psicografia pròprimente dita, uma faculdade infelizmente rara — a do desenho mediúnico — com a qual Pedro Machado vai enfileirar com o justamente famoso Frank Leah, a que já nos temos referido.

O jornal citado narra uma sessão, durante a qual o espírito do poeta hindu Rabindraná Tagore se comunicou com «a sua leveza de estilo e a ingenuidade dos seus poemas». Realmente, no fragmento de que lemos a transcrição há extraodinárias semelhanças de forma e de sentido, mas esperamos a publicação de «Frauta do Além» e de «Brinquedos de Prata», atribuidos a Tagore, para juizo mais seguro.

A reportagem insere dois «lápis» que representam «Tiradentes», o *caudilho brasileiro*, e Fenareta, mãe de Sócrates, os dois protectores de Pedro Machado.

O ESPIRITISMO E A RÁDIO

Psychic News, de 10 de Maio, noticia uma emissão radiofónica em que vários professores universitários falaram sobre fenómenos metapsicológicos! Após 13 anos de interrupção, de novo a rádio inglesa auxilia a propaganda do Espiritismo.

Habberley Price, professor de lógica da Universidade de Oxford, abriu esta primeira série de palestras, abordando a Telepatia que, segundo ele, «sugere a possibilidade do pensamento humano existir e continuar suas experiências, mesmo quando o organismo físico tenha sido destruido».

C. D. Broad, professor de filosofia moral na Universidade de Cambridge, falou acerca dos fenómenos de previsão, perguntando se constituirão manifestações de vontade divina pre-estabelecida ou exemplos de deslocamento do tempo [teoria de Dunne], de possibilidade de transferência para outra dimensão temporal.

R. H. Thonless, leitor de psicologia educativa da Univesidade de Cambridge, fez um estudo comparativo dos objectivos da psicologia científica que pretende explicação física para os fenómenos mentais e da Metapsicologia, que busca o que está por detrás das leis físicas.

G. N. M. Tyrell, presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, discorreu sobre as relações entre o pre-conhecimento e a Telepatia com a inspiração e o génio.

Que dirão a isto os nossos universitários?

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

No seu número de Fevereiro do corrente ano, o jornal belga *Spiritualisme* relata uma sessão extraordinária realizada em 25 de Abril de 1946 com o médium Albertz, nas mais perfeitas condições de *contrôlo*.

O primeiro fenómeno é uma agitação violenta das cortinas que constituiam o gabinete do médium, como se sobre elas incidisse forte ventania. Em seguida, mão invisível abre essas cortinas, deixando ver o médium deitado, adormecido em sono profundo.

Uma sombra deslisa pela sala, removendo objectos, batendo nítidas pancadas. Mão materializada ergue pantalhas luminosas; e servindo-se de porta-voz, um espirito acompanha a música com tal força, que esta mal consegue ouvir-se. Achille Biquet e M.me José Bertrand, que assistiam, são tocados pela mesma materialização, que lhes aperta as mãos.

Uma vez despertado, o médium incorpora duas entidades, que produzem comunicações de valor.

Por este pequeno resumo, poderão os leitores aquilatar o desenvolvimnto dos médiuns e do Espiritismo belga e sonhar com o que nós não possuimos...

«FORCES SPIRITUELLES»

Em Maio último começou a publicar-se em Arrás, França, um mensário espirita intitulado *Forces Spirituelles*, dirigido pelo médium pintor V. Simon e que se apresenta como órgão do *Grupo de Estudos Psíquicos de Arrás*.

Em seu número de Julho transcreve parte do artigo que o nosso colaborador Eurico de Castro Zuzarte publicou em Novembro de 1944 na revista *Estudos Psíquicos*, contando o «seu caso» e referindo curiosa identificação de um espírito que dera mensagens em japonês antigo, através de médium que mal conhecia o português, quanto mais aquele idioma oriental.

Pela parte que nos toca, agradecemos que tenham aproveitado o ensejo de inaugurar a secção «La Presse Étrangère», para se referirem à nossa revista.

Voltaremos a referir-nos a este interessante jornal e ao seu director, cujos trabalhos mediúnicos são dignos de nota em nossas colunas.

Noticiário

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

No passado dia 2 de Agosto, realizou-se no Centro E. Luz e Amor a sessão de encerramento do ano 1946-1947.

O Presidente da Direcção, Sr. Tenente Isidoro Santos, fez uma vibrante alocução em que não só focou o papel do Espiritismo no mundo actual, como o do Centro no movimento espirita português, chegando a esboçar algumas medidas capazes de conduzir as correntes dispares para uma linha única de esforços.

Em seguida, o Sr. Major Eurico Zuzarte fez, como é seu costume, um veemente apelo a todos os espiritas presentes para que o trabalho se tornasse mais profícuo, para que dele resultassem mais jornadas como a do Teatro do Ginásio.

Ramos Pereira procurou delinear, a largos traços, uma panorâmica do Espiritismo português, mostrando a necessidade de apagar certos traços pouco belos e até perigosos e de realçar e burilar aqueles que imporão a Doutrina na sociedade portuguesa. E sentidamente prestou homenagem aos dois trabalhadores infatigáveis que são Isidoro Santos e Faure da Rosa.

O Sr. Coronel Faure da Rosa focou aspectos da recente conferência no Ginásio que considerou a iniciativa de maior repercussão no nosso meio, no ano findo, lembrando aquela outra jornada do Cinema Condes e que Isidoro Santos, ao fechar, sublinhou, revelando factos que até então haviam ficado nos bastidores...

E com esta reunião fraternal se encerrou mais um ano de trabalho do Centro E. Luz e Amor.

20.º ANIVERSÁRIO DA SOCIEDADE PORTUENSE DE INVESTIGAÇÕES PSÍQUICAS

Nos passados dias 22, 24 e 26 de Julho, comemorou o seu 20.º aniversário, com o maior brilhantismo e grande assistência, esta prestimosa sociedade espirita nortenha que sempre tem sabido impor-se pela dignidade do seu trabalho.

No dia 22 realizou-se uma sessão solene a que presidiu o Sr. Coronel Faure da Rosa, e em que, depois de se historiarem os progressos da Sociedade, se renderam preitos de homenagem a Firmino da Assunção Teixeira, o grande benemérito, ao Dr. Joaquim Mesquita Paul, sócio fundador n.º 1, de quem foi descerrado um retrato, e à Fundação Marieta Gaio na pessoa de Chelmiki Aflalo, que se encontrava presente.

A 24, um notável recital atraiu ao salão nobre numerosíssima assistência. A beleza da música de grandes artistas como Haendel e Rimski Korsakof foi realçada pela mestria dos seus intérpretes — D. Francine Dubernet, D. Conceição de Oliveira e D. Maria Natália da Costa.

Para encerramento da comemoração, realizou no dia 26 uma conferência o nosso camarada de redacção Ramos Pereira, a convite da Direcção da S. P. I. P. Antes de iniciar a exposição do seu trabalho, Ramos Pereira saudou a Sociedade em nome do Centro Espiritualista Luz e Amor e da Revista *Estudos Psíquicos* (que no dia 22 já se fizera representar por F. Cruz Ferreira).

O nosso companheiro, a quem o Espiritismo nortenho abriu a sua alma generosa e amiga, dissertou sobre — Génesis e Evolução — traçando o a que ele chamou ensaio de uma teoria.

No final, a assistência que enchia o vasto salão nobre tributou a Ramos Pereira talvez a maior ovação da sua carreira de conferencista.

Estudos Psíquicos de novo reafirma à S. P. I. P. os seus votos de progresso constante e, agora, as suas felicitações pelo êxito extraordinário que revestiu a comemoração do 20.º aniversário.

NOTÍCIAS DE S. PAULO

Segundo informação do nosso representante em S. Paulo, Vicente S. Neto, ralizou-se em Junho último uma reunião festiva da *União Mocidade Espirita de S. Paulo*, presidida por este confrade e na qual a Prof.ª Luisa Camargo Pessanha Branco realizou uma conferência intitulada «O Trabalho da Mulher no Momento Actual», tendo-se feito ouvir, antes e depois da explanação do tema, a jovem soprano Bela de Castro, acompanhada ao piano por sua Prof. Gioconda Peluso. Tiveram assento na mesa a nossa irmã Rita Cerqueira e seu filho, bem como o confrade José Ferreira de Cerqueira, da cidade Entre os Rios. A gentil menina Teresinha declamou «O Fiel», de Guerra Junqueiro.

A conferencista mereceu as honras da noite pela maneira elevada como expôs o assunto.

No mesmo mês de Junho realizou-se merecida homenagem póstuma a Jesus Gonçalves, grande obreiro há pouco desencarnado no Asilo Colónia Pirapitinguy. Atacado pela lepra, nunca deixou de trabalhar junto de seus irmãos de doutrina. Fundou o Centro Espirita Agostinho dentro do leprosário, onde quase todos os domingo eram recebidos os confrades que lá iam de visita.

A festa realizou-se no Salão Nobre «Bezerra de Meneses», cedido pela Federação Espirita do Estado de S. Paulo e foi dirigida pelo casal Zaira e Osvaldo Pitt, tendo o festival sido transmitido directamente para o Asilo, através do Rádio Clube de Sorocaba.

Na mesa, lindamente ornamentada, estava um quadro do homenageado. A direcção dos trabalhos coube ao confrade António Montemor, ladeado pelos deputados estaduais Dona Conceição Neves Santamaria e Dr. Castro Neves. Julinha Tekla leu a biografia de Jesus Gonçalves e o jornalista Herculano Pires discorreu brilhantemente acerca da figura que se preiteava.

Seguiu-se uma parte artística, em que se revezaram declamadores, sopranos, pianistas, etc., dando realce à festividade.

No final, um grupo de jovens e senhoras, em conjunto com a assistência, entoaram o *Hino da Alegria Cristã*, terminando com a prece de encerramento.

As flores que ornamentavam a mesa foram distribuidas pelos assistentes com alegria para todos os corações que acabavam de relembrar saudosamente um companheiro que soubera ser resignado e fiel.

O confrade Elias Lacerda, amigo do homenageado, declamou «O Santo de Pirapitinguy» e «O Primeiro Baptismo».

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

8.º ANO — LISBOA, SETEMBRO DE 1947 — N.º 9

Redactor: **Ramos Pereira** | Director e Editor: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

RARO EXEMPLO

Se a doutrina não faz o adepto, nem o adepto a doutrina, há certa ligação entre uma e outro, cujos reflexos incidem no espírito das multidões. A medicina, por exemplo, é ou devia ser considerada verdadeiro sacerdócio; contudo, há médicos que industrializam a profissão, lançando sobre aquela ciência labeus de que ela não é responsável; e quando se fala na arte de curar, vem à menmória a exploração de que alguém foi vítima e o ambiente carrega-se em detrimento de uma actividade nobre e das mais dignas.

O mesmo se dá com as religiões, que se dirigem ao conhecimento espiritual do homem. Todas são boas, todas aconselham a prática do bem, todas incitam à caridade e ao perdão das ofensas; portanto, culpa não têm da forma como alguns mentores as interpretam. A verdade é que elas se ressentem dos maus exemplos de seus adeptos.

O Espiritismo não foge à regra. É atacado e desvirtuado através da fraude de médiuns indignos que não estudam a Doutrina e de conduzir à loucura e dissolver os bons costumes. Mas que tem ele com o procedimento de indivíduos que erradamente o cultivam ou que até o desconhecem por completo ? O médium não é a mediunidade, nem o sacerdote a religião, nem o médico a medicina.

Tudo isto vem a propósito de um alto exemplo de abnegação e desinteresse dado pelo médium Francisco Cândido Xavier, residente na cidade mineira de Pedro Leopoldo. O conhecido espirita Frederico Figner, desencarnado há pouco no Rio de Janeiro, legou-lhe cem mil cruzeiros, ou sejam 120 contos em moeda portuguesa; e o médium, que luta com dificuldades para se manter e à sua família, renunciou aquela importância, a favor da Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira, com o pretexto de que nada fizera por merecer tamanha consideração. E acrescentou que tinha apenas cumprido o seu dever.

Francisco Cândido Xavier identificou-se com a Doutrina que segue e propaga, aproximando-se ainda mais da espiritualidade. Este homem simples que já nos deu perto de trinta volumes de enxundiosos ensinamentos e continua a trabalhar sem descanso na Seara do Mestre, observa o provérbio de Salomão, adaptado em verso por João de Deus:

> Não me deis a miséria aborrecida,
> Nem tamanha riqueza que me tente !
> Dai-me, Senhor o necessário à vida !
> Serei contente !

De facto, o trabalho é a grande escola desse obreiro humilde infenso à homenagem dos homens e sensível ao julzo da consciência. Subordinado às indicações de guias que o aconselham a viver honestamente e cristãmente não se afasta dos preceitos evangélicos e dá um raro exemplo de probidade a todos os médiuns claudicantes e aos pseudo-médiuns que se afastam das vias de redenção e seguem a estrada larga do comodismo que degrada a criatura.

Francisco Cândido Xavier, que já há tempos consentira, a grande custo, que lhe transformassem o velho casebre, onde morava, em casa decente e higiénica, é um verdadeiro expoente da Doutrina. O seu exemplo prova o que dizemos atrás: reflete-se na Causa que defende, tornando-a mais aliciante e mais bela.

Que ele nos perdoe, se o ferimos na sua modéstia; mas não podíamos ocultar um gesto de fidalga nobreza que demonstra a influência benéfica do Espiritismo.

BÁRBARO ESPECTÁCULO

por F. Noronha

Nunca, desde que me entendo, assisti ao que se denomina torneio de tiro aos pombos.

Sentia o meu instinto revoltado contra semelhante cenário, a que chamam divertimento e a que me consta não faltar a concorrência.

Por vezes tive ideia de manifestar pela pena a minha funda repugnância a esse meio selvagem de atrair gente. Continha-me, porém, não por cobardia, mas para não dar margem a motejos alvares, originando porventura falsas interpretações.

E, assim, decorreram anos até data recente, em que li, num dos periódicos regionalistas que me dá a honra de acolher artigos meus em suas colunas, algumas linhas, noticiando um torneio de tiro aos pombos, a levar a efeito na veneranda vila de Alcobaça, em benefício da Misericórdia!

Isto, confesso, pareceu-me inaudito cúmulo. Tornei mesmo a percorrer as aludidas linhas, a fim de verificar se estava sonhando ou sendo vítima de desordem psíquica.

Não havia dúvida. O espectáculo era anunciado com todas as letras precisas e absolutamente ligadas no sentido, tanto quanto acessíveis aos leitores.

Indignado, resolvi desabafar pela imprensa, e desde logo elegi, como tribuna, este empolgante orgão de justiça e de verdade, que obedece a princípios fundamentais solidários e não se aparta da filosofia do Evangelho.

Está certo, que em qualquer meio, afirmando-se culto e civilizado, se criem animais inofensivos e prestimosos, idílicos de amor e modelares de carinho, para, em determinadas ocasiões, servirem de alvo a atiradores, exibindo-se como número de festivais? Este caso malévolo conjuga-se, em alguma hipótese, com o quadro de sugestionadora humanidade, que representam em numerosíssimas populações do globo as previdências individuais, também felizmente numerosíssimas, com que acodem às imperiosas necessidades alimentares das ternas aves roladoras quantos sabem compreender e executar aquela frase de sublime conceito, que diz: *Dar de comer a quem tem fome?*

Há ou não há beleza imácula no indivíduo (homem ou mulher, rico ou pobre) que, todas as manhãs, provido de grãos de milho ou de miolo de pão, se dirige a sítio em que se abrigam pombos para amimá-los com tão ansiado brinde? Não será este proceder uma verdadeira obra de misericórdia?

Em vários pontos da cidade de Lisboa, tenho-me edificado em presença deste género de formosa caridade.

Faz acaso afinidade com tiro aos pombos, por prazer e recreio dos sentidos?

Ver matar, a sangue frio, seja uma ave ou seja um ser de nossa espécie, não é matar, não é tirar a vida a quem a tem, não é, em suma, um atentado sem reparação possível?

Creio não ridícula a defesa desta causa, autênticamente simpática e de lógica irresistível. Lamento a ferocidade humana, que o tiro às meigas aves claramente demonstra e que só cinismo de manga larga poderá classificar de desporto.

As coisas são o que são; e quando se revelam monstruosas, deletérias para a sanidade higiénica social, para a educação ética do mundo saído de infância, importa eliminá-las, custe o que custar.

Esta não deveria, nem deve custar nada.

Condena-a a íntegra reflexão, o senso equilibrado, e até o espontâneo raciocínio, quando a índole é depurada, ou seja quando o espírito predomina sobre a matéria e a violência brutal não é preferida à estética moralizante.

Não encontro maneira atenuante ou sombra sequer, capaz de justificar torneios de tiros aos pombos.

Encaro-os sob todos os aspectos, e por mais que labute, simplesmente se me depara a mão do homem disparando uma arma de fogo, com fito inglório num ser prestante, de típica mansuetude, e que por si incute, antes sentimento de gracilidade do que ânimo de alvejamentos.

Existem outros meios de perfeição de pontaria em provas públicas a prémio, sem exigência de recursos ferinos, abertamente inuteis.

Tive um primo, habilíssimo atirador, que, em Nápoles, ganhou o primeiro prémio (pecuniário, de algum peso) em torneio, sem sacrifício de pombos ou de outros animais: Manuel de Noronha, falecido há anos em Paris.

Impõe-se ou não uma educação completa? Queremos viver em luz de mutualidade cres-

cente e de concórdia sensata, apenas armando-nos, se compelidos a defesa. Com que direito cortamos o fio de existência ao vivo, meramente por passatempo e divertimento, dispensáveis e perfeitamente substituíveis, sem sangueira deseducativa?

Aproveitar o livro de Michelet, *L'Oiseau* (A Ave) para educar pela imagem e em cinema, seria torneio de suma verdade, de justificadíssimos prémios, de miragens sorridentes, de encanto, de doce enleio, de estilo galante!

De que serve aos católicos irem aos templos, dobrarem os joelhos ante os augustos sacrários, baterem no peito, receberem nos lábios das mãos do levita a hóstia consagrada, orarem ao supremo Deus das alturas, cumprirem a penitência e, acto contínuo, correrem a divertir-se, com entusiástico delírio, vendo abater a tiro justamente a ave de maior validade intrínseca, de mais emotiva expressão de sentimentalidade, mais digna deveras do nosso afecto e do nosso acatamento agradecidos?!... Todavia, inconsistência e infirmeza de carácter do animal humano, tenta este sofismar o facto, apelando para supostas coonestações de aparato, igualmente condenáveis.

Ora, se o que é, é, como confundir branco e preto e vice-versa? Já, de séculos, o imortal trágico inglês declarou, que *ser e não ser, não pode ser.*

O que importa à Civilização é libertar-se de lixos emprestados, ainda que provoquem saudação de multidões e sucessos de hilaridade.

Os gonzos e as fechaduras ou são o que é preciso e conveniente que sejam, ou dá-se-lhes outro destino, se fundíveis ou modificáveis com proveito. Os lixos liquidam-se a fogo, se insusceptíveis de acção química utilitária.

Tudo isto não é de pasmo nem de assombro. Cabe na ordem natural das coisas e em bom entendimento prático.

Por este caminho ninguém vai à deriva ou em risco de desacerto.

São desacertos que conduzem às falências, às guerras e ao crime, anomalias contrárias à Ciência Padagógica, incomportável com folguedos sanguinários, com truques traiçoeiros, com bastidores de armadilha.

Não é favorável a irrisões e contraproducências a atmosfera espirita, que não coarta a expansão libérrima do pensamento altruista nem reprova a exteriorização de regosijos dentro de normas de juizo atilado.

O ir além destes limites legítimos, transpô-los abruptamente, ofende a lei moral, o ideal de justiça, a majestade infinita.

Isso não é de realidade espirita, de aspiração do espírito, de congruência elevada, mas de chafurda ignóbil, de atmosfera viciada.

Conclui; mas devo um acrescento aos benévolos leitores: Fui talvez áspero no exposto precedentemente.

A pessoa alguma visei. Quando elaboro trabalho de letras, guio-me pela sede de verdade e pelo ditame da minha própria consciência, não me presumindo fora de alcance deste adágio irretratável: *Errare humanum est.*

Sim, o erro é próprio do homem; mas, quando reconhecido, confessado ou não confessado, compete-lhe, por essência e por dignidade, corrigi-lo, suprimindo-o.

Tenho procurado emancipar-me dessa erva ruim, desse escalracho nauseabundo, e, a pesar de fortaleza no querer, ainda lhe apreendo resquícios de eiva.

Educação, educação, sempre educação exemplificada, que é lei do Além da morte e timbre da Glória Imortal.

7-VII-1947

Fenómenos Assombrosos

Especialistas do cérebro num hospital de Londres estão a estudar as curiosíssimas qualidades demonstradas pelo checoslovaco Frederick Marion, que produz fenómenos verdadeiramente assombrosos. Diz-se que Marion pode rachar um copo mediante a simples concentração do pensamento e que é capaz de transformar momentaneamente em preto a cor vermelha de um às de ouros. Em recente demonstração, convidou uma pessoa que estava munida de um pedaço de papel a recordar qualquer incidente impressionante de sua vida e a escrever algumas palavras a respeito do acontecimento. O papel foi dobrado e entregue a Marion, que o apertou nas mãos; enquanto passeava no compartimento, levou as mãos à cabeça e articulou palavras sem nexo. Não se referiu directamente ao incidente da nota, mas ao estudar as frases aparentemente vagas de Marion, verificou-se que reproduzira fielmente o facto.

De *La Nacion*, de Buenos Aires)

TENDÊNCIAS DO MOVIMENTO ESPIRITA BRASILEIRO

por Deolindo Amorim

(redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro)

II

Pode-se fazer a síntese do movimento espirita brasileiro em poucas palavras: mais coração do que laboratório, mais assistência do que indagação. Não se pense, porém, que o Espiritismo no Brasil seja todo místico. A maioria de seus adeptos não o aceitam, a não ser sob o tríplice aspecto: RELIGIÃO, CIÊNCIA E FILOSOFIA. É verdade que a parte pròpriamente experimental ou fenomenológica não constitui a preocupação capital dos espiritas brasileiros. Mas é inegável que se têm registado trabalhos apreciáveis neste campo, o mais restrito entre nós.

Uma das maiores actividades do Espiritismo no Brasil é a propaganda oral. Diáriamente, por assim dizer, há conferência espirita no Rio de Janeiro. Prega-se muito. A tribuna evangélica atrai muito mais público do que as sessões de estudos ou de pura exegese doutrinária. Aprecia-se mais depressa um orador vibrante do que um conferencista sem ardor ou um doutrinador destituido de qualidades tribunícias. Temos aí outra tendência, aliás, interesssante, do movimento espirita brasileiro. Ainda assim, vemos a influência do meio. No Brasil, ordinàriamente, o orador impressiona mais do que o simples preleccionista que apresenta teses filosóficas ou faz exposições secas, de estilo didático. Gosta-se mais dos arroubos de oratória, a não ser nos ambientes seleccionados, nos serões académicos. É natural, portanto, que o movimento espirita seja propenso à pregação pela tribuna, porque o brasileiro já é, por si mesmo, apologista dos discursos, sob qualquer pretexto, ainda que se trate de motivo muito simples.

Mas não é sòmente o brasileiro que é discursador. Os povos de origem latina, por natureza, amam a arte da palavra. Enquanto muitos oradores de outras origens discursam quase sempre sem arte, como se estivessem conversando na intimidade, os latinos vibram, dão aos discursos ou conferências uma entonação diferente, tomam postura solene quando falam em público. Existem excepções em toda parte. Tudo isso é do temperamento do povo.

A loquacidade do espanhol e a facilidade verbal do francês, por exemplo, são amostras do espírito latino. O nordestino brasileiro, de temperamento caldeado sob clima tropical, não poderia apresentar as caracteristicas psicológicas do eslavo, que é outro tipo, já pelos factores de ordem étnica, já pelas condições do meio. Outro exemplo: O inglês, quando é orador, fala com cálculo, disciplinando as palavras e as ideias, mas sem a ênfase do tipo gaulês. O anglo-saxônio é moderado por feitio, na exteriorização de suas ideias. O orador inglês é muito irónico e causticante, tal como Disraeli, um de seus expoentes parlamentares, mas não é empolado, verboso, como o orador de ascendência latina. Cada povo tem suas qualidades intrínsecas, do mesmo modo que cada indivíduo é o que é, embora sua personalidade, pelo curso das vidas sucessivas (princípio reencarnacionista), tenha de passar por transformações inevitáveis. Os factores externos modificam os hábitos, mas o indivíduo não deixa de ser o que é, não deixa de guardar no espírito certos traços que só desaparecem através de algumas existências. O indivíduo acomoda-se ao ambiente, às imposições de cada época, mas não se anula espiritualmente. Cada povo, portanto, com suas tendências, suas atitudes emocionais, suas maneiras peculiares.

As qualidades de um povo constituem um complexo de motivos atávicos, de remanescentes espirituais de outras existências, assim como de infiltrações culturais, associadas à contribuição do meio físico. Muito tem que investigar, neste campo de estudo, a Sociologia, em cujas pesquisas se torna indispensável o concurso da tese reencarnacionista, ainda rejeitada pelas escolas modernas por mero preconceito... O movimento espirita brasileiro é, como se diz, «muito dado a discursos». De facto, a maior parte da propaganda espirita no país é feita pela tribuna. A tendência não é apenas do meio espirita, mas do brasileiro, que já é afeito ao debate, ao uso da palavra em público. Sendo de origem lusitana, o brasileiro tem sangue latino, e, como tal, não pode fugir à regra. Eis a razão da preferência pela tribuna de propaganda espirita. A própria língua, com a sua «riqueza vocabular», favorece o desenvolvimento da veia tribunícia.

///

Há mais pregação evangélica entre nós, do que propriamente conferência, no verdadeiro sentido desta palavra. Os temas predilectos, e que produzem mais

efeito no espírito do povo, são, entre outros, os seguintes: *a caridade, a dor, a tolerância, o amor*. Assim como não há Espiritismo de gabinete, conforme dissemos no artigo anterior, não há Espiritismo académico no Brasil. Nossas reuniões são genuinamente populares, incluindo-se as de carácter solene. O meio espírita brasileiro não suporta protocolo, convencionalismo, porque todos os actos espíritas são simples, de aspecto absolutamente democrático, sem distinções sociais. Certa vez, um engenheiro muito viajado, positivista praticante, tendo visitado a Liga Espírita do Brasil, a propósito de uma conferência sobre o problema dos índios, ficou tão impressionado com o nosso meio, que chegou a declarar perante a assembleia que não imaginava, neste mundo cheio de tantas divisões entre os homens, que houvesse uma colectividade tão fraterna, tão simples, inteiramente livre das chamadas «etiquetas», que tanto prejudicam o bom entendimento entre as criaturas. O que mais despertou a atenção do visitante, que professa ideias diferentes das nossas, foi justamente a promiscuidade, a ausência de qualquer separação entre os componentes da assembleia. Para ele, que pela primeira vez comparcia a um espectáculo desta natureza, segundo suas próprias palavras, tudo aquilo era uma afirmação de fraternidade.

E assim é o meio espírita brasileiro. A pregação evangélica, embora de sentido mais popular do que doutrinário ou exegético, tem a preocupação da caridade, porque procura consolar, reformar, tranquilizar a criatura. Neste particular, podemos dizer que o Espiritismo tem realizado, no Brasil, verdadeiros «milagres», se é que podemos empregar o termo, com aplicação forçada. Se houvesse estatística, poderíamos apresentar, documentadamente, centenas de factos. Numerosos indivíduos frequentam centros espíritas, escutam prelecções evangélicas, e se transformam, tornam-se melhores dentro de algum tempo. apenas pela influência da pregação. Muita gente não sabe que o Espiritismo no Brasil, sendo mais evangélico do que rigorosamente científico, presta grande serviço à sociedade, porque reforma, reergue moralmente, transforma profundamente muitos indivíduos desorientados, transviados, já considerados «perdidos».

Quem quiser avaliar a influência do Espiritismo evangélico no Brasil, visite algumas prisões, para ver de perto o poder de penetração do Espiritismo na alma humana. Inegavelmente, sem qualquer exagero, os centros espíritas no Brasil são escolas de moral, porque ministram ensinos evangélicos com amor, com sentimento de caridade, e por isso reformam indivíduos muitas vezes de maus antecedentes. Nem todas as pessoas que vão às reuniões ordinárias dos nossos centros querem *ver* espírito; muita delas vão buscar forças espirituais, querem uma palavra de consolo, desejam algo que possa remover certas torturas ocultas, certos dramas interiores. Inúmeros indivíduos viciados, de vida irregular, desorientados, desses que vivem sem rumo e sem paz, têm sido restituídos à sociedade, como cidadãos ordeiros, completamente regenerados, graças às pregações evangélicas. São factos, e factos que podem ser documentados largamente pelos próprios testemunhos pessoais.

///

Outra feição caridosa do Espiritismo no Brasil é a gratuidade. No Brasil não há médiuns *profissionais*. A palavra profissional, em se tratando de serviços de natureza espiritual, repugna aos espíritas. Quando, às vezes, algum médium tenta industrializar a mediunidade, o próprio meio espírita se encarrega de pô-lo inteiramente à margem. O lema das actividades espíritas no Brasil é o *dai de graça o que de graça recebestes*, conforme o Evangelho. Se alguém, mesmo para fazer experiência, exigisse pagamento por uma conferência espírita ou para ir aplicar um *passe*, fosse onde fosse, estamos certos de que esse alguém ficaria imediatamente fora de cogitação nas sociedades espíritas. Nenhuma sociedade espírita lhe daria mais a tribuna para pregar.

A pesar da vocação religiosa do movimento espírita brasileiro, a preocupação cultural é também considerável. Temos tido trabalhos experimentais de grande envergadura. O campo, neste particular, conquanto não seja dos mais amplos, tem sido um tanto fértil. Os trabalhos mediúnicos de Macaé, por exemplo, podem ser nivelados entre os mais importantes da Europa, nestes últimos anos. Macaé, tradicional no Estado do Rio de Janeiro tem produzido objectos de parafina, tem produzido sessões espíritas em que se registam fenómenos de voz directa, além de realizações sociais, muito desenvolvidas. Em matéria de pesquisa pura, podemos apontar os trabalhos do Dr. Inácio Ferreira, no Sanatório Espírita de Uberaba, Estado de Minas Gerais.

Este abnegado e distinto médico, que há muito tempo se dedica ao estudo da *Psiquiatria*, é um pesquisador infatigável. Tem estudos organizados, faz trabalhos de gabinete, mas a auréola de sua trabalhosa actividade está justamente no desprendimento, no sentido de caridade com que, «de corpo e alma», se dedica ao Sanatório para tratar de obsidiados. Um de seus livros — «Novos Rumos à Medicina» — é um desafio corajoso e documentado ao preconceito académico. Nesse livro, que tem fotografias, provas positivas de tudo quanto o autor afirma, há material abundante para se fazer estudo das doenças espirituais. Outro livro de Inácio Ferreira, a sair brevemente, vai ser também forte, com maiores razões, com material mais copioso. Intitula-se: «Têm Razão»? Talvez poucos livros, publicados no Brasil, tenham reunido até hoje, contra ou a favor do Espiritismo, documentação que se possa aproximar da que Inácio Ferreira teve o cuidado de catalogar para defender a doutrina espírita. Como se vê, neste terreno, o mo-

vimento espirita brasileiro pode apresentar também, muita coisa apreciável.

A parte cultural, principalmente no Rio de Janeiro, tem actualmente dois cenáculos muito prometedores. O primeiro é a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*, últimamente instalada em sua sede definitiva, no modernissimo *Edificio Internacional*, à Avenida Rio Branco, N.º 4, 15.º andar. Entrou esta Sociedade na fase cultural, iniciando palestras públicas sobre temas que se propõem mostrar que a Ciência não está divorciada de Deus. A *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*, o único estabelecimento deste género, no mundo, é uma das mais vivas e das mais promissoras esperanças do movimento espirita brasileiro. O outro cenáculo é a *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos*, onde o ensino do Espiritismo é ministrado didáticamente pelo Coronel Delfino Ferreira, a quem se deve a inauguração da cadeira. Actualmente, a cadeira de Espiritismo está desdobrada em duas partes. *Espiritismo Filosófico* e *Espiritismo Experimental*.

Não tendo sido bem compreendida no começo, hoje, felizmente, a Faculdade já é encarada com simpatia no meio espirita. Tendo a preocupação precípua de fornecer base de cultura geral, sem pretender formar *doutores em Espiritismo* ou *mestres em Israel*, a Faculdade vem prestando bons serviços à Causa espirita neste país, exactamente porque dilata a perspectiva cultural de seus alunos ou assistentes, proporcionando-lhes elemenos indispensáveis à difusão da doutrina. Uma das vantagens da Faculdade está na orientação que imprime aos seus estudos, procurando alargar a cultura doutrinária, muito prejudicada pela falta de lastro geral, pela ausência de conhecimentos correlatos. Pois bem, a Faculdade vem demonstrando que a cultura unilateral, principalmente em se tratando de uma doutrina tão profunda como o Espiritismo, é insuficiente, por não satisfazer à própria sequência filosófica da doutrina. A Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos é, finalmente, uma das realizações culturais dignas de apreço no movimento espirita brasileiro.

Tratámos, até aqui, de duas tendências características do Espiritismo no Brasil: obras de assistência social e preferência pela oratória, com evidente espirito de autonomia. Examinaremos, finalmente, no próximo artigo, a parte que se refere à feição religiosa do movimento espirita brasileiro.

"LUZ NO CAMINHO"

Fazei imediatamente a requisição deste livro empolgante que acaba de sair do prelo.

Brochado	**25$00**
Encadernado	**35$00**

Os assinantes beneficiam de 10 % de desconto.

Nossos Representantes

Na lista dos amigos que se dispuseram a auxiliar-nos está um dedicado e fervoroso adepto que há 28 anos abraçou a Doutrina e anda ao corrente de tudo quanto se tem publicado em nossa lingua referente a Espiritismo.

Jaime Xavier da Silva é o seu nome e representa «Estudos Psiquicos» no Estado brasileiro de Alagoas.

Desde 1919 que é espirita. Tinha 13 anos quando recebeu o baptismo de fé que decidiria da sua vida planetária e desde então colocou seus préstimos à disposição do ideal que nos acalenta.

Colabora na «Gazeta de Alagoa» e tem seu nome

JAIME XAVIER DA SILVA

ligado a todas as agremiações espiritas de Maceió, capital do Estado, onde nasceu e reside.

Preside ao «Grupo Espirita José Eusébio», desde 1928, e é 1.º secretário do «Centro Espirita Manuel Baptista».

Foi secretário, director de propaganda e presidente da «Confraternização Espirita de Alagoas» e bibliotecário do «Centro Espirita William Crookes».

Actualmente faz parte da Directoria do «Orfanato S. Domingos» e dirige a «Escola Espirita Zaneli Caldas», para crianças pobres.

Foi um dos organizadoras do 1.º Congresso Espirita de Alagoas, realizado em 1928, e assistiu ao 2.º Congresso Espirita Nordestino, realizado o ano passado em Alagoas.

Como se vê, Jaime Xavier da Silva é um precioso elemento com que contamos nesta tarefa de propaganda. «Estudos Psiquicos» ficar-lhe-á devendo serviços inestimáveis. Esperamos que ele torne esta revista conhecida no Estado de Alagoas, onde existem muitos Centros e Grupos que se esforçam por disseminar o verdadeiro Espiritismo. A tão prestimosas colectividades enviamos nossa fraterna saudação, por intermédio deste cooperador e amigo.

Fundamentos da Metafísica Espirita

pelo Dr. Luis di Cristóforo Postiglioni
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Buenos Aires

A vida do homem é uma milícia
Biblia

Se começarmos a analisar os rasgos culturais e sociais desta hora aziaga; se meditarmos serenamente acerca dos caminhos recorridos pelos novos e velhos temas e preocupação, sejam eles Deus, os mitos, o chamado existencialismo, a arte psicológica, o mundo proustiano — velhos temas actualizados pela angústia contemporânea; novos temas enraizados na velha inquietação humana — veremos que esta ansiedade, tão veemente que obnubila a mente do homem, obedece ao facto indubitável — vistas as realidades actuais — de se haver entregado, para seu mal, às nefastas consequências produzidas pelas vozes enganadoras da sereia materialista, que lhe deu gozos, hipotecando-lhe a sensibilidade.

A vitória do homem há-de nascer quando ele compreender o sentido dessa angústia, quando interpretar o valor dessa inquietação. Terá compreensão do seu destino, quando compreender o sentido inicial evolutivo que encerra o ciclo da idade da pedra à do bronze; quando entender o passo ascendente que vai da cultura egípcia à helenística e o trecho cumprido entre as civilizações clássicas e o novo grito que continham as civilizações religiosas, as sementeiras abertas nos bosques humanos, como e porquê se chegou ao zénite e as razões superiores que levaram da idade feudal ao renascimento e às formas essenciais que, durante este renascimento, tomou a evolução religiosa e intelectual. Necessita de saber também como tem evolucionado a chamada moderna civilização ocidental nas suas formas sociais representativas mais carecterísticas — nacionalismo, absolutismo — e o hábito evolutivo que encerram a verdadeira revolução intelectual e — portanto — moral, que cristaliza no século XVII e no século XVIII, de tanto significado para o futuro humano, com o ritmo novo do comércio, com a morte do artesanato e o nascimento da era industrial. Se antes disso o homem ajoelhava medrosamente ante um Deus desconhecido no seu incipiente mundo mental, quando rugia uma tormenta, agora dispunha-se — conceção mental nova diante de um novo mundo — a utilizar as diferentes possibilidades das forças naturais, criando um sentido da sua comodidade.

A evolução — pelo que se vê — exercia a sua influência no homem. E no mundo das ideias arranca desde 1800 com as revoluções sociais: a revolução francesa, o período romântico, a revolução americana com seus antagonismos em forma de reacção. O movimento industrial organizado com critério universal de produzir mais para colocar mais a menor custo, traz novo nível social, transporta novo elemento para o mundo das coisas que rodeiam o homem. Faz criar a sensação de necessidade. Tudo isto influi decididamente no mundo cultural do homem e o seu primeiro fruto é a democracia, um novo sentido das relações humanas, se bem que se vá dilatando o sentido da responsabilidade.

Por este processo ter sido externo em sua quase totalidade, não interferiu no mundo interior do homem, nesse meridiano onde «se faz o humano», como disse o filósofo. Estas conquistas foram fragmentárias por não se fazerem acompanhar, nem pela paz, nem pela sapiência, nem pela caridade. Caridade, Paz e Sabedoria, formam a trípode do humano que conhece a sua evolução. Geley, o grande continuador, chamará soberania a tais avanços morais que informam o mundo interno dos homens e, assim, o soberano Bem, a soberana justiça e a sobeana consciência serão os elementos necessários para que o fim especificamente essencial do homem se realize na terra.

Isto prova que não basta que o homem tenha o conceito da força, mas que também é mister o voo do pólen e da mariposa.

O homem poderá resolver esta questão tão vasta e universal, conhecer a sua realidade substancial, tão viva, tão nítida como policroma; uma sólida exposição doutrinária provar-lhe-á o sentido transcendente da personalidade humana.

Uma doutrina que explica cabalmente o sentido oculto dos dogmas em que se baseiam as religiões organizadas; uma doutrina que aponta as várias tendências humanas e cumprindo, quase sem o saber, um plano orgânico de evolução geral, lenta, e progressiva. Quer o homem o saiba ou não, esta evolução cumpre-se por ciclos, que vão do inconsciente ao consciente e em todos os graus que a mente humana logre estabelecer.

Um poema de silêncio pode ser, também, um poema de trabalho dedicado. A vontade, como representação, pode realizar-se em infinitas possibilidades; há um sentido criacionista que o homem ainda não conhece totalmente. Todas estas e outras verdades mais se encontram na doutrina de novos rumos que oferece ao homem o sentido integral da sua evolução.

Esta doutrina — que agora chega ao seu primeiro centenário — enraiza-se em factos irrefutáveis que

certificam a sua condição de filosofia cientifica. E nesta conformidade devemos estudá-la, classificá-la e entendê-la; não deve ficar a menor dúvida de que esta filosofia cientifica, ideal redentor de novos tempos no mundo das ideias humanas é, ao mesmo tempo, uma doutrina moral de envergadura sem par. Não há dúvida alguma de que, sabendo porque vive, donde vem e para onde vai, o homem sossega lògicamente as suas inquietações; ao saber o que é, naturalmente desaparece a sua angústia. Vislumbrando o que é a vida e a morte e o que a constitui em síntese natural, vê-se surgir como um corolário a solução de questões tradicionalmente irresoluveis. Esta é a conquista da Verdade que tanto se invocara. O triunfo do Espírito está simbolizado naquela frase feliz, guia da humanidade digna: — «A Verdade vos fará livres» — dita pelo maior idealista e sonhador da terra. Com efeito: este postulado de Jesus encontra a sua melhor posição na temática demonstrativa da doutrina de novos rumos.

Solucionados estes problemas candentes, dilatados os horizontes da existência humana até à solidariedade com o universal, é o maior triunfo que pode ostentar com toda a legitimidade a escola espirita, que nasceu vigorosamente da doutrina, mercê do génio coordenador de Kardec, o pioneiro indiscutido: mas Geley, o grande continuador, hierarquizou a doutrina até à altura de escola, mediante um trabalho de sistematização honrosa.

Ideal renovador por natureza, o Espiritismo é susceptível de dar sentido integral às mutações da vida, às injustiças — mais aparentes que reais — que surgem na vida de relação. Ideal de fraternidade, une tados os homens numa só comunidade, elimina as autonomias sociais e hierarquiza o próprio esforço de superação pessoal, dando um novo sentido à cultura, ao intelecto e ao sentimento, unidos no mesmo pensamento de libertação humana. É a Verdade que nos faz livres, cumprindo-se a profecia; é a milícia da Vida, tal como se postulara no Livro dos livros.

Com o conhecimento espirita, o oculto torna-se humano, isto é, verdadeiro. O oculto torna-se, pois, no sentido do culto e, então, a cultura, o conhecimento, adquire um novo sentido até hoje não possuido: o sentido da libertação e da criação humana.

E esse é, na realidade, o sentido do espirita na sua melhor acepção.

Nova Conferência de Ramos Pereira

No próximo número daremos aos leitores uma notícia auspiciosa, relativa a nova conferência de Ramos Pereira num dos teatros de Lisboa, promovida pelo *Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos.*

União Social Espirita

A «União Social Espirita, que surgiu do 1.º Congresso Espirita de S. Paulo, Brasil, tem as seguintes finalidades:

1.º — Manter e desenvolver o movimento de unificação, influenciando nesse sentido todas as organizações espiritas do Estado de de S. Paulo.

2.º — Auxiliar e amparar por todos os meios as iniciativas e realizações espiritas de assistência social, organizando um plano geral para este Estudo, em colaboração com as Uniões Municipais.

3.º — Trabalhar na uniformização das práticas doutrinárias na base kardicista, organizando cursos especiais teóricos e práticos na Capital e no interior, bem como um corpo de orientadores para visitas periódicas aos centros, núcleos e demais agremiações.

4.º — Trabalhar na instalação de escolas primárias, secundárias, profissionais e outros estabelecimentos de ensino de orientação espirita em todo o Estado, visando sempre a criação de um instituto espirita de educação e ensino com sede em S. Paulo, para centralização e incentivo do movimento estadual.

5.º — Amparar e incitar a formação de juventude espiritas e seu desenvolvimento artistico, fisico e intelectual.

6.º — Amparar e incitar a criação e funcionamento de escolas doutrinárias infantis na sede de todas as entidades espiritas, procurando orientá-las por meio de visitadores.

7.º — Representar em S. Paulo todos os Centros e associações adesas, bem como todas as reuniões municipais, defendendo as suas pretensões justas ante os poderes públicos e outros, e trabalhando na obtenção de todas as facilidades necessárias ao desenvolvimento de seus trabalhos.

8.º — Manter um serviço de permanente divulgação doutrinária, através da imprensa espirita.

9.º — Estudar objectivamente, dentro do menor praso, as possibilidades de instalação de uma editora para impressão de obras doutrinárias de baixo custo, bem como de orgãos de imprensa.

10.º — A União Social Espirita desincumbir-se-á do seu dever, iniciando e orientando a formação dos organismos acima citados, que deverão constituir-se em sociedades civis independentes ou ligadas a outras entidades espiritas existentes.

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

O nosso confrade Adolfo Oliveira Fernandes, de Coimbra, narra dois fenómenos de obsessão que decidiram o seu ingresso no Espiritismo

Desde tenra idade e por laços familiares, eu fôra propenso ao catolicismo; mas, habituado à dura circunspecção, só vi práticas materializadas e pouca correcção no auditório fora do culto. Meus usos e costumes, desvirtuados pela inexperiência, forçavam-me a repudiar as práticas a que me sujeitavam. Porquê? O meu pequeno cérebro, nos momentos de meditação, era assaltado por demónios bizarros, que me diziam existir no Inferno. Uma tentação, uma má acção ou um jesto menos conveniente, eram portas abertas para esses diabos infernais arrastarem minha alma a um braseiro eterno. Depois, ser queimado, torturado por essa corte infernal... Oh! que horror!... Mas porque diziam: «quem não seguir os mandamentos, peca; quem peca está debaixo da alçada do diabo; que, uma vez sob o seu jugo ardiloso, a alma não mais terá salvação»? Este ponto, como outros — embora criança — os achava inaceitáveis e minha maneira de raciocinar não recebia, de bom grado, tudo que fosse por imposição ou infundisse terror. Assim, vivi submisso a tais leis, rejeitadas logo que tive probabilidades de agir livremente.

— Para que continuar vivendo angustiado nessa pressão avoenga que já considerava absurda? Eu nunca agia livremente por temer o vil anhangá. Mais pensamentos inexplicáveis me varriam a mente, dispersando ainda resquícios da minha fé.

Depois abandonei a igreja, pois considerava-me feliz vivendo uma vida despreocupada, incrédula e materialista.

Volvidos anos e acorrentado por pessoas muito amigas, frequentei uma igreja protestante. Gostava de ouvir os seus trechos bíblicos. Suas práticas me eram mais simpáticas, talvez pelo facto de não ouvir, sem compreender, os prolixos trechos de latim. Nesta religião, faltava igualmente, em pontos obscuros, a elucidação completa que me era vedado saber. Assim, o materialismo e a incredulidade mais se enraizavam no meu coração, cioso de tudo conhecer e acreditar no que fosse palpável e satisfizesse a minha ânsia conducente a provas irrefutáveis.

///

O ano de 1939 assola o meu niilismo, por factos extraordinários, que me fazem vergar ao peso da realidade inconcussa.

Desde a infância, — em momentos de ameno cavaqueio —, era vulgar falar-se de um velho amigo de meus pais, que residia em Angola. Talvez pela simpatia que tal amigo gozava no meu lar, meu ser apertava laços de amizade com A. J. da Silva, sem todavia ter a mais vaga recordação de o ter visto. Este amigo fazia grandes estágios naquela colónia, findos os quais regressava de licença à metropole para refrescar o sangue (A última, fôra-lhe concedida em princípios de 1939). De volta ao Continente, logo que se instalou na cidade de Figueira da Foz, foi procurar meu saudoso pai — seu ex-colega e grande amigo —, sofrendo curta decepção pelo informe que recebera de ter falecido. Depois de haver travado longa conversa, motivada pela grande saudade da ausência, manifestou desejo ardente de me conhecer, e, cedendo, me desloquei de Leiria — onde me encontrava acidentalmente — àquela cidade. Procurei, manhã cedo, em sua residência este velho amigo J. da Silva. Sua esposa informará-me que ele tinha saido, mas que devia estar de volta, pois era (como tive ocasião de observar) muito metódico. Penetrei numa sala, onde esperei algum tempo. Minha vista fôra atraida por rimas de livros muito novos, que me pareceram sem uso e, pelas lombadas, vi tratar-se de obras referentes à Doutrina Espirita. Tisnado pela curiosidade, manuseei algumas páginas, verificando em grande número anotações com descrições mais vastas sobre assuntos pouco explícitos. Momentos depois, entrava J. da Silva. Conversámos demoradamente, tornando-nos companheiros exemplares, nos longos passeios dados pela orla da praia e campos limítrofes desta linda cidade.

Foi num desses passeios diários que me referi à Doutrina Espirita — confusa para mim, como todas as outras. Debati-me ardentemente sobre o que considerava um mito, versado por algum propenso visionário, mas... devo confessar que fui batido. O antídoto foi tragado até à última gota, pela loquela e por factos que alicerçaram o embrião de minha fé.

///

Há anos, minha prima Fernanda de Oliveira vinha sofrendo — segundo a ciência médica — de reumatismo, que lhe paralisava o braço esquerdo e a perna esquerda. Havia períodos em que recorria ao

leito, pois todas as drogas e injecções eram impotentes para a melhorar. Assaz esmorecida, julgou-se incurável.

Parecendo-me ter chegado oportunidade de tirar as provas *a priori*, solicitei a meu amigo — que me havia falado na eficácia de «passes magnéticos» — uma visita a casa da doente, que se encontrava retida no leito, havia 3 semanas. Comparecendo junto dela, explanou pontos fundamentais do Espiritismo e orou, fazendo simultâneamente passes nas regiões atacadas. Seguidamente, ordenou em tom imperativo que se vestisse e fosse ter conosco à sala contígua. A própria doente duvidou de que o pudesse fazer, mas acabou por ceder, vindo-nos falar à sala. No dia seguinte, meu amigo voltou a casa da doente, porém exigia a minha comparência, para assistir a factos que a minha perspicácia sequiosa absorvia, para acreditar nas foças poderosas do mundo invisível. Fez-lhe mais passes, enquanto orava a Deus e, em dado momento, comecei a notar uma transformação no rosto de minha prima Fernandinha, vendo-a com uma cara rude e tisnada (que não tinha normalmente) e até de lenço na cabeça (que nunca usara). Dado conhecimento desta ocorrência a meu amigo, seguidamente falou-se em várias pessoas intimas, já falecidas, e, depois de exame minucioso, meu amigo disse parecer-lhe obsessão motivada por uma parente chamada Joaquina, que na terra havia sido paralítica dos membros do lado esquerdo e se tinha suicidado muitos anos antes (A doente apresentava o mesmo defeito físico que a referida Joaquina).

Passados dias, numa sessão em que servia de médium D. Carma Monteiro, um espírito protector comprovou tal facto. Mas... não ficava por aqui a sucessão dos fenómenos.

A cura total, verificou-se em pouco tempo.

///

Deu brado esta cura e corria de boca em boca, causando o espanto de outras tantas pessoas. Assim, chegou ao conhecimento do lar constituido por Joaquim Dias Cachulo e Joaquina da Silva Marques. Entre muitos filhos deste casal, que era de incredulidade extrema, havia uma menina chamada Maria Isabel Dias Cachulo (por quem todos nós nutriamos grande simpatia), nascida na referida cidade de Figueira da Foz, a 10 de Novembro de 1920. Desde os 5 anos que se encontrava doente, necessitando de amparo para andar. Tratada pelos Drs. C. e C. M., estes diziam tratar-se de dilatação do coração e tuberculose. Seguidamente tratada pelo Dr. C. T., este radiografou-a, verificado nada ter de tuberculose, chegando a provar da comida desta e do mesmo prato, para que a família pesarosa tivesse a certeza absoluta de não se tratar de tal caso.

Aos 10 anos, quando já grande dificuldade tinha de andar, fôra dar um passeio com certo número de pessoas, amparada por sua mãe de um lado e amiga íntima de outro. Ao passar perto da igreja de S.to António, que confina com o cemitério velho da cidade, a doente largou o esteio e, sem tocar no solo, percorreu certa distância, indo de encontro a uma parede. Quando embateu, gritou e caiu, do que resultou partir um dente e magoar o seu corpinho frágil, só habituado ao leito. Todos se olharam, como que indagando a causa do fenómeno; só a doente exclamou:

— Fui empurrada por uma força que não sei explicar.

Algum tempo passado, caiu definitivamente à cama para não mais se levantar. De noite via sombras; era acometida de grande pavor e atirava-se ao chão, para, de gatinhas, ir até ao quarto contíguo onde dormiam seus pais.

Diàriamente, durante 13 anos, lhe davam injecções, tomava comprimidos de toda a espécie, xaropes e mil e um remédios da farmacopeia contemporânea. Todos os esforços em vão. Dia a dia piorava, e, aos 18 anos, era um farrapo humano que nos dizia ter vida pelo abrir dos seus negros olhos, saidos de faces sempre rosadas. Seu corpito entoxicado abria em longas chagas; passava, de corpo abandonado, numa cadeira de lona, todo o resto de sua existência na terra; e não fazia o menor esforço, por não poder, pois até algum alimento que tomava lhe era dado na boca. Num ímpeto insano de salvarem seu ente querido e como recurso extremo, me foi solicitado para que obtivesse de meu amigo J. da Silva, o favor de sua comparência. Este se não fez esperar e, na minha companhia, depois de vários estorvos, vencidos pela tenacidade imperiosa de meu amigo, conseguimos chegar junto da enferma. Em breve dissertação, pela primeira vez deu a conhecer o que era a Doutrina Espirita e as maravilhas do Além àquele ente semi-moribundo. Seguidamente, orou e começou a fazer-lhe *passes*, e ela, assumindo atitude feroz, rugindo surdamente, de braços levantados e dedos recurvos, qual fera atacada que toma a defesa, atirava-se, intervaladamente, ao meu amigo, numa expressão sinistra e ameaçadora, caindo exausta para a cadeira, cada vez que o fazia, e bradava docemente em seguida:

— Desculpe, sr. Silva, mas não sou eu.

Este facto foi tão extraordinário, que meu amigo reclamou a presença dos pais da doente e mais família, que assistiram estupefactos à repetição do que se havia dado conosco. Poucos dias depois, a 3 de Julho de 1939, falecia esta amiguinha mártir.

Solicitada uma sessão em que mediava D. Carma Monteiro e dirigia os trabalhos o meu amigo, manifestou-se o espírito de uma vizinha, que fôra inquilina da mãe da falecida amiguinha. Esta entidade pretendeu esfaquear a sua ex-senhoria, que tivera de fugir, e, num sofrimento atroz, cuspiu e arremessou ao chão, pisando-o, um Cristo que se encontrava na

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XX

Ao retirar-se o Senhor da casa onde se tinha passado este episódio, já no caminho, eis que corre ao seu encontro, cheio de alegria, um moço de qualidade, um príncipe, em todo o esplendor da riqueza e da opulência, impulsivo, entusiasta, atraente, tão encantador, que o Mestre, vendo-o e ouvindo-o, o amou.

Homem, como era, parecia, no entanto, conservar ainda as qualidades que há um momento prendiam Jesus ao bando das crianças.

Simples, leal, inocente como elas e repleto da mesma feliz ingenuidade. De joelhos, à beira do caminho, sobre a poeira que nestas terras o mais ligeiro vento levanta em nuvens, perguntava ao Senhor o que precisava fazer para alcançar a vida eterna.

Segundo alguns comentadores, esta cena passava-se na Síria, na margem oriental do Jordão, não longe da fortaleza de Maqueronte.

Herodes ali envelhecia entregue às suas vergonhosas paixões — e ali, no cárcere, expiava João Baptista a liberdade das suas censuras ao tirano...

— Não te é lícito ter relações com a mulher de teu irmão...

Talvez a leve aragem trouxesse até ali o éco das músicas e das danças fascinadoras de Salomé...

— Que devo fazer para ter a vida?

A resposta de Jesus foi tão simples como a pergunta. Que deveria fazer este mancebo? Observar a Lei de Deus, que bem conhecia: não matar, não roubar, guardar a pureza, não mentir, honrar pai e mãe.

Pois quê, era só isso? Não era preciso mais nada? A vida eterna custa tão ínfimo preço?

Mas, desde a juventude, tinha cumprido esses mandamentos! E nos cândidos olhos, cheios de confiança, erguidos para Ele, leu Jesus o desejo, a ambição — mais que desejo — de coisas mais altas... Não queria sòmente o que toda a sua vida praticara, não aspirava sòmente ao que todos fazem... Mas ao que fosse — «o melhor»... «o mais belo»... Que me falta ainda?

Uma resposta inesperada, porém, trespassou-lhe a alma, como uma aragem gelada passando sobre uma laranjeira em flor: «Se queres ser perfeito, vai, destribui a tua fortuna pelos pobres; depois vem e segue-me».

Vai... dá... e vem!... Que duras palavras!...

Ah! Se fosse ùnicamente «Vem...»! Mas tal como era — sem abandonar o luxo e as riquezas—, decerto seguiria este bom Mestre e ajudá-lo-ia por algum tempo no seu apostolado; ou, se fosse sòmente «dá» — sim, dar alguma esmola ou construir uma sinagoga, como em «Cafarnaum o Centurião Romano»...

Mas deixar tudo?...

Abandonar tudo, tudo! Deitar fora as suas riquezas, como poeira que o vento espalha no ar, e seguir Aquele que não tinha uma pedra onde descançar a cabeça, tornar-se semelhante a Ele... pobre... sem casa... como os seus pescadores!...

Seu olhar claro ensombrou-se, apagou-se-lhe a viveza; no fundo daqueles olhos ansiosos morreu a alegria.

O caminho da perfeição que tinha solici-

---

parede. Atribuiu-se, fora de dúvidas, ao espírito de Cetânia, o facto de ter posto em prática o que acabo de relatar.

///

Mais tarde, em centenas de sessões no seio da Familia Carreira Luiz Caseiro, em Leiria, assisti ao mais belos trabalhos de mediunidade: — a cura de inúmeros doentes desenganados e a incorporação na médium D. Maria Patrício Carreira, de entidades que no mundo terrestre viveram em países longínquos. Eu vi e ouvi, juntamente com uma assistência quase nunca inferior a 50 pessoas, esta excelente médium — qu se encontra em terras do Brasil no desempenho de sua missão — falar o francês, o preto sertanejo e o chinês, línguas de que nenhum conhecimento possuia.

///

Não me era permitido mais duvidar da existência do CRIADOR.

A montanha acérrima de incredulidade tòrnou-se em Fé e Adoração a Deus, que fez a esmola de me dar a conhecer algumas maravilhas o Além.

O dúbio ruira pelo embate da Fé de meu amigo José da Silva.

HOSANA A DEUS!

Coimbra, Julho de 1947

tado pareceu-lhe impossível de seguir... e levantou-se cabisbaixo, retirando-se entristecido, enquanto Jesus o seguia com olhar doce e melancólico, demonstrando aos discípulos quão grandes obstáculos eram as riquezas no Caminho do Céu.

Foi a primeira vez que alguém convidado pelo Senhor se recusou a segui-lo!... E, no entanto, Jesus chamou-o, porque muito lhe queria.

Que importam todos os dons e mesmo o amor de Jesus, se a nossa vontade se recusa?

O Senhor disse noutra parte do seu Evangelho: «As minhas ovelhas ouvem a minha voz e seguem-me».

O jovem rico não o seguiu, porque o seu coração, sobrecarregado pelas riquezas e pelos prazeres do mundo, não o quis ouvir.

Não obstante, nós vimos o desprezo que inspirava a presença do Senhor, por tudo aquilo que não fosse Ele: O rico Zaqueu e a sua grande fortuna; Levi e o seu Telónio; Madalena e os seus perfumes e com eles os encantos de uma vida de prazer; os apóstolos, as suas barcas e as suas redes... todos abandonaram tudo... Que importa que este tudo seja muito ou pouco, se é tudo?

É o coração que mede a grandeza das dádivas e o do jovem corrompido, dessorado pelas riquezas, não tinha, a pesar das boas tendências, nem o vigor, nem a grandeza requerida para esta perfeição que ele sonhava: A palma tinha sido proposta, mas aquele que ambicionava a glória recuara diante da luta.

A condenação das riquezas firmara-se no espírito dos discípulos com profundas raizes, a tal ponto que, por várias vezes, foi Jesus obrigado a intervir, de maneira a pôr termo a contendas injustificáveis.

De vez em quando, Tadeu parecia querer impor aos assistentes das pregações do lago a entrega de todos os bens aos necessitados; Filipe não vacilava em afiançar que ninguém deveria possuir mais do que uma camisa, constituindo uma obrigação dividir tudo com os infortunados, privando-se cada qual do indispensável à vida.

— E quando o pobre nos surge sòmente nas aparências? — replicava judiciosamente Levi.

— Conheço homens abastados que choraram, quando do pagamento dos impostos em Cafarnaum, como miseráveis mendigos, procurando eximir-se ao cumprimento das suas obrigações. Sei de outros que estendem as mãos à caridade pública e são proprietários de terras dilatadas. Estariamos edificando o Reino de Deus, se favorecêssemos a exploração?

— Tudo isso é verdade — redarguia Simão Pedro —. Entretanto, Deus nos inspirará sempre, nos momentos oportunos, e não é por essa razão que deveremos abandonar os que verdadeiramente são necessitados.

Levi, porém, não se dava por vencido e respondia:

— A necessidade sincera deve ser objecto incessante do nosso carinhoso interesse; mas, em se tratando de falsos mendigos, é preciso considerar que a palavra de Deus nos veio através do Mestre e que Ele nunca se cança de nos aconselhar vigilância.

É imprescindível não viciarmos o sentimento de piedade, ao ponto de prejudicarmos os nossos irmão no caminho da vida.

O antigo cobrador de impostos expunha, assim, a sua maneira de ver; mas Filipe, agarrando-se à letra dos ensinos, replicava com ênfase:

— Continuarei acreditando que é mais fácil a passagem de um camelo pelo fundo de uma agulha, do que a entrada de um rico no Reino do Céu.

O Mestre não participava dessas discussões; porém, sentia as dúvidas que pairavam no coração dos discípulos e, deixando-os entregues aos seus raciocínios, aguardava a oportunidade para um esclarecimento geral.

"MISSIONÁRIOS DA LUZ"

(Obra mediúnica, recebida por *Francisco Cândido Xavier*)

O Espirito de André Luiz descreve, nos vinte capítulo deste livro, os mais diversos fenómenos, desde a preparação, no Espaço, do Espírito a reencarnar, a fecundação do óvulo, a gestação, o nascimento na Terra, até à sua volta para o Espaço, através do fenómeno da morte, e bem assim todos os processos mediúnicos, inclusive os da incorporação e da psicografia, vistos do outro lado da vida. Obessões, passes, materializações, todos os fenómenos passam pela frente do leitor, em quadros vivos que nos dão a sensação de os estarmos presenciando.

Brochado ..... 25$00

Encadernado ..... 33$00

SESSÕES DE EFEITOS FÍSICOS

Materializações e Curas a Distância

por Henrique Magalhães

(representante de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro)

Quase todos os centros civilizados têm os olhos voltados para o lado científico. O meio espírita não fugiu à regra. Analisando o desenvolvimento espiritista na França, Itália, Inglaterra, Estados Unidos e outros países, verificamos que nossos irmãos em ideal estratificaram no cientifismo, pouco se salientando na parte moral e quase nada na religiosa. Aqui mesmo, no Brasil, assistimos a muitas dessas reuniões, cujo fim exclusivo é o Espiritismo fenoménico.

Uma nova modalidade de trabalhos indica-nos que essas reuniões podem ter um sentido mais útil e humanitário, sem prejuizo dos trabalhos científicos propriamente ditos. Esse novo método iniciou-se em Macaé, pequena cidade ribeirinha fluminense, surgindo logo a seguir mais dois núcleos, um em Astolfo Dutra, Estado de Minas Gerais, e outro no Rio, Capital da República. O seu mecanismo efectua-se da seguinte forma:

Um número certo de irmãos escolhidos pelo guia espiritual dos trabalhos forma o grupo de trabalhadores. No *Grupo Espirita André Luiz,* do Rio, esse número é, presentemente, de 22 pessoas, entre homens e senhoras. Um desses membros, pelo menos, deve ser médium sonambúlico; se for mecânico, melhor.

Pormenor importante: Os componentes desses trabalhos não podem fumar nem beber alcoólicos, dentro ou fora do recinto, nem comer carne de espécie alguma, salvo certa qualidade de peixes, preferentemente pescadinha. Torna-se necessária essa medida pelo seguinte:

O fumador e o alcoólico ficam embebidos dos narcóticos respectivos. Uma vez no recinto da reunião começam a expelir as células desses dois elementos nocivos, impregnando o ambiente.

Quando o médium cai em transe, o seu ectoplasma exterioriza-se, volteando no recinto, para formar o corpo semi-materializado do espírito ou espíritos que se vão mostrar aos encarnados. Nesse vai-vem do ectoplasma, os miasmas do alcool e da nicotina existentes no ambiente serão envolvidos por essa matéria, prejudicando não só os espíritos que se desejam semi-materializar, como também o próprio médium. Quanto aos ingredientes da carne e sua nocividade, falaremos adiante.

Reunidos os irmãos em dias e horas certas, o espírito-guia indicará qual o médium ou médiuns que possuem qualidades de efeitos físicos, e darão instruções quanto ao seu desenvolvimento.

Nos três grupos acima descritos, durante as reuniões o médium e outros que tenham faculdades psíquicas ficam sentados em poltrona ou deitados em sofá ou cama, podendo dormir, se lhes vier o sono. Após algumas reuniões, começarão a aparecer no recinto, flores, pedras ou outros objectos, trazidos pelos irmãos do espaço. Quando um dos médiuns chega a pleno desenvolvimento, começam as materializações e as vozes directas. No *Grupo André Luiz,* do Rio, têm-se materializado vários espíritos em cada reunião. Certa feita, materializaram-se 12, no decorrer das sessões.

O escopo principal desses trabalhos é a cura ou alívio dos doentes, uns à distância, outros no próprio recinto. Os resultados obtidos têm sido simplesmente admiráveis; até operações já foram realizadas. É nestas reuniões que espíritos materializados realizam operações cirúrgicas, como as que foram efectuadas em Pindamonhangaba. Estado de S. Paulo, Brasil.

Para que haja melhor aproveitamento nos doentes à distância, o espírito-guia designa duas ou três pessoas para fazer ambiente na casa do doente. Chegados à casa pré-determinada, ficam os irmãos em uma sala, por exemplo, e o doente fica sòzinho no quarto, para que os médicos do espaço possam agir à vontade.

As pessoas que formam o ambiente iniciam então o trabalho, que durará uma hora ou hora e meia. Estas medidas iniciar-se-ão ao mesmo tempo que começarem os trabalhos de materialização.

No começo faz-se uma prece. Terminada esta, um dos circunstantes lê um trecho do Evangelho ou de qualquer livro doutrinário. A seguir, um dos irmãos fará ligeiro estudo sobre o ponto, mais ou menos dez minutos. Seguidamente, devem cantar hinos religiosos ou música que eleve a alma. Os próprios espíritos fornecerão letra e hinos, como aconteceu no *Grupo André Luiz.* Quer-nos parecer que também pode ser tocada música, em grafonolas, para o mesmo efeito; entretanto, no nosso *Grupo* não usamos esse processo. Depois eleva-se a Deus outra prece, e assim vão continuando os trabalhos, com preces, hinos e explanações evangélicas. As explanações do Evangelho são feitas por todos os irmãos, cada um extremando seu coração e sentimento, nos intervalos que se vão seguindo. Terminado o tempo estabelecido, despedem-se dos donos da casa e dirigem-se para seus lares ou voltam

ao Centro. continuando a assistir aos trabalhos, juntamente com os outros irmãos.

Mas voltemos ao Centro, para explicar o processo dos trabalhos.

O médium ou médiuns principais devem localizar-se num outro cómodo, que não o da assistência, mas com uma das portas abertas, ou então, se não existir esse cómodo, ficarão separados por um tabique, também chamado tapavento, com uma entrada de cada lado, para que os espíritos, uma vez materializados, se movimentem à vontade pelo recinto.

Preliminarmente sentam-se todos os circunstantes, e o Presidente dos trabalhos e o médium sonambúlico sentam-se junto a uma pequena mesa. Faz-se a prece inicial e a seguir é recebida a mensagem espiritual, com as instruções do Guia. Depois, lê-se um trecho evangélico (Presentemente estudamos os livros de André Luiz). Terminado esse trabalho preliminar, os médiuns de efeitos físicos (ou candidatos a tal) vão para as cadeiras de braço ou colchões e os outros componentes voltam as cadeiras para o lado onde se acham deitados ou recostados os médiuns, a fim de apreciarem melhor os visitantes invisíveis. As lâmpadas comuns são então apagadas, ficando acesa uma pequena lâmpada em cima da mesa, onde se acha o Presidente, velada do lado da assistência por uma caixa de papelão, de maneira a que fique quase tudo no escuro e ao mesmo tempo possa o irmão Presidente ler novos trechos evangélicos. Segue-se o mesmo processo já acima descriminado nas casas onde se faz ambiente, ou sejam preces, explanações evangélices e doutrinárias, cânticos, novamente a prece e assim por diante, até terminar a reunião. No *Grupo André Luiz*, começamos os trabalhos às 20 horas, terminando entre as 23 e as 24.

Durante os trabalhos, oferecem-se as orações pelos que no-las pedem, doentes, etc., (menos pelos obsidiados) lendo-se-lhes os nomes e endereços. Também esses são beneficiados.

Em certa altura dos trabalhos começam a aparecer os fenómenos. São luzes, vozes directas, moldes em parafina (quando o médium ou médiuns estão desenvolvidos. os guias dão instruções para colocar um recipiente com parafina em cima de fogareiro, ficando ao lado um balde ou qualquer outra vazilha com água fria), objectos trazidos de fora (plantas, minerais, coisas que se encontram em casa dos circunstantes, etc.), e igualmente as aparições dos espíritos. Pedem eles que lhes tirem fotografias ou dêem instrumentos para tocar, e gostam que os encarnados fiscalizem todos os trabalhos, para que testemunhem a realidade dos factos.

Os Grupos devem ser constituidos sempre com as mesmas pessoas, para haver homogeneidade, medida essencial para o bom resultado das reuniões, podendo, entretanto, ser convidadas outras pessoas, com prévia autorização dos guias.

É bom frisar que, em geral, as pessoas diminuem de peso, salvo as que estão doentes. Estes, ao contrário, aumentam. No *Grupo André Luiz* pesam-se todos, em balança decimal, antes e depois da reunião (o escrevinhador destas linhas fiscaliza e anota as pesagens, com os respetivos nomes, a fim de se fazer o contrôlo). As perdas de peso vão de 250 gramas a 3 kilogramas, variando de pessoa a pessoa e de semana a semana. Na reunião seguinte verifica-se que o peso voltou ao normal, durante os intervalos.

A diminuição de peso justica-se: são as células que os guias retiram dos presentes, para lançá-las sobre os doentes; estes saem, ganhando peso. Eu mesmo ganhei meio kilo, num dia de reunião em que me achava adoentado. Para que as células sejam purificadas é que os guias nos recomendam nos abstenhamos de carne, alcool e fumo!

As curas realizadas por esse processo são notáveis. Temos, para nós, que esses trabalhos estão fadados a futuro grandioso.

Nessas reuniões a ciência experimental alia-se ao socorro aos doentes, motivos de júbilo para os profitentes espiritistas. É, como vem afirmando o Dr. Inácio Ferreira, dar «novos rumos à medicina».

Ao escrevermos estas linhas, fizemo-lo com o objectivo de incentivar a realização de trabalhos idênticos. Não calculas, amigo leitor, o bem que podes produzir, ao ajudar trabalhos desta natureza. Os prepostos do Senhor estão em toda a parte, para nos secundar, bastando sòmente que os trabalhadores empunhem a charrua. Trabalhar, trabalhar, trabalhar, deve ser o nosso lema. Sejas tu, meu amigo, um dos seareiros do bem, para merecer a glória de servir a Jesus, servindo a nossos irmãos. É o que de coração deseja o servo dos servos do Senhor

HENRIQUE MAGALHÃES

NOTA — Para qualquer informação mais pormenorizada, dirigir-se ao *Grupo Espirita André Luiz*, Rua Moncorvo Filho, 27, (Praça da Republica), Rio de Janeiro.

UM VIDENTE

Luiz Barros Torres, brasileiro, estudante de medicina, foi submetido a prova por uma comissão de médicos de que faziam parte os Drs. Wiedmann e Sá Pinto. Concentrado e olhando apenas o paciente desconhecido, fez o diagnóstico, localizando precisamente a afecção orgânica que, posteriormente, os Raios X comprovaram. Na visão a grande distância, conseguiu da mesma forma fazer diagnóstico perfeito.

N.º 9
SETEMBRO
1 9 4 7

Página Organizada por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos Irmãos Pequeninos:

Primeiramente, como vos disse, preocupei-me em vos dar bons conselhos; depois, abriu-se a secção «Escola Espirita» para vos ensinar a nossa doutrina.

Agora, porém, surge uma necessidade nova — precisais de ampliar a vossa cultura geral, não só porque melhor compreendereis a nossa filosofia, mas porque o menino espirita tem de ser são de corpo e alma, desempoeirado e culto.

Para vos não maçar com grandes artigos, far-se-ão 3 perguntas cada mês e no seguinte virão as respostas. Tereis tempo de pensar, de estudar o assunto.

Já vou longa e não vos quero demorar mais. Crede na simpatia de sempre da irmã mais velha

KYLAS

★

O CORPO

A Febre de Malta

Já ouviram falar desta doença

Deve ela o seu nome ao facto de ter sido primeiramente observada na ilha desse nome. Existe, todavia. nas terras banhadas pelo Mar Mediterrâneo — pelo que recebe o nome de «Febre do Mediterrâno» —, e também Portugal, Hungria, etc.

E sabem também como é que os meninos a apanham, essa doença que dá suores-frios, dores nos membros e na cabeça, febre com altas e baixas, etc.?

Pelo leite de cabra — vejam lá a inocentinha — de que se fazem esses queijinhos que tantos apreciam com sal ou açúcar.

Ainda que o leite de cabra seja mais recomendado que o de vaca por aquela não contrai a tuberculose, é preciso, pelo que lhes digo, muito cuidado igualmente.

O micróbio que lá vem — descoberto por um sábio chamado Bruce — pode ser transmitido pela urina do animal, caso os meninos visitem locais onde habitam cabras doentes.

Sejam cuidadosos, sim? Olhem que já vi muito mal quem não resistiu aos encantos de um queijinho de cabra que não mostrava o que dentro de si trazia.

AS QUALIDADES

Prodigalidade

Não significando esbanjamento, denuncia generosidade.

Prodigalidade é o contrário de avareza.

Costuma dizer-se: o que é demais é êrro. E o avarento, de tão económico que é, chega a prejudicar tanto os outros, como a si próprio.

A prodigalidade, bem visto, também é um exagêro, mas exagêro que não chega a ser êrro, quando bem comprendida.

Bem, se tudo que tivermos vendermos ou gastarmos em divertimentos consecutivos, esquecemos a prudência que nos lembra as horas más que podem surgir.

Será esta uma má prodigalidade.

Se, bem ao contrário, procurarmos a nossa própria saude, é certo, e sobretudo, pensarmos na nossa família, nos nossos companheiros de trabalho, nos nossos semelhantes, repartindo com eles o nosso dinheiro, o nosso trabalho, a nossa simpatia, — seremos então uns bons pródigos, pois praticaremos a grande lei da fraternidade:

— Ama o próximo como a ti mesmo.

★

As boas acções ocultas são as mais apreciadas.

***Pascal** (Les Pensées)*

O BOTÃO

por Casimiro Cunha

Na extrema delicadeza
Da verdura perfumosa,
Destaca-se pequenino
O tenro botão de rosa.

Não há sinal de corola,
Vê-se apenas que começa
A surgir a flor divina
Num cálice de promessa.

E às vezes, nas alegrias
De doce festividade,
Espera-se pela rosa
No caminho da ansiedade.

Deseja-se a flor robusta
Com que se adorna a beleza,
Mas não há lei que perturbe
Os passos da natureza.

É certo que toda a rosa
Como joia de paisagem,
Nunca pode prescindir
Do zelo da jardinagem.

Precisa tempo, entretanto,
Na sombra e na claridade,
Requerendo orvalho e sol,
Noites, chuva, tempestade.

Por crescer pede cuidado
Nos inícios da existência,
Mas, morrerá com certeza
Aos golpes da violência.

Assim, também, quase sempre,
A minha crença em botão
Tentamos impor à força,
A nossa compreensão.

Toda crença é património
Que não surge improvisado;
É a rosa da experiência,
Em terra do aprendizado.

Se tua alma vive em festa,
Na fé que pratica o bem,
Ajuda, coopera e passa...
Não busques torcer ninguém.

(Da «Cartilha da Natureza»)

SONHO DE ARTISTA

de António Botto

António era um pequenino doente que estava sempre deitado na sua cama, ou sentado, de olhos tristes, na sua cadeirinha verde.

Sabia que no mundo existiam muitas outras crianças que podiam brincar, correr pelos campos, jogar o eixo, saltar à corda; e quando lhe diziam que um desses meninos se aborrecia de estudar as lições ou chorava por qualquer insignificância, dizia, sorrindo, em voz baixa:

— Se eu pudesse andar livremente, correr e saltar como eles, estaria sempre feliz!

E a pobre mãe apoquentava-se por ver aquela pálida carita consumida e aqueles olhos expressivos sempre molhados de lágrimas. E todos os dias pensava num divertimento, num brinquedo que ajudasse a passar as horas amargas do seu adorado filho.

Certa manhã, ocorreu-lhe comprar uma caixa de tintas.

António recebeu o presente com alegria e em seguida pôs-se a pintar.

Depois voltou-se para a mãe e disse:

— Gostava de pintar as pétalas de uma flor.

— Não é possivel, meu filho; as flores têm já as suas cores naturais.

— Mas eu quero pintar uma flor!

E tanto pediu, tanto insistiu, que a mãe foi ao jardim e perguntou, timidamente, se haveria alguma flor que quisesse renunciar à sua côr, mudar de tonalidade ou de expressão e compadecer-se do seu pequenino doente.

As rosas nem responderam, na sua altivez serena, tão absurda lhes pareceu aquela doida resposta.

Os lírios, erguidos na sua elegância frágil, declararam que a sua pureza tinha que ser intangivel.

E as glecínias e os cravos e as túlipas, disseram diplomáticamente que não era possivel imitar o tom caprichoso e belo das suas variadas corolas.

A pobre mãe ia voltar a casa desiludida e mais triste quando ouviu uma voz débil dizer-lhe quase em surdina:

— As minhas cores não são belas; mas, se o teu filho se contenta, leva-as contigo, não hesites...

A planta que assim falava tinha grandes folhas verdes e pequeninas floritas de um branco doentio, amarelado...

A mãe colheu então um ramo dessas flores e levou-as ao seu filho.

Imediatamente começou a colorir as suas petalazinhas.

Era, na verdade, um artista.

As tonalidades mais finas, mais delicadas e subtis, em côr de rosa esmaiado, em azul diáfano, suave, em amarelo vibrante e muitos outros tons de novidade que nenhuma flor possuia, ele os dava, com singular simplicidade.

Quando acabou, chamou a mãe para lhe pedir que levasse de novo as flores ao jardim.

Na manhã seguinte, acordou e disse:

— Minha mãe, quero ver se o orvalho da noite manchou aquelas florinhas.

O sol faiscava nos arvoredos e nas plantas.

Apenas chegou, encheu-se de contentamento; os largos molhos de hortênsis estavam cobertos de formosissimos tons rosados, roxos, vermelhos, amarelos e azuis.

E por entre aqueles ramalhetes cintilantes de vida, António, passou alguns momentos de felicidade, porque só ele instintivamente criara essa beleza renovada, eterna e frágil, discreta e decorativa.

(De «O Livro das Crianças»)

★

Passa-se a maior parte da vida fazendo tolices, uma boa parte a fazer coisa nenhuma e a vida inteira a fazer o contrário do que seria preciso.

Séneca — «Cartas a Lucílio» — II

O DOUTOR E O JECA

por Leopoldo Machado

Figuras e encenação: *São dois meninos, um trajado à sertaneja e outro, um doutor, ostentando espaventoso anel.*

Doutor

Diga, Jeca, por favor:
Como se chama este rio,
Que corre aqui, deste lado?

Jeca

Ninguém chama, não, senhor.
Ele vem sem ser chamado!

Doutor

Ora, você é animal
De difícil compreensão!

Jeca

Sou animal? Jesus disse
Que a gente tudo é irmão.

Doutor

Seu irmão? Vá vê lá em baixo,
Se eu por lá estou sentado...
(e ri-se, irónico)

Jeca

Então. marranje *um cabresto,*
Pra trazê vancê laçado.

Doutor

Atrevido! Quero é o nome
Do rio, seu Zé-Ninguém!

Jeca

É rio mesmo, seu moço.
Outro nome ele não tem.
E quem é vancê, pra mode
Assim falar, estupor?

Doutor

Quem eu sou? Pois não vê logo,
Seu Jeca, que eu sou doutor?

Jeca

E doutor que vem a ser?

Doutor

Homem de letras, de estudo...

Jeca

Ahn! Deve ser a pessoa
Que estuda, que sabe tudo?!

Doutor

Isso mesmo. Muito bem!

Jeca

Entonces, deve saber
O nome qui o rio tem.
Mas, parece qui vancê
Estudou muito, sòmente,
Sabedorias da Terra,
Que dão tanto orguio *à gente!*
De certo, vancê não leu
O livro cheio de luz,
A sabedoria do Céu,
O Evangelho de Jesus!

Quer seguir o meu conseio?
Não se insqueça, *seu doutor,*
Qui a maior sabedoria,
É a sabedoria do Amor;
E passe bem, qui vou chegando,
Qui, inté, já se anoiteceu...

Doutor

Passe bem, Jeca. Agradeço
Os conselhos que me deu.

Um Bom Criado

de Xavier de Maistre

«C'oa breca! — disse um dia, ao meu criado — é a terceira vez que te mando comprar uma escova. Que cabeça! que animal!».

Não respondeu uma palavra; não tinha respondido coisa alguma, na vespera. a semelhante repreensão, é cerca. — murmurei comigo mesmo —; não compreende nada.

— Vai buscar um pano para polir os sapatos! — gritei-lhe com cólera.

Mal êle ia, já me arrependia de o ter insultado. A minha cólera passou logo, quando vi o cuidado com que tirava a poeira dos sapatos, sem me sujar as meias; pus a minha mão nas suas costas, em sinal de reconciliação.

— Quê! — disse com os meus botões —. Há então homens que limpam os sapatos dos outros por dinheiro?

Esta palavra dinheiro foi como que um raio me viesse iluminar. Lembrei-me de repente que, havia muito tempo, não lhe havia dado algum.

— Joanetti — disse-lhe, retirando o pé — tens dinheiro?

Um meio sorriso de satisfação desenhou-se nos seus lábios a esta pergunta.

— Não, senhor; há oito dias que não tenho um centavo; dispendi todas as minhas economias nas suas compras.

— E a escova? É por isso?...

Ainda sorriu. Poderia ter dito a seu patrão: «Não sou cabeçaôca, nem animal. Pague-me vinte e três libras que me deve e comprar-lhe-ei a escova».

Deixou-se maltratar injustamente para que o amo não se encolerizasse. Que Deus o abençôe!

— Toma, Joanetti — disse-lhe eu; — toma — corre a comprar uma escôva.

— Mas, senhor, quer ficar com um sapato branco e outro preto?

— Vai, faz o que te digo, vai comprar a escôva, deixa, deixa a poeira no sapato.

Saiu, peguei no pano, e limpei gostosamente o sapato, sobre o qual deixei cair uma lágrima de arrependimento.

(Traduzido do francês)

★

Entende, primeiramente,
O que diga o companheiro.
Escuta silencioso
E fala por derradeiro.

Casimiro Cunha

O Lavrador e seus Filhos

Um lavrador, sentindo vir chegando
O fim de sua vida e desejando
Que os filhos trabalhassem na cultura,
Chamou-os e lhes disse: — A sepultura
Por instantes me espera: os bens, que tinha,
Enterrados estão na nossa vinha.
Morto o pai e tendo eles suspeitado
Que algum grande tesouro sepultado
Lhes deixava na vinha, aparelharam
Enxadas, e, sofícitos, cavaram:
Não acharam tesouro, é bem verdade,
Mas a vinha deu tanta novidade,
Que se pode dizer que foi tesouro
Segundo o que rendeu, de prata e ouro.

Couto Guerreiro — «Fábulas de Esopo»

CONTOS DA VIDA...

II

BUDA

por Ramos Pereira

Há muitos séculos, numa cidade da India, nasceu um menino. filho de príncipes, a quem sorriam todas as riquezas da terra. Era forte, belo e rico. Foi crescendo e um dia seus pais casaram-no com uma princesa chamada Gopi. Mas ele, metido nos seus palácios de mármore, sonhava com a vida que devia existir para além dos seus jardins.

Acompanhado pelo criado mais amigo, dá uma volta pela cidade e vê um velho abandonado, depois um doente. um homem que morria e finalmente um andrajoso mendigo. E o príncipe começou a pensar na vida dos homens sujeitos à velhice, à doença, à miséria e à morte. Que poderia ele fazer para mitigar a condição de uma vida tão triste?

O príncipe abandona as suas riquezas; e montado no seu cavalo favorito empreende uma longa viagem. Encontra dois velhos sábios e com eles aprende que o homem não é só um corpo que sofre, envelhece e morre; aprende também que há a alma — o que sente, o que pensa, e que não envelhece, nem morre. Dizem-lhe que a alma depois da morte vive no espaço imenso e volta à terra para que, vivendo melhor, ganhe a graça de Deus.

O príncipe começa, anos depois, a sua pregação na India. Diz aos homens que não matem, que não odeiem, porque «as nossas boas e más acções nos seguem como uma sombra». Ensina que devemos amar e ajudar os fracos, para que, depois da morte, as nossas almas não sofram o remorso das más acções.

Vinha gente de longes terras escutar o príncipe que abandonara palácios e riquezas para pregar a humildade, a resignação, o amor, a justiça, o perdão. E quando regressavam a casa, falavam do príncipe que desprezara o luxo do mundo, para acarinhar os miseros, para aconselhar os fracos e ignorantes, para ensinar os poderosos a amar os seus irmãos desprotegidos.

Quando morreu, quando a sua alma cansada de tanto falar do Amor abandonou a terra, ergueram-lhe estátuas, e passaram a adorar o nome do príncipe. Da India à China imensa, milhões de homens veneram o nome deste príncipe, tal como tu e eu admiramos Jesus-Cristo.

Contei-te, criança, a história de Buda. o tal príncipe sem vaidade e sem orgulho. Lembra-te dele, quando passares junto de um mendigo, quando estiveres perto de um doente ou de um velho. Lembra-te do Buda e procura fazer como ele: — respeita o velho, ajuda o doente, acarinha o mendigo...

★

No mesmo tronco, onde a abelha
Retira perfume e mel;
A aranha escura e disforme
Faz morte, peçonha e fel.

Casimiro Cunha

AS TRÊS FIGURAS

por Sibil

A Fernandinha era uma garota de dez anos, caracois escuros. olhos cor de tabaco, esperta e engraçada.

Mas um dia — eu nem sei como contar uma coisa destas — um dia praticou uma destas acções muito feias. que não têm perdão não direi, mas para as quais é muito dificil obtê-lo. Calculem que a Fernandinha roubou.

Ainda se fosse pobrezinha e tirasse um bocado de pão, por estar com fome... vá lá. Era feio. mas sempre tinha desculpa. Mas, pelo contrário, os pais, sem nadarem em dinheiro, viviam com certo desafogo visto o pai — chefe duma oficina — ganhar razoàvelmente e para mais a Fernanda rouba uma guludice: uma tablete de choclate, vejam lá!

Eu bem sei que uma coisa tão pequenina não fez falta ao merceeiro mas roubar é sempre roubar, seja pouco, faça falta ou não.

Mas a diante... Mal a Fernanda saiu para a rua com o chocolate muito escondido na algibeira do avental olhou para o lado e que vê?

Um homem, com aspecto horrivel, olhar de mau que a fitava, rindo às gargalhadas.

A tremer, voltou a cara e andou mais depressa mas, fosse para onde fosse que olhasse, via sempre o homem. Por fim este falou.

— Ora ainda bem! — disse. Em vida fui um ladrão de primeira ordem e agora que morri andava à procura de quem me substituisse. Já vejo que tens certo jeito para isto e, portanto, já não te largo, serei o teu mestre.

Dai em diante, mal a Fernanda entrava em qualquer loja, lá estava o homem. Se havia coisas em cima do balcão ele incitava:

— Vamos, aproveita a ocasião... olha que não é má. Está pouca gente e eu vou distrair o caixeiro.

E logo, numa prateleira distante caia qualquer coisa com estrondo, obrigando o rapaz que estava o balcão a voltar a cabeça.

— Vá, agora — continuava o homem.

Mas ao mesmo tempo, de outro lado, outra voz suave murmurava ao ouvido da pequena:

— Não roubes... é tão feio! E depois, se te descobrem vê lá... lembra-te dos teus paizinhos e pensa quanto sofreriam... Morriam de vergonha.

A Fernanda olhava em volta com receio de que os outros ouvissem estas vozes, mas pelo ar indiferente dos que a rodeavam, compreendia que só para ela falavam.

Entretanto, o caixeiro voltava e perdia-se a ocasião. Então o homem ficava furioso e insultava-a:

— Estúpida! Não dês ouvidos aos outros... Roubar é tão bom... Um dia podes ser rica, vê lá tu.

Isto durou oito dias e os pais, ao verem-na chorar pelos cantos, sempre triste, sem querer sair, andavam aflitissimos.

Uma tarde em que, mais uma vez, ao entrar na mercearia, as duas vozes lutaram a seu lado, a pequena saiu pra a rua como doida e exclamou:

— Oh! meu Deus! Como estou arrependida por ter roubado aquele chocolate!

No mesmo instante, o ladrão que caminhava a seu lado deu um berro:

— Estragaste tudo! És uma parva! Arrependida, por quê? Agora tenho de deixar-te por causa desses pespegos que estão ao teu lado.

Fernanda, mais contente, voltou-se e viu duas figuras muito diferentes do ladrão.

— O arrependimento — respondeu o velho — porque o arrependimento é velho como o mundo. Chamaste por mim e aqui me tens.

— E tu? — perguntou ao outro.

— Eu sou o Remorso — respondeu o outro velho — andamos sempre juntos.

— Vocês não têm uma cara muito alegre e são pálidos. Sofrem, por quê?

— O arrependimento e o Remorso nunca podem ter alegria porque só aparecem depois duma má acção. E tu não te sentes triste quando pensas no que fizeste?

— É verdade — confessou a pequenita. baixando a cabeça. E agora ficam sempre comigo?

— Não. Nós só acompanhamos toda a vida aqueles cujas culpas não têm remédio. Mas para ti, ainda há um meio de nos afastares e recuperar a alegria.

— Qual é?

— Em primeiro lugar jurares a ti própria que nunca, nunca mais porás a mão naquilo que não é teu. Depois... mas é melhor não te dizer. Pensa, procura no fundo da tua alma e verás qual a maneira de remediares a tua falta.

A Fernandinha pensou muito e, certo dia, tirando dinheiro do mealheiro entrou na mercearia.

— Ó senhor José — disse para o dono da casa — eu queria falar consigo em particular.

O homem riu com a ideia.

— Em particular?- — repetiu com estranheza.

— Sim, num sitio em que ninguém possa ouvir-nos.

Admirado, o homem acedeu.

— Então venha cá, minha menina.

E levou-a para o armazém.

— Agora ninguém nos ouve... diga lá o que deseja.

Então, a chorar a pequenita confessa a sua culpa.

— Eu, há... dias... tirei-lhe uma... tablete de chocolate. Mas estou muito arrependida e venho pedir-lhe perdão... e... pagá-la — acrescentou estendendo-lhe o dinheiro.

O homem olhou para ela muito sério e, por fim, disse-lhe:

Visto ter a coragem de confessar a sua culpa e querer resgatá-la. merece que lhe perdoe. Não pense mais nisso, mas não torne a fazer uma coisa tão feia. E pode guardar o dinheiro:

— Não torno, juro-lhe — respondeu a pequena muito contente.

Quando saiu da loja sentiu-se outra olhou em volta e já não viu os companheios habituais, os dois velhos de olhar triste.

Em seu lugar estava um rapazinho, de rosto sorriente e vestes brilhantes que lhe disse:

— Ainda bem que acabaste por me dares ouvidos... Receava tanto que seguisses os conselhos do ladrão! Eu sou o teu Guia, o teu Anjo da Guarda e sempre que a minha voz te indicar um caminho, segue-o sem receio, porque é o caminho do Bem.

★

Delicadezas

Um sujeito diz para outro, que acaba de lhe ser apresentado:

— Ó se... se... senhor de... de... desculpe a mi... minha len... lenti... lentidão a fa... falar, mas gague... gague... gaguejo um bo... boca... bocadinho...

— Talvez coisa de origem nervosa —, diz-lhe o interlocutor, delicadamente. E gagueja sempre?

— Não se... senhor. Só qu... qu... quando fa... falo.

★

Amplie a sua Cultura Geral...

I — Como nasceu o planeta que habitamos?

II — Que se sabe sobre a vida no mar?

III — Qual é a origem da palavra assassino?

(As respostas serão publicadas no próximo número).

S/47

RETALHOS...

pelo Coronel Faure da Rosa

FREDERIC MYERS

Conta Oliver Lodge que Myers — autor do livro *Human Personality and its Survival of bodily Death* (A Personalidade Humana e a sua Sobrevivência depois da Morte) — numa conferência que fez acerca do poeta ingles Crabbe (1), depois de ter falado da sua obra poética em termos muito elogiosos, recitou poemas inteiros, poemas que Lodge ignorava e de que nunca ouvira falar.

Myers, em determinada época da vida, soube a Eneida de cór, conhecia a literatura na ponta da língua.

Um dia, Lodge perguntou-lhe que era que ele fazia para reter tão bem tantos versos, se era pela vista ou pelo ouvido. Myers respondeu que a sua memória não era nem visual nem auditiva: parecia-lhe que aquilo lhe vinha da garganta, como se uma linha do texto chamasse a linha seguinte, e era assim que podia recitar um poema do princípio ao fim.

A conversação de Myers — escreve Lodge — era sempre muito interessantes: revelava raro conhecimento dos clássicos. Não eram só as maravilhas poéticas que Myers sabia de cór, abrangia também poemas de segunda e terceira ordem. A ciência interessava-o vivamente.

Myers faleceu em Roma em 1901, contando apenas 58 anos.

Conta o Dr. Axel Munthe no seu «Livro de San Michele» que um dia, em Roma, recebera um bilhete de um colega especialista de doenças de coração, que na Cidade Eterna fora fixar a residência, escrito à pressa, no qual lhe pedia que se dirigisse imediatamente ao *Hotel Constanzi* para uma conferência médica urgente. Ràpidamente Munthe foi posto ao facto do que se passava. Depois de algumas semanas de acentuadas melhoras, o doente piorava consideràvelmente: o coração enfraquecera em demasia, e ele — o colega especialista assistente — pretendia conhecer a opinião de Munthe. Sobretudo era preciso não alarmar, nem o doente nem a família.

O Dr. Munthe reconheceu no doente o homem que há muitos anos estimava e admirava, como todos aqueles que pessoalmente o conheciam: era Frederic Myers. Observando-o, Munthe verificou que a respiração de Myers era superficial e penosa e que o rosto cavado apresentava aquela lividez própria das doenças graves do coração. Sòmente os olhos admiráveis ainda eram os mesmos.

Myers estendeu a mão a Munthe mostrando-lhe quanto se regosijava em o tornar a ver. Recordou o intimo encontro que tinham tido, em Londres, na «Sociedade de Investigações Psíquicas, e como haviam passado toda a noite a falar da morte e da eternidade.

Sem permitir que Munthe respondesse a Myers, receando novo ataque, o colega especialista passou-lhe o estetoscópio. Não havia necessidade de exame demorado: o que Munthe observara, bastava.

Durante a conversação dos dois médicos, entrava no quarto o célebro professor americano William James, um dos mais íntimos amigos de Myers. Munthe disse-lhe que se devia avisar a família do doente sem perda de tempo, que o desenlace seria uma questão de horas.

Mas como parecia que todos tinham mais confiança no especialista — que não estava de acordo com a previsão do desenlace — Munthe pediu que fosse chamado outro médico. Assim se fez: o professor Bacelli, considerado o primeiro médico de Roma — fez um exame mais sumário que o de Munthe.

— Morre ainda hoje, — disse.

William James contou a Munthe que existia um pacto entre ele e Myers: o primeiro deles que morresse deveria enviar ao outro uma mensagem, logo que ingressasse no Além; ambos acreditavam na possibilidades de tal comunicação.

William James ficou tão acabrunhado pela dor, que não teve forças para se conservar no quarto: deixou-se cair numa cadeira junto da porta aberta, com um livro de notas sobre os joelhos e de pena na mão, assim preparado para receber a mensagem com a sua habitual e metódica precisão.

Pela tarde começou a respiração prenunciadora de morte próxima.

— Sei que vou morrer, disse Myers a Munthe. Será hoje ou amanhã?

— Hoje.

— Sinto-me feliz. Estou preparado, sem nenhum receio. Vou, enfim, saber. Diga a William James, diga-lhe...

A respiração opressa deteve-se; esteve suspensa durante um angustioso minuto.

— Ouve-me? — perguntou Munthe, debruçando-se sobre o moribundo. Sofre?

(1) **Crabbe,** falecido em 1832, no seu poema *A Village*, fez da miséria e sofrimentos dos pobres um quadro realista e pungente.

— Não, — murmurou Myers —; sinto-me muito abatido, mas muito feliz.

Foram as suas últimas palavras.

Quando Munthe saiu do quarto, William James continuava na cadeira com o rosto entre as mãos e o caderno aberto sobre os joelhos.

CHARLES RICHET

Também Richet possuia uma cultura clássica real, — conta igualmente Oliver Lodge — se bem que menos vasta que a de Myers. Entretanto, o laureado professor Charles Richet sabia de cór numerosos poemas franceses. que receitava com muito talento. Era um grande prazer espiritual ouvi-lo discorrer em francês, «ainda que não fosse possível compreendê-lo completamente» — escreve Lodge. A sonoridade da sua voz bem timbrada era um verdadeiro encanto estético.

Na reunião da *British Association* realizada em Douvres em 1899, Richet, à noite, fez uma conferência cuidadosamente preparada, cujo manuscrito Lodge viu marcado com muitos sinais destinados a indicar a tonalidade da voz e a ênfase dos vários períodos e frases.

O encanto musical da sua voz era extraordinário. Quando o presidente da reunião tomou a palavra para fazer referências ao conferente, o contraste foi tão flagrante, que constituiu uma desilusão. Ele próprio, presidente, reconheceu a enorme diferença porque declarou que era uma missão muitissimo ingrata a sua, ter que falar depois do professor Richet, que tivera todo o auditório preso da maviosa harmonia da sua voz.

AS FORÇAS RADIOACTIVAS E O ESPIRITISMO

Allan Kardec, nas «Obras Póstumas», afirma que o futuro será do Espiritismo. Decorrido mais de meio século de provações e de laboriosas canceiras, nós podemos hoje renovar a afirmativa do Mestre: o futuro é do Espiritismo.

Há muitas dezenas de anos que os Espíritos nos ensinam teoricamente e nos demonstram exprimentalmente que, sob o nome de fluidos, existem estados subtis da matéria e de forças imponderáveis que dantes os sábios rejeitavam unânimemente. Mas a ciência vai reconhecendo a variedade e a potencialidade dessas forças. Os cientistas viram-se obrigados a admitir que as forças radioactivas não emanam só dos corpos materiais, mas também dos seres vivos pensantes. É o caminho que, cedo ou tarde, os há-de conduzir à certificação da vida invisível e do perispírito.

Allan Kardec já afirmava a existência destas forças.

O Espiritismo, cada vez tem menos a recear dos seus adversários; muito mais tem que temer de si mesmo; quer dizer, o Espiritismo tem que se acautelar dos abusos que se cometam com a falsa interpretação dos fenómenos e da má direcção que derem às experiências.

Como todas as forças da natureza, a prática do Espiritismo oferece perigos. Tudo que é potente para fazer bem, pode também sê-lo para fazer mal, consoante o uso que da força se faça. Isto é muito importante.

É preciso praticar o Espiritismo com claro conhecimento do que se vai fazer, com estudo e preparação prévia, para que ao Espiritismo não se atribuam casos de obsessão, de exaltação, ou de quaisquer desordens mentais (L. Dénis: *Le Monde Invisible et la Guerre;* pág. 113-14).

É um erro e um erro grave acreditar que se pode ser experimentador, confiando exclusivamente nos guias tutelares do Espaço. O estudo sério do Espiritismo exige certas qualidades: cultura, juizo seguro, domínio de si, constância e perseverança infatigáveis. A investigação do fenómeno que só por si interesse; a admiração exagerada ante os fenómenos físicos sem o complemento moral, não são mais que uma espécie de profanação da morte.

— Diz Allan Kardec na Introdução de *O Evangelho segundo o Espiritismo:*

«Sabe-se que, em consequência da diferença da sua capacidade, os Espíritos estão longe de possuir individualmente toda a verdade. Não é dado a todos os Espíritos penetrar certos mistérios; o seu saber é proporcional à sua depuração.

Os Espíritos vulgares não sabem mais do que os homens e até menos do que certos homens.

Entre os Espíritos, como entre os homens, há presunçosos e falsos sábios que julgam saber aquilo que não sabem, sistemáticos que tomam como verdade as suas ideias.

«Sòmente os Espíritos de ordem mais elevada, os completamente desmaterializados, é que estão despojados das ideias e prejuizos terrestres. Sabe-se, também, que os Espíritos enganadores não têm escrúpulos em abrigar-se sob nomes de empréstimo para fazerem aceitar os seus erros.

«Resulta daqui que, para tudo quanto esteja fora do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa obter, têm carácter individual sem autenticidade, e devem ser consideradas como opinião pessoal de um determinado Espírito; seria, pois, imprudente aceitá-la e propagá-la, levianamente, como verdade absoluta.

«O primeiro exame é, sem contradita, o da razão, a que é preciso submeter, *sem excepção*, tudo quanto vem dos Espíritos. Toda a teoria em contradição manifesta com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possuam, deve ser rejeitada, qualquer que seja o nome que a firme».

O Espiritismo tem diversos pavimentos, exactamente como os tem um grande idifício. Os seus fundamentos assentam na rocha sólida dos factos devi-

Nova Médium Curadora

«Psychic News» de Londres, conta o seguinte caso:

Em Kirindiwela, próximo de Colombo (Ceilão) vive Mrs. Leo G. de Alves, filha de Sir Solomon Dias Bandaranaike e irmã do Ministro de Administração local, e de cujos poderes tratam os jornais daquela região asiática. Interessada pelo Espiritismo desde 1939, comunicações recebidas psicográficamente dos seus Guias levaram-na a aceitar, após alguma relutâncias, a missão de curar e «beneficiar centenas e milhares de sofredores». Em 18 de Março de 1945, impelida pelas sugestões insistentes, iniciou aquela sublime missão.

E Kirindiwela tornou-se um lugar de peregrinação! A médium não cai em transe, não diagnostica, não prescreve tratamentos; apõe as mãos e... o «milagre» é feito. É tal o número de peregrinos, que a policia foi chamada para regular o trânsito.

E a médium diz: — «Sou unicamente o instrumento de grande poder de Deus. Sou simplesmente o veiculo através do qual este poder corre para os sofredores».

---

damente certificados e controlados. Da sua cripta surgem espíritos inferiores que se comprazem em exibir fenómenos vulgares, que assombram o ambiente com obsessões e alucinações e que, muitas vezes, cometem variados embustes.

Mas, à medida que o espírito se eleva, aparecem as manifestações intelectuais, as puras revelações. No Espiritismo, cada um ocupa o logar que lhe designa o seu estado de espírito e de adiantamento. Uns prendem-se exclusivamente aos factos, que são a casca, o evólucro do Espiritismo; outros, preferem o fruto, isto é, a sua filosofia e a sua moral.

— É, sobretudo, neste último sentido que o Espiritismo é chamado a desempenhar um papel de regeneração, porque a sua doutrina satisfaz a todas as necessidades do pensamento e preenche as lacunas do conhecimento. Resolve os enigmas da vida, os problemas do mal e do sorimento. Neste tempo de provação que vimos atravessando, a doutrina espirita dá-nos confiança no futuro: mostra-nos que o universo é regido por leis de harmonia e que a última palavra em todas as manifestações da actividade humana, pertence e pertencerá sempre ao direito e à justiça. A doutrina espirita dá à existência uma razão de ser e uma finalidade: a conquista da verdade, do conhecimento e da virtude; consola-nos nas nossas decepções e nos nossos revezes; indica-nos o nobre objectivo da vida, desvia os espíritos de preocupações egoistas e de agitações estéreis.

Auxílio aos Necessitados

Como temos feito nos demais anos, *Estudos Psíquicos* e o *Centro Espiritualista Luz e Amor* dão as mãos no trabalho de angariar donativos com destino aos necessitados a contemplar na quadra do Natal.

Em virtude do atraso que tem sofrido esta revista, por circunstâncias estranhas à nossa vontade, resolvemos abrir desde já a subscrição, roganda a todos os amigos, assinantes, consócios e leitores, que nos emviem seus óbulos, a fim de mitigar a fome ou levar algum prazer a desprotegidos que a adversidade açoitou.

A caridade é o máximo objectivo da Doutrina Espirita. «Sem caridade não há salvação», diz a legenda dos que se acolheram à sombra da grande árvore reencarnacionista; e «quem dá aos pobres empresta a Deus», diz a sabedoria do povo.

Juntemos, pois, a nossa migalha à migalha do vizinho e a migalha será pão e o pão será alimento e o alimento será meio de redenção espiritual para quem dá e quem recebe.

Graças a Deus, o nosso apelo tem dado resultados satisfatórios. As boas almas acorreram sempre com seus donativos, desde as que oferecem o superfluo às que sacrificam o próprio orçamento caseiro para auxiliar o nosso empreendimento.

A crise continua a acicatar muitos irmãos espirituais que vivem dificilmente. Façamos um pequeno sacrifício em seu abono, que, a final, talvez sejamos nós os verdadeiros beneficiados.

Aqui estamos, pois, dispostos a carrear os elementos indispensáveis, para que, no dia de Natal, algumas centenas de famílias tenham alegria no seu lar e se lembrem de que o espiritismo é uma filosofia regeneradora que trabalha para o bem da humanidade.

Para o fim indicado, receberam-se os seguintes donativos:

Revista *Estudos Psíquicos*	**50$00**
Centro Espiritualista Luz e Amor	**100$00**
Isidoro Duarte Santos	**20$00**
Maria Gonçalves Duarte Santos	**20$00**
Maria Eugénia Dias Duarte	**10$00**

O Espiritismo em Nova-Iguassú

por Leopoldo Machado

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Nova-Iguassú)

Mais um velho companheiro, mais um amigo de muitos anos vem reforçar a tripulação deste brigantim afeito ao mar proceloso da propaganda. É conhecido de todos, que o admiram pela fecundidade da sua obra e desassombro do seu apostolado. Que Leopoldo Machado tem-nos acompanhado mais ou menos desde o inicio desta obra, como obreiro eventual que sente necessidade de expandir lucubrações ou veicular doutrina, no verdadeiro sentido espiritista.

«Estudos Psíquicos» sente-se mais forte com a presença deste paladino de armas brancas, um dos mais esforçados e cultos lutadores do Espiritismo. A palavra fluente, o argumento são, a visão larga, o conhecimento polimorfo, tudo nele se reune, se amalgama, se combina em puro dinamismo. Orador, conferencista, poeta, dramaturgo, escritor, jornalista, organizador, numa palavra, homem de talento e homem de acção, Leopoldo Machado é um dos maiores espiritas da actualidade. Que o digam os seus numerosos livros, que o digam as obras sociais que patrocinou, que o digam o milhar de conferências que proferiu em centenas de localidades, onde o seu nome é respeitado e querido!

Pois o velho camarada passou a representar-nos em Nova Iguassú, Estado do Rio de Janeiro, como redactor-correspondente, pondo em acção seus recursos para firmar a posição desta revista e fazê-la circular em todos os Estados Brasileiros.

E para fortalecer ainda mais os laços que nos unem há muitos anos, «Estudos Psíquicos Editora» publicará em breve um dos mais interessantes livros do grande pioneiro, livro que marcará o início de estreita colaboração a desentranhar-se em frutos opimos, em benefício do Espiritismo luso-brasileiro.

PROFESSOR LEOPOLDO MACHADO

O Espiritismo em Nova-Iguassú, e sua zona (Nova-Iguassú, Estado do Rio, Brasil), é um movimento que vale a pena ser conhecido e até estudado ou analisado.

Houve, até, ilustre conferencista e escritor carioca, espirita, que chamou Nova-Iguassú de *Betânia Espirita do Brasil.*

Chamou-a assim, por ser uma cidade pequenina, a dois passos do Rio, que seria, neste caso, a *Jerusalém Espirita.*

Do movimento espirita da cidade e zona, é o Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, a célula de actividade de maior nota.

★

O *Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade* conta 27 anos de porfiada existência.

Não é o mais antigo centro da zona, porém é o mais importante.

A 18 de Julho último, comemorou seu 27.º aniversário, com um programa e uma festa do agrado de todos. Foram citadas, então, as cinco características de que, durante 27 anos, o centro nunca se afastou: I) Nunca houve casos críticos, que fizessem periclitar ou interromper as suas actividades; II) Nunca fez espiritismo exclusivista ou isolacionista; III) Nunca malbaratou a pureza da Doutrina, pois até seus programas teatrais só admitem peças e números de arte absolutamente doutriná-

rios; IV) Nunca fez espiritismo unilateral, pois agita todas as modalidades do Espiritismo; V) Todos os seus directores trabalham de facto, pois não há na sua directoria figuras decorativas.

O *Fé, Esperança e Caridade* funciona diàriamente, dia e noite.

De dia: a *Escola João Baptista*, que data de 1934, a *Assistência aos Necessitados*, fundada em 13 de Fevereiro de 1927, a aula de moral cristã, inaugurada em Agosto de 1934, e seu gabinete dentário.

À noite, sessões de toda a natureza, sendo as mediúnicas, aliás em menor quantidade, privativas. Estuda-se o «Evangelho Segundo o Espiritismo», o «Livro do Espíritos», o «Livro dos Médiuns» e o «Evangelho do Cristo», principalmente. Aos primeiros domingos, tertúlia litero-artístico-doutrinária, dedicada sempre a outras entidades de sua afinidade.

RECREIO ESPIRITUAL DOMÉSTICO

Aos primeiros domingos, depois da tertúlia, vai-se para o lar de um confrade, para o recreio espiritual. Aí fica-se algumas horas em interessante recreio espiritual, que consta, ordinàriamente, de três partes: crítica construtiva do programa da tertúlia, troca de pontos de vista doutrinários e números de arte a cargo dos jovens. O fim principal da reunião, porém, é servir ao espiritismo social, é levar o Espiritismo para os lares.

CONFRATERNIZAÇÃO ESPIRITA

Data de sete anos a *Confraternização Espirita Lar de Jesus*, agrupamento de centros espiritas do Ramal de Nova-Iguassú. A princípio, funcionou com o nome do Ramal. Assim que se fundou o LAR DE JESUS, o primeiro fruto sazonado da CELJ, mudou-se-lhe o nome. São treze, os centros que compõem a SELJ. *Fé, Esperança e Caridade*, de Nova-Iguassú; *Estrada de Damasco*, de Mesquita; *Seara de Jesus* e *Caminhamos com Humildade*, de Nilópolis; *União Kardecista*, de Olinda; *Principiantes de Boa Vontade* e *União Jesus e Maria*, de Ricardo de Albuquerque; *Humildade e Caridade* e *Trabalhadores de Ismael*, de Andrade Araujo; *Judas Iscariotes*, de Austin; *Amor e Caridade*, de Paracambi e *Antenor de Paula Carneiro*, de Mesquita.

Na eleição da última directoria da SELJ, ninguém, quase, queria encargo. Todos tinham seus motivos sérios a alegar. Sugeriu-se, então, que o ALTO elegesse a directoria. Foram escritos em papeluchos os nomes de todos, para a sorte. O sorteado não podia recusar. Acordes, todos. Fez-se uma prece emotiva e tirou-se, primeiro, o nome do presidente. A seguir, os dos outros eleitos. Todos aceitaram, vibráveis. Houve emoção e alegria intensas.

SEMANAS ESPIRITAS

Se o programa das *Semanas Espiritas Cristãs* nasceu em Três-Rios e Macaé. teve desde a primeira hora, a colaboração eficiente de Nova-Iguassú. E aí organizou-se definitivamente, até chegar ao que, hoje, é.

Trata-se de concentrações, ou, se quiserem, congressos de confraternização que se realizam anualmente em uma cidade das sete que se reuniram, formando uma espécie de *Liga Hanseática do Espiritismo Social:* Três-Rios, Macaé, Juiz-de-Fóra, Nova-Iguassú, Cruzeiro, Piquiri-Rochedo e Astolfo Dutra. Três do Estado do Rio, três de Minas Gerais e uma de S. Paulo. E são oito dias de intensa e forte vibração espiritual, com muita doutrina, muita arte doutrinária e muita alegria. Três programas diários: o da manhã, evangélico, ao ar livre, à sombra das árvores. Sorteia-se o ponto evangélico, e todos o interpretam a seu modo. O recreio espiritual, à tarde, programas de jovens e a sessão substancial à noite. Cada dia consagrado a uma cidade do movimento. São movimentos, estes, do Espiritismo Social, que vai realizando uma propaganda extraordinária da Doutrina.

CONGRESSO ESPIRITA DE CONFRATERNIZAÇÃO

Anualmente, realiza-se o *Congresso Espirita Fluminense de Confraternização*, no mês de Agosto. Ainda com a colaboração e até orientação de Nova-Iguassú. Para realizá-lo, organizou-se uma comissão central em Niteroi e sub-comissões nas cidades em que o Congresso funcionará: Petrópolis, Nova-Friburgo, Barra do Piraí e Nova-Iguassú. Congresso sem teses a se discutirem. Em vez de teses, estudos substanciosos para 25 minutos e de arte espiritualista.

Certame, também de grande proveito na propaganda da Doutrina e na colimação do Espiritismo Social.

JUVENTUDE ESPIRITA

Existe em Nova-Iguassú a *Mocidade Espirita* mais antiga do Brasil, que conta, actualmente, mais de 120 movimentos juvenis orga-

A Crítica às nossas Edições

Continuando a arquivar o que a imprensa escreveu acerca das nossas edições, publicamos hoje a opinião da *Luz e Caridade, de Braga* e do *Mundo Espírita e Revista Espirita do Brasil*, ambos do Rio de Janeiro. Segue a de *Luz e Caridade:*

Nos Umbrais do Além, análise científica dos fenómenos do Espiritismo, por *William Barrett*, tradução de *Isidoro Duarte Santos*. — Prosseguindo no programa que traçou, o nosso prezado amigo e confrade, sr. tenente Isidoro Duarte Santos, acaba de traduzir e apresentar, a portugueses e brasileiros, o segundo livro publicado por «Estudos Psíquicos Editora», este da autoria do ilustre professor Sir William Barrett e com o título acima indicado.

Depois do Dr. Gustavo Geley — autor do primeiro livro publicado por aquela Editora com o título de «Resumo da Doutrina Espirita», foi acertadamente escolhido W. Barrett, porque se aquele autor era um criterioso e sábio metapsíquico, este foi um espirita convicto e, assim, é de notar que a pesar da distância que os separa dentro da esfera da convicção, ambos apresentam os fenómenos espiritas com a mesma expressão sincera de verdade e com o mesmo entusiasmo de pesquisadores conscienciosos e honestos. Este é um dos maiores testemunhos públicos que poderia ser dado a favor do Espiritismo.

Sir William Barrett, lente de física na Universidade de Dublin, membro da Sociedade Real Inglesa e director de conferências na Escola de Arquitectura Naval de Londres, não é um nome estranho no meio científico internacional. Os seus trabalhos criaram-lhe renome mundial e os seus métodos de estudo têm sido apreciados com respeito e admiração. Não admira pois, que nós o admiremos também quando escreve acerca de Espiritismo, ciência a que dedicou mais de quarenta anos da sua vida terrena e que foi uma das grandes preocupações que o levaram a fundar, em 1882, a Sociedade inglesa de Investigações Psíquicas. Admiramo-lo, não só pela imparcialidade que imprimiu aos seus trabalhos, como também pela meticulosidade com que estes foram feitos e pelo cunho de sinceridade que os reveste.

Nos Umbrais do Além não é, portanto, um livro escrito por leigo no assunto ou por alguém que se deixou influenciar pela evidência do sobrenatural. Foi escrito por um homem de ciência cônscio da sua responsabilidade, que teve a coragem de nos convidar a verificar se as suas conclusões provieram de exame rápido e superficial.

Todos os fenómenos supranormais são expostos neste livro com clareza e método e analisados com a maior meticulosidade possível. A verdade espirita ressalta dele em chispas fulgurantes e só quem tiver ideias preconcebidas ou teimosamente materialistas se não renderá à evidência dos factos, os quais se repetem por toda a parte, em todos os países e nos pontos mais afastados uns dos outros, mas demonstrando sempre unidade e o mesmo fim a atingir: a crença em Deus e na imortalidade da alma, a possibilidade dela se comunicar conosco depois de desencarnar e a perfectibilidade contínua da mesma.

Para aquisição deste livro, os respectivos pedidos podem ser feitos a «Estudos Psíquicos Editora», Rua do Salitre, 149, 1.º em Lisboa.

A *Revista Espirita do Brasil*, do Rio de Janeiro referiu-se da seguinte forma ao mesmo livro, em artigo do seu director, Dolindo Amorim, e intitulado «Nos Umbrais do Além»:

Já se sabe através da crítica, aliás muito justa nos encómios de suas apreciações, que está em circulação

---

nizados. A Mocidade Espirita n.º 1 foi fundada em Junho de 1935. E tem servido de modelo para muitas outras. Seu programa é o adoptado pela maioria dos outros movimentos juvenis.

ESPIRITISMO DE VIVOS

Nasceu, também, aí o programa do *Espiritismo de Vivos*, que vai tendo grande aceitação onde está sendo pregado, experimentado e estudado. Consiste, principalmente, em doutrinar, sociabilizar e evangelizar o Espiritismo, levando ao espirita a consciência doutrinária do Espiritismo, a fim de que, sem estudos sérios, não se entreguem, de olhos parados, ao mediunismo, às comunicações de espíritos. Não exclui de forma alguma, e nem podia, a mediunidade que, bem orientada, é a maior força do Espiritismo. Mas prepara contra a mediunidade mal dirigida, que é a maior fonte de descrédito da Doutrina.

O ESPIRITISMO EM NOVA-IGUASSÚ, ENFIM...

É diferente. Sem dogmatismos, desarmonias, fanatismos, vaticanos.

Espiritismo de estudos, de trabalhos, de socialização, de obras.

Dinâmico e omnímodo, a despeito de modesto. Ou, talvez, por isso mesmo.

no Brasil o livro NOS UMBRAIS DO ALÉM, lançado pela empresa «Estudos Psíquicos Editora», de Lisboa.

O autor desse livro é Sir William Barrett, professor da prestigiosa Universidade de Dublin, membro da Sociedade Real Inglesa. É um titular, espécie de *lord*, tanto assim que tem direito ao tratamento de *Sir*, segundo os costumes ingleses.

Homem de ciência, afeito ao trato das leis físicas, nem por isso deixou William Barrett de chegar à «demonstração científica da existência da alma». Enquanto alguns cérebros obtusos teimam em dizer que a ciência é incompatível com as cogitações de ordem metafísica, porque só entendem por *ciência* aquilo que se enquadra nos acanhados limites do mundo físico, vemos um eminente professor de Física, um homem de laboratório — William Barrett — sustentar o princípio da sobrevivência da alma.

Hoje em dia a sobrevivência da alma não é mais um problema de pura metafísica, no sentido em que, para significar coisa vaga, hipotética ou imaginária, alguns materialistas empregam essa palavra, tão debatida nos domínios da Filosofia. Existem provas concretas da imortalidade da alma.

Os fenómenos espiritas, notadamente depois das experiências de William Crookes, vieram demonstrar que a existência da alma, longe de ser uma questão apenas de fundo teológico, pode ser cabalmente comprovada pela ciência experimental. Já se pode provar experimentalmente a sobrevivência da alma. O materialismo vai perdendo terreno a cada passo.

O livro de William Barrett, que apareceu em língua portuguesa em muito boa hora, por ingente esforço de Isidoro Duarte Santos, seu infatigável e competente tradutor, não podia ficar apenas na Europa. Precisava correr mundo, para que, diante dele, os cépticos encontrassem um ponto de convicção, e os que já sabem por que são espíritas encontrassem novos argumentos, novo material de estudo, para reforço de sua crença. E assim, felizmente, está acontecendo.

Lançado em Portugal, onde «Estudos Psíquicos Editora» vem realizando um trabalho intenso, que talvez ainda não tenha sido bem compreendido, *Nos Umbrais do Além* chega ao Brasil justamente quando as fileiras espíritas do mundo inteiro precisam de estar articuladas para o estudo, para o trabalho comum, a fim de que, nesta época de dúvidas e desespero geral, a crença na imortalidade da alma seja o lenitivo, o ponto de apoio de todos os que ainda não puderam compreender os problemas da vida. Mas não se pode falar sobre o importante livro de William Barrett (dele a crítica já disse muito, e disse bem) sem falar na grande obra que, de lá, do longínquo e glorioso Portugal dos nossos antepassados, está realizando corajosamente «Estudos Psíquicos Editora». Muito já fez, com sacrifício, a futurosa empresa, e muito mais ainda poderá fazer, se tiver o apoio moral e material pelo menos dos espíritas espalhados pelas terras onde se fala a imortal e opulenta Língua Portuguesa. Isidoro Duarte Santos, que tem a seu lado brilhante mas reduzida *equipe* de valores, entre eles Ramos Pereira, precisa de maior estímulo, principalmente no Brasil, onde tanto se faz indispensável o cultivo das relações espíritas luso-brasileiras. Sobre a publicação da obra *Nos Umbrais do Além*, repito o que disse, nesta Revista, sobre outra vitória daquela Editora portuguesa, isto é, a publicação de *Resumo da Doutrina Espírita*, de Gustavo Geley, em 1945 «A circulação desta importante obra em língua portuguesa é mais um passo para o indispensável intercâmbio espírita luso-brasileiro, por cujo incremento Isidoro Duarte Santos, de lá, do além-Atlântico, muito tem feito, sem que provàvelmente alguns espíritas de lá e de cá saibam disto». O comentário se ajusta inteiramente à publicação de *Nos Umbrais do Além*. As sementes não cairão em terreno estéril. É o consolo de todos os que trabalham por amor ao ideal do Bem.

Por seu turno, o semanário carioca *Mundo Espírita* escreveu a seguinte crónica a respeito de «Os Mortos Vivem!», devida à pena do grande pensador coronel Delfino Ferreira:

«OS MORTOS VIVEM!», por *Isidoro Duarte Santos*. Edição do Núcleo de Acção e Propaganda de Estudos Psíquicos. Lisboa.

Impresso na Editora Gráfica Portuguesa, Limitada, e editado pelo Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos, Isidoro Duarte Santos, o activo e devotado confrade que em Lisboa, entre outras de suas searas, dirige com alta proficiência cultural, doutrinária e administrativa, a importante revista *Estudos Psíquicos*, escreveu, para distribuição gratuita, o opúsculo «Os Mortos Vivem!».

Embora autoridade ele mesmo, o Autor reforça o valor de seus conceitos no desenvolver dessa afirmativa, na lição de outros notáveis escritores espiritistas: Léon Denis, Jorge Déjean, A. Lobo Vilela, Morgan, Bozzano, Edmonds, Flammarion e outros de igual projecção.

É, todavia, sobre uma frase de L. Denis que gira todo o pensamento do Autor. Essa frase lhe é tese e conclusão: «A Morte não existe. Os mortos são os vivos do céu!».

E tocante, atraente e formoso como essas palavras de consolo, de encorajamento e de esperança, são todas as 32 páginas da interessante *plaquette*.

Poder-se-á talvez dizer que o assunto é por demais versado. Todavia, sentimos, todos nós, observando os quadros da humana existência, que, tal como a reencarnação, na realidade ainda menos do que esta, não penetrou na consciência das criaturas. Mesmo entre

«A VOZ DE COMANDO»

(Tradução de I. D. S.)

por Natalio Ceccarini (F)

O mundo invisível em permanente relação com o nosso constitui o seu mais consequente colaborador no progresso moral e social. As mensagens que neste sentido provêm dos grandes mestres do espaço recebem-se em todos os lugares do planeta e coincidem sempre no mesmo propósito, formulam idêntica aspiração e exprimem uma voz de comando *que, na verdade, é o imperativo histórico e espiritual do momento que a humanidade vive:* vibrar para o bem; fraternizar.

É que os povos, isto é, os homens que formam e dão a tónica dos aglomerados sociais, já estão fartos de tantos sofismas que confundem o seu rumo, cansados de tantas doutrinas-panaceias que em vez de solucionar a angústia que os empolga, acabam por engolfá-los nas trevas da ignorância e na turbulência das paixões e ódios. O seu espírito desperta do letargo de séculos e na sua consciência começa a despontar a aurora duma nova ideia da vida, duma concepção mais humanista e transcendente da história e das relações individuais. E já não quer saber de antagonismos estéreis, de critérios estreitos, chamem-se tradições, nacionalismos, soberanias ou religiões. O homem sente no âmago a ânsia poderosa, irresistível, de reconciliar-se com o próximo, de aproximar-se dele e estreitá-lo amorosamente. Vibra em seu peito o desejo de amar e confiar no irmão, em quem sempre teve um inimigo, em virtude de educação falsa e tendenciosa das forças que até agora o têm dominado. Sabe que é parte integrante duma grande família: a humanidade. Sabe que pertence a ela e que o seu triunfo ou a sua derrota, a sua felicidade ou a sua desgraça, é como se suas próprias fossem. Por isso, nota-se nos povos essa vontade de vencer todas as dificuldades que os governantes mantêm para justificar depois as suas infracções à lei moral e lançar os homens uns de encontro aos outros.

O mundo celeste, em que vivem os Espíritos livres, é o verdadeiro executar dos desígnios divinos; e em cumprimento desta vontade vai semeando esta santa inquietação em todas as almas que lutam, trabalham e servem na Terra. Vão promovendo no homem este despertar espiritual, a fim de eliminar o que separa os humanos e extinguir os motivos de divisão, procurando para seu próprio bem e progresso tudo que o aproxime e una fraternalmente.

Eis a tarefa da hora presente confiada ao mundo invisível. As suas mensagens a favor desta aspiração sucedem-se em todos os povos, sem distinção de credos, de raças ou de idiomas. Todas as línguas exprimem fielmente a voz de Deus, através de seus mensageiros invisíveis: Fraternizar, vibrar para o Bem.

É que assim está resolvido no determinismo espiritual e histórico do planeta e da humanidade actual; é o resultado de um causalismo que se exerce neste ressurgir do homem, em clara consciência da sua essencialidade cósmica e espiritual, em evidência de seu destino e de sua responsabilidade no destino comum. É a verdade a inundar de luz a sua mente e a sua alma; e comovendo-lhe as fibras da sensibilidade, crê no Amor e o sente já. E embora haja nuvens que parecem ensombrar o horizonte, que condensam a visão de muitos; e embora a incompreensão e o egoismo seja a força que impera nos que têm o dever de assegurar a paz e a concórdia entre as nações, estas não são mais que as últimas manifestações do que sucumbe e é trocado pelo advento de uma nova era. Tudo o que suceder actualmente, embora de contornos sombrios, não é mais do que a preparação do homem, da humanidade inteira, para esse laborar sublime dos Espíritos enviados do Pai, que tornarão possível esta eclosão transformada numa sociedade espiritualmente superior, não muito longínqua.

Estamos na era do ressurgir glorioso do ser.

---

os espiritistas... E outros imortalistas, mesmo reencarnacionistas...

Quase todos os que concordam com a missão libertadora da morte, que a pregam mesmo, o fazem, digamos até que o sentem apenas intelectualmente. Raros os que se conduzem, quando ela chega a eles próprios ou aos seus familiares, nela vendo tão só o que, de facto, é: simples mudança de situação, retorno à fase primitiva...

Daí a necessidade de, como no *Eclesiastis*, clamar sempre, não cessar de clamar-se: A MORTE NÃO EXISTE. OS MORTOS VIVEM! A vida é infinita em suas duas fases: a do plano material e a do espiritual, até que mereçamos neste permanecer.

Trabalhos como este, de pequeno porte e profundo alcance, nunca são demais. Constituem, portanto, das melhores obras d amor, esperança, fé e caridade.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

BY THE CANDLE LIGHT — *por Raul de Sepúlveda Fontes*, Bombay. New Book C.°. 1942. 68 págs.

Raul Sepúlveda Fontes, o correspondente desta Revista na India Portuguesa, revela-se nesta obra um extraordinário contista, um grande poeta que teima em escrever em prosa o que a sua sensibilidade escuta e perscruta na policromia da vida. Há, sem dúvida, um som de misticismo nos seus contos. que é mais um reflexo do êxtase mental, que milhões devem ter criado na atmosfera psíquica desse Hindustão fascinante.

A maleabilidade de uma forma rica de musicalidade e de sentido faz de alguns contos verdadeiros poemas. lembrando aquele profundo lirismo que prepassa em toda a obra de Tagore. Sepúlveda Fontes não necessita de elogios nossos, depois do que lhe disseram Somerset Mangham ou Walter de la Mare, por exemplo, mas nós falamos como leitor e não como crítico...

«The Rhytm of Hours» (O Ritmo das Horas), «A Dreamer's Tale» («O Conto do Sonhador») e «The Rabbi's Last Dream («O Último Sonho do Rabbi») definem os excepcionais recursos do contista-poeta que é Sepúlveda Fontes.

SAMPAIO (BRUNO) — Antologia do pensamento potuguês. Prefácio de *Alvaro Ribeiro*. Edições SNI. Lisboa. 152 págs.

É sempre árduo e ingrato o trabalho de coligir fragmentos de obras que nos dêem uma ideia segura do pensamento do Autor, e mais ainda quando este se dispersou em ensaios, sem construir um corpo ideológico final, como foi o caso do filósofo portuense Sampaio Bruno.

É bem mais fácil a antologia de um poeta, por ex.°, porque a escolha obedece a um juizo de valor que ou é sentido e aceite, ou fica como um motivo de eterna e estéril disputa...

Álvaro Ribeiro soube. a nosso ver (isto é, tanto quanto nos permite o conhecimento que temos da obra de Sampaio Bruno), respigar criteriosamente os textos de modo a dar-nos uma imagem do pensador e do pensamento. O seu prefácio individualiza Sampaio Bruno no desencontro característico do século XIX português (e porque não dizer também do séc. XX?), quando o positivismo, não total e ùnicamente comteano, penetrava na nossa terra. Ele «mostra» o homem dentro do seu plano mental e ambiental, sem cair no vício correntio de uma crítica que lhe seria fácil e facilitada, por Sampaio Bruno não ter chegado a expor-se completamente.

O último baptismo de sangue foi a preparação necessária, à semelhança da acção do fogo, que purifica abrasando, para vibrar na Verdade e no Amor. Todas as contradições que se observam, toda a incompreensão que ainda reina, todos os temores que impedem a acção do espírito humano, todo esse aflorar de ontem que parecia morto, são apenas os últimos estertores das forças do mal que batem em retirada e que, sem querer, vão abonando a terra em que germinará a semente da concórdia humana, do trabalho fecundo e da paz criadora.

Com adeptos dum Ideal autêntico, como é o Espiritismo, e como servidores do mundo e da era verdadeiramente espiritual que se aproxima, damos testemunho destas mensagens que são a palavra de Deus para nós, que fazemos a nossa experiência terrena e fundamos toda a esperança na realidade anunciada, desde que sintamos no íntimo estes anelos e vibremos para o Bem.

Todo o espirita é servidor do Progresso, do Bem e da sagrada missão de devolver ao planeta a hierarquia espiritual e cósmica que a transgressão moral dos que a povoam lhe fizeram perder e procurar a sua volta ao seio do Pai.

A voz de comando *dos Espíritos é harmonizar e fraternizar em todos os sentidos. Recebamos no coração este mandato sublime e sintamo-nos verdadeiros irmãos do nosso próximo, esforçando-nos por transformar o mundo numa nobre morada do ser.*

O mundo invisível executor da vontade de Deus assim o indica e o procura, aparecendo em toda a parte e colaborando contìnuamente nesta missão.

A sua voz de comando é esta: Vibrar para o Bem.

Como espiritas, sejamos intérpretes desta ordem e façamos vibrar assim as nossas almas.

Lomas del Palamar — Argentina — Maio de 1947.

Por êsse Mundo...

Organizado pela Federação Espiritualista do Norte, realizou-se Lille o Congresso Nacional da União Espirita Francesa.

Henri Regnault, nosso redactor-correspondente em Paris, tem no prelo uma obra interessante intitulada «Le Secret du Bonheur Parfait» (O Segredo da Felicidade Perfeita).

Continuam os trabalhos de organização do 1.º Centenário do Espiritismo Moderno, a comemorar em 1948, em Rochester, América do Norte, lavrando justificada alegria nas fileiras espiritas mundiais. A Comissão Organizadora já conta com milhares de adesões para o grande acontecimento.

O «Lar Espirita» de Uberaba, cidade de Minas Gerais, vai ser em breve uma das mais belas realidades postas em prática pelos confrades brasileiros. A criança orfã ou abandonada encontrará ali abrigo e carinho, e aprenderá a ser útil a si própria e à sociedade.

A Confederação Espirita Argentina acaba de realizar o seu sétimo Congresso Nacional, com grande entusiasmo das numerosas colectividades que naquele organismo estão filiadas.

O embaixador francês em Buenos Aires e o Ministro de Informações de França prometeram interessar-se pela reaparição de «La Revue Spirite, a pedido da Confraternização Espirita Argentina.

Desencarnou em Curitiba, Estado do Paraná, o médico Luis Parigot de Sousa, considerado o maior médium brasileiro de voz directa, cujas sessões tiveram grande repercussão na grande nação irmã.

Continua em actividade a Igreja Católica Apostólica Brasileira. Em frente do templo da Rua Couto, 56, Rio de Janeiro, foram colocados vários cartazes, entre eles o seguinte: Na Igreja Brasileira os sacerdotes trabalham, podem ter família, oficiam em português, admitem o divórcio e só usam batina em missão religiosa.

De 1931 a 1941, a Livraria da Federação Espirita Brasileira imprimiu um milhão quatrocentos e onze mil e quatrocentos volumes (1.411.400) de obras espiritas.

A celebre cantora da rádio, Anona Winn, declarou ao «Psychic News que acredita no Além e sente a presença de seres espirituais, acrescentando estar convencida de que o êxito do seu programa na B. B. C. intitulado «Vinte Perguntas» é devido às suas faculdades telepáticas.

A «Sociedade Constância», de Buenos Aires, acaba de editar a grande obra de Gustave Geley, intitulada «Do Inconsciente ao Consciente».

A fim de enfrentar a crise que o assoberba, o semanário carioca «Mundo Espirita» avisou confrades e leitores de que só mediante remuneração prèviamente estipulada publicará reportagens especiais ou noticiário de relevo.

O nosso confrade André Dumas, da Federação Espirita Internacional e União Espirita Francesa, tem no prelo uma obra de grande fôlego, intitulada «La Science de l'Âme» (A Ciência da Alma) e subintitulada «Iniciação metódica ao estudo dos fenómenos supranormais e das teorias da Metapsicologia». Um volume de cerca de 400 páginas, ao preço de 250 francos.

Quereis libertar-vos de obsessões e vícios de embriaguês? Enviai nome, idade e endereço a Luiz André, Rua Senador Pompeu, 169, loja, Rio de Janeiro, que, por meio de tratamento à distância, podereis ser curados ou aliviados. Assim reza uma notícia de «A Centelha» de S. Paulo.

Nos dias 18, 19 e 20 do corrente deve ter-se realizado em Paris o Congresso Espiritual Mundial de 1947. Henri Regnault, nosso redactor na capital francesa, é membro activo da Comissão Organizadora.

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro instalou-se há pouco em sua sede definitiva, no 15.º andar do Edifício Internacional, sito na Avenida Rio Branco.

O nosso redactor-correspondente em Liège, Mr. A. Biquet, foi nomeado presidente da «Union Spirite Belge», e Mr. J. Lhomme passou a presidente honorário. Esta conceituada agremiação vai pedir orçamento para a reedição de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», de Allan Kardc.

A Faculdade Brasileira de Estudos Psiquicos iniciou há meses os trabalhos escolares para o corrente ano de 1947. O coronel Delfino Ferreira, sem actual director, lecciona as cadeiras de «Espiritismo Científico» e «Religiões Comparadas».

O jornal francês «Inter» abriu um inquérito acerca de fenómenos psiquicos e Espiritismo, subordinado ao título «Esprit, es-tu lá?» (Espirito, estás lá?); mas ao contrário dos antigos detractores, como Paul Heuzé, Marcel Petit e seus Filhos orientam a investigação com imparcialidade e nobreza de carácter.

Desencarnou em Domodossola, no dia 20 de Janeiro do corrente ano, o conhecido advogado Picone-Chiodo, autor de «A Verdade Espiritualista», prémio da Academia de Numídia, de Constantina, e de outras obras espiritas, como «A Imortalidade da Alma», «As Manifestações dos Defuntos», «O Problema da Alma e a Ciência Moderna», «A Concepção Espiritualista e a Sociologia Criminal», «A Reencarnação», etc., etc.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

MÉDIUM POLIGLOTA

O jornal austriaco *Volksbote* publicou um artigo muito curioso que mereceu tradução nalgumas revistas latinas da especialidade e que *A Aliança*, de S. Paulo, deu há pouco à estampa por intermédio de Ernesto Landemann, sob o título «Adquiriu doze idiomas após profundo sono».

Vamos arquivar aqui esse artigo:

Trata-se de caso excepcional, observado, exposto e debatido em conferência na Academia de Medicina de Paris pelo erudito professor psicanalista Marinesco.

Após agudissima crise de pneumonia, jovem estudante de direito caia em profundo e mui prolongado sono; e ao despertar, não obstante haver concluido e defendido brilhantemente tese jurídica, desconhecia todos, parecendo estar em novo mundo.

Do idioma francês, sua língua *mater*, nem mais uma sílaba lhe era familiar. Mas o que mais confundia os facultativos e observadores psicanalistas é que a jovem falava com erudição nada menos de doze idiomas, constituindo isto enigma indecifrável para os discípulos do moderno materialismo, que não acreditavam na manifestação dos espíritos,, por não aceitarem a sobrevivência e a reencarnação do espírito, única via de resolução racional quanto ao problema das diferenças físicas, morais e intelectuais, incluindo as provas da fenomenologia espirita através de diferentes mediunidades.

Os mestres do materialismo intransigente concordaram (após séculos de lutas entre as correntes de representação oficial) na elaboração de uma especie de «labirinto de complexidade nominal».

Pois a rapariga, além dos doze idiomas que aprendera, adquirira o hábito de escrever com a mão esquerda, o que levou seus familiares a contratar uma professora que lhe ministrasse novamente exercícios capazes de lhe corrigir esta anomalia e lhe ensinasse os conhecimentos ministrados no curso primário, a pesar de ter sido antes eximia professora de matemática.

Em visitas a encarcerados atacados de alienação mental, tenho observado o que poderíamos chamar *glossolalia*, fenómeno durante o qual o médium fala ou escreve línguas inexistentes.

Deparei, assim, com alguns doentes tidos como poliglotas, falando presumidamente alemão, inglês, hindu. etc., embora só houvesse uma ou outra frase probatória.

A pedido de alguns familiares visitei certo dia uma ex-interna de conceituado Sanatório que era tomada diàriamente pelo espirito que se fazia passar por progenitor da médium. Antecipadamente me expuseram a extrema aversão que esta nutria pelo Espiritismo, sendo, por isso, indispensável muito tacto psicológico, para evitar inuteis choques de ideias. Nesta conformidade, a conversação restringia-se a diferentes assuntos, excepto Espiritismo, quando, sùbitamente, o espírito se apoderou da médium e à queima-roupa me disse estar ao corrente da minha vida, inclusive no tocante a ser convidado a deixar a médium em paz.

O mais curioso é que a entidade comunicante se exprimia em italiano (dialecto Barez), não obstante a médium ter nascido no Brasil e em estado normal não conhecer italiano.

Dificilmente manteve a conversação, auxiliado por quem estava um pouco familiarizado com aquele idioma. O objectivo do espírito era prevenir nova obsessão da médium por parte dos espíritos que a tinham arremessado ao cárcere, onde estava havia perto de oito anos. Esta impressão condicionava, a meu ver, a aversão que a médium, em estado normal, nutria pelo Espiritismo.

Com esses argumentos, pretendia o espírito justificar a sua permanência junto da médium, a fim de que, auxiliado indiscretamente, pudesse receber da matéria, através de circunstantes, familiares, etc., o orvalho que ressuma dos ensinamentos evangélicos.

Relativamente à mediunidade poliglota, ela é, na realidade, bem mais rara do que imaginam certos estudiosos do assunto, inclusive os entusiastas frequentadores e respectivos presidentes de centros espiritas, avessos às sessões de estudo.

Sendo esta mediunidade susceptível, como todas as outras, de enganos ou mistificações, é imprescindível que os presidentes de Centros ou Grupos estudem a face objectiva das mediunidades, a fim de discernirem judiciosamente acerca da realidade fenomênica.

É determinante no conceito de análise o grau de cultura do investigador. Nesta conformidade, quando necessitamos de penetrar os diversos complexos psiquicos, sob orientação de indivíduos seleccionados e experimentados, urge que saibamos fazer a escolha, pois estamos dependentes do nosso grau de cultura.

A falta de análise psicológica conduz a prejuizos físicos e morais muito desastrosos. Ignorando-se a causa das manifestações supranormais, a interferên-

cia *ignara* pode originar outras formas de abolição psíquica. Todavia, graças à mediunidade poliglota, provar-se-á que nas manifestações mediúnicas aparecem entidades alheias aos médiuns e aos circunstantes.

MAIS UM CONGRESSO...

No passado mês de Agosto realizou-se o 2.º Congresso de Confraternização de Sociedades Espiritas do Estado do Rio de Janeiro, organizado pela revista *A Voz dos Espíritos,* com a colaboração da Federação Espirita do Estado do Rio, Confraternização Espirita *Lar de Jesus* e Grupo Espirita Estudantes da Verdade, subordinado ao pensamento de que «a renovação é uma necessidade universalmente reconhecida por quantos estudam o estado moral da humanidade».

O Congresso distribuiu-se pelos quatro domingos do mês, em locais e horas diferentes.

No dia 3, em Niteroi, na Federação Espirita do Estado do Rio, à Rua Coronel Gomes Machado, 140. Apresentaram-se quatro teses:

1.ª — Do mediunismo mal orientado como fonte de descrédito da Doutrina *(Jónatas Botelho).*

2.ª — Os princípios básicos do Espiritismo *(Dr. Carlos Imbassahy).*

3.ª — Do mediunismo bem orientado como obra de propaganda *(Dr. Henrique Andrade).*

4.ª — Da obra de evangelização de vivos para sua felicidade ao plano material e espiritual *(Deolindo Amorim).*

No dia 10, em Nova-Friburgo, no Asilo Amor ao Próximo, mais quatro teses:

1.ª — Das obras de assistência social como factor maior a propaganda do Espiritismo *(Deputado Dr. Campos Vergal).*

2.ª — Das finalidades cristãs destes congressos de confraternização *(J. B. Chagas).*

3.ª — Da importância das visitas periódicas de confraternização *(J. M. Guimarães).*

4.ª — Da necessidade do «Ide e Pregai» para estímulo dos irmãos de doutrina e desenvolvimento da propaganda doutrinária. *(Euclides Teixeira).*

No dia 17, almoço de Fraternidade em Petrópolis, hora de arte dedicada às juventudes espíritas e sessão solene para leitura das seguintes teses:

1.ª — Da formação de juventudes espiritas organizadas *(Ilza de Almeida).*

2.ª — Dos meios aconselháveis para levar-se o Espiritismo aos lares *(Amadeu Santos).*

3.ª — Da eficiência da pregação sistemàtica do Espiritismo *(Prof. Pereira Guedes).*

4.ª — Do valor do concurso da mulher no serviço da Doutrina *(Zilda Portugal).*

No dia 24, almoço de confraternização na Barra do Piraí, hora de arte dedicada às crianças e sessão solene para leitura das seguintes teses:

1.ª — Das vantagens do estudo do Espiritismo em conjunto *(José Bernardo da Silva).*

2.ª — Da obra de amparo à criança para formação das futuras gerações espiritas *(Um confrade da Barra do Piraí).*

3.ª — Da propagação do Espiritismo pela arte espiritualista *(Prof. Leopoldo Machado).*

4.ª — Da preparação consciente dos vivos para que não esperem dos mortos o que podem resolver por si mesmos *(Prof. José Jorge).*

Finalmente, no dia 31 de Agosto, visita ao *Lar de Jesus,* em *Nova-Iguassú,* hora de arte dedicada às Juventudes Espiritas Organizadas e sessão solene para leitura das seguintes teses:

1.ª — Da socialização cristã do Espiritismo *(Edel Gomes).*

2.ª — Da restauração da alegria cristã *(Prof. Newton de Barros).*

3.ª — Da eficiência do culto evangélico nos lares *(Francisco Portugal).*

4.ª — Da necessidade do recreio espiritual nos lares espiritas de molde a não se precisar de alegrias profanas em nossas reuniões sociais *(Waldemiro Pereira).*

A Comissão Organizadora deste importante congresso era constituida por Olavo Alves da Silva, Jónatas Botelho, Leopoldo Machado e Francisco Bellizzi.

Mais um congresso..., dizemos nós em epígrafe desta nótula. Mas congresso diferente de todos os outros, até na cronologia dos trabalhos. Congresso de *Espiritismo de Vivos,* dedicado inteiramente ao rejuvenescimento do homem, como indica a legenda felicíssima que lhe serviu de base; congresso de aproximação de agremiações, olhos fitos no mesmo pensamento moral e doutrinário.

Gostaríamos de assistir a esta linda objectivação de princípios espiritas e ouvir a exposição de tantos e tão ardorosos cultores do bem e do belo, rumando ao futuro com experiência feita de passado e de presente... Sentir-nos-iamos jovens, como esses bandos de aves chilreantes que contituem as Juventudes Espiritas brasileiras, que se movimentam do norte ao sul da pátria irmã...

Não pudemos acompanhá-los de perto, mas o espirito penetra a distância e *voa aonde quer,* como dizia o Apóstolo dos Gentios. E assim nos foi permitido tomar parte nos ágapes espirituais que um punhado de seareiros realizou no mês de Agosto, nessas belas e promissoras cidades fluminenses...

Honra ao Ideal Espirita, que dia-a-dia se apresenta mais formoso e mais puro; mas honra também aos homens que o servem com dedicação e interesse colectivo, trabalhando sem descanso para que a humanidade de àmanhã colha os frutos de que semeamos hoje.

Notas & Comentários

NOTÍCIAS DA COLÔMBIA

Surpreendeu-nos há dias uma carta, chegada por via aerea dos confins da América do Sul e subscrita por Libório Loaiza Bernal e Lígia Marina Arias, respectivamente, presidentes do *Centro Espiritista Blanco Camino A La Luz*, de Cali, Colômbia, e da *Sociedade Espirita Femenina Antónia Santos*, da mesma localidade. Eis a carta:

Prezado irmão:

Ao ter conhecimento da Sociedade Espirita a que judiciosamente preside, escrevo-lhe em nome da «Fraternidade Espirita Blanco Camino A La Luz», e muito prazer sentiria em manter convosco intercâmbio espiritual que muito nos honraria e com o qual aproveitaria esta agremiação.

Despeço-me também em nome da «Sociedade Feminina Antónia Santos», dependente daquele Centro e que igualmente vos sauda e presta homenagem de admiração e simpatia, oferecendo-vos, incondicionalmente e fraternalmente, os seus préstimos nesta região.

Nunca lemos a mínima referência a estas agremiações, mas temos a maior satisfação em estabelecer relações espirituais com elas. É necessário que o intercâmbio espirita se exerça firmente, sobretudo entre raças afins. Dele resultará maior benefício para a Doutrina.

Estudos Psíquicos e o *Centro Espiritualista Luz e Amor* são obras dinâmicas cuja vida transcende certas limitações, próprias de velhos anquilosados, incapazes de reacções fortes que impulsionem para o Bem e para o Belo. Por isso, a carta acima encheu-nos de prazer espiritual e injectou-nos seiva nova, susceptivel de alargar ainda mais o campo de nossas actividades construtivas.

TEATRO ESPIRITUALISTA

Segundo notícia de *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, deve ter sido estreado no *Teatro Regina* daquela cidade a alta comédia espiritualista em três actos e sete quadros «Os Tempos São Chegados», original de J. Ribeiro, conhecido dramaturgo que se tem dedicado ao estudo dos fenómenos supranormais. Trata-se de grande espectáculo, defendendo a tese de que a morte não existe.

«Os Tempos São Chegados» apresenta interessante conflito entre um espiritista e um materialista convencido da infalibilidade da ciência oficial. Aparecem também ali dois espiritos em luta: um atrasado no caminho da espiritualidade e outro em franca evolução.

Os espectáculos realizam-se às segundas-feiras e neles participam artistas conhecidíssimos e aplaudidos nos teatros cariocas; e centros espiritualistas que adquiram bilhetes terão participação na receita bruta.

Aproveitar o palco para disseminar a Doutrina é empreendimento louvável. O cinema americano já nos deu algumas películas em que, a par de situações aparentemente cómicas, transparecem problemas graves e transcendentes que só o Espiritismo poderá resolver um dia.

«A Volta de Peter Grimm», por exemplo, filme baseado na reencarnação, demorou-se perto de dois anos nos cinemas de Nova York, sendo objecto de críticas lisonjeiras, a par de sucessivas enchentes, prova de que o grande público aprecia os assuntos neo-espiritualistas.

Temos a certeza de que iniciativas deste género em Portugal dariam óptimo resultado, quer do ponto de vista comercial, quer do ponto de vista doutrinário. A dificuldade está, precisamente, em sair o âmbito estreitíssimo dos filões teatrais, como sucedeu ao grande e saudoso dramaturgo Dr. Alfredo Cortês, com suas peças neo-realistas.

Seria bom tentar...

HENRIQUE DA SILVA HORTA

No vapor «João Belo», seguiu há pouco, com destino à África Ocidental, Henrique da Silva Horta, inspector geral da Companhia Singer em Portugal e Colónias e um dos melhores amigos que nos acompanham nesta faina incessante de propaganda.

Desde a reorganização do Centro E. Luz e Amor, em 1939, que nos tem acalentado com seu apoio e sua palavra amiga, incitando-nos a caminhar sem desfalecimentos, embora pisando abrolhos.

Em Portugal continental, tem sido incansável obreiro do Espiritismo e desta revista, que muito lhe quer e o estima.

Vendo-o partir, sentimos a sua falta, é certo, mas temos a convicção de que voltará mais forte e disposto, como sempre, a continuar a sua tarefa no campo espirita.

Henrique da Silva Horta, «homem de um só rosto e uma só fé, de antes quebrar, que torcer», como diz o poeta, é um espirita na verdadeira acepção da palavra. Eis porque o vemos afastar com saudade.

Que ele regresse em breve, para termos a satisfação de ouvir outra vez a sua palavra convincente e o seu conselho salutar, são os nossos mais sinceros votos.

Noticiário

ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA

Após o livro «Luz no Caminho», da autoria do nosso director e que já se encontra no encadernador Paulino Ferreira, devendo estar à venda quando este número chegar à mão dos leitores, *Estudos Psíquicos Editora* lançará uma obra do Professor Leopoldo Machado, nosso redactor-correspondente em Nova-Iguassú, obra que, sendo talvez uma das melhores de seu autor, por estudar as maravilhas da ciência materialista à luz do Espiritismo, em tom elevado de crítica construtiva, há-de ter seguro êxito, principalmente no Brasil imenso, onde o consagrado escritor tem público fiel e amigo que lhe segue os passos, nas muitas e variadas jornadas de Doutrina.

Além de constituir mais uma afirmação de ingente esforço e boa vontade ao serviço da Causa, representa igualmente um gesto real de intercâmbio espírita luso-brasileiro, para a realização do qual *Estudos Psíquicos* e Leopoldo Machado se deram as mãos em fraterno abraço de propaganda.

Estudo Psíquicos Editora lançará depois «Carmela», novela espírita da autoria do Dr. José Maria Seseras y de Battle, antigo presidente da Federação Espírita Espanhola, inaugurando assim a *Biblioteca de Acção Romântica*. A sua tradução vai adiantada e precederá o livro «Hipnotismo e Espiritismo», do grande criminologista César Lombroso, também em tradução adiantada.

Apelamos para todos os espíritas portugueses, no sentido de adquirirem as obras editadas, correspondendo deste modo ao serviço que neste momento prestamos ao Espiritismo. Se não houver compreensão da parte dos adeptos, isto é, se eles se mantiverem apáticos em face do nosso trabalho, é porque não há mentalidade espírita e mais valerá recolher a penates, deixando o campo livre ao materialismo que está corroendo a sociedade.

AMIGOS DE ESTUDOS PSÍQUICOS

Destinados a auxiliar a manutenção desta revista, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Celestino Pinto Figueiredo, de Silva Porto, Angola	25$00
Anónimo de Vila do Conde	30$00
João da Silva Gomes, de Malange	94$00
	149$00

NOVA CONFERÊNCIA NO TEATRO DO GINÁSIO

O *Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos*, que promoveu há poucos meses uma conferência de Ramos Pereira no Teatro do Ginásio, a que acorreu um público selecto, curioso de ouvir um novo que se apresentava sem retumbâncias, ao contrário de outros que levam à frente o encómio do cientista para escudar o trabalho apresentado, vai promover nova conferência, possivelmente no mesmo Teatro e com o mesmo conferente, que se tem revelado orador fluente e metódico na exposição da Doutrina Espírita.

Desta vez solicitaremos de várias entidades congéneres a passagem de bilhetes, para que o empreendimento compense o esforço realizado.

À primeira conferência de Ramos Pereira chamou-lhe o Presidente da Federação Espírita Portuguesa o maior acontecimento espírita de 1947. Estamos convencidos de que a segunda suplantará a primeira, em interesse e conteudo.

Assim vai prosseguindo o Espiritismo de Vivos em Portugal. Em vez de sessõezinhas mal orientadas e pior dirigidas, catequese do grande público, chamando-lhe a atenção para os problemas morais que mais devem preocupar a humanidade hodierna.

CATÁLOGO DE LIVROS

Chamamos a atenção dos leitores para o nosso catálogo de livros inserto na capa da revista. Percorram essa lista variadíssima e de certo encontrarão o livro de que necessitam para formação moral ou mental e para orientação dos próprios filhos.

BILHETES DE ADMISSÃO

Todos os sócios do Centro E. Luz e Amor deverão munir-se do *Bilhete de Admissão*, que substituirá os cartões de identidade. Aquele Bilhete será fornecido gratuitamente aos sócios existentes, que dele se farão acompanhar, quando frequentarem os trabalhos do Centro.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE OUTUBRO DE 1947

Dia 12, domingo, às 16 horas — Abertura dos trabalhos do Centro, seguidos da conferência do coronel Faure da Rosa, intitulada «O Segredo da Vida».

Dia 18, Sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 25, Sábado, 21,30 — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Novo Apostolado».

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

8.º ANO — LISBOA, OUTUBRO DE 1947 — N.º 10

Redactor	Director e Editor	Administrador
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

UMA BOA NOTÍCIA

A pesar das dificuldades que nos barram, às vezes, o caminho, estamos satisfeitos com o progresso alcançado. Bem sabemos que não são grandes as nossas aspirações, que limitamos o esforço a pequeno sector onde mais facilmente se exerce a acção dos que trabalham conosco e têm propagado a fé espirita por todos os meios ao seu alcance. Mas, assim mesmo, o efeito da propaganda que irradia deste baluarte sente-se claramente, não é necessário muito palavriado para o justificar ou para o impor.

Este número de «Estudos Psíquicos» abre com uma boa notícia: o Centro Espiritualista Luz e Amor acaba de instalar uma filial em Santarém. Tudo está resolvido: casa alugada, autorização do Ex.mo Governador Civil, dia aprasado para a inauguração. E aproveitando o ensejo magnifico que se nos oferece neste momento, o Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos levará Ramos Pereira àquela cidade, a fim de realizar uma conferência no Clube Literário Guilherme de Azevedo, subordinada ao título «O que é o Espiritismo ?».

Assim de chofre, esta informação terá seu quê de mirabolante, tão pouco afeitos estamos a expansões desta natureza. Mas é assim. A verdade é esta. Não vale a pena contar os trabalhos, as canseiras, as desilusões que tivemos durante o tempo (que muito foi) de gestação do novo Centro. O que interessa, por agora, é o facto em si. Ao contrário do que muita gente pensa, as autoridades constituidas não são contra o Espiritismo. O que elas querem é um Portugal melhor, mais digno, mais operoso e mais são. Quem trabalhar, como nós fazemos, em obras construtivas, estamos certos de que alguma coisas conseguirá. Há más vontades, é certo, de um ou outro menos aberto às realidades do presente e às necessidade do futuro, mas tudo isso se pode vencer com força de vontade, pois o senso comum é magnífico património que fica bem a todos e principalmente àqueles que sentem o peso de responsabilidades doutrinárias.

O nosso caso é um bom exemplo que se apresenta. Porque não imitam a nossa orientação ? Vamos para os dez anos de existência legal e nunca fomos incomodados por ninguém. Trabalhámos sempre livremente, nas nossas sessões práticas e nas nossas conferências. É que nós somos homens de ordem, cidadãos pacíficos que desejam a transformação do mundo através da educação bem aplicada e compreendida e não à custa de revoluções sangrentas e guerras fratricidas. Temo-lo dito sempre nas páginas deste mensário. Somos espiritas e somos portugueses. E porque o somos, o nosso dever é apresentar obras dignas de tal sentimento.

A primeira filial em breve começará a trabalhar, com o auxílio de confrades dedicados e dispostos ao sacrifício. E se o exemplo proliferar, o Centro Espiritualista Luz e Amor irá a outras cidades e nelas dará testemunho da sua presença e da sua vitalidade.

Já que não surgem novas células, aqui e ali, a fim de apregoar a doutrina e torná-la conhecida do grande público, desdobrar-nos-emos em acção, em tenacidade, multiplicando as energias na direcção visada.

E breve teremos nova conferência em qualquer teatro de Lisboa.

Assim vamos caminhando, assim vamos semeando... Manda-o a consciência, manda-o a Doutrina Espirita, ideal grandioso e belo que deu à nossa alma a maior alegria da vida.

Out/47

O Inverosímil e os Sábios

pelo Coronel Faure da Rosa

Entre os metapsiquistas ortodoxos figura o nosso compatriota Sr. Reis Gomes, membro da Academia das Ciências de Lisboa, o qual, em 1925, publicou um livro intitulado «Forças Psíquicas».

Só agora o li, porque só agora soube da sua existência.

Divide-se o livro em três partes: «No Consciente», onde distingue uma energia nervosa interna, e uma energia nervosa externa que o autor considera como uma modalidade da energia eléctrica; «No Subconsciente» onde estuda o «psiquismo oculto», as «forças inteligentes» e os «eflúvios ódicos», se bem que não aceite as concepções de Reichenbach a tal respeito; «O Ectoplasma» constitui a 3.ª parte.

Admite que o ectoplasma provenha do próprio médium parcialmente exteriorizado, mas tendo notado a presença de ozone (oxigénio electrizado) em muitas sessões de materialização, supõe que haja produção de eflúvios eléctricos.

Aludindo aos factos de ideoplastia que se observam durante a gestação humana, crê que influência idêntica intervém nas materializações, *graças à acção dos «eflúvios ódicos»*... Reparo que a pesar de não aceitar os «eflúvios ódicos» de Reichenbach, o autor se serve desses mesmos eflúvios para explicar os fenómenos ideoplásticos.

Ora, *od* de Reichenbach, *eflúvios* de Baraduc, *polaridade humana* de Chazarain, *emanação humana* de Moner — tudo isso não é mais do que o célebre «magnetismo animal» de Mesmer.

O dr. Müller, de Zurich, provou com aparelhos de sua invenção que existe no corpo humano uma energia que sai do hálito e, particularmente, *das falangetas da mão*, energia que apresenta efeitos análogos aos da ràdioactividade.

Para Richet, aura, corpo astral, perispírito, eflúvio ódico, são termos equivalentes. Isto poderia levar-me a supor que o Sr. Reis Gomes acredita na existência do perispírito ou corpo astral dos espiritistas... se não fosse a sua afirmação peremptória de que rejeita a doutrina espirita que considera «inverosímil e inadmissível».

Mas, o inverosimil de ontem é a realidade de hoje...

Quando Harvey demonstrou a circulação do sangue, provocou durante trinta anos a indignação de todos os professores, sobretudo os de Paris.

Quando Lavoisier estabeleceu que a vida física era uma combustão, um fenómeno químico, arruinou as obscuras ideias de Stahl e Willis.

Quando Claude Bernard provou que o organismo dos animais fabricava açucar, teve contra ele todos os médicos e todos os fisiologistas. Pasteur, com a descoberta da maravilhosa teoria microbiana, teve de suportar oposições tremendas.

Quando na Academia das Ciências de Paris foi apresentado o primeiro telefone, um dos mais ilustres mestres da Faculdade de Medicina de Paris, disse que se tratava de ventriloquia.

Quanto tempo foram tidos por loucos incorrigíveis aqueles que procuravam construir máquinas volantes mais pesadas que o ar!

Jean Müller, um dos maiores fisiologistas, afirmava que jamais se poderia medir a velocidade da vibração nervosa. Dois anos depois Helmhotz dava a mesuração exacta.

Prevost e Dumas afirmavam que nunca se conseguiria purificar a substância globular do sangue. Hoje todos sabem que a preparação de hemoglobina cristalizada pura é uma das operações mais fáceis da química fisiológica.

O Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris, Dr. Charles Richet — na última lição que ali proferiu em 26 de Junho de 1925, evocou essas inverosimilhanças e concluiu assim:

«Eu não tenho a pretensão de igualar esses mestres, mas apoiar-me-ei neles para me atrever a declarar revolucionário, quer dizer, para ter fé, ùnicamente, no método experimental. Resolutamente, respeito as opiniões banais do vulgo, desprezo os prejuízos, as teorias, as concepções de sábios rotineiros e cegos que não querem olhar os factos e que para guia da sua opinião, admitem a opinião comum e não o método experimental».

Aos exemplos da resistência dos sábios misoneistas, o Dr. Osty acrescenta outros:

«Quando, em 1749, apareceu o livro de Buffon *Teoria da Terra* e *Sistema da Formação dos Planetas*, em que contradizia os dogmas escolásticos da velha Sorbonne, debalde o autor desenvolveu o maior engenho para demonstrar que as suas hipóteses, baseadas em factos, não se opunham à génese bíblica. Não houve maneira. Buffon teve de suprimir todo o equívoco por declaração peremptória perante o corpo doutoral da Sorbonne.

«E quando — decorridos trinta anos — Buffon publicou as *Épocas da Natureza*, onde talvez tivesse sido mais ousado, o Colégio doutoral da Sorbonne teve novo abalo e, embora passageiramente, tentou inquietá-lo. Mas os tempos tinham mudado. Montesquieu publicara *O Espírito das Leis* e Voltaire ridicularizara os dogmas. A Enciclopédia arepiara um pouco o cérebro dos homens. Tal qual como um mocho surpreendido pela luz, a Sorbonne irritada, mas impotente, recolheu-se ao vazio das suas crenças caducas».

Mais ou menos por essa época, o americano Benjamim Franklin afirmava possuir a prova de identidade entre o raio e a faisca eléctrica, e gabava-se de ter inventado um processo simples e eficaz de abrigar as casas da acção do raio: o pára-raios. Foi uma risota descarada em todo o velho mundo. A Sociedade Real de Londres foi um dos maiores opositores.

Enorme dificuldade teve Edward Jenner em fazer aceitar a vacina, inovação da maior importância que ao mesmo tempo representava a descoberta da *imunização*, em geral, e mais particularmente o preservativo contra um dos maiores flagelos da Humanidade: a varíola. Esta inovação encontrou resistências ardentemente activas, sobretudo entre os profissionais da arte de curar. Os opositores mais tenazes foram os médicos, a fina flor dos médicos.

Alguns inovadores morreram de desespero por não serem compreendidos e por se sentirem impotentes para objectivarem o seu génio.

Tal foi, entre muitos, a sorte do Dr. Mayer, de Heilbronn (Alemanha). Durante nove anos — de 1842 a 1851 — publicou as suas memórias sobre *A Equivalência Mecânica do Calor*. Nenhum sábio se interessou por esta obra que estabelecia o princípio da conservação da energia — a *termodinâmica* animadora da vida industrial. Mayer morreu desesperado e ignorado. Mais tarde, Thomson e Joule tornaram clássica a magnífica descoberta desprezada.

Mais triste foi a sorte do Dr. Semmelweis, professor assistente do professor Klin — o director da Maternidade do Hospital Geral de Viena. Nessa clínica, em 100 parturientes, 96 morriam de febre puerperal. Semmelweis notou que em outra clínica de partos — a do professor Bastch — as parturientes morriam em muito menor quantidade. Ali a observação das parturientes era feita por parteiras e não por estudantes como na clínica de Klin. Notou também que as mulheres surpreendidas na rua pelo trabalho de parto e em seguida conduzidas para a clínica de Klin, eram quase sempre poupadas pela fatal doença.

Semmelweis comunicou as suas observações ao seu chefe e propôs-lhe esta medida banal, mas revolucionária para a época: que os estudantes lavassem as mãos antes de tocarem numa mulher grávida. Klin recusou terminantemente. Como Semmelweis insistisse, foi logo destituido das suas funções.

Isto passou-se em Viena, uma das grandes capitais da Europa, nos meados do século XIX, precisamente em Outubro de 1846.

Semmelweis entrou pouco depois para a clínica do professor Bastch do mesmo hospital, onde lhe permitiram pôr em prática as suas ideias. Nenhuma mulher foi examinada sem que médico, estudante, parteira ou enfermeira tivessem prèviamente lavado as mãos numa solução de cloreto de cal. Pela primeira vez nos Anais da Medicina a febre puerperal desceu para 0,23 por cento. Feita esta demonstração, Semmelweis julgava ter ganho a partida, mas foi o começo do seu martírio. Estudantes, médicos, enfermeiras, parteiras e *as próprias mulheres em trabalho de parto*, todos se mostraram horrorizados com a inovação e o inovador.

Os ódios foram tão violentos e tiveram tanta insistência que, em Março de 1849, o ministro, pela segunda vez, teve que o exonerar das suas funções.

Semmelweis apelou para o estrangeiro, mas não obteve melhor acolhimento das sumidades médicas. Morreu aos 47 anos com o espírito desequilibrado pela longa tortura moral que teve de suportar.

Só muito mais tarde, em 1876, é que Pasteur com a sua obra genial e a sua acção combativa, conseguiu que se adoptasse a antissépsia nas doenças contagiosas, mas não sem se ter exilado durante longo tempo.

Durante 30 anos a febre puerperal matou milhares e milhares de mulheres, porque as

sumidades médicas da Europa se recusaram, em nome das suas crenças científicas, a experimentar esta coisa tão simples: lavar as mãos.

Lavoisier, o fundador da química moderna, director da Academia das Ciências de Paris, um dos maiores génios de todos os tempos, afirmou categòricamente que não podiam cair pedras do céu porque as não continha.

E Laplace, o prodigioso sábio, autor do *Tratado da Mecânica Celeste,* ilustre matemático e astrónomo, declarou que a queda dos aerólitos era uma fábula indigna do interesse de um sábio.

Aconteceu, em 1803, ter caído uma chuva de pedras na cidade de Laigle. A Academia das Ciências incumbiu Jean Baptiste Biot, seu membro mais novo, de examinar as pedras e estudar a realidade dos aerólitos. Biot concluia assim o seu relatório: «Dar-me-ei por satisfeito se tiver conseguido não deixar a menor dúvida acerca de um dos mais espantosos fenómenos que os homens jamais observaram».

Mais estranho foi o procedimento de Cuvier com a Paleontologia humana, porque ele mesmo se transformou em esterilizador da sua obra pessoal. Criador da anatomia comparada e da ciência dos animais extintos, este sábio foi o mis violento opositor das ideias evolucionistas. Movido pela sua crença sobre a origem das espécies, em todos os pontos conforme com os ensinamentos da Bíblia, ele tornou-se, pelo seu prestígio e pela actividade combativa dos seus discípulos, um temível obstáculo a uma verdade científica do mais brilhante futuro. Este espírito eminente tentou, assim, com todas as forças de que dispunha, retardar o progresso da Zoologia e da Paleontologia, ramos das ciências por ele criadas.

Faleceu recentemente o célebre físico alemã Max Planck, autor de um trabalho famoso, publicado em 1899, em que expunha a teoria de que a radiação, em vez de contínua como até ali se acreditava, era intermitente e, como a matéria, constituida por unidades indivisíveis *(teoria dos quanta)*. Esta teoria revolucionária, acolhida com cepticismo, só foi definitivamente aceita em 1917, depois dos trabalhos de Einstein.

O aparelho «electro-encefalógrafo» (1) permitiu que dois sábios franceses, os Drs. Koressios e Marchal, pudessem obter gráficos das «ondas cerebrais», prevendo-se que o estudo dos fenómenos eléctricos do cérebro possa conduzir a tratamentos eficazes de muitas doenças, sem embargo de desde já se prever a luta que estes dois inovadores terão de sustentar contra a teimosia da ciência oficial. Seriam precisos muitos volumes para relatar a história das invenções negligenciadas ou condenadas pelas autoridades da época que as viram nascer. Lembremos ao acaso algumas delas — escreve Auguste Lumière no seu jornal *Avenir Medical:* «A locomoção e navegação a vapor; a telegrafia submarina; a antiguidade geológica do homem; a animalidade dos corais; a possibilidade de vida nos abismos oceânicos; a supressão da dor nas operações cirúrgicas; a telefonia; a vacina; o fonógrafo e... quantas, quantas mais na sua origem foram contestadas ou consideradas como utopias.

«Os inovadores — diz Lumière — só têm um único remédio: aquele que Broca indicou numa carta a Pouchet, em que dizia: «... Uma verdade nova que vá de encontro a preconceitos, não tem maneira de vencer a hostilidade dos sábios oficiais. Não há nem raciocínio nem factos que valham; só a morte deles pode fazer triunfar a verdade nova. Os inovadores devem resignar-se e saber esperar a chegada dessa aliada, como os russos souberam esperar a chegada do general Inverno».

Sigamos o conselho de Broca: esperemos que os sábios «rotineiros e cegos» de que fal Bichet, recuperem a vista no Astral. Em futuras encarnações hão-de vir mais progressivos.

/ / /

O Sr. Reis Gomes, nas suas conclusões, transcreve duas comunicações recebidas pelo nosso grande médium picográfico Fernando de Lacerda para demonstrar que não procedem de desencarnados:

A política é a mais *extenuante* e a mais *calcinante* de todas as paixões *terrenas.*

15-8-908 *Hintze Ribeiro*

«Qual a *paixão* humana que não *extenua* nem *calcina?* Talvez a da *Caridade.*

15-8-908 *Gomes Coelho*

Porque há identidade de termos nas duas comunicações para exprimirem ideias *semelhantes* — tão *semelhantes* que a segunda até

(1) Veja «Estudos Psiquicos», n.º 7 de 1947, a páginas 290.

parece resposta à primeira — conclui o autor que ambas elas derivam do cérebro do médium. Nota ainda que tais comunicações são banais e inferiores. *impróprias das mentalidades superiores que as subscrevem.*

O autor parece esquecer-se que é frequente, na vida terrena, mentalidades de escol servirem-se, inconscientemente, de vocábulos iguais ou idênticos para exprimirem ideias congéneres.

Desde que assim é e sabendo-se que se ingressa no Além com as qualidades e defeitos adquiridos neste mundo, não há que estranhar a identidade de termos empregados nas comunicações transcritas.

Quanto à *banalidade*, pelo visto, o autor não admite que aquelas personalidades pelo facto de possuirem ilustração superior, tivessem praticado actos banais e de acentuada inferioridade a que estão sujeitos todos os humanos. Como se os homens notáveis pela sua intelectualidade, uma vez no Além só devessem produzir transcendências, mesmo para exporem ideias comesinhas.

O cérebro do médium intervém nas comunicações, sem dúvida, e não raro as deforma; nem de outra maneira seria possível obtê-las. Mas a sua intervenção é semelhante à do telegrafista na transmissão de uma mensagem. E quantas vezes o telegrafista omite, troca ou deturpa as palavras!

O médium não é mais do que um *aparelho* de que o Espírito se utiliza para comunicar com os viventes terrenais.

Um concerto pode ser esplendidamente executado e a transmissão radiofónica ser defeituosa; tudo depende da qualidade do aparelho, da atmosfera, das interferências...

O médium está sujeito a contingências idênticas, certamente mais susceptíveis de causarem alterações por se tratar dum *aparelho* de carne e osso.

Reproduzo parte duma mensagem do Além que explica as dificuldades de transmissão dos desencarnados:

«Quando dois amigos simpatizam inteiramente um com o outro, quer dizer, quando as afinidades psíquicas coincidem, eles entendem-se sem necessidade de se dizerem os seus pensamentos. O guia deseja fazer o mesmo com o médium; mas só pode consegui-lo por meio do desenvolvimento do contacto mental — não do contacto cerebral, mas por uma afinidade intensa de processos de pensamento através do mental, semelhante ao que acontece a duas estações de rádio conexas, as quais tanto podem receber como expedir mensagens.

«Então, de novo se produzem forças que, constantemente, vêm de vocês até nós, de algum modo comparáveis a raios de sol. É ao longo dessas linhas de luz que estabelecemos relações convosco.

«A energia radiactiva da médium com quem comunico, tem tanto força que nós, daqui, podemos corresponder-lhe e trabalhar com ela ao longo dessas linhas de luz. Estas energias radioactivas, porém, só operam quando nós, os guias, deliberadamente abrimos a janela do nosso lado. O contacto deve produzir-se entre os dois extremos, mais especialmente do nosso para vos lembrar que o nosso é o lado que expede e que vosso é o lado que recebe». (2).

(2) Comunicação de *Lady Mona* recebida pela médium Rosemary. *The Ancient Egypt Speaks.* (Veja *Revista de Espiritismo* de 1937, n.º 6, a pág. 206).

Mais uma excursão de Leopoldo Machado

Do nosso representante e correspondente em S. Paulo, confrade Vicente Neto, recebemos notícia de mais uma via-sacra a serviço do Mestre, deste peregrino moderno que, atendendo gradativamente aos múltiplos convites que constantemente recebe de todas as partes do país, seguiu no dia 11 de Setembro rumo ao Estado de S. Paulo.

Desde a chegada à Capital Paulista, no dia 12 pela manhã, onde teve festiva recepção por uma plêade de amigos, até o seu retorno a Nova-Iguassú, no dia 25, o Prof. Leopoldo Machado, acompanhado nessa excursão pelo nosso representante naquele Estado, foi alvo de manifestações grandiosas.

Nada menos de 14 conferências, em 12 cidades, proferiu o conferencista, abordando, em todas elas, temas de profundo interesse geral.

Araraquara, Matão, Taquaritinga, Itápolis, S. Carlos, Judiaí, Limeira, Campinas, Santos, Sorocaba e S. Paulo, inclusive o Asilo Colónia de Pirapitingui, foram os centros visitados.

Em Araraquara e Matão, foram empossadas duas Juventudes Espiritas e, em muitas cidades, as conferências eram proferidas em auditórios adrede preparados.

Em vista da dificuldade de se dar um relato completo do que foi essa brilhante excursão, devido aos muitos afazeres do nosso correspondente, as crónicas em questão, serão publicadas no Clarim, *de Matão, Estado de S. Paulo.*

TENDÊNCIAS DO MOVIMENTO ESPIRITA BRASILEIRO

por Deolindo Amorim
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro)

III

A tendência religiosa do Espiritismo no Brasil não vem exclusivamente do Catolicismo. Há outras fontes. As religiões de origem africana, assim como as de origem indígena, que se achavam distribuidas por diferentes áreas do território brasileiro ao tempo do descobrimento e da colonização, não deixam de ter apreciável contingente de influência na orientação do movimento espirita, cujos primeiros núcleos surgiram no Rio e na Bahia, no século passado. É verdade que o Espiritismo encontrou os chamados cultos aborígenes muito modificados, pois tanto estes como os de procedência africana, já se haviam ligado ao Catolicismo, formando o sincretismo de que muito se ocupam os estudiosos deste assunto. Temos, portanto, três fontes e não apenas uma, embora o Catolicismo tenha tido maior influência, por força de seus processos de catequese. O fenómeno é típicamente brasileiro.

Além da colonização portuguesa, genuinamente católica, o que permitiu aos jesuitas organizarem as primeiras escolas, inaugurar o teatro rústico nas selvas, ministrar rudimentos de filosofia, imprimindo, assim, orientação católica à formação do povo, teve o Brasil, de 1580 a 1640, sessenta anos de governo espanhol. É certo que o domínio espanhol não chegou a fazer pròpriamente colonização, mas contribuiu para que se fortalecesse o espírito religioso. Portugal e Espanha estavam em luta política nessa época, mas eram duas monarquias afins, porque os seus tronos, já àquele tempo seculares, eram bafejados pelo prestígio da Igreja Católica. O acontecimento que poderia ter desviado ou enfraquecido a influência católica no Brasil não chegou, todavia, a fazer grande penetração espiritual, porque se restrigiu a uma parte do nordeste: o domínio holandês (em 1637). Mas o governo holandês estabeleceu-se em Pernambuco, e sua zona de influência não foi muito além das capitanias (hoje Estados, nordestinos), como Paraiba, Rio Grande do Norte, ou até Bahia, ainda assim, neste último, em consequência da primeira invasão e dos combates que se travaram durante a guerra.

O príncipe Maurício de Nassau trouxe para o Brasil, a pesar do espírito comercial que se embalava sob o pavilhão da célebre Companhia das Índias Ocidentais, um grupo de homens ilustres — artistas, astrónomos, naturalistas — com ideias religiosas opostas ao Catolicismo, principalmente porque o Protestantismo contava com simpatias muito francas na Holanda. Mas o domínio holandês, que não foi longo, não tendo tido expansão no país inteiro, pouco influiu na mentalidade religiosa que vinha sendo plasmada pelos jesuitas, naturalmente porque as condições do meio, a precariedade do primitivo sistema de comunicações, assim como a preocupação de Nassau com a administração, que muito se fez sentir no Recife, não deram margem ao fidalgo holandês para estender largamente o espírito de sua civilização. Na génese das ideias religiosas do Brasil preponderam, como se vê, três elementos: católico, africano e indígena.

O Espiritismo não encontrou, portanto, no século XIX, unidade religiosa no Brasil. Até hoje, a pesar de se dizer que o Catolicismo é a religião da *maioria*, o que existe é muita heterogeneidade, justamente porque o sangue que corre nas veias do povo não é de uma só procedência. Não temos unidade religiosa nem cultural, porque recebemos influências diversas em todo o curso de nossa educação. Por aí se vê que a apregoada *maioria* católica é muito discutível. Há, sim, muita gente meio católica, meio espirita, meio fetichista. Isso prova o espírito de heterogeneidade religiosa formado com a própria nacionalidade. Muitas pessoas, notadamente das altas camadas sociais, vão à missa pela manhã, mas à noite vão beijar a mão de *pai de terreiro;* procuram o sacerdote para os actos públicos, como baptizado, casamento, etc., mas fazem as suas consultas particulares a cartomantes, adivinhos. Logo, não há convicção religiosa. Muitos e muitos católicos frequentam a igreja, recebem comunhão, acompanham procissões, mas recebem passes nos centros espiritas, pedem que se façam preces pelos seus parentes desencarnados. Que quer dizer tudo isso, senão falta de convicção religiosa? Onde está, este caso, a religião da maioria?... Diz-se que a *massa* da população é católica, pòrque o último recenseamento demonstrou a existência de maior número de católicos no país. Este argumento é também discutível porque existem milhares de católicos que tomam parte nos actos religiosos apenas *socialmente*. Quanta gente não há por aí, que faz da vida religiosa mera convenção social, e por

isso vai aos templos, ajuda a conduzir o andor nos dias de procissão, faz tudo, enfim, quando exijam as prescrições exteriores da religião, mas simplesmente para dar satisfação à sociedade...

///

O Espiritismo encontrou ambiente místico no Brasil. Daí sua inclinação religiosa. Mas é indispensável distinguir, na tendência religiosa do movimento espírita brasileiro, dois aspectos: o místico, com preferência para os nomes de santos e para outras formas de imitação do Catolicismo, e o sentimental, purificador, renovador. Quando se diz que o Espiritismo no Brasil é mais religioso do que científico, não se entende, de modo geral, a religiosidade exterior, o culto organizado. O Espiritismo no Brasil é, sim, mais evangélico, o que não é a mesma coisa que religioso, no sentido comum, aplicável à ideia de culto material, com símbolos, ritual, etc.

Podemos resumir a explicação nesta frase: o Espiritismo no Brasil é mais sentimental, mais caridoso do que científico, isto é, científico na acepção estrita de fazer pesquisa, de realizar sessões experimentais. O que ainda resta do Catolicismo em numerosos centros e grupos, e só desaparecerá depois de muito tempo, com a formação de nova mentalidade, é uma prova evidente da infiltração católica no meio espírita, desde os primeiros momentos da divulgação do Espiritismo no país. Mas o que é preciso reconhecer é que o próprio Espiritismo, pela pregação doutrinária, pela orientação educacional que muitos centros imprimem a seus trabalhos, já tem feito muito para afastar os vestígios da influência católica. Muitos centros e grupos, que começaram «misturando» catolicismo, mediunismo e evangelismo, já estão emancipados, já se enquadraram na codificação de Allan Kardec. Já se vê que o Espiritismo tem procurado reagir praticamente contra as tendências do meio. Não é, portanto, na existência de vestígios do Catolicismo que está o aspeco religioso do Espiritismo. Este aspecto é como que a transição do Catolicismo para o Espiritismo. Se ainda se encontram em grande parte dos grupos e centros alguns remanescentes do Catolicismo, a culpa desse estado de coisas cabe à educação católica, responsável pela superstição, pelo medo de Deus e por outras concepções tradicionais não apenas no Brasil, mas nos países onde se fez sentir a assistência da Igreja, como nas antigas colónias espanholas da América do Sul, hoje laboriosas Repúblicas, parte integrante da comunidade americana, mas ainda sujeitas a certas manifestações atávicas.

///

A tendência religiosa do movimento espírita brasileiro afirma-se mais, como dissemos no primeiro artigo, no lado sentimental, que inspira as obras de assistência social, por isso que frisámos inicialmente que o Espiritismo no Brasil é mais social. Faz-se questão de estudar e divulgar o Evangelho, mas com a preocupação de reformar o homem, de confortar as almas sofredoras, e não sob qualquer forma exterior de culto. As excepções à regra, e são muitas, demonstram apenas que ainda se faz sentir a influência das duas correntes que se ligaram ao movimento espírita: o Catolicismo e o Africanismo. Naturalmente com a evolução dos hábitos, com o desenvolvimento dos estudos doutrinários, tais práticas irão cedendo lugar ao Espiritismo, adaptando-se conscientemente à «simplicidade dos actos espíritas». Pelo facto de ter o Espiritismo no Brasil evidente e notória tendência religiosa, não se suponha que exista entre nós igreja organizada, cerimonial espírita, etc. Absolutamente. A tendência religiosa — convém repetir — resume-se na preferência pelo Evangelho, na pregação constante de temas sentimentais, como o amor ao próximo, a caridade, o perdão, a tolerância, o respeito às crenças alheias, por exemplo. Evidentemente, o Espiritismo no Brasil é de uma tolerância admirável. Neste ponto, adversários do Espiritismo se curvam à realidade. Basta dizer, para não apontar outros exemplos, que quase geralmente se evita qualquer ataque ao Catolicismo, ao Protestantismo, etc, na tribuna espírita. A circunspecção em relação às crenças religiosas é, por assim dizer, regra geral. As casas espíritas fazem questão de respeitar a crença, quando se trata de prestar assistência a quem quer que seja. As numerosas escolas espíritas, de instrução primária, aceitam filhos de católicos, livre-pensadores, etc., assim como os abrigos, orfanatos, que recebem necessitados de qualquer procedência religiosa, indistintamente. Até mesmo no chamado meio profano, já se sabe que os espíritas são liberais. Aqui vai um exemplo. A Liga Espírita do Brasil, que mantém seis escolas primárias, tem sido solicitada por departamentos oficiais para matricular crianças encaminhadas ao meio espírita por falta de vagas nas escolas da municipalidade. Várias instituições leigas também se dirigem à Liga e a outras entidades espíritas, a fim de pedir auxílio para certas campanhas humanitárias. Tais factos provam que os espíritas, embora combatidos, são realmente liberais, porque colocam o Bem acima das ideias religiosas.

Há tempos, tivemos ocasião de presenciar uma casa interessante. Em determinada instituição, de natureza cultural-recreativa, apareceu um rapaz, muito doente, mal vestido, em estado de penúria, pedindo auxílio material. O Tesoureiro, única pessoa indicada para resolver o assunto, não estava no momento. Achavam-se presentes, casualmente, outros directores. Todos se compadeceram do rapaz. Resolveram, então, fazer um «rateio», dando cada um, de seu próprio bolso, para poupar o cofre da instituição, alguma importância ao pobre moço. No fim de tudo, um dos

RABINDRANÁ TAGORE

(1941 — 7 de Agosto-1947)

(Tradução de I. D. S.)

por Esperanza Martín

Foi Rabindraná Tagore um dos mais insignes poetas e educadores da India moderna. Através de suas obras, impregnadas de amor, soube elevar a magnificência de sua alma, feita para captar os pensamentos mais subtis e os sentimentos mais puros do ser.

Este grande poeta converteu a natureza em fonte perene de inspiração. Nenhum outro escritor sabe, como ele, trasladar-nos aos belos lugares da sua imaginação, que descreve com tamanha arte e mestria em seus inspirados poemas, onde atinge expressões mágicas e supreendentes coloridos.

Como pensador, Rabindraná Tagore alcançou os mais altos píncaros da espiritualidade, remontando às maiores concepções filosóficas, num país e num ambiente em que o espiritualismo e a filosofia têm florescido desde as mais remotas idades.

As suas novelas, cheias de juvenil encanto e românticos colóquios, fazem-nos lembrar os frescos anos de sua mocidade e realizam ao mesmo tempo sagaz estudo psicológico do seu povo e dos complexos aspectos da multiforme sociedade hindu.

Neste dia 7 de Agosto faz seis anos que desapareceu este grande espirito, cuja influência ultrapassou as fronteiras de sua pátria, para se estender ao Oriente e ao Ocidente, como símbolo de harmonia, paz e serenidade. Rebindraná deixou ao mundo vasto e extraordinário legado, produto de seu génio múltiplo e de sua primorosa sensibilidade. Ao ler as suas obras, o nosso espírito adquire asas para acompanhá-lo em seus elevados e sublimes voos de imaginação e de amor. Nunca poeta algum pôde sublimar ideias e emoções em formas tão etéreas e musicais como o bardo hindu e não se penetra nos domínios encantados de sua alma sem que nos sintamos subjugados pela fina potência com que ela nos envolve e faz sonhar.

Mas o pensamento universal do poeta não se encontra limitado sòmente à sua obra literária e filosófica. Um grande amor à humanidade vive em Tagore e constitui um dos mais fortes impulsos para as acções e realizações das diversas fases de sua vida.

Por esse amor a todos os seres, sem diferença de raças, sem distinção de religiões, sem exclusão de castas, Tagore desenvolve a maior obra de sua vida, o grande esforço que mostra a generosidade de sua alma, a compreensão de seu espírito, o valor de suas comunicações. Ao fundar a sua Escola Internacional, em Bulpur, denominada em Bengala Santi-niquetan *(Morada da Paz) e rompendo com os preconceitos ancestrais do seu país e pondo em prática um dos mais nobres pensamentos de todos os tempos, Tagore cria na India exemplos vivos de tolerância, de amor e fraternidade.*

Na escola são admitidas crianças e jovens de todas as classes sociais e de todos os credos religiosos, ensinando-se-lhes, desde o primeiro instante, o máximo respeito pelas ideias dos outros e absoluta tolerância pelas crenças e sentimentos; além disso, a fraternidade, a cooperação, o serviço, o amor aos seres viventes, são as características que impregnam

---

presentes, homem inteiramente alheio ao meio espirita e a qualquer ideia religiosa, um tanto livre-pensador, fez esta observação: *garanto que se esse rapaz fosse a uma instituição espírita, seria imediatamente ajudado; os espiritas são gente boa, não deixam sair um necessitado sem auxílio.* Há pouco tempo, deu-se isso justamente do Natal. Uma instituição espirita recebeu pedido de uma senhora da alta sociedade, como se costuma dizer, no sentido de lhe serem reservados alguns cartões para os pobres. Alguém, portador do recado, perguntou à referida Senhora porque, sendo ela católica, tendo tantos recursos à mão, mandava pedir cartões a uma casa espirita para os «seus» pobres de Natal. Sabem os leitores qual foi a resposta? Simplesmente esta:

— *Porque as instituições espiritas são as únicas que realmente dão alguma coisa que preste aos pobres; há muita gente que faz distribuição de roupas, brinquedos, géneros alimentícios aos pobres, mas o que essa gente por aí distribui é tão ruim, tão imprestável, que nem para os mendigos serve, ao passo que os espiritas sempre distribuem o que é bom, o que de facto serve...*

Eis aí, finalmente, o resultado prático da verdadeira tendência sentimental do éspiritismo no Brasil.

FIM

cumpre amplamente a missão que seu nome indica e o seu prestigio é imenso, na India e fora dela, onde quer que existam amantes da bondade e da tolerância.

Tagore é o animador da escola e nela desenvolve não só profunda sabedoria, fomentando a solidariedade e o amor e desfazendo as diferenças sociais e raciais com laços de de união espiritual, como também sustenta econòmicamente aquela fundação até desencarnar, impondo-se enormes sacrificios que repercutem em sua vida, mas que não lhe afectam o espirito desinteressado e idealista.

Laureado com o prémio Nobel de Literatura, viajando pela Europa e pelos Estados Unidos, a toda a parte levou sua nobre e secreta ambição de obter a união fraternal e limpida, em matéria e espirito, do Oriente e do Ocidente, para espiritualizar este e eliminar daquele os desejos estranhos de dominação económica que inferiorizavam e levavam a miséria às populações asiáticas.

Tagore participou também na luta política dos nacionalistas hindus, a fim de se libertar do dominio britânico; mas não quis aceitar a responsabilidade espiritual das violências e derramamentos de sangue que alguns exaltados buscavam e retirou-se dessas lutas para se dedicar inteiramente à sua obra de poeta, filósofo e educador.

Devemos recordar com veneração esta data de 7 de Agosto de 1941, porque marca o dia em que abandonou a terra um dos mais nobres, generosos e elevados espíritos que nela têm vivido. As suas obras podem mitigar em parte o grande sentimento que originou a sua perda; mas através de seus poemas temos a dita de encontrar o poeta subtilissimo que, levando-nos fraternalmente pela mão, nos conduz a luminoso reino de luz e beleza, em cujo interior encontraremos a paz serena do espírito, a doce harmonia dos pensamentos nobres, a contemplação extasiada da natureza.

Santiago do Chile, Junho de 1947

Jovem Que Recupera a Fala

Dulce é uma jovem brasileira de 19 anos, residente em Poconé, que aos 5 anos emudecera, em virtude de um susto. Tendo passado a residir com seus tios, em Corumbá, estes, desde 19 de Março de 1945, começaram a levá-la a sessões espiritas onde trabalhava o médium Miguel Arcanjo de Oliveira. O guia deste médium, um índio que se faz chamar por Tupinambá, atribuia a mudez da jovem a obsessão provocada pelo espírito doutro índio que em vida fôra mudo, e anunciou a cura para o dia 20 de Maio, o que efectivamente se verificou.

(Da *Tribuna*, de Carumbá)

Quem Sabe, Não Perdoa

por Santiago Argüello

O homem aproximou-se do sarçal.

Levantou a mão para lhe tocar e houve um ai! em sua boca e um rubi em seu dedo.

Deu com o espinho e o espinho feriu-o.

O homem enxugou o sangue; e olhando para o sarçal exclamou:

— Perdoo-te.

E eu admirei e bendisse em mim aquele homem que tinha o suave dom de perdoar.

///

E aconteceu que veio outro homem e parou junto ao sarçal.

E também levantou a mão para lhe tocar.

E o espinho feriu-o.

Mas o homem só enxugou a ferida. Ficou a olhar amorosamente o espinho. E não disse: «Perdoo-te».

///

Eu pensei:

— Aquele homem era um santo. Sabia perdoar. Este, não sabe.

Mas o meu Senhor interrompeu-me:

— Tu é que não sabes.

— Como, Senhor...! Aquele...

— É um santo, porque perdoou quando foi preciso.

— E este?...

— Mais santo ainda, porque não lhe é preciso perdoar.

E como eu ficasse perplexo, Ele explicou, com gravidade compreensiva:

— O espinho fere, porque é espinho. Mesmo que quisesse, não perfumaria. Aquele, sentiu a dor da picada; e como não sabia, julgou o espinho culpado e ofendeu-se; mas como era limpo de coração, perdoou. Este, sentiu a dor; mas, como sabia que todos os espinhos picam, porque isso é ser espinho, não sentiu ofensa alguma. E como não tinha que perdoar, não perdoou.

///

Desde então, sofro menos quando me ferem. Doi-me a ferida. Mas, como a minha alma sabe, não há ofensa; e, como não há ofensa, não há perdão. Em troca, flui amor piedoso para o pobre espinho, que ainda não chegou a flor.

E a dor transforma-se-me em doçura.

Porque já aprendi a perdoar.

ESPIRITISMO DE VIVOS

(DECÁLOGO)

por Leopoldo Machado

I — Doutrinação de encarnados, pelo estudo da «Doutrina Espirita» e do «Evangelho do Cristo», a fim de que, desencarnados, não precisem de aparecer nas sessões mediúnicas para serem doutrinados. Às vezes, depois de obsessões...

O estudo gera a sabedoria e o conhecimento. Ambos engendram o amor fraterno, sem subserviências e servilismos.

«Amai--vos, eis vosso primeiro dever. Instrui-vos, eis o segundo», aconselha, glosando lições do Evangelho, uma voz autorizada do Além.

II — Socialização do Espiritismo por força de movimentos confraternais.

Obra de pura sociabilidade cristã, em nome do Espiritismo, é tudo o que arrasta muito espirita de seu comodismo, do exclusivismo de seu centro, ou de seu meio espirita, para fraternizar com seus irmãos através de movimentos constantes de aproximação, de visitas de confraternização, de semanas espiritas organizadas, de congressos, etc., etc.

«Que vos ameis uns aos outros, pois só assim provareis que sois meus discípulos», disse o Cristo.

E os Espíritos de Luz andam a dizer que os espiritas são os cristãos modernos.

Ora, todo movimento de aproximação implica incentivos para os espiritas se conhecerem melhor, para melhor se amarem...

III — Jornadas e excursões de propaganda, num *«Ide e Pregai», à medida das possibilidades* de cada um.

Levar palavras de conforto e de fé, com a nossa presença, a irmãos distantes, vale por apreciável transfusão de energias e de vitalidade aos irmãos visitados.

IV — Restauração da alegria cristã. Alegria de crer e de viver.

«Paz e alegria» era a norma de tratamento entre os primitivos cristãos. Só por isso, a Doutrina Cristã e o Espiritismo não devem permitir ambientes de câmaras mortuárias.

Para eminente filosofo, «entre os erros que a Igreja de Roma cometeu, um dos maiores foi o de ter extirpado a alegria da Doutrina do Cristo».

V — Amparar, por todos os meios, a criança.

O amparo cristão conferido à criança, em nome do Espiritismo, além de preparar futuras gerações espiritas, é serviço prestado à Doutrina, à sociedade, à pátria, à humanidade, quer no presente, quer no futuro.

VI — Atrair a Juventude, transmitindo-lhe consciência religiosa, espirítica.

Cuidar, a sério, da formação de «juventudes espiritas organizadas», é cuidar de nossos substitutos, talvez com maior preparação cristã.

Não há-de ser só em programas pesados e soturnos, em estudos e conferências massudas, em trabalhos mediúnicos, que se poderá interessar a infância e a juventude na Doutrina.

A arte, a literatura, a alegria cristã, as festas sem carácter profano são, para tanto, indispensáveis.

VII — Propaganda pela arte.

A arte e as belas letras, o teatro e a alegria cristã a serviço da propaganda do Espiritismo, são de resultados magníficos. Mormente para interessar as crianças, os jovens, as mulheres, interessando, ainda, a espiritas e não espiritas, a gregos e a troianos.

VIII — Obras de assistência a necessitados de toda a espécie.

Distribuir conforto e recursos materiais e morais é, certamente, trabalho mais proveitoso do que a simples distribuição de palavras, pregações e conferências.

Se é o bem que salva, como ensina o Cristo principalmente na parábola do «Bom Samaritano», e sendo a legenda máxima do Espiritismo «Fora Da Caridade Não Há Salvação», é claro que são as obras e não o rótulo religioso, as pregações e as práticas ritualísticas que aproveitam para a nossa salvação.

IX — Libertar o Espiritismo do mediunismo inexpressivo, o que procura condicionar as finalidades da Doutrina.

A mediunidade bem dirigida é a maior força do Espiritismo.

Mal orientada, a maior fonte de descréditos.

E sempre que houver, de nossa parte, abdicação do raciocinio e da razão, do senso crítico e do discernimento para a aceitação de tudo que se nos inpinja com o nome de comu-

Out/47

A EDUCAÇÃO MODERNA

por Adelaide Ivone de Sousa

Nos meios oficiais chamam-lhe Educação Nova e no nosso ambiente é justamente denominada por Educação Neo-Espiritualista, por corresponder ao espírito da nossa época.

A educação da criança e dos adoslescentes é desde alguns anos alvo das maiores atenções por parte de vários países. Acabamos de ver o que na América se realizou com a criação da Escola Dominical; o Brasil também estabeleceu escolas neo-espiritualistas, e antes da Guerra mundial diversos congressos estudaram tão interessante e urgente problema.

O Conselho Federal Suiço realizou o 1.º Congresso Geral da Criança em 1925 em Génova. Neste congresso em que se fizeram representar trinta países, com cerca de quinhentos participantes, Portugal brilhou pela sua ausência. E só me consta que este tão importante problema tivesse sido focado nos congressos feministas que o Conselho das Mulheres Portuguesas realizou em Lisboa, em 1926 e 1928.

Recuando, verificaremos que foi na conservadora. Grã-Bretanha, em 1889, que se fundou o primeiro internato, rompendo com os tradicionais métodos pedagógicos. Terminou-se com os rigores militares e conventuais, baseando a sua orientação educativa na liberdade, actividade física, vida rústica, formação do carácter pela livre expansão do indivíduo, que nesse internato recebia uma sólida preparação para as realidades da vida.

Este método, que em Portugal foi conhecido pela «educação inglesa», passou além fronteiras e frutificou, principalmente na Alemanha.

Eu posso considerar-me das felizes e raras portuguesas que na meninice receberam esses excelentes princípios educativos.

Na realidade, qual é o fim geral a atingir na educação?

Proporcionar a maior felicidade humana pela relação estreita e proveitosa da educação no indivíduo, e deste com o ambiente em que tenha de viver. *Cada ser tem a obrigação de ser útil ao seu próprio progresso moral, material e físico, como também à colectividade a que pertença.*

Compete a cada indivíduo, à medida que os seus conhecimentos se vão alargando, aperfeiçoar-se nas actividades profissionais, artísticas e filosóficas de acordo com o seu temperamento e com a sociedade. Só poderá singrar na vida aquele ou aquela que recebeu princípios educativos em que lhe foi demonstrado que tem de *conhecer o seu próprio valor* — em qualidades e defeitos — para desenvolver as suas melhores faculdades e torná-las verdadeiras fontes de energia.

À celebre frase de Vitor Hugo que afirma que «Instruir é Construir», devemos juntar que «educar é humanizar».

A instrução sem a educação dá-nos muitas vezes seres perversos ou vaidosos e de trato grosseiro, o que levou Filipe Ponsard a dizer que «não se é homem só pela inteligência». E a nossa época bem nos provou que há homens sábios e cultos que são espíritos bárbaros. O verdadeiro conceito da educação reside em completar no indivíduo o que a instrução lhe forneça para a vida profissional e intelectual e até familiar e social, ensinando-lhe a consciência dos seus deveres, em sociabilidade e em espiritualidade.

São principalmente estes dois elementos de que carecem muitos indivíduos da nossa época, o que ocasiona falta de amabilidade de carácter e provoca atritos e desinteligências de toda a espécie, transformando a nossa vida de civilizados, numa existência quase semi-selvagem.

Perante estas deficiências, grandes pensadores e notáveis intelectuais propuseram-se a ingrata tarefa de remodelar as directrizes educaivas, de molde a criar novos tipos de homens e de mulheres, correspondendo à mentalidade da nossa época. Para esse fim se organizaram congressos especialmente desti-

---

nicação do além; sempre que nos esquecermos de que «é preferível recusar 99 comunicações verdadeiras a aceitar uma só falsa», como adverte o Codificador, sempre que olvidarmos a advertência de João: «Caríssimos, não creiais em todos os espíritos...», claro que estamos abastardando a mediunidade e o próprio Espiritismo.

X — Preparar os vivos para que não esperem dos mortos aquilo que podem realizar, nem consultar os mortos sobre aquilo que cada um pode resolver, com a inteligência que Deus lhe deu.

Não será diminuir-nos quanto às qualidades do entendimento que Deus confere ao homem e ofender a própria Divindade, se andarmos a consultar, a propósito de tudo, os Espíritos?

Se Deus nos deu razão e entendimento, raciocínio e senso, inteligência e discernimento, não teria sido para os empregarmos no «livre exame de tudo, a fim de aceitarmos, sòmente, o que for bom»?

Assim o cremos.

nados a estudar os delicados problemas da educação infantil.

O 1.º Congresso de Pedologia realizou-se em Bruxelas, em 1911, com o fim de estudar a organização das escolas novas.

Seguidamente, realizaram-se os seguintes congressos consagrados exclusivamente ao estudo das actividades da criança:

O 2.º congresso, em Calais, teve por tema: *A Expressão Criadora e Natural da Criança;*

O 3.º congresso, em Montereux (Suiça) propôs-se estudar a *Escola Activa e o Espírito de Serviço.* (Entre-auxilio, mutualidade).

O 4.º congresso, em Heidelberg, estudou o sugestivo tema *Como Libertar as Energias Criadoras da Criança*, referente à tirânica educação em que geralmente a infância é mártir da liberdade.

O 5.º congresso realizado em 1927, já sob a pesada atmosfera que ameaçava a Europa, ainda estudou o problema: *O Que é Preciso Entender por Liberdade de Educação?*

O 6.º congresso na Dinamarca, em 1929, ocupou-se da interessantíssima questão *«Os Diferentes Tipos Psicológicos de Crianças».*

Entre todos os importantes problemas estudados, este é sem dúvida a pedra basilar, porque sobre ele repousam todos os outros. que devemos reconhecer se ligam intimamente com os princípios neo-espiritualistas.

Uma das características destes congressos foi a extraordinária actividade desenvolvida pelos anglo-saxónios, que constituiam a maioria, assim como a nota artística com que entremeavam e espiritualizavam os seus fatigantes trabalhos em que estudaram os seguintes assuntos:

1.º — *Psicologia* — tema que tanto nos interessa.

2.º *Métodos individuais* (progressivos) separados em duas subdivisões, segundo tratavam de crianças abaixo ou acima de 12 anos.

3.º — Escolas experimentais.

4.º — Coeducação e educação sexual.

5.º — O novo ensino da história.

6.º — Os novos caminhos para o ensino artístico.

7.º — Geologia Geral.

8.º — Grupo Geral — para assuntos variados, aos quais se poderia juntar os temas da ciência neo-espiritualista.

Constatou-se nesses congressos que as raças latinas são as que mais arreigadas se mantêm às antiquadas tradições.

As causas residem na educação conventual que durante séculos e ainda hoje se opõe ao desenvolvimento das escolas novas. Ao que estas escolas apresentaram nos seus congressos se poderá juntar o que os neo-espiritualistas apresentaram nos seus congressos em Barcelona em 1934 e Bruxelas em 1946.

É indispensável aos indivíduos conhecerem as leis morais e da ética do mundo espiritual e saberem utilizá-las na sua vida cotidiana, tais como:

1.º — A paternidade de Deus, Força Suprema.

2.º — A fraternidade do homem.

3.º — A imortalidade da alma e as suas características pessoais.

4.º — As provas da comunhão entre os habitantes deste Mundo e o Mundo Invisivel.

5.º — A responsabilidade pessoal correspondente a todos os actos que cometemos e a sua relação com as Leis do Karma.

6.º — Conhecer o Caminho do verdadeiro Progresso, em que toda a alma que se harmoniza com as Leis Externas alcança a felicidade.

///

Neste mesmo conceito e também dirigindo-se aos novos, o filósofo Krishnamurti disse: — *Pensa e ama.* Ampliando esta concepção espiritual, afirmou que: — «A *vida* é bem mais importante que os credos ou dogmas, e para permitir à vida a sua plena formação deveis libertá-la das crenças, das autoridades e das tradições. Aqueles que se encontrarem presos a estas coisas terão dificuldade em encontrar a verdade».

O pensamento neo-espiritualista ensina a *saber viver a vida,* encontrando nela Deus, pela libertação espiritual e pelo concurso que o indivíduo prestar ao bem-estar comum.

Neste conjunto tem necessáriamente de entrar a Arte como imprescindível factor de evolução.

Referi-me há pouco ao ambiente artístico dos congressos infantis. Sendo a Arte uma manifestação divina, ela adapta-se sempre às nossas manifestações da vida terrena, desde que os indivíduos a compreendam e a sintam. Foi pela Arte que a Grécia Antiga se elevou até ao seu apogeu, e outros povos também lhe deveram a sua grandeza.

A Arte é Deus manifestado, no Som, na Côr e na Forma. A educação artística constitui ensejo para erguer o homem ao mais alto grau do sentimento e da espiritualidade. Pela arte consegue-se realizar a felicidade, mercê das intensas e subtis vibrações que colocam a sensibilidade da alma humana em unissono com o que é Perfeito e Belo, acima de todas as paixões terrenas. A arte é pois a perfeita manifestação de Deus no ser humano para o levar às Regiões Celestiais.

Neste campo também os espiritualistas portugueses têm muito que semear, provando igualmente, através das várias expressões da arte, que o ambiente espiritualista não comporta apenas assuntos áridos de ciências ocultas, ou tétricos problemas da existência dos fantasmas!

Se bem que a terra seja o planeta da Provação, ou o «Vale de Lágrimas» dos católicos, certo é que Deus

encheu-a de Beleza para suavizar as agruras do nosso esforço milenário no caminho a percorrer para a Perfeição. Por isso, em minha opinião, todos os temas educativos devem englobar o capítulo Arte.

Se a Ciência nos fornece os seus métodos analíticos para nos provar os factos positivos do mundo, a Arte dá-nos o mais belo caminho para sentir e para percorrer esse mesmo Mundo.

Pode dizer-se que este povo é artista nato, o que devia merecer-lhe uma educação artística cuidada e que em realidade ainda não possui, principalmente no que se refere à estética.

Assim conjugados todos estes princípios, a educação atingiria o nível do pensamento moderno e realizaria o verdadeiro caminho para a Paz Mundial ou Fraternidade Universal que, quer queiram quer não, dentro de alguns anos será uma realidade!

Na nossa época e neste meio organizar este sistema de educação constitui um dever ao qual não nos podemos escusar. Fundar escolas neo-espiritualistas é um dever de bondade, e esta não reside só em dádivas materiais, mas em tudo que possa contribuir para o bem-estar da comunidade. Um indivíduo educado dentro destes princípios possui uma grande riqueza, que lhe permite realizar a própria felicidade. Com esta riqueza de educação poderá ainda suavisar muitas desgraças alheias, dando consolo e esclarecimentos, salvando assim muitos náufragos do mar das desilusões.

Longa de milénios é a tempestade que ainda sopra sobre a humanidade abatendo-a, disimando-a, como na recente e terrível Guerra Mundial, de tão funestas consequências. Estas calamidades desaparecerão da face da terra quando ao homem for ensinado juntamente com os seus primeiros passos que *o mundo é uma escola à qual ele terá de vir até aprender a grande lição da Vida.*

Nestas condições, a urgência do problema educativo impõe-se de tal maneira, que devemos saudar para breve a ralização em Lisboa de um congresso para estabelecer a possibilidade de fundar entre nós as escolas neo-espiritualistas. A criação destas escolas cotribuirá não só para o progresso da humanidade em geral, como a sociedade portuguesa em especial.

O momento que passa tem alto significado na história dos povos; e cada um de nós tem pesadas responsabilidades perante a luta que se trava por toda a parte entre as trevas e a luz. Precisamos estar preparados para sabermos corresponder ao pensamento de Krishnamurti, quando diz:

«Apercebemo-nos bem da aproximação das mudanças vindouras e da próxima separação entre os que sabem e os que não sabem; dos que se sentem contentes, em seu estreito egoismo. Este é o período *breve e extremo* que precede a separação que se aproxima, durante a qual temos de descobrir a nossa força e a nossa fraqueza. É este o tempo de remodelarmos a nossa atitude, de fazermos provisão dos novos ideais. Sede vós próprios grandes auxiliares e não meramente *recebedores de auxílio*».

Compete ao Espiritismo desempenhar este importante papel na hora oportuna. Tendo ele sempre a última palavra da ciência e da filosofia, possui incontestavelmente o facho da mais bela e radiosa luz para educar as novas gerações nos princípios da Paz ou da verdadeira Fraternidade Espiritual, base da felicidade humana.

NÚCLEO DE ACÇÃO E PROPAGANDA

O Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos continua em actividade, no desejo veemente de levar a palavra espírita ao mundo profano, certo de contribuir com a sua cota para a difusão das Verdades Reveladas ao homem.

Promoveu há tempos a conferência de Ramos Pereira no Teatro do Ginásio, depois de ter editado o folheto «Os Mortos Vivem!», da autoria do director desta revista e profusamente espalhado em Portugal, Colónias e Brasil.

Está portanto, vigilante este agrupamento, destinado, como seu nome indica, a propagar o Espiritismo de Vivos, por todos os meios ao seu alcance.

O mesmo anónimo que há tempos entrou nesta redacção, deixando cá um donativo de dez mil escudos, acaba de revelar-se novamente, oferecendo 2.000$00 para auxílio de outra conferência, que tencionamos promover em Lisboa, continuando assim a materializar o programa que esboçámos há pouco mais de um ano.

Grande amigo da obra que orientamos e impulsionamos, o seu desejo é vê-la prosperar em todos os sentidos, ampliando cada vez mais o raio de acção de sua esfera progressiva.

Como dissemos, aparece de tarde em tarde, nos momentos oportunos, quando a sua presença é necessária, para animar, para encorajar e incitar à luta por esta bela e nobre causa que, sendo nossa, é de toda a humanidade sofredora.

Não julguem que se trata de um nababo que não sabe o que há-de fazer ao dinheiro. Trata-se, bem ao contrário, de um trabalhador que cumpre o seu dever familiar e que deseja contribuir, na medida de suas forças, para que a Doutrina Espírita seja conhecida na terra.

Necessitando de angariar donativos para enfrentar as despesas da nova conferência de Ramos Pereira num teatro de Lisboa, fica aberta esta secção, esperando que todos acorram com suas contribuições voluntárias. Temos que levar o Espiritismo ao mundo profano. E a conferência pública é um excelente meio de veicular ideias, ao serviço da Doutrina.

Vinde, pois, amigos! A vossa presença nesta coluna será a demonstração cabal de que compreendeis o nosso apelo e a necessidade de sair do marasmo em que vegetamos.

Nossos Representantes

Apresentado por Leopoldo Machado, nosso redactor em Nova-Iguassú, José Peres Fontenele assumiu a representação de «Estudos Psiquicos» em Goiânia, capital do Estado de Goiaz. Trata-se de individualidade muito interessante e culta, actual Director da Biblioteca Pública Estadual. Designado primeiramente para Secretário, em 1945 foi o próprio Estado de Goiaz que o propôs para bolseiro do Ministério da Educação, o que lhe permitiu tirar o «Curso de Biblioteconomia» e ser promovido a Director.

Peres Fontenele é natural de Grajahú, Estado do Maranhão, e filho de pais católicos, em cujo lar alguns sacerdotes exerciam actos de culto, como rezas, confissões e comunhões. Ele próprio foi educado em colégios de padres. Seus progenitores vendiam

JOSÉ PERES FONTENELE

«santos» e imagens; mas um belo dia convertem-se ao Espiritismo e hoje toda a família difunde a nossa bela doutrina. Seus quatro irmãos exercem a mediunidade e seu pai dirige um Grupo Espirita Familiar...

38 anos de idade, na pujança da vida, o simpático Fontenele aceitou a representação desta revista com o maior prazer, dizendo que, no tocante ao valor da nossa publicação, «ela é, no género, uma das melhores do mundo».

Por seu intermédio, «Estudos Psiquicos» está exposta na Biblioteca acima citada, onde tem sido muito apreciada por frequentadores da instituição, os quais se lhe referem espontâneamente, ém óptimas apreciações.

As nossas edições também ali poderão ser consultadas com grande proveito para a Causa.

Trata-se, portanto, de um elemento valioso que tudo fará em benefício desta revista e de «Estudos Psiquicos Editora».

Mais um passo em frente no caminho do intercâmbio espirita luso-brasileiro!

GRATIDÃO

por José Simões de Matos

A gratidão natural denota compreensão das Leis Divinas e particularmente da lei do Amor que conduzem o espírito à prática dos seus deveres, dando cumprimento ao ensino evangélico: «Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos». É característica dos espíritos elevados já libertos das paixões que os prendiam ao mundo das coisas terrenas e voltados para as coisas espirituais que elevam o homem e lhe dão justo equilíbrio na sociedade.

Entre os homens ela se apresenta sempre como um motivo de BEM que se recebeu e que se não pode apagar, nem esquecer em nossa mente. É um sentimento que nos faz recordar e ver a verdade que está por detrás das pessoas e das coisas, um sentimento, enfim, que nos leva a encarar com os olhos do espírito a verdade que preside à vida de todos os seres e de todas as coisas.

É o sentimento que nos manda ser gratos aos nossos pais, por tudo que por nós fizeram. como encarregados de nos receber, educar e guiar em nossos primeiros passos nesta vida. E à nossa Pátria, pela circunstância de ser ela que nos deu os meios de formar a nossa personalidade de cidadão e seus relativos direitos no mundo em que nos encontramos e no qual temos de fazer a nossa aprendizagem.

Esta gratidão, este sentimento nobre que a criatura humana sente no íntimo de si mesma nos leva a amar e a querer bem a tudo que se relaciona com a vida daqueles que são gratos ao nosso coração. Este é o motivo porque eu quero bem e aprecio muito a revista «Estudos Psíquicos», porque ela representa um capítulo do livro da vida material e moral da minha Pátria e um reflexo espiritual da vida de meus caros irmãos e patrícios que estudam a Verdade. Trabalhar pela Causa de sua divulgação é colaborar na grande causa do esclarecimento da humanidade. Por isso a recebi e acolhi como mensagem do Bem, da minha terra e da minha gente mais íntima.

Não quero dizer íntima pelo parentesco material, que é muito relativo; mas pelo espírito, que mais prontamente nos afiniza, quando se podem ver as coisas pelo mesmo prisma e amar a causa da Verdade através do mesmo ideal. A ideia e o sentimento que nos une, hão-de, por certo, através desta Revista, harmonizar-nos muito mais em espírito e verdade, e por isso levo a todos os leitores os meus sinceros votos de Paz e Amor.

Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

N.º 10
OUTUBRO
1 9 4 7

Página Organizada por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

Outubro: tristeza e alegria.

Outubro: fim de férias e princípio de aulas.

As aulas, porém, só vêm dar sabor às aulas. Se não fosse o trabalho sentirieis prazer no ócio?

Além disso voltais a ver antigos colegas, amigos mesmo.

É a vida que recomeça — é mais um passo para o futuro. Lembrai-vos de que um dia tereis de vos governardes sózinhos.

Dizei, como eu fazia a mim própria, quando andava a estudar, este verso do poeta latino Virgílio: «Devo eu porventura desistir, vencida, da empresa começada?».

Fazei dele um lema e lutai, lutai, até vencer.

Ao trabalho, pois, queridos irmãos pequeninos.

Vossa irmã mais velha

KYLAS

★

Quem teme cobra e lagarto,
Quem passarinho receia,
Perde a vida sem combate,
Não repara, nem semeia.

Casimiro Cunha

★

O Corpo

Se o fogo purifica, também destroi. E não é raro graves queimaduras produzirem a morte.

O gelo também produz efeitos semelhantes, chega mesmo a fazer cair a pele.

As queimaduras obstruem os poros, pelo que impedem a respiração cutânea, tal como se a cobrissem com uma grossa camada de tinta.

Há três espécies de queimaduras: benignas, puramente locais e graves.

As duas últimas requerem cuidados mais importantes. Às primeiras basta fazer o seguinte:

Desinfectar em redor; cortar os bocados de pele levantados; abrir as bolhas com tesoura esterilizada; fazer uma lavagem com soro fisiológico.

Também se usa o mercúrio-cromo, pois não provoca ardência.

Tudo isto é simples, mas... recomendo-lhes que tenham cuidado. É melhor não se queimarem.

★

No Restaurante

O freguês esfomeado: Que vem a ser isto? Que é do bife que pedi? Não está cá...

O Criado: Está, sim, senhor. Ora veja debaixo do ovo estrelado!

Apólogo das Cotovias

Mui judicioso é o apólgo que se conta das cotovias, que tinham seus ninhos entre as searas.

Dissera o dono do campo a seus criados que tratassem de meter a foice, se vissem os pães já sazonados. E, ouvindo este recado, uma delas foi pelos ares avisar as outras, que mudassem de sítio, porque vinham logo os segadores. Porém outra mais velha as aquietou do susto, dizendo:

— Deixemos-nos estar, que de mandar ele os criados, a fazer-se a obra, vai ainda muito tempo.

Dali a alguns dias ouviram que o amo se agastava com os criados, porque não tinham feito o que lhes encomendara, e que mandava selar a égua para ele mesmo ir ver o que convinha.

— Agora, sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo, e mudemos a casa, que vem quem lhe doi a fazenda.

A moralidade desta fábula explica-se perfeitamente, com o provérbio português:

«Quem quer vai, quem quem não quer manda».

Padre Manuel Bernardes
(Nova Floresta)

★

Conservarmo-nos alegres, não obstante alguma pequena dor, resistir às sensações de fadiga, não nos lamentarmos, ou tornarmo-nos demasiado sensiveis ao frio, não darmos valor a algum insignificante mal-estar, é assim que se conquista a própria liberdade, e alguma coisa de grande se poderá fazer neste mundo.

Augusto de Baredetti
«Arte de Estudar»

A CANDEIA ACESA

de Afonso Lopes Vieira

Humilde candeia acesa
em casa do cavador:
luz da pobreza, bendita
luz infinita do amor!

Vem p'la noite negra adiante
um homem que se perdeu:
vê no escuro uma estrelinha,
lá tão distante...
mas na terra, não no céu.

E diz-lhe a vaga luzinha:
— «Olha p'ra mim e caminha,
vem onde a mim, que sou eu».
E ele chega àquela porta,
nela bateu...

Abre-se a porta, e ei-la acesa,
— parece o Sol! —
em casa do cavador.
Luz da pobreza bendita!
Luz infinta do Amor!

Do «Canto Infantil»

O EQUILIBRISTA DE NOSSA SENHORA

Conto de Anatole France

Havia em França, nos tempos do rei Luiz, um pobre irmão natural de Compiègne, chamado Barnabé, que ia de terra em terra fazendo exercícios de força e habilidade. Nos dias de feira estendia na praça pública um velho tapete muito coçado, e depois de ter atraido as crianças e os curiosos com as suas momices aprendidas de um velho saltimbanco, tomava atitudes sobrenaturais e sustentava um prato de estanho em equilibrio sobre o nariz. A multidão olhava-o a princípio com indiferença, mas quando, apoiando-se em ambas as mãos, de cabeça para baixo, lançava ao ar e aparava com os pés seis bolas de cobre, que faiscavam aos raios do sol, ou quando, unindo os calcanhares à nuca, dava ao corpo a forma perfeita de uma roda, e jogava com doze facas nessa posição difícil, elevava-se no público um murmúrio de admiração, e as moedas choviam aos montes sobre o arruinado tapete.

Contudo, como a maior parte dos que vivem dos seus talentos, Barnabé de Compiège passava medianamente.

Ganhando o pão com o suor do seu rosto, partilhava em excesso das misérias provenientes da falta do nosso pai Adão.

Além disso, não lhe era possível trabalhar tanto quanto queria. Como as árvores para produzirem frutos e flores, precisava do calor do sol e da luz do dia para demonstrar as suas excelentes faculdades. Durante o inverno era uma árvore sem folhas, quase seca. A terra gelada era muito dura para o infeliz saltimbanco, que — como a cigarra de que fala Maria de França — tinha fome e frio na má estação, mas suportava os seus males com paciência e dê ânimo alegre.

Nunca meditara sobre a origem das riquezas e da desigualdade entre as classes humanas. Cria cegamente que se este mundo era mau, o outro não poderia deixar de ser bom, e esta esperança o sustentava. Não imitava os libertinos, malfeitores e descrentes que vendiam a sua alma ao diabo. Nunca blasfemeava do nome de Deus, vivia honestamente, e embora não tivesse mulher, não cubiçava a do seu próximo, porque a mulher é naturalmente inimiga dos homens fortes, como se vê pela história de Sansão que a Escritura nos refere.

Não se inclinava decerto o seu espirito para os apetites carnais, e custava-lhe muito mais renunciar a umas goladas do que à mulher; pois que, sem faltar à sobriedade, sabia-lhe bem o beber quando apertavam os calores. Era homem de bem, temente a Deus e muito devoto da Santissima Virgem.

Quando entrava na igreja, nunca deixava de ajoelhar ante a imagem da Mãe de Deus e dirigir-lhe esta oração:

«Senhora, cuidai da minha vida até à hora da minha morte, e depois de eu morrer deixai-me desfrutar as delícias do paraiso».

II

Pois senhor... Ao escurecer de um dia chuvoso caminhava triste e curvado, levando debaixo do braço as suas seis bolas de cobre, a sua dúzia de facas embrulhadas no velho tapete, em busca de um albergue onde dormisse sem cear, quando esbarrou com um frade que seguia o mesmo caminho e a quem saudou cortezmente. Como iam ambos com igual vagar, entabularam conversa.

— Companheiro — perguntou o frade — porque andais vestido de verde, dos pés à cabeça? Será talvez para representardes o papel de louco em algum mistério?

— Não, meu padre — respondeu ele. — Aqui onde me vedes sou saltimbanco de profissão, e chamo-me Barnabé. O meu ofício seria o mais belo do mundo, se desse para comer todos os dias.

— Amigo Barnabé — replicou o monge — atentai bem no que dizeis. Não há estado mais feliz do que o monástico. Nele celebram-se as grandezas de Deus, da Virgem e dos santos, e a vida do religioso é um perpétuo cântico ao Senhor.

Barnabé retorquiu:

— Meu padre, confesso que falei como ignorante. A vossa profissão não pode comparar-se à minha, e embora tenha certo valor o bailar sustentando na ponta do nariz uma moeda em equilíbrio sobre um pau, este valor fica a mais de cem côvados abaixo do vosso. Bem quisera eu, como vós, meu padre, cantar diàriamente os ofícios e muito especialmente o da Santissima virgem, por quem sinto particular devoção. De boa vontade renunciaria à arte em que sou tão vantajosamente conhecido desde Soissons até Beauvais, em mais de seiscentas vilas e aldeias, para abraçar a vida monástica.

Ficou o monge encantado com o discreto arrazoado do saltimbanco, e e como tinha bom instincto reconheceu em Barnabé um daqueles homens de quem Nosso Senhor dissera: «Paz na terra aos homens de boa vontade!». E assim lhe respondeu:

— Amigo Barnabé, vinde comigo e eu vos farei entrar no convento de que sou o prior. O que guiou a Maria Egipcíaca no deserto, colocou-me no vosso caminho para vos conduzir pela estrada da salvação.

E desta forma se fez monge Barnabé. No convento onde foi recebido, os religiosos celebravam à porfia o culto da Santa Virgem, e cada qual empregava em servi-la todo o talento e habilidade que Deus lhe concedera.

O prior, pela sua parte compunha livros que tratavam, segundo as renho a mão habilíssima do irmão Maude Deus.

Copiava-os sobre folhas de pergaminho a mão habilíssima do irmão Maurício.

O irmão Alexande iluminava-as com delicadas miniaturas. Nelas se via a Rainha do Céu, sentada no trono de Salomão, a cujos pés velavam quatro leões, e em volta da sua cabeça esvoaçavam sete pombas representando os sete dons do Espírito Santo: o dom da sabedoria, o dom do entendimento, o dom do conselho, o dom da fortaleza, o dom da ciência, o dom da piedade e o dom temor de Deus. Acompanhavam-na seis virgens de cabelos de oiro: a humildade, a prudência, e recolhimento, o respeito, a castidade e a obediência.

A seus pés, duas figurinhas nuas e muito brancas permaneciam em atitude suplicante. Eram duas almas que imploravam para salvar-se, e seguramente não imploravam em vão a sua toda poderosa intercepção.

Noutra página o irmão Alexandre representava a Eva ao lado de Maria, para que se considerasse ao mesmo tempo o pecado e a redenção, a mulher humilhada e a Virgem exaltada. Admirava-se também no livro o Poço de águas vivas, a Fonte, o Lírio, a Lua, o Sol e o Horto cerrado de que nos fala o *Cântico dos Cânticos*, a Porta do Céu e a Cidade de Deus, e por toda a parte havia imagens da Virgem.

O irmão Marbodio era igualmente um dos mais ternos filhos de Maria. Talhava sem cessar esculturas de pedra, e por isso trazia a barba, as sobrancelhas e os cabelos brancos de pó, e os seus olhos estavam constantemente inchados e lacrimosos; mas conservava-se cheio de vigor e alegria na sua idade avançada, e visivelmente a Rainha do Paraiso protegia o envelhecer do seu filho.

Marbodio represntava-a numa banqueta sobre um estrado com a fronte cercada por uma auréola de aljófar. E punha especial cuidado em que as pregas da túnica ocultassem os pés d'Aquela de quem disse o Profeta: «A Minha amada é como um horto cerrado».

Às vezes representava-a também

sob a forma de um menino cheio de graça, e como se estivesse a dizer: «Senhor, tu és o meu Deus». — Dixi: de ventre matris mœ Deus meus és tu. — (Salm. 11, 10).

Havia também no convento poetas que escreviam hinos, em latim, em honra da bem-aventurada Virgem Maria, e até um picardo que narrava os milagres de Nossa Senhora em língua vulgar e versos rimados.

III

Ao ver tal concurso de abluções e tão excelente colheita de obras, Barnabé lamentava a sua ignorância e simplicidade.

— Ai de mim! — suspirava, passeando isolado pelo jardinzinho sem sombra, do convento — Que infeliz eu sou por não poder, como meus irmãos, reverenciar dignamente a Mãe de Deus, a quem consagrei a ternura do meu coração! Ai de mim! Ai de mim! Sou um homem rude e sem arte, que não tem para os pôr ao vosso serviço, Senhora Virgem, nem sermões edificantes, nem tratados bem expostos segundo as regras, nem finas pinturas, nem estátuas perfeitamente esculpidas, nem versos contados por pés e divididos em cadências. Pobre de mim que não tenho nada disso!

Assim gemia Barnabé, abandonando-se a profunda tristeza.

Numa tarde em que os frades se recreavam conversando, ouviu contar a um deles a história de certo religioso que sabia apenas dizer a Avé-Maria. Este religioso era desprezado pela sua ignorância; porém, quando morreu nasceram da sua boca cinco rosas em louvor das cinco letras do nome de Maria, e assim foi revelada a sua santidade.

Ao ouvir aquela narrativa, Barnabé admirou mais uma vez a bondade da Virgem; mas nem por isso o consolou o exemplo de tão ditosa morte, porque o seu coração ardia em desejos de glorificar a sua senhora que está nos céus...

Procurava um meio, sem conseguir achá-lo, e cada dia se mostrava mais mortificado, até que acordando certa manhã muito alegre, correu à capela e ali permaneceu sòzinho por espaço de mais duma hora. E pela tarde voltou lá.

Desde então, ia todos os dias à capela nas horas em que a achava deserta, passando ali boa parte do tempo que os outros monges consagravam ao exercício das artes mecânicas e liberais. E já não andava triste nem suspirava.

Tão sigular proceder despertou a curiosidade dos monges.

Interrogava-se a comunidade sobre o motivo a que obedeceriam os frequentes serviços do irmão Barnabé.

O prior, que tinha por dever não ignorar coisa alguma que dissesse respeito ao proceder dos seus religiosos, resolveu observar Barnabé nos seus isolamentos. E assim certo dia em que este se tinha encerrado na capela, como de costume, o venerando prior, acompanhado por dois frades dos mais velhos, foi espreitar pelas rexas da porta o que se passava lá dentro.

Viram Barnabé, que diante do altar da Santíssima Virgem, de cabeça para baixo e pés ao alto, jogava com seis bolas de cobre e doze facas. Fazia, em louvor da santa Mãe de Deus, os exercícios que lhe tinham grangeado maior número de aplausos. Não compreendendo que aquele homem simples punha assim ao serviço da Virgem o seu talento e sua arte, os anciãos acusaram-no de sacrilégio.

Sabendo o prior que Barnabé tinha a alma inocente, considerou-o caido em demência. E dispunham-se os três frades a expulsá-lo violentamente da capela, quando viram a Santíssima Virgem descer os degraus do altar, para enxugar com a ponta do seu manto azûl o suor que escorria pela cara do seu equilibrista.

Então o prior, curvando a cabeça até juntar o rosto com o chão, disse estas palavras:

— Bemaventurados os que têm coração puro, porque deles é o reino do Céu!

— *Amen!* — responderam os anciãos, osculando a terra.

(Tradução de Oldemiro César)

ILHA DE PAZ

De provações da Terra de Amargura,
No oceano trevoso e desvairado
O Espiritismo é o porto abençoado
De alegria, de amor e de ventura...

Ilha calma de luz tranquila e pura,
Onde há pão para todo esfomeado,
Consolação a toda criatura,
Conforto e paz ao pobre deserdado ;

Praia de sacrossanta claridade,
Em que os raios divinos da Verdade
Brilham sem fantasias e sem véus !

Caminho de esperança e de esplendor,
Por onde o coração do pecador
Deixa a treva do mundo e sobe aos céus !...

JOÃO DE DEUS
(«Colectânea do Além»)

AS QUALIDADES

A Gratidão

Ser grato é reconhecer e não esquecer o favor que nos foi feito; mais ainda, retribuí-lo no momento oportuno.

Está-me lembrando neste momento o que sobre o favor disse o grande filósofo Séneca, preceptor de Nero, no seu livro «De Beneficio» (Acerca do Favor).

Compara-o ele às «Três Graças».

— Conhecem esta escultura?

— São jovens — deve o favor estar sempre presente na memória de quem o recebeu;

— Trazem factos soltos — deve o benefício ser feito sem constrangimento, sem reticências;

— De mãos dadas — pois a gratidão do beneficiado deve recair sobre o generoso.

É lindo, pois é?

Vejam como os antigos sabiam dizer as coisas melhor que muitos modernos.

A nós compete senti-las e aplicá-las.

★

Má Compreensão

A mãe, para o menino que detesta o óleo de fígado de bacalhau.

— Tomarás o óleo; logo que esteja no fim, estarão as férias à porta.

À noite, vai encontrar o filho a escorripichar as últimas pinguinhas.

Escola Espirita

Professora — Muito bons dias, queridos amiguinhos.

Ora bem. Onde ficámos a última vez?

Américo — No chimpanzé...

Professora — Não ficaste muito convencido da verdade da evolução, pois não. Américo?!... Eu vou tentar aprofundar um pouco mais.

Maria José — Eu acreditei na Senhora.

Professora — Está bem. Não se trata, porém, de acreditar em mim, mas nas provas que nos são fornecidas.

António — Provas... Nos fósseis de que a Senhora falou?

Professora — Exactamente. Pela disposição dos terrenos, verificaram os sábios que os continentes e mares, tal qual os conhecemos hoje, não haviam sido sempre assim. Convulsões internas e outros motivos tinham alterado, mais ou menos profundamente, a superfície da Terra. Assim uns estractos mais antigos foram cobertos por outros mais modernos e assim sucessivamente.

Maria José — O que são estractos?

Professora — São as camadas de terrenos sedimentares. Ora, como cada estracto tinha os seus fósseis próprios, os geólogos, partindo dos mais antigos para os mais modernos, dividiram a idade da Terra em cinco eras: primitiva ou azoica, primária ou paleozoica, secundária ou mesozoica, terciária ou neozoica e quaternária ou actual.

António — Que nomes tão difíceis!

Professora — Duma maneira geral, não encontraram vestígios de animais e plantas na primeira era; daí o nome de «azoica», isto é, sem vida. Pelos fins, parece que encontraram fósseis de crustáceos e moluscos.

Maria José — Este estudo é bonito.

Professora — Durante a era seguinte, «a paleozoica», notam a existência de algas, animais invertebrados e, o mais curioso, um animalzinho já com pretensões a vertebrado: com espinha dorsal cartilaginosa e a crosta calcárea substituida por uma escamosa. A transformação vai-se acentuando e eis-nos em presença de autênticos peixes. Muitos anos depois, a vegetação que já começa a cobrir a terra, atrai-os, e a necessidade de melhor alimentação torna-os anfíbios e as barbatanas tomam a forma de patinhas.

Américo — De patinhas?!...

Professora — Sim. Ainda não há muito tempo que os sábios encontraram, ao largo da costa sul-africana, um peixe nestas condições. E eles, que, julgavam a espécie extinta!

António — E depois?...

Professora — Daí aos répteis que invadem as eras mesozoica e neozoica, vai um passo. Habituam-se de todo à terra e tornam-se verdadeiros quadrúpedes.

«Formam-se geleiras, e o animal sente a necessidade de pêlos. Surgem então os primeiros mamíferos na era neozoica.

«Dá-se o degelo e com ele as inundações e os animais procuram refúgio nas árvores. Então se marca outro ponto grande no caminho da vida: a primeira mão. Na necessidade de se agarrar, as unhas haviam alongado e os dedos repartido.

«Há já muitos vestígios do «quase-macaco». A terra absorve grande parte da águas, e então ele...

Maria José — Sai das árvores.

Professora — Exactamente. Mas como tinha exercitado muito os braços, encontrou-os muitos longos para caminhar a quatro pés. Adoptou, então, a posição erecta.

António — Dizem que ainda hoje há gorilas com os braços do comprimento do corpo.

Américo — E chimpanzés.

Professora — Era quaternária — façam vénia —; o macaco já não é macaco, é homem. Têm-se encontrado muitos esqueletos do homem primitivo: o «homem de Pequim» e o «homem de Java», há mais de 500.000 anos. Primeiro a cabeça muito junto ao tronco, depois o contrário, peito mais desafrontado, pés mais distintos das mãos.

António — Eu li há tempos nos jornais que haviam encontrado no Sul da Africa restos de esqueletos, já longe dos macacos antropoides e muito próximos do homem.

Professora — Sim, de facto. Como vêem, este trabalho de evolução que levou anos, milhões de anos a realizar, bem compreendido leva-nos a pensar no futuro. Não pensem, contudo, que cada animal sofria sòzinho todas estas transformações. Cada um morria no meio de luta árdua. A necessidade de adaptação é grande, e o homem, com o raciocínio cada vez mais desenvolvido, dedica-se às artes, às ciências, etc.

Mas o estudo da evolução espiritual será assunto da próxima lição.

★

São Favores...

— Vês aquela senhora?

— Vejo. Quem é?

— Não imaginas o muito que lhe devo.

— É tua mãe?

— Não. É minha senhoria.

Um Menino Que Vivia na Rua

de Clóvis Tavares

Pedrinho era um menino que vivia na rua.

Não tinha casa. Era órfão de pai e mãe. Os parentes que ele tinha moravam longe, em outra cidade.

Pedrinho encontrou outros meninos que viviam na rua. Aprendeu muitos costumes maus. Aprendeu a fumar, a jogar, a dizer graçolas às meninas. Tornou-se mentiroso.

Havia naquele tempo, na cidade onde vivia Pedrinho, um grupo de meninos ladrões. Pedrinho ficou fazendo parte da pequena quadrilha.

Ficou sendo um ladrãozinho.

Voces lembram-se de Levi, o amigo do velhinho Afonso?

Levi também, um dia, se encontrou com Pedrinho.

Foi assim: Levi estava sózinho em casa. Sua família tinha saído. Pedrinho entrou na casa de Levi para roubar.

Foi nessa hora que um menino ladrãozinho abandonou o caminho errado em que estava.

Levi conversou muito com Pedrinho sobre Jesus, sobre a nossa vida na Terra e sobre a vida depois da Morte. Levi falou ainda sobre os pais de Pedrinho, que estavam no Mundo Espiritual.

Pedrinho chorou, lembrando-se do seu papá e de sua mãezinha.

— Pedrinho, você quer estudar o Evangelho na minha Escola? — perguntou Levi.

— Que é o Evangelho? Eu não sei...

— O Evangelho quer dizer «Boa Nova». O Evangelho é a doutrina de Jesus. Na Escola Espirita você aprenderá muitas coisas bonitas e boas. Quer?

— Quero, sim.

Quando seus pais chegaram, Levi falou com eles uma coisa qualquer. E Pedrinho ficou morando na casa do menino cristão.

Que foi que Pedinho falou com seus pais?

Pedrinho é hoje um grande amigo do Evangelho de Jesus.

Tornou-se um menino obediente, trabalhador, estudioso e delicado.

do livro «Sementeira Cristã»
(1.º Livro de Leitura)

★

O trabalho só aborrece os espíritos fracos.

Luiz XIV de França

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

por Ramos Pereira

BIOLOGIA RACIONAL

I — ORIGEM DA VIDA

O problema biológico pode ser dividido em três questões que se sucedem em escala descendente de complexidade :

1.ª — Origem da vida.
2.ª — Origem das espécies.
3.ª — Origem do homem.

Antes mesmo de estudarmos o primeiro, profundemos um pouco a natureza da célula, forma elementar da vida.

Cada ser é um verdadeiro composto biológico estando para ele a célula como a molécula para o composto químico, (BRUCKE). SCHEILER em 1838 e SCHWAN no ano seguinte mostraram a natureza comum da célula animal e da célula vegetal. Notam-se nela 3 partes constitutivas — membrana, protoplasma e núcleo.

O protoplasma, como disse KUNSTLER, tem uma organização própria: — é formado por uma substância fluida, homogénea e transparente (paraplasma), alojado nas malhas duma rede (hialoplasma) que lhe dá uma consistência variável. Os elementos químicos que o formam em nada se distinguem dos da química mineral, diferindo apenas na complexidade dos compostos. Revelou na análise 3 grupos principais: — albuminoides, hidratos de carbono e gorduras — de que apenas o primeiro se encontra em todas as formas orgânicas.

Sobre a estrutura física do protoplasma têm-se expendido inúmeras teorias: — granular (MAGGI e ALTMANN), filar, recticular (alveolar (BUTSCHLI), esferular (KURSTLER), tubular (NAUSEN), etc.

Mas em resumo poderemos dizer que, quimicamente, o protoplasma é um complexo albuminoide e fisicamente um coloide de estrutura espumosa». A membrana é resultante de uma condensação protoplasmática na zona periférica.

Finalmente, o núcleo tem uma composição quíimica análoga à do protoplasma. Desempenha na célula o principal papel nas funções de reprodução, fecundação, etc.

Seguindo PARGAME («Origem da Vida»), devemos frisar desde já que «os albuminoides se encontram em todos os corpos vivos e faltam em todos os corpos inorgânicos. «As gorduras e os hidratos de carbono podem existir ou não.

Consideram-se como caracteres distintivos dos seres vivos as seguintes propriedades: — irritabilidade, (tropismos ou tactismos), mobilidade, crescimento, nutribilidade e reproductibilidade. São por assim dizer organizados.

Julgou-se, de facto, durante muito tempo, que elas marcavam a diferença entre a matéria bruta e a orgânica, mas os factos provaram que não eram categorias irredutiveis. Assim BROWN e GOUY ao estudarem o chamado movimento browniano constataram a existência de movimentos particulares próprios, uma máscara dos movimentos celulares. Três outras feições da matéria viva — forma específica, crescimento ou nutribilidade e reprodutibilidade — se nos deparam no inorgânico, nomeadamente nos cristais. (Cf. trabalhos de PASTEUR: cf. Dastre in «La Vie de la Matière» e «La Vie et la Mort»).

Em face disto, a biologia moderna tende a considerar uma verdadeira unidade natural, unidade da célula e da molécula.

Através dos tempos, todavia, têm surgido inúmeras teorias para explicar a origem da vida;

1.ª — Animismo.
2.ª — Vitalismo.
3.ª — Organicismo.
4.ª — Teoria dos cosmozoários.
5.ª — Teoria de PREYER.
6.ª — Plasmogonia.
7.ª — Autogonia.
8.ª — Energética biológica.
9.ª — Mecanismo.
10.ª — Teoria de PFLÜGER.

O animismo (PITÁGORAS, PLATÃO, PARACELSO, S. TOMAZ, STAHL, CHAUFFARD) sustenta que a vida provém de um princípio específico incompatível com o mecanismo físico-quimico; CLAUDE BERNARD («La Science Experimentale») demonstrou, porém, o erro da hipótese.

O vitalismo, nascido da crítica ao anterior (CLAUDE BERNARD, COCHIN, LODGE, REINKE, DRIESCH, BERGSON) atribuindo à força vital uma função criadora, sustenta que as suas manifestações têm um condicionalismo material. LODGE diz que «a vida sem modificar as leis da matéria, nem a quantidade de matéria e energia, coordena os elementos materiais e organiza-os, imprimindo-lhs uma vida particular». (Cf. ABEL REY in «La Fhilosophie Moderne»).

O organicismo (CABANIS, BROUSSAIS, BICHAT, BUCKNER) considera a vida, não como uma causa, mas como uma resultante. E «esta doutrina que

consiste em considerar as propriedades vitais como uma espécie de entidades metafísicas que se não definem claramente mas que se opõem às propriedades físicas, induziu a investigação nos mesmos erros que as outras teorias vitalistas (Cf. CL. BERNARD in op. cit.).

A fantasia dos cosmozoários (RICHTER, LORD KELVIN e HELMHOLTZ) supõe a vida tão antiga como a matéria e imagina que germes de micro-organismos em estado latente poderiam ter chegado à terra na poalha cósmica projectada pelos astros, deixando a final subsistir o problema.

A teoria de PREYER, dogmática e inadmissivel, afirma que a matéria surgiu da vida e não esta daquela.

A plasmogonia tem uma longa história cujo periodo áureo é a Idade Média. Em 1638, REDI dava o primeiro golpe na teoria quase dogmática necessária à escolástica para a sua criação ex-nihilo; VALISNIERI e SCHWAMMERDAMM corroboraram com outras as experiências de REDI, mas em 1678 LEUWEHOECK levantava de novo o problema com a plasmogonia dos infinitamente pequenos. BUFFON e NEEDHAM filiaram-se na corrente tendo este último larga controvérsia com SPALLANZANI. Mas o periodo mais árduo está na luta PASTEUR-POUCHET em que as experiências do primeiro acabaram por desfazer a irrisão plasmogónica.

A autogonia de HAECKEL pretende que o facto de hoje se não verificar a geração espontânea não quer dizer que noutras circunstância ela não fosse possivel. De facto, «se, por um lado, nem de longe é possivel nos laboratórios realizar as variadas condiem que a natureza efectua as transformações da matéria, tais como a enorme pressão das grandes profundidades do mar, e a alta temperatura das camadas profundas do globo, não é menos verdade que actualmente a ciência ignora muitos dos factores do ambiente da época em que surgiu a vida à superfície da terra; por isso não custa a crer que a geração espontânea, provada mesmo a sua impossibilidade actual, não se realizasse nestas últimas circunstâncias, que deviam ser especiais» (Cf. BERNARDO AIRES in «Princípios de Biologia»).

A energética biológica filia-se no mecanismo a que aderiu a grande maioria dos fisiologistas modernos. Profundamente experimental, baseando-se no que apontámos sobre a natureza da célula, diz: — «tudo mecânico, tudo redutível a simples fenómenos físicos e a simples fenómenos químicos». (Cf. M. BOMBARDA in «A Consciência e o Livre Arbitrio») ? Mas o mecanismo não explica tudo, escapa-lhe o processo da formação inicial da vida.

PFLUGER foi mais longe e combinou o mecanismo à autogonia de HAECKEL. Analisando a albumina viva que se decompõe espontaneamente pela acção do oxigénio, e comparando os produtos de reacção com os da oxidação artificial da albumina morta, constatou a semelhança dos não azotados e diferença dos azotados. «Ora os produtos azotados da destruição da albumina viva (ureia, creatina) encerram todos, como radical, o cianogénio (CN) produto componente da albumina viva que a distingue da albumina morta»; Ora, se é exactamente a albumina o composto característico da célula, o cianogénio será de facto o produto inicial da vida.

Com efeito, tanto este como outros constituintes da albumina, formam-se a temperaturas elevadas, podendo pois ter-se constituido na fase incandescente do planeta. Com o arrefecimento lento, pôde transformar-se na albumina, adjudicando moléculas de oxigénio, água e sais. Esta hipótese acorda ainda com a teoria moderna da origem marítima da matéria viva.

SALMO
da Bem-Aventurança

Bem-aventurado o homem que venceu as solicitações desencontradas do pecado na prática constante da virtude. Ele é como a árvore que se fixa no solo duro e abre eternamente as galas da sua folhagem verde.

Bem-aventurado o homem que despreza a glória terrena e busca o beneplácito do olhar divino. Ele é como a ave que da planície ardente desfere o voo, rumo às alturas insondáveis dos céus.

Bem-aventurado o homem que se julga e não julga os outros. Bem-aventurado o homem que não espera da caridade paga mais alta que a íntima satisfação. Bem-aventurado o homem que não odeia e recompensa o ódio com o seu amor. Bem-aventurado o que glorifica a Jesus no altar sagrado da sua alma e não se compraz com expressões de vaidades e de luxos. Bem-aventurado o que amealha o pão do espírito para o distribuir pelos que dele carecem. Bem-aventurado o que sabe perdoar aos outros o que perdoaria a si mesmo. Ele é o regato que mitiga a sede, é a flor perfumada que encanta os olhos, é o sol que aquece e doira, é a chuva que fecunda, é uma réstea da beleza de Cristo.

Z.

Transposição Visceral Numa Criança

pelo Dr. Asdrúbal de Aguiar

Resultado da autópsia feita em 13 de Janeiro de 1913 ao cadáver de um indivíduo do sexo masculino de 10 anos de idade, atropelado por um automóvel em 31 de Dezembro de 1912.

Neste indivíduo notava-se uma curiosa anomalia, constituida pela transposição de todas as visceras e dentro de cada uma delas pela transposição de cada uma das suas partes.

CORAÇÃO — Estava desviado para a direita. O ventrículo que estacionava à direita era muito mais espesso que normalmente e que o esquerdo. Em vez de dois a quatro milímetros, o miocárdio deste ventrículo atingia segundo o lugar em que se media cinco a dez milímetro de grossura. A altura da cavidade ventricular era de 70 centímetros.

As válvulas que neste ventrículo existiam eram a aórtica e a moitral, ao invez do que devia ser e mediam respectivamente 58 e 5 milímetros.

O ventrículo que ficava para a esquerda era menos espesso que usualmente, pois em vez de 6 a 12 m/m., apenas alcançava 2 a 4. A altura da cavidade ventricular atingia 50 m/m.

As vávulas que neste ventrículo se mostravam eram a pulmonar e a tricúspida e mediam, a primeira 57 e a segunda 95 m/m.

GRANDES VASOS — A aorta saia do ventrículo situado à direita, em vez de nascer do que estava à esquerda. Ao contrário do que sucede normalmente, a parte ascendente deste grande vaso achava-se à esquerda e a descendente à direita da linha mediana, não se afastando contudo muito desta linha.

Da crossa da aorta, dirigida da esquerda para a direita, saia um tronco bráquio-cefálico, uma carótida primitiva e uma artéria sub-clávia, mas a sua disposição estava também trocada, porquanto, costumando ser direito o tronco bráquio-céfalo, era aqui esquerdo, e costumando ser esquerdas as artérias carótida primitiva e a sub-clávia, eram direitas.

A aorta, que geralmente cruza o esófago da esquerda para a direita, aqui fazia-o da direita para a esquerda.

A artéria pulmonar saia do ventrículo situado à esquerda.

As veias cavas alcançaram a aurícula colocada à esquerda, estando transpostos os vasos afluentes da veia cava superior e sucedendo o mesmos aos tributários da veia cava inferior. Esta ladeava pela esquerda a aorta desde o abdome.

O tronco venoso bráquio-cefálico direito era mais longo que o esquerdo, ao contrário do que sucede normalmente e também ao invez do que é costume; observava-se que se aproximara mais da horizontal e o esquerdo mais da vertical.

As veias pulmonares vazavam o sangue para a aurícula direita.

PULMÕES — O pulmão esquerdo, em vez de dois, tinha três lóbulos, estando o médio incompletamente separado.

O pulmão direito apresentava igualmente três lóbulos, notando-se mais um esboço de lóbulo no vértice do lóbulo superior.

BAÇO — Estava instalado à direita da cavidade abdominal em posição absolutamente simétrica à usual.

FÍGADO — O fígado estava colocado à esquerda em posição inteiramente simétrica da que costuma ter. Além disto, o lóbulo maior era o esquerdo, medindo a sua face superior desde a extremidade esquerda até o ligamento suspensor 15 milímetros, enquanto a face superior do lóbulo da direita media desde o ligamento citado à extremidade direita apenas oito centímetros.

A vesícula biliar achava-se sob o lóbulo maior como costuma ser, tendo-o portanto acompanhado na sua transposição. Nesta vesícula, notava-se mais que o corpo tinha a posição trocada.

ESTÔMAGO — A sua posição era precisamente a simétrica da normal. O cárdia estava do lado direito, recebendo pois o estômago por este lado o esófago. O piloro detinha-se à esquerda, vazando-se portanto o estômago para o intestino pela esquerda. A grande tuberosidade postava-se à direita e a pequena à esquerda da anterior.

INTESTINO — Os intestinos, como todas as outras visceras, estavam situadas ao contrário. Assim, o duodeno principiava à esquerda, o cego e o apêndice ileo-cecal ficavam à esquerda e o recto colocava-se à direita.

(«Arquivo de Medicina Legal», 2.º vol., 1923-1928, pág. 406-408).

Do Isolacionismo à Fraternidade

por Nelson Kerensky

(Redactor-correspondente de «Estudos Psiquicos» em Pernambuco)

Hoje, mundialmente apontado, e por maioria esmagadora, como elemento desagregador da sociedade, o isolacionismo, no entanto, constitui etapa necessária a ser percorrida pela espiral da evolução humana, quer se o encare no individuo ou no grupo. Tendo por divisa o «bastar-se a si mesmo», consequência lógica do egoismo e da ambição, ele caracteriza de modo nitido um dos degraus evolutivos da nossa espécie. Degrau atrasado, sem dúvida, mas obrigatório, tal como o alfabeto o é a quantos aspirem as luzes intelectuais ou como o aprendizado inicial e grosseiro do trato das ferramentas de trabalho se impõe a quem pretenda atingir a beleza subtil da arte ou das culminâncias admiráveis da técnica. Se no presente se labora com o esmero possível em busca do entendimento e da fraternização, procurando-se romper as lindes separativistas, no passado, ao contrário, quando a força bruta era o elemento capital da sobrevivência, o afã repousava no isolamento mais completo.

Entregue à crosta planetária, bravia e inóspita, a fim de edificar a própria ascensão, o homem seria levado ao apogeu do amor de si mesmo, para, na luta titânica e milenária, colocando a razão de sua existência acima de tudo, se assenhorear das forças naturais, em proveito da sua segurança, do seu domínio e, sem que o soubesse, da sua cultura. Assim tinha de ser, porquanto, desígnio divino, na evolução tudo corre paralelo.

O planeta terráqueo, geológica e climatèricamente instável, submetido a gigantescos abalos sísmicos, catastróficas erupções vulcânicas, tempestades diluvianas, submersões apocalípticas, constituir-se-ia cenário apropriado à instabilidade social, ora impingindo a seu habitante a desconfiança das coisas e dos seres, ora estimulando-lhe as necessidades e, portanto, lançando-o ao isolacionismo ou lhe oferecendo, quando ele se sentia suficiente para tanto, a oportunidade de uma nova conquista, cuja se lhe afigurava, egoisticamente, mais um elemento de esforço à sua segurança. De início, pois, o egoismo crasso e a ambição violenta assinalariam a personalidade humana, dando lugar ao direito da força, à predominância do mais capaz, em suma, à prática de uma vida solitária.

À proporção que se abrandam as condições existenciais do globo, surgem, aumentam e, a final fixam-se os grupos humanos, diminuindo ao mesmo tempo as desconfianças e a instabilidade. Elementarmente cordiais — imperceptível germe dos mais amplos intercâmbios futuros — estabelecem-se as relações entre aqueles agrupamentos. Em função da necessidade da vida gregária, firmam-se os rudimentos do direito comum, reconhecendo, ao forte e ao fraco, iguais prerrogativas e ensejos. De facto, com o aparecimento do senso de justiça, está implicitamente determinado o desaparecimento do individualismo desagregante, embora muitos séculos passem ainda até que seja alcançada a consciência disso. A solidariedade, então embrionária, jamais deixará de agitar a bandeira do mais belo ideal humano — a Fraternidade. Nada importa a inconsciência do fenómeno. A humanidade tem um destino superior e as coisas acontecerão, de sorte a que ele se concretize. É a Lei.

A evolução planetária acarreta a evolução da espécie racional. Através do tempo, o homem vai aprendendo a retirar do amanho do solo e da criação dos animais o suficiente à manutenção própria e com isto ganha vagar para a observação e o estudo da natureza amiga, dela apreendendo as primeiras realidades, por isso que já codifica as ciências naturais.

Transferindo, assim, as ambições primitivas para ideiais sucessivamente mais altos, a luta contra os os elementos, que ainda o subordina, tem, não obstante, carácter diferente. Nesse período, o homem trata da aprendizagem e aproveitamento da natureza e não simplesmente da sua subjugação. O abrolhar das ciências aplicadas e o seu posterior aperfeiçoamento, enriquecendo o património da vida, favorece o surto do progresso material, que, por último, se atesta majestoso na conquista e comodidades de hoje. E, porque do progresso resulta a diminuição das distâncias e a legítima interdependência entre os povos, fora dos campos filosóficos e religiosos, pela primeira vez, sèriamente, fulgura a doutrina fraternista de que o *mundo é um só*.

Entretanto, o progresso e a civilização, olvidando os ensinamentos divinos que nos trouxeram os Grandes Iniciados de todas as idades, redundaram no evoluir exclusivo da inteligência, com prejuizo do desenvolvimento sentimental. E' agora, quando o escol da política sonha e propaga a ideia de *um mundo só*, por motivo do esquecimento a que foram relegados os valores do coração, nós compreendemos quanta vontade e quantos esforços se fazem precisos para que o ideal grandioso não queiram impor, ao troar dos canhões e explodir das granadas. É que o homem en-

tende, mas ainda não sente que o seu vizinho é seu irmão.

Já não podemos ter dúvidas: atingido o zénite do evolver físico, estando no mais alto estágio da evolução intelectual e sendo quase independente da obrigação de observar o panorama exterior do mundo, a humanidade volta-se para o interior, procurando alcançar o conhecimento próprio, a consciência do «eu», bem como a origem e o destino que lhe pertencem, intuindo que sem este conhecimento qualquer tentativa de unificação resultará estéril. É o período áureo da consciência humana.

Aos espiritualistas em geral e, em particular, aos espiritistas convictos, porque já em vias de conquistar essa consciência, as possibilidades maiores da espiritualidade, com seus valores ilimitados de vida.

Daqui por diante, o homem terá sempre em boa conta todo o esforço que objective a troca de relações, pouco interessando, ali ou além, apareçam elementos isolados, ou pequeninos grupos deles, que se manifestem pela doutrina do «bastar-se a si mesmo». São elementos perdidos, herdeiros do atraso ancestral, recalcitrantes deslocados da época, impotentes contra os tempos chegados e que se afirmarão muito em breve, à luz da justiça dos renascimentos, tão só pela sucessão das gerações. Por questões individuais ou de grupo, pode existir quem apregoe o isolacionismo e até combata o sagrado trabalho do intercâmbio e da aproximação; no futuro, porém, e não remoto, esses que actualmente laboram e sofrem pela união entre os homens receberão a palma destinada aos paladinos da Fraternidade. A hora que passa é esta, de amargosas despedidas entre o homem velho e o novo. é a nossa hora.

Nessa ebulição que aferventa todos os ambientes humanos e que prenuncia novos e grandes acontecimentos, verifica-se a era da renovação planetária. Os homens estão cansados das ilusões a que se entregaram e aspiram, com veemência nunca vista, o período da paz e da fartura, proclamado há milénios no símbolo da *Terra da Promissão*. Qual o significado disto, senão que se anuncia a época da Fraternidade. o advento da evangelização ?

Em verdade, vêm bem próximas, para todos os homens, a descoberta do «eu» e a consciência da necessidade da iluminação interior. Sem estas (nós sabemos e os actos ilustram), a Fraternidade não passará de utopia, bela, ardentemente sonhada e desejada, mas apenas utopia.

Recife, 3 de Agosto de 1947

NO PRÓXIMO NÚMERO

Reportagem da Conferência de Ramos Pereira em Santarém e inauguração da filial do Centro E. Luz e Amor na mesma cidade.

CONFISSÕES

I

Quem és, Senhor ? Tu és o Senhor meu Deus, e eu sou o Teu filho pródigo, escravizado nos campos da matéria, buscando no sofrimento dum trabalho duro o resgate do seu ser, resgate culminado quando o Teu olhar me inundar de luz, porque todas as sombras já lancei de mim. Que mais és que o Senhor meu Deus ? Dizendo-Te Senhor, reconheço a minha insuficiência em mim e a abastança em Ti, reconheço que sem Ti eu sou o absurdo dum nada a quem nem existência posso atribuir; reconheço a perfeição absoluta da Tua Vontade, de que procuro aproximar a vontade livre que me deste.

Dizendo-Te — meu Deus — sinto todo o incompreensível com que na mente humana Te agigantas. Tu És o princípio e fim de todas as coisas, porque em Ti não há princípio nem fim; Tu estás antes do Tempo, no Tempo e para lá da consumação dos Tempos. Tu és a omnipotência absoluta porque o Tudo infinito que eu vejo é-me incaptável sem Ti, porque ainda sinto o Teu poder além desse Tudo presente. Tu és o imutável ou então não serias perfeito e és aquele que em si gerou o primeiro ponto em movimento; e se aquilo que se move És Tu ainda e sempre, então, meu Deus, Tu és a Inércia absoluta e o Movimento absoluto, Tu És a fusão de todos os contrastes, de todas as antinomias. Tu És o Tudo que eu percebo e o Nada que eu não sei, porque se não fosses esse Tudo e essa Nada, Tu não serias Deus. E Tu és Deus, és um «quid» a quem nada falta e em cuja manifestação indefinidamente se acrescem novas coisas. Tu estás além do infinitamente grande e antes do inifinitamente pequeno e no caminho que une um ao outro: Tu conténs o Espaço e este é tão só uma porção da Tua Essência manifestada de quem eu sou o mais fraco ponto, porque me deste a liberdade para o bem e para o mal.

Eu já Te vejo na Tua Manifestação e sinto a Tua Presença para lá dela.

Serei audaz falando de Ti, Senhor meu Deus, «mas ai dos que se calam acerca de Vós, porque embora falem muito, serão mudos !».

AGOSTINHO

A Crítica às Nossas Edições

Damos, novamente, algumas apreciações feitas, às obras de *Estudos Psíquicos Editora*. Como se verá, as opiniões emitidas são encorajadoras e incitam-nos a continuar.

Segue a do *Mensageiro Espírita*, órgão da Federação Espírita Portuguesa:

NOS UMBRAIS DO ALÉM *pelo professor William Barrett, tradução de Isidoro Duarte Santos. Edição de «Estudos Psíquicos Editora».*

Este livro de 302 páginas, que tem boa apresentação gráfica, é um repositório de factos espiritoides e metapsíquicos produzidos nas múltiplas experiências do autor e de outros experimentadores, homens de ciência.

Em todos eles deixa o autor do livro, bem vincada, a serena imparcialidade do seu espírito crítico, sem nunca abdicar da razão para julgar os fenómenos, partam eles donde partirem.

Aludindo às falsas comunicações do Além atribuídas a Espíritos superiores, escreve Barrett, a página 227: «Por tudo isto se verá que não podemos aceitar levianamente algumas comunicações manifestamente falsas, embora apresentadas com clareza dramática e verosimilhança, que levam e crer na sua realidade, visto representarem, sem dúvida, certas fases do sono hipnótico da senhora Piper criadas por sugestão verbal ou telepática dos assistentes».

Recomenda aos experimentadores que se acautelem com a auto-sugestão, mesmo àqueles cujo caracter esteja ao abrigo de qualquer suspeição. Antes de aceitar a origem de um facto supranormal, é necessário submetê-lo às provas mais rigorosas.

Acerca do discutido médium Staiton Moses, transcreve a opinião de Myers; «A sua honorabilidade, a sua correcção, o seu perfeito bom senso, nunca foram postos em dúvida, nem por mim, nem por nenhum dos que o conheceram».

Este julgamento de um homem da categoria moral e cultural de Myers, cujo talento nem os próprios adversários se atreveram a negar, destrói as acusações que foram feitas a Staiton Moses por vários detractores e apaniguados.

Quanto aos médiuns, entende W. Barrett, de um modo geral, que as mensagens recebidas provêm, muitas vezes, do subconsciente do médium e são invariàvelmente influenciadas por ele. Entretanto, observa: «A opinião popular de que todos os médiuns são impostores e todas as manifestações que eles poduzem são fraudulentas, é explicação cómoda para aqueles que não querem dar-se ao trabalho de estudar».

É certo que o médium é essencialmente sugestionável — lembra o autor — e pode ser vítima inconsciente e não produtor de fraudes, conforme pensam alguns investigadores cépticos, convencidos de que todos os médiuns são embusteiros.

Lembremo-nos — diz Barrett — que o médium está em estado anormal e já não consegue dominar-se; seria tão injusto acusar de fraude um médium em transe profundo, como acusar o sonâmbulo de arriscar a vida em digressão nos telhados.

Defendendo a ideia reencarnacionista, que considera *na ordem do dia*, diz que se lhe tem oposto o esquecimento total de nossas existências passadas, «mas isto pode ser apenas eclipse temporário». É possível que a recordação dessas vidas anteriores nos acuda à memória no decurso dos nossos progressos espirituais, à medida que atinjamos vida mais ampla, consciência mais dilatada.

Sem que, verdadeiramente, se possa fazer escolha, porque todos os capítulos da obra interessam, e, por vezes, empolgam o leitor, são de assinalar o capítulo XI em que destrinça a diferença entre «a personalidade humana» e o «eu subliminar», o capítulo XII sobre aparições dos «mortos», em que Barrett considera as provas mais favoráveis à sobrevivência.

No apêndice A explica o que se deve entender por *superstição* e *sobrenatural*, mostrando que não existe o sobrenatural, porque, como diz o arcebispo Whateby — «A Natureza é uma palavra que exprime o estado de coisas criado por Deus; portanto, nada do que sucede é sobrenatural...».

O Espiritismo, não é, nunca poderá ser a prova do sobrenatural, deduz Barrett.

Com as curtas transcrições que fiz pretendo mostrar o valor manifesto de «Nos Umbrais do Além», de grande utilidade para todos aqueles que queiram orientar-se no estudo e apreciação imparcial da fenomenologia espírita.

A tradução está feita com o cuidado que Isidoro Duarte Santos costuma ter em todos os seus trabalhos. É mais um serviço de vulto que este fecundo escritor neo-espiritualista presta a todos os espiritistas que entendam a língua portuguesa.

★

Constancia, a grande revista quinzenal de Buenos Aires, publicou frases que consideramos imerecidas, tal o relevo que dão à simplicidade da tradução:

NOS UMBRAIS DO ALÉM, *de William Barrett.*

Desde a judiciosa direcção de *Estudos Psíquicos*, que a orientação idealista de Isidoro Duarte Santos originou palavras de louvor nos ambientes estudiosos que apreciaram em toda a extensão tão notável es-

forço de apresentação e divulgação da Doutrina. Essa mesma senda percorre agora *Estudos Psíquicos Editora*, que na publicação do verdadeiro ouropel filosófico de Geley, intitulado «Resumo da Doutrina Espírita», indicou bem claramente o rumo a seguir.

Na obra em epígrafe, demasiadamente conhecida para que entremos em pormenores acerca do seu enorme valor didático e de vulgarização meritíssima, surge o nervo vital que Barrett se não cansava de apontar: o aspecto científico do Espiritismo, seus factos relevantes, suas profundas consequências de ordem moral e a envergadura indiscutível do seu talento, sempre à altura do seu fecundo trabalho de estudioso.

A versão portuguesa desta obra prima, devida a Isidoro Duarte Santos, que também dirige a Editora, é verdadeiramente impecável; e a correcta apresentação do livro, bem como o plano que nos revela a respeito de sucessivas edições de outras tantas obras essenciais do movimento espírita, diz-nos claramente que estamos em presença de um esforço digno de menção, em benefício da causa comum.

«Nos Umbrais do Além» respeita o espírito da obra de William Barrett — o cavaleiro do Espiritismo — e, nesta simples afirmação, está o melhor elogio que nos parece corresponder a uma obra notabilíssima da doutrina.

★

Agora, tem a palavra o mensário *Luz da Verdade*, orgão da União Espírita Baiana, jornal bem feito e bem orientado, uma das melhores alavancas do Espiritismo brasileiro:

NOS UMBRAIS DO ALÉM — *Sir William Barrett* — Tradução de Isidoro Duarte Santos — «Estudos Psíquicos Editora» — Lisboa, 1947.

Lançados que foram os fundamentos do Espiritismo por Allan Kardec, uma nova coorte de sábios e pensadores de todos os matizes, em meio da celeuma que os seus livros provocaram, abalançou-se à investigação do fenómeno espírita, com o deliberado intuito de positivar o que havia de verdadeiro ou de falso relativamente à hipótese da sobrevivência do Espírito e sua comunicabilidade com o plano físico, adoptando em suas pesquisas o método experimental.

Dentre aquelas grandes notabilidades, destacadas, em seu maior número, das fileiras materialistas, Sir William Barrett, antigo lente de Física na Universidade de Dublin, depois de longas expriências com famosos médiuns, e tendo chegado já à demonstração científica da imortalidade do princípio espiritual, não teve reserva em se expressar nestes termos: «Por mim, estou absolutamente convencido de que a ciência psíquica provou experimentalmente a existência de uma entidade transcendente e imaterial, chamada alma humana. Além disso, estabeleceu também a existência de um mundo espiritual invisível de seres vivos e inteligentes que podem comunicar conosco, quando se apresenta ocasião favorável».

O eminente sábio inglês, ao atingir este resultado, cuidou logo em dá-lo a conhecer ao público, e, nesse sentido, fez circular um livro relatando suas experiências, e ao mesmo tempo estudando e analisando, à luz da ciência, todas as peculiaridades dos factos supranormais que lhe fôra dado observar. Mas só na Europa, ou melhor, na Inglaterra e na França em cujas línguas estava publicada, a sua obra era conhecida.

Os leitores portugueses e brasileiros que a não possuiam, ou não sabiam lê-la naqueles idiomas, têm, agora, a oportunidade de travar conhecimento com um dos mais escrupulosos pesquisadores de fama mundial, graças a uma edição portuguesa de «Nos Umbrais do Além», de Sir William Barrett, realizada por *Estudos Psíquicos Editora*, a vitoriosa organização publicitária de Lisboa.

Está provado que nem sempre tradutor é *traditore*, de vez que *a versão do original* que nos deu Isidoro Duarte Santos é verdadeiramente impecável, merecendo elogios também a *Editora* pelo bonito aspecto que deu ao livro, de par com uma revisão perfeita e o moderno material tipográfico nele empregado.

Estudos Psíquicos Editora — no seu louvável empenho de difundir em língua portuguesa as obras clássicas do Espiritismo só conhecidas no exterior, anuncia para breve «Hipnotismo e Espiritismo», de Cesare Lombroso e outros trabalhos de consagrados autores.

Na pessoa desse culto e dinâmico Isidoro Duarte Santos, apresentamos calorosas felicitações a *Estudos Psíquicos Editora* e mais extensivamente aos espiritas portugueses em geral por mais essa iniciativa que tende a enriquecer das melhores obras clássicas e históricas o património da literatura espírita.

Federação Espírita Portuguesa

No passado dia 4 do corrente inaugurou os seus trabalhos a Federação Espírita Portuguesa, com uma conferência do nosso colaborador e amigo sr. Coronel Faure da Rosa, intitulado «Como os Mortos Comunicam Conosco».

Em virtude do conferente se encontrar ainda um pouco adoentado, o seu trabalho foi lido por um membro da Direcção.

A afluência desusada à inauguração dos trabalhos denunciou interesse pela obra que o sr. coronel Faure da Rosa está a realizar naquela colectividade. Oxalá assim seja. Que nova era de justiça presida aos destinos da Federação e que o Centro E. Luz e Amor veja, finalmente, satisfeitas as suas legítimas aspirações.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

LE PHÉNOMÈNE DES TABLES PARLANTES — por *J. Lhomme*. Editions Caritas. Liége. 146 págs.

Neste pequeno volume, condensa magistralmente o autor os resultados de vários anos de experiências, resultados que ora verificam conclusões já estabelecidas, ora aclaram outras, ora levantam novos problemas. «Verdadeiro manual do fenómeno das mesas» como lhe chamou A. Donnay no «prefácio», constitui um óptimo guia para aqueles que desejam iniciar-se no fenómeno espirita através da celebrada e também indignamente ridicularizada «tiptologia».

J. Lhomme analisa a questão com segurança, argumentando contra a prevenção incompreensivel de certos «espiritas» e a negativa irónica dos incrédulos.

Reputamos alguns capítulos dignos, pelo seu valor e actualidade, de serem traduzidos para as páginas de «Estudos Psíquicos», na impossibilidade de se levar a cabo uma edição portuguesa da prestimosa obra.

POUR SE GUÉRIR SOI-MÊME ET VIVRE SAIN — edição do Centro «Amour et Vie». 1.º tomo. Paris. 183 págs.

Neste volume é exposto o método utilizado pelos membros do Centro espirita francês «Amour et Vie» no tratamento das doenças. Na sua totalidade, os processos são conhecidos; mas isso não impede que se tenha produzido uma notável síntese, valiosa para doentes e... para aqueles que se dedicam ao tratamento «natural». Realmente, se certas substâncias curadoras são encontradas em produtos naturais e por eles podem ser absorvidas, porque buscar os mesmos elementos ou compostos químicos em produtos artificiais? Foi este o pensamento que norteou a pesquisa e experiências dos sócios do centro francês, que no presente volume nos dão as primeiras conclusões dos seus trabalhos. Julgo poder reduzir o seu método aos seguintes processos:

I — Alimentação natural vegetariana, com doseamentos especiais em caso de doença;
II — Tratamento magnético;
III — Medicação por compostos «naturais».

Lògicamente, este método tem como pano de fundo o «naturismo».

A falta de resultados pessoais sobre a eficácia do I e III processos não nos permite um pronunciamento decisivo. Do II processo temos podido observar alguns efeitos extraordinários.

É louvável o esforço de «Amour et Vie» e daqueles que agora nos oferecem o seu auxílio através das páginas do presente volume, um manual digno de ser lido, meditado e (porque não?) utilizado.

ESPIRITISMO E MEDICINA, pelo *Dr. Inácio Ferreira,* 2.ª ed. Uberaba. 170 págs.

Se o aspecto jornalístico dos capítulos tiram a esta obra a profundidade de análise que muitos nela desejariam ver, emprestam-lhe um tom de sinceridade e de entusiasmo que fazem dela um documento de fé confessa nos destinos do Espiritismo e de uma medicina menos entronizada em lugares inamovíveis. Não é um «estudo»; são páginas «doutrinárias». Perpassa nelas o anseio idealista de um médico que conseguiu uma visão mais larga do problema da vida. «Espiritismo» e «Medicina» estão fundidos na alma do famoso psiquiatra brasileiro, arremessando-o, para uma obra que a sua modéstia não deixa ver tal como é: — grandiosa, um documento superiormente humano.

Mas quando nos dará Inácio Ferreira o estudo exaustivo da Psiquiatria à luz do Espiritismo?

COSMOS — pelo *Almirante A. Thompson.* Tipografia Baptista de Sousa. Rio de Janeiro. 1947. 172 págs.

Eis um sugestivo e valioso ensaio de síntese científica (ainda que o autor lhe chame «estudo analítico»), em que dos aspectos físicos se caminha para o Espiritismo, num esforço de apreensão do essencial.

Espírito altamente culto, A. Thompson não consegue esconder a influência marcante do ensino teosófico, ainda que — e esse é um grande mérito seu — lhe tenha superado a atitude comum, colocando-se no vértice de um ângulo de que o outro lado é o ensino espirita. «Cosmos» é a exteriorização do pensamento de um homem sôfrego de Verdade e reconhecendo a sua incapacidade de apreensão total desta — da Verdade Absoluta — e sabendo que o seu possível (como, a final, o de todos) é uma verdade, a verdade humana.

O «credo» com que fecha o seu ensaio reproduz os postulados últimos da filosofia espirita.

Por êsse Mundo...

O Hospital Espirita de Marília, cidade paulista, está em construção adiantada num magnífico terreno de 48.000 metros quadrados. O prédio ocupa 2.200 m² com capacidade para 200 leitos, 42 quartos, 2 enfermarias colectivas, 2 refeitórios, 2 salas de curativos, sala de operações, 3 cozinhas e lavandaria. A construção iniciou-se em Outubro de 1945 e já consumiu 2 milhões de cruzeiros. Resta pagar 900 mil.

O médium-fotógrafo americano Kresse acaba de visitar, em Paris, a sede da União Espirita Francesa. Antigo industrial, consagrou-se desinteressadamente à propaganda do ideal. Um dia lembrou-se de entrar num quarto escuro e colocar durante um quarto de hora uma placa sensível no plexus solar. Revelando-a imediatamente à luz vermelha e fixando-a, encontrou imagens fotográficas, entre elas, os rins, os pulmões e um rosto muito nítido.

Por ocasião da Concentração Nacional Espirita de Cuba realizada em Março último, o Governador de Havana recebeu a delegação de espiritas no Palácio e declarou que, sendo homem de ideias liberais, não podia esquecer a importância do Espiritismo. Em seguida, elogiou os congressistas pelo seu trabalho de sã moral e altruismo no seio do povo.

O Instituto Espirita Dias da Cruz, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (Brasil) recebeu durante o ano de 1946 as seguintes subvenções e donativos: Da União, 15.000 cruzeiros; do Estado, 50.000; do Município, 39.000; da Legião Brasileira de Assistência, 124.000. Total — 228.000 cruzeiros.

O centenário do Cosme Marinho, o organizador do Espiritismo argentino e director de *Constância* durante cerca de meio século, repercutiu admiràvelmente no Rio de Janeiro, onde a Liga Espirita do Brasil, o Centro Espirita 18 de Abril e a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos realizaram sessões comemorativas do notável acontecimento.

Em 5 de Junho último fundou-se em Roma o *Instituto Spiritistico Internazionale*, com o fim de estudar experimentalmente os fenómenos paranormais conhecidos sob a denominação de «fenomenologia metapsíquica» e dar ao mundo a prova inconcussa de que o espirito humano sobrevive à extinção do corpo e se manifesta após a morte. É seu presidente o conhecido investigador Carlo Vergani e tem a colaboração dos doutores Bruno Adamo, Alfredo Gilé, Francesco Letti, Gino Testi e outros.

Foi eleita a Nova Comissão Executiva da Confederação Nacional Espiritista de Cuba, a que preside o sr. Manuel González Castellano.

Segundo informa o *Psychic News*, de Londres, Hannen Swaffer revelou que o falecido presidente Roosevelt, dos Estados Unidos, costumava realizar sessões de Espiritismo durante a guerra, com um médium da Costa do Pasífico que ia de avião a Washington. A exemplo do seu grande predecessor Abraham Lincoln, Roosevelt apoiava-se nos conselhos do Invisivel para dirigir os negócios do Estado.

Em 29 de Junho foi inaugurada uma escola mantida pelo Centro Paz e Fraternidade, de Spameri (Goiaz, Brasil), com a assistência das autoridades locais.

Em 29, 30 e 31 de Março findo, realizou-se a XIII Concentração Nacional Espirita de Cuba, na cidade de Santa Clara.

O Espiritismo brasileiro conta com mais um orgão de divulgação: *Raios de Luz*, editado no Recife. Inserindo variada e boa colaboração, apresenta-se com óptimo aspecto gráfico. A capa do n.º 2 (Maio-Junho) traz uma bela alegoria.

Em Julho último, nos dias 4, 5 e 6, realizou-se em Buenos Aires o VII Congresso Interno da Confederação Espirita Argentina, em que articiparam 42 agremiações.

Raul Cary, o benemérito espirita brasileiro, acaba de abrir em Poços de Caldas (Minas Gerais) o Abrigo e Centro Espirita União Fraternal, tendo por fim socorrer a velhice desamparada e promover instrução. A sessão foi radiodifundida por uma emissora local, tendo falado ao microfone dois espiritos incorporados.

Acaba de fundar-se a Sociedade de Estudos Metapsiquicos do Uruguay, a que preside o sr. Dante Beletti, que tomou parte nos trabalhos do recente Congresso Espirita Pan-americano.

Na Quadragésima Primeira Assembleia Ordinária da Federação dos Espiritistas do Porto Rico, realizada na cidade de Ponce, estavam reprsentadas 43 socidades federadas, com 117 delegados.

O nosso colaborador Natálio Ceccarini, filho, abandonou a direcção da revista *La Idea*, orgão da Confederação Espirita Argentina, em virtude de determinação estatutária, sendo substituido pela Senhora Rosa de Garcia Romanó.

A Confederação Espirita Argentina conseguiu instalar-se em sede própria, mercê do esforço e boa vontade dos seus associados.

O *Boletim Espirita*, de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, é já composto em oficinas próprias e faz apelo aos confrades no sentido de auxiliarem a compra de máquina de impressão.

Com assistência de numerosas entidades oficiais espiritas festejou o seu 10.º aniversário a «Hora Espiritualista João Pinto de Sousa», irradiada semanalmente ao microfone da P. R. A.-3 do Rio de Janeiro e à frente da qual se encontra o confrade Geraldo de Aquino.

Em Buenos Aiires foi criado um Ateneu de carácter espiritualista e eclético. O professor Pablo Dávila dirige ali cinco cursos relativos a expressão gráfica e interpretação das condições orgânicas e psíquicas do homem, por intermédio das mãos. São eles: Quirologia, Quirografia, Quirometria, Quirosofia e Quiropatia.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

O CONGRESSO ESPIRITA FRANCÊS DE 1947

O Congresso Espirita Francês que há pouco se realizou em Lille, nos dias 25, 26 e 27 de Julho sob o signo da concórdia e da união total, foi coroado de êxito. Segundo informações de Henri Regnault, nosso redactor-correspondente em Paris, o presidente da *União Espirita Francesa*, sr. Lemoine, não pôde assistir por motivo de doença. A *Federação Espiritualista do Norte* fora encarregada de organizar o Congresso, sob os auspícios da *União Espirita Francesa*. O Presidente, sr. Brizzolara, deu as boas-vindas aos congressistas, entre os quais se encontravam os delegados da *União Espirita Belga*.

De facto, o Congresso de 1947 representou verdadeiro traço de união espirita franco-belga, agora mais forte do que nunca, mercê da aproximação empreendida por elementos devotados à Causa. *A União Espirita Belga* enviou dois delegados: o seu presidente Achille Biquet (nosso redactor-correspondente em Liege) e o seu secretário geral Jules Demet, que eram acompanhados pelos srs. Hippolyte e Joseph Jacques, delegados da *Federação Espirita Lioneza*, além dos delegados da *Associação Espirita de Borinage*, srs. Gobert, Léveque e Blondiau.

A secretaria da *União Espirita Francesa* era representada por André Richard, Henry Regnault (vice-presidente), Georges Gonzalès (secretário geral) e André Dumas (secretário geral adjunto).

Eis os votos e moções que foram aprovados no Congresso:

1.º *Organização dos Grupos, relativamente ao desenvolvimento da mediunidade*

Os relatos apresentados ao Congresso pelos srs. Saviard, Travers e Ossédat, demonstram que os grupos devem ser objecto de estudo especial, no tocante à investigação, primeiro dos médiuns e depois do seu desenvolvimento.

Deste modo, a secretaria da *União Espirita Francesa*, inspirando-se nas ideias emitidas, enviará aos grupos aderentes um pequeno questionário, facilitando o estudo que permita a apresentação de relatórios documentados, de modo a que o Congresso de 1948 possa estabelecer uma regulamentação tendente a unificar e orientar a acção espirita no seio dos seus filiados.

2.º *Mediunidade*

Após os relatórios apresentados pelos srs. Saviard, Travers e Gonzalès, o Congresso, considerando a necessidade de desenvolver as faculdades psíquicas de numerosos e variados médiuns, convida os grupos aderentes a trabalhar com paciência, método e assiduidade. E depois, referindo-se às sugestões dos Mestres, aconselha-os a proceder lògicamente na utilização do psiquismo e do magnetismo aplicados ao Espiritismo, para chegar às relações directas entre encarnados e desencarnados. Põe-os de sobre-aviso contra defeitos que é preciso combater nos médiuns, como sejam a cupidez e o orgulho, a fim de que se fortifique o nosso ideal. Do conjunto de teses apresentadas no Congresso verifica-se que a formação dos médiuns deve ser regulamentada para que os grupos procedam ùtilmente.

Após algumas observações de Hubert Forestier, Henri Regnault e Gonzalès, esta moção foi aprovada por unanimidade.

3.º *Propaganda*

Em virtude dos trabalhos apresentados por Garnier e Travers, o Congresso, considerando:

1.º) que é necessária a propaganda do Espiritismo, do ponto de vista científico e filosófico;

2.º) que é absolutamente indispensável experimentar em público, visto que os homens de hoje querem «ver» para «crer»;

3.º) que é útil ter um jornal para ensinar o grande público (muitas vezes enganado por imprensa ignorante ou servil) acerca da realidade espirita e consequências morais que dela derivam para o indivíduo e a sociedade;

Declara que:

a) a propaganda pública e o estudo mais profundo dos fenómenos espiritas em grupos particulares são dois métodos que se completam e ambos podem ser úteis à ciência, quer trabalhando à superfície, quer em profundidade.

b) a experimentação em público deve dirigir-se aos fenómenos psíquicos, pois o psiquismo é a introdução lógica do Espiritismo. A experimentação deve ser sempre circunspecta, prudente, judiciosa e só deverá ser praticada por indivíduos abalizados, conhecedores do assunto e que trabalhem com absoluto desinteresse.

A experimentação espirita só deverá ser feita com médiuns de confiança e baseada no conhecimento esclarecido dos factos.

Nenhuma experiência deve empreender-se, sem que o experimentador dela tire conclusões que provem a existência da alma e a sua sobrevivência, bem como as consequências morais que daí se podem tirar.

c) A imprensa espírita deve compreender:

A) *Manuais* que dêem a conhecer os aspectos da nossa doutrina e adaptados aos diversos graus de cultura humana, mas estabelecidos segundo os princípios definidos pelos Mestres.

B) Revistas numerosas que se dirijam aos aderentes dos diferentes grupos e os cientifiquem dos resultados das investigações e trabalhos realizados e servindo de arquivo precioso de materiais para conferencistas e propagandistas.

c) Um *jornal* de apresentação clara e leitura fácil, que distraia para melhor impor os ensinamentos que difunda. Este jornal deverá aproveitar o concurso de todos e servir a todos para que triunfe o nosso ideal, enfim, um grande jornal de vulgarização do Espiritismo em França, que chegue a publicar-se semanalmente.

(Esta proposta foi aprovada por unanimidade).

4.º *Director de Grupos*

Depreendendo-se das teses apresentadas que o Espiritismo necessita de directores de grupos experimentados e susceptíveis de orientar o movimento, o Congresso exprime o voto de que os trabalhos do próximo Congresso atendam a esta lacuna, incluindo este assunto nas questões a estudar (aprovado por unanimidade).

5.º Moção apresentada por A. Richard, vice-presidente da União Espírita Francesa

Em face da tendência da maior parte dos humanos de tudo quererem ligar à existência material, aplicando geralmente princípios que a moral universal reprova, os espiritas reunidos em Congresso em Lille nos dias 26 e 27 de Julho de 1947 comprometem-se a expandir o mais possível os ensinamentos científicos e filosóficos do Espiritismo que explicam racionalmente os diversos acontecimentos da vida.

O Congresso pede a todos os agrupamentos espiritas que se organizem para libertar o espiritualismo experimental moderno de tudo o que o possa explorar de qualquer forma.

Após observações de Hubert Forestier e André Dumas, este parecer foi aprovado por unanimidade.

6.º *O Hino Espírita*

O Congresso emite o desejo de que o hino espírita seja aprendido por todos os espiritas de França e que um exemplar, com música, seja posto à disposição de todos os grupos adesos à União Espírita Francesa, o que também foi aprovado.

Não se pode negar a extraordinária importância deste Congresso, no qual se trocaram impressões com o director de *La Revue Spirite*, suspensa durante a guerra e que reaparecerá brevemente, em substituição dos *Cahiers du Spiritisme* (Cadernos do Espiritismo) que aquele confrade tem publicado nos últimos tempos. Houve, portanto, espírito de união, isto é, a matéria-prima das grandes e duradoiras realizações.

Estudos Psíquicos, que tem acompanhado com a maior simpatia o desenvolvimento do Espiritismo francês, sauda aqueles valentes confrades num grande e fraternal abraço, extensivo aos irmãos belgas, a quem igualmente prezamos e estimamos.

IDENTIDADE ESPONTÂNEA DE UM ESPÍRITO

Como sabemos, a identificação dos espíritos é um dos maiores problemas da experimentação. Em torno dele é que fervilham as críticas mais acerbas dos nossos adversários. Por isso vamos transcrever parte do artigo que o sr. António Joaquim de Sousa, do Rio de Janeiro, escreveu na *Centelha*, de S. Paulo, em Julho do corrente ano, subordinado ao título desta nótula.

Diz ele:

«Com o intuito de obter provas convincentes da sobrevivência para uma pessoa amiga e incrédula, realizei em nossa casa algumas sessões de espiritismo prático que deram óptimos resultados. Tomaram parte nessas reuniões o signatário desta narrativa, sua esposa e mais três convidados, inclusive a médium.

«Antes de mais nada, devo declarar que a senhora que serviu de médium nunca se dedicou aos estudos espiritas, nem frequenta centros ou grupos.

«Aberta a sessão, a médium cai em transe e o espírito fala por sua boca e um assistente faz as perguntas.

«*Espírito* — Deus, dai paz e luz aos teus filhos aqui reunidos.

«*Pergunta* — A quem temos o prazer de falar?

«*Resposta* — À pobre Antonieta. Rogai por nós ambos, que transgredimos as leis divinas. Trilhamos o caminho da dor e do arrependimento.

«*Pergunta* — Fala em nome de outro espírito?

Resposta — Sim, o Miguel. Infringimos as Leis.

«*Pergunta* — Suicidaram-se?

«*Resposta* — Sim, infelizmente.

«*Pergunta* — Lembra-se onde faleceu e quando?

«*Resposta* — Porto Alegre (Rio Grande do Sul) em Março de 1910.

«*Pergunta* — Em que idade?

«*Resposta* — Dezoito anos.

«*Pergunta* — Pode dizer o seu sobrenome?

«*Resposta* — Brito.

«*Pergunta* — Não tenho dúvidas acerca da sua narrativa. Posso pedir informações ao encarregado do cemitério de Porto Alegre?

«*Resposta* — Pode.

«A comunicante retirou-se, prometendo voltar noutra ocasião.

«Escrevi imediatamente ao administrador do cemitério perguntando se em Março de 1910 fora ali sepultado uma pessoa de nome Antonieta de Brito e vinte dias depois recebi a seguinte resposta:

«A senhorita Antonieta de Brito faleceu a 16 de Março de 1910 e foi inhumada na catacumba n.º 143 de 3.ª ordem — Apolónio S. de Andrade, Administrador».

«Ainda não satisfeito com a informação que me foi prestada por aquele sr., que não tenho o prazer de conhecer, fui à Biblioteca Nacional e pedi a colecção do 1.º semestre de 1910 do jornal *Federação*, que se publicava diàriamente em Porto Alegre.

«No número de 17 de Março encontrei notícia pormenorizada do duplo suicídio — Antónieta e Miguel —, na qual verifiquei tudo o que nos disse o referido espírito.

«A comunicação que acabamos de ler não pode ser atribuida a recordação de factos passados que se conservem patentes no subconsciente da médium, nem tampouco a psicometria, porque não houve utilização de qualquer objecto da defunta e quando esta faleceu tinha a médium 14 anos de idade e nunca leu notícia do duplo suicídio».

A PEDRA DE AFIAR

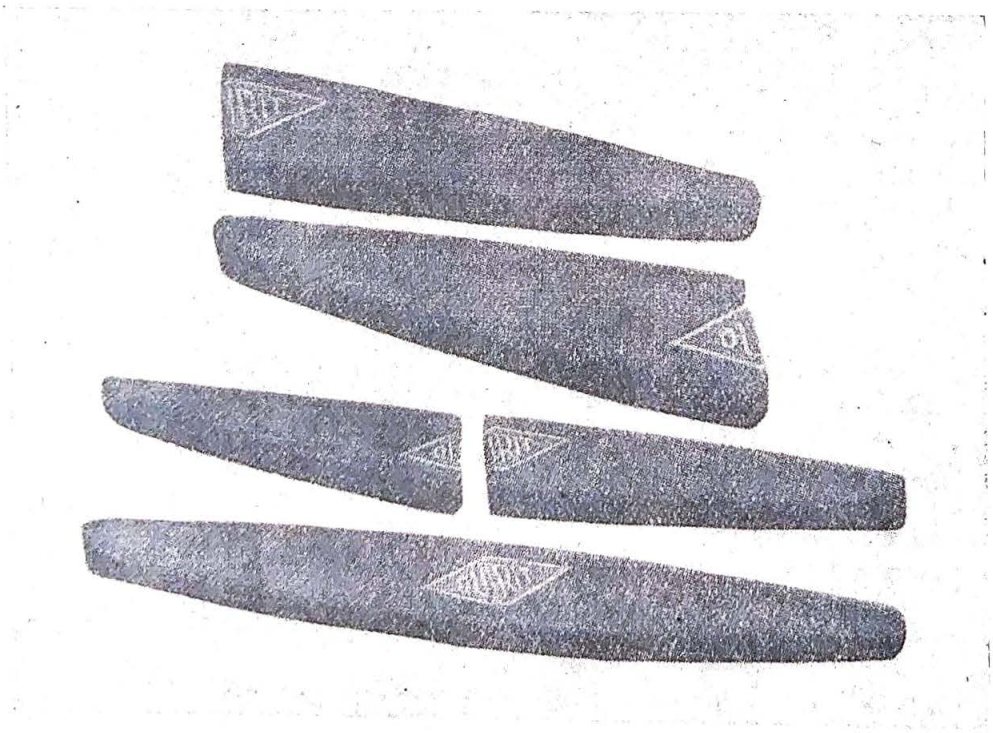
Os leitores devem estar lembrados do *Centro Espírita Irmã Terezinha*, de Pindamonhangaba, onde há dois anos o Espírito do Dr. Gomes do Amaral realizou a célebre operação de apendicite que tão grande celeuma levantou em todo o Brasil e cuja reportagem tivemos o prazer de publicar nas colunas desta revista. Pois agora vamos arquivar mais um curioso e interessante fenómeno ali obtido em 17 de Junho de 1945, devido à intervenção do bondoso Espírito do Padre Zabeu, em sessão de voz directa e efeitos físicos.

Após alguns momentos de concentração, no intuito de prestar assistência espiritual a um doente que se encontrava a dois quilómetros de distância com um tumor no ouvido, surgiu o Padre Zabeu a falar em voz directa e a dizer que a caridade havia sido prestada. Alguns minutos depois de agradável palestra, aquela entidade, inteiramente materializada, colocou nas mãos do confrade Arnaldo Amadei, que dirigia a sessão, uma pedra de afiar de cerca de vinte e cinco centímetros de comprimento por três de largo, dessas que se vendem em qualquer loja de ferragens, e pediu que a passasse a todos os presentes, a fim de identificarem o objecto, devolvendo-o depois, o que fizeram.

Como já temos dito, estas sessões são feitas à luz vermelha para evitar a dissolução de certos fluidos necessários à obtenção dos fenómenos. Por vezes, até se exige escuridão total.

Passados alguns instantes, ouviram-se fortes pancadas nos bordos da mesa e logo quase a seguir a voz do Padre Zabeu, dizendo que acontecera um «desastre», pois a pedra de afiar «tinha-se partido ao meio». Riu-se do facto e pediu que encerrassem os trabalhos e tirassem duas fotografias da pedra partida, tendo-se incumbido desse trabalho o confrade Mário Amadei.

Meia hora depois e cumpridas as determinações, reabriu-se a sessão, com as mesmas precauções anteriores, e apareceu o Padre Zabeu, declarando que a pedra já tinha sido consertada. E para o provar, entregou-a ao presidente. Em seguida falou de vários assuntos e informou que quatro operadores químicos do Espaço haviam auxiliado o fenómeno, que fora importantíssimo, dada a sua originalidade e perfeição, pois que a pedra não apresenta o mínimo vestígio de ter sido quebrada, como se vê fàcilmente.



Fenómeno de remoterialização obtido num centro espírita de Pindamonhangaba

De facto, a pedra está intacta, segundo se depreende da fotografia que inserimos. Apenas o papel da marca demonstra ter sido rasgado, quando quebraram o objecto. Em nossa opinião, esta última circunstância é elemento probatório do facto.

Notas & Comentários

MANUEL GRAÇA

No dia 9 de Setembro último desencarnou em Braga com 80 anos de idade, o proprietário e administrador a revista *Luz e Caridade*, que há trinta anos circula mensalmente, disseminando o Evangelho do Cristo. Obreiro incansável, trabalhou até os derradeiros momentos da vida e serenamente abandonou a arena da luta, onde se afirmou como espírita de um só rosto e uma só fé.

Com Matias Cunha e Joaquim Rocha, fundou também o Centro Espírita de Braga.

Conhecemos-lhe a fé inabalável e o entusiasmo que punha no seu apostolado.

Durante muitos anos colaborámos na sua revista e tivemos ocasião de admirar as magníficas qualidades que o impunham a todos os que privavam com ele.

Era casado com D. Sara Graça, uma senhora brasileira muito gentil que o acompanhou sempre na propaganda como médium psicográfico a quem se devem as comunicações que naquela revista são assinadas por P. R. F. (Paz, Regeneração e Fé), coisas que muitos leitores, de certo, ignoram.

Manuel Graça regressou à pátria espiritual, mas ficou ainda Silvino Cunha a dirigir a barricada, onde alguns batalhadores, entre os quais Manuel Tavares, continuam a alimentar a fogueira da propaganda.

Elevando ao alto a nossa prece por este companheiro e amigo, fazemos votos para que ele possa continuar a prestar auxílio ao movimento espírita português. E à sua esposa apresentamos os nossos protestos de solidariedade, no sentido de que prossiga no rumo traçado.

SEM RÉPLICA...

Segundo lemos em *Survie*, órgão da União Espírita Francesa, o nosso redactor-correspondente em Paris, Henri Regnault, realizou há pouco uma conferência espírita no Salão de Geografia daquela cidade, convidando o conhecido metapsiquista René Sudre a contradizê-lo. Mas, nem o convidado compareceu, nem qualquer incrédulo se dignou de levantar a luva.

É sistemática esta fuga dos adversários do Espiritismo ao debate público de seus e nossos temas. Bem pouca confiança lhe devem merecer as suas próprias ideias...

A conferência terminou com demonstrações da existência do fluido humano, que Regnault exterioriza admirávelmente. Um dos assistentes ainda chegou a constestar o facto, mas foi submetido à experiência e prestes deu a mão à palmatória...

A VOZ DE PAGANINI

O jornal belga *Spiritualisme Expérimental et Philosophique* transcreve uma notícia de *Le Penple* de 17 de Junho, onde se rebate um fenómeno de voz directa obtido em condições jamais observadas anteriormente. Quando há pouco se filmavam em Génova algumas cenas de *A Voz de Paganini*, em que o violinista italiano Renato de Barbieri interpretava a figura do grande *virtuoso*, escolheram para isso um Salão do Palácio Ducal, a fim de ali tocar a famosa peça do artista, intitulada «Le Streghe» (As Feiticeiras). Pois, quando se ouviram as primeiras notas, uma voz misteriosa interrompeu os trabalhos, gritando:

— Sono Paganini! Sono Paganini! (Sou Paganini! Sou Paganini!).

— Após alguns sustos, aliás naturais, continuou a filmagem e, ao terminar a execução musical, a voz surgiu novamente:

—Bravo! Bravo! Ah! minhas Feiticeiras, as minhas Feiticeiras!

E a voz de Paganini redivivo ficou gravada no filme...

Que dirão os cépticos? Atribuirão o fenómeno a truque cinematográfico. Para negar essa hipótese está a declaração oficial feita pelos actores e técnicos num notário da localidade.

Poderemos nós um dia, durante a exibição dum filme, ouvir a voz de um Espírito a proclamar a sobrevivência?...

«LUZ DA VERDADE»

Temos recebido regularmente este interessante jornal, órgão da *União Espírita Bahiana*, publicado na cidade de Salvador, capital deste Estudo brasileiro. Embora no Nordeste da grande nação amiga, é um dos jornais mais bem escritos ao serviço da Causa Espírita. Os seus redactores primam na escolha dos assuntos, subordinados a elegante forma literária. Isto eleva e dignifica a gazeta onde escrevem.

Desassombrados e erectos, estes amigos são verdadeiras sentinelas da Causa. A secção bibliográfica *Letras Espíritas* é digna duma boa revista.

Continuai, amigos! A vossa posição é altamente simpática e utilíssima.

Ao seu director Silva Lima e aos redactores Alfredo Miguel e Abel Mendonça, as nossas felicitações por tão belo trabalho literário e jornalístico.

SUGESTÃO MENTAL

O *Diário de Notícias* relatou há pouco alguns factos passados na Holanda e reputados de muito estranhos. Por exemplo: dois pianistas célebres cometeram grandes *gaffes* num concerto e um comboio parou ao toque de alarme accionado por um passageiro. De tudo isto responsabilizaram um engenheiro civil, cujo nome não revelaram e que, mentalmente, sugerira os gestos e os erros. Trata-se, pois, de pura sugestão mental, bem conhecida em metapsicologia e que pressupõs forte dinamismo magnético do agente (o engenheiro holandês) e sensibilidade dos passivos. O periódico chamou «telepatista» ao agente magnético, mas impropriamente, porque a telepatia implica consciência do passivo, ao passo que o gesto causado por sugestão mental (ou verbal) é produzido inconscientemente pelo sensitivo, como se verifica nas experiências do Dr. John Watkins, relatadas pelo *Journal of Abnormal and Social Psychology* e referidas no periódico lisbonense, em seu número de 5 de Outubro corrente. Nos trabalhos do médico americano, a acção magnética é mais profunda.

Noticiário

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

De Portugal — *Além, Luz e Caridade, O Mensageiro Espirita, Região de Leiria, O Comércio de Leixões, Jornal de Albergaria, Notícias de Vizela e Vida Mundial.*

De França — *Survie, Forces Spirituelles e L'Heure d'Être.*

Da Bélgica — *Spiritualisme Experimental et Philosophique.*

De Inglaterra — *Psychic News e Spiritualist Free Press.*

Do Brasil — *Reformador, Revista Espirita do Brasil, A Nova Era, A Flama, O Semeador, Luz da Verdade, O Revelador, Raios de Luz, A Centelha, Folha Espirita, A Aliança, O Espiritualista, Mundo Espirita, Revista Internacional do Espiritismo, O Clarim, A Voz dos Espiritos, Amor à Verdade, Boletim Espirita, Infância Espirita, A Verdade, Mensageiro do Orfão, Revista de O Pensamento e Rio Esperantista.*

Da Argentina — *Constancia, La Idea, Cristianismo, Claridade del Alma, Progresso Espirita, Siembra, La Voz de Jesus, La Fraternidade e Revelación.*

ABERTURA DOS TRABALHOS DO CENTRO E. LUZ E AMOR

No dia 12 de Outubro corrente, como fora anunciado, inauguraram-se os trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor, com uma bela conferência do nosso colaborador e amigo sr. coronel Faure da Rosa, que se apresentou magnífico de aspecto, após a doença que há tempos o reteve alguns meses em casa, com prejuizo da Doutrina. «O Segredo da Vida» foi o tema ventilado, com a mesma elegância de sempre e o mesmo fiosito de ironia sã a polvilhar a aridez do assunto.

O presidente da Direcção, Isidoro Santos, congratulou-se com a abertura dos trabalhos e com a presença do seu velho amigo e companheiro que, embora conferente, ali estava também a presidir à sessão, por direito de conquista, outorgada pela sua vasta obra doutrinária. No final, comentou alguns passos do trabalho do sr. coronel Faure da Rosa e declamou uma poesia sua, alusiva ao anseio humano de criar a célula viva.

CORRIGENDA

As *gralhas* assaltaram-nos o faval, no último número. Apanharam-nos fora de Lisboa... e familiarizaram-se com o revedor eventual, captando-lhe a confiança e a simpatia. A *Página Infantil*, então, ficou depenada, com períodos truncados, desmantelados e frases arrancadas pela raiz. *Kilas* e *Sibil* têm razão. Os ciclones nada respeitam, e os conhecidos pássaros são inexoráveis. Na secção «Conte o seu Caso...» sairam «foças do invisível» em vez de «forças do invisivel». E até o artigo de fundo *apanhou por tabela.*

«Ossos do ofício,
Que o não há sem ossos...»

NOTÍCIAS DE S. PAULO

Com o título *Homenagem a Allan Kardec*, o nosso representante em S. Paulo, Vicente S. Neto, enviou-nos por avião a seguinte notícia relativa à homenagem ali prestada em 4 de Outubro ao codificador do Espiritismo:

Em 4 de Outubro realizou-se uma grande concentração da Mocidade Espirita no Salão Nobre do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, em homenagem ao codificador da 3.ª Revelação. Este festival teve igualmente o fim de reunir os moços espiritas de todos os Centros e Sociedades, no mesmo pensamento cristão.

Presidiu o jornalista Paulo Alves Godoy, secretariado por António S. Carvalho e Senhorita Zenobia Prado.

No início da reunião, surgiu no palco a pintura «A Meditação de Jesus», provocando belíssima apoteose ao Mestre dos Mestres. Um grande quadro de Kardec, devidamente ornamentado, realçava a figura do saudoso codificador e sábio francês.

A prece foi dita pelo Dr. Júlio de Abreu, representando a União Social Espirita. Os concertistas Jivem Franz Simon e Alice Campos Melo executaram nesse momento a «Avé Maria» de Gonoud. Depois, o Dr. Jónatas Fernandes, Juiz de Direito da 5.ª Vara Cível de S. Paulo, dissertou acerca do homenageado, tendo recebido no fim do seu trabalho uma calorosa salva de palmas. Antes e depois da conferência, uma parada de jovens espiritas deliciaram os assistentes com um programa maravilhoso de arte espiritualista. Entre os declamadores, pianistas e violoncelistas, viam-se Nancy Pulhmann, Julinha Thekla, Franz G. Simon, Alice Campos Melo, Célia J. Pitt, Hilda Siqueira, Teodomiro R. Cunha (Néné), Alda Bertellini e a notável soprano Ariel Sampaio, os quais foram delirantemente aplaudidos nos seus trabalhos, alguns dos quais bisados. O locutor do magnífico programa foi Vicente S. Neto, representante de *Estudos Psíquicos.*

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE NOVEMBRO DE 1947

Dia 1 de Novembro, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 8 de Novembro, às 21,30 — Conferência pelo nosso colaborador António J. Martins, intitulada «Viagem à volta do Espiritismo».

Dia 15 de Novembro, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 21 de Novembro, às 21,30 — Conferência de Ramos Pereira, intitulada «Sobre o Perispírito».

Dia 28 de Novembro, às 21,30 — Sessão do Grupo «Amor do Redentor», dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

NOTA — *As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios.*

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

8.º ANO — LISBOA, NOVEMBRO DE 1947 — N.º 11

Redactor **Ramos Pereira** | Director e Editor **Isidoro Duarte Santos** | Administrador **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

DUAS JORNADAS

O Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos e o Centro Espiritualista Luz e Amor realizaram em 26 de Outubro findo uma obra meritória em Santarém. A conferência pública no Clube Literário Guilherme de Azevedo movimentou centenas de pessoas, crentes, simpatizantes e adversários, na ânsia de ouvir o nosso redactor Ramos Pereira dissertar acerca do Espiritismo. E o vasto salão encheu-se literalmente, apresentando aspecto imponente. Muitos nunca tinham lido, nem ouvido nada a respeito da nossa doutrina e sairam de lá entusiasmadíssimos. Houve explosões de contentamento na boca de indivíduos que desejariam conferências daquelas uma vez por semana, tão grande foi o consolo espiritual que receberam. A própria Direcção do Clube ficou lisongeada, colocando-se incondicionalmente à nossa disposição para futuros trabalhos idênticos. Enfim, atingimos o nosso objectivo e estamos satisfeitos. Não será a última vez que o Núcleo de Acção e Propaganda se desloque a Santarém, onde fomos acolhidos hospitaleiramente, a princípiar nas excelentíssimas autoridades civis, a quem rendemos a nossa homenagem de agradecimento.

Por sua vez, a inauguração da Filial do Centro Espiritualista Luz e Amor, em Vale de Estacas, a dois minutos da cidade, representou uma boa jornada de propaganda. Trabalhando em estreita ligação com a sede de Lisboa, a Filial de Santarém procurará difundir a Doutrina Espirita e agregar o maior número de associados, não só daquela localidade, como do Cartaxo, de Coruche e de outros meios em que o Espiritismo tem proliferado.

Já lá vai o tempo do espiritismo estático. Hoje é necessário abandonar momentâneamente as trincheiras e confraternizar o mais possivel com a sociedade, demonstrando, por actos e palavras, as excelências do ideal que se apregoa. É essa a nossa orientação. Queremos Espiritismo de Vivos, que regenere e salve os que estão na carne e os leve a promover obras úteis à comunidade. Para isso vamos ao encontro do mundo profano, pela palavra e pela pena, pela conferência, pela revista, pelo livro e pelo folheto gratuito. Todos devem ouvir a palavra de vida, todos devem ser dessedentados.

As centenas de revistas que distribuimos pela assistência do Clube Literário deviam ter despertado alguns cépticos e levá-los ao estudo dos fenómenos psíquicos. A leitura ainda é mais profícua do que a palavra. Quem lê, medita reflete e estuda mais à vontade do que quem ouve. Lá diz o rifão: «Palavras, leva-as o vento». Se a palavra desperta, sobretudo quando é incisiva e dita com conhecimento de causa, a leitura aprefeiçoa e traz a convicção.

Gostariamos de ouvir muitas conferências acerca de Espiritismo e ver muitos centros espalhados em terra portuguesa. Para isso trabalhamos, para isso nos esforçamos dia e noite, procurando novos elementos e novos valores, em Portugal e no estrangeiro, onde quer que se manifestem, porque a ideia é universal, abarca todos os departamentos da actividade humana.

Perquirir a verdade, arrancando-lhe os véus que a encobrem aos olhos da humanidade sofredora, é o fim principal do Espiritismo, doutrina que se ergue entre o sentimento e a razão, abrindo horizontes novos em revelações verdadeiramente prodigiosas. Eis porque a nossa marcha continua sempre, sem mortais paranças, olhos fitos na estrada que se prolonga indefinidamente e que temos de percorrer à custa de sofrimento, para alcançar um dia a recompensa do esforço agora realizado.

O Espiritismo e a Civilização

por F. Noronha

Não decorreu muito tempo, depois que um distinto amigo meu, pelo saber, pelo espírito ponderado, pela profunda análise crítica e vasta erudição com que estuda e abrange os mais graves problemas económicos do *post-guerra*, me apresentou, num dos «cafés» do Rossio, a um amigo, bacharel formado em Direito pela Faculdade de Coimbra, dizendo-me ser ele espirita.

Sentámo-nos todos, juntando-se-nos mais dois conhecidos dos meus companheiros, ambos professores de institutos científicos.

O meu apresentante, também diplomado superiormente, formou grupo com os aludidos catedráticos e eu e o bacharel entabulámos conversação que recaiu, aliás muito naturalmente, sobre Espiritismo.

E não houve entre nós discrepância.

O meu amável interlocutor lamentou a deficiência de laços fortes, constituindo unidade de irmão a irmão e solidariedade federativa.

Não sendo, como, de facto, não é, o Espiritismo um partido político ou uma igreja, não é elemento parado, voltando as costas ao evoluir e ao progresso, mas, pelo contrário, ama a ascese e o progresso, nunca perdendo de vista os laudos da experiência e os depoimentos incontrastáveis.

E alguns indivíduos, quando ouvem falar de sessões experimentais ou se lhes deparam publicações de carácter espirita, afastam-se ou desviam-se, como gato fugindo em cima de brasas.

Se, interrogados, chegam a dizer que não querem ir parar a manicómio, ou que não se sentem inclinados a tomar a sério semelhante idiotia!...

Pessoa a quem sou muito grato por numerosas provas inequívocas de estima e de consideração para comigo, abordando eu, um dia, o assunto, em sua presença, pediu-me que não prosseguisse, pois não desejava dar em doido e que não tinha cabeça para coisas sem fundamento!

Devo declarar, que a pessoa à qual me refiro, não é vazia de critério lúcido, vale deveras como bibliófilo e estudioso investigador, tendo enriquecido as letras com trabalhos de mérito irrefragável.

Chego a pensar que é presa de verdadeira fobia no que diz respeito a Espiritismo.

Continuemos, porém, no fio de loquela edificante com o meu apresentado interlocutor do «café», que proclamava, com lógica irrefutável, a imperiosa necessidade de íntima aproximação dos componentes dos centros espiritas, que só assim se acreditariam perante o público e estariam habilitados para obra de vulto.

A minha concordância com ele era completa; e não vejo motivo susceptível de alterá-la ou de fazê-la mudar.

Demonstrar que a união faz a força, que é só por si proposição de evidência axiomática, não se liga a finalidade justificada.

Basta enunciá-la, visto ser de pronto de imediata acessibilidade a todos os «cérebros», não rombos nem obtusos.

O que ambos concluimos ou inferimos foi, que o defeito de fraqueza existe e coexiste nos homens que, não se unindo, não querendo estabelecer regime de coesão onde esta se impõe clara e peremptòriamente, prejudicam, dispersos e isolados, causas palpitantes, perfeitamente informadas de verdade e de congruência, que se volvem coisas fragilíssimas, fora de incidência oportuna e até muito periclitam, por se tornarem pretexto de mofa para gente insensata e incivil, disposta a lançar o ridículo sobre aquilo de que não tem conhecimento e ignora.

Ora a vinha do genuino espirita, europeu, asiático, africano, americano ou da Oceânia, de todas as línguas, de todas as cores e de todas as atmosferas respiráveis, é sempre a mesma: a lição de Jesus e o contacto com o Além.

O em espírito e em verdade acomoda-o e integra-o na exemplificação sublime que a cruz e o crucificado traduzem na civilização autêntica do mundo em que vegetamos e convida-o a ascender para lá do véu, instruido e fortificado pelo esplendor de factos experimentais.

É soberanamente incontestável, incontroverso, que, quanto mais o espirita se abroquela de consciência e ciência, tanto mais seguramente transpõe a linha que o separa desse véu de mistério, que ainda se lhe depara

como barreirà em determinados momentos de desânimo, a que ninguém escapa e de que ninguém está inteiramente livre.

A união, neste e noutros casos que a recomendam e a iluminam, inculcando-a perante a razão e o puro sentimento, não é apenas força em sentido de materialidade, essencialmente precária e contingente; é incentivo anímico e elmo psíquico de elevação a melhor destino de social reflexo perdurável, capacitando ocasião de esforço hábil, encaminhando à paz.

E nós todos estamos vendo através do espectáculo mundial que, de positivo, não cessou fogo, e a O. N. U. «não é apenas um elemento para o restabelecimento da normalidade internacional — como disse com acerto o director, creio, do *Diário de Notícias*, em artigo editorial, não distanciado —. Concorrendo para entreter ilusões funestas, alimentando perturbações nocivas, ela pode ser amanhã, muito mais do que um apoio para o restabelecimento do Mundo, um embaraço para a reconstituição do que ainda resta, na Humanidade, de forças e possibilidades pacíficas de futuro».

A O. N. U. tal como a famosa instituição genebrina, oriunda do Tratado de Paz, de Versailhes, confessam andança idêntica e igual epitáfio.

Ocorre-me o texto de telegrama expedido por Einstein ao primeiro Congresso Federalista Mundial realizado na Europa, resumido por Armando Marques Guedes, em artigo publicado também no aludido órgão da imprensa de Lisboa: «que a bomba atómica e outras armas de destruição e de morte constituiam e constituem ameaça de tal monta e gravidade para a Civilização da Humanidade, que uma única solução existe para assegurar a sobrevivência de uma e doutra: — a fundação do Estado Universal».

Churchill há pugnado não tanto ao largo, conforme o génio da *Relatividade*, mas preconisando a Federação da Europa.

Tudo isto, que cerraria as portas do templo de Jano, poderia ser obra em que participasse activamente a diligência unânime dos centros espiritas e de todos os espiritas não inscritos em qualquer núcleo ou agregado de sua grei. Onze discípulos de Jesus não foram de bastante peso e acção no mundo romano, para substituirem os estandartes das águias do Império pelo patibular lenho do Gólgota?

Milhões de espiritas, sem embargo de motejos e de escritos de combate em seu descrédito e desabono, avultam no orbe, contribuindo fundamente para o edifício de assistência e de bondade.

Atingem tal grau de efectivações neste capítulo de grandiosidade cívica humanitária que, notáveis figuras de relevo em várias situações áugicas se hão rendido às suas verdades e mesmo tomado parte em sessões experimentais.

Ocorrências desta natureza exprimem e significam muitíssimo mais do que notícias laudatórias, discursos empolados, panegíricos, práticas homenageosas e encomiásticas. Elas são a própria marca de desinteresses mundanos e de dedicações abnegadas aos nossos semelhantes flagelados.

Folgo, a este propósito, de poder citar, com justiça, aquela Pátria, na outra margem do Atlântico, de superfície pouco inferior, em quilómetros quadrados, à do continente europeu, tão desmantelado e incerto do dia de amanhã.

E folgo, não tanto pela saber beijada e mirada em flor por lábios e olhos portugueses, mas pela sentir comungante na língua de Camões e verificá-la enlevada no espírito de *Lusíadas* e, assim, identidade consolidada por expressão radical máxima —, o poema épico, e pela mesma seiva circulatória, irrompendo e irradiando de nossas almas — o idioma!

Um filósofo da Hélade legou à posteridade uma breve definição, quanto ao número de vocábulos e nada sucinta, quanto à acepção intensa e extensiva de formal entendimento:

A beleza é o esplendor da verdade.

Pois, em face desta definição, de molde redigida, com poético rigor de noção categórica, atendendo ao movimento avassalante de benemerência espirita, ali, nela adopto o desenvolver preciso de caracteres de uma tal ideia pelo filho da região de privilégio acidentado e de luminosidade favónia por excelência do Mediterrâneo, em que Orfeu, Pitágoras e Platão, grandes iniciados, descerraram as pálpebras e fundaram escolas, em presença da definição do filósofo esteta, julgo-me no direito e tomo a liberdade de empregá-la, sem escândalo ou vício de analogia, visto que a verdade é norma e lema de todo o espirita:

A verdade é o esplendor do Espiritismo.

Rutila sem fenecimento no argumento de factos, sem sequer suspeita viável de conluio negativo.

É o que é, como a definiu prelado da igreja romana, que foi duplamente insigne na

qualidade de doutor e autor — Santo Agostinho.

Agora, permiti-me, leitores dilectos, confrades que tendes seguido o conselho previdente de Allan Kardec, terminando o último período de *O Livro dos Médiuns*: «estudai antes de praticar, por ser o único meio de adquirir experiência, a não ser à vossa custa». Agora, permiti-me, leitores dilectos, que vos formule uma interrogação: se, no fecundíssimo Brasil espirita milhões de seres humanos, de fé febricitante se dessem as mãos, apertando-as num sentido de labor operoso em prol da Paz, equivalente, portanto, à supremacia da Civilização geral de povos e de nações, e aproveitando todos os momentos e todas as emergências de propaganda unitiva, em todo o hemisfério americano, e em todos os países correlacionados, espiritualmente, despertassem decidida boa vontade e entusiasmo caloroso de oposição aos conflitos armados e às sempre exterminadoras guerras, não fariam brilhar o arco-iris, com função estável de dinâmica tranquilidade e assegurando Estados possíveis de marcha serena, econòmicamente equilibrada, tornando não utópico o ideal político de Fedeção de autonomias, conjugando-se num plano solucionante de altos problemas e de sãs conveniências, sem ofensa de susceptibilidades e sem fornecer bases de deslocações e inversões desordenadas, a criarem invocação de hostilidades?

Metei, queridos confrades, metei a mão na consciência, meditai banindo precipitações, e vereis que a empresa não seria talvez, de primeiro lanço, exuberantemente produtiva e èticamente utilitária, mas permaneceria qual fonte de água higiénica e baluarte improcedente com o egoísmo, com todas as cataduras que deprimem a dignidade, desconcertam as aspirações nobilitantes, movem a recorrer aos explosivos e a preferir à alvura da neve a pretidão antipática das noites sem estrelas.

E o apego convicto, a insistência inabalável, o raciocínio lógico, por força desempenhariam algum papel não somenos para a Humanidade.

Aos Espiritualistas Portugueses de São Paulo e do Brasil

Colaborai com o vosso esforço e boa vontade, assinando esta revista. Assim, em vosso lar, escritório, etc., estareis ao par do movimento espirita-cristão de todo o mundo.

Os nossos antecipados agradecimentos.

Nossos Representantes

DR. AIRTON LOUREIRO MACHADO

Na galeria dos nossos representantes brasileiros deu entrada um elemento operoso e culto, cheio de fé e de entusiasmo, convicção firme que nada consegue abalar, alma pronta ao intercâmbio espirita que estamos a promover entre duas falanges separadas pelo Atlântico, mas espiritualmente unidas no mesmo anseio de progresso.

Airton Loureiro nasceu a 25 de Outubro de 1899 na localidade de Iconha, Estado do Espirito Santo, e em 1917 diplomou-se pela Escola Normal do Estado. Quatro anos depois entrou para o Telégrafo Nacional, onde trabalha como telegrafista de 1.ª

Classe. Em 1922 ingressou no Espiritismo e exerceu o cargo de Director dos trabalhos mediunicos do Centro Espirita Henrique José de Melo, *uma das agremiações mais acatadas da região e que agora funciona sob a sua presidência. Durante 8 anos dirigiu o jornal «A Verdade», orgão do mesmo Centro.*

Em 1930 publicou o interessante opúsculo «Palestras Fraternais», que temos na nossa mesa e que na época citada mereceu belas referências da crítica.

Em 1936, bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito do Estado do Espirito Santo.

Airton Machado é um trabalhador incansavel. Sob o influxo espiritual de Henrique José de Melo, Guia do Centro, tem realizado um grande trabalho de divulgação evangélica.

Além destas tarefas meritórias, mantém, no Centro que dirige uma assistência material aos recém-nascidos, com fornecimentos de roupas e enxovais completos destinados aos primeiros três meses, uma aula evangélica para crianças e a Juventude Espirita Allan Kardec.

Que ele seja benvindo a esta empresa doutrinária, são os nossos votos mais sinceros.

N/47

RETALHOS...

pelo Coronel Faure da Rosa

TALENTOS PRECOCES E VIDAS SUCESSIVAS

Pascal com 12 anos de idade, descobriu, sozinho, uma parte da Geometria descritiva!

Rembrandt ainda não sabia ler e já desenhava magistralmente. Mangiamelo, aos cinco anos fazia operações aritméticas mentalmente com uma rapidez tal, como hoje se fazem com as máquinas de calcular.

Tereza Milanollo, aos 4 anos tocava violino com tanta arte e superioridade, que Baillot — célebre violinista francês — dizia que «a rapariga devia ter sido tocadora de violino antes de nascer».

Jacques Chrichton — a quem o sábio filólogo e médico italiano Scaliger chamava um «génio monstruoso» — aos 15 anos discutia em latim, em grego, hebraico e árabe, fosse qual fosse o assunto que se lhe apresentasse. O alemão Henrique Heinecken começou a falar quase ao nascer: aos 2 anos sabia três línguas e aprendeu a escrever em poucos dias. Com 2 anos e meio fez exame de geografia e história, antiga e moderna. Alimentava-se unicamente com o leite da ama; como o tivessem desmamado, enfraqueceu de tal maneira que morreu em 27 de Junho de 1725 contando apenas 5 anos de idade.

O belga Van de Kerkhove morreu com 10 anos e 11 meses, deixando 350 quadros de mestre, dos quais alguns podiam ser assinados pelos melhores pintores.

O escossês William Hamilton, aos 3 anos estudava hebraico; aos 13 conhecia 12 línguas, e aos 18 o seu saber causava admiração áqueles que com ele privavam.

O italiano Trombetti, que ainda existia em 1920, era um poliglota prodigioso, mais surpreendente que o célebre cardeal Mezzofanti, o qual chegou a falar 70 línguas e dialectos.

Trombetti era filho de pais bolonheses pobres, completamente ignorantes. Sozinho aprendeu instrução primária, francês e alemão, e, ao cabo de 2 meses, lia Voltaire e Goethe. O arabe aprendeu-o ele unicamente lendo a história da vida de Abd-el-Kader — o célebre emir guerreiro árabe. Um persa de passagem por Bolonha, ensinou-lhe a sua língua em algumas semanas.

Aos 12 anos, Trombetti aprendeu sózinho e simultaneamente, latim, grego e hebraico. Depois, estudou quase todas as línguas vivas e mortas. Asseguravam os seus amigos que Trombetti conhecia cerca de 300 dialectos orientais.

No congresso internacional de psicologia que se efectuou em Paris em 1900, o Professor Dr. Charles Richet apresentou à Assembleia um pequenito espanhol, com três anos a meio de idade — Pepito Arriola — que tocava e improvisava ao piano diversas árias. A mãe do pequeno contava como descobrira os dotes musicais extraordinários do filho. Tinha, então, o rapazito dois anos e meio — dizia a mãe de Pepito — quando ela descobriu a aptidão musical do filho. Nessa época, a mãe costumava tocar ao piano a composição que um amigo lhe oferecera. Uma manhã, como ouvisse tocar a mesma música no seu piano, com acentuada justeza e autoridade, entrou na sala, e viu que o pianista era Pepito, o qual, para chegar ao teclado, se encarrapitara num banco alto.

Com três anos incompletos tocou piano diante de numeroso auditório de músicos e críticos. Não sabia ler, nem o alfabeto nem os caracteres musicais. Escrevia as composições com símbolos inventados por ele, em que não era possivel descobrir nenhum senso. Era curioso vê-lo pegar num pedaço de papel em que garatujava umas rabiscas, talvez a querer significar a denominação da peça musical. Em seguida, riscava uns traços pretos que ele assegurava serem notas. Olhava para o papel com ar satisfeito; sentava-se ao piano e dizia «vou tocar isto», designando os sinais que fizera. Efectivamente, pondo na frente o bocado de papel, o pequeno improvisava de maneira admirável.

O que há nele de mais surpreendente — declarava Richet — não é a digitação, a agilidade de mãos ou a harmonia, mas a expressão. Possui uma riqueza de expressão espantosa. Quer a música seja triste ou alegre, quer marcial ou enérgica, *a expressão é sempre empolgante*. Muitas vezes a expressão que ele imprime às notas é tão forte, tão trágica — em certas peças melancolicas ou fúnebres — que os ouvintes têm a sensação de que Pepito não pode com os seus pequeninos dedos significar todas as ideias musicais que nele vibram: *de sorte que — afirma Richet — eu quase ousaria dizer que o pequeno é um grande músico, mas de uma grandeza tão grande que não parece o que é... Não só toca os trechos que acaba de ouvir, mas também executa as músicas que ouça cantar. Então, é maravilhoso vê-lo procurar, imaginar, reconstituir a consonância entre graves e agudos e fixar a harmonia, como poderia fazê-lo um músico hábil*».

Em 1911, Willy Ferreros, com 4 anos e meio de

idade, dirigia magistralmente a orquestra das Folies-Bergéres, em Paris.

Em 1900, a Universidade de Nova Orleans entregava o diploma de médico a um estudante com 5 anos de idade, chamado Willie Gwin. Os examinadores declararam em sessão pública que o jovem médico era o maior sábio osteólogo que até então tinham examinado.

Entre as crianças-prodigios, os jornais transatlânticos citaram uma que aos onze anos de idade fundara um jornal com o nome *The Sunny House*, cuja tiragem, ao terceiro número, se elevara a 20 mil exemplares, tal fora o interesse despertado na multidão.

O engenheiro sueco Ericson, aos 12 anos, foi inspector no grande canal de Suez e tinha 600 operários sob as suas ordens.

Ruth Slenczyuski, com dez anos de idade, era já uma pianista prodigiosa. Perante numeroso e selecto auditório deu um concerto em Washington interpretando esplendidamente obras de Beethoven. Mozart e Chopin. Os espectadores mais entendidos declararam que tinham ouvido a maior maravilha do século. Os críticos musicólogos qualificaram a pequena artista de *génio gigante*.

Recordo aquela insigne pianista russa de 9 anos, Margarida Haifetz, que em Moscovo, em 1933, regeu uma grande orquestra, na sala do Conservatório. Duzentos músicos seguiam a batuta empunhada por aquela criança. Nas doze peças que regeu, figuravam a quinta sinfonia de Beethoven e a última de Schubert. A maestra de 9 anos contava que o pai, quando ela tinha seis anos, lhe ensinara solfejo, depois do que começara a tocar piano; mas do que ela mais gostava era de dirigir orquestras. E explicava: ... «O piano tocam-no muitos rapazes da minha idade, enquanto reger uma orquestra não o faz outra criança senão eu, segundo afirma meu pai. Além disso, quando toco em público incomómoda-me muito que olhem para as minhas mãos. Ninguem me olha para as mãos quando estou a reger».

Outro caso: o daquela jovem senhora, licenceada em letras, atacada subitamente de amenesia total... Após um profundo sono letárgico, despertou «como uma pessoa que tivesse sido transportada a um país desconhecido». Já não sabia exprimir-se em francês — língua da sua nacionalidade — e os seus actos eram os de uma criança que não tivesse ainda aprendido a servir-se dos objectos de uso comum. Algumas semanas de estudos bastaram à doente para reaprender a ler e a contar, e, de repente, passou a exprimir-se em várias línguas que anteriormente desconhecia, nada menos de doze. Redigiu textos com a mão esquerda, o que antes da doença não fazia.

Esteve há anos em Lisboa um violinista de doze ou treze anos, que deslumbrou os ouvintes, com a sua técnica, e sobretudo com a sua maravilhosa expressão. Nos instantes em que não tocava, o seu aspecto era infantil; mas quando empunhava o arco, o seu rosto transfigurava-se, parecia que todo êle se iluminava de uma luz transcendental.

AS VIDAS SUCESSIVAS NA BIBLIA

A propósito de um nado-cego encontrado no caminho, os discipulos perguntaram a Jesus:

— Mestre, que pecado fez este ou fizeram seus pais para nascer cego? (João, IX, 1 e 2).

A pergunta mostra que os discípulos atribuiam a cegueira daquela criatura a uma expiação. Trata-se de um cego de nascença; a falta, portanto só podia ter sido cometida numa existência anterior.

Debalde os adversários do reencarnacionismo tentaram explicar de outra maneira esta passagem do Evangelho. Para se livrarem de embaraços produziram raciocinios como este: «O cego de nascença já tinha pecado no ventre materno!».

Espantosa e inconcebivel tão execrável dialéctica! Entretanto, Jesus Cristo respondeu à pergunta dos discípulos: «Não foi por pecado que ele fizesse, nem seus pais, mas foi para se manifestarem nele as obras de Deus». (João, IX, 3).

Nessa época acreditava-se que Espiritos eminentes viessem, em novas encarnações, continuar, concluir missões interrompidas pela morte. Por exemplo, Elias voltou à Terra na pessoa de João Baptista. É Jesus quem o afirma nestes termos (Mateus, XI, 14): «E se vós o quereis bem compreender, ele mesmo é o Elias que há de vir.

HEREDITARIEDADE

A hereditariedade não é mais que a soma totalizada das experiências de cada um no decurso da existência. Forma como que um abundante lençol de água donde escorrem miríades de regatos. Ora, esta nascente ràpidamente se esgotaria se não fosse constantemente alimentada. Se há, por exemplo uma heriditariedade sifilítica, é porque houve sifilíticos de carne e osso atacados da terrivel doença em detrimento próprio, primeiramente, e, depois, em prejuizo da descendência.

«Que somos nós? — pergunta Bergson; — que é o nosso carácter?» — E ele mesmo responde: «Somos a condensação da história que temos vivido desde o nosso nascimento, antes mesmo do nosso nascimento, porque todos nós trazemos conosco predisposições pre-natais. É com o nosso passado todo inteiro que nós desejamos, queremos, agimos».

Nós vimos de muito longe e de muito baixo.

Nós vimos desde sempre, eternamente.

Se o tempo é uma ilusão, que nos resta senão a eternidade?

O ESPIRITISMO É RELIGIÃO

por Paulo Alves de Godoy

Lamentavelmente uma parte dos adeptos do Espiritismo ainda alimenta a ideia de que a doutrina codificada por Kardec é apenas ciência e filosofia, sem contudo ser religião.

No recente Congresso Espírita realizado na Bélgica, chegou-se mesmo à conclusão de que o Espiritismo não é religião.

Na Argentina, pelo que nos é dado apreciar nos escritos publicados em seus conceituados órgãos espíritas, a tendência geral é para não se considerar o Espiritismo como religião. Baseamo-nos em alguns artigos estampados nos brilhantes órgãos pratinos «Jandemuc» e «La Idea» para formular essa assertiva.

O que vem corroborar mais essa nossa alusão ao Espiritismo argentino é o seguinte aviso, publicado na revista «La Idea», orgão da Confederação Espiritista Argentina, edição de Junho de 1947:

«Recenseamento Nacional — Neste sentido, o Conselho Federal resolveu levar ao conhecimento de todas as sociedades espiritas a conveniência de se indicar no questionário onde se deve mencionar a religião que se professa: «SOU ESPIRITISTA», que demonstra ser a pessoa membro da escola.

«Colocar a palavra «ESPIRITA». simplesmente, significa dar-lhe um carácter de religião, coisa ilógica, demais o Espiritismo não é aqui uma religião organizada com base em dogmas ou chefes».

Esse trecho do aludido aviso, publicado no periódico da entidade «mater» do Espiritismo portenho, vem afirmar o que acima expusemos de que, na grande nação sulina, a doutrina dos espíritos não tende a ser consideada como religião.

No Brasil, felizmente, o grupo que esposa tal ideia é reduzido, e o Espiritismo aqui é preferivelmente encarado como Religião, que aliás lhe tem dado o maior impulso e lhe tem conquistado o elevado grau de progresso.

Entretanto, de vez em quando surge um ou outro elemento contrário a essa concepção, e é isso o que vemos agora através de uma entrevista concedida pelo médium Mauro Santana, só de 15 anos de idade, ao grande órgão *Diário da Tarde*, de Belo Horizonte, da qual reproduzimos a seguir, um trecho:

«Não apoio nenhuma religião, pois são elas a deturpação das ideias dos grandes filósofos, como Cristo, Buda e tantos outros...».

E agora um contra-senso:

«... Não professo o Espiritismo. Sou espírita, sim, pelo lado filósofico e científico. As regiões separam a humanidade. Provocam lutas...».

Não conseguirá este nosso artigo elucidar bem essa questão, bem o sabemos, mas ele tem por fim fazer alusão àqueles que trepidam em aceitar todos os postulados espíritas. Acreditamos que ainda é muito cedo para se querer passar por cima dos preceitos emitidos por Kardec em seus livros, e daqueles que foram mediùnicamente transmitidos por Emmanuel ao médium Francisco Cândido Xavier, os quais são repletos de autoridade para falar em nome da doutrina e unânimes em afirmar que o Espiritismo é religião.

A propósito, transcreveremos a seguir alguns trechos desses livros, os quais vêm corroborar o nosso ponto de vista:

No *Livro dos Espíritos*, Kardec, fazendo referência aos efeitos do Espiritismo, declarou: «O primeiro efeito e mais geral consiste em desenvolver o sentimento religioso até naquele que, sem ser materialista, olha com absoluta indiferença para as questões espirituais».

No livro «O Consolador», ditado pelo iluminado espírito de Emmanuel, extraímos os seguintes trechos:

Pergunta: *— Apresentando o Espiritismo, na sua feição de Consolador Prometido pelo Cristo, três aspectos diferentes: Científico, Filosófico e Religioso, qual desses aspectos é o maior?*

Resposta: *— Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais. A ciência e a filosofia vinculam à terra essa figura simbólica; porém, a religião é o ângulo divino que a liga ao Céu. No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo de investigações nobres e humanas, como outros movimentos colectivos, de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus, estabelecendo a renovação definitiva do homem para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.*

Vamos agora à definição do que seja religião. Manuseando os dicionários, veremos que religião significa: Culto pestado a uma divindade, doutrina religiosa, dever sagrado, crença viva, consciência escrupulosa, um sistema solidário de crença e práticas relativas a coisas sagradas, e que unem em uma mesma comunidade moral todos os que aderem a esse sistema.

Ninguém duvida de que o Espiritismo segue as normas pré-traçadas de *O Evangelho, segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, e que os inúmeros livros

SESSÕES DE ANIMISMO?

por Bartolomeu Bana Martins

«Quem tem olhos de ver, veja; quem tem ouvidos de ouvir, oiça» — disse o Senhor Jesus Cristo.

Depois de me ter preparado teòricamente durante mais de dois anos, lendo o maior número de obras espiritas, ocultistas e evangélicas que me foi possível, julguei-me, então, apto a ingressar no, para mim, novo caminho dos trabalhos experimentais, não só para obter a confirmação do que encontrara nos livros, mas também para aumentar os meus conhecimentos e a minha fé, e, de qualquer maneira, me tornar útil ao próximo. Eu sou essencialmente estudioso e, nas sessões, interessa-me, sobretudo, o aspecto científico e moral, além da indispensável comprovação da veracidade dos fenómenos apresentados.

Sou espirita convicto e consciente e não posso de maneira alguma aceitar tudo quanto se me apresente, nem posso tampouco, por fanatismo idêntico mas contrário, rejeitar tudo sistemàticamente. Sabemos que pode haver a fraude do médium, involuntária (na melhor das hipóteses) ou voluntária; que pode haver, e com frequência, fenómenos anímicos; que pode haver mistificações do astral inferior, e que mesmo nas melhores sessões há quase sempre uma mistura, mais ou menos acentuada, de fenómenos anímicos (das almas dos vivos) permeando os fenómenos espiritas (das almas desencarnadas). O instrumento mediúnico, como não pode deixar de ser, influencia e interfere nas comunicações espiritas, modificando-as e desvirtuando-as.

Preparado para tudo observar mas aceitar só o que fosse bom, comecei a frequentar sessões diversas em diversos locais, feitas e presididas por diversas pessoas. Estive em sessões com trinta e quarenta assistentes, estive em grupos de quatro a seis pessoas, eu próprio cheguei a dirigir e doutrinar algumas vezes, num grupinho pequeno de que fiz parte. Cheguei sempre às mesmas conclusões. A princípio ficava satisfeito com os resultados, mas depois começava a notar, para cada médium, uma repetição sistemática de fenómenos idênticos para entidades comunicantes diferentes. E confesso que, nesses trabalhos, nunca ouvi comunicações de espíritos elevados, daquelas comunicações que nos deixam admirados e deliciados com o seu conteudo.

Alguns espíritos que se manifestavam com nomes pomposos, eram, ao contrário do que seria para esperar, dum laconismo confrangedor, repetindo, em cada sessão, as mesmas atitudes, as mesmas palavras, as mesmas canções, como que numa obsessão que não os

---

espiritas abrem as portas para a mais estreita aproximação entre o homem e a divindade. Nas *Obras Póstumas*, de Kardec, vemos, no capítulo que trata da «Profissão de Fé Espirita Racional», que também é uma regra, os seguintes tópicos: «Existe um Deus, inteligência suprema e causa primária de todas as coisas»; «Há no homem um princípio inteligente que se chama alma ou espírito, independente da matéria e que lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar»... Ora, uma vez que o Espiritismo é a restauração do Cristianismo e prescreve como regra doutinária o mais íntimo contacto, pelo amor, pela prece e pelas boas acções, entre os homens e Deus, é óbvio que o Espiritismo seja uma religião, e mais do que isso: a religião das religiões, pois que ele está destituido dos cultos exteriores, das viciações, dos dogmas e dos preceitos humanos.

Se a revelação produzida por intermédio de Moisés serviu de base à religião dos israelitas, e se o Cristianismo revelado pelo próprio Cristo, serviu de base às religiões cristãs, por que motivo o Espiritismo, que foi revelado por Kardec e que é a personificação do Consolador Prometido, não o poderá ser?

Os detractores da forma religiosa do Espiritismo devem, antes de lobrigar crenças dessa natureza, perscrutar os livros da doutrina, ponderar e meditar bem nos ensinos verdadeiramente edificantes de Emmanuel, e depois verão que a razão não está absolutamente a seu lado.

O mundo carece de uma religião positiva, a qual, aliada à ciência e à filosofia, possa restabelecer as coisas em seus devidos lugares e abrir a senda redentora do porvir.

O ângulo religioso do triângulo espirita, exemplificado por Emmanuel, é o ponto de contacto com a divindade. Porque haveremos, pois, de mutilar esse triângulo sagrado, desprezando o lado divino, para tão sòmente abraçarmos o lado pròpriamente humano?

Ponderemos, porém, sem sistemas preconcebidos e sem concepções irredutíveis.

S. Paulo (Brasil)

deixava lembrar de mais nada, dizendo apenas banalidades, coisas vagas que nada significavam ou que podiam significar tudo ao mesmo tempo. A respeito de concreto, nada. E ouvi mesmo um dia um Espírito-guia (que pela sua natureza, devia ser espírito superior, desempoeirado e sabedor, para desempenhar a sua missão de guia) confessar, ao doutrinador, que não lhe podia responder, naquela ocasião, a uma pergunta relativamente simples, afirmando que a resposta não estava ao alcance do seu adiantamento, a qual pergunta, para mim, não se me afigurava difícil, pois que, a pesar dos meus fracos conhecimentos, a resposta fervia-me nos lábios pronta a sair. Pois este Espírito-guia ficou de responder numa outra sessão *em que viesse a trabalhar o mesmo médium.*

Devo esclarecer que todas as sessões a que tenho assistido têm sido sessões de incorporação.

Num dia em que faltou o médium habitual, o doutrinador, pessoa que eu considerava da máxima competência e saber, recusou-se a trabalhar com outros médiuns que se encontravam presentes, porque não estava habituado a trabalhar com eles. Fiquei admirado e desolado, a pensar naquele estranho receio do desconhecido de comunicações diferentes que tornava indispensável um contacto prévio. As outras pessoas ficaram também descontentes, mas só por não ter havido sessão nesse dia...

Há doutrinadores que se entusiasmam de tal modo, quando procuram catequizar as entidades manifestantes, que as suas palavras, por vezes, parecem verdadeiras enxurradas, não param e levam tudo adiante de si. Podem os pobres espíritos procurar dizer coisas, explicar, justificar ou contar os seus casos especiais, o que seria interessantíssimo para exemplo dos assistentes; podem os pobres espíritas fazer todos os sacrifícios para ouvir as mensagens do Além; mas é impossível, porque estes doutrinadores, apaixonados da sua própria verborreia, uma vez começado o discurso, não há maneira de parar e têm de se escutar até o fim. A assistência é que fica lesada, porque ia para ouvir as vozes do outro mundo e continua a ouvir apenas as vozes deste.

Nas sessões a que assisti tenho notado que não há o costume de procurar identificar os espíritos, nem de verificar a veracidade das poucas afirmações que nos transmitem.

Tenho verificado também que os médiuns videntes são extraordinàriamente imprecisos e vagos nas descrições das suas vidências. Descrevem-nos muito por alto qualquer entidade espiritual que está junto de nós e que teima na pirraça de não dizer o nome ou qualquer coisa por onde possa ser reconhecido, ou que se limita a dizer apenas que se chama José ou António, ou a mandar saudades a algum pseudo conhecido ainda encarnado. Todas estas formas vagas, imprecisas e ambíguas, que podem servir indiferentemente para qualquer pessoa ou caso, não deixam de produzir desconfiança nos espíritos observadores e escrupulosos. Para muitos haverá apenas fraude. Para mim, ao lado duma pequena percentagem de espiritismo, há grande parte de animismo, tão grande que, por vezes, os fenómenos anímicos abafam e impedem quase completamente os fenómenos espiritas.

Não estou satisfeito por enquanto, e continuarei a estudar e a observar, com os olhos bem abertos, pois não quero cair no cepticismo nem no fanatismo.

Para mim, adopto o conselho de S. Pedro: «juntando à fé a virtude e à virtude o conhecimento», e não esqueço também as palavras de S. Paulo, que nos manda «observar tudo, mas abraçar só o que for bom». Separemos o trigo do joio.

Lourenço Marques

ESTRANHA MEDIUNIDADE

O Dr. Rolf Reinisch estudou um tipo de mediunidade pouco vulgar, observada num checo-eslovaco de 75 anos, em Bodenbach. Os factos são relatados no «Zeitschrift für Parapsychologie».

Este velho, graças a longos exercícios de concentração mental, adquiriu o curioso poder de diminuir o peso de objectos de pequenas dimensões que coloca de encontro à pele da face, do braço ou do peito. Nesta posição, não caem; permanecem suspensos num desafio às leis da gravidade. Uma comissão investigou estes fenómenos e decidiu que não eram resultado de qualquer fraude.

Antes das experiências, o velho lava a pele com alcool para assegurar que nada há a que os objectos se peguem. E no entanto, uma faca, um garfo, uma campainha e outros objectos permanecem sem apoio onde foram colocados. Por vezes, o medium ordena que os objectos se movam ao largo da pele numa direcção indicada e eles obedecem. Os fenómenos estão relacionados com a telecinesia (deslocamento de objectos sm contacto), mas têm a particularidade de ser produzidos pela vontade do médium e podem ser repetidos à vontade, o que não sucede com os fenómenos vulgares.

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XXI

«E sentando-se Jesus em frente ao gasofilácio do Templo, observava como o povo deitava ali o dinheiro. Os ricos deitavam grandes quantias; mas vindo uma pobre viuva, lançou duas pequenas moedas de valor inferior a um centavo. E chamando seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta pobre viuva deitou mais no gasofilácio, que todos os outros ofertantes; porque os ricos deram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pbreza deu tudo o que tinha para seu sustento».

Quem mais dá, segundo afirmou o Mestre, não é quem dá muito, mas aquele que dá o que tem, embora pouco ou quase nada.

A balança da Divina Justiça não pesa o que o ofertante dá, mas sim aquilo com que ele fica, *para assim julgar sobre o valor das dádivas.*

Disto resulta uma transcendente lição, tanto para os ricos como para os pobres, tanto para os grandes e poderosos como para os humildes e pequeninos.

Os ricos não têm de que se orgulhar pelas vultosas somas que, porventura, empreguem em obras de beneficência; porquanto a importância desses feitos estando, como está em relação com as suas respectivas fortunas, representa um valor muito relativo, para não dizermos insignificante.

O mérito das nossas obras está no esforço que empregamos para as realizar, como também na pureza das intenções que inspiraram os nossos actos.

Os «mordomos» da parábola evangélica, portanto, a quem a Providência confiou a administração de largos cabedais, que não se vangloriem dos benefícios que prodigalizam, supondo-se credores de maiores merecimentos.

Os pobres, a seu turno, recebem uma grande lição; a pobreza não é uma condição incompatível com a prática da caridade, mesmo considerada em seu aspecto material — a beneficência.

Não se esquivem, pois, a dar, os que só podem dar muito pouco. O quanto vale esse pouco, disse-o o Senhor, reputando o óbolo da viuva superior às consideráveis somas que os dinheirosos do templo lançaram no gasofilácio.

Em certa ocasião, Jesus olhando para os seus discípulos, disse: «Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus. Bem-aventurados vós que AGORA tendes fome e chorais, porque sereis fartos e vos rireis. Ai de vós, porém, ricos, porque já revebestes vossa consolação. Ai de vós, os que AGORA estais fartos, porque tereis fome. Ai de vós, os que AGORA rides! Porque haveis de lamentar e chorar».

Fixai bem, ó pobres e ricos de AGORA, estas palavras do Mestre.

Este — AGORA — significa a existência presente, que não é mais do que um momento na eternidade da vida.

Lembrai-vos que vossa situação é efemera: passará como passam e se sucedem as fases da lua.

Todos vós sois espiritos encarnados na terra, submetidos a provas, que vos cumpre vencer.

Nossa Pátria é o espaço infinito. somos os caminheiros eternos da estrada da EVOLUÇÃO.

Se somos pobres, fazemos jus àquelas promessas de bem-aventurança, suportando a nossa pobreza com resignação e calma, aproveitando a situação em que nos encontramos providencialmente, cujo fim é o esmagamento do nosso orgulho, o adoçamento do nosso carácter.

Se, ao contrário, somos ricos, deveremos fugir das consequências daquela sentença, elevando o nosso Ideal acima das coisas mundanas.

Não deveremos contentar-nos apenas com a posse da fortuna, porque desta forma, já teremos recebido a nossa consolação.

Esforcemo-nos por possuir certa casta de riqueza que o «ladrão não rouba, a traça não roi, e a morte não arrebata», como diz o Evangelho.

Aproveitemos os meios de que dispomos para o exercício da beneficência. Afrouxemos os cordões das nosas bolsas. Combatamos o egoismo: é ele o nosso maior inimigo; instigando-nos este a fomentar o aumento

das nossas fortunas na terra, está cavando a nossa ruina no ALÉM.

A probreza deve ser humilde e paciente, sem baixezas nem vilanias. A riqueza deve ser caritativa e bondosa, sem ostentações e vaidades.

A probreza e a riqueza são cadinhos por onde a Providência faz passar os espíritos a fim de os purificar e fazê-los ao mesmo tempo, conhecerem-se a si próprios.

Deus bem nos conhece, assim como as nossas situações de AGORA, mas nós é que não nos conhecemos e só depois de passada a prova teremos consciência do que somos na realidade.

Lamentaremos então se tivermos sucumbido, ou nos alegraremos em nosso íntimo, se vencermos.

Nem a riqueza, nem a pobreza, de per si conduzem à perdição ou à salvação.

A maneira porém como o rico aufere o prazer e o pobre as suas dores, há-de acarretar-lhes noutra vida, no Além, esta ou aquela consequência.

Consideremos pois, ricos e pobres de AGORA, sobre a forma de nos sairmos das provas que Deus nos destinou, para aperfeiçoamento de nossos espíritos, tendo em linha de conta que — O AGORA — a existência actual, foge célere, passa como sombra, que cada dia, cada hora, cada minuto que se escôa na ampulheta do tempo, representa mais um passo dado em demanda do termo desta jornada.

Lembrai-vos da parábola evangélica de Lázaro e do rico. Enquanto este vestia de púrpura e linho, e se banqueteava todos os dias esplêndidamente, um pobre mendigo chamado Lázaro, todo coberto de chagas, costumava deitar-se à sua porta, desejando ardentemente poder saciar-se com as migalhas que de tão lauta mesa caiam, mas ninguém lhas dava.

Apenas os cães daquele palácio vinham todos os dias lamber-lhe as úlceras.

Sucedeu morrer este mendigo. Vieram os anjos e levaram-no para o seio de Abraão. Morreu também o rico e encontrou-se envolvido em sombras, no Hades.

E achando-se em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio. E gritando, disse: Pai Abraão, compadece-te de mim; manda Lázaro que, molhando a ponta do seu dedo, venha refrigerar-me a língua, pois estou atormentado nestas chamas.

Respondeu Abrão: Filho, lembra-te do passado, quando gozavas teus bens, enquanto Lázaro sofria resignadamente seus males e dores; por isso, está ele consolado agora e tu em tormentos. Demais, entre nós e ti, medeia um abismo: os de cá não podem transpô-lo passando para lá, nem os que ai estão podem fazê-lo, transportando-se para cá...

«EL ERIAL»[1]

por Raul de Sepulveda Fontes

Constâncio G. Vigil é um dos grandes pensadores da Argentina. A sua obra está imbuida de profundo humanismo e espiritualismo. Raras vezes se nos deparam livros deste quilate. Da primeira à última página, o génio cintilante de Vigil eleva o nosso espírito para as regiões mais belas onde tudo é Luz e Amor. Não sei o que mais admirar nele, se a sua forma clara, límpida como um regato descendo as vertentes do Himalaia, ou os seus nobres ensinamentos que para os homens de boa vontade são como que um novo Evangelho — uma verdadeira Revelação.

«EL ERIAL» não é uma obra nova. Foi publicada pela primeira vez em 1915, mas obras como esta são sempre novas, porque trazem em si o cunho da imortalidade e esse cunho imprimiu-lho Vigil pelo seu profundo espiritualismo, pela sua crença nos altos destinos do Homem, crença que transluz em toda a sua obra. «EL ERIAL» é, na verdade, um manancial eterno, um repositório dos mais nobres ideais.

«EL ERIAL» está traduzida em várias línguas e a tiragem da última edição (1946) foi de 50 mil exemplares. Bem se vê, pois, que neste século essencialmente materialista ainda se prezam as coisas do espírito e é o trabalho de homens da envergadura de Vigil que pode muito bem conduzir a humanidade sofredora a destinos mais belos. mais puros, essencialmente espirituais.

Em toda a obra de Vigil sente-se o seu intenso amor pela humanidade, pela miséria que devasta as almas. «Cierto es que hay mucha miseria. No solamente la miseria que viene de la esterilidad de la tierra, sino la gran miseria, la que viene de la esterilidad de las almas y de la dureza de los corazones».

Sim, temos de acabar com a miséria que provém da esterilidade das almas e da dureza dos corações empedernidos pelo materialismo. Vigil indica-nos o Caminho e mostra-nos a Luz. Sigamo-lo, pois.

Recomendo a todos os espiritualistas a leitura de «EL ERIAL» e doutras obras de Vigil, em especial «LAS VERDADES OCULTAS».

---

(1) «O DESERTO», por Constâncio C. Vigil. Editorial Atlântida, S. A., Buenos Aires, 217 págs.

VELHOS E MOÇOS

por J. B. Chagas

A maior preocupação do novo crente espirita é conseguir um novo adepto para a sua *grei*. E nesse afã, muito sincero, aliás, ele, mal aprendeu as primeiras lições, vai em busca de interessar outras almas. Um desejo insopitável inflama-lhe o peito e a sua única preocupação, portanto, é contaminar alguém com o calor de que a sua alma já está inflamada.

Nesse trabalho, ei-lo a pregar e a falar sobre a Doutrina, em toda a oportunidade. Mas, como é lógico, por não estar devidamente preparado, evangèlicamente falando, e às vezes, até intelectualmente, ei-lo a cometer graves afirmações, a ponto de escandalizar alguns, que chegam a desaprovar que, quem quer que seja, se ocupe na pregação doutrinária, sem que antes houvesse feito o curso ginasial.

E vem a propósito considerar, quando ocorrem factos que tais, a pergunta que certas pessoas nos têm feito sobre se há idade determinada para a criatura abraçar e pregar o Espiritismo. Porque algumas, ao abraçá-lo, dizem: — «Já estou velho demais, para tratar destas coisas!» Enquanto outras, moças, dizem o contrário: — «Sou jovem e ainda não gozei a mocidade; isso ficará para mais tarde!»...

A propósito, passamos a transcrever uma brilhante página de Humberto de Campos, não do Conselheiro XX que conhecemos na juventude, mas do outro Humberto, transfigurado, restituído da cegueira da terra, para a maravilhosa visão do mundo espiritual («Boa Nova», págs. 53 a 58):

★

Durante as pregações do iluminado de Damasco, ocorreu um facto bem significativo, onde a principal personagem era um jovem. Este jovem era Tito, valoroso colaborador antioqueno de Paulo e «uma grande esperança na Seara do Cristo», na afirmativa do próprio ex-Rabino.

Tito, contudo, a pesar do seu valor próprio, demonstrado nas suas pregações evangélicas, não era circuncidado. E para o cumprimento dos preceitos das leis mosaicas, Tito teria que ser circuncidado, para poder continuar nas suas pregações. Essa circunstância, grandemente agravada pela intransigência dos judeus, na circuncisão de Tito, trouxe a Paulo grandes contrariedades, porque tivera de concordar com a maioria, para não dispensar o concurso valioso do seu auxiliar.

O primeiro ímpeto de Paulo era de não concordar com a medida imposta, e regressar imediatamente a Antioquia, acusando de hipócritas, «sepúlcros caiados», os irmãos judaizantes.

Mas, lembrando-se das cartas de emancipação que havia escrito aos companheiros da gentilidade, achou que seria mais prudente recalcar os seus melindres feridos e mais justo aguardar as deliberações definitivas, humilhando-se.

E assim, com essa atitude, ele escrevia definitivamente o nome de Tito no rol dos grandes pregadores das verdades eternas.

Tito, pois, pode ser considerado um dos grandes pregadores do Cristianismo primitivo, onde brilharam outras inteligências moças.

O vero Cristianismo mostra-nos outros exemplos edificantes, quando os apóstolos ansiavam por uma pregação mais viva, mais eficiente dos ensinos ditados pelo seu Mestre.

Certa vez conversavam Pedro, André, João, Tiago e Tadeu, comentando planos para as lutas do porvir. Consideravam que Pedro, tal a sua idade avançada e como chefe de família, estava encarcerado nos seus deveres pequeninos e pouco poderia realizar. Mateus não estava igualmente enlaçado por inadiáveis obrigações de cada dia? Então, cogitaram em aproveitar a sua juventude, formulando promessas maravilhosas!

Somos jovens! — diziam, por uma voz —. Iremos à Terra inteira, pregando as verdades do Evangelho, e assim renovaremos as nações do Mundo!

Simão Pedro, chamado mais tarde o «Zelota», acompanhava a alguns passos as conversações dos companheiros, sentindo-se algo humilhado. Realmente, algo mais velho, as suas energias já não se coadunavam com os serviços do Evangelho, e ao ouvir as palavras fortes da ju-

ventude dos filhos de Zebedeu, a si mesmo interrogava o que seria de seu esforço singelo, junto de Jesus. De facto, as suas forças diminuiam com o declínco da vida, embora o espírito se lhe conservasse vigilante e firme.

Fazia Pedro estas considerações, vivamente impressionado, buscando entender-se com o Mestre, para eximir-se das dúvidas que lhe iam na alma. Raciocinava sobre os seus receios e vacilações, quando, com grande surpresa, viu diante de si, de pé, como em pleno conhecimento dos seus secretos pensamentos, o Mestre, a dizer-lhe:

— Simão, poderíamos acaso perguntar a idade de Nosso Pai? E se fôssemos contar o tempo, na ampulheta das inquietações humanas, quem seria o mais velho de todos nós? A vida, na sua expressão terrestre, é como uma árvore grandiosa. A infância é a sua ramagem verdejante. A mocidade se constitui de suas flores perfumadas e formosas. A velhice é o fruto da experiência e da sabedoria. Há ramagens que morrem depois do primeiro beijo do sol e flores que caiem ao primeiro sopro da primavera. O fruto, porém, é sempre uma benção do Todo-Poderoso. A ramagem é uma esperança, a flor uma promessa, o fruto é a realização; só ele contém o doce mistério da vida, cuja fonte se perde no infinito da divindade!...

Enquanto o discípulo meditava na profundeza destes conceitos, Jesus prosseguia, esclarecendo:

— Esta imagem pode ser também a da vida do espírito, na sua radiosa eternidade, apenas com a diferença de que aí as ramagens e as flores não morrem nunca, marchando sempre para o fruto da edificação. Em face da grandeza espiritual da vida, a existência humana é uma hora de aprendizado no caminho infinito do tempo; essa hora minúscula encerra o que existe no todo. É por isso que aí vemos, por vezes, jovens que falam com uma experiência milenária e velhos sem reflexão e sem esperança.

— Então, Senhor, de qualquer modo, a velhice é a meta do espírito? — perguntou o discípulo, emocionado.

— Não a velhice enferma e amargurada que se conhece na Terra, mas a da experiência que edifica o amor e a sabedoria. Ainda aqui devemos recordar o símbolo da árvore, para reconhecer que o fruto perfeito é a frescura da ramagem e a beleza da flor, encerrando o conteudo divino do mel e da semente.

Percebendo que o Mestre estendera seus conceitos em amplas imagens simbólicas, o apóstolo voltou a retrair-se em seu caso particular e obtemperou:

— A verdade, Senhor, é que me sinto depauperado e envelhecido, temendo não resistir aos esforços a que se obriga a minha alma, na semeadura da vossa doutrina santa.

— Mas, escuta, Simão — redargiu-lhe Jesus, com serenidade —; achas que os moços de amanhã poderão fazer alguma coisa sem os trabalhos dos que agora estão envelhecendo?!... Poderia a árvore viver sem a raiz, a alma sem Deus?! Lembra-te da tua parte de esforço e não te preocupes com a obra que pertence ao Todo Poderoso. Sobretudo, não olvides que a nossa tarefa, para dignidade perfeita de nossas almas, deve ser intransponível. João também será velho e os cabelos brancos de sua fronte contarão profundas experiências. Não te magoe a palestra dos jovens da Terra. A flor no mundo pode ser o princípio do fruto, mas pode também enfeitar o cortejo das ilusões. Quando te cerque o borborinho da mocidade, ama aos jovens que revelem trabalho e reflexão; entretanto, não deixes de sorrir, igualmente, para os levianos e inconstantes; são crianças que pedem cuidado, abelhas que ainda não sabem fazer o mel. Perdoa-lhes os entusiasmos sem rumo, como se devem esquecer os impulsos de um menino na inconsciência dos seus primeiros dias de vida. Esclarece-os, Simão, e não penses que outro homem pudesse efectuar, no conjunto da obra divina, o esforço que te compete. Vai e tem bom ânimo!... Um velho sem esperança em Deus é um irmão triste da noite; mas eu venho trazer ao mundo as claridades de um dia perene.

Dando Jesus por terminado o seu esclarecimento, Simão, o Zelota, se retirou satisfeito, como se houvesse recebido no coração uma energia nova.

Voltando à casa pobre, encontrou Tiago, filho de Cleófas, falando à margem do lago com alguns jovens, apelando ardentemente para as suas forças realizadoras. Avistando o velho companheiro, o apóstolo não mais o ofendeu, porém fez uma pequena alusão à sua idade, para destacar as palavras de sua exortação aos companheiros pescadores. Simão, no entanto, sem experimentar qualquer laivo de ciume, recordou as elucidações do Mestre e logo que se fez silêncio, reconhecendo que Tiago estava só, falhou-lhe, com brandura:

— Tiago, meu irmão, será que o espírito tem idade? Se Deus contasse o tempo como nós, não seria ele o mais velho de toda a Criação? E que homem do mundo guardará a presunção de se igualar ao Todo-Poderoso? Um rapaz não conseguiria realizar a sua tarefa na Terra, se não tivesse a precedê-lo as experiências de seus pais. Não nos detenhamos na idade, esqueçamos as circunstâncias, para lembrar sòmente os fins

sagrados de nossa vida, que deve ser a edificação do Reino no íntimo das almas.

O filho de Alfeu escutou-lhe as observações singelas e reconheceu que eram ditas com fraternidade tão pura, que não lhe chegavam a ferir, nem de leve, o coração. Admirando a ternura serena do companheiro e sem esquecer o padrão de humildade que o Mestre cultivava, reflectiu um momento e exclamou, comovido:

— Tens razão.

O velho apóstolo não esperou qualquer justificativa de sua parte e, dando-lhe um abraço, mostrou-lhe um sorriso bom, deixando perceber que ambos deviam esquecer, para sempre, aquele minuto de divergência, a fim de se unirem cada vez mais em Jesus Cristo.

Naquela mesma tarde, quando o Messias começou a ensinar a sabedoria do Reino de Deus, Simão, o Zelota, notou que havia na praia duas criancinhas inconscientes. Dominada pela nova luz que fluia dos ensinamentos do Mestre, a mãe delas não vira que se distanciavam, ao longo do primeiro lençol raso das águas; o velho pescador, atento à pregação e às demais necessidades da hora em curso, observou os dois pequeninos e acompanhou-os. Com uma boa palavra, tomou-os nos braços, sentando-se numa pedra e, terminada que foi a reunião, os restituiu ao colo maternal, em meio de suave alegria e sincero reconhecimento. Inspirado por uma força estranha à sua alma, o discípulo compreendeu que o júbilo daquela tarde não teria sido completo se duas crianças houvessem desaparecido no seio imenso das águas, separando-se para sempre dos braços amorosos de sua mãe. No ámago do seu espírito, havia júbilo sincero. Compreendera com o Cristo o prazer de servir, a alegria de ser útil.

Nessa noite, Simão, o Zelota, teve um sonho glorioso para a sua alma simples. Adormecendo de consciência feliz, sonhou que se encontrava com o Messias, no cume de um monte que se elevava em estranhas fulgurações. Jesus o abraçou com carinho e lhe agradeceu o fraterno esclarecimento fornecido a Tiago, em sua lembrança, manifestando-lhe reconhecimento pelo seu cuidado terno com as duas crianças desconhecidas por amor de seu nome.

O discípulo sentia-se venturoso naquele momento sublime. Jesus, do alto da colina prodigiosa, mostrava-lhe o mundo inteiro. Eram cidades e campos, mares e montanhas... Em seguida, o antigo pescador compreendeu que os seus olhos assombrados divisavam as paisagens do futuro. Ao lado de seu deslumbramento, passava a imensa família humana. Todas as criaturas fitavam o Mestre, com os olhos agradecidos e refulgentes de amor. As crianças lhe chamavam «amigo fiel», os jovens «verdade do céu», os velhos «sagrada esperança».

Simão acordou, experimentando indefinível alegria. Na manhã imediata, antes do trabalho, procurou o Senhor e beijou-lhe a fímbria humilde da túnica, exclamando jubilosamente:

— Mestre, agora vos compreendo!...

— Em verdade, Simão, ser moço ou velho, no mundo, não interessa!... Antes de tudo, é preciso ser de Deus!...

Nova Iguassú, Janeiro de 1947.

CONFISSÕES

II

«Deus criou». Quem sou para querer compreender-te, Senhor, para querer atingir o motivo por que criaste assim e não de outro modo? Grande é a minha audácia, igual ao meu desejo de te ver, de me sentir mais perto de ti!

Eu não posso, pairar demasiado longe de mim. As minhas asas são pesadas, não me consentem o sem-limite onde tu estás.

Mas se eu tenho consciência do meu desejo, se eu sinto a tua presença em tudo que me cerca, se eu sei que posso ir para mais perto desde que queira, eu sou um Imperfeito no caminho da perfeição que és tu próprio. Essa é o sinal da tua misericórdia, impresso desde o início na Lei que, em final, rege a Criação que saiu de ti.

O caminho está aberto desde sempre. Todas as posibilidades estão palpitantes em mim. O tempo não me domina; eu sou imortal. Tenho o sem-fim para realizar o meu desejo. Mas é preferivel uma eternidade a contemplar-te, Senhor, que uma eternidade antes de vislumbrar os primeiros albores da tua luz.

É, pois, uma necessidade o despertar imediato das potencialidades para subir cada vez mais além, mais alto, mais acima da insuficiência do viver presente.

O «caminho» é o amor que o Cristo nos legou, o meu «bordão» o seu exemplo, o meu «calvário» a dificuldade do cumprimento da tua lei, Senhor: a minha «cruz», o madeiro das minhas culpas; a minha «glória» a pureza imaculada que um dia possuirei. Por eles, eu chegarei um dia à fímbria da tua majestade.

Agostinho

N.º 11
NOVEMB.
1 9 4 7

Página Organizada
por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

Acabo mesmo agora de assistir a uma cena que me impressionou.

Uma senhora, querendo saber qual o caminho mais curto para determinado largo, dirigiu-se a um rapazito a perguntar-lho.

— Ora, tome vocemecê a rua que lhe der mais jeito...

Dizei-me agora: Porque não havemos de ser delicados ?

Porque não tratar bem quem bem nos trata ? Porque não sorrimos quando damos um esclarecimento ou cumprimentamos ?

Os alemães dizem:

«Com o chapéu na mão conquista-se o mundo».

Não é a mendigar, evidentemente !... Pois, que lucramos em mostrar aos outros a nossa ignorância e o nosso mau coração ?

Não vos parece, meus pequeninos ?

A vossa irmã mais velha

Kylas

★

— Sabe tocar piano ?
— Olhe que não lho posso dizer.
— Não pode dizer ?!
— Não; porque nunca experimentei.

★

O CORPO

A Difteria

Só desde 1883 se sabe que o agente desta doença é o bacilo de Klebes-Löffler.

Em boa companhia das poeiras, entra este bichinho na boca e no nariz, indo agarrar-se às mucosas destes dois orgãos, bem como da faringe. formando, em colónias, uma espécie de membrana que, atingindo a faringe. provoca a asfixia.

O antídoto aplicado é o soro anti-diftérico.

Além das poeiras, deve-se evitar o contacto com esses doentes (esta doença é muito contagiosa) que transmitem o mal pela saliva, excreções nasais e pela própria roupa.

Tenham pois muito cuidado. A virulência e a persistência de vida destes bacilos atinge por vezes semanas e meses.

★

Mais se aprende na leitura meditada de um livro, do que no folhear, levianamente, milhares de volumes.

Julio Dinis

AS QUALIDADES

A Obediência

Obedecer é executar o que nos é ordenado.

Mas nem todas as ordens devem ser obedecidas.

Estudemos sempre segura e ràpidamente a ordem, antes de a executarmos.

— É ela prejudicial aos outros ou a nós próprios, filha da crueldade de qualquer senhor tirano ?

— Faz ela parte de uma lei ou princípio que desconhecemos ?

No segundo caso, meditamos, estudamos, antes de fazermos qualquer gesto irreflectido, malcriado a maioria das vezes.

No primeiro caso, isto é, se a ordem prejudica a nossa honra. nosso brio, nossa saude, sem que tal sacrifício represente bem para outrem, desobedeceremos com toda a dignidade.

★

De Icléa

Criança!

A alegria procurar-te-á, sempre que praticares uma boa acção, inundando tua alma para que sintas a beleza de tudo que te cerca. Faze, pois, diàriamente, todo o bem que puderes e, à noite, quando, após a tua prece por todos os que sofrem, buscares no sono o repouso necessário ao teu corpo, sentirás dentro de ti o amor de Jesus, flutuando na paz da tua consciência.

«Para as Crianças»

O SOL E A NEBLINA

de João de Deus

Enquanto se desfazia
A neblina da manhã,
A pequena Carolina
Ouvia a voz da mamã.

Falava Dona Cassilda
Com desvelos maternais:
— Existem no sol, filhinha,
«Ensinos celestiais.

«Não vias o véu da noite
«Na estrada brumosa e fria ?
«Entretanto, a grande sombra
«Foge, agora, em correria.

«Todo o campo transformou-se
«No milagre de um momento,
«Bastando que o sol brilhasse
«No lençol do firmamento».

Enquanto a pausa materna
Se fazia demorada,
A menina carinhosa
Perguntou, interessada:

— «Onde os ensinos, mamã ?
«Quero ouvi-los, quero lê-los !»
Respondeu a mãe bondosa,
Afagando-lhe os cabelos :

— «Medita apenas num deles,
«Muito simples. mas profundo...
«A menina, minha filha,
«É a neblina do mundo.

Mas os seus véus de ilusão
Só perturbam a existência,
Até que o sol da verdade
Ressurja na Consciência.

«Colectânea do Além»)

O MILAGRE DA DOR

por Nize A. Santos
(Brasileira)

A VERA MARIA

Laurita era loura, cabelos anelados e os seus olhos refletiam a côr do céu. Nascera de pais ricos, coberta de mimos e caricias. Quem a visse nos seus folguedos infantis, sentiria por certo essa atracção irresistível, que só os anjos possuem.

No entanto, só um sentimento animava aquela estampa de menina: o orgulho.

Uma educação errónea, orientada pelo egoismo, norteava aquela alma em evolução para o caminho da descrença e dúvida.

Como, porém, há sempre um ensinamento para os homens de boa vontade, era companheira de folguedos da bela Laurita, uma menina pobre, bem pobre, de pele bronzeada, atitude humilde, um tanto esquiva às demonstrações de alegria ruidosa, tão peculiar às crianças de sua idade. Possuia, entretanto, um coração sensivel, sempre pronto a condoer-se dos males alheios. Chamava-se Dirce.

Laurita sentia-se atraida pela amiguinha, mas sempre que havia oportunidade, revelava através do seu temperamento impulsivo, o sentimento que lhe caracterizava o espírito: o orgulho. Ora contava as vantagens da sua situação de menina rica, ora procurava exaltar as suas qualidades pessoais, e em comparação humilhante colocava sempre alguma companheira, com especialidade a Dirce, que pela sua elevação espiritual, não se maguava, fazendo-se desentendida.

E, assim, o tempo corria e, com ele os sentimentos daquelas duas almas mais se definiam.

Por uma tarde de inverno, quis a misericórdia divina que chegasse para Laurita o seu momento decisivo, e a dor foi o instrumento designado para aquele trabalho de iluminação.

Foi assim que de volta de um daqueles passeios de automóvel que tanto deliciavam o seu espírito afeito às coisas do mundo, houve uma inesperada explosão no motor do veículo, sendo ela, a bela Laurita, a vítima de tão nefasto acontecimento.

Com o rosto todo queimado, acometida de dores agudas, perdeu os sentidos. Internada num hospital, esteve alguns dias em luta com a morte, vencendo, porém, a sua natureza sadia. No entanto, estava marcada a hora para o seu despertar espiritual. Grandes cicatrizes lhe molduravam o rosto, dando-lhe um aspecto bem diferente do de outrora!

E foi Dirce, a caboclinha humilde de outros tempos, já transformada em afanosa enfermeira, o anjo designado a conduzir aquela alma.

Já refeita do grande abalo sofrido e em condições de voltar ao seu lar, teve a dolorosa surpresa de ver totalmente transformado o seu aspecto físico! E, se não fora Dirce, a simples companheira de seus folguedos infantis, talvez de seus lábios partissem blasfêmias e imprecações contra Deus e o seu destino implacável. Mas, alguém ali estava, serena, meiga a falar-lhe de uma vida diferente — a verdadeira vida, cuja característica essencial é o esquecimento de si mesma.

Que lhe valeria a beleza física, se o orgulho ia minando a essência de sua alma, transformando-a em um ser intolerável, sem amigos, céptico, incapaz de perceber as claridades divinas? De esclarecimento em esclarecimento, Dirce preparava aquela alma para uma vida onde as virtudes teriam o cultivo necessário ao seu desenvolvimento.

Após o choque sofrido e com a assistência de Dirce, Laurita quis ler, estudar muito, desvendar os mistérios de outras vidas e ainda com o auxílio de sua mediunidade intuitiva, pôde compreender o grande ensinamento evangélico que manda: «*Se o teu olho for causa de escândalo, arranca-o, porque é preferivel entrar no reino dos céus com um só olho, do que ter dois e ir parar ao fogo dos infernos*».

Renascendo para a vida superior, Laurita, sem aquele orgulho malsão, deu guarida ao sentimento do amor ao próximo e em pouco tempo mais uma diligente enfermeira, toda abnegação e desprendimento, se desvelava à cabeceira dos enfermos, tendo sempre nos lábios o sorriso, daqueles que esperam, porque crêem.

Eis o milagre da dor.

PILOTO

por Guerra Junqueiro

Piloto era o mais inteligente e o mais afectuoso dos cães, e o infatigável companheiro dos brinquedos das crianças da quinta.

Fazia gosto vêl-lo atirar-se no tanque a agarrar o pau, que o João lhe lançava o mais longe que podia; pegava nele, metia-o na boca e trazia-o à margem. com grande alegria do pequerrucho e de sua irmã Joaninha.

Esta brincadeira recomeçava vinte vezes, sem se cansar nunca a paciência do Piloto. Depois eram corridas, festas, gargalhadas, saltos, até que o assobio do criado da quinta chamava o fiel animal às suas obrigações; partia então como um raio para escoltar as vacas que levavam aos pastos, e impedi-las de entrar no lameiro do visinho.

Quando o hortelão ia vender os legumes ao mercado, era Piloto o guarda da carroça; e muito atrevido seria quem saltasse à noite a parede da quinta.

Uma vez deu prova de uma extraordinária sagacidade; um jornaleiro, que se empregava muitas vezes em levar sacos de trigo da quinta para casa, tentou de noite roubar um saco.

O Piloto, que o conhecia, não fez a menor demonstração de hostilidade enquanto o homem seguiu o caminho da quinta; mas, desde que se afastou, tomando por outro, o guarda vigilante agarrou-o pela blusa sem o largar.

Era como se dissesse:

— Onde vais tu com o trigo do meu dono?

O ladrão quis pôr outra vez o saco onde o tinha roubado; mas o Piloto não deixou e teve-o em guarda sem o morder, sem o ferir, até de manhã; o quinteiro foi dar com ele nesta dificil posição, repreendeu-o vivamente e despediu-o sem divulgar o caso para não o desonrar.

O homem, porém, ficou com ódio ao cão; e muito tempo depois, aproveitando a ausência do quinteiro e dos filhos, chamou o Piloto, que correu para ele sem desconfiança; atou-lhe uma corda ao pescoço e arrastou-o à margem do ribeiro. Atou à outra ponta da corda um grande calhau, e, levantando o animal, arrojou-o à água; mas, arrastando ele próprio com o peso e com o esforço. caiu também.

Como não sabia nadar, teria sido despedaçado pela roda do moinho, se o corajoso do Piloto, obedecendo ao seu instinto de salvar e desembaraçando-se da pedra mal atada, não mergulhasse duas vezes trazendo para terra o seu mortal inimigo.

Este, que já estava meio desmaiado, compreendeu, quando voltou a si, que o cão que ele tinha querido afogar, lhe salvara a vida.

Envergonhou-se do acto miserável: e, desde esse dia, violentando-se. combateu as suas más inclinações.

O exemplo do cão corrigiu o homem.

(«Contos Para a Infância»)

A Consciência

por António Boto

Esta manhã, estava um velho de longas barbas aquecendo-se ao sol de inverno, sentado à porta de uma pequena casa toda caiada de branco, quando Manuel, um rapazote de treze anos, passou, apressado, a caminho da oficina. Era aprendiz de ferrador. Esboçou um breve saudar e viu, ao pé daquele velho, caído no chão, uma grossa moeda de oiro. O seu primeiro impulso foi apanhá-la e entregá-la. Logo a seguir, um mau pensamento afastou para longe essa formosa intenção. Aproximou-se. Falou-lhe da geada que caira nessa noite sobre os campos desolados pelos fios da invernia constante. Os olhos daquele homem pareciam animados pela carícia do rapaz a falar num à-vontade de bons e leais amigos. Depois, sorrateiramente, deitou as mãos à moeda. A expressão do olhar daquele velho era tão límpida e serena, tão confiada e aberta para os mistérios da vida, que o pequeno Manuel sentiu-se quase envergonhado da fria acção que fizera. Guardou-a, levantou-se, despediu-se, e foi-se embora a correr. No dia seguinte, lá estava o velho sentado. Manuel cumprimentou-o receoso e notou, surpreendido, que aquele olhar não era o mesmo: numa expressão de severidade num misto de repreensão e de mágua, fixava-o com insistência.

— Ah! não há dúvida, já sabe! dizia Manuel, tristemente, já sabe que fui eu o ladrão. E, avançando. confessou-lhe que fora ele o autor do imperdoável furto.

— O quê? pois é verdade o que dizes? Supus que a tinha perdido ontem à tarde ao pé da fonte quando fui de perto ouvi-la; eu gosto de ouvir as fontes, porque embalam no seu choro certa saudade que me doi, aqui, dentro do meu peito.

— Fui eu!, disse Manuel, fui eu E de tal modo os seus olhos me fizeram ver o que eu fiz, que lhe peço perdão, arrependido.

— Os meus olhos?, respondeu o velho num sorriso amargo: estes olhos são de vidro: Tu não vês que sou um cego?

★

A educação do corpo, cultivada pela ginástica, é a primeira condição de vigor e de saude nos indivíduos, e é do vigor dos indivíduos que procede a energia das sociedades.

Ramalho Ortigão

MÃE

Olha, meu filho, quando à aragem fria
de algum torvo crepúsculo, encontrares
uma árvore velhinha, em modo e ares
de abandono e outonal melancolia,

Não passes junto dela, nesse dia
e nessa hora de bênção, sem parares;
não vás sem longamente a contemplares:
vida cansada, trémula e sombria.

Já foi nova e floriu entre esplendores;
talvez, em derredor dos seus amores,
inda haja filhos que lhe queiram bem...

Ama-a, respeita-a, ampara-a na velhice;
sorri-lhe com bondade e com meiguice:
— Lembre-te, ao vê-la, a tua própria mãe.

António Correia de Oliveira
«A Alma das Árvores»

CONTOS DA VIDA..

III

MADAME CURIE

por Ramos Pereira

No século passado. nasceu na Polónia uma menina cuja vida seria mais bela que os contos das princesas.

O seu desejo era estudar, saber, mas filha de pais pobres parecia estar destinada a não realizar o seu sonho. E julgam que ela desesperou ou desistiu? Antes pelo contrário. As dificuldades em que se debatia acirraram-lhe a vontade.

E um dia despediu-se da família e foi estudar para Paris. Fàcilmente podereis imaginar a luta que ela teve de travar para frequentar a Faculdade. Na água-furtada onde vivia, passou fome e frio, mas nunca a abandonou a esperança e a fé no seu destino. Sòzinha, numa terra estranha, a formosa polaca conseguiu ganhar o grau de doutor em ciências. A felicidade sorriu-lhe. porque a merecia. Um jovem professor apaixonou-se por ela e ofereceu-lhe casamento.

Ambos pobres mas cheios de vontade de triunfar, alugaram um velho barracão que transformaram em laboratório. E um dia, diante de seus olhos maravilhados, surgiu o «rádio», um metal até então desconhecido.

Tinham vencido. Dos quatro cantos do mundo, choveram títulos de honra, coroas de glória para a mulher que soubera esperar pacientemente a sua hora, partilhando o seu amor entre os filhos e o estudo.

Viuva muito cedo, não se entregou ao desespero. O trabalho foi o lenitivo da sua alma amargurada.

Quando a guerra assolou a terra francesa. ela fechou o grande laboratório que lhe tinham oferecido e foi tratar dos feridos como simples enfermeira.

Os filhos cresceram e um dia, quando os seus cabelos já estavam brancos, quando todo o mundo pronunciava respeitosamente o seu nome, a genial senhora assistia ao doutoramento duma filha, de uma jovém a quem dera o ser e ensinara a ver na Ciência a grande força do progresso humano. Chorou de alegria, porque ganhara outra batalha da vida.

Quando morreu, o mundo vestiu luto por essa mulher extraordinária que soube ser esposa e mãe. a par de genial professora e cientista.

Criança! Se algum dia sentires o peso da tua pobreza. se algum dia sentires perder a coragem ou a fé em ti mesma, lembra-te da menina polaca que, depois de passar fome, miséria e frio, deixou atrás de si um rasto luminoso de inteligência, de bondade, de amor e de glória. Essa menina é conhecida na ciência por Madame Curie.

★

Pensar bem leva a bem fazer.

Vítor Hugo

AMPLIE A SUA CULTURA GERAL

(Resumido de vários livros, revistas e enciclopédias)

I — Como nasceu o planeta que habitamos ?

Primitivamente, era crença — e essa teoria, resumida e apresentada por Aristóteles (384-322 A. C.) ainda se manteve durante largos séculos — era crença, repito, que a Terra estava fixa e era o centro do Universo.

Assim se pensou, até que apareceu Galileu Galilei, matemático, físico e astrónomo, da cidade italiana de Pisa, que viveu dos fins do século 16 aos princípios do século 17 e deitou abaixo as teorias anteriores, afirmando qeu a Terra se movia em torno do Sol.

Tal afirmação causou enorme celeuma, sendo muito injuriado pela Igreja, pois vinha contradizer a interpretação teológica da Bíblia.

— *E pur, si muove* (e, contudo, move-se) — são as palavras que lhe atribuem, em resposta às acusações do clero.

Não bastava saber-se que ela se movia, mas também como se formara.

Pedro Simão, marquês de LAPLACE, (1749-1827), explica então a formação dos astros da seguinte forma:

Tal como ainda hoje se observa, havia nebulosas no espaço. No seio de uma delas (o mesmo poderá ir acontecendo às outras) introduziu-se qualquer foco de atracção — um pedaço de outro astro qualquer, por exemplo. A nebulosa começaria a tomar a forma esferoidal, criando uns aneis nas alturas do equador (mesmo hoje se vêem em Saturno uns aneis de que ainda se não livrou, não se sabe porquê).

Este alargamento equatorial é provado por trabalhos laboratoriais: corpos animados de movimento uniforme aumentam no bojo e são projectados no espaço.

Depois. desses aneis ter-se-iam desprendido as substâncias que os compunham devido aos diferentes coeficientes de calor específico e pontos de condensação e de pressão. De facto, todos os satélites do Sol estão no mesmo plano.

Esta teoria, revista e completada por estudos de outros sábios, é hoje geralmente admitida.

II — Qual a origem da palavra assassino ?

A palavra assassino provém do vocábulo árabe — *ashohashin* — que é o plural deste outro — *ashshash* — que significa bebedor de *haxixe*, bebida feita de suco de folhas de cânhamo.

Que tem a ver, porém, o nome de uma bebida com o autor de crimes de morte ?

Eu lhes conto a história.

Havia no Cairo duas classes de mestres e prosélitos, entre os quais se encontrava um homem chamado Hassan-bem-Sabbat, o «Velho da Montanha».

Devido, porém, aos seus actos, esse homem foi banido daquela terra e tentou pregar a sua doutrina noutras regiões. Percorreu a Pérsia e apoderou-se do forte de Alamut, nos confins do Iraque. Às duas seitas já existentes, juntou uma outra — a dos Fedaris — que não tinham o direito de investigar as suas ordens, mas apenas obedecer cegamente.

Para os inspirar, usava da tal bebida que lhes dava nuns jardins maravilhosos onde havia todos os divertimentos e para os quais eles tinham sido levados de olhos vendados.

E da mesma forma de lá os mandava retirar, afirmando-lhes depois haverem estado no Paraíso.

Com tal recompensa, é bem de ver-se que os crimes eram medonhos.

Esta seita espalhou-se pelas províncias do Gebal, Kuistão e Síria.

Hassan reinou durante 34 anos, mas o poder da sua seita durou 170.

Vêem qual é a sorte das palavras ?

Da bebida — *haxixe (ou haschich)* — passou-se aos bebedores dela — *ashohashin*. Depois, esquecidos de que se tratava apenas do estimulante, passou a recordar-se os seus crimes odientos. Ligaram-se de tal forma ao autor, que «bebedores de «haxixe» passou a significar «matadores de gente», digamos assim.

Esta palavra, mais tarde, por intermédio do latim, aparece em todas as línguas românicas.

Português — assassino.
Espanhol — asesino.
Francês — assasin.
Italiano — assassino.

para falar só nas principais.

Em virtude do muito espaço que ocupa cada resposta, vemo-nos na necessidade de dar apenas duas de cada vez, ao contrário do que tínhamos anunciado. A ordem, por esse mesmo motivo, teve de ser alterada.

Estamos certos de que os nossos pequeninos leitores nos perdoarão, pois é ?

Portugueses, Brasileiros,
Mar ao centro, raça à raça...
Alma irmã: a mesma réstia
De cá e lá da vidraça.

Ant.º Correia de Oliveira

★

Pinóquio

por Astréia

Lea recebeu a visita da tia, que lhe trouxe um *pinóquio* de presente. *Pinóquio* era um boneco que tinha o nariz muito grande.

A garota mirou, remirou o boneco e perguntou:

— Porque tem ele o nariz tão grande, titia ?

— Isso, minha filha, é das mentiras que ele tem pregado.

— Então ele tem dito muitas mentiras ...

— Cada vez que mentia, o nariz aumentava um pedaço, até que ficou desse jeito.

A garota olhou sèriamente preocupada para a tia, e perguntou-lhe:

—Titia, o meu nariz está crescendo ?...

Sabedoria de Salomão

Certo dia uma mulher queixou-se ao rei da Arábia que seu marido estava a trabalhar debaixo de uma tamareira, quando um empregado real caiu da árvore e o matou com o peso do corpo. Para compensar a perda do marido, exigia a morte do empregado.

Quando o rei lhe perguntou se se contentaria com determinada importância, a mulher, valendo-se da lei, insistiu na morte do homem.

O rei pensou e disse:

— A senhora tem razão. Segundo a lei, sou obrigado a conceder-lhe a vida desse homem, como compensação da morte de seu marido. Mas eu é que tenho de indicar a forma de execução do condenado. Decreto, portanto, que seja amarrado a uma tamareira. A senhora terá de subir à árvore e cair sobre ele e matá-lo, do mesmo modo qu ele matou o seu marido.

A mulher aceitou o dinheiro e não pensou mais no caso.

Harold Armstrong

★

Pode-se, com as palavras, enganar os homens; a Deus nunca.

Os mortos podem transportar objectos duma casa para outra?

por HENRI REGNAULT
(redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Paris)

(Tradução de I. D. S.)

No dia dia 21 de Fevereiro de 1947, tive a audácia de fazer aos meus ouvintes das *Sextas-feiras Espiritas e Magnéticas* esta pergunta, um tanto paradoxal:

— Os mortos podem transportar objectos de uma casa para outra?

Para conseguir os meios indispensáveis à minha propaganda, impus-me a obrigação de realizar todas as semanas uma conferência espirita no Salão de Geografia. Para isso, tenho de reler, não só os autores clássicos, como também inúmeros documentos.

Gosto muito de estudar as obras dos experimentadres sérios, entre os quais é preciso não esquecer o Pastor Nielsonn, Professor de Teologia na Universidade de Islândia.

No seu livro «As Minhas Experiências Espiritas», traduzido do alemão por Gabriel Gobron, o autor aponta as experiências feitas com o médium Indridason. Após mais de cinco anos de experiências obtiveram-se fenómenos extraordinários, sob a mais rigorosa fiscalização. A meu ver, um dos mais curiosos resultados foi a realização, muitas vezes repetida, da passagem da matéria através da matéria.

Eis um exemplo descrito por aquele pastor:

Foi numa noite em que as faculdades psiquicas do médium eram extraordinàriamente grandes. Os peritos sugeriram-nos a seguinte experiência: ir buscar qualquer objecto a uma casa da cidade e colocá-lo na mesa da sala de sessões, através do telhado e das paredes. Só depois do médium cair em transe e entrar no estado de inconsciência é que escolhemos a casa donde o objecto devia ser tirado, a fim de excluir a hipótese de que o médium poderia ter o objecto consigo. Propusemos aos encarregados do contrôlo que escolhessem entre a casa do bispo e a casa de um médico muito conhecido. Os espiritos directores escolheram a do médico, porque Indridason tinha estado muitas vezes na residência do bispo. Acto contínuo ouvimos pancadas como eu não ouvira antes ou depois. Momentos decorridos, houve uma pausa, durante a qual os espiritos directores nos afirmaram que haviam tirado o objecto da casa do médico, através do telhado. Pouco depois, as pancadas ouviram-se novamente e passados alguns instantes apareceu na mesa um grande frasco de álcool, no qual havia muitas aves.

Telefonou-se logo ao médico para saber se estas coisas lhe pertenciam. Disse que não.

O médium, que despertara e se encontrava na sala, caiu outra vez em transe e um dos espiritos-guias declarou com grande firmeza que pertenciam ao médico, pois ele próprio tirara o frasco de um guarda-vestidos pintado de amarelo num quarto da casa do facultativo, onde um velho estava sentado, a conversar com outros homens. Comunicando-se isto ao médico, este procedeu a investigações e verificou que, de facto, as coisas se haviam passado como o espirito revelara.

O sogro do médico estava sentado a conversar com dois estrangeiros, no compartimento onde se encontrava o móvel. O frasco pertencia ao sobrinho do médico e desaparecera do móvel.

A pesar do meu conhecimento da ciência espirita, talvez nunca me abalançasse a descrever tais coisas numa sessão de propaganda popular, se não tivesse experimentado com um médium de *apports* que se prestasse a rigoroso contrôlo.

Nas mais sérias condições experimentais, obtive eu no dia 10 de Abril de 1928, em Neuilles, um objecto rectangular de 508 gramas (144 milimetros de comprimento, 82 milímetros de largura e 14 milímetros de altura).

Trata-se de um pisa-papeis muito precioso para mim e que permanece na minha secretária. Numerosas pessoas o têm examinado minuciosamente, entre elas, o sr. António Joaquim Martins e sua esposa, que estiveram em Paris durante algum tempo. Eles poderão certificar o facto aos leitores desta revista.

A médium Juliette não podia ter este objecto consigo, visto que, antes da sessão, não se

LUZ NO CAMINHO

Por Isidoro Duarte Santos. *Estudos Psíquicos Editora.* Lisboa, 1947. 346 páginas.

Depois do século 16, com a quebra da unidade católica provocada pelo dissidentismo luterano, surgiu um género literário em que a par do êxtase místico se colocou a especulação religiosa, tendendo ambas a uma justificação do sentir da religiosidade. Fidelino Figueiredo designou estas correntes por: — ascética e mística pròpriamente dita: «A primeira é intensamente activa e visa à reforma da vida interior, ou à sua santificação e à identificação da criatura com o Criador. Tudo que a sugestão da arte literária, pela magia da palavra, pode fazer para conformar o espírito e a acção moral a uma doutrina religiosa e a uma atitude ética de obediência e paz interna — constitui o motivo central dessa literatura. Ela afervora a fé, vigia-a e condu-la, restaura-a no ânimo dos que a deixaram morrer, ilumina o caminho da virtude pela imitação do Cristo, purga a alma das aderências de pecado e chega à união com Deus».

A obra de Isidoro Duarte Santos, agora publicada, enfileira nesta direcção, ao lado dos Amador Arrais, dos Heitor Pinto, dos Padre Marchal, sobre o pano de fundo duma apologética cristã-espirita.

Não é um trabalho de exegese pura, são «páginas» dum sentir efusivo da lição espiritual do Evangelho escondida sob o nevoeiro pesado e sufocante da «letra que mata». Não há plano visível dando aspecto de escada conducente ao patamar das conclusões; há (melhor...) um fio contínuo de emoção unindo estas páginas vazadas em óptima forma literária. Isidoro Duarte Santos, lembrando-se dos homens, olhou para o Evangelho, em busca dum manancial de redenção, de uma luz que desfizesse as trevas, que a sua alma de poeta cantou apocalipticamente no fantástico poema do seu «Exórdio».

Isidoro Duarte Santos, com o produto das suas meditações (verdadeiras «efusões» à Padre Marchal), deu-nos temas para as nossas, deu-nos sínteses admiráveis para dissertações num «ciclo de cultura evangélica», tão necessário nos centros espiritas.

Senhor de uma forma pujante, policroma pela força ofuscante das imagens espontâneas, saem da sua pena pensamentos que Pascal talvez não desdenhasse rubricar.

Estudos Psíquicos Editora *marcou mais um passo em frente, com a publicação desta obra do seu director.*

RAMOS PEREIRA

encontrava na sala das nossas experiências. O *apport* foi-me colocado na mão, no momento em que eu lhe segurava os pulsos. Disto estou absolutamente certo.

A experiência narrada pelo pastor Nielsonn, por muito estranha que seja, entra no domínio das possibilidades.

Os meus ouvintes de 21 de Fevereiro de 1947 aceitaram o meu relato sem qualquer protesto, o que representa um índice favorável, sobretudo quando me lembro de que em 1920, entre os que me escutavam, houve alguns murmúrios que depressa reprimi, quando afirmei a realidade das vidas sucessivas.

Vinte e sete anos depois verificam-se muitas mudanças.

Espiritas, não tenhais, pois, o mínimo receio! Estudai bem a nossa ciência e tornai-a conhecida onde quer que vos encontrardes.

JORNADA MEMORÁVEL

O Núclo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos em Santarém — Uma Conferência de Ramos Pereira no Clube Literário Guilherme de Azevedo — Inauguração da 1.ª filial do Centro Espiritualista Luz e Amor na mesma cidade

A CONFERÊNCIA

Conforme noticiámos, realizou-se no passado dia 26 de Outubro a inauguração da 1.ª Filial do Centro Espiritualista Luz e Amor, em Santarém.

Aproveitando o ensejo e a amabilidade do nosso o colaborador e amigo António J. Martins que pôs o seu belo e cómodo automóvel à nossa disposição, o *Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos* levou àquela cidade ribatejana o nosso redactor Ramos Pereira, a fim de realizar uma conferência no Clube Literário Guilherme de Azevedo, subordinada ao título «O que é o Espiritismo?».

Acompanhou-nos o velho amigo de lides doutrinárias José Carlos de Chelmicki Afflalo, Tesoureiro da Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, e membro do Conselho Deliberativo da Federação Espirita Brasileira.

Presidiu à conferência o 1.º tenente Isidoro Duarte Santos, director desta revista e Presidente do Núcleo e do Centro Espiritualista Luz Amor, que ali deslocava alguns membros para a inauguração da sua primeira filial. Aquele confrade era ladeado pelo presidente e pelo secretário do Clube Literário, além da Comissão Organizadora da filial, José Leonor Frazão Júnior, Francisco Bernardino Nogueira, António Rodrigues, António Constantino Brites. Josué Paula da Cunha, Manuel Marecos Henrique e Francisco Ribeiro de Almeida, além do nosso colaborador Manuel Martins.

Aberta a sessão pelo Secretário do Clube, este amigo lamentou não ser possivel que a apresentação do orador fosse feita por um escalabitano, motivo por que falou o tenente Isidoro Duarte Santos, explicando em breve exórdio a natureza e fins do Núcleo a que preside e cuja missão é levar o Espiritismo ao mundo profano através de folhetos e conferências. Depois agradeceu a amabilidade da Direcção do Clube Literário Guilherme de Azevedo, franqueando as portas a conferências desta espécie, e saudou no povo de Santarém a cultura, o trabalho e a hospitalidade verdadeiramente portuguesa daquela formosa terra ribatejana.

Disse que a Doutrina Espirita tinha objectivos

Mesa de honra que presidiu à conferência

Da esquerda para a direita — Ramos Pereira, António Rodrigues, Manuel Marecos Henriques, António J. Martins, Francisco Bernardino Nogueira, Josué Paula da Cunha, António Constantino Brites, Isidoro Duarte Santos, Tenente José Maria Amorim Junior, director do Clube, José Leonor Frazão Junior e José Carlos de Oliveira Solas

transcendentes e humanistas. Dirigindo-se aos corações e às inteligências no desejo de firmar a posição do homem no concerto social, o Espiritismo é de tal modo aliciante, que ninguém pode fugir ao seu influxo. Ciência, filosofia e religião, tudo se funde na estrutura desta bela Doutrina alicerçada em factos incontroversos.

Em seguida apresentou o conferente como redactor de *Estudos Psíquicos,* membro do Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos e finalista de um curso superior, onde aproveitava os momentos livres para o estudo dos grandes problemas da vida e da morte que têm empolgado os maiores sábios e filósofos de todos os tempos.

Ramos Pereira começou por afirmar a necessidade de enquadrar no tempo o «fenómeno do doutrinarismo espirita» para que ele pudesse ser completamente compreendido, em natureza e finalidade. Fez assim um sucinto escorço da caminhada da Doutrina através do mundo desencontrado do século dezanove, mostrando a posição primacial de Kardec na evolução subsequente.

Em seguida, referiu-se ao interesse manifestado pela Ciência no estudo dos chamados fenómenos supra-normais, o que permitiu o delineamento da metapsicologia. ciência auxiliar da Psicologia Geral, ciência decisiva para um melhor conhecimento do homem. Traçada a multiplicidade das categorias, Ramos Pereira fez uma síntese das conclusões que se podem tirar imediatamente dos «fenómenos animicos», estabelecendo um paralelo com o Espiritismo. característico da revivescência filosófica do século vinte, ou seja, existência de um complexo espiritual fisiológicamente irredutível e de um corpo sensível ou perispírito. Daqui, e buscando auxílio nos «fenómenos espiritoides», induziu o princípio da imortalidade e da reencarnação.

Aceitando ser este último o grande pomo de discórdia entre espiritualistas-espiritas e não-espiritas, o nosso redactor confrontou-o com a tese do transformismo orgânico, demonstrando o auxílio que aquele traz ao aclaramento e como ressalva as obscuridades e incongruências deste. Atestado o logismo de uma temática reencarnacionista, o orador inquiriu das ilações éticas que daí se poderiam tirar. Planeou assim um edifício moral liberto de apriorismo, radicado na natureza do homem e tendente a uma transformação espiritual da humanidade. Aqui, Ramos Pereira lançou-se em via puramente apologética que, se poderia parecer fraca em teoria simples, teve, porém, o mérito e o fim de pantentear o individualismo humanista (isto é, o homem singular visto na dupla linha de influência para o colectivo), característica básica do Espiritismo.

Buscando aquelas conclusões sobre as origens para onde a Ciência vai lentamente raminhando e criticando a tese do Éter-Deus de Bozzano, Ramos Pereira atingiu o fundo teista do Espiritismo cristão.

Na posse da ideia de uma causa necessária e patenteada por exemplos frisantes a inanidade da pretensão humana de definir essa Causa e de lhe apontar qualidades-atributos, Ramos Pereira desenhou o sentimento da religiosidade espírita. Esclarecendo o fundo tolerante da Doutrina, que não combate deliberadamente os «credos» e citando o Evangelho, negou o acoimado diabolismo espirita e vincou como os princípios basilares revistos anteriormente se deduzem dos textos bíblicos, desde que sejam meditados em espírito e não segundo a letra. E terminou dizendo:

— «O que é o Espiritismo?! Uma Ciência — a metapsicologia —, revelando a existência de faculdades, estudando experimentalmente variadíssimos fenómenos, justificando-os e tirando-lhes todo o aspecto diabólico ou miraculoso; uma Filosofia, respondendo aos mais dilatados anseios da razão do sentimento humano, lançando uma Ética livre e uma Metafísi-

Aspecto da Assistência na plateia do Clube Literário Guilherme de Azevedo. não se vendo o balcão, que ficou cortado na prova fotográfica

ca racional; e uma Religião espiritualizada, essencialmente cristã, tentando conduzir o homem a uma vida interior mais elevada e exterior mais virtuosa e bela. O que é o Espiritismo?! É a mensagem do Consolador prometido por Jesus, o Cristo, a Voz do Espirito da Verdade».

Veementes aplausos coroaram as palavras do nosso redactor; e depois de uma fervorosa alocução doutrinária de Isidoro Duarte Santos, foi encerrada esta sessão memorável que afirmou, mais uma vez, a marcha triunfal do Espiritismo.

O *Núcleo de Acção e Propaganda* fez distribuir centenas de exemplares de *Estudos Psíquicos* pela assistência que enchia a plateia e o balcão do Clube Literário Guilherme de Azevedo.

A INAUGURAÇÃO DA FILIAL

Após o jantar no Hotel Central. oferecido pelos confrades de Santarém, e que decorreu animado, dirigimo-nos para a sede do Centro, em Vale de Estacas, edifício recém-construido e isolado de ruidos e outros obstáculos que dificultam os trabalhos experimentais.

Eram 21,30 quando se deu início à sessão inaugural da 1.ª Filial do Centro Espiritualista Luz e Amor, sob a presidência de Isidoro Duarte Santos e depois de uma prece de abertura proferida por Ramos Pereira.

Historiando as dificuldades que tiveram de ser vencidas para abertura do Centro de Santarém e agradecendo pùblicamente a atitude de íntegra justiça assumida pelas autoridades civis, Isidoro Duarte Santos prestou homenagem aos membros da Comissão Organizadora da Filial, especializando, sem desdouro para os restantes. o incansável trabalhador que é Manuel Marecos Henriques, «sem o qual — afirmou — teria sido impossível tão significativo triunfo». Cheio de ardor doutrinário, Isidoro Duarte Santos incitou ao trabalho unido da numerosa família do «Luz e Amor», fazendo votos para não fosse aquele o último ramo dilatado por terras portuguesas. Profundamente emocionado, o nosso Director apresentou a expressão da solidariedade da massa associativa da Sede e o apoio da Direcção.

Em seguida, o confrade António Martins dirigiu-se à assistência, mostrando o simbolismo espiritual cristão dos termos *Luz e Amor*, que designam o Centro e, numa síntese perfeitamente concatenada, exprimiu o fundo reformador do Espiritismo, como se vê no discurso que abaixo se transcreve, em separado.

Ramos Pereira mostrou os perigos da experimentação deficiente e das mediunidades mal desenvolvidas e aconselhou o estudo em pequenos grupos, apontando o peso da tarefa que cabe aos novos espiritas, herdeiros de um passado glorioso, de um património rico, embora vilipendiado. As suas palavras foram de adesão e de incitamento.

Chelmicki Aflalo ergueu-se para um dos mais belos improvisos que lhe temos ouvido na sua estadia entre nós. Toda a sua alma de crente fervoroso se entregou e as palavras brotaram-lhe como que arrastadas pelo impulso desgarrador do seu sentimento cristão. Mostrou como a sua alma vibrava com o significado desta jornada, que coroava um trabalho nobre e porfiado. O bem conhecido Tesoureiro da Fundação Marieta Gaio, animador do Centro Espiritualista Luz e Amor e da nossa revista, deve ter deixado nos nossos confrades de Santarém indelével impressão de agrado.

Em seguida, Ramos Pereira dirigiu uma pequena

Mesa de honra que presidiu à inauguração da Filial

Da esquerda para a direita: António Rodrigues, José Leonor Frazão Junior, Josué Paula da Cunha, Ramos Pereira, José Carlos de Chelmicki Afflalo, Isidoro Duarte Santos, Manuel Marecos Henriques, António J. Martins, António Constantino Brites e Francisco Bernardino Nogueira

sessão doutrinária com o generoso concurso da médium de transe Sr.ª D. Engrácia de Jesus Pereira Rodrigues, que na capital do Ribatejo há anos vem desenvolvendo louvável actividade, indiferente à injúria, à perseguição e à ignorância.

Fechando os trabalhos, Chelmicki Aflalo ergueu uma prece, oração de um místico, voo de uma alma sequiosa de perfeição, ânsia de um ser que conhece as fraquezas e busca a força na contemplação de Deus nos seres e nas coisas, desejo fervoroso de um adepto que quer, mas sente a incapacidade momentânea de abarcar a plenitude do amor cristão.

Já passava da meia noite, quando foi encerrada a sessão inaugural da 1.ª filial do Centro Espiritualista Luz e Amor. E pelo que ouvimos de alguns confrades, acrisolados no seu devotamento e vontade, talvez não seja audacioso profetizar para breve a abertura de uma 2.ª filial em terra ribatejana.

(Palavras pronunciadas por António J. Martins no Acto inaugural do Centro Espiritualista Luz e Amor, filial de Santarem).

Quiseram as circunstâncias que eu viesse também, com as minhas modestas palavras, contribuir para maior brilho do acto inaugural desta casa.

É com grande satisfação que o faço, porque considero dever de todos colaborar numa doutrina que reputo completa e que tanto bem faz aos que lhe conhecem os fundamentos.

Centro Luz e Amor se fica chamando também esta casa. Título que na música harmoniosa das suas palavras encerra todo o ideal cristão, todo um mundo de virtudes que bastariam por si só para unir a humanidade inteira, se ela pudesse compreendê-las.

Luz e Amor: palavras cujo encanto e magia não podem escapar aos nossos sentidos. Luz significa vida, alegria criadora, sabedoria, ciência, arte e beleza, virtudes que os puros espíritos irradiam no caminho da humanidade, guiando-a através da imensa trajectória das almas e dos mundos.

É a luz que rodeia a fronte veneranda dos grandes mensageiros divinos, símbolo e expoente máximo da beleza, da bondade e da justiça. A soberana justiça é feita de luz, luz que cega os que preferem a sombra, mas que ilumina e encaminha as almas sedentas de saber, de amor e de ciência. É com ela que rasgamos o campo das trevas e que o nosso espírito se aventura, seguro, em terreno desconhecido, rompendo a escuridão da ignorância, do orgulho e de todos os vícios que nos acorrentam à matéria.

A penumbra faz apreciar melhor a luz, e é por isso que luz vai ser feita nesta casa, para que todos os que queiram deleitar-se na luz espiritual aqui venham banhar suas almas na fonte sacrossanta do Espiritismo.

A palavra luz é também sinónimo de amor, porque não há verdadeiro amor onde reinam as trevas. O amor aliado à luz, que mais será preciso para regenerar a humanidade? O amor tudo vence pela acção irresistivel das suas virtudes. É um sentimento que fecunda as almas. Desceu do Céu à Terra, como meio de salvação. Só através do amor conseguiremos elevar nossas almas ao Astro Divino.

Todos os que vivem pelo coração melhor conhecem e compreendem as vibrações que nele produz esse grandioso sentimento. Quando o coração vibra de amor, a nossa alma dilata-se, eleva-se, comove-se e comunica com as alturas onde brilha o Devino Pensamento.

A alma enternece-se e irradia felicidade, quando o verdadeiro amor lhe guia os passos. É que não há veículo que mais velozmente a transporte aos pés do Criador. Não há veículo que mais depressa a torne digna da beleza é da santidade. suprema aspiração das almas.

O amor tudo promove em suas infinitas modalidades. É êle que preside às grandes amizades, que separação alguma pode destruir. É ele que eleva o espírito às maiores culminâncias da arte, da poesia e da ciência. Foi o amor que inspirou a vida dos santos, que elevou às maiores alturas os nomes imortais de Dante, de Virgílio, de Tasso e de Camões, como dos Vicente de Paula, Francisco de Assis e tantos outros que fazem a admiração dos séculos.

Foi o amor que sublimou o sacrifício de Romeu e Julieta, de Shakespeare, e imortalizou Paulo e Virginia, de Brnardin de St. Pierre. Foi por amor que Joana d'Arc morreu, como foi por amor que Jesus sofreu os ultrages e o martírio do Calvário. O mundo está cheio destes exemplos.

Por isso, as palavras Luz e Amor, compreendidas no seu significado mais elevado e altruista, serão o emblema que melhor ornamentará esta casa. Será um protector a guiá-la no futuro que lhe apetecemos feliz. Seguindo o exemplo da casa-mãe que de Lisboa lhe vem dar nascimento, eu não duvido de que ela preste inestináveis serviços à Causa. Inspirando-se nas virtudes do seu título, muito e muito pode fazer. Para tanto, torna-se necessário que se mostre por um pensamento forte, cheio de boa vontade e compreendedor da alta responsabilidade que assume.

Harmonia, espírito de sacrifício e desinteresse, tais as condições requeridas para que os bons espíritos auxiliem o desenvolvimento espiritual dos que aqui vierem instruir-se. O contrário será dar entrada a espíritos inferiores e expor-se ao maior dos perigos. A seriedade deve estar na base de todos os trabalhos espiritas, mormente nos de carácter experimental, onde a elevação moral, as intenções honestas e o desejo de bem servir são a questão «sine-qua-non» dum trabalho sério e produtivo.

Proceder de acordo com estes princípios elevados,

é dignificar a doutrina e a si próprio e fechar a porta às influências maléficas nas sessões de banal interesse, classificadas lá fora de escola de bruxaria e de viveiro de doidos.

A união deve ser a divisa dos frequentadores desta casa. Ao entrar aqui, deixa-se lá fora o interesse, os vícios e todas as misérias da vida material. Aqui, só a fraternidade, o respeito pela casa de Deus, a tolerância e o amor do próximo devem reinar.

Aqui só a ciência, o estudo e o progresso espiritual devem ser procurados. A nossa evolução espiritual está na razão directa destes deveres. Muito se pede a quem muito se dá. É perigoso brincar com o fogo. Há perigos suspensos sobre as nossas cabeças e sobre elas se abaterão, se nossos passos não forem guiados por um pensamento nobre, visando sòmente o bem e a nossa elevação espiritual, como a dos espiritos nossos irmãos.

É preciso varrer para longe a ideia falsa qre muitos fazem do Espiritismo. Este não se presta às práticas ridículas da magia negra e da nigromancia, mas ao estudo sério e conscienciosо dos problemas do espírito e do futuro da alma. Não é campo de adivinhações. nem terra onde tudo possa semear-se. A lei das afinidades regula as relações do mundo espiritual com as do planeta que habituamos.

Quanto mais nobreza de sentimentos houver entre os espiritas, maior e mais benéfica será a chuva de conhecimentos que sobre eles farão cair os grandes habitantes do espaço. Os bons atraiem os bons, e suas obras serão boas. Façamos por atrair os bons para que nossas obras tenham algum valor. Só por este preço faremos obra útil e duradoira.

É preciso desmentir, com acções, o juizo errado que o vulgo faz de uma doutrina que desconhece.

É preciso mostrar aos ignorantes e aos detractores de má-fé, que o Espiritismo se não limita à observação dos fenómenos. Que não é teatro nem campo de recreações.

É preciso dizer-lhes que as manifestações dos mortos traduzidas nas incorporações e em fenómenos de toda a ordem que tão poderosamente impressionam o público por essas cidades e aldeias, visam mostrar aos cegos e materialistas a realidade da vida de Além-Túmulo, mas muito principalmente o emancipar-nos do mal, transmitindo-nos pormenores da vida atribulada dos que faliram por terem zombado da vida espiritual e se terem atolado no vício e nos prazeres efémeros desta pobre vida material.

Visam precaver-nos contra a errada interpretação que fazemos dos problemas da existência, que se não limita ao «come e dorme» e à vida fácil dos materialistas e dos ateus.

Visam alimentar esperanças nos que nada esperam e enraizar a fé no espírito dos desesperados da vida. Visam o nosso aperfeiçoamento moral, indicando-nos o caminho da vida útil e produtiva que nos elevará aos olhos dos nossos irmãos maiores do espaço, nossa verdadeira pátria.

Um aspecto da assistência na inauguração da Filial

Visam a nossa elevação espiritual, conduzindo-nos ao estudo racional dessa fonte de luz que são os Evangelhos, para adequirirmos a ciência e a luz que são apanágio das almas nobres e santas.

Conduzem-nos à pátria das boas obras e das nobres acções e para a observância da sublime doutrina de Jesus. Impelem-nos para a fé raciocinada de homens livres e conscientes do nosso verdadeiro papel de cidadãos do Universo.

Mostram-nos que a solidariedade humana não deve ser uma coisa vazia de sentido, mas que é nosso dever cumprir todos os deveres que dela derivam. Estes deveres estão na base da mais nobre e pura das virtudes, na santa e consoladora caridade, corolário do pensamento de Jesus que a irradiou em todos os seus actos e palavras. Pela caridade, o homem iden-

tifica-se com a divindade, fonte de toda a luz e de toda a vida.

Por isso as grandes almas do espaço se não cansam de a apontar como o único sentido e a suprema finalidade da nossa vida na terra. Consolar os aflitos, mitigar misérias, levar as santas palavras da fé e da esperança onde só existe o nada, tal a grandiosidade deste divino sentimento.

O Espiritismo é a filósofia do espirito, a filosofia que melhor satisfaz a consciência humana. Remontando ao tempo de Sócrates, projecta-se em todos os domínios do pensamento humano.

Filosofia do espirito, filosofia divina, filosofia consoladora e racional, diante de ti se abatem todos os outros sistemas filosóficos, porque tens a nortear-te os ensinamentos do Cristo e as sagradas escrituras analisadas à luz da razão e da consciência e nada escondes, porque de corpo e de alma te ofereces à humanidade inteira.

Problema da vida, problema da morte, razão da nossa existência, como o futuro da alma encontra em ti explicação cabal e satisfatória! Terra, Céu Universo, Deus como supremo director de tudo, Jesus como suprema filosofia do bem, a todos colocas em seu verdadeiro lugar.

Mostras a pequenez do homem, mas abres-lhe as portas do infinito. Enches seu coração de fé pela certeza da vida para além dos umbrais da imensidade. Acabas com os mistérios e outros tantos absurdos que paralisam a inteligência humana. A tua filosofia condena todos os dogmatismos.

Os misterios desaparecem com o conhecimento das leis da natureza. Não, não há mistérios na natureza; o que há é desconhecimento das suas leis. A tua filosofia condena o inferno por contrário à bondade infinita do Criador. Não há penas eternas, nem fogueiras, nem ranger de dentes no sentido ensinado por certas religiões. Há uma consciência, partícula da consciência universal que acusa e condena o deliquente à reparação adequada, de acordo com as necessidades da lei da evolução e do progresso.

O destino humano é tecido no tear das boas e más acções que se refletem em nós no curso dos tempos com suas consequências de miséria ou felicidade. É assim que cada um prepara o seu Céu ou o seu Inferno. A alma, presa no círculo das vidas inferiores da terra, hesita, debate-se nas torturas morais e materiais, para ela verdadeiro inferno, porque ignora os seus gloriosos destinos. O purgatório, se existe, é na terra, porque é aqui que a alma se depura de seus vícios e imperfeições.

O Céu só o aceitamos no sentido de mansão de paz e alegria onde temporàriamente vão descansar os que bem souberam viver na terra, e não o Céu de inútil contemplação que certas seitas nos apresentam.

Uma doutrina que nos engrandece pela prática das boas acções que aconselha e pelos ensinamentos que ministra, só pode ser de origem divina e. como tal, a abraçamos com todas as forças da nossa alma.

É esta doutrina que fortalecerá o santuário onde nos encontramos. Força moral, força divina, ao serviço da regeneração humana.

Nestes tempos tão perturbados por uma crise moral sem precedentes na história do mundo, tudo está em risco de perder-se, se não baixar à terra a misericórdia e o amor divino para salvar a pobre humanidade do caos em que se encontra mergulhada.

Mas um esperanaça anda no ar, esperança consoladora, esperança em Jesus, expoente máximo das excelsas virtudes. Façamos dessa esperança uma realidade imediata. Saibamos viver a vida de acordo com os preceitos da Sua gloriosa doutrina.

Astro Glorioso e Fulgurante, Ele não deixará, por certo, de contemplar do alto a boa vontade dos que procuram seguir-lhe as pegadas.

Que este centro seja um receptor das irradiações de Jesus e as espalhe por todos os que venham acolher-se à sua doutrina sacrossanta!

E assim terminou mais esta jornada de propaganda espirita em terras portuguesas.

ULTIMA VERBA

(Tradução do espanhol)

A ALMA

— Senhor, porqué, se o mal e o bem congregas,
para mim há só perturbadoras penas?
A noite é negra mas tem a lua;
o polo é triste mas possui auroras!

O látego fustiga, mas alenta;
o incêndio destroi, mas arde,
e a nuvem que forja a tempestade
se tinge de arrebois, à tarde!

O CRISTO

— Insensato! Eu estou nas tuas dores;
sou teu próprio penar, teu próprio dó;
minha face em tuas angústias resplandece...
(Povoam-se os espaços de fulgores)
e o abismo seus véus destroi...

A ALMA, EMBELEZADA

— Luz!...

O CRISTO

— Eu acendo as auroras...

(Amanhece)

AMADO NERVO

Auxílio aos Necessitados

Destinado à subscrição do Natal, iniciada no penúltimo número, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Transporte do penúltimo número	200$00
João José Pilar	15$00
Joaquim Estêvão Rodrigues	10$00
Américo Barbosa, do Porto	13$00
António Martins	100$00
Álvaro de Oliveira	20$00
Frederico Pereira	10$00
Joaquim Dias	15$00
F. M. G., do Rio de Janeiro	1.500$00
Anónimo de Lisboa	62$00
J. C. C. A., do Rio de Janeiro ...	100$00
Grupo dos Fonsecas. de Lisboa ...	100$00
Damião Teixeira, de Lisboa	20$00
Maria Emilia Teixeira, de Lisboa	20$00
Aires dos Santos Pinto, de Lisboa	200$00
José Cândido da Silva, de Espinho	20$00
Francisco Rezende, de Espinho ...	20$00
Anónimo	20$00
Anónimo	7$50
Manuel Araujo, de Vila da Feira	20$00
Manuel L. Silva Garcia, de S. João da Madeira	50$00
Dr. Amilcar Gonçalves, de Lisboa	100$00
João Luiz Rodrigues, do Montijo	13$00
Pelo Espírito de Joaquim Fernandes	20$00
Beatriz Fernandes, de Beja	20$00
Américo M. Costa Ferreira, de Lisboa	50$00
João P. Almeida Ribeiro, de Lisboa	10$00
António J. Monteiro Cardoso, de Lisboa	20$00
Maria Antónia S. C. Monteiro, de Lisboa	10$00
José António Barnabé, de Beja	20$00
Tomaz Domingues Oliveira, de Porto de Mós	5$00
A. J. G. Bacelar, de Lisboa	20$00
Francisco P. Mendes, do Funchal	20$00
Cecília M. Guerra, de Benavente	40$00
António J. Gomes, de Cabaços	40$00
João A. da Costa, de Portalegre	10$00
Silvina A. Rodrigues, de Lisboa	20$00
Manuel M. Canaveira, de Lisboa	20$00
José de Sousa Pereira, de Casével	20$00
Manuel de Sousa Neves, de Calvos	5$00
António Pereira, de Cerveira	20$00
Manuel C. Casimiro, de Cerveira	20$00
Total.....	3.025$50

Aos Representantes Brasileiros

Havendo necessidade de regularizar as contas das assinaturas da revista, venda avulso e venda de livros de nossas edições, pedimos aos estimados respresentantes brasileiros o obséquio de nos enviarem balancetes descriminativos referentes a 31 de Dezembro próximo futuro. Até novas instruções, que serão dadas brevemente através destas colunas, as importâncias respectivas deverão continuar a ser remetidas ao confrade Henrique Magalhães, Avenida Passos, 30, 1.º, Rio de Janeiro.

A LUZ DA CONSCIÊNCIA

por José Simões de Matos

Urge que os homens se confraternizem e perdoem mutuamente

Em vez dos homens olharem e valorizarem tanto as diferenças que os separam, sejam estas de que natureza forem, deviam olhar melhor e valorizar mais a identidade de factos, tendências e virtudes que nos unem, e trabalhar pela grande unificação da família humana, avivando nos espíritos, em geral, maior confiança nos seus destinos e termais viva fé em Deus e em Jesus. Este apelo faz-se particularmente a quantos, já mais esclarecidos e conscienciosos de seu estado, podem colaborar com Jesus em tão belo plano de serviço em prol da salvação da humanidade que, a pesar de todas as suas misérias, muito fez pela civilização.

E agora, como que vaidosa do seu progresso e descontrolada, parece correr de olhos fechados, numa conquista de maiores sensações materiais, sem reparar nos perigos e abismos que a cercam, podendo de um momento para o outro cair em qualquer deles e perder todo o património de um pasado de sacrifício e glórias que bem deviam merecer maior zelo e cuidado por parte dos homens, principalmente daqueles que desempenham missões de ordem material e espiritual, orientadoras e condutoras das sociedades modernas.

Que Deus tenha piedade de nós e permita que seus Divinos Mensageiros, sob a orientação e controlo de nosso Mestre, nos assistam e façam com que aqueles espíritos que tem a nobre missão de nos conduzir e orientar na vida, sintam mais e melhor a Lição do Evangelho, sintetizada por Jesus, no resumo da lei e dos profetas: «Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos».

Porto Alegre, Julho de 1947

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

DEL INCONSCIENTE AL CONSCIENTE — pelo *Dr. Gustave Geley*. Editorial «Constancia» Buenos Aires. 1947. 414 pág.

Traduzida por Quintín López Gomez, antigo director de *Lumen*, recebemos uma das obras capitais do pensamento geleano, do qual disse René Sudre; — «Se a filosofia de Allan Kardec pode ser considerada como o ensino primário do Espiritismo, a filosofia de Geley é o ensino superior. Representa o mais belo esforço do racionalismo para dar satisfação aos desejos do coração do homem, ansioso de sobrevivência, de justiça e de amor».

E é esta obra a melhor prova das afirmações do metapsiquista francês. Nela, Geley ergue uma sólida crítica às teorias evolucionistas do século XIX, para, em seguida, fundado na metapsicologia, nos apresentar a sua tese em que. influenciado principalmente por Myers e Schopenhauer, defende a imortalidade, a palingenesia e a possibilidade de comunicação entre «vivos» e mortos». Sem dúvida que se poderão superar hoje algumas conclusões de Geley e mesmo construir um edifício racionalista em linhas algo diferentes; mas isso não tira um átomo de valor ao prodigioso esforço do director do Instituto Internacional de Metapsíquica que ao lado de Kardec se agiganta como um par.

A reedição, a difusão das obras de Geley merece um caloroso apoio, demais que se vai notando a tendência entre os espiritas de guardar posições consideradas intransponíveis, de cair a pouco e pouco no comodismo revelacionista, de abraçar a ideia fagueira de que não são mais necessários profundos valores intelectuais, porque o limite já foi atingido. De obra para obra, Geley foi informando e reformando a planimetria da sua filosofia e, se não tivesse morrido tão cedo, talvez não fosse o livro em epígrafee a sua última contribuição para a solução dos mais transcendentes problemas a si próprio propostos pelos homens.

SÍNTESE DO NOVO TESTAMENTO — por Mínimus. 1.ª ed. — Fed. Esp. Brasileira. 1947. 272 págs.

Nesta obra de compilação, o Autor dá-nos, não pròpriamente uma síntese (visto que os resumos dos «Actos dos Apóstolos» e das «Cartas» só por si não justificam tal nome), mas uma nova edição dos Evangelhos com o mérito de se terem fundido capítulos semelhantes e dado um ordenamento. Isto é, intercalaram-se os textos, por forma a fornecer uma ideia mais segura. Sem dúvida que este trabalho requereu aturada leitura, sólidos conhecimentos e um método, ou melhor, um critério. Mas porquê, depois, o Autor não resumiu o texto original, apondo a cada capítulo uma «interpretação» ? Assim, a sua obra ganharia mais valor (e porque não dizer também. mais «personalidade» ?).

VOLTA BOCAGE... — Obra mediúnica recebida por *Francisco Cândido Xavier*, Federação Espirita Brasileira. 1.ª ed. Rio. 1947. 55 págs.

Com apreciação, comentários e glossário do Prof. L. C. Porto-Carreiro Neto, publicam-se neste volume 12 sonetos recebidos pelo prodigioso médium Francisco Cândido Xavier e atribuidos ao espírito do poeta extraordinário que se chamou Bocage.

Se «Chico Xavier» não estivesse já consagrado como um dos maiores (senão o maior) psicógrafo contemporâneo, bastariam estes sonetos para lhe darem tal lugar ou... um assento na Academia das Letras, caso fossem atribuidos à sua personalidade. A forma e a ideia reproduzem com fidelidade as características do imortal Elmano. De todos os sonetos referidos é o V, o dedicado à Virgem, o mais notável. Dele reproduzimos a 2.ª quadra:

> Quando meu ser vagava em noite escura,
> Nas angústias do abismo que apavora,
> estendeste-me os braços, vendo, embora,
> minhas chagas de treva e de loucura.

Bocage volta nesta obra, dando-nos uma prova da sua e da nossa imortalidade. Mostra-se menos incapaz de concentração, ainda que caindo (talvez propositadamente) no uso das frases pomposas, ressalvado superiormente por um mais certo voo «nos confins da verdadeira beleza». Se os versos que escreveu em vida podem ser hoje «brasas apagadas» (como pensa Aubrey Bell), os que nos oferece agora são brasas vivas, são o fogo que extasia e não queima, nem dessora. O rescaldo do seu sofrimento, da dissipação da sua vida. foi feito há muito. Bocage voltou, escondendo as lágrimas choradas cá e lá, sob o véu diáfano do seu estro.

As grandes almas são superiores à injuria, à dor, à zombaria; e seriam invulneráveis se resistissem à compaixão.

La Bruyère

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

UM CASO DE BILOCAÇÃO

La Idea de Julho último insere uma pequena narrativa de um caso de bilocação sucedido no Centro Psíquico «La Voz de Jesus», de Rosário, Argentina, e que passamos a transcrever:

Sem ser extraordinário, deu-se em Abril passado um interessante fenómeno de bilocação comprovado por 28 pessoas que assistiam a uma sessão experimental. Um membro do Centro acima citado, a senhora Nélida de Oitano, ao regressar de Mar del Plata no dia 17 de Abril, ficou em Buenos Aires com uma filhita e escreveu ao marido (que estava em Rosário), dizendo-lhe que tinha chegado bem, tendo-se, porém, esquecido de lhe dar o endereço. Só se lembrou do esquecimento depois de meter a carta no correio.

Ao anoitecer e quando deitava a filhinha na cama, ficou no leito, como que adormecida. No mesmo instante realizava-se em Rosário uma sessão mediúnica, em que participava a médium Zulema Zenatti de Martinez.

Qual não seria o espanto dos assistentes, quando uma entidade. por intermédio da dita médium, chama insistentemente o sr. Oitano, dizendo-lhe em termos familiares:

— Chegámos bem. Hospedei-me em Chile, 924.

E dá-lhe o nome da esposa.

Com grande surpresa da parte do sr. Oitano e dos presentes, atendendo ao inesperado do facto, lavrou-se uma acta, esperando a confirmação do fenómeno, obtida no dia seguinte, através da correspondência recebida.

Como relator do presente fenómeno — escreve o sr. Hugo L. Nale, autor da narrativa — declaro que tive oportunidade de falar há dois dias com a senhora de Oitano, que exteriorizava grande emoção pelo desdobramento produzido. A Confederação. Espiritista Argentina possui também uma acta firmada pelos assistentes à reunião, acrescentando alguns pormenores, como o de dar-lhe as mãos muito afectuosamente, além de outros, que robustecem a realidade do fenómeno. Informam-nos que a médium Zulema de Martinez já tem produzido fenómenos semelhantes.

«Como síntese, ficaria demonstrada a manifestação de um ser encarnado, através da distância que separa Buenos Aires do Rosário, sem a ter provocado e com a particularidade de ter dado a direcção da hospedagem, que os circunstantes absolutamente ignoravam.

«Os doutores Azevedo, Bozzano, Lombroso e vários escritores de nomeada têm descrito em seus livros referentes a estes assuntos muitos relatos semelhantes a este, que tem o mérito singular de haver sido produzido no nosso país».

MAIS UM FILME ESPIRITA

Os filmes de carácter espirita estão na moda. Ainda há pouco se exibiu no Tivoli *O Fantasma Apaixonado* que, segundo dizem, é uma verdadeira lição de Espiritismo. Já nos referimos a outros semelhantes, que ainda não passaram as nossas fronteiras. Hoje apresentamos o tema do *Conflito Sentimental*, que acaba de se exibir em Liége, na Bélgica florescente. É o nosso redactor-correspondente naquela cidade que emite a sua opinião. Diz ele:

Desta vez, estamos satisfeitos. Após um maravilhoso documentário que há pouco tempo relatávamos, os cenógrafos apresentaram um filme em que os factos espiritas são mostrados sob o verdadeiro aspecto e concorrem para o desenlace de uma prova cruel.

Congratulamo-nos com este progresso nas produções cinematográficas. Este filme, intitulado «Conflito Sentimental», é digno. Por isso, melhor recomendação merece. Por ouro lado, é de notar que nos traz um auxílio precioso na propagação da nossa ciência.

Com efeito, embora admitamos que muitas pessoas pouca importância liguem à representação cinematográfica de fenómenos do Além, familiarizam-se a pouco e pouco com os factos espiritas que acabam por considerar absolutamente normais.

Eis um resumo sucinto do entrecho:

Dois esposos estreitamente unidos não têm filhos. A mulher adopta uma menina de seis anos que ama profundamente, ao contrário do marido, que mostra pouca afeição pela adoptada, o que origina o conflito sentimental.

A mulher morre depois de ser constrangida a mandar a petiza para o orfanato.

O marido sofre cruelmente e, desamparado, perde o gosto à vida. Entretanto, a criança sente enorme tristeza com a falta daquela a quem adorava e considerava como sua mãe.

O homem, que em vida da esposa não suportava a presença da garota, conservá-la-ia agora junto de si?

Do mundo invisivel, a defunta provocará a reconciliação destes dois seres, cujas idades e inclinações são tão diferentes. Deste modo, aparece à criança,

fala-lhe, aconselha-a e indica-lhe a missão a desempenhar perante o pai adoptivo. A órfã dedica a este último uma afeição profunda, rodeia-o dos maiores cuidados, mas é fortemente repelida, sobretudo quando ela lhe diz ter visto a defunta e proceder segundo as suas instruções.

Mas o plano do invisível acaba por triunfar. A orfã desaparece e ninguém a consegue encontrar, não obstante as investigações policiais.

Consciente da sua responsabilidade e dominado pela dor, o homem desanima. Depois reage, tentando recordar os dias felizes do matrimónio e põe na grafonola um disco, com uma canção predilecta dos cônjuges....

A música e o canto invadem-no pouco a pouco. Uma vez formado o ambiente psíquico, ouve de repente a voz da sua querida ausente. Esta voz do Além exclama:

— Reviverás como outrora e encontrarás na criança o laço vivificante que a unia a mim. Foi junto ao mar que encontrámos esta orfã e é também junto ao mar... junto ao mar... junto ao mar...

Ao ouvir estas palavras, o marido compreende imediatamente que é junto ao mar que encontrará a garota. Para lá se dirige; e, devido à comunicação da sua defunta mulher, consegue encontrá-la, quando ela acabava de ver pela última vez o seu ente adorado.

Mas ele será feliz daqui em diante. Descobriu a razão de viver e cercará de carinho e solicitude a criança adoptada, na qual descobrirá o laço que o ligava à desaparecida.

Tudo o que o filme apresenta é inteiramente possível. Como é triste que muitas pessoas o ignorem e não compreendam a constante influência do Além sobre as nossas acções!

A interpretação é boa. Os artistas trabalham com consciência. A cena da moribunda é verdadeiramente patética.

A aparição do espírito é perfeita, especialmente onde se vê a criança falar à entidade, junto ao mar. As imagens são sugestivas e excelentes.

Muito bom trabalho. Repetimos: este filme constitui um divertimento são e educativo.

Esperamos que o cinema não fique por aqui. Muitos temas espiritas podem ser ventilados. Assim os cinógrafos se persuadam de que talvez concorram para a realização de uma obra bela e grandiosa.

Estas são as palavras de Achille Biquet acerca de um filme retintamente espirita que na Bélgica alcançou êxito magnífico. As nossas palavras só podem ser de aplauso à exibição de filmes deste género. O público gosta destes assuntos e já está mais ou menos familiarizado com elas.

Como se vê, o Espiritismo caminha a passos de gigante e são os profanos que lhe abrem as portas do grande público...

A MAGIA

ENTRE OS FEITICEIROS NEGROS

Walter Bochner narrou no «Allgemeine Zeiting» (transcrito no Zeitschrift für Parapsychologie» de Outubro de 1927) algumas observações suas feitas na Bechuanalândia, deserto de Calahari, e entre os Hotentotes, Damharas e Bautans, respeitantes aos poderes dos feiticeiros nativos. Dois casos são dignos de nota.

Um dia, nos plainos de Haicum, quando as forças militares alemãs sofriam a escassez dos géneros, apareceu um feiticeiro, Aucorrib, de uma tribo vizinha que lhes previu o fim breve da sua situação angustiosa. Riram-se do velho, pois que a caça era bem rara na região. O mágico afirmou, então, que nessa mesma noite mataria um alce macho.

Quando a lua surgiu, Aucorrib começou a sua dança no meio de um circulo de indígenas, atirando depois uma flecha na direcção norte. Numa espécie de êxtase, internou-se pela selva, seguido por Cochener e outros militares que foram encontrar um enorme alce morto pela seta... do feiticeiro!

Cinco dias depois, quando a força marchava para Caracovisa a fim de se encontrar com outra, Aucorrib perguntou a Bochner se gostaria que esta fosse avisada da sua chegada; Bochner disse que sim, pelo que o extraordinário negro afirmou que dentro duma hora estaria em Caracovisa. Normalmente, seria impossivel, pois que distavam dali pelo menos 40 milhas. Contudo, o mágico fez os seus preparativos. Os indígenas construiram um recinto fechado, com lianas, que encheram de carvão vegetal, lançando-lhe fogo, depois. Aucorrib sentou-se junto das chamas, entoando cânticos e dançando dentro da nuvem de fumo até... desaparecer!

Quando Bochner atingiu Caracovisa, verificou que o negro cumprira a sua promessa!...

Estamos convencidos de que, no respeitante a fenómenos psíquicos, poderemos nós, ocidentais, aprender muito com os feiticeiros... das tribos selvagens...

A mais perfeita união que pode existir entre os homens, é a união do pensamento, a harmonia dos corações e das inteligências numa ideia comum.

Léon Denis

Notas & Comentários

ESPÍRITO CONSOLADOR

De *Psychicka Revue*, publicação checoeslovaca, traduziu a revista argentina *Constância* o seguinte relato de um prisioneiro de guerra:

«Durante a ocupação e preso num campo de concentração, quando estava mais morto do que vivo, a minha vida mantinha-se a expensas do mundo invisível. O acontecimento mais importante da minha existência ocorreu no cárcere, em Baskovice, no dia 22 de Dezembro de 1944, no momento em que a Gestapo alemã me atormentava, ferindo-me na cabeça, boca e garganta, a ponto de não poder alimentar-me e até mesmo engolir a própria saliva. Apareceu-me então um espírito que me consolava e anunciou a minha libertação. Embora sem a menor esperança de se cumprir aquele vaticínio, e depois de haver passado por três prisões e ter comparecido nos tribunais de guerra mais terriveis de Briso, fui salvo no dia 6 de Abril de 1945, segundo a profecia, quatro horas antes de ser enviado ao local da execução. O espírito acertou, cumprindo-se exactamente a sua promessa»...

O ESPIRITISMO PERSA

De *Survie*, orgão da União Espirita Francesa e em artigo de H. Saad, secretário geral da *Société Spirite de l'Iran*, colhemos os seguintes dados acerca da marcha do Espiritismo persa:

«Em 1922, pouco mais ou menos, o Dr. Saghafi fundou um grupo particular, donde, vinte anos depois, sairia a Sociedade Espirita do Irão. sob a presidência de Vahid Saad, pai do actual secretário. Conferências públicas e artigos jornalísticos levantaram grande celeuma, dando em resultado aumentar o número dos adeptos...

«Além desta Sociedade, existem trinta e tantos centros espalhados pelo vasto território iraniano, trabalhando e lutando contra o desinteresse e a inércia de um ambiente perturbado pelo recente conflito mundial. Mas, embora lentamente, o Espiritismo lança sobre a Terra o seu abraço fraternal, contribuindo para melhor e mais perfeito entendimento universal».

RADIAÇÕES BIOPSÍQUICAS

O *Diário de Notícias*, de Lisboa, relatava em 5 de Outubro os trabalhos dos sábios franceses Koressios e Marchal, donde concluimos que eles levaram mais longe as experiências do psiquiatra alemão Hans Berger, procurando interpretar os electro-encefalogramas, ligando-os a estados psicológicos caracteristicos. Reergue-se a tese das radiações humanas e agora em via do estabelecimento da energética psicológica? O comentarista diz que eles puderam confirmar cientificamente o conceito da psicologia clássica, que era de opinião de que os estados emotivos condicionavam, em grande parte, toda a vida mental.

Psicológicamente, e desde que ponderemos a linha de experiências que vai de Lasareff, Cazzamalli e Berger a Karessios-Marchal, é lícito supor que vasto campo de observação se abre no conhecimento do homem e talvez novo método que nos forneça resultados decisivos.

Por outro lado, as conclusões dos sábios franceses aproximam-se das dos cientistas americanos que, em muitas doenças, encontram causas psicológicas.

Em que ficará o decantado paralelismo psico-fisiológico absoluto do materialismo do século dezanove?

A medicina, que tanto tem desdenhado da terapêutica psíquica, será forçada a aceitá-la?

O futuro o dirá...

AS CURAS DO PADRE ANTÓNIO PINTO

Por alguns jornais que nos têm chegado às mãos, vindos de várias regiões do Brasil, soubemos que em Rio Casca, Estado de Minas Gerais, um sacerdote católico tem concitado a atenção de milhares de pessoas, em virtude de curas operadas em cegos, surdos, paralíticos e doentes de toda a espécie que se servem de suas extraordinárias faculdades mediúnicas. O caso tem tido enorme retumbância. A imprensa aumenta sucessivamente a tiragem e a própria Igreja já se manifestou em portaria da Cúria Metropolitana, por determinação do Cardeal D. Câmara.

Parece que as curas são reais e a Igreja está no direito de defender o Padre António, dizendo que são produzidas pela fé, aumentando assim o prestígio de que goza no mundo. Mas o curioso de tudo isto reside no facto de a lei proibir os médiuns de curar ou mesmo aliviar qualquer enfermo, sob pretexto de *exercício ilegal da medicina*, e as autoridades permitirem as curas do padre, chamando-lhes milagrosas.

A mediunidade curadora está a desenvolver-se admirávelmente em todos os pontos do globo, onde quer que se faça sentir uma terapêutica natural de harmonia com as necessidades orgânicas e equilíbrio nervoso dos enfermos.

Temos conhecimento de casos semelhantes, mas não nos é possivel fazer-lhes referência, por circunstâncias estranhas à nossa vontade. Um dia os reuniremos em volume e então se saberá muita coisa que hoje permanece oculta.

O Espiritismo faz-se sentir em todas as classes sociais, independentemente de sexo, raça, ou nacionalidade. E as curas magnéticas são óptimas como sinal dos tempos que se aproximam.

Elas provam a existência no homem de faculdades psíquicas que aguardam o momento oportuno para se manifestar.

LEOPOLDO MACHADO

Por notícias particulares, soubemos haver desencarnado há pouco D. Ana Isabel Machado Barbosa, mãe do nosso redactor-correspondente Leopoldo Machado. Extinguiu-se serenamente, de colapso cardíaco, deixando muitas saudades. A juntar a esta provação, o nosso colaborador enfrentou também a doença da esposa, D. Marília Machado. que já se encontra restabelecida, graças aos cuidados médicos.

Em benefício do espírito recém-liberto de D. Ana e da bela alma de D. Marília, a quem desejamos pronto restabelcimento, elevamos o nosso pensamento ao Alto, para que sejam cobertas de bençãos.

Noticiário

PARTICIPAÇÕES

A *Coligação Nacional Pró-Estado Leigo*, do Rio de Janeiro, teve a amabilidade de nos comunicar que elegeu a seguinte directoria para gerir os seus destinos em 1947-48:

Presidente — Dr. Artur Lins de Vasconcelos; *1.º Vice-presidente* — Coronel Dr. Everaldino da Fonseca; *2.º vice-presidente* — Reverendo Dr. Sinésio Lira; *1.º secretário* — Dr. Amadeu Santos; *2.º secretário* — Dr. Alfredo Cruz; *3.º secretário* — Capitão Orlando Pereira; *4.º secretário* — Dr. Henrique Benoit Azimieres; *1.º tesoureiro* — Dr. Levindo Melo; *2.º tesoureiro* — Professor Aristides Patrício Araujo; *1.º orador* — Dr. Carlos Imbassaí; *2.º orador* — Deolindo Amorim (redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* no Rio); *Bibliotecária* — D. Maria Pereira Cardoso; *Procurador* — Eduardo de Figueiredo Sucena.

Também o *Grupo União Espírita*, de Maceió, Alagoas, e a Associação Espírita Fé e Caridade, de Florianópolis, Santa Catarina, nos fizeram iguais participações, gentileza que muito agradecemos.

A estas três colectividades desejamos o maior progresso material e espiritual e a consecução dos seus objectivos.

«CIENTISMO E ESPIRITISMO»

Estudos Psíquicos Editora tem no prelo a sua 4.ª obra, intitulada «Cientismo e Espiritismo», da autoria do Professor Leopoldo Machado, nosso redactor-correspondente em Nova-Iguassu, Estado do Rio de Janeiro. Tratando das várias teorias científicas em face do Espiritismo, estamos certos de que alcançará belo êxito de Livraria.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, o nosso colaborador António J. Martins e Ramos Pereira realizaram conferências no Centro, intituladas, respectivamente, «Viagem volta do Espiritismo» e «Sobre o Perispírito», que agradaram plenamente. A falta de espaço impede-nos de mais desenvolvida referência, do que pedimos desculpa aos dois amigos.

NÚCLEO DE ACÇÃO E PROPAGANDA ESTUDOS PSÍQUICOS

Alguns leitores nos têm perguntado quando realizaremos a próxima conferência num teatro de Lisboa. Como é óbvio, a questão depende do interesse que demonstrarem os espiritas portugueses, enviando os seus donativos para enfrentar as despesas decorrentes. Infelizmente, esse interesse é quase nulo. Repetimos o que já dissemos algumas vezes: em Portugal não há mentalidade espírita. O pouco que se faz é conseguido à custa de esforços sobre-humanos. Todos acham bem o que se realiza, mas poucos dão um passo no sentido de auxiliar os que meteram ombros à grandiosa tarefa de levar o Espiritismo aos meios profanos. Venham até nós, dêem testemunho da sua presença efectiva e verão como o ambiente se modifica inteiramente.

AS NOSSAS EDIÇÕES

Como tinhamos previsto, as nossas edições «Nos Umbrais do Além» e «Luz no Caminho» têm tido um belo êxito de livraria, facto este que nos incita a prosseguir na empresa iniciada, desbravando a charneca e lançando nela a boa semente da moral espírita.

AMIGOS DE ESTUDOS PSÍQUICOS

Recebemos e agaradecemos os seguintes donativos, destinados a auxílio da nossa revista:

F. M. G., do Rio de Janeiro	1.000$00
M. J. G., do Rio de Janeiro	1.000$00
António da Silva Braga Junior, de Coimbra	60$00
Jaime João Jerónimo, de Lisboa	100$00
Francisco Elias de Carvalho Simão, de Ovar	60$00
Álvaro de Oliveira, de Lisboa	30$00
Catarina da Conceição Charrua, de Castro Verde	50$00

CORRIGENDA

Por lapso, dissemos no último número, na secção *Notas & Comentários*, que os artigos publicados na revista *Luz e Caridade* e subscritos por P. R. F. (Paz, Regeneração e Fé) eram recebidos psicográficamente por D. Sara Graça. A verdade é que esta senhora nenhuma interferência tem na recepção das referidas mensagens.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE DEZEMBRO DE 1947

Dia 6 de Dezembro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 13 de Dezembro, sábado, às 21,30 Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Anais Espiritas».

Dia 19 de Dezembro, sexta-feira, às 21,30 — Sessão doutrinária realizada pelo Grupo Amor do Redentor.

Dia 27 de Dezembro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Nota — As conferências são públicas. As sessões são privativas dos sócios com suas cotizações em dia.

Adquiri os livros *Nos Umbrais do Além* e *Luz no Caminho*, publicados por *Estudos Psíquicos Editora!* Além de fazerdes óptima aquisição, por serem duas obras de real valor, auxiliareis uma empresa que necessita do apoio de todos para caminhar! O seu triunfo será uma vitória do Espiritismo! Aconselhai estes livros aos vossos amigos!

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

8.º ANO — LISBOA, DEZEMBRO DE 1947 — N.º 12

Redactor	Director e Editor	Administrador
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

MEDITAÇÃO

Dezembro é o mês da meditação, mês de balanço moral e espiritual em que o homem lança os olhos sobre parte do caminho andado e avalia os passos à luz do foro íntimo. É o exame de consciência a exercer-se em todos os domínios da nossa actividade. Os anos são ciclos máximos convencionados pelo mundo para orientação e cálculo do tempo. Mais um ano, menos um ano... e assim vamos avaliando o que passou e cogitando no que há-de vir...

Estamos no tempo, não podemos deixar de recorrer à meditação dos factos, dos fenómenos sociais, que se apresentam cada vez mais sibilinos.

Os tempos são chegados, — dizem os amigos do Alto, advertindo uns e aconselhando outros. Sim, os tempos são chegados, porque a humanidade está na ante-câmara da era nova anunciada pelos mensageiros do Cristo. Por toda a parte o ódio lavra e se manifesta em actos sangrentos. As palavras não têm a significação antiga, porque ditas sob atmosfera de desconfiança, de imprecações delirantes, de refece hipocrisia. Atrás do vocábulo atraente está o pensamento malsão. Mudam os ventos, mudam as ideias. A psicologia devia ser a primeira disciplina das escolas, porque nunca foi tão difícil conhecer o homem, como actualmente.

Que nos deram os anos decorridos, em paz, em confiança, em felicidade material ou espiritual ? De que valeram lutas fratricidas, sangue derramado, depredações e violações, bombardeamentos de cidades indefesas, justiça humana aplicada pelo ódio de raça em holocausto a mesquinhas vinganças ? De que valeu tudo isso, se a guerra continua a exercer malefícios entre os próprios amigos de ontem e uma verdade amarga existe na consciência de todos nós ?...

Dos homens de bem, talvez nenhum fuja a esta meditação necessária. Porque o mundo não evolucionará com violências, mas com trabalho, amor e justiça serena.

Os onze meses que passaram imprimiram sulcos profundos à história da humanidade. Vemos que poucas nações compreendem a gravidade da hora presente e se preparam para as eventualidades do futuro. Quase todas procuram enganar-se a si próprias, dilatando o inevitável. Mero expediente sem alcance positivo, é arma de dois gumes para quem o usa leviamente.

O mundo está em crise. Iamos dizer em agonia. Mas isso não era verdade. Todos os minutos, todos os segundos chegam e partem espíritos, em fluxo e refluxo imanente, obedientes às leis do equilíbrio universal. O que vemos é início de transformação. Após a tempestade surgirá a bonança. Estejamos preparados para tudo com ideias generosas e a metamorfose far-se-á naturalmente.

Não sabemos se aquilo que consideramos mal, o será, na verdade. Muitas vezes a visão é falsa e só depois dos acontecimentos conseguimos apreender motivos que jaziam ocultos ou longe da nossa percepção. Mas o que ninguém poderá negar são os objectivos da comédia humana que continua em cena nos palcos do mundo. Tem durado muito e as personagens são demasiado conhecidas. Não há razão para surpresas. Sabemos qual será o epílogo.

Eis, porque o mês corrente é de meditação moral e espiritual. Refugiemo-nos no tabernáculo da consciência e façamos acto de contrição. Todos somos culpados dos erros, desvios e hecatombes da humanidade. Células de um grande e numeroso corpo social com pústulas e gangrenas a cauterizar, ofereçamos o corpo ao tratamento, para que os vindouros surjam limpos de mácula e possam orgulhar-se de construir uma sociedade nova sobre as ruinas do mundo em que vivemos.

D/47

A CONDIÇÃO DE MULHER

pelo Coronel Faure da Rosa

Pode afirmar-se que a Mulher em todos os tempos tem sido maltratada por uns, raríssimas vezes deificada por outros, e quase sempre incompreendida por todos ou quase todos. Para muitos a mulher é uma esfinge. O homem jamais poderá compreender a mulher, dizem.

Mas... não poderá ou não quererá ?...

O Ocultismo sustenta que o desacôrdo entre os dois sexos é manifesto e tem explicação na diferença de polaridade: ao passo que o homem tem um corpo físico positivo e um corpo mental negativo, a mulher possui os mesmos corpos em perfeita oposição; isto é: na mulher o corpo físico é negativo e o mental é positivo. Assim se explicaria a atracção dos dois sexos, como se se tratasse da atracção de lectricidades contrárias.

A MULHER NA ANTIGUIDADE

O *mazdeismo* (religião dos antigos Iranianos que nasceu entre os Medas cerca de 8 séculos antes de Cristo e que com eles se espalhou pela Pérsia), o *mazdeismo* recomendava o respeito pela mulher e pela criança.

Embora o Código de Manu dissese que a mulher não devia gozar de independência, ensinava que em toda a parte onde as mulheres fossem honradas, as divindades ficariam satisfeitas, mas quando o não fossem, todos os actos piedosos seriam estéreis; que a família onde as mulheres vivessem em aflição não tardaria a extinguir-se; mas desde que as mulheres não fossem infelizes, a família havia de aumentar e prosperar. Ainda mais: que as casas amaldiçoadas pelas mulheres, por virtude do que aí tenham sofrido, são inteiramente destruidas como se as assolasse um sacrifício mágico.

Mas quanto a liberdade, a independência, a mulher continua esquecida. As leis sociais da Índia, desde longa data, prescrevem inteira dependência da mulher por toda a vida.

Uma estância das leis de Manu manda que a mulher, na infância, se submeta à vontade do pai; na juventude, à do homem que a tiver levado para sua casa; à dos filhos, quando o marido morrer. Uma mulher jamais deve gozar de independência.

Na própria vida religiosa budista, a mulher não era menos infeliz, como se verifica desta passagem de Manu: «Assim como a esposa está sob a tutela do marido, a mãe sob a dos filhos, assim a Ordem das monjas fica sob a tutela da Ordem dos monjes».

Em toda a parte, desde os tempos mais remotos, se preconiza a subordinação da mulher ao homem, excepto em raras tribos selvagens de África e da Índia onde vigora o matriarcado e a poliandria: o homem é ali um verdadeiro servo da mulher que ela utiliza apenas como animal reprodutor.

Na Índia actual, as mulheres dos brâmanes não podem tomar as refeições com seus maridos. Nos conventos habitados por mulheres era proibida a entrada a homens, mas ali, ao menos, as mulheres tinham a liberdade de renunciar os votos, se assim lhes conviesse. Porém, enquanto habitassem o mosteiro, eram obrigadas à castidade. Aquelas que violassem esta regra seriam ignominiosamente expulsas da comunidade e obrigadas a casar.

Buda ensinava a Ananda — seu discípulo favorito — a maneira de se esquivar ao convívio das mulheres, contra as quais se deveria estar sempre prevenido. De princípio, os mosteiros não admitiam mulheres. Por fim, foram aceites como monjas com a condição de ficarem absolutamente subordinadas aos monjes, aos quase tinham de obedecer em tudo. As monjas estavam sujeitas à mais severa vigilância, não podendo fazer coisa alguma por deliberação própria. O seu dever era servir e submeterem-se. Os monjes eram os senhores, dos quais as monjas dependiam em absoluto.

Para os budistas, a mulher era a mais perigosa das ciladas que o Tentador armava ao homem. Para eles, a mulher encarnava todas as potências da sedução que

corrompem a alma neste mundo. Os antigos contos dos budistas estão cheios de descrições e considerações acerca da velharia da mulher.

Na Índia antiga era diferente: a mulher tomava parte na vida religiosa do povo e os hindus sabiam compreender a alma da mulher e prestavam homenagem à nobreza do seu carácter.

O Budismo, para a mulher, constituiu um movimento retrógrado. No fim de tudo, de tantos dizeres, de tantas objurgatórias, os budistas e outros maldizentes, o que bem claramente patenteiam é o grande medo de se deixarem prender pelo eterno feminino. A *Tentação de Santo Antão* — de Gustave Flaubert — fornece-nos um exemplo; o monje Panfnúcio revela-nos toda a tragédia de uma alma roida pela angústia da saudade de uma mulher, que Anatole France nos descreve no seu soberbo livro *Thaïs*.

É que a atracção da mulher é irresistível. Conta-se que uma dama francesa, uma vez, citava este provérbio polaco a Abd-el-Kader: «Uma mulher pode mais com um cabelo da sua cabeça do que uma junta de bois ajaezada». Ao que o célebre emir árabe teria respondido, sorridente: — «O cabelo não é preciso para nada, porque a mulher é tão poderosa como o destino».

Entre os povos do Oriente, onde a religião e a filosofia se ligaram para rebaixar o amor e a mulher, a verdade reaparece em aforismos populares, como neste provérbio turco: «Todas as mulheres são perfeitas, sobretudo aquela que te ama».

TABUS DAS MULHERES

São curiosos os *tabus* (proibições) das mulheres, de que Lucien Henri nos dá conta em *Les Origines de la Religion*.

A situação das mulheres era de nítida inferioridade; por isso o número de tabus que as feria era o mais considerável de todos: tabus alimentares, tabus nos períodos denominados impuros, gravidez, etc...

Nas ilhas Marquezas — arquipélago francês no Oceano Pacífico — as estradas e pontes foram tabus para as mulheres: não podiam pôr-lhes o pé, por terem sido construidas por... homens. O P.e Stevenson nota que se muitas coisas eram interditas aos homens, bem poucas eram permitidas às mulheres, que não deviam comer carne de porco, nem se aproximarem de um barco ou cozinharem a um lume que tivesse sido aceso por um homem... Entre os Aruntas — da Austrália — não só a mulher não podia ocupar-se de caça, mas também lhe era proibido tocar nas armas dos caçadores, que dispunham de uma linguagem secreta, para que as mulheres os não entendessem (tal era o medo !).

Tanto as mulheres como as crianças, não deviam ver — sob pena de morte — certos objectos sagrados, como, por exemplo, as «durangas» (pedras sagradas), nas quais acreditavam que residiam as almas dos antepassados e até as dos vivos...

«LA COUVADE»

Data do começo do patriarcado uma cerimónia muito curiosa e muito ridícula a que os franceses chamam *la couvade* e que nós podemos denominar «o choco». Quem ia para o *choco* era o pai do recem-nascido. É um rito de nascimento que ainda em 1935 ou 1936 se praticava na região basca (Vascongadas), conforme assevera Lucien Henri.

Krelinger escreve a respeito deste patusco rito, em *L'Evolution Religieuse de l'Humanité*: «A mulher, imediatamente a seguir ao nascimento da criança, levanta-se e vai colocar o recemnascido na cama do pai, após o que volta para a sua solidão.

«O pai deita-se e põe-se a gritar, como se realmente fosse ele quem tivesse posto a criança neste mundo, como se realmente estivesse sentindo as dores horrorosas do parto. Recebe a visita de amigos e até do médico...».

É de um cómico inexcedível este rito; se não fosse a respeitabilidade do narrador, a gente tinha o direito de não acreditar.

A MULHER PARA ALGUNS HOMENS SUPERIORES

O historiador francês Jules Michelet,, que teve sua mulher por colaboradora e até por inspiradora das suas últimas obras, escreve um hino à mulher no seu primoroso livro «O Amor»: «A mulher nada faz como nós. Pensa, fala, opera de maneira diversa. Os seus gostos diferem dos nossos. O seu sangue não circula como o nos-

so: a espaços, precipita-se como uma rajada de temporal. Não respira como nós. Prevendo a gravidez e a futura ascensão dos orgãos inferiores, quis a natureza que ela mais respirasse pelas costelas superiores...

«A mulher tem uma linguagem exclusivamente sua.

«Os insectos e os peixes são mudos. A ave canta e desejaria articular. O homem tem a linguagem clara, a palavra nítida e luminosa, a precisão do verbo. Mas a mulher, acima do verbo do homem e do canto da ave, tem uma linguagem essencialmente mágica com que entrecorta aquele canto: é o suspiro, o sopro do seu amor, que é de um poder incalculável».

Napoleão I — a pesar de amorudo — não acompanha Michelet no seu lirismo. Depois de um movimento de emancipação das mulheres, Napoleão, louvando-se no costume oriental, escreve nas suas Memórias: «A natureza fê-las nossas escravas; elas só podem ser nossas soberanas através do nosso espírito... Por cada uma que nos inspira qualquer coisa de bom, há cem que só fazem asneiras. Pretender a igualdade dos sexos é pretender a loucura. A mulher é nossa propriedade e nós não somos a sua»...

Para Napoleão, as obrigações primaciais da mulher eram a dependência e a subordinação.

Napoleão só tinha razão em achar uma loucura pretender a igualdade dos sexos, que, por natureza, são desiguais.

DIFERENÇAS FÍSICAS E PSIQUICAS

As diferenças essenciais provêm de uma causa profunda: a impregnação de todo o organismo de substâncias químicas priduzidas pelas glândulas sexuais. Foi a ignorância desses factos fundamentais que levou os promotores do feminismo à ideia de que os dois sexos podiam ter a mesma educação, as mesmas ocupações, os mesmos poderes, as mesma reponsabilidades. A mulher é profundamente diferente do homem. Cada uma das células do seu corpo traz a marca do seu sexo. O mesmo acontece no seu sistema orgânico e, sobretudo, no seu sistema nervoso. As leis fisiológicas são tão inexoráveis, como as leis do mundo sideral. É impossivel substituí-las pelos desejos humanos. Somos obrigados a aceitá-las tais quais são. As mulheres devem desenvolver as suas aptidões conforme a directriz da sua própria natureza, sem procurar imitar os homens.

A influência dos dois sexos na propagação da raça é desigual. Quando se queira avaliar a parte tomada pelo pai e pela mãe na reprodução, devemos recordar as experiências feitas por Bataillon e por Loeb. De um ovo não fecundado pode-se, por meio de uma técnica apropriada e sem intervenção do elemento masculino, obter uma rã. Só o elemento feminino, neste caso, é essencial.

Em geral, desconhece-se a importância que, para a mãe, representa a função da geração. Esta função é indispensável ao seu desenvolvimento máximo. É, pois, absurdo desviar as mulheres da maternidade. Não se deve dar às raparigas a mesma educação, o mesmo género de vida, o mesmo ideal, que aos rapazes. Os educadores devem ter em consideração as diferenças orgânicas dos dois sexos e o seu papel natural. Entre os dois sexos há irrevogáveis diferenças. É imperativo tê-las em conta na construção do mundo civilizado.

Seja qual for a instrução profissional da mulher, o que é necessário, indispensável, é que a mulher seja sempre feminina, como não é menos indispensável que o homem seja sempre másculo. Nada de confusão de sexos.

Alexis Carrel, como muitos outros homens de ciência, entende que «hoje já ninguém mediocremente culto põe em dúvida que a inteligência da mulher não é inferior à do homem, embora seja diferente. Nenhuma razão existe para que se negue às raparigas uma educação intelectual tão adiantada quanto a que se ensina aos rapazes. Insensatez é procurar limitar-lhes o interesse aos trabalhos de dona de casa ou aos chamados deveres sociais. O amor enfraquece, se não for auxiliado pela actividade mental. Da inteligência do amor dependem a felicidade conjugal e o próprio futuro da sociedade: e o maior inimigo do amor é o egoismo inato que a educação moderna desenvolve, em proporções inauditas, entre os jovens de ambos os sexos.

«É um erro funesto supor que nos é permitido viver ao sabor das nossas fantasias. Como partes que somos da Natureza não podemos fugir aos seus decretos, iludin-

do-a impunemente. O amor estéril é desolador, monótono ou a resultante de desenfreado egoismo. A velhice sem filhos, assemelha-se, em geral, a um deserto...

«Nas famílias numerosas há mais alegrias e apoio mútuo, do que nas pequenas. O filho único vê-se privado da camaradagem, da influência formadora, do auxílio de toda a especie que irmãos e irmãs lhe podiam prestar. A verdadeira unidade social não está no indivíduo isolado, mas no grupo funcional constituído por marido, mulher e prole.

«É lamentável — conclui Carrel — que ainda não tenhamos a compreensão integral de que o amor é uma necessidade e não um luxo. É o único ingrediente capaz de manter unidos pai e mãe, e estes aos filhos... Se não encontrarmos o amor no lar, não o encontraremos alhures. O amor é tão essencial ao homem e à mulher, como, por exemplo, a inteligência, o suco gástrico, ou a secreção tireoide».

Os Rozacruzes explicam que a mulher, em regra, apreende o conhecimento das coisas por intuição, o que a leva a um resultado mais exacto do que o sistema adoptado pelo homem, embora as deduções e induções deste pareçam mais lógicas e mais claras. Os raciocínios da mulher são quase sempre mais acertados e mais razoáveis.

Embora o homem pareça mentalmente mais positivo do que a mulher, a verdade é que ela possui um corpo mental positivo, ao passo que no homem tal corpo é negativo. A mente do homem é tão diferente da mente da mulher, como o são os seus corpos físicos.

O PODER DO AMOR

O amor é a luz e o sol da vida; é tudo o que há de magnífico, de comovente, de sagrado. É a atracção íntima entre o homem e a mulher, a necessidade que sentem de viver um junto do outro, um para o outro, sempre e a pesar de tudo. Ele para a proteger contra os embates desgraçados da vida; ela para o encorajar na luta e consolar na derrota.

O amor, o amor verdadeiro, desenvolve-se e torna-se mais profundo com o tempo. À medida que a vida avança, o amor sexual transmuda-se em amizade. O amor dos filhos é a grande consolação e a alegria da velhice. O primeiro recorda o passado, o outro interessa o futuro, porque é nos filhos que nos sentimos reviver.

A coragem moral, a firmeza de uma mulher que resiste ao seu amor, é a coisa mais admirável e única que pode existir na terra. Quaisquer outros indícios possiveis de coragem são bagatelas ao pé de uma coisa tão forte contra a natureza e tão penosa. Talvez as mulheres, em tais estados de alma, encontrem forças no hábito dos sacrifícios que o pudor as fez contrair... As provas dessa coragem ficam sempre secretas, quase indivulgáveis.

No entanto, na maior parte das mulheres, talvez, o amor é como a febre: nasce e extingue-se, sem que a vontade intervenha.

Há no amor qualquer coisa de superior ao desejo de relações sexuais. O amor é a via principal por onde o homem e a mulher tentam escapar à solidão que desola a vida.

Há na grande maioria dos homens um medo, profundamente enraízado, da frieza deste mundo de pedra e da crueldade da multidão; há neles uma ânsia de ternura muitas vezes oculta sob a rudeza e a brutalidade dos homens, sob a indocilidade e o rigor das mulheres.

A AMIZADE DA MULHER

A mulher é tão sublime na amizade como o é no amor maternal. Lucília de Chateaubriand e seu irmão Renato de Chateaubriand — o autor de «O Génio do Cristianismo» — eram amigos tão unidos como aqueles dois gémeos que adoeciam e recuperavam a saude simultaneamente e que, quando separados, viam intimamente o que acontecia um ao outro. A única diferença entre esses dois gémeos e os dois irmãos Chateaubriand, é que os gémeos morreram no mesmo dia e Renato Chateaubriand sobreviveu à irmã.

A requintada sensibilidade de Lucília, levava-a para além dos confins do mundo real, até essas regiões perturbantes da alma onde a consciência normal parece abdicar ante faculdades mais altas. Lucília tinha sonhos proféticos, ouvia ruidos singulares que lhe revelavam mortes longínquas. Durante as suas insónias, Lucília ia assentar-se em um degrau, em frente do relógio que ornamentava o patamar da escada do grande torreão, e, ali, olhando o mostrador, à luz da lâmpada que colocara no chão, esperava ouvir, depois de

soar a meia noite, os milhares de ruidos reveladores.

VENERAÇÃO DA MÃE

Em todos os tempos e em todos os povos, a mãe é venerada, homenageada. Desde as suas origens que a Humanidade canta um hino sem fim à maternidade.

Os americanos dos Estados Unidos do Norte têm uma festa no seu calendário nacional intitulada *A Festa das Mães (Mother's Day)*.

Todos os cidadãos e cidadãs, num belo dia de primavera põem ao peito um lírio branco em honra da *mãe, a melhor mulher do mundo*.

O coração da mãe é a obra prima da natureza. Um coração de mãe é um inesgotável manancial de ternura, de dedicação e de sacrifício. O amor materno é a mais alta expressão da afectividade humana.

A mãe tem um papel educativo fundamental. A acção moral das mães sobre os filhos infantes está impregnada da religiosidade. Nos afectos maternais refulge uma claridade divina, uma luz vinda de um mundo misterioso de bençãos e de abnegações máximas. A moral que as mães ensinam, nascida do coração e do mais íntimo do ser, uma moral feita do seu próprio sentimento de renúncia e amor — não é outra coisa senão moral espiritualista.

Clara Codd conta que uma dama francesa lhe referiu que o nascimento do seu primeiro filho foi para ela uma verdadeira «Iniciação». «Repousava no leito, depois do nascimento, ainda espantada e traumatizada — relata a parturiente — quando me senti empolgada por uma intensa onda de amor por todas as mulheres. Foi tremendamente fundamental o que de súbito descobri então. Senti que, a pesar de tudo quanto sobreviesse no mundo exterior da guerra e das lutas, de amores e ódios, diante desse acontecimento que é o nascimento de uma criança, todas as mulheres em todo o mundo — todas as mulheres de todos os tempos, passados e futuros — são essencialmente um ser uno e que, assim, deve haver uma profunda fraternidade de mulher para mulher e, em seguida, da mulher para toda a criatura, para todos os seres que tiverem filhos».

Em «O Livro dos Espírito», Allan Kardec atribui os mesmos direitos ao homem e à mulher. Deus deu a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredirem. Cada um deles tem funções próprias, se bem que as da mulher sejam mais importantes, porque é ela quem ensina as primeiras noções da vida. A lei humana, por conseguinte, para ser equitativa, deve estabelecer a igualdade de direitos. Qualquer privilégio, quer a um quer a outro, é contrário à justiça. *A emancipação da mulher assinala o progresso da civilização.* A sua servidão é produto da barbaria, além de que os sexos só existem na organização física, visto que os Espíritos tanto podem encarnar num como em outro.

O que o Espiritismo deve à mediunidade da mulher! Entre os melhores médiuns do mundo, a mulher ocupa lugar primacial.

Nas ciências, nas artes, nas letras, nas reivindicações sociais, a mulher tem-se notabilizado tanto como o homem. No desempenho dos misteres de que a incumbem, marca pela precisão, tenacidade e paciência com que os exerceu durante a catastrófica guerra de 1939-1945: só na Inglaterra, nada menos de sessenta e cinco mil mulheres serviram como técnicas electricistas, operadoras do Radar, mecânicas operadoras ou simples operárias nos Raios X.

O homem começa a bem-querer a Mulher na Mãe; depois na Irmã; mais tarde na Bem-amada e na Esposa, e, por fim, na Filha.

Em qualquer destes estádios, o homem que queira ser justo, sabe bem quanto vale a Mulher em amor, em desvelo, em abnegação. No valor intelectual e capacidade de produção, iguala o homem; mas na intuição, na lucidez, no valor moral, excede-o.

Demos à mulher o lugar que lhe pertence, lado a lado do homem, sim, mas não a masculinizemos. Que a mulher seja sempre bem feminina e que o homem, por seu lado, seja sempre másculo. E assim subsistirá a atracção dos seus fluidos contrários.

Ler no próximo número:

O ACTUAL MOMENTO HISTÓRICO, de Pietro Ubaldi, redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* em Itália.

"LUZ NO CAMINHO"

Carta Aberta ao Director de 'Estudos Psíquicos"

por F. Noronha

Meu estudioso confrade e amigo!

Acabo de percorrer, agora mesmo, dez horas e meia de sexta-feira, 17 do corrente mês de Outubro, o livro Luz no Caminho *que, recebido por mão de parente e dilecto amigo, há três dias, exactamente, se me gravou deveras, tanto pelo texto, quanto pela autoria.*

Agradou-me a capa, logo à primeira vista e agradou-me principalmente à consciência, seguindo às páginas do «Índice», a elegância moral da dedicatória do autor a sua Mulher, *não porque redigida em estilo bombástico e colorido, que nada me interessaria aliás, mas por escrita de alma com alma, para alma.*

A sua leitura teve o condão de avivar-me na memória o nome querido de saudoso amigo, o poeta lírico Augusto Gil que, com igual mérito e equivalente assomo edificante, legou à posteridade, em Alba Plena, *uma dedicatória a sua mulher, de natureza idêntica. Com esta impressão dobrei a folha, prossegui no* Exórdio *e, enfim, encontrei-me a valer no primeiro capítulo da obra.*

Prezo-me de não pertencer à irmandade do elogio mútuo. Se não concordo com o que leio e se me deparam defeitos e erros, dentro das restrições de meu limitadíssimo alcance e sou forçado a exteriorizar-me, guia-me a verdade que respeito e considero dever presidir sem quebranto a toda e qualquer crítica, exibida em público.

Foram-me passando diante dos olhos físicos, um a um, os oitenta e quatro capítulos da sua preciosa elaboração.

Cada um deles, prestante apóstolo Isidoro Duarte Santos, constitui quadro sintético de luminosidade expressiva, porventura com uma que outra pincelada divergente em grau de intensidade, mas nunca fora de argumento lógico e de razão suficiente.

O conjunto é, de facto, luz no caminho e outrossim caminho iluminado.

Executa o autor uma viagem através dos Evangelhos e por entre eles, sem desdouro, sem periclitâncias e sem presunções.

À sua visão de convencido nada escapou que houvesse registo preclaro de identidade e significado genuino de autenticação incontestada.

Desassombradamente apresentou os casos em plena realidade, os princípios em sua base esencial e as conclusões em linguagem de rigor proporcionado, acessível sem esforço excessivo.

Foi semeador de senso comedido e prático, sem perder de vista e de tino o plano docente das verdades insofismáveis e o pensamento purificador do Mestre dos Mestres.

Não se afastou da lição sublime exemplificada, nem confundiu afirmações palpitantes com filosofias bastardas.

Houve pontos que focou e fez sobressair com eloquência avassaladora, assente em raciocínios de sugestiva espontaneidade.

Alguns me prazeria aqui transcrever, se não fora redundância em lar de família própria. O livro deveria poder dispor de asas, e, alado, semear o verbo escrito do semeador, de continente a continente e de gente a gente.

Seria uma forma opima de interesse mundial aproveitável e de exposição límpida e precípua. É claro que, para isso, haveria prévia necessidade imperativa de tradução em idiomas vários.

Lá chegaremos algum dia.

A luz tem em si atracções tais e tantas, a sua estupenda velocidade realiza-se com tão surpreendente precisão matemática, que talvez quase tendêssemos a confundi-la, se não nos tolhesse no desvio outra luz que não é física, mais veloz, prestigiosa e fascinante, não carecida de adjutório algum, de sol nascente e no ocaso, de prova adrede e de ungimento prematuro.

Aludo à luz da sua sementeira, à luz no caminho que o inspira e a que aspira, à luz que depois de acompanhá-la no traçado vigoroso do seu caminho, me pôs na mão direita a caneta e o aparo com que escrevo as presentes linhas e me volvo para o «Em espírito» e «Em verdade», que esse caminho traduz e nobremente insinua.

Meu dilecto confrade:

A presença dum sobrinho, diplomado pela Faculdade de Ciências da Universidade de

Lisboa, chegado agora da África dos diamantes, onde passou sete anos de trabalho árduo, abriu inesperada solução de continuidade na prosa desta carta.

Ocorreu-me, patentear-lhe de surpresa o já escrito até então, e Luz No caminho, *simultâneamente, interrogando-o sobre sua ideia acerca de Espiritismo.*

Aproxima-se dos quarenta, é casado e pai de três miudinhos, ignorando a minha orientação psíquica.

Imediata, pronta foi a sua resposta: havia em África bastantes adeptos dessa doutrina, com fundo de seriedade e digna de atenção.

Sei que ele não é espírita, e os seus afazeres imperiosos, visto depender e a família exclusivamente do seu braço e da sua saude, não lhe permitirem distrair-se e entranhar-se em estudos de outra espécie; mas respondeu sensatamente, e por este motivo arquivo o incidente.

Pode gabar-se de ter conseguido produzir um livro para o público desejoso de bom ensinamento não penumbroso, à maneira do curioso livro do dr. Brewer, «A Chave da Ciência», traduzido do original britânico em mais de uma língua culta.

É dialogado. Compõem-no 1973 perguntas a que corespondem outras tantas competentes respostas, contido tudo num volume de formato portátil, não atingindo 550 páginas, incluindo introito e índice.

Ora, isto, de sintetizar o imenso, evitando delongas maçudas, é uma virtude que empolga e cumpre louvar, apontando-a devidamente.

Os seus oitenta e quatro capítulos resumem, sem deficiências essenciais, o conteúdo bastante para organização de uma pequena biblioteca, de oitenta e quatro volumes compactos. Satisfez-me completamente. Andou muitíssimo bem avisado.

E devo acrescentar, por verdade soberana e honra sua, sem favor de casta alguma.

Se fossem lidos, com alma, espírito e e perfeita sinceridade de querer solidário, por todos os espiritas existentes, o Espiritismo iniciaria uma típica marcha àvante, rasgando horizontes de amplitude infinda, firmando a evidência de seus fundamentos inabaláveis na própria unanimidade fraterna e no civismo categórico de seus processos vitais.

Estreita-o, num abraço, o mais obscuro colaborador.

S/C. *F. NORONHA*

Nossos Representantes

Mais um amigo dedicado, mais um elemento de intercâmbio espírita luso-brasileiro chega ao reduto de Estudos Psíquicos, *disposto a empunhar o montante, a terçar armas leais para maior grandeza do Espiritismo! Nabor da Graça Leite, natural de Anadia, Estado de Alagoas, e descendente de fidalgos portugueses*

NABOR DA GRAÇA LEITE

que no Brasil se instalaram em épocas de colonização, é o nosso representante na cidade paulista de Baurú, onde cresceu e se educou, na companhia de bondoso tio. Actualmente exerce a actividade na empresa ferroviária Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, o que lhe proporcionou interessantes viagens, durante as quais conheceu novas terras e aumentou a sua cultura.

Em 1933 assistiu à primeira sessão de Espiritismo no Centro Amor e Caridade, onde ainda hoje permanece como director.

35 anos saudáveis e alegres, pai de cinco filhos e arauto do Espiritismo Evangélico, Nabor da Graça Leite põe o sentimento ao serviço da Doutrina e realiza uma obra de propaganda que o coloca na galeria dos novos pregoeiros que se afirmam exuberantemente em terras de Santa Cruz.

Estudos Psíquicos *honra-se com a coperação e amizade deste homem bom que tudo tem feito para equilibrar o material com o espiritual e que já deu provas de simpatia pelo nosso trabalho de aproximação espírita entre os pioneiros das duas nações atlânticas.*

A carta que dele recebemos, na qual demonstrou grande simpatia por esta revista luso-brasileira e seu desejo de a auxiliar e propagar, é um valioso documento biográfico e psicológico que nos encantou pela sinceridade e pelo que deixa entrever acerca de futuras realizações.

Demos as mãos, Nabor amigo, e, todos juntos, caminhemos àvante em defesa da Causa que nos irmana!

Congresso Espirita Português?

(«Data vénia», transcrevemos o belo artigo que em 27 de Setembro último o escritor Paulo Freire escreveu no «Jornal de Notícias» do Porto, na secção «Várias Notas», que ali redige diàriamente, com grande brilhantismo e proficiência).

Um meu leitor e velho amigo, espirita praticante, residente em Lisboa onde exerce um posto de destaque no professorado oficial, escreve-me uma larga carta que não publico por duas razões: a primeira pela sua extensão; a segunda porque o assunto na sua especialidade não pertence aos limites desta secção que trata de generalidades e não de especialidades. Destaco, porém da sua carta estes períodos:

«Sei que não és espirita praticante. Sei mesmo que discordas fundamentalmente de certas práticas espiritistas e que as combates, mas isso não obsta a que, como colaborador do «Jornal de Notícias», te faça esta pergunta: não podias defender na tua secção a realização de um Congresso espirita português?».

Respondo. E respondo com a lealdade com que o faço sempre, desde que se trate de um assunto apresentado à minha observação, seja grande ou pequeno, tenha um interesse geral ou um interesse meramente restrito. O Espiritismo tem hoje um interesse geral. De facto não sou espirita praticante. De facto me repugnam certas exibições que não têm, por ridículas, ponta por onde se lhes pegue. Mas como jornalista não posso ignorar que há já hoje em Portugal milhares de adeptos do Espiritismo e que este constitui uma forte corrente da opinião pública. Pode não se admirar a ideia espirita, combatê-la até; mas ignorar que ela existe, seria uma estupidez, tão grande como negar a existência do protestantismo, do judaismo, ou qualquer outra facção religiosa.

///

Desde que isto é assim, o que ao Espiritismo diz respeito interessa à Imprensa, como interessa tudo o que abrange uma corrente da opinião pública.

Um jornal de categoria não pode ignorar estes assuntos, embora os possa combater. Eu não combato, nem defendo. Registo, analiso, comento. Este meu velho amigo faz-me uma pergunta, a sua pergunta tem interesse jornalístico, e eu respondo-lhe, exactamente como se este meu leitor me perguntasse o que era o Budismo, o Confucionismo, ou o Determinismo. Mas para responder a este meu leitor preciso fazer primeiro algumas considerações absolutamente jornalísticas, sem me importar para nada com a doutrina em si, sem ter que dizer se aceito ou não o Espiritismo, se o Espiritismo é uma *religião* ou uma *ciência*. Mas evidentemente não faria sentido que eu desse a minha opinião sobre um Congresso Espirita, sem apresentar aos meus leitores a posição que o Espiritismo tem hoje no mundo e principalmente o que ele é em Portugal.

Aqui há meio século o Espiritismo em Portugal pouco ia além da mesinha de pé-de-galo que entretinha os serões dos nossos avós, como o jogo do Padre Cura nos entretinha a nós, meninos e moços. Já lá fora o Espiritismo tinha fundas raizes nos estudos a sério e ainda entre nós era vedado às pessoas ajuizadas preocuparem-se com essa frioleira. Isto era assim há meio século. Depois as coisas foram tomando seu rumo, e da mesinha de pé-de-galo passou-se aos médios e aos grupos que estudavam a medo um assunto em que era ainda ridículo falar-se. Isto era assim e ninguém ousará contradizer-me com verdade.

///

Os anos foram passando. Altas personalidades do mundo científico, em França, na Itália, na Alemanha, na Inglaterra e nas Américas, foram apresentando ideias, objecções, fenómenos e as investigações psíquicas espalharam-se por todo o mundo. Como não podia deixar de ser, estabeleceu-se a luta entre a Ciência e a Religião e puseram-se em dúvida os fenómenos físicos do Espiritismo. Algumas fraudes de renome vieram dar força e prestígio aos adversários do Espiritismo. A levitação e a invulnerabilidade ao fogo não constituiam uma prova contra essas objecções, porque o *Fakires* não eram espiritas e estavam na posse desses segredos. Mas a ideia foi marchando, verificaram-se os ectoplasmas, os fenómenos da escrita e da voz directa tiveram os seus cultores, as materializações trouxeram rios de discussão, até que chegámos

à fotografia dos Espíritos. Eu vi uma vez um livro da pobre Madame Lacombe — já lá vão mais de trinta anos — em que essas fotografias eram uma repugnante fraude, em que essa bem intencionada senhora acreditava piamente. Escrevi então um artigo contra essa exploração e recebi dessa bondosa senhora uma carta lastimando a minha opinião e ainda hoje a tenho no que respeita a esse livro e a essas fotografias. Mas as provas, lá fora, iam-se avolumando sobre a mediunidade, as aparições, as comunicações supra-normais, o problema das reencarnações, e eu, que nunca fui espirita praticante, nem o sou hoje, fui estudando o assunto, analisando os factos, robustecendo a minha opinião. Hoje tenho sobre o Espiritismo umas luzezinhas que me obrigam a dividir estes fenómenos em duas séries distintas: a das patacuadas do meu tempo de rapaz quando eu jogava o *Padre Cura*, e a dos fenómenos cientificamente verificados que me obrigam a tomar a sério estes estudos e a dar-lhe aquela categoria que se deve dar aos graves problemas da vida humana.

///

Pergunta-me agora este meu velho amigo se eu não podia defender nesta secção a realização de um Congresso Espirita ? Claro que não posso. Não posso, nem devo, nem o faço. Mas posso jornalisticamente dar a minha opinião sobre essa matéria. Cuido não errar calculando em cem mil, para mais e não para menos, o número dos adeptos do Espiritismo em Portugal. Uma corrente de opinião que adquire tal importância numérica tem incontestávelmente direito a realizar o seu Congresso. Eu sei que nesses cem mil há apenas uma reduzida percentagem de pessoas capazes de apresentar os altos problemas que essa modalidade espiritual exige. Mas isso, a meu ver, não obsta a que tal Congresso se realize. Evidentemente nós não estamos apetrechados em Portugal para o aprofundamento destes estudos, mas seria injustiça afirmar que na corrente espirita portuguesa não há hoje pessoas muito ilustres sob o ponto de vista intelectual — médicos, advogados, professores, altos funcionários do Estado, muitos dos quais eu conheço pessoalmente e sobre cuja cultura, inteligência e moral não tenho a menor duvida, a começar por este meu velho amigo que me escreve.

///

O Espiritismo não é já hoje no mundo uma coisa risível, menos uma coisa sem importância. Milhões de cidadãos no mundo são declaradamente espiritistas. Alguns dos mais autênticos sábios da humanidade dedicam a estas teorias o seu profundo saber e as suas investigações. A mim me não interessa averiguar quem é que combate hoje o Espiritismo. Jornalisticamente só me interessa verificar que tal *doutrina* é um facto — religião ou ciência, pouco importa — e que esse facto chama sobre a sua fenomenologia as atenções do mundo inteiro. Provas de sobrevivência, clarividência, psicologia dos fenómenos de transe, comunicações, curas espantosas, tudo isto tem dado milhares de volumes, discussões formidáveis, ataques e defesas, crentes e descrentes, e não é já agora possível negar-lhe interesse. De maneira que, sem por forma alguma DEFENDER aqui a relização de um Congresso espirita, respondo ao meu velho amigo que me consulta que não só acho esse Congresso muito interessante, como até necessário para que entre nós o que anda disperso e sem orientação, se junte e tome directrizes de estudo e de observação que me parece não existirem ainda em Portugal.

Dois brindes de Natal

Aproximando-se a quadra do Natal, certamente pensareis em dar um brinde aos vossos filhos. Qual será a coisa mais apropriada ? Uma caixa de bombons ? Uma boneca articulada ? Um comboio em miniatura ?

O melhor brinde não é o que distrai a vista ou satisfaz o paladar, mas o que eleva o espírito e aformoseia a alma.

Aqui tendes dois à escolha:

O CAMINHO OCULTO
E
OS FILHOS DO GRANDE REI

Livros maravilhosos de contos infantis, ditados pelo Espírito de *Veneranda* e recebidos pelo grande médium Francisco Cândido Xavier, impressos em papel de luxo e com letras apropriadas à visão da criança.

«Os Filhos do Grande Rei» traz uma série admirável de óptimos desenhos mediúnicos, recebidos por Dinorá Azevedo de Simas Enéas.

Preço de cada volume cartonado, 30$00

Remetemos estes livros à cobrança

ROTEIRO DO ESPÍRITO

pelo Dr. Noraldino de Melo Castro

(Redactor correspondente de «Estudos Psíquicos» em Belo Horizonte)

Mais um valioso obreiro chega até nós, de Belo Horizonte, a linda capital de Minas Gerais. E vem cheio de fé e entusiasmo, com disposição para o quarto de sentinela que terá de cumprir nesta barricada, erguida para defesa da mais nobre das causas. Natural de Itamogi, do aludido Estado, Noraldino de Melo Castro surgiu no planeta em Novembro de 1908, cursou dois ginásios e conseguiu formar-se em Direito à própria custa, dois anos após o matrimónio. Nos cinco anos seguintes, exerceu a profissão e depois disso ascendeu à direcção duma firma comercial. Em 1934 ingressou no Espiritismo e até hoje não cessou de praticá-lo. Fundou o Centro Espirita Amor e Caridade, agora dirigido pelo confrade e amigo António Loreto Flores. Depois entrou para a União Espirita Mineira, onde trabalha ainda. Em 1940 fundou o jornal Síntese *em colaboração com Costa Romanelli, Óscar Noronha e o português Eugénio Carlos Monteiro. Interrompida a sua publicação, voltou a circular durante o ano de 1943.*

No 1.º Congresso de Jornalistas Espiritas apresentou a valiosa tese «O Espiritismo é a Religião», editada pela Federação Espirita Brasileira. Mais tarde publicou «O Espiritismo em face do Direito e da Metapsíquica» e colaborou no interessante volume «Judas de Kerioth», em que se reabilita a figura do apóstolo execrado.

O Dr. Noraldino de Melo Castro é um grande cooperador no campo da propaganda. Secretário do 1.º Congresso Espirita Mineiro, que deu origem à Federação Espirita de Minas Gerais, actualmente fundida na União Espirita Mineira, colaborou nos Estatutos destas duas agremiações, sendo membro do Conselho Federativo desta última e do Abrigo Jesus.

DR. NORALDINO DE MELO CASTRO

Estudos Psíquicos *não podia ter encontrado melhor correspondente em Belo Horizonte. O artigo que publicamos a seguir é a demonstração evidente das nossas palavras. «Roteiro do Espírito» é a verdadeira síntese do vasto caminho a percorrer.*

«Faze-te a ti mesmo um exemplar de boas obras em tudo: na doutrina, na integridade, na gravidade».

TITO, 11:7

1 — Estudando Kardec, cada dia que passa, surpreendemo-nos, constantemente, com a agudeza e a vivacidade de sua presciência, quer nos comentários, quer na selecção de mensagens. Convencemo-nos, piamente, diante de realidade tão significativa, de sua elevada e divina missão. Sòmente um espírito, sublimadamente inspirado, realizaria, como realizou, trabalho, ainda hoje, noventa anos mais tarde, de plena actualização. Nenhum dos problemas de ordem espiritual — prático ou doutrinário — que já procurámos equacionar, resolvendo-os com lógica e sensatez, deixou de encontrar no Codificador uma solução justa e adequada.

Mas, estudando as epístolas do grande iluminado Paulo, como é óbvio, também nos surpreendemos com as actualíssimas advertências que então fazia às comunidades cristãs daquela época.

2 — Acredita-se que a situação moral da humanidade — ontem como hoje — ainda permaneça em

idêntico nível: os seus erros e as suas necessidades espirituais ainda possuem características mui semelhantes.

Ensina a doutrina que todo nosso esforço deve convergir para a iluminação interna do homem, na sua espiritualização e consequente edificação do templo de Deus, que santo é. Para esse labor divino convergem as nossas atenções. Há trabalho contínuo e renovado de aprimoramento, para que o homem velho, onusto de imperfeições, ceda lugar ao homem novo, redimido pelo amor ao próximo. Esse mister reclama, porém, sacrifícios ingentes, dificilmente suportados. As angústias e sofrimentos exasperam as almas. As palavras de exortação e conforto não são ouvidas. A vaidade e o amor próprio despertam o homem velho que, revoltado ou ensandecido, cheio de orgulho e presunção, busca impor-se e sobrepor-se a tudo e a todos, sem pesar as palavras e as acções.

«Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina», recomenda Paulo (Tito, II:1).

Ora, desta arte, revistamo-nos de paciência e enfrentemos as lutas impostas pela necessidade de evolucionar, entre dores e alegrias. Precavidos e vigilantes, limitemo-nos ao cumprimento dos deveres. E o dever nos obriga ao exercício e conhecimento da verdade que, não raro, ferindo susceptibilidades, exerce o divino ministério como roteiro seguro e definido. Por ele, colimaremos os objectivos sagrados da existência, se os nossos actos e pensamentos forem presididos pela sinceridade e a honradez. Para tanto, precisamos de muita fé, precioso dom de Deus. Que não se conheçam desfalecimentos e que se busque o reino dos céus, com a sua justiça, na certeza do acréscimo prometido por Jesus.

3 — Seja a nossa conversação sim, sim, não, não. Expressemos o que for justo e bom, de acordo com os postulados e sentimentos inspirados pela sã doutrina. Não se tenha preocupação de agradar. Visemos acertar em tudo: nas meditações e realizações. E observaremos aquela outra recomendação de Paulo, tão eloquente e tão grandiosa:

«As tuas palavras sejam sãs, irrepreensíveis, para que os nossos adversários se envergonhem, não tendo que dizer de nós mal algum». (Tito, II:8).

Se assim não conseguirmos agir, afirmemos sempre que nos esforçamos em pautar os actos, exteriores ou íntimos, de conformidade com os desejos do Apóstolo. Ao contrário, parecer-nos-emos aos que se enfeitam com peles de ovelha, mas que não passam de sepulcros caiados... Sabedores de nossas responsabilidades, presentes, passadas e futuras, somos e seremos réus indefensáveis se persistirmos nos erros e desmandos que infelicitam o mundo e a humanidade. As palavras sãs e actos irrepreensíveis serão resultantes do trabalho cotidiano, de vinte e quatro horas...

4 — Entendem certos espiritas que a oração e vigilância devem ser praticadas tão sòmente em reuniões mediúnicas, para se livrarem da influência maléfica, perniciosa, de determinada categoria de espíritos.

A oração e a vigilância, a nosso ver, têm de ser permanentes, como defesa das múltiplas e variadas tentações que nos rodeiam. Em casa, na sociedade, na rua, no trabalho, atestaremos, continuadamente, a nossa condição de crentes sinceros e leais. Em todos os actos, imperiosa se faz a existência de sentimentos nobres, a par das coisas da terra. Assim encarados, melhor serão compreendidos. Há, todavia, dficuldades aparentemente intransponíveis. Vencê-las-emos. É questão de perseverança. E o que perseverar será salvo, dizem as Escrituras. Atentos, vigilantes, escutaremos aquela outra lição de Paulo, tão actualizada e expressiva:

«Não vos deixeis tirar do caminho por doutrinas várias e estranhas» (Hebreus, XIII, 9). Não vos deixeis tirar do caminho... Qual é esse caminho?

EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA!... disse Jesus.

5 — Sabemos, no entanto, que os homens se desviam do caminho e buscam atalhos, seduzidos por doutrinas várias e estranhas.

Tiago, (1:16) nos recomenda: «Não queirais errar, irmãos meus muito amados». Mas Paulo, em *Gálatas* (VI:7) é mais incisivo: «Não queirais errar; de Deus não se zomba».

E, no entanto, a todo instante, vemos manifestações de erro. Muitas até se agasalham no manto da boa intenção... De graça se deve dar o que de graça se recebe. E os mercadores do templo estão por aí, atrás de recursos financeiros... Deve-se ser sincero, e a hipocrisia, mascarando aparências, aí está grassando. Aparecem deturpações doutrinárias. Questões de genealogia, «inúteis e vãs», no dizer de Paulo (*Tito*, III:9), aí estão dividindo e reinando... Vontade de predomínio, de orgulho, aí está medrando. Proliferam ideias pessoais, dando ensejo a personalismo indesculpável. E cada qual procura agir e pensar por conta própria, quando se deve pensar e agir com o Cristo e a sã doutrina. Nada de desentendimentos, de rancores, de queixas ou recriminações. Paulo, ainda nestas circunstâncias, nos ensina que

> «se alguém, porém, não obedece ao que ordenamos pela nossa carta, NOTAI-O e não tenhais comércio com ele, a fim de que se envergonhe. Não o considereis, todavia, como um inimigo, mas advertí-o como vosso irmão» (Tes. III:14-15).

Significa que aquele que desrespeita a lei, não lhe obedecendo, deve ser visto, não como inimigo, mas como irmão que há-de reconhecer o erro com os próprios olhos e repará-lo com as próprias mãos.

Deve ser posto à margem do caminho, depois da advertência fraterna, para que um dia, arrependido e envergonhado, retorne e ouça: «Este é o meu filho bem amado; estava perdido e se achou»:

6 — «Faze-te a ti mesmo um exemplar de boas obras...».

Não sejamos «ouvintes esquecediços, mas fazedores de obras» (Tiago, 1:25); acrescenta ainda: «Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma» (Tiago, 2:17). E o homem, para tornar-se exemplar de boas obras, precisa de conhecer e exemplificar, quanto possivel, a outra lição de Paulo:

«Que façam bem, que se façam ricos em boas obras, que dêem, que repartam francamente. Que façam para si um tesouro, como um fundamento sólido para o futuro, a fim de alcançarem a verdadeira vida» (Timóteo, VI:18-19).

Compreendamos, pois, que detrai a lei o que fala do irmão, que escandaliza o que comercia com as coisas sagradas, que seduz e malsina, que engoda e vilipendia aquele que, de qualquer modo, perturba a tranquilidade do próximo, que ofende o pudor, que é descaridoso e injusto, intolerante e odioso, malévolo e ingrato. O escândalo é necessário, mas ai da mão que o produz, e escandaliza todo aquele que pratica as virtudes negativas, como a ira, a inveja, a intriga, a maledicência, a concupiscência. Não nos escandalisemos, portanto, no augusto anseio de perfeição, transformando-nos em exemplar de boas obras: na doutrina, — respeitando-a, amando-a, exemplificando-a com calor e decisão, com justiça e bondade; na integridade, — sendo probo e leal, procurando amar o próximo e servir a Deus, realizando o complemento da lei, que é a caridade; na gravidade, — sendo rectos, circunspectos, embora alegres.

Façamos. portanto, o grande e decidido esforço, palmilhando o roteiro do espírito. Não esmoreçamos. Vençamos as tentações diárias, Transponhamos as barreiras do caminho, na certeza de que o homem novo, glorificado, emergirá e ressurgirá para as grandezas da vida espiritual.

7 — Mas, para conciliar o bem e a fé, na Terra, é mister equilíbrio exacto entre as leis de Deus e de César, pois, o espirita e o espírito buscam justapor-se de forma a não esquecer que, consoante Emanuel «o Espiritismo, em verdade, não é um sistema de promessas para a beatitude celestial. É realização do bem na Terra, serviço libertador de consciências e corações, para hoje, aqui e agora».

Muitos há que pensam no Céu, esquecendo as necessidades terrenas. Pensam no futuro e olvidam o presente, com suas realidades. Mas o mesmo iluminado mentor recomenda ainda: «Prossigamos cooperando na doutrina que console e levante, que conforte e movimente a vida, que abrace o sofredor e lhe indique o serviço a fazer, que aponte o céu, mostrando, em seguida, as necessidades da Terra, para solucioná-las com amor e dedicação».

Aí, pois, o complemento do roteiro para aquele que sonhe, anele tornar-se um exemplar de boas obras: na doutrina, na integridade e na gravidade.

Festa Espirita de Caridade

Conceber uma ideia, poli-la, aperfeiçoá-la, é difícil, mas levar essa ideia à completa realização, fazê-la triunfar, a despeito de todas as contrariedades e obstáculos, é mais difícil, mais digno de admiração.

Foi o que se deu com a festa levada a efeito, no dia 22 de Novembro, pelo grupo de senhoras de caridade, agregado ao grupo espirita «*Amor do Redentor*» e que nunca alcançaria o brilho que teve se não fosse a boa vontade de todas e, principalmente, o zelo infatigável e a inquebrantável energia da sua presidente, a Sr.ª D. Noémia Gamboa.

Já no mesmo dia, de 1946, se realizou esta festa, mas o cunho de ambas foi muito diferente. A primeira teve lugar nas salas do Centro «*Luz e Amor*». Foi, portanto, uma festa espirita, numa casa espirita e para espiritas. Sala pequena, ambiente fraternal, pode dizer-se familiar.

A festa de 1947 teve lugar na *Casa dos Açores*. Foi, assim, uma festa espirita em casa profana e mais para profanos do que para espiritas.

De facto, entre as 350 pessoas — que tantas seriam as que comportava a sala — nem todas (pode dizer-se, mesmo, a maioria) eram crentes, pois desconheciam a Causa. Uns foram lá por interesse, outros por curiosidade e alguns ainda, talvez, no intuito de fazer crítica.

No entanto, a primeira parte da festa — à qual se seguiu um chá e pequeno bazar cujo produto reverteu para os pobres — a sessão espirita, pròpriamente dita, dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa e com a bem conhecida e apreciada médium D. Maria Cecília Gorina, decorreu sempre num ambiente de atenção, interesse e respeito.

Houve críticas mudas, sorrisos cépticos e de desdenhosa ironia? É de calcular que sim... Mas o caso é que, mesmo os descrentes e os indiferentes viram e puderam comprovar factos que de certo os fizeram vacilar; e vacilar já é meio passo andado...

Aquele a quem abrimos as portas e come conosco à mesa, não pode ser nosso inimigo e do ágape espiritual do dia 22 de Novembro compartilharam todos: espiritas, vacilantes e descrentes.

Que as preces agradecidas dos pobrezinhos a quem a festa — para a qual todos concorreram — mitigou a fome e enxugou muitas lágrimas, possam fazer com que a luz do Alto lhes ilumine o coração.

SIBIL

"DATA VENIA..."

(Do nosso confrade brasileiro Arnaldo S. Tiago, autor do livro «Comentários à História das Religiões», analisado e comentado por Ramos Pereira na secção «À Margem dos Livros», recebemos o seguinte artigo, que inserimos com o maior prazer. «Estudos Psíquicos» é tribuna leal e desassombrada e por isso não poderia regatear a quem quer que fosse o direito de defesa).

Parece incrível que sòmente agora, após dois anos da sua publicação em *Estudos Psíquicos* (N.º de Junho de 1945), é que venhamos pedir vénia ao Sr. Ramos Pereira, erudito crítico literário da mesma revista, para tecer alguns comentários em torno das apreciações por ele feitas ao livro de nossa autoria «Comentários à História das Religiões»! É que só agora nos veio às mãos esse número da revista.

Não que pretendamos, em mínima forma que seja, modificar o seu juizo a respeito do mérito da obra: ninguém pode ser juiz em causa própria. Apenas para cumprir o dever moral de demonstrar, afirmando-o, qual o objectivo que tivemos ao dar a público esse livro, é que nos abalançamos a dizer o que segue.

Antes de tudo, queremos declarar que longe de nós esteve o intuito de fazer obra de erudição. Propusemo-nos, sim, a extrair da ganga imensa da História das Religiões, o elemento espiritual que em todas as crenças se encontra, como o diamante precioso num montão de cascalho. Para esse fim, exclusivamente para esse fim, confessamo-lo com sinceridade, foi que procurámos basear os nossos «Comentários» (título que se nos afigura nada ter do imodesto) especialmente sobre as obras de um autor materialista — Reinack, e outro católico — Huby. Não foram os únicos que consultámos; mas os que, reafirmamos, nos proporcionaram material para a nossa análise. E esta foi orientada no sentido de exumar o *sentimento* religioso existente nas crenças de todos os povos do amontoado de fórmulas litúrgicas, de ritualismo, de simbolos a que se apegam os autores, em geral, quando escrevem, especialmente se têm um estrito critério científico sobre a história das religiões.

Uma leitura atenta de «Comentários» revelará a procedência do que alegamos.

Tivesse querido o eminente crítico considerar esse nosso objectivo, e melhores probabilidades se lhe apresentariam de encontrar o pensamento orientador gelo de «Comentários».

Aliás no prefácio chamamos a atenção do leitor do trabalho, ao qual demos, por isso, o título sinpara «as grandes deficiências que no livro se encontram, as quais serão, a seu tempo, supridas».

De tal modo se revelam claros, no conjunto da obra, os nossos intuitos, que a eles se referem quase todos os críticos que se dignaram apreciá-la.

Mundo Espírita, em seu número de 2 de Dezembro de 1944, assim se externa: «Para os desejosos de conhecer a extraordinária e incessante movimentação do sentimento religioso dos povos, através do tempo, não poderão encontrar melhor e mais seguro guia que essa valiosa obra de pacientes pesquisas e meditado estudo com que o autor vem de brindar a nossa literatura». Do longo trabalho inserto nesse abalizado orgão, basta-nos o tópico transcrito, para bem positivar o que acima dissemos.

Reformador, em sua edição de Dezembro de 1944, assim finaliza a sua extensa apreciação de «Comentários»: «Se outro mérito não contivesse, «Comentários à História das Religiões» se recomendaria pelo facto de vir dotar a bibliografia religiosa de mais um trabalho que situa o Espiritismo no lugar que lhe é devido entre os sistemas religiosos vigentes». Em outro tópico revela a redacção do criterioso órgão o pensamento que orientou o autor da obra, para fazer-lhe justiça, nestes termos: «Logrou a esse respeito alcançar o seu desiderato... quer esclarecendo aspectos que têm permanecido obscuros em virtude da posição em que se colocaram autores credenciados, mas sujeitos a influências que não vem a pelo discutir...».

J. L. (iniciais de um ilustre académico), escrevendo na *Revista da Semana*, de Janeiro de 1945, diz, entre outras coisas: «Um aspecto novo, é de apontar-se, apresenta a obra do prof. Santiago: a feição espiritista dos «Comentários», escritos, aliás, com abundância de conceitos, clareza, e no rico estilo a que o autor já nos habituou. É obra, pois, de inegável mérito e indispensável à cultura de espiritistas ou não, e que tem, sobretudo, a virtude de demonstrar que, no fundo, as religiões são formas da Religião, parcelas de uma soma, de um todo doutrinário de que sobressai a verdade cristã do Deus Único».

Vê o Sr. Ramos Pereira que foram diversos os críticos que encontraram o nosso pensamento orientador na organização desse pequeno trabalho: procurar o espírito que vivifica e extraí-lo da letra que mata.

Feita esta ressalva, o mais que se possa dizer, pró ou contra «Comentários à História das Religiões», depende do ponto de vista em que se coloca o leitor.

Que o nosso intuito seja reconhecido, é o que, *data vénia*, a todos solicitamos.

Rio de Janeiro, 6 de Setembro de 1947.

Arnaldo S. Thiago

N.º 12
DEZEMBRO
1947

Página Organizada por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos Irmãos pequeninos:

Presépio. Pinheiro engalanado, cheio de bolinhas coloridas, fios prateados e chocolates.

Olhais, felizes e aconchegados, para vossos pais, avós, para a vossa família que se reuniu, pois esse dia é o da família, em recordação de uma outra — MARIA, JOSÉ, JESUS.

Jesus foi um filho exemplar e essa Santa Família teve sempre a uni-la, através de todas as vicissitudes, um grande amor, o amor que repartia pela Humanidade inteira.

Fazei, meus pequeninos, de toda a vossa existência um longo dia de Natal, de toda a Humanidade uma grande família.

Hoje sois pequenos, amanhã sereis homens, chefes de multidões. Preparai-vos, pois, para estabelecer a harmonia no mundo, evitar guerras que matam e sacrificam tantos dos nossos irmãos.

É essa a Grande Missão.

Vossa irmã mais velha

Kylas

★

O CORPO

As Anginas

A angina é uma inflamação da garganta, prejudicando a deglutição e a respiração, um desgaste da mucosa produzido por um agente infeccioso.

Febre alta, oscilante, língua suja, certas partes do maxilar inferior inchadas e doridas são os mais evidente sintomas da doença.

Como se apanha este mal?

Por um resfriamento súbito de ar ou o choque de duas temperaturas. Facilita grandemente a fixação do micróbio o mau estado dos tecidos da garganta.

Eis porque, como medida preventiva, será de conveniência uma ligeira higiene da boca de manhã e à noite. Tomar uns gargarejos de água e sal e lavar os dentes com água e pasta ou sabão.

Esta doença aparece particularmente na Primavera e Outono e em Invernos frios e húmidos.

AS QUALIDADES

A Resignação

Define-se como «sujeição paciente às contrariedades da vida».

Sujeição por cobardia, por moleza de espírito? Ou por coragem e compreensão?

Qual lhes parece razoável?

Podem os meninos obedecer por medo, por preguiça, que não se resignam.

Só sentimos verdadeira resignação quando conhecemos a causa do nosso sofrimento, quando vemos nela a nossa própria culpa.

Vezes há que ela está visível.

Os colegas deixaram de andar com o Júlio, porque ele roubou coisas. Ele sofre com o isolamento, mas a culpa foi apenas sua. Emende-se e eles voltarão.

Outras vezes há, que está, aparentemente, invisível:

Sofremos contrariedades, revezes e não lhes vemos o porquê.

Revoltamo-nos sem razão, pois se raciocinássemos um pouco lembrar-nos-íamos que nos outros casos, se há um próprio motivo, também tem de haver uma causa *nossa* para esta *nossa* consequência.

A ORDEM DO MESTRE

de Humberto de Campos

Adivinhando-se o Natal, havia também no Céu um reboliço de alegrias suaves.

... ...

— João — disse-lhe o Mestre — lembras-te do meu aparecimento na Terra?

— Recordo-me, senhor. Foi no ano 749 da era romana, a pesar da arbitrariedade de Frei Dionísio, que colocou erradamente o vosso natalício em 754, calculando no séc. VI da era cristã.

— Não, meu João — retomou docemente o Senhor — não é a questão cronológica que me interessa, em te arguindo sobre o passado. É que nessas suaves comemorações vêm até mim o murmúrio doce das lembranças!...

— Ah! sim, Mestre Amado, retrucou, pressuroso, o Discípulo. Compreendo-vos. Falais da significação moral do acontecimento. Oh!... se me lembro... a manjedura, a estrela guiando os poderosos ao estábulo humilde, os cânticos harmoniosos dos pastores, alegria ressoante dos inocentes, afigurando-se-nos que os animais vos compreendiam mais que os homens, aos quais ofertaveis a lição da humildade, com o tesouro da fé e da esperança.

... ...

Retrocedendo no tempo, meu Senhor bem amado, vejo o transcurso da vossa infância, sentindo o martírio de que fostes objecto; o exterminio das crianças de vossa idade, a fuga nos braços carinhosos da vossa progenitora, os trabalhos manuais em companhia de José, as vossas visões maravilhosas no Infinito, em comunhão constante com o vosso e nosso pai, preparando-vos para o desempenho da missão única que vos fez abandonar, por alguns momentos, os palácios de sol da mansão celestial, a fim de descer sobre as lamas da Terra...

— Sim, meu João, e, por falar nos meus deveres, como seguem no mundo as coisas atinentes à minha doutrina?

— Vão mal, meu Senhor. Desde o concílio ecuménico de Niceia, efectuado para combater o cisma de Ário em 325, as vossas verdades são deturpadas. Ao arianismo, seguiu-se o movimento dos iconoclastas, em 787, e tanto contrariaram os homens o vos-

so ensinamento de pureza e de simplicidade, que eles próprios nunca mais se entenderam na interpretação dos textos evangélicos.

— Mas não te recordas, João, que a minha doutrina era sempre acessível a todos os entendimentos? Deixei aos homens a lição do caminho, da verdade e da vida, sem lhes haver escrito uma só palavra.

— Tudo isso é verdade, Senhor; mas, logo que regressastes aos vossos impérios resplandecentes, reconhecemos a necessidade de legar à posteridade os vossos ensinamentos. Os Evangelhos constituem a vossa biografia na Terra; contudo, os homens não dispensam, em suas actividades, o véu da matéria e do símbolo.

... ...

— Entretanto — sussurraram os lábios divinos, docemente — consagro o mesmo amor à humanidade sofredora. Não obstante a negativa dos filósofos, as ousadias da ciência, o apodo dos ingratos, a minha piedade é inalterável... Que sugeres, meu João, para solucionar tão amargo problema?

— Já não dissestes, um dia, Mestre, que cada qual tomasse a sua cruz e vos seguisse?

— Mas prometi ao mundo um Consolador em tempo oportuno!

E os olhos claros e límpidos, postos na visão piedosa do amor de seu Pai celestial, Jesus exclamou:

— Se os vivos nos traíram, meu Discípulo Bem Amado, se traficam com o objecto sagrado da nossa casa, profligando a fraternidade e o amor, mandarei que os mortos falem na Terra em meu nome. Deste Natal em diante, meu João, descerrarás mais um fragmento dos véus misteriosos que cobrem a noite triste dos túmulos, para que a verdade ressurja das mansões silenciosas da Morte.

... ...

E desde essa hora memorável, há mais de cinquenta anos, o Espiritismo veio, com as suas lições prestigiosas, felicitar e amparar na Terra a todas as criaturas.

«Crónicas de Além Túmulo»

★

O Optimista

Um aldeão veio à cidade e apresentou-se numa companhia de seguros, manifestando o desejo de segurar a sua loja e recheio.

— De que facilidades dispõem para extinção de incêndios?

O saloio coça a cabeça, cisma uns momentos e depois responde:

— De vez em quando chove.

O BULE

por Anderson

Era uma vez um bule soberbo; tinha, efectivamente, direito de ser orgulhoso da sua fina porcelana dourada, do seu comprido bico elegante, da sua asa larga e cómoda; era magnífico e falava incessantemente das suas vantagens. Mas não dizia palavra da sua tampa: esta estava rachada e consertada; era um grande defeito, e ninguém gosta de falar dos seus próprios defeitos; os outros se encarregavam disso. O bule bem sabia que as chávenas, o açucareiro, a leiteira e até a bandeja, isto é, que todo o serviço pensaria muito mais na sua tampa estragada e falaria mais dela do que do seu bico tão graciosamente recurvado e dos belos desenhos que o adornavam.

— Conheço-os a fundo, — dizia ele consigo —; também conheço o que me falta, porque tenho muita modéstia. Todos nós temos os nossos defeitos; mas quanto a vantagem, uns têm mais, outros menos. As chávenas têm uma asa, o açucareiro uma tampa; eu tenho uma e outra coisa e, além disso, tenho um bico de muito bom gosto! Os outros não têm nada que se compare: assim, eu sou o rei de todo o serviço. Mas não nos cinjamos a estas perfeições simplesmente exteriores: o açucareiro, a leiteira, o que levam? Coisas boas, agradáveis ao paladar, mas acessórias; eu levo bebidas delicadíssimas. Os humanos procuram-me para se desalterarem com delícia!

Tiram de mim saúde e bom humor; eu transformo, com a ajuda das filhas trazidas da China longínqua, a insípida água quente num néctar divino.

Estes e outros discursos análogos, repetia-os o bule muitas vezes; e não imaginam como ele estava satisfeito quando a mão pequena e fina de uma formosa rapariga lhe pegava para servir os convidados, vestidos com os seus trajos mais belos, no meio do salão resplandescente de luz!

Mas um dia essa bonita mão foi desastrada; o bule caiu; quebrou-se-lhe o bico, soltou-se-lhe a asa; quanto à tampa, como já tinha a sua conta, pouco mais sofreu. O pobre bule jazia no meio do chão, derramando o seu chá tão perfumado. Foi um duro golpe; mas o que havia de mais triste nisto, era ver tudo a rir, não da falta de jeito da bonita rapariga, mas da figura ridícula do pobre bule mutilado.

— Hei-de sempre recordar-me daquele movimento terrível, — dizia, passado muito tempo, o bule, quando rememorava a sua brilhante carreira. — Tratavam-me como um inválido, meteram-me num canto como objecto inútil, e um dia deram-me a uma pobre que pedia um bocadinho de pão.

«Eis-me descido às camadas inferiores onde reina a miséria; sentia-me aniquilado pela dor. Mas foi só então que eu compreendi bem que um poder superior velava sobre nós e a que altos destinos era eu chamado pelos caminhos mais extraordinários.

«Encheram-me de terra e ainda não compreendia nada do que me estavam fazendo. Depois puseram naquela terra uma cebola; a bonita rapariga tinha-a dado à filha da pobre; e provinha do Jardim del-rei.

E aquela cebola animou-se, mexeu-se, tornou-se para mim um coração cheio de vida; dantes era coisa que eu não tinha. Sentia forças desconhecidas agitando-se em mim, e como que um pulso a bater. A cebola germinava, rebentava; as virtudes, ocultas no seio dela, desenvolviam-se admiravelmente e acabaram por desabrochar numa belíssima flor. Vendo-o, esqueci-me de mim mesmo, dos meus dourados e dos meus antigos esplendores. Oh! como é agradável esquecermo-nos de nós mesmos na contemplação de um outro! A linda flor, essa é que não pensava em mim; toda a gente estava maravilhada, em êxtase diante das suas cores tão delicadas; o seu perfume embalsamava. Como eu estava orgulhoso por lhe ter servido de berço.

Um dia, um amador veio admirá-la e declarou que ela merecia um vaso mais bonito do que um bule. E, para melhor a transplantarem, quebraram-me ao meio. Oh! que dor! tanto no moral como no físico! Atiraram-me para um pátio e ali fiquei depois como um caco velho. Às vezes os rapazes pegam-me em guisa de brinquedo, e tenho ainda alguns momentos bons. São raros, mas consolo-me passando pela memória os altos destinos. A flor que nascera no meu seio voltou ao salão a que eu durante tanto tempo tinha servido de ornamento.

★

Filosofia de Cábulas

Dois estudantes, ao sair da aula, não sabem em que entreter o tempo. Discutem e chegam a acordo:

— Atira-se uma moeda ao ar; se a cara ficar para cima, vamos ao cinema; se para baixo, vamos passear.

— Está visto. E se a moeda ficar de pé, então vamos estudar.

Lição de Amor

de António Boto

Uma rata vivia feliz com as suas cinco filhas.

E eram tão tímidas e novinhas que, quando a luz do sol entrava no buraco ficavam cegas de todo e corriam atordoadas para os recantos escuros.

Mas isto não quer dizer que receassem manifestar certa valentiazita — poque a tinham de verdade, como veremos mais adiante.

A mãe, amiudadas vezes, contava-lhes histórias de aventuras de outras ratas que foram nobilíssimas pelo heroísmo e até pela inteligência.

E rematava sempre com aquele episódio de uma das muitas heroínas ter conseguido arrancar das unhas de um gato dois pedaços de queijo suiço.

— Mas reparem, minhas filhas, que era um gato muito grande e muito vivo!

Ficavam atordoadas, e todas queriam ir à procura de um gato para exercerem sobre ele os suplícios mirabolantes da dentada, a fim de que na «História das Grandes Ratas» houvesse, também, sobre elas, uma página de louvor e um rasgo de assinalado motivo.

Eram, de facto, corajosas: na fantasia, nas palavras, no sentir, nas atitudes.

Entretnto, dia a dia, cresciam de tal maneira que até se viam crescer.

Uma noite, a rata mãe, resolveu sair com elas.

— Vá, meninas, preparem-se para o primeiro passeio...

Contentíssimas, aos saltos, exclamavam abraçadas e a rir:

— Apanhamos, pelo menos, uns oitenta e sete gatos!

E foi necessário que a mãe lhes ralhasse àsperamente para as meter na ordem obrigando-as a uma certa e indispensável compostura social.

Mal sairam do buraco, emocionadas, nervosas, tropeçaram umas nas outras e cairam em cambulhada.

— Então, o que foi isso? — perguntou a mãe, voltando-se. Estou a arrepender-me de as ter trazido. Parvalhonas! Súcia de parvas!

— Mas que feio, minha mãe!

— Ai que me piquei não sei onde! — diziam as duas mais novinhas.

— Bateram-me nas orelhas!

— Olha, um gato, ali deitado!

— A aquilo, o que é?

Assim falavam as outras.

— Um gato? repetiram as primeiras, tontas de susto, encostadas umas às outras.

— Qual gato, qual carapuça! Então as meninas não vêm que é a sombra de uma folha de marmeleiro? Pois não vêm que é uma sombra e nada mais?

— Ai, que medo minha mãe!

E voltaram para o buraco, que ficava mesmo ali, aborrecidas de terem entrado na vida com a noção errada do que a própria vida é.

Do livro «**O Barco Voador**»

★

Quando o sábio nos ofender, satisfaça-nos o seu infalível arrependimento; se é um parvo que nos ofende, mais parvo é quem se vinga.

Séneca

PASTORES DE BELÉM

por *Leopoldo Machado*

(Figuras e encenação: Natal. Dois meninos, pequeninos, vestidos de pastores diante do presépio. Dialogam).

— E a estrelinha, Daniel, que já não vejo?
Ela desapareceu?

— Olhe aquele clarão: é a luz dela
Que nos conduz onde Jesus nasceu...

— Porque os anjos do Céu, sòmente a nós,
Pastores de Belem...

— Porque somos humildes, simplezinhos,
E Jesus é a humildade, o amor, o bem...

— Olhe; lá está a estrela que nos guia.
É que a gente está perto de chegar...

— Vamos depressa, então. Estou ansioso,
Para ver Jesus e o venerar.

— Jesus hoje nasceu p'ra toda gente.
Que alegria! que prazer! que sensação!...

— Deve agora nascer
Em nosso coração.

— Os anjos nos disseram, com bondade:
«Gloria a Deus nas Alturas;
Paz aos homens que têm boa vontade».

— Boa vontade, que é
Amor, fé, humildade, muita união.

— Coisas que a gente tem,
Que somos simples, bons de coração.

— O Cristo, sendo Mestre e Salvador,
Só a nós se anunciou por uma estrela.

— É a prova, Misael, de seu amor.

— E aviso feito a nós, da Imensidade,
Para termos mais fé, mais humildade...

Receita para Boas Maneiras

Generosidade	3	gramas
Tintura de bom humor ...	30	»
Essência de pensamento	3	»
Óleo de caridade	3	»
Infusão de Amor	60	»

Deve tomar-se o remédio logo que se sinta o mais leve sintoma de egoismo, mesquinhez, baixeza de sentimentos ou aspiração de superioridade.

MARDEN

«O Sucesso Pela Vontade»

A AVÓ

por Sibil

Era quase meio dia. Na cozinha rústica tudo respirava ordem e asseio. Num canto, duas crianças brincavam. Com muita dificuldade — porque tinha uma perna entrapada — a mãe acabou de preparar o jantar e arrumou-o no cesto.

Depois, voltando-se para os filhos — uma pequena dos seus onze anos e um garoto de nove — disse-lhes:

— Aqui têm. Vão levar o jantar ao pai, mas não se demorem pelo caminho. Agora os dias são pequenos e depressa cai a noite. Ele hoje está a trabalhar mais longe, quase ao pé do pinhal.

Havia oito dias que os pequenos iam levar a comida ao pai, um trabalhador do campo, porque a mãe entornara água a ferver por cima de um pé e não podia andar.

Os dois irmãozitos sairam e a mãe ficou um instante à porta, seguindo-os com a vista. Depois voltou para dentro e começou a arrumar a cozinha com ar preocupado.

— Não gosto nada de os deixar ir assim por esses campos fora... para mais para os lados do barranco. Se caiem lá abaixo, com a força que a cachoeira leva, ninguém mais os vê. Deus os proteja!

Depois, erguendo a cabeça, deu com os olhos no retrato duma velhinha simpática que parecia sorrir-lhe.

— Se lá do Alto os vês — murmurou — protege-os tu, mãe. Gostavas tanto deles...

E como se esta súplica tivesse tido o condão de a sossegar, recomeçou o seu trabalho.

Entretanto, os dois pequenintos seguiam o seu caminho. Era uma manhã de Dezembro, fria, mas uma dessas manhãs de inverno, lindas, com o céu muto azul, sem uma nuvem, com o sol doirado a dar-nos a ilusão de que a primavera chegou.

Meia hora depois estavam ao pé do pai — e, como uma mulherzinha, a pequena estendeu no chão a toalha grosseira mas limpa e serviu a comida ao trabalhador que sorria contente.

Terminada a refeição, arrumou tudo no cesto e dando um beijo em cada um deles, o pai recomendou:

— Agora vão para casa e digam à mãe que eu hoje vou tarde. Tenho de ir aos Casais e, como ainda é longe, só lá pela noite adiante chego a casa... Andem lá e não fiquem a brincar pelo caminho.

— Esteja descansado, pai, nós temos juizo — prometeu a garota.

Mas quem se fia em promessas de crianças...

A pouca distância estava a mata que para as crianças pobres representa um tesoiro de brinquedos. Pinhas verdes, castanhas, ouriços.... eu sei lá... e os dois pequenos não resistiram à tentação.

Embrenharam-se pelo arvoredo dentro, corre para aqui, corre para acolá, além se apanha uma flor, depois uma pinha e acabaram por se perder.

— Vês tu, Rosa — dizia o pequeno a chorar — para que me trouxeste para aqui?

— Porque tu mo pediste... Disseste ou não que querias vir à mata?

— Lá isso disse — confessou o pequeno.

Era quase noite e nada de encontrarem o caminho, o atalho que levaria à estrada. De repente, ao sairem de uma clareira ouviram o rumor da torrente. O barranco estava perto.

— Não vamos mais adiante — disse a pequena a tremer. Sentemo-nos aqui, que, em dando por falta de nós, o pai logo vem à nossa procura.

— Ele disse que hoje ia tarde... — lembrou o pequeno.

— Passaremos aqui a noite... não temos outro remédio.

— Está tanto frio...

Conchegados um contra o outro, sentados junto de uma árvore, viam com susto a noite cair e, pouco a pouco, envolver tudo em trevas.

De súbito, uma luz brilhou... ou antes, um clarão suave que os encheu de admiração. No meio dele uma velhinha sorria, uma velhinha que eles reconheceram ser a avó.

— Então? Venham; porque esperam? A mãe já está em cuidados.

Atordoados, sem compreenderem como a avó, que sabiam morta, lhes aparecia ali, os pequenos levantaram-se e seguiram a velhinha. Esta caminhava depressa, isto é, parecia deslizar, sem poisar os pés no chão.

E assim chegaram perto de casa. Então a velha voltou-se para eles e disse-lhes:

— Vão, meus filhos, vão para casa e para a outra vez não desobedeçam aos seus pais... É muito feio e Nosso Senhor não gosta dos meninos desobedientes. Que Deus os abençoe, filhos.

Os netos viram-na desaparecer sem saberem como. Ficaram um instante parados a olhar e depois correram para casa.

— Que demora esta, filhos! — exclamou a mãe ao vê-los — Já os julgava perdidos...

— E estávamos, mãe — confessou Rosa, curvando a cabeça. Fomos à mata e se não fosse a avó teriamos de passar lá a noite.

— A avó! — exclamou a mãe num sobressalto.

— A avó, sim — confirmou o pequeno — Foi buscar-nos e trouxe-nos até a casa. E disse-nos que era muito feio ser desobediente.

A mãe ficou um instante a olhar para eles. Depois caiu de joelhos; e numa prece ardente, numa acção de graças nascida no mais íntimo da alma, exclamou, erguendo as mãos:

— Graças, meu Deus! Graças pela vossa misericórdia, permitindo que um espírito descesse à terra para salvar meus filhos!

★

O Rato da Cidade e o Rato do Campo

O rato da cidade foi uma vez visitar um rato, seu conhecido, que lhe ofereceu um modesto jantar de raizes e de avelãs.

Depois do banquete, o rato da cidade despediu-se do camarada que tão amavelmente o hospedara, prometendo-lhe também uma visita. Quando ele, passado pouco tempo, se dirigiu à cidade, foi recebido optimamente pelo rato que havia obsequiado e que em sua honra celebrou um verdadeiro festim em que abundavam os doces e o queijo. O repasto, porém, teve de interromper-se muitas vezes por causa dos criados da casa que andavam numa roda viva de uma banda para a outra e que causavam o maior terror ao rato do campo. Cheio de susto, disse ao seu amigo que preferia um jantar comido tranquilamente e em liberdade, na pobreza campestre, à magnificência sobressaltada de perigos e inquietações.

Na verdade, uma vida, sossegada, embora humilde, será mais feliz do que a que se passe, entre abundâncias, no tumulto e na desordem da maior das capitais.

Carlos Frederico
«Fábula de Esopo»

★

Prudência

— *Eu não falo do que não sei!*

— *Nesse caso, deves aborrecer-te bastante.*

— *Porquê?*

— *Porque tens de estar sempre calado.*

A VERDADE ESPIRITA

por António Martins

Tudo o que de verdadeiro apareceu à face da Terra foi sempre combatido. Não é, pois, para estranhar que a grande verdade que o Espiritismo representa tenha adversários. O Espiritismo não os teme e até mesmo os deseja, porque os seus maiores inimigos de ontem são hoje os seus mais célebres propagandistas e defensores.

Foi na firme intenção de refutarem com provas um ideal que se lhes afigurava impossível que sábios como William Crookes, Zoellner, Aksakoff, O. Lodge, Russel Wallace, Flammarion e outros estudaram durante muitos anos os fenómenos espiritas considerados impossíveis. Mas a verdade, que paira muito acima do interesse mesquinho dos homens, acabou por triunfar, dando àqueles eminentes homens de ciência provas esmagadoras da certeza espirita que a sua grande honestidade não hesitou em publicar, proclamando a existência de fenómenos supra-normais produzidos por aqueles que, já do outro lado da barreira, nos gritam a grande e consoladora realidade da vida de Além-Túmulo.

Esta classe de adversários é sempre respeitável por sua lealdade, correcção e absoluta boa-fé, o que denota já certa elevação de alma.

Atingido este grau de elevação, o homem já não diz «é impossível», porque considera loucura tratar de impossível o que está no domínio das leis da Natureza.

Mas os detractores sistemáticos revelam ausência completa de honestidade no combate a um ideal que desconhecem, completada por manifesta incapacidade na apreciação de problemas que escapam aos seus sentidos materialistas e ateus.

Desconhecem que as maravilhosas descobertas da ciência foram consideradas utopias antes de se materializarem em leis que estão na base de toda a sabedoria humana.

Razão tinha o célebre fisiologista francês, professor Charles Richet, quando escreveu:

> «*Quand on attaque* a priori *le spiritisme, ce n'est pas pour une autre raison, au fond, que sa nouveauté; car on ne peut trouver dans les faits du spiritisme rien qui contredise formellement les données établies par la science.*
>
> *Je me refuse à admettre cet argument simpliste: — c'est impossible, parce que le bon sens me dit que c'est impossible — Pourquoi impossible? Qui donc à tracé la limite de ce qui est possible ou non? Qu'on y réfléchisse bien; toutes les conquêtes de la science et de l'industrie ont été considérées, jadis, comme impossibles. Ainsi, nulle contradiction entre la science classique et le phénomène le plus extraordinaire du spiritisme».*
>
> (Quando se ataca *a priori* o Espiritismo é apenas pela sua novidade, porque nos factos que apresenta nada se pode encontrar que contradiga formalmente os dados estabelecidos pela ciência. Não me repugna admitir este argumento simplista: «é impossível, porque o bom-senso me diz que é impossível». Impossível, porquê? Quem traçou o limite do que é possível ou não? Que se pense bem nisto: todas as conquistas da ciência e da indústria foram consideradas outrora como impossíveis. Portanto, não há contradição alguma entre a ciência clássica e o mais extraordinário fenómeno do Espiritismo).

A descoberta da Galileu foi considerada impossível, como pareceram impossíveis as leis de Newton. Afigurava-se impraticável a elevação dos mais pesados do que o ar, como não se acreditava na transmissão à distância por meio das ondas hertzianas. No entanto a Humanidade tem vivido à volta destas grandes verdades.

A geração que assiste à desintegração do átomo tem de riscar do dicionário a palavra «impossível» e reforçar sua confiança para desvendar a senda do desconhecido.

Se os que negam a Verdade Espirita se compenetrassem da necessidade de estudar e profundar as leis que estão na base da personalidade humana: se descessem à arena armados com a ciência que deriva duma

consciência que estuda, pesa e raciocina sem preconceitos, disposta a julgar objectiva e serenamente a grande questão do futuro da alma; se mergulhassem com vontade no grande manancial que são os Evangelhos para ali beberem em espírito e verdade a água sagrada da fonte donde brota a certeza e a luz que ilumina as almas; se, no silêncio profundo das noites, longe dos prazeres mundanos e na meditação, descessem ao fundo da sua consciência, reconheceriam a fragilidade da matéria e das coisas deste mundo, ao mesmo tempo que descobririam a radiante potência do espírito que não nasceu e não morrerá, porque é de sempre e será eterno. Teriam a calma visão do futuro grandioso da alma e a certeza de que a vida presente é apenas «a escada de passagem» para uma vida melhor que alcançarão depois de percorrerem a imensa trajectória dos seus destinos.

A negação da verdade provém da ignorância e é a ignorância que urge combater. O homem habituou-se a negar, por considerar impossível o que a sua retina não descobre, e abraçou cegamente as ideias materialistas.

A lição dada por Jesus a Tomé não aproveitou a toda a gente. Os fenómenos espiritas são tratados de impossíveis, a pesar de, nas cidades, como nas mais recônditas aldeias, eles estarem constantemente desmentindo essas afirmações. Atribuem-nos ao demónio, que colocam no mesmo pedestal de Deus, sem quererem reconhecer antes os efeitos duma lei de equidade e de justiça através dessas manifestações que trazem arreigada em alma do povo a certeza da continuação da vida para além dos umbrais da Imensidade.

A louca temeridade dos que contestam estas grandes verdades baseadas em doutrinas fictícias e sem alicerces estáveis, seguiriam melhor caminho se abrissem as portas da sua inteligência ao estudo sério e produtivo dos problemas do espírito, que são os problemas do seu próprio futuro tão nobremente proclamados pela filosofia socrática de essência divina a desafiar a acção dos séculos, a contrastar com outros sistemas filosóficos que, como o positivismo de Augusto Comte, estão condenados a desaparecer por serem de essência terrena.

O Espiritismo, que no campo experimental abre à Humanidade as portas do infinito, proclama pelas vozes mais autorizadas dos sábios do mundo inteiro a necessidade da propagação da sua inconfundível moral. Pelo seu poder moralizador tem conquistado os melhores pensadores, do velho como do novo mundo. É que o Espiritismo é mais alguma coisa que aquilo que o vulgo conhece.

Mau grado as práticas ridículas e revoltantes da magia-negra que muitos confundem com a séria e honesta observação dos fenómenos espiritas, a sua sublime doutrina tem trazido ao caminho da verdade e do bem muitas almas transviadas a quem a vida espiritual não interessava, porque, pensavam elas, tudo se sumia com a morte.

São os regenerados pela doutrina espirita, a par dos que honestamente a combatiam antes de conhecerem a sua empolgante filosofia, que hoje enfileiram ao lado dos defensores de um ideal que se vem impondo à consciência universal.

Quanto aos que de motu-próprio não acreditam na Grande Verdade que é o Espiritismo, diremos que ainda não chegou a sua hora, como ainda não tinha chegado para aqueles que, no seu tempo, não acreditavam no Cristo feito Homem.

A Ilusão do Discípulo

por José Simões de Matos

O Mundo em que vivemos é uma ilusão. Só vemos o que é transitório. Vemos a pessoa e a apreciamo-la segundo a forma com que se nos apresenta; mas o espírito, este quase sempre escapa ao nosso exame; porque sua roupagem é de outra ordem. Muitas vezes é belo, rico, por detrás das vestes rotas do necessitado que vemos. Outras vezes é sujo, por detrás do vestuário alinhado e rico que o mundo admira.

Até no fim da vida corpórea, ele nos escapa e ilude. Onde julgamos que sorri, reclama e chora; onde o julgamos triste e desditoso, dá-nos exemplos de virtude e vida eterna. E no derradeiro momento ele se escapa e nos deixa a sós com a ilusão do corpo, que é a forma através da qual nos falava. Então vemos o que é realmente o corpo, que nada mais nos diz nem reclama; e o que é o espírito, que tudo nos revelava de sua vida tanto na alegria, como na dor. Este facto se reflecte seguidamente na vida da Humanidade, afirmando por si mesmo, a nossa ilusão.

Mas, nem por isso a Humanidade procura despertar para a realidade. Apraz-lhe continuar a viver sonhando sem notar que a sonhar vive.

Porto Alegre, de Abril de 1947.

DO SENTIR

por Ramos Pereira

A característica fundamental da natureza humana está nessa forma de conhecimento por empatia (1), por infusão, nessa forma de conhecimento que deriva da sensibilidade. O caminho do homem é mesmo o da empatia em círculos concêntricos, sucessivamente mais dilatados, ou, para melhor exprimir, num espiraloide.

Assim como a física relativista nos conduz a um meio físico, homogéneo, a que chamamos Éter, assim a metafísica existencialista nos leva à consideração de um pensamento metafísico, homogéneo-transcendental a que chamamos Ideia. A dilatação emocional no espiraloide evolutivo é uma progressiva absorção da Ideia por harmonia, por sincronização de estado. Isto é, o que realmente se deverá dar é uma interpenetração, porque nem a Ideia poderá perder um átomo da sua unidade essencial, nem o Espírito um átomo da sua unidade existencial (que no momento actual designamos por personalidade).

Suponhamos que o Espírito se arremessa ao encontro da Ideia que o atrai. (Como se faz essa arremetida? Abstraindo a forma das coisas e procurando a vibração interna, desde o infinitésimo ao infinitamente grande). Que se passará no Espírito nesse momento transcendente? Ele sente, num desbordamento total das suas potencialidades positivas; ele larga a casca pesada do condicionalismo material e caminha — inteiro — na asa poderosa da sua onda psíquica. (Se a metapsicologia nos ensina que tudo quanto o homem «é» — espiritual e somático — se propaga numa vibração electro-magnética, compreende-se a razão da terminologia usada e ainda a formidanda frequência de vibração da onda referida) (2).

Naturalmente que quanto maior for sendo a dilatação emocional, maior será o «quantum» de Ideia que se interpenetra na onda ontológica e maior irá sendo, também, a atracção para espiras mais abertas.

Daqui uma impressão de choque, o delineamento de uma onda-reflexa, uma contra-onda que, embora não tendo origem na Ideia, traz ao Espírito o seu sinal. (Só poderíamos dizer que tinha origem na Ideia se admitíssemos um centro para a mesma, um centro como o que os astrónomos supõem e em torno do qual gravitarão os cosmos galáxicos. Talvez que a muitos se afigure sugestiva esta ideia dum centro gravitacional, donde a Ideia partisse para a interpenetração e susentamento dos orbes galáxicos onde as formas pululam, a vida surge e os espíritos evoluem. Esse centro seria Deus e... a negação de Deus, porque supor-lhe localização era negar-lhe a essência inconsentânea com a ideia comum de Espaço. A hipótese dum centro galáxico é, só, princípio de definição do espaço-tempo relativo).

No limite da capacidade de vibração sincrónica está o máximo de atracção-repulsa — a repulsa é função da frequência da onda-reflexo (3).

Tal como a onda é uma efusão de Amor, a contra-onda é uma infusão de Dor. Do choque da contra-onda com o relativismo do fulcro existencial (Espírito), acompanhado imediatamente da sensação de incapacidade de transcender aquele limite, de inferioridade perante a magnitude da Ideia, provém a Dor que, se não é desesperada, é, pelo menos, angustiosa. (Não pode haver desespero onde há conhecimento seguro de fins, onde há conhecimento do modus operandi *com as infinitas potencialidades latentes no Espírito (4). Mas há angústia, porque no limite vislumbra-se um abismo de plenitude extática, que nos atrai, ao mesmo tempo que forças poderosas em nós albergadas nos forçam à constricção dos espaços formais. Angústia de querer e não poder).*

Dor por não conseguir fazer do amanhã

---

(1) — Vide V. Viquera in «La Psicologia Contemporânea», págs. 72-83.

(2) — V. «Energias Psíquicas», publicado in «Estudos Psíquicos», vol. III, n.º 2, pág. 57.

(3) — V. Santo Agostinho in «Confissões» e Johannes Hessen in «Filosofia dos Valores», pág. 116.

(4) — V. Soren Kirkegaard in «Desespero Humano».

HISTÓRIA QUE PARECE CONTO...

O CASO EXTRAORDINÁRIO DO CAPITÃO DUVAL

(Tradução de I. D. S.)

por Matias E. Calandrelli

Durante a primeira guerra mundial, os homens de ciência preocuparam-se intensamente com o caso extraordinário de um oficial francês a quem o destino negou a graça de morte instantânea.

O dito oficial foi recolhido moribundo no campo de batalha, com a cabeça meio desfeita pela explosão de uma granada. Conduzido ao hospital, o infeliz esteve três meses estendido de costas, imóvel e presa de febre altíssima, vigiado e atendido constantemente por médicos e enfermeiros, até que um dia começou a melhorar. Declinou a temperatura, as feridas deixaram de supurar, reviveram em tímidos movimentos os membros paralisados e poucas semanas depois eram tão evidentes as melhoras, que os facultativos resolveram retirar-lhe a sonda gástrica com que alimentavam o enfermo.

Apareceram então os primeiros anúncios de vida psíquica, e o despertar da consciência coincidiu com os primeiros sinais de dor. Sinais vagos, é certo, e um tanto absurdos; gestos, estremecimentos bruscos e gemidos. Estes últimos eram causados principalmente por ruídos intempestivos e pelos raios de luz, ao abrir das janelas, ao aproximar-lhe dos olhos uma lâmpada acesa, ao cerrar uma porta com estrépito, etc. E a tal ponto se intensificaram as reacções provocadas pela luz e pelos ruídos, que os médicos resolveram manter o enfermo às escuras e em completo silêncio.

Esta situação durou algumas semanas, ao fim das quais, longe de sossegar, o pobre homem começou a dar mostras de grande agitação. Movia os braços e as pernas com tremores convulsivos; abria desmesuradamente os olhos, fazendo-os girar nas órbitas, como se quisesse explorar o espaço; estendia os lábios, torcendo-os e retorcendo-os em gestos impressionantes e emitindo grunhidos e ronquidos bem pouco humanos. Por momentos, parecia que a causa de tanta inquietação era invencível dificuldade de articular palavras. Por fim, conseguiu-o; mas só emitia frases truncadas, sem sentido, pronunciadas com voz estranha, gutural, como estrangulada por sofrimento atroz. O rosto exprimia angústia infinita e não raro verdadeiro espanto. Aparentemente dominado por visões horrendas, o mártir cravava os olhos num ponto do espaço e da garganta deixava escapar uivos afogados, lúgubres, arripiantes. Foi necessário aplicar-lhe injecções de morfina. Os seus nervos acalmavam-se sob a acção do tóxico e um sono de chumbo caía como lápide sobre a sua miserável humanidade.

/ / /

Os médicos estavam completamente desorientados. Reuniam-se todos os dias em conferência, mas não adiantavam grande coisa. As espantosas feridas já estavam cicatrizadas. O enfermo não podia manter-se de pé. Tinha perdido o sentido do equilíbrio, mas movia correctamente os braços para levar os alimentos à boca e para tapar os olhos e os ouvidos, quando a luz ou um ruído intenso o incomodavam.

Não é preciso dizer que os galenos discutiram o caso com profusão de argumentos científicos, embora não conseguissem diagnóstico verosímil. Era evidente que o enfermo não sofria de cegueira nem de surdez, visto que reagia intensamente à luz e ao som. Mas havia nos seus olhos uma vagueação só comparável à dos cegos; e quando se falava, além de aguçar o ouvido, parecia concentrar ansiosamente a vista em qualquer coisa que só ele via. Igual concentração visual se produzia cada vez que pronunciava, a gaguejar, alguma frase apenas inteligível.

O especialista de ouvidos declarou que os do paciente se encontravam em perfeito estado e o oftalmologista diagnosticou «fotobia», ou seja horror à luz, circunstância que impedia de examinar o fundo do olho, pois o doente contraía enèrgicamente as pálpebras ao resplendor do oftalmoscópio, soltando ao mesmo tempo um grito lancinante e, coisa estranha, levando invariàvelmente as mãos aos ouvidos. Por fim, os médicos resolveram deixar para mais tarde a resolução do árduo problema clínico, pois não

---

um presente eterno! Não é desespero do tempo, porque sabe-se *que o amanhã chegará, mas angústia pelo tempo que escorre demasiado vazio e rápido no mundo das formas e demasiado cheio e lento no mundo do sentir espiritual mais puro.*

dispunham de tempo, em plena guerra, para dedicá-lo a caso tão endiabrado.

/ / /

Rodeado de silêncio e escuridão, o enfermo parecia tranquilo. Um praticante lembrou-se de experimentar luzes de várias cores e descobriu que a vermelha era perfeitamente tolerada, o que permitiu ao futuro galeno e à irmã vigia observar o doente com certa comodidade. E prestes concluiram que o pobre oficial só descansava quando dormia. Só então desaparecia do seu rosto essa expressão de amargo desconsolo que o caracterizava nas horas de vigília e que, sem dúvida, revelava a existência de enorme tragédia intima. Só então seus lábios se agitavam em murmúrio leve, semelhante a uma prece, da qual se desprendiam, de quando em quando, algumas frases desprovidas de sentido, mas bem articuladas e insistentemente repetidas, como se quisesse gravá-las na memória. Uma noite, o praticante e a enfermeira ouviram-no dizer claramente:

— Vejo o que digo... Ouço o que vejo... — frases que repetia sem descanso, obstinadamente, tratando de pronunciá-las cada vez com mais nitidez. A irmã enfermeira e o praticante olhavam-se surpresos e pareciam entender-se. Tinham coincidido na interpretação das misteriosas palavras...

No dia seguinte, após noite agitadíssima e acossado por uma ideia que, ainda que cientificamente absurda, se compadecia muito bem com o procedimento do enfermo, o futuro galeno resolveu fazer uma série de experiências no sentido de resolver o problema.

Procedendo com método, começou por averiguar se lhe era possível fazer-se compreender, falando ao doente *sotto voce*, a fim de evitar reacções intensas:

— Bons dias, senhor oficial.

O enfermo, que estava relativamente tranquilo nesse momento, embora agitando os lábios, como se falasse consigo mesmo, cravou os olhos num ponto do espaço, à esquerda, e dirigiu-os para a direita, em gesto de quem lê.

— Bons dias — respondeu, com grande surpresa do praticante.

— Ouve bem o que lhe digo? — perguntou este após intensa meditação.

O enfermo voltou a mover os olhos da mesma forma e respondeu:

— Não. Mas vejo-o.

— Como?...

— Escrito em letras de fogo...

E parecia ler, no ar, a sua própria frase...

Nesse momento, a sua cara transfigurou-se, como por encanto. O eterno desconsolo nela esteriotipado converteu-se repentinamente em expressão de felicidade inefável, corroborada pelas seguintes frases pronunciadas lentamente, sem emissão de voz, como quem fala em segredo, ao ouvido:

— Que noite divina! Noite maravilhosa! A lua cheia... imóvel... lá em cima!... Que beleza! Silêncio... Não cantam os grilos... A lua reflecte-se no lago... Passa uma barca silenciosa...

O praticante estava pálido de emoção. Nesses instantes ouvia-se ao longe um nocturno de Chopin, executado num piano da vizinhança, e a imprevista atitude do enfermo significava que estava a ouvir aquela música.

Não havia dúvida de que o som determinava sensações luminosas. Faltava averiguar se a luz produzia reacções auditivas. O praticante chamou a irmã enfermeira, contou-lhe o sucedido sem que ela demonstrasse grande assombro, como se se tratasse de facto previsto, e pediu-lhe que trouxesse uma lousa e um pedaço de giz. Esta assim fez e ele escreveu no fundo negro da lousa estas palavras bem legíveis: «Como se chama você?». E dispondo convenientemente a luz vermelha, colocou na frente dos olhos do enfermo aquela frase intensamente iluminada.

— Pierre Duval — disse este, sem titubear.

— Ouviu a minha pergunta, senhor Duval?

— Sim, senhor.

Todos os médicos do hospital se reuniram no dia seguinte para estudar o estupendo caso. Repetiram as experiências do praticante, a quem a princípio chamaram visionário, e foram obrigados a convencer-se. Efectivamente, o homem via com o ouvido e ouvia com a vista, caso único na história da patologia.

Não tardou a explicação científica do fenómeno. Por casualidade que só podemos conceber, os fragmentos de granada haviam determinado no cérebro do doente uma série de ligações entre o aparelho auditivo e o aparelho óptico, com intervenção indubitável dos correspondentes nervos e centros cerebrais. Trata-se de nervos «diferentes», assim chamados, porque reagem nele de modo especial. Toda a excitação do nervo óptico (eléctrica, mecânica, química ou térmica) se resolve em sensações luminosas, assim como qualquer estímulo dos nervos acústicos origina sensações auditivas; e se essas sensações, recebidas e transmitidas pelo nervo óptico, vão parar a um centro auditivo, impressionando-o elèctricamente ou mediante energia desconhecida, não é de estranhar que o dito centro, especializado como está na captação de impressões sonoras, interprete como sons as irritações transmitidas por um nervo, cujo estado, na esfera da bioquímica, tenha sido modificado sob a influência da luz. Inversamente, não é de admirar que um centro óptico traduza em impressões luminosas qualquer irritação recebida através de um nervo auditivo.

Os métodos enredaram-se em prolongadas discussões. Para explicar alguns factos paradoxais que pareciam contradizer a teoria, acabaram por admi-

tir a ingerência da circunvalação de Broca, no desenvolvimento de tão complicados fenómenos.

Citarei algumas das inumeráveis experiências a que foi submetido o Capitão Duval, nos últimos dias da sua misérrima existência.

Uma noite, os experimentadores fizeram executar a *Avé-Maria* de Schubert por um excelente pianista. Aos primeiros compassos, o enfermo juntou as mãos em atitude suplicante e os seus lábios murmuraram uma prece. Depois aproximaram-lhe dos olhos um papel com esta frase: «Que vê você?» e ele respondeu:

— Vejo a Virgem Maria com o Menino Deus nos braços.

O *Luar* de Beethoven, a cavalgada das *Walkirias*, o canto das ondinas no *Crepúsculo dos Deuses*, a *Casta Diva* e muitas outras obras-primas de autêntica inspiração foram visualmente interpretadas com impecável correcção.

Um pintor lembrou-se de que o «caso» podia ser aproveitado para conhecer o verdadeiro valor de todas as obras de arte, pois assim como «viu» um nocturno de Chopin, bem podia «ouvir» um quadro de Corot.

— «E digo Corot — explicou o artista —, porque o considero tão grande na sua arte, como Chopin na sua.

Os factos ratificaram a previsão do pintor.

Efectivamente, sempre que lhe punham em frente dos olhos uma paisagem de Corot ou de outro grande artista, o enfermo «ouvia» rumor de folhas, gorgear de pássaros, coaxar de rãs, chilrear de grilos, mugidos, balidos e ladridos, tudo, enfim, que se ouve no campo, em perfeito acordo com a hora e demais circunstâncias expressas na tela.

Fixando os olhos numa deliciosa marinha de transparentes e encrespadas águas, — sem a ver, certamente — disse que lhe parecia estar à beira-mar, pois ouvia o marulhar das ondas e o sibilar do vento.

Em compensação, as reacções do oficial eram totalmente inesperadas quando «ouvia» um quadro ou «via» uma música deficiente. Os pintores que não se dignam imitar a obra de Deus e preferem pintar ao sabor da inspiração, obtêm resultados desagradáveis. Cada vez que lhe mostravam quadros desse tipo, dizia ouvir ruidos estranhos, ásperos, enfadonhos, absolutamente alheios ao pretenso conteúdo da tela. Só uma vez, ainda que parcialmente, a sua interpretação auditiva coincidiu com o representado num desses quadros. Tratava-se de uma marinha sem valor e o capitão, ao fixá-la, experimentou uma impressão indiscutivelmente hidráulica, porque disse:

— Ouço o *glu-glu* de uma cloaca...

Pelo contrário, com música deficiente jamais se observou a menor coincidência. Vale a pena citar a este respeito o que ele disse uma noite, enquanto aos seus pobres ouvidos surdos chegava uma destrambelhada composição musical, intitulada *Luar*, como a de Beethoven:

— Vejo o interior de uma sapataria...

O que não admitia dúvida era que o desgraçado capitão, cego e surdo em presença do sonoro e luminoso mundo exterior, podia ver e ouvir tudo o que se passava no interior da sua espantosa tragédia. As suas visões seriam, certamente, de contornos nebulosos, irreais, espectrais, como as que deambulam nos sonhos e nos pesadelos. A suas impressões acústicas, que surgiam diabòlicamente na intimidade de massa encefálica horrivelmente maltratada, chegariam à consciência, Deus sabe com que estranhas sonoridades... É difícil imaginar maior suplício.

Quando o capitão Duval compreendeu inteiramente a situação, só desejava morrer.

Certa manhã encontraram-no morto na cama. Tinha cortado as veias do antebraço com uma navalha de barba.

(De *Lá Nación*, de Buenos Aires)

POSTAL ESPIRITA

O ideal do espiritista é da alvura do lírio. E, como o lírio, perfumado de espiritualidade.

Deve ter, assim, à frescura, o perfume e a côr do lírio, incontestavelmente a flor mais simples e alva e de perfume estonteante.

Onde e como se nutrem os lírios?

Nascem nos pantanais e nutrem-se da lama.

Sem o lodo que é o seu melhor adubo, o lírio não seria de tanta alvura e de tanto viço.

É o imundo contribuindo para a beleza. É o negrume adubando, substancialmente, a alvura imácula.

O ideal do espírita, no mundo em que planta realizações admiraveis é bem como o lírio no pântano.

E, como o lírio, precisa de lama e de lôdo para florescer. Precisa da lama — o dinheiro — para realizar sua alvura imácula e do lodo — a moeda corrente — para a irradiação de seu perfume de bondade e de santificação, que é o bem. O bem, que por toda parte vai realizando, sem indagar ao beneficiado por sua côr e credo e raça.

Perfume e alvura, já de toda gente tão conhecidos, que, no Espiritismo, tudo se quer de graça. Esta, a compreensão, até de muita gente que se diz espírita...

Que se dê tudo de graça em nome do Espiritismo, tudo!

Mas o espírita de verdade, que recebe de graça tudo de seus irmãos de ideal, podendo concorrer com um pouco de «lama para a alvura do lírio do ideal espírita»; que, de graça, lê jornais e livros espíritas, não será um criminoso perante a marcha da Doutrina, que lhe deve ser tudo na Vida?

Talvez valesse a pena meditar um pouco no caso!

De *O Lar*, de Nova-Iguassú)

"LUZ NO CAMINHO"

ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA acaba de lançar esta obra de Isidoro Duarte Santos, director da revista «Estudos Psíquicos».

Livro de grande projecção doutrinária, terá lugar marcado na bibliografia do género. Os pontos básicos do Evangelho são ali estudados à luz da Nova Revelação; e os ensinamentos do Cristo, harmonizados com a Dutrina Espirita, assumem extraordinário relevo.

Eis o sumário desta obra, destinada a portugueses e brasileiros:

Dedicatória. — Exórdio. 1 — O Reino de Deus. 2 — A Árvore da Vida. 3 — A Missão de Jesus. 4 — «Eu sou o Caminho». 5 — Jugo Suave. 6 — O Dia do Julgamento. 7 — Raça de Viboras. 8 — O Pão da Vida. 9 — Os Mortos. 10 — Germinação. 11 — O Escândalo. 12 — O Juizo Final. 13 — Ide e Pregai. 14 — Deus e César. 15 — Herdeiros. 16 — Caridade. 17 — Casamento e Divórcio. 18 — Geração Incrédula. 19 — Verdadeiros e Falsos Profetas. 20 — O Sofrimento. 21 — Realeza Moral. 22 — Eunucos. 23 — Tirania Mística. 24 — O Arado da Regenração. 25 — Justiça das Aflições. 26 — O Fariseu e o Publicano. 27 — A Provação da Riqueza. 28 — O Joio entre o Trigo. 29 — Laços de Família. 30 — A Parábola do Semeador. 31 — A Porta Estreita. 32 — «O meu Corpo e o meu Sangue». 33 — O Dia de Sábado. 34 — Morte Espiritual. 35 — As Bodas de Caná. 36 — A Parábola dos Talentos 37 — Os Filhos do Século. 38 — Os dez Leprosos. 39 — A Grande Missão. 40 — O Corpo e o Espírito. 41 — Caridade Moral e Material. 42 — Fazer Penitência. 43 — O Filho Pródigo. 44 — É Preciso Nascer de Novo. 45 — O Orgulho. 46 — A Verdadeira Fé. 47 — Água Viva. 48 — Como se Adora o Pai. 49 — Tentações. 50 — A Verdade Vos Fará Livres. 51 — As Moradas do Pai. 52 — «Não Servos, Mas Amigos». 53 — Sal da Terra, Luz do Mundo. 54 — A Dracma Perdida. 55 — Jejuar. 56 — Ressurreição Para a Vida. 57 — Bens Terrenos. 58 — O Perdão das Ofensas. 59 — Indulgência e Severidade. 60 — Os Pobres de Espírito. 61 — Quem Não Odiar Pai e Mãe. 62 — Reconciliação. 63 — Culpabilidade e Responsabilidade. 64 — A Pecadora. 65 — Negação de Pedro. 66 — Odres Novos, Vinho Novo. 67 — A Conversão de Zaqueu. 68 — Perseguições. 69 — A Multiplicação dos Pães. 70 — A Confissão. 71 — Perseverar. 72 — Males Extremos. 73 — Ressurreição. 74 — O Físico e o Moral. 75 — Loucura. 76 — Imortalidade. 77 — Epoca da Regeneração. 78 — Os Últimos Serão os Primeiros. 79 — Páscoa. 80 — Lâmpada. 81 — A Síntese das Leis. 82 — Exortação Final.

Preço — Brochado, 27$50 — Encadernado em percalina, 37$50

Auxílio aos Necessitados

Destinados a prestar auxílio aos necessitados na quadra do Natal, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Transporte do último número	3.025$50
Bernardo Correia de Almeida, de Alcobaça	10$00
Um consócio	20$00
Ilda Sacavém Horta, de Lisboa	50$00
Aurélio Pratts Silva, de Lisboa	10$00
Carlos Bivar, de Lisboa	10$00
José Joaquim, de Faro	7$00
Anónimo, de Lisboa	50$00
A. Vieitas, de Cascais	20$00
A. Mendes, de Lisboa	10$00
S. A. S., de Lisboa	10$00
Maria de Vasconcelos, de Lisboa	10$00
Artur Levi Gomes, de Lisboa	10$00
Luís António Branco, de Lisboa	50$00
António C. Guedes, da Régua	20$00
Beatriz Semide Abrantes, de Lisboa	10$00
Manuel Tavares, de Lisboa	20$00
Alberto César Soares, de Vila do Conde	10$00
José de Oliveira Rebordão, de Lisboa	20$00
Jaime Varela, de Leiria	20$00
Isaac Marques, de Viseu	20$00
Jaime João Jerónimo, de Lisboa	115$00
Laura Valdez, de Lisboa	20$00
Uma Camponesa, de Lisboa	20$00
António C. Branco, de Vila do Conde	10$00
Eduardo Pratas, de Lisboa	10$00
Tenente Monteiro Lourenço, da Guarda ...	20$00
Armando Madeira, da Nazaré	20$00
Albano Ribeiro, do Porto	20$00
Romão Velez, de Campo Maior	7$50
Matias Nobre, da Marinha Grande	10$00
Isaura Teixeira, de Lisboa	100$00
Lília Costa e Silva, de Lisboa	20$00
Artur Luís Pereira, de Lisboa	10$00
Arnaldo C. Cruz, de Lisboa	5$00
Belarmino Lemos, de Odemira	10$00
António Duarte de Almeida, de Lisboa ...	20$00
Ernesto B. de Andrade, de Lisboa	20$00
José Farinha, de Angra do Heroísmo	20$00
Anónimo, de Ponta Delgada	40$00
Tenente Espírito Santo, da Batalha	15$00
Álvaro Garcia, de Bragança	20$00
David da Silva Guimarães, do Porto	20$00
Joaquim Salgueiro, de Setúbal	20$00
Anónimo, de Lisboa	10$00
Outro anónimo, de Lisboa	10$00
C. V. S., de Lisboa	20$00
Cesaldina E. Gonçalves, de Lisboa	10$00
António Martins, de Almada	30$00
José Augusto Gonçalves, de Lisboa	20$00
XX, de Lisboa	5$00
XXX, de Lisboa	10$00
Manuela Martins, de Lisboa	15$00
Augusto Lopes, de Lisboa	10$00
João José Alves, de Lisboa	20$00
Isaura Azevedo e Silva, de Lisboa	10$00
M. Conceição S. Santos, de Lisboa	20$00
Maria de Jesus M. Figueiredo, de Lisboa	20$00
Joaquim Teixeira, de Vila Real	10$00
Adelaide J. Ferreira, do Cartaxo	20$00
César Alves, de Coimbra	20$00
Soma	4.245$00

(Continua)

José Carlos de Chelmicki Afflalo

No dia 12 de Novembro último embarcou para o Rio de Janeiro o nosso querido amigo e confrade José Carlos de Chelmicki Afflalo, que em Maio viera a Portugal, a fim de restabelecer as forças sèriamente abaladas. Graças a Deus, que alguma coisa conseguiu e não de pouca monta, porque, se não foi inteiramente restaurado, como era conveniente, atingiu quase a normalidade.

Já conhecíamos Chelmick Afflalo desde 1938, quando esteve a penúltima vez em Portugal. Desse nosso convívio resultou a fundação desta revista, que ele animou com o primeiro donativo oferecido pela Fundação Marieta Gaio, de que era tesoureiro. Daí em diante, continuou sempre a animá-la, angariando assinantes e donativos que muito contribuiram para o bom êxito da já longa jornada que temos feito.

JOSÉ CARLOS DE CHELMICKI AFFLALO

Ainda agora, relendo a primeira carta que nos escreveu em 7 de Dezembro de 1938, datada do Oceano Atlântico, pudemos reviver aqueles tempos em que a Federação Espírita Portuguesa atravessava a maior crise da sua história, mercê de ventos contrários e tempestuosos que tresmalharam muitos adeptos.

Nessa altura, Chelmicki Afflalo conhecia-nos apenas de nome. Uma carta do velho confrade Manuel Quintão, de que ele era portador, aproximou-nos em tão boa hora, que nunca mais deixámos de ser amigos sinceros, fossem quais fossem as nossas divergências doutrinárias. Por isso, não foi sem emoção que agora relemos aquela carta, de que transcrevemos o seguinte passo bastante elucidativo para a compreensão do momento que se vivia:

«Receando que ao chegar ao Rio me seja difícil escrever-lhe, em virtude dos muitos afazeres que me esperam, aproveito a oportunidade, visto o mar estar sendo bom amigo, para lhe escrever esta cartinha, não só para testemunhar a minha gratidão, mas também para mais uma vez lhe confessar que foi no seu lar onde eu encontrei o verdadeiro ambiente que todo o espírita devia ter, isto é, saber receber com aquela fraternidade e franqueza que tão agradáveis são para quem sabe apreciar esses inesquecíveis momentos».

Esta carta foi para nós de verdadeira consolação e radicou ainda mais em nossa alma a estima que lhe consagráramos.

★

Seguiram-se nove longos anos de lutas incessantes. Pusemos à prova a nossa resistência física e moral; provámos o fel da taça

em muitos lances dolorosos e dificeis, durante os quais sentimos profundamente as setas ervadas da intriga, da calúnia e do ataque traiçoeiro; vimos afastar alguns amigos que não tiveram força para resistir a contágios deletérios sem outro objectivo que não fosse a destruição pura e simples da nossa obra; assistimos a verdadeiras ciladas, a ameaças incriveis, a lutas porfiosas dirigidas a este baluarte, como se da sua extinção resultassem ondas de prestígio para a Causa... Enfim, o assédio intensificou-se cada vez mais, chegando a atingir a nossa própria família, o nosso lar. E no meio desta espantosa vaza, deste pântano imundo que projectava ao longe excrescências de toda a espécie, um homem se erguia insensivel às chicotadas do tremedal... E ficou de pé até passar a caravana...

Chelmicki Afflalo assistiu de longe ao furacão, mantendo sempre a mesma linha de coerência. Amigo verdadeiro e servidor do Ideal, incapaz de pactuar com a doblez e a insídia, incorrupto como o sal da terra, de que fala o Evangelho, espartano pela índole e puritano pelo sentimento que lhe exorna a alma sensivel e por vezes ingénua de português do Norte, continuou na sua torre de vigia, indiferente à mentira que rastejava como serpe venenosa e o seu auxílio não teve soluções de continuidade. A Fundação Marieta Gaio e o nosso conterrâneo e amigo Manuel Jorge Gaio enviaram-nos sempre valiosos donativos veiculados por Chelmicki e a nossa marcha não estacionou um só momento, a pesar das dificuldades quase insuperáveis que a Guerra Mundial erguia em nossa frente. Quando alguma falta aparecia, aparecia também a sua alma acolhedora. Aqui está parte da razão por que atravessámos incólumes alguns períodos graves da nossa vida de jornalista ao serviço da Doutrina...

★

Desta vez já nos conheciamos melhor; e os quinze dias que o tivemos em nosso lar, se foram, por um lado, de grande prazer espiritual, porque é sempre agradável ter hóspedes como Chelmicki Afflalo, que sabem integrar-se no agregado familiar e constituir precioso elemento de vida e dinamismo, por outro lado serviram para aumentar ainda mais a saudade da sua breve passagem por Lisboa.

Tivemos muitas conversas com este homem aparentemente sorumbático, cuja máscara de ferro encobre um verdadeiro humorista com quem apetece conviver, que em tudo vê o lado bom das coisas de harmonia com as máximas evangélicas e que não mede sacrifícios quando se trata de erguer bem alto o lábaro que há quarenta anos empunha com denodo, sem quebrantamentos de fé ou de energia. Falámos do nosso trabalho e dos projectos futuros que idealizamos e tivemos ensejo de lhe ouvir opiniões judiciosas que muito contribuirão para consolidar a obra que empreendemos e que esperamos levar a bom termo, com a ajuda de elementos preciosos dispostos à faina laboriosa, mas dignificante, de espalhar aos quatro ventos as verdades do Espiritismo.

Chelmicki Afflalo está identificado com as nossas realizações. É um amigo às direitas que se alegra com os nossos triunfos e sofre com as nossas desilusões. Os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor puderam ouvir-lhe palavras de apóstolo interessado no saneamento das agremiações espiritas, palavras sinceras que fizeram vibrar quantos as ouviram e que demonstraram o carinho que vota ao ideal que o acalenta.

★

Chelmicki Afflalo acompanhou-nos na viagem a Santarém, no dia 26 de Outubro, e teve ensejo de falar na inauguração da 1.ª filial do Centro Espiritualista Luz e Amor. A sua exposição improvisada foi qualquer coisa de electrizante, tal o sentimento e o entusiasmo com que defendeu a pureza do Ideal, tal a convicção com que aconselhou os dirigentes da nova célula a trabalhar sob os auspícios de uma agremiação que alguns serviços vultosos já conta nos seus anais.

Estas ligeiras notas são insuficientes para dar a ideia exacta da acção meritória que tal amigo exerce no sector em que mourejamos. Mas, nem isto é biografia, incompatível com uma notícia pessoal, nem o momento é azado para louvores, que iriam feri-lo na sua modéstia. Se estas palavras escrevemos, é para mostrar os laços que o prendem à nossa revista; e no momento em que o vemos abalar em demanda da formosa Guanabara, não podemos deixar de sentir o vácuo que a sua ausência produziu em nós, habituados, como estávamos, ao seu convívio.

★

12 de Novembro. Duas horas da tarde. O Serpa Pinto ergue-se imponente junto às muralhas da Gare Marítima de Lisboa e

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

LE CORPS, L'ESPRIT, por *Georges Gonzalès*. Paris. Edição do Autor. 126 págs.

Neste pequeno volume, o escritor francês esboça um verdadeiro ensaio sobre a natureza do espírito e das suas potencialidades, dilatando-o num perfeito estudo do paralelismo psicofisiológico. Mas... o autor, modestamente, subintitulou-o de... «complementos do ensino espiritualista»; e mais modestamente ainda reconhece a sua dívida de gratidão para com aquele que o «ensinou»: — o Guia, o seu mestre espiritual. Lendo as comunicações de «Modesto» — pseudónimo do Guia — fica-se com a impressão inconfundível da presença de um intelecto poderoso, de um Espírito pujante de certezas conquistadas por um esforço digno e perfeitamente encaminhado na estrada da Verdade. Não sei quem mais admirar: — se o Guia que disserta, que esclarece, que ensina; se o discípulo que tão completamente hauriu os seus ensinos e tanta generosidade mereceu. Para nós, o cap. X — «as mediunidades e a intuição» — é dos mais valiosos. O problema da mediunidade intuitiva é—porque não dizê-lo? — resolvido; e quanto ao da mediunidade geral, é atirado sem falsos pudores para o campo das realidades vividas.

Gostaria de ver este capítulo traduzido para as páginas desta Revista. Muitos assistentes de sessões mediunicas e... muitos directores de sessões tirariam dele matéria de sobejo para estudo e até para modificar um pouco as suas atitudes. Não resistimos a traduzir as seguintes passagens: — «o nome signatário (das comunicações) nada quer dizer; é preciso acolher com a maior reserva a grandiloquência das indicações de identidade. Certos espiritas e espiritualistas procuram obter um vocábulo de envergadura porque julgam ter assim um escrito mais elevado; no momento em que a comunicação é assinada pelo Santo X... ou Santa Y..., inclinam-se com respeito diante do ensino e aceitam-no em bloco», muito embora não haja um traço de semelhança entre o escrito e a personalidade do suposto autor — acrescentamos nós.

Com «Las Noures» de Ubaldi, reputamos o cap. em referência um dos melhores estudos sobre a natureza e valor da mediunidade intuitiva, ou (porque não?) do misticismo mediúnico.

---

grande multidão se aglomera no cais à espera de que o barco demande a barra, após os últimos abraços de despedida. Preenchidas as formalidades alfandegárias do viajante, subimos a escada de serviço e o director e o administrador desta revista foram a bordo para acompanhar o amigo dilecto nos derradeiros minutos de permanência em Portugal. Fomos os primeiros a recebê-lo e os últimos a deixá-lo.

Como sempre, Chelmicki espalha humorismo à sua volta. Vai partir para muito longe, direito à cidade maravilhosa, *vai encontrar amigos sinceros, seus companheiros e seus iguais... mas parece que alguma coisa dele fica nesta terra acolhedora que lhe restituiu a saude abalada, nesta terra que lhe deu novas energias e o deseja ver em novo regresso.*

E com um grande abraço que traduzia amizade sincera e pacto solene de trabalhos futuros, voltámos ao Cais, enquanto o bojudo paquete lentamente se afastava...

Adeus, Chelmicki. Deus lhe guie os passos na longa viagem. Deste lado do Atlântico, tem um lar fraterno onde encontrará seis braços amigos para o receber, quando voltar à linda terra portuguesa...

Tem razão ? — pelo *Dr. Inácio Ferreira*. Gráfica Mundo Espirita. Uberaba. 1946. 398 págs.

Que admiráveis paralelos são estabelecidos nesta obra! Que resposta tão digna e magistral áqueles que tentam destruir um edifício que lhes faz sombra!...

O Dr. Inácio Ferreira não argumenta em pura teoria, mostra a realidade insofismável dos factos. O seu método de defesa é socrático, belamente socrático. Não nega, não desmente. Mostra a verdade que está escondida por detrás das afirmações tendenciosas dos anti-espiritas. E depois... quem tem razão?...

Acumula estatísticas, factos recortados da imprensa diária, opiniões insuspeitas, e contra elas as balas dos adversários mudam de trajectória e... vão ferir quem as lançou! E isto sem acrimónia; antes com uma ironia leve a temperar este molho indigesto para certos estômagos.

Num acrisolado desejo de pureza, o catolicismo brasileiro tem vindo atacando o Espiritismo, apodando-o dos mais variados e nunca lisongeiros epítetos, esquecendo ou fingindo não ver que a frase de Frei Bartolomeu dos Mártires no concílio de Trento pode sofrer adaptação aos tempos de hoje...

Por outro lado, a medicina oficial (pelo menos um

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

MEU FILHO NÃO MORREU

O nosso confrade Frederico Duarte é um velho espirita que vive há muitos anos na Grã Bretanha. Colaborador de *The Two Worlds* e outras revistas de Espiritismo, envia de vez enquando um ou outro artigo à *Revista Internacional do Espiritismo* narrando fenómenos obtidos em suas experiências. É um desses fenómenos que vamos transcrever, *data venia*, daquela revista. E fazemo-lo *in extenso*, em virtude das particularidades de que se reveste. O artigo intitula-se «O Meu Filho Não Morreu».

Dedico estes artigos aos agnósticos. Não me atreveria a expor *factos* se não estivesse absolutamente convencido e os não tivesse obtido na presença de seis pessoas, à excepção da médium.

Antes de entrar no asunto tenho a expor o seguinte: Meu filho foi alistado no Exército Inglês no começo da guerra, como soldado do South Lancaster Regiment, Saiu para Malta nas vésperas do Natal de 1941, donde foi transferido para Tobruk, na Líbia, caindo mortalmente em batalha, no dia 5 de Junho de 1942.

Enquanto esteve na Inglaterra veio ver-me algumas vezes, de licença, e quando nos despediamos usava sempre da seguinte frase:

— Do not worry, dad. I am all right. You look after your health and everything will also be all right for you. (Não se incomode, papá. Estou bem. Olhe pela sua saúde e tudo lhe correrá bem).

Na sua infância, levei-o duas vezes a Portugal. Da segunda vez conheceu muito bem minha mãe e recordava-se dessa visita. Sempre que falava na avó, dizia «your mother» (a sua mãe), nunca dizendo «minha avó».

Em Lamego e Portelo de Cambres, onde passou alguns dias, estivemos em casa de um primo chamado Pedro, que não sabia inglês, mas se entretinha a pôr o Gabriel nos joelhos, a jogar aos cavalos, gritando:

— All right! Come on! Yes!

O rapaz ria-se muito e perguntava-me porque é que o primo Pedro não dizia outras palavras em inglês. O Pedro era farmacêutico.

Meu filho sabia muito bem do meu interesse pela causa espirita; e sempre que eu saía para alguma sessão, brincava comigo. dizendo:

— Give me kind regards to the Spooks (Dê lembranças minhas aos espantalhos dos espíritos)).

Ignorava completamente a língua portuguesa e nunca me ouviu falar no Cairbar Schutel (fundador da revista Internacional do Espiritismo).

No grupo da famosa médium de transfiguração Madame Bullock, nem esta senhora, nem os amigos que ali se reuniam às segundas-feiras sabiam o que acima fica exposto. Ora, sendo eu há muitos anos um invstigador de fenómenos psíquicos, com experiências feitas em várias partes da Inglaterra, Escócia e País de Gales, sou conhecido pelo psudónimo de F. Etraud e muitos espiritas ingleses desconhecem a minha nacionalidade e até o meu próprio nome.

Confesso que algumas vezes recebi mensagens desconcertantes, de vários médiuns, mas isso em nada alterou a minha convicção de que «a morte não existe».

Munido dos factos acima referidos a respeito de meu filho, só poderia convencer-me de que ele não morrera, se qualquer médium me expusesse pelo menos um ou dois dos referidos incidentes. Não sou tolo nenhum e continuo a investigar e a apreciar fenómenos que em muitos casos parecem incriveis.

///

Em 20 de Junho de 1942 recebi do Ministério da Guerra a notícia de que meu filho, o soldado Gabriel Duarte, do Regimento Highland Light Infantery

---

sector numeroso) estrebucha e quer à viva força impedir o chamado «exercício ilegal da medicina» por parte dos médiuns que ministram passes magnéticos e aconselham água magnetizada àqueles que livremente os procuram. Charlatanismo, mistificação! De facto, é uma heresia que brada aos céus: — um não-médico a curar, a tratar e, principalmente, sem cobrar dinheiro! Pobre Pasteur, infeliz Metchnikoff, desgraçados Apóstolos! Se hoje vivesseis em certos países, serieis arrastados aos tribunais e, talvez, encarcerados!

A uns e a outros responde serenamente o Dr. Inácio Ferreira, mostrando que até entre médicos há charlatães, há ignorantes e mistificadores que apenas se salvam da cadeia pelo facto acidental de possuirem um diploma; mostrando que a pureza nem existe perfeita no seio daqueles que a negam aos outros.

O livro do director do Sanatório Espirita de Uberaba é digno de ser lido por todos os que militam nas fileiras de Kardec.

tinha sido mortalmente ferido em Tobruk, no dia 5 daquele mês.

Comuniquei ao referido Ministério que meu filho era soldado do South Lancaster Regiment e dias depois fui informado de que, tendo este Regimento sofrido graves perdas, meu filho e outros rapazes foram conduzidos de Malta a Tobruk e alistados no Regimento Highland Light Infantery. Na segunda-feira, ao entrar em casa de Madame Bullock, ela, seu marido e outros amigos ficaram muito comovidos com a notícia que lhes dei e Madame Bullock sugeriu que não realizássemos a sessão. Eu, porém, insisti em que a fizéssemos.

Os leitores avaliarão, certamente, a «atmosfera» em que nos encontrávamos então.

Depois de sentados e feitas as preces do costume, Madame Bullock caiu no seu transe profundo. E o guia principal (Rainbow) transfigurou-se e disse-me:

— Frederico, your boy is quite all right (O teu filho está muito bem).

Em seguida desapareceu e o Gabriel, com o seu uniforme de soldado, fez-nos a todos uma continência e falou-me naturalmente em inglês, dando as suas palavras textuais, que traduzo em português:

— Olá, papá! Não se incomode. Estou bem. Olhe pela sua saude e tudo lhe correrá bem.

Comecei a chorar em grandes soluços e ele aproximou-se de mim e beijou-me, dizendo:

— Vim para aqui tão repentinamente, papá! Quando me levantei do chão estava uma senhora ao meu lado direito e um cavalheiro ao meu lado esquerdo. A senhora conheço-a bem. Não é inglesa. O homem está-se a rir e fala inglês, mas também sabe português, embora não seja lusitano.

Compus-me um pouco e perguntei-lhe:

— Quem são essas pessoas?

— A senhora é *your molher* (a sua mãe) e o homem é Cairbar Schutel. O papá não tenha inveja (e riu-se muito), pois o sr. Cairbar adoptou-me como filho e vai-me ensinar muito.

O Gabriel deu as boas-noites. Cairbar Schutel transfigurou-se e falou-me assim:

— Duarte, não chores; teu filho está bem e em boas mãos!

— Deus te abençoe — respondi eu, de tal modo comovido, que a médium despertou por instrução dos guias e a sessão encerrou-se mais cedo.

Depois estivemos todos a conversar até cerca da meia noite e ali confessei que o incidente era a prova cabal de que meu filho não morreu.

Trago sempre comigo a sua fotografia e mostrei-a aos meus companheiros, que afirmaram sob palavra de honra ser aquela a fisionomia do rapaz que me falou.

Esqueci-me de mencionar que meu filho me dissera ter saído de Malta para Tobruk para se alistar no Highland Light Infantery, *notícia esta que só recebi oficialmente uns dias depois.*

Mais uma prova absoluta de que foi meu filho quem me apareceu.

Na segunda-feira seguinte, quando entrei em casa dos amigos Bullock, eu já ia resignado e convicto de que o que se tinha passado na última semana era suficiente para que eu deixasse de chorar a morte de meu filho.

Na sessão desse dia fomos visitados por um grande cómico a falar no dialecto do Lancashire e que nos alegrou muitíssimo.

///

Vestindo o seu uniforme, Gabriel sauda-nos e dirige-se agore ao senhor Bullock, quero pedir-lhe desculpa, assim como aos senhor Bullock, exclamando:

— Senhor Bullock, quero pedir-lhe desculpa, assim como aos amigos e ao papá, que aqui estão presentes. Ó sr. Bullock, aqui não há *spooks!*

— Não há que desculpar, meu rapaz. Eras inexperiente e não sabias o que sabes hoje.

— É verdade, sr. Bullock.

Então eu perguntei:

— Ó Gabriel, gostarias de regressar à terra e tomar os sorvetes no teu favorito Rusholme Bar?

— Não, não, papá. Estou aqui muito melhor e tenho melhores coisas do que aí no planeta.

Rimo-nos e Gabriel continuou:

— Papá, já sabe acerca de «sua mãe» e o sr. Cairbar Schutel, mas agora vou darlhe outra surpresa, pois todos aqui sabemos que o papá está melhor do que na semana passada. Está aqui uma pessoa amiga que o conhece muito bem. Tinha a mesma profissão do sr. Schutel. Adivinha quem é?

— Não, meu filho.

— É o *cousin* (primo) Pedro. O papá lembra-se de «All right, come on, yes»?

Os assistentes desataram a rir e Gabriel continuou:

— É verdade. O primo Pedro só sabia estas palavras, quando me punha nos joelhos a jogar aos cavalos.

Deixei para o fim uma das provas cabais de que meu filho me apareceu, falou, beijou e não morreu. Durante a guerra e quando se encontrava no sul da Inglaterra, o primo Pedro faleceu repentinamente e eu nada comuniquei a meu filho.

O que fica exposto é irrefutável. Não é imaginário, mas a absoluta verdade dos factos.

Os incidentes expostos parecem-me simplesmente admiráveis. Além disso, tenho por várias vezes falado com amigos do Além, em inglês, português e francês, e através de médiuns que ignoravam completamente as duas últimas línguas.

Falar com os «mortos» é tão natural como falar com os vivos.

Notas & Comentários

INVESTIGAÇÕES PSÍQUICAS

Existe em Coimbra um centro de cultura a que chamam «Casa da Inglaterra» e na qual os rapazes e raparigas da Universidade discutem em inglês vários assuntos que lhes apresentam. Segundo informa o *Diário de Coimbra*, estas reuniões são conhecidas por *Brain's Trust*, ou seja *discussões públicas*. O director da Casa lança as perguntas: «Que deve estudar o estudante universitário?»; «Qual será a história dos próximos cinquenta anos?», e os comentaristas expõem as suas opiniões na língua de Shakespeare.

O Despertar, bi-semanário conimbricense, publica na edição de 22 de Novembro último o resumo da conferência que o sr. John B. O. Durell, M. A., realizou na «Casa da Inglaterra» acerca de «Harry Price, Investigador de Fenómenos Estranhos». E acrescenta:

«O orador começou por dizer que Harry Price dedicou a maior parte da vida à investigação de fenómenos geralmente conhecidos como «anormais» e devido a seus esforços é que a Investigação Psíquica se tornou conhecida nas Universidades inglesas, como estudo sério. A Inglaterra ocupou sempre lugar de relevo neste campo. Harry Price foi o fundador e primeiro presidente do Laboratório Nacional de Investigações Psíquicas».

O sr. Durell relatou parte do trabalho de Harry Price e referiu-se às primeiras investigações inglesas do fenómeno acerca da *marcha sobre o fogo* e da famosa *corda mágica*. Finalmente, aludiu à investigação científica de certos médiuns que, no dizer de muitas pessoas, podem provocar fenómenos anormais, e salientou que, embora se tenha apresentado muita fraude, há fenómenos suficientemente genuínos para darem a este trabalho importância científica.

É pena que não haja em Portugal muitos centros de cultura semelhante e que os nossos humanistas sigam caminho errado em demanda de posições que só poderão atingir com novas armas e outros horizontes visuais.

«LUZ NO CAMINHO»

Os mensários brasileiros *Raios de Luz* e *Luz da Verdade*, respectivamente, de Recife e Salvador, tiveram a gentileza de inserir um grande anúncio relativo ao livro «Luz No Caminho», da autoria do director desta revista e que acaba de ser publicado na *Biblioteca de Acção Doutrinária* de Estudos Psíquicos Editora. Escusado será encarecer o grande serviço que aqueles amigos prestam ao nosso empreendimento e à Doutrina que nos irmana. Ele está patente aos olhos de todos e contribui para estreitar os laços que nos unem a quem tão desinteressadamente pugna pela difusão do Ideal em terras brasileiras. Aos dois arautos referidos os nossos melhores agradecimentos.

«A FOLHA ESPIRITA»

Editado pelo Núcleo Espirita Irmã Isabel, de Taubaté, Estado de S. Paulo, recebemos o jornal *A Folha Espirita*, dirigido por Geraldo de Oliveira, nosso dedicado representante naquela cidade paulista. Bem redigido e de aspecto gráfico atraente, insere vários trabalhos de valor, entre eles, artigos de Leopoldo Machado, Paulo Alves de Godoy e Hercílio Pompéo de Barros, além de bem elaborada *Página da Juventude Espirita*. Ao novo órgão espirita, as nossas fraternais saudações com votos de longa vida ao serviço da Causa, pois é com jornalismo deste género que a Seara se dignifica.

FILMES ESPIRITAS OU ESPIRITUALISTAS

No último número aludimos a um filme de carácter espirita, intitulado «Conflito Sentimental» e que na Bélgica tem feito carreira triunfal magnífica. Hoje aludimos a outro não menos interessante, que se exibe no *Tivoli*, sob o título «O Fio da Navalha». Ainda não assistimos à sua apresentação, mas sabemos que se baseia na novela «The Razor's Edge» (O Fio da Navalha), do conhecido escritor inglês W. Somerset Maughan, na qual há passos verdadeiramente espiritualistas e reencarnacionistas. Larry, o protagonista, converteu-se ao espiritualismo, em virtude de ocorrências a que assistiu na guerra de 1914, que o levaram à indagação das razões do mal e à pergunta: a alma é imortal ou tudo acaba com a morte do corpo físico? Deixamos aqui esta nota, em guisa de noticiário. Iremos ver o filme e depois contaremos as nossas impressões. Por enquanto, uma coisa é certa: o Cinema está a contribuir em grande parte para a difusão da Doutrina Espirita. Isso nos basta. O progresso das ideias obedece a ritmos especiais e a nossa tem o caminho traçado. Nada a pode desviar do seu rumo e do seu objectivo.

LAR DE JESUS

O *Lar de Jesus*, de Nova-Iguassú, elegeu há pouco o seu novo Conselho Deliberativo que funcionará até 1950 e do qual fazem parte os seguinte confrades: Leopoldo Machado, Vitorino Eloi dos Santos, J. B. Chagas, Durvalina de Paulo Rocha, António Ferraioulo, João de Oliveira Melo, Hermídio de Sousa Ribeiro, Waldemiro de Faria Pereira, Gabriel Soares, Ilza Chaves de Almeida, Alceu Braga Júnior, Laura Babo, José Alves de Oliveira, António Alves Ferreira, Newton Gonçalves de Barros e Amadeu Santos.

A este pugilo de obreiros, por quem temos a maior simpatia, desejamos felicidades e facilidades na sua tarefa. *Estudos Psíquicos* acompanhá-los-á espiritualmente, com interesse e carinho, certa de que eles saberão enfrentar a luta e compreender a responsabilidade contraída.

DR. PIETRO UBALDI

O grande escritor italiano Pietro Ubaldi, autor de «A Grande Síntese» e conhecido em todo o mundo espiritualista, aceitou o lugar de redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* em Itália. No próximo número publicaremos o seu primeiro artigo, intitulado «O Actual Momento Histórico».

Noticiário

FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

No dia 7 do corrente realizou-se na Federação Espirita Portuguesa a Assembleia Geral para a eleição dos Corpos Gerentes que hão-de gerir os destinos desta colectividade no triénio de 1948 a 1950. Foram eleitos os seguintes confrades:

DIRECÇÃO — *Presidente* — Coronel Faure da Rosa; Vice-presidente — Dr. Pedro Dias de Sousa; *1.º secretário* — Professor José de Oliveira Rebordão; *2.º secretário* — Domingos Pereira; *Tesoureiro* — António de Sousa Dores; *Vogais* — Luís Baldrico e António Castanheira de Moura.

CONSELHO FISCAL — *Presidente* — Dr. Acúrcio de Campos; *Relator* — Álvaro Ramiro de Sousa; *Secretário* — Engenheiro Mário José Estêvão da Silva.

ASSEMBLEIA GERAL — *Presidente* — Dr. Luís Filipe Estêvão da Silva; *Vice-presidente* — Major Eurico de Castro Zuzarte; *1.º secretário* — Tenente Caetano de Sousa; *2.º secretário* — A. Morais de Carvalho.

CONSELHO SUPERIOR DELIBERATIVO — 1.º tenente Isidoro Duarte Santos; Adelaide Ivone de Sousa; Custódio Rodrigues da Silva e Frederico Pereira.

Fazemos os mais acendrados votos pelas prosperidades da Federação e congratulamo-nos com o facto de a ver singrar de novo, tendo à frente a figura eminente do nosso companheiro Faure da Rosa, a quem nos ligam os mais fortes laços de amizade. *Estudos Psíquicos* estará ao seu lado em todas as emergências, certo de que a sua orientação procurará dignificar a Causa Espirita em Portugal.

REDACTORES-CORRESPONDENTES

O nosso quadro de redactores-correspondentes acaba de ser enriquecido com dois elementos de grande valor doutrinário: Pietro Ubaldi, em Itália, e Rufino Juanco, no México. *Estudos Psíquicos* vai fazendo a ronda do Mundo ao serviço do Espiritismo. Brevemente iremos a outras latitudes em busca de novos valores morais, até completar a lotação do brigantim que não teme a borrasca e cuja rota traçou em nome duma Doutrina de Bondade e Amor, ao serviço da qual estará sempre, enquanto puder navegar.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Conforme estava anunciado, Ramos Pereira realizou a sua conferência no Centro Espiritualista Luz e Amor, intitulada «Anais Espiritas».

O seu magnífico trabalho resumiu uma série de experiências pessoais muito interessantes, tocando em diversas espécies de fenómenos, desde a telepatia à xenoglossia. Fez a análise crítica de certas mediunidades, apontando o nome dos médiuns que considera genuinos por lhe terem dado autênticos fenómenos e omitindo o de outros, cujos trabalhos deixaram muito a desejar. Foi expressivo e objectivo e soube tirar acertadas conclusões da bela síntese que apresentou, através de uma classificação fenomenológica que faz lembrar o rigoroso método de Bozzano.

Entrando depois no campo pessoal, relatou as suas próprias experiências, demorando-se no capítulo da terapêutica magnética e aludindo aos fenómenos de autoscopia que auxiliam poderosamente o diagnóstico.

Foi, enfim, um trabalho meritório o que Ramos Pereira apresentou na noite de 13 do corrente. A assistência gostou de o ouvir, porque é sempre bom ouvir os casos pessoais, que muita gente se abstém de contar, preferindo a narração dos alheios.

MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE»

A reportagem que escrevemos acerca da «Maternidade Casa da Mãe Pobre», do Rio de Janeiro, produziu óptima impressão. Para assistir à inauguração, deslocaram-se muitas pessoas de Campos, Macaé, Teresópolis, Curitiba, Niteroi e Nova Iguassú. Foi uma verdadeira avalanche de povo. Calcula-se em mais de 5.000 pessoas. E algumas não puderam entrar. *Estudos Psíquicos* esteve representada pelo Dr. Gama de Paula.

Em virtude da reportagem e da oferta de 200 exemplares que fizemos àquela instituição, o membro da Directoria e nosso assinante José da Costa Pacheco propôs um donativo de Cr. $500,00 a favor desta revista, que foi aprovado por unanimidade.

Agradecemos e voltaremos a falar do assunto, logo que nos cheguem os elementos necessários.

DISTRIBUIÇÃO DE DONATIVOS

No dia 23 do corrente, às 14 horas, realizar-se-á no Centro Espiritualista Luz e Amor a distribuição de donativos aos necessitados. As senhas só terão validade para aquele dia.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JANEIRO DE 1948

Dia 3 de Janeiro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 10 de Janeiro, sábado, às 21,30 — Conferência de Ramos Pereira, intitulada «Poesia e Misticismo».

Dia 16 de Janeiro, sexta-feira, às 21,30 — Sessão doutrinária do Grupo Amor do Redentor.

Dia 24 de Janeiro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 31 de Janeiro, sábado, às 21,30 — Conferência de F. Noronha, intitulada «O Espiritismo e a Paz».

NOTA — As conferências são públicas. As sessões são privativas dos sócios com as cotizações em dia.